O CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ

OU

O PADRE ANTONIO VIEIRA

DA COMPANHIA DE JESUS

NUM ENSAIO DE ELOQUENCIA COMPILADO DE SEUS SERMÕES

SEGUNDO OS PRINCIPIOS

DA ORATORIA SAGRADA

PELO PADRE ANTONIO HONORATI

DA MESMA COMPANHIA

> Verás as regras não sei se da arte, se do genio, que me guiaram por este novo caminho.
>
> (VIEIRA, *pref. do 1.º tom. dos Serm.*

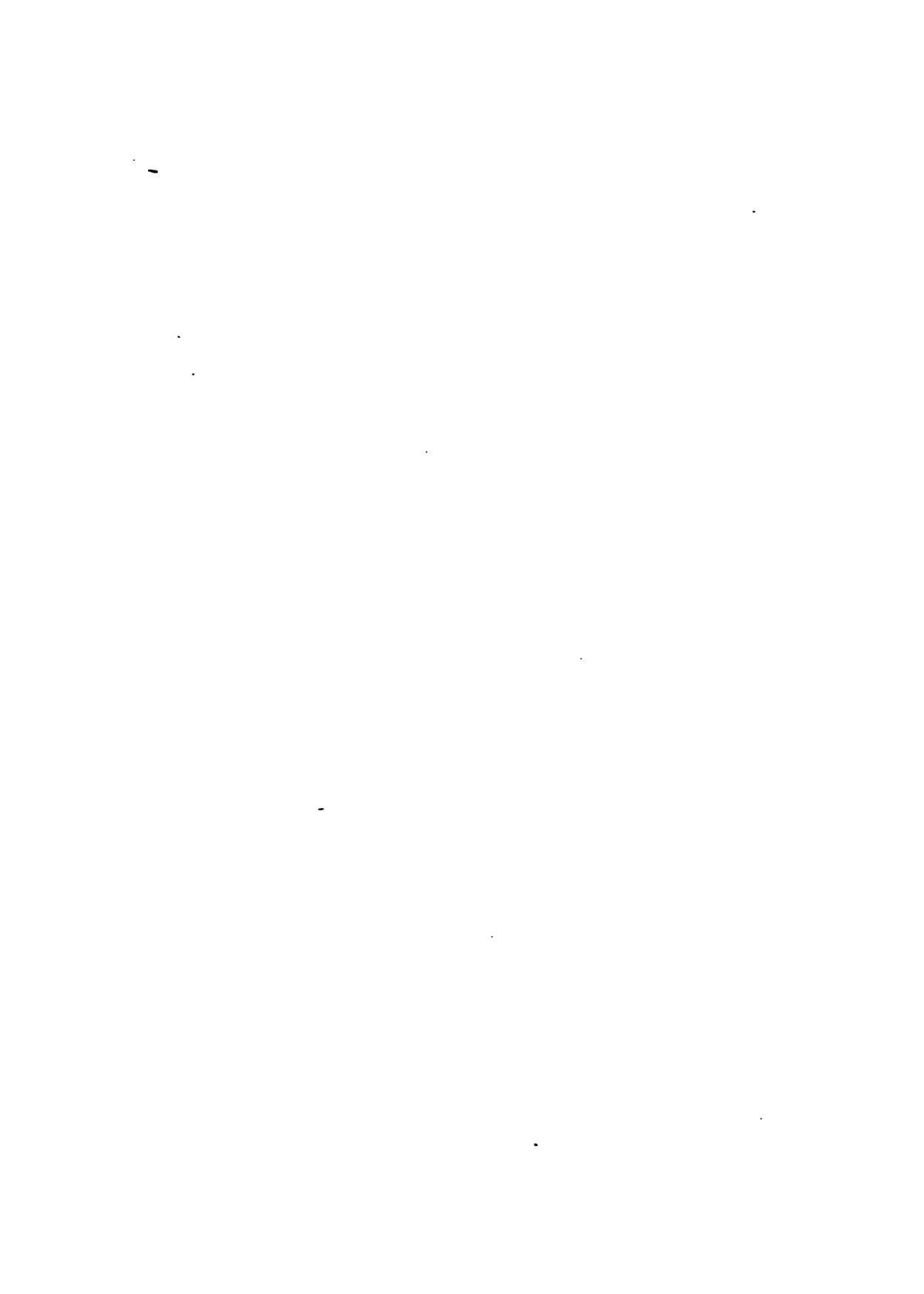
TERCEIRO VOLUME

Sermões panegyricos da Senhora e dos Santos

LISBOA

TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª

67, Praça de D. Pedro, 67

1879

SERMÃO DO SANCTISSIMO NOME DE MARIA * * *

NA OCCASIÃO EM QUE SUA SANCTIDADE INSTITUIU A FESTA UNIVERSAL DO MESMO SANCTISSIMO NOME.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—**Este sermão no texto original não é outra cousa que uma basta floresta de pensamentos para todos os estylos. Coordenei-os formando d'elles um panegyrico que é o presente, e uma practica, que darei no quinto volume. Ponho este panegyrico no primeiro logar por ser um preambulo das grandezas da Senhora tractadas nos outros sermões.**

Et nomen Virginis Maria.
S. Luc. 1.

O Nome Sanctissimo de Maria caro aos anjos

Se o sermão d'esta nova solemnidade se prégara no céu, todas as jerarchias dos espiritos bemaventurados e todos os nove coros dos anjos se haviam de achar n'este auditorio. A materia tão immensa como breve se resume toda em uma só palavra. Isto é o que refere o evangelista S. Lucas no texto tambem breve que propuz, dizendo que a Virgem escolhida por por mãe de Deus tem por nome Maria: *Et nomen Virginis Maria*. Um anjo trouxe a embaixada á Virgem; o mesmo anjo foi o primeiro que pronunciou o nome de Maria; e todos os anjos haviam de concorrer, como dizia, a ouvir o panegyrico do mesmo nome: mas porque, ou para que? Digo que só para ouvir o nome de Maria; e vêde se fallo com fundamento.

Por isso perguntam tres vezes por elle nos Cantares c. 3. Commento de Riccardo Laurentino

Tres vezes na historia dos Cantares viram os anjos a Esposa divina que é a Virgem Senhora nossa; e notam os mais advertidos expositores que outras tantas vezes perguntaram Quem era: *Quae est ista?* Os anjos bem sabiam que a cheia de todas as virtudes e graças, como a composição cheirosa composta de todas as especies aromaticas, era unicamente a bendicta entre todas as mulheres: pois porque perguntam Quem é: *Quae est ista quae ascendit per desertum sicut virgula fumi ex aromatibus myrrhae et thuris et universi pulveris pigmentarii?* Os anjos bem sabiam que a que amanheceu n'este mundo desfazendo

as trevas da noite e abrindo as portas aos primeiros resplendores da luz, como formosa e alegre aurora, era a Mãe do verdadeiro Sol; pois porque perguntam Quem é: *Quae est ista quae progreditur quasi aurora consurgens?* Os anjos bem sabiam que a que subia da terra ao céu com a mão sobre o braço do seu Amado, e não indo buscar as delicias, senão levando-as já comsigo, era a mesma Senhora no triumpho de sua gloriosa assumpção; pois porque perguntam Quem é: *Quae est ista quae ascendit de deserto, deliciis affluens, innixa super dilectum suum?* Perguntar a primeira vez tinha desculpa, se foram homens; mas não só uma, senão tantas vezes, sendo anjos? Sim e por isso mesmo. Quem não pergunta por ignorancia, pergunta por gosto; e é tanto o gosto que todos os espiritos angelicos recebem em ouvir pronunciar o nome de Maria, que só porque lhes respondem que é Maria, perguntam tantas vezes Quem é. *Quia Mariae dulce nomen desiderant sibi responderi:* diz Ricardo Laurentino.

E do sapientissimo Idiota

Eu não posso negar que o pensamento é exquisito e parece remontado: mas porque se não attribua só a agudeza e devoção d'este auctor, ouçamos a outro não menos devoto nem menos sabio. *Tantae virtutis* (são palavras d'aquelle espirito extatico, que, sendo mestre e doutissimo, por humildade se chamou Idiota) *Tantae virtutis et excellentiae est tuum sanctissimum nomen o beatissima Virgo, ut ad invocationem ipsius coelum rideat et angeli congaudeant.* É tão grande, diz, a virtude e excellencia de vosso sanctissimo nome, ó Virgem beatissima, que quando se pronuncia e invoca, todo o céu e todos os anjos se alegram. Admiravel cousa por certo, que os espiritos celestes, os quaes estão com os olhos cheios da vista de Deus, tenham outro desejo e outro gosto! Mas ainda é mais admiravel que este desejo seja de ouvirem o nome de Maria e este gosto quando o ouvem.

Perfeições que se encerram n'este soberano Nome

Sendo, pois, os anjos tão devotos, ou para o dizer com phrase de Sancto Hilario, tão ambiciosos ouvintes do nome de Maria, de que outro exordio podia eu usar n'este seu dia nem mais nobre nem mais bem fundado; ou que exemplo podia propôr mais efficaz e mais digno de imitação aos que com intendimento e curiosidade humana esperam as primeiras noticias d'este novo assumpto? Das que eu trago para publicar, que são as mais importantes ao inteiro conceito do mesmo nome só posso affirmar que me não poupei ao estudo, e posto que a materia é tão alta e incomprehensivel, que ainda onde os ouvintes são homens devêra o prégador ser anjo; comtudo se ouvirdes o pouco que se póde dizer, com a attenção e estimação que a

mesma materia merece; não só prometto que imitaremos os anjos, mas que em parte não pequena os excedêra a nossa sorte mortal. Os anjos ouvem o nome de Maria com tanto desejo e tanto gosto, como vimos: nós não só o podemos ouvir com desejo e com gosto, mas com grande utilidade e augmento de graça, dos quaes o seu estado não é capaz. Para que assim seja (que é o fim que pretende a Egreja n'esta nova solemnidade) valhamo-nos do favor, auxilio e virtude do mesmo nome, dizendo: *Ave Maria.*

II. *Et nomen Virginis Maria.* Para fallar do nome ineffavel de Maria e para se intender com distincção e clareza o pouco que se póde dizer de materia tão immensa, primeiro que tudo devemos suppôr que cousa é isto que chamamos nome. O nome «dizem os philosophos» é uma voz significativa, cujo significado lhe dá a instituição de quem o fez. Dizem mais que os fins para que se inventaram os nomes é a declaração dos conceitos por elles significados; porque como os conceitos não se vêem e as vozes se ouvem, pelas vozes ouvidas vimos em conhecimento dos conceitos que não se vêem.

O que é nome

Isto supposto, «que significa o nome de Maria? Segundo a etymologia da lingua hebrea, donde este nome sanctissimo se deriva, Maria quer dizer Senhora. Assim o interpretam Epiphanio, Damasceno, Chrysologo, Beda; e a esta mesma interpretação alludem as liturgias de Sanct'Iago, de S. Basilio e de S. João Chrysostomo. Vêde se ha nome mais appropriado áquella a quem todo christão chama por antonomasia a Senhora,» porque do seu dominio e imperio nenhuma cousa se exclúi, porque é Senhora do céu e Senhora da terra, é Senhora dos homens e Senhora dos anjos, e até Senhora por modo ineffavel do mesmo Creador do céu e da terra, o qual lhe quiz ser e foi sujeito! É altissimo pensamento de S. Bernardino e tão verdadeiro como alto, que aquelle Senhor que é Filho de Deus e da Virgem, querendo em certo modo egualar o senhorio de sua Mãe ao senhorio de seu Pae, se sujeitou e fez subdito da mesma Mãe na terra: *Ille qui Filius Dei est et Virginis benedictae, volens paterno principatui quodam modo principatum aequiparare, ut sic dicam, maternum in se, qui Deus erat, matri famulabatur in terra.* E isto com tanta verdade (conclúi o Sancto) que assim como verdadeiramente dizemos que todas as cousas obedecem a Deus até Maria; assim é verdadeiro dizer que todas as cousas obedecem a Maria até Deus: *Sicut verum est divino imperio omnia famulantur et Virgo: ita quoque verum est, Virginis imperio omnia famulantur et Deus.*

Qual a etymologia do Nome de Maria?

Quer dizer Senhora.

Corn. a Lap. in Exod. c. 15

«Que significa o nome de Maria? Significa, responde Jero-

Quer dizer Alumiadora

nymo na explicação dos nomes hebraicos, *Illuminatrix et stella maris*: Aquella que allumia a todos os homens, Estrella do mar. E tal é a Virgem Senhora nossa.» Tirae do mundo este corpo solar, esta tocha universal que o allumia (diz S. Bernardo); e onde estará então o dia e quem o fará? Do mesmo modo se tirardes do mundo a Maria, tudo ficará ás escuras, tudo trevas, tudo sombras mortaes, tudo uma noite perpetua sem que jámais amanheça: *Tolle corpus hoc solare, quod illuminat mundum: ubi dies? Tolle Mariam, quid nisi caligo involvens et umbra mortis et densissimae tenebrae relinquuntur?* E que muito é (diz o mesmo Sancto) que Maria allumie a terra e os homens, se depois que entrou no céu, a mesma patria dos bemaventurados e a mesma côrte do empyreo ficou muito mais allumiada e illustrada com os resplandores de sua presença? *Mariae prasentia totus illustratur orbis, et ipsa jam coelestis patria clarior rutilat, virgineae lampadis irradiata fulgore.*

E Estrella do mar

E não sómente allumia como sol, mas guia tambem como estrella do mar. O mar é este mundo cheio de tantos perigos, combatido de todos os ventos, exposto a tão frequentes tempestades; e em uma tão larga, temerosa, e escura navegação, quem poderia chegar ao porto do céu, se não fosse guiado de lá por aquella benignissima estrella? Por que meio poderão os navegantes entre tantos perigos chegar ás praias da patria? Pergunta o papa Innocencio III; e responde elle mesmo que só por meio de duas cousas, náu e estrella. A náu é o lenho da cruz, a estrella é Maria: *Certe per duo: videlicet per lignum et stellam; id est per fidem crucis et virtutem lucis quam peperit nobis Maria maris stella.*

Tambem quer dizer Myrrha do mar, ou Mar amargoso
Thren. II

«Que significa o nome de Maria? Segundo uma terceira interpretação significa Myrra do mar» ou mar amargoso. Mas como podem caber as amarguras do mar ou um mar inteiro de amargura no nome d'aquella Senhora a quem nós saudamos e invocamos com o nome de doçura nossa? Já se vê que alludem estas amarguras ás dôres do pé da cruz, das quaes estava prophetizado com o mesmo nome de mar: *Magna est velut mare contritio tua.* Mas posto que as aguas d'aquelle turbulento mar foram tão amargosas para a mãe angustiada que as padeceu; para nós que logramos os effeitos d'ellas, são muito doces. Porque ainda que a misericordia da Senhora foi sempre grande, as dôres que então experimentou, fez a mesma misericordia mais prompta para soccorrer e remediar as nossas. Não tem menos auctor este reparo d'aquellas amarguras, que o angelico Sancto Thomás. Diz S. Paulo que Christo quiz padecer para se poder compadecer de nós: *Non habemus pontificem qui non possit com-*

pati infirmitatibus nostris tentatum per omnia. Pois Christo ainda que não fosse passivel, nem padecesse, não se podia compadecer de nós e remediar-nos? Sim, podia, diz Sancto Thomás; mas não com tanta presteza e promptidão; porque em quanto Deus só conhecia as miserias por simples noticia, depois que padeceu, conheceu-as por experiencia. Necessario foi logo na Mãe, assim como no Filho, que a experiencia das dôres e amarguras proprias lhe accrescentasse a compaixão das alheias e excitasse e estimulasse nas suas a promptidão de remediar as nossas.

E quer dizer: Deus da minha geração. Comprehensão do nome de Abrahão e do de Maria

A ultima etymologia ou interpretação do nome de Maria como a maior e mais excellente de todas, é singularmente do grande doutor da Egreja Sancto Ambrosio, o qual diz que o nome de Maria significa *Deus ex genere meo*, Deus de minha geração. Não declarou o Sancto a origem de tal nome; mas depois lhe descobriram as raizes outros auctores na derivação de duas palavras da mesma lingua hebraica. E que significação póde haver nem mais alta nem tão immensa? São Paulo em Athenas ensinando aos areopagitas a grande dignidade do homem o parentesco que tem com a divindade, diz que somos geração de Deus; e para isso lhe allegou, como cousa conhecida até dos mais sabios gentios, o verso de Arato, poeta da sua mesma nação: *Ipsius enim et genus sumus*. De sorte que os homens sômos geração de Deus e Deus é geração de Maria: os homens geração de Deus, porque Deus nos deu todo o ser; Deus geração de Maria; porque Maria deu o ser homem a Deus. E isto é o que significa o nome de Maria, *Deus ex genere meo*. Vêde se tive razão de lhe chamar immenso. Quiz Deus accrescentar o nome de Abrahão e a significação d'elle que era grande; e que fez? Tirou uma lettra de seu nome e accrescentou-a ao nome de Abrahão. Isso quer dizer: *Nec ultra vocabitur nomen tuum Abram, sed appellaberis Abraham*. Este foi o accrescentamento do nome. E o do significado foi tal que declarando-o o mesmo Deus disse: *Faciam te crescere vehementissime:* far-te-hei crescer vehementissimamente. «A razão d'isto é, diz S. Jeronymo, porque a lettra accrescentada indicava, que da sua descendencia devia nascer o Messias. E se os augmentos indicados pelo nome de Abrahão foram vehementissimos, porque Abrahão foi um dos antepassados do Messias, quaes seriam os augmentos indicados pelo nome de Maria que foi a mãe?» Reserve-o para si o mesmo Deus, que só elle os póde comprehender.

O nome de Maria supprido por outros nomes como o

III. Estas são as interpretações ou synonimos do nome de Maria e seu copiosissimo significado; e estes são não todos, senão os principaes nomes que no mesmo nome se encerram.

nome de Deus. S. Dionysio Areop., S. Thomás, S. Bernardino

Mas se o evangelista nomeia a mesma Senhora por um só nome e esse o proprio d'ella, porque lhe damos nós tantos outros e tão diversos? Tantos nomes e um só nome no mesmo sujeito? Sim. E este é o mais excellente e o mais esclarecido louvor que se póde dizer do nome de Maria. A multidão dos nomes varios mostram a immensidade incomprehensivel do significado; e a singularidade do nome unico mostra a comprehensão immensa do nome. A Deus não só nas Escripturas Sagradas, mas fóra d'ellas, sempre nomeavam os homens e invocavam com diversos nomes. Este foi o grande e antiquissimo assumpto da sublime penna de Dionysio Areopagita nos livros *De divinis nominibus*. E dando a razão Sancto Thomás, porque sendo Deus um só, sem offensa da sua unidade ou admitte ou necessita de muitos nomes, parte diz que é fundada na incomprehensibilidade da sua grandeza e parte na incapacidade do nosso intendimento. Porque, como naturalmente não conhecemos a Deus, como é em si mesmo, senão por seus effeitos; assim como d'elles colligimos diversas perfeições divinas, assim as não podemos declarar senão por diversos nomes: *Quia enim Deum non possumus cognoscere naturaliter nisi ex effectibus deveniendo in ipsum, oportet quod nomina quibus perfectionem eius significamus, diversa sint, sicut perfectiones in eis inveniuntur diversae.* Assim philosopha altamente o doutor angelico sobre os muitos nomes de Deus. E dos muitos nomes da Mãe de Deus que diremos? O mesmo proporcionalmente, diz S. Bernardino. Assim como não nomeamos a Deus com um só nome, senão com muitos para que declarando cada uma das suas perfeições por partes venhamos de algum modo ou conhecimento de seu infinito Ser que é incomprehensivel; assim dividimos tambem as prerogativas da gloriosa Virgem declarando-as por muitos nomes; para que a sua immensa grandeza, que juncta se não póde comprehender, dividida, de algum modo a percebamos. *Sicut Deum ipsum non uno tantum nomine nominamus sed multis, ut sic ejus incomprehensibilitatem enuntiemus; sic et gloriosam Virginem multis nominibus designamus ut sic ad sublimitatem ejus cognoscendam aliquantulum pertingamns.* E esta é a razão dos muitos nomes, tantos e tão diversos, com que os sanctos Padres ou celebram ou invocam a mesma Senhora.

Supprido por outros nomes como o nome de Jesus. Isaias, c. 8. Lucas, c. 2. S. Thomás.

Mas ainda não está satisfeita a segunda parte da nossa duvida. Se nós temos uma tão bem fundada razão para dar á Virgem tantos nomes, todos devidos á sua grandeza; que razão teve o evangelista para lhe dar o nome de Maria sómente e dizer que esse é o seu nome: *Et nomen Virginis Maria?* Assim como a nossa duvida só achou a razão da primeira parte em

Deus, assim não póde achar razão da segunda senão em Christo. Tão parecida é a Mãe sómente com o Filho, e d'elle abaixo com nenhuma creatura! Uma das cousas muito notaveis nos prophetas é a multidão e variedade de nomes, com que dizem se havia de chamar Christo. Baste por prova ou exemplo a prophecia de Isaias. No capitulo septimo diz: *Vocabitur nomen ejus Emmanuel:* será chamado o seu nome Emmanuel. No capitulo oitavo: *Voca nomen ejus: Accelera spolia detrahere: Festina praedari:* põe-lhe por nome: Apressa-te a tirar os despojos: Faze velozmente présa. No capitulo nono: *Vocabitur nomen ejus Admirabilis, Consiliarius, Deus, Fortis, Pater futuri saeculi, Princeps pacis:* o nome com que se appellide, será, Admiravel, Conselheiro, Deus, Forte, Pae do futuro seculo, Principe da paz. De sorte que um só propheta em tres versos refere nove nomes com que diz havia de ser chamado Christo: e com tudo o mesmo Evangelista S. Lucas referindo o nome que foi posto na circumcisão ao mesmo Senhor, diz que foi chamado Jesus: *Et vocatum est nomen ejus Jesus.* Pois, se os prophetas annunciaram que havia de ser chamado com tantos outros nomes, como se chamou sómente Jesus, e este nome foi o que conservou sempre desde a circumcisão até á cruz? O mesmo doutor angelico, que nos deu a primeira solução, nos ha de dar a segunda. Argúi S. Thomás sobre o mesmo texto de Isaias, e aperta mais o argumento, com aquelle principio que os dictos dos evangelistas hão de responder aos dos prophetas; porque sendo Deus o auctor de uma e outra verdade, não póde faltar n'ella esta consonancia e harmonia. Pois se os prophetas dão tantos nomes a Christo, como teve o mesmo Christo um só nome, que foi o de Jesus que refere o evangelista? Responde o mesmo Sancto Thomás em duas palavras: *Dicendum quod in omnibus illis nominibus quodammodo significatur hoc nomen Jesus.* Concorda a historia com a prophecia e o testimunho de S. Lucas com o de Isaias, porque todos aquelles nomes eram significados no nome de Jesus e o nome de Jesus comprehendia a todos. E esta mesma razão é a que teve o mesmo evangelista para dizer: *Et nomen Virginis Maria,* não porque negasse ou duvidasse a verdade de todos os outros nomes que as Escripturas e os Sanctos dão á mesma Virgem; mas porque todos elles estão significados no nome de Maria e o nome de Maria comprehende a todos. «Chame-lhe portanto» S. Bernardo: Razão unica e total de todas as nossas esperanças, Mediadora para o mediador, Antitodo da vida contra o veneno de Eva, Aqueducto da fonte da graça, cujas enchentes saindo do peito do Eterno Padre se communicaram ao homem. «Chame-lhe» S.

foi o intendimento divino, assim o som e a voz quiz que fosse pronunciado de sua propria bocca. «É verdade que» um homem o escreveu e um anjo o pronunciou no evangelho; que o escreveu S. Lucas: *Et nomen Virginis Maria* e que o pronunciou S. Gabriel: *Ne timeas Maria:* mas a formação e instituição do mesmo nome nem a homens nem a anjos a communicou Deus; mas elle mesmo o formou ab eterno e o manifestou em tempo quando o tirou dos thesouros de sua divindade: *De thesauro divinitatis Mariae nomen evolvitur.* Assim foi e assim havia de ser, e tão forçada e necessariamente assim, que não podia ser de outro modo. Grande gloria do nome de Maria que tivesse a Deus por auctor; mas muito maior gloria e soberania é do mesmo nome, que não podesse ter outro auctor senão a Deus. As razões naturaes d'esta singularissima excellencia são duas; as quaes deixaram fundadas e estabelecidas sem saberem o nome a que serviam os dous maiores philosophos Platão e Aristoteles. A razão e propriedade do nome diz Aristoteles, consiste em ser uma definição da natureza e essencia d'aquillo que significa. De sorte que assim como a definição declara a natureza e essencia do definido por muitas palavras; assim o nome é uma definição breve que o declara em uma só palavra. E como o ser e grandeza de Maria mãe de Deus é tão sublime e immensa que só o intendimento divino a póde comprehender e só elle declarar a dignidade e perfeições superiores a todo o creado que em si encerra; d'aqui se segue que assim como só Deus póde compôr a definição, assim só o mesmo Deus lhe póde dar o nome.

As bellezas occultas da Esposa dos Cantares c. 4

Celebrou o divino Esposo as perfeições da Virgem senhora nossa debaixo da metaphora de todos aquelles primores e graças da natureza que fazem admiravel uma estremada formosura: *Quam pulchra es amica mea quam pulchra es.* E é cousa muito digna de reparo que em todas estas perfeições, que são manifestadas á vista, acrescenta uma clausula: exceptua as que debaixo d'ellas estão encobertas e escondidas. Fallando dos olhos diz: Os teus olhos são como de pomba; e logo ajuncta: *absque eo quod intrinsecus latet:* «sem fallar no que está escondido dentro na alma.» Passa a descrever os cabellos, as faces, a bocca, os dentes e a falla e tudo com similhanças pastoris. *Capilli tui sicut greges caprarum quae ascenderunt de monte Galaad: dentes tui sicut greges tonsarum quae ascenderunt de lavacro: sicut vitta coccinea labia tua, et eloquium tuum dulce: sicut fragmen mali punici genae tuae*; e accrescenta do mesmo modo: *Absque eo quod intrinsecus latet.* De maneira que não se contenta o divino Pastor com os encarecimentos do que diz,

senão que em todos toma a salva, remettendo-se ao silencio do que junctamente cala. Mas se esses excessos ou mysterios de formosura interior os cala, porque são occultos e encobertos e os não podem vêr os olhos; porque os não declara ao menos para que os creia a fé? Porque são tão profundos e impenetraveis a todo o intendimento creado, que nenhum os póde alcançar, e só Deus os póde conhecer, commenta Ricardo de Sancto Laurencio: *Absque eo quod intrinsecus latet, hoc est soli Deo cognitum et nemini manifestum.* E porque debaixo das perfeições e graças da Mãe de Deus manifestas aos homens e aos anjos e admiradas e celebradas por elles, estão occultas e encubertas outras maiores reservadas só ao conhecimento e comprehensão divina; por isso, assim como só Deus lhe póde formar a definição, assim só Deus lhe póde pôr o nome. Este é o solido fundamento por que, como se disse, do nome de Maria não só foi Deus o auctor, mas não podia ser outro senão Deus.

Se Deus dá o nome não póde deixar de dar o seu significado á cousa nomeada

Mais. Quando Deus faz que a cousa nomeada tenha todo o significado do nome, então é certo e infallivel, diz Platão, que a nomeação foi divina. [1] O homem póde dar o nome, mas não póde dar a essencia: só Deus póde dar as essencias ainda que não dê os nomes. Mas quando Deus dá o nome, é tal a efficacia da palavra da nomeação divina, que pelo mesmo nome fica obrigado Deus a dar tambem o significado e a essencia. Isto é o que disse Platão; e esta é a maior gloria do nome de Maria. Se Deus antes de escolher e predestinar aquella humilde don-

[1] *Nota do Compilador*. Tirei do contexto o trecho seguinte, porque afrouxa e estorva a argumentação, sobretudo por ter o orador encarecido pouco antes a ignorancia de Adão.=Para intelligencia d'esta philosophia (de Platão) é necessario que nos ponhamos no paraiso terreal, quando n'elle não havia mais que Deus e Adão. Fez Deus que viessem deante de Adão todos os animaes, para que elle lhes pozesse o nome; e dá testimunho a Escriptura Sagrada que todos os nomes que Adão poz aos animaes foram proporcionados e proprios, como convinha á natureza de cada um. Agora ouçamos quão sabia e elegantemente discorre sobre esta acção S. Basilio de Seleucia; e como tambem dá a Deus e ao homem n'ella o que toca a cada um. Sê tu Adão (introduz a Deus que falla) artifice dos nomes, já que o não podes ser das cousas. Foram formadas por mim; sejam nomeadas por ti. Partamos entre ambos a gloria d'esta grande obra: a mim reconheçam-me por seu auctor pelo direito da natureza; e a ti por seu Senhor pela imposição dos nomes: dá tu o nome aos que eu dei a essencia. Não podia o homem subir a maior dignidade que a partir Deus com elle a gloria da creação do mundo. Mas n'esta partição ou partilha, que parecia tão igual, ainda houve uma forçosa desegualdade e differença grande. O homem póde dar, etc.

Com licença do eloquente Padre grego e do seu não menos eloquente expositor portuguez parece-me que o poder de Adão n'este dialogismo é exaggerado de mais á custa do divino com o qual se compara.

zella de Nazareth lhe déra o nome de Maria, era Deus obrigado por força d'este nome a dar a mesma Virgem a dignidade de mãe e todas as outras excellencias e graças para que foi predestinada; porque faltando ao nome o seu significado e á pessoa nomeada a sua dignidade e á dignidade as suas prerogativas, faltaria tambem Deus (o que é impossivel) á verdade de sua palavra e não seria a nomeação divina.

Recapitulação

VI. «E se as perfeições que se encerram n'este soberano nome de Maria que em dia tão memoravel foi dado á Sanctissima Menina recemnascida são tantas: se este nome na etymologia da sua lingua materna prenunciava que havia de ser Senhora do céu e da terra e das nossas almas, Estrella do mar d'este mundo, e Oceano de amargura pelo que havia de soffrer como rainha dos martyres; se significava a mesma dignidade de mãe de Deus; e porque define perfeitamente o que ella era e o que havia de ser, não se póde dar nem se dá a outras pessoas senão impropriamente; em fim se saiu a primeira vez da bocca d'Aquelle que só a podia definir adequadamente obrigando-se d'este modo a fazel-a Senhora dos céus e da terra, luz e consolação dos mortaes, rainha dos martyres, mãe sua e mãe nossa; que resta, christãos, senão» que por meio da frequente invocação do nome de Maria «procuremos» conseguir os altos e maravilhosos effeitos que no mesmo nome se significam?

Com que frequencia se deve invocar o nome de Maria. S. Germano. Exemplo memoravel.

E se me perguntardes qual deve ser a frequencia d'esta invocação; que esperais que vos responda? É tão superior ao manná este saborosissimo nome que mil vezes cada dia tomado na bocca nos não havia de enfastiar; mas sempre haviamos de achar n'elle novo sabor e doçura. S. Germano fallando com a Senhora diz assim: *Non tantum coeli haustu animae nostrae respirant, quantum nominis tui protectione confirmamur.* Não é tão necessaria a respiração do ar para viverem os nossos corpos, como é necessaria a invocação do vosso nome, ó Virgem Maria, para viverem as nossas almas. N'outra parte: *Sicut continua respiratio non solum est signum vitae sed etiam causa; sic sanctae Mariae nomen quod in Dei servorum ore assidue versatur, simul argumentum est quod vivant, simul etiam hanc vitam efficit et conservat:* assim como a continua respiração não só é signal da vida senão tambem causa d'ella, assim a continua invocação do nome de Maria na nossa bocca não só é argumento certo de que vivemos, senão a que causa em nós e conserva a mesma vida. Dizei-me agora quantas vezes respira cada um de nós em um dia para viver? Conte bem cada um as respirações com que vive e sem as quaes não póde conservar a vida; e então saberá quantas vezes deve invocar o nome

de Maria. Confesso que parece encarecimento; mas já eu vos repeti d'este logar o exemplo de um homem leigo n'esta mesma America, o qual a todas as aspirações dizia a Deus: *Fiat voluntas tua.* Mas na Asia em uma gentía temos outro maior exemplo e que mais nos deve confundir. É caso que se o não escreveram auctores dignos de toda a fé, parecêra incrivel. Uma gentia japoneza era tão devota do seu falso Deus Amida, que todos os dias, furtando para isso muitas horas ao somno, invocava o nome de Amida cento e quarenta mil vezes. Mas não é cousa nova em Deus abrir os olhos com a luz da verdade e trazer a seu serviço os que vê applicados com extraordinario zelo ao culto de seus erros. Assim o fez com Paulo e assim com esta idolatra; a qual no anno de mil e seiscentos e vinte e dous se fez christã, sendo já de maior edade; e trocando um amor por outro amor como a Magdalena, foi continuando a sua devoção com o mesmo fervor até á morte sem outra differença mais que mudar o abominavel nome di Amida no nome Sanctissimo de Maria. Cento e quarenta mil vezes cada dia invocava o nome da Mãe do verdadeiro Deus no mais remoto da Asia para exemplo e confusão da christandade da Europa. Eu fiz a experiencia e achei que nem era impossivel nem muito difficultoso aquelle que parece innumeravel numero.

Como se deve invocar em todas as necessidades

Mas não é esta a frequencia que eu vos pretendo persuadir. Só vos digo que invoqueis o nome de Maria quando tiverdes necessidade d'elle: quando vos sobrevier algum desgosto, alguma pena, alguma tristeza: quando vos molestarem os achaques do corpo ou vos não molestarem os da alma: quando vos faltar o necessario para a vida, ou desejardes o superfluo para a vaidade: quando os paes, os filhos, os irmãos, os parentes se esquecerem das obrigações do sangue: quando vol-o desejarem beber a vingança, o odio, a emulação, a inveja: quando os inimigos vos perseguirem e os amigos vos desempararem e d'onde semeastes beneficios, colherdes ingratidões e aggravos: quando os maiores vos faltarem com a justiça, os menores com o respeito e todos com a proximidade: quando vos inchar o mundo, vos lisongear a carne e vos tentar o demonio, que será sempre e em tudo: quando vos virdes em alguma duvida ou perplexidade, em que vos não saibais resolver nem tomar conselho: quando vos não desenganar a morte alheia e vos enganar a propria sem vos lembrar a conta de quanto e como tendes vivido e ainda esperais viver: quando amanhecer o dia sem saberdes se haveis de anoitecer e quando vos recolherdes á noite sem saber se haveis de chegar á manhã: finalmente em todos os trabalhos, em todas as afflicções, em todos os peri-

gos, em todos os temores, e em todos os desejos e pretenções, porque nenhum de nós conhece o que lhe convem: em todos os successos prosperos e adversos e muito mais nos prosperos que são os mais falsos e inconstantes; e em todos os casos e accidentes subitos da vida, da honra, da fazenda e principalmente nos da consciencia que em todos anda arriscada e com ella a salvação. E como em todas estas cousas e cada uma d'ellas necessitamos de luz, alento e remedio mais que humano; se em todas e cada uma recorremos á protecção e amparo da Mãe das misericordias, não ha duvida que, obrigados da mesma necessidade, não haverá dia, nem hora, nem momento em que não invoquemos o nome de Maria.

(Ed. ant. tom. 12.º pag. 229, ed. mod. tom. 11.º pag. 5.)

I. SERMÃO DA CONCEIÇÃO DA VIRGEM SENHORA NOSSA **

PRÉGADO PELO AUCTOR ANTES DE SER SACERDOTE NA BAHIA E NA EGREJA DA MESMA INVOCAÇÃO NO ANNO DE 1635

Observação do compilador.—O sermão é affectuoso e tem caprichosa novidade na fórma de argumentar. N'elle e nos dous seguintes alem das mudanças ordinarias da compilação julguei mais agradavel ao leitor fazer as que pede o estado da nossa fé depois da definição do excelso privilegio da Virgem immaculada.

Pulchra es amica mea suavis et decora sicut Hierusalem... Averte oculos tuos a me quia ipsi me avolare fecerunt.

Cant. 6.

Começar por onde os homens acabam e acabar por onde elles começam são primores da omnipotencia de Deus e subtilezas de sua divina sabedoria. Edificou o Creador esta grandiosa fabrica do mundo, e diz o texto sagrado que primeiro fez o céu, depois a terra: *In principio creavit Deus coelum et terram.* Quem viu nunca tal architectura? Quem viu nunca tal traça, (diz S. João Chrisostomo) que para fazer um edificio primeiro se arme o tecto do que se levantem as paredes; primeiro se fechem as abobadas do que se abram os alicerces? Pois isto é o que obrou na creação e fabrica do mundo o supremo Architecto d'elle: primeiro fez o céu e depois a terra: primeiro levantou o tecto e depois armou as paredes: primeiro correu as abobadas e depois fundou os alicerces. Mas n'estes avessos do fraco poder humano, conclúi o sancto, consiste o direito, o sublime e o maravilhoso da omnipotencia divina: em começar por onde os homens acabam, em acabar por onde elles começam.

Primores da omnipotencia é começar por onde os homens acabam, e acabar por onde começam. Prova-se pela creação do mundo

Toda esta traça tão milagrosa da creação do mundo nenhuma outra cousa foi senão uma planta ou debuxo da Conceição purissima de Maria, mundo segundo que para o segundo Adão, Christo, singular e milagrosamente foi edificado. Toda a architectura andou trocada n'este soberano edificio. Nos outros edificios espirituaes, nas outras creaturas por mais sanctas e san-

Foi esta uma planta ou debuxo da Conceição purissima de Maria. S. Damasceno

ctificadas que sejam a primeira pedra é da natureza e a segunda da graça. Primeiro se edificam pela parte da terra e depois pela parte do céu. Primeiro nascem tributarias ao peccado de Adão, e depois renascem justificadas pelos merecimentos de Christo. Não assim na Conceição de Maria. Começou este milagroso edificio pelo muito que tinha do céu e acabou-se pelo pouco que participava da terra. Primeiro se fecharam as abobadas do espirito e depois se lançaram os fundamentos do corpo. Primeiro ou quasi primeiro a sanctificou a graça e depois a produziu a natureza. Que elegante e que expressamente o disse S. João Damasceno: *Natura voluit in Conceptione Virginis gratiae cedere, ut Virginis Conceptio gratiae Dei non viribus naturae tribueretur*. A natureza que em todas as outras conceições costuma ser a primeira, cedeu de seu direito n'esta obra e concedeu-o á graça. As prevenções da graça pozeram a primeira pedra no edificio, e as excepções da natureza a segunda. Começou Deus na Virgem Sanctissima por onde acaba nos outros sanctos e acabou por onde começa. Lá começa pela natureza e acaba pela graça: cá começa pela graça e acaba pela natureza: manifestando as delicadezas de sua sabedoria n'estes trocados de sua omnipotencia «para que a Conceição de sua Mãe não fosse obra da natureza, mas da graça: *Ut Virginis Conceptio gratiae Dei non viribus naturae tribueretur*. Declaremos o mysterio explicando o thema: mas peçamos antes de tudo a graça, com a devoção que devemos á Cheia de graça.» *Ave Maria*.

Porque se compara nos Cantares a formosura da Esposa á cidade de Jerusalem.

II. *Pulchra es amica mea, suavis et decora sicut Hierusalem*. O Esposo Sagrado nos cantares fallando da formosura de sua Mãe e Esposa, a Virgem purissima, Sois formosa, diz, e suave amiga minha, tão formosa como a cidade de Jerusalem. Galante comparação por certo! Comparar a formosura de um rosto a uma cidade? Quem viu nunca tal comparação? Já que o Esposo não comparasse a formosura que celebrava como «costumam» todos os amantes, ao sol, á lua, ás estrellas, porque a não compara como pastor ás flores do campo, ás rosas, aos cravos, aos jasmins, ás açucenas? Seguem varios pensamentos os expositores: melhor que todos o Legionense: Era tão grande, (diz) a formosura d'aquelle rosto: era tão grande a majestade d'aquella formosura: havia tanto que ver n'aquelle pequeno espaço: havia tanto que admirar n'aquella breve esphera, que não achou o Esposo cousa alguma tão formosa e grande a que a comparar, senão ao emporio de muitas grandezas e bellezas, quaes são as cidades reaes e metropoles do mundo.

Admiração que causa uma metropole

Entra um peregrino em uma cidade metropole, qual n'aquelle tempo era Jerusalem e hoje é Roma: vê torres, vê templos,

vê palacios, vê jardins artificiosos em que vence a arte a natureza, e por mais que veja, sempre lhe fica mais que ver: por mais que admire sempre lhe fica mais que admirar: não lhe basta um dia, nem muitos dias: quando cuida que acabou de notar tudo, ainda lhe fica muito que observar de novo. Tal, diz o Verbo incarnado, é a formosura de sua Mãe e Esposa: *Decora sicut Hierusalem*. Depois de visto uma vez e outra vez, sempre ha que ver n'esse rosto: depois de admirada um dia e outro dia, sempre ha que admirar n'essa formosura.

A formosura de Deus sempre antiga e sempre nova. Sancto Agostinho.

Chamou Sancto Agostinho a formosura de Deus *Pulchritudo nova et antiqua*, formosura antiga mas sempre nova. As formosuras mortaes no primeiro dia agradam, no segundo enfastiam: são livros que uma vez lidos, não teem mais que ler: não assim a formosura divina. Ha tantos annos que o Baptista está vendo o rosto de Deus, ha tantos annos que está lendo por aquelle livro eterno e sempre acha de novo que ver, sempre acha de novo que contemplar n'aquelle mar de formosura, n'aquelle abysmo de perfeições. Taes attributos «proporcionadamente» reconhecia o Esposo na formosura «quasi» infinita da Esposa: por isso a compara a uma cidade real, em que sempre ha que ver de novo: *Decora sicut Hierusalem*.

Proporcionadamente tal é a formosura da Virgem. S. Gregorio Nazianzeno e S. Dionysio Areopagita

Com algum escrupulo levantei a comparação de Jerusalem e a da formosura da Virgem Maria á do rosto de Deus na Jerusalem do céu. Mas d'este escrupulo me livrou S. Gregorio Nazianzeno (por antonomasia entre todos os doutores da Egreja, o theologo) o qual, commentando as mesmas palavras do Esposo *Decora sicut Hierusalem*, as não intende da Jerusalem da terra, senão da do céu: *Decora sicut coelestis Hierusalem*. Ao mesmo Naziazeno seguem e o mesmo sentido approvam Theodoreto, Ruperto, Beda e é o commum dos doutores. Quer pois dizer este notavel elogio do Esposo, segundo o juizo de tão grandes intendimentos, que ha tanto que ver na formosura da Virgem, quanto ha que ver na formosura da gloria. Se na gloria não houvera formosura mais que a dos espiritos angelicos, nenhuma difficuldade tinha a exposição, porque o mais gentilhomem seraphim do céu se préza muito de servir de chapins a esta soberana Rainha. O poncto da difficuldade está em que na Jerusalem celestial mostra-se o rosto de Deus aos bemaventurados de cara a cara; *Tunc autem facie ad faciem;* e sendo isto de fé, como é possivel que haja tanta formosura na Virgem como na Jerusalem do céu: *Decora sicut coelestis Hierusalem?* Para a solução não temos menos que o testimunho de vista do insigne Dionysio Areopagita, chamado o divino. Foi este sancto tão venturoso que mereceu ver com seus olhos a Virgem sacratissima, quando ainda vivia

1 Cor. 13

em carne mortal: e o que lhe succedeu n'esta vista o escreveu o mesmo sancto, fallando com Deus por essas admiraveis palavras: *Nisi tua divina doctrina me docuisset o Deus, hanc verum Deum credidissem; quoniam nulla videri posset maior gloria beatorum, quam felicitas illa quam ego tunc felicissimus degustavi.* Quando cheguei a ver o rosto de vossa Mãe sanctissima, ó Deus eterno, se a doutrina de vossa fé me não tivera de sua mão, sem duvida me prostrara de joelhos e a adorara por Deus. Representava tão grande majestade aquelle rosto imperial: saíam raios tão divinos d'aquella soberana presença, que me pareceu que já gozava o estado felicissimo da bemaventurança e que não tinha mais quilates de gloria aquella sobrenatural visão que faz aos anjos bemaventurados: *Quoniam nulla videri posset maior gloria beatorum, quam felicitas illa quam ego tunc felicissimus degustavi.* Os bemaventurados, quando entram a ver a Deus, perdem a fé: porque ver e crer não se compadecem. Se entrára S. Dionysio sem fé a ver Maria, parece a adorára com adoração de latria por Deus verdadeiro, ficando idolatra d'aquella imaginada divindade: *Nisi tua divina doctrina me docuisset, o Deus, hanc verum Deum credidissem.* «E comtudo o Areopagita viu n'aquelle rosto sobrehumano o que era menos para estimar. Viu a belleza exterior da natureza e não a interior da graça, viu a caduca e não a eterna, viu a que se póde ver com os olhos da nossa mortalidade e não a que só é visivel com o lume da gloria. E ainda que fosse tão pouco o que viu, exclama extatico que se a vira sem fé, adoral-a-hia como uma divindade: *Nisi tua divina doctrina me docuisset, ó Deus, hanc verum Deum credidissem.* Ha tal encarecimento na linguagem do grande theologo? Assim é, christãos». Tanta razão como esta teve Esposo de comparar a formosura da sua Esposa á formosura da Jerusalem do céu: *Decora sicut coelestis Hierusalem.*

A outra parte do thema interpretada por Sancto Ambrosio.

III. Assás ponderada ficava a formosura de Maria, se parára aqui o divino Esposo, mas não párou aqui: *Averte oculos tuos a me quia ipsi me avolare fecerunt.* Teem tanta reputação commigo estas palavras que ainda que descesse um seraphim do céu a ponderal-as, não lhes ha de dar o peso que ellas merecem. Apartae de mim vossos olhos, senhora, diz Christo a sua Mãe, porque fico arrebatado quando os vejo, fico em extasi. *Vult avertere illam oculos,* diz Sancto Ambrosio, *ne eam considerans elevetur et caeteras animas derelinquat.* Pede Christo a sua sanctissima Mãe que ponha treguas á vista, que aparte d'elle seus formosos olhos: porque se o não fizer assim, ficará tão absorto, tão enlevado na consideração da sua formosura, que não poderá tractar da salvação das outras almas; e ficará totalmente

suspenso o mysterio a que veio, da redempção. Espantoso dizer! Já agora me não admiro de uma cousa que extranhei sempre muito na cortezia de Sancta Martha.

E manifestada na casa de Martha e de Magdalena
Luc. 10

Estava a Magdalena aos pés de Christo seu divino Mestre; e Martha que andava mui sollicita no adereço da meza, chega e diz: *Domine non est tibi curae, quod soror mea reliquit me solam ministrare.* E bem, Senhor, não tendes cuidado?... Parae ahi, divertida Martha: vós sabeis com quem fallais? Esse a quem chamais Senhor, não é aquelle cuja providencia cuidadosa alcança até as avesinhas do ar e aos bichinhos da terra? Pois como vos atreveis a pôr discuido no mesmo Deus: *Domine non est tibi curae?* Andou muito delgado n'este logar um doutor grave da nossa Companhia, «dizendo» que quando Martha fez aquella queixa a Christo, estava o Senhor fallando com Maria Magdalena, figura de Maria Mãe de Deus; e como tinha deante dos olhos este formoso retrato, não é muito que Martha chamasse a Christo descuidado: porque quando se põi este Senhor a contemplar as perfeicões e graças de Maria, tanto o captivam, tanto o enlevam, tanto lhe roubam os pensamentos e embargam os cuidados, que parece lhe não deixam attenção para cuidar de outra cousa: *Domine non est tibi curae.* E como o Verbo incarnado viera ao mundo com um cuidado de tanta importancia, como a redempção e remedio d'elle, por isso pede á Senhora que ponha tregoas á vista, que aparte um pouco os olhos, que lhe descaptive os pensamentos, que lhe liberte os sentidos e lhe desembargue os cuidados: *Averte oculos tuos a me, quia ipsi me avolare fecerunt.*

As ultimas palavras segundo a versão hebrea tem mais alma, e explicam melhor os encarecimentos do Esposo celestial
Ezech. 28

Estas ultimas palavras *ipsi me avolare fecerunt*, conforme a versão hebrea, ainda teem mais alma. Diz o texto hebreu: *Averte oculos tuos a me, quia ipsi me superbire fecerunt.* Tirae de mim vossos olhos, Virgem mãe minha, diz Deus, porque sua formosura me faz ensoberbecer. Ensoberbecer? Que quer dizer isto? Na fonte de toda sanctidade pódé caber soberba? Na pureza da Verdade Eterna póde ter logar a vaidade? Claro está que nem vaidade, nem soberba póde caber em Deus; mas foi o mais encarecido hyperbole com que se podia subir de poncto a formosura da Virgem Maria. Como se dissera: A gloria que recebo da vista de vossos olhos é tanta, que se em mim coubera vangloria, sem duvida que me ensoberbecera. De Lucifer diz o propheta Ezechiel que considerando a formosura de sua natureza se ensoberbeceu. De Adonias se diz tambem no livro dos Reis que se ensoberbeceu, e se dá por causa sua grande formosura. E tudo isto bem podia dizer-se de creaturas. Só do Creador não ha escriptura alguma que (não digo por verdade, que

não póde ser, mas nem por figura ou similhança) diga que contemplando-se a si, que contemplando aquella formosura immensa de seu ser se ensoberbecesse. Pois, Senhor e Deus meu, se essa formosura eterna, immensa, infinita, incomprehensivel: se essa formosura de que são umas participações mui escassas tudo o que é formosura no céu e na terra, tudo o que é formosura nos homens e nos anjos; se não chega essa formosura a vos ensoberbecer por metaphoras; se não chegais a dizer d'ella que vos ensoberbeceu contemplando-a; como dizeis por vossa bocca que a formosura dos olhos de Maria foi poderosa a vos ensoberbecer: *Ipsi me superbire fecerunt?* Tudo são exaggerações, tudo são hyperboles, tudo são encarecimentos da formosura d'aquella soberana Virgem; mas exaggerações as mais levantadas, hyperboles os mais subidos, encarecimentos os mais sobrelevados. A formosura de Eva chegaria a ensoberbecer a Adão: a formosura de Rachel chegaria a ensoberbecer a Jacob: a formosura de Esther chegaria a ensoberbecer Assuero: mas a formosura de Maria chegou a ensoberbecer, do modo que se póde dizer, ao mesmo Deus. Chegou a confessar o mesmo Deus que a formosura de seus olhos o ensoberbecia: *Ipsi me superbire fecerunt.*

De tanta formosura conclúi-se que na Virgem não podia haver sombra de peccado. Caso que conta Plutarcho

IV. Ora vamos ao poncto. Vejo, está dizendo o auditorio todo: Este prégador não sabe o que préga: hoje é dia de nossa Senhora da Conceição, havia-nos o prégador de provar como a Virgem purissima foi concebida sem peccado original: que quanto é retratar-nos as formosuras de Nossa Senhora, a que proposito? O proposito eu o direi agora. Conta Plutarcho que em Athenas impondo-se um grave crime a uma donzella formosissima, para se sentenciar a sua causa appareceu em juizo com o rosto coberto, como era costume apparecerem as accusadas. Começou logo a allegar por sua parte um orador com grande copia de palavras, com grande numero de textos, com grande força de razões. Mas as presumpções eram tão forçosas e os indicios tão efficazes, que já nos rostos dos juizes se estava lendo sentença contra a donzella. Levantou-se n'este passo Pericles, outro orador famosissimo, lança mão ao manto que a cobria, e o mesmo foi apparecer a formosura de seu rosto que trocarem-se subitamente os pareceres de todos. Acclama todo o senado: Victor, victor, pela parte da donzella: em tanta formosura não póde haver culpas.

Applicação do mesmo caso. A formosura do rosto da Virgem é a executoria da sua pureza

Eis aqui a traça, senhores, eis aqui o pensamento que me levou após si n'este sermão. A questão mais altercada ou das mais altercadas que houve na Egreja catholica foi esta: Se fôra ou não concebida em culpa original a Virgem purissima, mãe

de Deus. Na especulação d'este poncto suaram os mais insignes theologos de toda a Egreja: na confirmação d'esta verdade correram felizmente as pennas mais ingenhosas de todo o mundo. Pois que remedio para sair com victoria? Que remedio para tapar a bocca de uma vez a todas as razões contrarias? O remedio é, Virgem purissima, já que não posso ser digno orador de vossa pureza, fazer-me sumilher de cortina de vossa formosura. Appareça esse rosto mais formoso que a Jerusalem da terra, mais formoso que a Jerusalem do céu: appareçam esses olhos bastantes a enlevar a Deus: e á vista de tanto extremo de formosura todos acclamarão á uma voz que fostes concebida, Senhora, sem culpa original, que em tanta formosura não póde haver culpa. Assim é, Senhora minha, assim é: A formosura d'esse rosto é a executoria de vossa pureza. Não sou eu o que vol-o digo: nos Cantares vol-o disse vosso Filho e Esposo sagrado «com aquellas palavras que são a prova mais evidente de vosso grande privilegio:» *Tota pulchra es, amica mea; et macula non est in te.* Toda sois formosa, Senhora e Mãe minha e d'ahi se collige que não contrahistes macula de peccado original. *Pulchra ut luna, electa ut sol:* sois formosa, Senhora, como a lua, e d'ahi se collige bem que fostes escolhida como o sol. O sol de justiça Christo é de fé que foi escolhido e predestinado sem peccado original: o mesmo confessa de vós, Virgem purissima, a nossa «fé e» devoção; e o fundamos em vossa formosura: que onde a formosura é total não pode haver mancha alguma: *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te.* Assim o cremos, assim o confessamos. Cremol-o com o coração, confessamol-o com a bocca e o defenderemos sempre com o sangue e com a vida, se fôr necessario.

Quanto ella estima este privilegio. Milagre contado por Bernardino de Bustis

V. Fixemos bem, christãos, n'esta protestação e devoção da Conceição da purissima Senhora, e estejamos muito certos que nenhuma outra lhe agrada tanto a mesma Senhora e que com nenhuma outra a havemos de obrigar tanto como com esta. Todas as outras devoções que fazemos, todos os outros titulos que damos a esta Senhora, lhe agradam muito: mas nenhuma a obriga e rende tanto como este de sua purissima Conceição. Dizer da Senhora que é Mãe de Deus, dizer que foi Virgem antes do parto, no parto e depois do parto, dizer que é Filha do Padre, Mãe do Filho, Esposa do Espirito Santo; todos estes titulos agradam muito á Senhora: mas não a obrigam tanto como dizer que foi concebida sem peccado original porque «só este titulo a reconhece como digna Filha do Padre, digna Mãe do Filho, digna Esposa do Espirito Sancto, sempre pura, sempre sancta, sempre amiga de Deus. Pela mesma razão não ha cou-

sa que a offenda mais que negar-lhe um privilegio, cuja falta oh como a envergonharia deante da infinita pureza e sanctidade de seu Pae, de seu Filho, de seu Esposo e deante da mesma pureza e sanctidade dos anjos, de que é rainha!» Prégando em tal dia como hoje um prégador não duvidou dizer publica e declaradamente que a Virgem Maria fôra concebida em peccado original. Estava na mesma egreja uma imagem da mesma Senhora de vulto e vestida como então se costumava mais; e em se ouvindo no auditorio aquella proposição que faria? (Escreve o caso Bernardino de Bustis). Extendeu o braço direito a imagem, pegou no manto e cobriu o rosto. Qual seria o espanto e assombro e tambem o applauso de todos bem se deixa ver: corre o manto, tapa os olhos quando ouve dizer de si que foi concebida em peccado «original, para mostrar que não se lhe póde fazer maior affronta que negar-lhe este privilegio.»

Analogia biblica do mesmo milagre no caso de Sara quando o rei do Egypto a restituiu ao marido

A mim está lembrando n'este passo o que aconteceu a Sara com el-rei Abimelech. Partiu-se Abrahão de sua patria e fez concerto com Sara que d'alli por deante se chamassem irmão e irmã e não mulher e marido, porque assim levava a vida mais segura. Chegados ao Egypto onde Abimelech reinava, levaram logo o alvitre ao rei os ministros de seus appetites, dizendo que era chegada á côrte uma mulher de extranha formosura. Informou-se o rei se era casada; e dizendo-lhe que não; mandou que lh'a levassem a palacio. Que boa occasião tinhamos aqui para uma pequena doutrina. Era rei Abimelech, era gentio, era poderoso e não tinha fé nem tinha um mandamento da lei de Deus que lhe dissesse: *Non concupisces uxorem proximi tui:* não desejarás a mulher de teu proximo; e comtudo foi tão comedido, que não tractou de Sara, senão depois que soube primeiro que era mulher sem marido. E andou muito acertada Sara em se desterrar para o Egypto e não para outra de muitas terras, onde póde ser que não achasse tanto comedimento nos homens. Emfim não chegou Abimelech a affrontar Sara, porque Deus que zelava a honra de Abrahão mais que elle mesmo, appareceu a Abimelech em sonhos mui severo, mandando-lhe que restituisse logo a mulher a seu marido, sob pena de lhe tirar a vida a elle e lhe abrazar o reino. Executou-o assim o rei no mesmo poncto: e mandando dar a Abrahão quatrocentos cruzados, disse assim a Sara: *Ecce mille argenteos dedi fratri tuo: hoc erit tibi in velamen oculorum ad omnes qui tecum sunt.* Sara, aquelle dinheinheiro que mandei a vosso irmão é para comprares um manto ou véu com que cobrir os olhos deante d'aquelles que vos conhecem. Cobrir os olhos Sara? Por que razão? Não consta da Escriptura que Abimelech não tocou Sara no fio da roupa? Não

consta que o rei declarou logo o caso, como passava, aos da sua côrte? Pois se Sara estava tão innocente, tão livre da culpa, porque havia de tapar os olhos? Porque para uma mulher da auctoridade de Sara não são necessarias culpas verdadeiras, bastam culpas imaginadas para não ter olhos com que apparecer deante de gente. Ainda que o rei sabía a innocencia de Sara e a publicára, como o mundo é tão mau, muitos imaginariam o que quizessem; e basta que se imagine uma culpa em uma mulher tão sancta, para que não tenha rosto com que apparecer, para que tape os olhos: *In velamen oculorum*. De Sara podera a Virgem Maria herdar este pundonor, como neta sua que era; mas em si tinha maiores obrigações que as herdadas: e assim correu o manto e tapou os olhos, quando ouvia lançar-se em rosto a accusação da culpa original, não porque esta culpa fosse verdadeira, não; mas porque para a pureza da Mãe de Deus bastam culpas imaginadas para cobrir o rosto: basta uma suspeita ainda falsa de culpa para não ter olhos para apparecer.

Conclusão. A jornada dos hebreus para a terra da Promissão e a nossa para o ceu. *Eccli.* 24 *Num.* 11

«D'aqui se conclúi que a mercê com a qual nos ha de pagar a benignissima Senhora a devoção e defeza d'este seu privilegio, será a gloria do céu. *Qui elucidant me vitam aeternam habebunt*: os que esclarecem o meu nome, diz ella, terão a vida eterna.» Quando os filhos de Israel iam caminhando para a terra de Promissão, adoeceu de lepra Maria irmã de Moysés. Parou logo o exercito; e não deu mais passo adeante. Sara Maria outra vez e fica purificada da lepra; e logo no mesmo poncto começou o exercito outra vez a marchar: *Et populus non est motus de loco illo, donec revocata est Maria*. Porque não marcha o exercito em quanto Maria está cuberta de lepra; e tanto que sara da lepra porque marcha logo? Origines responde a esta duvida: porque era figura de Maria Mãe de Deus. Onde Maria está coberta de lepra do peccado original «isto é na heresia» dos que teem para si que foi a Senhora concebida em peccado, intendam e cuidem os que isso imaginam que não hão de ir por deante no caminho da terra de Promissão: não hão de fazer jornada no caminho do céu. Porém onde Maria está pura da lepra original, «isto é, na fé» dos que confessam e protestam que foi a Senhora concebida em graça; assim como lá os filhos de Israel logo marcharam para a terra de Promissão, assim caminharão logo felizmente, pelo caminho do céu, alcançando-lhes a mesma Senhora tantos auxilios e impetrando-lhes tantas graças quantas lhes segurem e façam certos os premios da gloria. *Ad quam nos etc.*

(Ed. ant. tom. 12.º pag. 1, ed. mod. tom. 11.º pag. 180.)

Nota do Compilador. No sermão original acabára o orador o exordio dizendo: Ora em dia e em obra em que o mesmo Deus andou ás avessas, tambem eu não quero prégar ás direitas. Havemos de começar hoje pelo fim e acabar pelo principio. Havemos de acabar por onde os outros começam e começar por onde acabam. Os outros sermões começam pela explicação do thema e acabam pela prova do assumpto: este hoje ha de começar pela prova do assumpto e acabar pela explicação do thema.=E por que tomara por thema: *David autem genuit Salomonem ex ea quae fuit Uriae*, chegado ao numero V explica-o do modo seguinte: Entra agora o nosso thema e segundo o que prometti é bom signal: acaba-se o sermão. *David autem etc.* David gerou Salomão da mulher que foi de Urias. Altercam muito os doutores, porque se pôi esta mulher no catologo da geração da Senhora. E tem muito mais logar a duvida no dia da sua purissima Conceição. Se se passa em silencio Sara, Rebecca, Rachel e outras mulheres, sanctissimas primogenitoras da Virgem; porque se faz menção d'esta que foi muito menos casta e menos sancta? E já que se houvesse de fallar n'ella, porque se não nomeia por seu nome de Bersabé, senão por mulher que foi de Urias? Porque nomear a Urias é trazer á memoria o aleivoso homicidio, com que lhe mandou tirar a vida David; e dizer que fôra sua mulher é lembrar o adulterio, que com tanto escandalo do mundo commetteu. Por todas estas razões entra no evangelho de hoje Bersabé: por isso mesmo a pôi Deus no catalogo da geração da Virgem. Assim como para fazer rainha a Bersabé e para a fazer mãe de Salomão quebrou David todas as leis divinas e humanas, matando a Urias, tirando-lhe a mulher sem reparar em homicidios nem adulterios; assim Deus para fazer a Maria rainha dos anjos e para a fazer mãe do verdadeiro Salomão, Christo em nenhuma lei reparou, todas as leis quebrou a quantas estavam sujeitos os filhos de Adão. Por filhos de Adão nascemos filhos de ira; por filhos de Adão nascemos escravos do demonio; por filhos de Adão nascemos desherdados da gloria; por filhos de Adão nascemos sujeitos aquella inclinação má a que chamam *Fomes peccati*. Por todas estas leis cortou Deus no dia da Conceição de Maria, e a creou tão pura, tão immaculada, tão sancta, quanto era bem que o fosse a que havia de ser Mãe do verdadeiro Salomão Christo: *Genuit Salomonem* etc. Bem está até aqui. Mas d'onde havemos de colligir esses privilegios; d'onde havemos de colligir estas leis quebradas? Não nol-o hão de dizer doutores, senão o mesmo Texto. O fundamento porque David quebrou todas aquellas leis não foi outro, como diz o Texto, senão a formosura de Bersabé: *Vidit mulierem se lavantem: erat autem mulier pulchra valde.* Pois d'esse mesmo fundamento havemos de colligir tambem que quebrou Deus todas as leis de Adão na Conceição de Maria: *Erat enim pulchra valde: antes, pulcherrima inter mulieres:* porque é, como tão largamente temos visto, a mais formosa de todas as mulheres.=Dignissimos e expostos com muita graça e eloquencia são os pensamentos accessorios d'este trecho: mas o fundamental causa tal impressão, que julgo não ter ganhado pouco o sermão na decencia, dignidade e nobreza tirando-se do contexto este commento, e por isso alterando-se algum tanto o gyro da argumentação.

II. SERMÃO DA CONCEIÇÃO IMMACULADA DA VIRGEM MARIA SENHORA NOSSA***

Observação do compilador.—As novas interpretações de varios textos da Escriptura dadas n'este sermão teem hoje mais peso que no tempo de Vieira; porque com a definição do mysterio apparece melhor o seu fundamento.

Maria de qua natus est Jesus.
MATTH. 1.

Dizer o que ainda não esteja dicto n'este mysterio é difficultoso, mas não impossivel.

Como em todas as materias dizer o já dicto é superfluo, assim na de que hoje sou obrigado a fallar dizer o que ainda não esteja dicto, é difficultoso. Entre os mysterios, todos soberanos, de Maria mãe de Deus, o que hoje celebra a Egreja e todos desejam ouvir declarado com alguma novidade, é o de sua Conceição immaculada. Mas todas aquellas estradas por onde se póde caminhar seguramente ou ao templo d'esta adoração, ou ao castello d'esta defensa, estão tão batidas e debatidas, que como bem dizia um dos maiores prégadores de Hespanha, ninguem póde pôr o pé senão sobre pégada alheia. Bôa satisfação para a desculpa, mas muito desconsolada para o desejo. Eu porém não me acabo de sujeitar a este dictame; porque ainda que os antigos beberam primeiro nas fontes, nem por isso as esgotaram. *Multum egerunt qui ante nos fuerunt, sed non peregerunt:* «direi com aquelle grande mestre de Roma pagã,» Seneca: Muito fizeram os que vieram antes de nós, mas não perfizeram. Entre o fazer e o perfazer ha grandes intervallos. Assim como elles accrescentaram sobre o que tinham dicto os mais antigos, assim nós podemos accrescentar e descobrir de novo o que elles não acharam, como tambem sobre nós os que depois vierem. Nem a mim me mette medo dizer Salomão que não ha cousa nova debaixo do sol. *Nihil sub sole novum;* porque a materia de que hoje hei de tractar não é debaixo do sol senão acima d'elle.

Sen. ep. 4

É o assumpto do sermão supposto a regra do pae de familias do Evangelho. Matth. 13.

Duvidoso, pois, entre o que tem de verdadeiro uma d'estas sentenças e o que oppõi de difficultoso a outra, o meio que determino e devo tomar é o que ensinou o Mestre divino, em que ambas se conciliam e concordam: *Ideo omnis scriba doctus similis est patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.* Por isso todo o estudioso douto nas Escripturas é similhante (diz Christo) ao pae de familias rico, o qual tira do seu thesouro o novo e mais o velho. Assim o farei eu hoje, posto que reconheço a minha pobreza: dos thesouros da Escriptura e da theologia supporei o velho e verei se posso accrescentar o novo. A Virgem immaculada cuja graça sempre foi antiga e sempre nova, me assista com a sua. *Ave Maria.*

Primores da redempção para preservar a Virgem do peccado original.

II. *De qua natus est Jesus.* Prometti suppôr o velho para dizer o novo. E posto que esta proposta na materia da Conceição immaculada seja mais facil de prometter que de desempenhar, comecemos brevissimamente pelas supposições. Supponho como certas tres cousas geralmente recebidas: a primeira scientifica, a segunda e terceira expressamente de fé. A primeira e scientifica, é que ha dous modos de remir ou de redempção: uma que tarda e remedeia o captiveiro, outra que se antecipa e preserva d'elle. A segunda, «que é expressamente de fé,» é que pela redempção que remedeia remiu Christo a todo o genero humano, e pela que se anticipa e preserva remiu a sua sanctissima Mãe. A terceira «que pertence á mesma fé catholica» é que o preço de uma e outra redempção foi o merecimento e valor infinito do sangue do Filho de Deus, offerecido e derramado por todos. Este sangue, pois, e o modo com que Christo o derramou singularmente por sua Mãe com muitos primores de redempção até agora «(que eu saiba)» não ponderados, será a novidade que para maior gloria da Mãe e do Filho desejo provar. A tudo me dão fundamento as palavras do Evangelho que tomei por thema: *Maria de qua natus est Jesus.* Em Maria temos a remida e preservada: no nome de Jesus, que quer dizer Redemptor, temos a redempção: e nas duas palavras *de qua natus est* temos o preço que foi o sangue: porque incarnando e nascendo Jesus de Maria, d'ella o recebeu para o dar universalmente por nós e muito particularmente pela mesma Mãe.

1.º Ser preservada em virtude do sangue do Filho.

III. Entrando, pois, nas considerações e modos particulares com que o bemdicto Filho da Virgem Maria, em quanto Jesus ou em quanto redemptor, em obsequio e beneficio singular da mesma Senhora deu o sangue que de suas purissimas entranhas tinha recebido *de qua natus est;* seja o primeiro e mais geral, como fundamento de todos, ser a mesma Senhora pre

servada do captiveiro do peccado de Adão por valor e virtude do mesmo sangue.

Zephora, esposa de Moysés é figura d'esta preservação. *Exod.* 4.

Mandando Deus a Moysés que dos desertos de Madian onde vivia, fosse ao Egypto resgatar o seu povo que lá estava captivo, levou Moysés em sua companhia a Sephora, sua esposa. E foi esta acção do seu enviado tão extranhada e abominada do mesmo Deus, que antes de chegar ao Egypto lhe tornou a apparecer tão indignado contra elle, que queria não menos que tirar-lhe a vida: *Cumque esset in itinere, in diversorio occurrit ei Dominus et volebat eum occidere.* Paremos e reparemos aqui com Sancto Agostinho, Theodoreto, Eusebio Cesariense, Emisseno e outros, os quaes colhem do mesmo texto, que esta e não outra foi a causa de uma tão notavel e impensada demonstração. Pois, Senhor, a Moysés a quem acabais de eleger por «por vosso embaixador e» redemptor do captiveiro do vosso pôvo, tão de repente quereis privar não só do officio senão da vida? Tão grande culpa e tão mal soffrida de vós, foi querer levar sua esposa comsigo? Sim. Porque quando eu mando a Moysés que vá libertar aos que estão captivos no Egypto, que queira elle metter no mesmo captiveiro a sua esposa, que tão livre estava d'elle, quanto vái do Egypto a Madian, não soffro eu tal deslumbramento e tal erro em um homem que fiz redemptor universal do meu povo, e por isso representador de meu Filho. Reparem n'este juizo de Deus os que interiormente se não acabam de conformar com o que hoje prégamos, se por ventura ha ainda algum. Se Deus quiz matar a Moysés, porque não soffreu que elle mettesse no captiveiro do Egypto com os outros captivos a esposa que era de Moysés; se a esposa fosse do mesmo Deus, como o soffreria? Sendo, pois, verdadeiramente esposa sua a Virgem Maria, como soffrerá aos que lh'a querem captivar e metter com as demais no mesmo captiveiro? Mas advertido isto de passagem vamos por deante com a historia ao nosso poncto.

A circumcisão de seu filho e a paixão do Filho de Maria.

Postos Moysés e Sephora em termos tão apertados e perigosos, como vimos, elle debaixo da espada de Deus, sendo condemnado á morte, e ella caminhando para o Egypto, onde todos eram captivos, que succedeu? Levavam ambos um filhinho comsigo, ao qual n'aquelle estado circumcidou a mãe, dizendo ao páe que elle era a causa de lhe derramar o sangue: *Sponsus sanguinum tu mihi es;* e no mesmo poncto, aplacado Deus, a Moysés lhe foi perdoada a culpa e Sephora ficou livre de ir ao Egypto, apartando-se d'elle: *Et dimisit eum (idest Sephora Moysen)*, diz Lyrano. Quem se não admira n'este caso do modo tão facil e tão breve com que dous nós tão fortemente apertados

se desataram, e dous perigos tão grandes se resolveram? De sorte que em se derramando o sangue do filho, o pae ficou absolto da culpa e a mãe livre do captiveiro? Com razão disse S. Paulo que tudo o que n'aquelle tempo succedia eram figuras, em um como «drama» do que depois havia de ser: *Omnia in figura contingebant illis.* O filho innocente era figura de Christo: o pae era figura de Adão de quem tomou a natureza: a mãe era figura da Virgem Maria de quem nasceu. E tanto que o sangue do filho se derramou, o pae ficou livre da culpa, pela qual estava condemnado á morte, e a mãe ficou livre do captiveiro para onde a levava o mesmo pae. Póde haver representação por todas as suas circumstancias mais propria? Mas ainda faltam por advertir duas para maior gala do mysterio. A primeira que a mãe foi livre do captiveiro, não depois de ir ao Egypto e estar captiva, senão antes, e preservada para que o não fosse. A segunda, que o mesmo captiveiro do Egypto n'aquella occasião já estava acabando e havia de durar muito pouco: mas como o filho de Sephora representava o Filho de Maria, não permittiu o seu sangue que sua mãe estivesse captiva, nem por um instante.

1 Cor. 10.

As palavras da instituição da Eucharistia é prova do mesmo mysterio.

Parece que depois de tal figura não póde haver prova real que a eguale: mas será tanto maior e melhor, quanto vái da luz á sombra. Quando o mesmo Christo na ultima ceia consagrou o seu preciosissimo sangue no calix, foi com estas palavras: *Hic est calix sanguinis mei qui pro vobis et pro multis effundetur:* Este é o calix de meu sangue o qual se derramará por vós e por muitos. Terrivel palavra foi esta ultima! O sangue de Christo é de fé que se derramou por todos; porque por todos morreu: de que temos o texto expresso de S. Paulo: *Pro omnibus mortuus est Christus.* Pois se o mesmo Christo havia de derramar e derramou o sangue por todos; porque não diz: Este é o calix de meu sangue o qual se derramará por vós e por todos; senão por vós e por muitos? Lêde as palavras seguintes e vereis quão admiravelmente resolvem a duvida: *Qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum.* Será derramado, diz o Senhor, o meu sangue por vós e por muitos; mas como? *In remissionem peccatorum*, em remissão de peccados: aqui está a differença. O sangue de Jesus Christo absolutamente derramou-se não só por muitos senão por todos: mas em remissão de peccados não se derramou por todos senão por muitos: porque do numero de todos foi exceptuada a Mãe que lhe deu o mesmo sangue. Por todos os mais foi derramado o sangue de Christo em remissão dos peccados: só por sua Mãe foi tambem derramado, sim; mas em remissão do peccado, não;

2 Cor. 5

porque não teve peccado. Oh bemdicto Filho de Maria que bem mostrastes ser junctamente Filho de Deus, pois tão altamente acudistes pela honra de vossa Mãe! Havia de dizer S. Paulo que todos peccaram em Adão, e que o sangue de Christo se derramou por todos. Mas para que o mundo se não enganasse, e soubesse que no contrahir o peccado houve excepção, e no derramar, differença; por isso declarou o Senhor com duas limitações tão expressas, que o seu sangue se derramaria por muitos, e em remissão de peccados. Por muitos e não por todos, para excluir a sua Mãe; e em remissão de peccados e não por outro modo, para a eximir de toda a culpa, da qual não foi perdoada «em» remissão, senão prevenida e preservada por graça. Assim o disse e protestou em tal hora e em tal acto, e com o calix do sangue que havia de derramar, nas mãos; como Filho emfim e Redemptor que era da Mãe de quem recebera o mesmo sangue: *De qua natus est Jesus.*

2.º primor: ser preservada em virtude do primeiro sangue que o Filho derramou na cruz. S. Bernardino e Sancto Ambrosio.

IV. Estabelecido este fundamento geral em que ficam tambem provadas (e não sei se com alguma novidade) as supposições do que chamei velho; para entrarmos no que mais propriamente é novo, e tudo sobre o sangue que Christo derramou para remir singularmente a sua Mãe e a preservar do peccado; saibamos quando, onde e como obrou o bemdicto Filho este grande e occulto mysterio e nunca atégora distinctamente examinado. S. Bernardino senense diz que remiu Christo a sua Mãe com o primeiro sangue que derramou na cruz e com grande preferencia a todos os que n'ella foram remidos. Funda-se n'aquellas palavras dos Canticos «no capitulo quarto»: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum*; nas quaes reconhece o sancto as primeiras e segundas feridas; e diz que as primeiras offereceu Christo na cruz pela redempção de sua Mãe; para que a mesma Senhora, sendo remida primeiro que todos, fosse a primogenita do Redemptor. As palavras do devotissimo e doutissimo Padre são estas: *Vulnerasti cor meum, soror mea, sponsa, vulnerasti cor meum: pro tuo amore carnem sumpsi et vulneribus primis crucis vulnerasti cor meum: nam primogenita Redemptoris Filii sui Jesu est Virgo beata.* Alto sentir e digno de seu auctor. De sorte que assim como o Filho foi o primogenito da Mãe em quanto Homem: *Peperit filium suum primogenitum:* assim a Mãe foi a primogenita do Filho em quanto Redemptor: *Primogenita Redemptoris Filii sui.* E esta foi a primeira fineza ou primorosa correspondencia com que o Filho Jesus, em quanto Jesus e Redemptor da Mãe de quem nasceu, lhe pagou o beneficio do ser, não que d'ella tivesse já recebido, senão que devia de receber. O Filho primogenito da

Mãe e a Mãe primogenita do Filho: o Filho primogenito da Mãe no nascimento, a Mãe primogenita do Filho na Conceição. Até aqui S. Bernardino: e o grande doutor da Egreja Sancto Ambrosio, florecendo mil annos antes, já então deixou escripto que dando o Filho de Deus principio á obra da universal redempção, começou por sua Mãe: *Nec mirum si Dominus redempturus mundum, operationem suam inchoavit a matre: ut per quam salus omnibus parabatur, eadem prima fructum salutis hauriret ex pignore.* Elegante e eloquentemente, como sempre, Ambrosio. Quer dizer que ninguem se deve maravilhar de que havendo de dar principio o Redemptor á obra da Redempção do mundo, começasse por sua Mãe, para que Ella que o havia de ajudar na redempção de todos, fosse a primeira que na mesma redempção colhesse os fructos do fructo do seu ventre.

Prova-se com a Escriptura. *Cant.* 4

Um dos mais notaveis textos da Escriptura sagrada, no que diz, e na ordem e consequencia com que o diz, são aquell'outras palavras do Esposo divino, fallando primeiro comsigo e depois com a Esposa no mesmo capitulo dos Canticos: *Vadam ad montem myrrhae et ad collem thuris: tota pulchra es amica mea et macula non est in te.* Eu (diz o Esposo) irei ao monte da myrrha e ao oiteiro do incenso e vós Esposa e Amiga minha, toda sois formosa, toda pura e sem macula. Superfluo é repetir que a Esposa é a Virgem Maria, e o Esposo Christo seu Filho. Mas que correspondencia tem dizer o Filho que ha de ir ao monte da myrrha e ao oiteiro do incenso e logo inferir e concluir que a Mãe toda é formosa e toda pura e sem macula? Para intendimento d'esta notavel consequencia, em que se infere com tanta clareza e expressão a pureza immaculada da Virgem, é necessario saber que monte e que oiteiro, que incenso e que myrrha é esta. A myrrha significa a morte e o incenso significa a oração: e n'este sentido, que é de todos os sanctos Padres, o monte da myrrha é o Calvario, onde Christo morreu; e o oiteiro do incenso é o horto de Getsemani onde orou; porque Getsemani estava situado em um tezo sobre o valle de Cedron; e de Christo morrer na cruz e orar no Horto tira por consequencia e conclúi o mesmo Senhor que sua Mãe toda é pura e sem macula: com razão e consequencia torno a dizer milagrosa; porque «o primeiro effeito da oração e morte de Christo foi a redempção privilegiada de sua Mãe: *Tota pulchra es amica mea et macula non est in te.*

3.º primor: ser preservada com redempção apressada. Samsão que se adianta para

V. Assim é; e não podia ser de outro modo, para que o amor do Filho se apressasse, como queria, á redempção da mãe, preservando-a do peccado. Vede-o em outra figura que representa mais ao vivo uma pressa tão primorosa.» Caminhando

o pae e a mãe de Samsão por uma estrada deserta, cerrada de bosques, adeantou-se o filho que os acompanhava; e saindo-lhe ao encontro um leão tão feroz na catadura, como soberbo nos bramidos, arremetteu a elle o valente moço, sem mais armas que as proprias mãos; e affogando-o entre ellas, o lançou morto no bosque. Gran'façanha e mais que humana! Assim o nota a sagrada Escriptura, dizendo que isto fez Samção movido do espirito divino. Mas o primeiro movimento com que adeantou-se, deixando atraz seu pae e sua mãe, parece que nem foi necessario, nem conveniente. Necessario não: porque as suas forças eram as mesmas, e tanto podia matar o leão adeantando-se, como indo ao lado dos paes: conveniente tambem não, e muito menos: porque acompanhando os mesmos paes, os assegurava melhor do perigo d'aquella ou de outra fera do bosque. Qual foi logo o fim (que não podia deixar de ser grande e mysterioso) por que o moveu o mesmo espirito a que se adeantasse? O fim grande e mysterioso foi, como já notaram alguns escriptores modernos, porque n'esta historia de Samsão se representava maravilhosamente e com todas suas circumstancias, o mysterio da Conceição immaculada. A estrada por onde caminhava o pae e a mãe, é aquella por onde descendemos de Adão todos os que recebemos o ser por geração natural; o leão feroz e soberbo é o peccado original, que n'aquella passagem espera a todos os homens e antes de nascidos lhes não perdôa e os mata: o Samsão que matou a elle é Christo, por natureza izento de peccado, e que só tem poder e forças para vencer e destruir, não só o original, mas todos. Assim, pois, como Samsão se adeantou e anticipou para livrar do leão o seu pae e sua mãe, antes que elle os encontrasse; assim Christo se adeantou e anticipou a preservar do peccado original a sua mãe antes que ella o encorresse. Até aqui os doutores allegados, não reparando nenhum d'elles nem acudindo a uma circumstancia e impropriedade, que sendo esta figura tão natural do mysterio não só a deslustra e afeia, mas a nega ou põi em duvida.

Defender seus paes de um leão feroz é figura d'este mysterio. *Jud. 4.*

Samsão livrou das garras do leão a seu pae e a sua mãe: Christo não preservou do peccado original a homem algum, senão a uma mulher somente, que foi a Virgem immaculada: logo a historia não diz com o mysterio, nem a figura com o figurado; antes desfaz e descompõi toda a gloria e privilegio da Conceição, que consiste em ser a Senhora unicamente preservada. Mas que seria se eu dissesse que n'esta que parece impropriedade da historia, consistiu a maior energia e gala do mysterio? Assim o digo. Porque Samsão livrou d'aquella fera que representava o peccado original não só a sua mãe, senão tambem a

Note-se que a Virgem era para o seu Filho divino mãe e pae.

seu pae; por isso mesmo foi perfeitissima figura de Christo
mysterio da Conceição. «Ora vêde.» Christo foi Filho de Virgem
Maria; e mãe que é virgem não só é mãe senão mãe e pae
le é o fundamento por que graves theologos tiveram para dizer
mesma Virgem em respeito de seu Filho se havia ou podia
mar não só *Mater*, como as outras mães, senão *Matripater*
quer dizer Mãe e Pae. E pela mesma razão lemos em um
Sanctos Padres que o amor da Virgem em respeito de seu
Christo foi dobrado; porque o amor dos outros filhos natural-
mente gerados, divide-se entre o pae e a mãe: porém na
Virgem como em Mãe e Pae estava todo unido.

O problema que Sansão propoz no banquete e de que revelou a solução á sua esposa é figura do que aconteceu na definição d'este dogma.

Ainda tem a historia de Samsão outra admiravel propriedade
em confirmação do mesmo mysterio. Já vimos como Samsão
quando matou o leão, o lançou e escondeu no bosque. E é
clara a Escriptura que nem a seu pae, nem a sua mãe, nem a
outrem descubriu aquella façanha, sendo de tanta honra e
tão bizarra. Assim esteve occulto o mysterio d'este silencio
segredo, até que depois de muitos dias se manifestou, que
intento de Samsão fôra formar, como formou, de sua
historia aquelle famoso enigma que propoz e expoz ao juizo
homens com nome de problema: *Proponam vobis problema.*
estou vendo que nenhum intendimento haverá tão rude, que
n'esta singular circumstancia não reconheça mais e melhor
historia da immaculada Conceição de Maria que a do mesmo
Samsão. Adeantou-se Christo a vencer e matar o peccado origi-
nal antes da Conceição de sua Mãe: estando por muito tempo
occulta «ou não claramente revelada na divina Escriptura» aquella
singular façanha do Filho. Que fez o mesmo Filho? Da mesma
façanha occulta e do mesmo segredo só a elle manifesto fez o
mais celebre e o mais altercado problema que nunca houve na
Egreja, disputando as mais doutas escholas de theologia, se
Maria foi concebida em peccado original ou não. Que escriptu-
ras se não teem desenterrado e desentranhado. Que livros se
não teem mandado á estampa! Que discursos e argumentos se
não teem inventado! E em quantas disputas publicas e secretas
se não teem controvertido este mesmo poncto, seguindo uns
doutores a parte affirmativa e outros com maior applauso a ne-
gativa, todos problematicamente, porque assim o quiz o sobe-
rano auctor do mesmo problema! *Proponam vobis problema.*
«Havia de ser» sempre problema? Não: porque da mesma his-
toria consta que Samsão revelou o enigma a sua esposa. E as-
sim como Samsão o revelou a sua esposa e por meio d'ella o
intenderam todos, assim Christo finalmente «acabou de o reve-
lar a sua Esposa a Egreja»: e como foi definida por ella a ver-

Pro·
E

dade, cessou a controversia e foi conhecida e festejada por todos.

Tornando ao fio do nosso discurso, assim como o Filho se adeantou e anticipou á redempção da Mãe, assim a mesma redempção se adeantou e anticipou ao peccado e com nova e admiravel correspondencia. Foi tão admiravel a pressa com que o peccado original se adeantou e anticipou a matar os homens, que sendo todos filhos de Adão, primeiro os matou seu pae com o peccado, do que elles nascessem. E para que se veja que a redempção da Virgem Maria não foi menos apressada, nem seu Filho se adeantou e antecipou menos em preservar a Mãe, do que Adão se tinha adeantado e anticipado em matar os filhos; pergunto: qual foi primeiro o nascimento do Filho ou a Conceição da Mãe? Não ha duvida que a Conceição da Mãe foi muito primeiro que o nascimento do Filho. Pois se o Filho ainda não era nascido, como preservou do peccado a Mãe antes de nascer? Respondo tornando a perguntar: E quando Adão peccou eram já nascidos seus filhos? Não: e comtudo pôde-os Adão matar com o peccado antes de nascerem. Pois sería bem que os filhos de Adão os matasse seu pae com o peccado antes de nascerem; e o Filho de Maria não preservasse do mesmo peccado a sua Mãe antes de nascer? É verdade que esta redempção anticipada foi effeito do sangue da Mãe, que ella ainda não tinha recebido. Mas essa é a virtude do sangue de Christo, «preservar por seus futuros merecimentos»: de sorte que o Filho foi redemptor da Mãe por meio do sangue que d'ella recebeu, antes de o receber: e a Mãe foi remida e preservada por meio do sangue que deu ao Filho antes de lh'o dar.

Christo não se adeantou menos em preservar a sua mãe, que Adão em matar a seus filhos.

VI. Já parece que as obrigações de Redemptor junctas com as de Filho se deveram dar por satisfeitas nos primores e finezas tão repetidas com que singularizaram a redempção da purissima Mãe; mas ainda resta a mais primorosa e a mais fina de todas. Foi sentença de alguns Padres antigos, como hoje é commum entre os theologos, que o sangue que o Verbo incarnado tomou da Virgem Sanctissima, sempre o conservou unido á divindade sem permittir ao calor natural que o alterasse, mudasse ou diminuisse. O mesmo conserva hoje glorioso no céu, como diz Sancto Agostinho; e o mesmo commungamos no sacramento, como diz S. Pedro Damião. Isto supposto não me julgará por temerario a piedade christã, se eu disser que o sangue que Christo derramou para remir a sua Mãe, foi o mesmo que na Encarnação tinha recebido d'ella. A primeira e natural razão em que me fundo é tirada do peito do mesmo Verbo incarnado e dos archivos de seu intendimento e vontade e não em

4.° Primor: ser preservada em virtude do mesmo sangue que deu ao Filho.
Sancto Agostinho, S. Pedro Damião e S. Thomás.
Serm. de Ass. Virg. Serm. 43. *Opusc.* 57.

correspondencia de outro mysterio, senão do mesmo da Incarnação. Duas cousas recebeu de nós o mesmo Verbo n'aquelle mysterio, que foram a carne e o sangue. E que é o que fez d'ellas e por que razão? De ambas instituiu o sanctissimo sacramento da Eucharistia; e a razão foi, diz S. Thomás, para que tudo o que tinha recebido dos homens, o empregasse em saude dos mesmos homens: *Totum quod de nostro accepit, totum nobis contulit ad salutem*. Logo se a bondade e amor de Christo tinha julgado que devia empregar em saude dos homens, tudo o que tinha recebido dos homens; havendo de applicar alguma parte de seu sangue para anticipada redempção de sua Mãe, porque não seria aquella mesma parte, que de suas entranhas tinha recebido? Quem tão inteiramente o tinha conservado e guardado trinta e tres annos sem duvida que não seria, senão para o empregar em tão devida e primorosa occasião.

Ensina-o claramente Eusebio Emisseno. *Hom. de Nativ. Dom.*

Isto é o que digo e não só e sem auctor. Eusebio Emisseno (que alguns querem fosse Eucherio, ambos antigos Padres da Egreja e de grande auctoridade), ou ambos, ou qualquer d'elles, dizem estas notaveis palavras: *De carne Mariae coagulatus, de eius formatus visceribus, de eius substantia consummatus, sanguinem quem etiam pro matre obtulit, de sanguine matris accepit*. Querem dizer: Christo gerado da carne de Maria, formado das entranhas de Maria, e da substancia de Maria, feito homem consummado, o sangue que tambem offereceu pela redempção da Mãe, foi o que do sangue da mesma Mãe tinha recebido. De sorte que o sangue de que se falla não é todo o sangue de Christo, senão parte d'elle, e essa parte não outra, senão aquella mesma parte que recebeu do sangue de sua Mãe: *Sanguinem de sanguine matris accepit*. Todo o sangue que adquiriu em todo o tempo da vida foi o preço da redempção universal do genero humano: mas aquella parte recebida do sangue da Mãe, posto que foi parte d'este todo, foi especialmente applicado, como diziamos, á redempção da mesma Mãe.

Recapitulação.

Emfim e em summa, que Jesus que nasceu de Maria para se mostrar perfeito e perfeitissimo Jesus, e perfeito e perfeitissimo Redemptor de sua Mãe, não só a preservou sem macula em sua purissima Conceição, que é o mais perfeito modo de remir; mas para que ella fosse a primeira entre todos os remidos e a primogenita da redempção do mesmo Filho, antes d'elle derramar todo o sangue por todos na cruz, não só derramou a primeira parte por ella, anticipando-lhe o preço da redempção, mas quiz tambem por ultimo excesso de amor, gratidão e primorosissima correspondencia, que esta parte anticipada do sangue que especialmente applicou e dedicou á sua preserva-

ção, fosse aquella mesma que de suas purissimas entranhas tinha recebido e guardado. Eu não sei ponderar nem admirar bastante este extremo de finezas; mas darei por mim outros admiradores de mais alta esphera que todos os humanos.

Triumpho do Redemptor na redempção da Mãe. Isai. 65. Vide Corn. a Lap.

Quando Christo como Redemptor universal e como Redemptor particular de sua Mãe, subiu triumphante ao céu, admirados perguntavam todos os espiritos angelicos: *Quis est iste qui venit de Edom tinctis vestibus de Bosra?* Quem é este que vem da terra de Edom com as vestiduras tintas em sangue? *Iste formosus in stola sua gradiens in multitudiue fortitudinis suae:* vem acompanhado da multidão dos que libertou com a fortaleza de seu braço; e quão formoso elle é, quão gentil-homem no seu vestido! Perguntaram os anjos quem era o soberano Triumphador; e elle mesmo respondeu: *Ego qui loquor justitiam et propugnator sum ad salvandum:* Eu sou o que faço justiça e sou defensor para salvar. Instaram mais os anjos: *Quare ergo rubrum est indumentum tuum et vestimenta tua sicut calcantium in torculari?* E que cor vermelha é a d'esse vestido similhante á dos que pizam no largar? Respondeu o Senhor: *Torcular calcavi solus et de gentibus non est vir mecum:* porque o lagar em que se me tingiram os vestidos eu só o pizei sem estar ninguem commigo; «e depois de tudo isso» conclúi dizendo que aquelle sangue de que estavam tintas as suas vestiduras era dos que na sua batalha tinha vencido: *Aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea.* Ninguem haverá que não repare muito n'estas ultimas palavras. Logo se o sangue era dos vencidos não era seu. Antes por isso seu, porque dos vencidos. Deus não tinha sangue; e para ser sangue com que remir os homens, tomou o sangue dos mesmos homens; e por isso diz que o sangue que derramou era d'elles: *Sanguis eorum.* Mas se Christo remiu os homens com o sangue que tinha recebido dos mesmos homens, aqui se confirma mais o que diziamos, que o sangue com que remiu a Mãe, foi o que tinha recebido da mesma Mãe. «Assim o supposeram os anjos» nas palavras: *Quis est iste qui venit de Edom?* Edom e Adão é o mesmo: porque um e outro nome tem o mesmo significado. E diz a admiração dos anjos em figura de Edom que o Soberano Triumphador vinha de Adão; porque a gloria d'este triumpho, ou a parte mais gloriosa d'elle, toda pertencia á Virgem immaculada. O resto do genero humano remiu Christo não só do peccado de Adão, que é o original, senão dos peccados actuaes de todos e de cada um; porém a Virgem Maria que não teve peccado actual só a remiu e preservou do original de Adão; e porque de lá começou o triumpho, de lá veiu o triumphante: *Quis est iste qui*

venit de Edom? «Confirma-se com as palavras que se seguem:» *Ego qui loquor justitiam et propugnator sum ad salvandum.* A todos salvou Christo: mas só a sua Mãe propriamente como a defensor, *propugnator:* porque aos outros salvou livrando-os do peccado; porém a sua Mãe defendendo-a que o não incorresse. E essa é a distincção da justiça de que falla: *Ego qui loquor justitiam:* porque aos outros depois do peccado salvou-os, satisfazendo de justiça á lesa majestade do Pae; porém a Senhora preservando-a e defendendo-a do peccado, salvou-a satisfazendo tambem de justiça ás obrigações que como Filho devia a sua Mãe.

Como o seu sangue preservou a Mãe do peccado original, assim por intercessão da mesma Virgem immaculada nos preservará dos actuaes.

VII. Este foi o famosissimo triumpho de Jesus emquanto Redemptor, primeiro de sua Mãe e depois do mundo; tão admirado dos anjos pela gala do vestido e tão galhardo pelas gotas de sangue de que vinha matizado. «E este é o novo que segundo o proposito do meu assumpto tirei dos thesouros da Escriptura e da theologia em confirmação do soberano privilegio». Para os devotos da Conceição immaculada não nos fica mais que desejar nem que fazer, senão acompanhar com as vozes, affectos e jubilos do coração as admirações e applausos dos anjos e dar mil parabens e mil vivas a tal Filho e a tal Mãe. E posto que todos pela graça do baptismo estamos livres do peccado original; como ficamos sujeitos á corrupção e fraqueza que com elle herdamos, e ás tentações e perigos dos peccados actuaes; o que muito nos convem e de que muito necessitamos, é, que por meio da intercessão poderosissima da mesma Mãe nos valhamos da efficacia do mesmo sangue do Filho. Alleguemos a ambos, que a virtude d'aquelle preciosissimo sangue não só é remir e livrar dos peccados já commettidos, senão preservar anticipadamente d'elles; e digamos ao misericordiosissimo Redemptor o que tantas vezes repete a Egreja: *Cito anticipent nos misericordiae tuae:* que não só nos livre sua infinita misericordia dos peccados com que o temos offendido, mas se anticipe a nos preservar dos futuros para que nunca mais o offendamos.

O Sangue do cordeiro paschal figura d'este mysterio.

N'aquella noite fatal em que Deus tinha decretado matar os primogenitos do Egypto mandou aos filhos de Israel que anticipadamente sacrificassem um cordeiro e que com o sangue d'elle tingissem e rubricassem todas as portas de suas casas, para que o anjo a quem estava encommendada aquella execução, onde visse o sangue, passasse e deixasse livres os que estavam dentro; e onde o não visse entrasse e matasse a todos os primogenitos. Se as portas exteriores de nossa alma, que são os sentidos, e as interiores que são a nossa memoria, intendimento e vontade, estiverem signaladas com o caracter e

armadas com a protecção d'aquelle sangue tão anticipado distruidor do peccado, não só desconfiará o demonio de nos vencer, mas ainda terá medo de nos tentar. Assim livrou Deus aos filhos de Israel do captiveiro do Egypto por meio do sangue do cordeiro; e assim nos livrará do captiveiro do peccado por virtude do seu sangue o Cordeiro que tira os peccados do mundo, preservando-nos anticipadamente dos actuaes como preservou do original a Mãe de quem nasceu: *Maria de qua natus est Jesus.*

(Ed. ant. tom. 5.° pag. 158, ed. mod. tom. 5.° pag. 28).

III. SERMÃO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO **

**PRÉGADO NA EGREJA DA SENHORA DO DESTERRO
BAHIA, NO ANNO DE 1639**

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Este bello e ingenhoso sermão faz ver que a combinação das circumstancias de alguma festa é para um valente orador fonte de pensamentos nobres e originaes e para os ouvintes materia de instrucção tão agradavel como inesperada.

Maria de qua natus est Jesus.
MATTH. 1.

Difficuldade de conciliar a festa da Conceição com a do Desterro; e como se resolve.

Logar, pessoa e tempo são aquellas tres circumstancias geraes com que todo orador se deve medir, se não quer faltar, nem exceder as leis d'esta nobilissima arte, que na natureza racional é a primogenita. Assim o desejei fazer hoje. E posto que a pessoa, ou pessoas, se concordam facilmente com o logar e com o tempo; o tempo e o logar entre si não parece que tem possivel accommodação. As pessoas são as que se nomeiam nas palavras que propuz, Jesus, Maria: o logar é esta nossa Egreja da Senhora do Desterro; e o tempo é o dia de sua purissima Conceição. As pessoas se concordam facilmente com o logar do Desterro, porque a Mãe e o Filho ambos foram desterrados; e com a mesma propriedade se concordam tambem com o dia da Conceição, porque a Mãe foi concebida sem peccado original, e o Filho que a remiu, a preservou d'elle: mas o desterro e a Conceição são dous extremos tão remotos e tão distantes, que muito menor distancia é a de Nazareth onde a Senhora foi concebida, ao Egypto para onde foi desterrada. Na consideração d'esta grande difficuldade, quasi estive deliberado a me deixar vencer d'ella: não me faltando exemplos muitó auctorizados dos que não só com perdão, mas com applauso, sem sair do logar, o deixam «no sermão», reputando esta circumstancia ou por superflua e alheia do mysterio, ou por menos necessaria aos ouvintes. Mas

porque os que veem de tão longe a este deserto, trazidos só da nova devoção de Nossa Senhora do Desterro, se não ouvem fallar do mesmo Desterro em qualquer dia que seja, tornam desconsolados; para satisfazer á piedade do seu affecto, e lhes compensar gostosamente o trabalho das passadas, não pude deixar de insistir outra vez no intento começado. Invocando, pois, o favor da Sanctissima Virgem, debaixo de ambos os nomes, e tornando a considerar com maiores impulsos, se entre o mysterio da sua Conceição e o do seu Desterro podia descobrir alguma razão de correspondencia; a que se me offereceu foi tão alta, tão propria, tão cabal, que ella será a materia do sermão e o emprego de todo o meu discurso. Para que eu possa dizer qual é, e provar o que disser de tal modo que fique persuadido, peçamos á mesma Esposa do Espirito Sancto, que como Senhora do Desterro, e Senhora da Conceição nos assista com sua graça. *Ave Maria.*

O Desterro da Senhora foi o desempenho da sua Conceição.

II. Depois que propuz a materia d'este sermão, e sem a declarar encareci tanto a alteza e propriedade d'ella, razão tenho para me parecer que estou vendo a todos os que me ouvem, tão suspensos, como alvoroçados no desejo e curiosidade de saber qual seja. E bem creio que a nenhum tenha vindo ao pensamento qual possa ser a correspondencia entre dous mysterios tão diversos, e em todas as suas circumstancias tão encontrados. A Conceição se obrou no primeiro instante da vida da Senhora, o Desterro na edade em que já era Mãe: a Conceição em Galiléa, terra de fieis; o Desterro no Egypto, região de gentios: a Conceição a livrou do peccado original; e o Desterro a sujeitou a todos os trabalhos de que foi causa o mesmo peccado. Como se podem logo corresponder e com grande propriedade dous mysterios tão oppostos? Já o digo em duas palavras, para depois o demonstrar em muitas. Digo que os mysterios do Desterro e Conceição da Mãe de Deus, se correspondem não só altissima, mas tambem propriissimamente; porque o Desterro da Senhora foi o desempenho da sua Conceição: e foi o desempenho da sua Conceição; porque tudo o que deveu a seu Filho na Conceição, lhe pagou no seu Desterro. Dae-me agora attenção.

O beneficio da divina maternidade é fundamento do da Conceição immaculada.

«Os dous maiores e mais excellentes beneficios» de que a Mãe de Deus é devedora a seu Filho «são» a dignidade de a fazer sua Mãe e o privilegio de ser concebida sem peccado. Ambos foram beneficios singulares, que nem se concederam nem se hão de conceder a outrem: *Nec similem visa est nec habere sequentem.* «Mas entre o beneficio da dignidade e o do privilegio ha esta differença, que o primeiro é fundamento do secundo: no primeiro lançou a Divina Sabedoria os alicerces da casa que ha-

via de habitar: no secundo levantou o edificio qual se convinha á sua divindade; e porque o privilegio foi o primeiro effeito da dignidade, por isso é a sua maior manifestação.» Não tenho menos legitima prova nem menos qualificado auctor d'esta que póde parecer duvidosa supposição, que a mesma Mãe que concebeu o Filho e foi concebida em sua graça. Concluido o mysterio da Incarnação do Verbo e despedido o anjo embaixador, partiu logo a Virgem, já Mãe de Deus a visitar Sancta Isabel, a qual a recebeu, não nos braços, como faz crer ao vulgo a phantasia dos pintores; mas prostrada a seus sacratissimos pés, como se deve ter por certo; e as palavras que disse foram estas: *Unde hoc mihi, ut veniat Mater Domini mei ad me?* De d'onde a mim tanto bem, que veja eu em minha casa a Mãe do meu Senhor? Assim fallou a mãe que havia seis mezes o era do Baptista, informada já por espirito prophetico da fé do mysterio e confirmando o que dizia com os saltos e alvoroços do maior dos prophetas, que tinha em suas entranhas. Mas que responderia a tudo isto a Virgem Maria? *Magnificat anima mea Dominum et exultavit spiritus meus in Deo salutari meo:* a minha alma louva e glorifica ao Senhor e o meu espirito (que é a parte superior da mesma alma) se alegrou em Deus meu Redemptor. Notae e reparae muito n'estas ultimas palavras. *Em Deus meu redemptor* diz, e não *em Deus meu Filho*. Pois se o parabem que dá Isabel á Senhora é de ser Mãe de Deus: *Ut veniat Mater Domini mei ad me;* porque não diz que se alegrou seu espirito em Deus seu Filho, senão em Deus seu Redemptor? «Porque a maior manifestação da sua dignidade era a sua particular redempção. Esta é a energia d'aquellas palavras *Salutari meo:* não diz *Salutari nostro*, nosso Redemptor: senão *Salutari meo:* meu Redemptor particular, porque o era d'ella e não de outros no privilegio da sua immaculada Conceição. Assim commenta as mesmas palavras o doutissimo Cornelio a Lapide»: a immunidade com que o Filho a preservou em quanto Redemptor «é prova da» dignidade a que a sublimou em quanto Filho.

Luc. 1

III. Assentada a verdade d'esta gloriosa supposição, segue-se agora ver como a Senhora podia satisfazer a esta grandissima divida e como com effeito se desempenhou d'ella e a pagou. Para intelligencia d'este poncto, que é o fundamento do nosso discurso, hão de saber os que ainda o não teem advertido que n'este mundo não houve um só Herodes, senão dous; e o primeiro «fez muito maior mal» que o segundo. Este segundo foi o que reinava em Jerusalem quando Christo nasceu: o primeiro foi o que deu occasião a que o mesmo Christo nascesse e Deus

Assim como Christo livrou a sua mãe do peccado de Adão assim foi livrado por ella da espada de Herodes.

se fizesse homem; o qual se chamou Adão. «Digo que Adão fez muito maior mal» que Herodes: porque Herodes matou os innocentes de dous annos para baixo, e Adão mata a todos seus descendentes no mesmo instante em que são concebidos. Os que matou Herodes fel-os martyres: os que mata Adão fal-os peccadores. E como Christo na Conceição de sua Mãe a livrou da morte em que como filha de Adão havia de ser concebida e a mesma Mãe desterrando-se livrou ao mesmo Christo da morte em que, como innocente de Belem, havia de padecer a mãos de Herodes; esta foi a egual correspondencia e o beneficio e preço tambem egual com que a Senhora por meio de seu desterro pagou ao Filho tudo o que lhe devia na Conceição: e por este modo, assim como o Filho foi especial Redemptor da Mãe, porque a livrou da morte a que estava sentenciada por haver de nascer de Adão, assim a Mãe foi especial Redemptora do Filho, porque o livrou da morte a que estava sentenciado por ter nascido em Belem.

Preservou a Mãe e foi preservado por ella.

Ninguem ignora que Christo Senhor nosso é Redemptor universal de todos os homens, porque a todos remiu do captiveiro e da morte a que ficamos sujeitos por filhos de Adão; e se a Virgem sanctissima tambem é filha de Adão, em que consistiu a especialidade com que seu Filho a remiu a ella, e não aos demais? Consistiu em que aos demais remiu-os do captiveiro depois de captivos, e da morte depois de mortos: porém a sua Mãe antes de morta nem captiva, a remiu antecipadamente para que o não fosse. E tal foi o nobilissimo modo de redempção com que a mesma Mãe remiu tambem a seu Filho: porque o remiu das mãos de Herodes, antes de cair n'ellas, e da morte que lhe queria dar antes que lh'a désse: *Futurum est enim ut Herodes quaerat puerum ad perdendum eum.*

Assim foi remido David da espada do gigante.

E que este modo de livrar antecipadamente da morte seja verdadeiro remir, ouvi a prova que em materia tão debatida por ventura nunca ouvistes; nem se póde desejar mais adequada. Depois da famosa victoria contra o gigante, David, que não só era valente, mas poeta e musico, compoz e cantou a Deus em acção de graças um psalmo, no qual diz com termos exquisitos, não que o Senhor o livrára, mas que o remira da espada maligna: *Redemisti servum tuum de gladio maligno.* Por ventura o gigante matou, feriu ou tocou a David com a sua espada? Tão longe esteve d'isso, que nem a tirou da bainha. Pois se a espada do Golias não partiu a David desde a cabeça até os peitos, como costumam ser os golpes dos gigantes; se lhe não despedaçou membro por membro o corpo em tão miudos retalhos que os désse a comer, como elle dizia, ás aves; e finalmente se não chegou

a executar em David nenhuma d'aquellas furias e crueldades, pelas quaes lhe chamou espada maligna; porque diz que Deus o remiu d'ella? Porque para Deus remir a David das mãos e da espada do gigante, não era necessario que David caisse nas suas mãos, nem que elle o ferisse com a espada. Antes por isso o remiu com redempção mais nobre e mais perfeita, porque antes de poder lançar mão á espada, já estava livre da sua espada e das suas mãos e vencedor do mesmo gigante. Se Deus depois de ferido David o sarára, ou depois de morto o resuscitara, sería um modo de o livrar muito milagroso; mas não sería o mais nobre. nem o mais honrado, assim para Deus, como para David: mas porque Deus o preservou da morte e das feridas, e do menor toque da espada do gigante, não lhe permittindo que a arrancasse contra elle, por isso diz não simplesmente que o livrou, se não propria e nomeadamente que o remiu: *Redemisti servum tuum:* porque este modo anticipado não só é o mais nobre e o mais perfeito, senão o nobilissimo e perfeitissimo de remir.

Os dous gigantes e os dous filhos de David.

Este foi o successo da batalha de David. Mudemos agora a campanha. Temos n'ella não um gigante, senão dous gigantes, nem um David, senão dous filhos de David. Os dous gigantes são o peccado original e Herodes. Os dous filhos de David são Maria e Jesus. Ambos os gigantes estão poderosamente armados e ambos com espadas, que por isso se chamam malignas, porque a ninguem perdoam, a todos matam. A espada do original mata a alma, a espada de Herodes mata o corpo: e entre o perigo quasi inevitavel d'estas duas mortes se empenharam reciprocamente a Mãe e o Filho: o Filho a remir antecipadamente a Mãe da espada do original e a Mãe a remir tambem antecipadamente o Filho da espada de Herodes. Difficultoso empenho por certo, mas venturosamente executado; porque matando e manchando a espada do original o todos os filhos de Adão, só Maria ficou isenta do golpe e da mancha; e matando a espada de Herodes a todos os innocentes de Belém, só de Jesus sabemos que escapou d'ella livre e viva! Vêde agora se se correspondem bem o mysterio da Conceição com o do Desterro. O Filho na Conceição Redemptor da Mãe, porque a remiu da espada do original: a Mãe no desterro redemptora do Filho, porque o remiu da espada de Herodes: o filho na Conceição empenhando a Mãe na maior divida: a Mãe no Desterro desempenhando-se d'ella, e pagando-a não só com egual, mas com maior preço.

Difficuldades. 1.º A mãe salvou ao Filho

IV. Bem estou vendo que tambem o meu discurso se tem empenhado e individado com os doutos em algumas supposi-

a vida corporal mas o Filho á mãe a espiritual. Responde-se.

ções que elle foi involvendo na paridade que sigo entre um e outro mysterio; mas respondendo como agora farei á difficuldade de todos, d'ellas ficará mais provado e manifesto quão adequadamente pagou a Mãe no seu Desterro o que devia ao Filho na sua Conceição. Primeiramente a vida de que priva o peccado original, como dissemos, é a vida da alma; e a vida de que Herodes privou aos innocentes e quiz tambem tirar a Christo, era a vida do corpo: logo se eu digo que a Senhora pagou com uma vida a divida da outra, parece que a paga de nenhum modo póde ser egual á divida; porque a vida da Mãe que o Filho preservou e remiu na Conceição, foi a vida espiritual; e a vida do Filho que a Mãe preservou e remiu no Desterro é a vida corporal; e a vida espiritual é tanto mais nobre e de tanto maior preço que a corporal, quanto vai da alma ao corpo. Absolutamente e fallando de sujeitos eguaes, assim é; que a vida espiritual é muito mais nobre e de muito mais excellente valor que a vida corporal: mas no nosso caso a vida corporal, que a Senhora remiu e salvou das mãos de Herodes, foi a vida corporal de Christo; a qual vida, posto que corporal, por ser vida de Deus, excede infinitamente a vida espiritual não só da mesma Virgem Maria, senão de todas as puras creaturas possiveis.

Argumento tirado do premio eterno que se dará ás obras de misericordia corporal.

Notavel cousa é que no dia de juiso e havendo de dar Christo Senhor nosso a bemaventurança em premio das obras de misericordia, faça porticular menção das corporaes: Vinde bemdictos de meu Pae a gozar a gloria do céu: porque tive fome e me déstes de comer, tive séde e me déstes de beber: *Esurivi enim et dedistis mihi manducare, sitivi et dedistis mihi bibere.* É certo que o premio deve ser proporcionado ao merecimento: o premio da bemaventurança que consiste na vista clara de Deus, é espiritual e eterno; o merecimento que consiste na esmola com que se dá de comer e beber ao pobre, é corporal e temporal no effeito, porque a vida do pobre que com ella se sustenta, tambem é corporal e temporal. Que proporção tem logo ou a esmola que se dá ao pobre ou a vida do pobre que se sustenta com a esmola, para Deus a pagar com a bemaventurança? Não ha duvida que absolutamente fallando não tem alguma proporção. Mas vêde o que diz o Senhor. Não diz: Porque déstes de comer e beber ao pobre; senão, porque me déstes de comer e beber a mim: *Dedistis mihi manducare et dedistis mihi bibere*; e como a vida corporal e temporal, que se sustenta e conserva no pobre por privilegio e excesso da divina misericordia passa a ser vida de Christo, essa vida de Christo sustentada pela esmola, posto que seja vida corporal e temporal, não só é egual no preço á

vida espiritual e eterna da bemaventurança, mas como vida de Deus a excede infinitamente. O mesmo digo e muito mais e melhor no nosso caso; porque a vida corporal do pobre, que sustentou a esmola, era vida de Christo só por acceitação e previlegio; porém a vida corporal que a Senhora conservou e salvou era propria, natural e realmente vida do Filho de Deus e seu. E como a Soberana Virgem com a antecipada preservação d'esta vida corporal de seu Filho pagou a preservação tambem antecipada da vida espiritual sua, d'aqui se segue que a paga com que satisfez por meio do seu Desterro á divida que que contrahiu na Conceição, não só foi egual á mesma divida, mas a excedeu milhares e milhares de vezes e com excesso de preço que nem o mesmo Deus o póde reduzir a numero, porque foi infinitamente maior.

Maria pagou no Desterro a sua divida com preço infinito.

Competiu a Senhora n'esta satisfação com seu Filho, não só em lhe pagar antecipadamente a graça recebida na Conceição, que foi de preço, posto que singular, finito; mas pagando-lhe o preço da mesma graça, que verdadeiramente foi infinito, porque foi o sangue derramado na cruz com que especialmente a remiu. Como se dissera a Senhora: Vós, meu Filho, para me remir do peccado original comprastes-me aquella graça com o preço infinito de vosso sangue e de vossa morte: pois eu hei-vos de pagar esta fineza com preço tambem infinito que é o de vosso mesmo sangue, que quiz derramar Herodes e da vossa mesma vida que eu vos livrei e salvei da tyrannia de suas mãos. Vós déstes o preço, e eu guardei-o, que não foi menos que darvol-o; porque se eu o não guardara, não o podereis vos dar quando o déstes. E tão infinito foi quando o destes por mim na minha Conceição, como quando eu vol-o guardei com o meu Desterro. E como a mesma vida de Deus foi a que a Senhora remiu e salvou das mãos de Herodes por meio de seu Desterro; bem provado e demostrado fica que a divida contrahida da Conceição, em que seu Filho a remiu do peccado, não só a pagou a Mãe superabundantemente quanto ao beneficio da graça recebida; mas tambem infinitamente quanto ao preço d'ella, pois o preço foi a vida do mesmo Christo; agora remida para depois ser redemptora.

2.º O filho morreu e a mãe só foi desterrada.

V. A segunda difficuldade que repugna ou a segunda repugnancia que difficulta ser a paga da Mãe no Desterro egual á divida do Filho na Conceição, parece tão manifesta e palpavel que se vê com os olhos e se toca com as mãos, porque Christo remiu a Mãe do peccado original, morrendo na cruz por ella e a Senhora remiu e salvou a seu Filho da espada de Herodes, não morrendo, senão desterrando-se sómente. Logo tanto faltou

á paga para ser egual á divida, quanto ao Desterro para ser morte. Concedo que assim é: mas digo «que se a Escriptura chama morte o desterro dos filhos de Israel em Babylonia muito mais se deve chamar morte o desterro de Maria no Egypto. Estae commigo.»

Responde-se. O campo de Ezechiel c. 37 prova o que é desterro.

Levou Deus ao propheta Ezechiel a um campo coberto todo de ossos mirrados e seccos; e era o campo tão grande, que não chegando a esphera dos olhos aonde sua largueza se extendia, foi necessario que o mesmo Deus lh'o fosse mostrando por partes: *Et circumduxit me per ea in gyro: erant autem multa valde.* Sabes, Ezechiel, diz o Senhor para que te mostrei esta multidão de ossos? É para que lhes prégues como prégador e lhes annuncies como propheta, dizendo ou bradando a todos d'esta maneira: *Ossa arida, audite verbum Domini. Haec dicit Dominus Deus ossibus his: Ecce ego intromittam in vos spiritum et vivetis:* Ossos seccos, ouvi a palavra de Deus: a todos estes ossos me manda dizer Deus que lhe ha de introduzir outra vez o espirito e que todos hão de viver. Prégado isto em geral, não pouco admirado Ezechiel do que dizia e não intendia, passou a referir em particular o que Deus parte por parte lhe tinha ordenado; e ao compasso das palavras se ia seguindo subitamente com maior admiração o effeito d'ellas. A primeira cousa que se viu e ouviu n'aquelle immenso auditorio foi um grande reboliço, movendo-se todos os ossos e indo cada um buscar a junctura dos outros do mesmo corpo: depois de junctos appareceram os nervos que os ataram: depois de atados seguiu-se a carne que os encheu; e depois de cheios extendeu-se por cima a pelle que os vestiu. Mas posto que as estatuas dos corpos, por fóra formados em todos os membros e por dentro organizadas com tudo o que pedia a harmonia de cada qual, estavam perfeitas, ellas comtudo, como verdadeiramente mortas e insensiveis, de nenhum modo se moviam. Então disse Deus ao propheta, que de todas as quatro partes do mundo chamasse o espirito, para que se introduzisse e animasse aquelles cadaveres; e no mesmo tempo em que o espirito se introduzia n'elles, todos se ergueram vivos e se pozeram em pé fazendo um exercito innumeravel: *Et ingressus est in ea spiritus et vixerunt; steteruntque super pedes suos exercitus grandis nimis valde.* Isto é o que viu Ezechiel, não sabendo se o que significava aquella extraordinaria visão era cousa passada ou futura; e verdadeiramente ainda era mais: porque continha o passado, o futuro e tambem o presente. Emfim, depois de todo aquelle apparato de circumstancias tão varias e portentosas, declarou Deus a Ezechiel o que significavam e disse: *Haec ossa*

universa domus Israel est: estes ossos são todos os filhos de Israel que hoje estão desterrados em Babylonia e comtigo. Admiravel caso; e se o mesmo Deus o não dissera, incrivel! Os filhos de Israel em Babylonia estavam vivos. Pois se estavam vivos, como os representa Deus ao propheta em ossos descarnados e seccos? Se estavam vivos, como ainda depois de vestidos de carne e pelle lhes chama o mesmo Deus mortos? Os mesmos homens mortos e vivos junctamente? Sim: porque n'aquelle tempo e n'aquelle logar, todos os filhos de Israel estavam desterrados; e o desterro e a morte, posto que aos olhos humanos pareçam cousas diversas, no juizo e estimação de Deus são a mesma cousa: «o desterro é a morte civil. D'onde se deve concluir que» se o desterrar-se da patria é morrer, o viver no desterro é enterrar-se. Por isso o Oraculo divino uma vez lhes chamou cadaveres e outra vez ossos seccos: cadaveres, como mortos; e ossos seccos como sepultados. Não é commento meu, ou de algum expositor humano, senão declaração do mesmo Deus, fallando com os mesmos desterrados: *Ecce ego aperiam tumulos vestros et educam vos de sepulchris vestris, populus meus, et inducam vos in terram Israel*: consolae-vos, povo meu, filhos de Israel (diz Deus); porque ainda que n'este desterro de Babylonia estais mortos e sepultados, eu abrirei os vossos tumulos e vos desenterrarei das vossas sepulturas e vos restituirei á vossa patria resuscitados e vivos! De maneira que por testimunho irrefragavel e oraculo infallivel da Suprema Verdade o perder a patria é morte, o viver no desterro é sepultura e o tornar para a patria resurreição. «E se isto se deve dizer dos filhos de Israel desterrados a Babylonia, que se dirá da Virgem Mãe de Deus desterrada ao Egypto e desterrada porque Herodes lhe queria matar o Filho? Que dôr não sentiria uma mãe e tal mãe vendo-se obrigada a salvar com tão penoso desterro o Fructo bemdictissimo do seu ventre virginal? Eis aqui verificada, devia ella dizer, a prophecia de Simeão. É assim que desde já está posto o meu Filho para alvo de contradicção! Bem reconheço a espada prophetica, destinada a traspassar a minha alma! que transe tão cruel para o meu coração! Por certo que sendo a dôr da offensa que se fazia a seu Filho proporcionado ao seu amor; como este era immenso, lhe teria dado a morte se um milagre da Providencia a não tivesse guardado para outros soffrimentos». Ninguem argua logo nem se atreva a affirmar, que na circumstancia de morrer não foi a paga da Senhora egual á divida: «não foi ella que faltou á morte, foi a morte que lhe faltou a ella; e que se lhe trocou pelo penoso desterro de septe annos que viveu no Egypto como morta e sepultada, até que Deus a

resuscitou restituindo-a á patria com o seu divino Filho, e verificando n'ella» o que dissera aos desterrados de Babylonia: *Aperiam tumulos vestros et educam vos de sepulchris vestris.*

3.º O Filho na morte não teve companhia e a Mãe no desterro teve a companhia do Filho.

VI, Parece-me que ninguem haverá tão incredulo que depois de ouvir o que até os ossos seccos ouviram, duvide a egualdade da correspondencia com que a Mãe livrando ao Filho da morte por meio do seu desterro, pagou o que devia ao mesmo Filho em a preservar e livrar por meio tambem da morte na sua Conceição. Mas d'esta mesma egualdade assim provada e concedida, resulta outra nova objecção, a que podemos chamar a terceira difficuldade; e parece que tem muito difficultosa resposta. Quando o Filho morreu na cruz para salvar e livrar a Mãe do peccado original, morreu elle só e a Mãe não: quando a mesma Mãe se desterrou ao Egypto para salvar e livrar o Filho da tyrannia de Herodes, não só se desterrou a Mãe senão tambem o Filho: logo em um e outro modo de salvar houve grande differença; porque o preço da cruz foi á custa do Filho e não da Mãe; e o preço do desterro não só foi á custa da Mãe senão da Mãe e junctamente do Filho.

Responde-se á primeira parte.

Assim parece; mas não foi assim, «nem quanto á cruz, nem quanto ao desterro. Bem podia Christo remir o genero humano sem cooperação de Maria; mas porque não quiz, por isso determinou que a Mãe o acompanhasse nos seus padecimentos até o Calvario; onde se viu que» estando ella em pé juncto á cruz, tudo o que padecia o Filho no corpo, padecia a Mãe na alma. E deixados os encarecimentos não só da conformidade reciproca, mas da identidade d'este parecer; o que não admitte duvida é a fé do que prophetizou Simeão: *Et tuam ipsius animam pertransibit gladius;* e se os fios da mesma espada trespassavam o coração de ambos, vêde se o preço da redempção se pagou só á custa do Filho! Por isso a theologia á bocca cheia não duvida conceder á Mãe o titulo de corredemptora.

E á segunda.

«E quanto ao desterro notae que se se desterraram ambos foi para a Mãe salvar a vida do Filho e não para o Filho salvar a vida da Mãe: por isso a companhia do Filho não diminúi, antes accrescenta o beneficio da Mãe; porque separado do seu collo acharia maior desterro ficando na Palestina que fugindo para o Egypto.» A terra e a patria «mais verdadeira» do Filho de Deus e da Virgem é a mesma Virgem de quem nasceu. Haverá quem nos diga e prove isto? Sim e não menos que o pae e avó de ambos, David: *Benedixisti Domine terram tuam.* Vós, Senhor (diz David fallando com Deus) fizestes bemdicta a vossa terra. Toda esta terra em que vivemos é de Deus; mas depois do peccado de Adão não é terra bemdicta senão maldicta: *Maledicta terra in*

opere tuo. Que terra é logo esta bemdicta a quem David chama terra de Deus? É aquella a quem disse o anjo: *Benedicta tu in mulieribus;* e a quem disse Isabel: *Benedicta tu inter mulieres et benedictus fructus ventris tui.* E por que razão a bemdicta entre todas as mulheres, que é a Virgem Maria, se chama Terra de Deus, *Terram tuam?* Porque depois que Deus nasceu n'ella e d'ella, ella é a sua terra e a sua patria. *Terram tuam idest Beatam Virginem;* diz Hugo de Sancto Claro; «e concorda com a paraphrase que deu Isaias: *Aperiatur terra et germinet salvatorem*: a qual os padres e doutores da Egreja intendem commummente do ventre virginal de Maria.» E como a bemdicta e bemdictissima Virgem era a terra e patria «mais verdadeira» de seu Filho, n'esta jornada do Egypto «não se achou o Filho totalmente desterrado» porque levava a sua terra comsigo ou a sua terra o levava a elle: *Benedixisti Domine terram tuam, aperiatur terra et germinet salvatorem.*

Luc. 1.

Isai. 45. Vide Corn. a Lap.

VII. Respondido por este modo a difficuldade e não só satisfeitas e desfeitas as objecções, mas convertidas todas em vantagens, bem provada parece que fica a verdade do nosso assumpto, e quão comprida e superabundantemente pagou a Virgem Senhora nossa por meio do seu desterro as finezas que devia ao Filho no singular privilegio da sua purissima Conceição. E se dermos um passo adeante sobre este mesmo fundamento, com verdade não menos evidente podemos inferir, que não só ficou a divida de que era acredor o Filho, paga e satisfeita, mas o mesmo Filho novamente endividado e dobradamente devedor á Mãe. Com elegante apostrophe disse S. Methodio á Virgem Maria, que devendo todos a Deus tudo quanto teem, só ella tem sempre por devedor ao mesmo Deus. A razão natural d'este dicto é fundada n'aquella certa philosophia com que disse Aristoteles, que aos paes ninguem póde pagar o que deve; porque lhe devemos o ser e a vida. E d'aqui se segue, que pelo beneficio e effeito do Desterro sobre o da Incarnação, ficou o Filho de Deus e da Virgem duas vezes obrigado á sua Mãe, e dobradamente devedor seu, como dizia; porque o ser e a vida que uma vez lhe tinha dado pela Incarnação; livrando-o por meio do seu desterro das mãos de Herodes, lh'a tornou a dar outra vez, como se outra vez o gerara.

A Virgem pagou ao Filho no desterro mais do que devia. S. Methodio.

Prove o Pae o que dizemos da Mãe. Fallando o Eterno Padre com o mesmo Filho seu e da Virgem no psalmo segundo, diz que é seu Filho e que o gerou hoje: *Filius meus es tu, ego hodie genui te.* A palavra Hoje significa dia determinado; e não ha duvida que falla do dia da Incarnação; porque o mesmo Verbo que o Padre tinha gerado *ab eterno* em quanto Deus, n'a-

Prova tirada das tres gerações paternas: a eterna, a da incarnação e a da resurreição.

quelle dia o gerou temporalmente em quanto homem. E isto se confirma claramente de tudo o que o mesmo Padre continúa a dizer no mesmo psalmo. Mas não pára aqui a significação da mesma palavra Hoje; porque Sancto Ambrosio, Sancto Hilario, S. João Chrysostomo e outros graves expositores, dizem que não só significa determinadamente o dia da Incarnação, senão tambem o da Resurreição. Tem por si o texto do Apostolo S. Paulo, o qual, depois de referir as mesmas palavras; *Ego hodie genui te*, acrescenta, que quando Deus tornou a introduzir o seu Filho no mundo, mandou a todos os anjos que o adorassem: *Cum iterum introducit primogenitum in orbem terrae dicit: Et adorent eum omnes angeli ejus*. De sorte que duas vezes introduziu o Eterno Padre a seu Filho n'este mundo. a primeira vez no dia da Incarnação; em que lhe deu o ser e vida de homem; e outra vez no dia da Resurreição, em que depois de morto lhe tornou a dar o mesmo ser e a mesma vida E em ambos e cada um d'estes dous dias diz o mesmo Padre que gerou a seu Filho: *Ego hodie genui te*: porque o livrou da morte no dia da Resurreição, foi como se outra vez o gerára. Isto é o que o Padre diz de si; e isto mesmo o que eu digo da Mãe. O Pae quando livrou a seu Filho da morte por meio da Resurreição diz que o gerou outra vez; e se o Padre gerou outra vez ao Filho quando o livrou da morte por meio da Resurreição; quem negará que tambem a Mãe gerou outra vez ao mesmo Filho, quando o livrou da morte por meio do seu Desterro? Não ha duvida que assim o Pae, como a Mãe, geraram segunda vez ao mesmo Filho; porém a Mãe com maior propriedade e maior vantagem; porque não só o livrou como Mãe; mas como Mãe anticipadamente preservada do original pelo mesmo Filho. O Pae livrou-o da morte depois de morto e a Mãe livrou-o anticipadamente para que não morresse. Assim havia de ser para que a paga do Desterro se ajustasse em tudo á divida da Conceição.

Christo dobradamente devedor da vida á Virgem: na incarnação e no desterro.

Logo não só Christo ficou pago, senão devedor, como eu inferia, e dobradamente devedor. Uma vez devedor do ser e da vida, que lhe deu a Mãe pela Incarnação; e outra vez devedor da mesma vida que lhe salvou e remiu pelo Desterro. S. Bernardo considerando que Deus o creou e que Deus o remiu confessa que duas vezes se deve a si mesmo e duas vezes todo a Deus: *Si solum me debeo pro me facto, quid addam jam pro me refecto?* E já o tinha dicto antes Sancto Ambrosio convencido da mesma consideração com que tambem nos convence: *Servus es qui creatus es, servus es qui redemptus es: et quasi I omino servitutem debes et quasi Redemptori*. Creado e remido por Deus, sois de Deus, porque vos creou, e sois de Deus porque vos remiu: e por

Bern. tract. de dilig. Deo Ambr. lib. de Isaac c. 3.

estes dous titulos vos deveis duas vezes a Deus, uma vez como a Creador e outra como a Redemptor. Ó Virgem gloriossima do Desterro, sempre gloriosa acredora do vosso Filho, mas dobradamente quando desterrada. Tudo o que os homens somos obrigados a confessar a Deus, é obrigado o mesmo Deus a confessar que vos deve a vós: na Incarnação devedor vosso, porque o creastes; no Desterro outra vez devedor vosso, porque o remistes; na Incarnação Mãe do Creador; no desterro Redemptora do Redemptor.

Salvando a Virgem a seu Filho no desterro endividou tambem a todo o genero humano.

VIII. Assim endividou a Mãe de Deus a seu Filho, quando lhe pagou com o Desterro o que lhe devia na Conceição. Mas não só o endividou a elle, senão tambem a todos nós. E porque? Porque quando por meio do seu Desterro foi Redemptora do Redemptor, foi tambem Redemptora de todo o genero humano. Funda-se esta proposição em uma theologia certa, que melhor que todos declarou S. Pedro Chrisostomo: *Christus totam causam nostrae salutis occiderat, si se parvulum permisisset occidi.* Que se Christo morrêra n'esta edade em que Herodes o queria matar, junctamente pereceria a redempção do mundo e a salvação do genero humano. Assim é, ou assim seria; porque ainda que a morte do Filho de Deus em qualquer tempo e em qualquer edade, era preço mais que abundantissimo para a redempção do genero humano: comtudo como a Sanctissima Trindade tinha decretado de não acceitar em seu resgate senão a morte da cruz, e tudo o mais que o Senhor padeceu; sendo os decretos de Deus immudaveis, qualquer d'estas condicções que faltasse, ficava a redempção do mundo frustrada. E que fez a Virgem Maria por meio do seu Desterro? No effeito salvou a vida do Filho e na causa salvou a de todos: no effeito salvou o Redemptor e na causa salvou a redempção, a qual pereceria se elle então morresse: *Totam causam nostrae salutis occiderat.* D'onde se segue que assim como o Filho lhe deveu a sua redempção, assim nós lhe devemos a nossa; e assim como pelo seu desterro foi a Senhora redemptora do Redemptor, assim pelo mesmo acto foi redemptora tambem de todo o genero humano.

Por isso José filho de Jacob foi salvador não só do Egypto, senão de todo o mundo.

No mesmo Egypto para onde a Senhora foi desterrada temos a prova. Quando José declarou a el-rei Pharaó o mysterio dos sonhos, e não só ensinou, mas executou o remedio com que nos septe annos da fartura se havia de fazer a prevenção para os outros septe da fome, mudou-lhe o mesmo Pharaó o nome; e mandou que d'alli por deante fosse chamado na lingua egypciaca Salvador do mundo. Não reparo na mudança do nome; mas na grandeza d'elle sim; porque ainda que a acção e industria o merecia grande, parece que não se extendia tanto. Se li-

vrou da fome ao Egypto, chame-se Salvador do Egypto; mas Salvador do mundo todo porque? A Escriptura o declarou logo; e é a razão tão cabal como admiravel ao nosso proposito: *Omnes provinciae veniebant ad Egyptum ut emerent escas et malum inopiae temperarent.* Foi a fome tão universal em todo o mundo, que todas as provincias vinham ao Egypto buscar o remedio da vida; e como a prevenção de José, não só proveu do mantimento ao Egypto, senão a todas as provincias do mundo; por isso com muita razão se chama não só Salvador do Egypto senão do mundo todo. Em quanto livrou da fome ao Egypto, Salvador do Egypto; e em quanto o Egypto livrou da fome ao mundo, Salvador do mundo. É tão semelhante a consequencia de caso a caso que quasi não tem necessidade de applicação. Em quanto a Virgem por meio do seu Desterro salvou a vida ao Salvador, foi salvadora do Salvador: mas em quanto da vida do mesmo Salvador n'aquella edade dependia como de causa o salvar-se ou não o genero humano; não só foi salvadora do Salvador, senão salvadora tambem de todo o genero humano. E assim como o Filho deveu ao seu desterro a vida, assim o genero humano, que somos nós, lhe devemos tambem, a salvação.

Pagaremos á Virgem este beneficio fazendo d'este mundo o nosso desterro.

IX. Supposto, pois, o conhecimento que para muitos será novo d'esta grande e universal mercê de que somos devedores á Senhora do Desterro resta por fim (para darmos bom e proveitoso fim ao sermão) saber o modo com que poderemos pagar, ou quando menos, agradecer uma divida que tão particularmente toca a cada um como a todos. E porque o melhor e mais agradavel obsequio que podemos fazer á Mãe de Deus e a melhor e mais verdadeira devoção com que podemos venerar seus sagrados mysterios é a imitação do que obrou n'elles; digo que o que devemos offerecer á Senhora desterrada em memoria de seu Desterro, é fazermos tambem d'este mundo o nosso Egypto e o nosso desterro e vivermos n'elle como desterrados. Até os gentios souberam dizer que para o homem de valor todo o mundo é patria: *Omne solum forti patria est*; e se ha nação para a qual todo o mundo seja patria, somos nós. Uns na Europa, outros na Africa, outros na Asia, outros n'esta America, emfim todos divididos nas quatro partes do mundo, como cidadãos do universo; para que nenhum portuguez cuide que basta para satisfazer á obrigação e devoção que digo, só com estar fóra e longe de Portugal; pois em qualquer parte do mundo está na sua patria. E como todo o mundo para nós é patria, como poderemos pagar á Senhora do Desterro, tambem com o nosso Desterro o beneficio e mercê tão grande que nos fez com o seu?

Ovid. l. I. ac Ponto.

Bello reparo de Hugo Victorino.

Respondo que sim, podemos, não já tendo o mundo todo por patria senão por desterro. Quem mais sabia e elegantemente que todos definiu e dividiu este poncto, foi o maior juizo do seu seculo, Hugo Victorino, o qual diz assim: *Delicatus ille est adhuc, cui patria dulcis est: fortis jam, cui omne solum patria est; perfectus cui mundus totus exilium est. Ille mundo amorem infixit, iste sparsit, hic extinxit.* Quer dizer: o hom·m mimoso e fraco só ama e tem por patria a terra em que nasceu: o forte e valoroso todo o mundo tem por patria: o perfeito e christão todo o mundo tem por desterro. Cada um d'estes tres applicaram variamente ao mundo o seu amor, o primeiro fixou-o, o segundo espalhou-o, o terceiro extinguiu-o. O primeiro fixou-o, porque o poz em um só logar que é a terra onde nasceu: o segundo espalhou-o, porque o extendeu a qualquer parte do mundo; o terceiro extinguiu-o, porque nem alguma parte, nem todo o mundo teve por patria, mas todo e qualquer parte d'elle reputou por desterro. Este é o perfeito e não estoico, mas heroico modo de viver o homem n'este mundo, sempre e em qualquer parte d'elle, como desterrado. E este é tambem o obsequio e correspondencia com que imitando a Senhora do Desterro, desterrada no Egypto, podemos, senão pagar, ao menos agradecer com o nosso desterro o inestimavel beneficio da salvação do genero humano que nos assegurou com o seu.

Só o céu é nossa verdadeira patria.

O' que venturosa romaria seria esta do Desterro hoje e que bem remunerados tornariamos d'este ermo, se todos levassemos uma firme resolução de viver d'aqui por deante, como desterrados, conhecendo com viva fé que tudo o que é terra, é desterro e só o céu nossa verdadeira patria! Ouçamos a S. Paulo, o qual arrebatado ao céu, foi o unico homem que viu a patria antes de ser morador d'ella: Nenhum de nós, elle diz, tem ou póde ter na terra cidade ou patria certa e permanente; porque todos imos caminhando para a futura, que é a patria do céu. E S. Basilio ameaçando-o com o desterro um governador do imperador Valente; Enganas-te, respondeu, se cuidas que me podes desterrar. Porque eu não reconheço outra patria, senão a do céu, e este logar onde agora estou, e qualquer outro d'este mundo, todos para mim são desterro.

Que mal intendida é esta verdade! Ajude-nos a Virgem do Desterro.

O' que mal intendida é a nossa vida, que mal intendidos os nossos cuidados e que mal intendida a nossa pouca fé e o nosso pouco intendimento! A terra que é um desterro cheio de tantos trabalhos, de tantas miserias, de tantas desgraças, de tantos desgostos, onde não ha um dia, nem uma hora isenta de afflicções e molestias, essa nos leva todo o amor e todos os pensamentos, como se fôra a verdadeira patria. E o céu que é a pa-

tria de todos os bens, de todas as felicidades, de todas as delicias, de toda a bemaventurança, onde não ha nem póde haver sombra de mal ou de pena, em vez de ser a nossa perpetua saudade e o nosso continuo cuidado, não só vivemos tão esquecidos d'ella e tão pouco desejosos, antes temerosos do dia em que havemos de ser chamados, como se fôra para o mais triste desterro. A Virgem desterrada, á cuja presença quando entrou no Egypto cairam todos os idolos, se sirva de desterrar dos nossos corações essa falsa e cega idolatria, com que o mundo nos traz enganados para que o adoremos; e com um raio de viva fé allumie a cegueira e ignorancia de nossos intendimentos, para que conheçamos que tudo o que é terra, é desterro, e só o céu para que fomos creados, a nossa verdadeira e bemaventurada patria. *Ad quam nos perducat Dominus Jesus.* Amen.

(Ed. ant. tomo 6.º pag. 261, ed. mod. tomo 9.º pag. 358.)

I. SERMÃO DO NASCIMENTO DA MÃE DE DEUS **

PRÉGADO EM ODIVELLAS, CONVENTO DE RELIGIOSAS
DO PATRIARCHA S. BERNARDO

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—O sermão tem duas partes; a primeira é encomiastica, e forma por si só um elegante e douto panegyrico; a segunda é moral, appropriada aos dous auditorios que estavam presentes, fóra e dentro da grade do mosteiro. Esta divisão faz com que o orador abata algum tanto o estylo, especialmente na segunda parte, mas com maior proveito dos ouvintes, como pede o fim dos panegyricos.

Maria de qua natus est Jesus.
MATTH. I.

No nascimento da Virgem cala o evangelho o tempo, o logar e os paes, e só faz menção do fim: porque? É o assumpto do sermão.

Se eu licitamente me podera queixar do evangelista, n'este dia me queixara, e cuido com razão. Cala n'elle o evangelista tres cousas não pequenas que devera dizer; e diz só uma, posto que grande, que «podera» calar. A obrigação dos historiadores nos nascimentos dos grandes personagens é dizer o logar onde nasceram, o tempo em que nasceram e os paes de que nasceram. E celebrando o mundo hoje o nascimento da maior pessoa, depois de Deus, que saiu á luz do mundo, o evangelho que canta e nos propõi a Egreja catholica nem do logar, nem do tempo, nem dos paes de que nasceu faz memoria ou menção alguma; e diz sómente que de Maria nasceu Jesus: *Maria de qua natus est Jesus*. É verdade que, anticipando os olhos ao futuro, a Soberana Princeza que hoje nasce, nasce para que d'ella haja de nascer Jesus. Mas se o evangelista cala o *quando*, se cala o *d'onde*, se cala o *de quem* nasceu, porque diz o *para que?* Bem mostra que a penna que isto escreveu foi governada pelo Espirito Sancto. Nos nascimentos humanos fazem grande caso os filhos de Adão da conjuncção do tempo em que nascem, prezam-se muito da grandeza da terra e patria onde nascem: estimam e estimam-se sobre tudo da nobreza, da geração e paes de quem nascem. Mas quando nasce a que o Espirito Sancto preveniu com a graça original para Esposa sua, não quer o mesmo Espirito Sancto

que se diga que nasceu na sexta edade do mundo, e ao quarto anno da Olympiada cento e noventa, nem que nasceu na cidade de Nazareth, chamada por antonomasia Flôr da Galiléa, nem que nasceu de Ioaquim e Anna, nos quaes se uniu desde Abrahão e David por legitima e continuada discendencia o sangue de todos os Patriarchas e reis: e só manda escrever que nasce A de quem nasceu Jesus. Porque? Porque só quando se sabe o para que nasceu cada um, se póde fazer verdadeiro juizo do seu nascimento. Quereis saber quão feliz, quão alto é, e quão digno de ser festejado o nascimento de Maria? Vêde o para que nasceu. Nasceu para que d'ella nascesse Deus: *De qua natus est Jesus*: e quando se publica e se sabe o felicissimo e altissimo fim para que nasceu, então se solemniza e festeja com razão o dia do seu nascimento. Este «fim», senhores, será toda a grande materia do meu discurso. E para que vejamos quão gloriosa é para a Virgem e quão proveitosa para nós, peçamos á mesma Senhora a assistencia de sua graça. *Ave Maria.*

O nascer pelo que tem de si é mais digno de tristeza que de alegria.

II. Para fundamento do que pretendo dizer sobre o soberano nascimento de que celebramos a memoria n'este felicissimo dia, consideremos primeiro que cousa é nascer e philosophemos um pouco. Os homens (deve de ser porque são mortaes) o que costumam festejar com maiores demonstrações de gosto, parabens e applausos, assim publica como privadamente, são os nascimentos. Mas isto de nascer, pelo que tem de si, nem merece alegria, nem tristeza; antes se bem se considera, mais digno é de tristeza que de alegria. Não debalde com ser o risivel a primeira propriedade da nossa natureza, a mesma natureza nos ensina a nascer chorando. Com lagrimas choraram muitas nações os nascimentos que nós solemnizamos com festas; e não sei se nos deveram tornar o nome de barbaros que lhes damos. Queixamo-nos da vida e festejamos os nascimentos, como se o nascer não fôra o principio da mesma vida que nos traz queixosos. O nascimento é o principio da vida, como a morte o fim; e uma carreira que tem o fim tão duvidoso, uma navegação quem tem o porto tão pouco seguro, como pode ter principio alegre? Nascemos sem saber para que nascemos; e bastava só esta ignorancia para fazer a vida pesada, quando não tivera tantos encargos sabidos. Os ditosos e os desgraçados todos nasceram; e como são mais os que accusam a fortuna, que os que lhe dão graças, maior materia dão os nascimentos ao temor, que á esperança. A esperança promette bens, o temor ameaça males; e entre promessas e ameaças tanto vem a se padecer o que se espera, como o que se teme. A quem começa a vida tudo fica futuro; nenhuma distinção ha de males e bens;

todos são males, porque todos se padecem. Os males padecem-se, porque se temem: os bens padecem-se, porque se esperam: e para affligir o mal, basta ser possivel: para molestar o bem, basta ser duvidoso. Se alguma cousa nos podera segurar os sobresaltos d'esta contingencia, parece que era o tempo, o logar e as pessoas de que nascemos: mas por mais que d'estas circumstancias conjecture a vã sabedoria felicidades, o certo é que nem o tempo as influi, nem a patria as produz, nem dos mesmos paes se herdam. Do mesmo pae nasceu Isaac e Ismael; e um foi o morgado da fé, outro da heresia. Na mesma hora nasceu Jacob e Esaú; e um foi amado de Deus, outro abborrecido. Na mesma terra nasceu Caim e Abel; e um foi o primeiro tyranno, outro o primeiro martyr. Assim que avaliar o nascimento pelos paes é vaidade; medil-o pelo tempo é superstição; estimal-o pela patria é ignorancia; e só julgal-o pelo fim é prudencia.

Diz Salomão que melhor é o dia da morte que o do nascimento. Declara-o S. Jeronymo.

Salomão, o mais sabio de todos os que nasceram, faz uma comparação tão superior ao nosso juizo que só podia caber no seu. Compara o dia da morte com o do nascimento; e na differença d'estes dous extremos, quem não imaginará que se compara o dia com a noite, a luz com as trevas, a alegria com a tristeza, a felicidade com a desgraça, a cousa mais desejada com a mais temida; e com a mais terrivel a mais amavel? Sendo, porém, tão prenhe de admiração a proposta, mais digna de espanto é a sentença. Resolve Salomão que melhor é o dia da morte o que o dia do nascimento: *Melior est dies mortis die nativitatis*. E que tem o dia da morte para ser melhor que o dia do nascimento? O dia do nascimento não é o mais alegre, e o da morte o mais triste? O do nascimento não é o que povôa o mundo, o da morte o que abre e enche as sepulturas? O do nascimento o que veste de gala as familias e as côrtes, o da morte o que as cobre de luctos? A morte não é o maior inimigo da vida e o nascimento não é o que, sendo ella mortal, a immortaliza? Que é o nascer senão o remedio do não ser; e que seria do mundo se em logar dos mortos não nasceram outros que lhes succedessem? Até em Deus necessita do nascimento a mesma Trindade: porque sendo só a pessoa do Padre innascivel, Deus sem nascimento seria um, mas não seria trino. Pois, se tantos são os bens e felicidades que traz comsigo o dia do nascimento, os quaes todos funesta, consome e acaba o dia da morte; que motivo teve o juizo de Salomão para antepor o dia da morte ao dia do nascimento? Intendeu-o melhor que todos o maior interprete das Escripturas. É melhor (diz S. Jeronymo) o dia da morte que o dia do nascimento, porque no dia do nas-

Eccl. 7.

cimento ninguem póde saber o para que nasce; e só no dia da morte se sabe o fim para que nasceu: *Certe quod in morte quales simus notum sit; in exordio vero nascendi, qui futuri simus, ignoratur*. Se no nascimento de Judas e Dimas se levantasse figura certa ao que cada um havia de ser em sua vida; a do primeiro diria que havia de ser apostolo, a do segundo que havia de ser ladrão; e assim foram na vida: mas o verdadeiro juizo do fim para que cada um d'elles nascera ainda estava incerto. Veio finalmente o dia da morte, que foi o mesmo em que ambos acabaram; e esse dia declarou com assombro do mundo que Judas nascera para morrer enforcado como ladrão e Dimas para confessar e prégar a Christo como apostolo. D'aqui se infere contra o atrevimento dos juizos humanos que o solemnizar e festejar nascimentos só os prophetas o podem fazer sem erro, nem os outros crer sem ignorancia.

Advertencia de Origenes. Festejou-se o nascimento do do Baptista, porque se sabia para que nasceu. E' assim que o evangelho argumenta no nascimento de Maria.

Advertiu Origenes, e é certo, que em todo o Testamento velho se não lê que algum homem sancto fizesse festa ao nascimento de seus filhos. Com isto ser assim, vêmos comtudo que o nascimento do Baptista nascendo de paes sanctos, elles o celebraram com tantas festas que então alegraram todas as montanhas da Galiléa e depois o mundo. Pois, se os sanctos não costumam celebrar nascimentos, porque se celebra o do Baptista em casa de Zacharias? A razão é, porque a casa de Zacharias era casa de prophetas. Prophetizava Zacharias, prophetizava Isabel, prophetizava o mesmo Baptista, e como todos tinham espirito de prophecia, por isso só n'aquella casa se celebra o nascimento do filho: que só onde se sabem os successos futuros se podem festejar com razão os nascimentos presentes. Bem se vê no modo com que o festejaram os montanhezes; porque o estribilho de suas alegrias era! *Quis putas puer iste erit?* Quem vos parece que ha de ser este menino? De sorte que não o festejavam pelo que era, senão pelo que havia de ser; não porque era nascido, senão porque havia de ser o maior dos nascidos. E como para as festas dos nascimentos serem bem fundadas é necessario saber os successos futuros da pessoa que nasce, por isso o evangelista com grande conveniencia antecipou em prophecia as leis da historia; e quando havia de dizer que nasceu Maria, disse: Maria de quem nasceu Jesus: *De qua natus est Jesus*.

A Virgem prefigurada no velho testamento como mãe do Messias.

III. Este foi o novo e mysterioso estylo que depois do nascimento da Mãe de Deus observou «S. Matheus como evangelista» do passado, e o mesmo tinham já feito muito antes do seu nascimento todas as Escripturas do Testamento velho, como evangelistas do futuro. Diz S. João Damasceno que desde o princi-

pio do mundo contendiam os seculos sobre a felicidade de qual d'elles se havia de honrar com o nascimento da que nasceu para d'ella nascer o Redemptor do mesmo mundo. E todas as grandes matronas que dentro da successão dos mesmos seculos ou a graça ou a fortuna ou a natureza fez singulares, foram a sombra d'este sol, foram a figura d'esta verdade, foram a representação d'este nascimento. Em todas nasceu Maria, ou todas tornaram hoje a nascer em Maria muito mais avantajadas que em si mesmas e para fins muito mais gloriosos. Nasce hoje Eva para metter debaixo do pé e quebrar a cabeça á antiga e enganosa serpente que com o veneno original tinha inficcionado toda a sua descendencia. Nasce hoje Sara para ser mãe universal da fé e de todos os que desde então haviam de esperar escuramente e depois crer com toda a luz á divindade do Messias. Nasce Rebecca para tirar a benção do cego Isaac ao rustico e fero Esau e dál-a ao manso e religioso Jacob. Nasce Rachel para ser mais formosa, mais servida e mais amada que Lia, mas como Lia a mais fecunda. Nasce Esther para ser a maior senhora do mundo, a mais respeitada do seu supremo monarcha, isenta de todas as leis e superior a todas. Nasce Debora a famosa guerreira, a quem seguiam como soldados em ordenados esquadrões as estrellas do céu, e por quem os soldados venciam sem ferida como estrellas da terra. Nasce Judith para libertar dos exercitos inimigos a sitiada Betulia e arvorar sobre seus muros, cortada com a propria espada a cabeça do soberbo Holofernes. Nasce Abigail para convencer com sua prudencia e aplacar com sua piedade, não a David descortezmente offendido, mas ao mesmo Deus das vinganças, justamente irado. Nasce Ruth não só para colher, mas para regar com o orvalho do céu e crear as espigas de que se ha de fazer o pão que ha de ser o sustento do mundo. Nasce finalmente hoje Maria não a irmã, mas a mãe do verdadeiro Moysés para passar o mar vermelho a pé enxuto, para ser a primeira que cante o triumpho da tyrannia de Pharaó e a primeira que ponha os passos seguros no caminho da terra de Promissão.

Textos notaveis dos Sanctos Agostinho, Anselmo e Ildefonso.

Tudo isto quer dizer que de Maria, que hoje nasce, ha de nascer Jesus. E quer dizer mais alguma cousa? Muitas e grandes, estampadas tambem todas nas paginas dos segredos divinos. E para que não possa imaginar algum pensamento humano, que são isto estatuas mortas, fabricadas pelo affecto da devoção ao nascimento da verdadeira Mãe dos viventes; ouçamos, antes que passemos adeante o que sempre intenderam e ensinaram os maiores lumes da Egreja catholica. Sancto Agostinho, tomando por testimunha ao mesmo Deus: *Sola meruit Deum et*

Aug. lib. de Ass.

hominem suscipere; sicut nos docuisti figuris. «Maria só, diz o sancto doutor, mereceu dar á luz o Homem-Deus, como, Senhor, nos ensinastes nas figuras da Escriptura». Sancto Ildefonso, com os olhos em todo o testamento velho: «Esta é, diz, aquella Virgem gloriosa, cujo ineffavel merecimento foi annunciado tanto tempo antes nas figuras da lei mosaica»: *Haec est illa Virgo gloriosa, cujus ineffabile meritum longe ante figuris legalibus praenunciabatur.* E Sancto Anselmo, fallando nomeadamente do mysterio d'este dia, «nota que o nascimento da Virgem foi preparado com grandes e admiraveis demonstrações de prodigios sobrenaturaes:» *Nativitatem eius magna quaedam atque miranda divinorum signorum judicia praecurrisse.* O mesmo deixaram escripto S. Cyrillo, S. Jeronymo, Sancto Ambrosio, S. Pedro Damião, S. João Damasceno, S. Bernardo e outros Padres. Mas o que n'esta materia por illustração divina nos descobriu o mais occulto, o mais antigo e o mais profundo segredo, foi S. Methodio.

Aug. de Exc. Virg. c. 2.

Ildef. de Beat. Virg.

Conta S. Methodio que Deus no monte Sinay o revelou a Moysés.

Quarenta dias esteve Moysés com Deus dentro d'aquella nuvem caliginosa no cume do monte Sinay; e bastando muito menos tempo para elle ouvir o que então declarou ao povo e depois escreveu no deserto, é questão curiosa saber em que se gastou o resto de tantos dias entre Deus e aquelle seu grande valido. Dizem os antigos hebreus, cuja opinião n'esta parte não só é verisimil, mas recebida dos mais doutos interpretes das lettras sagradas, que em todo este tempo revelou Deus a Moysés a que elles chamam lei oral ou lei de bocca; na qual se continham os mysterios mais profundos, de que então o mesmo povo não era capaz se lhe descobrissem e fiassem; os quaes em quanto não chegava a lei de graça, só ficaram em tradição na fe dos patriarchas. Tal foi o mysterio altissimo da Trindade, o da divindade do Messias, o do Sanctissimo Sacramento da Eucaristia, e muito particularmente (que é o nosso poncto) as figuras que pertenciam á Virgem Senhora nossa. Isto é o que não só affirma, mas suppõi como indubitavel S. Methodio por estas palavras: *Nonne Moyses ille magnus propter figuras intellectu difficiles quae te, o Virgo, tangebant, diutius in monte commoratus ut ignota de te, o casta, sacramenta doceretur?* De sorte que o tempo da maior demora que Moysés teve no monte com Deus o empregou o mesmo Deus em ensinar a Moysés e lhe descobrir a verdadeira e occulta intelligencia dos segredos que se encerravam nas figuras d'aquella Virgem que havia de ser sua mãe. Estas figuras que tanto antes do seu nascimento ainda não estavam retratadas nas Escripturas (porque ainda não havia Escripturas); depois que as houve, que foi successivamen-

Method. Serm. de Hypapan. Domini.

te em muitos seculos, com a mesma successão se foram estampando n'ellas, posto que com sombras escuras e côres pouco vivas, porque estava ainda muito longe a vida de que haviam de receber a luz. Isto é o que nota o mesmo sancto, dizendo que aquellas figuras eram difficultosas de intender: porque, como bem distinguiu Sophronio, quando chamou a mesma Senhora *figuris et aenigmatibus praesignatam*, as figuras que representavam e significavam a Mãe de Deus, antes que o fosse, umas eram naturaes e animadas, como as que temos referido e por isso de mais facil intelligencia; outras porém artificiaes e enigmaticas, que não se podiam intender senão com grande difficuldade, e são as que agora diremos.

Symbolos do velho testamento que ensinam o mesmo mysterio.

As pinturas de que se formavam os corpos d'estes enigmas eram notaveis. Em um se via no meio de uma horrenda tempestade uma grande machina de madeira a que hoje chamariamos náu, mas sem mastos nem velas nem leme: em outro uma escada, que com o pé se firmava na terra, e com as pontas tocava nas estrellas: em outro um cajado de pastor não enroscada, mas entalhada n'elle desde a cabeça até á cauda uma serpente: em outro dous cherubins que se olhavam reciprocamente com as azas extendidas e sobre ellas uma lamina de ouro: em outro um throno de seis degraus assistido cada um de dous leões que de uma e outra parte o defendiam: em outro uma torre alta e de formosa architectura, de cujas ameias estavam penduradas as armas, e estas só eram escudos: em outro uma arca dourada, cerrada, mas sem fechadura, e coroada com duas corôas: em outro um pavilhão forrado de pelles, e um grandioso templo todo coberto de ouro: em outro um formoso jardim regado de quatro fontes e no meio duas arvores muito altas, ambas carregadas de fructos: em outro um meio corpo de anjo sobre duas columnas, uma de nuvem, que reparava os raios do sol, outra de fogo que allumiava a noite: em outro, finalmente, deixando por brevidade os demais, uma vara e uma flôr, mas assim a flôr como a vara nascidos da mesma raiz. E sendo tanta a variedade das figuras sem letra até então que as declarasse, bem se vê quão difficultosa seria a sua intelligencia e que só Deus podia ser o mestre que as ensinasse a Moysés. Mas o que sobretudo difficultava o intendimento de tantos e tão varios enigmas era ser um só o sentido de todos. E qual era? Era a prodigiosa Menina que hoje nasce, e o fim e fins altissimos para que nasceu. Nasce (ide agora lembrando-vos ou desenrolando as figuras) nasce para ser a arca de Noé, em que o genero humano afogado no diluvio se reparasse do

naufragio universal do mundo. Nasce para ser a escada de Jacob, e não para que os descuidados de sua salvação se não aproveitassem d'ella, como o mesmo Jacob dormindo, mas para que vigilantes e seguros subam por ella da terra ao céu. Nasce como a vara de Moysés para ser o instrumento de todas as maravilhas de Deus e a segunda jurisdicção, fama e alegria de sua omnipotencia. Nasce para ser o verdadeiro e infallivel propiciatorio em que o Deus das vinganças offendido e irado, trocada a justiça em misericordia o tenhamos sempre propicio. Nasce para ser o throno do rei dos reis, o Salomão divino; ao qual throno as tres jerarchias das creaturas visiveis, e as tres das invisiveis servem de peanha, não humildes como degráus para se confessarem sujeitas á sua grandeza, mas soberbas como leões por accrescentarem altura a sua majestade. Nasce para ser torre fortissima de David, fornecida e armada de milhares de escudos, tão promptos e apparelhados sempre á nossa defensa, como seguros e impenetraveis a todos os tiros e golpes de nossos inimigos. Nasce para ser verdadeira arca do testamento, coroada com duas corôas de Mãe e de Virgem; dentro da qual não só se conservaram sempre inteiras as taboas da lei, mas esteve encerrado o manná que desceu do céu, d'onde quotidianamente o podemos colher, por isso coberto e encoberto, mas não fechado. Nasce para ser tabernaculo no deserto e templo em Jerusalem: tabernaculo em que Deus havia de caminhar peregrino e templo em que havia de morar de assento tão immovel e permanente n'ella, como em si mesmo. Nasce para ser não uma, senão as duas arvores famosas do paraiso terreal, a da vida e a da sciencia; porque d'ella havia de nascer o bemdicto fructo em que estão depositados todos os thesouros da sciencia e sabedoria de Deus e o da vida da graça no mesmo paraiso perdida. Nasce para ser em seus passos, como os d'aquellas duas columnas que guiavam o povo escolhido á terra de Promissão: uma de nuvem para nos amparar e defender dos raios do Sol de justiça: e outra de fogo para nos allumiar na noite escura d'esta vida, até nos collocar seguros no dia eterno da gloria. Nasce, emfim, para ser a vara de Jessé, de cujas raizes havia de nascer a mesma vara que hoje nasce e a mesma flor Christo Jesus, que d'ella nasceu.

Os beneficios recebidos da mesma Senhora confirmam a verdade dos oraculos.

Para todos estes bens nasce hoje esta grande Menina, posto que entre figuras e enigmas, como sol entre nuvens; as quaes, porém, desatadas em orvalho e chuva de beneficios, não é necessario já recorrer á escuridade de oraculos passados, mas a experiencia ocular dos effeitos presentes. Infinitos são os nomes

ou sobrenomes com que a mesma Virgem Maria costuma ser invocada e louvada, nascidos todos (notae) e fundados nas etymologias dos mesmos beneficios, que é o mais nobre s sublime nascimento que elles podem ter. «O titulo mais honroso de José, filho de Jacob, foi o nome de Salvador do mundo; e porque? Porque elle o mereceu, não só prenunciando os famosos septe annos de penuria, mas muito mais prevenindo-lhes o remedio. Tão merecidos como este» são todos os nomes e sobrenomes com que a christandade invoca, venera e dá graças á Virgem Maria; tirados todos e fundados nas etymologias dos beneficios já experimentados e recebidos; para obradora dos quaes hoje nasce ao mundo. E se não perguntae a todos os estados do mesmo mundo e mais aos que mais padecem as suas miserias: que todos vos dirão este *para que* «do seu nascimento.» Perguntae aos infermos para que nasce esta celeste Menina, dir-vos-hão que nasce para Senhora da saude. Perguntae aos pobres, dirão que nasce para Senhora dos remedios. Perguntae aos desamparados, dirão que nasce para Senhora do amparo. Perguntae aos desconsolados, dirão que nasce para Senhora da consolação. Perguntae aos tristes, dirão que nasce para Senhora dos prazeres. Perguntae aos desesperados, dirão que nasce para Senhora da esperança. Os cegos dirão que para Senhora da luz: os discordes, para Senhora da paz; os desencaminhados, para Senhora da guia; os captivos para Senhora do livramento; os cercados para Senhora do soccorro; os quasi vencidos, para Senhora da victoria. Dirão os pleiteantes que nasce para Senhora do bom despacho; os navegantes, para Senhora da boa viagem; os temerosos da sua fortuna para Senhora do bom successo: os desconfiados da vida para Senhora da boa morte; os peccadores todos, para Senhora da graça; e todos os seus devotos para Senhora da gloria. E se todas estas vozes se unirem em uma só voz, todas estas perguntas em uma só pergunta, e todas estas respostas em uma só resposta, ou mais abreviadamente todos estes nomes em um só nome, dirão que nasce Maria para ser Maria e para ser Mãe de Jesus: *Maria de qua natus est Jesus.*

Dobra-se o discurso voltando sobre o nascimento de cada um.

IV. Temos visto como para os nascimentos se festejarem não vãmente e por costume, senão com verdadeiro e solido fundamento, é necessario saber primeiro dos mesmos nascidos o fim para que nasceram. D'este principio tão certo e evidente inferiu e provou o nosso discurso quão digno é de ser celebrado com as maiores demonstrações de festa, applausos e alegria, o felicissimo nascimento de Maria Senhora nossa; pois sabemos que o fim para que nasceu, foi para nascer d'ella o Filho de Deus e

seu, o Redemptor do mundo. Agora será razão que este mesmo discurso o dobremos e volte sobre nós; e consideremos todos e cada um o fim para que nascemos. As coisas «quanto a execução começam do seu principio; mas quanto a intenção, não começam,» senão do fim. O fim por que as emprehendemos, começamos e proseguimos, esse é o seu primeiro principio: por isso, ainda que sejam indifferentes, o fim, segundo é bom ou mau, as faz boas ou más. Tal é, como diziamos, o nascer. Importa, pois, considerar o fim para que nascemos, e se as acções da nossa vida são taes que devamos esperar d'ellas que hajam de conseguir esse fim. Assim como esta grade divide o auditorio e esta divisão é tão grande, quanto vai do céu á terra; assim dividirei eu tambem as consequencias do que tenho dicto. Comecemos pelos ouvintes de fóra.

Qual o fim para que Deus nos creou.

O fim para que Deus nos creou, o para que nascemos n'este mundo, não é para servir o mesmo mundo, como os pequenos, nem para nos servirmos d'elle, como os grandes; mas para grandes e pequenos (em que somos todos eguaes) servirmos a Deus n'esta vida, e o vermos e gozarmos na outra. E ha alguem que saiba de certo em quanto vive n'este valle de miserias, se ha de conseguir aquella summa felicidade, e se ha de ver a Deus ou não? O que só sabemos com certeza infallivel, é que este fim para que nascemos é «eterno». No fim da vida se abrem as portas da eternidade, ou, para dizer tudo, de duas eternidades: uma a que sobem os bons, a gozar os eternos bens; e outra a que descem os máus a penar e a padecer os males tambem eternos. E o estado em que de presente estamos qual é? É a suspensão, a duvida, a incerteza, a ignorancia de qual d'estes dous é, será, e ha de ser o fim para que realmente nascemos. Ó terrivel consideração! Ó cuidado que sempre nos devera trazer attonitos e pasmados; em comparação do qual todos os outros em que tão divertidos andamos, importam nada!

Ainda que Job se queixasse seu nascimento com a consideração do seu fim se torna o exemplo de paciencia.

Jacob 5.

Job, com ser o exemplo da paciencia, considerando em si proprio o miseravel estado da natureza degradada do homem lançou taes imprecações ao dia de seu nascimento, quaes se não podiam imaginar da sua paciencia: Pereça, disse elle, e morra o dia em que nasci, não seja contado nos mezes do anno: não faça caso d'elle Deus lá de cima, nem nasça n'elle o sol; seja mais escuro e tenebroso que a noite; os trovões, as tempestades, os raios o façam horrendo e medonho; e muitas outras pragas a este tom «que causam admiração. Comtudo o apostolo SanctIago nos propôi a sua paciencia para modelo; e por-

que? Porque ainda que Job se queixasse d'estes trabalhos como homem, os padecia como sancto: *Sufferentiam Job audistis*. E como é que tomou este alento?» Olhando para o fim que Deus teve em lhe dar aquelles grandes trabalhos; que foi fabricar-lhe d'elles no céu uma corôa egual a elles: *Sufferentiam Job audistis et finem Domini vidistis*.

Por esta razão nenhum homem em nenhuma fortuna se devia queixar do dia em que nasceu, «senão» aquelles que esquecidos d'este fim por seguirem desatinadamente os seus appetites e se entregarem aos vicios sem arrependimento, em logar de conseguirem a eternidade do céu cairam na do inferno. Assim o disse Christo Senhor nosso de Judas, estando ainda n'esta vida: *Bonus erat ei si natus non fuisset homo ille*; quanto melhor lhe fôra a tão mofino homem nunca haver nascido. E porque lhe fôra melhor? Porque se não nascera, ainda que não conseguisse o fim da bemaventurança, para que todos fomos creados, ao menos não estaria ardendo no inferno, nem padecera os tormentos que não padecem os que não nasceram, nem nós padeciamos antes que nascessemos. Supposta esta sentença da summa Verdade, não ha duvida que vivem hoje n'este mundo muitos, e queira Deus que não estejam alguns n'este auditorio, que lhes fôra muito melhor não nascerem nunca. E se me perguntarem quem são, como Judas perguntou a Christo: *Numquid ego sum Rabbi*; assim como Christo lhe respondeu: *Tu dixisti*: tu o disseste; assim respondo eu a cada um que o diga. O fim para que fomos creados goza-se na outra vida, mas depende d'esta: n'esta vida fomos creados para servir e amar a Deus, e na outra para o gozar: e como gozar a Deus no céu depende de o servir e amar na terra; veja cada um, se o serve e se o ama, e d'ahi infira se vai bem encaminhado para o ultimo fim. Todos n'esta vida servem, e todos amam. Mas a quem servis e a quem amais? Vós o sabeis. Se é a Deus, esperae n'elle, que elle vos espera com a gloria apparelhada: mas se é alguma creatura, temei e tremei, porque ireis para onde ella vos leva.

A quem se esquece de seu fim melhor é não haver nascido. *Matth.* 26.

Se a verdade e evidencia d'esta consideração vos persuadiu alguma cousa vejo que me estais perguntando: Pois que farei para segurar este fim tão incerto e duvidoso? A resposta que vos darei é muito segura e sem duvida; porque é da bocca do mesmo Christo. Contam os Evangelistas que veio um mancebo desejoso da sua salvação perguntar a Christo Senhor nosso, cômo mestre de todo o bem: Que boas obras faria n'esta vida, para alcançar a vida eterna. Respondeu-lhe o Senhor: Se te queres salvar e alcançar a vida eterna, guarda os mandamen-

Como devemos segurar o nosso fim. Resposta de Christo ao mancebo do evangelho. *Matth.* 19.

tos: *Si vis ad vitam ingredi serva mandata*. Esta é a resposta que alimpa a pauta e tira toda a duvida aos que a teem de sua salvação. Se quereis saber se vos haveis de salvar e conseguir o fim para que nascestes n'este mundo, vêde se guardais os mandamentos e guardae-os sempre. O que noto aqui e reparo muito muito, é, que não fallou Christo uma só palavra em predestinação, que é o maior tropeço d'esta mesma duvida. Como bom mestre não respondeu por este nome, que é muito embaraçado e escabroso, mas reduziu toda a materia a termos mais claros, que são os mandamentos de Deus. Quereis saber se sois predestinado e vos predestinou Deus? Vêde se guardais ou não guardais os seus mandamentos. Se guardais os mandamentos de Deus, e perseverardes na guarda d'elles, sois predestinado: se os não guardais ou deixardes de o guardar, sois prescito. Notae as palavras de mesmo Christo: *Si vis ad vitam ingredi*: Se vos quereis salvar: logo na nossa vontade está o salvarmo-nos ou não. D'aqui se colhe que a predestinação foi, «como ensina a theologia mais consoladora» *praevisis meritis*, com previsão das nossas obras. De sorte que, se eu quizer cooperar com a graça de Deus, e guardar seus mandamentos, tão seguro está na minha mão o salvar-me, que não está na mão de Deus negar-me o paraiso.

A consideração do fim facilita a observancia dos mandamentos. *Ps. 118.*

Estais contentes? Ainda me parece que vos remorde na consciencia um escrupulo; e é que a observancia dos mandamentos é muito difficultosa e apertada. Por isso o mesmo Christo fallando da mesma observancia e dos mesmos mandamentos disse que o caminho do céu é muito estreito. Mas eu já aponctei no principio d'este mesmo discurso o remedio muito facil com que o mesmo caminho de estreito se póde fazer largo, e largos tambem os mandamentos. Em que está este remedio? Nos olhos. Em olharmos para o ultimo fim para que fomos creados. Expressamente o real propheta: *Omnis consummationis vidi finem*: *latum mandatum tuum nimis*. Eu, diz David, olhei para o fim ultimo e consummado para que Deus me creou, e logo com esta só vista, voltando-a para os mandamentos do mesmo Deus, que me pareciam muito estreitos, conheci claramente que eram muito largos. «Se o tempo que ha de durar a observancia dos mandamentos ha de acabar com a vida; e se o premio e o fim d'esta observancia ha de durar por toda a eternidade; sendo o fim tão largo e immenso e o tempo tão estreito, quem é que não cobrará animo para vencer a difficuldade do caminho?» *Latum mandatum tuum nimis*.

Ha religiosos cujos nascimentos se devem deplorar como o de Judas.

V. Muito me detive com o auditorio das grades para fóra, que é o que tem necessidade de maior doutrina. Agora que

hei de fallar com almas religiosas, fallarei tambem como religioso. A primeira cousa que digo fallando commigo é o assombro que me causa considerar que tambem de um religioso se possa verificar que lhe sería muito melhor nunca ter nascido: *Bonum erat ei si natus non fuisset homo ille*. Homem chamou Christo a Judas n'este caso e não religioso nem sacerdote, nem discipulo, que foi o mesmo que degradal-o da ordem sacerdotal, e despír-lhe tremendamente o habito n'aquelle cadafalso publico. Foi Judas «no principio do apostolado» não só religioso, senão bom religioso e tão sancto que fez milagres. Mas foi depois mau sacerdote, porque commungou em peccado, e mau discipulo, porque depois d'este horrendo sacrilegio accrescentou o de ir vender a seu Mestre. Se na eschola de Christo, se na communidade dos doze apostolos succede uma desgraça como esta, quem se dará por seguro na religião, e quem não tremerá de si, que lhe fôra muito melhor não haver nascido?

Estes religiosos perverteram-se como Jerusalem por não considerar o seu fim.

Thr. 1.

Já fallei commigo: agora, muito veneraveis senhoras, que poderei dizer a esta tão grave como religiosa congregação? Direi o que de outra muito sancta refere o propheta Jeremias, muito a proposito da materia em que estamos. A cidade de Jerusalem chamava-se por antonomasia a Cidade sancta; mas como não ha logar n'este mundo em que a sanctidade esteja segura, caiu a sanctidade, e a cidade com ella. Lamentando Jeremias esta miseria, representa a Jerusalem em uma figura viva, como uma outra Magdalena antes de convertida, e diz ou chora d'esta maneira: Peccou Jerusalem e continúa no seu peccado: está encravada no lodo sem se tirar ou arrancar d'elle; e a toda esta miseria chegou, porque não se lembrou de seu fim: *Peccatum peccavit Jerusalem: sordes eius in pedibus eius: nec recordata est finis sui*. De que nos lembramos, se nos esquecemos do nosso fim? E que se póde esperar ou temer d'este esquecimento ainda nos logares mais sanctos, senão o que o propheta lamenta, e nós não choramos? De sorte que o cair de Jerusalem do cume da sanctidade no abysmo do lodo e do peccado, não foi por outro descuido ou negligencia, senão por se haver esquecido de olhar para o seu fim: *Nec recordata est finis sui*.

O que é a vida humana sem esta consideração nos mesmos claustros religiosos.

Toda a vida humana, por mais religiosa que seja, se não trouxer sempre deante dos olhos o fim para que nasceu é navio sem norte, é cego sem guia, é dia sem sol, é noite sem estrella, é republica sem lei, é labyrinto sem fio, é armada sem faról, é exercito sem bandeira: emfim é vontade ás escuras, sem luz do intendimento que lhe mostre o mal e o bem, e lhe dicte o que ha de querer ou fugir. Que logar mais religio-

so e mais sancto (para que não vamos mais longe) que este mesmo côro? Que exercicio mais agradavel a Deus que a oração, e de muitos? Que orações mais approvadas que as de que se compõi o officio divino, dictadas pelo Espirito Sancto? Que compostura, que modestia, que harmonia do canto, que pausas do silencio, que retrato do côro dos anjos no céu, como este na terra? E bastará toda esta união de pessoas, de vozes, de corações, para fazer consonancia aos ouvidos de Deus? Se os olhos não estiverem postos no fim para que elle nos creou, não bastará. Sendo as nossas orações um dos principaes actos de religião e nas religiões o mais frequente não só de dia mas de noite, se n'ellas faltar a consideração do fim para que nascemos, será o mesmo que se á musica faltasse o compasso, com que as vozes em logar de fazerem harmonia, offenderiam os ouvidos e seriam dissonancia, confusão e tumulto.

Qual o fim da vida religiosa. Ensina-o o mesmo Christo na historia citada do mancebo.

Matth. 19.

Este fim tão necessario fallando d'estas grades para dentro por ventura é o mesmo que eu preguei d'ellas para fóra que foi a observancia dos mandamentos? Não. É outro fim muito mais alto, muito mais sublime e muito mais sancto. Tambem tem duas partes como o outro: pois de presente nos encaminham ás obras da graça e de futuro aos premios da gloria. Mas assim de presente como de futuro este fim das almas que professam religião é muito mais alto. Na mesma historia do mancebo que veio perguntar a Christo como se salvaria, temos a differença. Respondeu-lhe o Senhor: Que, se queria ir ao céu, guardasse os mandamentos. E como elle respondesse: Que desde menino os tinha guardado; então lhe revelou o divino Mestre e lhe abriu outro caminho menos rasteiro e muito mais sublime: *Si vis perfectus esse, vade, vende omnia quas habes et da pauperibus: et veni et sequere me.* Se queres ser perfeito, vae e vende quanto tens e dá-o aos pobres; e vem e segue-me. Estas palavras, diz nosso Padre S. Bernardo, são as que encheram os claustros de religiosos e religiosas e os desertos e covas de anachoretas. Em summa que para ir ao céu ha dous caminhos, um da salvação outro da perfeição. Da salvação: *Quid faciam ut habeam vitam aeternam?* Da perfeição: *Si vis perfectus esse.* O caminho da salvação é o dos mandamentos: o da perfeição, o dos conselhos. O dos mandamentos é forçoso e necessario, e o dos conselhos é voluntario e livre. Ao dos mandamentos obriga-nos Deus a nós: ao dos conselhos obrigamo-nos nós a Deus; e isto é o que fazem todos os que professam religião. Deus a ninguem obriga a guardar a pobreza, castidade e obediencia; e estas tres virtudes são os tres votos essenciaes da religião a que todos os religiosos se obrigam, sacrificando a Deus e offerecendo-lhe em

perfeitissimo holocausto tudo o que são e o que teem: o que teem, são os bens temporaes, e d'esses se despojam pelo voto da pobreza: o que são, é o corpo e a alma de que somos compostos; o corpo dão-no a Deus pela castidade e a alma pela obediencia. E como o fim com que os religiosos e religiosas servem a Deus n'esta vida é tanto mais alto; assim tambem o é na outra o fim do que hão de gozar no céu. Véde-o nas palavras da primeira resposta que Christo deu ao mancebo que perguntava como se poderia salvar. Se queres entrar no céu, guarda os mandamentos. Notae muito aquelle *Entrar no céu*. Para entrar no céu e para ir ao céu basta guardar os mandamentos. Mas uma cousa é poder entrar no céu, outra ter e gozar no céu um logar e um throno muito alto e altissimo: e este é o fim dos que na terra guardam os conselhos de Christo. Lastimosa e lastimosissima cousa é, que n'este mundo todos queiramos ser dos maiores e só para o céu nos contentemos com ter lá um cantinho.

A maternidade da Virgem partecipada a todas as virgens consagradas a Deus.

S. Bernardo *hom. super missus.*

VI. Ora, senhoras, para que o fim que vos espera no céu seja não só alto mas altissimo (sendo certo que o grau em que lá havemos de ver e gozar a Deus se ha de medir com a mesma vantagem e excesso com que o servirmos e amarmos na terra) que exemplo vos proporei eu para imitar? Estou quasi certo que nunca ouvistes d'este logar uma «verdade tão consoladora como esta» que agora vos direi. E qual é? Que para agradecerdes a Deus o terdes nascido n'este mundo imiteis a mesma Virgem que hoje nasceu; e em que? N'aquelle mesmo fim com que provámos deve ser digno das maiores demonstrações de festa, applauso e alegria o dia do seu nascimento. O fim com que provámos esta verdade não foi nascer Maria porque d'ella havia de nascer Jesus: *Maria de qua natus est Jesus?* Pois este mesmo fim e em proprios termos é «a verdade mui consoladora» que vos prometti. Vêde se pode ser maior. Vem a ser: que nenhuma filha de S. Bernardo, pois é filha de tal pae, se contente com menos que com ser mãe de Jesus. Nosso padre S. Bernardo fallando n'esta materia mais altamente que todos, disse com a eminencia de seu espirito e juizo, que havendo Deus de ter mãe não era decente que fosse senão virgem, e que havendo uma virgem de ter filho não era decente que fosse senão Deus. Não é logo cousa alheia do estado virginal, ó virgens consagradas a Deus, que cada uma de vós imite a Virgem das virgens em ser mãe de Jesus. E para que nenhuma humildade religiosa se assombre com a grandeza d'este nome, saiba toda esta veneravel communidade que eu me não atrevera a dizer tanto, se o mesmo Jesus e o mesmo Filho que nasceu de Maria o não dissera.

É doutrina fundada nas palavras de Christo. *Matth. 12.*

Estava Christo prégando ou a primeira, ou uma das primeiras vezes que ensinou em publico, quando lhe disseram que sua Mãe e seus parentes o buscavam. E o Senhor levantando a voz respondeu: Quem é minha mãe e quem são meus parentes? Quem fizer a vontade de meu Pae, esse é meu irmão, e minha irmã e minha mãe: *Quae est mater mea et qui sunt fratres mei? Quicunque fecerit voluntatem Patris mei, ipse meus frater et soror et mater est.* «De maneira» que o mesmo Filho da Virgem Maria sem fazer aggravo a sua sanctissima Mãe affirma e concede que o podem ser outras. O modo só resta saber, perguntando a nossa admiração como perguntou a da Virgem das virgens ao anjo: *Quomodo fiet istud?* Como pode ser uma cousa tão alta e tão divina? Respondeu o anjo á Senhora: *Spiritus sanctus superveniet in te:* O Espirito Sancto sobrevirá em vós. Para intendimento d'esta resposta temos aqui um discreto e subtil reparo; e de quem havia de ser, senão de S. Bernardo? Porque não diz o anjo que virá o Espirito Sancto, senão que sobrevirá? Sobrevir é vir sobre ter já vindo; e quando o Espirito Sancto veio no dia da Incarnação para que a Virgem concebesse o Verbo corporalmente, já tinha vindo para que o concebesse espiritualmente e fosse mãe de Jesus no espirito: *Ideo non dixit venit in te, sed addidit super; quia jam prius quidem in ea fuit.* De sorte que foi a Virgem duas vezes mãe de Jesus: uma no corpo depois e outra na alma primeiro. Na maternidade corporal é singular a Virgem Maria, mas na espiritual admitte companhia; e esta é principalmente das outras virgens consagradas a Deus. «Digo principalmente: porque constituindo-se esta maternidade espiritual com a obediencia a vontade do Pae celeste, segundo o definiu o mesmo Christo: *Quicunque fecerit voluntatem Patris mei ipse meus frater et soror et mater est;* assim como só as pessoas religiosas pelo voto de obediencia estão continuamente fazendo a vontade de Deus, assim podem principalmante gloriar-se d'esta maternidade espiritual. Feliz quem intende esta grande verdade e a mostra nas obras: *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.* Em conclusão» este foi o altissimo fim para que hoje nasceu a Virgem Maria; e este é não fingida senão verdadeiramente o mesmo para que nasceu cada uma das virgens de que se compõi esta sancta communidade; isto é para ser «espiritualmente» mãe de Jesus como «espiritual e corporalmente» foi mãe de Jesus a mesma Virgem Maria: *Maria, de qua natus est Jesus.*

Luc. 11.

(Ed. ant. tom. 7.º pag. 145, ed. mod. tom. 7.º pag. 209.)

II. SERMÃO DO NASCIMENTO DA VIRGEM MARIA **

DEBAIXO DA INVOCAÇÃO DE NOSSA SENHORA DA LUZ NO ANNO DE 1637

Observação do compilador.— O sermão é inteiramente panegyrico de Nossa Senhora da Luz. O estylo é por vezes poetico e geralmente florido e sublime.

De qua natus est Jesus.
Matth. 1.

O sol nascido em si mesmo e nascido na sua luz, a aurora, é Christo, nascido duas vezes. Conciliação do evangelho com a festa.

Celebramos hoje o nascimento: mas que nascimento celebramos? Se perguntarmos á Egreja, responde que o nascimento de Maria: se consultarmos o Evangelho, lemos n'elle o nascimento de Jesus: *De qua natus est Jesus*. Assim temos encontrados nas mesmas palavras que propuz, o texto com o mysterio, o thema com o sermão, e um nascimento com outro. Se a Egreja celebrara n'este dia o nascimento glorioso de Christo, muito accommodado evangelho nos mandára ler: mas o dia e o nascimento que festejamos não é o do Filho, é o da Mãe. Pois se ainda hoje nasce a Mãe; como nos mostra já a Egreja e o evangelho, não a Mãe, senão o Filho nascido? Só no dia de Nossa Senhora da Luz se podera responder cabalmente a esta duvida. O sol, se bem advertirdes, tem dous nascimentos: um nascimento com que «nasce em si mesmo; e outro com que nasce em sua luz.» Aquella primeira luz da manhã, que accende as sombras da noite, cuja luz é? É luz do sol. E esse sol então está já nascido? Sim e não: não porque ainda não está nascido em si mesmo: sim, porque já está nascido na sua luz. De sorte que naturalmente vêem os nossos olhos ao sol duas vezes nascido: nascido em si mesmo e nascido na luz de que ha de nascer. É o que estamos vendo n'este dia e o que nos está pregando a Egreja n'este evangelho. O dia mostra-nos nas-

menor difficuldade d'este dia. Para satisfazermos á segunda obrigação «ou antes á primeira, que é celebrarmos com os nossos louvores um nascimento tão glorioso» peçamos á Senhora da Luz nos communique um raio da sua. *Ave Maria.*

Advirta-se d'antemão que os favores de Maria veem de Christo, mas não em quanto sol de justiça.

II. *De qua natus est Jesus.* Supposto que temos n'este *natus* do evangelho dous nascidos; e n'este nascimento dous nascimentos, o nascimento da Luz Maria nascida em si mesma, e o nascimento do sol Christo nascido na sua Luz; qual d'estes nascimentos faz mais alegre este dia, e por qual d'elles o devemos mais festejar, por dia do nascimento da Luz, ou por dia do nascimento do Sol? «Eis aqui uma duvida que se segue do mesmo evangelho; o qual, fallando expressamente do nascimento do Sol, e só deixando intender o da Luz, parece que nos convida a festejar mais o primeiro que o segundo. Para resolver esta difficuldade vamos comparar um e outro nascimento. Mas porque este Sol e esta Luz entre os quaes havemos de fazer a comparação parecem extremos incomparaveis, como verdadeiramente é incomparavel Christo sobre todas as suas creaturas (entrando tambem n'este numero a sua mesma Mãe), antes que eu comece a me desempenhar do assumpto ou a empenhar-me n'elle, declaro que em tudo o que disser procede a comparação entre Christo como Sol de Justiça e a Senhora da Luz como Mãe de misericordia. E que assim como os effeitos da luz se referem á primeira fonte d'ella, que é o sol, assim todos os que obra a Senhora em nosso favor são nascidos e derivados do mesmo Christo, cuja bondade e providencia ordenou que todos passassem e se nos communicassem por mão de sua Mãe, como advogada e medianeira nossa e dispensadora universal de suas graças. Assim o suppõi com S. Bernardo a mais pia e bem recebida theologia: *Nihil Deus nos habere voluit, quod per manus Mariae non transisset.*

Se a gloria dos paes se deriva aos filhos; muito mais pertence a Christo a de sua mãe.

«D'onde se colhe que todos os louvores da Mãe, ainda quando se compara com o Filho, são louvores do mesmo Filho, que a fez tão gloriosa: *Gloria filiorum patres eorum*, diz a divina Sabedoria no livro dos Proverbios. E se este dictado se verifica no commum dos filhos que recebem seus paes da Providencia sem concurso da propria industria, quanto mais n'este unico Filho, o qual, sendo Deus, teve em seu poder crear-se a Mãe e enriquecel-a de tanta gloria?»

1.° Não é o sol que abre o dia senão a luz. Sancto Ambrosio. *Hexam. l. 1. c. 1*

III. Isto posto, vamos á comparação. É advertencia de Sancto Ambrosio que o dia, que é a vida e formosura do mundo não o faz o nascimento do sol, senão o nascimento da luz: *Advertimus quod lucis ortus, antequam solis, diem videatur aperire:* tenho advertido diz o sancto, que o que primeiro abre e faz o dia é o nascimento

da luz e não o do sol. Está esta grande machina e variedade do universo, coberta de trevas: está o mundo fechado no carcere da noite; e qual é a chave que abre as portas do dia? O sol? Não, senão a luz: porque ao apparecer do sol já o mundo está patente e descuberto: *Diem sol clarificat, lux facit.* O sol faz o dia mais claro: mas a luz é que faz o dia. E senão vêde, diz o Sancto, quantas vezes acontece forrar-se o céu de nuvens espessas com que não apparece o sol nem o menor dos seus raios; e comtudo ainda que não vemos o sol, vemos o dia: porque? Porque nol-o mostra a luz. Bem se segue logo que o dia tão necessario e proveitoso, é filho da luz, e não do sol: ao nascimento da luz e não ao do sol deve o mundo o beneficio do dia.

O tempo da lei da graça é o dia: e da lei da natureza e da lei escripta foi a noite.

Rom. 13.

O tempo ditosissimo da lei da graça em que estamos é o dia do mundo: o tempo da lei da natureza e da lei escripta que já passou, foi a noite. Assim o diz S. Paulo: *Nox praecessit, dies autem appropinquavit.* E quem foi a aurora que amanheceu este dia tão alegre, tão salutifero e tão vital, senão aquella Luz divina? O Sol fez o dia mais claro: mas a luz foi a que rompeu as trevas; a Luz foi a que venceu e despojou a noite, a Luz foi a que fez o dia: *Diem sol clarificat, lux facit.* Grande privilegio da luz sobre o sol que a «sua presença primeiro que a d'elle» seja a auctora do dia.

A luz, creada tres dias antes do sol e visivel só aos olhos do céu, foi figura de Maria.

Mas eu hei de dizer outro privilegio maior da mesma Luz. Creou Deus a luz tres dias antes de crear o sol. Tanto que houve sol no mundo, logo houve tambem olhos que o vissem e gozassem de seus resplandores, porque o sol foi creado ao quarto dia, as aves e peixes ao quinto, os animaes da terra e os homens ao sexto. De sorte (como notou S. Basilio) que todos os tres dias em que a luz esteve creada antes da creação do sol, não havia olhos no mundo. Pois, se não havia olhos no mundo, para que creou Deus a luz? Que crie Deus o sol ao quarto dia, bem está; porque no quinto e no sexto havia de crear os olhos de todos os viventes. Mas se no segundo, no terceiro e no quarto dia não houve nem havia de haver olhos; porque cria Deus a luz no primeiro? Porque «se não havia olhos na terra, os havia no céu: se não havia os olhos dos homens e dos animaes; havia os olhos dos anjos, havia os olhos de Deus: emfim apressava-se Deus em dar existencia á Luz porque primeira havia de receber as approvações de seus olhos divinos: *Vidit Deus lucem quod esset bona.* Galante figura por certo do que havia de de acontecer na creação de outra Luz! Quando esta nasceu ficou occulta aos olhos da terra e só manifesta aos olhos do céu; e porque? Porque só desejava agradar aos olhos divinos e só

d'elles esperava approvações. E assim foi»: *Vidit Deus lucem quod esset bona*. Os olhos de Deus foram os que festejaram o nascimento d'esta soberana Luz; e festejaram-na aquelles tres dias em que não houve sol, nem outros olhos; porque tomou cada Pessoa da Sanctissima Trindade um dia de festa por sua conta: *Ipsa enim lux, quae prima distinxit dierum nostrorum Trinitatem;* disse S. Dionysio areopagita. Os olhos do Padre festejaram o nascimento da Luz o primeiro dia: *Et vidit Deus lucem quod esset bona;* e viu Deus Padre que a Luz era boa para Filha. Os olhos do Filho festejaram o nascimento da luz o segundo dia: *Et vidit Deus lucem quod esset bona*, e viu Deus Filho que a Luz era boa para Mãe. Os olhos do Espirito Santo festejaram o nascimento do Luz o terceiro dia: *Et vidit Deus lucem quod esset bona;* e viu Deus Espirito Sancto que a Luz era boa para Esposa. Assim festejou toda a Sanctissima Trindade o nascimento d'aquella soberana Luz; e assim o devemos festejar nós. Ponde os olhos, christãos, n'aquella Luz; e pedi-lhe que os ponha em vós; e vereis como é boa para tudo: *Vidit lucem quod esset bona*. Boa para a consolação, se estiverdes affligido: boa para o remedio, se estiverdes necessitado: boa para a saude, se estiverdes infermo: boa para a victoria, se estiverdes tentado, e se estiverdes caido e fóra da graça de Deus, boa e só ella boa para vos reconciliar com elle. Tão cheia de privilegios de Deus nasce hoje esta Luz de quem elle ha de nascer: *De qua natus est Jesus*.

De div. nom. c. 4.

IV. «Segundo titulo de comparação». É a luz mais benigna que o sol; porque o sol allumia, mas abraza; a luz allumia e não offende. Quereis ver a differença da luz ao sol? Olhae para o mesmo sol e para a mesma luz, de quem elle nasce, a aurora. A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração dos flores, a harmonia das aves, a vida e alento do mundo. Começa a sair e a crescer o sol, eis o gesto agradavel do mundo e a composição da mesma natureza toda mudada. O céu accende-se: os campos seccam-se: as flores murcham-se: as aves emmudecem: os animaes buscam as covas: os homens as sombras. E se Deus não cortára a carreira do sol, com a interposição da noite, fervera e abrazara-se a terra, arderam as plantas, seccaram-se os rios, sumiram-se as fontes e foram verdadeiros e não fabulosos os incendios de Phaetonte. A razão natural d'esta differença é, porque o sol (como dizem os philosophos) ou verdadeiramente é fogo, ou de natureza mui similhante ao fogo, elemento terrivel, bravo, indomito, abrazador, executivo e consumidor de tudo. Pelo contrario a luz em sua natureza é uma qualidade branda, suave, amiga; emfim, creada

2.º Brandura da luz da aurora e força dos raios do sol.

para companheira e instrumento da vista, sem offensa dos olhos, que são em toda a organisação do corpo humano a parte mais humana, mais delicada e mais mimosa. Philosophos houve que pela subtileza e facilidade da luz, chegaram a cuidar que era espirito e não corpo. Mas porque a philosophia humana ainda não tem alcançado «indubitavelmente» a differença da luz ao sol, valhamo-nos da sciencia dos anjos.

As duas columnas que acompanhavam o povo hebreu no deserto symbolizaram a luz e o rigor do Sol de justiça.

Exod. 13.

Aquelle anjo visivel, que guiava os filhos de Israel pelo deserto, diz o Texto que marchava com duas columnas de prodigiosa grandeza: uma de nuvem, de dia; e outra de fogo, de noite: *Per diem in columna nubis, per noctem in columna ignis*. E porque, ou para que levava o anjo estas duas columnas de nuvem e de fogo? A de nuvem para reparo do sol: a de fogo para continuação da luz. Tanto que anoitecia, accendia o anjo a columna de fogo sobre os arraiaes, para que tivessem sempre luz. E tanto que amanhecia, atravessava o anjo a columna de nuvem, para que ficassem reparados e defendidos do sol. De maneira que todo o cuidado do anjo sobre os seus recommendados consistia em dous ponctos; o primeiro que nunca lhes tocasse o sol: o segundo que nunca lhes faltasse a luz.

Os seus raios são mais rigorosos que os do sol natural.

Mal. 4.

Tão benignas qualidades reconhecia o anjo na luz e tão rigorosas no sol. Estas são as propriedades rigorosas e benignas do sol e da luz natural. E as mesmas, se bem considerarmos, acharemos no Sol e na Luz divina. Christo é Sol, mas Sol de justiça, como lhe chamou o propheta: *Sol justitiae*. E que muito que no sol haja raios e na justiça rigores? Todos os rigores que tem obrado no mundo o sol natural, tantas seccas, tantas esterilidades, tantas sêdes, tantas fómes, tantas doenças, tantas pestes, tantas mortandades, tudo foram execução do Sol de justiça, o qual as fez ainda maiores. O sol material nunca queimou cidades; e o Sol de justiça queimou e abrazou em um dia as cinco cidades de Pentapolis inteiras, sem deixar homem á vida, nem dos mesmos edificios e pedras mais que cinzas. Taes são os rigores d'aquelle Sol divino. Mas a benignidade da Luz que hoje nasce; e de que elle nasceu, como a poderei eu explicar? Muitas e grandes cousas podera dizer d'esta soberana benignidade: mas direi só uma que vale por todas. É tão benigna aquella divina Luz, que sendo tão rigorosos e tão terriveis os raios do divino Sol, ella só basta para os abrandar e fazer tambem benignos. Lêde o testamento velho, e achareis que Deus antigamente afogava exercitos, queimava cidades, alagava mundos, despovoava paraisos. E hoje sendo os peccados dignos de maior castigo pela circumstancia do tempo, da fé e dos beneficios, não se vêem em Deus similhantes rigores. Pois, por-

que, se Deus é o mesmo e a sua justiça é a mesma? Porque aquella benigna Luz lhe amansou os rigores, lhe embargou as execuções e lhe temperou de tal maneira os raios, que ao mesmo fogo abrazador de que eram compostos, lhe tirou as actividades com que queimava, e só lhe deixou os resplandores com que luzia. Grande caso, mas provado!

A çarça figura de Maria. Exod. 3.

Vê Moysés no deserto uma çarça, que ardia em fogo e não se queimava. Pasma da visão: parte a vêl-a de mais perto; e quanto mais caminha e vê, tanto mais pasma. Ser fogo o que estou vendo, não ha duvida: aquella luz intensa, aquellas chammas vivas, aquellas labaredas ardentes, de fogo são: mas a çarça não se consome, a çarça está inteira, a çarça está verde: que maravilha é esta? Grande maravilha para quem não conhecia o fogo, nem a çarça: mas para quem sabe que o fogo era Deus e a çarça Maria, ainda era maravilha maior, ou não era maravilha. O fogo era Deus que vinha libertar o povo: assim o diz o Texto. A çarça era Maria em que Deus tomou fórma visivel quando veiu libertar o genero humano: assim o diz S. Jeronymo, Sancto Athanasio, S. Basilio e a mesma Egreja. Como o fogo estava na çarça, como Deus estava em Maria, já o seu fogo não tinha actividades para queimar; luzir sim, resplandecer sim, que effeitos são de luz: mas queimar, abrazar, consumir, que são effeitos do fogo, isso não, que já lh'os tirou Maria. Já Maria despontou os raios ao Sol; por isso luzem e não ferem; ardem e não queimam; resplandecem e não abrazam. Parece-vos maravilha, que assim abrandasse aquella benigna Luz os rigores do Sol? Parece-vos grande maravilha que assim lhe apagasse o fogoso e abrazado, e lhe deixasse só o resplandecente e luminoso? Pois ainda fez mais.

No Sol de justiça abranda a Senhora não só os rigores do fogo, senão tambem os da luz.

Não só abrandou ou apagou no Sol os rigores do fogo, senão tambem os rigores da luz. O sol não só é rigoroso e terrivel no fogo com que abraza; senão tambem na luz com que allumia. Em apparecendo no oriente os primeiros raios do sol, como se foram archeiros da guarda do grande rei dos planetas, vereis como vão deante fazendo praça; e como em um momento alimpam o campo do céu, sem guardar respeito, nem perdoar a cousa luzente. O vulgo das estrellas, que andavam como espalhadas na confiança da noite, as pequeninas somem-se, as maiores retiram-se; todas fogem, todas se escondem, sem haver nenhuma, por maior luzeiro que seja, que se atreva a parar, nem apparecer deante do sol descoberto. Vêdes esta majestade sévera? Vêdes este rigor da luz do sol, com que nada lhe pára, com que tudo escurece em sua presença? «Assim era a luz do Sol de justiça.» Ora deixae-o vir na carreira do seu

zodiaco ao signo de Virgem, e vereis como essa mesma luz fica benigna e tractavel.

Prova-o a mulher vestida de sol, vista por S. João.

Viu S. João no Apocalypse um novo signo celeste; era uma mulher vestida de sol, calçada da lua, e coroada de estrellas: *Signum magnum apparuit in coelo: mulier amicta sole, luna sub pedibus ejus; et in capite ejus corona stellarum duodecim.* Não reparo no sol e na lua: no sol e nas estrellas reparo. Calçada da lua e vestida de sol, bem póde ser: porque deante do sol tambem apparece a lua. Mas vestida de sol e coroada de estrellas? Sol e estrellas junctamente? Não é possivel, como acabamos de vêr. Pois se na presença do sol fogem e desapparecem as estrellas, e o sol estava presente e tão presente no vestido da mesma mulher, como appareciam, nem podiam apparecer as estrellas da corôa? Ahi vereis quão mudado está o sol depois que vestiu uma mulher, ou depois que uma mulher o vestiu a elle! Depois que o sol entrou no signo de Virgem, depois que o Sol se humanou nas entranhas da Virgem Maria, logo os seus raios não foram temerosos; logo a grandeza e soberania da sua mesma luz foi tão benigna, que já não fogem, nem se escondem d'ella as estrellas, antes lhes consente que possam luzir e brilhar em sua presença. Assim amansou aquella Luz divina o Sol n'outro tempo tão severo: assim humanou a intoleravel grandeza de sua luz: assim temperou e quebrou a força de seus raios: para que vejamos quanto se deve alegrar n'este dia; e quanto deve festejar o nascimento d'esta benigna Luz o genero humano todo; e mais aquelles que mais teem offendido o Sol. Quantas vezes havia de ter o Sol de justiça abrazado o mundo! Quantas havia de ter fulminado com os seus raios as rebeldias de nossas ingratidões e as abominações de nossos vicios, se não fôra pela benignidade d'aquella Luz! Para isso nasceu, e para isso nasce hoje; para o fazer humano antes de nascer e para lhe atar as mãos e os braços depois de nascido: *De qua natus est Jesus.*

Vestis eum et vestiris ab eo Bern.

3.° A luz allumia de dia, de noite e na aurora e allumia todo o mundo. O sol não é assim. *Gen. 1.*

V. «Ha ainda mais que reparar no nascimento do sol e da luz? Ainda mais.» O sol nunca allumia mais que meio mundo; porque quando amanhece para nós, anoitece para os antipodas; e quando amanhece aos antipodas, anoitece para nós; e nunca allumia mais que meio tempo; porque das vinte e quatro horas do dia natural as doze assiste em um hemispherio e as doze no outro. Não assim a luz. A luz não tem limitação de tempo nem de logar. Ao sol limitou-lhe Deus tempo, porque mandou que allumiasse o dia: *Luminare maius ut praeesset diei;* e limitou-lhe logar, porque só quiz que andasse dentro dos tropicos do Cancro e Capricornio, e que d'elles não saisse. Po-

rém á luz não lhe limitou tempo; porque mandou que allumiasse de dia por meio do sol e de noite por meio da lua: *Luminare maius ut praeesset diei et luminare minus ut praeesset nocti;* e não lhe poz limitação de logar, porque quiz que allumiasse não só dentro dos tropicos, senão fóra d'elles para que por este modo, de dia e de noite, no claro e no escuro, na presença e na ausencia do sol, sempre houvesse luz, como ha.

Christo como sol de justiça allumia só aos justos. Maria como mãe de misericordia allumia os justos e os peccadores.

Esta mesma differença se acha na verdadeira Luz e no verdadeiro Sol Christo e sua Mãe «por misericordiosa dispensação do mesmo Christo, que, compadecendo-se da nossa fraqueza, quiz que recorressemos com confiança a sua Mãe; pois n'ella não podiamos temer os raios da sua justiça.» Christo é o sol do mundo: mas sol que tem certo hemispherio, sol que tem seus antipodas, «sol emfim de justiça que por isso não póde egualmente allumiar os bons e os maus.» Assim o disse Deus por bocca do propheta Malachias: *Orietur vobis timentibns nomen meum sol justitiae:* nascerá o sol de justiça para vós que temeis o meu nome. Falla o propheta não da graça da redempção ou sufficiente, que é universal para todos; senão da sanctificante e efficaz, de que muitos por sua culpa são excluidos. É por isso diz que o Sol de justiça não nasce para todos, senão só para aquelles que o temem. Todo este mundo, tomado n'esta consideração, se divide em dous hemispherios: um hemispherio dos que temem a Deus; outro hemispherio dos que o não temem. No hemispherio dos que temem a Deus só nasce o Sol de justiça, e só para elles ha dia, só elles são allumiados. No hemispherio dos que não temem a Deus, nunca jamais amanhece o Sol, sempre ha perpetua noite, todos estão em trevas e ás escuras. N'este sentido chamou o propheta a este Sol, Sol de justiça: *Sol justitiae.* O sol material, se bem se considera, é sol sem justiça; porque tracta a todos pela mesma fórma; e tanto amanhece para os bons como para os máus. É possivel que tanto sol ha de haver para o christão como para o infiel? Para o que adora a Deus, como para o que adora o idolo? Tanto ha de amanhecer o sol para o diligente como para o preguiçoso? Tanto para o que lhe abre a janella, como para o que lh'a fecha? Tanto para o lavrador que o espera, como para o ladrão que o abhorrece? Notavel injustiça do sol material! Não assim o Sol de justiça. É Sol de justiça, porque tracta a cada um conforme o que merece. Só para os bons amanhece; e para os maus esconde-se: só allumia aos que o temem; e os que o não temem sempre os tem ás escuras.

As trevas do Egypto foram figura do castigo dos peccadores. *Exod.* 10.

Parece cousa difficultosa que no mesmo hemispherio, na mesma cidade e talvez na mesma casa, estejam uns allumiados e outros ás escuras: mas assim passa; e já isto se viu com os olhos no mundo algum dia. Uma das pragas do Egypto foram as trevas; e descrevendo-as o Texto, diz assim: *Factae sunt tenebrae horribiles in universa terra Ægypti. Nemo vidit fratrem suum, nec movit se de loco in quo erat: ubicumque autem habitabant filii Israel, lux erat:* houve em toda a terra do Egypto umas trevas tão horriveis que nenhum egypcio via ao outro e nenhum se podia mover do logar onde estava; mas onde habitavam os hebreus no mesmo tempo havia luz. Brava maravilha! Em toda a terra do Egypto havia umas casas que só eram habitadas de egypcios, outras que só eram habitadas de hebreus, outras que eram habitadas de hebreus e egypcios junctamente. Nas que eram habitadas de egypcios, todos estavam em trevas: nas que eram habitadas de hebreus, todos estavam em luz: nas que eram habitadas de hebreus e de egypcios junctamente, os hebreus estavam alluminados e os egypcios ás escuras. Isto que fez no Egypto a vara de Moysés, faz em todo o mundo a vara do Sol de justiça. Muitas casas ha no mundo em que todos são peccadores; algumas casas haverá em que todos sejam justos; outras ha (e é mais ordinario) em que uns são justos e outros peccadores. E com toda esta diversidade de casas e de homens executa a vara do Sol de justiça, o que a de Moysés no Egypto. Na casa onde todos são justos, todos estão em luz: na casa onde todos são peccadores, todos estão em trevas: na casa onde ha peccadores e justos, os justos estão allumiados, e os peccadores ás escuras. De sorte que o Sol de justiça (n'esta consideração em que fallamos) é sol tão particular e tão parcial, que não só no mundo tem differentes hemispherios; mas até na mesma casa tem antipodas.

A esposa dos Cantares, cap. 6, diligente como a aurora, formosa como a lua, escolhida como o sol. Explicação de Innocencio III.

Não assim aquella Luz que hoje nasce: que para todos e para todo o tempo e todo o logar é sempre luz. Viram os anjos nascer hoje aquella formosa luz e admirados de sua belleza disseram assim: *Quae est ista quae progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol*: quem é esta que nasce e apparece no mundo, diligente como a aurora, formosa como a lua, escolhida como o sol? Á aurora, á lua, e ao sol comparam os anjos esta Senhora; e parece que dizem menos com tres comparações do que diriam em uma. Se disseram só que era similhante ao sol, diriam mais; porque de sol á lua é minguar, de sol á aurora é descer. Pois por que razão (que não podia ser senão grande razão) uns

espiritos tão bem intendidos como os anjos, ajustam umas similhanças tão deseguaes e comparam a Senhora, quando nasce, á aurora, á lua e ao sol junctamente? Deu no mysterio advertidamente o papa Innocencio III. Comparam os Anjos a Maria, quando nasce junctamente ao sol, á lua e á aurora, para mostrar que aquella Senhora é luz de todos os tempos. Todos os tempos ou são dia, ou são noite, ou são aquella hora da luz duvidosa que ha entre a noite e o dia. Ao dia allumia o sol; á noite allumia a lua; á hora entre a noite e dia, allumia a aurora. Pois por isso chamam os anjos junctamente a Senhora, aurora, lua e sol; para mostrarem que é luz que allumia de dia como sol: luz que allumia de noite como lua: luz que allumia quando não é noite nem dia, como aurora. E quem são ou que significam estes tres tempos? Ouvi agora a Innocencio: *Luna lucet in nocte, aurora in diluculo, sol in die: nox autem est culpa, diluculum poenitentia, dies gratia:* A lua allumia de noite; e a noite é a culpa: a aurora allumia de madrugada; e a madrugada é a penitencia: o sol allumia de dia; e o dia è a graça. E para todos estes tempos e para todos estes estados é Maria luz universal. Luz para os justos que estão em graça: luz para os peccadores que estão na culpa, e luz para os penitentes que querem passar da culpa á graça. Pelo que (conclúi o grande pontifice) se sois peccadores, se estais na noite do peccado, olhae para a Lua, fazei oração a Maria, para que vos allumie e vos tire da noite do peccado, para a madrugada da penitencia. Se sois penitente e estais na madrugada do arrependimento, ponde os olhos na aurora, fazei oração a Maria, para que vos allumie e vos passe da madrugada da penitencia ao dia da graça. Se sois justo, se estais no dia da graça, ponde os olhos no sol, fazei oração a Maria, para que vos sustente e vos augmente n'esse dia, porque d'esse dia ditoso não ha para onde passar. Assim allumia aquella soberana Luz universalmente a todos sem excepção de tempo nem de estado. O Sol de justiça allumia só aos que o temem: *Timentibus nomen meum:* mas a Luz de misericordia allumia aos que o temem, porque o temem; e aos que o não temem, para que o temam; e a todos allumia. O sol de justiça nasce só para os justos: mas a Luz de misericordia nasce para os justos e mais para os peccadores; e por este modo é mais universal para todos a Luz que hoje nasce, do que o mesmo Sol «de justiça» que d'ella nasceu: *De qua natus est Jesus.*

4.º A luz é mais apressada que o sol.

VI. Finalmente esta Luz de misericordia é mais apressada para nosso bem. Ser mais apressada a luz que o sol, é verdade que

vêem os olhos. Parte o sol do oriente e chega ao occidente em doze horas: apparece no oriente a luz e em um instante fere o occidente opposto e se dilata e extende por todos os horizontes allumiando em um momento o mundo. O sol no inverno parece que anda mais tardo no amanhecer, e no verão mais diligente; mas nunca se levanta tão cedo o sol; que não madrugue a luz muito deante d'elle. Ó Luz divina, como vos pareceis n'esta diligencia á luz natural!

Christo e Maria nas vodas de Caná (*Joan.* 2) Sancto Anselmo.

Foram convidados a umas vodas o Sol e a Luz, Christo e Maria. Faltou no meio do convite aquelle licor, que n'outra mesa (depois do sol posto) deu materia a tão grandes mysterios. Quiz a piedosa Mãe acudir á falta; fallou ao Filho: mas respondeu o Senhor tão seccamente, como se negára sel-o: *Quid mihi et tibi, mulier, nondum venit hora mea:* que ha de mim para ti, mulher? Ainda não chegou a minha hora. Aqui reparo. Esta hora não era de fazer bem? Não era de encobrir e acudir a uma falta? Não era de remediar a uma necessidade? Pois como respondeu Christo que não era chegada a sua hora, *Nondum venit hora mea?* E se não era chegada a sua hora, como tracta a Senhora do remedio? Era chegada a hora de Maria e não era chegada a hora de Christo? Sim; que Maria é luz, e Christo é sol; e a hora do sol sempre vem depois da hora da luz: *Nondum venit hora mea:* ainda não era vinda a hora do Sol e a hora da Luz já tinha chegado. Por isso disse Christo a sua Mãe com grande energia: *Quid mihi et tibi?* Como se dissera: Reparae, Senhora, na differença que ha de mim a vós, na materia de soccorrer aos homens, como agora quereis que eu faça. Vós os soccorreis e eu os soccorro: vós lhes acudis e eu lhes acudo: vós os remediais e eu os remedeio: mas vós primeiro e eu depois: vós logo e eu devagar: vós na vossa hora que é antes da minha, e eu na minha que é depois da vossa: *Nondum venit hora mea.* É aquella gloriosa differença que sancto Anselmo se atreveu a dizer uma vez, e todos depois d'elle a repetiram tantas: *Velocior nonnunquam salus, memorato nomine Mariae, quam invocato nomine Jesu:* que algumas vezes é mais apressado o remedio, nomeado o nome de Maria que invocado o nome de Jesús. Atrevido reparo, mas fundado na experiencia.

A carroça de Christo o sol; a de Maria a lua. *Ps.* 18. *Apoc.* 12.

Todos os caminhos de Christo e os de Maria foram para remedio do homem. Mas tenho eu notado que são mui differentes as carroças que este Rei e Rainha do céu escolheram para correr á posta em nosso remedio. Christo escolheu por carroça o sol, e Maria a lua. O primeiro viu-o David: *In sole posuit tabernaculum suum:* o segundo viu-o S. João: *Et luna sub*

pedibus eius, Cá nas côrtes da terra vemos o rei e a rainha, quando saem, passearem junctos na mesma carroça: o Rei e a Rainha do céu porque o não fazem assim? Por que razão não apparece a Rainha do céu na mesma carroça do Sol como seu Filho? Porque divide a carroça; e escolheu para si a da lua? Eu o direi; a lua é «apparentemente» muito mais ligeira que o sol em correr o mundo. O sol corre o mundo pelos signos do Zodiaco em um anno uma só vez: a lua doze vezes; e ainda lhe sobejam dias e horas. E como as manchadas pias que rodam a carroça da lua, são «aos nossos olhos» muito mais ligeiras, que os cavallos fogosos que tiram pelo carro do sol, por isso Christo apparece no carro do sol e Maria no da lua. Não é consideração minha, senão verdade prophetica, confirmada com o testimunho de uma e outra visão, e com os effeitos de ambas. Tomou Christo para si o carro do sol; e que se seguiu? *Exultavit ut gigas ad currendam viam*, diz David. Largou o sol as redeas ao carro e correu Christo com passos de gigante. Tomou Maria para si a carroça da lua: e que se seguiu? *Datae sunt mulieri alae duae aquilae magnae ut volaret*: diz S. João. Estando com a lua debaixo dos pés deram-se a Maria duas azas de aguia para que voasse. De sorte que Christo no carro do sol corre com passos de gigante; e Maria na carroça da lua vôa com azas de aguia; e quanto vai das aguias aos gigantes e das azas aos pés e do voar ao correr, tanto excede a ligeireza velocissima com que nos soccorre Maria, á presteza posto que grande, com que nos soccorre Christo. Não vos acode primeiro nas vossas causas o advogado que o juiz? Pois Christo é o juiz; e Maria a advogada.

Porque sanctifica o Baptista mais apressadamente do que institúi o baptismo. *Luc. 1. Matth. 28.*

E para que de uma vez vejamos a differença com que esta soberana luz se avantaja ao Sol divino na diligencia de acudir a nosso remedio, consideremol-os junctos e comparemol-os divididos. E que acharemos? Cousa maravilhosa! Acharemos que quando a nosso remedio mais se apressa é por diligencia da Luz; e quando alguma vez se dilata, é por tardanças do Sol. Veste-se de carne o Verbo nas entranhas da Virgem Maria; e diz o evangelista que logo com muita pressa se partiu a Senhora com seu Flho a livrar o menino Baptista: *Exurgens autem Maria abiit in montana cum festinatione*. Nasce emfim Christo, cresce, vive, morre, resuscita e do mesmo dia da Incarnação a trinta e quatro annos institúi o Sacramento do Baptismo: *Baptizantes eos in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti*. O baptismo já sabeis que é o remedio do peccado original, que foi o que Christo principalmente veiu remediar ao mundo, como res-

taurador das ruinas de Adão. Pois se Christo veiu ao mundo principalmente a remediar o peccado original, e se em chegando ao mundo o foi remediar logo no menino Baptista; como agora dilata tantos annos o remedio do mesmo peccado? Então parte no mesmo instante; e depois dilata-se tanto tempo? Sim: porque então estava Christo dentro em sua Mãe. Christo em sua Mãe obra por ella; e ella como luz obra em instante. Christo fóra de sua Mãe obra por si mesmo; e elle como sol obra em tempo e muito tempo. Vêde se mostra a experiencia o que eu dizia que quando o nosso remedio mais se apressa, é por diligencia d'aquella divina Luz; e da mesma maneira, quando se dilata ou quando se perde (bem que por culpa nossa) é com tardanças do Sol «porque é Sol de justiça.»

Christo como sol de justiça acode mais devagar que Maria como mãe de misericordia.

O divino Esposo de nossas almas é certo que nunca falta nem tarda: nós somos os que lhe faltamos e lhe tardamos. As suas diligencias e as de sua Sanctissima Mãe, todas nascem da mesma fonte, que é o excessivo amor do nosso remedio. Mas é a Senhora, por mais agradar e se conformar com o desejo do mesmo Christo, tão sollicita, tão cuidadosa, tão diligente em acudir, em soccorrer, em remediar aos homens, que talvez (como aconteceu n'este caso) as diligencias de seu Filho comparadas com as suas, parecem tardanças. Tudo é ser elle Sol e ella Luz. O sol nunca tarda, ainda quando sái mais tarde; porque quem vem a tempo não tarda. Assim o disse o propheta Habacuc fallando á letra não de outrem, senão do mesmo Christo: *Si moram fecerit, expecta illum; quia veniens veniet, et non tardabit:* Se tardar, esperae por elle; porque virá sem duvida e não tardará. Como não tardará, se já tem tardado, e ainda está tardando: *Si moram fecerit?* São tardanças de Sol, que ainda quando parece que tarda, não tarda: porque vem quando deve vir. Mas esse mesmo Sol, que regulado com suas obrigações nunca tarda, comparado com as diligencias da Luz, nunca deixa de tardar. Sempre a Luz vem deante; sempre a Luz sái primeiro; sempre a Luz madruga e se antecipa ao Sol.

Quão piedoso é o amparo da Senhora. Sancto Agostinho.

Oh divina Luz Maria! Ditoso aquelle que merecer os lumes de vosso favor! Ditoso aquelle que entrar no numero dos vossos favorecidos, ou dos vossos allumiados! Tendo-vos de uma parte a vós e da outra a vosso Filho, dizia aquelle grande servo e amante de ambos, Agostinho: *Positus in medio, quo me vertam? Nescio.* Posto em meio dos dous, não sabe Agostinho para que parte se ha de voltar? E quando Agostinho confessa que não sabe, soffrivel é em qualquer homem qualquer ignorancia. *Ut minus sapiens dico:* como ignorante digo, Virgem

Sanctissima (perdôe-me vosso Filho) que eu me quero voltar antes a vós. Já elle alguma hora deixou a seu Pae por sua Mãe: não extranhara que eu faça o mesmo. Tenha a prerogativa de Esaú quem quizer: que eu quero antes a dita de Jacob; «pois estou certo que com as prevenções e diligencias da Mãe, alcançarei mais facilmente a benção do Pae. Por mais diligencias que faça o Sol sempre a Luz ha de chegar mais cedo. Isto é o que vemos na ordem da natureza: isto o que cremos na ordem da graça: isto o que hoje festejamos n'aquella Luz que já tem nascido, quando o Sol ainda ha de nascer: *Maria de qua natus est Jesus.*

Conclusão. Por todas estas razões se deve festejar n'este dia antes o nascimento da Luz que o do Sol.

VII. Resumo em poucas palavras a solução da duvida que propuz no principio e concluo o sermão. Celebrando-se hoje dous nascimentos, o nascimento da Luz Maria nascida em si mesma e o nascimento do Sol Christo nascido na sua Luz, perguntavamos por qual d'elles se devia mais festejar este dia; se por dia do nascimento da Luz, ou se por dia do nascimento do Sol; e com licença do mesmo Sol que assim o quiz, provámos que por dia do nascimento da Luz. E porque? Porque esta luz, ainda que effeito do mesmo Sol se mostrou aos olhos da nossa fragilidade, primeiro mais privilegiada; segundo mais benigna: terceiro mais universal: quarto finalmente mais apressada para nosso bem. Por isso canta hoje a Egreja que o nascimento da Virgem Mãe de Deus annunciou geral regosijo a todo o genero humano: *Nativitas tua Dei genitrix Virgo gaudium annuntiavit universo mundo.*»

Como filhos da luz recorramos á Senhora da Luz. *Joan.* 13.

Ora, christãos, supposto que aquella Luz é tão apressada e diligente para nosso remedio; supposto que é tão universal para todos e para tudo. supposto que é tão privilegiada e favorecida por graça e benignidade do mesmo Sol, mettamo-nos todos debaixo das azas d'esta soberana Protectora, para que nos faça sombra e nos dê luz, para que nos faça sombra, e nos defenda dos raios do Sol de Justiça, que tão merecidos temos por nossos peccados. e para que nos dê luz para sair d'elles, pois é Senhora da Luz. Aquella mulher prodigiosa do Apocalypse, que S. João víu com as suas azas extendidas, toda a Egreja reconhece que era a Virgem Maria. E nós podemos accrescentar que era a Virgem Maria debaixo do nome e invocação de Senhora da Luz. A mesma luz o dizia e o mostrava: que da peanha até á corôa toda era luzes: a peanha lua, o vestido sol, a corôa estrellas: toda luzes e toda luz. E pois a Senhora da Luz está com as azas abertas, mettamo-nos debaixo d'ellas e muito dentro n'ellas para que sejamos filhos da luz: *Dum lucem habetis, credite in lucem, ut filii lucis sitis*: diz Christo: em quanto

se vos offerece a lúz, crêde na luz, para que sejais filhos da luz. Sabeis, christãos, porque não acabamos de ser filhos da luz? É porque não acabamos de crer na luz. Creiamos na luz e creiamos que não ha maior bem no mundo que a luz: e ajudem-nos a esta fé os nossos mesmos sentidos.

Observação de S. Thomás.

Vêde o que notou Sancto Thomás. N'este mundo visivel umas cousas são imperfeitas, outras perfeitas, outras perfeitissimas; e nota elle com subtileza e advertencia angelica, que as perfeitissimas teem a luz e dão luz: as perfeitas não teem luz, mas recebem luz: as imperfeitas nem teem luz, nem a recebem. Os planetas e as estrellas que são creaturas sublimes e perfeitissimas, teem luz e dão luz: o elemento do ar e o da agua que são creaturas diaphanas e perfeitas, não teem luz, mas recebem luz: a terra e todos os corpos terrestres, que são creaturas imperfeitas e grosseiras nem teem luz, nem recebem luz; antes a rebatem e deitam de si. Ora não sejamos terrestres; já que Deus nos deu uma alma celestial: recebamos a luz, amemos a luz, busquemos a luz e conheçamos que não temos, nem podemos, nem Deus nos póde dar bem nenhum, que seja verdadeiro bem sem luz. Ouvi umas palavras admiraveis do apostolo Sanct-Iago na sua epistola.

Texto notavel de Sanct-Iago. Cap. 1.

Omne datum optimum et omne donum perfectum desursum est, descendens a Patre luminum: toda a dadiva boa e todo o dom perfeito descende do Pae dos lumes. Notavel dizer! De maneira que, quando Deus dá um bem, que seja verdadeiramente bem; quando Deus nos dá um bem que seja verdadeiramente perfeito, não se chama Deus Pae das misericordias, nem fonte das liberalidades, chama-se Pae dos lumes e Fonte da luz; porque no lume e na luz que Deus nos dá com os bens consiste a bondade e perfeição d'elles. Muitos dos que nós chamamos bens de Deus, sem luz são verdadeiramente males; e muitos dos que nós chamamos males, com luz são verdadeiros bens. Os favores sem luz são castigos, e os castigos com luz são favores: as felicidades sem luz são desgraças, e as desgraças com luz são felicidades: as riquezas sem luz são pobreza, e a pobreza com luz são as maiores riquezas: a saude sem luz é doença, e a doença com luz é saude. Emfim na luz ou falta da luz, consiste todo o bem e todo o mal d'esta vida e todo o da outra. Porque cuidais que foram sanctos os sanctos, senão porque tiveram a luz que a nós nos falta? Elles desprezaram o que nós estimamos: elles fugiram do que nós buscamos: elles metteram debaixo dos pés o que nós trazemos sobre a cabeça, porque viam as cousas com differente luz do que nós as vemos. Por isso David em todos os psalmos, por

isso os prophetas em todas as suas orações e a Egreja nas suas, não cessam de pedir a Deus luz e mais luz.

Com esta luz chegaremos á Luz inaccessivel da Divindade. 1. Tim. 6.

Este é o dia, Christãos, de despachar petições. Peçamos hoje luz para nossas trevas; peçamos luz para nossas escuridades; peçamos luz para nossas cegueiras; luz com que conheçamos a Deus, luz com que conheçamos as mundo, e luz com que nos conheçamos a nós. Abramos as portas á luz, para que allumie nossas casas; abramos os olhos á luz, para que allumie nossos corações; abramos os corações á luz, para que móre perpetuamente n'elles. Venhamos, venhamos a buscar luz a esta fonte de luz; e levemos d'aqui cheias de luz nossas almas. Com esta luz saberemos por onde havemos de ir; com esta luz conheceremos d'onde nos havemos de guardar; com esta luz, emfim, chegaremos áquella luz onde móra Deus, a que o apostolo chama luz inaccessivel: *Qui lucem inhabitat inaccessibilem*; que só por meio da Luz que hoje nasce se póde chegar á vista do Sol que d'ella nasceu: *De qua natus est Jesus.*

(Ed. ant. tom. 1.º pag. 230, ed. mod. tom. 2, pag. 192)

SERMÃO DE NOSSA SENHORA DO Ó

OU

DA EXPECTAÇÃO DO PARTO ***

PRÉGADO NA EGREJA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA NA BAHIA NO ANNO DE 1640, COM O SENHOR EXPOSTO

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—O sermão é rigorosamente encomiastico, rico em pensamentos e imagens sublimes e tem muita graça e novidade na conclusão. No original estas boas qualidades são flores perdidas entre a espessura de muitas hervas damninhas.

Ecce concipies in utero et paries Filium.
S. Luc. 1.

O mysterioso Ó e as palavras do anjo que diz: *Ecce concipies in utero.*

Uma das maiores excellencias das Escripturas divinas é não haver n'ellas nem palavra, nem syllaba, nem ainda uma só lettra que seja superflua ou careça de mysterio. Tal é o mysterioso Ó que hoje começa a celebrar e todos estes dias repete a Egreja, breve na voz, grande na significação e nos mysterios profundissimo, por «significar seus ardentes e continuos desejos do nascimento do Messias». Mas contra este mesmo principio parece que no texto citado, com ser tão breve, não só temos uma lettra, mas uma palavra snperflua. E que palavra é esta? Dizendo o anjo á Senhora que conceberia e «daria á luz» o Filho de Deus: *Ecce concipies et paries;* bem claramente se intendia não só a substancia do mysterio, senão o modo e o logar; e que este havia de ser o sacramento virginal do ventre sanctissimo. Superfluo parece logo sobre a palavra *concipies* acrescentar *in utero.* Mas esta embaixada deu-a o anjo, mandou-a Deus, e refere-a o evangelista; e nem Deus, nem o anjo, nem o evangelista haviam de dizer palavras superfluas. A que fim, pois, quando se annuncia este oraculo (que foi o maior que veio nem virá jámais do céu á terra) se diz e se repete por tres boccas, uma divina, outra angelica e outra mais que humana, que o mysterio da conceição do Verbo se ha de obrar signaladamente no utero ou ventre da Mãe: *Ecce con*

cipies in utero et paries filium? Sem duvida, porque era tão grande a novidade e tão estupenda a maravilha, que necessitava a fé de toda esta expressão. Haver-se Deus de fazer homem, novidade foi que assombrou aos prophetas quando a ouviram: porém que esse mesmo Deus, sendo immenso, se houvesse e podesse encerrar em um circulo tão breve como o ventre de uma Virgem? Esta foi a maravilha que mais excede as medidas de toda a capacidade creada; «e esta a razão de se notar tão expressamente no Evangelho» *Ecce concipies in utero et paries Filium.*

Os desejos da Senhora proporcionados com o seu objecto.

Nove mezes teve dentro em si este circulo a Deus; e quem poderá imaginar os desejos da Virgem Sanctissima no espaço d'aquelles nove mezes? «Não ha intendimento humano nem angelico que chegue a tanto; e comtudo este é o que hoje celebramos na Expectação do Parto já concebido e ha de ser o argumento do nosso discurso. Logo que hei de fazer? Direi o que poder concordando, segundo o estylo que sigo na prégação, o evangelho com o titulo da festa, e explicando o thema para declarar o mysterio. O evangelho falla da conceição do Verbo no ventre virginal de Maria Sanctissima: o titulo da festa é a Expectação do Parto e os desejos da mesma Senhora, debaixo do nome do Ó. E porque o objecto dos desejos é Aquelle mesmo a quem encerra o ventre virginal, medindo a extensão e intensidade dos desejos pela immensidade e infinidade do Desejado,» vamos rastear os suspiros da Expectação. Tudo nos dirão, com a graça do céu, as palavras que tomei por thema. *Ave Maria.*

O que é a immensidade de Deus.

II. *Ecce concipies in utero et paries.* Considerae a immensidade de Deus, e vereis até onde chega e se extende o significado d'esta grande palavra *In utero.* Immensidade é uma extensão sem limite, cujo centro está em toda a parte, e a circumferencia em nenhuma: *Cujus centrum est ubique et circumferentia nusquam.* Deus por sua immensidade. como bem declarou S. Gregorio Nazianzeno está dentro do mundo e fóra do mundo. Mas se fóra do mundo não ha logar, porque não ha nada, onde está Deus fóra do mundo? Onde estava antes de crear este mundo. Se Deus não estivera n'este espaço, onde hoje está o mundo, não o podera crear: e como Deus fóra do mundo póde crear infinitos mundos, tambem está em todos esses espaços infinitos a que chamamos imaginarios. E porque outro sim os espaços imaginarios que nós podemos imaginar, mas não podemos comprehender, não teem limite; por isso o centro da immensidade que se póde pôr dentro ou fóra do mundo, nem dentro nem fóra do mundo póde ter circumfe-

rencia. Comparae-me o mar com o diluvio. O mar tem praias, porque tem limite; o diluvio, porque era sem limite não tinha praias. Assim a immensidade de Deus (quanto a comparação o soffre). Está a immensidade de Deus no mundo e fóra do mundo: está em todo logar, e onde não ha logar: está dentro sem se encerrar, e está fóra sem sair; porque sempre está em si mesmo: o sensivel e o imaginario, o existente e o possivel, o finito e o infinito, tudo enche, tudo inunda, por tudo se extende: e até onde? Até não haver mais onde: sem termo, sem limite, sem horizonte, sem fim, e por isso incapaz de circumferencia: *circumferentia nusquam*.

Esta immensidade encerra-se no ventre purissimo de Maria.

Mas ó grandeza sobre todas as grandezas, ó milagre sobre todos os milagres, o do ventre virginal de Maria! Não se diga já que a immensidade de Deus não tem circumferencia de alguma sorte. Depois que o mesmo Deus incarnou no ventre de Maria, assim como é immenso, aquelle ventre o concebe, assim como é immenso, o comprehende, assim como é immenso o cerca. Aquella mesma immensidade de Deus a que não podem fazer circumferencia os orbes celestes, nem o globo inteiro do universo, nem os espaços imaginarios sempre mais e mais infinitos, essa mesma immensidade e não outra, é a que abraça, encerra e contém dentro em si o circulo d'aquelle ventre purissimo. Não é o pensamento meu, senão do propheta Jeremias, ou do mesmo Deus por sua bocca.

É a cousa nova que Deus havia de fazer sobre a terra. *Jerem. 31. Zach. 6.*

Creavit Deus novum super terram, diz o propheta Jeremias: creou Deus uma cousa nova sobre a terra e tão nova que nem na terra se viu, nem no céu se imaginou simílhante. E que cousa nova e tão nova é essa? *Foemina circumdabit virum*: uma mulher a qual ha de cercar o varão. O varão por antonomasia n'este caso é o Verbo Eterno incarnado. Todos os outros homens, quando se geram no ventre da mãe, passam pelo estado de embryão: porém o Verbo incarnado Christo, desde o primeiro instante da sua conceição, foi varão perfeito e perfeitissimo, não só em todas as potencias da alma e do corpo, senão tambem com o uso d'ellas. Assim como o primeiro Adão nunca foi menino, senão homem e varão perfeito desde o primeiro instante da sua creação; assim tambem o segundo Adão e com maior maravilha; porque foi varão perfeito não em corpo e estatura varonil, como o primeiro, mas n'aquella quantidade minima em que são concebidos os outros homens. Essa é a razão por que o mesmo Christo, á differença de todos os que nasceram de mulher, se chama com phrase da Escriptura Aquelle que foi gerado varão: *Vir oriens nomen eius*. D'este varão, pois, nunca no uso da razão menino e sempre homem; porque sempre Homem

e Deus, d'este é que falla Jeremias, quando diz que uma mulher o havia de cercar: *Foemina circumdabit virum.*

Porque diz Jeremias: Mulier circumdabit virum? Isai. 7.

Mas porque se declara o propheta pela palavra *cercar*, termo tambem novo e inaudito? Isaias prophetizando o mesmo mysterio disse: *Ecce Virgo concipiet et pariet Filium et vocabitur nomen ejus Emmanuel.* Que uma Virgem conceberia e «daria á luz um filho por nome Manuel: a saber Deus comnosco.» Pois se Jeremias se tinha empenhado em dizer uma cousa nova e nunca ouvida, porque a não pondera tambem pela maravilha da conceição e parto virginal: e em logar de dizer que a mulher de que falla conceberá e «dará á luz» a Deus feito homem, diz que cercará o varão? Sem duvida, porque a maior maravilha do mysterio da incarnação é chegar n'elle Deus que é immenso a estar cercado: «sendo isto maior milagre», que ajunctar a virgindade com o parto. Ajunctar a virgindade com o parto foi inventar Deus um nascimento digno da sua divindade: porque, como diz S. Bernardo, havendo Deus de ter mãe, não podia ser senão virgem. Mas cercar a mesma Virgem dentro do claustro materno a todo Deus, foi cercar o immenso; «o que nunca admittiria a razão, se a fé o não revelára». Isto é o que tinha prophetizado Jeremias, quando disse *Foemina circumdabit virum*: e isto o que lhe annunciou o anjo quando disse: *Ecce concipies in utero.*

Quaes fossem os desejos da Senhora a respeito de seu Parto divino.

III. Assentado, como temos visto, que o ventre virginal de Maria na conceição do Verbo comprehendeu o immenso; seguese agora mostrar «quaes foram os desejos da mesma Virgem vendo este immenso por tantos mezes comprehendido no seu ventre purissimo, e como com seus ardentes desejos apressou o ditoso momento de o dar á luz e recebel-o nos braços maternos». Estes desejos da Senhora começaram na conceição e acabaram no parto: «mas a sua extensão foi proporcional á immensidade do seu Objecto.» Não devemos conceder menos á capacidade do coração de Maria do que á do ventre sanctissimo: e se o ventre virginal foi capaz de encerrar o Immenso, «porque o não encerraria o coração?» A maior capacidade que creou a natureza é a do coração humano, «que não se póde encher com menos que com o Infinito. D'aqui e só d'aqui se póde inferir qual seria a intensidade e qual a extensão dos desejos da Virgem-Mãe na Expectação do Parto. Estae comigo.»

A carroça de Ezechiel c. 1 figura da Virgem que leva a Deus em suas entranhas.

N'aquella famosa carroça que descreve o propheta Ezechiel, na qual ia ou era levado Deus, o artificio das rodas era admiravel; porque dentro de uma roda estava ou se revolvia outra roda «e todo o corpo das mesmas estava cheio de olhos ao redor: *Quasi rota in medio rotae... et totum corpus oculis ple-*

ium in circuitu ipsarum quatuor.» E que duas rodas eram essas «que uma incluia a outra? Nota S. Jeronymo que difficillima é a explicação d'esta carroça de Ezechiel; e por isso ha sobre ella grande variedade de opiniões. Seguindo a analogia da fé, que sempre devemos ter deante dos olhos na interpretação da Escriptura, eu tambem direi a minha.» A carroça de Deus que sobre estas rodas se movia não só era a Virgem Sanctissima, como allegorizam os sanctos padres, mas era a mesma Virgem signaladamente no espaço dos nove mezes que teve a Deus em suas entranhas. Assim como o que vai ou é levado em uma carroça, não dá passo, nem tem outro movimento, senão o da carroça; assim o filho, em quanto está nas entranhas da mãe, não se move ou muda de logar, senão quando se move a mesma mãe; e d'este modo se houve ou andou Christo em todos os nove mezes que se contaram desde a sua conceição até o seu nascimento. Depois de concebido partiu logo ás montanhas da Judéa a sanctificar o seu Precursor: das montanhas tornou para Nazareth: de Nazareth foi a Belem; e não só n'estas jornadas mais largas, mas em todos seus movimentos, nenhum passo deu a Majestade humanada que não fosse na mesma carroça real, que por isso se chamava sua, como propria da Pessoa do Verbo. E como esta carroça de Deus representava a Mãe do mesmo Deus em todo aquelle tempo que o trouxe em si, por isso as rodas sobre que se movia eram fabricadas e travadas com tal artificio que «a roda interna que era o Coração do Filho, onde habitava a plenitude da divindade, movia com os seus desejos o coração da Mãe e n'este movimento communicava aos desejos maternos aquella extensão e intensidade que só podia communicar o Coração do Homem-Deus. Eis aqui o significado dos olhos que enchiam as peripherias de uma e outra roda: eis aqui a relação da roda interna que dava o movimento, á roda externa que o manifestava, e por conseguinte eis aqui o modo por que os desejos da Virgem se proporcionavam ao Objecto.» Os desejos da Senhora, nos dias, nas horas, nos momentos de todos aquelles mezes da Expectação do Parto, em que, depois de concebido o Filho de Deus em suas entranhas, suspirava pelo ver nascido, «eram proporcionados aos que tinha este mesmo Filho de se ver entre os braços da Mãe e mostrar-se ao mundo. E como os do Filho eram continuos e cresciam cada vez mais, assim cresciam os da Mãe.» Os desejos da Virgem Sanctissima no espaço d'aquelles nove mezes não se hão de contar por dias, nem por horas, senão por instantes: porque não houve instante em todo este tempo, nem de dia, nem de noite, em

que não se multiplicassem no coração da Senhora: suspirando e anhelando sempre por aquella hora que tanto mais tardava e se alongava quanto era mais desejada. E digo nem de dia, nem de noite; porque ainda que o brevissimo somno dava suas treguas aos sentidos, o coração que não se podia apartar d'onde tinha o seu thesouro, como vela que sempre ardia, sempre vigiava: *Ego dormio, et cor meum vigilat.* «E se desde o primeiro instante os seus desejos eram immensos, se nos momentos de todos aquelles mezes da expectação do sagrado Parto foram sempre crescendo; até onde chegariam n'este dia em que estavam tão perto do seu cumprimento?»

Cant. 5

Os circulos que produz uma pedra lançada no mar e os desejos de Maria.

Se a caso ou de industria lançastes uma pedra ao mar sereno e quieto, ao primeiro toque da agua vistes alguma perturbação n'ella; mas tanto que esta perturbação se socegou e a pedra ficou dentro no mar, no mesmo poncto se formou n'elle um circulo perfeito, e logo outro circulo maior, e após este outro e outros, todos com a mesma proporção successiva e todos mais extendidos sempre e de mais dilatada esphera. Parece que a natureza na multiplicação e successão d'estes circulos teve o intento de nos declarar de alguma maneira, como os desejos da Senhora, desde o momento que concebeu no seu purissimo ventre o Verbo divino se multiplicavam e junctamente se extendiam. A Virgem Maria era o mar, a pedra era Christo: o primeiro toque da pedra no mar foi quando anjo na embaixada á Virgem lhe tocou em que havia de ser Mãe com benção sobre todas as mulheres. E que succedeu então? Duas cousas notaveis. A primeira, que a serenidade d'aquelle mar purissimo se turbou um pouco: *Turbata est in sermone eius.* A segunda, que socegada esta perturbação, no mesmo poncto em que a Senhora disse: *Fiat mihi secundum verbum tuum*; a pedra desceu ao seu centro, e logo os desejos da Senhora se começaram a formar e crescer no coração de tal sorte, que sempre se iam succedendo e multiplicando á medida do amor que tambem crescia. Disse a Esposa no livro dos Cantares que os seus desejos eram como o Desejado: *Dilectus meus totus desiderabilis*; e como o traslada e interpreta a versão chaldaica: *Dilectus meus totus desideria*: os meus desejos são como todo o meu Amado. E se os desejos do Senhora se mediam totalmente com o seu Desejado, e o Desejado era immenso, infinito, eterno; «quem póde achar a medida a estes desejos?» Finalmente, para que não pareça encarecimento o que digo deixae-me abater o discurso, para melhor o provar; e ouvi como os desejos «da Virgem-Mãe só por serem de tal Desejado, se foram succedendo e multiplicando até o infinito.»

Luc. 1.

Os desejos dos patriarchas e os da mesma Virgem.

Gen. 49.

Quando Jacob despedindo-se de seus filhos na hora do morte lhes lançou a benção (a qual junctamente era benção e prophecia) o ultimo termo que signalou todas os felicidades que lhes promettia, foi a vinda do Messias a quem chama o Desejo dos montes eternos: *Donec veniret desiderium collium aeternorum.* Grandes e misteriosas palavras! Chama Jacob ao Messias, não o Desejado, mas o Desejo, porque havia de ser desejado tão singular e unicamente que o desejo de todas as outras cousas, em comparação d'este desejo, nem eram, nem mereciam nome de desejos. Mas porque lhe não chama Desejo dos homens, senão Desejo dos montes e dos outeiros? Por ventura porque até as creaturas insensiveis sem uso de razão, nem conhecimento de tanto bem o haviam de desejar a seu modo e suspirar por elle? Assim explicam alguns este logar. Porém Jacob, no verdadeiro sentido em que fallava, intendeu por montes e outeiros os patriarchas e prophetas, assim passados como futuros, nos quaes só se conservava a fé explicita de que o Messias havia de ser Filho de Deus. E chamam-se os patriarchas e prophetas montes e outeiros; porque assim como os montes e os outeiros se levantam sobre os valles, e extremando-se da outra terra, se avizinham mais ao céu, assim os patriarchas e prophetas, pela eminencia da dignidade, da sanctidade e do conhecimento de Deus, em respeito do outro povo mal disciplinado e rude, e incapaz de tão altos mysterios eram os montes e os oiteiros do mundo. «Bem está: mas porque os outeiros são chamados eternos?» Os patriarchas e prophetas ainda que lhes demos a antiguidade desde o primeiro de todos que foi Adão: de Adão até á morte de Jacob se passaram dous mil annos: e de Jacob até á vinda do Messias se passaram outros dois mil. Pois se estes montes e outeiros caíam e se sepultavam e se desfaziam em cinzas em tão breve tempo, como lhes chama Jacob eternos? Porque os desejos dos patriarchas eram tão intensos e a tardança do Bem desejado tão dilatada, que ainda que o tempo das vidas fosse tão breve, a dilação dos desejos o fazia eterno. A Adão revelou-lhe Deus que se havia de fazer homem, mas não disse como nem de quem: a Abrahão revelou-lhe que havia de ser da sua descendencia e da sua nação: a David que havia de ser da sua casa e da sua familia. E quanto mais de perto tocava este bem aos homens, tanto mais se excitava n'elles o desejo, e tanto mais na apprehensão d'elles crescia com o desejo a dilação. Na antiguidade remotissima de Adão os momentos «(digamol-o assim)» eram dias: na menos remota de Abrahão os dias eram annos; na mais proxima e já vizinha de David os annos eram eternidades. Tudo isto succedia segundo aquella regra na-

tural, que quanto o bem natural está mais vizinho, tanto é maior o desejo: bem assim como a pedra no ar, que quanto mais se chega ao centro, tanto com maior velocidade se move. E se esta vizinhança já em David fazia do tempo eternidades, só porque sabía David que havia de nascer em sua casa; que seria no coração da Virgem Sanctissima que já o tinha concebido em suas entranhas? E se Jacob de tão longe «ardia tanto em desejos do Messias; como não arderia o coração da Senhora que em poucos dias o havia de ver em seus braços?» Por isso suspirava e desejava com ancia vêl-o já fóra, «repetindo aquellas palavras da Esposa:» *Quis mihi det te Fratrem meum, ut inveniam te foris?* Ó quem me dera, Irmão e Filho meu (Irmão, porque tomaste de mim a natureza humana e Filho porque eu vol-a dei); ó quem me dera ver-vos já fóra de minhas entranhas; porque dentro n'ellas, posto que vos tenho e possuo, não vos posso gozar. *Ut inveniam te*, diz ainda com maior energia: Ó quem me dera achar-vos! Como se dissera a anciosa mãe, fallando com o mesmo Filho: No dia em que vos concebi, foi como se vos perdera, e vos escondesseis de mim, porque vos não posso vêr. Se me pergunta a fé onde estais; *Ubi est Deus tuus?* Respondo com toda a certeza Que dentro em mim. Mas se m'o perguntam os olhos, só lhes posso responder Que ainda vos busco e suspiro por vos achar: *Ut inveniam te.* «E estando presente o seu Bem como se estivera ausente», vêde se tinha razão a Senhora de o desejar com ancias e suspirar mais e mais por elle: *Quis mihi te fratrem meum, ut inveniam te foris.*

Cant. 8.

Ps. 41.

Deseja a Virgem gozar a seu Filho como o goza o Padre Eterno. O *Verbum erat apud Deum* explicado por S. Basilio, Ruperto e S. Thomás.

Deseja a Virgem Sanctissima gozar a seu Filho ao modo com que o Patre eterno o goza, pois era Filho commum de ambos. Voae agora se poderdes tanto «ao empyreo os que quereis intender tão sublime mysterio.» Descreve o evangelista S. João a geração eterna do Verbo e diz que o Filho estava juncto ao Padre: *Et verbum erat apud Deum.* Aquelle *apud* assim como foi escandalo dos arianos, assim tem sido reparo altissimo a todos os maiores theologos. Não diz Christo fallando da mesma geração sua em quanto Deus, que elle está no Padre e o Padre n'elle: *Ego in Patre et Pater in me est?* Pois porque não diz tambem S. João que o Verbo estava no Padre, senão juncto a elle? E se estava juncto a elle, onde estava e qual era o seu logar? Pergunta Ruperto; e responde que o logar onde estava o Verbo era a distincção real com que a Pessoa do Padre se distingue do Filho e a Pessoa do Filho se distingue do Padre. O mesmo tinha dicto antes d'elle S. Basilio; e depois de ambos o diz Sancto Thomás. Mas ouçamos dis-

correr na materia altissima a Richardo Victorino «que se chegará mais ao nosso proposito.» Deus é summamente bom, e summamente beato: em quanto é summamente bom e infinitamente communicavel: logo não se podia communicar infinitamente senão a quem tambem fosse Deus; e este é o Filho. Em quanto summamente beato não podia ser ou estar só: porque não ha felicidade sem companhia: logo quem lhe fizesse companhia n'essa summa felicidade, havia de ser distincto d'elle; e esta é a distincção real que ha entre o Filho e o Padre. De maneira que á natureza divina, summamente communicavel não bastou que o Padre tivesse o Filho em si; mas para que o mesmo Padre não estivesse só, e para que fosse summamente beato, foi necessario que tivesse o Filho tambem comsigo. E porque o não podia ter comsigo, senão distinguindo-se realmente uma pessoa da outra, por isso foi junctamente necessario que o Filho se distinguisse realmente do Padre, para que d'este modo não só estivesse n'elle, senão juncto a elle. E esta mesma differença que fazia no Pae a identidade e a distincção, fazia na Mãe a conceição e havia de fazer o parto; porque depois da conceição tinha o Filho em si, e depois do parto havia-o de ter comsigo: «e se a razão da summa felicidade em Deus consiste na distincção real que ha entre o Padre e o Filho;» vêde se era bastante motivo na Mãe do mesmo Deus, ainda que o tivesse em si, desejar e desejar summamente tel-o juncto a si.

A felicidade pede companhia.

Esta é a verdadeira philosophia, porque o bem presente póde causar desejos. O Bem e summo Bem da Senhora, em quanto o tinha dentro em si, por muito presente, fazia-o a presença invisivel; porém depois que o teve fóra de si e em seus braços, esta mesma distancia que era parte de ausencia, fez que o podesse vêr e gozar. Não acabava de intender S. Gregorio Nazianzeno, como podesse ser que os annos que serviu Jacob a Rachel lhe parecessem poucos dias; e no cabo achou e deu a verdadeira razão, a qual não era, nem podia ser outra, senão porque em todo aquelle tempo gozava Jacob a vista da mesma Rachel. Se em quanto a Senhora tinha o bemdicto Fructo de seu ventre dentro em si, o podéra vêr, então os nove mezes lhe pareceriam breves dias; mas como era bem e summo bem, por muito presente, invisivel, todo o tempo em que o não via nem podia ver, se lhe fazia eterno, e por isso foram tão ardentes os seus desejos. «Em summa, o seu purissimo ventre que com milagre nunca visto cercava o immenso, elle mesmo augmentava immensamente a seus desejos, occultando-lhe o seu bem.» *Ecce concipies in utero et paries filium.*

O assumpto do sermão e o SS. Sacramento.

IV. Tenho acabado o sermão, e mais depressa por ventura

ou mais de repente do que imaginaveis. Todos esperavam que eu me lembrasse de duas obrigações mui precisas, das quaes parece me esqueci totalmente: porque tendo presente a Majestade Sacrosancta do divino Sacramento e fallando a um auditorio tão grave e tão numeroso; como se não olhasse para o altar, nem para a egreja, nem do Sacramento disse uma só palavra, nem ao auditorio dei um só documento. Este é sem duvida o reparo que todos fizestes; e eu agora acabo de intender, que nem percebestes nem applicastes, como devieis, o meu discurso, que todo foi do Sacramento, encarecendo a sua maior excellencia, e todo foi ao auditorio, dando-lhe a mais importante doutrina. Não provei eu que o ventre virginal da Senhora pela conceição do Verbo incarnado fôra a circumferencia da immensidade e um circulo, que comprehende o Immenso? Pois isso mesmo é o que a omnipotencia divina tornou a obrar por nosso amor no mysterio altissimo do Sacramento, encerrando n'aquelle circulo breve de pão toda a immensidade do seu ser divino e humano. Porque cuidais que instituiu a Egreja que a fórma da hostia consagrada fosse circular, como foi desde seu principio, e se continuou sempre? Alguns quizeram na Grecia que a figura da hostia fosse quadrada, para significar as quatro partes do mundo sobre que o Corpo de Christo tem absoluto e supremo dominio: mas prevaleceu a figura circular, porque, como diz S. Gregorio, sendo o circulo figura que não tem principio nem fim, em nenhuma outra se exprime mais claramente a eternidade, a infinidade e a immensidade divina, que n'aquelle milagroso circulo está encerrada. Assim se fez, e assim se havia de fazer; porque muitos seculos antes da incarnação do Filho de Deus, já era tradição dos doutores hebraicos na exposição do psalmo septenta e um, que o sacrificio do Messias, como sacerdote segundo a ordem de Melchisedech, havia de ser em pão, e esse pão formado em figura circular do tamanho da palma de uma mão: *Sacrificium Messiae fore placentam sicut est vola manus.* «Logo o que se disse do ventre virginal se deve intender tambem do Sacramento onde em breve circulo está encerrado o Immenso.

Os desejos que ha de ter quem communga.

IV. Além d'isso» ouvistes que estando a Virgem Sanctissima toda cheia de Deus, ainda se não satisfizeram seus desejos, desejando ter comsigo ao que tinha em si, e acabar de vêr com seus olhos ao que estava escondido em suas entranhas. Ora applicae isto mesmo a vós. Nada menos do que a Virgem concebeu dentro em si, é o que nós recebemos dentro em nós, quando commungamos: ella ao Verbo a quem deu carne, e nós ao Verbo incarnado: ella a todo Deus, tão immenso como é; e

nós a todo Deus com toda sua immensidade. E d'aqui se colhe, quão grande injuria fará ao mesmo Deus quem depois de o ter todo em si, ainda deseja outra cousa. Qualquer outro desejo do mundo n'este caso, ou é declarada heresia, ou rematada loucura: ou heresia, porque é não ter fé: ou loucura, porque é não ter juizo. O tudo que se póde desejar n'este mundo é nada: só Deus verdadeiramente é tudo. E que tendo um christão a Deus, ainda ha de desejar os nadas do mundo? Ó cegos, ó enganados, ó perdidos, ó infieis desejos! Uma só cousa póde desejar licita e christãmente quem chegou a ter Deus em si. E qual é? Chegar tambem ao ter comsigo, que é o que desejava a Senhora.

Os desejos de S. Paulo e os de David.

Uma só cousa desejo, diz S. Paulo, que é desatar esta minha alma das cadeias do corpo para estar com Christo: *Desiderium habens dissolvi et esse cum Christo.* (Phil. 1.) Tornae a dizer, Apostolo sagrado, que vos não intendo. Vós não dizeis que n'esta mesma vida está Christo em vós; *Vivit vero in me Christus?* Pois se Christo está em voz n'esta vida, porque quereis deixar a vida para estar com Christo? Porque vai muita differença de estar Christo em mim, a estar eu com elle. Estar Christo em mim é possuil-o sem o vêr; estar eu com elle, é vêl-o e gozal-o. Esta é a mesma razão por que a Virgem, tendo a seu Filho e a seu Deus dentro em si, ainda desejava e suspirava; porque o desejava ter de modo que o podesse vêr e gozar. E esta é tambem a razão, porque tendo a Christo dentro em nós sacramentado e invisivel, esta mesma felicidade nos deve excitar o desejo da outra maior e felicissima, que é chegar a estar com elle onde o vejamos e gozemos por toda a eternidade. Para fartar a fome de todos os outros desejos, basta termos a todo Deus em nós: mas d'esta mesma fóme já satisfeita ha de nascer uma sêde insaciavel de se romperem aquellas nuvens e o vermos descobertamente na gloria. *Quando veniam et apparebam ante faciem Dei?* (Ps. 41.) Quando virá aquelle ditoso dia em que appareça, meu Deus, deante de vós? Quando chegará aquella hora em que vos veja face a face? Quando se verá livre a minha alma do carcere d'este corpo mortal, que lhe impede a vossa vista? *Quis me liberabit de corpore mortis hujus?* (Rom. 7.) Estes hão de ser os nossos desejos e não os do mundo, os da cubiça, os do falso amor, os da ambição: *Heu mihi quia incolatus meus prolongatus est: «habitavi cum habitantibus Cedar: multum incola fuit anima mea*: (Ps. 119.) Ai de mim, ha de dizer chorando com o Psalmista toda a alma que conhece seu estado, e ama verdadeiramente aquelle soberano Bem, ai de mim que se prolongou o meu desterro: estou ain-

da habitando nos confins de Babylonia com os moradores de Cedar: ó Jerusalem, ó patria minha querida, até quando hei de peregrinar longe de ti n'este valle de lagrimas?»

Conclusão.

Virgem Senhora do Ó, esta é a graça que hoje vos devemos pedir todos, e a que eu, em nome de todos vos peço de todo o coração: que reformeis todos os nossos descaminhados desejos, que os aparteis de todas as cousas temporaes e da terra; que os levanteis ao céu e os encaminheis á eternidade; para que n'ella por vossa intercessão e pelos merecimentos infinitos de vosso Sanctissimo Filho, consigamos com a sua vista o fim para que somos creados. Amen.

(Ed. ant. tom. 4.° pag. 291, ed. mod. tom. 7.° pag. 28.)

SERMÃO DAS DORES DA SACRATISSIMA VIRGEM MARIA DEPOIS DA MORTE DE SEU BEMDICTISSIMO FILHO ***

PRÉGADO EM LISBOA NA EGREJA DE SANCTA MONICA DAS RELIGIOSAS DE SANCTO AGOSTINHO, NO ANNO DE 1642.

Observação do Compilador. — A brevidadé do tempo concedido ao orador tão sómente para preparar o seu devoto auditorio á veneração da imagem de Nossa Senhora das Dôres, não consentia que elle largasse as redeas ao seu genio e dissesse o que podia em argumento tão sublime e pathetico; comtudo os poucos pensamentos que n'elle se acham simplesmente apontados merecem a attenção do leitor.

Veni in altitudinem maris et tempestas demersit me.
Ps. 68

Jeremias compara a dôr da Virgem á extensão do mar. Tr. 1.

Se as dores inconsolaveis podem ter alguma consolação e allivio, é a similhança ou companhia de outrem que as padeça eguaes. Assim o poz em proverbio o commum sentimento dos homens, posto que deshumano em parte. Levado d'este pensamento o propheta Jeremias, com os olhos n'este mesmo dia e n'esta mesma hora em que estamos, e considerando os extremos da dor com que a espada de Simeão trespassou a alma da Mãe de Deus na morte lastimosissima de seu Filho; em nome da mesma Senhora e em figura da cidade de Jerusalem coberta de lucto, pergunta a todos os que passam á vista do monte Calvario, se todos ou algum d'elles, viram alguma hora dôr similhante á sua: *O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte, si est dolor similis sicut dolor meus.* E como ninguem respondesse, nem podesse satisfazer á pergunta do propheta; na suspensão d'este silencio voltou elle para dentro de si a mesma pergunta, e poz-se a considerar comsigo a que creatura de quantas abraça o universo (entrando tambem na comparação as insensiveis) compararia a grandeza d'aquella dor; e não achando a sua imaginação cousa alguma de maior grandeza que o mar; emfim se resolveu, que só no mesmo mar se podia achar a similhança: *Magna est velut mare contritio tua.*

Mas esta comparação é insufficiente. A dor da Virgem só se póde medir com a morte de seu Filho.

Assim disse Jeremias; mas sendo um tão grande propheta e

o mais exercitado em casos lastimosos e tristes, disse pouco. Posto que o mar seja um elemento tão vasto e tão immenso, em que uma onda sobre outra onda todas quebrando, no lastimado coração da Senhora tinham alguma similhança com os repetidos golpes e com a immensidade da sua dor; muito maior e mais alto, e mais pesado era o pégo sem fundo da sua pena; como aquella cuja tempestade subiu acima do céu e em cujas ondas chegou a naufragar e afogar-se o mesmo Deus: *Veni in altitudinem maris et tempestas demersit me.* Supposta esta verdade, e havendo nós hoje de vadear de algum modo o diluvio incomprehensivel das dores da Virgem Mãe na consideração da morte de seu Filho; não lhe achando comparação ou similhança nem no mar nem na terra; aonde a irei buscar? Seguindo os passos da mesma dôr adverti que a alma da Mãe seguia a do Filho «e por isso no Filho e só no Filho buscarei a medida da sua dor; e não é necessario buscal-a em outra parte». N'aquelle pégo sem fundo de pena que foi o Calvario, assim como o Filho ficou naufrago no corpo assim a Mãe naufragou no espirito e por conseguinte só do naufragio do Filho se póde medir o da Mãe: *Veni in altitudinem maris et tempestas demersit me*». Este é o meu assumpto que em tempo tão breve como o signalado «espero a pessoas tão intendidas como devotas em poucas palavras declarar quanto basta».

Ps. 68.

II. *Fortis est ut mors dilectio:* disse propheticamente Salomão, fallando do Esposo e da Esposa, isto é Christo e sua Mãe. Põe de uma parte «a morte do Filho e da outra o amor da Mãe; e confrontando o bem que a Virgem perdeu, com o amor d'este bem, intenderás de alguma maneira a sua dôr: pois a privação de qualquer bem é tão penosa, quanto era o amor em quem o possuia». Privação era a que Deus considerou em Adão, quando disse: *Non est bonum esse hominem solum.* Privação foi a que considerou Jacob em Benjamin pela morte de seu irmão: *Et ipse solus remansit.* Mas como as penas e as ausencias «eram proporcionadas ao conhecimento amor e» companhia de que um se via falto, outro privado «nada tinham que ver com as penas» que a Senhora padecia n'esta hora privada da presença e vista de um Filho que junctamente era seu Filho e seu Deus «em cuja morte perdera o seu paraiso».

Porque é proporcionada ao amor do Bem que perdeu.

Gen. 2.

Ibid. 42.

Disse o Ladrão a Christo: *Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum.* E o Senhor lhe respondeu: *Hodie mecum eris in paradiso.* Pois como *in paradiso* se Christo no mesmo dia desceu ao «Limbo» e lá o achou o Ladrão quando pouco depois expirou? Christo no Limbo e o Ladrão no Limbo n'aquelle dia e tambem nos dous seguintes; e diz-lhe Christo: Hoje estarás com-

Palavras de Christo ao bom Ladrão.

migo no paraiso? Sim, é por isso mesmo. Não vêdes que disse Christo ao Ladrão, que estaria com elle: *Mecum eris*? Pois por isso accrescenta tambem que estaria no paraiso: porque estar com Christo em qualquer logar «conhecendo-o e amando-o» é estar no paraiso. O *in paradiso* foi consequencia do *mecum eris*. E se a gloria de estar com Christo no Limbo faz do Limbo paraiso, vêde se a pena de estar sem Christo n'este mundo «não seria perder o paraiso.»

É a presença de Deus o que faz o paraiso.

A presença ou ausencia de Deus, é a que faz «ou desfaz» o paraiso e não o logar. E esta era «a privação» em que os olhos e coração da Senhora se viu n'esta hora. Se aos bemaventurados lhes faltasse o lume da gloria, ainda que ficassem no céu, os mesmos bemaventurados deixariam subitamente de o ser «pela» privação da vista de Deus. Isto mesmo lhe succedeu hoje á Virgem: *Et lumen oculorum meorum et ipsum non est mecum*. Faltou-lhe o lume de seus olhos; e n'esta privação da vista de seu Filho e seu Deus «como não perderia o seu paraiso»? Comparae aquelle *mecum eris* com este *non est mecum*; e, assim como alli tirou Christo por consequencia o «gozo do paraiso, assim aqui devemos tirar pela mesma consequencia a dôr immensa da sua privação».

Ps. 31.

Conferencia da Senhora sobre a perda do Filho.

Oh que profunda conferencia faria a Senhora sobre este *Et ipse non est mecum!* Lembrada de quando lhe disse o anjo: *Dominus tecum*: Então (diria) ainda que me annunciasse Gabriel, que meu Filho havia de remir o mundo, eu sabia bem que havia de ser por morte de cruz; como me disse que elle estava e havia de estar commigo, tudo se me fazia leve. Quando outra vez nos veiu annunciar o desterro do Egypto, como disse: *Accipe puerum et matrem eius*; n'elle e com sua companhia se me faziam faceis todas as perseguições e todos os trabalhos. Uma vez o perdi com dôr quasi similhante a esta: mas então tive a liberdade para o buscar e achal-o. Agora que entre mim e elle está em meio toda a terra, que remedio póde ter a minha dôr? Facilmente me resolveria a fazer o que disse Jacob na morte de José, tanto menos desconsolado, quanto vai de Filho a filho: *Descendam ad Filium meum lugens in infernum*. Mas esta graça de acompanhar a meu Filho na morte, não quiz elle que eu a tivesse. Emfim «que hei de fazer senão desafogar a minha dôr com as palavras que elle disse na cruz: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*» Amava a Senhora incomparavelmente mais que todas as mães a seus filhos; amava incomparavelmente mais que todos os bemaventurados a Deus. Vêde que pena seria a sua na privação da presença e da vista de um Filho Deus! Verdadeiramente podia elle repetir com seu

mesmo Filho: *Veni in altitudinem maris et tempestas demersit me.*

A sua dôr aviva-se na lembrança da Paixão.

III. «E como se avivaria esta pena» com a lembrança dos tormentos «que precederam e acompanharam a morte de seu mesmo Filho. Por esta penosa lembrança as ondas empoladas d'aquella immensa tempestade da paixão, tornando junctas a quebrar no seu coração materno, oh como o profundariam com o peso das suas aguas.» Na paixão primeiro se padeceram as injurias da prisão; depois os açoites da columna; depois os espinhos da coroação e ultimamente os cravos e a cruz. Porèm n'esta hora padeceu-as a Senhora todas junctas.

Esta lembrança é o feixe de myrrha do c. 12 dos Cantares.

Assim o disse a mesma Senhora por bocca da alma sancta: *Fasciculus myrrhae dilectus meus mihi; inter ubera mea commorabitur.* A myrrha, como tão amargosa, foi figura da paixão de Christo; e como tal offerecida a elle nos mysteriosos dons dos reis do oriente. Pois, porque diz a Senhora que para ella foi a paixão do Filho um feixe de myrrha? Porque todos os tormentos que Christo na paixão padeceu divididos, a Senhora depois d'ella e na sua consideração padeceu-os junctos. Elle divididos em diversos tempos e partes do corpo; ella junctos no mesmo tempo e no mesmo coração. O odio dos inimigos de Christo por mais cruel que fosse, não o pôde atormentar senão por partes; e assim como o Senhor padeceu todos os tormentos successivamente e divididos; assim tambem a Mãe, quando o seguia e acompanhava. Porém depois da sua morte, só, sem elle e comsigo considerando tudo o que n'aquelle dia tinha passado, alli se ataram e uniram todos os tormentos da paixão, dos açoites, da coroa, da cruz, dos cravos, da lança e todos os outros tormentos; e se fez um composto de penas que sendo-lhe cada uma insoffrivel e immensa para a dor cabia todo juncto dentro do coração e entre aquelles sagrados peitos que em differente cor haviam dado ao Filho o mesmo sangue que derramou: *Fasciculus myrrhae dilectus meus mihi inter ubera mea commorabitur.*

Os padecimentos de Christo no Horto provam quaes fossem os da Mãe n'esta lembrança.

E para que se veja quanto maior força tinha esta apprehensão e comprehensão de toda a paixão por juncto para atormentar a alma da Mãe; vejamos os effeitos que fez na alma do Filho. Estando Christo no Horto, foi tal o temor, o horror e a tristeza que concebeu dos tormentos de sua paixão, que tres horas inteiras prostrado por terra pediu a seu Eterno Pae o absolvesse d'ella: *Transeat a me calix iste.* E finalmente, vendo que não era possivel, segundo os decretos divinos, foi tal e tão extranha a sua agonia, que suou copioso sangue; e foi necessario que viesse um anjo a confortal-o. N'este poncto entrou

o Senhor a padecer os mesmos tormentos e todos soffreu com admiravel paciençia e constancia, sem escusa, sem se lhe ouvir palavra, sem anticipar o sangue ás feridas e sem que homem da terra, nem anjo do céu o animasse: antes vendo que acabavam disse: *Sitio*, não tanto pela sede que o atormentava, como pela sêde que tinha de mais padecer. Pois se agora padece com tanto valor. alegria e magnanimidade, sendo estes tormentos, não outros, senão os mesmos que antevia e considerava no Horto; porque então lhe causavam tanto horror e lhe pareceram e verdadeiramente eram tão intoleraveis e insoffriveis, e agora não? Porque então estavam todos junctos na apprehensão e agora divididos no soffrimento: *Transeat a me calix iste*: então estavam todos os tormentos junctos em um calix; e este mesmo composto de todos os ingredientes da paixão, que depois bebidos por partes eram muito inferiores á sua paciencia e valor, unidos todos e representados por juncto á mesma paciencia e valor eram «como» insupportaveis e insoffriveis. Tal foi a differença dos tormentos que agora padecia a Senhora, aos que tinham padecido ao pé da cruz! Estes foram como os que Christo padeceu no Calvario, equelles como os que padeceu no Horto; estes divididos e por partes aquelles todos junctos e sem successão.

A Virgem rainha dos martyres. S. Bernardo.

IV. Finalmente foram tão excessivos os tormentos da Virgem na paixão de seu Filho que diz S. Bernardo que se se repartissem por todas as creaturas viventes, bastariam a tirar a vida a todas; «e porque? Porque como já explicámos a dôr de seu coração foi proporcionada ao seu amor; e o seu amor á amabilidade infinita do Filho seu unico Bem. Considerae-me o que padecem as almas puras accesas n'este fogo do amor divino, quando vêem offendido o seu amado Senhor. Não ha setta que lhes penetre o coração como este conhecimento: sendo n'ellas o amor celeste mais activo que todo o amor natural, porque ateado do fogo em que ardem os seraphins e que o Filho de Deus veio espalhar sobre a terra. Este fogo, pois, que o Espirito Sancto assopra nas almas justas, que lavareda não levantaria no coração da Senhora! E se á proporção d'esta lavareda é a pena de ver esse Deus offendido e ultrajado, qual seria o seu martyrio? Por isso mereceu ella o nome de Rainha dos martyres e por tal a venera toda a Egreja e se recommenda aos immensos merecimentos das suas dores: *Regina martyrum, ora pro nobis*. Soffria ella a cada instante uma dôr que bastava a tirar-lhe mil vezes a vida; e comtudo com milagroso soccorro da mão divina permanecia em vida para que o martyrio da Mãe fosse um espelho ou copia fiel das penas do Filho.

A çarça de Moysés figura d'este martyrio.

Exod. 3.

Esta foi aquella grande maravilha que viu Moysés no deserto de Madian: *Vadam et videbo visionem hanc magnam quare non comburatur rubus.* O fogo «natural» consome tudo o que abraza; o fogo sobrenatural abraza e não consome. E que çarça era a que assim ardia, senão a que foi representada n'ella, e nunca com tanta propriedade como n'esta hora, toda espinhos, toda tormentos e toda dores, mas toda ardendo em um fogo, que devendo-lhe tirar a vida, para maior continuação do sentimento a conservava viva e immortal? Este foi o cerco em que aquellas dores pozeram a maior e mais angustiada alma, tão apertado que o não podia soffrer a vida e tão fechado, que o não podia alliviar a morte.

A cruz de Jesus, cruz de Maria.

X. «Em conclusão, foi a Sacratissima Virgem tão fiel companheira de todos os trabalhos de Christo nosso Redemptor e teve n'elles tanta parte, que a cruz de Jesus se podia com toda a razão chamar cruz de Maria. No mesmo madeiro estava crucificado o corpo do Filho e o coração vivo da Mãe com lei de amor tão penosa, que quanto o Filho padecia no corpo, tanto havia de soffrer a Mãe no coração. Não digo bem: tal era o vinculo da caridade que unia aquelles dous corações, que quanto o Filho soffria no corpo e no espirito, tanto havia de no mesmo tempo atormentar o coração da Mãe. Oh que dous corações tão puros, tão cheios de graça e bondade, tão abrazados em puro amor, tão presos um do outro e tão penados um pelo outro! Sentia a Virgem Sacratissima como Mãe os immensos trabalhos do Filho, assim como sentia o amorososissimo Filho as incomparaveis dores da Mãe: chamando a purissima ovelha e o innocentissimo Cordeiro um pelo outro, chorando um pelo outro e sentindo os soffrimentos um do outro sem nenhuma consolação: de maneira que quanto o amor era mais puro, tanto as dores e sentimentos mais immensos.

As palavras de David na morte de Absalão, repetidas por Maria.

Intendida está a troca que a Mãe fizera, se fôra conveniente e possivel que ella padecesse em logar de seu sacratissimo Filho; e quanto menos tormento lhe custara e com quanto mais gosto acabara a vida por lhe poupar com a sua: *Absalon, fili mi, fili mi, Absalon, quis mihi det ut moriar pro te, Absalon fili mi, fili mi Absalon?* repetia chorando o bom David na morte de seu amado, ainda que tão rebelde Absalão. Quanto mais a Senhora por seu amantissimo e amabilissimo Filho iria repetindo em seu amoroso coração estas ternas palavras: Jesus Filho meu, Filho meu Iesus, quem me dera que eu morresse por vós, Jesus Filho meu, Filho meu Jesus! Mas o Filho morrera; e ella estava ainda viva; ainda o seu coração, cravado na cruz do Filho, agonizava sem acabar de morrer. Ó Mãe afflictissima! Ó

verdadeira Rainha dos martyres! Com razão podeis dizer, que naufragastes no pégo sem fundo das penas de vosso Filho: *Veni in altitudidem maris et tempestas demersit me.*

Conclusão. (Corre-se a cortina.)

Mas basta de considerações»: o que não poderam declarar as minhas palavras, vejam agora os olhos n'aquella piedosa imagem. *Vadam et videbo visionem hanc magnam.*

(Ed. ant. tom. 11.º, pag. 490, ed. mod. tom. 11.º, pag. 68.)

SERMÃO DA GLORIA DE MARIA MÃE DE DEUS **

PRÉGADO NA EGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLORIA
EM LISBOA NO ANNO DE 1644

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Nada mais simples e mais facil de imitar que a argumentação d'este discurso, ainda que o seu assumpto é tão difficultoso como sublime. Note-se nas provas como o orador, muito segundo o genero de eloquencia que professa, fere directamente o alvo dos louvores da Virgem, e indirectamente dá um preceito de moral, que é o amor que os paes devem a seus filhos. Por isso não levanta o estylo, quanto podia em assumpto tão sublime; mas parece que o abate de proposito para ser mais proveitoso.

Maria optimam partem elegit.
Luc. 10.

Escolheu a Senhora a melhor parte da gloria porque escolheu a de seu Filho.

Bem se concordam n'este dia e n'este logar o titulo da casa com o da festa: a casa da Senhora da Gloria «e a festa da sua gloriosa Assumpção». O evangelho que deve ser o fundamento de tudo o que se ha de dizer tambem eu o quizera concordar com esta gloria: mas o que d'elle e d'ella se tem dicto atégora não concorda com o meu desejo, nem com o meu pensamento. O evangelho diz que escolheu Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit;* e os sanctos e theologos que mais se alargaram applicando esta escolha e esta parte á gloria celestial da Senhora, só dizem que verdadeiramente foi a melhor; porque a gloria a que a Senhora hoje subiu e está gozando no céu é melhor e maior que a de todos os bemaventurados. Os bemaventurados da gloria ou são homens ou anjos; e não só em cada uma d'estas comparações, senão em ambas, dizem que é maior a gloria de Maria que a de todos os homens e a de todos os anjos; e não divididos, mas junctos. Grande gloria! grande, incomparavel, immensa! O sol não só excede na luz a cada um dos planetas, senão a todos incomparavelmente. Por isso a Senhora n'este dia se chama escolhida como o sol: *Quae est ista quae ascendit... electa ut sol.* Isto é tudo o que dizem os sanctos e theologos; mas nem o evangelho assim intendido, nem a gloria da Senhora assim de-

clarada concordam com o meu pensamento. O evangelho dizendo *optimam partem,* parece-me que quer dizer muito mais. A gloria de Maria, sendo de Maria Mãe de Deus, parece-me que é muito maior; e a comparação com os outros bemaventurados parece-me muito estreita e quasi indigna. O meu pensamento é (Deus me ajude n'elle) que «a maior e melhor parte da gloria que Maria escolheu não é outra gloria, senão a que tocou a seu Filho; e por isso é gloria infinita.» N'este tão remontado sentido pretendo provar e mostrar hoje que *Maria optimam partem elegit.* Até não me ouvirdes, não me condemneis; e espero que me não haveis de condemnar se a mesma Senhora da Gloria me assistir com sua graça. *Ave Maria.*

Prova tirada do amor materno e confirmada com quatro ordens de argumentos.

II. *Maria optimam partem elegit.* Suspensos considero todos os que me ouvem na expectação do assumpto que propuz: os curiosos com indifferença, os devotos com alvoroço, os criticos com a censura já prevenida e todos, «parece», com razão. É certo e de fé que por grande e grandissima que seja a gloria de Maria Senhora nossa, como gloria de pura creatura, posto que creatura a mais excellente de todas, é gloria finita «e só a gloria do Filho é infinita, porque é do Filho e não sua. Mas por isso mesmo digo eu que foi esta a maior e melhor parte que Maria escolheu: *Maria optimam partem elegit*». Para todos os que sois paes e mães não hei mister maior nem melhor prova do que digo, que os vossos proprios affectos e o dictame natural dos vossos proprios corações. Dizei-me: se houvera n'este mundo uma dignidade, uma honra, uma gloria maior que todas, e se pozera na vossa eleição e na vossa escolha querel-a para vós ou para vosso filho; para quem a havieis de querer? Não ha duvida que para vosso filho. Pois isto é o que devemos considerar na gloria da Senhora. É verdade que a gloria de Deus é infinitamente maior que a de sua Mãe; mas como todo este excesso de gloria é de seu Filho e está no seu Filho, ella a possue e goza em melhor parte, que se a gozára em si mesma. Assim o intendo e supponho que o intendem todos os que são paes e mães. Mas porque muitos dos que me ouvem não teem esta experiencia, e porque em algum coração humano, ainda que paterno ou materno, póde estar este mesmo affecto menos bem ordenado, para gloria da Senhora e para maior evidencia de que mais gloriosa é pela gloria de seu Filho, que pela sua e que gozando n'elle toda essa gloria a goza na melhor parte, ouçamos e provemos esta mesma verdade pelo testimunho universal e concorde de todas as lettras sagradas ecclesiasticas e profanas. No primeiro logar ouviremos os philosophos, no segundo os Sanctos padres da

Egreja, no terceiro as Escripturas divinas; e no ultimo ao mesmo Deus na Pessoa do Pae; e veremos quão conforme foi o seu affecto com o d'esta soberana Mãe; pois ambos são Pae e Mãe do mesmo Filho.

II. Começando pelos philosophos celebra Plutarcho, tão insigne «na philosophia como na historia», o grande extremo com que Philippe, rei de Macedonia amava a seu filho Alexandre, já digno do nome de Grande em seus primeiros annos, pela indole e generosidade real, que em todos seus pensamentos, dictos e acções resplandecia. E para prova d'este extremado affecto refere uma experiencia, que nos vassallos podera ser tão arriscada, como do rei mal recebida, se o amor de pae a filho a não interpretára d'outra sorte. Foi o caso que os macedonios, sem embargo da fé que deviam a Philippe, publicamente chamavam a Alexandre o rei e a Philippe o capitão. Mas como castigaria Philippe este aggravo? Não ha ciumes mais impacientes, mais precipitados e mais vingativos que os que tocam no sceptro e na corôa. Apenas tem havido purpura antiga nem moderna, que por leves suspeitas n'este genero, se não tingisse em sangue. E que soffra Philippe, aquelle que tanto tinha dilatado o imperio da Macedonia, que seus proprios vassallos em sua vida e em sua presença lhe tirem o nome de rei e o dêem a Alexandre? Muito fôra que o soffresse; mas muito mais foi que não só o soffria, senão que o estimava e se gloriava muito d'isso. Ouvi a Plutarcho: Era Philippe pae e Alexandre filho; e tão fóra estava o pae de sentir que lhe antepozessem o filho, que antes o tinha por lisonja e por gloria; e esse era o seu maior gosto. «Assim o nota aquelle philosopho e historiador». Quando a Philippe tiravam a corôa para a darem a seu filho, então se tinha por mais coroado: quando já faziam a Alexandre herdeiro do reino, antes de lhe esperarem pela morte, então se tinha por immortal: quando o appellidavam com menos nome, então se tinha maior; e quando lhe diziam que elle só era capitão, então acceitava esta gloriosa injuria, como os vivas e applausos da mais illustre victoria: porque a maior gloria de um pae é ser vencido de seu filho.

1.º Auctoridade dos philosophos. O que Plutarcho conta do pae de Alexandre.

A razão e philosophia natural d'este affecto é, porque ao maior desejo, quando se consegue, segue-se o maior gosto: e o maior desejo que teem ou devem ter os paes, é serem taes seus filhos, que não só os egualem, mas os vençam e excedam a elles. Assim o disse ou cantou ao imperador Theodosio Claudiano tão insigne na philosophia como na poetica. Descreve copiosamente as virtudes imperiaes militares e politicas com que seu filho Honorio se adeantava admiravelmente nos annos e

O que conta Claudiano de Theodosio o Grande

não só egualava, mas excedia a seu pae; e fazendo uma apostrophe a Theodosio lhe diz confiadamente assim: Olhae, felicissimo Cesar, para Honorio vosso filho; e se, como imperador, tendes conseguido o nome de Grande, chamando-vos a voz publica Theodosio o Magno, a minha não vos invoca com o nome de grande imperador, senão com o de grande pae: pois o que celebro mais entre todas as glorias da vossa felicidade, é que chegastes a ter um filho, o qual não só vos eguala, mas (o que desejam ou devem desejar os paes) vos excede e vence: *Aspice completur votum jam natus adaequat Te meritis et quod magis est optabile, vincit.* Notae muito as palavras *Et quod magis est optabile*: e applicae-as ao nosso caso. O que mais se deve desejar é o melhor que se pode escolher; e como, o que mais devem desejar os paes é que os filhos os vençam e os excedam, bem se conclúi que se entre a gloria de Deus e a de sua Mãe fôra a escolha da mesma Mãe, o que a Senhora havia de escolher para si, é que seu Filho a excedesse e vencesse na mesma Gloria, como verdadeiramente a excede e vence: *Et quod magis est optabile vincit.* Ah Virgem gloriosissima, que consideração haverá que não se conheça, quaes são lá no céu os mais intensos affectos e as maiores glorias do vosso «coração»? Estais vendo e contemplando como em um espelho clarissimo o infinito ser, os infinitos attributos, a infinita e immensa majestade do vosso Unigenito Filho: conheceis e confessais que as suas grandezas excedem e são tambem infinitamente maiores que as vossas: mas na mesma evidencia de que vosso Filho vos vence e excede na gloria é a melhor parte da mesma gloria vossa e a de que mais vos gozais e gozareis eternamente com elle «por ser a que escolhestes» *Maria optimam partem elegit.*

2.º Auctoridade dos Sanctos Padres. O que Sidonio Apollinar escrevia ao prefeito Audaz.

IV. Temos ouvido os philosophos que fallam pela bocca da natureza: ouçamos agora os sanctos Padres que fallam pela da Egreja. S. Sidonio Apollinar, bispo arvernense, e padre do quinto seculo, escrevendo a Audaz, prefeito dos reis godos no tempo que dominaram a Italia, promette-lhe suas orações, e conclúi com estas palavras: *Deum posco ut te filii consequantur, et quod magis decet velle, transcendant.* Rogo a Deus por vós e vossos filhos, diz o eloquentissimo Padre; e o que peço para elles é que vos imitem; o que peço para vós é que vos excedam. Que vos imitem, porque isso é o que elles devem fazer: que vos excedam, porque isto é o que vos deveis desejar: *Et quod magis decet velle transcendant.* Oh... quizesse Deus que fossem hoje taes os paes e tal a creação dos filhos que por uns e outros lhe podessemos fazer esta oração! Mas é tanto pelo contrario, que podemos chorar da nossa edade o que o

outro gentio lamentava da sua: *Aetas parentum peior avis tulit nos nequiores, mox datura progeniem vitiosiorem*: os avós foram maus, os filhos são peiores, os netos são pessimos. Haviam-se de prezar os paes, não só de ser bons, mas de dar tal creação aos filhos, que se podessem gloriar de serem elles melhores. Mas deixadas estas lamentações, que não são para dia tão alegre, continuemos a ouvir os sanctos padres; e sejam os dous maiores da Egreja grega e latina, Nazianzeno e Agostinho.

O que escrevia S. Greg. Nazianzeno em nome do filho de Nicobulo.

Faz duas elegantes epistolas S Gregorio Nazianzeno, uma a Nicobulo, famoso lettrado em nome de um seu filho, e outra ao filho em nome do mesmo Nicobulo; e na primeira pedindo o filho ao pae que lhe dê licença para frequentar as escholas e seguir as lettras, diz assim: A graça que vos peço, pae meu, é mais para vós que para mim, e mais é vossa que minha. Se isto dissera o moço, que ainda não tinha mais que o desejo de saber, não me admirava o dicto: mas fallando por bocca d'elle o grande Nazianzeno, do qual com singular elogio affirma a Egreja que em nenhuma cousa das que escreveu errou, como póde ser verdade que a gloria do filho seja mais do pae que do mesmo filho? Não ha duvida que fallou n'esta sentença Nazianzeno como quem tão altamente penetrava e distinguia a subtileza dos affectos humanos; entre os quaes o amor paterno, como é o mais efficaz e muito forte, é tambem o mais fino. Diz que a gloria do filho é gloria do pae, e mais sua do pae, que do mesmo filho; porque mais se gloriam os paes de a gozarem seus filhos, ou da a gozarem n'elles, que se a gozarem em si mesmos. E n'este sentido se pode dizer com verdade e propriedade natural, que a gloria de Deus em certo modo é mais de Maria, que do mesmo Deus: porque não sendo sua, como não é, é do Filho unicamente seu em quem ella mais a estima e da qual mais se gloria, que se podera ser ou fôra sua.

E do mesmo pae.

Isto é, que disse Nazianzeno ao pae por bocca do filho: vejamos agora o que diz e responde ao filho por bocca do pae: Queres, filho, seguir-me na profissão e ser grande como o mundo e a fama diz que sou, na sciencia e nas lettras? Sou contente: mas não me contento só com isso: o que peço a Deus é que sáias tão eminente n'ellas que me faças grandes vantagens e sejas muito maior que teu pae. Assim diz Nicobulo ou Nazianzeno por elle; e dá a razão tão propria do nosso caso, como se eu a dera: Desejo, filho, que sejas maior que eu, porque não ha gosto para um pae, como ver que seu filho lhe leva a palma; e de se ver assim vencido d'elle, se gloria muito mais que se vencera e se avantajára a todos quantos houve no mundo. Mudae agora o nome de *pae* em *mãe*, e intendei que

fallou Nazianzeno da gloria de Maria no céu, onde tão gloriosamente se vê vencida da gloria de seu Filho. Vê-se Maria, quando vê a Deus, infinitamente vencida da immensidade de sua gloria: mas como é gloria, não de outrem, senão de seu Filho, o vêr-se vencida d'elle é a sua victoria e a sua palma. Nas outras contendas a palma é do vencedor: mas quando contende o filho com o pae e com a mãe, a palma é do pae ou da mãe vencida: porque a sua maior gloria é ter um filho que a vença n'ella.

A Senhora da Gloria é chamada tambem Senhora da Palma.

Este dia da Senhora da Gloria chama-se tambem da Senhora da Palma: porque como é tradição dos que assistiram a seu glorioso transito, o anjo embaixador de seu Filho, que lhe trouxe a alegre nova, lhe metteu junctamente na mão uma palma, com a qual, como vencedora da morte e do mundo entre as acclamações e vivas de toda a côrte beata, entrasse triumphante no céu. Subi, Senhora, subi, subi ao throno da gloria que vos está apparelhado sobre todas as jerarchias; que lá vos espera outra palma infinitamente mais gloriosa. E que palma? Não aquella com que venceis em gloria a todos os espiritos bemaventurados, senão aquella com que na mesma gloria foste vencida de vosso Filho. Grande gloria da Senhora é, como lhe canta a Egreja, ver-se exaltada ao céu sobre todos os coros e jerarchias dos espiritos angelicos: grande gloria que os principados e podestades, que os cherubins e seraphins, lhe ficam muito abaixo, e que no logar, na dignidade, na honra, na gloria excede incomparavelmente a todos; porém o ver que n'este mesmo excesso é excedida infinitamente de seu Filho, isso é o de que n'aquelle mar immenso de gloria mais se gloria, isto é o de que n'aquelle verdadeiro paraiso dos deleites eternos mais a deleita.

O que Sancto Agostinho escrevia á mãe de Demetriade e como quadra á Senhora.

Mas ouçamos a Sancto Agostinho, que ainda mais subtilmente penetrou os effeitos e causas d'esta tão verdadeira como racional complacencia. Escreve Sancto Agostinho em seu nome e no de Elvidio a Juliana, mãe de Demetriade, bem celebrada nas epistolas de S. Jeronymo; e porque esta senhora romana de nobreza consular, desprezadas as grandezas, riquezas e pompas do mundo, se tinha dedicado toda a Deus no estado mais sublime da perfeição evangelica, dá o parabem Agostinho á mãe com estas ponderosas palavras: *Te volentem gaudentemque vincit genere ex te, honore supra te: in qua etiam tuum esse coepit, quod in te esse non potuit.* Vossa Demetriade, ó Juliana, vence-vos, sim, na alteza do estado a que a vêdes sublimada: mas muito por vossa vontade e muito por vosso gosto vos vence: porque é filha vossa aquella de quem vos vêdes vencida: a honra que goza é muito sobre vós: mas como a geração que tem é de vós, tam-

bem esta mesma honra é vossa: porque o que não podieis ter nem alcançar em vós por vós, já o tendes e gozais n'ella por ser vossa filha. *In qua etiam tuum esse coepit, quod in te esse non potuit*... Vai por deante Agostinho ainda com mais profundo pensamento: *Illa carnaliter non nupsit, ut non tantum sibi, sed etiam tibi ultra te spiritualiter augeretur: quoniam tu ea compensatione minor illa nupsisti ut nasceretur*. Demetriade, vossa filha é maior que vós: mas se ella vos excedeu a vós no que tem de maior, não vos excedeu só para si, senão tambem para vós: porque esse excesso se compensa com nascer de vós. Em tudo especulou e ponderou a agudeza de Agostinho quanto se póde dizer no nosso caso. *Te volentem gaudentemque vincit*. Venceu-vos vosso Filho na gloria, Virgem-Mãe, mas muito por vossa vontade e por vosso gosto; porque esse mesmo excesso de gloria por ser sua é o que mais quereis e de que mais vos gozais: *Genere ex te, honore supra te*: a sua honra, a sua grandeza, a sua majestade, a sua gloria immensa e infinita é muito sobre vós; porque elle é Deus e vós creatura; mas a geração d'esse mesmo Deus que é tanto sobre vós, é de vós. E que se segue d'aqui? Segue-se que tendes o que não podieis ter, e que toda a gloria que é sua, começa tambem a ser vossa: *Etiam tuum esse coepit quod in te esse non potuit*. Vós não podieis ser Deus; mas como Deus pôde fazer que fosseis sua mãe, tudo o que não podieis ter em vós, tendes n'elle. Elle maior que vós: mas tudo o que tem de maior (que é tudo) não só o tem para si, senão tambem para vós: *Non tantum sibi, sed tibi, ultra te*. Oh quem podera declarar dignamente a união destes termos, *ultra te, tibi!* Em quanto a gloria de Deus é infinita e immensa extende-se alem de vós, *ultra te*: mas em quanto é gloria de vosso Filho, toda se contrahe e reflecte em vós, *tibi*. Para os raios do sol fazer reflexão é necessarios que tenham limite onde parem: mas a gloria da divindade de vosso Filho, que não tem nem póde ter limite por isso se limitou a humanidade que recebeu de vós, para reflectir sobre vós, nascendo de vós, *ea compensatione ut nasceretur*. E chama-se este nascer de vós compensação ou recompensa, com que Deus vos compensou toda a grandeza e gloria que tem mais que vós: porque nascendo de vós é vosso verdadeiro Filho; e sendo toda essa gloria de vosso Filho, tambem é vossa, e vossa n'aquella parte onde a tendes por melhor: *Optimam partem elegit*.

3 ' Auctoridade das Escripturas. O famoso requerimento de Barcelay. 2 *Reg.* 19

V. Parece que não podia fallar mais concordemente ao nosso intento nem a philosophia nem a theologia: vejamos agora o que dizem as Escripturas. O primeiro exemplo que ellas nos offerecem é o famoso de Barcelay. No tempo em que Absalão se

rebellou contra David (que tão mal pagam os filhos a seus paes o amor que lhes devem) um dos senhores que seguiram as partes do rei, foi este Barcelay, o qual a assistiu sempre tão liberal e poderosamente, que elle só, como refere o Texto, lhe sustentava os arraiaes. Restituido, pois, David á coroa e lembrado d'este serviço ou gentileza, de que outros principes se esquecem com a mudança da fortuna, quil-o ter juncto a si na côrte e fazer-lhe a mercê e honra que sua fidelidade merecia; e para o vencer na liberalidade, ou não ser vencido d'elle, disse-lhe que elle mesmo se despachasse, porque tudo quanto quizesse lhe concederia: *Quidquid tibi placuerit quod petieris a me, impetrabis*. Generoso rei! Venturoso vassallo! Mas para quem vos parece que quereria toda esta ventura? Era Barcelay pae, tinha um filho que se chamava Caimam, escusou-se de acceitar o logar e mercê que o rei lhe offerecia; e o que só lhe pediu foi, que a fizesse a seu filho: *Est servus tuus Caimam, ipse vadat tecum et fac ei quidquid tibi bonum videtur*. Dirão os que teem lido esta historia que se escusou Barcelay, porque se via carregado de annos, como elle mesmo disse. Mas isso só foi um desvio e modo de não acceitar cortezmente; e não é razão que satisfaça; pois vemos tantas velhices decrepitas, tão enfeitiçadas das paredes de palacio, que tropeçando nas escadas, sem vista, sem respiração, as sobem todos os dias, bem esquecidos dos que lhes restam de vida. E quando Barcelay não fosse tocado d'este contagio, ao menos podia dividir a mercê entre si e o filho, e apparecerem ambos na côrte, como vemos muitos titulos com duas caras, a modo do deus Jano, uma com muitas cans e outra sem barba. Mas a verdadeira razão, por que este honrado pae não aceitou a mercê do rei para si e a pediu para seu filho, nem a dividiu entre ambos, podendo, pois estava na sua eleição, foi, como dizem litteralmente Lira e Abulense, Porque era pae; e intendeu que tanto lograva aquella honra em seu filho, como em si mesmo. Eu accrescento que mais a lograva n'elle do que em si; porque n'elle era mais sua, como acima disse S. Gregorio Nazianzeno. E porque o sancto não deu a razão d'esta sua sentença, nós a daremos e provaremos agora com outro mais notavel exemplo da Escriptura.

O sacrificio de Isaac.

Quando Abrahão sacrificou seu filho Isaac é cousa mui notavel e mui notada que sendo Isaac a victima do sacrificio, os louvores d'esta acção e d'esta obediencia todos se dêem a Abrahão e não a Isaac. Isaac não se offereceu com grande promptidão ao sacrificio? Não se deixou atar? Não se inclinou sobre a lenha? Não viu sem horror desembainhar a espada? Não aguardou sem resistencia o golpe? Que mais fez logo Abrahão para

que a obediencia de Isaac se passe em silencio e a de Abrahão se estime, se louve, se encareça com tanto excesso? Nenhuma differença houve no caso, senão ser Abrahão pae e Isaac filho. Amava Abrahão mais a vida de Isaac que a sua e vivia mais n'ella que em si mesmo; e posto que ambos sacrificavam a vida e a mesma vida, o sacrificio de Abrahão foi maior e mais heroico que o de Isaac: porque se Isaac sacrificou a sua vida, Abrahão sacrificou a vida que era mais que sua, porque era de seu filho. Atéqui está dicto e bem dicto; mas eu passo avante e noto o que, a meu ver, é digno ainda de maior reparo. Premiou Deus essa famosa acção de Abrahão e como a premiou, e em quem? Não a premiou no mesmo Abrahão, senão em Isaac: *Quia fecisti rem hanc, benedicentur in semine tuo omnes gentes: in Isaac vocabitur tibi semen.* Pois se a acção do sacrificio foi celebrada em Abrahão e não em Isaac, porque foi premiada em Isaac e não em Abrahão? Por isso mesmo. A acção foi celebrada em Abrahão e não em Isaac, porque Isaac sacrificou a sua vida e Abrahão sacrificou a vida que estimava mais que a sua, porque era de seu filho; e da mesma maneira foi premiada em Isaac e não em Abrahão, para que o premio, sendo de seu filho, fosse tambem mais estimado d'elle, do que se fôra seu. A vida que sacrifastes foi mais que vossa, porque era de vosso filho! Pois seja o premio tambem de vosso filho, para que seja mais que vosso. E como os paes estimam mais os bens dos filhos que os seus proprios e os logram e gozam mais n'elles que em si mesmos, vêde se escolheria ou quereria a Senhora a immensa gloria de seu Filho antes para elle que para si; se a terá por sua e mais que sua, e se as mesmas vantagens de gloria em que infinitamente se vê excedida serão as que mais gloriosa a fazem e de que mais se gloria.

Gen. 17

O mesmo Filho de Maria por ser Filho seu se chama tambem Filho de David: e na historia do mesmo David nos dá a Escriptura sagrada o maior e mais universal testimunho que para prova d'esta verdade se pode desejar, nem ainda inventar. Chegado David aos fins da vida quiz nomear successor do reino e mandou ungir a seu filho Salomão por monarcha de Israel. Deu esta ordem a Banaias capitão das guardas da pessoa real, o qual lhe beijou a mão pela eleição, que não era pouco controversa, e o cumprimento com que fallou ao rei foi este: *Quomodo fuit Dominus cum domino meo rege, sic sit cum Salomone; et sublimius faciat solium ejus a solio domini mei regis David:* assim como Deus assistiu sempre e favoreceu a vossa majestade, assim assista e favoreça o reinado de Salomão e sublime e exalte o seu throno muito mais que o throno de vossa ma-

Cumprimentos feitos a David quando subiu ao throno Salomão.

3. Reg. 1

jestade. Executou-se promptamente a ordem, ungiram a Salomão no monte Gihon com todas as ceremonias que então se usavam em similhante celebridade: entrou o novo rei por Jerusalem a cavallo com trombetas e atabales deante entre vivas e acclamações de todo o povo e exercito; vieram todos os principes e ministros maiores das doze tribus congratular-se com David e as palavras com que lhe deram o parabem foram outra vez as mesmas: *Amplificet Deus nomen Salomonis super nomen tuum et magnificet thronum ejus super thronum tuum*: seja maior o nome de Salomão, Senhor, quo o vosso nome, e mais alto e glorioso o seu throno, do que foi o vosso. O que me admira sobre tudo n'este caso, é que todos dissessem a mesma cousa. Estas são as occasiões em que a discrição, o ingenho, a cortezania dos que dão o parabem aos reis, se esmera em buscar cada um novos modos de congratulação, novos motivos de alegria e ainda novos conceitos de lisonja, e mais, os que fazem a falla em nome dos seus tribunaes ou republicas. Como logo em tantas tribus, tantos ministros, tantos principes e senhores (que, como diz o Texto, vieram todos) não houve quem fallasse por outro estylo, nem dissesse outra cousa a David, senão que Deus fizesse a seu filho maior que elle e sublimasse e exaltasse o throno de Salomão mais que o seu throno? Isto disseram todos, porque a um rei tão famoso e glorioso como David, nenhuma outra felicidade nem gloria lhe restava para desejar, senão que tivesse um filho que em tudo se lhe avantajasse e o excedesse, e que o throno do mesmo filho fosse muito mais levantado e sublimado que o seu. A David em quanto David bastava-lhe por gloria ter sido David: mas em quanto pae não lhe bastava. Ainda lhe restava outra maior gloria que desejar; e esta era ter um tal filho que na majestade, na grandeza, na gloria e no mesmo throno o vencesse e excedesse muito: *Et magnificet thronum ejus super thronum tuum*.

O throno de Deus e o de sua Mãe.

Dous thronos ha no céu mais sublimes que todos: o de Deus e o de sua Mãe: o de Deus infinitamente mais alto que o de sua Mãe; e o de sua Mãe quasi infinitamente mais alto que o de todas as creaturas. Mas a maior gloria de Maria não consiste em que o seu throno exceda o de todas as jerarchias creadas, senão em ter Filho cujo throno excede infinitamente o seu. E este é o parabem que no céu lhe estão dando hoje e lhe darão por toda a eternidade todos os espiritos bemaventurados, sem haver em todos os coros de homeus e anjos quem diga nem possa dizer outra cousa senão: *Thronus ejus super thronum tuum*. Vence Maria no céu a todas as virgens na gloria que se deve a pureza; a todos os confessores na que se deve a humildade;

a todos os martyres na que se deve á paciencia; a todos os apostolos e patriarchas na que se deve á fé, á religião, ao zelo e culto da honra de Deus. Mas assim os confessores como as virgens, assim os martyres como os apostolos, assim os patriarchas como os prophetas, deixadas todas essas prerogativas, em que gloriosamente se vêem vencidos, os louvores e euges eternos, com que exaltam a glorisissima Mãe, é ser inferior o seu throno ao de seu Filho: *Thronus ejus super thronum tuum.* Vence Maria a todos os anjos e arcanjos a todos os principados e potestades, a todos os cherubins e seraphins na virtude, no poder, na sciencia, no amor, na graça, na gloria. Mas todos estes espiritos angelicos, passando em silencio os outros dons sobrenaturaes que tocam a cada uma das jerarchias, em que veneram e reconhecem a soberana superioridade, com que a Senhora, como rainha de todas, incomparavelmente as excede; todos, como tão discretos e intendidos, o que só dizem e sabem dizer, o que sobre tudo admiram e apregoam é: *Thronus ejus super thronum tuum.* Assim que homens e anjos, unidos no mesmo conceito e enlevados no mesmo pensamento, o que cantam, o que louvam, o que celebram prostrados deante do throno da segunda Majestade da gloria e os vivas que lhe dão concordemente, é ser Mãe de um Filho que, excedendo ella a todos em tão sublime gráu na mesma gloria, elle a vence e excede infinitamente. E isso é o que dividido em dous coros de innumeraveis vozes e unidos em uma só voz, applaudem, acclamam, festejam; e tudo o mais calam, conformando-se n'esta eleição com a parte do mesma gloria que a Senhora elegeu por melhor: *Optimam partem elegit.*

4.º Auctoridade do mesmo Eterno Padre.

VI. E porque a preferencia d'esta eleição não fique só no juizo dos intendimentos creados, subamos aos arcanos do intendimento divino; e vejamos como o Eterno Pae em tudo o que teve liberdade para eleger e escolher, tambem escolheu esta parte e a teve por melhor.

Gera elle o Filho por necessidade; mas o exalta por eleição.

Philipp. 2. Joan. 5. Ibid. 3.

Para intelligencia d'este poncto havemos de suppor que tudo quanto tem e goza o Filho de Deus, o recebeu de seu Padre, mas por differente modo. O que pertence á natureza e attributos divinos recebeu o Verbo Eterno do Eterno Padre, não por eleição e vontade livre do mesmo Padre, senão natural e necessariamente. E a razão é, porque a geração do Divino Verbo procede por acto do intendimento, antecedente a todo acto da vontade, sem o qual não ha eleição. É verdade que ainda que a geração do Verbo não procede por vontade nem é voluntaria, nem por isso é involuntaria ou contra a vontade: «mas porque é necessaria, não póde ser por eleição do Padre». E que é o que

recebeu por vontade livre e por verdadeira e propria eleição? «O que diz S. Paulo»: *Deus exaltavit illum et donavit illi nomen quod est super omne nomen.* Recebeu o Filho do Padre por verdadeira e propria eleição o officio e dignidade de Redemptor do genero humano fazendo-se junctamente homem e com esta nova e ineffavel dignidade recebeu um nome sobre todo o nome, que é o nome de Jesus, mais sublime e mais veneravel pelo que é e pelo que significa, que o mesmo nome de Deus: *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur coelestium terrestrium et infernorum.* Recebeu «alem d'isso o que diz S. João», a podestade judiciaria, que o Padre demittiu de si, competindo ao Filho privatamente o juizo universal e particular de vivos e mortos: *Pater non judicat quemquam, sed omne judicium dedit Filio.* Recebeu «o que diz David, a maior exaltação na terra e no céu, na Egreja militante e na triumphante, exaltando comsigo os amigos e abatendo os inimigos: *Ego autem constitutus sum rex super Sion montem sanctum eius. Dominus dixit ad me: Filius meus es tu. Reges eos in virga ferrea et tanquam vas figuli confringes eos.»* Tudo isto, e o que d isto se segue, com immensa exaltação e gloria recebeu o Filho de Deus de seu Eterno Padre por vontade livre e propria eleição. Mas se toda esta nova exaltação e toda esta nova gloria não era devida á Pessoa do Filho por força ou direito da geração eterna em que sómente era egual ao Padre na natureza e attributos divinos, e a eleição livre de dar ou tomar a mesma exaltação e gloria estava e dependia da vontade do mesmo Padre, porque a não tomou para si? Assim como incarnou a Pessoa do Filho, assim podera incarnar a Pessoa do Padre; e no tal caso a maior veneração e adoração de homens e anjos e todas as outras prerogativas e glorias que pelo mysterio da incarnação e redempção sobrevieram e accresceram ao Filho, não haviam de ser do Filho, senão do mesmo Padre. Pois se a eleição voluntaria e livre de tudo isso estava na mão do Padre; e podia tomar para si toda essa exaltação e gloria; porque a quiz antes para seu Filho? Por nenhuma outra razão, senão porque era Filho e elle Pae. Assim como o Eterno Padre, para encarecer o amor que tinha aos homens, não se nos deu a si, senão a seu Filho: *Sic Deus dilexit mundum ut Filium suum Unigenitum daret*; assim para manifestar o amor que tinha ao mesmo Filho, não tomou para si estas novas glorias, senão que todas as quiz para elle e lh'as deu, e elle, intendendo que quando fossem de seu Filho, então eram mais suas, e que mais e melhor («segundo nosso modo de intender») as gozava n'elle que em si mesmo.

Parallelo da Virgem Mãe com o Eterno Padre.

E que Filho é este, Virgem gloriosissima, senão o mesmo

Filho vosso, Filho Unigenito do Eterno Padre e Filho Unigenito de Maria? E se o Eterno Padre em tudo o que póde ter eleição propria, escolheu os excessos de sua gloria para seu Filho; essa mesma gloria que elle goza em si e vós n'elle, em que infinitamente vos vêdes excedida, quem póde duvidar, se tem inteiro juizo, que seria tambem vossa a mesma eleição? Toda a Egreja triumphante no céu e toda a militante na terra reconhece e confessa que entre todas as puras creaturas, ou sobre todas ellas, nenhuma ha mais parecida a Deus Padre que aquella singularissima Senhora que elle creou e predestinou *ab aeterno* para Mãe do seu Unigenito Filho: porque era justo que o Pae e a Mãe, de quem elle recebeu as duas naturezas de que ineffavelmente é composto, fossem, quanto era possivel, em tudo similhantes. E se o amor do Pae por ser amor de Pae e Pae sem Mãe escolheu para seu Filho e não para si as glorias que cabiam na sua eleição, não ha duvida que o amor da Mãe e Mãe sem Pae escolheria para o mesmo Filho tambem e não para si toda a gloria infinita, que elle goza. E esta é a eleição que teria por melhor: *Maria optimam partem elegit.*

VII. «Finalmente» assim o intendeu da mesma Mãe o mesmo Pae; e o provou maravilhosamente o juizo e amor da mesma Senhora para com seu Filho, onde a eleição foi propriamente sua. Quando o Eterno Padre quiz dar Mãe a seu Unigenito, foi com tal miramento e attenção á grandeza e majestade da que sublimava a tão estreito e soberano parentesco, que não só quiz que fosse sua, isto é do mesmo Pae a eleição da Mãe, senão que tambem fosse da Mãe a eleição do Filho. Bem podera o Eterno Padre formar a humanidade de seu Filho nas entranhas purissimas da Virgem Maria, sem consentimento nem ainda conhecimento da mesma Virgem, assim como formou a Eva da costa de Adão não acordado e estando em si, senão dormindo. Mas para que o Filho que havia de ser seu, posto que era Deus, não só fosse seu, senão da sua eleição, por isso, como diz S. Thomás, lhe destinou antes por embaixador um dos maiores principes da sua côrte; o qual de sua parte lhe pedisse o sim e negociasse e alcançasse o consentimento, e o acceitasse em seu nome. Este foi, como lhe chamou S. Paulo, o maior negocio que nunca houve nem haverá entre o céu e a terra; difficultado primeiro pela Senhora, e depois persuadido e concluido por S. Gabriel. Mas quaes foram as razões e os motivos de que usou o anjo para o persuadir e concluir? É caso digno de admiração, e que singularmente prova da parte de Deus, do anjo e da mesma Virgem qual é na sua eleição a melhor parte.

5.º Confirma-se com a historia da Annunciação.

Promessas que o anjo fez á Virgem e as que não fez.
Luc. 1.

Repara Maria na embaixada: insta o celebre embaixador e as promessas que allegou para conseguir o consentimento foram estas: '*Ecce concipies et paries Filium et vocabis nomen ejus Jesum: hic erit magnus et Filius Altissimi vocabitur: dabit illi Dominus Deus sedem David patris eius. et regnabit in domo Jacob et regni eius non erit finis.* O Filho de que sereis Mãe terá por nome Jesus, que quer dizer Redemptor do mundo: este será grande, chamar-se-ha Filho de Deus, dar-lhe-ha o mesmo Deus o throno de David, seu pae: reinará em toda a casa de Jacob; e seu reino e imperio não terá fim. Não sei se advertis no que diz o anjo, e no que não diz; no que promette e no que não promette. Tudo o que promette são grandezas, altezas e glorias do Filho; e da Mãe, com quem falla, nenhuma cousa diz; e á mesma a quem pretende persuadir nada lhe promette. Não podera Gabriel dizer á Senhora com a mesma verdade que ella sería a floroscente vara de Jessé; que n'ella resuscitaria o sceptro de David; que a sua casa se levantaria e extenderia mais que a de Jacob; que sería rainha sua e de todas as jerarchias dos anjos; senhora dos homens, imperatriz de todo o creado, e que esta majestade e grandeza tambem a lograria sem fim? Tudo isto e muito mais podía e sabía dizer o anjo. Pois, porque diz e promette só o que ha de ser o Filho, e não diz nem promette o que ha de ser a Mãe? Porque fallou, como anjo, conforme a sua sciencia; e como embaixador conforme as suas instrucções: por isso nem elle diz, nem Deus lhe manda dizer, senão o que ha de ser seu Filho: porque nas materias onde Maria tem a eleição livre, o que mais pesa no seu juizo, e o que mais move e enche o seu affecto, são as grandezas e glorias de seu Filho e não as suas. As de seu Filho e não as suas, porque as tem mais por suas sendo de seu Filho; as de seu Filho e não as suas, porque as estima mais n'elle e as goza mais n'elle que em si mesma. Isto é o que segundo o conhecimento de Deus e o do anjo e o seu, elegeu Maria na terra: e isto é o que na presença de Deus, dos anjos e de todos os bemaventurados tem por melhor no céu: *Maria optimam partem elegit.*

Conclusão. Parabens á Senhora da Gloria.

VIII. E nós, Senhora, que como filhos de Eva ainda gememos n'este desterro, e como filhos, posto que indignos, vossos, esperamos subir comvosco e por vós a essa bemaventurada patria, o que só nos resta depois d'esta consideração de vossa gloria é dar-vos o parabem d'ella. Parabem vos seja a eleição que ainda que não foi nem podia ser vossa na predestinação com que fostes escolhida para a gloria da Mãe de Deus, foi vossa no consentimento voluntario e livre que se vos pediu e déstes

para o ser. Parabem vos seja a parte que comprehende aquelle todo incomprehensivel de gloria que só póde abarcar e abraçar o ser immenso, e reter dentro em si o infinito, que vós tambem com maior capacidade que a do céu, tivestes dentro em vós. Parabem vos seja finalmente a melhoria; pois melhor vos está como Mãe, que toda essa immensidade e infinidade de gloria seja de vosso Filho e melhor a gozais por este modo segundo as leis do perfeito amor que se a gozareis em vós mesma. E assim como vos damos o parabem e nos alegramos com todo o affecto de nossos corações, de que a estejais gozando e hajais de gozar por toda a eternidade; assim vos pedimos humildemente prostrados ao throno de vossa gloriosissima Majestade, que, como Senhora da Gloria, e liberalissima dispensadora de todas as graças de vosso bemdictissimo Filho, alcançadas e merecidas pelo sangue preciosissimo que de vós recebeu, nos communiqueis, augmenteis e conserveis até o ultimo dia em que passarmos, como vós hoje, d'esta vida, aquella graça que nos é necessaria para vos louvarmos eternamente na gloria.

(Ed. ant. tom. 2.°, pag. 27, ed. mod. tom. 1.°, pag. 117.)

SERMÃO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA **

ORAGO DA EGREJA MATRIZ DA CIDADE DO PARÁ CUJA FESTA SE CELEBRA NO DIA DA ASSUMPÇÃO DE NOSSA SENHORA

Observação do compilador.—Este largo sermão, combinando admiravelmente o titulo de Senhora da Graça com a festa da Assumpção é rico em doutrina theologica e documentos moraes. Seu estylo por se accomodar á festa e aos ouvintes nem é rasteiro nem muito elevado, mas digno de um orador que é ao mesmo tempo panegyrista, mestre e missionario.

Maria optimam partem elegit.
Luc. 10.

Difficuldade de concordar o dia, a festa e o evangelho.

Grande festa, grande dia, grande evangelho, e grande difficuldade tambem a de concordar com a propriedade e verdade o concurso d'estas tres obrigações. O dia é grande; porque é aquelle formoso dia em que a Virgem Maria, depois de pagar o tributo á morte como verdadeira filha de Adão, resuscitando logo como verdadeira Mãe de Deus, subiu ao céu a gozar para sempre a gloria de sua vista. A festa é grande: porque é da Senhora da Graça, titulo d'esta egreja matriz, a primeira e maior de uma tão dilatada provincia e cabeça de todas. O Evangelho é grande: porque n'elle debaixo dos mysteriosos nomes de Martha e Maria se representam as duas vidas, activa e contemplativa, em cujo complexo se contém e comprehende toda a perfeição evangelica. E é finalmente grande a difficuldade de concordar o concurso d'estas tres obrigações; porque sendo a gloria o fim e a graça o meio de a conseguir; antepor a graça á gloria e o meio ao fim não só parece dissonancia, senão desordem manifesta; e porque applicando o evangelho á melhor eleição, e a melhor parte á gloria da Senhora, em vez de celebrar a mesma gloria no dia de sua assumpção, trocal-a pelo titulo da Graça, tambem parece impropriedade, por lhe não dar nome de injustiça.

Tres razões para concordar o dia com a festa.

O motivo que tiveram os antigos fundadores para que havendo levantado este templo debaixo do titulo da Senhora da Graça unissem a celebridade do mesmo titulo ao dia da gloriosa Assumpção da mesma Senhora, não consta nem ficou em memoria. Mas n'esta que parece sem-razão e impropriedade, examinando-a mais subtilmente, acho eu tres grandes propriedades e adequadas razões. A primeira, porque a graça é o direito por onde se deve aos justos a gloria: a segunda, porque a gloria se distribúi a cada um pela medida da graça: a terceira, porque quando acaba de se aperfeiçoar a graça, então se começa a possuir a gloria. E como o dia em que se cerrou o direito, em que se egualou a medida, e em que se consummou a perfeição da graça immensa da Mãe de Deus, foi o mesmo dia da sua gloriosa Assumpção, e não em differentes horas ou momentos d'aquelle dia, senão na mesma hora e no mesmo momento em que acabou de consummar a immensidade da graça, começou a Senhora a gozar a immensidade da gloria; não só foi piedade e devoção particular, senão justiça que n'este dia fosse celebrada, como é, com titulo de Senhora da Graça. Tanto assim que em nenhum outro dia ou festa da Virgem Senhora nossa se lhe póde dar propria e cabalmente o titulo da Graça senão n'este; e porque? Porque em todos os outros dias sempre a sua graça ia crescendo; n'este só chegou ao summo gráu de sua grandeza, e se viu toda juncta e consummada. No dia da Conceição foi a Senhora concebida em graça; mas essa graça cresceu desde a Conceicão até o Nascimento; desde o Nascimento até a Presentação no templo, e desde a Presentação no templo até á Incarnação. No dia da Incarnação esteve a Senhora cheia de graça; mas essa graça foi crescendo até á Visitação, da Visitação até o Parto, do Parto até á Purificação, da Purificação até á Morte e Resurreição e Ascenção de seu Filho e por tantos annos depois, em que viveu n'este mundo, sempre cresceu mais e mais, até o ultimo instante da vida. Logo em nenhum outro dia, senão no ultimo da mesma vida, que foi o mesmo dia da Assumpção da Senhora, se podia e devia celebrar propria e cabalmente a sua graça; porque só n'aquelle dia se acabou de consummar a mesma graca em toda a sua perfeição e grandeza. E isto é o que faz a nossa egreja.

Assumpto do sermão: como se concorda a festa com o evangelho.

Mas porque a graça da Virgem Maria foi consummada no dia em que acabou a vida temporal e a gloria da mesma Senhora tambem foi consummada no dia em que começou à eterna; para entrar na altissima questão que não se póde evitar n'estes termos e n'este dia entre a graca e a gloria da mesma Senhora, ambas consummadas e para resolver a qual pertence conforme

o nosso thema a eleição da melhor parte «e com qual concorda melhor o evangelho,» peçamos á mesma Senhora da Gloria e da Graça nos assista «com seu favor.» *Ave Maria.*

II. *Maria optimam partem elegit.* Occupada Maria «irmã de Lazaro» com toda a sua attencão em ouvir as palavras de seu e nosso divino Mestre, assentada aos sagrados pés «do Redemptor,» e occupada tambem Martha com todo o seu cuidado nas prevenções e policias da mesa em que havia de servir e regalar a tão soberano Hospede; Maria intendendo que ainda em lei de cortezia era maior obrigação a da sua assistencia; e Martha queixosa de que sua irmã a daixasse só; respondeu o Senhor á queixa de uma e acudiu pelo silencio de outra; pronunciando, como oraculo divino, que Maria escolhera a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.* Esta historia tomada em allegoria por não ter evangelho proprio applica a Egreja catholica á presente solemnidade da gloriosa Assumpção da Virgem Senhora nossa, não comparando Maria a Magdalena á Martha; mas preferindo Maria a Mãe de Deus a toda a corte celestial, anjos e homens. Divide a gloria do céu em duas partes: uma que comprehende todos os bemaventurados, outra que unicamente pertence a Maria; e esta canta e apregoa que não só é melhor de qualquer modo; senão em grau superlativo optima: *Optimam partem elegit.*

Sentido allegorico do evangelho.

Por este modo se concorda muito accomodadamente o evangelho com a gloria da Virgem Senhora nossa; mas a segunda difficuldade que reservamos para este logar não consiste em concordar o evangelho com a sua gloria, senão com a sua graça. E que sería se eu dissesse que muito mais propriamente se concorda o mesmo evangelho e as mesmas palavras com o titulo da Graça, que com o da Gloria da mesma Senhora? Assim o digo, e assim o provo. Porque todo o que Maria adquiria aos pés de Christo e as melhoras em que foi preferida a sua irmã, historial, litteral e propriamente eram da graça e não da gloria. Confirma-se do mesmo texto, o qual diz que Maria estava ouvindo ao Senhor: *Audiebat verbum illius.* Não diz que via, senão que ouvia; e o ouvir que é o sentido da fé pertence a esta vida, onde a alma se melhora pela graça e não á outra em que se beatifica pela vista. Logo quanto á concordia do evangelho com o titulo, muito melhor concordado o temos com o titulo da Graça que com o da Gloria: porque á Gloria só se attribúi em parabola e por accomodação, e da Graça falla historial, propria e naturalmente.

Sentido historico.

Luc. 10.

O titulo de Senhora da Graça se deve preferir ao de Senhora da Gloria.

Só resta a comparação de uma parte boa e outra melhor e a vantagem de quem conseguiu a optima; *Optimam partem elegit.*

Na comparação litteral Maria Magdalena foi preferida a Martha na melhoria da graça; na comparação allegorica Maria, Mãe de Deus, foi preferida a todos os bemaventurados na melhoria da gloria. Porém na comparação nossa e d'esta egreja particular em que a festejamos debaixo do titulo da Graça, no mesmo dia em que a Egreja universal a celebra debaixo do titulo da Gloria; quando a comparada não póde ser senão a mesma Senhora comsigo, nem a comparação pode ser outra, senão entre a mesma graça e a mesma gloria; a qual d'estes dous titulos havemos de dar a preferencia e de qual havemos de dizer: *Maria optimam partem elegit*, de Maria Senhora da Graça ou de Maria Senhora da Gloria? Este será o altissimo poncto do nosso discurso; e posto que ambos os titulos na Mãe de Deus sejam immensos, para maior gloria da mesma Senhora daremos a preferencia ao titulo da sua Graça. Oh se a mesma Senhora da Graça nos assistisse com a sua para penetrarmos ou nos deixarmos bem penetrar d'esta verdade!

A graça e a gloria são dous bens sobrenaturaes.

III. Para demonstração e intelligencia d'ella (que não é facil ainda aos maiores intendimentos), havemos de suppor que assim a graça como a gloria são bens sobrenaturaes, «e por isso» na nobreza, no preço e na dignidade excedem a todos os bens da natureza assim visiveis como invisiveis. Tanto assim que se Deus creasse, como póde, outros mil mundos mais perfeitos que este e povoados de creaturas muito mais nobres e excellentes, sempre o que é sobrenatural as excederia incomparavelmente: porque é gráu muito superior a tudo o que comprehende em si a esphera da natureza: «por onde» taes são a graça e a gloria que só se podem comparar entre si como nós as comparamos n'esta nossa questão. Digo pois ou torno a dizer «comparando-as entre si» que havendo de fazer escolha entre a gloria e a graça conforme o nosso thema, antes devemos escolher a graça que a gloria e não por uma razão senão por muitas.

A graça se deve preferir á gloria. 1.º Porque a envolve.

Seja a primeira porque a graça envolve comsigo a gloria e ainda que possa haver graça sem gloria, não póde haver gloria sem graça. A graça é fundamento da gloria e a gloria é consequencia da graça: a graça a ninguem é devida, e a gloria é devida a todo o que está em graça e como nos archivos da graça estão depositados os creditos da gloria, vêde se se deve antes escolher a graça que a gloria; pois a graça e a gloria tudo pertence á graça.

Por isso S. Paulo chama bemaventurada a esperança.

Por esta connexão infallivel da graça com a gloria chamou S. Paulo bemaventurada a esperança com que n'esta vida esperamos a mesma gloria: *Expectantes beatam spem et adventum*

gloriae magni Dei. Mas para que nos não enganemos com esta esperança, como com as demais, que tanto costumam enganar, é necessario advertir que ha uma grande differença entre os fundamentos d'ella. O logar da esperança é entre a fé e a caridade: se a esperança se funda sómente na fé não é verdadeiramente bemaventurada, porque tem a bemaventurança duvidosa: mas se se funda na caridade que é a graça «sanctificante», então é certamente bemaventurada e sem nenhuma duvida, porque lhe não pode Deus negar a bemaventurança e a gloria que espera: *Expectantes beatam spem.*

2.° Porque mais vale amar a Deus que vel-o.

A segunda razão por que mais se deve escolher a graça que gloria é tirada da definição e essencia de uma e outra. A graça consiste em amar e ser amado de Deus, a gloria em ver ao mesmo Deus; e posto que o vêr a Deus seja a maior felicidade, quem negará a vantagem á correspondencia do amor infinitamente desegual, mas reciproco do homem para com Deus e de Deus para com o homem? A verdade d'esta soberanissima correspondencia o mesmo Deus a fez de fé quando disse: *Ego diligentes me diligo.* Mas ainda comparado o ver a Deus com o amar a Deus de nossa parte, nenhum intendimento haverá justo e desinteressado que não escolha antes o amar. Muito maior fineza e mais digna do mais perfeito amor é amar sem ver, do que amar vendo. É o que encareçeu S. Pedro nos primeiros professores do christianismo, dizendo que sem ver a Deus o amavam: *Quem cum non videritis, diligitis*; e é a differença com que amam na terra os bemaventurados da graça e no céu os da gloria. Os da gloria amam a Deus mas vendo-o, os da graça tambem o amam, mas sem o ver.

1. *Petr.* 1.

Reciproca correspondencia de amor entre Deus e a alma que está em graça.

Cant. 2. *Bern. serm.* 68.

E se esta vantagem teem em quanto sómente amam a Deus, que é uma parte da graça; que será em quanto amam a Deus e são amados de Deus, em que consiste toda? Esta reciproca correspondencia de amor entre Deus e o homem que está em graça, declarou a alma dos Cantares, quando disse: *Dilectus meus mihi et ego illi:* Deus é o meu amado e eu sou a amada de Deus; e sendo Deus quem é por sua infinita grandeza e soberania; e sendo o homem quem é por sua vileza e baixeza em respeito de Deus; quem haverá que não extranhe e se assombre d'esta confianca e egualdade de fallar: *Ille mihi et ego illi*: elle o meu amado e eu a sua amada? S. Bernardo commentando estas duas palavras não duvidou de chamar a cada uma d'ellas insolente e a ambas insolentissimas. Mas a alma que isto disse era a alma que estava em graça; e é tanta a alteza a que a mesma graca levanta a alma, não só em quanto ama, senão em quanto ama e junctamente é amada de Deus, que o que

podia parecer insolencia da parte do homem, da parte de Deus é justa condescendencia: tractando-se com tal familiaridade Deus com o homem e o homem com Deus, como se foram eguaes: *Quasi ex aequo morem gerere et rependere vicem:* como nota o mesmo S. Bernardo. Comparae-me agora o amar a Deus no céu «porque se vê» com este ser amado de Deus na terra «por estar em sua» graça. Os bemaventurados no céu dirão, que porque veem a Deus, amam necessariamente a Deus; e nós diremos na terra que, porque estamos em graça de Deus, somos amados necessariamente de Deus. Se a vista de Deus necessita aos bemaventurados a amar a Deus, tambem a graça necessita a Deus, («como o pode necessitar»,) a amar ao homem. A vista necessita aos bemaventurados a amar a Deus, porque não podem deixar nem cessar de amar a Deus visto; e a graça necessita a Deus a amar ao homem, porque não pode deixar, nem cessar de amar ao homem que está em graça.

3.º Porque a graça nos faz filhos de Deus e a gloria herdeiros.
1. Joan. 1.

A terceira razão ou vantagem, por que, prescindindo a graça da gloria (que é o sentido em que fallamos), se deve antes escolher a graça, é porque a graça faz ao homem filho de Deus, a gloria herdeiro. Se os homens conheceram o que encerra este nome, Filho de Deus, e como a graça não só nos dá o nome, senão o ser do que o nome significa, que differentemente estimariam em si e reverenciariam nos outros este nascimento infinitamente mais que real. Se nascer de Philippe em Hespanha, ou de Luiz em França, ou de Ferdinando em Allemanha, se tem com razão pela maior fortuna, qual será a d'aquelles dos quaes se diz com verdade: *Non ex sanguinibus sed ex Deo nati sunt?* Mas a causa de os homens não fazerem d'este altissimo nascimento a estimação que merece, é, porque não conhecem a Deus. Se não conhecem o pae, como hão de estimar os filhos? Assim o ponderou com profundissimo pensamento o evangelista S. João: *Videte qualem charitatem dedit nobis Pater, ut filii Dei nominemur et simus. Propter hoc mundus non novit nos, quia non novit eum.* Vêde o que chegou a nos dar a immensa caridade do Eterno Padre: um dom tão excellente e sobrehumano e um foro tão chegado á sua propria divindade, que não só nos chamemos filhos de Deus, mas que verdadeiramente o sejamos. E se o mundo não estima como devia que somos filhos d'este Pae, é porque o não conhece a elle. Como se dissera a aguia dos evangelistas: Eu sou desprezado, porque o mundo conhece o Zebedeu de quem sou filho por natureza; e não me estima como devera, porque não conhece a Deus de quem sou filho por graça.

Os filhos de Deus não prezam mais a herança que o nascimento.

«E, se a graça nos faz filhos e a gloria nos faz herdeiros; por-

que nos haveriamos de prezar mais de herdeiros que de filhos e haveriamos de estimar mais a herança que o nascimento?» Cá onde os paes são homens, póde succeder muitas vezes ser o nascimento tão baixo e tão vil e a herança tão copiosa, que se despreze o nascimento e se estime a herança. Mas onde o pae é Deus, tão infinito na nobreza como na essencia, ainda que seja a gloria a que nos faz herdeiros, claro está que sempre havemos de estimar não só mais, senão infinitamente mais a graça que nos faz filhos. Esse foi o erro e o acerto d'aquelles dous filhos do pae que representava a Deus, um louco, outro sizudo. O louco, que era o Prodigo, em vida do pae pediu que lhe désse a sua herança; porque estimava mais o ser herdeiro que filho: porém o sizudo, que era o irmão mais velho, deixou-se ficar sempre na casa do pae, sem fallar, nem se lembrar da herança; porque tanto menos estimava a herança que o nascimento, como se fôra só filho e não herdeiro. E isto é o que deve fazer todo aquelle que com juizo maduro e inteiro comparar a graça e a gloria.

4.º Porque não querer amar a Deus é sempre peccado não querer vel-o póde ser meritorio. *Exod.* 32. *Rom.* 9. *Vide Corn. a lap.*

A quarta razão d'esta preferencia é, porque não querer ver a Deus não só poder ser licito, senão meritorio; e querer não amar a Deus, não só é sempre peccado e gravissimo peccado, mas não é possivel motivo que o faça toleravel ou licito. No testamento Velho e Novo temos dous famosos exemplos d'esta theologia nos dous maiores heroes da caridade, Moysés e Paulo. Determinado Deus a acabar de uma vez com o povo de Israel pela idolatria do bezerro, oppoz-se Moysés a esta determinação que Deus lhe revelara, dizendo: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut si non facis, dele me de libro tuo quem scripsisti:* ou vós, Senhor, haveis de perdoar ao povo este peccado, ou senão fazeis o que vos peço, riscae-me do vosso livro. Este livro, como consta de muitos logares da Escriptura, é o livro em que estão escriptos os que são predestinados para a gloria. Mas paremos aqui e vamos a S. Paulo. S. Paulo declarando o grande sentimento que tinha de vêr como os de sua nação não queriam crer em Christo e se precipitavam obstinadamente á perpetua condemnação, diz que por elles desejava fazer um tal sacrificio de si mesmo a Deus, que Deus o privasse eternamente da gloria, que consiste na sua vista, com tanto que a mesma gloria de que elle se privava a houvessem elles de gozar crendo em Christo. Isto é o que querem dizer aquellas animosas palavras: *Optabam ego ipse anathema esse a Christo, pro fratribus meis, qui sunt cognati mei secundum carnem.* E assim intendeu este texto e o de Moysés, S. João Chrysostomo, Theophylacto, Ecumenio, Ruperto, Cassiano, Origenes, S. Bernardo, e entre os theo-

logos e interpretes é a sentença mais litteral e commum. Agora pergunto: Estes dous homens tão valentes e tão deliberados, que assim resolviam a não ver a Deus, suppunham tambem com o impeto e fervor da mesma resolução que o não haviam de amar? *Absit:* de nenhum modo. Porque assim como por um motivo tão pio e de tanta caridade sería acção não só licita, mas heroica offerecer-se a não ver a Deus, assim sería não só illicita, mas impia, querer se expor a o não amar. Antes é certo que quanto mais renunciavam á vista de Deus pelo amor do proximo, tanto mais fortes raizes lançavam no amor do mesmo Deus. Ouçamos a eloquencia de Chrysostomo arguindo n'este caso a S. Paulo: E bem, Paulo, não sois vós aquelle que já dissestes, que nenhuma cousa vos separaría do amor de Christo? Não sois aquelle que quereis que a vossa alma se desatasse do vosso corpo, para estar sempre com elle? Pois como agora quereis carecer de o gozar e ver por toda a eternidade? Antes por isso mesmo; responde em nome de S. Paulo o mesmo Chrysostomo. Porque eu amo muito a Christo, por isso me quero privar de o ver e gozar, para que em logar de mim que sou um só, o vejam e gozem muitos; e segundo o meu desejo o amem e louvem todos. E quanto fosse agradavel a Deus este excesso de caridade assim em S. Paulo como em Moysés, posto que a nenhum d'elles acceitou o offerecimento, se viu bem nas mercês com que depois honrou a um e outro: fazendo geralmente e para com todos tal differença entre a sua graça e a sua gloria, que a quem não quer a sua graça, castiga-o com o privar da gloria e a quem por similhante motivo não quizer a sua gloria, premeia-o com lhe augmentar a graça.

5.º Por conservar a graça é louvavel querer padecer as penas do inferno. Sancto Anselmo, lib. de simil. c. 190

IV. Mui dilatada cousa sería se houvessemos de ponderar como até agora as outras razões d'esta differença: mas porque não é bem que totalmente fiquem em silencio, de corrida as irei apontando. Seja a quinta que por conservar a graça não só é licito e louvavel renunciar á gloria do céu, senão tambem querer antes padecer as penas do inferno. É resolução famosa de Sancto Anselmo e á qual no mesmo caso está obrigado todo o christão. Se de uma parte, diz Anselmo, se me pozesse o peccado e da outra o inferno com todo o seu horror e me fosse necessario escolher um dos dous, antes me havia de lancar logo ao inferno, que admittir em mim um peccado.

6.º Ver a Deus estando em peccado é menos desejavel que estar no inferno sem peccado.

Mais. E se fosse possivel (como de potencia absoluta não repugna) ver um homem a Deus no céu estando em peccado; qual sería no tal caso mais ditoso, este homem ou Anselmo? Não ha duvida que Anselmo. Porque Anselmo no inferno conservava a graça, ainda que padecia as penas dos condemnados; e ao

outro no céu, posto que via a Deus, em que consiste a gloria dos bemaventurados, não estava em graça.

7.º A gloria do céu deve-se principalmente desejar por amor da graça.

Mais ainda. Diz S. João Chrysostomo que assim como não havemos de temer o inferno por horror das penas, senão por ter offendido a Deus e perdido sua graça, assim não havemos de desejar o céu, principalmente por amor da gloria, senão por gozar da mesma graça e amar ao mesmo Deus eternamente. Ordenar a graça para a gloria e fazer a gloria fim da graça, bom desejo é; mas ordenar a gloria para a graça e fazer a graça fim da gloria, é muito melhor desejo. Porque? Porque a graça antes da gloria está perigosa e depois da gloria está segura. E posto que è bom desejo querer a graça para gozar a gloria; muito melhor desejo e muito mais alto pensamento é desejar a gloria por segurar a graça.

7.º A gloria é esteril, a graça é sempre fecunda.

Finalmente seja a ultima razão de escolher antes a graça que a gloria a esterilidade da mesma gloria e a fecundidade da mesma graça. A gloria no céu é uma felicidade grande, mas felicidade que não cresce, porque uma gloria não causa outra gloria. Porém a graça na terra é uma felicidade ou bemaventurança que sempre cresce, porque sempre uma graça está produzindo outra graça. Eu vos prometto, diz S. Bernardo, que se Deus désse licença aos bemaventurados que o estão vendo no céu para virem á terra a merecer e crescer a maior graca, que todos acceitariam este partido, deixando a gloria para depois voarem á mesma gloria mais cheios de graça. Logo se a escolha se faria no céu onde se não póde fazer, porque se não fará na terra?

Todas estas razões persuadem que a Senhora havia de escolher a graça, preferindo-a á gloria.

V. Até aqui temos visto as razões por que comparada a gloria com a graça se deve escolher antes a graça que a gloria. E se alguem cuidar que não fallámos atégora no que principalmente deviamos fallar, que é a Virgem Senhora nossa da Graça, cuja festa celebramos, digo que todas estas razões assim como foram prerogativas da graça, assim foram excellencias da Senhora debaixo do mesmo titulo. S. Thomás com seu mestre Alberto Magno distinguem na graça da Virgem Maria tres estados de perfeição: o primeiro desde o principio da sua Conceição, a que chamam de sufficiencia: o segundo desde o poncto em que concebeu o Verbo eterno, a que chamam de abundancia: o terceiro por todo o tempo da vida até á morte, a que chamam de excellencia singular. Por todas as razões, pois, que referimos muito melhor e mais altamente intendidas, comparando-se a Senhora comsigo mesma, como aquella singularissima alma que sobre todas as creaturas amou e foi amada de Deus, tambem não póde deixar de a estimar mais a graça que a gloria: pois no mesmo amar reciproco consiste a graça. Estimou mais

a graça que a gloria, não por assigurar no céu a mesma graça em que fôra confirmada desde o instante de sua conceição; mas por augmentar mais e mais o amor que lá se eguala com a vista por toda a eternidade. Batalhava no coração da Mãe de Deus o mesmo amor, por uma parte com o desejo de mais depressa o vêr e por outra com a razão de mais o amar eternamente; e porque este motivo foi o vencedor, por isso escolheu como melhor parte a graça: *Maria optimam partem elegit.*

Por isso a deixou Deus tantos annos na terra. Cant. 1.

N'aquellas palavras, *Indica mihi quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie,* manifestou o amor da Senhora quanto desejava vêr a Deus no meiodia da gloria; e a resposta foi que mais convinha por então que na ausencia de seu Filho ficasse apascentando o seu rebanho: *Abi post vestigia gregum tuorum et pasce haedos tuos juxta tabernacula pastorum.* Assim o fez a Senhora, sendo d'alli por deante o oraculo de toda a Egreja e mestra dos mesmos apostolos, não só em Jerusalem e na Judéa, mas peregrinando a outras partes do mundo. Durou não digo este desterro da gloria, mas esta ausencia de seu Filho, não menos que vinte e quatro annos, depois que elle tinha subido ao céu, como prova o cardeal Baronio, fundado no testemunho irrefragavel de S. Dionysio Areopagita: até que finalmente em tal dia, como hoje, foi chamada a bemdictissima Mãe a receber da mão de seu Filho e gozar por toda a eternidade a coroa immensa da gloria que tinha merecido a sua graça. E digo que foi chamada: porque assim o declaram as vozes de toda a sanctissima Trindade, não em commum, mas distinctamente repetidas por cada uma das divinas Pessoas: *Veni*

Ibid. 4.

sponsa mea, veni de Libano, veni coronaberis. O Padre disse *Veni,* chamando-a como Filha: o Filho disse *Veni,* chamando-a como Mãe: o Espirito Santo disse *Veni,* chamando-a como Esposa. Mas se toda a sanctissima Trindade e cada uma das divinas Pessoas por si e por tão particulares motivos desejava vêr a Virgem Maria no throno da gloria, onde tambem como Filha visse o Padre, como Mãe o Filho, e como Esposa o Espirito Sancto; e a mesma Senhora suspirava por este dia com tão ardentes desejos e violentissimas saudades, que ellas e o amor lhe romperam os laços da vida e lhe desataram a alma; como as mesmas Pessoas divinas, que podem quanto querem, não só permittiram, mas quizeram que a mesma alma sanctissima continuasse n'este mundo privada do céu e da gloria e padecesse seu amor este largo martyrio por tantos annos? Aqui vereis quão verdadeira é a doutrina de todo o nosso discurso e as razões d'elle. Assentou no consistorio da sanctissima Trindade o Padre que a sua Filha, o Filho que a sua Mãe, o Espi-

rito Sancto que a sua Esposa, se lhe dilatasse a vista de Deus e da gloria por espaço de vinte e quatro annos, para que em todo este tempo merecesse mais e mais e crescesse na graça; porque computados tantos annos de gloria com outros tantos de graça, não só por eleição da mesma Senhora, senão por decreto de todas as Pessoas divinas lhe convinha e importava mais o crescer na graça que o gozar a gloria. *Ut cumulares merita ejus, assumptionem ad gloriam tamdiu distulisti*, diz S. Pedro Damião.

Serm. de Assumpt. Virg.

VI. Mas quem poderá declarar quaes foram os augmentos de graça com que a Virgem Maria em todo este tempo, mais propriamente Senhora da Graça, accumulou uma sobre outra as immensidades da sua? Sancto Epiphanio disse: *Gratia Sanctae Virginis est immensa*. S. Boaventura: *Immensa certe fuit gratia qua ipsa fuit plena*. E Sancto Anselmo: *Quid amplius dicere possum, Domina? Immensitatem quippe gratiae et gloriae et felicitatis tuae considerare incipienti et sensus deficit et lingua fatiscit*. Estes sanctos com palavras claras e expressas apregoam por immensa a graça da Virgem Maria. E S. João Damasceno, S. Jeronymo, Sancto Ephrem, S. Bernardo, Sancto Ignacio Martyr, S. Pedro Veronense e quasi todos os sanctos dizem o mesmo com termos não de menor expressão, mas de mais profunda intelligencia, que por isso não repito. Só quizera que todos os que me ouvis fosseis theologos para a demonstração dos augmentos de graça, a que a Senhora cresceu n'estes ultimos annos de sua sanctissima vida. Procurarei, porém, de os reduzir ás regras de outra sciencia mais vulgar e mais practica, pela qual já que nenhum intendimento humano póde comprehender esta immensidade, ao menos de algum modo a possamos todos conjecturar.

Os Sanctos Padres chamam immensa a graça da Virgem.

Todos sabeis aquelle modo de conta que vulgarmente se chama ao *galarim*, em que tudo o que se possúi e precede em um numero se dobra no seguinte. Supponde, pois, com a mais assentada theologia (em que ella não está pouco obrigada ao doutissimo Soares da nossa Companhia) que os actos do amor e caridade da Virgem Sanctissima, os quaes todos eram perfeitissimos, condignamente mereciam outro tanto augmento de graça, qual era o que tinham em si, e por isso uns sobre outros sempre mais e mais iam dobrando a mesma graça; façamos agora a conta aos gráus de graça que a Senhora podia adquirir em um só dia; e para que a conta proceda com toda a clareza, não supponhamos na alma da mesma Virgem mais que um gráu de graça, nem consideremos que fazia em cada um quarto de hora mais que um acto de caridade. Isto posto, no primeiro quarto de hora e pelo primeiro acto de caridade do-

Supposições para de algum modo avaliar a mesma graça.

brou a Senhora o merecimento e mereceu dous gráus de graça; no segundo quarto mereceu quatro; no terceiro oito; no quarto dezeseis; no quinto trinta e dous; no sexto sessenta e quatro; no septimo cento e vinte oito; no oitavo duzentos e cincoenta e seis; no nono quinhentos e doze; no decimo mil e vinte e quatro. De sorte que em dez quartos de hora com dez actos de caridade mereceu a Senhora e cresceu mil e vinte e quatro gráus de graça. Agora faça cada um de vagar em sua casa a conta que resta em todos os quartos de hora de um dia, que são noventa e seis; porque ainda que segundo a forçosa lei da humanidade alguns quartos da noite occupasse o brevissimo somno os sentidos exteriores da Virgem, esse somno não interrompia as acções da alma, que sempre vigiava, amava e merecia: *Ego dormio et cor meum vigilat.* Mas porque entretanto não fique cortado o fio e suspensa a demonstração da nossa conta, «darei a somma do ultimo gráu noventa e seis, que é um algarismo de vinte e septe cifras, numero tão infinito que vence toda a imaginação e intendimento humano: pois» faz a somma de quatrocentos e treze mil quatrocentos e septenta cinco contos, quarenta e oito mil, quatrocentos e quarenta e nove miliões de miliões, seiscentos e septenta e um contos, noventa mil miliões e trezentos e noventa e septe contos, septecentos e oitenta e septe mil cento e trinta e seis. [1]

Cant. 5.

Demonstrada esta immensidade de graça adquirida pela Virgem Senhora nossa em um só dia, cuidareis sem duvida todos e estareis esperando que eu tire por consequencia as immensidades da mesma graça, a que a mesma Senhora cresceria no compridissimo espaço de tantos dias, mezes e annos, quantos se contaram desde a Ascenção de seu Filho até a sua gloriosa Assumpção. Mas não digo nem direi tal cousa: porque sería diminuir e apoucar muito, e fazer grande aggravo á mesma graça. As duas supposições que fiz na conta d'este dia foram só ordenadas á clareza e evidencia, e fingidas, como por exemplo, com dous defeitos contrarios á manifesta evidencia da verdadeira supposição. Suppuz que a Senhora, no primeiro quarto d'aquelle dia tivesse um só gráu de graça, e esta supposição foi fingida; porque no dia da Ascenção de Christo tinha a Se-

Quão imperfeitas são estas supposições.

[1] Eis as cifras: 413$475:048$449:671$090:397$787:136: as quaes hoje lemos mais facil e claramente: quatrocentos e treze septiliões, quatrocentos e septenta e cinco sexiliões, quarenta e oito quinquiliões, quatrocentos e quarenta e nove quatriliões, seiscentos e septenta e um triliões, noventa biliões, trezentos noventa e septe miliões, septecentos e oitenta e septe mil, cento e trinta e seis. Um homem que pelo espaço de cem annos não fizesse outra cousa que contar numeros: um, dous, tres, quatro, etc., não chegaria a quatrocentos biliões.—*O Compilador.*

nhora tão innumeraveis gráos de graça, quanta desde o instante de sua purissima conceição tinha adquirido em trinta e quatro annos da vida de seu Filho e quarenta e oito da sua. Suppuz em segundo logar que em cada quarto de hora fazia a Senhora sómente um acto de caridade e amor de Deus, sendo estes actos tantos, quantas eram as respirações da mesma Senhora; cuja memoria, intendimento e vontade, nem por um momento se divertia da attentissima contemplação do divino objecto, com que sua alma inseparavelmente estava sempre unida, amando-o de dia e de noite sem cessar com mais intensos e efficaces affectos, que os seraphins da gloria. Isto é o que então não suppuz para a clareza da conta; e o que agora supponho para a consequencia e conjectura da graça, na qual como em um pégo ou abysmo sem fundo, afogados e perdidos todos os numeros da arithmetica, só resta ao discurso e intendimento humano o pasmo, e á lingua o silencio e confissão de que a graça de Maria é incomprehensivel.

Quem sómente soube achar o parallelo á graça da Mãe de Deus foi o antiquissimo Andrés Cretense, o qual a comparou com o ineffavel mysterio da Humanidade do Filho, a que chama infinitas vezes infinitamente infinito. Notem-se muito estes ultimos termos; foi o mysterio de Deus feito Homem infinito sobre toda a infinidade: porque foi infinito infinitas vezes, e infinito infinitamente. E n'esta infinidade ou infinidades só se pareceu com elle a graça da Mãe infinitamente infinita «posto que não chegou nem podia chegar a abranger adequadamente as infinidades do Filho.» E como a immensa grandeza do infinito só a póde comprehender intendimento infinito, qual é unicamente o de Deus, por isso conclúi S. Bernardino, fallando da perfeição da graça da Senhora n'este mesmo dia, que o conhecimento d'ella só está reservado para Deus: *Ut soli Deo cognoscenda reservetur.*

A graça da Senhora só se póde comparar com a do Verbo incarnado. *Andr. Cret. serm. de Dormit. Virg.*

S. Bern. serm. 4 de Assumpt. Virg.

No dia da Assumpção desceu o mesmo Filho de Deus a honrar o triumpho de sua Mãe, acompanhado de toda a côrte do céu, anjos e sanctos, os quaes admirados diziam: *Quae est ista, quae ascendit de deserto, deliciis affluens, innixa super dilectum suum?* Quem é esta, que sóbe do deserto, não só cheia, más inundando delicias, sustentada do seu Amado? O seu Amado é o bemdicto Filho, primeiro motivo d'aquella admiração, o qual para maior majestade do triumpho, quiz elle ser em Pessoa O que levasse de braço a sua Mãe. As delicias ou inundação de delicias que junctamente admiravam, e das quaes não só ia cheia, mas como de fonte redundante manavam e enchiam tudo, não podendo ser as da gloria para onde começava a subir,

Triumpho da Virgem quando subiu ao céu. *Cant. 8.*

eram sem duvida as da graça, que na terra e na vida tão immensamente tinha adquirido. Assim commenta este logar o doutissimo cardeal Hailgrino: *Affluere autem dicitur gratiarum deliciis et virtutum: et innixa super dilectum, cujus innitebatur gratiae.* Mas o que sobretudo eu admiro nos mesmos admiradores, é que em tal dia e tal concurso «não fallem da côrte que os acompanha». Se toda a côrte do céu tinha descido com o seu Principe á terra; se despovoado o mesmo céu todo n'aquelle dia estava juncto na terra, d'onde começava a marchar o triumpho, «porque não dizem nada de tão solemne acampanhamento?» Porque tanto que appareceu a gloriosa Triumphante «sustentada de seu Filho» e revestida das immensidades de sua graça maiores na grandeza que todas as delicias que até então se tinham gozado na gloria, tudo, quanto tinha descido do céu á terra, desappareceu á sua vista. Excellentemente S. Pedro Damião: *In illa inaccessibili luce perlucens, sic utrorumque spirituum hebetabat dignitatem, ut sint quasi non sint, et comparatione illius nec possint nec debeant apparere.* Que região mais povoada que o céu de noite? Tantos planetas, tantas constellações, tanta multidão de estrellas maiores e menores sem numero. Mas em apparecendo o sol, o mesmo céu subitamente ficou um deserto, porque tudo á vista d'elle se sumiu e desappareceu; e só elle apparece. O mesmo succede a todas as jerarchias do céu n'este dia. Por grandes e innumeraveis não cabiam na terra: mas tanto que abalou o triumpho e appareceram os soberanos rasplandores do «Senhor» e da Senhora da graça tudo o mais desappareceu: porque todas as jerarchias angelicas em presença «d'elles» eram como se não foram. Juncta com a graça de Maria só a de seu Filho avulta e apparece por ser graça de Homem-Deus, abaixo do qual, como diz Sancto Anselmo, nenhuma se póde considerár nem intender maior que a de sua Mãe: *Qua maior sub Deo nequeat intelligi.* E isto baste, finalmente, para que todos celebremos e confessemos com os applausos das vozes, com os affectos dos corações e com os jubilos e parabens de toda a alma, que Maria, em quanto Senhora da Graça, ainda em comparação da sua mesma gloria escolheu a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

S. Pedr. Dam. de Assumpt. Virg.

Todos os christãos devemos fazer a eleição que fez a Virgem nossa mãe.

VII. Isto posto, (para que nos não falte o fim de tão longo discurso, quando o temos acabado) perguntara eu a todos os que me ouviram, se fariam esta mesma eleição, se a têem feito até agora, ou se a determinam fazer? De ninguem creio, se é christão e tem fé, que não faria a mesma eleição, estimando mais a graça de Deus, que a mesma gloria, como fez, com a maior luz de todas as luzes do Espirito Sancto, sua soberana

Esposa Maria Senhora nossa; bastando para isso, quando não houvera tantas razões, como vimos, ser eleição e resolução sua. E digo se é christão e tem fé; porque o contrario sería não dar credito ás Escripturas sagradas que allegamos, não imitar nem venerar os exemplos dos maiores sanctos de um e outro testamentos, Moysés e Paulo, e cerrar as portas da propria casa a toda a sanctissima Trindade, que em todas as tres Pessoas vem fazer morada na alma que está em graça. Se quando tres anjos em figura das tres Pessoas divinas foram hospedes de Abrahão, elle os não recebera e agasalhara com tantas demonstrações de cortezia e amor, antes os lançara de sua casa; quem se não assombraria de tal descomedimento? Pois o mesmo e muito maior é o que fazem a Deus os que não acceitam a sua graça, ou se despedem d'ella, não dando com as portas na cara a tres anjos, senão verdadeiramente ás tres Pessoas da sanctissima Trindade, ao Padre, ao Filho, e ao Espirito Sancto. Só quem não tem fé, como dizia, não tremerá de ouvir e imaginar um tão horrendo sacrilegio. Então prezem-se os que isto fazem de ser devotos da Senhora da Graça e de ter dedicado a sua egreja e posto a sua patria debaixo do titulo e protecção da mesma Graça. Como a graça consiste em amar e ser amado de Deus, só quem de todo coração estima mais a sua amizade que a sua mesma vista. póde affirmar com verdade que faria a mesma eleição que fez a Senhora da Graça.

E não imitar a Esaú dando o morgado da graça pelos nadas d'este mundo.

Mas passando á segunda pergunta, respondei-me, se fizestes esta eleição atégora? Oh valha-me Deus, que confusão e que angustias serão as vossas, quando no dia do juizo se vos fizer esta mesma pergunta. O lume da razão natural sem chegar aos preceitos da lei de Deus está dictando a todo o homem que entre o bem e o mal deve eleger o bem, e entre o bem e o melhor eleger o melhor. Vejamos agora nos vossos pensamentos, nas vossas palavras e nas vossas obras, que todas alli hão de apparecer publicamente, que é o que escolhestes: a graça ou o peccado? Nos pensamentos o peccado, nas palavras o peccado, nas obras o peccado, e sempre e em tudo ou quasi tudo o peccado com perpetuo esquecimento, e não só esquecimento mas desprezo da graça. E porque? Nas obras por um appetite irracional ou por um vilissimo interesse, nas palavras por uma murmuração da vida alheia ou por um impeto de ira: nos pensamentos por uma representação de desejo vão, e talvez por uma chimera não só fingida, mas impossivel. E é possivel que por isso se troque, se venda e se perca a graça de Deus; e sobretudo que sentindo-se tanto outras, que não merecem nome de perdas, só as da graça se não sintam?

Verdadeiramente não sei onde está a nossa fé ou o nosso intendimento. O que só sei é, que similhante insensibilidade só se acha em almas que «se querem» perder eternamente. Vendeu Esaú o seu morgado a Jacob por um appetite tão vil e um gosto tão grosseiro e tão breve como sabemos; e pondera a Escriptura sagrada que depois de fazer esta venda se apartou d'alli sem fazer caso do que tinha feito nem pesar o que tinha vendido. Assim acontece aos que perdem a graça de Deus, e muito mais se a vendem por alguma cousa de seu gosto. Por qualquer outra perda se entristecem e por esta e com esta tão fóra estão de se entristecer, que antes se alegram: *Laetantur cum male fecerint.* Aos que até agora fizeram tão má e tão errada eleição como esta, só peço que tomem a balança na mão e pesem o que Esaú não pesou. Dizei-me: Quaes são as cousas n'este mundo pelas quaes os homens costumam perder ou vender a graça de Deus? Geralmente, diz S. João Evangelista, são, ou desejo de riquezas, ou desejo de honras, ou desejo de gostos e deleites dos sentidos. Ponde-me agora tudo isto em uma parte da balança, e da outra um só gráu de graça, e vêde qual pesa mais. Ponde todo o ouro, toda a prata, todas as perolas e pedras preciosas que gera o mar e a terra; e um gráu de graça não só pesa mais sem nenhuma comparação, mas o mesmo seria se toda a terra fosse ouro, e todas as pedras diamantes. Accrescentae mais á balança todas as honras, todas as dignidades, todos os sceptros e corôas, todas as mitras e tiaras e tudo quanto estima a ambição humana; e nenhum pendor faz em respeito de um só gráu de graça: como tambem o não faria ainda que Deus levantasse um novo imperio no qual um homem dominasse a todos os homens e a todos os anjos. Finalmente sobre as riquezas e honras accumulem-se todos os gostos, todas as delicias, todos os prazeres, não só quantos se gozaram e podem gozar n'este mundo, senão tambem os que se perderam no paraiso terreal; e para que vos não admireis de que pese mais um gráu de graça, sabei que ainda é mais digno de se appetecer que tudo quanto gozam e quanto hão de gozar por toda a eternidade os bemaventurados do céu, se o podessem gozar sem a graça. E sendo isto assim, póde haver maior loucura que por uma onça de interesse, por um pontinho de honra, e por um instante de gosto, perder não só um gráu de graça de Deus, senão toda a sua graça?

Preço d'este morgado e crime dos que o desprezam. *Ps. 61.*

Mas para que acabemos de pesar o que ainda não está pesado, tornemos ao morgado de Esaú. O morgado que Esaú vendeu era o temporal que elle herdou de seu pae Isaac, o qual, indo a ser sacrificado, não chegou a derramar o sangue:

o morgado que nos vendemos é o sobrenatural e da graça, do qual o Filho de Deus nos faz herdeiros, tendo-o comprado com todo o sangue que derramou na cruz. E este preço infinito é o que nós, tão impia, tão vil e tão sacrilegamente desprezamos. Dizei-me, se quando na missa se levanta o sangue de Christo no calix, houvesse alguem que em vez de o adorar e bater nos peitos, lhe voltasse o rosto, lhe fechasse os olhos e com o gesto de ambas as mãos o rejeitasse e lançasse de si, quem haveria que não abominasse tal homem, e, se podesse, o queimasse logo? Pois isto é o que fazeis sem o intender, todas as vezes que desprezais a graça de Deus. Ouvi o mesmo Christo como já se queixava d'este desprezo por bocca do propheta: *Pretium meum cogitaverunt repellere*: chegaram os homens a tal extremo de cegueira e maldade, diz Christo, que entraram em pensamento de rejeitar e desprezar o meu preço. Ah, Senhor, que os mesmos que crêem em vós e se chamam christãos, não só chegaram a entrar em tão abominavel pensamento, mas com os pensamentos, com as palavras, e com as obras e com tudo o que cuidam e fazem, desprezam e dão por nada este vosso preço.

Observação de Hugo Cardeal e doutrina de S. Paulo. *Hebr.* 10.

Nota aqui Hugo Cardeal, que em tudo o que se vende ou compra, não ha um só preço, senão dous. Um preço de cousa comprada, outro preço d'aquillo com que se compra: *Quod emitur et quo emitur*. Estes são os dous preços que despreza todo aquelle que pecca e vende ou troca pelo peccado a graça de Deus. Um o preço da graça que Christo nos comprou com o seu sangue; e outro o preço do mesmo sangue, com que nos comprou a graça. E se me perguntais até onde chegou este desprezo, tremo de o dizer, mas é bem que o ouçais e saibais. Chega este desprezo não só a desprezar de qualquer modo a graça de Deus e o sangue de Christo; mas a metter debaixo dos pés e pisar a mesma graça e o mesmo sangue e o mesmo Filho de Deus. São palavras expressas e tremendas do apostolo S. Paulo: *Qui Filium Dei conculcaverit, et sanguinem testamenti pollutum duxerit, in quo sanctificatus est et spiritui gratiae contumeliam fecerit.* Vêde se falla nomeadamente da graça, nomeadamente do sangue e nomeadamente de Christo. Da graça, a que faz «o peccador» tão grande injuria: *Spiritui gratiae contumeliam fecerit*: do sangue, que reputa por digno de ser abominado: *Et sanguinem testamenti pollutum duxerit*; e do mesmo Christo, com expressão e reflexão de ser Filho de Deus, o qual pisa e mette debaixo dos pés: *Qui Filium Dei conculcaverit.*

Chegada a verdade e evidencia do nosso discurso a este ex-

tremo de impiedade e horror, bem creio que não haverá alma tão perdida nem consciencia tão desesperada, que conhecendo o erro e cegueira em que atégora a soffreu a paciencia e misericordia divina, sem a deitar mil vezes no inferno, como pondera o mesmo Paulo e como um tal desprezo do sangue de Christo e do preço do mesmo sangue merecia; bem creio, digo, que ninguem haverá, que não tenha mudado de resolução e com verdadeiro arrependimento e dôr do passado a não tenha feito muito firme de antepôr a graça de Deus a tudo, quanto póde ter ou desejar n'este mundo, e quanto no mesmo mundo, excepta só a sua graça, lhe póde dar o mesmo Deus. E para que isto não fique só em bons propositos, que pódem esquecer e tornar a ser vencidos do mau costume, acabo com declarar a todos e lhe protestar da parte do mesmo Deus, sob pena de salvar ou não salvar, o que devem fazer.

Resolução que á vista de tanta impiedade devemos tomar.

Tudo se reduz a tres ponctos muito breves, para que vos fiquem na memoria. O primeiro, que logo e sem dilação o que estiver em peccado se ponha em graça de Deus por meio do Sacramento da penitencia, fazendo tão exacto e fiel exame e confissão de toda a vida passada, como se aquella fosse a ultima, para ir dar conta á divina justiça. O segundo um total e firmissimo proposito de conservar a mesma graça e perseverar n'ella, sem fazer caso da fazenda, honra ou qualquer outro interesse e conveniencia humana e com resolução de antes padecer mil mortes, que commetter um peccado mortal. Terceiro não só conservar a mesma graça, mas procurar com todo o cuidado de a augmentar com o exercicio das virtudes e obras christãs, com a observancia dos preceitos divinos, com a frequencia dos sacramentos, com a oração, com a esmola, com o jejum e mortificação de todas as paixões da carne, com amor dos inimigos, com o perdão das injurias, com a paciencia dos trabalhos e conformidade com a vontade de Deus, em todas as cousas que n'esta miseravel vida ordinariamente são adversas: e como d'antes com os pensamentos, palavras e obras offendia ao mesmo Deus; assim d'aqui por deante as ordene todas com recta intenção a seu divino serviço e augmento de sua graça, na qual tão brevemente como vimos póde adquirir e multiplicar muito grandes thesouros e recuperar em poucos dias de verdadeira contrição e amor de Deus o que esperdiçou e perdeu em toda a vida passada.

Reduz-se a tres ponctos.

VIII. E porque deliberada e reduzida a alma a este segundo e felicissimo estado é certo que não se descuidará o demonio em procurar de a derribar d'elle com tentações; aqui entra o patrocinio e o amparo da Senhora da Graça e seu sanctissimo

Patrocinio e amparo da Senhora da Graça.

nome, terrivel sobre todos os demonios, nomeando-a e invocando-a muitas vezes no mesmo conflicto, e dizendo: *Maria Mater gratiae, Mater misericordiae, tu nos ab hoste protege:* Maria Mãe da graça, Mãe da misericordia, vós que só podeis fortalecer a nossa fraqueza, nos defendei d'este cruel inimigo. Assim prostrados deante do vosso soberano acatamento, como throno de graça, vos pedimos unicamente esta que vós estimastes sobre todas; e confiadamente, Senhora, vos fazemos esta petição debaixo da promessa do vosso apostolo: *Adeamus, ergo cum fiducia ad thronum gratiae, ut misericordiam consequamur et gratiam inveniamus in auxilio opportuno:* graça e misericordia nos promette debaixo do vosso amparo. E como vos póde faltar a graça ou a misericordia, sendo vós, Maria, Mãe da Graça e Mãe da misericordia, *Mater gratiae et Mater misericordiae*? Como Mãe da graça não só tendes abundantissima graça para vós, senão para vossos filhos, que somos os peccadores. O mesmo anjo que vos saudou dizendo: *Gratia plena*, accrescentou logo: *Spiritus Sanctus superveniet in te*: porque não só fostes cheia de graça, senão sobrecheia: *Plena sibi superplena nobis*, como diz vosso devoto S. Bernardo: cheia para vós e para nós sobrecheia: com que d'estas superabundancias de graça não podeis deixar de partir liberalmente comnosco como Mãe da graça. E muito menos o devemos desconfiar de vossa misericordia, como Mãe de misericordia: pois temos razão de vos dizer ou demandar a mesma graça, não só de misericordia senão de justiça. O mesmo anjo vos disse: *Invenisti gratiam apud Deum*: que vós achastes a graça. Quem acha o perdido, tem obrigação de o restituir a quem o perdeu; e se Eva nos perdeu a graça, vós como reparadora de todas as suas perdas a deveis não só por misericordia, senão por justiça e restituição a seus filhos. O mesmo inimigo que a ella tentou e venceu, nos tenta tambem a nós e nos pretende vencer. Pelo que, Senhora da Graça, a vós vos pertence defender-nos de suas tentações e astucias: *Tu nos ab hoste protege*. E não só vos dizemos: *Tu nos ab hoste protege*; mas para que esta protecção seja perpetua e segura até á morte, accrescentamos: *Et mortis hora suscipe*. Este ditoso dia, Senhora, foi aquelle em que, pagando, como filha de Adão, o tributo á morte na mesma hora, em que começou a vossa gloria, se consummou a vossa graça: pelo que, Senhora da Gloria e da Graça por vossa sanctissima morte nos concedei para a nossa uma tal hora, em que acabando esta miseravel vida em graça, na eterna e felicissima possamos acompanhar vossa gloria.

(Ed. ant. tom. 5.° pag. 363, ed. mod. tom. 7.° pag. 322.)

II. SERMÃO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA **

PRÉGADO EM LISBOA NA EGREJA DE NOSSA SENHORA DOS MARTYRES NO ANNO DE 1651

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — O mais digno de attenção n'est'outro doutissimo panegyrico da Senhora da Graça é o exordio e toda a segunda parte, que é larga materia para muitos sermões não menos practicos que instructivos. O estylo é por vezes mais elevado que nos dous precedentes e toda argumentação tem muita novidade.

Stabat juxta crucem Jesu mater ejus «et soror matris eius Maria Cleophae et Maria Magdalene. Cum vidisset ergo Jesus matrem et discipulum quem diligebat, dicit Matri suae: Mulier ecce filius tuus.»
S. JOAN. 19.

Tendo a Senhora da Graça evangelho proprio, por que se lhe dá o evangelho da Cruz?

Este é o evangelho que hoje nos propõi a Egreja: mas se eu houvera de fazer a eleição, não havia de ser este o evangelho. Se a festa é a da Graça, porque não sería o evangelho tambem da Graça? Que no dia da Conceição, no do Nascimento, no da Assumpção da Senhora nos não dê a Egreja evangelho proprio e que tenhamos os prégadores o trabalho de accomodar o texto á festa, ou desaccomodar a festa por amor do texto, terrivel pensão é, mas forçosa; porque passaram os evangelistas em silencio aquelles mysterios. Mas na festa da Graça, que tão éxpressa e tão encarecida está no evangelho? Verdadeiramente, que se a accomodação não fôra tão antiga, poderamos cuidar que tambem aos evangelhos abrangia a fortuna dos tempos: os que mais serviam deixados; os que menos servem accomodados. Não estava ahi graça e mais graça no capitulo II de S. Lucas? Não ouviriamos da bocca de Gabriel em termos claros: *Ave gratia plena?* Não ouviriamos da mesma bocca angelica: *Invenisti gratiam apud Deum?* Que melhores duas bases e mais capazes para levantar sobre ellas o *non plus ultra* da graça de Maria, que estes dous grandes testimunhos do anjo um de cheia, outro de inventora da graça? E comtudo que nos negue ou nos dissimule a Egreja n'este dia tão claros e tão duplicadas luzes da graça da Senhora; e quando vimos a ouvir e ad-

mirar as excellencias d'ella, nos metta entre as sombras e ecclipses do Calvario e nos ponha deante dos olhos a cruz arvorada: *Stabat juxta crucem?*

Porque a Cruz é vara para medir e balança para pesar a graça da Senhora. Funda-se na Escriptura a primeira parte. *Gen.* 26 *Num.* 17 *Jud.* 6 *Esth.* 5 *Ps.* 109 *Exod.* 4 1. *Reg.* 14 *Isai.* 11

Ora eu buscando a causa d'esta mysteriosa impropriedade (que não póde ser sem mysterio) e reparando com attenção na cruz levantada e na Senhora em pé juncto a ella «e acompanhada de Maria Cleophe, de Maria Magdalena e do discipulo amado», representou-se-me a cruz n'aquellas duas figuras em que tantas vezes a vemos significada no Testamento velho; em figura de vara e em figura de balança, «e n'estas duas figuras achei o que buscava.» Figura da cruz foi a vara de José, adorada de Jacob; porque já então o sagrado e consagrado madeiro começa a ser venerado com adoração de latria. Figura da cruz foi a vara de Arão florescente: porque o remate da cruz havia de «ser» o titulo de Nazareno, que quer dizer Florido. Figura da cruz foi a vara que tocou e accendeu o sacrificio de Gedeão: porque com o seu contacto sanctificou o Redemptor a cruz e n'ella consummou o maior sacrificio. Figura da cruz foi a vara de Assuero, que extendida sobre Esther a livrou a ella e a todo o seu povo da tyrannia de Aman, como a cruz a nós todos da sentença geral da morte. Figura da cruz foi a vara que saiu de Sion para dominar todas as gentes e as pôr (como as tem posto a cruz) sujeitas e rendidas aos pés de Christo. Figura, foi, emfim, da cruz a vara de Moysés prodigiosa, a vara de Jonathas, que vertia mel, e sobre todas a vara de José de cujas raizes nasceu o fructo coroado e bemdicto do ventre sacratissimo de Maria.

Funda-se a segunda. *Job* 6 *Jerem.* 32 *Dan* 5 *Isai.* 5 *Ezech.* 5

E se a cruz erguida no Calvario foi figurada na vara; extendida e com os braços abertos, não com menor propriedade é figurada tambem na balança. Figura foi da cruz a balança de Job em que elle symbolizando o Redemptor, de uma parte quiz que pozessem os nossos peccados e da outra os seus tormentos. Figura foi da cruz a balança de Jeremias na qual o propheta pesou authenticamente o preço da terra, em fé de que Deus a havia de restaurar do captiveiro dos Assyrios. Figura foi da cruz a balança de Babylonia em que Balthazar perdeu em uma hora a monarchia e se passou toda a Cyro, chamado por antonomasia o Christo do Senhor. Figura foi da cruz a balança de Isaias (como libra do firmamento); na qual, suspendida por tres dedos, toda a redondeza da terra pesa um atomo. Figura foi, emfim, da cruz a balança de Ezechiel; em que elle pesou os seus cabellos, não junctos, mas divididos: a cruz ha de ser no dia do juizo aquella fiel balança, em que se hão de pesar os merecimentos bons e maus de todos os homens, sem

que fique sem ser pesado nem um só cabello. E para que tudo nos estabeleça e confirme a mesma auctoridade que nos deu o Texto, a da Egreja, que é a mais qualificada de todas, assim o canta: *Adsunt prodigia divina in virga Moysis primitus figurata;* eis ahi a cruz figurada na vara: *Statera facta corporis, tulitque praedam tartari;* eis ahi a mesma cruz figurada na balança.

Assumpto: o medir será para admirarmos, o pesar para ficarmos confundidos.

Sendo, pois, a cruz vara e sendo balança, lá se descobre o grande mysterio que ao principio nos parecia impropriedade; e já se vê com quanta elegancia e energia se nos mostra a Virgem Sanctissima juncto á cruz, quando buscamos motivos sobre que celebrar sua graça. Como se a mesma Egreja que applicou o evangelho, o explicara e nos dissera; Quereis conhecer a grandeza, quereis comprehender a immensidade da graça de Maria? Eis ahi a vara por onde a haveis de medir; eis ahi a balança com que a haveis de pesar; «a cruz do Salvador.» Medir e pesar a graça será hoje o meu assumpto. Mas quem poderá medir o immenso, quem poderá pesar o incomprehensivel? Só na hastea da cruz, onde Deus esteve extendido se póde medir: só nos braços da cruz onde Deus esteve pendente se póde pesar. «Esta medida e este peso acharemos nas palavras do thema.» Ao medir sei de certo que haveis de ficar admirados: ao pesar desejava eu muito que ficaramos confundidos. Para tudo nos é necessaria a mesma graça. *Ave Maria.*

A medida da graça da Senhora está na sua maternidade considerada, não absolutamente, senão ao pé da cruz.

II. *Stabat juxta crucem Jesu mater eius*: estava juncto da cruz de Jesus sua Mãe. Não temos dicto nada. Eis aqui por onde se havia de medir a graça da Senhora: havia-se de medir pela maternidade e não pela cruz: pelo *mater eius* e não pelo *juxta crucem*: porque o ser mãe de Deus é a medida mais cabal da graça de Maria. S. João Damasceno, Sancto Epiphanio, Sancto Agostinho, S. Bernardo, S. Boaventura... mas para que é nomeal-os? Todos os padres, todos os doutores, quanto mais ponderam, quanto mais encarecem e quanto mais querem dar a conhecer a graça da Senhora, medem-na pela maternidade de Deus. Teve tanta graça Maria, quanta era bem que tivesse a que era digna Mãe de Deus: isto dizem todos os doutores e aqui param todos os encarecimentos: «Assim é certamente: nem eu posso contradizer a tantas e tão grandes auctoridades, explical-as sim; e isto é o que pretendo fazer» ajudado com o favor da mesma Senhora, para maior gloria da sua graça. Digo, pois, que a maternidade de Deus, absolutamente considerada, não é bastante medida da graça de Maria «se não se considerar junctamente emquanto maternidade de Deus Redemptor; e por isso a medida mais cabal da graça de Maria está na divina maternidade considerada ao pé da cruz.» Como este modo de dizer é tão novo,

para que vá assentado sobre os fundamentos mais solidos, haveis-me de dar licença que discorra um pouco ao escolastico. Uma vez na vida se soffre.

Provas tiradas 1.º do decreto da Redempção.

Argumento assim. Em caso que Adão não peccara, como podia não peccar, perguntam os theologos se havia Deus de fazer-se homem; e, resolvem mais commummente que sim. N'este caso a Virgem Senhora Nossa havia de ter graça proporcionada á dignidade de Mãe de Deus e comtudo não havia de ter muita parte da graça que hoje tem «como Mãe de Deus Redemptor:» porque n'aquelle estado não havia de haver os desamparos do presepio. nem as perseguições de Herodes, nem os desterros do Egypto, nem a espada de Simeão, nem as peregrinações da Giudéa: não havia de haver pretorio de Pilatos, nem Calvario, nem cruz, nem espinhos, nem lança, nem soledades, nem outras tantas occasiões de padecer e merecer que foram consequentes do peccado de Adão. É verdade que em logar d'estes actos sempre a Virgem havia de fazer outros muito dignos de graça: mas não haviam de ser meritorios como estes, como tambem o não foram outros que a mesma Senhora fez em sua vida. Bem se infere logo que a Senhora teve maior graça do que houvera de ter, se Adão não peccara. E comtudo se Adão não peccara havia a Senhora de ser verdadeira Mãe de Deus com a graça proporcionada áquella dignidade. Teve logo maior graça que a graça da Mãe de Deus «considerada absolutamente; porque teve graça proporcionada á Mãe de Deus Salvador.» Toda esta doutrina é mais conforme á de S. Paulo; o qual diz que o peccado de Adão foi occasião de maior graça: *Ubi abundavit delictum, superabundavit et gratia.* Se Adão não peccara, fôra a Senhora «simplesmente» Mãe de Deus com graça abundante; e porque peccou foi Mãe de Deus «Redemptor» com graça superabundante: *Superabundavit et gratia.*

2.º Das disposições da Providencia.

Mais. Como ensina a theologia, os sanctos padres e a razão da Providencia divina, Deus dá a graça conforme os officios para que elege. «Se a Senhora tivesse sido simplesmente Mãe de Deus e não Mãe de Deus Redemptor» não havia de ser coredemptora, ou quando menos, coadjutora da redempção: não havia de ser successora de Christo na propagação da fé, mestra dos apostolos e primeira e suprema luz da Egreja e outros titulos similhantes de cujos exercicios resultavam augmentos de graça. Logo no tal caso não havia de ter tanta graça «quanta teve como Mãe de Deus Redemptor.»

3.º Da historia da Incarnação. S. Thomás e Sotto.

Mais. Quando a Virgem Maria concebeu em suas entranhas o Verbo Eterno encheu Deus a Senhora de tanta abundancia de graça, quanta era bem que tivesse a que desde aquelle poncto

era digna e verdadeira Mãe sua: «posto que ainda não fosse formalmente Mãe do Redemptor: porque ainda o Filho nos não remira com a morte da cruz. Esta abundancia de graça» quiz significar o anjo quando disse: *Ave gratia plena*; e assim o declara S. Thomás. *Dicitur gratia plena, quia, scilicet, habuit sufficientem gratiam ad statum illum ad quem electa est a Deo, scilicet ut esset mater Unigeniti ejus.* A Senhora depois do mysterio da Incarnação e principalmente ao pé da cruz mereceu e cresceu incomparavelmente na graça. Logo a graça da Senhora «emquanto Mãe de Deus Redemptor» foi maior graça que graça de Mãe de Deus precisa e absolutamente considerada. «É verdade que» Escoto, S. João Damasceno, Guerrico abbade, e alguns outros padres e theologos suppozeram que a Senhora, desde o poncto em que concebeu o Verbo Divino, não crescera mais na graça. Sendo porém certo (como é sentença commum dos theologos e o prova larga e doutamente o padre Soares) que a Senhora cresceu sempre na graça «não é admissivel aquella supposição. Ouçamos» o doutissimo Sotto um dos maiores mestres da eschola de S. Thomás: *Fuit quidem gratia plena ante conceptionem Filii, quantum par erat ut fieret Christi mater: attamen gratia illa non fuit eo modo summa, ut non posset deinceps meritis augeri.* Tinha dicto Sancto Thomás que a graça da Senhora na Conceição e Incarnação do Verbo fôra consummada; e explica este grande theologo o modo com que foi consummada ou summa. Foi consummada e summa, porque recebeu na Conceição do Verbo toda àquella enchente de graça que era necessaria para ser digna Mãe de Deus; mas não foi de tal maneira summa e consummada, que d'ahi por deante não podesse crescer em maior merecimento e graça, como verdadeiramente cresceu. Poz as premissas Sotto e só lhe faltou tirar a consequencia: Logo a graça de Maria foi maior que a graça de Mãe de Deus precisa e absolutamente considerada. «E porque esta graça depois da conceição do Verbo humanado foi sempre crescendo, como cresceu a graça do mesmo Redemptor: *Crescebat sapientia aetate et gratia apud Deum et homines*; por isso só na cruz se acha a justa medida da graça de Maria.

Luc. 2

Notae muito.» Dizem graves auctores que quando Christo ia subindo o monte Calvario com a cruz ás costas, viu-o a Senhora e no mesmo poncto caiu desmaiada e amortecida, e dizem que ainda hoje se vêem vestigios de um templo edificado n'aquelle logar com o nome de Espasmo. Não me metto a averiguar verdades d'esta historia. Mas supponhamos que foi assim e que a Senhora n'este passo não só ficou amortecida, senão totalmente morta de dor. Pergunto: morrendo a Senhora n'aquel-

O Espasmo da Virgem na subida do Calvario.

le estado havia de ter graça e gloria de Mãe de Deus? Claro está que sim; «o tambem de Mãe de Deus Redemptor: mas não tão plenamente como quando o viu depois expirar sobre o Calvario. Logo sómente na divina maternidade considerada ao pé da cruz se acha a medida da sua graça.

O assumpto não tem auctores porque é novo.

Parece que temos provado com razões: mas que é dos auctores «que confirmem a explicação»? E que culpa lhe tenho eu, se elles não tractaram este poncto? Mas respondendo a uma só objecção que tem esta theologia (e á primeira vista não facil de desatar) ficará mais conhecida a verdade gloriosa d'ella.

Responde-se a uma objecção.

III. A graça da Senhora não só cresceu no dia da paixão em que a Virgem esteve ao pé da cruz; mas por todo o tempo de sua vida. «Logo, dirá alguem, a medida mais cabal da sua graça não está na cruz. Bem sei que a Virgem depois do Calvario» mereceu por todo o espaço da sua vida, enriquecida de admiraveis actos de intensissimo amor de Deus e de todas as virtudes. «Mas isto que prova? Prova que o seu coração continuou a estar pregado na cruz do Filho até o dia da sua morte bemaventurada: e assim como d'esta cruz se media a intensidade de seu amor e o augmento das outras virtudes: assim se conclúi que toda a medida da sua graça está na divina maternidade considerada ao pé da cruz.

Predestinação da Virgem para ser mãe sempre crucificada com o Filho.

Por certo» a Senhora não teve mais graça que a graça para que foi predestinada: foi predestinada para Mãe de Deus Redemptor, Deus passivel, Deus crucificado, Deus morto e Deus sepultado: «isto é para Mãe sempre atormentada, sempre affligida, sempre mortificada, sempre crucificada com seu Filho. Logo a sua graca não se extende alem da maternidade considerada ao pé da cruz que foi o termo da sua predestinação.» Declaremos bem este poncto em todo o rigor da theologia.

A predestinação do Filho foi exemplar da predestinação da Mãe. *Rom.* 8

O mysterio da incarnação do Verbo foi determinado *ab aeterno* por dous decretos; um antes, outro depois da previsão do peccado de Adão. Antes da previsão foi decretado que o Filho de Deus se fizesse homem sem outro fim por então mais que o da gloria divina, e para que fosse suprema cabeça do genero humano e causa final e exemplar de todos os predestinados; como diz S. Paulo: *Quos praescivit et praedestinavit conformes fieri imagini Filii sui; ut sit ipse primogenitus iu multis fratribus*; *ut sit in omnibus ipse primatum tenens*. Depois da previsão do peccado extendeu-se o decreto divino a que o Filho de Deus se fizesse não só homem absolutamente, senão homem em carne passivel, para que podesse padecer e morrer, e para que por meio da morte de cruz e do preço de seu sangue fosse glorioso Redemptor do genero humano, de que já era Senhor, co-

mo diz tambem S. Paulo: *Decebat enim eum propter quem omnia et per quem omnia, qui multos filios in gloriam adduxerat, auctorem salutis eorum per passionem consummare.* No primeiro decreto em que Christo foi predestinado sómente para homem, foi tambem predestinado para a graca e gloria competente a um Homem que junctamente era Filho unigenito de Deus: *Gloriam quasi Unigeniti a Patre plenum gratiae.* No segundo decreto em que foi predestinado para Homem mortal e passivel, não foi pretestinado para maior graça nem para maior gloria essencial; porque era comprehensor; mas para maior gloria e maior coroa accidental, merecida pela morte: *Videmus Jesum propter passionem mortis gloria et honore coronatum;* «digo merecida pela morte; porque era com a condicão essencial da morte de cruz: *Necesse erat Christum pati et sic intrare in gloriam suam*». E isto que passou *ab aeterno* na predestinação do Filho é o que havemos de philosophar pelos mesmos passos na predestinação da Mãe. No primeiro decreto antes da previsão do peccado foi a Virgem predestinada absolutamente para Mãe de Deus Homem e para toda aquella eminencia de graça e gloria não egual mas proporcionada, que a tão alta e altissima dignidade era devido; a qual na execução lhe havia de ser dada pelos merecimentos do seu mesmo Filho. No segundo decreto depois da previsão do peccado foi predestinada, não para Mãe de Deus Homem (que essa dignidade já a tinha pelo primeiro decreto); senão para Mãe e Companheira d'esse Deus Homem mortal e passivel; «isto é, formalmente para Mãe de Deus Redemptor;» e aqui lhe foram accrescentados todos aquelles excessos de graça e gloria que a Senhora mereceu por todos os actos de sua vida, que se seguiram á passibilidade e mortalidade de Christo e á redempção custosissima do genero humano por meio da morte de cruz: «por onde a divina maternidade considerada ao pé da cruz havia de ser a razão adequada de toda a sua graça.»

Hebr. 2

Joan. 1

Hebr. 2

Luc. 24

Quem é esta (diziam os anjos admirados vendo subir a sua Rainha e Mãe de Deus para o céu.) Quem é esta que vai subindo da terra, como sobe direito o fumo aromatico, composto de incenso e myrrha? *Quae est ista quae ascendit per desertum sicut virgula fumi ex aromatibus mirrhae et thuris?* Angelica comparação! O incenso significa em Christo o divino e a myrrha o mortal; e esse foi o mysterio com que os magos, quando entrou n'este mundo, lhe offereceram incenso e myrrha: o incenso como a Deus, a myrrha como a mortal e passivel: *Quia Deum et passibilem credebant:* diz Sancto Anselmo. Sobe, pois, a alma da Virgem, como composição abrazada de incenso e

Por isso subiu ao céu como um fumo aromatico composto de incenso e myrrha.

myrrha, que deixando as cinzas na terra sobe em fumo direita ao céu; porque a graça com que a Senhora subiu a ser exaltada na gloria, parte lhe foi concedida por Christo, em quanto Deus humanado, como a Mãe e parte em quanto mortal e passivel, como a companheira de todos os seus trabalhos. A primeira foi a graça da «simples» maternidade, e essa merecida por obsequios ou sacrificios de incenso: a segunda foi a graça «da maternidade ao pé» da cruz, e essa merecida por tormentos ou sacrificios de myrrha. Mas em qual d'estas duas graças esteve a Senhora mais crescida em graça? Na primeira ou na segunda? Na do incenso ou na myrrha? «Por certo que na da myrrha»: porque, ainda que a Senhora por Mãe de Deus precisamente alcançou toda a graça que era proporcionada áquella altissima dignidade; comtudo pela assistencia e companhia que fez ao mesmo Deus passivel na cruz e pelos immensos trabalhos que padeceu com elle e depois d'elle na obra da Redempção foi tanta a graça que lhe accresceu a Maria sobre essa graça, que a segunda sobre a primeira parecia «um monte sobre outro monte.» Não quero dizer que consideradas separadamente estas duas graças fosse maior a da cruz que a da maternidade: mas quero dizer, que posta a da cruz sobre a da maternidade ficou grandemente maior a graça da Senhora do que d'antes era; e que esta ha de ser a medida de sua graça.

A sua graça é similhante ao mar. S. Boaventura. *Eccl.* 1

Ao mar só pode fazer crescer outro mar: os rios estão continuemente correndo ao mar e elle não cresce: *Omnia flumina intrant in mare et mare non redundat.* Tal foi a graça da maternidade da Senhora, diz S. Boaventura: *Maria dicitur mare propter fluentiam et copiam gratiarum: unde dictum est; Omnia flumina intrant in mare, dum omnia charismata sanctorum intrant in Mariam.* A graça da Senhora na maternidade foi um mar a que concorreram todas as graças que Deus repartiu por todos os sanctos: mas como todas essas graças não eram mais que rios, ainda o mar ficou mar e não passou a graça da Senhora dos limites da graça de Mãe de Deus; porém ao pé da cruz, como se abriram as fontes dos abysmos, como choveu um mar sobre outro mar; cresceu tanto a graça da Senhora sobre si mesma, que saiu o mar da madre; e sobrepujando a graça os limites da maternidade foi maior que graça de Mãe de Deus «precisa e absolutamente considerada, porque foi graça de Mãe de Deus Redemptor.»

As palavras que seu Filho lhe disse da cruz commentadas S. Bernardo.

IV. Verdadeiramente que todos estes excessos de graça os mereceu bem a Senhora ao pé da cruz. «Mas dae-me licença de ponderar outra circumstancia que encarece os mesmos excessos na scena sanguinosa do Calvario.» O mais ordinario

reparo d'este evangelho e ainda o maior escrupulo ou a maior lastima d'elle são aquellas palavras de Christo mais seccas do que parece as dictava a occasião: *Mulier ecce Filius tuus:* Mulher eis ahi teu Filho. Duro caso que um tal Filho a tal Mãe em tal occasião lhe negue o nome de Mãe! Noto eu que nas poucas palavras d'este evangelho chamou S. João quatro vezes á Senhora Mãe de Christo: *Stabat juxta crucem Jesu mater eius;* uma: *Et soror matris eius*; duas: *Cum vidisset Matrem:* tres: *dixit matri suae*; quatro. Pois se o discipulo chama á Senhora quatro vezes Mãe de Christo em quatro palavras; o mesmo Christo em uma só que lhe fallou, porque lhe não chamou Mãe? «Ha duas respostas e ambas ao nosso proposito. A primeira diz, que a vida de Maria, como de mãe tão amorosa, estava unida com a do Filho; e por conseguinte, morrendo este, ella tambem havia de morrer não em quanto mulher, senão em quanto mãe, e se alguma parte d'ella havia de sobreviver n'este mundo para os designios da Providencia ficaria a Mãe adoptiva de João, mas não a Mãe natural de Christo: *Mulier ecce Filius tuus*. Por isso diz S. Bernardo que estas palavras trespassaram o coração da Senhora mais cruelmente que qualquer espada; considerando ella e bem intendendo a differença que havia de Filho a filho. Troca dolorosissima, exclama o Sancto doutor! Por João Jesus, pelo servo o Senhor, pelo discipulo o Mestre, pelo filho de Zebedeu o Filho de Deus, por um símples homem o Deus verdadeiro! E conclúi que por esta troca assim como Jesus morreu no corpo, assim Maria morreu no coração: ambos victimas do amor sem egual com que reciprocamente se amavam: *Ille mori corpore potuit, ista commori corde non potuit? Fecit illud charitas, qua maiorem nemo habuit: fecit et hoc charitas, cui post illam similis altera non fuit.* Vêde, se a cruz é medida adequada da graça de Maria, e se os annos que viveu depois da morte do Filho seriam para o seu materno coração uma verdadeira morte!

Serm. de XII stellis

A segunda resposta diz que pronunciando o Salvador moribundo as palavras: *Mulier ecce filius tuus*; chamou a Virgem com o nome de Mulher e não de Mãe para annunciar ao mundo a fortaleza com que uma Mãe tão amorosa assistia a sua morte. Intenderemos melhor esta resposta se observarmos que o mesmo estylo seguiu Christo fallando a seu Pae.» Pouco havia que tinha acabado de dizer: *Mulier ecce Filius tuus;* levanta os olhos ao céu e diz: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me*: Deus meu, Deus meu, porque me desamparastes? No *desamparastes* reparam todos: eu não reparo senão no *Deus meu*. Não fôra mais razão que dissera Christo: Pae meu, Pae

Dá-se outro commento.

Matth. 27

meu? Parece que sim: ao menos assim o fez o Senhor nos outros actos da paixão. Quando orou no horto, Pae: *Pater, si possibile est*. Quando rogou pelos inimigos, Pae: *Pater, ignosce illis*. Quando encommendou o espirito, Pae, *Pater, in manus tuas*. Pois se em todas as outras occasiões chama Christo Pae a seu Padre, agora porque lhe nega o nome de Pae? Sería por ventura por dar satisfações á Mãe? Não eram necessarias satisfações, onde não havia queixas: mas foi, porque no Pae e na Mãe havia as mesmas causas. Dae attenção a este parallelo.

Ibid. 26
Luc. 23

No sacrificio da cruz a mãe do Salvador imita ao Pae celestial.

Pregado Christo na cruz, olhava para o céu e via que o Pae o entregara a morte tão despegadamente «e com tanta inteireza e amor para com os homens»; como se não fôra Pae. Virava os olhos para a terra e via a Mãe que o offerecia a Deus tão generosamente «e com tanta resignação e amor para com os mesmos homens» como se não fôra Mãe: tanto assim (diz Roberto) que se fôra vontade de Deus a mesma Senhora por suas proprias mãos crucificára a seu Filho. E como estas finezas de constancia «e caridade» assim de Pae como de Mãe, eram occultas aos homens, para as manifestar o Filho que só as via, que fez? Callou os nomes de affecto e publicou os nomes da natureza; e para mostrar que o Pae se portava como se não fôra Pae, chamou-lhe Deus; e para mostrar que a Mãe se mostrava como se não fôra Mãe chamou-lhe Mulher. O que disse ao Pae parecia queixa e foi elogio: o que disse á Mãe, parecia sequidão e foi panegyrico. Como se dissesse o Filho de Deus e da Virgem: Saiba o mundo que é tanta a inteireza do meu Pae «e o amor que tem aos homens que sendo Pae e Deus me deixou n'esta cruz para salvação do genero humano» como se não fôra Pae: Saiba o mundo que é tanta a fortaleza de minha Mãe «e o amor que tem aos mesmos homens» que sendo Mãe e mulher me sacrifica pela salvação do genero humano como se não fôra Mãe. Ambos foram grandes louvores: mas com licença do Padre, o da Senhora, «como menos esperado da fraqueza de uma mulher, causa maior admiração.» O Pae portou-se como se não fôra Pae; mas era Deus: a Mãe portou-se como se não fôra Mãe, e era mulher. O Pae tinha contra si o affecto, mas tinha por si a natureza «porque impassivel e immutavel»: a Mãe tinha contra si a natureza e mais o affecto: porque sobre a ternura de mulher tinha a piedade de Mãe. Oh que armas tão desiguaes! Mas que victoria! Estava a humanidade da Senhora ao pé da cruz feita um espelho da divindade do Padre, retratanto em si tudo o que lá passava: o Padre como quem não tinha nada de humano; a Mãe como se fôra toda divina: o Pae immovel, a Mãe immovel: o Pae firme, a Mãe

constante: o Pae insensivel, a Mãe como se não sentira: o Pae impassivel, a Mãe como se o fôra; e elle porque o era, ella por que o parecia. Oh Deus! Oh Mulher! Que chegasse uma mulher pela paciencia, aonde chegou Deus pela impassibilidade! *Per patientiam impassibilis*, diz S. Boaventura. Chame-se, pois, mulher e não se chame Mãe a que se portou como se não fosse Mãe; e já que é mais que Mãe na constancia, seja mais que Mãe na graça «ou seja verdadeira Mãe do Salvador.»

A Abrahão porque sacrificou seu filho como se não fosse pae, deu-se-lhe por premio que fosse pae «do Messias»: *In semine tuo benedicentur omnes gentes*. Á Senhora que sacrificou seu Filho como se não fosse Mãe, que premio se lhe havia de dar? Se não fôra Mãe de Deus, dera-se-lhe de premio que o fosse. Mas como já era Mãe de Deus, não lhe ficou a Deus outro premio que lhe dar, senão que tivesse graça «e mais graça para formalmente ser Mãe de Deus Redemptor. A maternidade» da conceição do Verbo humanado lhe deu graça de Mãe de Deus: «a maternidade da cruz lhe accrescentou graça de Mãe de Deus Redemptor: logo a ultima medida da sua graça é a cruz: *Stabat juxta crucem Jesu mater ejus. Mulier, ecce filius tuus.*»

O premio de Abrahão e o da Virgem. Gen. 28

V. Parece-me que temos medido: segue-se agora que pesemos. Ha cousas que avultam muito e pesam pouco. Já temos visto quão grande é a graça da Senhora; importa agora ver quanto pesa. Somos entrados na mais grave e importante materia que se pode tractar n'este logar, pesar a graça de Deus. Todas as vezes que considero a facilidade com que os homens perdem a graça de Deus, o esquecimento d'ella com que vivem e ainda o descuido com que morrem, não acho outra causa a esta cegueira, senão a falta do verdadeiro conhecimento, e não chegarem os homens a pesar que cousa é graça de Deus. A graça de Deus é espiritual, nós somos carne: a graça de Deus é sobrenatural, nós em tudo seguimos a natureza: a graça de Deus não se vê, não se ouve, não se apalpa: nós não sabemos perceber, senão o que entra pelos sentidos. D'aqui vem que não pesamos a graça nem a conhecemos, nem a percebemos, nem ainda a podemos nem sabemos pesar como convem. Isto quizera eu que fizeramos hoje. Mas que cousa ha no mundo de tanto peso, que se possa pôr em balança com a graça de Deus? Se discorreramos por todos os estados do mundo, fôra materia muito proveitosa, mas infinita. Para a comprehendermos toda em termos breves, reduzil-a-hei aos quatro estados que hoje se acham ao pé da cruz com Christo: A Virgem Maria: *Stabat juxta crucem Jesu mater eius:* Maria Cleophe: *Et soror matris eius Maria Cleophae:* Ma-

Precisão, difficuldade e modo de pesar a graça.

ria Magdalena: *Et Maria Magdalene;* e o discipulo amado: *Et discipulum stantem quem diligebat.* N'estas quatro notaveis pessoas se acham as quatro cousas que na opinião dos homens costumam ser de mais peso. Cada um irá pondo em balança o que lhe couber. Comecemos por S. João.

A graça de Deus e a graça dos reis. Muitas vezes a segunda impede a primeira. *Hebr. 11*

O titulo por que se nos dá a conhecer S. João n'este evangelho é pelo seu valimento: *Quem diligebat Jesus:* valido do maior Principe do mundo, valido do Rei dos Reis. Posto, pois, em balança o valimento do maior principe, posta em balança de uma parte a graça dos reis e da outra a graça de Deus, qual pesa mais? Se houvermos de estar pelo juizo «quasi» commum dos homens, mais pesa a graça dos reis. Digam-no aquelles que tantas vezes por contentar aos principes atropelam a graça de Deus! Moysés deixou a graça d'el-rei Pharaó por servir a Deus; mas vêde o que diz S. Paulo d'esta acção: *Magis eligens affligi cum populo Dei, quam temporalis peccati habere jucunditatem:* que Moysés por amor de Deus desprezou o contentamento do peccado temporal. Notavel dizer! Chama o apostolo á graça de el-rei Pharaó peccado temporal. E é curiosidade digna de se averiguar a razão por que um espirito tão bem intendido como o de S. Paulo deu á graça dos reis este nome e sobrenome. Peccado e temporal a graça dos reis? Sim: chama-se temporal porque a graca dos reis nunca dura muito, e chama-se peccado porque assim como o peccado lança fóra da alma a graça de Deus, assim a graça dos reis e a de Deus, difficultosamente podem andar junctas. Quaes são as artes commumente dos que andam junctos dos reis? A lisonja, a ambição, a calumnia, a inveja, o chegar um e desviar outro, o levantar estes e derribar aquelles, o tractar da conservação propria, sem reparar na vida, na honra, no estado, na successão, na ruina alheia. E com isso pode-se conservar a graça de Deus? Claro está que não. Pois por isso a graça de Deus e a dos reis, ou não andam; ou difficultosamente podem andar junctas. Esta é a meu juizo a maior desgraça dos reis, que os que andam na sua graça, andam ordinariamente fóra da graça de Deus. O que se tracta por mãos de quem anda fóra da graça de Deus, como o pode ajudar Deus? Dir-me-heis que sim, que a graça dos reis é peccado e temporal, pois lh'o chama S. Paulo: mas que esse tempo que dura não se póde negar que é peccado doce e da casta d'aquelles que trazem grande gosto comsigo. O mesmo S. Paulo o disse: *Temporalis peccati habere jucunditatem:* não quiz Moysés ter o gosto do peccado temporal. Ora com todo esse gosto, olhemos bem para o fiel da balança; e veremos qual das duas graças pesa mais.

Prova-se com muitas razões que a graça de Deus pesa ou vale mais que a dos reis.

A graça dos principes não vos prégarei eu que não é muito pesada e muito contrapesada; mas «é peso que pesa e não peso que tem valor.» Seja esta a primeira differença entre a graça de Deus e a graça dos reis. A graça de Deus «vale muito» e não é pesada: a graca dos reis «vale pouco» e é pesadissima. A graça dos reis é um alvo a que se tiram todas as settas: a graça de Deus é um escudo que nos repara de todas. A graça dos reis muitas vezes é conveniencia, outras necessidade, algumas gosto e sempre tem poucos quilates de vontade: a graça de Deus, como Deus, não depende, nem ha mister, toda é amor. A graça dos reis, por muito que levante ao valido, sempre o deixa na esphera de vassallo: a graça de Deus sobe o homem á familiaridade de amigo, á dignidade de filho e á similhança de si mesmo. A graça dos reis não vos dá parte da coroa: a graça de Deus é participação de sua divindade. A graça dos reis, ainda que deis o sangue por elles, não basta para a alcançardes: a graça de Deus, deu Deus o sangue por vós, só para vol-a dar. A graça dos reis, se é grande, é de um só: se é de mais que de um, é pouca e de poucos: a graça de Deus é de todos os que a querem: põi-lhes medida o amor, e não a diminúi a companhia. A graça dos reis nem é para perto nem para longe; porque de perto infastiais, de longe esqueceis: a graça de Deus nunca tem longes e quanto mais estais perto de Deus, tanto estais mais seguro na sua graça. A graça dos reis é dada da fortuna: a graça de Deus é premio do merecimento; e esta só propriedade, quando não houvera outra, bastava para a fazer de summa estima. A graça dos reis, ainda que façais pela merecer, nem por isso a conseguis; antes muitas vezes a logram mais os que a merecem menos: a graça de Deus, se fizerdes pela merecer, não vol-a póde Deus negar. A graça dos reis para ser mudavel bastava fundar-se em vontade humana, mas funda-se em vontades coroadas, que, como são mais livres, são tambem as mais indifferentes, por não dizer as mais inconstantes: a graça de Deus funda-se em vontade divina, que como não pode errar na eleição, não póde mudar o affecto. A graça dos reis poucas vezes dura tanto como a vida do valido e quando dura quanto pode, acaba com a vida do rei: a graca de Deus cresce na vida e confirma-se na morte; da parte do homem é immortal, porque se funda na alma; da parte de Deus é eterna, porque é graça de Deus. A graça dos reis dizem que é uma grande altura: a graça de Deus é certo que é posto muito alto; e ainda que ambas estão junctas aos principios, da graça de Deus podeis cair, da graça dos reis podem-vos derribar. A graça dos reis póde-vol-a tirar a calumnia: a graça

de Deus só vol-a pode tirar a culpa. Da graça e da privança pode-vos tirar o rei todas as vezes que quizer: a graça e a privança de Deus, nem o mesmo Deus vol-a pode tirar sem vós quererdes; e se quizerdes, será muito a seu desprazer. A graça dos reis, depois de perdida, não se recupera com rogos: a graça de Deus, se a perdeis, o mesmo Deus vos roga que torneis a ella. Depois de perdida a graça dos reis, fica o pezar sem remedio: depois de perdida a graça de Deus não é necessario outro remedio mais que o pezar: pezou-vos, estais outra vez na graça. A graça dos reis dá-se aos ditosos, de que depois se hão de fazer os arrependidos: a graça de Deus dá-se aos arrependidos, que desde logo começam a ser ditosos: a ambas as graças anda juncto o arrependimento: mas a dos reis tem-no depois; a de Deus antes. A graça dos reis é graça sem sacramentos: a graça de Deus tem septe: tem baptismo para o innocente e tem penitencia para o culpado: tem confirmação para a vida e tem extrema uncção para a morte: tem ordem para o ecclesiastico e tem matrimonio para o leigo e finalmente tem communhão para todos. Septe portas nos deixou abertas Deus para entrarmos á sua graça e nenhum dos que entram por ellas as póde fechar ao outro. Só em uma cousa se parece a graça de Deus com a dos reis; e é, que ambas mudam os homens: uns e outros não são os que d'antes eram: mas com esta differença: os que se vêem na graça dos reis, esquecem-se do que foram e tambem se esquecem do que podem vir a ser; e os que andam na graça de Deus, de nenhuma cousa se lembram senão do que hão de vir a ser e nenhuma cousa lhes dá pena, senão a lembrança do que foram. Finalmente a graça dos reis não pode dar paraiso; tiral-o sim: a graça de Deus é a que só dá o paraiso e só a falta d'ella o inferno.

Quando a graça dos reis se funda na de Deus cái mais difficilmente.

Basta isto para provar que a graça de Deus pesa mais que a graça dos reis? Se ainda não basta ajunctemos o fim com o principio. Se nos não basta como christãos saber que a graça dos reis é o maior risco da graça de Deus, baste-nos como politicos saber, que a graça de Deus é a maior segurança da graça dos reis. José foi valido d'el-rei Pharaó, Daniel foi valido de el-rei David, Aman foi valido d'el-rei Assuero; e que lhes aconteceu a estes validos? José e Daniel conservaram-se na graça: Aman não se conservou: porque? Porque a graça de Aman fundava-se na vontade do rei: a graça de José e Daniel fundava-se na graça de Deus. Quando a graça dos reis se funda na graça de Deus nem ella pode cair, nem outrem a póde derribar. Tanto pesa a graça de Deus que até a dos reis leva após si!

A graça de Deus e os prazeres d'este mundo a juizo da Magdalena.

VI. Tem pesado S. João: segue-se a Magdalena: mas que ha

ella de pesar que lhe não dá nada o evangelho? S. João pesou o *quem diligebat:* Maria Cleophe ha de pesar o *Soror Matris:* a Senhora ha de pesar o *Mater eius* que é o que lhes dá o evangelho: o evangelho não dá á Magdalena «algum titulo; logo que ha de pesar? Digam-no as lagrimas que está derramando ao pé da cruz. Fora da graça do Salvador não tem outro titulo que pôr na balança, senão os nadas da vida passada»: aquelles nadas que tantas vezes pesaram mais para com ella que a graça de Deus, esses hão de vir á balança. Vós os que tão seguidores sois da primeira vida da Magdalena e tão pouco imitadores da segunda, pesae, pesae aqui os vossos nadas; pesae bem os nadas de vossas vaidades, os nadas de vossos gostos, os nadas de vossos appetites, os nadas d'esse amor e engano cego pela qual tão facilmente desprezais a graça de Deus. Pôr-me eu agora a provar que a graça de Deus é cousa de maior peso que os gostos do appetite corrupto e depravado, sería aggravo de nossa fé e de nosso intendimento: só vos hei de provar o que vós não credes; e é que o gosto que causa a graça de Deus, ainda naturalmente, é maior sem comparação que o gosto d'esses mesmos appetites; e não comparando graça com appetite, senão gosto com gosto.

O gosto da graça a juizo de Sancto Agostinho e o dos prazeres a juizo de Epicuro.

O caso parece difficultoso: tomemos juizes. Eu tomo por minha parte a Sancto Agostinho bem experimentado em uns e outros gostos. Pela vossa parte concedo-vos que tomeis a Epicuro, que é o mais apaixonado e o mais subornado juiz que podeis ter. E que é o que diz ou que sentencia cada um d'estes juizes? Sancto Agostinho logo no principio da sua conversão, quando começou a experimentar a differença dos gostos da graça aos de seus antigos divertimentos, dizia assim: *Et quod admittere gaudium fuerat, jam dimittere gaudium erat.* Sabeis como me vai de gostos, depois que me vejo n'esta nova vida? Comparando os gostos da passada com os da presente, vai-me tão bem, que experimento hoje muito maior gosto em deixar e carecer dos mesmos gostos, do que experimentava antigamente em os gozar. Grande dicto! O carecer não é nada; e comtudo Agostinho só no carecer dos gostos tinha maior gosto, do que nunca experimentara quando mais os gozava: porque os nadas dos gostos da graça são maiores gostos que o tudo dos gostos do mundo. Tem que dizer contra isto a seita de Epicuro? Ouvi a Lucrecio seu discipulo: «o qual, fallando do temor do inferno, nota que com elle ficam aguados os gostos do mundo»: *Neque ullam esse voluptatem liquidam puramque relinquit.* Para que os gostos sejam puros e sem mistura de pena e de desgosto, é necessario que os homens se persuadam primeiro que

Deus não tem justiça, nem castigo, nem ha inferno. Estae no caso. Os philosophos epicuros punham a bemaventurança nos gostos d'esta vida: este era o primeiro principio de sua seita. E o segundo qual era? Que havia Deus, mas que não tinha providencia; e como não tinha providencia, que não tinha justiça; como não tinha justiça, que nao havia de haver inferno. Oh que discurso tão discreto! O fundamento era errado, sim: mas o discurso discretissimo. Fizeram conselho ou concilio os philosophos epicuros sobre os fundamentos e principios em que haviam de estabelecer a sua seita e disseram assim: Nós pômos a bemaventurança nos gostos d'esta vida: gostos gozados com temor do inferno não podem ser gostos, nem podem dar gosto: logo importa-nos que na nossa seita neguemos o inferno; e assim o fizeram. Ah sim! E gostos gozados com fé e temor do inferno, não são gostos, nem hão de dar gosto? Logo só na graça de Deus ha os verdadeiros gostos, porque só a graça de Deus nos pode segurar o temor do inferno.

A graça de Deus vendida por grosserias como o morgado de Esaú. *Gen.* 25

Se não credes que ha inferno, bem podeis chamar gostos aos vossos gostos «segundo Epicuro:» mas se tendes fé que ha Deus, que tem justiça e que ha de haver inferno; e tendes comtudo gosto nos vossos gostos, sois peiores que Epicuro. Por honra de Deus, que mediteis um pouco n'esta doutrina e considereis se é bem que um christão seja peior nas obras do que foi Epicuro nos dictames. A Magdalena tambem seguia esta seita: galas, vaidades, delicias, appetites, passatempos, gostos. E porque cuidais que deu tão grande volta á vida? Porque pesou e poz em balança os gostos do mundo e a graça de Deus que dava por elles; e conheceu quão pouco pesavam os gostos e de quanto peso é a graça. Não vos peço que vendais a graça de Deus, como cada hora fazeis, pelos nadas de vossos appetites: só vos peço que a não vendais senão a peso. Pesae primeiro o que dais e o que recebeis. Esaú vendeu o morgado por uma escudella de lentilhas; e vêde o que condemna em Esaú a Escriptura: *Abiit parvi pendens quod primogenita vendidisset.* Vendeu um morgado tão grande por um appetite tão vil e tão breve; e foi-se sem pesar o que fizera. Não lhe condemno o vender, senão o não pesar: porque se elle pesara, elle não vendera. Pesae, pesae; e se não quereis pesar os vossos gostos com a graça de Deus, ao menos pesae os vossos gostos com os seus pezares. Assim o fez a Magdalena e por isso se achou hoje ao pé da cruz: *Et Maria Magdalene.*

A nobreza da graça de Deus e a do sangue. Nobreza de Maria Cleophe e de S. João.

VII. Maria Cleophe já sabeis que ha de pesar o *Soror Matris ejus.* Nenhuma cousa ha no mundo que tanto pese com os homens e de que elles tanto se prezem e desvaneçam, como

da nobreza do sangue. Se a nobreza e a graça, se as manchas do sangue e as manchas da consciencia andaram na mesma reputação, estivera reformado o mundo. Chama o Evangelho a Maria Cleophe irmã da Virgem Maria, *Soror Matris eius*, não porque fosse filha dos mesmos paes da Senhora; mas porque os hebreus chamavam irmãos aos primos. Este parentesco que Maria Cleophe tinha com Maria Mãe de Deus era a mais qualificada nobreza que nunca houve no mundo, não por ser sangue legitimo de David e reis de Israel de quem a Senhora descendia por linha direita; mas por ser sangue de Deus. E é de notar que a nobreza d'este parentesco com Deus era dobrada: porque como Christo não teve pae na terra, não tinha outra baronia, senão a de sua Mãe. Por isso graves theologos quizeram chamar á Virgem Maria, não simplesmente *Mater*, como as outras mães; mas *Matri-Pater*, que quer dizer Mãe-Pae; para significar com a singularidade e novidade d'este nome a união soberana d'este dobrado parentesco de Pai e Mãe, que n'aquelle novo e inaudito mysterio contrahira com seu Filho a Mãe de Deus Homem. Tal era a nobreza de Cleophe. Mas posta em balança de uma parte toda esta nobreza e da outra a graça de Deus, qual pesará mais? Foi ventura que houvesse no Evangelho outro principe de sangue, para que nos fizesse exemplo n'esta duvida; porque, a faltar elle, ainda que na balança se puzessem todos os quatro metaes da estatua de Nabuco, que era de sangue imperial de todos os quatro costados dos imperadores assyrios, dos imperadores persas, dos imperadores gregos, dos imperadores romanos, comparada toda esta nobreza de sangue com a de Cleophe, não pesaria um atomo.

4 Vale mais ser amado de Christo que ser seu parente. *Joan.* 1.

O principe de sangue que digo, era S. João, que tinha o mesmo parentesco com Christo, que Cleophe com a Senhora. Notae agora a differença com que S. João fallou de Cleophe e de si. A Cleophe chama-lhe prima da Senhora: *Soror Matris eius:* a si chama-se discipulo amado de Christo: *Discipulus quem diligebat Jesus*. Pois se S. João era primo do Filho, assim como Cleophe era prima da Mãe; porque lhe chama a ella prima e a si não chama primo, senão amado? Porque estimou e se prezou mais S. João do titulo de amado, que do titulo de primo. O titulo de primo diz parentesco, o titulo de amado diz graça; e em um juizo tão claro e tão allumiado como o de S. João, pesa muito mais o estar em graça de Deus, que o ser parente de Deus. Ainda tomando a graça em razão de parentesco, (ouçam isto os que por um poncto de vaidade, a que chamam nobreza não duvidam arriscar tantas vezes e perder a graça de Deus) ainda tomando a graça em razão de parentesco teve muita ra-

zão S. João para estimar mais o parentesco da graça, que o parentesco do sangue: porque? Porque pelo parentesco do sangue era primo de Deus emquanto Homem, e pelo parentesco da graça era filho de Deus emquanto Deus. Assim o disse o mesmo S. João em dous logares: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri. Ut filii Dei nominemur et simus.* É a graça essencialmente uma participação tão alta, tão sublime e tão intima da mesma natureza divina, que não só se nos communica por ella o nome, senão o verdadeiro ser de filhos de Deus: *Ut filii Dei nominemur et simus.* E que nobreza de sangue ha no mundo que se possa comparar com esta?

E muito mais que qualquer outra nobreza.

Profundamente o ponderou o mesmo discipulo amado não só por allusão, senão por irrisão aos vossos sangues de que tanto vos prezais: *Qui non ex sanguinibus; sed ex Deo nati sunt.* Os regenerados pela graça que receberam de Christo de quem cuidais que descendem? *Non ex sanguinibus:* não descendem lá dos vossos sangues, em que o que se desvanece de mais vermelho, se não sabe já de que côr é; não dos vossos sangues, em que se um fio foi pintado de purpura, os quatro são tingidos em almagra; não dos vossos sangues, que quando sejam tão limpos como o de Abel, pelo mesmo lado teem mistura de lodo e dous quartos de Caim. Pois de quem descendem os que estão em graça? *Non ex sanguinibus, sed ex Deo.* Descendem por antiguidade do Eterno, por grandeza do Omnipotente, por alteza do Incomprehensivel e por toda a nobreza e ser d'Aquelle que só tem o ser de si mesmo, e dá o ser a todas as cousas: *Sed ex Deo nati sunt.* Pesa bem esta balança? Oh quanto n'ella se póde subir e quanto se póde descer! Vós os que tanto vos prezais dos altos nascimentos, se não estais em graça de Deus, descei, descei, e abatei os fumos: que o vosso escravo, se está em graça de Deus, é mais honrado que vós. E vós, a quem por ventura Deus, por vos fazer maior favor, quiz que nascesseis humildes, não vos desconsoleis, levantai o animo: que, se estais em graça de Deus, sois da mais illustre nobreza e da mais alta geração de quantas ha no mundo e fóra do mundo: porque só o Filho de Deus se póde gabar de ter tão bom Pae como vós. Sangue real era Cleophe, porque era sangue de David e de Salomão; sangue era com esmaltes de divino, porque era sangue do sangue da Mãe de Deus; mas todo esse sangue e sua nobreza, posto em balança com a graça, pesa menos e tanto menos, que quasi não tem peso.

Até a dignidade de Mãe de Deus, em quanto separada da graça, pesa menos que a graça de qualquer homem.

VIII. Ha mais que pesar com a graça? Tudo o que ha no ceu e na terra: *Mater ejus*: a dignidade de Mãe de Deus. A graça de Mãe de Deus já a medimos: agora havemos de pe-

sar não a graça, senão a dignidade. Os que tantas vezes pizais a graça de Deus para subir ás dignidades do mundo, estae attentos e ouvi agora. A dignidade mais soberana, mais sobrenatural e mais divina, que cabe em pura creatura, é a dignidade de Mãe de Deus. Os theologos lhe chamam dignidade em seu genero infinita; porque todo o outro nome é menor que sua grandeza. Posta, pois, em balança esta dignidade assim infinita, qual pesará mais, a dignidade de Mãe de Deus ou a graça? A dignidade de Mãe de Deus sempre anda juncta com a graça e muita graça: mas separada a graça da dignidade, e a dignidade da graça, digo que muito mais pesa a graça que a dignidade. Ainda disse pouco. Muito mais pesa um só grau de graça em qualquer homem que toda a dignidade da Mãe de Deus. Não me atrevera a dizer tanto, se não tivera por fiador d'esta portentosa verdade o mesmo Filho de Deus, que fez a Virgem Mãe sua. Exclamou a mulher das turbas: *Beatus venter qui te portavit*: bemaventurada a mãe que trouxe nas entranhas tal Filho. Respondeu o Senhor: *Quin imo beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*: antes te digo que mais bemaventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam. Sancto Agostinho comparou a maternidade da Virgem com a graça da mesma Virgem e diz que foi mais bemaventurada pela graça que pela maternidade: *Beatior fuit Maria concipiendo mente quam ventre: felicius gestavit corde quam carne*. Mas Christo não faz a comparação entre a dignidade de Mãe e a graça de Mãe, senão entre a dignidade de Mãe e a graça de qualquer homem que guarda seus mandamentos: *Quin imo beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*. Pois, Filho de Deus e da Virgem Maria, a graça de qualquer homem é maior felicidade, é maior dita, é maior bem que a felicidade e a dignidade infinita de vossa Mãe? Separada essa dignidade da graça, (como a mulher das turbas a considerava) sim. E senão vêde-o nos effeitos da mesma dignidade e da mesma graça na mesma Senhora. A dignidade fel-a Mãe: mas a graça fel-a digna: a dignidade fel-a rainha: mas a graça fel-a sancta: a dignidade levantou-a sobre todas as creaturas: mas a graça uniu-a ao mesmo Creador: a dignidade fez que ella communicasse a Deus o que Deus tem de homem, a graça fez que Deus lhe communicasse a ella o que Deus tem de Deus: *Communicasti mihi quod homo sum: communicabo tibi quod Deus sum*, diz Guerrico Abbade.

Luc. 11

Quereis agora ver esta mesma soberania na graça de cada um de vós? Ouvi com assombro ao grande Agostinho, não já comparando a dignidade de Mãe de Deus com a sua

Razão que dá Sancto Agostinho e suas consequencias.

graça, senão a graça de qualquer homem com a dignidade de Mãe de Deus: *Maternum nomen etiam in Virgine est terrenum in comparatione coelestis propinquitatis quam illi contrahunt qui voluntatem Dei faciunt*: o nome e dignidade de Mãe de Deus, ainda posto na Virgem Maria, é um nome e titulo terreno em comparação da alteza celestial e divina, a que se levantam por meio da graça e união com Deus os que fazem sua vontade. Notae muito esta universal: *Qui voluntatem Dei faciunt*. De maneira que a graça de qualquer creatura humana que faz a vontade de Deus, por vilissima que seja em tudo o mais, é maior bem e maior felicidade, e de maior peso e preço que a mesma dignidade de Mãe de Deus, não em outrem senão na mesma Virgem Maria, *etiam in Virgine*, «prescindindo da graça que a acompanhou, como havia de acompanhar, a mesma dignidade.» Póde haver cousa de maior admiração e de maior confusão para os que a perdem e de maior desesperação para os que estão no inferno e já a não podem recobrar? Intendamos bem este poncto, christãos: estae commigo. A dignidade de Mãe de Deus é um poder tão soberano e supremo que domina a todos homens, a todos os reis e monarchas do mundo; que domina a todos os anjos e a todas as jerarchias, e que até ao mesmo Deus, emquanto Filho, tem obediente e sujeito: *Et erat subditus illis*. A dignidade de Mãe de Deus é uma alteza tão sublime, tão remontada e tão incomprehensivel que nem a podem conceber os intendimentos angelicos e seraphicos, nem o intendimento da mesma Virgem Maria a póde comprehender; porque só Deus, que se comprehende a si mesmo, póde comprehender e conhecer cabalmente o que é ser Mãe de Deus. Finalmente a dignidade de Mãe de Deus é de tal maneira a ultima raia da omnipotencia divina, que não havendo cousa no mundo que não possa Deus fazer outras sempre maiores e melhores em infinito; maior e melhor Mãe não a póde Deus fazer. E sendo tão infinitamente grande, e tão impossivelmente maior e melhor que todas esta dignidade de Mãe de Deus, posto em balança da outra parte um só grau da graça de Deus, pesa mais esta pequena graça que toda aquella immensa dignidade.

Luc. 2

Pouca fé dos que fazem tanta estimação das dignidades do mundo.

Quem me dera agora uma voz que se ouvira em todas as côrtes do mundo, com que confundira não já a ambição, senão a pouca fé dos que tão louca e cegamente traz fóra de si a pretenção d'aquelles nomes vazios a que o mundo bruto e vil chama dignidades! Tantos trabalhos, tantos cuidados, tantos desvelos, tantas diligencias, tantas negociações, tantos subornos, tantas lisonjas, tantas adorações, tantas indignidades, tanto atropellar a razão, a justiça, a verdade, a consciencia, a hon-

ra e a vida! E porque? Por alcançar a vaidade de um posto, de um logar, de um titulo, de um nome, de uma apparencia; e no mesmo tempo entra a velhinha por aquella egreja, toma agua benta com piedade christã; e por aquelle acto de religião tão leve adquire um gráu de graça que pesa mais que todos os logares, que todas as honras, que todos os titulos, que todas as dignidades do mundo, ainda que seja a dignidade de Mãe de Deus. Crêdes isto, christãos, ou não o crêdes? O certo é que ou não temos fé, ou muito fraca.

Emfim a graça de Deus pesa a Deus posto em uma cruz. Eusebio Emisseno.

IX. Mas que hemos de fazer para acabar de pesar, como convém, a graça de Deus? S. João pesou o valimento, a Magdalena as delicias, Maria Cleophe a nobreza, a Mãe de Deus as dignidades: e nada d'isto faz pendor á balança: que hemos de fazer? Ainda temos no Evangelho uma quinta pessoa, que só lhe soube e lhe póde dar á graça o peso que ella tem: *Stabat juxta crucem Jesu*. Jesus é o que soube e póde pesar a graça de Deus. Sabeis quanto pesa a graça de Deus? Pesa a Deus posto em uma cruz. Deus posto em uma cruz é o preço e o peso justo da graça de Deus e não ha outro. O fim para que Deus se poz em uma cruz, não ha duvida que foi para nos merecer a graça. Assim o ensina a fé e a theologia, a qual tambem ensina que podia Deus dar-nos a graça por outros modos. Pois se Deus nos podia dar graça por outros modos, porque nol-a quiz dar pondo-se em uma cruz? Ouvi a razão a Eusebio Emisseno: *In trutina crucis se ipsum auctor salutis passus est appendi, ut homini qui ab statu gratiae degeneraverat, dignitatem suam ostenderet pretii magnitudo*. Sabeis, diz Emisseno, para que se quiz pôr Deus na balança da cruz? Para que posta de uma parte a graça que o homem perdera, e de outra todo Deus, que com o preço da sua vida e do seu sangue lh'a comprava, intendesse o homem de quanto peso é a sua graça. É de tanto peso que só com Deus se póde contrapesar. Ponde n'aquella balança reinos, ponde corôas, ponde sceptros, ponde imperios, ponde monarchias, ponde tudo o que póde dar a natureza e tudo o que pôde dar a fortuna, ponde o mundo, ponde mil mundos, ponde o mesmo céu com sua gloria, nada d'isto faz pendor em comparação da graça que tão facilmente perdemos. Posta em balança a graça, só Deus póde egualar as balanças. E senão, veja-se em tudo o mais pela differença do que lhe custa.

O que custaram a Deus os bens da natureza, os da gloria e da graça. O pesar da balança da cruz e o do juizo humano.

Os bens d'este mundo ou são bens da natureza, ou bens da fortuna, ou bens da gloria, ou bens da graça. Os bens da natureza, custaram-lhe a Deus uma palavra de sua omnipotencia, com que os creou: os bens da fortuna custaram-lhe um aceno

da sua providencia com que os reparte: os bens da gloria custam-lhe uma vista de sua essencia, com que os communica; e os bens da graça que lhe custaram? Diga-o a cruz: custaram a vida de Deus, custaram o sangue de Deus, custaram a alma de Deus, custaram a divindade de Deus, custaram a honra de Deus. Pesa muito a graça de Deus? «Que vos parece? Ha cousa que pese mais? Nas balanças da cruz, não; nas do vosso juizo, sim.» E qual é? Qualquer dos vossos appetites. Nas balanças da cruz pesa tanto a graça como Deus: nas balanças do juizo humano, qualquer appetite pesa mais que Deus e que a sua graça. Dizei-o vós: quantas vezes dais a Deus e a graça por um appetite! *O mendaces filii hominum in stateris.* Oh homens, diz propheta, como sois falsos nas vossas balanças! As balanças não são falsas: porque a fé e o intendimento bem sabe conhecer quanto pesa mais que tudo a graça de Deus: mas os homens são falsos ás balanças, mentindo-se e enganando-se a si mesmos com a verdade á vista: *Mendaces filii hominum in stateris.* É possivel que Deus se ha de dar a si mesmo pela graça, para vos levar ao céu; e que nós havemos de dar a Deus e a graça pelo peccado que nos leva ao inferno? Já que não amamos a graça pela graça, já que não tememos o peccado pelo peccado; não amaremos a graça pela gloria, não temeremos o peccado pelo inferno?

Quão necessario é emendar o erro dos nossos juizos e emendal-o desde agora.

Bem sei que estais dizendo dentro em vós mesmos, que ainda que agora estais em peccado, nem por isso ireis ao inferno, porque depois vos haveis de pôr em graça. Ah cegueira, ah miseria, ah tentação infernal! Todos os christãos que estão no inferno fizeram essa mesma consideração, todos tiveram essa mesma esperança e com ella se condemnaram. E quem vos disse a vós que vos não succederá o mesmo? Muitos estão no inferno, que fizeram menos peccados que vós; e comtudo não se restituiram á graça. Pois se os vossos peccados são maiores, como esperais que haveis de alcançar tão facilmente o que elles não alcançaram? Christãos da minha alma, almas remidas com o sangue de Christo, não persistamos n'esta cegueira um momento, que vejo nos imos ao inferno sem remedio. Se a Senhora da Graça, como Mãe de graça e de misericordia, vos dá n'esta hora uma boa inspiração, lançae mão d'ella; não a dilateis. Se estais escravos do demonio pelo peccado, fazei-vos filhos da Mãe de Deus pela graça; e seja n'esta mesma hora, como fez o Evangelista: *Et ex illa hora accepit eam discipulus in suam.* N'este mesma hora detestae vossos peccados, n'es.a mesma hora deliberae de deixar, e deixae com effeito todas as occasiões d'elles. E torno a dizer que seja n'es-

ta hora: porque a graça de Deus tem horas e a morte tambem tem hora e não sabemos quando será. Mova-nos a formosura da mesma graça, mova-nos a lembrança da gloria que se nos promette por ella, mova-nos a eternidade do inferno, onde havemos de ir arder, se a desprezarmos; e mova-nos, emfim, o preço que Christo Jesus deu por ella, o sangue de Jesus, a vida de Jesus, a alma de Jesus, a morte e cruz de Jesus.

(Ed. ant. tom. 2.º, pag. 273, ed. mod. tom. 4.º, pag. 233.)

SERMÃO DE NOSSA SENHORA DE PENHA DE FRANÇA **

NA SUA EGREJA E CONVENTO DA SAGRADA RELIGIÃO DE SANCTO AGOSTINHO

PRÉGADO EM LISBOA NO PRIMEIRO DIA DO TRIDUO DA SUA FESTA COM O SANCTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO, NO ANNO DE 1652

Observação do compilador.—O sermão que se segue é rigorosamente encomiastico. Nobilissimo é o exordio, mui ingenhoso o assumpto, claros os argumentos, muito practica a conclusão. Tem tambem bastante novidade o modo com que o prégador passa a fallar do Sanctissimo Sacramento sem afastar-se do assumpto principal. O estilo é de uma elegante popularidade, qual convém a sermões de festas populares.

Liber generationis Jesu Christi Filii David Filii Abraham.
Matth. 1.

Os dous thronos de ambas as Majestades: o de Maria subido á Penha e o de Christo Sacramentado descido a ella. 3 Reg. 2

Com digno pensamento, Senhor, de vossa divina sabedoria e com bem merecida correspondencia de vosso amor, vemos junctos hoje (como antigamente os ajunctou Salomão) os dous thronos de ambas as Majestades: o de vossa Sanctissima Mãe subido a essa penha e o vosso descido a ella. Sobre uma penha disse Job, que havia de fabricar seu ninho a aguia; que moraria nas rochas mais altas e inaccessiveis; e que d'alli contemplaria o corpo morto para voar e se pôr com elle: *In arduis ponet nidum suum: in petris manet et in accessis rupibus: inde contemplatur escam, et ubicumque cadaver fuerit, statim adest.* Que aguia, que penha e que corpo morto é este, senão todo o que estamos vendo? A aguia Maria Sanctissima: a penha, Penha de França: o corpo morto Vosso Corpo Sacramentado, vivo, mas em fórma de morto. Esta aguia, como a via Ezechiel, é a que vos tirou das entranhas do Eterno Padre e vos trasladou ás suas. Ella é a que vestiu vossa divindade d'esse mesmo corpo; e elle o que reciprocamente com sua real presença vem honrar hoje e divinizar a celebridade de sua Mãe e fazer maior este grande dia.

Quaes as nossas obrigações pelas mercês que recebemos de ambas as Majestades.

Para que eu nos arcanos secretissimos d'esse mysterio e nos que com egual secreto encerra o evangelho possa descobrir os motivos da nossa obrigação e agradecimento; e para que de algum modo alcance a ponderar as mercês tão prodigiosas e tão continuas que em todas as partes da terra, do mar e do mundo deve Portugal a esse soberano propiciatorio debaixo do glorioso nome de Penha de França; por intercessão da mesma Senhora peço e da mesma presença de vossa divina e humana Majestade espero aquellas assistencias de graça que para tão immenso assumpto me é necessario. *Ave Maria.*

Sentido historial e mystico do evangelho.

II. *Liber generationis Jesu Christi Filii David, Filii Abraham.* Todo este evangelho de S. Mattheus, desde a primeira até á ultima palavra está cheio d'aquella variedade e multidão de nomes que ouvistes; Abrahão, Isaac, Jacob, Jessé, Salomão, etc. Commentando estes nomes, diz S. João Chrysostomo que todos foram escriptos no mesmo evangelho com grande causa e grande mysterio; mas qual seja a causa e qual o mysterio só o sabem aquelles que os escreveram e Deus, por cuja providencia foram mandados escrever. Nós os interpretamos conforme o podemos intender. Isto diz S. João Chrysostomo e o mesmo diz Sancto Anselmo e outros padres. De maneira que cada nome d'este evangelho tem duas significações: uma historial e outra mystica. A significação historial significa pessoas: a significação mystica significa cousas. As pessoas que se significam na significação historial são os progenitores da Virgem Maria: as cousas que se significam na significação mystica são as graças da mesma Senhora. Os progenitores dizem o que a Senhora recebeu dos homens, que é o sangue e nobreza dos patriarchas: as graças dizem o que os homens recebem da Senhora, que são os favores e beneficios com que enche a todo o genero humano. «Os progenitores deram á Senhora a nobreza da mais illustre estirpe regia e sacerdotal; e a Senhora deu a seus progenitores e a todo o mundo o Auctor de todas as graças: *De qua natus est Jesus, qui vocabitur Christus.* Eis o que contém o evangelho d'este dia mystica e historialmente; e não ha outro mais a proposito para nos mostrar o fundamento dos beneficios que recebemos em Penha de França. Mas quaes são estes beneficios?»

O não haver livro de historia de Nossa Senhora de Penha de França é o maior elogio do Sanctuario.

Quando a sagrada religião de Sancto Agostinho me fez a honra de que subisse hoje a este logar: quando me encommendou ou mandou que tomasse por minha conta este sermão; como a materia para todos é tão grande e para mim sobre tão grande, era tão nova; para ter mais que por fama as noticias e documentos do que havia de dizer d'este famosissimo san-

ctuario, pedi o livro da sua historia e dos seus milagres. E que vos parece que me responderiam? Esperava eu que me dissessem que eram tantos os volumes, que faziam uma livraria inteira. Responderam que não havia livro. Não ha livro de historia e milagres de Nossa Senhora de Penha de França? Pois seja essa a materia do sermão, já que me não dão outra. Assim o disse e assim o venho a cumprir. Se este caso succedera em outra parte podera parecer descuido. Mas na religião do pae dos patriarchas, Sancto Agostinho, tão ponctual, tão advertida, tão observante, tão ordenada, que ella foi a que deu ordem e regras a todas ou quasi todas as religiões do mundo, claro está que não foi descuido nem indevoção. Pois se não foi indevoção nem descuido, por que razão não ha livro da historia e milagres de Penha de França, d'este nome, d'este templo, d'esta imagem, d'este assombro do mundo, a que justamente podemos chamar o maior e mais publico theatro da omnipotencia? Sabeis porque? Porque do que não cabe em livros não ha livro. Nas materias grandes o atrever-se a escrever é engrandecer a penna: não se atrever a escrever é engrandecer a materia. Este foi o generoso pensamento e a discretissima advertencia com que se não escreveu livro da historia e milagres de Penha de França; sendo mais eloquente e mais elegante o silencio do que a escriptura em muitos livros.[1]

[1] *Nota do Compilador.* Declara-se no original este ingenhoso pensamento com varios logares da Escriptura: mas porque me parece que afrouxam muito a argumentação, deixei-os. Traslado um trecho dos dous primeiros, que são mais notaveis. = Toma por empresa S. Mattheus escrever a vida e acções de Christo, e escreve o seu evangelho. Segue o mesmo exemplo S. Marcos e escreve o seu. Chegaram ás mãos de S. Lucas estes dous evangelhos e outros que n'aquelle tempo sairam, que a Egreja não admittiu; e parecendo-lhe a S. Lucas que todos diziam pouco, resolve-se a fazer terceiro evangelho; e começa assim, fallando com Theophilo, a quem o dedicou: *Quoniam multi conati sunt ordinare narrationem, quae in nobis completae sunt rerum:* como se dissera: Não vos espanteis, ó Theophilo, de que eu escreva evangelho, de que eu escreva a historia e maravilhas de Christo, depois de o haverem feito, quantos sabeis e tendes lido; porque todos esses que escreveram, ainda que tantos e tanto, não chegaram mais que a intentar: *Quoniam multi conati sunt.* Escreveu emfim o seu evangelho S. Lucas. Chegam todos os tres evangelhos ás mãos de S. João; e parecendo-lhe como verdadeiramente era, que lhes faltava muito por dizer, resolve o discipulo amado a escrever quarto evangelho. Assim o fez e assentou a penna S. João; porque esta foi a ultima obra sua ainda depois do Apocalypse. Mas que vos parece que succederia a S. João com o seu evangelho? Leu-o depois de o haver escripto; e succedeu-lhe com o seu o que lhe tinha succedido com os outros: pareceu-lhe que era muito pouco o que tinha dicto, em comparação do infinito que lhe ficára por dizer. Torna a tomar a penna, e accrescenta no fim do seu evangelho

Os seus milagres não se escrevem em livros porque não passam.

III. O fim para que os homens inventaram os livros foi para conservar a memoria das cousas passadas contra a tyrannia do tempo e contra o esquecimento dos homens, que ainda é maior tyrannia. Por isso Gilberto chamou aos livros *Reparadores da Memoria* e S. Maximo, *Medicinas do esquecimento*. E como os livros foram inventados para conservadores das cousas passadas; por isso os milagres de Penha de França não hão mister livros, porque são milagres que não passam. Esta é uma excellencia com que a Virgem Maria quiz singularizar os privilegios d'esta sua casa sobre todas as que tem milagrosas n'esta cidade. Foi milagrosa em Lisboa a casa de Nossa Senhora da Natividade; mas passaram os milagres da Natividade: foi milagrosa a casa de Nossa Senhora do Amparo; mas passaram os milagres do amparo. Foi milagrosa a casa de Nossa Senhora do Desterro; mas passaram os milagres do Desterro. Foi milagrosa a casa da Senhora da Luz; mas passaram os milagres da Luz. Só a casa de

estas duas regras: *Sunt et alia multa quae fecit Jesus, quae si scribantur per singula nec ipsum arbitror mundum capere posse eos qui scribendi sunt libros*: saibam todos os que lerem este livro, que n'elle não estão escriptas todas as obras e maravilhas de Christo, nem a menor parte d'ellas: porque se todas se houveram de escrever, nem em todo o mundo couberam os livros. Pergunto agora: Em que disse mais S. João, n'estas duas ultimas regras ou em todo o seu evangelho? Parece a pergunta temeraria. Ao menos nenhum expositor levantou atégora tal questão. Mas responde tacita e admiravelmente aquelle que entre todos os expositores na minha opinião é singular, o doutissimo Maldonado: *Quod dum dicit et se excusat et res Christi magis quodammodo, quam si eas scripsisset, amplificat*: muito mais disse S. João só n'estas duas regras ultimas, do que dissera em todo o livro do seu evangelho e do que dissera em muitos outros seus, se os escrevera. Notavel resolução! É possivel que disse mais S. João n'estas duas regras que em todo o seu evangelho e em um mundo inteiro de livros, quando os tivera escripto? Sim: porque em todo esse evangelho e em todos esses livros escrevera S. João as maravilhas de Christo; n'estas duas regras confessou que se não podiam escrever. E muito maior louvor e encarecimento é das cousas grandes confessar que se não pódem escrever, que escrevel-as. O que se escreve, ainda que seja muito, cabe na penna: o que se não póde escrever, é maior que tudo o que cabe n'ella. O que se escreve tem numero e fim, o que se não póde escrever, confessa-se por innumeravel e infinito. Muito mais disse logo S. João no que não escreveu, que no que escreveu. No que escreveu disse muitas maravilhas de Christo; mas não disse todas, no que não escreveu disse todas; porque mostrou que eram tantas, que se não podiam escrever. No que escreveu venceu todos os evangelistas, porque disse mais que todos elles; no que não escreveu venceu-se a si mesmo, porque disse muito mais do que tinha escripto.=Póde-se replicar que este argumento insinua o contrario do que pretende o orador. Pergunto: não obstante serem sem numero as maravilhas de Christo, não se registraram as principaes d'ellas em quatro livros? Pois porque se não fez o mesmo com as maravilhas de Penha de França?

nossa Senhora de Penha de França foi milagrosa e é milagrosa e ha de ser milagrosa; porque os seus milagres nunca passam, e as cousas que não passam, nem acabam, as cousas que permanenecem sempre, não hão mister livros. Duas leis fez Deus n'este mundo: uma foi a lei de Moysés, outra a de Christo. A lei de Moysés escreveu-se, que por isso se chama a lei escripta: a lei de Christo não se escreveu. E porque não? A lei de Christo não é lei mais pura, não é lei mais sancta, não é lei mais estimada e amada de Deus que a lei de Moysés? Sim. Pois se se escreve a lei de Moysés, a lei de Christo porque se não escreve? Porque a lei de Moysés era lei que havia de passar; a lei de Christo era lei que havia de permanecer para sempre: e as cousas que passam, essas são as que se escrevem: as que permanecem não hão mister que se escrevam. Escrevam-se os milagres da Natividade, escrevam-se os da Luz, escrevam-se os do Amparo e do Desterro, para que lhes não acabe o tempo as memorias, assim como os acabou a elles. Os milagres de Penha não hão mister a fé das escripturas, porque elles são a fé de si mesmos. Quem quizer saber os milagres de Penha de França não é necessario que os vá ler no papel, venha-os vêr com os olhos. Esta casa não é milagrosa por papeis: não é necessario que se passem certidões, onde os milagres não passam. Os rios sempre estão a passar e nunca passam. Assim são os milagres de Penha de França: um rio de milagres.

A penha do deserto foi figura d'esta penha.

Quereis vêr este rio e esta penha? Ponde-vos nos desertos do Egypto com os filhos de Israel caminhando para a terra de Promissão. Perecendo alli de sêde aquelle numeroso exercito, mandou Deus a Moysés que dissesse a uma penha que désse agua: *Loquimini ad petram*. Deu Moysés com a vara na penha, e saiu a agua milagrosa com tanta abundancia e com tal continuação que diz S. Paulo: *Bibebant de consequente eos petra*: que bebiam da penha que os ia seguindo. E como os ia seguindo a penha? Não os seguia movendo-se do logar onde estava; mas seguia-os com um rio milagroso, que d'ella manava e ia acompanhando o povo e o sarava de todas as infermidades: *Non erat infirmus in tribubus eorum*. Na penha brotava a fonte perenne; e da fonte manava perennemente o rio que corria e soccorria a todos. E accrescentou logo S. Paulo que tudo isto era figura do que depois havia de succeder; e bem o vêmos. N'aquelle altar está a Penha transplantada de França a Castella e de Castella a Portugal: d'aquella Penha sái a fonte, que é a imagem milagrosa da Virgem Maria; e d'aquella fonte nasce o rio de seus milagres e beneficios, que não parando nem podendo parar, corre perennemente e acode a todas as necessi-

Num. 20

1 *Cor.* 10

Ps. 104

dades do mundo. Assim o disse S. João Damasceno, fallando da Senhora e chamando-a Penha que a todos os que teem séde dá vida; e fonte que é medicina universal para todas as infirmidades do mundo. A mesma Senhora o tinha já dicto e promettido de si no capitulo oitavo dos Proverbios: *Qui me invenerit inveniet vitam et hauriet salutem a Domino.* Aquelle que me buscar, achar-me-ha e aquelle que me achar, achará a vida e beberá a saude. Não diz que receberá a saude, senão que a beberá; porque beberá do rio dos milagres e da fonte da saude que saiu d'esta penha. «Venha a testifical-o a experiencia.»

Prov. 8

Este Sanctuario é uma fonte perenne de milagres.

Caistes infermo em uma cama: experimentastes os remedios da arte sem proveito; desconfiaram-vos os medicos: soccorrestes-vos á Virgem de Penha de França; fizestes-lhe um voto e no mesmo momento vos achastes em perfeita saude. Que foi isso? Foi milagre d'aquella Senhora. Estaveis todo entrevado, com os membros tolhidos e entorpecidos; não vos podieis mover nem dar um passo: mandastes-vos trazer aos hombros alheios a esta casa: pedistes com grande confiança á Virgem de Penha de França que usasse comvosco de suas misericordias: no mesmo poncto tornastes para vossa casa por vossos pés e pendurastes em memoria as vossas moletas. Que foi isto? Foi milagre d'aquella Senhora. Fez-vos Deus mercê de vos dar abundancia de bens com que sustentar uma casa muito honrada; mas não vos deu filhos com que a perpetuar. Viestes a Nossa Senhora de Penha de França: fizestes uma novena e acabados os nove dias de vossa devoção, não tardaram os nove mezes que não tivesseis successor para vossa casa. Que foi isto? Foi milagre d'aquella Senhora. Havendo muitos annos que sendo casada vivieis como viuva e vossos filhos como orphãos; porque o pae fez uma viagem para as conquistas e nunca mais houve novas d'elle: tomastes por devoção vir os sabbados á Penha de França, ou rezar o rosario em vossa casa (que ás vezes é a devoção mais segura); e quando menos o esperaveis, vêdes entrar o pae de vossos filhos pela porta dentro. Que foi isto? Foi milagre d'aquella Senhora. Caistes em pobreza, vistes-vos com trabalhos e miserias e com a casa cheia de obrigações e de boccas a que matar a fome: não houve diligencia que não fizesseis; não houve industria que não experimentasseis todas sem proveito. Acolhestes-vos por ultima esperança á sombra d'esta casa que cobre e sustenta a tantos pobres: e sem saber d'onde nem por onde, achastes-vos com remedio e com descanço. Que foi isto? Foi milagre d'aquella Senhora. Fostes tão desgraçado, que vos foi necessario pleitear para viver: quize-

ram-vos tirar a vossa fazenda com demandas, com calumnias, com falsos testimunhos e violencias: andastes tantos annos arrastado por tribunaes, cada vez a vossa justica mais escura e vós mais desesperado: appellastes finalmente para o tribunal de Penha de França: fez-vos Deus a justiça que nos homens não achaveis; e isto tambem não foi milagre d'aquella Senhora? Ereis um moço louco e cego: andaveis enredado nos labyrinthos do amor profano que vos prendiam o alvedrio, que vos destruiam a vida e vos levavam ao inferno: vivieis sem lembrança da morte, nem da honra, nem da salvação. Oh! valha-me Deus, quantos milagres eram necessarios para vos arrancar d'aquelle miseravel estado! Era necessario apartar, porque a occasião era proxima; era necessario esquecer, porque a lembrança era continua: era necessario vêr, porque os olhos estavam cegos: era necessario abhorrecer, porque o appetite estava entregue: era necessario confessar, porque a consciencia estava perdida: era necessario perseverar, porque a recaida não fosse mais arriscada. Todos estes milagres havieis mister, que todos são necessarios a quem vive em similhante estado, e por isso saem d'elle tão poucos. Emfim fizestes-vos devoto da Virgem de Penha de França: e quando vós mesmo cuidaveis que sería impossivel haver nunca mudança em vós, achastes que o vosso coração se trocou totalmente. «Quantos milagres foram estes de Penha de França! *Bidebant de consequente eos petra. Non erat infirmus in tribubus eorum.* E se estes milagres são tão continuos e tão manifestos que necessidade havia de escrevel-os?»

Porque se escreveram os milagres da penha do deserto e não os da Penha de França?

III. Mas vejo que me dizem os mais versados nas escripturas que os milagres d'aquella antiga penha não só se escreveram em um livro, senão em muitos e pelas pennas mais illustres de ambos os testamentos, Moysés, David e S. Paulo. Pois assim como a historia e milagres da penha de Israel se escreveram em tão multiplicados livros, não seria justo tambem que se escrevesse a historia e milagres da penha de França? Não: porque vai muito de penha a penha, de rio a rio, e de milagres a milagres. Alli a penha desfez-se, o rio seccou-se e os milagres cessaram; e onde o tempo acaba as cousas, é bem que as perpetue a memoria dos livros. Na nossa Penha de França não passa assim. A Penha é sempre a mesma, o rio sempre corre, os milagres nunca param. E milagres sobre que não tem jurisdição o tempo, não ha mister remedios contra o tempo: elles são a propria escriptura, elles os annaes, elles os diarios de si mesmos.

Pela mesma razão por que se escreveram as obras da creação e não as da conservação.

Creou Deus distinguiu e ornou esta formosa machina do universo em espaço de septe dias; e é admiravel a pontualidade

e exacção com que Moysés dia por dia escreveu as creaturas e obras de cada um: de maneira que fez um diario exactissimo de todas as obras da creação. As obras da conservação, isto é, da providencia com que Deus conserva e governa o universo, em nada são inferiores ás da creação, nem no poder, nem na sabedoria, nem na majestade e grandeza. Pois se Moysés escreveu as obras da creação e compoz um diario tão diligente de todas ellas; por que razão, nem elle, nem outro escriptor sagrado escreveu as obras da conservação, havendo n'estas tanto concurso de causas e tanta variedade de effeitos, tanta contrariedade com tanta harmonia, tanta mudança com tanta estabilidade, tanta confusão com tanta ordem e tantas outras circumstancias de sabedoria, de poder, de providencia, tão novas e tão admiraveis? A razão é, porque as obras da creação pararam e cessaram ao septimo dia: pelo contrario as obras da conservação continuaram sempre desde o principio, continuam e hão de continuar até o fim do mundo: *Pater meus usque modo operatur et ego operor.* E as obras que passaram e pararam era bem que se escrevesse a historia e ainda o diario d'ellas: porém as obras que não acabam, que perseveram, que continuam, e se vão succedendo sempre, não necessitam de historia, nem de memoria, nem de escriptura; porque ellas são uma perpetua historia e um continuado diario de si mesmas. Que bem o disse David: *Coeli enarrant gloriam Dei et opera manuum ejus annuntiat firmamentum. Dies diei eructat Verbum.* Essa revolução dos céus, esse curso dos planetas, essa ordem do firmamento, que outra cousa fazem continuamente, senão annunciar ao mundo as obras maravilhosas de Deus? E que cousa são os mesmos dias, que se vão succedendo, senão uns historiadores mudos e uns chronistas diligentissimos d'essas mesmas obras que não por annaes, senão por diarios perpetuos as estão publicando? *Dies diei eructat Verbum.* Taes são as maravilhas de Penha de França. Se passaram e cessaram e houvera algum sabbado, como aquelle da creação em que constasse que tinham parado, então seria bem que se escrevessem: mas como não param, nem cessam (como aqui se vê e consta todos os sabbados, em que se resumem os milagres d'aquella semana) não é necessario que se escrevam, nem se historiem; porque a sua historia é a mesma continuação e os seus diarios os mesmos dias: *Dies diei eructat Verbum:* os milagres de hoje são o instrumento authentico dos milagres de hontem: e os milagres de ámanhã dos milagres de hoje; e assim como se vão succedendo os dias, se vão tambem testimunhando uns aos outros, lendo a vista sem escriptura, o que na escriptura havia de crer a memoria. Os gregos em um

Joan. 5

dos seus hymnos com elogio singular chamaram á Virgem Maria, *Diario unico do Senhor das creaturas.* Mas em nenhm logar, em nenhum throno de quantos esta Senhora tem no mundo se póde insculpir com mais razão este titulo que no pé d'aquella Penha. Diario, porque as suas maravilhas são de cada dia; unico, porque só n'ellas não tem jurisdição o tempo.

O tempo tem poder ainda sobre os milagres; mas não sobre os d'esta penha.

Qual vos parece que é o maior milagre de Penha de França? É não ter jurisdição o tempo sobre os seus milagres. Não ha poder maior no mundo que o do tempo: tudo sujeita, tudo muda, tudo acaba. Não só tem poder o tempo sobre a natureza; mas até sobre as cousas sobrenaturaes tem poder, que é o que mais me admira. Os milagres são cousas sobrenaturaes; e não lhes val o ser superiores á natureza, para não serem sujeitos ao tempo. Grandes milagres foram os da serpente do deserto; todos os infermos de qualquer infermidade que olhavam para ella, saravam logo. Andou o tempo e acabaram os milagres e mais a serpente. Grandes milagres foram os da vara de Moysés: ella foi o instrumento com que se obraram todos os prodigios do Egypto contra Pharaó. Andou o tempo e acabaram os milagres e mais a vara. Grandes foram os milagres da capa de Elias: em virtude d'ella sustentava Eliseu os vivos, sarava os infermos e resuscitava os mortos. Andou o tempo, acabaram os milagres e mais a capa. Grandes milagres foram os da arca do Testamento! Deante d'ella tornavam atraz os rios, caíam os muros, despedaçavam-se os idolos e morriam subitamente os que se lhe atreviam. Andou o tempo, acabaram os milagres e mais a arca. Finalmente foram grandes e maiores que grandes os milagres da primitiva Egreja, em que todos os que se baptizavam, fallavam todas as linguas: curavam de todas as infermidades, lançavam os demonios, domavam as serpentes e bebiam sem lesão os venenos. Passou o tempo, cresceu a Egreja, e como já não eram necessarios para fundar a fé, cessaram aquelles milagres. De sorte que sobre todos os milagres teve jurisdição o tempo. E que sobre os milagres de Penha de França não tenha jurisdição? Grande milagre! Os outros acabam com o tempo: os milagres de Penha de França crescem com o tempo. O maior encarecimento do tempo é que tem poder até sobre as penhas: o maior louvor d'aquella Penha é que tem poder até sobre o tempo. E se os livros são remedio contra o tempo, quem não é sujeito ás leis do tempo, não ha mister livros.

Digressão para o Sacramento exposto.

IV. Estas são as razões que se me offereceram de não haver livro da historia e milagres de Nossa Senhora de Penha de França e de não ser necessario que o houvesse, supposta a resposta que me deram de que o não havia. Mas com licença vossa e de

todos, eu não o supponho nem o intendo assim, senão muito pelo contrario. Digo que não só ha livro senão «o maior que póde haver na terra e no céu». E qual é? Agora o ouvireis, dae-me attenção.

O livro que comeu Ezechiel era figura do Sacramento.

Appareceu ao propheta Ezechiel um braço com um livro na mão e disse-lhe uma voz: *Comede volumen istud*: Ezechiel, come este livro. Abriu a bocca Ezechiel, comeu o livro, e succedeu-lhe uma cousa notavel. Porque, quando o tomou na bocca, sentiu um sabor. depois que o levou para baixo experimentou outro. Admiravel livro! Admiravel manjar que nem parece manjar nem livro! Livro não; porque os livros não se comem e este comia-se: manjar não; porque o manjar tem um só sabor e esse na bocca; e este tinha dous sabores: um exterior, quando se tomou na bocca; e outro interior, quando se passou ao peito. Pois manjar que tem dous sabores; manjar que se come com a bocca e com o coração; manjar que sabe de uma maneira aos sentidos e de outra ao interior da alma; que manjar é nem póde ser este, senão o Sanctissimo Sacramento do altar? Por isso o propheta, quando lhe disseram que o comesse, não o comeu, commungou-o: não o tomou primeiro com a mão, como se faz ao que se come; mas abriu a bocca com grande reverencia e recebeu-o. A ceremonia, o modo e os effeitos, tudo é do Sacramento, não se póde negar. Mas a figura não o parece: *Comede volumen istud.* Que tem que ver o livro com o Sacramento? O livro é a mais perfeita imagem de seu auctor: tão perfeita que não se distingue d'elle, nem tem outro nome. O livro, visto por fóra, não mostra nada; por dentro está cheio de mysterios. O livro se se imprimem muitos volumes, tanto tem um como todos e não teem mais todos que um. O livro, sendo o mesmo para todos uns percebem d'elle muito, outros pouco, outros nada; cada um conforme a sua capacidade. O livro é um mudo que falla, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive; e não tendo acção em si mesmo move os animos e causa grandes effeitos. Quem ha que não reconheça em todas estas propriedades o Sanctissimo Sacramento do altar? Livro é, e livro com grande propriedade: *Comede volumen istud.*

N'este livro se continham os milagres da divina misericordia manifestos em Penha de França.

Mas de que materia tracta este livro? Disse o propheta David bem claramente: *Memoriam fecit mirabilium suorum misericors et miserator Dominus: escam dedit timentibus se.* Sabeis que livro é este soberano manjar que Deus dá aos que o temem? É o livro das memorias dos milagres da misericordia de Deus. E quaes são os milagres da misericordia de Deus, pergunto eu agora, senão os que se obram n'esta casa? Que logar

ha no mundo, onde Deus se mostre mais misericordioso e onde sua misericordia seja mais milagrosa que n'este? Alli estão os milagres e as misericordias fechadas: aqui estão os milagres e as misericordias patentes. «Vede se da historia e milagres de nossa Senhora da Penha de França ha livro e o maior que póde haver na terra e no céu!» Que cuidais que é a casa de Penha de França com as suas maravilhas? É o Sacramento com as cortinas corridas. Se Deus correra as cortinas áquelle mysterio e nos abrira aquelle livro divino, haviamos de ler alli o que aqui vêmos. Alli estão os milagres de Penha de França encobertos; aqui estão os milagres do Sacramento desencerrados. Alli as paredes «mysticas» cobrem os milagres; aqui os milagres cobrem as paredes «materiaes». Os milagres e inscripções de que estas paredes ordinariamente estão armadas, que imaginais que são? São as folhas daquelle livro («deixae que assim o diga») desencadernadas. Viu S. João no Apocalypse um livro, que não se achou nunca quem o podesse abrir no mundo, até que o abriu Christo. Assim esteve fechado tantos centos de annos aquelle livro do divinissimo Sacramento até que o abriu a Virgem de Penha de França. O que alli se lê, é o que aqui se vê: o que alli cremos, é o que aqui experimentamos. Nas outras egrejas é o Sacramento mysterio da fé: aqui é desengano dos sentidos. Se os sentidos aqui vêem tantos milagres, que muito é que a fé alli creia tantos milagres? Cante-se nas outras egrejas: *Praestet fides supplementum sensuum defectui*: suppra a fé o defeito dos sentidos. Em Penha de França cante-se ao contrario: Suppram os sentidos o defeito da fé se por ventura o houvesse. Se os sentidos vêem os milagres; porque os ha de duvidar a fé e ainda a infedilidade?

Apoc. 5

Estes milagres explicam os do Sacramento.

O milagre em que mais tropeça e se embaraça a infedelidade no divino Sacramento é, sendo Christo um, estar em tão differentes logares. E quantos olhos ha no mundo que podem testimunhar de vista este milagre na Senhora de Penha de França! Vêdes entrar por aquella porta um homem carregado de grilhões e de cadeias e leval-as ao pé d'aquelle altar; e se lhe perguntais a causa diz que estando nas masmorras de Argel ou Titulão, lhe appareceu aquella mesma Senhora de Penha de França, a que se encommendava; e que em signal da liberdade que lhe deu, lhe vem offerecer as mesmas cadeias. Vereis entrar por aquella porta o indiatico e offerecer ricos ornamentos a este templo, porque pelejando na India contra os Acheus ou contra os Rumes, invocou a Virgem de Penha de França, que sendo vista deante do nosso exercito pelos mesmos inimigos, as suas balas nos caíam aos pés e as suas settas se convertiam contra

elles. Vereis entrar por aquella porta uma procissão de homens descalços, com aspecto mais de resuscitados que de vivos; e dir-vos-hão que se veem prostrar por terra deante d'aquella Senhora, porque vendo-se comidos do mar, chamaram pela Virgem de Penha de França, e logo a viram no ar entre as suas antennas; e cessou n'um momento a tempestade. De maneira que a Senhora de Penha de França, como se debaixo dos accidentes d'este glorioso nome se sacramentara tambem por amor de nós, sendo uma só, está em Lisboa, está em Argel, está na India, está em todas as partes do mar e da terra onde a invocamos. Vem-me ao pensamento n'este passo, que as palavras da invocação ou tem ou participam a mesma virtude das palavras da consagração. A virtude das palavras da consagração é tão poderosa, que em se pronunciando as palavras, logo Christo alli está presente. Tal é a virtude das palavras da invocação. Ouvi a Isaias: *Invocabis, et Dominus exaudiet: clamabis, et dicet: Ecce adsum:* invocar-me-heis, e chamareis por mim e ao mesmo poncto serei presente. Assim o faz a Virgem piedosissima a todos os que a invocam em todas as partes do mundo. Christo presente em toda a parte pelas palavras com que o sacerdote consagra a hostia: Maria presente em toda a parte pelas palavras com que o necessitado a invoca. S. Gregorio Thaumaturgo chamou a esta Senhora *Officina de todos os milagres;* e como estes dous livros de milagres foram impressos na mesma officina, não é muito que sejam similhantes nos caracteres. Só com esta differença por não dizer vantagem, que no Sacramento está o livro cerrado, em Penha de França aberto: *Liber generationis Jesu Christi Filii Abraham.*

Isai. 58

IV. Ora, senhores, já que estamos no dia em que a Senhora de Penha de França deve estar mais liberal que nunca de seus favores e misericordias; o que importa, e o que Deus e a mesma Senhora quer, é que nenhum de nós hoje se vá d'esta egreja sem milagre. Nenhum de nós ha tão perfeitamente são que não tenha alguma infermidade e muitas de que sarar. Quantos estão hoje n'esta egreja mancos e aleijados? Quantos cegos, quantos surdos, quantos entrevados, e, o peior de tudo, quantos mortos? Quereis saber quem são os mancos? Ouvi a Elias: *Usquequo claudicatis in duas partes?* Até quando, povo errado, has de manquejar para duas partes, adorando junctamente a Deus e mais a Baal? Quantos ha debaixo do nome de christãos que dobram um joelho a Deus e outro ao idolo? Perguntae-o a vossas torpes adorações. Os que fazem isto são os mancos. Quereis saber quem são os cegos? Não são aquelles que não vêem: são aquelles que vendo e tendo os olhos abertos, obram

Temos todos precisão das graças milagrosas d'este sanctuario.

3 Reg. 18

como se não viram. *Excoeca cor populi hujus* (diz Isaias) *ut videntes non videant*. Vêmos que todo este mundo é vaidade; que a vida é um sonho; que tudo passa, que tudo acaba, e que nós havemos de acabar primeiro que tudo; e vivemos como se foramos immortaes, ou não houvera eternidade. Quereis saber quem são os surdos? São aquelles de quem disse David: *Aures habent et non audient*: terão ouvidos e não ouvirão. Não ouvir por não ter ouvidos, não é grande miseria; mas ter ouvidos para não ouvir é a maior infermidade de todas. Nenhuma cousa me desconsola e está desconsolando tanto como ver-me ouvir. O que vai ao intendimento, ouvil-o com grande attenção e satisfação e com maior applauso do que merece: o que vai á vontade e mais importa, ou não lhe dais ouvidos ou vos não soa bem n'elles. Quanto temo que é evidente signal de reprovação! *Propterea vos non auditis, quia ex Deo non estis*. Estes são os surdos. Quereis finalmente saber quem são os mortos? São aquelles de quem disse S. João: *Nomen habes quod vivas et mortuus es*. Os mortos são todos aquelles que estão em peccado mortal. Haverá algum morto ou alguma morta n'esta egreja? Ainda mal porque tantos e tantas. Vêde quanto peior morte é o peccado que a mesma morte. Os homens temos tres vidas: vida corporal, vida espiritual, vida eterna. A morte tira somente a vida do corpo: o peccado tira a vida espiritual, tira a vida eterna, e tambem tira a corporal; porque do peccado nasceu a morte: *Per peccatum mors*. Todas as mortes quantas ha, quantas houve e quantas ha de haver, foram causadas de um só peccado de Adão; e não bastando todas para o pagar foi necessario que o mesmo Filho de Deus morresse para satisfazer por elle. A morte mata o corpo que é mortal: o peccado mata a alma que é immortal. Os estragos que faz a morte no corpo, consume-os em poucos dias a terra: os estragos que faz o peccado na alma não basta uma eternidade para os consumir o fogo. E sendo sobre todo o excesso de comparação tanto mais para temer a morte da alma que a morte do corpo; e tanto mais para amar e para estimar a vida espiritual e eterna que a vida temporal, em que fé e em que juizo cabe que pela vida e saude do corpo se façam tão extraordinarios extremos e que da vida e saude da alma se faça tão pouco caso?

Isai. 6

Ps. 113

Joan. 8

Apoc. 3

Rom. 5

Verdadeiramente, senhores, que quando considero no que aqui estamos vendo, não ha cousa para mim no mundo tão temerosa como o mesmo concurso e devoção d'esta casa, e ainda os mesmos milagres d'ella. Oh se ouviramos os brados que nos estão dando á consciencia estas paredes! Queixam-se de nós com Deus, e queixam-se de nós comnosco, e cada voto, cada

Cada voto d'elle é um pregão contra o nosso descuido.

milagre dos que aqui se vêem pendurados é um brado, é um pregão do céu contra o nosso descuido. É possivel (estão bradando estas paredes) é possivel que faz tantos milagres Deus por nos dar a saude e vida temporal e que os homens não queiram fazer o que Deus lhes manda, sendo tão facil para alcançar a saude espiritual e a vida eterna? E possivel que esteja Deus empenhando toda a sua omnipotencia em vos dar a vida do corpo, e vós que estejais empregando todas as vossas potencias em perder a vida da alma? Dizei-me, em que empregais a vossa memoria? Em que empregais o vosso intendimento? Em que empregais a vossa vontade e todos os vossos sentidos, senão em cousas que vos apartam da salvação? É possivel (tornam a bradar contra nós estas paredes e a argumentar-nos a nós comnosco mesmos) é possivel que havemos de fazer tanto pela saude e pela vida temporal, e que pela saude da alma e pela vida eterna não queremos fazer cousa alguma? Se adoeceis, se estais em perigo, tanto acudir áquelles altares, tantos votos, tantas missas, tantas romarias, tantas novenas, tantas promessas, tantas offertas: gaste-se o que se gastar; perca-se o que se perder; empenhe-se o que se empenhar; e pela saude da alma, pela vida eterna, como se tal cousa não houvera nem se crêra? Vêde o que diz Sancto Agostinho: *Si tantum ut aliquanto plus vivatur, quanto magis ut semper vivatur?* Se tanto se faz para viver um pouco mais, quanto mais se deve fazer para viver sempre? Pois desenganae-vos, que por mais que não façais caso da outra vida, ella ha de durar eternamente; e por mais que façais tanto caso d'esta vida, ella ha de acabar, e em mui poucos dias. Uma vez escapareis da morte e pendurareis a mortalha em Penha de França: mas alfim ha de vir dia em que a morte vos não ha de perdoar, e em que vós não pendurareis a mortalha; mas ella vos leve á sepultura. Lazaro resuscitou uma vez: valeu-lhe Maria: mas depois morreu alfim como os demais.

Necessidade de uma prompta conversão.

O que importa é tractar d'aquella vida que ha de durar para sempre, e procurar sarar a alma, se está inferma, e sobretudo resuscital-a se está morta. Christo para resuscitar escolheu uma sepultura aberta em uma penha: *In monumento quod erat excisum in petra;* e resuscitou ao terceiro dia. Tudo aqui temos: a penha, os tres dias e o Resuscitador. Já que a alma está morta, sepulte-se n'aquella penha para que resuscite. Ó alma infelizmente morta e felizmente sepultada! Se alli sepultares de uma vez e para sempre tudo o que te mata; tu resuscitarás e resuscitarás, se quizeres, n'este mesmo momento. Que felicidade a nossa e que gloria d'aquella Senhora e de seu Sacramentado Filho, se todos os que hoje entraram em Penha de França mortos, sais

sem resuscitados! Não ama ao Filho, nem é verdadeiro devoto da Mãe quem assim o não fizer. Não guardemos o resuscitar para o terceiro dia, nem para o segundo; que não sabemos o dia, nem a hora. Não é esta a materia em que se hajam de perder momentos; porque póde ser que seja esta a ultima inspiração e este aquelle ultimo momento de que pende a eternidade. Ouçam estas vozes do céu os que hoje aqui vieram surdos: abram os olhos e vejam sem perigo os que vieram cegos; tornem por outro caminho e com outros passos, os que vieram mancos: e todos levem vivas e resuscitadas as almas que trouxeram mortas; deixando em Penha de França por memoria d'este dia cada um a sua mortalha. Estes são os mais gloriosos trophéos com que se podem ornar estas miraculosas paredes, «este o maior louvor que de vós espera a Mãe de misericordia; esta a graça mais necessaria que deveis pedir em Penha de França».

(Ed. ant. tom. 1.º pag. 694, ed. mod. tom. 6.º pag. 37.)

SERMÃO DE NOSSA SENHORA DO CARMO**

PRÉGADO NA FESTA DA SUA RELIGIÃO
COM O SANCTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO NA EGREJA E CONVENTO
DA MESMA SENHORA, NA CIDADE DE S. LUIZ DO MARANHÃO
NO ANNO DE 1659

Observação do compilador.— O sermão é um ingenhosissimo panegyrico da Ordem do Carmo bem fundado em theologia e muito eloquente. O orador louva a Ordem considerando a natureza da sua instituição. A conclusão tem novidade muito accommodada ao argumento e não impropria de sermão encomiastico.

Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti. Quin imo beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.

Luc. II.

Todas as vezes que a Christo lhe fallavam no nascimento de sua Mãe, sempre o Senhor respondeu com o nascimento de seu Pae.

Notavel cousa é, e não sei se notada, na historia evangelica, que todas as vezes que a Christo lhe fallaram no nascimento de sua Mãe, sempre o Senhor respondeu com o nascimento de seu Pae. Prégando no templo de Jerusalem, disseram-lhe que estava fóra sua Mãe e o buscava; e logo respondeu com o nascimento de seu Pae: Quem fizer a vontade de meu Pae que está no céu, esse é minha mãe e todos os meus parentes. Quando a mesma Senhora achou seu Filho, perdido de tres dias, entre os doutores, declarou-lhe a dôr com que o buscava, dizendo: Filho, porque nos tractastes assim? E n'esta occasião respondeu tambem o Senhor com o nascimento de seu Pae: Não sabeis que me importavá assistir no serviço de meu Pae? D'este estylo ou d'esta razão de estado de Christo se intenderá em não vulgar sentido a consequencia da resposta do mesmo Senhor sobre as vozes da mulher do evangelho. Acabava Christo de convencer com razões as calumnias de seus emulos, os escribas e phariseus: achou-se no auditorio uma mulher de qualidade ordinaria, mas de grande intendimento e coração grande: levantou a voz no meio de todos e disse: *Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti:* bemaventurada a Mãe que trouxe em suas entranhas e sustentou a seus peitos tal Filho. E logo o Salvador respondeu da mesma maneira com o nascimento de seu Pae:

Quin imo beati qui audiunt Verbum Dei et custodiunt illud: antes te digo que bemaventurados são os que ouvem o Verbo de Deus e guardam o que ouvem. Assim declara altamente esta resposta o veneravel Beda intendendo no *Verbum Dei* o mesmo Christo que segundo a Divindade é o Verbo ou a Palavra do Padre. Tudo isto fazia Christo para introduzir nos animos dos homens a fé da sua divindade e ensinar ao mundo que assim como havia n'elle duas naturezas, assim tinha dous nascimentos: um nascimento antiquissimo e eterno em que era Filho de seu Pae; e outro nascimento novo e em tempo em que era Filho de sua Mãe.

Como Christo teve dous nascimentos virginaes assim os teve a religião do Carmo.

Oh sagrada religião do monte Carmelo, como vos fez similhante a si quem vos fez só para si e para que levasseis tantos a elle! «E verdadeiramente que» como Christo teve dous nascimentos e ambos virginaes, um antiquissimo e eterno do Pae virgem, outro novo e em tempo da Mãe virgem; assim a sagrada religião carmelitana teve dous nascimentos tambem virginaes, um antiquissimo na lei escripta em que nasceu de Elias virgem, outro menos antigo na lei da graça em que nasceu da Virgem Maria. Não ha religião (posto que todas sejam sanctissimas) que tivesse taes principios, nem se possa gloriar de taes progenitores. E como estes bemdictos filhos foram duas vezes nascidos e por duas gerações ambas miraculosas, ambas singulares, ambas celestiaes e divinas; não será excesso de devoção, nem encarecimento de louvor, que com as mesmas vozes do Evangelho os acclamemos n'este dia duas vezes bemaventurados, bemaventurados por filhos de tal Mae: *Beatus venter qui te portavit;* e bemaventurados por filhos de tal Pae: *Beati qui audiunt Verbum Dei et costudiunt illud.* Estas duas clausulas do texto e estes dous nascimentos serão o fundamento e materia do nosso discurso. Dae-me attenção e ajudae-me a pedir graça. *Ave Maria.*

Os carmelitas filhos de Maria. Auctoridade de Xisto IV.

II. *Beatus venter qui te portavit.* A maior excellencia da Virgem Maria é ser Mãe do Filho de Deus: a maior excellencia da sagrada religião carmelitana é serem os seus filhos, filhos da Mae de Deus. Para esta gloriosa applicação não temos necessidade de mudar as palavras do Evangelho, senão de as extender mais um pouco: não de as mudar de mãe a mãe; porque a Mãe é a mesma; sómente de as extender de Filho a filhos, porque os filhos são diversos, posto que tão parecidos, como em seu logar veremos. Assim o definiu e declarou o supremo oraculo da Egreja, Xisto IV. Ouvi as palavras que são notaveis: *Venustissima Virgo Maria, quae Dominum nostrum Jesum Christum admirabili cooperante virtute Spiritus Sancti, ipsa produ-*

xit ordinem Beatae Mariae de monte Carmelo: a formosissima Virgem Maria, que por virtude admiravel do Espirito Sancto gerou a nosso Senhor Jesus Christo, essa mesma Virgem produziu a Ordem de nossa Senhora do monte do Carmo. De sorte que a mesma e unica Mãe que gerou a Christo produziu a religião do Carmo. A Christo, diz o pontifice, que o gerou a Virgem Maria; *genuit:* a ordem e familia carmelitana diz que a produziu: *Produxit*: e esta é a differença do Filho a filhos: Christo gerado, a religião do Carmo, produzida. Subamos um poncto mais acima para melhor intender este. O Eterno Padre depois que gerou o Verbo não póde gerar outro filho: mas ainda que não póde gerar, póde produzir. *Ad intra* póde produzir e produz o Espirito Sancto egual ao Filho: *Ad extra* póde produzir filhos, mas não eguaes, que são os filhos adoptivos a que faz participantes do mesmo Espirito: *Ut adoptionem filiorum reciperemus, misit Deus Spiritum Filii sui in corda nostra.* O mesmo passa na Virgem Sanctissima a quem Sancto Agostinho por isso mesmo chamou Idéa de Deus: *Si formam Dei appellem, digna existis.* Filho propriamente gerado e natural não tem nem póde ter a Virgem mais que um, aquelle que junctamente é Filho unigenito do Padre: filhos porém produzidos e adoptivos póde a mesma soberana Mãe ter muitos; e estes são por especial prerogativa e filiação os religiosos carmelitas.

Teve a Virgem Sanctissima um só Filho primogenito e muitos filhos adoptivos. *Luc.* 2

D'aqui se intenderá aquelle texto de S. Lucas em que tropeçou Elvidio, não só como mau theologo, senão tambem como ruim grammatico. Descrevendo S. Lucas o admiravel parto da Virgem Maria em Belem diz que a Senhora deu á luz a seu Filho primogenito: *Peperit Filium suum primogenitum.* Primogenito? Logo a Virgem Maria teve outros filhos? Elvidio dizia blasphema e hereticamente que sim; e eu tambem digo que sim catholicamente. A Virgem Maria tem Filho primogenito e filhos segundos: o Filho primogenito é Christo; e os filhos segundos são todos os adoptivos «os quaes ella produziu communicando-lhes o Espirito de seu primogenito». N'este sentido refutaram Elvidio Sancto Anselmo, Ruperto e Guerrico abbade: *Ipsa unica Virgo Mater, quae se Patris unicum genuisse gloriatur, eundem unicum suum in omnibus membris ejus amplectitur omniumque in quibus Christum suum formatum vel formari cognoscit matrem se vocari non confunditur:* diz Guerrico.

Serem todos os christãos filhos de Maria não destroe a prerogativa dos carmelitas.

III. «Mas» vejo que me estão dizendo os doutos e muito mais os mais interessados, que ser filhos adoptivos da Virgem Maria não é prerogativa particular d'esta só religião, senão de muitas outras congregações e communidades approvadas tambem pela sé apostolica, que debaixo do mesmo nome servem e veneram

a Mãe de Deus. Estes são os primeiros e maiores oppositores. Os segundos são todos os devotos da mesma Senhora, que com particular affecto e obsequio se lhe teem dedicado; porque ninguem a quiz receber por mãe que ella o não acceitasse por filho. A duvida está em nós a querermos por mãe: em a benignissima Senhora nos acceitar por filhos não ha duvida. Oh que grande consolação para todo o peccador! Mas ainda temos mais oppositores que são todos os fieis quaesquer que sejam, porque todos os christãos pela união da fé e pela regeneração do baptismo sendo membros de Christo, são filhos da Mãe de Christo, como notava Guerrico, e é doutrina de Sancto Agostinho, Origenes, Sancto Anselmo, Ruperto e outros muitos padres. Pois se todos os christãos, se todos os devotos da Virgem, se todos os que por instituto se dedicam a seu serviço debaixo do nome e patrocinio de Maria Sanctissima, são e se chamam verdadeiramente filhos da mesma Senhora, que prerogativa é essa da religião carmelitana que tanto atégora encarecemos? Se elles só foram filhos da Mãe de Deus, era uma soberania singularissima serem a excepção de todos os homens. Porém sendo esta mesma graça de tantos, é grande, é excellente, é gloriosa, sim: mas parece que não tem nada de singular. Antes por isso mesmo digo que é singular e singularissima. Porque serem elles os filhos da Senhora quando a Senhora é Mãe de tantos e tão illustres filhos essa é prerogativa que não tem par.

S João foi o discipulo amado ainda que os outros apostolos fossem tambem amados. *Joan.* 19

Não ha cousa que mais me admire na historia evangelica que vêr a pompa amorosa e estylo singular com que S. João, calando o nome proprio com que nomeia aos outros apostolos, quando falla de si, se chama sempre o discipulo amado: *Discipulum quem diligebat Jesus.* Tende mão, aguia divina. E Pedro e André e os demais não são discipulos de Jesus? Sim, são, e primeiro discipulos que vós. Pedro e André não são tambem amados? Sim, são; e primeiro amados, primeiro escolhidos, primeiro chamados. Pois se os outros apostolos tambem são discipulos e discipulos amados, que excepção ou que prerogativa é esta de que tanto vos prezais? É a maior e a mais singular que podia ser. Se não houvera outros discipulos, e outros amados, não era tão excessivo louvor: mas havendo tantos discipulos e tantos amados, que João seja o discipulo amado, essa é a gloria singularissima de João. Não está a «maior» singularidade em ser só, nem a «maior» grandeza em ser grande: entre muitos ser o só, e entre grandes ser o grande, essa é a singularidade e «grandeza mais admiravel». O mesmo digo dos filhos de Maria: mas quero que primeiro nol-o diga o mesmo S. João.

O mesmo João foi feito filho de Maria sem excluir os outros apostolos. *Matth.* 28

A ultima clausula do testamento de Christo na morte, foi deixar sua Mãe a S. João e S. João a sua Mãe; ella por mãe e elle por filho: *Ecce filius tuus... Ecce mater tua.* Pergunto: E por esta clausula ficaram excluidos os outros apostolos? Não. E assim o declarou o mesmo testador Christo depois da resurreição, quando mandou as Marias aos apostolos dizendo: *Ite, nuntiate fratribus meis:* ide, levae as novas aos meus irmãos. Pois se os apostolos depois d'esta nomeação de filho em S. João ficaram tambem irmãos de Christo e filhos de sua Mãe; que mais lhe deu Christo a elle que aos outros? E se em João foi privilegio especial; porque o extendeu aos demais? Para que fosse mais seu e mais excellente a especialidade. Deu-lhe a companhia para o fazer singular, e a comparação para o fazer incomparavel. Os outros apostolos tambem irmãos de Christo: os outros apostolos tambem filhos de Maria; mas João entre todos estes filhos o filho: *Ecce filius tuus.* Assim como S. João em respeito de Christo entre os discipulos é o discipulo, e entre os amados é o amado, assim a respeito da Virgem entre os filhos é o filho. Aos outros deu Christo o nome, a João a antonomasia: aos outros a filiação, a João a especialidade de filho: *Ecce filius tuus. Ecce mater tua.*

Ha tres jerarchias de filhos de Maria. Os carmelitas pertencem á suprema.

Já agora me havereis intendido e quão proprio e particular é d'esta bemdicta religião o privilegio singular de filhos de Maria. Filhos com os demais; mas não filhos como os demais; com especial eleição, com especial amor, com especial nome, com especial prerogativa, em fim com especial filiação, como entre os demais filhos, elles os filhos. Em tres jerarchias particulares dividimos os filhos d'esta Senhora, cada uma de maior a maior excellencia. Na primeira e infima entram todos os christãos; na segunda e meia todos os devotos da Virgem: na terceira e suprema todos os dedicados a seu serviço com particular instituto. Mas sobre todas estas jerarchias, verdadeiramente angelicas, a especialmente escolhida, e como escolhida amada da Rainha dos anjos, é a sua familia carmelitana.

Houve-se a Senhora na eleição dos carmelitas, como se houve Deus na eleição de sua mãe.

Houve-se a Senhora na eleição da ordem carmelitana, houve-se esta Mãe na eleição d'estes filhos, como se houve Deus na eleição de sua Mãe. Para Deus eleger por Mãe a Virgem Maria fez primeiro tres eleições e tres separações do melhor que havia no mundo. De todos os povos elegeu e separou primeiro um povo, que foi o povo hebreu em Abrahão: de todas as tribus d'esse povo elegeu e separou uma tribu, que foi a de Judá: de todas as familias d'essa tribu elegeu e separou depois uma familia, que foi a familia de David: ultimamente d'essa familia elegeu uma pessoa a mais digna, que foi a Virgem Maria. O mes-

mo fez a Mãe de Deus na eleição d'estes filhos, para que entre todos os seus filhos, elles fossem os unicos e os escolhidos dos escolhidos. De todos os povos e gentes do mundo escolheu o povo christão que são os filhos por fé: de todos os christãos escolheu os seus devotos, que são os filhos por affecto: de todos os seus devotos escolheu as congregações, que a servem debaixo de seu nome e patrocinio, que são os filhos por instituto; e finalmente de todos os institutos passados, presentes e futuros escolheu a Ordem do monte Carmelo para que ella fosse a unica e escolhida entre todos os filhos. Todos os outros com mais ou menos prerogativa e sempre com grande dignidade são filhos da Virgem Maria, mas os carmelitas são os seus filhos.

Uma cousa é ser filho, e outra ser o seu filho. *Gen.* 37

Em respeito dos mesmos paes uma cousa é ser filho seu e outra muito differente ser o seu filho. Jacob tinha tantos filhos como sabemos, mas o seu filho era José. Entre os outros filhos tambem havia tres distincções: uns eram de Bala, outros de Zepha, outros de Lia; mas José que era o primogenito de Rachel esse era o seu filho. Esta foi a allusão deshumana com que os invejosos irmãos acompanharam o recado da tunica ensanguentada: *Vide utrum tunica filii tui sit an non?* E esta foi a energia da dôr com que Jacob reconhecendo-a respondeu: *Tunica filii mei est.* Pois, Jacob, todos estes que aqui tendes presentes, não são tambem filhos vossos? Sim, são: são meus filhos, mas não são o meu filho. Os outros tambem eram filhos, não o negava Jacob, mas o seu filho era José. Vai muito de ser filho a ser o seu filho. Esta é a differença com que na eleição da Virgem Maria, sendo tantos os seus filhos e todos queridos, se distinguem muito uns dos outros. Os demais são filhos da Senhora: mas os carmelitas são os seus filhos.

O escapulario mostra que os carmelitas são os filhos mais queridos da Virgem.

IV. Sem nos apartarmos da historia de José, mostrarei o instrumento authentico e o padrão firmissimo d'esta differença. Diz o texto sagrado que Jacob amava a José sobre todos os outros filhos, e que este excesso e differença do amor do pae o viam muito bem os outros irmãos de José. O amor é um affecto tão invisivel, como a mesma alma onde nasce e onde vive. E se o amor não se vê, como viam os outros filhos o amor de Jacob e o viam tão distinctamente, que conheciam sem nenhuma duvida ser José o mais amado: *Videntes quod a patre plus cunctis amaretur?* Viram-no pelos effeitos: *Fecit ei tunicum polymitam.* Fez Jacob a José uma tunica variada, de côres mais nobre que aos outros; e este foi o signal manifesto por onde conheceram a differença. Quereis vêr como os Carmelitas são os Josés da Virgem Maria? Olhae para aquelle escapulario que teem

nas mãos, que a mesma Senhora lhes deu e fez só para elles. *Fecit ei tunicam polymitam.* Aquellas duas fachas com que a Senhora variou o habito branco de Elias são o caracter de seu amor, e o signal visivel de serem estes filhos, entre todos os outros, os seus.

E por isso foram invejados.

Bem sei que não foi só José o invejado pela singularidade do vestido. Muitas linguas e pennas houve que quizeram escurecer e impugnar esta gloria e despir d'ella aos religiosos carmelitas, como os invejosos irmãos despiram a tunica a José. Mas em fim lhes tapou a bocca a Egreja com tantas bullas dos Summos Pontifices. Declararam e confirmaram esta verdade Alexandre V, Clemente VII, Paulo III, Paulo V, Gregorio decimo-tercio e outros; e primeiro que todos João XXII, ao qual appareceu a mesma Senhora e lhe revelou que sería promovido ao pontificado com condição e promessa que confirmaria a certeza e privilegios de seu escapulario, a que o mesmo Pontifice chama: *Habitus sancti signum.* Quiz a Virgem depois de dar esta prenda aos carmelitas tornal-a a reconhecer por sua e dizer com Jacob: *Haec est tunica filii mei:* esta, esta é a tunica dos meus filhos. Que muito logo que hajam invejosos! Elles são os filhos «mais queridos» da Virgem e a sua tunica é a primeira em respeito de todos os outros filhos.

Os mysterios da capa que Elias deixou a Eliseu.

No cap. 19.º do 3.º livro dos Reis lançou Elias o manto sobre Eliseu, que foi deitar-lhe o habito da sua religião, como dizem grandes expositores d'aquelle logar, e se provou logo com a renunciação que Eliseu fez de seus bens, e da casa de seu pae, seguindo sempre e obedecendo a Elias. D'alli a tempos, como se conta no 4.º livro, cap. 9.º, despediu-se Elias de Eliseu dizendo-lhe que pedisse o que queria; e pediu que se dobrasse n'elle o seu espirito: *Fiat in me spiritus tuus duplex.* Respondeu Elias que era cousa difficil o que pedira; mas que lhe sería concedida com condição que o visse quando se ausentasse d'elle: *Si videris me quando tollar a te.* Apparece n'isto o carro de fogo; vôa Elias pelos ares; rasga Eliseu as suas vestiduras; e depois levantou e tomou para si a capa de Elias que lhe tinha caido lá de cima, quando ia voando: *Levavit pallium Eliae quod ceciderat ei.* Infinitas cousas havia que ponderar n'este famoso successo. Primeiramente parece demasiado desejo e ainda atrevimento pedir Eliseu o espirito de Elias dobrado: quanto mais que nem elle lhe podia dar o seu espirito, e muito menos o que não tinha. E se Deus lhe havia de dar esse espirito, que importava que Eliseu visse ou não visse a Elias depois de arrebatado e partido? E se lhe queria dar a capa, porque lh'a não deu na terra em quanto estava com elle?

Esta capa foi figura do escapulario.

Tudo isto não foi mais que uma figura prophetica do que depois havia de succeder a religião carmelitana que em Eliseu como em cabeça se representava. Pediu propheticamente Eliseu que se lhe dobrasse o Espirito; porque o espirito que tinha recebido na lei escripta se lhe havia de dobrar e aperfeiçoar na lei da graça; mas não por meio de Elias «senão por meio da Virgem.» Era pois o mysterio representado propheticamente n'esta figura, que os successores de Elias haviam de receber outra vestidura e que com ella se lhes havia de dobrar o Espirito: como succedeu com o sagrado escapulario. Por isso esta segunda vez não foi dada a vestidura na terra, senão caida do céu. E por isso Elias pediu a condição de que o vissem depois de partido: porque se os carmelitas se não conservassem no mesmo instituto, tendo sempre a Elias deante dos olhos, não mereceriam este favor da Mãe de Deus, nem a mesma Senhora os visitaria no monte Carmelo, como visitava frequentemente; nem elles no mesmo logar lhe edificariam. ainda antes de sua assumpção o primeiro templo. E por isso signalados com o caracter e divisa de sua Mãe, como filhos especiaes, singulares e mais seus e distinctos do todos os outros.

A filiação adoptiva e a natural.

V. Parece-me que temos satisfeito á evidencia d'esta gloriosa especialidade e differença; e só nos resta mostrar a razão e fundamentos d'ella que não serão menos gloriosos. A filiação adoptiva, como se funda não em caso ou fortuna da natureza, senão em eleição do juizo e da vontade, necessariamente suppõi merecimento; e quanto o juizo é mais sublime e a vontade mais recta, tanto maior merecimento suppõi. Pergunto: Qual a maior prerogativa e maior excellencia; ser filho natural ou filho adoptivo? A adopção é supplemento da natureza: logo parece que maior e mais excellente é ser filho por natureza, que por adopção. Comtudo, considerando-se a filiação relativamente ao juizo e vontade dos paes, é necessario confessar que o filho adoptivo tem geralmente alguma maior prorogativa que o filho natural. No filho natural funda-se a preferencia na filiação: no adoptivo funda-se a filiação na preferencia. O filho natural ama-se porque é filho: o adoptivo é filho porque se ama. Ser natural é fortuna; ser adoptivo é merecimento. A razão de toda esta differença é, porque os filhos naturaes são partos da natureza: os adoptivos são filhos da eleição. Nos primeiros não tem parte a vontade nem o juizo: nos segundos tudo é juizo e tudo vontade. Quanto vai da sorte á escolha, tanto vai de uns filhos a outros. Se os paes escolheram os filhos, muitos haviam de trocar os seus pelos alheios e talvez antes não quereriam ter filhos que taes filhos. Nos filhos adoptivos é pelo contrario; porque

como o escolher este ou aquelle depende da nossa eleição, da nossa vontade, do nosso juizo; muito errado será o juizo e a vontade de quem não escolher o melhor de todos, o mais excellente, o mais digno: *Non est dignus adoptari nisi qui fortissimus meretur agnosci*, disse Cassidoro. E a razão que logo dá é a mesma differença que diziamos: *In sobole frequenter fallimur, ignoti autem esse nesciunt quos judicia pepererunt*. Qual é logo ou quaes são os merecimentos por cuja singularidade e grandeza mereceram os filhos da religião carmelitana ser preferidos e antepostos a todos os outros na eleição da Mãe de Deus? Confesso que em materia tão grave e em que todas as sagradas religiões podem allegar tantos e tão illustres titulos de merecimentos, de obsequios, de devoção e de serviços tão particulares feitos á Virgem Santissima, não me soube por muito tempo resolver até que o mesmo evangelho «na segunda clausula do texto citado» me guiou a acertar com a verdadeira razão ou a que eu tenho por tal: «*Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*. Os carmelitas foram os primeiros que ouviram a palavra de Deus na observancia dos conselhos evangelicos: eis, se me não engano, o fundamento da preferencia.»

Os carmelitas preferidos na adopção porque foram os primeiros que seguiram os conselhos evangelicos.

A religião carmelitana, havendo começado mais de mil annos antes das mais antigas, teve dous tempos e duas edades: uma depois e outra antes de Christo. Depois de Christo foi tão perfeita como qualquer das outras da lei da graça: antes de Christo teve toda a perfeição que permittia aquelle tempo e aquelle estado; e esta circumstancia de ter começado antes e tanto antes de Christo é uma prerogativa que a faz unica e singular e incomparavel na mesma similhança em que se funda a sua preferencia. As outras religiões foram similhantes a Christo por imitação de Christo; os carmelitas foram similhantes a Christo antes de haver no mundo Christo a quem imitar. As outras religiões por conseguinte ouviram a palavra de Deus e guardaram-na depois que Christo a prégou: porque primeiro Christo prégou os conselhos evangelicos em que consiste a perfeição religiosa e depois os seguiram e abraçaram os fundadores das outras religiões e se consagraram ao serviço de Deus, debaixo de seus titulos. Porém a religião carmelitana e seus antiquissimos e sanctissimos fundadores, ainda Christo não tinha prégado nem ensinado ao mundo a perfeição e alteza dos conselhos evangelicos, e já elles os guardavam com religiosissima observancia: ainda Christo não tinha prégado o desprezo do mundo e já elles tinham deixado o mundo: ainda não tinha prégado a pobreza e já elles por voto eram pobres: ainda não tinha prégado a castidade e a obediencia e já elles por voto eram castos e

obedientes. Emfim Christo não tinha prégado nem aconselhado o estado de religião e já elles eram religiosos. Dos anjos diz David uma cousa notavel: *Facientes verbum illius ad audiendam vocem sermonum ejus*: que fazem a palavra de Deus para a ouvirem. Não intendo, ou os termos estão trocados. Parece que havia de dizer: Os anjos ouvem a palavra de Deus para a fazerem; e não: Os anjos fazem a palavra de Deus para a ouvirem; porque primeiro é ouvir o que Deus manda e depois fazel-o. Pois, porque diz que fazem para ouvir, e não ouvem para fazer? Porque é tão grande a promptidão e a diligencia com que os anjos executam a palavra de Deus que parece que primeiro a fazem do que a ouvem: no mesmo instante ouvem e executam. Assim se intendem estas palavras, nem admittem outro sentido nos anjos do céu: porém nos anjos do Carmelo, sim; porque verdeiramente executaram a palavra de Christo antes de a ouvirem; e não só antes, senão oitocentos annos antes: que tantos precedeu Elias a Christo. Oitocentos annos antes de se ouvir no mundo a palavra de Christo, já no Carmelo se guardava o Evangelho: *Facientes verbum illius ad andiendam vocem sermonum eius*. Ainda a palavra de Christo não era ouvida e já era executada: ainda a palavra de Christo não tinha voz e já tinha obediencia: ainda a palavra de Christo não era palavra; e já era obra.

Ps. 102

Aperfeiçoou Christo o que Elias já tinha começado. Matth. 15

VI. «Lembra-me n'este proposito» um dos mais difficultosos logares do evangelho e mais dignos de observação. Ninguem cuide de mim, diz Christo, que vim desfazer a lei e os prophetas; porque a vim guardar e cumprir: *Nolite putare quoniam veni solvere legem aut prophetus: non veni solvere sed adimplere*. É certo que Christo veio desfazer a lei; porque em logar da lei escripta veio substituir a lei da graça. Pois se Christo veio desfazer a lei; como diz que a não veio desfazer, senão que a veio cumprir? Eu o direi; dae-me attenção. A lei de Moysés (não fallando na parte judicial que não pertence aqui) tinha duas partes: a cerimonial e a moral. A ceremonial, essa foi a que Christo desfez, como se desfaz a sombra com a luz, a figura com o figurado, a promessa com o promettido e a esperança com a posse. A parte moral não a desfez Christo, antes a aperfeiçoou e de dous modos: o primeiro declarando e tirando os abusos com que os phariseus a tinham depravado: o segundo accrescentando-lhes os conselhos evangelicos, não como necessidade de preceito, mas como ornamento e coroa da mesma lei para os que livremente a quizessem alcançar. E porque a religião dos prophetas, isto é, Elias e seus successores tinham dado principio (ainda que em menor perfeição) aos mesmos con-

selhos e Christo observou e guardou uma e outra cousa, por isso disse: *Non veni solvere legem aut prophetas, sed adimplere.* Oh! grande gloria d'esta religião, grande, singular, ineffavel! Que vindo Deus ao mundo a desfazer a lei não desfaça mas guarde e aperfeiçoe as leis e o instituto dos carmelitas! Esta é a differença que vai d'esta sagrada religião ás nossas. Nós caminhamos por onde Christo pizou e Christo pizou por onde os professores do Carmelo tinham pizado.

E que tambem era obra de Christo.

Nem cuide alguem que é ou póde parecer contra a dignidade e suprema primazia de Christo esta precedencia de tempo. Porque toda essa virtude, todo esse exemplo, toda essa luz, ainda que antecedente, foi derivada do mesmo Christo. A luz, a sabedoria, a virtude, a graça, o exemplo e o instituto da vida de todos os homens sanctos ou os que vieram antes ou os que se seguissem depois, em qualquer tempo, e em qualquer logar tudo manava d'aquella suprema fonte, tudo eram raios d'aquelle sol, e tudo effeitos d'aquella suprema causa que é Christo. Todas as religiões vieram ao mundo depois do Christo: a carmelitana abraçou ambos os tempos; porque era antes e foi depois; quando imitou e quando não tinha a quem imitar, quando seguiu e quando não tinha a quem seguir: quando ouviu e quando não tinha ouvido, sempre foi inspirada movida e anticipada de Christo. Oh com quanta gloria e com quanta propriedade se pode dizer d'esta sagrada familia: *Permanebit cum sole et ante lunam:* sempre com o sol, mas antes da lua. Sempre com o sol, porque ambos os tempos e ambos os estados sempre foi allumiada de Christo: mas antes da lua, porque no primeiro tempo e no primeiro estado foi antes da Virgem Sanctissima. Mas por serem antes da Mãe nem por isso deixaram de ser sempre seus filhos. Antes por isso mesmo mais proprios e mais singulares filhos e mais parecidos ao seu Primogenito: porque é prerogativa unica d'esta soberana Mãe ser Mãe de filhos que já eram antes de ella ser. Foi Mãe d'estes filhos que já eram em tempo, assim como foi Mãe do Filho que era desde a eternidade, *Beatus venter qui te portavit: beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud..*

Ps. 72

A Virgem adoptou os carmelitas por serem mais similhantes ao seu Primogenito.

«Em fim,» governou-se a Mãe de Deus no decreto da eleição e adopcão d'estes bemdictos filhos pelas mesmas idéas das eleições e decretos divinos. Como decretou Deus *ab aeterno* os seus filhos adoptivos? Disse-o S. Paulo no cap. 8.° da Epist. *ad Romanos. Quos praescivit et praedestinavit conformes fieri imaginis Filii sui ut sit ipse primogenitus in multis fratribus,* Os que Deus predestinou para filhos adoptivos, predestinou-os tambem para serem similhantes e conformes a seu filho natural;

para que o filho natural seja o primogenito e os adoptivos segundos. De maneira que, como os filhos do mesmo Pae todos são irmãos, é bem que sejam parecidos e similhantes; e como Christo, que é o primogenito, é tambem o exemplar dos demais, para que os adoptivos, que são os segundos, lhe sejam similhantes, é necessario que se retratem por elle e se conformem com elle: porque de outro modo seriam irmãos e não seriam parecidos. Esta é a fórma dos decretos de Deus nas suas eleições; e tal foi o da Virgem n'esta sua: só com esta differença que Deus faz similhantes aos que quer adoptar por filhos; e a Senhora adoptou por filhos aos que achou similhantes. Elias lhes comunicou com o espirito de Deus a similhança e a Senhora a adopção: mas adopção fundada n'esta mesma similhança: *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.*

Digressão para o Sanctissimo Sacramento.

VII. Tenho acabado o meu discurso: mas direis com muita razão, que mal acabado. Pois tendo honrado esta solemnidade com sua presença o divinissimo Sacramento e sendo a primeira e principal parte d'ella não teve parte no sermão. Não me tenhais por tão descuidado. A este fim ficaram reservadas e intactas aquellas duas palavras do thema: *Et ubera quae suxisti.* E não hão de vir desatadas do discurso.

Allegoria do pão milagroso dado a Elias.

Os filhos primeiros já sabeis que teem obrigação de dar alimentos aos filhos segundos, e esses alimentos conforme a sua qualidade, a sua nobreza, o seu estado. E como os religiosos carmelitas são irmãos segundos de Christo por parte de sua Mãe, era obrigado Christo a lhe dar alimentos que fossem dignos de filhos da Mãe de Deus. Pois que alimentos haviam de ser estes, senão o mesmo Deus dado em alimento? «Vede-o» no primeiro carmelita que tomou em figura a posse d'elles. Fugiu Elias para o deserto, lançou-se ao pé de uma arvore, adormeceu; accordou-o um anjo, e deu-lhe pão para que comesse. Comeu Elias, tornou a adormecer, e tornou o anjo a accordal-o e a dar-lhe mais pão; e comeu outra vez. É commum allegoria dos padres que este pão representava o sanctissimo Sacramento. E ser o pão dado por modo de alimento as circumstancias o mostram: porque o comeu Elias sem lhe custar nenhum trabalho nem cuidado. O irmão maior é o que tem o cuidado e o trabalho dos alimentos: os filhos segundos põem-lhe alli os seus alimentos limpos e seccos: comem e dormem. Mas quando lhe deram a este grande carmelita o Sacramento em alimento? No deserto e á sombra de uma arvore. O deserto, diz Hugo cardeal significava o retiro do mundo; a arvore significava a cruz. O deserto já o havia, porque já Elias o professava: a cruz não a havia ainda, porque Christo ainda não era nascido. Mas os ali-

mentos do Sacramento não se deram a Elias senão depois que elle esteve no deserto e á sombra da cruz; porque não haviam de lograr os carmelitas estes alimentos, em quanto filhos de Elias, senão em quanto irmãos de Christo; não pela geração passada de seu pãe, senão pela filiação futura de sua Mãe: *Beatus venter qui te portavit, et ubera quae suxisti.*

Os louvores da religião do Carmo se extendem proporcionadamente a todas as religiões. Versos de Bapt. Mantuano.

Agora tenho acabado. Se disse pouco, quem elegeu o prégador me desculpa. Se fui largo, assás castigo é dizer pouco e não ser breve. E se acaso alguem das sagradas religiões que me ouvem (e das que me não ouvem tambem) tem alguns embargos ao que disse, ainda me fica com que responder a quaesquer artigos de nova razão. Mas a melhor e ultima seja conhecermos todos que o que se diz da sagrada religião do Carmo, sendo particular, «não deixa de ser, em algum modo,» commum; e sendo prerogativa propria d'esta religião, é gloria de todas. Quem hoje para louvar a Christo disse: *Beatus venter*, sabia que o louvor da Mãe, é louvor dos filhos. Este é o exemplo que segui, suppondo, como verdadeiramente é, que todos somos filhos d'este instituto e todos descendemos d'elle. Assim o diz S. Jeronymo. S. Macario. Sancto Isidoro, S. Bernardo. Não refiro as palavras de cada um por não ser mais largo: mas fiquem ao pé do monte Carmelo as de Baptista Mantuano que «elegante e religiosamente» as ligou e resumiu n'estas regras.

Illinc perpetuis ceu missi e fontibus omnes
Religio et sacri fluxit reverentia cultus.
Quidquid habent alii montes pietatis ab isto
Ducitur: hac una plures e vite racemi
Diffusi, late terras atque aequora complent.
Hinc carthusiacis aeterna silentia claustris:
Hinc varias Benedictus oves collegit: ab isto
Cannabe nodosa tunicas arcere fluentes
Lignipedes didicere viri quique arva colebant
Invia et assiduo terras ardore calentes;
Et quos Cyriacus de littore vexit Ibero
Hinc orti, sanctum et summo genus ordine dignum
Hinc nostri venere patres.

E como d'esta sagrada e primitiva religião manaram e se propagaram todas as outras como troncos da mesma raiz, como rios da mesma fonte, e como raios do mesmo sol; o que só resta, é, que todos demos o parabem á soberana Mãe de taes filhos e aos bemdictos filhos de tal Mãe: *Beatus venter qui te*

portavit. E que intendam todas e cada uma das outras religiões e se persuadam, que tanto maior parte terão nas mesmas glorias, quanto mais e melhor observarem o que elles guardaram. *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*.

(Ed. ant. tom. 3.º pag. 24. Ed. mod. tom. 6.º pag. 285.)

SERMÃO DO GLORIOSISSIMO PATRIARCHA S. JOSÉ **

PRÉGADO NA CATHEDRAL DA BAHIA NO ANNO DE 1639

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—O estylo do sermão é mais escholastico que oratorio; o assumpto, porém, é muito digno de attenção por ser o fundamento de todos os louvores do sancto Patriarcha.

Cum esset desponsata mater Jesu Maria Joseph.
S. MATTHEUS. 1.

As duvidas de S. José e o proposito do auctor.

Todos os prégadores n'este dia, accomodando-se, como devem, á historia do evangelho, tractam dos zelos e duvidas de S. José meu Senhor. Eu como o menor de seus servos, pela obrigação com que devo zelar sua maior honra, não determino fallar nas suas duvidas; mas, quanto fôr possivel á fraqueza do meu discurso, fazer indubitavel e certo o que muitos atégora se não atrevem nem a duvidar.

O mais alto casamento na casa de um pobre official.

As vodas já passadas não de Maria, filha de Joaquim, mas de Maria, Mãe de Jesus, com José, refere com ponderosa energia no texto que ouvimos cantar, o evangelista S. Mattheus: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph*. Digo com ponderosa energia; porque não haverá intendimento tão rude, que não pasme, considerando um tal casamento e em tal casa. O casamento é tão alto, que não é menos que a Mãe do proprio Deus; e a casa tão humilde, como de um pobre official, que com o trabalho de suas mãos e o suor de seu rosto, lavrando lenhos seccos e sem raizes, d'elle recolhia o duro pão, com que sustentava a propria casa.

Para dizer, pois, o que intendo, é-me necessario «advertir que» quando Christo Redemptor nosso vivia n'esta «casa» foi reputado por filho de José, como notou S. Lucas: *Ut putabatur filius Joseph*. Uns diziam isto sem malicia; porque assim o intendiam; ou-

tros maliciosamente por desprezo e para abater e affrontar o Filho com o officio do Pae: *Nonne hic est fabri Filius*? Depois correndo tempo e dando o mundo as voltas, que com todas as cousas costuma, esta mesma que dantes se reputava por injuria de Christo, chamando-lhe Filho de José, se converteu em louvor do mesmo José, contando-se até hoje por uma das suas prerogativas mais singulares. Assim o reza o hymno do mesmo sancto: *Jesu Christi Domini Pater nuncupatus*. Porém como este nome é contrario á sua propria significação, e em ser sómente reputado por Pae de Christo, se suppõi e affirma que o não era; que dirão os que sabem que a essencia ou a energia e alma do louvor não consiste na opinião ou nas vozes, senão na realidade solida do que é ou não é? Chegados á precisão d'este poncto já sou obrigado a me declarar e dizer o que sinto. Digo, pois (e este será o meu assumpto) que «ainda que Jesus Christo é fructo só do ventre virginal de Maria, segue-se comtudo das suas vodas com S. José que este» não só foi pae putativo, se não verdadeiro e legitimo Pae de Jesus Christo. Não faltará quem chame a esta proposição demasiada ousadia: mas se a provarmos, não ha duvida que será um grande louvor de meu Senhor S. José. O Espirito Sancto que é Esposo da mesma Esposa de S. José nos favorecerá com a graça que lhe pedirmos por sua intercessão. *Ave Maria*.

S. José foi descendente de David. Provas historicas e evangelicas. *Luc.* 2 *Ibid.* 1 *Matth.* 1

II. Para prova do que disse, supponho duas cousas. A primeira que S. José foi verdadeiro e legitimo filho, isto é descendente, de David. Consta authenticamente para todo o mundo pelo livro da matricula dos romanos; e para os que creem no evangelho, pelo de S. Lucas, quando por obedecer José ao edicto de Augusto Cesar foi pagar o tributo a Belem, cidade de David: *Eo quod esset de domo et familia David*: porque era da casa e familia de David. O mesmo evangelista, narrando a embaixada de S. Gabriel, diz que veiu á cidade de Nazareth enviado por Deus a uma Virgem desposada com um varão da casa de David, por nome José: *Ad Virginem desponsatam viro cui nomen erat Joseph de domo David*. E no nosso evangelho o anjo que revelou a S. José o mysterio da Incarnação, ou fosse o mesmo ou outro, expressamente o nomeia por Filho de David: *Joseph, fili David, noli timere*,

O seu matrimonio com a Virgem foi verdadeiro e legitimo e celebrado antes da Incarnação do Verbo. *Ibid.* 1

A segunda, que supponho, é que o matrimonio de S. José com a Virgem Maria Senhora Nossa, foi verdadeiro e legitimo matrimonio, celebrado antes da conceição do Verbo divino. Esta ultima circumstancia duvidaram alguns auctores nas palavras do nosso texto: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph*; nas quaes palavras chamar-se a Senhora desposada, parece que

significa sómente desposorios de futuro e não consenso mutuo por palavras de presente; em que consiste a essencia do matrimonio. Mas o contrario se declara e convence do mesmo texto por duas clausulas affirmativas, manifestas e expressas; uma com que o evangelista S. Mattheus no mesmo tempo dá a José o nome não de Esposo, senão de marido: *Joseph autem vir eius cum esset justus*; e outra, com que o anjo nomeia a Senhora com a palavra *conjux*, que significa mulher legitima e casada: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam.*

Recebeu elle á Virgem duas vezes como Jacob a Rachel.

Não quero passar sem reparo o termo *accipere*; e dizer o anjo a S. José que não tema de receber a Senhora, alludindo á deliberação em que estava de a deixar occultamente: *Voluit occulte dimittere eam.* Onde se vê que as vodas de S. José com a Virgem foram as de Jacob com Rachel, a qual elle recebeu por duas vezes: uma vez sem saber o que recebia, de que se lhe seguiu aquella sua grande tristeza: e outra vez, sabendo e vendo claramente que era Rachel, com os extremos de alegria e festa de que era merecedora. Do mesmo modo S. José. A primeira vez estando já a Senhora levantada sobre todas as creaturas á dignidade suprema de Mãe de Deus, recebeu-a sem saber o que era, como Filha de Joaquim. Mas a segunda vez? Oh homem mais venturoso e bemaventurado de todos os nascidos! Recebeu-a a segunda vez com aquelle assombro e com aquelle pasmo de ter concebido em suas entranhas o Verbo Eterno por virtude do Espirito Sancto; e que sendo ella tal, os mesmos anjos que a adoravam como Rainha, lhe chamavam mulher sua: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam.*

É por decencia que S. José e a Virgem se chamam Esposo e Esposa e não marido e mulher.

Provada esta supposição de ser verdadeiro e legitimo matrimonio o da Virgem Sanctissima com S. José, verdadeiro e legitimo Filho e descendente de David; sobre estas duas premissas, passaremos á conclusão da nossa proposta. E só advirto, para que a equivocação dos nomes não faça duvida, que sendo os proprios extremos do verdadeiro e legitimo matrimonio, mulher e marido, em que necessariamente havemos de fallar; eu usarei commummente da palavra Esposo e Esposa, assim para maior reverencia de uma tão sagrada união de ambas as partes virginal, como porque o evangelista S. Mattheus no texto do nosso tema usou da mesma urbanidade, não dizendo *Conjugata* ou *Nupta*, senão *Desponsata: Cum esset desponsata Mater Jesu Mara Joseph.*

Jesus é Christo, é Ungido por herdeiro do throno de David porque é filho de S. José. *Vide Corn.' l. c.*

III. Chegando, pois, já a prova do nosso grande assumpto (que como medrosa parece que tem tardado) digo assim: S. José foi verdadeiro e legitimo filho de David: o matrimonio de S. José foi verdadeiro e legitimo matrimonio, para que Christo po-

desse herdar o throno do mesmo David:» logo S. José foi verdadeiro e legitimo pae de Christo. Para confirmação d'esta consequencia não tenho menos auctores que dous evangelistas S. Mattheus e S. Lucas. S. Mattheus assentando por primeiro fundamento do seu evangelho a genealogia de Christo Senhor Nosso diz: *Liber generationis Jesu Christi, Filii David:* livro da geração de Jesus Christo, Filho de David. E depois de referir quarenta e uma gerações todas de pae a filho até José, fecha o mesmo livro com esta clausula: *Jacob autem genuit Joseph virum Mariae, de qua natus est Jesus qui vocatur Christus:* Jacob gerou a José esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama Christo. Mas se Jesus que se chama Christo de tal sorte nasceu da Virgem Maria, que José não teve parte alguma na sua geração; como mette S. Mattheus a José na genealogia de Christo e nomeadamente como Esposo de Maria: *Joseph virum Mariae*? A resposta d'este fecho, que em outro tempo foi não pouco difficultosa, hoje é facil; mas dependente de muitas circumstancias e noticias.

Sabido era entre os hebreus que S. José e a Virgem e por conseguinte o seu Filho eram da familia de David. *Matth.* 21 *Id.* 13

A primeira, que a Virgem Maria era unica herdeira da casa de seus paes. A segunda que as herdeiras assim unicas eram obrigadas a casar com tal esposo, que fosse não só do seu tribu, senão da sua propria familia. A terceira que a exacta derivação d'estas descendencias se havia de fazer pela linha ou via masculina e não pela feminina, como o evangelista fez a de S. José. E de toda esta juncta e concurso de condições (que n'aquelle tempo eram publicas) concluiu S. Mattheus a verdade da sua proposta, que era a geração de Christo Jesus, d'esta maneira: Jesus Christo foi Filho de Maria: Maria foi do mesmo tribu e familia de José; José foi do tribu e familia de David: logo Jesus Christo que nasceu de Maria foi Filho de David. Disse que estas condições n'aquelle tempo eram publicas, para dar a razão de S. Mattheus as não referir, mas suppor reduzidas a tres palavras *Joseph virum Mariae*. E a razão é, porque S. Mattheus escreveu em hebreu e para os hebreus; entre os quaes o ser Christo Filho de David era cousa tão vulgar, que a sabiam os meninos, os quaes, quando entrou em Jerusalem, o receberam cantando: *Hosanna Filio David.* E não só os hebreus, senão tambem os gentios o não ignoravam, como a cananea: *Miserere mei, Domine, Fili David.* E até os cegos, como o da entrada de Jericó, o qual sentindo tropel de gente, perguntou quem era; e respondendo-lhe que era Jesus Nazareno, chamando por elle, não disse: Jesus Nazareno, senão, Filho de David: *Fili David, miserere mei.*

Só de S. José podia herdar o Salvador o throno de David.

Prova-se com a genealogia de S. Mattheus.

IV. Até aqui não apparece ainda a minha consequencia: mas

ha de ser tambem minha a duvida. Reparo em não só dizer o evangelista: *De qua natus Jesus;* mas accrescentar: *Qui vocatur Christus.* Para declarar que Jesus era Filho da Virgem Maria e a Virgem Maria Mãe sua, bastava dizer: *De qua natus est Jesus,* que era o seu proprio nome. Assim o nomeou o anjo á Virgem antes de ser concebido: *Vocabis nomen ejus Jesum.* Assim, depois de concebido, a S. José pelas mesmas palavras: *Vocabis nomen ejus Jesum.* E finalmente no dia da circumcisão que andava juncta com a imposição dos nomes: *Vocatum est nomen ejus Jesus.* Pois se o seu nome proprio era Jesus; porque lhe accrescenta o evangelista S. Mattheus o de Christo, *qui vocatur Christus?* É necessario distinguir em Jesus o ser Jesus e o ser Christo; e do mesmo modo na Virgem o ser filha de David e o ser Esposa de José. Porque para Christo ser Jesus bastou ser Filho de Maria; mas para Jesus ser Christo era necessario que Maria fosse Esposa de José. Declaremos o que está encerrado n'esta notavel complicação. Christo quer dizer Ungido; e foi ungido não só por «verdadeiro» rei; senão nomeadamente por «verdadeiro» rei do reino e sceptro de David; o qual por isso entre tantos outros reis d'esta genealogia, elle só se chama rei: *David autem rex.* A successão e gerança d'este reino foi o principal fim e intento do livro da heração, que escreveu o evangelista S. Mattheus, não só do Filho de David Jesus, senão de Filho de David Jesus e Christo junctamente: *Liber generationis Jesu Christi Filii David.* E porque esta successão e herança não pertencia á pessoa da Virgem Maria, senão á de José, successor e legitimo herdeiro do sceptro de David (como dizem graves auctores, e se infere efficazmente do mesmo texto); esta é a forçosa razão, por que foi necessario o verdadeiro e legitimo matrimonio entre José e Maria; para que Christo como prole do mesmo matrimonio podesse ser herdeiro de José, como foi: *Jesus Nazarenus Rex Judeorum:* Rei e pelo matrimonio de Nazareth. D'onde se segue, que assim como o mesmo Christo por beneficio do matrimonio de sua Mãe teve legitimo direito filial para herdar a José como seu Filho; assim José teve o direito paterno tambem legitimo para o fazer seu herdeiro como pae.

Matth. 1
Luc. 1
Ibid. 2
Joan. 19

Prova-se com a historia da Annunciação.

Entre agora o evangelista S. Lucas, e ponha admiravelmente o sello a esta consequencia. Introduzindo S. Lucas a embaixada do anjo á Virgem, fallou com esta formalidade de termos: Foi mandado o anjo Gabriel por Deus á uma cidade de Galiléa por nome Nazareth, a uma virgem desposada com um varão por nome José da casa de David; e o nome da Virgem era Maria: *Missus est angelus Gabriel a Deo in civitatem Galilææ, cui*

Luc. 1

nomen Nazareth, ad virginem desponsatam viro, cui nomen erat Joseph, de domo David, et nomen Virginis Maria. Pois se o evangelista foi tão exacto em declarar o nome da provincia, da cidade, do Varão e da Virgem, e ao nome do Varão accrescentou a familia e descendencia; porque o não accrescentou tambem ao nome da Virgem? O Varão e a Virgem ambos eram da familia de David; porque não declarou logo que a Virgem era tambem da mesma familia? Digo mais que havendo de declarar a familia de um só dos dous contrahentes esta havia de ser a da Virgem e não a do Varão; porque só a Virgem havia de ser a Mãe do Filho annunciado e o Varão não: *Quoniam virum non cognosco.* Pois, outra vez, se o Varão não havia de ter parte no Filho e todo havia de ser da Virgem, porque declara a familia do Varão e a da Virgem não a declara? Porque tanto importava a S. Lucas para a consequencia da sua historia declarar uma como não declarar outra. E qual foi a consequencia? *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus.* Havia de dizer o anjo, como disse á Virgem, que ao Filho annunciado lhe daria Deus o throno e sceptro de seu Pae David; e como este sceptro e a herança d'elle pertencia a Christo, não pela descendencia da Virgem, senão pela do Varão que era José, por isso ao nome de José ajunctou o da familia de David: *Cui nomen erat Joseph de domo David.* Como se dissera: O Filho ha de ser da Mãe; mas o sceptro ha de ser do Pae: o Filho ha de ser da Virgem; mas o sceptro ha de ser do Varão: porque pela herança do Varão, o Filho de Maria não só será Jesus, que quer dizer Salvador, senão Christo, que quer dizer Rei: *Jesus qui vocatur Christus;* e isto é o que quiz provar S. Mattheus no seu livro quando disse: *Liber generationis Jesu Christi Filii David.*

Uma observação.

V. Aqui se devia notar, que nenhum evangelista diz expressamente que a Virgem era descendente de David; e todos expressivamente e em muitos logares o repetem de José; porque a elle direitamente pertencia o jus hereditario e legitimo direito do reino de David. Mas deixadas as consequencias, vamos a testimunhos dos mesmos evangelistas, em que com evidencia se prova ser o gloriosissimo José verdadeiro e legitimo Pae de Christo.

Por todas estas razões no evangelho de S. Lucas S. José é chamado tres vezes Pae de Christo.

Quando a Virgem Sanctissima e seu Esposo S. José levaram a Christo menino ao templo de Jerusalem a ser presentado, conforme a lei, diz o evangelista que o introduziram seus Paes: *Cum inducerunt Jesum Parentes ejus.* E quando refere que todos os annos pela paschoa tornavam ao templo, lhes chama segunda vez Paes: *Et ibant parentes ejus per omnes annos in Jerusalem in die solemni paschae.* E depois que foi de edade de

doze annos na mesma jornada em que o perderam e não acharam, terceira vez lhe torna a dar o mesmo nome de Paes seus: *Remansit puer Jesus in Jerusalem et non cognoverunt parentes ejus*. E se quizermos ver os dous sanctissimos Esposos, até aqui comprehendidos debaixo do nome commum de Paes, distinctos e divididos cada um com o seu proprio de Pae e Mãe; com esta distincção e propriedade os nomeia o mesmo evangelista, quando refere que ouvindo a Simeão, se admiravam do que prophetizava d'aquelle Menino: *Et erat Pater ejus et Mater mirantes super his quae dicebantur de illo*. Agora pergunto e haja quem me responda: Quando os evangelistas a um e a outro Esposo, lhes chamavam ou em commum Paes, ou em particular, a José Pae e a Maria Mãe de Christo, em que sentido fallavam? Por ventura no sentido vulgar, em que o povo ignorante do mysterio, reputava a José por pae de Christo, e erradamente lhe dava este nome? De nenhum modo: porque no tal caso diriam os evangelistas uma cousa não só falsa (o que não póde ser), mas injuriosa á Virgem, a seu Filho, a seu Esposo e á mesma verdade do Evangelho. É certo logo e infallivel que o sentido em que fallavam os evangelistas era o verdadeiro e proprio, conforme a realidade do que as suas palavras significavam. E assim como estas eram proprias, certas e verdadeiras, quando chamavam a José *Pater ejus*, assim José «ainda que não fôsse pae natural» era proprio, certo e verdadeiro pae de Christo. «Finalmente» quando a Virgem sanctissima Senhora Nossa e S. José, depois de haverem perdido o Menino de doze annos o acharam no templo. disse-lhe a Mãe Sanctissima com palavras muito suas: *Fili, quid fecisti nobis sic? Ecce Pater tuus et ego dolentes quaerebamus te*: Filho, e que é isto, que nos fizestes? Eis-aqui vosso Pae e eu que ha muito vos andamos buscando com grande dor. De sorte que da mesma bocca da Mãe de Christo é José chamado Pae de Christo: *Ecce Pater tuus et ego*. Onde se deve notar muito que os tres, entre os quaes se repartia este colloquio. Jesus, Maria e José todos sabiam o mysterio e segredo da Incarnação de Christo, para não ser necessario usar de alguma metaphora, ficção ou cautela. José sabía que não tinha parte alguma na conceicão do Filho: o Filho sabia que todo unicamente era de sua Mãe: a Mãe sabía que fôra concebido pelo Espirito Sancto. E que a mesma Mãe, fallando com o mesmo Filho chamasse a José seu Pae: *Ecce Pater tuus!* Que é isto? É que S. José sem concorrer nem ter parte na geração natural de Christo, não só podia ser, mas realmente era legitimo e verdadeiro Pae do mesmo Christo.

Qual a fonte e quantas as derivações da paternidade. *Ephes.* 3 1 *Cor.* 4

VI. «Mas como era legitimo e verdadeiro Pae de Christo, se

não tivera parte na sua geração natural? Aqui está o poncto da difficuldade: dae-me attenção.» Esta palavra, *Paternitas*, que é paternidade, d'onde se deriva o ser e se significa o nome de pae, só uma vez se acha em toda a Escriptura, que é o capitulo terceiro da epistola aos ephesios: *Hujus rei gratia flecto genua mea ad Patrem Domini nostri Jesu Christi, ex quo omnis paternitas in coelis et in terra:* prostrado de joelhos, diz S. Paulo, dou graças ao Pae de Nosso Senhor Jesus Christo, do qual se deriva toda a paternidade do céu e da terra. De sorte que a primeira e originaria fonte, donde mana toda a paternidade e todo o ser pae em todas as creaturas, é o Eterno Padre. E diz o Apostolo: *Omnis paternitas,* toda a paternidade; porque as paternidades que Deus fez e póde fazer não são uma só, senão muitas, todas legitimas e verdadeiras, cada uma em seu genero. A primeira e natural foi a de Adão e seus filhos. A segunda é a legal da lei velha em que o irmão defunto sem filho era pae legal do que nascia de seu irmão. A terceira é a adoptiva com que Deus nos fez filhos seus e nós lhe chamamos verdadeiramente Pae nosso. A quarta é a da geração espiritual, da qual propriamente fallava S. Paulo e a declarou aos corinthios: *Nam in Christo Jesu per evangelium ego vos genui.*

• Em quantos modos Deus a póde dar na terra e no céu. *Vide Corn. a Lap. in ep. ad ephes. c. 3*

E quanto ás paternidades que Deus pode fazer baste o que disse S. João Baptista mostrando as pedras do Jordão onde baptizava, que d'aquellas pedras poderoso era Deus para fazer filhos de Abrahão: *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahae.* A palavra *Abrahae* no texto original está em dativo. E se de uma pedra póde Deus dar filhos e fazer pae a Abrahão; a um filho de Abrahão, qual era José, porque o não poderá fazer Pae do Filho de uma Virgem? Faz Deus commummente os matrimonios de mulher fecunda, como o de Adão com Eva: fel-os muitas vezes de mulher esteril, como o de Abrahão com Sara e o de Zacharias com Izabel. E porque o não faria uma só vez de mulher virgem, como o da Virgem Maria com seu Esposo José? A primeira paternidade é natural: a segunda é milagrosa: a terceira é sobre toda a natureza e sobre todo o milagre; mas nem por isso impossivel. Torne o texto de S. Paulo com o que n'elle é mais admiravel: *Ex quo omnis paternitas in coelis et in terra.* Diz o Apostolo que do Eterno Padre se deriva toda a paternidade assim no céu como na terra. E no céu póde haver paternidade? A palavra *omnis* e a palavra *ex quo* excluem a paternidade do Padre Eterno: logo no céu ficam só os anjos que não são capazes de geração. Pois se os anjos não são capazes de geração, como suppõi S. Paulo n'elles paternidade? O como sabe-o Deus e tambem o podia saber S. Paulo

que foi ao céu, «e não o extranha S. Jeronymo.» O que a nós nos serve é que os virgens são como anjos; e em um matrimonio tão angelico, como o de José e Maria em que ambos eram virgens, admiravel cousa é, mas não impossivel haver a paternidade com que S. José fosse Pae e com que foi Pae de Christo.

Sancto Agostinho dá a S. José o nome de Pae argumentando da natureza do matrimonio. *Lib. 1. ad Val. t. 7*

E para que vejamos quão verdadeira, quão legitima, quão propria e quão chegada á natural foi esta paternidade de S. José ouçamos ao grande lume da Egreja Sancto Agostinho: *Omne nuptiarum bonum inventum est in parentibus Christi*: todos os bens que teem as vodas se acham no matrimonio dos Paes de Christo. E nomeando-os logo diz: *Prolem, fidem et sacramentum*: a Prole, a fidelidade e o sacramento. E declarando qual é a Prole ou Filho d'este matrimonio: *Prolem* (diz o sancto) *agnoscimus Dominum Jesum Christum:* A Prole e o Filho d'este matrimonio de José e Maria é o Senhor Jesus Christo. Vêde o que diz e o que não diz Agostinho. Não diz que o Senhor Jesus é Prole e Filho da Virgem Maria, senão que é Prole e Filho das vodas e do matrimonio da Virgem Maria com S. José; e porque? Porque ser Filho de Maria é ser Filho da Esposa que é uma só pessoa e essa Mãe; porém ser Filho do matrimonio, que consta da Esposa e do Esposo é ser Filho de duas pessoas e essas mãe e pae, quaes foram Maria e José.

Por isso notam os evangelistas que Christo foi concebido depois do casamento de S. José. *Aug. lib. 1 de cons. evang. c. 1*

Esta é a razão evidente e manifesta no texto sagrado, por que S. Lucas antes da conceição de Christo e S. Mattheus depois do parto, ambos notaram, que antes de nascido e concebido, já as vodas de Maria e José eram celebradas. S. Lucas: *Ad Virginem desponsatam viro cui nomem erat Joseph;* e S. Mattheus: *Joseph virum Mariae de qua natus est Jesus:* porque se fosse antes do matrimonio, seria o Filho só de Maria; mas depois do matrimonio, como Prole do mesmo matrimonio era de ambos. Assim o tornou a notar o mesmo sancto Agostinho em outro logar, como se commentasse o já referido. Dá a razão por que S. Mattheus deduziu a genealogia de Christo por S. José e até S. José: *Joseph virum Mariae. Neque enim fas erat ut ob hoc eum a conjugio Mariae separandum putaret, quod Virgo peperit Christum*. Porque não era licito apartar a José do matrimonio de Maria a titulo de haver concebido a Christo sendo Virgem; porque ainda que ambos eram virgens, a ambos sem mutua communicação podia nascer um Filho, como verdadeiramente nasceu não só a Maria senão a Maria e a José: *Praesertim quia nasci etiam potuit Filius sine ullo complexu carnali, qui solum propter gignendos filios adhibendus est.* Onde muito se deve notar aquella grande palavra *Nasci eis*, nascer a elles; não só á Esposa, senão a ambos os Esposos: não só a ella,

Maria, *De qua natus est;* senão a elle, José, com quem estava desposada: *Joseph virum Mariae.*

A carne que a Virgem deu a seu Filho tanto era sua como a de S. José seu legitimo Esposo. *Joan.* 1 *Vide Corn. in Gen. c.* 2

VII. Resta só que vejamos practicamente como isto foi. Fez-se o Filho de Deus homem; mas a phrase com que diz o Evangelista S. João é que se fez carne: *Verbum caro factum est.* E que carne era esta que uniu o Verbo a si e de quem era? Era a carne purissima e sanctissima da Virgem Maria Senhora nossa. E era só sua? Se não fôra desposada, sim: mas sendo desposada, como verdadeira e legitimamente o estava com José pelo vinculo do legitimo matrimonio, tanto era d'elle como sua. Assim o definiu o Soberano instituidor do mesmo matrimonio por bocca do primeiro, que atou com elle: *Erunt duo in carne una.* E se a carne de que se vestiu o Verbo, sendo de dous, era uma; não é contra a razão d'esta unidade, senão muito conforme a ella, que o Filho que d'ella nasceu, sendo tambem um, pertença aos mesmos dous, a Maria como Esposa e com o nome de mãe e a José como esposo com o de pae.

O Ps. 131 commentado por Sancto Agostinho. Texto fundamental de S. Paulo a respeito do matrimonio. 1. *Cor.* 7

Grande texto em confirmação com auctoridade divina e sobre divina, jurada: *Juravit Dominus David veritatem et non frustrabitur eam.* Jurou Deus a David uma verdade, cuja promessa infallivelmente se cumprirá e não será frustrada. E que verdade não só promettida senão jurada pelo mesmo Deus é esta? *De fructu ventris tui ponam super sedem tuam*: é que do fructo do ventre de David havia de pôr Deus sobre o seu throno um Filho tambem seu. Assim se cumpriu em Christo Filho de David e rei do seu proprio reino. Mas se o Texto com o mesmo sentido podia dizer *De fructu foemoris tui*; porque disse, *De fructu ventris tui?* A réplica é de Sancto Agostinho, o qual responde: *Significantius dicere voluit de fructu ventris, quia de foemina natus est Dominus*: disse, *de fructu ventris*, com significação mais propria, porque Christo propriamente nasceu de mulher. Bem. Mas se nasceu de mulher, porque chama ao ventre de David: *De fructu ventris tui?* E que David era este, se quando Christo nasceu do ventre Sanctissimo, havia vinte e oito gerações que David era morto? *A David usque ad transmigrationem Babilonis generationes quatuordecim; et a transmigratione Babylonis usque ad Christum generationes quatuordecim.* O David que então havia, era o ultimo descendente de David; immediato antes de Christo, S. José: *Joseph virum Mariae.* E o ventre d'esta mãe era d'este David? Não só era seu, senão mais seu que da mesma mãe. Assim o diz S. Paulo; e é de fé pelo vinculo e direito do legitimo matrimonio: *Mulier sui corporis potestatem non habet sed vir.* Mas este poder em matrimonio virginal era só quanto ao dominio (em que se verifica o *Ventris*

tui) e não quanto ao uso, como bem notou Sancto Thomás. E como o ventre de que nasceu Christo era de David e o David em que se verificou era José, vêde se era José verdadeiro legitimo e propriissimo Pae de Christo.

Os fructos que Deus plantou no paraiso terreal para Adão e o Fructo bemdicto que fez brotar para S. José no ventre purissimo da sua Esposa.

Replicará alguem que José de nenhum modo cooperou á geração do bemdicto fructo de sua Esposa, senão o Espirito sancto: logo o fructo não podia ser seu. Nego a consequencia; porque ainda que a cooperação não foi sua, senão do Espirito sancto, a Esposa de que nasceu o fructo era verdadeiramente sua. Adão em dous estados era senhor de dous fructos muito differentemente plantados. Em quanto esteve no paraiso eram seus os fructos que plantara Deus; depois que esteve fóra do paraiso, eram seus os fructos que elle plantava. Pois se uns fructos eram plantados por Deus em que Adão não teve parte, e os outros plantados por elle com o trabalho de suas mãos e o suor de seu rosto, porque eram egualmente seus assim uns como os outros? Porque, segundo os differentes estados da sua fortuna, uma e outra terra era sua. Porque era sua a terra do paraiso, eram os fructos do paraiso seus, ainda que não fosse elle senão Deus o que os tinha plantado. O mesmo digo e se ha de intender de S. José. Como a Esposa de que nasceu o bemdicto fructo de seu ventre era sua; ainda que elle não tivesse cooperação alguma na sua geração e toda fosse do Espirito sancto o fructo, com tudo era seu, porque o era o ventre: *De fructu ventris tui.*

A vara de Jessé symboliza o seu matrimonio. S. Jeronymo. *Isai.* 11

Falta ainda, ou pode haver mais prova? Não porque falte, mas para que sobeje, quero que o mesmo purissimo ventre que deu este fructo nos diga que o fructo é de S. José. Mas antes que a Mãe Virgem nol-o affirme, é necessario que demos dous passos atraz. S. Jeronymo buscando a razão por que a Senhora primeiro houve de ser Esposa de seu Esposo, que Mãe de seu Filho, achou-a natural na agricultura e no texto de Isaias: *Egredictur virga de radice Jesse et flos de radice eius ascendit.* As palavras do doutor Maximo são estas: *Maria virga est, flos Christus. Et nunquam flos ascendit de virga foliis nuda. Prius virga foliis obumbratur et honestatur, quam flos ascendat. Prius ergo Maria erat viro honestanda, quam Christus nasceretur.* Na arvore (diz S. Jeronymo) primeiro nascem as folhas para a sombra, e depois a flor para o fructo. Logo primeiro havia de estar a Virgem á sombra de José, do que ter a Christo nos braços. E que se segue d'aqui? O que diz a mesma Virgem.

Confirma-o a Esposa dos Cantares c. 2.

[1] *Sub umbra illius quem desideraveram sedi et fructus eius dulcis gutturi meo*: assentei-me á sombra d'aquelle que eu tinha desejado e o seu fructo foi para mim muito doce. E quem é aquelle a quem a Virgem tinha desejado? Excellente periphrase

de S. José. Quando a Virgem, tendo estado no templo até a edade competente, foi obrigada pelo divino Oraculo a sair d'aquelle recolhimento e tomar esposo; como esta obediencia era contraria ao voto que tinha feito de perpetua virgindade, pediu a Deus que fosse tal o seu esposo, que tivesse a mesma virgindade por voto, ou ao menos por proposito firme. E tal foi José, de pureza tão virginal e constante como a sua. Assim o dizem os sanctos antigos e doutores modernos. E porque Deus satisfez á Virgem este seu desejo, por isso chama ao seu esposo, aquelle que ella tinha desejado: *Sub umbra illius quem desideraveram sedi*. Assentada pois á sombra do seu desejado José, então é que o Altissimo a assistiu com a sua: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi;* e nasceu o fructo bemdicto do seu ventre: *Ideoque et quod nascetur ex te Sanctum*. Segue-se o poncto principal. E esse fructo de quem diz a Virgem que é? Não diz que é seu, do que não se podia duvidar; mas diz que é de seu Esposo, o que só podia ter duvida: *Et fructus eius;* e o fructo d'elle. De sorte que á sombra era de seu desejado: *Sub umbra illius quem desideraveram sedi;* e o fructo tambem do mesmo desejado: *Et fructus eius dulcis gutturi meo*.

Da paternidade de S. José se devem medir as suas grandezas.

VIII. Desfeitas assim e satisfeitas ou aplainadas as difficuldades que podiam occorrer n'esta proposta tempo é já de medir as grandezas que d'ella se seguem ou sobre ella se levantam. Christiano Druthmaro, padre antigo e eloquente chamou a José, Esposo da Virgem, equivoco de José filho de Jacob: *Fuit autem tuus aequivocus castus inventus et bonus*. E pareceu tão bem a Alberto magno este equivoco que acrescentou ao de José do Egypto o de José de Arimathea um por casto, outro por pio: *Clarorum virorum aequivocatio est Joseph: patriarchae praecedentis et Joseph ab Arimathea sequentis*. Mas nenhuma d'estas equivocações me parece digna «do nosso assumpto»; porque se levantam pouco da terra, e porque eu não busco em José as parelhas do nome de José, senão as do nome de Pae. «Subamos logo» ao céu empyreo e no mais alto d'elle, que é o throno do Eterno Padre acharemos o equivoco «que desejamos» de José Pae: «equivoco de immensa honra» pronunciada pela bocca do mesmo Filho de Deus não uma vez, mas quantas vezes tractou com o amoroso e venerando nome de Pae ao Padre Eterno e a José. Nenhuma outra creatura houve nem no céu, nem na terra que merecesse da bocca do Filho de Deus tão honrosa denominação. Chamou aos espiritos celestiaes seus ministros, chamou ao Baptista seu anjo, chamou ou fez chamar a João o evangelista seu amado, chamou a Simão Pedro pedra da sua Egreja, chamou a todos os discipulos seus amigos, seus irmãos, seus filhinhos;

mas o nome de pae só o guardou para o Eterno Padre e para José. Assim o fez o Filho de Deus e assim o havia de fazer, depois que por dispensação amorosissima da sua misericordia quiz ter em quanto Homem um pae na sua familia de Nazareth, assim como tinha em quanto Deus um pae na sua familia do céu. Podia subir mais a grandeza de José, depois que assentou os seus alicerces sobre a dignidade de pae legitimo e verdadeiro de Christo? Aquella pequena familia de que José era cabeça, compunha-se de duas partes tão immensas que uma era o Filho de Deus, outra a Mãe de Deus. O Padre, o Filho e o Espirito Sancto são a Trindade do céu: Jesus, Maria, José, são a Trindade da Terra. «Mas vêde qual era a dignidade de José como Pae de Jesus e Esposo de Maria.» Na Trindade do céu nenhuma pessoa manda, nem obedece; porque não ha, nem pode haver entre ellas sujeição ou imperio: na da terra, porém, com assombro das jerarchias, uma manda e duas obedecem; e sendo Jesus e Maria as que obedecem, José é o que manda e governa.

Josué manda ao sol e á lua e S. José a Maria Sanctissima e ao Homem-Deus. Jos. 2

Quando Josué mandou ao sol e á lua que parassem: *Sol contra Gabaon ne movearis et luna contra vallem Ajalon*, parece que foi aquella a maior delegação da omnipotencia. Mas que comparação tem mandar ao sol e á lua com o mandar a Jesus e a Maria? Josué (que como Cesar escreveu as suas batalhas) atreveu-se a dizer que n'este caso obedeceu Deus á voz do homem: *Obediente Domino voci hominis:* mas para moderar a proposição, accrescentou ao *Obediente Domino,* como tão grande soldado, *Et pugnante pro Israel,* que n'aquella occasião Deus tambem pelejava pela parte de Israel. Quando os reis se acham presentes nos exercitos ao tempo de dar a batalha, costumam obececer aos generaes e não se movem do logar que elles lhes signalam. E d'este modo (com grande exemplo aos soldados) obedeceu aqui Deus. Mas quanto vai d'esta obediencia á com que José era obedecido? Em Gabaon nem Deus era sol, nem o sol era Deus: em Nazareth aquelle Menino maior que o mundo, que obedecia a José, tão verdadeiramente era homem como era Deus e tão verdadeiramente era Deus como era homem. Josué foi obedecido em um só dia uma só vez e em uma só acção; e José em tantos dias ou em tantos milhares de dias, quantos são necessarios para compôr o espaço de trinta annos; e cada dia tantas vezes e em tantas acções (alem das ordinarias e domesticas) quantas eram as que se multiplicavam no concurso do mesmo officio, do mesmo trabalho e da mesma obra; sendo José o que, como Pae e como mestre ordenava, e Christo o que como Filho e como Discipulo obedecia. «A Josué obedeceu o sol sem abatimento da sua dignidade e officio, só parando para

lhe dar tempo a vencer a batalha. E Christo, Eterno Sol de justiça e sabedoria obedeceu a José com o maior abatimento da sua divina majestade ajudando-o a medir, cortar, e desbastar madeiros, até a edade de trinta annos;» e em todo este discurso e variedade de tempo e de edade, sem mostrar jamais outro movimento de inclinação e vontade propria obediente sempre e sujeito em tudo a José e a sua Mãe: *Et erat subditus illis.*

S. José pae do Salvador porque lhe deu creação e sustento. Hugo Cardeal.

IX. A esta sujeição de Filho se segue em José outro titulo de Pae, que é o da creação e sustento em cinco edades, desde a infancia e puericia até á de perfeito varão. D'este titulo e razão de que faz menção Hugo Cardeal, allegando-o do mesmo S. José: *Propter nutrituram sicut Christus fuit Filius Joseph et dixit Beata Virgo: Ecce Pater tuus.* Deus é o que sustenta todas as cousas, como as creou; e não sei se é mais admiravel na sua majestade o querer ser sustentado, ou na de S. José (que não merece outro nome) o ser elle o que o sustentasse.

escada de Jacob e as relações que houve entre o Salvador e S. José. Ruperto *De glor. Fil. hominis l. I. in Matth.*

N'aquella tão celebrada escada chamada de Jacob o que mostrava a pintura e a visão era o mesmo que no primeiro capitulo de S. Mattheus dizem as letras e escriptura. Em uma e outra se significava o mysterio da Incarnação e genealogia de Deus feito homem. Subindo pois pela escada de geração em geração e de degráu em degráu, o ultimo e o mais alto é S. José; porque n'elle se acaba o *Genuit: Jacob autem genuit Joseph virum Mariae.* Agora se segue na historia d'esta visão de Jacob uma proposição digna de reparo. Jacob viu a Deus no summo da escada; e diz o texto que Deus estava sustentado n'ella: *Et Dominum innixum scalae:* parece que se havia de dizer ou ser o contrario, e que Deus estava sustentando a escada para que estivesse firme em tanta altura; e não que Deus se sustentasse n'ella. A duvida é de Ruperto Abade, e tambem a solução, por estas notaveis palavras: *Supremus scalae gradus cui Dominus innixus est, iste est Beatus Joseph, vir Mariae, de qua natus est Jesus. Quomodo iste Deus et Dominus huic innixus est? Utique tanquam tutori pupillus, quippe qui in hoc mundo sine patre natus est. Itaque innixus est huic Beato Joseph, ut esset Infantulo iste Pater optimus.* O ultimo e supremo degráu da escada é José Esposo da Virgem Maria, da qual nasceu Jesus. Mas como se pode verificar que este Jesus, este Deus e este Senhor estivesse sustentado e se estivesse sustentando n'aquelle supremo degráu, que é José? O modo e a razão é manifesta, diz o insigne doutor; porque como Deus feito homem nasceu n'este mundo pupillo e orphão sem pae; José foi escolhido por Deus para que em logar de Pae e Pae optimo, qual é Deus, o sustentasse como Filho.

Christo sustentado com o suor do rosto de S. José para se fazer similhante aos outros homens. *Hebr.* 2

Tão annexo andou a S. José e tão altamente confirmado desde o céu pelo mesmo Deus este outro titulo de Pae de seu Filho, o qual elle exercitou com summa vigilancia amor e cuidado, não só em quanto Menino, senão em todas as edades; sustentando-o com o trabalho de suas mãos e suor de seu rostó na patria e no desterro e em toda a parte. Mas se a Elias o sustentou Deus por um anjo, a Daniel por um propheta e a todo o povo de Israel por espaço de quarenta annos com o manná chovido do céu todos os dias; a seu Filho porque lhe não proveu os alimentos, como diz David, das dispensas occultas da sua omnipotencia; e a meza que lhe poz e á que o poz, foi a de um pobre official, ganhada com o trabalho e provida com o jornal de cada dia e em que tambem o mesmo Filho tivesse a sua parte? A razão d'esta não menor, mas muito maior providencia que Deus teve com seu Filho, foi aquella que deu S. Paulo quando disse, *Debuit per omnia fratribus similari.* Como o Filho de Deus se tinha feito homem era conveniente que em tudo se fizesse similhante aos outros homens, aos quaes tinha o mesmo Deus comdemnado em Adão a comer o seu pão com o suor do seu rosto. Este é o sustento e modo de os homens se sustentarem o mais decente, o mais natural, o mais innocente e o mais justo. Os reis sustentam-se dos tributos dos vassallos: mas quantas injustiças vão envoltas n'estes tributos! Os grandes sustentam se dos seus morgados: mas quantos, como o de Jacob, por astucias e enganos foram roubados a Esaú? Outros se sustentam pelas armas nas guerras; outros pelas letras nos tribunaes, outros pelos governos nas provincias remotas; e sendo tanto o pão que alli se recolhe e que talvez não chega a se comer, qual é o que não seja amassado com as lagrimas e sangue dos innocentes?

Ditosos os que se sustentam do mesmo modo. *Ps.* 127

X. Oh ditosos, oh bemaventurados (que com isto devia e quero acabar) aquelles de quem cantou David: *Labores manuum tuarum quia manducabis, beatus es et bene tibi erit.* Aquelle *es* e aquelle *erit;* o que cada um é e o que ha de ser, o que é n'esta vida e o que ha de ser na outra, são os dous cuidados maiores de todo o homem que tem fé e uso de razão; e ambos reduz o propheta á fortuna tão pouco estimada n'este mundo dos que comem os trabalhos das suas mãos e se sustentam d'elles. Estes ou d'estes são os que militam debaixo da bandeira de S. José e vivem do honrado soldo da sua imitação n'esta nobilissima irmandade. De proposito lhe chamo nobilissima para desaffrontar o nome com que os ignorantes queriam affrontar a Christo pelo officio de seu Pae: *Filius Fabri.* O primeiro fabro que houve no mundo, diz Sancto Ambrosio, foi Deus, que fa-

bricou o mesmo mundo, que ensinou a Noé a fabricar a arca, a Moysés a fabricar o tabernaculo, a Salomão a fabricar o templo com todas as medidas, com todas as proporções e com todos os primores, d'onde depois os tomou e apprendeu a arte.

N'este mundo o sangue de S. José foi a maior nobreza; no outro o seu merecimento é a maior valia.

Mas deixado o Fabro Divino que era o Pae de Christo no céu, vamos ao Fabro da terra; que se o nosso discurso provou alguma cousa, já não haverá quem lhe duvide ser seu legitimo e verdadeiro Pae. Para que acabemos por onde começámos, pergunto: Qual é o mais nobre homem e de mais alta e qualificada nobreza que houve n'este mundo? Por ventura o primeiro Cesar entre os romanos, ou o ultimo Alexandre entre os gregos? Não. Pois quem? Aquelle humilde official chamado José, que em uma pobre tenda de Nazareth, com um dos instrumentos da sua arte, estava cortando ou acepilhando um madeiro. Os padrões d'esta nobreza são os livros dos evangelistas S. Mattheus e S. Lucas. E todas as outras nobrezas, por mais que se chamem reaes ou imperiaes, é certo que não são evangelho. Em S. Mattheus conto a S. José até el-rei David vinte e oito avós e até Abrahão quarenta e dous. E em S. Lucas subindo a ascendencia do mesmo José mais acima, e contando de paes a filhos septenta e quatro avós, não só chega até Adão, mas passa a Deus: *Qui fuit Adam, qui fuit Dei.* Blasonae agora lá das vossas ascendencias; que a melhor cousa que podem ter é o não se saber d'onde começaram. E tudo isto o ordenou assim a Providencia divina para que? Para abater e confundir a soberba humana. David do cajado subiu ao sceptro; e é mais facil o descer que o subir. E quantos governaram reinos e monarchias, cujos descendentes estão hoje vivendo ou do remo no mar ou do arado na terra? Ninguem se estime a si, nem despreze a outro pelo que póde dar ou tirar a fortuna. Ditosos os que contentes com a sua imitam e servem a S. José! N'este mundo o o sangue de José foi a maior nobreza, no outro o merecimento de José é a maior valia, porque o Filho de Deus em toda a parte o reconheceu por Pae; e como na terra lhe obedeceu em tudo, assim no céu lhe concede tudo. Ditosos, pois, outra vez os que na confiança de imitar a tão humilde Official e servir a tão grande Principe, n'elle, por elle e como elle esperam de seus trabalhos o premio eterno. Amen.

(Ed. ant. tom. 11.º pag. 46; ed. mod. tom. 10.º pag. 220.)

SERMÃO DE S. PEDRO **

PRÉGADO EM LISBOA EM S. JULIÃO NO ANNO DE 1644
Á VENERAVEL CONGREGAÇÃO DE SACERDOTES

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — A disposição d'este largo discurso é bastante original. Póde-se dizer que se compõi de tres especies de homilias; a primeira expositiva, a segunda encomiastica, a terceira moral; de modo, porém, que formam um corpo muito bem proporcionado. Na primeira commenta o orador todo o evangelho do dia com ponderações bem appropriadas ao seu auditorio: na segunda falla das prerogativas de S. Pedro com muita theologia pela subida qualidade dos seus ouvintes: na terceira modestamente por lhe faltarem, como elle diz, as cans, faz reverberar sobre aquella veneravel congregação a luz das prerogativas do grande apostolo para lembrar-lhe as suas obrigações.

Vos autem quem me esse dicitis?
S. MATTHÆUS. 16.

Christo pergunta.

Mui seguro está do seu valor quem tira a sua opinião ao campo; e se é temeridade tomar-se com muitos, com todo o mundo se tomou quem desafiou sua fama. Na occasião de que falla S. Mattheus (cujo é o evangelho que hoje nos propõi a Egreja) diz que perguntou Christo Senhor nosso que diziam d'elle os homens? *Quem dicunt homines esse Filium hominis?*

Para que os que governam se não desprezem de perguntar.

Perguntou o Senhor, para que os senhores que mandam o mundo se não desprezem de perguutar. Se pergunta a sabedoria divina, porque não perguntará a ignorancia humana? Mas esse é o maior argumento de ser ignorancia. Quem não pergunta, não quer saber; quem não quer saber, quer errar. Ha porém ignorantes tão altivos, que se desprezam de perguntar, ou porque presumem que tudo sabem, ou porque se não presuma que lhes falta alguma cousa por saber. Deus guie a náu onde estes forem os pilotos.

Da boa opinião depende o bom governo.

Não perguntou o Senhor o que era, senão o que se dizia: *Quem dicunt?* Antes de se fazerem as cousas ha se de temer o que dirão; depois de feitas, ha se de examinar o que dizem. Uma cousa é o acerto, outra o applauso. A boa opinião de que tanto depende o bom governo, não se forma do que é, senão do que se cuida; e tanto se devem observar as obras proprias, como respeitar os pensamentos e linguas alheias. A providencia com

que Deus permitte a murmuração é, porque talvez de tão má raiz se colhe o fructo da emenda, E se eu de murmurado me posso fazer applaudido, e governar com maior auctoridade, porque me não informarei do que se diz?

Pareceres errados do povo a respeito de Christo; e causa d'estes pareceres. *Luc. 9*

Respondendo os discipulos á questão, referiam os pareceres ou dictos do povo a respeito da Pessoa de Christo. Eram do povo; claro está que haviam de ser errados. *Alii Joannem Baptistam, alii autem Eliam, alii vero Jeremiam, aut unum ex prophetis.* Uns diziam que era o Baptista, outros que era Elias, outros que era Jeremias ou algum dos prophetas antigos. Antigos não disse S. Mattheus, mas advertiu-o S. Lucas: *Unus propheta de prioribus surrexit.* Grande é o odio que os homens teem a edade em que nasceram. Não diziam que era um propheta como os antigos, senão um d'elles: *Unus de prioribus.* Pois assim como antigamente houve tambem prophetas, não poderia tambem agora haver um? Cuidam que não. Por melhor milagre tinham resuscitar um dos prophetas passados, que nascer em seu tempo outro como elles. Tudo o moderno desprezam, só o antigo veneram e acreditam. E porque a Christo lhe não podiam negar a sabedoria, fingiam-lhe a antiguidade. Ora desenganem-se os idolatras do tempo passado, que tambem no presente póde haver homens tão grandes como os que já foram e ainda maiores. Christo passava pouco dos trinta annos; e tudo o que souberam os antigos e antiquissimos era apprendido de elle.

Resposta de S. Pedro.

E vós, discipulos meus (continúa o Senhor) vós que não sois povo e estudais na minha eschola, quem dizeis que sou eu: *Vos autem quem me esse dicitis?* Estas são as palavras que tomei por thema e ficam para o discurso. Respondeu a ellas por todos S. Pedro: *Tu es Christus Filius Dei vivi.* Vós, Senhor, sois Christo Filho de Deus vivo. Alludiu aos deuses dos gentios que eram estatuas mortas. Queira Deus que entre os christãos não haja tambem estes idolos. Não sendo mais que umas estatuas, querem que os adoremos como deuses.

Premio que lhe dá o Divino Mestre. A divina sabedoria parece, se emenda com a experiencia.

Não tinha S. Pedro bem acabado a confissão da fé, quando o Senhor lh'a premiou com a certa esperança da maior dignidade. Elle disse a Christo o que era, e Christo disse-lhe a elle o que havia de ser: *Et ego dico tibi, quia tu es Petrus et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam:* E eu te digo, Pedro, que tu és Pedro e sobre esta pedra hei de fundar a minha Egreja. De tal maneira obra Deus com a sua summa sabedoria, que parece se emenda com a experiencia. Arruinou-se-lhe o primeiro edificio, porque o fundou em um homem de barro: para que se lhe não arruine o segundo, funda-o em um homem de pedra. Retracta-se

do que tem feito Deus que não póde errar; e os homens estão tão namorados de seus erros, que antes os vereis obstinados que arrependidos. Dirão que é timbre esse de intendimentos angelicos; porque nenhum anjo errou que se retractasse. Eu digo que não é senão contumacia de intendimentos diabolicos; porque nenhum anjo errou que não fosse demonio.

Commetteu o Senhor as chaves a S. Pedro por ser homem resoluto.

Todos os demonios do inferno, diz Christo, que não prevalecerão contra sua Egreja: *Portae inferi non praevalebunt adversus eam.* E porque não basta estarem as portas inimigas defendidas, se as proprias não estiverem seguras, á felicidade de Pedro commetteu o Senhor as chaves do seu reino: *Tibi dabo claves regni coelorum.* Primeiro lhe chamou homem de pedra e depois lhe entregou as chaves; porque as chaves do reino só em homens de pedra estão seguras. Os homens de barro quebram, os de páu corrompem-se, os de vidro estalam, os de cera derretem-se: tão duro e tão constante ha de ser como uma pedra, quem houver de ter nas mãos as chaves do reino: *Tu es Petrus, tibi dabo claves.*

Por isso as chaves não fecham nem abrem, mas atam e desatam.

E qual ha de ser o officio ou exercicio d'estas chaves? Fechar e abrir? Não diz isso o Senhor. As chaves que abram e fecham, podem abrir para dentro e fechar para fóra. Por isso vemos os thesouros tão estreitos e tão fechados para os outros, e tão largos e tão abertos para os que teem as chaves. Que havia logo de fazer com ellas S. Pedro? Atar e desatar diz Christo: *Quodcumque ligaveris super terram erit ligatum et in coelis; et quodcumque solveris super terram erit solutum et in coelis.* A peste do governo é a irresolução. Está parado o que havia de correr, está suspenso o que havia de voar: porque não atamos nem desatamos. Não debalde escolhe Christo para o governo da sua casa um homem tão resoluto como Pedro. Se Christo lhe não mandava embainhar a espada, bem necessarias lhe eram as ataduras para as feridas. Assim ha de ser quem ha de obrar, e não homens que nem atam nem desatam. Aqui pára a historia do evangelho: para passarmos ao discurso peçamos a graça. *Ave Maria.*

A grandeza de S. Pedro só póde declarar-se comparando o Principe dos apostolos a Deus.

II. Supposto andarem tão validas no pulpito e tão bem recebidas do auditorio as metaphoras; mais por satisfazer ao uso e gosto alheio que por seguir o genio e dictame proprio, eu me determinára na parte que me tocou d'esta solemnidade servir ao principe dos apostolos tambem com uma metaphora. Busquei-a primeiramente entre as pedras, «qual m'a suggeria seu nome;» e occorreu-me o diamante: busquei-a entre as arvores, e offereceu-se-me o cedro: busquei-a entre as aves e levou-me os olhos a aguia: busquei-a entre os animaes ter-

restres e poz-se-me deante o leão: busquei-a entre os planetas, e todos me apontaram para o sol: busquei-a entre os homens, e convidou-me Abrahão: busquei-a entre os anjos e parei em Miguel. No diamante agradou-me o forte; no cedro o incorruptivel, na aguia o sublime, no leão o generoso, no sol o excesso da luz, em Abrahão o patrimonio da fé, em Miguel o zelo da honra de Deus. E posto que em cada um d'estes individuos que são os mais nobres do céu e da terra e em cada uma de suas prerogativas achei alguma parte de S. Pedro; todo S. Pedro em nenhuma d'ellas o pude descobrir. «Symbolizava-me o diamante a fortaleza de seu animo: o cedro a incorruptibilidade de seu magisterio: a aguia a sublimidade de sua doutrina: o leão a generosidade de seu amor: o sol a universalidade, resplandor e primacia de seu apostolado: Abrahão os merecimentos da sua fé: e finalmente Miguel o fervor de o seu zelo para defender e glorificar a Esposa immaculada de Deus feito homem: mas nenhuma d'estas tão admiraveis creaturas m'o symbolizava inteiramente.» Desenganado pois de não achar em todos os thesouros da natureza alguma tão perfeita de cujas propriedades podesse formar as partes do meu panegyrico (que esta é a obrigação da metaphora) despedindo-me d'ella e d'este pensamento recorri ao evangelho para mudar de assumpto e que me succedeu? Como se o mesmo evangelho me reprehendera de buscar fóra d'elle o que só n'elle se podia achar, as mesmas palavras do thema me descobriram e ensinaram a mais propria, a mais alta, a mais elegante e a mais nova metaphora que eu nem podia imaginar de S. Pedro. E qual é? Quasi tenho medo de o dizer. Não é cousa alguma creada senão o mesmo Auctor e Creador de todas. Ou as grandezas de S. Pedro se não podem declarar por metaphora, como eu cuidava, ou se póde haver alguma metaphora de S. Pedro, é só Deus. Isto é o que hei de prégar; e esta a nova e altissima metaphora que hei de proseguir. Vamos ao evangelho.

Palavras do thema interpretadas por S. Jeronymo. Prerogativa de S. Pedro.

III. *Vos autem quem me esse dicitis?* E vós quem dizeis que sou eu? Aquelle *Vos autem* refere esta segunda pergunta á primeira. Na primeira tinha dicto o Senhor: Quem dizem os homens: n'esta segunda diz: E vós quem dizeis? De sorte que a pergunta e a questão era a mesma e só as pessoas differentes. Mas tambem esta differença parece difficultosa de intender. Os apostolos não eram homens? Sim. Pois se Christo na primeira pergunta tinha dicto *Quem dizem os homens*, parece que já ficavam incluidos n'ella os mesmos apostolos. Porque os distingue logo o Senhor dos outros homens com uma exclusiva tão manifesta, como a d'aquelle *Vos autem*? O reparo não é menos que de S. Jerony-

mo a quem a mesma cadeira de S. Pedro tem canonizado não só pelo maior doutor, senão o maximo na exposição das Escripturas sagradas. E que responde S. Jeronymo? Diz, que distinguiu Christo aos apostolos dos outros homens, porque os apostolos não são homens. E se não são homens, que são? São anjos? São archanjos? São cherubins? São seraphins? Muito mais: são deuses. Palavras expressas do doutor Maximo: *Prudens lector attende, quod ex consequentibus textuque sermonis Domini, apostoli nequaquam homines sed dii appellantur:* advirta o prudente leitor que segundo este texto e a consequencia d'estas palavras de Christo, os apostolos não são homens nem se chamam homens, senão deuses: *Nequaquam homines sed dii.* Grande dizer e tão grande que não só diz tudo o que eu queria, e o meu assumpto ha mister, senão muito mais. Diz tudo, porque affirma expressamente a metaphora e similhança de Deus, quanto ao nome, quanto á dignidade e quanto á differença e soberania d'esta divindade, superior absolutamente a todo o ser humano. Mas diz muito mais do que o meu assumpto prometteu, e ha mister; porque elle suppõi a excellencia d'esta prerogativa como propria de S. Pedro e singularmente sua e de nenhum outro; e S. Jeronymo parece que a extende a todos os apostolos: *Apostoli nequaquam homines, sed dii appellantur.* D'onde se segue que esta extensão, posto que em pessoas de tão alta dignidade, desfaz muito a singularidade de S. Pedro da minha metaphora e do meu intento, porque fica sendo uma prerogativa senão de todos, ao menos de muitos.

Commento de Sancto Ambrosio.

Vamos devagar que o poncto o pede. Primeiramente não nego, nem se pode negar que o texto parece que falla com todos os discipulos e apostolos a quem o divino Mestre fazia a pergunta. Mas eu pergunto tambem, quem foi o que unica e singularmente respondeu a ella? Claro está que foi S. Pedro: *Respondit Petrus.* E porque respondeu só elle e nenhum outro? «Observa» Sancto Ambrosio que em quanto Christo perguntou o que diziam os homens, Pedro esteve calado sem dizer palavra; porque «dizia elle: O divino Mestre» não falla commigo: porém quando eu for perguntado então responderei e direi o que sinto, porque a mim me pertence: *Ideo non respondeo, quia non interrogor; cum interrogabor et ipse quid sentiam, respondebo: quod meum est.* Note-se muito esta ultima palavra *Quod meum est;* na qual exclúi o mesmo S. Pedro a todos os outros apostolos e confiadamente diz que a resposta d'aquella altissima pergunta só era sua, e só a elle pertencia. É verdade que a palavra da pergunta *Vos autem* comprehendia a todos: mas a resposta «mostrou que esta pergunta era encaminhada principal-

mente a elle: porque só Pedro sabía com tanta firmeza de fé que o seu Mestre era Filho de Deus.»

O famoso milagre que fez com S. João (*Act. 3*) mostra a mesma prerogativa.

Em um famoso milagre do mesmo S. Pedro temos um exemplo similhante. Entrando S. Pedro com S. João por uma das portas do templo de Jerusalem a orar, estava alli um pobre tolhido dos pés desde seu nascimento, o qual lhes pediu uma esmola. Disse-lhe S. Pedro: *Respice in nos*: olhae para nós; e respondendo ao que pedia o pobre; Eu (diz) não tenho ouro nem prata; mas o que tenho, isso te dou; e tomando-o pela mão o poz em pé inteiramente são: *Et protinus consolidatae sunt bases eius*. O *Respice in nos*. se referiu a ambos: mas Pedro foi o obrador do milagre, «porque era n'elle que Deus mais resplandecia com as obras da sua divindade.» Assim no caso presente o *Vos autem* referia-se a todos e a milagrosa confissão foi só de Pedro: só de Pedro sem que o numero ou multidão a que foi dirigida a pergunta, impedisse a gloria unica e singular de quem deu a resposta. E senão combinemos o *vos* com o *tu* e o *tibi*. O *vos autem* foi de todos e o *Tu es Petrus* só de Pedro. O *vos autem* de todos: e o *dico tibi* só de Pedro. O *Vos autem* de todos e o *Revelavi tibi* só de Pedro. O *Vos autem* de todos o *tibi dabo claves*: só de Pedro. «Logo» não se póde duvidar da singularidade de S. Pedro na mesma differença que distinguiu a todos os apostolos dos outros homens.

S. Pedro elevado mais que todos os apostolos pela revelação do Padre á participação da divindade.

IV. Assentada esta singularidade de Pedro segue-se que vejamos tambem singular n'elle «a portecipação» da divindade, com que a mesma differença dava «aos apostolos» por consequencia o nome de deuses: *Nequaquam homines sed dii appellantur*. Em confirmação da sua consequencia excita questão S. Jeronymo: Porque os outros homens por mais que queiram encarecer as grandezas de Christo, comparando-o ás maiores personagens o mundo, sempre com tudo o fizeram homem: pelo contrario um só dos apostolos, que respondeu á pergunta, sem comparações nem rodeios, disse direitamente que era Filho de Deus? E a razão de tão notavel differença, sendo o soberano sujeito o mesmo, diz o mesmo S. Jeronymo que foi, porque cada um falla como intende e intende como quem é. Os homens porque fallavam, e intendiam como homens chamavam a Christo homem: S. Pedro porque fallava e intendia como Deus, chamou-lhe Filho de Deus: *Qui de Filio hominis loquuntur, homines sunt; qui vero divinitatem eius intelligunt, non homines, sed dii*. Note-se muito a palavra *intelligunt*. Euthimio disse o mesmo: *Solus Petrus vere Christum et natura et proprie Filium Dei esse intellexit*. S. Paschasio o mesmo: *Beatus Petrus plusquam homo erat, quia ultra hominem sapiebat: cum Dei filium in homine viderit,*

ultra humanos oculos vidit et intellexit; e outra vez aqui se deve notar esta ultima palavra.

A sua intellecção é fundamento d'esta participação. Qual o ultimo constitutivo da essencia divina.

Em summa «que segundo a auctoridade d'estes Padres e doutores da Egreja toda a divindade que participou S. Pedro» se attribúi ao intendimento com que penetrou e conheceu a do Verbo, occulta debaixo da humanidade de Christo. É grave questão entre os theologos, qual seja em Deus o ultimo e formal constitutivo da essencia divina? E a sentença hoje mais recebida nas escholas e mais commum é que a essencia divina se constitúi e consiste no intellectivo radical e na mesma intellecção, por ser este, como elles chamam, o primeiro predicado de Deus. E como o intellectivo radical e intellecção divina é a que ultima e formalmente constitúi a divindade e essencia de Deus, para que nem esta propriedade e correspondencia faltasse á divindade de Pedro e a metaphora com que é chamado Deus se ornasse tambem com os esmaltes de tão similhante origem, foi conveniente á gloria de tão soberana partecipação e similhança que a deidade do mesmo Pedro se fundasse nas raizes do seu intellectivo e que a intellecção com que intendeu e conheceu a divindade de Christo fosse pelo mesmo modo o constitutivo da sua. Já não havemos mister as auctoridades dos Sanctos Padres: porque temos a do Eterno Padre e a do mesmo Christo. A intellecção de Pedro não teve nada de humano o qual se compõi de carne e sangue; mas elevado o seu intendimento pela revelação do Padre celeste a uma altissima participação e similhança do divino, alli se constituiu a ultima formalidade da sua essencia e se conseguiu do modo que era possivel o nome e dignidade de Deus: «*Beatus es Simon Bar-Jona quia caro et sanguis non revelavit tibi sed Pater meus qui in coelis est.* Donde se segue o que concluiu o Doutor Maximo» *Qui divinitatem eius intelligunt non homines sed dii.*

S. Pedro confirmado na mesma partecipação pela eleição do Filho.

V. Elevado S. Pedro «á participação» da divindade pela revelação do Padre vejamol-o segunda vez elevado ou confirmado n'ella pela eleição do Filho: *Et ego dico tibi, quia tu es Petrus et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam.* Pedro disse a Christo: *Tu es Christus Filius Dei vivi:* e Christo disse a Pedro: *Tu es Petrus et super hanc Petram aedificabo Ecclesiam meam.* Pedro na sua confissão deu a divindade a Christo; e Christo na sua successão não só deu a Pedro a successão, senão tambem «as prerogativas» de sua divindade. Assim foi e assim havia de ser, porque nem Pedro seria digno successor de Christo, nem seria digna de Christo a providencia da sua Egreja se Pedro fôra sómente homem e não «partecipara da sua divindade».

Os israelitas choram ouvindo que Deus lhes mandaria um anjo para governal-os em seu logar. S. Pedro havia de ser mais que um anjo. *Exod.* 33 *Ps.* 65

Notificou Moyses ao povo de Israel como tinha Deus resoluto

que d'alli por deante o governasse um anjo; e diz o texto sagrado que, ouvida esta nova, todo o povo se poz a chorar em pranto desfeito e todos se cobriram de lucto: *Luxit populus et nullus indutus est cultu suo*. Quem imaginara de tal noticia tão encontrados effeitos? Antes parece que todos se haviam de vestir de gala, e dar muitas graças a Deus por tal governador. Que melhor governador se podia desejar que um anjo? Um anjo que não come, nem veste, nem grangeia: um anjo que não tem parentes, nem creados, nem appetites: um anjo tão sabio e tão verdadeiro, que nem póde enganar, nem ser enganado: benevolo, affavel e sempre de bom rosto; emfim, um anjo? Pois se todas as outras nações se contentam ou soffrem ser governadas por homens e os trazem sobre a cabeça: *Imposuisti homines super capita nostra*: que razão teve o povo de Israel para receber com lagrimas e luctos a nova de o haver de governar um anjo? Muito grande razão. Porque até alli quem governava aquelle povo era Deus por si mesmo; e succeder a Deus um anjo, não era favor, senão rigor; não era beneficio, senão castigo: eram signaes da majestade divina offendida e irada; e demonstrações de que antes queria desamparar e destruir aquelle povo, que conserval-o. Esta foi a justa razão d'aquellas lagrimas; e já temos concluido que ainda que S. Pedro fôra um anjo, não seria digno successor de Christo, nem elle deixaria dignamente provida a sua Egreja; e ella por aquella eleição e successão não se devia vestir de festa como hoje a vemos, senão chorar e cobrir-se de luctos.

Se o não fôra, não teria sido digno successor de Christo e com premio proporcionado á sua confissão. Sancto Ambrosio.

«Mais.» Christo Senhor nosso era verdadeiro homem e verdedeiro Deus, como acabava de confessar S. Pedro; e se Pedro fosse sómente homem e não «participasse da divindade d'aquelle a quem reconheceu por Filho de Deus, assim como elle não» seria digno successor de Christo, «assim Christo não» corresponderia áquella altissima confissão com premio e recompensa egual. Esta é a força d'aquelle *Et ego dico tibi*. Tu dizes que eu sou Deus; pois eu te digo que tu tambem «parteciparás da minha divindade» succedendo em meu logar e tendo as minhas vezes. Excellentemente Santo Ambrosio: *Quia tu mihi dixisti: Tu es Christus Filius Dei vivi*: *ego dico tibi non sermone casso et nullum effectum habente* (*quia meum dixisse fecisse est*): *Quia tu es Petrus et super hanc Petram aedificabo ecclesiam meam et tibi dabo claves regni coelorum*. Assim pagou Christo a Pedro «a confissão da divindade» dando-lhe o poder de Deus no céu, porque elle o tinha confessado por Filho de Deus na terra.

VI. Estabelecida tão completamente a «participação da divindade» de S. Pedro vejamos com egual admiração quão divina e endeusadamente a practíca e usa d'ella. Quantos grandes ha n'este mundo, que não sabem ser o que são! Depois de lhe dar o que lhe deu, parece que se arrependeu a fortuna do que lhe tinha dado. O rico é avarento, e não sabe usar da riqueza: o sabio é imprudente, e não sabe usar da sabedoria; o valente é temerario e não sabe usar do valor; e até os que teem as coróas na cabeça e os sceptros na mão, não teem cabeça nem mão para saber reinar. Não assim Pedro em tudo egual a si mesmo

Qual foi o uso que S. Pedro fez da sua dignidade.

Pondera S. Pedro Damião alta e profundamente quanto póde admirar e apenas comprehender o juizo humano aquella immensa e inaudita commissão de Christo a S. Pedro: *Quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in coelis; et quodcumque solveris super terram erit solutum et in coelis:* e diz assim elegantemente: *Adest Petrus et ad eius arbitrium orbis universus solvitur et ligatur. Et praecedit Petri sententia sententiam Redemptoris: quia non quod Christus, hoc ligat Petrus, sed quod Petrus, hoc ligat Christus. Quid est quod, angelorum et hominum agminibus exclusis, solus Petrus in consortium divinae majestatis et cum Domino residet praesidente? Consilium speciale Petri et Dei, ubi mortalem hominem Deo copulat et counit.* Até aqui o eloquentissimo cardeal depois de renunciar a purpura. Eu o explico e commento. Appare Pedro; e ao arbitrio do seu imperio todo o mundo é ou não é o que elle quer que seja ou não seja: se liberta, todo livre: se ata, todo atado e preso. Deus está no céu e na terra quando manda o céu e a terra: Pedro estando na terra manda a terra e mais o céu. Eis o que passa no governo de Pedro: não descem os decretos do céu para a terra, mas sobem da terra para o céu. Pedro é o que manda, e Deus o que se conforma. Conforma-se com o intendimento, conforma-se com o poder. O que intende, o que quer, o que ordena e manda Pedro, isso intende Deus, isso quer Deus, isso ordena e manda Deus. E por que razão quando Deus despacha no seu tribunal supremo, todos os espiritos angelicos assistem em pé, e só Pedro preside assentado? Porque o tribunal de Deus e o tribunal de Pedro, não são dous, senão um só e o mesmo.

O poder das chaves explicado elegantemente por S. Pedro Damião.

E senão vejamos quão divina e indeusadamente usa Pedro de seu poder. O primeiro acto judicial que exercitou foi no caso de Ananias. Eram n'aquelle tempo da primitiva Egreja as fazendas e bens temporaes dos christãos communs a todos; e contra essa lei ou voto vendeu Ananias uma herdade e occultou

Quão indeusadamente usou S. Pedro do seu poder castigando. *Act.* 5

parte do preço. Manda-o chamar á sua presença S. Pedro; e que é o que fez e o que disse? O que só podia dizer e fazer Deus. O que disse foi: *Non es mentitus hominibus, sed Deo.* Sabe, Ananias, que no que encobriste, não mentiste aos homens, senão a Deus. Vêde se se tratava como Deus «terrestre» quem assim fallava. O que fez, foi ainda mais divino, mais admiravel e de maior terror. Ouvindo aquellas palavras caiu morto Ananias aos pés de Pedro: *Audiens haec autem Ananias expiravit.*

E muito mais fazendo mercês.

Mas assim como Deus é muito mais largo nas mercês sem comparação que nos rigores, assim mostrou tambem S. Pedro esta divina condição no seu poder. Por uma vida que tirou, deu infinitas vidas não só ás almas, segundo o poder das chaves, senão tambem aos corpos. Concorriam os infermos de toda a parte, punham-se em cumpridissimas fileiras nas ruas por onde Pedro havia de passar; e todos a quem tocava a sua sombra se levantavam subitamente sãos. O' Deus! O' Pedro! «quem tal imaginara em uma creatura? É assim que Deus quiz que no seu apostolo se manifestasse a virtude de seu poder! Como Moysés foi constituido por divina auctoridade Deus de Pharaó na terra de Egypto: *Ecce constitui te Deum Pharaonis*; assim foi constituido S. Pedro pela mesma divina auctoridade Deus dos homens em toda a terra: *Tu es Petrus et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam; et tibi dabo claves regni coelorum; et Quodcumque ligaveris super terram, erit liqatum et in coelis et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in coelis.*

S. Pedro similhante ás tres Divinas Pessoas. 1.° Similhante ao Padre apregoando com Elle a divindade de Christo. *Matth.* 3 *Apoc.* 5

VII. Para estar plenamente satisfeita a nossa metaphora da divindade de S. Pedro «só parece que lhe falta uma similhança divina que é a pessoal. Em Deus e na divina essencia ha tres Pessoas. E foi S. Pedro tambem similhante a alguma d'ellas? Tambem, mas não a alguma sómente, senão a todas tres: similhante a Deus Padre, similhante a Deus Filho, similhante a Deus Espirito Sancto. Quanto á similhança de Deus Padre, não póde ser maior. Quando Christo Senhor nosso se fez baptizar no Jordão, abriram-se os céus, e de lá se ouviu a voz do Eterno Padre que disse: *Hic est Filius meus dilectus in quo mihi bene complacui:* este é o meu Filho muito amado, no qual muito me agradei. No monte da Transfiguração appareceu sobre elle uma nuvem resplandecente, de dentro da qual se ouviu segunda vez a voz do mesmo Padre, tornando a declarar por Filho seu a Christo, não com outras, senão com as mesmas palavras. Isto fez e disse o Eterno Padre; e não é isto o mesmo que fez S. Pedro, quando disse: *Tu es Christus Filius Dei vivi?* O mesmo. De sorte que

este pregão e esta declaração da divindade de seu Filho, quiz o Eterno Padre que saisse da sua bocca e da bocca de Pedro; por isso o mesmo Padre foi o que lhe revelou o mysterio a todos os outros apostolos escondido. E em que consistiu aqui o fino e o sublime d'este tão singular favor? Consistiu em que assim como o Padre tinha dado a seu Filho a divindade por geração, assim tomasse por companheiro a Pedro para ambos lh'a darem por manifestação. No apocalypse viu S. João a Christo em figura de cordeiro; e logo ouviu que toda a côrte do céu o acclamava a uma voz por digno de receber a divindade: *Dignus est agnus qui occisus est, accipere virtutem et divinitatem.* Pois o mesmo cordeiro Christo não tinha recebido de seu Pae a divindade e o ser divino desde o principio sem principio da eternidade? Sím a tinha recebido por geração: mas agora a tornava a receber por manifestação. Por geração foi concebido no intendimento e conceito do Padre: por manifestação era de novo concebido no intendimento e conceito de todo o mundo: *Non in se, sed in mente et ore hominum,* dizem com S. Thomás todos os interpretes. E n'este segundo modo de conceição e de geração quiz o Eterno Padre que fosse seu Filho, «concebido no intendimento e conceito dos homens não só por obra sua, senão tambem por cooperação de Pedro:» *Hic est Filius meus dilectus. Tu es Christus Filius Dei vivi.*

Vide Corn.

A similhança da Pessoa do Filho tambem o mesmo Filho lh'a deu; e quando? Quando lhe deu o nome de pedra. Christo teve o nome de pedra desde o tempo em que os filhos de Israel bebiam d'aquella pedra que os seguia, como declarou S. Paulo: *Bibebant de consequente eos petra; petra autem erat Christus.* E como Christo era pedra e deu o nome de pedra a Pedro, com a similhança e dignidade do seu nome o admittiu em quanto segunda Pessoa da Sanctissima Trindade ao consorcio e companhia, isto é, a lhe ser companheiro n'ella. S. Leão Papa: *In consortium individuae Trinitatis assumpto, id quod ipse erat nominari voluit.* E S. Maximo accrescenta que não foi só favor e graça, senão merecimento: *Recte consortium meretur nominis, qui consortium meretur et operis.* Disse *operis* e podera com a mesma e maior propridade dizer *oneris:* porque quando Christo o fez pedra fundamental de sua Egreja, todo o peso d'ella lhe carregou sobre os hombros. Isto é o que pesa aquelle *Super petram.* Outro peso foi o que o mesmo Christo tomou sobre si, quando se sujeitou a pagar o tributo de Cesar: mas tambem n'este egualou a Pedro comsigo; e quiz que fossem companheiros e meeiros na paga do mesmo tributo: *Da eis pro me et te.* Nota aqui Abulense e os outros expositores litteraes, que S. Pedro não

1.º Similhante ao Filho no nome de Pedra e por outros titulos. S. Leão, S. Maximo e Abulense. 1. Cor. 10 Matth. 17

tinha obrigação de pagar aquelle tributo, porque não era cabeça da familia. E porque outros sentem o contrario, eu o tiro com evidencia do Texto: porque os cobradores do mesmo tributo só disseram a S. Pedro: *Magister vester non solvit didrachma?* «Não fallaram de outra pessoa, senão sómente de Christo: logo reconheciam que só Christo como cabeça d'aquella familia estava obrigado a pagar o tributo.» Pois se S. Pedro não tinha obrigação de pagar o tributo, nem a elle lh'o pediam, porque lhe manda o Senhor que pague? Porque elle o pagava e quiz honrar a Pedro com o egualar com sua propria Pessoa. *O honoris excellentia!* exclama S. Chrysostomo. D'esta mesma egualdade tão familiar e repetida se póde tambem admittir sem escrupulo um pensamento com que Lyrano interpreta o de S. Pedro, quando disse no Thabor: *Faciamus hic tria tabernacula, tibi unum, Moysi unum et Eliae unum.* E porque não tractou tambem Pedro de tabernaculo para si e para os dous companheiros? Porque suppoz que os dous morariam com Moyses e Elias e elle com Christo. Vêde se se póde imaginar maior e mais familiar egualdade entre Pedro e a segunda Pessoa da Trindade! Se se hão de nomear, ambos com o mesmo nome: se hão de pagar, ambos o mesmo tributo: se hão de morar, ambos no mesmo tabernaculo!

Id. 7

3.° Similhante ao Espirito Sancto porque a sua promoção procedeu do Padre e do Filho e por actos do intendimento e da vontade.

Com o Espirito Sancto, que é a terceira Pessoa, não temos menos sublimada ou endeusada a dignidade de S. Pedro. Tão parecidas são a processão do Espirito Sancto e a promoção de S. Pedro; a personalidade de um e a dignidade ou majestade do outro, que ambas manam das mesmas fontes e ambas trazem o ser, em S. Pedro, das mesmas causas, e no Espirito Sancto que não póde ter causa, dos mesmos principios. Como procede o Espirito Sancto? A fé o diz, e a Egreja o canta: *Qui ex Patre Filioque procedit:* procede o Espirito Sancto do Padre e procede do Filho: o Padre é um principio parcial e o Filho outro principio tambem parcial; e d'estes dous principios parciaes se compõi («segundo o nosso modo de intender») o principio total, do qual produzido ou espirado, procede o Espirito Sancto. E a promoção de S. Pedro á dignidade que temos visto, como procedeu? Com a mesma verdade podemos e havemos de dizer, e com nenhuma se póde negar, que procedeu do mesmo Padre e do mesmo Filho: do Padre revelando: *Quia Pater revelavit tibi*; e do Filho dizendo: *Et ego dico tibi*: do Padre, que foi o primeiro que o elevou: do Filho, que foi o segundo, que o declarou; e de cada um como principio ou causa parcial e de ambos como causa total que o constituiu ou constituiram na dignidade. Não pára aqui a similhança. Em Pedro concorreram para a mesma dignidade dous actos, um do intendimento, ou-

tro da vontade e do amor. O do intendimento, quando perguntados todos, elle só disse: *Tu es Christus Filius Dei vivi:* o da vontade e do amor, quando perguntado só: *Diligis me plus his?* elle respondeu: *Tu scis Domine, quia amo-te.* Vêde agora como estes dous actos foram uma admiravel representação do acto de intendimento, com que o Padre gera o Filho, e do acto de vontade e amor entre o Padre e o Filho pelo qual procede o Espirito Sancto.

Joan. 21

É grave questão entre os theologos, se no acto do intendimento, com que o Padre gera o Filho se conhece e comprehende tambem o Espirito Sancto; e se resolve que sim. Mas esta resolução tem uma grande replica: porque n'aquella prioridade, que não é de tempo, nem de natureza, senão de origem, ainda não ha, nem se póde considerar vontade; e por consequencia, nem Espirito Sancto, que procede por acto da mesma vontade. Como se póde logo comprehender o Espirito Sancto no acto precedente do intendimento, que é antes d'elle ser? Os que respondem mais facil e intelligentemente dizem, como refere Soares: *Patrem in eo signo non agnoscere Spiritum Sanctum ut productum, sed ut producendum, nec ut existentem, sed ut futurum:* que o Eterno Padre, quando gera o Filho, não conhece o Espirito Sancto como Pessoa já produzida, senão que se ha de produzir, nem como já existente, senão futura. De sorte que a personalidade do Espirito Sancto no acto do intendimento do Padre «se considera como» ainda futura e não «como» existente. E essa existencia quando a ha de ter? Quando ao acto do intendimento se seguir a vontade e pela mesma vontade o acto do amor. Comparae-me agora a dignidade de Pedro com a personalidade do Espirito Sancto. O acto do intendimento em Pedro foi quando disse: *Tu es Christus Filius Dei vivi*; e assim como a personalidade do Espirito Sancto no acto do intendimento só «se considerava como» futura e não «como» existente, assim tambem na dignidade de Pedro não era existente senão futura: *Super hanc petram aedificabo ecclesiam meam*; *et tibi dabo claves regni coelorum:* não diz *aedifico* senão *aedificabo*: nem diz *do*, senão *dabo*, tudo de futuro. E a existencia d'este futuro quando ha de ser? Como a do Espirito Sancto, depois do acto da vontade e do amor reciproco: *Diligis me plus his? Tu scis, Domine, quia amo te.* Depois d'este acto de amor reciproco, e não uma, senão tres vezes repetido, então lhe deu e conferiu o Senhor a investidura da dignidade que lhe tinha promettido: *Pasce oves meas: pasce agnos meos.* Provido assim o governo da Egreja, se partiu Christo para o céu, d'onde prometteu mais que viria o Espirito Sancto mandado pelo Padre em seu nome, não do Pa-

A dignidade de S. Pedro comparada com a personalidade do Espirito Sancto.

Suar. lib. 9 *e c.* 5. *n.* 9

Joan. 21

Ibid. 14

dre, senão do mesmo Christo: *Paraclitus autem quem mittet Pater in nomine meo.* E que quer dizer *In nomine meo.* Quer dizer: Em meu logar e com as minhas vezes. Euthimio: *In nomine meo, idest, ut hic me referat, et meis fungatur vicibus.* Eusebio Emisseno: *Mea vice et meo nomine magnus consolator et doctor sapientissimus dabitur vobis.* Aqui tornou Christo a egualar «na missão» a S. Pedro com o Espirito Sancto como o tinha egualado comsigo «na paga do tributo:» dando as suas vezes e fazendo seu Vigario a Terceira Pessoa da Trindade e junctamente a Pedro. Pedro vigario de Christo, deixado na terra; o Espirito Sancto Vigario de Christo, mandado do céu: Pedro, Vigario visivel; o Espirito Sancto, Vigario invisivel: o Espirito Sancto, verdadeiro Vigario e verdadeiro Deus; Pedro, verdadeiro Vigario e verdadeiramente como Deus. Admire-se a egualdade d'este poder e a majestade soberana de Pedro no primeiro seu decreto, e pasmem os que ouvirem o proemio do primeiro concilio: *Visum est Spiritui Sancto et nobis.* Pedro foi o que congregou o concilio; Pedro, o que fallou em primeiro logar, calando todos, como diz S. Lucas: Pedro, a quem depois de fallar seguiram os demais apostolos; e Pedro, que em nome do Espirito Sancto e seu assignou e mandou publicar o decreto. Quando S. João ao principio do seu Apocalipse escreveu ás egrejas, as epistolas eram de João: *Joannes septem ecclesiis, quae sunt in Asia.* Mas quem no fim as assignava cada uma de per si era o Espirito Sancto: *Qui habet aurem, audiat quid Spiritus dicat ecclesiis.* Porém quando Pedro decreta, não só assigna os decretos o Espirito Sancto, senão tambem Pedro: *Visum est Spiritui Sancto et nobis.*

Apoc. 1

Ibid. 15

O appellido *Barjona* alude á mesma comparação. Comento dos Padres.

«Finalmente» quando S. Pedro acabou de fazer a sua confissão, disse-lhe o mesmo Christo assim exaltado: *Beatus es Simon Barjona:* Bemaventurado ês, Simão Barjona. Era este o appellido humilde de Pedro, e que cheirava ainda ao breu da barca; e teem para si alguns expositores, quiz o Senhor lembrar-lhe n'esta occasião a baixeza do seu nascimento, para que a dignidade, a que logo o havia de levantar, o não desvanecesse. Mas eu não me posso persuadir, que quando S. Pedro acabava de honrar a Christo por seu Pae com o nome de Filho de Deus vivo, o Senhor lhe respondesse com o que tanto lhe tocava no vivo, como ouvir em publico a indignidade do seu; e o que em tal caso não faria nenhum homem de bem, não havemos de crer que o fizesse «o benignissimo Salvador dos homens.» Qual foi logo a razão d'aquelle nome ou sobrenome e em resposta do que Pedro tinha dicto? Barjona na lingua hebrea ou syriaca, que n'aquelle tempo era vulgar, si-

gnifica *Filius columbae*, filho da pomba; e dizem commummente os Sanctos Padres que alludiu o Senhor á pomba, em cuja figura desceu o Espirito Sancto no baptismo sobre o mesmo Christo. Como se dissera o divino Mestre: Tu, Pedro, dizes que eu sou Filho do Eterno Padre? Pois eu te digo, que tu és Filho do Espirito Sancto. Assim o diz S. Jeronymo, Sancto Hilario, Eusebio Emisseno, a Glossa, e com palavras mais expressas que todos o veneravel Beda: *Justa laude confessorem suum Dominus remunerat, cum Sancti Spiritus filium esse attestatur, a qua ipse Filius Dei asseveratur.*

Tem S. Pedro o mesmo intendimento, vontade e poder que toda a Sanctissima Trindade. S. Leão e outros padres commentados pelo doutissimo Daza.

Já parece que deve estar satisfeita a nossa metaphora «ou divindade metaphorica» de S. Pedro com ser similhante a Deus Padre, similhante a Deus Filho, similhante a Deus Espirito Sancto, e por consequencia a toda a Sanctissima Trindade, que foi a soberannia universal da assumpção de S. Pedro, como acima disse S. Leão Papa; e eu deixei passar sem ponderação, porque este era o seu proprio logar, e a chave mais que dourada, com que se havia de fechar este discurso: *In consortium individuae Trinitatis assumptum;* assim como o Padre e o Filho e o Espirito Sancto intendem com um só intendimento e querem com uma só vontade e obram com um só poder; tambem á pessoa de Pedro não lhe faltou esta divina propriedade por isso chamada individual. Assim concedeu S. Leão e S. Maximo á dignidade de Pedro a prerogativa que elles chamam *Consortium Trinitatis:* e assim o declara commentando os mesmos Sanctos o doutissimo Daza da nossa Companhia; sujeito em quem a antecipada morte roubou á theologia e á Escriptura um dos mais solidos e excellentes interpretes. As suas palavras são estas: *Nempe suas* (*Petro*) *impertiendo vices et quae Dei sunt communicando: ut eadem sit ipsi cum Trinitate mens ad ea quae definit, eadem voluntas ad ea quae jubet, eadem potentia ad ea quae facit.* Forte e elegantemente. De maneira que, em quanto Pedro tem as vezes de Christo no Padre e no Filho e no Espirito Santo, em Pedro ha um só e o mesmo intendimento, uma só e a mesma vontade, uma só e a mesma potencia. Um só e o mesmo intendimento; porque o que intende Deus, intende Pedro nas materias que define. Uma só é a mesma vontade, porque o que quer Deus, quer Pedro nos canones que estabelece. Uma só e a mesma potencia, porque o que póde Deus, póde Pedro nas maravilhas que obra. Tudo isto quer dizer em Pedro aquelle *Vos autem. Vos non homines sed dii.*

Dignidade do sacerdocio christão.

VIII. Tão alta, muito reverendos senhores, tão alta, tão sublime e tão verdadeiramente divina é a suprema dignidade, debaixo de cujo nome e protecção se uniu, se conserva e florece

esta tão veneravel, como religiosa congregação dos clerigos de S. Pedro. E quando considero a todos os congregados d'ella segregados, como diz S. Paulo, e distinctos dos outros homens pela impressão do caracter sacerdotal, não sei o que mais devo venerar n'elles, se o que Christo disse a S. Pedro, se o que S. Pedro disse a Christo.

Segundo o juizo de S. Francisco e S. Martinho.

E senão perguntemos de cada um dos sacerdotes da lei da graça, o que o mesmo Senhor perguntou de si: *Quem dicunt homines?* Quem dizem os homens? Por ventura dizem *Alii Joannem Baptistam?* Pouco sabem se isso dizem. O grande Seraphim da terra, S. Francisco, dizia, como refere S. Boaventura, que se encontrasse em uma rua a S. João Baptista e a um pobre sacerdote, o menos auctorizado e respeitado nos olhos do mundo, primeiro havia de fazer reverencia ao sacerdote que ao mesmo Baptista. S. Martinho (aquelle que sendo ainda cathecumeno e soldado com a metade da capa vestiu a Christo) estando á meza com o imperador Maximo, quando o copeiro-mór lhe levou a taça, disse o imperador que a désse a Martinho, esperando recebel-a da sua mão. E que fez o animoso e justo prelado que bem conhecia a sua dignidade? Sem comprimento algum ao imperador, bebeu elle, e logo deu a taça a um presbytero que o acompanhava para que bebesse; antepondo a dignidade de um simples sacerdote á do mesmo imperador. Isto é o que respondem sem injuria do céu nem da terra, aquelles dous oraculos da lei da graça Francisco e Martinho.

O sacerdocio christão é mais que o de Melchisedech e de Arão.
Gen. 14

Passemos aos da lei da natureza e da lei escripta. *Quem dicunt homines?* Os da lei da natureza o mais que podem dizer é ser o sacerdote christão, como Melchisedech, *Sacerdos Dei altissimi*, o qual offerecia a Deus pão e vinho: *Panem et vinum offerens*. Mas isto é comparar a sombra com a luz e a similhança com a verdade. O pão que offerecia Melchisedech era assim como o que se colhe na eira, e o vinho assim como o que se espreme no lagar; porém o pão e vinho que os nossos sacerdotes offerecem, posto que debaixo dos mesmos accidentes, é pão transubstanciado no corpo de Christo e vinho transubstanciado no seu proprio sangue: fructos que não conheceu a natureza e palavra que foi necessario a theologia invental-a de novo. Os do lei escripta dirão que o nosso sacerdocio é como o de Arão e cuidarão que o louvam muito: mas eu, quando menos, quizera que olhassem para a pureza e limpeza dos nossos altares, dos quaes já disse o mesmo Deus a um dos prophetas d'aquelle tempo, dando-lhe em rosto com a perfeição e aceio dos nossos sacrificios: *In omni loco offertur nomini meo oblatio munda*. Os sacerdotes da lei velha com as mãos tintas em sangue

Mal. 1

bruto, quando as victimas eram as mais mimosas, sacrificavam bezerros e cordeiros; e os nossos com as mãos puras, como diz S. Paulo, sacrificam a Deus o divinissimo holocausto de seu proprio Filho tão infinito, tão immenso, tão omnipotente e tão Deus como elle.

Estima que os anjos fazem do mesmo sacerdocio.

Isto é o *Quem dicunt homines*. O *Vos autem* seja dos anjos e respondam elles. Que dirão os anjos? Dirão que os mais altos cherubins e seraphins do empyreo se foram capazes de enveja, nenhuma dignidade envejariam, senão a do homem sacerdote. No sacrosancto sacrificio da missa o sacerdote é o sacrificante e os anjos os ministros, que o assistem e talvez o servem, como os que nós chamamos ajudantes; e quando estes se divertem, supprem os seus discuidos. Assim succedeu a S. Gregorio papa, celebrando na egreja de Sancta Maria Maior em dia de Paschoa. Quando disse: *Pax Domini sit semper vobiscum*, discuidou-se o ajudante de responder e responderam os anjos que assistiam: *Et cum spiritu tuo*. D'aqui teve origem um uso ou rito notavel da egreja romana; e é que quando o summo Pontifice na missa de dia de Paschoa diz as mesmas palavras: *Pax Domini sit semper vobiscum;* o coro se cala e não responde, conservando-se n'este silencio a memoria do que suppriram as vozes dos anjos em dia similhante.

Os anjos não podem tocar na hostia.

Mas n'esta mesma vigilancia tão reverente, tão devota e tão obsequiosa com que os espiritos angelicos assistem ao sacerdote celebrante, haverá algum da suprema jerarchia que se atreva a tocar a hostia que elle consagra nas suas mãos e tantas vezes torna a tomar n'ellas no mesmo sacrificio? Por nenhum modo. Não se extendem a tanto os privilegios dos anjos. Quando Deus mandou de comer a Daniel no lago dos leões, o propheta levava o pão e o anjo levava o propheta pelos cabellos. Pois não seria mais facil que o pão o levasse o anjo? Mais facil sim, mas não lhe era licito. O pão em proferencia era figura do que se havia de consagrar nos nossos altares. O propheta, como diz S. Jeronymo era do tribu sacerdotal de Levi: e tocar aquelle sagrado pão só é licito aos sacerdotes e de nenhum modo aos anjos.

Como se explica a oração do canon que parece suppor o contrario. Rainaudo.

Mas vejo que os mesmos sacerdotes me estão arguindo com um texto em contrario e do mais sagrado canon de todos os da Egreja. Depois da consagração do Corpo e Sangue sanctissimo todos fazemos a Deus esta oração: *Sube haec perferri per manus sancti angeli tui in sublime altare tuum:* logo se o nosso sacrificio se ha de levar ao céu *per manus sancti angeli tui*, bem pódem as mãos dos anjos fazer o que fazem as nossas. *Absit* (responde Theophilo, o mais diligente escrutador das realidades d'este

mysterio) *Absit ut precatio illa intelligatur de Victimae nostrae reali apportatione; sed intelligenda est metaphorice, ad eum modum quo angelus ait se obtulisse orationem Tobiae Deo.* De sorte que aquella oração não se ha, nem se póde intender de que os anjos realmente levem o nosso sacrificio ao céu, senão metaphoricamente; assim como o anjo de Tobias disse que offereceu a Deus as suas orações. E a razão é manifesta: porque se o anjo levasse a nossa hostia ao céu, ficaria imperfeito o sacrificio, que não só consiste na consagração e oblação, senão tambem na consumpção; e então perfeitamente se consumma, quando a victima consagrada morre «mysticamente» ou deixa de existir: que é quando pela indisposição das especies deixa o corpo de Christo de estar debaixo d'ellas. Assim que isto é o que diz e só póde dizer a confissão dos anjos.

Os sacerdotes chamados deuses e filhos de Deus com allusão ao poder de jurisdicção e ao poder da ordem. *Luc.* 5

IX. Ouvidos, pois, os homens e os anjos quem resta para ouvir senão unicamente o mesmo Deus? Ouçamos, pois, muito reverendos padres, a Deus, e veremos como diz d'esta veneravel congregação o que S. Jeronymo disse dos apostolos que já então eram a congregação de S. Pedro: *Vos autem non homines sed Dii.* Deuses lhes chamou S. Jeronymo e por mais authentica bocca, que é a de David, lhes dá Deus o mesmo nome. E o mesmo Deus, cujo dizer é fazer, affirma que elle é o que disse: *Ego dixi: Dii estis et filii Excelsi omnes.* Deuses chama e filhos de Deus aos sacerdotes, e não em sentido allegorico, senão litteral; porque litteralmente falla o propheta dos ministros da Egreja segundo a phrase d'aquelle tempo: *Deus stetit in synagoga deorum;* e Christo, melhor interprete, litteralmente o allega no capitulo decimo de S. João, que todo é dos pastores e suas ovelhas, que são os ecclesiasticos com o poder e poderes do sacerdocio. Supposto, pois, que Deus lhes chama deuses e filhos de Deus: *Dii estis et filii excelsi,* com razão perguntará alguma curiosidade douta em qual das duas partes d'esta proposição disse Deus mais; se quando chama aos sacerdotes deuses, ou quando lhes chama filhos de Deus? Eu digo que quando lhes chama filhos de Deus: porque na primeira parte allude ao poder da jurisdição e na segunda ao poder da ordem. Quando Christo Senhor nosso disse ao paralytico: *Remittuntur tibi peccata tua;* murmuraram todos da proposição dizendo: *Quis potest dimittere peccata nisi solus Deus?* Negavam mal este poder a Christo; mas suppunham bem em dizer que só Deus póde perdoar peccados. E este é o poder dos sacerdotes em quanto deuses: *Quorum remisevitis peccata, remittuntur eis.* E digo emquanto deuses: porque o poder de perdoar peccados não só é proprio e unicamente de Deus, senão o maior e o maximo em

que elle manifesta e ostenta toda a grandeza do seu poder: *Deus qui omnipotentiam tuam parcendo maxime et miserando manifestas.*

O poder da ordem é maior que o da jurisdicção. S. Germano.

Mas com este poder de Deus merecer o nome e significação do maximo, o de Filho de Deus ainda significa mais. E porque? Porque mais é no Filho de Deus o poder de consagrar seu corpo, que em Deus o de perdoar peccados. Ouvi a razão. O perdoar peccados consiste formalmente em Deus ceder do jus e direito que sua justiça tem para os castigar, que é acto superior da sua misericordia: *Parcendo maxime et miserando:* e como n'este acto vence a misericordia divina a justiça divina, tambem Deus se vence a si mesmo, que é a maior victoria e a maior façanha de seu poder: *Omnipotentiam tuam maxime manifestas.* Porém a do Filho de Deus em se consagrar ainda é maior; porque mais é poder-se fazer a si mesmo, que poder-se vencer; e isto é o que póde e o que fez o Filho de Deus, Summo e Eterno Sacerdote, quando se consagrou no Sacramento; porque realmente se tornou a fazer e reproduzir a si mesmo. Mas não parou aqui sua omnipotencia e liberalidade; senão que este mesmo poder de o reproduzirem e fazerem a elle communicou aos sacerdotes, quando lhes disse: *Hoc facite in meam commemorationem.* Isto mesmo que eu fiz, fazei vós. Expressamente S. Germano venerado e allegado n'este mesmo poncto pelos padres gregos: *Ipse dixit: Hoc est corpus meum, hic est sanguis meus; ipse et apostolis jussit et per illos universae ecclesiae hoc facere: Hoc enim (ait) facite in meam commemorationem. Non sane id facere jussisset, nisi vim, hoc est potestatem inducturus fuisset ut id facere liceret.* Ó poder quasi incomprehensivel e que só se póde admirar com o nome de estupendissimo! Nos seis dias da creação creou Deus com seis palavras todo este mundo; e o sacerdote com quatro palavras faz mais todos os dias, que se creara mil mundos.

1 Cor. 11

Declara-se o poder da ordem com a doutrina de Sancto Agostinho e de outros.

Declaremos bem este poder mal intendido para que todos o intendam e pasmem. O lume da egreja Sancto Agostinho exclama assim: *Ó veneranda sacerdotum dignitas! In quorum manibus Dei Filius velut in utero Virginis incarnatur.* Ó dignidade veneranda dos sacerdotes, em cujas mãos o Filho de Deus como no ventre sacratissimo da Virgem Maria torna outra vez a encarnar! Em que consistiu a encarnação do Verbo Eterno? Consistiu na producção do corpo e alma de Christo e na producção da união hypostatica com que a sagrada Humanidade se uniu á subsistencia do Verbo. E tudo isto faz o sacerdote com as palavras da consagração, produzindo outra vez ou reproduzindo todo o mesmo Christo. Na mesma conformidade fallam

S. João Chrysostomo, S. Gregorio Papa, S. Pedro Damião e o antiquissimo Theodoro Ancirano, famoso no concilio ephesino. Mas porque cuidam alguns que similhantes questões são mais debatidas e examinadas pelos theologos modernos, quero tambem allegar as palavras de dous, bem conhecidos na nossa edade. O padre Theophilo Raynaudo, tão perseguidor de opiniões e devoções pouco solidas, como se vê nos seus eruditissimos livros *contra Anomala pietatis*, diz o que se segue: *Sacerdos Christum sub accidentibus ponit, esse sacramentale illi conferendo per veram Christi productionem substantialem.* E mais abaixo: *Christus non producitur absque unione ad Verbum, quia non est purus homo, sed suppositum eius est persona Filii: itaque in sacrificio Deus in manibus sacerdotum incarnatur.* E n'outro logar: *Quin etiam sacerdotis potestas extenditur ad unionem hypostaticam et transubstantiationem panis et vini.* Não romanceio as palavras: porque são expressamente tudo o que tenho dicto. E o Padre Eusebio Neriemberg, varão de tanto espirito, erudição e letras, cujos livros todos trazem nas mãos; fazendo a mesma comparação, que eu já toquei, entre a creação do mundo e consagração do Corpo de Christo, discorre e infere d'esta maneira: A potencia do Eterno Padre produziu o mundo e tudo o que ha no mundo: a potencia do sacerdote produz o Filho de Deus em Sacramento e Sacrificio: donde se segue que o poder do sacerdote na transubstanciação do Filho de Deus é muito mais admiravel que a potencia do Eterno Padre na creação de todas as cousas do mundo que hão de acabar com elle.

Theophil. Rayn. de Stat. christ. Achat. c. 3 Idem de Prima. Mista. Sec. 3. c. 1 Nieremb. Ascetic. lib. 2 doctrin. 4. c. 2

Façam os sacerdotes que Deus se não arrependa de lhes ter dado esta dignidade. *Ps.* 109

X. Esta é, muito reverendos Padres, a dignidade ou divindade do *Vos autem*, participada de seu divino protector S. Pedro a esta sua congregação, tão digna de ser sua. E que se segue, d'aqui, ou qual é a obrigação dos congregados? Se eu tivera as cãs que me faltam, alguma palavra lhes podera dizer tão importante á veneração alheia, como á decencia propria. Mas porque eu, posto que tão indignamente, tenho o mesmo caracter do sacerdocio, a mim, e a todos os sacerdotes só apontarei uma advertencia da Escriptura Sagrada que todos devemos ouvir temendo e tremendo. A advertencia é, que correspondamos de tal maneira ás obrigações d'esta altissima dignidade, que se não arrependa Deus de nol-a ter dado. Fallando David do Sacerdocio de Christo, diz: *Juravit Dominus et non poenitebit eum, tu es sacerdos in aeternum:* jurou Deus e não se arrependerá de dar o eterno sacerdocio a seu Filho. Reparemos muito n'aquelle *Et non poenitebit eum.* Pois de dar o sacerdocio a seu Filho, por natureza impeccavel e tão sancto e tão Deus como Elle, se podia Deus arrepender? Sim. Porque

esse sacerdocio não só o havia Christo de conservar em si, mas tambem o havia de communicar, como communicou, aos homens; e aqui estava o perigo. Por isso o jurou para que se não arrependesse: *Juravit Dominus et non poenitebit eum.* Ó que desgraça tão horrenda e tremenda, se Deus se arrependesse! E maior desgraçada ainda, se eu, e algum outro tão indigno como eu, désse motivos bastantes a este arrependimento! N'este caso (que Deus não permitta) aquelle caracter que é tão immortal, como a mesma alma, se iria perpetuar com ella em outra eternidade que não é a do céu e da gloria. *Quam mihi etc.*

(Ed. ant. tom. 7.º pag. 214, ed. mod. tom. 8.º pag. 233.)

SERMÃO DAS LAGRIMAS DE S. PEDRO **

PRÉGADO NA CATHEDRAL DE LISBOA EM SEGUNDA FEIRA DA SEMANA SANCTA NO ANNO DE 1669

Observação do compilador.—É um dos sermões mais ingenhosos e eloquentes do grande orador, sobretudo no exordio e peroração.

Cantavit gallus et conversus Dominus respexit Petrum et egressus foras flevit amare.

S. Luc. 22.

Se Christo não pôi os olhos no peccador não ha prégador que converta.

Cantou o gallo, olhou Christo, chorou Pedro. Que prégador haverá em tal dia, que não falle com confiança de converter? Que ouvinte haverá em tal hora que não ouça com esperança de chorar? Se Christo pôi os olhos, basta a voz irracional de um gallo para converter peccadores: «pelo contrario» se Christo não pôi os olhos, não basta a voz «nem a pregação do maior Sancto da Egreja» para converter: *Non est satis concionatoris vox nisi simul adsit Christi in peccatorem respectus*: disse gravemente n'este caso S. Gregorio papa. Do prégador são as vozes: dos olhos de Christo é toda a efficacia. E quando temos hoje os olhos de Christo tão propicios; que prégador haverá tão tibio, e que ouvinte tão duro, que não espere grandes effeitos ao brado de suas vozes?

O olhar de Christo é como a vara de Moysés no deserto. Num. 20

As mais bem nascidas lagrimas que nunca se choraram no mundo, foram as de S. Pedro; porque tiveram seu nascimento nos olhos de Christo: nos olhos de Christo nasceram, dos olhos de Pedro manaram: nos de Christo, quando viu; *Respexit Petrum*; nos de Pedro, quando chorou: *Flevit amare*. Rios de lagrimas foram hoje as lagrimas de S. Pedro; mas as fontes d'esses rios foram os olhos de Christo. Faltando agua no deserto a um povo que era figura d'este nosso, chegou-se Moisés a um penhasco: deu-lhe um golpe com a vara e não saiu agua: deu

o segundo golpe e sairam rios: *Egressae sunt aquae abundantissimae*. Que penhasco duro é este, senão o meu coração e os vossos? Deu a Egreja o primeiro golpe no dia das lagrimas da Magdalena: mas «não se abrandaram nem deram lagrimas os nossos corações»: dá hoje o segundo golpe no dia das lagrimas de S. Pedro; e «ficaremos com a com a mesma obstinação?» Mas não são estes os golpes em que eu trago posta a confiança. Os dos vossos olhos Senhor, que fizeram rios os olhos de S. Pedro, são os que hão de abrandar a dureza dos nossos. Pelas lagrimas d'aquella Senhora, que não teve peccados que chorar, nos concedei hoje lagrimas com que choremos nossos peccados. E pois ella chorou só por nós e para nós, sua piedade nos alcance de vossos piedosos olhos esta graça. *Ave Maria.*

O que são os olhos na ordem da Providencia.

II. *Egressus Petrus flevit amare.* Notavel creatura são os olhos! admiravel instrumento da natureza! prodigioso artificio da Providencia! Elles são a primeira origem da culpa; elles a primeira fonte da graça. São os olhos duas settas com que o demonio se arma para nos ferir e perder; e são dous escudos com que Deus, depois de feridos, nos repara para nos salvar. Dous são os officios dos olhos: ver e chorar: estes são os dous polos do nosso discurso.

Qual a razão por que a natureza uniu nos olhos o ver com o chorar.

Ninguem haverá (se tem intendimento) que não deseje saber, porque ajunctou a natureza no mesmo instrumento as lagrimas e a vista; e porque uniu na mesma potencia o officio de chorar e o de ver. O ver é a acção mais alegre: o chorar a mais triste. Sem ver, como dizia Tobias, não ha gosto, porque o sabor de todos os gostos é o ver: pelo contrario o chorar é o estillado da dôr, o liquido do sentimento, e por assim fallar, o sangue da alma. Porque ajunctou logo a natureza nos mesmos olhos dous affectos tão contrarios, ver e chorar? A razão e a experiencia é esta. Ajunctou a natureza a vista e as lagrimas; porque as lagrimas são consequencia da vista; ajunctou a Providencia o chorar com o ver; porque o ver é a causa do chorar. Sabeis porque choram os olhos? Porque vêem. Chorou David toda a vida e chorou tão continuamente que com as lagrimas sustentava a mesma vida: *Fuerunt mihi lacrymae panes die ac nocte.* E porque chorou tanto David? Porque viu a Bersebé. Chorou Sichem, chorou Jacob, chorou Samsão, um principe, outro pastor, outro soldado: e porque pagaram este tributo tão egual ás lagrimas os que tinham tão desegual fortuna? Porque viram Sichem a Dina, Jacob a Rachel, Samsão a Dalila. Choraram os que com suas lagrimas acrescentaram as aguas do diluvio; e porque choraram? Porque tendo o nome de filhos de Deus, viram as que se chamavam filhas dos homens: *Videntes filii Dei filias hominum*

Ps. 41

Gen. 6

quod essent pulchrae. Mas para que são exemplos particulares em uma causa tão commum e tão universal de todos os olhos? Todas as lagrimas que se choram, todas as que se teem chorado, todas as que se hão de chorar até o fim do mundo; onde tiveram seu principio? Em uma vista; *Vidit mulier quod bonum esset lignum ad vescendum.* Viu Eva o pomo vedado; e assim como aquella vista foi a origem do peccado original, assim foi o principio de todas as lagrimas que choramos os que tambem então começamos a ser mortaes. Digam-me agora os theologos: Se os homens se conservavam na justiça original em que foram creados os primeiros paes, havia de haver lagrimas no mundo? Nem lagrimas, nem uma só lagrima. Não haviamos de entrar n'este mundo chorando, nem haviamos de chorar em quanto n'elle vivessemos, nem haviamos de ser chorados quando d'elle partissemos. Aquella vista foi a que converteu o paraiso de deleites em val de lagrimas: por aquella vista choramos todos. Mas que diriam sobre esta ponderação os que n'este dia fazem panegyricos ás lagrimas? Diriam que estima Deus tanto as lagrimas choradas por peccados, que permittiu Deus o peccado de Adão só por ver chorar peccadores. Diriam que permittiu Deus o peccado; da sua parte para que os homens vissem a Deus derramar sangue; da nossa parte, para que Deus visse aos homens derramar lagrimas. Não é meu intento dizer estas cousas. Que importa em similhantes dias que as lagrimas fiquem louvadas, se os olhos ficam enxutos? O melhor elogio das lagrimas é choral-as. Chorou Eva, porque viu; choramos os filhos de Eva, porque vemos; «e se na historia das lagrimas de que fallamos chorou S. Pedro, foi tambem porque viu.» N'aquella tragica noite da paixão de Christo entrou Pedro no atrio do pontifice Caiphás; e o fim com que entrou foi para ver: *Ut videret finem.* E vós, Pedro, entrais para ver? Pois vós saireis para chorar: *Egressus foras flevit amare.*

Ibid. 3

III. Basta o dicto para sabermos que o chorar é effeito ou consequencia do ver. Mas como se segue esta consequencia? Segue-se de um meio termo terrivel, que se complica com o ver e com o chorar, sendo consequente de um e antecedente de outro. Do ver segue-se o peccar: do peccar segue-se o chorar; e por isso o chorar é consequencia do ver. Depois que Eva e Adão peccaram, diz o Texto que a ambos se lhe abriram os olhos: *Aperti sunt oculi amborum.* Pergunto: Antes d'esta hora Adão e Eva não tinham os olhos abertos? Sim, tinham: viram o paraiso, viram a serpente, viram a arvore, viram o pomo, viram-se a si mesmos; tudo viram e tudo viam. Pois se viam e tinham os olhos abertos, como diz a Texto que agora se lhes

Do ver segue-se o peccar e do peccado o chorar.
Gen. 3

abriram os olhos? Abriram-se-lhes para começar a chorar; porque até alli não tinham chorado: *Aperti sunt oculi ad quod antea non patebant*, diz Sancto Agostinho. Creou Deus os olhos humanos com as portas do ver abertas, mas com as portas do chorar fechadas. Viram e peccaram; e o peccado que entrou pelas portas do ver saiu pelas portas do chorar. Estas são as portas dos olhos que se abriram: *Aperti sunt oculi amborum*: peccaram porque viram, choraram porque peccaram: pagaram os olhos o que fizeram os olhos: porque justo era que se executasse nos olhos o castigo; pois os olhos foram a causa e a occasião do delicto.

Todos os peccados são consequencia do ver.

Dir-me-heis por ventura que em Eva e no seu peccado teve logar esta consequencia; em nós e nos nossos olhos não, ao menos em todos. Em Eva sim, porque entrou o seu peccado pelos olhos: em nós não, porque ainda que alguns dos nossos peccados entram pelos olhos, muitos têem outras entradas. Digo que em todos os peccados o chorar é consequencia mais ou menos immediata do ver: e sejam primeira prova as mesmas lagrimas. Dae-me attenção.

Prova-se com a Escriptura.

Cousa é digna não só de reparo, senão de espanto que queira Deus e acceite as lagrimas por satisfação de todos os peccados. Que paguem os olhos os peccados dos olhos; que paguem os olhos chorando o que os olhos peccaram vendo, castigo é muito justo e justiça muito clara e egual: mas que os olhos hajam de pagar pelos peccados de todas as potencias da alma e pelos peccados de todos os sentidos e membros do corpo, que justiça e que egualdade é esta? Se o homem pecca nos máus passos, paguem os pés: se pecca nas más obras, paguem as mãos; se pecca nas más palavras, pague a lingua; se pecca nos máus pensamentos, pague a memoria; se pecca nos máus juizos, pague o intendimento; se pecca nos máus desejos e nos máus affectos, pague a vontade. Mas que os tristes olhos hajam de pagar tudo e por todos? Sim; porque é justo que pague por todos quem é a causa ou instrumento dos peccados de todos. Lêde as Escripturas e achareis que em todos os peccados do corpo e da alma são cumplices os olhos. E assim achareis registado a cada passo que se peccou a alma os olhos são os culpados. Se peccou o corpo os olhos são os delinquentes. Achareis notado que se seguis com tantas ancias as vaidades do mundo, os vossos olhos são os que vos levam á vaidade. Se seguis tão insaciavelmente as riquezas, os vossos olhos são os hydropicos d'esta sede insaciavel. Se vos cegais e vos deixais arrebatar e infurecer da paixão, os vossos olhos são os apaixonados. Se vos vingais e não perdoais o aggravo, os vossos olhos são

Thren. 3
Matth. 6
Ps. 98
Eccli. 4
Ps. 6
Deuter. 7
Judith 6
Eccl. 4
Ezech. 23
Ps. 53

os vingativos e os que não perdoam. Se estais preso e captivo da má affeição, os vossos olhos são os laços que vos prenderam e captivaram. Se desejais o que não deveis desejar e appeteceis o que não deveis appetecer, os vossos olhos são os que desejam; os vossos olhos são os que appetecem. Se desprezais o que deveis estimar e abhorreceis o que deveis amar, os vossos olhos são os que desprezam; os vossos olhos são os que abhorrecem.

Mormente nos septe vicios capitaes.

Infinita materia fôra se houveramos de discorrer por todos os movimentos viciosos e por todas as acções de peccado em que são cumplices os olhos: mas pois todos os peccados e suas especies, estão reduzidas a septe cabeças; vêde como peccam os olhos em todos os peccados capitaes. Se peccais no peccado da soberba os vossos olhos são os soberbos: *Oculos superborum humiliabis.* Se peccais no peccado da avareza e na cubiça, os vossos olhos são os avarentos e os cubiçosos: *Insatiabilis oculus cupidi.* Se peccais no peccado da luxuria, os vossos olhos são os torpes e sensuaes: *Oculos eorum fornicantes.* Se peccais no peccado da ira, os vossos olhos são os impacientes e irados: *Conturbatus est in ira oculus meus.* Se peccais no peccado da inveja, os vossos olhos são os invejosos do bem alheio; *Nequam oculus lividi.* Se peccais no peccado da gula, os vossos olhos são os appetitosos e os mal satisfeitos: *Nihil respiciunt oculi nostri nisi man.* Se peccais no peccado da acidia os vossos olhos são os negligentes e os tibios: *Oculi mei languerunt.* De sorte que se offendeis a Deus e a sua lei em qualquer peccado, os vossos olhos são que offendem; e não ha peccado tão feio, nem maldade tão abominavel no mundo que não sejam os olhos mais ou menos remotamente a causa d'essa abominação: *Abominationes oculorum suorum.* E pois os olhos peccam em todos os peccados vendo; que muito é que paguem em todos e por todos chorando?

Ps 7
Eccles. 14
Ps. 30
Eccles. 14
Num. 11
Ps. 87
Ezech. 20

Prova-se com a auctoridade da Egreja.

Assim como provei a verdade da culpa com toda a Escriptura, assim hei de provar a justificação da pena com toda a Egreja. *Quo fonte manavit nefas, fluent perennes lacrymae.* Sabeis filhos, diz a Egreja, porque vos manda Deus que chorem os olhos por todos os peccados? É porque os olhos são a fonte de todos: *Quo fonte manavit nefas, fluent perennes lacrymae.* Chorae, pois, e chorem perennemente os vossos olhos; e pois esses olhos foram a fonte do peccado, sejam tambem a fonte da contrição: pois essas foram a fonte da culpa, sejam tambem a fonte da penitencia. Foram a fonte da culpa em quanto instrumentos do ver, sejam a fonte da penitencia em quanto instrumentos do chorar; e já que peccaram vendo, paguem chorando.

São os olhos duas fontes com seus canaes e registros.

De maneira que são os nossos olhos (se bem se considera) duas fontes, cada uma com dous canaes e com dous registros: um canal que corre para dentro e se abre com o registro do ver: outro canal que corre para fóra e se solta com o registro do chorar. Pelos canaes que correm para dentro se os registros se abrem entram os peccados: pelos canaes que correm para fóra, se os registros ou as prezas se soltam saem as lagrimas. E pois as correntes do peccado entram pelos olhos vendo, justo é que as correntes das lagrimas saiam pelos mesmos olhos chorando.

Que mysteriosamente pozeram n'elles as lagrimas a natureza, a justiça, a razão e a graça.

Vêde que mysteriosamente pozeram as lagrimas nos olhos a natureza, a justiça, a razão, a graça. A natureza para remedio; a justiça para castigo; a razão para arrependimento; a graça para triumpho. Como pelos olhos se contráhi a macula do peccado, poz a natureza nos olhos as lagrimas para que com aquella agua se lavassem as manchas: como pelos olhos se admitte a culpa, poz a justiça nos olhos as lagrimas para que estivesse o supplicio no mesmo logar do delicto: como pelos olhos se concebe a offensa de Deus, poz a razão nos olhos as lagrimas, para que onde se fundiu a ingratidão, a desfizesse o arrependimento: e como pelos olhos entram os inimigos á alma, poz a graça nos olhos as lagrimas, para que pelas mesmas brechas por onde entraram vencedores, os fizesse sair vencidos. Entrou Jonas pela bocca da baleia peccador: saiu Jonas pela bocca da baleia arrependido. Razão é logo e justiça e não só graça, senão natureza, que, pois os olhos são a fonte universal de todos os peccados, sejam os rios de suas lagrimas a satisfação tambem universal de todos; e que paguem os olhos por todos chorando, já que peccaram em todos vendo: *Quo fonte manavit nefas, fluent perennes lacrymae.*

S. Pedro castiga nos seus olhos os peccados da sua lingua porque tiveram principio n'elles.

IV. Agora se intenderá facilmente uma duvida não facil entre as negações de S. Pedro e as suas lagrimas. As negações de S. Pedro todas foram peccados da lingua. A lingua foi a que na primeira negação disse: *Non sum*. A lingua foi a que na segunda negação disse: *Non novi hominem*. A lingua foi a que na terceira negação disse: *Homo nescio quid dicis*. Pois se a lingua foi a que peccou, porque foram os olhos os que pagaram o peccado? Porque não condemnou S. Pedro a lingua a perpetuo silencio, senão os olhos a perpetuas lagrimas? Porque ainda que a lingua foi a que pronunciou as palavras, os olhos foram os primeiros culpados nas negações: a lingua foi o instrumento, os olhos deram a causa, «expondo-o a uma tentação, a qual como o Divino Mestre lhe pronunciara o havia de vencer.»

O pae de familias da parabola evangelica accusa os olhos e não as linguas dos murmuradores *Matth.* 20

Na parabola da vinha foram chamados os cavadores a diffe-

rentes horas. Ao pôr do sol mandou o pae de familias que se pagasse a todos o seu jornal: mas vendo os primeiros que lhes egualavam os ultimos, começaram a murmurar contra o pae de familias. O que agora noto (e não sei se notou até agora) é que reprehendendo o pae de familias aos murmuradores, não se queixou das suas linguas, senão dos seus olhos: *An oculus tuus nequam est, quia ego bonus sum?* Basta que porque eu sou bom os vossos olhos hão de ser máus? Assim o disse, e assim se queixou o pae de familias: mas eu não vejo a razão d'esta sua queixa. A sua queixa era dos murmuradores e da murmuração: os olhos não são os que murmuram, senão a lingua. Pois porque se não queixa da lingua, senão dos olhos? Porque ainda que das linguas saiu a murmuração, os olhos e máus olhos deram a causa. Estes murmuradores murmuraram o que viram. Viram que elles tinham trabalhado todo o dia: isso murmuraram. Viram que as outros vieram tarde e muito tarde: isso murmuraram. Viram que sendo desiguaes no trabalho, lh'os egualavam no premio: isso murmuraram. E como a murmuração, ainda que saiu pela lingua, teve a occasião nos olhos; por isso são reprehendidos e castigados os olhos e não a lingua. *An oculus tuus nequam est, quia ego bonus sum?* Assim o julgou contra os olhos d'aquelles murmuradores o pae de familias; e assim se sentenciou tambem S. Pedro contra os seus. As suas negações sairam pela lingua; mas a causa e a occasião deram-n'a os olhos. Negou porque quiz vêr; porque, se não quizera ver, não negára; pois ainda que a lingua foi o instrumento da negação, castiguem-se os olhos que foram a causa. Se os olhos não foram «presumsosos» para vêr, não fôra a lingua fraca para negar. E pois os olhos por quererem ver pozeram a lingua em occasião de negar, paguem os olhos por si e paguem pela lingua; pela lingua paguem o negar, e por si paguem o ver.

Porque se diz no evangelho que Pedro chorou amargamente, e não se emprega outro adverbio?

E senão pergunto. Porque dizem os evangelistas com tão particular advertencia que chorou Pedro amargamente: *Flevit amare?* Se queriam encarecer as lagrimas de Pedro pela copia, digam que se fizeram seus olhos duas fontes perennes de lagrimas; digam que chorou rios, digam que chorou mares, digam que chorou diluvios. E se queriam encarecer esses diluvios de lagrimas não pela copia, senão pela dôr; digam que chorou tristemente, digam que chorou sentidamente, digam que chorou lastimosamente, digam que chorou irremediavelmente; ou busquem outros termos de maior tristeza, de maior lastima, de maior sentimento, de maior pena, de maior dôr. Mas que deixado tudo isto, só digam e ponderem que chorou amargamente: *Flevit amare?* Sim, e com muita razão: porque o chorar pertence aos

olhos, a amargura pertence á lingua; e como os olhos de Pedro choravam por si e mais pela lingua; era bem que a amargura se passasse da lingua aos olhos e que não só chorasse Pedro; senão que chorasse amargamente: *Flevit amare*. Como a culpa dos olhos em ver se ajunctou com a culpa da lingua em negar, ajunctou-se tambem o castigo da lingua, que é a amargura, com o castigo dos olhos que são as lagrimas, para que as lagrimas pagassem o ver, e a amargura pagasse o negar; e os olhos chorando amargamente pagassem por tudo: *Flevit amare*.

S. Pedro chorou depois que saiu do atrio do pontifice; e porque não chorou antes?

V. Mas se o vêr em Pedro foi occasião de negar; e o negar foi a causa de chorar; porque não chorou Pedro, quando negou, senão depois que saiu: *Egressus foras?* Negou a primeira vez e ficou com os olhos enxutos como d'antes; negou a segunda vez e ficou do mesmo modo: negou a terceira vez e nem ainda então chorou. Sái Pedro finalmente fóra; e depois que saiu, então sairam tambem as lagrimas: *Egressus foras flevit amare*. Pois se Pedro chora porque negou; porque não chora quando negou ou depois de negar, senão quando saiu e depois de sair? «Já demos uma razão que é a sobrenatural e mais propria: Christo por sua infinita misericordia poz n'elle os olhos e por isso chorou: *Et conversus Dominus respexit Petrum et egressus foras flevit amare*. Mas ha tambem outra razão natural e muito digna de reparo, porque ella tambem concorreu poderosamente para a conversão de S. Pedro.»

A philosophia dos olhos no chorar e não chorar.

Notavel philosophia é a dos nossos olhos no chorar e não chorar. Se choramos o nosso ver foi causa; e se não choramos o nosso ver é o impedimento. Como estes nossos olhos são as portas do ver e do chorar, incontram-se n'estas portas as lagrimas com as vistas: as vistas para entrar, as lagrimas para sair. E porque as lagrimas são mais grossas e as vistas mais subtis, entram de tropel as vistas e não podem sair as lagrimas. Vistes já nas barras do mar encher-se a força da maré com as correntes dos rios; e porque o peso do mar é mais poderoso, vistes como as ondas entram e os rios param? Pois o mesmo passa nos nossos olhos. Todos os objectos d'este mar immenso do mundo e mais os que mais amamos são as ondas que umas sobre as outras entram pelos nossos olhos; e ainda que as lagrimas dos mesmos olhos tenham tantas causas para sair; como o sentido de ver póde mais que o sentido de chorar; vêmos quando haviamos de chorar e não choramos, porque não cessamos de ver. Por isso saiu fóra Pedro não só para chorar, senão para poder chorar; porque para os seus olhos exercitarem o officio de chorar haviam de cessar do exercicio de ver.

Vejamos isto mesmo nos olhos de David que do ver nos deixou tantos desenganos e do chorar tantos exemplos.

Morto lastimosamente o principe Abner, mandou David que todo o exercito vestido de lucto e arrastando as armas o acompanhasse até á sepultura; e o mesmo rei o acompanhou tambem. D'esta maneira foi marchando e continuando o enterro até ao logar do sepulcro, mas ninguem chorava. Tiram o corpo do esquife: mettem finalmente o cadaver na sepultura, correm a porta; eis que cameça David a rebentar em lagrimas e todos com elle em pranto desfeito: *Cumque sepelissent Abner levavit David vocem suam et flevit super tumulum: flevit autem et omnis populus.* «Tal é a differença que vai de ver a não ver:» Em quanto os olhos viram o corpo de Abner, estiveram represadas as lagrimas: tanto que não tiveram que ver, começaram a sair. E esta foi a razão natural, porque Pedro para chorar amargamente o seu peccado saiu do atrio de Caiphás. Diz S. Marcos no texto grego (conforme a intrepretação de Theophylacto) que saindo S. Pedro do atrio lançou a capa sobre o rosto e então começou a chorar: *Cum caput obvelasset, flevit.* Para Pedro poder chorar cobriu primeiro os olhos para não ver. Saiu para não ver o que via e cubriu os olhos para que nenhuma cousa vissem: e quando não viu nem pôde ver, então pôde chorar e chorou: *Flevit.*

As lagrimas de David no enterro de Abner e as de Pedro conforme o texto de S. Marcos interpretado por Theophylacto.

O pranto mais publico que se viu na nação portugueza, foi quando chegaram á India as novas da morte d'el-rei Dom Manoel, primeiro e verdadeiro pae d'aquella monarchia. Estava o vice-rei na sé (como nós agora) ouvindo sermão; e tanto que lhe deram a triste nova, diz a historia, que lançou a capa sobre o rosto e que fazendo todo o auditorio o mesmo, começaram a chorar em grito e se levantou o maior e mais lastimoso pranto que jámais se vira. Este era o uso dos capuzes portuguezes, quando tambem se usava o chorar. Mettiam os capuzes na cabeça até o peito, cobriam e escureciam os olhos; e assim choravam e lamentavam o defuncto. Depois que as mortes se não choram, trazem-se os capuzes detraz das costas para que nem os olhos os vejam. Não foi assim o lucto que Pedro fez pela morte da sua alma; mas porque a quiz logo chorar, cobriu os olhos para não ver: *Cum caput obvelasset, flevit.*

Costume dos antigos portuguezes quando choravam. Como se chorou a morte d'el-rei D. Manoel.

VI. Assim saiu Pedro do logar da sua desgraça. Mas para onde saiu? Diz Nicephoro e outros auctores ecclesiasticos mais vizinhos d'aquelle tempo que se foi S. Pedro metter em uma cova entre Jerusalem e o monte Sion. Tinha promettido morrer com Christo; mas porque não tivera animo para morrer, teve resolução para se sepultar. N'esta sepultura triste; solitaria,

Onde se recolheu S. Pedro para chorar?

escura, como os olhos não tiveram luz para ver, tiveram maior liberdade para chorar. Só na supposição de um parallelo se póde conhecer este excesso ou este artificio das lagrimas de S. Pedro. «Tornemos aos exemplos de David.» Os dous exemplares de penitencia que Deus poz n'este mundo em uma e outra lei foi Pedro e David. David foi o Pedro da lei escripta. Pedro foi o David da lei da graça. E assim como Pedro escolheu logar particular para as suas lagrimas, assim David escolheu tempo particular para as suas.

Quanto ao tempo imitou a David e a Jeremias. *Ps. 6* *Jerem. 9*

O tempo que David escolheu para chorar foi o que diz mais com os tristes, o tempo escuro da noite: *Per singulas noctes lacrymis meis stratum meum rigabo.* De dia governava, de noite chorava: o dia dava aos negocios a noite ás lagrimas. Oh! que exemplo este para reis, para ministros, para todos os que gastam o dia em occupações ou publicas ou particulares! As flores anoitecem murchas, e quasi seccas: mas com o orvalho da noite amanhecem frescas, vigorosas, resuscitadas. Assim o fazia David, e assim regava a sua alma todas as noites. E por que razão escolhia David o tempo escuro da noite para chorar? Porque de dia com a luz, como está livre o uso do ver, fica preso e embaraçado o exercicio do chorar: mas de noite com a sombra e escuridade das trevas fica livre e desembaraçado o exercicio de chorar; porque está impedido o uso de ver. A mesma razão seguia S. Pedro na eleição da sua cova, em que de dia e de noite sempre fosse noite, para que de dia e de noite sempre chorasse. Oh quem dera fontes de lagrimas a meus olhos («diria elle com Jeremias»), quem dera fontes de lagrimas a meus olhos para chorar de dia e de noite! *Quis dabit oculis meis fontem lacrymarum et plorabo die et nocte!* E na verdade duas fontes foram então n'aquella cova os olhos de Pedro, duas fontes foram depois nas catacumbas romanas, duas fontes, que de dia e de noite sempre corriam. Choraram amargamente porque viram: choraram continuamente porque não viam: fóra do paço onde viram, para não ver: dentro da cova onde não viam para sempre chorar. *Egressus foras flevit amare.*

Os olhos de S. Pedro prégam aos nossos a cautela do sancto propheta Job. Observação de S. Leão Magno.

VII. Ategora fallámos com os olhos de Pedro: agora fallem os olhos de Pedro com os nossos. Que dizem aquelles dous grandes prégadores aos nossos olhos? Olhos, apprendei de nós: nós vimos «com presumpção e por tal vista,» choramos: apprendei «a desconfiar dos vossos olhos;» apprendei a chorar. Oh que grandes duas lições para nós! Se Pedro quando quiz ver a Christo «presumpçosamente» negou tres vezes a Christo; os olhos que «vão continuamente buscando outros objectos que não são Christo,» quantas vezes o negarão? Se «na occasião de peccado»

nega a Christo Pedro, quando quer ver levado do amor de Christo, como não negarão a Christo os que querem ver levados de outro amor? Se quem entrou a ver uma tragedia da Paixão de Christo teve tanto que chorar, os que entram a ver outras representações e outros theatros, que fructo hão de colher d'aquellas vistas? Diz S. Leão Papa que os olhos de S. Pedro se baptizaram hoje nas suas lagrimas. Bem se podem baptizar os nossos olhos outra vez, porque não teem nada de christãos. Não digo que se mettam os nossos olhos em uma cova; porque não ha hoje tanto espirito no mundo: mas ao menos não comporemos aos nossos olhos? Não faremos ao menos com os nossos olhos aquelle concerto que Job fez com os seus? *Pepigi foedus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine.* Fallava Job do vicio contra a honestidade, em que tanta parte teem os olhos; e diz que fez concerto com os olhos seus para não admittir o peccado no consentimento, nem ainda na imaginação.

E de Salmeyrão.

Este concerto parece que não se havia de fazer com os olhos, senão com o intendimento e com a vontade. O consentimento pertence á vontade, a imaginação pertence ao intendimento; faça-se logo concerto com a vontade que consente e com o intendimento que cuida e imagina e não com os olhos que sómente vêem. Só, diz Job, com os olhos se ha de fazer o concerto; porque o peccado, ou o que ha de ser peccado entra pela vista, da vista passa á imaginação, e da imaginação ao consentimento: logo para que não chegue ao consentimento, nos olhos onde está o primeiro perigo, se ha de pôr a cautela, nos olhos a resistencia, nos olhos o remedio. Notou advertidamente Salmeyrão, que succede aos homens nos peccados d'esta casta o mesmo que succedeu a S. Pedro nas suas negações. Para as negações de S. Pedro concorreram duas tentadoras e um tentador: a primeira e a segunda tentadora forem as duas ancillas e o terceiro tentador foi o soldado da guarda de Caiphás. Assim tambem nas nossas negações. A primeira ancilla e a primeira tentadora é a vista; a segunda ancilla e a segunda tentadora é a imaginação; e o terceiro tentador é o consentimento em que se consummou o peccado. E assim como nas negações de Pedro a primeira tentadora foi a ancilla ostiaria, a porteira: assim nas nossas negações a primeira tentadora é a vista, que é a porteira, e a que tem nos olhos as chaves das outras potencias. Por isso Job fez concerto com os seus olhos para que estas portas estivessem sempre fechadas.

Recolhimento que se deve guardar na semana sancta.

Não fecharemos estas portas tão arriscadas da nossa alma, ao menos n'estes dias em reverencia dos olhos de Christo. No mesmo tempo em que Pedro estava negando a Christo, estava

Christo com os olhos tapados, padecendo tantas affrontas. Consente Christo que lhe tapem os olhos tão affrontosamente por amor de mim; e eu por amor de mim e por amor de Christo não fecharei os olhos? Consente Christo que lhe tapem os olhos para me salvar; e eu abrirei os olhos para me perder até n'esta semana que devêra ser tão sancta na compuncção como é sancta no nome?

Doutrina de Christo. Matth. 18

Olhae quanto mais encarecida é a doutrina de Christo n'este caso: *Si oculus tuus scandalizat te erue eum, et projice abs te.* Se os vossos olhos vos servem de escandalo, se vos fazem cair, arrancai-os e lançae-os fóra. Se fôra resolução muito bem empregada arrancar os olhos por amor da salvação e para esses mesmos olhos verem a Deus, porque ha de ser cousa difficultosa fechal-os? A Samsão arrancaram-lhe os olhos os philisteus, porque os entregou a Dalila. Não lhe fôra melhor a Samsão fechar os olhos para não ver, que perdel-os porque viu? Não lhe fôra melhor a Sichem não ver a Dina? Não lhe fôra melhor a Ammon não ver a Thamar? Não lhe fôra melhor a Holophernes não ver a Judith? Todos estes pereceram ás mãos de seus olhos. Democrito, philosopho gentio (como diz Tertulliano) arrancou voluntariamente os olhos por se livrar de pensamentos menos honestos. Que tivesse resolução um gentio para arrancar os olhos por amor da pureza e que não tenha animo nem valor um christão para os fechar? Christãos, por amor d'aquelles olhos que Christo hoje poz em S. Pedro, e para que elle os ponha em nós; que se havemos de fazer esta semana alguma penitencia, se havemos de fazer esta semana alguma mortificação, seja cerrar os olhos por amor de Christo. Aquellas pestanas cerradas sejam as settas de que teçamos um cilicio muito apertado a nossos olhos. Não são os olhos aquelles grandes peccadores, que peccam em todos os peccados? Pois tragam esta semana este cilicio; façam por seus peccados esta penitencia.

É necessario chorar os proprios peccados imitando a S. Pedro e não a Judas traidor.

VIII. Como os olhos estiverem cerrados (que é o segundo documento dos olhos de S. Pedro), como os olhos não virem, logo chorarão. Lembremo-nos que estamos em um valle de lagrimas: lembremo-nos que esta vida não é logar de ver, senão de chorar. Esta vida diz S. João Chrysostomo é para os nossos olhos chorarem, a outra para verem. Nós n'esta vida trocamos aos nossos olhos os tempos e os logares; mas tambem na outra vida os acharemos trocados. Os olhos que não chorarem na terra, chorarão no inferno. Tambem no inferno ha lagrimas, mas lagrimas sem fructo. Não é melhor chorar aqui alguns dias para nosso remedio, que chorar eternamente no in-

ferno se nenhum remedio? «Onde está agora o discipulo traidor, que não quiz chorar a sua perfidia? Está experimentando o effeito d'aquellas palavras tão temerosas de seu divino Mestre: *Vae homini illi per quem Filius hominis tradetur: bonum erat illi si natus non fuisset homo ille.* Ai d'aquelle homem por quem fôr entreque o Filho do Homem, melhor lhe fôra nunca haver nascido.» Na ceia de Bethania e na do Cordeiro, que foram as duas ultimas occasiões em que Christo teve junctos a seus discipulos, septe vezes fallou com Judas e septe vezes lhe prégou para o converter. As palavras, umas foram de amor, outras de compaixão, outras de terror. Mas nem as amorosas o abrandaram, nem as compassivas o interneceram, nem as temerosas o compungiram: a nada se rendeu Judas: «morreu desesperado, e perdeu-se eternamente. Quantas vezes e por quantas maneiras fallou Christo comnosco esta quaresma? E nós ainda não choramos os nossos peccados aos pés de algum confessor!» Oh tristes dos nossos olhos! Oh! miseraveis das nossas almas! que «parece queremos imitar a Judas obstinado e não a Pedro arrependido.» S. Pedro não chegou a estar duas horas no seu peccado e chorou toda a vida ate á morte; e nós que a toda a vida temos gastado em peccados, e muitos estamos no cabo da vida, e todos não sabemos quanto nos ha de durar a vida, quando fazemos conta de chorar? S. Pedro sabía de certo que Deus lhe tinha perdoado; e comtudo não cessava de chorar continuamente. Sabemos de certo qne temos offendido a Deus, e muitos sabem tambem de certo que não estão perdoados, porque tambem sabem de certo que estão actualmente em peccado mortal; e com toda esta evidencia nem uns nem outros choram!

Se não chorarmos os nossos peccados não obteremos o perdão.

Dizei-me, pelas chagas de Christo: fazeis conta de vos salvar com S. Pedro? Sim. Peccastes como S. Pedro? Muito mais. Chorastes como S. Pedro? Não. Pois se peccastes como S. Pedro e não chorais como S. Pedro, como fazeis conta de vos salvar como S. Pedro? Tem Deus para vós outra lei? Tem Deus para vós outra justiça? Tem Deus para vós outra misericordia? Christo perdoou a S. Pedro, porque chorou; e se S. Pedro não chorara, não lhe havia Christo de perdoar, como não perdoou a Judas. Pois se Christo não perdoara a S. Pedro sem chorar, como nos ha de perdoar a nós, se não choramos? Somos mais discipulos de Christo que S. Pedro? Somos mais mimosos de Christo que S. Pedro? Somos mais da casa e do seio de Christo? Somos mais amigos e mais amados e mais prezados de Christo? Pois que confiança cega e diabolica é esta nossa?

Implora-se a divina graça.

Senhor, Senhor, compadecei-vos de nós: *Respice in nos et miserere nobis.* Olhae para nós, piedoso Jesus, olhae para nós com aquelles piedosos olhos com que hoje olhastes para S. Pedro. Abrandae esta dureza impenetravel de nossos corações. Allumiae esta cegueira obstinada de nossos olhos. Fechae estes nossos olhos para que não vejam as vaidades e loucuras do mundo. Abri-nos estes olhos para que se desfaçam em lagrimas por vos terem negado e por vos terem tanto offendido. S. Pedro, divino apostolo, divino penitente, pontifice divino, lembrae-vos d'esta vossa egreja que tão cega está e tão impenitente. Lembrae-vos d'estas vossas ovelhas: lembrae-vos d'estes vossos filhos; e d'essas lagrimas que vos sobejaram, derramae sobre nós as que tanto havemos mister. Alcançae-nos d'aquelles olhos que tão benignamente vos viram, que imitemos vossa contrição, que choremos nossos peccados, que façamos verdadeira penitencia, que acabemos uma vez de nos arrepender e emendar de todo coração. E n'esta semana tão sagrada, lançae-nos do céu uma benção e impetrae-nos perseverança na graça, nos propositos, na dôr, no arrependimento; para que chorando o que só devemos chorar, vejamos finalmente o que só devemos desejar ver, que é a Deus n'essa gloria.

(Ed. ant. tom. 1.º, columna 843, ed, mod. tom. 2.º, pag, 351.)

SERMÃO DE S. JOÃO EVANGELISTA *

PRÉGADO NA FESTA DO PRINCIPE D. THEODOSIO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1644

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.— Ingenhoso no estylo e na materia é o sermão que se segue e por isso bem apropriado ao principe D. Theodosio que era de alto intendimento. Por esta mesma razão o grande orador só declara os louvores do Sancto que mais respeitam a um principe destinado á corôa.

Conversus Petrus vidit illum discipulum quem diligebat Jesus, sequentem.
S. JOAN. 21.

O cuidado que tinham de S. João o Principe do céu e o Principe da Egreja.

S. João Evangelista foi venturoso com principes. O principe do céu e o principe da Egreja, ambos, «como parece» andam em competencia n'este evangelho sobre qual se lhe ha de mostrar mais affeiçoado. Fez Christo a S. Pedro, principe universal da Egreja, «promettendo lhe a graça e a gloria do martvrio. Recebeu o sancto apostolo com amor e agradecimento o cargo e a promessa, e como estavam presentes todos os outros» aponctando para S. João, disse: *Domine, hic autem quid?* Senhor, se a mim me dais o pontificado; se a mim me entregais as chaves do céu, «se a mim me dais a graça e preparais a gloria dos campeões da vossa fé,» aos merecimentos de João que lhe haveis de dar? Que responderia Christo a S. Pedro? *Sic eum volo manere donec veniam, quid ad te?* Se eu quero que João fique assim, que vos mette, Pedro, a vós n'isso? Quem vos fez procurador de João? *Quid ad te?* Notavel resposta de Christo! Nos negocios dos amigos sente-se que haja descuidados; mas não que haja cuidadosos. Pois se Christo era amigo de João, porque se mostra sentido do cuidado que mostrava Pedro? Porque, como Christo amava muito a João, não queria que houvesse quem se mostrasse mais cuidadoso que elle. Onde estou eu, dizia Christo, porque ha de ter outrem cuidado

de João? *Quid ad te*? De maneira que «parece como dizia que» o principe da Egreja e o Principe da gloria andavam ambos em competencia sobre qual havia de «ter mais cuidado de S. João; porque mostrar particular affecto» ao evangelista amado ou é destino ou é obrigação dos maiores principes.

Este cuidado funda a devoção do Principe de Portugal ao grande valido do divino mestre. Parece devoção perigosa.

Tão qualificada, Senhor, e tão auctorizada como isto, tem V. A. a devoção do seu amado evangelista S. João: auctorizada com os cuidados do principe da Egreja; e mais auctorizada com as emulações do Principe da gloria. Comtudo, Senhor, eu quando considero a V. A. principe de Portugal, não deixo de ter meus escrupulos n'esta devoção. S. João foi o valido de Christo; e um principe de Portugal logo em seus primeiros annos affeiçoado a validos? Devoção a valido, ainda que Sancto em um principe? Escrupulosa devoção! Lá diziam os israelitas a Deus que lhe não haviam de chamar Baalim, que quer dizer, Senhor meu: porque ainda que Baalim, era nome de Deus, equivocava-se com Baal, que era nome do idolo. Pois se o nome do idolo, ainda que posto em Deus, era perigoso; o nome de valido, ainda que posto em S. João, porque o não será? Valido, ainda que seja S. João, é valido; e affeição a valido no nosso principe? Pois, por certo, Senhor, que não são esses os exemplos que V. A. vê: nem essa é a doutrina com que V. A. é criado.

Mas o não é.

II. Com isto se representar assim, eu acho duas razões muito forçosas para o principe nosso senhor se affeiçoar a este grande valido de Christo: a primeira, pelas partes de valido: a segunda, pela auctoridade de quem a inculcou.

1.° Porque esta devoção é herança de seu avô. Exemplo registrado no livro 8.° de Cassiodoro

Quiz el-rei Athalarico tomar por seu valido a Tholonico, patricio romano, e escreveu-lhe assim em uma epistola que é a nona do livro 8.° de Cassiodoro: *Ad relevandam florentissimae aetatis nostrae sollicitudinem visum est te virum prudentissimum adhibere, quem constat etiam domino avo nostro laudabiliter adhaesisse*. Quero-vos por companheiro no governo d'estes meus primeiros annos, diz Athalarico a Tholonico, por duas razões: porque tendes prudencia para o ser, e porque o fostes primeiro do senhor Theodorico, meu avô. Estas mesmas são as razões que o principe (que Deus guarde) tem para ser tão affeiçoado a este grande valido de Christo. A primeira, porque tem grandes partes para o ser: a segunda, porque o foi primeiro do serenissimo D. Theodosio seu avô: *Etiam domino avo nostro laudabiliter adhaesisse*. Sendo S. A. de muito menos annos, sonhou que lhe apparecia o senhor D. Theodosio, que lhe encommendava muito que fosse grande devoto de S. João Evangelista, de quem elle toda a vida fôra devotissimo.

Este sonho mysterioso foi o principio d'esta devoção; e esta herança divina foi a que deixou a um tal neto um tal avô.

Só o discipulo amado é amigo de quem se póde testar. *Joan.* 19

Já outra vez ao pé da cruz foi S. João Evangelista deixado em herança; e a meu ver este é um dos grandes louvores do discipulo amado: ser amigo de quem se póde testar. Um dos grandes escandalos que tenho do mundo, é porque se não ha de testar dos amigos. Na morte testam os homens de todos seus bens; e por essa mesma razão parece que haviam de testar dos amigos em primeiro logar; porque entre todos os bens nenhum ha maior que os amigos; e entre todas as cousas nossas, nenhuma é mais nossa que os amigos. Pois, se os amigos são os nossos bens, e os bens mais nossos, porque não testamos d'elles? A razão é esta: porque os bens de que testam e podem testar os homens, são aquelles que permanecem depois da morte; e os amigos, ainda que sejam os nossos maiores bens, são bens que se acabam com a vida. O maior amigo permanece até á morte, depois da morte ninguem é amigo. Só S. João Evangelista foi excepção d'esta regra, como de todas. Fez Christo testamento na hora da morte e a principal herança de que testou, foi, «após sua Sanctissima Mãe,» S. João: *Mulier ecce filius tuus*. Sabia que o amor do seu amado não se havia de acabar com a vida; por isso foi a herança principal do seu testamento. Ó divino João que bem mostrais ser «a herança principal do testamento de Christo» na fineza de vossa amizade! Não se acabaram vossas finezas com a morte: antes depois que Christo morreu por vós, morrestes vós mais por elle. «Bem o declaram e apregoam a todo o mundo os tormentos de Roma, os venenos de Epheso, os desterros de Patmos e o zelo com que convertestes e reduzistes a Christo a Asia, e lhe ensinastes a lei do seu amor». Por isso testou de vós vosso Mestre: por isso testaram de vós nossos principes.

Com esta devoção herdou o Principe de Portugal mais que seu pae.

Ora eu me puz a considerar, em razão de herdeiro, a qual devia mais o principe, que Deus guarde, se a el-rei nosso senhor, se ao senhor D. Theodosio? Em quanto herdeiro d'el-rei nosso senhor a herança é o reino de Portugal: em quanto herdeiro do senhor D. Theodosio a herança é S. João Evangelista. Pois a qual deve mais S. A. em razão de herdeiro? Não ha duvida, senhor, que em razão de herdeiro deve V. A. mais ao senhor D. Theodosio, que a el-rei nosso senhor. Provo em proprios termos. Quando Christo fez testamento na cruz «podia deixar a sua Mãe o maior imperio ou reino do mundo, e não lhe deixou outra cousa que S. João. Logo é S. João melhor herança que qualquer imperio ou reino do mundo.»

2.° Pelas boas partes que S. João tem para valido.

Esta é a primeira razão e mui justificada, que S. A. tem pa-

ra ser mui affecto ao grande valido de Christo, por ser herança do senhor D. Theodosio, seu avô. A segunda é pelas boas partes que em S. João se acham para valido como agora veremos.

A 1.ª é dizer a verdade. Grande gloria de Christo e de S. João. *Joan.* 21

III. A primeira boa parte que eu reconheço em S. João para valido é ser evangelista. Os validos hão de ser evangelistas. O officio dos evangelistas é dizer verdade por officio. Alguns homens teem havido evangelistas; muitos homens teem havido validos; mas valido e evangelista junctamente só S. João o foi. A razão ou sem razão d'isto, é porque os que são validos não querem ser evangelistas; e os que são evangelistas não chegam a ser validos. Só em S. João se ajunctaram estas duas propriedades das quaes se compõi a maior prerogativa sua. Sabeis qual é a mais singular prerogativa do evangelista amado? É ser amado, sendo evangelista. Reparo eu muito no nosso evangelho em uma cousa em que não vejo reparar: *Et scimus quia verum est testimonium ejus*: diz S. João por fim do seu evangelho, que tudo o que diz n'elle é verdade. Ociosa advertencia, ao que parece, por certo. Leiam-se todos os evangelistas; e nenhum se achará que fizesse simílhante advertencia. Pois se os outros evangelistas não dizem que é verdade o que escreveram; porque diz S. João que é verdade o que escreveu? Não tinha egual auctoridade? Não era evangelista como os demais? Sim, era; mas era evangelista amado; e porque o amor podia fazer suspeitosa a verdade, advertiu que ainda que era amado, era verdadeiro: *Discipulum quem diligebat. Et scimus quia verum est testimonium ejus.* Ordinariamente nas côrtes dos principes, os que contrafazem a verdade, são os que grangeiam o amor. Na côrte de Christo não é assim: os que teem por profissão ser verdadeiros, são os que teem por premio ser amados. Oh que grande gloria de Christo! Oh que grande gloria de João! Grande gloria de João, que sendo evangelista seja o amado! Mas isto não se acha em toda a parte: só na côrte do céu e na de Portugal: só no Principe da gloria e no nosso principe. O que importa, Senhor, é que seja sempre assim. Os amados sejam só os evangelistas; e quem não fôr evangelista não seja amado.

Quem não falla verdade não ama. Dalila e Samsão.

E qual é a razão por que os evangelistas devem ser os amados? A razão é evidente: porque o maior merecimento para ser amado é amar e a maior prova de amar é fallar verdade. Perguntou Dalila a Samsão por tres vezes em que parte tinha vinculada sua fortaleza e que remedio podia haver para ser vencido? Respondeu Samsão a primeira vez, que se o atassem fortemente com nervos. a segunda vez, que se o atassem com cordas: a terceira vez, que se o atassem com os cabellos: mas de todas as taes vezes rompeu elle com facilidade as ataduras. E

que faria Dalila vendo-se assim enganada? Queixou-se muito de Samsão: disse que sabia de certo que a não amava, e fez-lhe este argumento: *Quomodo dicis quod amas me? Per tres vices mentitus es mihi:* como dizes, Samsão, que me amas, se me mentiste tres vezes? Bem tirada consequencia: mentiste-me, logo não me amas. A consequencia é clara: porque amar é entregar o coração; mentir é encobril-o: bem se segue logo, que quem não falla verdade, não ama: porque como ha de entregar o coração, quem o encobre? De maneira que da verdade de cada um póde julgar o principe o seu amor: com advertencia porém que não deve esperar, como Dalila, pela terceira mentira. Pela primeira falsidade em que o vassa'lo for achado, ha de cair logo da graça do principe e cair para sempre. Parece demasiado rigor; porque a graça de Deus não se perde por qualquer mentira: bem póde um homem não fallar verdade e mais ficar em graça de Deus, Comtudo no principe não é bem que seja assim; porque? Porque para Deus que conhece os corações, bem póde haver mentiras veniaes: mas para quem os não conhece, todas é bem que sejam mortaes e que por todas se perca a graça. A graça consiste no amor: quem não falla verdade, não ama: logo onde se prova o desamor, bem é que se perca a graça. Perca-se a graça, onde se provar o desamor que é a mentira: ganhe-se a graça onde só se provar o amor que é a verdade; e andem junctos como em S. João o titulo de evangelista com o de amado.

A 2.ª ser valido que ficou assim como d'antes.

IV. A segunda qualidade de valido que teve S. João e a que eu admiro muito n'este grande sancto, é ser valido que ficou assim como d'antes. Ser valido e ficar logo de outra maneira, isso acontece a todos: mas ser valido e ficar assim como d'antes é singularidade de S. João.

Tres cousas que n'este mundo sempre crescem.

Tres cousas ha n'este mundo que sempre crescem e nunca ficam «no mesmo estado»: uma faz a natureza, outra faz a graça, outra faz a fortuna. A natureza as palmas: a graça os sanctos: a fortuna os validos. A estatura da alma sancta, diziam as outras almas suas companheiras, que era similhante á palma: *Statura tua assimilata est palmae.* E porque mais á palma que a outro corpo bizarro e vistoso de quantos creou nos campos a natureza? Porque todas as outras arvores, ainda que sejam os cedros mais gigantes do Libano, teem limite no crescer e termo na estatura: só a palma não: sempre cresce. Taes são as almas dos sanctos. Como a virtude não tem termo; como a perfeição não tem limite; sempre estão crescendo na virtude, sempre estão subindo na perfeição, sempre se estão renovando e melhorando: *A claritate in claritatem;* como diz S. Paulo. Es-

ta é a estatura das palmas alentadas pela natureza; esta é a estatura dos sanctos inspirados pela graça; e esta é a estatura dos validos assoprados pela fortuna. Estatura que por mais crescida e por mais remontada até as nuvens que a vejamos, sempre cresce mais e mais. Veja-se em José com el-rei Pharaó: veja-se em Aman com el-rei Assuero: veja-se em Daniel com el-rei Dario.

Como cresceram no valimento José, Aman e Daniel. Gen. 49 Dan. 6

Deu Jacob por benção a José que crescesse sempre: *Filius accrescens Joseph, filius accrescens;* e onde se cumpriu esta benção? Na privança e valimento de Pharaó. Aman gran'privado de Assuero, até o dia em que acabou, cresceu; e porque não teve mais para onde crescer, acabou. Pareceu desgraça e foi natureza: que assim acontece á palma: ou crescer ou acabar. Daniel na privança de Dario, tendo subido a ser um dos tres supremos principes de toda a monarchia; ainda o rei queria que crescesse mais, e que fosse elle só sobre todos: *Porro rex cogitabat constituere eum super omne regnum.* Offenderam-se os grandes de tanto crescer; e o remedio que inventaram para que não crescesse mais Daniel, foi buscarem-lhe a occasião com que o tirassem do lado do rei. Não é phrase só da nossa lingua, senão do mesmo texto sagrado: *Unde principes et satrapae quaerebant occasionem ut invenirent Danieli ex latere regis.* Do lado o queriam tirar, porque do lado lhe vinha o crescer.

Vide Calmet h. l.

Ao lado dos reis tudo medra e cresce.

Não sei que influencias tem o lado do principe, que em todo este elemento em que vivemos, não ha parte tão fertil e tão fecunda, como aquelles dous pés de terra: tudo alli se dá, tudo alli medra, tudo alli cresce. Crescem os parentes, os amigos, os creados: crescem as honras, os postos, os titulos: cresce a casa, a fazenda, o regalo: cresce o poder, o dominio, o respeito, a adoração: e sobre tudo cresce a estatura dos mesmos adorados. Hontem pygmeus, hoje homens, ámanhã gigantes, outro dia colossos. Pesa-me d'esta ultima comparação; porque quando lhes accrescentei a grandeza, lhes tirei a alma. Não assim o maior valido do maior principe, S. João. Sempre ficou na mesma estatura, sempre se conservou do mesmo tamanho; e nem apparencias de maioria lhe grangeou o lado.

A questão da maioria que se levantou entre os apostolos honrava a S. João.

Levantou-se questão entre os apostolos, qual d'elles fosse maior? *Quis eorum videretur esse maior?* Esta questão, a meu juizo, foi o maior louvor de S. João. Que seja S. João sem questão o valido e que ainda esteja em questão quem é o maior! Grande louvor de valido! N'aquella mesma hora e n'aquelle mesmo logar em que se levantou a questão, que foi a meza da ceia, tinha Christo feito publica entrega do seu lado a S. João; e n'aquella mesma hora e n'aquella mesma meza se tinha S. Pe-

dro valido de sua valia, para saber por elle o segredo do traidor, e elle o tinha perguntado a Christo. Pois se o valimento de S. João estava tão declarado; se o lado do seu Principe lhe estava tão publicamente entregue todo e só a elle; como duvidam ainda os apostolos e contendem sobre qual dos doze é o maior? Não está claro que o maior entre os doze é João? Assim havia de ser, se João fôra «como os outros validos. Mas elle» era tanto do seu tamanho sempre, tão medido com a sua estatura e tão egual só comsigo, que por mais que cresciam os valimentos, elle sempre se ficava assim como d'antes era: na valia era sem contenda o maior: mas na maioria, como os demais: *Quis eorum videretur esse maior*. E notae que a contenda em rigor não foi sobre quem era o maior: senão sobre quem o parecia: *Quis eorum videretur*. E tinha crescido e medrado tão pouco S. João com o seu valimento, que todos os outros apostolos não só podiam pleitear com elle a maioria, senão ainda as apparencias. De sorte que no cume da sua privança e no mais subido e remontado do seu valimento, não só não era maior, mas nem o parecia: *Quis eorum videretur*.

Nella ficaram acreditados Christo e João. A mãe não fiava tão delgado.

Mas n'este «tão digno e tão honroso procedimento, pergunto eu», quem ficou mais accreditado o lado ou o valido? «Não ha duvida que mais o lado: comtudo não se póde negar que muito ficou tambem accreditado o valido.» Não fiava tão delgado como isto a mãe de S. João; e fiada no sangue que corre pelas veias, pediu a Christo para cada um de seus filhos um dos lados e uma das maiores cadeiras do reino: *Dic ut sedeant hi duo filii mei, unus ad dexteram et alius ad sinistram in regno tuo*. Não deferiu Christo por então; mas a seu tempo de ametade d'esta petição fez dous despachos: deu um lado a S. João e deu uma cadeira a S. Pedro. Pois se a mãe pedia para S. João a cadeira e mais o lado, porque lhe não deu Christo o lado e mais a cadeira? E já que lhe não quiz dar ambas as cousas que pedia, senão uma só; porque lhe não deu a cadeira senão o lado? Deu-lhe o lado e não a cadeira para accreditar o lado; e deu-lhe o lado sem a cadeira para accreditar a S. João. Se Christo amando a S. João mais que a todos lhe não dera o lado, senão a cadeira, mostrava que estimava mais a cadeira que o lado, e era desaccreditar o lado; e se lhe désse o lado e a cadeira junctamente, mostrava que S. João não só estimava e queria o lado, senão tambem a cadeira, e era desaccreditar a S. João. Querer antes a cadeira que o lado, é affrontar o lado: querer o lado e mais a cadeira, é affrontar-se o valido: querer o lado e não querer a cadeira é honra do valido e mais do lado. Isto é o que ninguem faz: isto é o que fez João; e isto o que Christo

Matth. 20

queria: que fosse seu valido S. João e que sendo valido seu se ficasse assim como d'antes.

A 3.ª e guardar o segredo, como S. João a respeito do traidor. Joan. 13

V. A terceira qualidade admiravel que resplandece no evangelista foi ser um valido que fez do segredo ignorancia. Um dos argumentos de seu valimento, que S. João allega n'este evangelho, foi perguntar a Christo: *Quis est qui tradet te?* Quem era o traidor que o havia de entregar? Respondeu-lhe o Senhor que era «aquelle a quem daria o pão molhado; e logo deu-o a Judas, dizendo: O que fazes, faze-o depressa. Mas notou o Evangelista que dos que estavam á meza nenhum percebeu a que proposito lhe dizia isto: *Hoc autem nemo scivit discumbentium ad quid dixerit ei.* Nenhum»: logo não o soube o mesmo S. João que era um dos que estavam a ella. É consequencia de Sancto Agostinho. Pois se Christo o disse a S. João; como é possivel que S. João o não soubesse? A razão é esta: porque o que Christo disse a S. João, disse-lh'o em segredo; e S. João o que sabe em segredo «é como se o não soubesse.» Nos outros homens o saber em segredo, é saber; em S. João o saber em segredo é ignorar: *Nemo scivit.* Nenhum segredo é segredo perfeito, senão o que passa a ser ignorancia: porque o segredo que se sabe, póde-se dizer: o que se ignora, não se póde manifestar. Esta é a causa de os homens communmente não saberem guardar segredos: porque encommendam o segredo á memoria; sendo que o haviam de encommendar ao esquecimento. O segredo encommendado á memoria corre perigo: o segredo encommendado ao esquecimento está seguro. A razão é, porque o segredo encommendado á memoria é cautela, e o que se guarda com cautela, póde-se perder; o segredo encommendado ao esquecimento é ignorancia; e o que se ignora totalmente não se póde manifestar. Logo o perfeito segredo é só o que chega a ser ignorancia; e tal era o de S. João: *Hoc autem nemo scivit discumbentium.* Busquei prova a este pensamento, e só em um Homem-Deus a achei.

E o divino Mestre a respeito do dia do juizo. Marc. 13

Falla Christo da incerteza do dia do juizo e diz assim: *De die autem illo nemo scit, neque angeli, neque Filius.* O dia do juizo ninguem o sabe; nem os anjos, nem o mesmo Filho do homem. Este texto é um dos mais difficultosos que tem o Testamento novo: tão difficultoso, que se cançaram n'elle todos os quatro doutores da Egreja contra a heresia dos Arianos. Dizer Christo que nem o mesmo Christo sabe quando ha de ser o dia do juizo! Notavel proposição! Christo em quanto Deus sabe quando ha de ser o dia do juizo; porque a sciencia divina é commum e egual em todas as tres divinas Pessoas. Christo em quanto homem tambem sabe quando ha de ser o dia do juizo;

porque ainda que a sciencia de Christo em quanto homem não é infinita, é universal e perfeitissima e conhece todos os futuros e decretos divinos. Pois se Christo em quanto Deus e em quanto homem sabe quando ha de ser o dia do juizo, porque diz que não sabe? A exposição d'este passo mais recebida de todos os doutores é esta: porque ainda que o Filho de Deus sabía muito bem quando havia de ser o dia do juizo, sabia-o de maneira que não queria revelar este segredo aos apostolos; e nas Pessoas divinas como Christo o saber em segredo é ignorar. Sancto Hilario: *Quod Filius hominis nescit, sacramentum est, quod taceat.* O que Christo chama ignorancia do dia do juizo, não é ignorancia, é segredo; mas chama-se o segredo ignorancia, porque nas Pessoas divinas o encobrir é como o ignorar. O mesmo passou em S. João (que d'elle e de Deus fallam com o mesmo estylo os evangelistas); quiz dizer que encobrira e disse que ignorava: *Hoc autem nemo scivit discumbentium.*

S. João guardou tambem o segredo do segredo.

Ainda não está encarecido o fino do segredo de S. João. Tornemos ao nosso texto: *Qui recubuit supra pectus Domini et dixit: Quis est qui tradet te?* Diz S. João que viu S. Pedro aquelle discipulo amado do Senhor, o qual na ceia esteve reclinado sobre seu peito; e lhe perguntou quem era o traidor. Reparo. Parece que S. João não havia de dizer: Que era aquelle que perguntou a Christo quem era o traidor; senão: Que era aquelle a quem Christo disse quem era o traidor. Fundo a duvida: porque o intento de S. João era provar que elle era o amado de Christo; e o amor de Christo para com S. João não se prova com S. João perguntar o segredo a Christo, senão, com Christo revelar o segredo a S. João. Pois se Christo revelou o segredo a S. João, porque não diz S. João, que Christo lhe revelou o segredo? Porque diz sómente que elle lh'o perguntou? Não se podia subir a mais em materia de segredo. Foi tão escrupuloso valido em materias de segredo S. João, que nem quiz dizer os segredos que lhe disseram, nem quiz dizer que lhe disseram segredos. Que os perguntara, sim: que lh'os disseram, não. Não dizer um homem o segredo que sabe, é muito; mas não dizer que sabe o segredo, é muito mais. Porque? Porque não dizer o segredo que sabe, é guardar segredo ás cousas: mas não dizer que sabe o segredo, é guardar segredo ao segredo. S. João guardou segredo ás cousas, porque não disse quem era o traidor; e guardou segredo ao segredo porque não disse que lhe descobriram quem era. Que muito logo, que sendo tão secretario S. João, fosse tão valido! *Discipulum quem diligebat Jesus qui recubuit super pectus Domini et dixit: Quis est qui tradet te?*

A 4.ª é querer a graça por amor da graça e nada mais. David, Jonathas e os validos. 1 Reg. 18

VI. A quarta e ultima boa parte que admiro em S. João, é ser valido, que quiz a graça por amor da graça. Logo me explicarei mais. Ninguem teve mais graça com o seu principe que David com Jonathas; e qual foi a prova d'esta graça? O texto sagrado o diz: *Spoliavit se Jonathas tunica qua erat indutus; et dedit eam David.* Despojou-se Jonathas de seus vestidos e deu-os a David. De sorte que a prova da graça do principe são os despojos: *Spoliavit se.* Notavel cousa! Que cuidem os homens que não teem a graça do principe, senão quem lhe leva até os vestidos! E que tenha a graça despojos, como se fôra guerra! Os despojos são signaes de haver vencido ao inimigo; e que a graça dos amigos dos principes tenha os mesmos signaes! Por isso eu temo que este modo de conquistar a graça é fazer guerra. Só quem faz guerra, quer despojos. Quem conquista a graça pela graça, contenta-se com o coração. Veja-se no nosso Evangelista. Conquistou a graça de Christo; e veio-se a rematar a conquista, em que? Em lhe render Christo o coração: *Recubuit supra pectus ejus.* Muito estimou S. João o coração do seu Principe; mas estimou-o porque se lhe rendeu, e não porque lhe rendia. O coração do principe ha se de estimar pelo rendimento e não pelas rendas: ha se de estimar n'elle o rendido e não o rendoso. Só S. João soube estimar a graça do principe, como se ha de estimar: a graça por amor da graça, e nada mais.

S. João reclinado sobre o peito do Senhor e os seraphins na gloria. Isai. 6

D'aqui se intenderá um mysterio grande e nunca assás intendido do nosso evangelho: *Discipulum quem diligebat, qui et recubuit in coena supra pectus Domini.* Encarece S. João o amor que havia entre elle e Christo, e para prova d'este amor diz que «esteve reclinado sobre o peito do Senhor como quem quizesse adormecer.» Boa prova de amor por certo! Amar é desvelo, adormecer é descuido; pois como póde ser que o descuido seja prova de desvelo e que o adormecer seja prova do amar? Adormeceu, logo amou: é boa consequencia esta? Sim: porque S. João «queria» adormecer com o peito reclinado sobre o peito de Christo; e não póde haver mais fino e mais provado amor, que aquelle que entrega o coração e fecha os olhos. Entregar o coração com os olhos abertos, é querer a vista por premio do amor: entregar o coração com os olhos fechados, é não querer no amor nem o premio da vista. D'onde se infere claramente que teve mais perfeitas circumstancias o amor de S. João que o amor dos bemaventurados: porque os bemaventurados amam com os olhos abertos: S. João amou com os olhos fechados. Os bemaventurados amam com as satisfações da vista; S. João amou sem os interesses de ver. Se é boa a minha consequencia, digam-no os mesmos seraphins da gloria.

Viu Isaias os dous seraphins que assistem ao throno de Deus; e diz que com as duas azas voavam e com as outras duas cobriam o rosto: *Duabus volabant, et duabus velabant faciem.* Pois se todos os anjos estão sempre vendo a Deus, como cobriam estes seraphins os olhos? É que como os seraphins no céu são por antonomasia os amantes, queriam ao menos na representação offerecer a Deus um amor mais fino que a dos outros espiritos bemaventurados. E amor mais fino que o amor dos bemaventurados é abrir o coração e fechar os olhos. *Duabus volabant*; eis ahi o coração aberto: *duabus velabant*; eis ahi os olhos fechados. Os outros bemaventurados amam com o coração aberto e com os olhos abertos: mas os seraphins que vencem no amor, amam com o coração aberto e com os olhos fechados. Bem assim como S. João de quem apprenderam esta fineza: *Discipulum quem diligebat, qui recubuit super pectus Domini.*

Alexandre e Epaminondas, Christo e S. João.

VII. E como em S. João havia tantas qualidades de amante e tão grandes de valido, que muito que o amasse tanto o Principe da gloria Christo! que muito que o amasse tanto o principe da Egreja Pedro! Para que acabemos por onde começámos o maior encarecimento que se póde dizer de um valido é o que disse Curcio de Epaminondas privado de Alexandre Magno: *Rex sine illo nihil magnae rei gessit.* Foi Epaminodas tão grande valido de Alexandre, que Alexandre nenhuma cousa grande fez sem elle. Outro tanto podemos dizer de S. João com toda a propriedade, sendo valido não de Alexandre, mas do mesmo Christo: *Rex sine illo nihil magnae rei gessit*: Christo sem João apenas fez cousa grande «na sua vida mortal.» Fez Christo o primeiro milagre nas vodas, e ahi estava S. João. Resuscitou Christo o filho do principe da synagoga; e levou comsigo S. João. Instituiu Christo o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, que foi a maior de suas maravilhas, e tinha a S. João sobre o peito. Transfigurou-se Christo no Thabor; e S. João assistia n'aquella gloria. Derramou sangue Christo no Horto; e S. João acompanhou-o n'aquella pena: emfim remiu Christo o mundo morrendo na cruz; e não teve outrem ao lado, senão S. João: *Rex sine illo nihil magnae rei gessit.*

S. João valido de Christo e valedor de S. Pedro para a devoção e necessidade do principe de Portugal.

E se isto succedeu ao Principe da gloria que muito que ao principe da Egreja acontecesse o mesmo? Arrojou-se S. Pedro ao mar para buscar a seu Mestre: mas S. João foi o que lhe mostrou a Christo. Quiz saber S. Pedro na ceia quem era o traidor; mas S. João foi o que o perguntou. Atreveu-se S. Pedro a entrar no atrio do pontifice: mas S. João foi o que o introduziu. Resolveu-se S. Pedro a reconhecer a sepultura de

Christo: mas S. João foi o que o guiou. De maneira que o Principe da gloria e o principe da Egreja, ambos se valiam de S. João: mas com esta differença: o Principe da gloria valia-se de S. João como de valido; o principe da Egreja valia-se de S. João como de valedor. E o nosso principe como? Por ambos os titulos. Tem V. A. Senhor, em S. João valido e valedor: valido para a devoção, valedor para a necessidade. Restituiu Deus a V. A. a seus reinos em tempo que é necessario defendel-os com a espada na mão. Deu a fortuna a V. A. por competidor um principe Balthazar, tão poderoso como o de Babylonia. Mas sabida cousa é que bastaram tres dedos com uma penna para fazer tremer a Balthazar. Oh que accommodada empreza para o nosso principe! Tres dedos de S. João com uma penna e uma letra que diga: *Contra Balthasarem satis*: com amor e intendimento tudo se acaba. Esta penna é da phenix do amor: esta penna e da aguia dos intendimentos. Com esta penna se escreverá a sentença de uma demanda tão justa: com esta penna se confirmarão as escripturas de nossa conservação: com esta penna se farão authenticos os vaticinios que tão gloriosamente fallam da coroa de V. A. n'este feliz reinado. Finalmente (que finalmente aqui vem a parar tudo) com esta penna, que é de um evangelista que tem por nome Graça, se firmarão a V. A. depois de cumpridissimos annos os decretos da gloria.

(Ed. ant. tom. 5.°, pag. 404, ed. mod. tom. 7.°, pag. 155.)

SERMÃO PARA O DIA DE S. BARTHOLOMEU EM ROMA *

PRÉGADO NA OCCASIÃO DA PROMOÇÃO DOS CARDEAES

Observação do compilador.—Vê-se n'este sermão, prégado a cardeaes, com quanta doutrina o orador portuguez se fazia mestre em tudo e a todos. Não é este um panegyrico, mas um discurso moral; porém muito elegante e proprio da festa.

Elegit duodecim ex ipsis, quos et apostolos nominavit.
S. Luc. 6.

Christo desvelado no monte elege os doze apostolos, e dormindo na barca do mar de Tiberiades porque fizera boa eleição. *Gen.* 31 *Matth.* 8

Temos hoje desvelado Christo: *Erat pernoctans*; e com razão desvelado. Havia de eleger pastores da sua Egreja, havia de eleger os maiores ministros da sua monarchia; justa e exemplarmente se desvela. Nenhum negocio mais deve tirar o somno a um principe, nenhum o deve desvelar mais, que a eleição dos grandes ministros; porque d'esta eleição dependem todas as eleições, todas as resoluções, todas as execuções e todo o bom governo da republica. Aqui se faz ou desfaz tudo. Justamente logo se desvela o supremo Rei, justa e exemplarmente o supremo Pastor. *Fugiebat somnus ab oculis meis*; dizia Jacob, quando pastor de Labão. Se o cuidado das ovelhas tanto desvelava ao pastor, quanto mais deve desvelar ao dono a eleição dos pastores? Lembra-me (vamos do monte ao mar), lembra-me que no mar de Tiberiades corria fortuna a barca do apostolado; e no maior vigor da tempestade se diz de Christo que dormia: *Ipse dormiebat*. No mar, Senhor meu, dormindo e no monte desvelado? Não vos tira o somno a tempestade; e a eleição dos que vão na barca vos desvela tanto? Sim: que quem se desvela nas eleições, não periga nas tempestades. Pedro estava ao leme: André, João, Diogo e os demais aos remos; e quando está a barca tão bem provida, bem póde dormir o patrão. A tempestade estava no mar, a segurança no monte. Onde se fez a eleição, alli

se venceu o perigo; e onde estava o perigo, alli houve de ser o desvelo: *Erat pernoctans.*

Como se devem eleger os grandes ministros.

Este é o poncto sobre que havemos de fallar hoje: materia não só grande, mas entre as maiores a maior. Como se devem eleger os grandes ministros. Christo nos ensinará e a sua Mãe Sanctissima nos alcançará a graça. *Ave Maria.*

Todo o exemplar se reduz a tres regras.

II. *Elegit duodecim ex ipsis, quos et apostolos nominavit.* Elegeu Christo hoje os maiores ministros da sua Egreja; e no modo e circumstancias admiraveis d'esta eleição deixou canonicamente prescripto aos seus successores, como elles tambem os haviam de eleger. Todo o exemplar se reduz a tres regras: primeira com quem se ha de fazer eleição? Segunda, quaes devem ser os eleitos? Terceira, quantos se hão de eleger? Em tres palavras: Com quem, quaes e quantos? Comecemos.

1.ª Faça-se a eleição com Deus na oração. Theophylacto. *Luc.* 22

A primeira pergunta d'estas é: Com quem se hão de fazer as eleições? Com os parentes? Com os amigos? Com os interessados? Não e sim. Não com os parentes, mas com o mais parente: não com os amigos, mas com o mais amigo: não com os interessados, mas com o mais interessado: com Deus: *In oratione Dei.* No sagrado collegio tinha Christo parentes, tinha amigos, tinha interessados. Tinha parentes, porque tinha a João e os dous Jacobos, primos seus: porém não consultou esses parentes, senão a Deus que é o mais parente, porque é Pae. Tinha amigos e muito do seu seio; porém não consultou esses amigos, senão a Deus que é o mais amigo, porque o seu amor é fiel e a sua vontade recta. Tinha interessados e esses como costuma ser em todos: *Quis eorum videretur esse maior*; e não consultou esses interessados, senão a Deus que n'essa eleição era o mais interessado; porque nos ministros de sua Egreja vai empenhado seu serviço, sua honra, sua gloria e o bem da salvação do mundo. Por isso o humanissimo Senhor que em outras occasiões chamou a conselho os seus discipulos, n'esta nem lhes quiz perguntar, nem os quiz ouvir: antes, como bem advertiu o grande arcebispo da Bulgaria Theophylacto, para exemplo e doutrina dos que agora haviam de ser eleitos e depois eleitores, tractou tudo com Deus só por só em larga oração: *Post orationem* (diz elle) *elegit discipulos ut doceat etiam nos, quando quempiam in spirituale ministerium sumus ordinaturi, cum precibus hoc faciamus, ut doctis a Deo et ab illo petentibus revelet quis idoneus sit.*

A oração de Christo feita no monte; e porque? *Matth.* 4

Todas as circumstancias do caso prégam e confirmam esta verdade. Primeiramente, *Exiit in montem*: subiu-se Christo a um monte. Os politicos dirão aqui que para fazer eleições similhantes importa subir a um monte e muito alto donde se des-

cubra e veja todo o mundo, os reinos, os estados, os principes, as dependencias, o poder de uns, a declinação de outros, o de perto, o de longe, o que é, o que póde ser. Mas esse modo de subir ao monte mais tem de tentação que de eleição: *Assumpsit eum diabolus in montem excelsum; et ostendit ei omnia regna mundi et gloriam eorum;* e a que fim? *Si cadens adoraveris me.* Subiu ao monte para descobrir desde o alto os reinos do mundo e ver sua grandeza; e onde se acham mais ou menos gloriosas as suas coroas, é mais a proposito para adorar ao diabo, que para eleger instrumentos que o destruam. Christo subiu ao monte n'esta occasião, não para ver o mundo, mas para se apartar mais d'elle e para pôr os olhos mais de perto no céu.

E porque feita de noite? Philo Hebreu.

Por isso subiu de noite e não de dia: *Erat pernoctans.* Notou Philo Hebreu discretamente que o dia descobre a terra e encobre o céu: a noite descobre o céu e encobre a terra. Esta é a melhor hora de eleger, quando a terra se fecha aos olhos e o céu se abre. Por isso vai o Senhor de noite ao monte. De noite para não ver a terra, senão o céu; ao monte para o ver mais livremente e mais de perto: *Exiit in montem et erat pernoctans.* Este tempo e este logar escolheu Christo para fazer a eleição em seu logar e a seu tempo. E para que fosse acertada a consultou só por só com Deus: *In oratione Dei.* Com Deus propunha os fins, sendo o unico fim o mesmo Deus: com Deus consultava os meios, não havendo cousa em meio entre elle e Deus: com Deus media os talentos, com Deus pesava os merecimentos; e onde estes eram maiores, elle era o que intercedia, elle era o orador. Orava como homem, para eleger como Deus, orador e não orado. Vede a differença maior d'esta eleição. Nas côrtes do mundo os interessados oram, o principe elege. No concistorio de Christo os interessados calam, o principe ora. Os eleitos não se hão de pedir ao principe, ha de pedil-os o principe a Deus.

Christo e a viuva de Zebedeu.

Estavam duas cadeiras vagas no apostolado; pediu-as ambas a viuva de Zebedeu; e que respondeu Christo? Que pelo menos lhe daria uma para satisfazer com outra a outros respeitos eguaes? Não: o que respondeu foi: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo.* Divino modo de negar sem offender. Eleja Deus; e não se offenderão os homens: seja Deus o que eleja e Deus o que nomeie. A nomeação e a eleição tudo ha de ser de Deus: *Elegit duodecim, quos et apostolos nominavit.* Depois que Christo orou ao Eterno Padre, então saiu a nomeação e a eleição; e primeiro a eleição que a nomeação: *Elegit et nominavit.* Se um nomeia, quando outro elege; não elege quem elege, elege quem nomeia.

Difficuldade das eleições por falta de conhecimento. Só Deus conhece o coração humano. *Ps.* 138

Bastava só esta razão para ser Deus e só Deus o consultado nas eleições; mas ha outra mais interior e mais forçosa, o acerto. Não ha cousa mais difficil que eleger um homem a outro homem: porque «se não orar, elegel-o-ha ás cegas.» O conhecimento do homem é reservado sómente a Deus e ainda n'elle admiravel: *Mirabilis est scientia tua ex me.* Necessario é logo que se peça a Deus orando o que o homem nem por si nem por outrem póde alcançar conhecendo. Assim o fizeram os mesmos que hoje foram eleitos, quando quizeram substituir o logar que vagou de Judas.

Como se fez a eleição de S. Mathias *Act.* 1

Propoz S. Pedro; e elle e os demais apostolos escolheram de todos os discipulos os mais eminentes em sanctidade e os mais experimentados nos exercicios e ministerios do apostolado, que foram Mathias e José chamado o Justo. Isto feito se poz todo o collegio em oração. E que pediram a Deus? *Orantes dixerunt: Tu, Domine, qui corda nosti omnium, ostende quem elegeris ex his duobus.* Vós, Senhor, vós que só conheceis os corações e o interior dos homens, vêde qual d'estes dous elegeis; e assim se fez a eleição. Elles propozeram e oraram, Deus elegeu. E para ensinar Deus quão errados (ainda sem paixão) são os juizos humanos, não elegeu para apostolo, aquelle a quem os homens tinham dado o nome ou autonomasia de Justo. Assim succedeu Mathias no logar em que hoje foi eleito Judas. Torno a dizer: Em que hoje foi eleito Judas. Se em doze eleitos por Christo e com Deus se achou um Judas; em doze eleitos sem Deus e sem Christo, quantos se acharão? Queira o mesmo Deus que não sejam mais de onze. Por isso só se deveram fazer as eleições com Deus. Corra por conta de Deus o acerto: como faça o eleitor sua obrigação, não importa que o eleito não faça a sua. Judas não fez o que devêra; mas Christo fez o que devia; porque orou antes de eleger e o consultou primeiro e mui devagar com Deus: *Erat pernoctans in oratione Dei.*

Que brevemente se conclúi o que se consulta com Deus. *Luc.* 6

Em uma noite se fizeram e acabaram de fazer todas as eleições e ao amanhecer do outro dia se nomearam os apostolos: *Et cum dies factus esset.* Que brevemente se conclúi o que se consulta com Deus! Onde não entram razões temporaes, não se gasta tempo. Toda a noite parece que gastou Christo, como significa o termo *Erat pernoctans.* Mas é assás que doze eleições se façam em doze horas. Quantos dias, quantos mezes, quantos annos se gastam muitas vezes em eleger um homem? É porque não se fazem as eleições com Deus.

Fazer as eleições com consideraçã e não com considerações. Eleição de Saul explicada por S. Gregorio.

Direis que é necessario fazel-as com grande consideração. Tambem assim o digo: com consideração, sim; com considerações, não; e as considerações são as que levam e as que gas-

tam o tempo. Não quero para isto outro auctor, que o pontifice S. Gregorio, mui costumado a fazer grandes eleições. Elegeu Samuel a Saul; e fez-se a eleição com toda esta ceremonia. No primeiro escrutinio saíu a tribu de Benjamin: no segundo a familia de Metri: no terceiro a casa de Cis: no quarto a pessoa de Saul. *Quid in hoc significatur* (diz S. Gregorio), *nisi quia sanctae Ecclesiae principes multa consideratione eligendi sunt?* Quiz com isto significar Deus que os principes se hão de eleger com muita e mui larga consideração. Assim foi: mas tudo se fez em quatro escrutinios e tudo em um dia, porque se fez sómente com Deus sem outras considerações nem dependencias.

Como se fez a primeira eleição do sacerdocio.

Sobre a eleição do sacerdocio concorreram as doze tribus com outras tantas varas, que foram levadas ao tabernaculo e se pozeram na presença de Deus; e em uma noite a vara de Arão se cobriu de folhas, se esmaltou de flores e se encheu de fructos: com que elle foi o eleito e declarado summo sacerdote. Para fazer outro tanto a natureza com as raizes na terra fôra necessario um anno: mas como as varas desarraigadas da terra se pozeram na presença de Deus, bastou uma noite. N'esta noite em que orou Christo, doze vezes se multiplicou este milagre. Floresceram doze varas, e amanheceram ao mundo para a reforma d'elle eleitos doze apostolos: *Erat pernoctans in oratione Dei; et cum dies factus esset elegit duodecim ex ipsis.*

2.º Devem-se eleger os melhores dos melhores. Os apostolos eleitos entre os discipulos.

III. Passemos á segunda questão. Quaes hão de ser os eleitos? Os máus? Claro está que não. Logo os bons? Não digo isso. Nem os máus, nem os bons, senão os melhores. Ainda disse mal e ainda pouco. Os melhores dos melhores digo, quaes eram os que hoje elegeu Christo. Os melhores do povo de Israel eram os que criam em Christo: os melhores que criam n'elle eram os seus discipulos, e os melhores de seus discipulos foram os doze que hoje elegeu e nomeou por apostolos: *Elegit duodecim ex ipsis, quos et apostolos nominavit.* Note-se muito não só a quem e a quaes, mas de quem e de quaes escolheu: *Ex ipsis.* Entre os discipulos estava Lucas, estava Marcos, estava Estevão e tantos outros eminentemente bons e melhores que bons. Mas o Senhor como elegia os apostolos para eminentissimos, não elegeu os melhores dos bons, senão os melhores dos melhores. Esta foi a razão por que Christo chamou deante de si a todos os discipulos, quando escolheu aos apostolos: *Vocavit discipulos suos, et elegit duodecim ex ipsis*: para que á vista dos que deixava, se conhecesse melhor os que escolhia. Quiz que se lhe conhecesse o jogo pelo descarte.

David entre os seus irmãos.

Quando Samuel houve de ungir a David ordenou Deus que viessem primeiro deante d'elle todos os filhos de Jessé. Veio o

morgado Eliab: não é este, diz Deus. Veio Aminadad: nem este. Veio Sama e outros septe irmãos e nenhum escolheu Deus; até que veio do campo David. Pois se David era o escolhido, para que veem primeiro á presença de Samuel todos os filhos de Jessé? Para que vendo Samuel e o pae quaes eram os que deixava, conhecessem melhor qual era o que escolhia. *Vocavit discipulos suos:* venham todos os discipulos deante de Christo: exclua-se um Marcos, exclua-se um Lucas, exclua-se um Estevão, para que á vista da grandeza dos escolhidos se conheça melhor a eminencia dos doze eleitos: *Et elegit duodecim ex ipsis.* Nas promoções humanas os excluidos condemnam as eleições: nas divinas os excluidos qualificam os eleitos.

A parabola dos operarios e o numero dos predestinados. *Matth.* 20

Duodecim ex ipsis. Não se fez aqui eleição entre escolhidos e reprovados, senão entre escolhidos e escolhidos; porque quando se elegem principes da Egreja, não se ha de eleger o escolhido do reprovado, senão o escolhido do escolhido. Ouvi um grande logar do evangelho que ainda entre grandes expositores anda mal intendido. Chamou o pae de familias os operarios que haviam de trabalhar na sua vinha, uns mais cedo, outros mais tarde a differentes horas do dia; e no fim do mesmo dia receberam todos o seu jornal, começando não dos primeiros senão dos ultimos. D'aqui tirou ou inferiu o Senhor aquella tão celebrada conclusão: *Multi sunt vocati pauci vero electi*: porque muitos são chamados e poucos os escolhidos. A exposição commum d'estas palavras é que, sendo os chamados todos, os escolhidos são poucos e os reprovados muitos. Mas n'este logar é certo que esta mesma sentença, repetida em outros, não quer dizer tal cousa, nem esse era o intento de Christo. Prova-se evidentemente; porque todos os que foram á vinha e entraram n'esta comparação, foram escolhidos; porque todos receberam o jornal ou denario, que é o premio dos que guardam os dez mandamentos. Pois se todos eram escolhidos, como infere e e conclúi Christo, que os chamados são muitos e os escolhidos poucos? Porque a eleição de que o Senhor fallava n'esta parabola, é a eleição de preferencia nos primeiros logares: *Erunt novissimi primi;* e esta eleição não se faz entre escolhidos e reprovados, senão entre escolhidos e escolhidos, quaes eram todos os que receberam o denario. E d'aqui se infere e conclúi com toda a propriedade que os chamados são muitos e os escolhidos poucos; porque os chamados para esta esta eleição, são todos os escolhidos entre os demais; e os escolhidos para ella, são só os escolhidos entre os escolhidos. Assim se viu na eleição de hoje: os chamados foram muitos, porque foram todos os discipulos: *Vocavit discipulos suos;* os quaes discipulos

eram todos escolhidos. Porém os escolhidos d'estes escolhidos foram só os doze apostolos: *Elegit duodecim ex ipsis. Ex ipsis* que eram escolhidos: *Ex ipsis* que eram os melhores; porque os principes da Egreja hão de ser o escolhido do escolhido e o melhor do melhor.

Eleição de Saul quando melhor que David; e de David quando melhor que Saul. 1 Reg. 9, 10, 15

Duas eleições temos de Deus no Testamento velho, ém que não se requeria nem professava tanta perfeição; e sendo não ecclesiasticos, senão seculares (se bem significativas da nossa Egreja, como notou Sancto Agostinho) vêde quaes foram os escolhidos: o primeiro foi Saul, o segundo David. E porque foi Saul o primeiro? Porque era o melhor, diz o Texto sagrado: *Non erat vir de filiis Israel melior illo:* nenhum em todo Israel era melhor que elle. E porque ninguem cuide que havia algum tão bom, accrescentou a mesma Escriptura, que ninguem lhe era egual: *Quoniam non sit similis illi in omni populo:* nenhum era melhor, porque dos melhores elle era o melhor. David tambem vivia em tempo de Saul: d'onde se infere (cousa muito digna de se notar) que quando Saul foi eleito era melhor que David. Assim o affirma o bispo Abulense (e accrescento a Abulense a prefação de bispo, porque nenhuma auctoridade citei nem citarei n'este sermão, que não sáia de auctor constituido na primeira dignidade ecclesiastica). *Respondendum* (diz elle) *quod David erat melior Saule, postquam peccavit. Saul autem antequam peccavit erat melior quam David.* Elegeu, pois, Deus a Saul, porque ainda que David era tão singular entre os melhores, comtudo Saul n'aquelle tempo era melhor que David. Não respeitou Deus em David a que haveria de ser seu pae, antepoz-lhe o melhor. E quando elegeu Deus a David? Quando foi melhor que Saul. Expressamente o Texto: *Scidit Dominus regnum Israel a te hodie et tradidit illud proximo tuo meliori te*: tirou-te Deus hoje a coroa (diz Samuel a Saul); porque a tem dado a outro homem melhor do que tu és. Não ha outro porquê nas eleições de Deus, senão ser ou não ser melhor. Quando Saul era melhor que David, elegeu a Saul; quando David foi melhor que Saul, elegeu a David: sempre o melhor do melhor.

Saul apresentado ao povo e reconhecido por melhor.

Oh quão recebidas seriam as eleições e quão applaudidos os eleitos e os eleitores se observassem os homens esta regra de Deus! Eleito que foi Saul e achado (porque se escondera), trouxe-o o propheta Samuel a publico e mostrou-o ao povo; e que tal era? *Stetit in medio populi et altior fuit universo populo ab humero et sursum.* Appareceu Saul em meio do povo, grandes e pequenos; e viram todos que dos hombros para cima era mais alto que todos. Não grande entre os pequenos, não maior entre os grandes; mas sobre todos os maiores o maior: *Ab hu-*

mero et sursum: com toda a cabeça excedia aos demais. Não era maior na edade, nem maior na riqueza, nem maior na potencia, nem maior nos amigos e parentes, senão «maior nas qualidades physicas e moraes;» e por isso o fez Deus cabeça de todos. Então levantou o propheta a voz e disse: *Certe videtis quem elegit Dominus, quoniam non sit similis illi:* vossos olhos são testimunhas que este a quem elegeu Deus é o maior e mais digno e nenhum a elle egual. E a esta voz e a esta vista que se seguiu? Seguiram-se os vivas e acclamações de todos: *Vivat rex.* Eleja-se o maior e o melhor; e os mesmos excluidos dirão: Viva.

Elegeu Christo aos apostolos por partes e a pares.

Portou-se Christo tão exacto na observancia ou no exemplar d'esta regra, que não só a observou com os apostolos eleitos a respeito dos excluidos, senão tambem a respeito dos mesmos eleitos uns com outros, elegendo e nomeando primeiro os maiores e melhores. Não sei se tendes reparado que sendo os eleitos doze, as eleições foram seis. Assim se colhe dos evangelhos, que com modo particular e nunca outra vez usado, os vão contando a pares e nomeando de dous em dous: *Elegit duodecim, quos et apostolos nominavit: Petrum et Andream; Jacobum et Joannem; Philippum et Bartholomaeum etc.* Elegeu Christo os doze apostolos não junctos, senão por partes e a pares: primeiro dous, Pedro e André; depois outros dous, Diogo e João; e assim os demais preferindo sempre os melhores e mais dignos, começando por Pedro e acabando em Judas. Porque não só devem eleger-se os melhores; mas ainda entre os melhores que se elegem, os melhores dos melhores devem sair primeiro. De sorte que as eleições que se fazem com Deus e por Deus olham sempre tanto para o melhor, que se ha muito melhores, os melhores dos melhores hão de ser os primeiros eleitos, e depois successivamente os outros. De doze, Pedro e André: de dez João e Diogo; de oito Philippe e Bartholomeu; e assim os demais; dando-se sempre o primeiro logar e a primeira nomeação aos primeiros; isto é aos que mais o merecem não por outro respeito que por melhores.

Obrigação de eleger os melhores dos melhores. *Conc. Trid. Sess. 24 c. 1. de ref.*

Mas porque esta doutrina parece miuda e apertada, é necessario darmos a razão d'ella. Que razão ha para se elegerem não só os bons, senão os melhores; e ainda dos melhores os que forem ou o que fôr melhor? A razão é, porque o que elege não só é obrigado a procurar o bem publico, senão o maior bem. Por isso não deve eleger nem o máu nem o bom, senão o melhor. O máu não, porque esse fará mal: o bom tambem não, porque este fará menos bem: o melhor e só o melhor, sim, porque este fará melhor. Entre o bom e melhor ha a mesma

differença que entre o menos e o mais; e d'este mais de bem que accresce sobre o menos de bem, não deve privar a republica ou a Egreja aquelle que é obrigado a lhe procurar o seu maior bem. Ha-se de pôr em balança o menos e mais; e assim se hão de fazer as eleições. O melhor que póde servir mais á Egreja, eleito: o que a póde servir menos, ainda que bom, excluido.

A escriptura da ceia de Balthazar. *Dan.* 5

Que escreveu a mão de Deus; quando foi excluido do governo e da coroa el-rei Balthazar? *Appensus est in statera et inventus es minus habens*: Foste pesado na balança e achou-se que tinhas menos. *Menos* é correlativo de *mais;* e quem foi achado com mais em comparação de Balthazar? Era o rei Cyro, que lhe succedeu. Poz Deus em balança de uma parte a Cyro e da outra a Balthazar; e porque Cyro havia de ser mais util á Egreja e ao seu povo, que então estava desterrado e captivo em Babylonia, como verdadeiramente foi, mandando-lhe restituir a liberdade, a patria e o templo; porque Cyro, digo, havia de ser mais util e Balthazar menos; este *menos* lhe tirou a purpura e a coroa a Balthazar; e este *mais* a deu a Cyro.

A cubiça do bem publico ha de imitar a do bem particular.

Ha de fazer a balança da justiça n'este caso o que a balança da cubiça nos seus. Digamol-o mais claro. Ha de fazer a cubiça do bem publico o que faz a cubica do bem particular. A quem dá a cubiça as dignidades e a quem as tira? Dá-as a quem vê que tem mais; porque recebe ou espera mais: tira-as a quem vê que tem menos, porque ou não recebe ou espera menos. Sabeis, sacerdote virtuoso, sabeis religioso exemplar, sabeis ministro zeloso e incorrupto, sabeis doutor gran'-letrado, porque fostes excluido? Porque *inventus es minus habens* «nos bens de fortuna, ainda que não vos acharam *minus habens* no merecimento.» O eleito não tinha mais virtude, nem mais letras, nem mais zelo, nem mais talento que vós, mas tinha mais. Quando se busca o que tem mais, pobre do que tem menos! Assim ha de attender ao mais e ao menos a cubiça do eleitor, sómente ambicioso do bem publico. Exclua aquelles de quem se espera menos, ainda que bons, e eleja os que promettem de si mais que são melhores. Este é o unico respeito que faz as eleições justas e não respectivas. Todos os outros respeitos e attenções que respeitam ao bem e util particular, são peste da republica; e tanto mais venenosa, quanto mais chegada ás veias.

Por isso Pedro foi anteposto a João e Judas aos 72 discipulos. *Luc.* 6

Dous respeitos, ou duas attenções podiam occorrer na eleição de hoje: uma do sangue, outra do temor: a do sangue em João, a do temor em Judas. João era parente e parente mui querido; mas nem por isso João foi anteposto a Pedro, senão Pedro a João. Judas não havia de seguir as partes de Christo, an-

tes se havia de unír com a parcialidade de seus inimigos; mas nem por esse temor foi excluido Judas. E porque? Porque Christo tractava de eleger apostolos e não de multiplicar creaturas: *Et Judam Iscariotem qui fuit proditor*. Até Judas foi eleito, porque era ao presente dos melhores, ainda que depois fosse ou havia de ser inimigo. Tão fiel, tão generoso, e tão magnanimo se mostrou Christo no eleger ainda ao duodecimo dos doze: *Elegit duodecim ex ipsis*.

3.ª Quantos hão de ser os eleitos.

IV. A terceira e ultima questão é: Quantos hão de ser os eleitos? Hão de ser poucos ou muitos? Numero certo ou incerto? Arbitrario ou estabelecido? Cheio ou não cheio? A tudo responde Christo em uma palavra: *Duodecim*, doze. Vamos por partes. Se hão de ser poucos ou muitos? Responde Christo, que poucos. E porque? Porque havendo de ser os eleitos, como dissemos, os melhores; quando não são muitos os bons, não podem ser os melhores muitos. Em poucos ha ordem, ha união, ha conselho: na multidão, nem ordem, porque será perturbação; nem união, porque será discordia; nem conselho, porque será tumulto. Os ministros hão de ser como as leis: as leis: hão de ser poucas e bem guardadas, e os ministros poucos e escolhidos: *Elegit duodecim*.

Os septe espiritos que assistem a Deus para o governo do mundo. Apoc. 1

Governa Deus a universidade d'este mundo; e quantos lhe assistem? Septe espiritos: *Gratia vobis et pax ab eo qui est, qui erat et qui venturus est et a septem spiritibus qui in conspectu throni eius sunt*. Septe com os olhos «n'Aquelle que contem tudo» o que era, o que é e o que ha de vir, bastam para manter o mundo em graça e em paz: *Gratia vobis et pax*. Mas perde-se a graça e a paz não se acha, porque se poem os olhos no que não é e querem que seja, e no que não devêra vir e querem que venha. Por isso não fazem septenta o que poderam fazer septe. É verdade que os homens não são anjos, ainda que o deviam. Assim o diz logo o mesmo S. João, nomeando os bispos da Asia: *Angelo ecclesiae Ephesi: angelo ecclesiae Smirnae: angelo Pergami ecclesiae*. Mas ainda que os homens não sejam anjos, o que fazem septe anjos, bem o pódem fazer doze homens, se forem eleitos com Deus e por Christo.

Texto notavel de David e de Chrysostomo. Ps. 44

Tudo tinha dicto David: *Pro patribus tuis nati sunt tibi filii:* pelos doze paes vos nascerão doze filhos: quer dizer: pelos doze patriarchas tereis doze apostolos: *Constitues eos principes super omnem terram:* a estes doze fareis principes de toda a terra. E que se seguirá? *Memores erunt nominis tui; propterea populi confitebuntur tibi*. Elles se lembrarão de Deus e Deus porá a seus pés todos os povos do mundo. Doze homens que se lembrem de Deus, bastam para sujeitar o mundo a Deus. Mas se

estes ou seus successores se esquecerem de Deus, não só não hão de trazer os povos a Deus; mas Deus perderá os que já tinha. Tanto podem desfazer muitos homens e tanto podem fazer poucos: *Multiplicasti gentem, non magnificasti laetitiam*: o muito não o faz a multidão. A multidão faz muitos; os poucos fazem muito. *Non in numeri multitudine, sed in virtutis probitate multitudo consistit*: commenta o que, sendo um, fez o que muitos não fazem, o grande arcebispo de Constantinopla, Chrysostomo.

O numero 12 estabelecido e predestinado. S. Paschasio.

Mas este numero será bem que seja certo ou incerto? Arbitrario ou estabelecido? *Duodecim*, doze. Ensina Christo que ha de ser certo e estabelecido e não incerto nem arbitrario. O numero dos doze apostolos não só estava estabelecido, mas predestinado. Estabelecido nos doze patriarchas, filhos de Jacob; nos doze exploradores da terra de promissão; nas doze fontes do deserto; nas doze pedras do racional. Predestinado nos doze fundamentos e nas doze portas da cidade de Deus; nas doze estrellas da mulher vestida de sol; e nas doze cadeiras do juizo universal. E como era numero canonicamente decretado e consagradamente mysterioso, sendo Christo superior a todas as leis e senhor d'ellas, observou exactamente a religião do mysterio e não quiz mudar, nem alterar o numero. Ponderou o caso profundamente S. Paschasio; e diz assim: *Adeo autem Christus secum voluit esse duodecim, ut ne Judas posset efficere ut tantum essent undecim*: foi tão observante e tão observador Christo do numero decretado, que «nem o mesmo Judas pôde fazer que fossem onze». E se foi muito não diminuir o numero por Judas, não foi menos não accrescentar o numero nem por Marcos nem por Estevão. Não se altere o numero estabelecido, ainda que fiquem fóra d'elle o terceiro evangelista e o primeiro martyr.

As 12 cadeiras do juizo universal. Não se façam ministros supernumerarios.

Maior ponderação. Pergunta S. Pedro a Christo: *Ecce nos reliquimus omnia et secuti sumus te: quid ergo erit vobis?* Responde Christo: *Sedebitis super sedes duodecim:* vós os que deixastes por mim tudo e me seguistes, sentar-vos-heis no dia do meu juizo sobre doze cadeiras. Senhor meu! E se houver tambem outros que vos sigam e deixem tudo por vós como os apostolos e mais ainda que elles, não haverá cadeira para elles? Não: *Sedes duodecim:* o numero das cadeiras é de doze: doze são e não mais os que se hão de assentar. Não se ha de multiplicar o numero dos logares, ainda que cresça o numero dos benemeritos. Pague-se o merecimento, sim; mas com outros premios: não devem ser as cadeiras mais que doze. Não se hão de multiplicar dignidades, não se hão de multiplicar lo-

gares, não se hão de fazer ministros supernumerarios. Se são doze os patriarchas, sejam doze os apostolos e não mais de doze. Se são septenta os anciãos do povo, sejam septenta os discipulos e não mais de septenta. E porque? Porque, cerrado o numero, cerra-se a porta a inconvenientes sem numero. Vós o discorreis, que o sabeis melhor.

E S. Paulo não foi supernumerario? Quem o merecesse como elle bem o poderia ser.

Porém, direis, que Christo, posto que tão observador do numero, fez algum ministro supernumerario que foi S. Paulo. S. Mathias não; porque *Annumeratvs est cum undecim*. Porém S. Paulo foi verdadeiramente supernumerario: porque não foi do numero da primeira eleição, nem do numero da segunda; e foi o apostolo decimotercio. Grande privilegio verdadeiramente de S. Paulo! E todas as vezes que houvesse um S. Paulo, eu admittira facilmente, que se alargassem as leis, para accrescer tal companheiro ao sagrado collegio. Mas adverti que não foi accrescentado o numero por medo das provisões que levava de Jerusalem para Damasco, senão pela eminencia do talento e por fins altissimos da maior gloria de Deus e de seu nome, e por eleição mui livre, mui soberana, mui de Christo e para Christo. *Vas electionis est mihi iste; ut portet nomen meum coram gentibus et regibus*: não por «politicos» respeitos aos reis, senão para os sujeitar.

Comtudo nem S. Paulo foi supernumerario.

Mas ainda assim digo que não foi supernumerario Paulo, nem por elle e com elle se excedeu o numero; e assim o diz a Egreja: *Qui meruit thronum duodecimum possidere*: a cadeira que occupou e se deu a S. Paulo, não foi supernumeraria, senão do numero das doze, a duodecima. Pois a duodecima não se deu a S. Mathias? Sim, a Mathias e mais a Paulo: ambos foram providos e nomeados na mesma cadeira. Onde se deve notar que esta multiplicação de dous sujeitos em logar de um não foi contra o numero estabelecido, senão mais conforme a elle. O numero dos doze apostolos foi decretado e estabelecido no numero dos doze patriarchas. Estes são os vinte e quatro anciãos que viu S. João assistir ao throno do Cordeiro, como observam commummente os padres: doze patriarchas e doze apostolos. Porém nos doze patriarchas houve um logar que se substituíu com dous, que foi o logar de José, substituido em Manassés e Ephraim. E assim como o logar de José, o vendido, se substituiu com dous, Ephraim e Manassés; assim o logar de Judas, o vendedor, se substituiu com outros dous, Mathias e Paulo. Tão observador foi Christo do numero canonicamente decretado, que nem para dar e abrir logar a S. Paulo quiz exceder o numero: *Elegit duodecim*.

Não elegeu Christo menos de doze para que não houvesse logares vagos. O logar vago e o vacuo. *Matth.* 25

Esta é a razão por que não elegeu Christo mais de doze. Resta

saber, porque não elegeu menos, e porque encheu o numero? Porque não convem que haja logares vagos. A natureza não admitte vacuo, nem o deve admittir a politica ou seja sagrada ou profana. Um logar vago na republica tem os mesmos inconvenientes que teria no mundo o vacuo. Se houvera vacuo no mundo havia-se de inquietar toda a natureza: havia de correr toda impetuosamente a occupar aquelle logar. O mesmo succede nos logares vagos. Inquietações, perturbações, tumultos e tanto mais precipitosos e desordenados, quanto correm todos, não ao commum, senão cada um ao seu: não a encher o logar, mas encher-se com elle. A todos estes inconvenientes se cerra a porta com cerrar o numero. Melhor é cerrar o numero que a porta. *Clausa est janua:* mas não se cerrou o numero, porque eram dez os logares: *Decem virginibus;* e como o numero não estava cerrado, posto que estivesse cerrada a porta; que haviam de fazer as nescias, senão clamar e dar vozes e inquietar as vodas? Davam vozes as virgens; davam vozes as alampadas accesas; e o dinheiro dispendido tambem dava vozes. Para evitar clamores, cerrar o numero.

Que bem intendeu esta importancia o primeiro vigario de Christo! A primeira cousa que fez em seu governo, foi encher o numero dos doze. Fallando de Judas, reparou no numero: *Qui connumeratus erat in nobis*; e logo encheu o numero com Mathias: *Et annumeratus est cum undecim.* E porque tão depressa e sem mais dilação? Porque intendeu que assim importava, e assim o disse: *Oportet ergo.* Os apostolos não haviam de repartir entre si o mundo (como o não repartiram) senão d'alli a doze annos. E comtudo intendeu Pedro, allumiado pelo Espirito Sancto (antes de sua vinda), que logo logo importava encher o logar e o numero: *Oportet.* Não aguardou memoriaes, não aguardou intercessões, não aguardou obsequios, nem pretenções, nem dependencias: antes por fechar a porta a todos esses embaraços, fechou o numero. Para vacar ao que mais importa, importa que não haja logares vagos. Por isso elegeu Christo doze e nomeou e declarou doze: *Elegit duodecim quos et apostolos nominavit.*

Por isso S. Pedro se apressou em eleger a S. Mathias. *Act.* 1

Não basta só eleger o numero, senão elegel-o e declaral-o. Elegeu Christo a doze e declarou a doze. Soube-se que eram doze os eleitos e no mesmo poncto se soube tambem que os eleitos eram Pedro e André, João e Diogo, e os demais. Podera Christo eleger as pessôas e encher o numero e calar os nomes; e certo que se de alguma vez tinha logar esta suspensão e este segredo, era na presente. Ficavam excluidos do apostolado setenta discipulos, todos dignos e muitos dignissimos. Bem podia

Declarem-se logo os eleitos para honrar a eleição, não entreter a esperança dos pretendentes e não affrontar os excluidos.

logo deixal-os «occultos»; pelo menos para que não se sabendo quaes eram, entretivesse esta suspensão a esperança de todos; e não podesse queixar-se nenhum dos exclusos, podendo ser dos que eram secretamente eleitos. Pois porque não fez Christo esta reservação? Por duas razões: a primeira, porque similhantes reservações não se fazem sem justos respeitos; e é melhor não haver respeitos, ainda que justos. Em segundo logar, porque era tão justificada a eleição, que não temia a queixa. Não quiz Christo affrontar a eleição, nem os eleitos, nem os excluidos. Não quiz affrontar a eleição, porque fôra grande affronta ser ella tal que temesse sair a publico. Não quiz affrontar os eleitos, porque occultal-a sería confessar que não eram os mais dignos. Não quiz affrontar os excluidos; porque suppol-os descontentes, era declaral-os ambiciosos. Declarar tudo, foi honrar a todos: á eleição com a justiça, aos eleitos com o merecimento, aos excluidos com o desinteresse. Sobretudo ficou honrada toda a eschola de Christo; porque a honra e credito maior de uma communidade é que faltem logares e sobejem benemeritos. A maior grandeza do convite de Christo no deserto foram as sobras. Elegeu Christo doze apostolos, mas sobejaram septenta que o mereciam ser; e provaram todos que o mereciam; porque nenhum se mostrou queixoso. Septenta exclusões e nenhuma queixa! Oh seculo bemaventurado! Quasi que estou para dizer que foram os excluidos maiores que os eleitos. Os eleitos eram grandes: porque todos mereceram ser apostolos; os excluidos «quasi» parecem maiores; porque nenhum invejou o apostolado. Com esta dignidade ficaram todos, quando as dignidades se deram só a doze: *Elegit duodecim.*

Applicação a S. Bartholomeu. Como se distinguiu dos outros apostolos. *Joan.* 1 *Eccles.* 11

V. Tenho acabado as tres partes do meu discurso. Mas vejo que me perguntam os ouvintes por S. Bartholomeu; como se em quanto tenho dicto atégora não fallára d'elle. Tudo o que disse do melhor e dos melhores se intende d'este gloriosissimo apostolo. E se por ser no seu dia é licito dar-lhe alguma preferencia aos demais, «digo que entre todos se distinguiu na singeleza da vida e no desapego da gloria mundana.» S. Bartholomeu segundo a opinião mais recebida foi aquelle grande doutor da lei Natanael de quem disse o mesmo Christo: *Ecce verus Israelita in quo dolus non est.* E d'este grande sabio mettido entre pescadores humildes e idiotas (mas esses os magnates do reino de Christo) se verifica a promessa do divino oraculo, «quando» disse do sabio humilde, que se assentaria no meio dos magnates: *Sapientia humilitate exaltabit caput illius; et in medio magnatorum consedere illum faciet.*

Porque no Apocalypse é figurado na pedra sardio? Taes devem ser os eleitos ao apostolado.

Nas doze pedras dos fundamentos da Jerusalem nova tem o

sardio o sexto logar; «e na enumeração dos apostolos figurados n'aquellas pedras» o sexto logar, como diz S. Lucas, é o de S. Bartholomeu. «Notae.» É a pedra sardio tão similhante á carne viva, que parece carne convertida em pedra preciosa. Por esta similhança se chama vulgarmente pedra carnerina. E quem não vê retratado n'ella ao natural o nosso S. Bartholomeu, todo em carne viva e sem pelle, da qual se deixou esfollar ou ir esfollando por partes cruelissimamente, com tal valor, fortaleza e constancia, como se não fôra de carne, mas verdadeiramente de pedra? Assim o provou o fortissimo apostolo com assombro dos tyrannos, quando o esfollavam vivo; sendo tal a dureza da sua paciencia n'aquelle extranho tormento, que mais parecia impassibilidade que paciencia. E d'esta sorte ficou S. Bartholomeu sendo entre os doze apostolos singular na figura e no exemplo. No exemplo, digo, das virtudes heroicas, de que devem ser dotados os que hão de ser eleitos aos primeiros logares da Egreja; e na figura com que devem pôr n'elles os olhos e formar d'elles juizo os eleitores.

A apparencia engana. *Gen.* 1

Não ha cousa que mais engane o juizo dos que elegem e que mais embarace e perturbe o acerto das eleições que a «exterior apparencia do que se ha de eleger, ou, como se diz, a pelle.» O merecimento ou capacidade dos homens não se ha de considerar pelo que apparece e se vê de fóra, senão pelo que teem e pelo que são de dentro. Dispam-se primeiro de tudo o que n'elles é exterior e então se fará verdadeiro juizo do que merecem. No principio do mundo assim como Deus ia dando ser e fórma ás creaturas, assim as ia logo approvando com aquelle testimunho geral: *Vidit Deus quod esset bonum*. Creou finalmente o homem, e é cousa mui notada e digna de se notar, que só ao homem não désse approvação, nem diga d'elle a Escriptura que viu Deus que era bom. Pois, se todas as outras creaturas, sendo menos perfeitas, tiveram esta approvação dos olhos de Deus, o homem, que era mais perfeito que todos e formado por suas proprias mãos; porque a não teve? Excellentemente Sancto Ambrosio: *Ideo homo non ante laudatur, quia non in forensi pelle, sed in interiori homine ante probandus*: Não teve o homem a approvação dos olhos de Deus, como a tiveram as outras creaturas, tanto que as viu, porque os homens não se hão de julgar pela pelle e pelo que se vê de fóra, senão pelo que teem e pelo que são de dentro. As outras cousas são aquillo que n'ellas se vê: no homem o que se vê é o menos, o que se não vê é o tudo: *Alia in specie sunt, homo in occulto*.

Accrescentando porém as qualidades internas accrescenta decencia á dignidade. As pelles que cobriam o tabernaculo (*Exod* 25) e a pastora dos cantares. (*Cant.* 1)

Não nego que a apparencia exterior, se o interior do homem é qual deve ser, accrescenta decencia á pessoa e auctoridade ao

logar, e que no tal caso assentará muito bem a purpura sobre «esta apparencia.» Por isso no primeiro templo, que foi o tabernaculo, mandou Deus que estivesse coberto com pelles tinctas de purpura: *Pelles rubricatas*. Mas estas mesmas pelles, que é o que cobriam e que é o que havia debaixo d'ellas? Arca do testamento, taboas da lei, cherubins, propiciatorio, Deus. Quando isto é o que cobrem as pelles, bem é que elles se cubram de purpura. Mas se ha muitas pelles (como verdadeiramente ha) que cobrindo similhantes thesouros do céu, nem por isso se vêem rubricadas, consolem-se com os discipulos que na eleição de hoje ficaram excluidos. Digam ou cantem com aquella alma escolhida de Deus: *Nigra sum sed formosa sicut tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis*. As riquezas de Cedar e as joias de Salomão e, o que é mais, o mesmo Salomão, bem póde andar debaixo de pelles pouco agradaveis á vista.

No exterior não ha merecimento nem culpa. *Eccles.* 11

O de dentro e o que se encobre aos olhos, é o que faz o homem: o exterior e o que se vê, assim como é natureza e não merecimento, nem culpa, assim se não deve louvar nem desprezar n'elle: *Non laudes virum in specie sua; neque spernas hominem in visu suo:* diz o Espirito Sancto, fallando nomeadamente dos que devem ser exaltados aos logares maiores.

Avaliem-se os homens pelo coração. Por isso David foi anteposto a seus irmãos. 1 *Reg.* 16

Quando Samuel foi ungir «em» rei um dos filhos de Jessé, o primeiro que o pae lhe presentou, foi (como dissemos) Eliab seu primogenito, mancebo de gentil presença e de galharda estatura. E tanto que o propheta o viu, lhe pareceu a pessoa verdadeiramente digna de imperio. Porém Deus o advertiu logo que se não deixasse levar d'aquelles exteriores, porque não era elle o escolhido, antes o tinha reprovado e ainda desprezado: *Ne respicias vultum ejus, neque altitudinem staturae ejus: quoniam abjeci eum*. E accrescentou o Senhor (sentença que os principes deviam trazer sempre deante dos olhos): *Nec juxta intuitum hominis ego judico: homo enim videt ea quae parent; Dominus autem intuetur cor*. Eu, diz Deus, não julgo pela vista, como os homens; porque elles vêem só o que apparece de fóra, eu vejo o coração e o que está dentro. Assim hão de ver e julgar os que elegem, para que sejam acertadas as eleições. Não com os olhos de homens que param nas apparencias exteriores, mas com olhos de Deus, que penetram o interior e o coração, em que consiste o ser, o valor, e a differença de homem para homem. Hão se de julgar e avaliar os homens, não só despidos das galas, que tambem subornam e enganam, senão despidos tambem da «apparencia»: que muitas vezes com uma valente pintura se cobre um coração muito fraco, qual era o de Eliab. Eliab na estatura era muito maior que David: mas David no

coração era muito maior que o gigante; e este coração que não viam os homens, é o que via e escolheu Deus: *Dominus autem intuetur cor*. Sendo, pois, os interiores os que fazem e distinguem os homens e só Deus o que vê e conhece os interiores, por isso se devem consultar as eleições dos homens muito devagar com Deus, como Christo fez neste dia: *Erat pernoctans in oratione Dei.*

(Ed. ant. tom. 2.º pag. 346, ed. mod. tom. 5.º pag. 354.)

SERMÃO DE S. SEBASTIÃO ***

PRÉGADO NA EGREJA DO MESMO SANCTO DE ACUPE TERMO DA BAHIA NO ANNO DE 1634

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—É um pequeno panegyrico do sancto, que o auctor prégou em edade de 26 annos. O estylo é claro, figurado e elegante, qual depois conservou nos seus 60 annos de prégação. No assumpto que é «Sebastião, o encoberto» parece fazer allusão á historia d'el-rei D. Sebastião.

Beati pauperes: quia vestrum est regnum Dei. Beati qui nunc esuritis: quia saturabimini. Beati qui nunc fletis: quia ridebitis. Beati eritis cum vos oderint homines.

S. Luc. 6.

Não só no céu senão tambem na terra ha bemaventurados.

Cuidam os que peior conceito fazem do mundo (e assim o cuidava tambem eu) que só no céu ha bemaventurados. Mas hoje nos desengana Christo no evangelho, que tambem ha bemaventurados na terra. No céu não ha pobreza; e são bemaventurados os pobres: *Beati pauperes*. No céu não ha lagrimas; e são bemaventurados os que choram: *Beati qui nunc fletis*. No céu não ha fome, nem sede; e são bemaventurados os que a padecem: *Beati qui nunc esuritis*. No céu não ha odios, nem perseguições; e são bemaventurados os perseguidos e abhorrecidos: *Beati eritis cum vos oderint homines*. E como a terra seja o hospital da pobreza, o valle das lagrimas, o deserto da fome e a patria do odio e da perseguição; bem clara fica a consequencia ou demonstração evangelica, que tambem ha bemaventurados na terra.

Qual a differença d'uma á outra bemaventurança.

Mas perguntará com razão alguem; Em que se differença esta bemaventurança d'aquella bemaventurança; em que se distinguem estes bemaventurados d'aquelles bemaventurados? É tão grande a distancia e a differença, que vai e chega do céu á terra. A bemaventurança do céu é bemventurança descoberta a visivel: a bemaventurança da terra é bemaventurança invisivel e encoberta. A do céu é visivel e descoberta entre os resplandores da gloria; a da terra é invisivel e encoberta debaixo dos

accidentes da pena: segue uma e outra bemaventurança as condições e estados do seu objecto. O objecto da bemaventurança é Deus: mas Deus no céu é descoberto á vista e Deus na terra é encoberto á fé. Que muito logo que uma e outra bemaventurança, conformando-se com o seu objecto e retratando-se n'elle, no céu seja bemaventurança descoberta e visivel e na terra bemaventurança invisivel e encoberta? Encoberta debaixo dos trajos vis da pobreza: *Beati pauperes*. Encoberta debaixo dos horrores macilentos da fome: *Beati qui nunc esuritis*. Encoberta debaixo das nuvens tristes das lagrimas: *Beati qui nunc fletis*. E encoberta debaixo dos eclipses escuros do odio: *Beati eritis cum vos oderint*.

S. Sebastião bemaventurado encoberto.

Assim andam n'este mundo encobertos os bemaventurados; e assim viveu, quando vivia n'elle, aquelle grande bemaventurado e aquelle famoso encoberto, cujas saudosas e gloriosas memorias hoje celebramos, o illustrissimo e invictissimo confessor de Christo S. Sebastião. Ó divino bemaventurado! Ó divino encoberto! No céu vos celebra a Egreja triumphante descobertamente bemaventurado: na terra «vos admirou já e hoje» vos festeja a Egreja militante bemaventurado encoberto. Assim vos chamo, assim vos devo chamar, porque assim vos descreve e assim vos pinta hoje o evangelho; bemaventurado encoberto com os disfarces «da pobreza, da fome, do pranto e da perseguição.» *Beati pauperes: Beati qui nunc esuritis: Beati que nunc fletis*: *Beati eritis cum vos oderint homines*. Porém, «o amavel protector nosso,» estes quatro disfarces com que encobristes a vossa bemaventurança foram communs a todos os sanctos; e eu hoje devo considerar os vossos proprios, pelos quaes differenciando-vos dos outros vos chamastes «Sebastião o encoberto.» Para sair bem de tão novo assumpto não poderá ser sem muita assistencia da graça «que pedimos comvosco á Senhora». *Ave Maria*.

Como foi encoberto.

II. «Em dous tempos se deve considerar» e foi S. Sebastião o encoberto, na vida e na morte. Foi Sebastião encoberto na vida, porque na côrte de Diocleciano encobriu a verdade da fé debaixo da politica das obras. Foi Sebastião encoberto na morte, porque «no seu dobrado martyrio» encobriu a verdade da vida debaixo da opinião da morte «de que amigos e inimigos com affectos encontrados, uns de pranto, outros de regozijo o julgaram victima.» Assim como a Egreja já nos deu o assumpto no evangelho que é a primeira fonte da verdade, assim nos ha de dar a prova nas lições que reza do Sancto que é a segunda.

1.° Na vida, vivendo na côrte de Diocleciano

Primeiramente foi Sebastião encoberto na vida, porque «na côrte de Diocleciano» encobriu a verdade da fé com a politica das obras. São palavras formaes do texto ecclesiastico da sua

historia: *Christianos quorum fidem clam colebat, opera et facultatibus adjuvabat.* Onde se devem notar muito aquellas palavras: *Quorum fidem clam colebat.* Era christão, mas christão encoberto. E como era encoberto, sendo christão? Encobrindo a verdade da fé debaixo da politica das obras. Tudo é do mesmo texto: *Diocletiano carus, dux primae cohortis, christianos quorum fidem clam colebat opera et facultatibus adjuvabat.* Ó que grande christão por dentro! Ó que grande politico por fóra! Sebastião visto por fóra e intendido por dentro: uma cousa era o que era; e outra cousa era o que parecia. Parecia um cortezão do palacio da terra; e era um peregrino da côrte do céu. Parecia um capitão, que militava debaixo das aguias romanas; e era um soldado que servia debaixo da bandeira da cruz. Parecia um grande privado de Diocleciano; e era o maior confidente de Christo. Sua fortuna, seu habito e trajo, seu nome, tudo era supposto. Debaixo do nome de Sebastião (que significava augusto) encobria o principe celestial a quem servia. Debaixo das armas e do bastão encobria a milicia espiritual que professava. Debaixo da privança e graça do imperador encobria a graça de Christo de que só vivia. Toda a sua vida era uma dissimulação da vista: toda era um enigma da opinião: e toda era uma metaphora do que não era. Assim servia Sebastião encoberto a Christo: porque intendia, e cuidava bem, «que no furor da decima perseguição que depois lhe tirou a vida,» o servia mais encoberto que declarado.

S. Sebastião imita a José da Arimathea e Nicodemus. Joan. 19

Expira Christo na cruz em summo desamparo! deixam-no morto até os mesmos que lhe tiraram a vida: não ha quem o desça d'aquelle madeiro; não ha donde lhe venha uma mortalha; e até a terra lhe falta para o sepultar. Eis que apparecem personagens dos mais auctorizados de Jerusalem com hollandas, com aromas, e, o que mais é, com licença de Pilatos para aquelles piedosos officios. Mas quem eram estes dous homens? Eram José e Nicodemus, dous discipulos nobres da eschola de Christo. Pois não tem Christo nos seus trabalhos nem acha nos seus desamparos outros discipulos que o sirvam e soccorram, senão José e Nicodemus? Onde estão os Pedros? Onde estão os Andrés? Onde estão os Jacobos? Onde estão os Philippes e os Bartholomeus? João bem sabemos que está presente: mas ainda que tomou á sua conta a Mãe, nenhuma diligencia fez para a sepultura do Filho? Pois se estes discipulos tão antigos, tão obrigados e tão frequentes da eschola de Christo «não soccorrem a seu Mestre;» porque só se atrevem a o buscar, a o servir e a o venerar José e Nicodemus? A razão é manifesta: porque os ou-outros eram discipulos declarados; José e Nicodemus eram dis-

cipulos encobertos. Assim o notou e ponderou o evangelista S. João n'este mesmo logar: *Joseph ab Arimathea discipulus Jesu occultus propter metum judaeorum; et Nicodemus, qui venit ad Jesum nocte.* Eram José e Nicodemus, discipulos encobertos de Christo; e nos trabalhos de Christo e da christandade (que é o seu corpo mystico desamparado na cruz) são-lhe de maior importancia e de maior serviço os amigos encobertos, que os amigos declarados: porque os declarados ainda que desejem egualmente, podem menos, porque são amigos; os encobertos podem mais, porque não são suspeitosos. Ninguem era mais amigo, nem ainda mais animoso que João. Mas João não se atreveu a procurar a licença de Pilatos como José: porque em João a fé e a amizade declarada era suspeitosa; e em José a fé e a amizade encoberta era effectiva. Esta é a razão, porque sendo S. Sebastião tão fino e tão fiel christão e tão amigo de Christo, encobria comtudo com divina politica a sua fé, para a poder melhor empregar nas obras. Se Sebastião se declarava professor de Christo, publicava a fé e perdia as obras; e como importava mais á christandade o soccorro de suas obras, que a publicidade da fé; por isso com maiores quilates de christão encobria a verdade da fé debaixo da politica das obras: *Christianos, quorum fidem clam colebat opera, et facultatibus adjuvabat.*

2.º E a Chusay o mais fiel amigo de David.

Quem não sabe aquella notavel resolução de David, quando se rebellou contra elle Absalão? O maior confidente e o mais fiel amigo' que então tinha David para o acompanhar e servir em toda a fortuna, era Chusay. Mas agradecendo-lhe a vontade e não lhe acceitando a companhia, manda-o que se vá metter com Absalão; que o sirva em todos os postos que occupar; e que acceite qualquer logar que lhe der em sua casa, que, segundo a qualidade de Chusay, não podia ser senão muito grande. Pois, David, fugitivo e perseguido rei, que conselho é esse vosso? Agora que todo Israel segue a Absalão, agora que todos vos deixam e adoram o sol que nasce; a um só amigo que se acosta a vossa fortuna, ao maior homem e de maior valor e juizo que tendes, tirael-o de vós e mandael-o metter em casa e no serviço do vosso inimigo? Sim. E foi a mais bem intendida acção que nunca fez David. Porque muito maiores serviços lhe podia fazer a fé de Chusay encoberta em casa de seu inimigo, do que a fé do mesmo Chusay declarada em sua propria casa. E assim foi: porque não obrou menos esse confidente de David, admittido á graça e serviço de Absalão, que tirar a corôa da cabeça de Absalão e tornal-a a pôr na cabeça de David.

E d'esse modo ajudava aos christãos.

Quem é David, senão Christo? Quem é Absalão senão Dio-

cleciano? Quem é Chusay, senão Sebastião? Mette Christo a Sebastião, seu maior confidente, em casa de Diocleciano seu inimigo, para que alli obre a sua fé encoberta muito mais do que podéra fazer fóra d'alli declarada. D'alli encoberto ajudava aos christãos, d'alli encoberto os defendia, d'alli encoberto os exhortava e sustentava na confissão constante de Christo; e d'esta maneira não sendo christão declarado para os gentios, era christão mais effectivo para os christãos; porque encobria a verdade da fé debaixo da politica das obras: *Christianos, quorum fidem clam colebat, opera et facultatibus adjuvabat.*

S. Sebastião encoberto na morte. Primeiro martyrio.

III. Passando ao segundo poncto do nosso assumpto «assim como foi Sebastião encoberto na vida, assim o foi tambem na morte; porque encobriu a realidade da vida debaixo da opinião da morte, que foi effeito do seu dobrado martyrio.» *Quem omnium opinione mortuum, noctu sancta mulier Irene sepeliendi gratia jussit auferri: sed vivum repertum domi suae curavit.* Ó milagre! Ó maravilha da providencia divina! Na opinião de todos era Sebastião morto: *Omnium opinione mortuum:* mas na verdade e na realidade estava Sebastião vivo: *Vivum repertum:* ferido, sim, e mal ferido; mas depois das feridas curado: *Irene domi suae curavit:* deixado por morto de dia na campanha e de noite retirado d'ella para ser sepultado: *Nocte jussit auferri sepeliendi gratia.* Assim saiu Sebastião d'aquella primeira batalha; e assim foi achado depois d'ella: na opinião morto, mas na realidade vivo. «E quão fundada era aquella opinião!» Atam-no a um tronco (escusada diligencia para quem estava mais atado a Christo, mais preso na sua fé e mais seguro na sua constancia) voam as settas, empregam-se os tiros, despejam-se as aljavas, desapparece o corpo, pregam-se já umas settas em outras settas. Quem não crera que está morto Sebastião? Assim o creem os barbaros, que já se retiram; assim o crê o tyranno que já está satisfeito; assim o choram os amigos; assim o lamenta a Egreja; assim o geme e suspira a christandade. Mas que importa que Sebastião esteja morto na opinião, se estava vivo na realidade? Isto é ser Sebastião o encoberto; porque encobriu a realidade da vida debaixo da opinião da morte: *Opinione mortuum, vivum repertum.*

A opinião da morte de José. *Gen.* 37

Foi levada a Jacob a tunica de seu filho José, envolta falsamente no sangue supposto; e que fez Jacob tanto que a viu? Resolve-se sem mais inquirição que José era morto: assenta comsigo que uma fera o matara; e porque não appareça morto nem vivo, accrescenta que tambem o comera e ingulira: *Fera pessima comedit eum: bestia devoravit Joseph.* A esta resolução seguiram-se os nojos, os lutos, as lagrimas, os suspiros, as la-

mentações perpetuas, sem bastar um anno, nem muitos annos para que Jacob admittisse allivio á sua pena, nem consolação á sua dôr: *Scissisque vestibus, indutus est cilicio, lugens filium suum multo tempore; et noluit consolationem accipere.* Ó como é certo que ha homens cegamente credulos contra si mesmos! Basta que assim se ha de crer e assim se ha de accrescentar e assim se ha de assentar por certa uma tamanha nova? Vinde cá, Jacob. Quem vos trouxe essa tunica ensanguentada, disse-vos que o sangue era de José? Não. Ha alguem que o visse matar, ha alguem que o visse comer, ha alguem que o visse engulir? Pois como assentais tão apressada e precipitadamente que José é morto? Mas nem razões, nem conveniencias, nem cousa alguma do mundo era bastante para alliviar um momento de sua tristeza, nem a persuadir ou alentar a que admittisse alguma melhor esperança. Tão certo, tão firme, tão desenganado estava de que José era morto. Esta era a opinião «de Jacob acerca José, e esta a opinião da christandade acerca de Sebastião.» Ó admiraveis são os juizos e traças de Deus em homens fataes que elle escolheu para cousas grandes!

E a realidade da sua vida. Gen. 41 Ibid. 37

Mas ao mesmo tempo em que «Jacob chorava» em Canaan, estava José no Egypto, não só vivo, são e muito bem disposto: mas com successão muito copiosa para herdeiros de sua fortuna; e com uma fortuna tão notavel, que era absoluto senhor de todo o Egypto: *Absque tuo imperio non movebit quisquam manum aut pedem in omni terra Aegypti.* É verdade que foi preso e encarcerado; *Miseruntque eum in cisternam veterem*: é verdade que foi vendido: *Vendiderunt eum ismaelitis:* é verdade que tractaram de o matar: *Cogitaverunt illum occidere*: é verdade que o despojaram da purpura: *Nudaverunt illum tunica talari et prolymita.* Mas como Deus o tinha escolhido e reservado para restaurador do mundo: *Vocavit eum lingua aegyptiaca salvatorem mundi:* o mesmo Deus o libertou da servidão, o mesmo Deus o revestiu de outra melhor purpura: *Vestivit eum stola byssina et collo torquem aureum circumposuit:* o mesmo Deus o levantou ao throno de Pharaó com majestade e poder universal: *Constitui te super omnem terram Aegypti*, para ser adorado, para ser reverenciado e para ser conhecido e obedecido de todos: *Ut omnes coram eo genuflecterent et praepositum esse scirent universae terrae.* Eis aqui quão differente era a opinião e quão diversa a realidade a respeito da vida e morte de José. Como a providencia divina tinha determinado que elle estivesse tantos annos encoberto sem saberem d'elle os de sua casa, nem os de sua nação, occulta-se a realidade da vida debaixo da opinião da morte: que é o que succedeu ao nosso encoberto hoje.

Mais maravilhosamente foi encoberto Sebastião que José. Porque em José estava a opinião em Canaan e a realidade em Egypto. Em Sebastião não assim. A opinião e a realidade tudo estava na mesma Roma: dentro em Roma encobria Sebastião a realidade de vivo com a opinião de morto. Na opinião «dos christãos» e na de Diocleciano estava morto: mas em si mesmo estava vivo. «Sabeis o caso. Deixado Sebastião por morto no logar do martyrio, a devota Irene, viuva do martyr Castulo. accudiu para o sepultar; quando com grande surpreza e não menor consolação o achou ainda vivo, posto que coberto de feridas, como valoroso campeão que sobrevive ao mais sanguinoso combate; e por isso a sancta matrona com a maior cautela e o mais occultamente que foi possivel o levou para sua casa e o tractou com os cuidados que merecia o illustre defensor da Egreja. Brevemente Sebastião se achou restituido a sua primeira saude n'esta segunda vida que viveu como bemaventurado encoberto e que a sua piedosa enfermeira esperava se dilataria por muitos annos para bem universal dos christãos que não sabendo o acontecido ainda o choravam por morto. Mas outras eram as disposições da Providencia que o destinava como Jonas resuscitado para ir annunciar mais solemnemente a penitencia á côrte de Diocleciano.» Quando os marinheiros de Joppe viram a Jonas engolido da baleia e a baleia sorvida do mar sem apparecer, deram todos a Jonas por morto. Mas que importava que Jonas estivesse morto no conceito dos homens, se elle estava vivo (ainda que encoberto) no ventre da baleia? Que cousa era aquella grande baleia no meio do mar, senão uma ilha errante em que ninguem podia tomar porto, que já apparecia, já desapparecia? Mas encoberto Jonas n'esta ilha encoberta, por mais que a opinião o tenha por morto, como passaram tres dias e tres noites, elle desembarcava vivo e com assombro nas praias de Ninive. Assim appareceu Sebastião ao imperador Diocleciano; como diz admiravelmente o nosso texto: *Cujus aspectu cum ille primum obstupuisset, quod mortuum crederet.* Ficou pasmado e assombrado Diocleciano, quando viu deante de si vivo a Sebastião, a quem elle tinha por morto. Mas isso mesmo foi ser Sebastião «apezar do impio e cruel tyranno o bemaventurado encoberto: pois no seu primeiro martyrio pôde encobrir de um modo tão singular» a realidade da vida debaixo da opinião da morte: *Opinione mortuum vivum repertum.*

O mesmo aconteceu a Sebastião e com maior milagre. Assimilhou-se a Jonas.

IV. Mas vejo que «quanto ao segundo estais dizendo que o texto ecclesiastico da sua historia dá uma excepção ao meu assumpto.» *Rei novitate* (diz o texto) *et acri Sebastiani reprehensione Diocletianus escandescens, cum tamdiu virgis caedi*

Tambem no segundo martyrio só morreu na apparencia.

imperavit, donec animam Deo redderet. Assombrado Diocleciano com a novidade da primeira maravilha e infurecido da constancia, zelo e liberdade com que Sebastião o reprehendia, mandou que de tal maneira continuassem os verdugos em o atormentar e ferir, não já de longe com settas, senão de perto e aos braços com crueis açoutes, que não parassem, nem desistissem do tormento até que n'elle désse a vida; e assim se executou. Pois a esta morte tão continuada e tão repetida, a esta morte tão cruel, a esta morte tão tormentosa, a esta morte tão conhecida e tão verdadeiramente morte chamo eu realidade da vida debaixo da opinião da morte? Sim: esta é a excellencia da morte de quem morre em Deus, por Deus e para Deus. As outras mortes são o que parecem: a morte de quem morre por Deus e para Deus, parece morte e é vida.

Prova-se com o livro da sabedoria. *Sap.* 3

Diz o sabio que os justos, quando passam d'esta vida, por mais tormentos que padeçam, nenhum para elles é mortal: *Non tanget illos tormentum mortis.* E porque a novidade d'esta sentença parece que tinha contra si o testimunho de todos os olhos do mundo que vêem morrer os justos nos tormentos, acode a esta objecção com outra sentença mais notavel: *Visi sunt oculis insipientium mori.* É verdade (diz o sabio) que muitos olhos podem testimunhar que viram e vêem morrer os justos: mas esses olhos são os olhos dos nescios; ainda que sejam testimunhas de vista, não valem testimunha. Entre os olhos dos nescios e os olhos dos sabios ha grande differença: os olhos dos sabios, como penetram o interior das cousas, vêem as realidades. E como n'aquelles que morrem por Deus está encoberta a realidade da vida debaixo da apparencia da morte, por isso os nescios, que só vêem as apparencias, presumem n'elles a morte: *Visi sunt oculis insipientium mori;* e os sabios, que penetram as realidades, reconhecem n'elles sempre a vida: *Non tanget illos tormentum mortis.*

Auctoridade de S. Paulo. *Col.* 3

E senão, ouçamos a um «sabio em cujo juizo não póde haver engano:» *Mortui estis, sed vita vestra abscondita est cum Christo in Deo.* Estais mortos: (diz S. Paulo) mas a vossa vida está escondida com Christo em Deus. Glorioso apostolo, explicae os termos d'esta postilla que parecem implicados. A vida, ainda que seja escondida, tambem é vida; posto que ha poucos viventes que a queiram esconder e esconder-se. Logo se estes com quem fallais teem vida, como lhes chamais mortos: *Mortui estis?* E se são mortos, como affirmais que teem vida: *Sed vita vestra abscondita est?* Nas primeiras palavras fallou S. Paulo pela nossa linguagem e nas segundas pela sua; e conforme estas duas linguagens eram aquelles com quem S. Paulo

fallava, junctamente mortos e vivos. Para os nescios que vêem as cousas por fóra, eram mortos na apparencia; para os sabios que vêem as cousas por dentro, eram vivos na realidade. Mas essa vida (diz o grande apostolo) estava escondida com Christo: porque os que morrem por Christo e para Christo teem escondida e encoberta a realidade da vida debaixo da apparencia da morte.

Só aos olhos dos algozes morreu o nosso Sancto.

Mandou o tyranno imperador que atormentassem a Sebastião até que morresse. Enganou-se o barbaro: porque para os que dão a vida por Christo não ha tormento que chegue a matar: *Non tanget illos tormentum mortis*. Obedeceram os algozes furiosamente; e quando viram expirar a Sebastião, tiveram-no por morto. Mas tambem se enganaram os nescios: porque os que dão a vida por Christo só aos olhos dos nescios podem morrer: *Visi sunt oculis insipientium mori*. E assim no mesmo theatro aonde Sebastião despido, chagado, envolto em seu sangue parecia que estava morto, ahi mesmo perseverava, ahi mesmo se conservava e ahi mesmo triumphava vivo. Porque, como milagroso encoberto na vida e na morte, debaixo da apparencia da morte encobria a realidade da vida.

Os justos não morrem. Por isso não dobrou Deus a Job os filhos que pereceram no desastre.

Esta foi a razão altissima, por que dobrando Deus a Job na segunda fortuna tudo o que tinha perdido, lhe não dobrou os filhos. Pois se Deus premia a paciencia e constancia de Job com lhe restituir em dobro a fazenda, os gados, os escravos e creados; os filhos que era o que mais estimava, porque lh'os não dá tambem em dobro? Porque Deus não dobrou a Job, senão o que tinha perdido e que lhe tinham morto os inimigos; e os filhos de Job nem elle os perdeu, nem lh'os mataram. É verdade que os mensageiros lhe vieram dizer que todos ficaram mortos. Mas Deus, em lh'os não restituir, quiz dar-lhe um seguro de que estavam vivos. Se morreram fóra da graça e serviço de Deus, então era verdade certa e triste em todo o sentido, que estavam mortos. Mas «porque» tinham passado da vida como verdadeiros filhos de tão grande servo de Deus como Job; «por isso», ainda que debaixo da ruina da casa pareceram mortos na apparencia, ficaram sempre vivos na realidade. E se os que morrem em Deus e para Deus não passam mais que pelas apparencias da morte, conservando sempre as realidades da vida; que direi de Sebastião, aquelle fidelissimo e animosissimo servo, que não só acabou a vida em Deus e para Deus, senão que a força de tantos, tão exquisitos e tão repetidos tormentos a deu por Deus? Não cortou o fio da vida a Sebastião um caso inopinado, como aos filhos de Job: mas elle a deu a Deus voluntariamente quando mais inteira; elle a deixou cortar por Deus quando mais florida.

Sebastião nos protege como vivo.

V. Por isso, meu invictissimo encoberto, por mais que Diocleciano vos mande matar, por mais que os algozes vos deixem por morto, por mais que Irene vos queira sepultar, por mais que vós mesmo reveleis o logar de vosso sepulcro, e por mais que vossas reliquias, como despojos da morte estejam repartidas pelo mesmo; eu comtudo vos reconheço vivo, vos confesso vivo, vos reverenceio vivo e espero de vós favo res como de vivo. Divino Sebastiano, encoberto bemaventurado na terra e descoberto defensor que sempre fostes d'este reino no céu; ponde lá de cima os olhos n'elle e vêde o que não poderá vêr sem piedade quem está vendo a Deus. Vereis pobrezas e miserias que se não remedeiam: vereis lagrimas e afflicções que se não consolam: vereis fomes e cobiças que se não fartam: vereis odios e desuniões que se não pacificam. Ó como serão ditosos e remediados os pobres, se vós lhes acudirdes. Ó como serão ditosos e alliviados os afflictos, se vós os consolardes! O' como serão ditosos e satisfeitos os famintos, se vós os enriquecerdes. Ó como serão contentes os odiados e desunidos, se vós os concordardes. D'essa maneira, Sancto glorioso, por meio de vosso amparo conseguiremos a bemaventurança encoberta d'esta vida até que por meio da vossa intercessão alcancemos a bemaventurança descoberta da outra. *Ad quam nos perducat* &.

(Ed ant. tom. 14.º, pag. 189, Ed. mod. tom. 9, pag. 220.)

SERMÃO DE SANCTO AGOSTINHO **

PRÉGADO NA SUA EGREJA E CONVENTO DE S. VICENTE DE FÓRA EM LISBOA, NO ANNO DE 1648

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — A propriedade caracteristica d'este primoroso panegyrico é ter um assumpto não menos encomiastico que moral. É um dos mais instructivos.

Sic luceat lux vestra coram hominibus ut videant opera vestra bona et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est.

S. MATTH. 5.

Qual a idéa do verdadeiro prelado ecclesiastico segundo S. Mattheus c. 5 explicado por Sancto Agostinho.

Ao maior doutor entre os sanctos e ao sancto «mais admiravel» entre os doutores celebra n'este grande theatro como a pae a primogenita de suas familias. O evangelho que n'esta solemnidade canta a Egreja não só nol-o propõi applicado a Sancto Agostinho, senão tambem explicado por Sancto Agostinho. Eu porém venerando uma e outra cousa quanto devo, assim na applicação como na explicação acho uma implicação não pequena. Estae commigo. O intento de Christo Senhor nosso em todo este evangelho é formar a perfeita idéa do prelado ecclesiastico e apostolico. Esta idéa se compõi indistinctamente de duas partes ou qualidades essenciaes: de sciencia, porque deve ser douto, e de virtude, porque deve ser sancto. Se tem virtude sem sciencia, será sancto; se tem sciencia sem virtude, será douto; mas em falta de qualquer d'ellas não será verdadeiro prelado. E que seria se acaso lhe faltassem ambas?

Este prelado ha-de ser douto e doutor, sancto e sanctificador.

Bastará porém que seja douto só pela sciencia, e sancto só pela virtude? Não. Bem póde o prelado ser douto e sancto, e não ser bom prelado; porque póde sor douto e sancto para si, e não para os outros. Ha de ser de tal maneira douto, que seja douto e doutor; e de tal maneira sancto, que seja sancto e sanctificador. Isso quer dizer: *Qui fecerit et docuerit*, doutor ensinando, e sanctificador fazendo. Para ensinar lhe é necessaria a sciencia com que seja

a doutrina sã: para fazer é-lhe necessaria a virtude com que sejam boas as obras. Mas essas obras e essa sciencia não hão de ser occultas e que se não vejam, senão publicas e manifestas a todos. Publica e manifesta a sciencia para que allumie com a luz da doutrina: *Sic luceat lux vestra coram hominibus*; publicas e manifestas as obras, para que edifique com o exemplo da vida: *Ut videant opera vestra bona*. Finalmente uma e outra, assim a vida como a doutrina não hão de ser para credito ou estimação propria, que sería vaidade e terra, mas para honra e gloria do Padre que está no céu: *Et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est*.

Com esta explicação parece não concorda a publicação das suas Confissões e Retractações.

Este é o sentido natural das palavras que propuz e este em summa o intento e discurso de todo o evangelho explicado em varias partes por Sancto Agostinho, tão solida e tão propriamente como elle costuma. Mas se applicarmos o mesmo evangelho ao mesmo sancto achal-o-hemos totalmente implicado com elle. Se abrirdes os livros de Sancto Agostinho achareis que o primeiro tem por titulo: *Livro de retractações de Agostinho*: nas quaes o mesmo Sancto declara muito miudamente todos os erros e ignorancias (como elle lhes chama) que com menos acerto tinha escripto. Se passardes ao segundo livro achareis que da mesma maneira tem por titulo: *Livro das confissões de Agostinho:* nas quaes o Sancto com a mesma miudeza declara e manifesta todos os peccados de sua vida. Pois se o Evangelho manda a todos os prelados que publiquem e manifestem a sua sua sciencia e doutrina, como publíca e manifesta Agostinho as suas ignorancias e os seus peccados? Logo ou este evangelho se não applica bem a Agostinho ou temos Agostinho implicado com o evangelho. Para desfazer estas duas implicações tenho precisão hoje de dobrada graça. *Ave Maria.*

Mas é o contrario. Estes livros são o verdadeiro retrato do grande doutor da Egreja.

II. *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est.* Faz Sancto Agostinho os dous livros de suas retractações e de suas confessões; e estes foram os que poz no rosto de todas suas obras. Muitos ha que não contentes com pôr o seu nome, ainda nos livros que escrevem do desprezo da fama, como notou Cicero; querendo não só ser lidos, mas vistos, põem na primeira estampa o seu retrato. E isto que faz a vaidade em tantos que não merecem o nome de auctores, fez no mais celebrado auctor da Egreja a modestia e a humildade. Os corpos retratam-se com o pincel, as almas com a penna; e estes dous livros na minha opinião são a *Vera effigies* da alma de Agostinho.

Em Christo não houve ignorancia nem peccado. *Phil.* 2

No livro de suas confessões publicou Sancto Agostinho os seus peccados e no livro de suas retractações as suas ignoran-

cias; e só quem comprehender quão feia cousa é o peccado e quão indecente a ignorancia, poderá avaliar como merece estas duas acções de Agostinho. A maior acção, de Deus fazer-se homem, e a maior fineza d'esta acção, não consistiu tanto em tomar a nossa natureza, quanto em tomar a nossa similhança: *In similitudinem hominum factus et habitu inventus ut homo.* Não tomou Deus a natureza humana, como a tinha dado a Adão; senão como a achou depois d'elle, caida de seu primeiro estado, e sujeita a tantas e tão pezadas miserias. Sujeitou-se a nascer, a morrer e a viver (que não é menos); a trabalhar, a cançar, a suar; a dores, a tristezas, a lagrimas; a ser perseguido, a ser affrontado, a ser crucificado. Mas com se sujeitar a todo este abysmo de miserias e baixezas, exceptuam-se comtudo duas, de que foi totalmente izenta e privilegiada a humanidade de Christo. E quaes foram? O peccado e a ignorancia. Porque é tão feia cousa o peccado, e a ignorancia tão indecente, que ainda no caso que fosse possivel, de nenhum modo era toleravel que em uma humanidade unida a Deus houvesse peccado ou ignorancia. Sendo, pois, tal fealdade a do peccado e tal indecencia a da ignorancia; que Agostinho por sua vontade e eleição tome estes dous assumptos e se ponha a escrever muito de proposito dous livros, um de seus peccados, outro de suas ignorancias; e que depois de escriptos os divulgue e faça publicos a todo o mundo? Para defender culpas ou ignorancias se teem escripto muitas apologias e manifestos; mas para as confessar e publicar «com tanta notoridade», só Agostinho o fez.

Agostinho fez de suas ignorancias e peccados instrumento de gloria para Christo.

Comecei a ponderar estas duas acções por louvor e já me parece que hão mister desculpa. Pois se o evangelho manda a Agostinho resplandecer com sciencia e doutrina, como publica erros e ignorancias? Se lhe manda que allumie com exemplo e boas obras; como publica vicios e peccados? Encubra os erros para que não eclipsem a doutrina; esconda os peccados para que não escureçam o exemplo: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.*

Amplificando o sentido do seu evangelho.

Ora, senhores, para que acabemos de ter suspenso o juizo, tudo isto que em Sancto Agostinho parece implicação do Evangelho; não foi implicação, foi amplificação. O Evangelho manda que os que são luz da Egreja allumiem com a sciencia e com a virtude, com a doutrina e com o exemplo; e Agostinho amplificando esse mesmo preceito e excedendo os limites d'elle, não só allumiou o mundo com as suas sciencias, senão tambem com as suas ignorancias: não só com as suas virtudes, senão tambem com os seus peccados. Com as suas ignorancias; porque das mesmas ignorancias fez doutri-

na: com os seus peccados; porque dos mesmos peccados fez exemplo; e sendo as ignorancias e os peccados trevas, das mesmas trevas fez luz: *Sic luceat lux vestra coram hominibus.*

Assim convidaram os tres meninos da fornalha de Babylonia não menos as trevas que a luz para louvarem a Deus.

Christo Senhor nosso n'este preceito, quando mandou aos varões apostolicos que luzissem, nomeadamente lhes disse com que haviam de luzir e como. Quanto ao primeiro, que o instrumento de luzir fosse a luz: *Luceat lux vestra:* quanto ao segundo, que o modo de luzir fosse tal que d'elle se seguisse a gloria de Deus: *Sic ut glorificent Patrem vestrum.* E Agostinho que fez? Guardou o modo e amplificou o instrumento. Amplificou o instrumento; porque «fez luz das mesmas trevas da ignorancia e do peccado e luziu com ella»; e guardou em um e outro luzir o modo; porque assim com a luz, como com as trevas conseguiu a gloria de Deus. Não acho cousa similhante na terra: mas no céu d'onde Agostinho tomou esta maravilhosa philosophia, sim: *Benedicite noctes et dies Domino; benedicite lux et tenebrae Domino*: assim o cantaram a tres vozes na fornalha de Babilonia os tres meninos. As obras com que o céu publíca e apregoa a gloria de Deus são o dia e a noite, a luz e as trevas. Pois a noite escura e feia entra em côro com o dia claro e formoso para glorificar a Deus? E não sómente louvará a Deus a luz, mas tambem as trevas? Sim, porque «nas trevas da noite o clarão da lua e o brilho das estrellas, apregoam e publicam a sabedoria do Creador.» E assim o fez com acção singular Agostinho que não só com a luz de suas sciencias e virtudes «em que resplandeceu como sol no meio dia,» senão tambem com as trevas de suas ignorancias e peccados glorificou e ensinou a glorificar a Deus. «Mas quaes foram os luzeiros que resplandeceram nas trevas d'esta noite? Foram os dous livros de suas confessões e retractações; e por isso com estes dous livros amplificou o instrumento de dar gloria a Deus:» *Ut glorificent Patrem vestrum qui in coelis est.*

Provas especiaes do assumpto. *Ps.* 138

Temos visto ou dicto em commum como Sancto Agostinho amplificou o evangelho não só com a luz de suas sciencias e virtudes, senão tambem com as trevas de suas ignorancias e peccados; podendo-se-lhe applicar gloriosamente o que se diz de Deus, que as suas trevas são como a sua luz: *Sicut tenebrae ejus, ita et lumen ejus.* Segue-se que vejamos agora como isto foi ou póde ser; porque não parece facil. Se o livro das confessões contém vicios e peccados como póde Agostinho com vicios e peccados allumiar viciosos e peccadores? Se o livro das retractações contém erros e ignorancias, como póde Agostinho com erros e ignorancias allumiar errados e ignorantes? Tudo isto pôde fazer e fez Agostinho, e não só de qualquer

modo, senão pelo mesmo modo com que Christo no Evangelho lhe mandou que allumiasse os homens: *Sic luceat lux vestra coram hominibus*. O modo com que Christo no Evangelho lhe mandou que allumiasse os homens foi com exemplo e doutrina; e este mesmo foi o modo com que Agostinho allumiou: porque no livro das confessões, dos peccados fez exemplo; e no livro das retractações das ignorancias fez doutrina. Isto é o que agora havemos de vêr; e porque Agostinho dividiu estes dous assumptos em dous livros, nós tambem para maior distincção e clareza os dividiremos em duas partes.

1.º Quanto ás confissões. Não ha cousa mais natural ao homem que encobrir seus peccados.

III. Começando pela primeira, não ha cousa mais natural ao homem que esconder e encobrir seus peccados. «A razão d'isso é porque, de regra ordinaria, quem é mau não o quer parecer.» E d'este principio formou Tertulliano um valente argumento em defeza dos christãos contra os tyrannos. Ide aos vossos carceres, diz elle, onde tendes prezos ladrões, homicidas, adulteros e christãos; e inquiri de uns e outros os seus delictos. Ao christão se lhe perguntais, se é christão, responde logo que sim: o ladrão, o homicida, o adultero, ainda nos tormentos nega. E qual é a causa, por que estes negam e aquelles não? Porque o que é mal e peccado, ninguem quer que seja seu: *Nolunt enim suum esse quod malum est*. Segue-se logo que o ser christão não é mal, nem peccado: porque se o fôra, elles o encobriram e o negaram. E como é tão natural ao homem o encobrir e esconder seus peccados, por isso Agostinho escreveu o livro de suas confissões, em que descubriu, publicou e manifestou a todo o mundo os seus peccados para tirar do mesmo mundo este impedimento da salvação, e persuadir com exemplo aos homens a confessar e não encobrir os seus. Os homens, quando fazem mal, abhorrecem a luz; sendo que haviam de abhorrecer o mal e abhorrecer tambem a quem o faz: mas em vez de abhorrecerem o mal, abhorrecem a luz; porque ella descobre o mal; e elles sendo máus querem parecer bons. Para emendar, pois, esta semrazão e para pôr em seu logar este mal applicado abhorrecimento, saiu Agostinho á luz com quantos males tinha feito em sua vida, para que intendessem os homens que o que se ha de abhorrecer, é o mal e não a luz: e que o mal encoberto é a infermidade, e a luz que o descobre o remedio.

O exemplo de Agostinho anima á confissão sacramental.

Para remedio do peccado instituiu Christo Senhor nosso o sacramento da confissão; e este é o maior argumento ou o maior encarecimento da grande repugnancia natural que o homem tem a descobrir seus peccados. Porque «querendo Deus afastar o homem do perigo do peccado, lhe fez saber que se o commettesse, teria a obrigação de confessal-o a outro homem.» Mas d'aqui mes-

mo se vê quão admiravel e verdadeiramente estupenda foi a resolução de Agostinho no livro que escreveu de suas confissões, e quão efficaz e superabundante foi o exemplo que deu com suas confissões para vencer a repugnancia, para animar o temor, e para facilitar o pejo natural que a fraqueza humana tem de confessar os seus. Que um homem confesse e descubra seus peccados para alcançar o perdão d'elles, é comprar a graça de Deus por seu preço. Porém Agostinho, que depois de ter sido peccador se baptizou, sendo da edade de trinta e tres annos, não confessou publicamente seus peccados para se pôr em graça de Deus, porque já a tinha, nem para alcançar o perdão d'elles, porque já estavam perdoados. E que peccados perdoados e cobertos os torne Agostinho a descobrir sem obrigação, nem necessidade só para que os outros os não encubram; julgae se foi grande exemplo o que deu «com tão heroica resolução.»

Mórmente porque fez uma confissão publica a que ninguem está obrigado.

Mais. O preceito com que Deus manda ao christão que confesse todos seus peccados, sobre ser debaixo de inviolavel sigillo, é com tal cautela e com tanta attenção ao credito do mesmo que os confessa, que a ninguem obriga que escreva seus peccados, ainda que por falta ou fraqueza de memoria os não houvesse de confessar todos. E o motivo d'esta limitação é o perigo que tem um papel de se perder casualmente e passar a outras mãos. Porém Agostinho accrescentando exemplo sobre exemplo, não só sem temor, mas com desejo de que seus peccados andassem nas mãos e nos olhos de todos, por isso mesmo os escreveu. E como os escreveu? Na lingua mais vulgar e geral do mundo; e não por cifras ou metaphora, mas extendida e declaradamente e com a ponderação de todas as circumstancias d'elles, mais viva ainda que do seu intendimento: porque era maior que o seu intendimento a sua dôr e egual á sua dôr o seu zelo dos peccados alheios. Considerae-me a David chorando e orando e a Agostinho chorando e escrevendo; e vêde no mesmo caso que differentes foram os affectos d'estas duas grandes almas. David vendo os seus peccados escriptos nos livros de Deus, pedia a Deus que os riscasse: *Dele iniquitatem meam*. Agostinho sabendo que os seus peccados estavam já riscados nos livros de Deus pelo baptismo, escrevia-os de novo no livro das suas confissões. Mas David pedia o remedio para si, e Agostinho escrevia para remedio dos outros.

E tão publica.

Mais ainda. O preceito da confissão obriga a que nos confessemos a outro homem, mas a um só. De sorte que se o confessor não intende a lingua do confessado, não é obrigado o confessado e se confessar por interprete, porque não passem seus peccados á noticia de dous homens. E quem poderá na con-

sideração d'este poncto não digo exaggerar ou encarecer, mas explicar de algum modo sufficientemente aquella façanha, mais que heroica e aquella resolução superior a toda a capacidade humana com que Agostinho confessou e manifestou seus peccados não só a todos os homens da sua edade, mas a todos os que hoje somos e a todos os que foram de mil e quatrocentos annos a esta parte e a todos os que serão até ao fim do mundo? Perguntae ao mesmo inferno quantas almas estão ardendo n'elle só por não se atreverem a descobrir seus peccados ao confessor? Pois se ha homens que escolhem antes o inferno que manifestar seus peccados a um homem, «que virtude foi a de Agostinho que os descobriu sem necessidade a tantos só por edificação?» Ah! Agostinho que só a luz «do livro de vossas confissões» allumiou invencivelmente a nossa cegueira, e a refutou convenceu e anniquilou mais que quanto se tem dicto até hoje, nem se póde dizer e imaginar! O mais forte argumento, com que se desfaz a rapugnancia de um homem se confessar a outro, é saber que esses mesmos peccados de que agora se peja que os ouça um homem, no dia de juizo os hão de ver todos os homens. Mas porque o dia de juizo está longe e a confissão perto, a grande força que tem comnosco o presente é a que póde mais que este desengano. Saiu, pois, Agostinho em sua vida com o livro de suas confissões; e anticipando para si sómente o dia de juizo, fez presente, «por assim dizer,» o juizo universal futuro. E este foi o modo altissimo, digno só de seu inventor com que elle «tirou luz das suas mesmas trevas e dos seus mesmos peccados, exemplos de virtude.»

Porisso tornou-se grande, como S. Gregorio disse de Job, nos seus mesmos peccados. *Job. 13*

Dê-me logo licença S. Gregorio para que eu diga com a mesma ou maior razão, de Agostinho o que elle disse de Job: *Videatur vir iste cuilibet magnus in virtutibus suis, mihi certe sublimis apparet in peccatis suis.* Pareça embora a outros Agostinho grande nas suas virtudes, que a mim me parece maior nos seus peccados. Nas virtudes que exercitou foi Agostinho grande: mas no livro de suas confissões, em que manifestou os seus peccados a todo o mundo, sem duvida foi muito maior. E se este livro se comparar com os outros seus, este foi a corôa de todos. O mesmo Job que mereceu o elogio de Sancto Agostinho só por não encobrir peccados, tendo feito um largo relatorio das suas virtudes, rematou-o confiadamente com esta conclusão: Escreva o justo Juiz todas as minhas acções em um livro; e eu o levarei ao hombro e o porei na cabeça como corôa, e lendo todos os seus capitulos, o offerecerei a Deus como principe para que me despache por elle. Muito dizeis, Sancto Job, e muito confiado fallais; pois quereis que Deus como Juiz e não

vós, escreva o livro das vossas virtudes; e pois crêdes que será tão grande o livro, que o não podereis levar na mão, senão ao hombro; e pois o haveis de offerecer para ser despachado por elle e antes do mesmo despacho já vos prometteis a corôa. Mas tudo isto que vós dizeis do livro de vossas virtudes quem haverá que o não diga com maior razão do livro dos peccados de Agostinho? Elle o escreveu e n'elle seus peccados, quando já Deus os tinha riscado dos seus livros: elle o formou de materia tanto mais pesada, quanto vai de peccados que affrontam e humilham, a virtudes que honram, engrandecem e exaltam; e elle o offereceu a Deus e aos olhos do mundo, não para despacho, senão para castigos, e como merecedor de inferno e não de corôa; mas por isso e por tudo, dignissimo d'ella. Muitas coróas tem no céu Agostinho, mas esta a mais preciosa e resplandecente de todas. Job com suas virtudes foi maravilhoso; porque n'ellas guardou o evangelho antes de haver evangelho: mas Agostinho «com o livro das confissões de seus peccados» foi mais maravilhoso; porque n'elle depois de haver evangelho para mais e melhor o guardar o amplificou. Só era obrigado pelo evangelho a resplandecer com «a luz das» obras boas; e elle resplandeceu e allumiou o mundo com «a luz que soube tirar dos seus» peccados: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona et glorificent patrem vestrum qui in coelis est.*

2.° Quanto ás Retractações. Os sabios difficultosamente se desdizem. Exemplo de Lucifer. *Isai.* 14 *Ezech.* 28

IV. Do livro das confissões passemos ao de suas retractações, nada menos, antes mais nobremente admiravel, quanto excede em nobreza o intendimento á vontade. Assim como é natural a todo o homem encobrir o seu peccado, assim é natural a todo o sabio sustentar e não se desdizer do seu erro; e tanto mais quanto fôr mais sabio. O mais sabio espirito que Deus creou foi Lucifer; e é caso verdadeiramente estupendo que uma creatura dotada de tão sublime intendimento, e allumiada de tão alta sabedoria caisse em um erro tão crasso, tão manifesto e tão nescio, como cuidar que podia ser similhante a Deus e dizer que o havia de ser: *Similis ero Altissimo.* Mas ainda esta não é a maior admiração. O que mais admira e faz pasmar é que nem no céu, onde errou se quiz descer de tão errado pensamento; nem no inferno, onde o está pagando, se quer desdizer ou arrepender d'elle. No céu entre o peccado e a condemnação de Lucifer é sentença muito conforme á piedade divina que lhe deu Deus bastante espaço para se converter: e tambem no inferno «Deus de sua parte lhe perdoaria, se o espirito soberbo não continuasse na mesma obstinação.» Pois como é possivel que coubesse e caiba em um intendimento tão sabio que-

rer antes cair do céu e arder no inferno, que desdizer-se do que uma vez disse e persistir no mesmo erro por toda a eternidade? A grande sciencia que tanto o inchou para errar, essa mesma o obstinou para se não desdizer. É ponderação não menos que do propheta Exechiel. Falla d'este caso de Lucifer o propheta: considera-o no céu antes de cair e no inferno depois de caido; e em um e outro logar lhe chama cherubim: *Et tu cherub, posui te in monte sancto Dei*: *perdidi te o cherub*, *projeci te in terram*. Lucifer é certo que não era cherubim, senão seraphim; porque entre os anjos da primeira e suprema jerarchia, e entre os do primeiro e supremo coro, elle era o primeiro e o maior. Pois se era seraphim, porque lhe chama o propheta assim no céu como no inferno não seraphim, senão cherubim? Porque cherubim quer dizer sabio; e entre todos os espiritos angelicos os mais eminentes na sabedoria são os cherubins. E como a sabedoria foi a que inchou a Lucifer para que rebentasse em um erro tão ignorante, e a mesma sabedoria a que o cegou e obstinou, para que se não retractasse d'elle; por isso lhe chama cherubim e sabio e não seraphim. No céu cherubim, porque sendo tão sabio errou no céu; e no inferno cherubim, porque por ser tão sabio, se não quer desdizer de seu erro nem no inferno. De sorte que é tal contumacia a do muito saber, uma vez que se chega a usar mal d'elle, que antes quererá um sabio presumido cair do céu, que descer-se de sua opinião; e antes arder no inferno, que desdizer-se do que já tem dicto.

Sabios que erraram e como Lucifer não se quizeram retractar. *Act.* 26

Se fôra verdadeira aquella imaginação de Origenes, o qual teve para si que as nossas obras eram anjos que andavam peccando dentro dos nossos corpos e pagando algumas culpas que tinham commettido; de muitos homens sabios, que erraram e nunca se quizeram retractar, dissera eu que eram os anjos sequazes de Lucifer. Tal foi Tertulliano, tal Apollinar e outros famosissimos doutores em todo o genero de erudição divina e humana, os quaes tendo sido insignes mestres da Egreja e ainda hoje allegados, por se não quererem retractar de alguns erros, em que como homens caíram, com perpetua dôr da mesma Egreja foram anathematizados e apartados d'ella; podendo-se dizer com verdade de cada um o que Felix imputava a S. Paulo: *Multae te litterae ad insaniam convertunt*. Era Tertulliano tão austero na vida e nos costumes e tão propugnador das heroicas virtudes, como mostram seus mesmos erros; porque negou serem licitas aos christãos as segundas vodas, nem o fugir no tempo da perseguição, senão offerecer-se ao martyrio constantemente, nem serem outra vez admittidos á Egreja os peccadores conhe-

cidos, posto que penitentes. Era Apollinar não só eminente na sabedoria, que foi mestre nas Escripturas Sagradas do doutor maximo na exposição d'ellas, S. Jeronymo; mas de tão honestos e louvaveis procedimentos, que mereceu ser venerado amado e ainda defendido dos dous grandes lumes da Egreja, Nazianzeno e Basilio, emquanto não foram manifestos seus erros. Mas sendo estes e outros insignes varões tão fortes domadores de outras paixões humanas, chegados ao poncto de se haver a retractar do que tinham ensinado, aqui fraqueou todo seu valor, aqui perdeu o passo toda a sua sabedoria, e aqui se cegaram e escureceram de tal sorte aquelles grandes intendimentos, que antes quizeram perder a união da Egreja e com ella o unico fundamento da mesma salvação, que desdizer-se do que tinham dicto. E como é tão natural aos homens doutos e sabios a pertinacia de persistir em seus erros e o orgulho de os sustentar e defender a todo o risco, para allumiar esta segunda e maior cegueira, que não só perde a seus auctores, senão a muitos com elles, saiu Agostinho á luz com o livro de suas retractações, em que confessou seus erros e emendou suas ignorancias, dando confiança a todos os sabios e doutos (como mais sabio e douto que todos) a que nenhum se envergonhasse de ter errado, nem de confessar que errou, pois Agostinho o fazia tão declaradamente. Ou em seus sermões que eram continuos, ou em varias disputas publicas (em alguma das quaes concorreram em Carthago duzentos e oitenta seis bispos hereges) convenceu Agostinho com força e evidencia de seus argumentos muitos Donatistas, muitos Maniqueos, muitos Pelagianos, que publicamente reconheceram e abjuraram seus erros. Mas o argumento mais irrefragavel e sem resposta que confundia a presumpção de todos, ainda dos mesmos que teimavam a se não desdizer, foi o livro das suas retractações escripto e divulgado. Bem podera Agostinho retractar verbalmente desde a mesma cadeira em que ensinava e prégava e não com pequena edificação de todos os doutores e mestres: mas quil-o fazer e publicar por escripto; porque a retractação do que escreveu e saiu a publico em homens de opinião é muito mais difficil.

Os doutos presumidos são como Pilatos. Joan. 19

Os judeus poderam persuadir a Pilatos a que em Christo condemnasse a innocencia e crucificasse a justiça, mas não a que mudasse o que tinha escripto no titulo da cruz; e respondeu: O que escrevi, escrevi: *Quod scripsi, scripsi.* «É o nosso caso». O que um homem de sciencia ou presumpção uma vez escreveu e publicou, não o torna a retractar por nenhum respeito. Condemnar a mesma innocencia, e crucificar a justiça, fal-o-ha, senão fôr recto, por um respeito humano; mas riscar o que uma

vez escreveu e está publico em seu nome, não o fará um sabio presumido por nenhum respeito d'este mundo, nem ainda do outro. Ella é intoleravel cegueira do intendimento, intoleravel abuso da razão e intoleravel injuria da justiça e da verdade, que aquillo que se não devia escrever, se haja de sustentar, só porque se escreveu, e que o ser escripto uma vez seja consequencia de estar escripto sempre: *Quod scripsi, scripsi.* Mas esta sentença, como se fôra de melhor auctor, é a commummente de todos os que escrevem e publicam seus escriptos. Querem que os seus livros sejam como o livro do predestinação, em que o que está escripto não póde ser riscado: querem que os seus caracteres sejam como os dos sacramentos, que uma vez impressos não se podem apagar: querem em fim que o seu escrever seja prescrever: *Quod scripsi, scripsi.* Cento e dezoito livros temos de Sancto Agostinho, exceptos os que não chegaram a nós; e quando elle podera assentar a penna e consagral-a ao templo da sabedoria, como tropheu de todas as sciencias entre os applausos do mundo e celebridade da fama, maior que a de todos que escreveram; torna a tomar e aparar de novo a penna: para que? Para emendar em um livro todos os seus livros, para se rectractar e desdizer de muitas cousas que n'elles tinha dicto e para desenganar com o seu exemplo a todos os que tanto se enganam com os seus escriptos.

Sempre lhes parecem bem os seus escriptos como aos paes os seus filhos.

A razão d'este engano deu excellentemente Sancto Ambrosio, a quem deve a Egreja mais que a todos os doutores, porque lhe deve a Agostinho: *Unumquemque fallunt sua scripta, errataque auctorem praeterunt: atque ut filii etiam deformes delectant parentes, sic etiam scriptores indecores quoque sermones palpant.* A todos os auctores diz Ambrosio, enganam os seus escriptos; e ainda que tenham erros, só elles os não vêem. E a razão d'esta cegueira é, porque são partos do seu intendimento; e assim como os filhos, posto que sejam feios, agradam a seus paes e lhe parecem formosos; assim os escriptos de cada um por imperfeitos, errados e mal compostos que sejam, naturalmente lisongeiam a seus auctores e lhes parecem bem; porque se parecem com elles. Isto disse e ensinou Sancto Ambrosio, dignissimo mestre de Sancto Agostinho: e sendo tão verdadeira esta doutrina e tão universal a razão d'ella em todos os homens, só em Agostinho se não verificou.

Sancto Agostinho figurado na aguia do carro de Ezechiel porque examinava os seus livros aos raios do Sol da verdade.

Agora se intenderá o proprio e cabal fundamento, por que entre os quatro animaes enigmaticos do carro de Ezechiel, em que foram significados os quatro doutores da Egreja, Agostinho é a aguia. Por ventura, porque tendo todos azas e pennas, Agostinho com as suas voou mais alto que todos? Seja embora: mas

outro mais profundo mysterio, «se me não engano,» encerra-se na similhança. A aguia, como se sabe vulgarmente, depois que lhe nascem os filhos e lhes dá a primeira creação indistinctamente, tira-os do ninho, suspendê-os nas unhas, e examina-os um por um aos raios do sol: se olham de fito em fito, para o sol sem pestanejar, reconhece-os e conserva-os como filhos proprios: mas se fecham ou afastam os olhos e não soffrem toda a luz, repudia-os e lança-os de si como adulterinos. Assim fez a nossa aguia com todos os seus livros, com todas as suas resoluções, e com todos os seus dictos e pensamentos. Examinou-os aos raios do Sol da verdade severissimamente: dos que achou conformes, firmes e constantes, reconheceu-os por proprios; aquelles porém em que descobriu alguma fraqueza ou menos conformidades, retractou-os e condemnou-os, como não seus.

Comparam-se os auctores com o pae do Prodigo. *Luc.* 15

Não ha amor que mais facilmente perdoe e mais benignamente interpréte e dissimule defeitos, que o amor de pae. Grandes defeitos foram os do filho Prodigo e tão grandes que elle mesmo reconhecia que era indigno de ser chamado filho de tal pae: *Pater non sum dignus vocari filius tuus:* mas o pae nem por isso o desconheceu de filho, ou o lançou de si, antes o abraçou apertadissimamente; e o seu primeiro cuidado foi cobril-o e vestil-o e enfeital-o com as melhores e mais vistosas galas: *Cito proferte stolam primam.* Isto é o que fazem todos os escriptores, severissimos com os defeitos alheios e benignissimos com os proprios, como paes emfim. Mas não assim Agostinho, posto que o podera fazer melhor que todos. Ainda que alguns dictos ou escriptos seus tivessem taes defeitos que não fossem dignos de se chamar filhos de tal pae, bem podera elle abraçal-os e não os lançar de si, e cobril-os com taes interpretações e vestil-os com taes côres e figuras de sua divina rhetorica, que não só parecessem seus, mas tivessem muito que envejar, como logo foi envejado o Prodigo. Porém elle tão fóra esteve de os cobrir, que os manifestou; tão fóra de os enfeitar, que os afeiou mais, e tão fóra de os vestir, dissimular ou disfarçar com outros trajos, que despido de todo o affecto e amor de pae, os condemnou como severissimo juiz e lhes não perdoou como cruel inimigo.

E com David a respeito de Absalão. *2 Reg.* 18

David, sendo tão enormes os erros de seu filho Absalão e elle tão incapaz de perdão ou desculpa, lá lhe buscou e achou na edade um motivo com que o escusar e salvar: *Servate mihi puerum Absalom.* Pois se Joab lhe não perdoou e todo o reino então e hoje todo o mundo o condemna, como lhe perdoa só David e o quer salvar? Porque era pae, diz Sancto Ambrosio. E esta é a unica e verdadeira razão. Não ha opinião tão erra-

da, não ha proposição tão temeraria e tão impia, como Absalão, que seus auctores, como paes, não queiram salvar escusar e defender: porque, ainda que partos tão monstruosos, são partos do proprio intendimento. Os de Agostinho não eram d'este genero: mas de tão facil interpretação e escusa que muitos, ainda depois de reprovados por elle, por sua natural gentileza, como a de Absalão, são vistos com admiração e recebidos com applauso. Era, porém, tal o amor da verdade e tal a inteireza do juizo de Agostinho, que sendo tão dignos de perdão e elle pae, não lhes perdoou.

Reconhece Agostinho os erros que outros lhe notaram e os mais que elle descobre.

«Mais» Se lermos o livro das retractações de Agostinho acharemos que o que elle chama erros ou ignorancias, algumas eram já impugnadas por outros, e as mais descobertas e emendada pelo mesmo Agostinho. E certo não sei em quaes d'ellas se mostrou o seu intendimento e juizo mais admiravel: se em não defender as primeiras ou em estudar cavar e descobrir as segundas. Verdadeiramente era cousa notavel e digna de toda a maravilha, depois que Sancto Agostinho saiu á luz com suas obras, vêr que todo o mundo estudava pelos livros de Agostinho e o mesmo Agostinho tambem. Mas o fim de um e outro estudo ainda accrescenta mais a admiração: porque os outros estudavam por Agostinho para apprender a lograr os thesouros de sua sabedoria; e Agostinho estudava por Agostinho para apprender os seus erros e os condemnar.

Agostinho e Salomão. 3 Reg. 3

No capitulo primeiro do Ecclesiastes, diz Salomão que foi o mais sabio que todos os seus antecessores e accrescenta que não só se applicou a saber as sciencias, senão tambem os erros e as ignorancias: *Dedique cor meum ut scirem prudentiam atque doctrinam erroresque et stultitiam.* Não reparo que Salomão tendo as sciencias infusas ou infundidas por Deus, se applicasse ainda a sabel-as; porque isto se ha de intender das mesmas sciencias em quanto practicas e esperimentaes. O que reparo e parece trabalho escusado e superfluo é que um homem tão sabio se applique a estudar e saber os erros e as ignorancias: *Erroresque et stultitiam.* Os erros e as ignorancias é certo que são muitos mais que as sciencias; porque para saber e acertar não ha mais que um caminho e para errar infinitos. Mas esses mesmos caminhos errados e de errar, esses mesmos erros e ignorancias para que as estuda e quer saber Salomão? Não lhe bastavam as sciencias e tão consummadas sciencias? Não: porque a Salomão fêl-o Deus o maior doutor da Egreja antiga; e não só lhe era necessario saber as sciencias, senão tambem os erros e ignorancias: as sciencias para ensinar a saber, os erros para ensinar a não errar; as sciencias para as provar e

estabelecer, os erros para os refutar e confundir. E isto é o que Salomão fez em todo aquelle admiravel livro o qual intitulou *Ecclesiastes*, que quer dizer: O Doutor. Assim como Deus em Salomão fez um Agostinho da Egreja antiga, assim em Agostinho fez outro Salomão da Egreja nova: e d'aquelle coração que Agostinho tem na mão se pode dizer sem encarecimento depois dos apostolos, como Deus o disse de Salomão: *Dedi tibi cor sapiens, ut nullus ante te similis tui fuerit, nec post te surrecturus sit.* Ambos estes Salomões depois de tantos thesouros de profunda sabedoria estudavam os erros e as ignorancias usando das sciencias para ensinar o saber e dos erros e ignorancias para ensinar a não errar. Mas Salomão estudava os erros e ignorancias nos livros alheios para os confundir e emendar nos outros; Agostinho estudava-os nos livros alheios e mais nos proprios. A sciencia dos erros alheios é facil, se se examinam sem odio nem interesse; a dos erros proprios é muito difficil, porque sempre os julgamos subornados do proprio amor. Os alheios conhecemol-os com o juizo livre, os proprios com o intendimento captivo: os alheios vemol-os como juizes, os proprios como namorados. Mais maravilhosa foi logo em Agostinho que em Salomão a sciencia que ambos tiveram dos erros e ignorancias; e mais maravilhoso o mesmo Agostinho na luz e conhecimento com que retractou as suas, que nos argumentos invencíveis com que confundia as alheias. Que ignorancias, que erros, que heresias houve não só antes e no tempo de Agostinho, senão ainda nos tempos futuros e n'estes nossos, que se não confutem e convençam com a doutrina e livros de Agostinho? Mas o livro de suas retractações é o que vence e triumpha de todos os mais, posto que sempre vencedores. Nos outros livros vemos em campo pela fé e pela verdade Agostinho contra Fortunato, Agostinho contra Fausto, Agostinho contra Ario, Agostinho contra Pelagio, Agostinho contra Donato, Agostinho contra Juliano; mas no livro das retractações Agostinho contra Agostinho. Esta foi a mais forte batalha, esta a maior victoria de Agostinho; porque vencedor e victorioso de todos, não tendo já a quem vencer, se venceu a si mesmo.

Os erros de Agostinho eram tão verosimeis que pareciam verdades.

E se me perguntardes como se enganou Agostinho com os que elle chama erros e ignorancias, quando os escreveu, e como se desenganou depois, quando os retractou; respondo que se enganou antes, porque as suas ignorancias eram taes que pareciam sciencias, e os seus erros taes que pareciam verdade: e desenganou-se depois, porque a luz com que os tornou a ver era muito maior e mais clara que a luz com que os tinha escripto. A verdade e a similhança d'ella são duas irmãs tão pa-

recidas como Rachel e Lia: por isso o verosimil facilmente parece verdadeiro e o verdadeiro, se não é verosimil, parece falso. Mas á luz do dia tudo se descobre. E assim, sendo as ignorancias de Agostinho tão verosimeis que pareciam sciencias e os erros tão verosimeis que pareciam verdades, não é muito que Agostinho com menos luz se enganasse com os seus erros e ignorancias e que depois que chegou ao summo da luz, então as reconhecesse e retractasse.

Qual o poncto mais heroico de suas retractações.

Não é muito, eu disse, e não disse bem; porque ainda que não foi muito reconhecer Agostinho os erros que elle só descobriu de si para comsigo; reconhecer porém e retractar aquelles em que era censurado de outros e não os defender, foi o poncto mais heroico de suas retractações. No erro secreto em que se não perde a honra, facilmente se sujeita a propria opinião á verdade; mas no publico e censurado em que a honra se perde, ou ella defende o erro ou o erro a defende a ella contra a mesma verdade conhecida. Isto é o que dicta em todos os homens a natureza; e esta foi a maior victoria que d'ella alcançou Agostinho, como mais que homem. Vendo-se censurado publicamente de seus emulos e notados por elles alguns erros em seus escriptos, tão longe esteve de tomar as armas contra os censuradores, que em tudo o que tinham razão se poz da parte d'elles contra si mesmo; e assim como elles o censuravam, ella se censurou tambem e se retractou. Se Agostinho n'este caso se defendera fortissimamente, não era para mim argumento, nem de grande sabedoria, nem de grande intendimento. «Como o» animal de Balam offendido teve lingua «ainda que por milagre» para responder e razões para impugnar e convencer um propheta «assim o fazem todos os dias ou pretendem fazel-o outros irracionaes e não por milagre.» Porém que offendido e censurado Agostinho por seus emulos, lhes ache razão, se ponha da sua parte e se retracte do que tinha escripto, podendo mais com elle o credito da verdade que o seu; este foi o *non plus ultra* a que só podia chegar a magnanimidade d'aquelle coração.

As armas da mão direita e as da esquerda para defender a justiça.

Exhortando S. Paulo a si e a todos os varões apostolicos a que se portem como ministros de Deus e contando entre as virtudes que devem ter, a verdade, a sciencia, e juncto com a sciencia, a longanimidade; accrescenta como se hão de haver nas batalhas com estas palavras: *Per arma justitiae a dextris et a sinistris, per gloriam et ignobilitatem, per infamiam et bonam famam.* Haveis de menear, diz, as armas da justiça á mão direita e á esquerda e tanto haveis de estimar a honra como o descredito e a fama como a infamia. As armas da mão direita

e as da esquerda são a espada e o escudo: o escudo para defender e rebater os golpes do inimigo, a espada para o offender e ferir. Mas qual é a razão e o mysterio com que exhorta e ensina S. Paulo que esta espada da mão direita e este escudo da esquerda hão de ser armas de justiça? Bem disse Philo Hebreu que as acções dos Patriarchas são os melhores commentarios da Escriptura. Em nenhum commentador achei este reparo do texto nem a declaração d'elle; mas na acção que vou ponderando de Agostinho, sim, e divinamente explicado. A espada e o escudo de Agostinho foram as armas mais finas e mais fortes; mas a maior excellencia que tiveram foi serem sempre armas de justiça, ainda contra si mesmo. Se os inimigos lhe faziam guerra injusta, de tal sorte se defendia com o escudo, que ninguem o podia penetrar; e de tal sorte feria e offendia com a espada, que ninguem a podia resistir. Mas se acaso os mesmos inimigos lhe faziam guerra justa, como no caso em que estamos; era tal a justica das armas de Agostinho, que não só as abatia e rendia á verdade; mas passando-se a parte dos contrarios as voltava contra si mesmo; e elle se impugnava, elle se convencia, elle se retractava. E isto é o que fez no livro mais que humano, e verdadeiramente miraculoso de suas retractações.

Os ministros de Christo hão de procurar a gloria de seu Senhor sem respeito á propria honra.

Quasi estou arrependido de ter applicado ao livro das confissões aquelle famoso livro de Job, com que elle se queria coroar e presental-o a Deus para que por elle o premiasse: porque no livro das retractações de Agostinho só por esta ultima circumstancia parece que é devido ser a corôa de todos. Mas a razão e palavras de S. Paulo egualmente se verificam em um e outro livro: *Per gloriam et ignobilitatem per infamiam et bonam famam*. Quer o Apostolo que os ministros de Christo procurem a gloria do seu Senhor, sem respeito nem attenção á sua propria, ou seja com honra ou com descredito, ou seja com fama ou com infamia. E em ser de um modo ou de outro não só ha grande differença, mas grande excesso de perfeição. Procurar a gloria e honra de Deus quando a sua gloria e honra se ajusta com a nossa, *Per gloriam et bonam famam*, é cousa muito facil. Porém procurar a gloria de Deus, quando a sua gloria se ajusta com o nosso descredito, *Per ignobilitatem*, e procurar a honra de Deus quando a sua honra se ajusta com a nossa affronta, *Per infamiam;* aqui está o poncto da difficuldade invencivel ás forças da natureza, e aqui se apuraram as duas façanhas ambas prodigiosas, com que Agostinho em um e outro seu livro amplificou gloriosamente o evangelho de Christo. O que Christo manda no evangelho, como vimos, é que os

prelados da sua Egreja allumiem com luz de doutrina e resplandeçam com exemplo de boas obras: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona;* e posto que o mesmo Senhor junctamente ensina que o fim da doutrina e do exemplo ha de ser a gloria de Deus e não a propria: *Ut glorificent Patrem vestrum qui in coelis est:* estas duas operações são de si mesmas tão luzidas e gloriosas, que ainda que sejam feitas só pela gloria de Deus, sempre vai juncta com ellas a gloria humana. Na publicação dos peccados e dos erros é o contrario. Porque os peccados posto que publicados para exemplo sempre affrontam; e os erros posto que confessados para doutrina sempre desacreditam; e comprar «tão ingenhosamente» a gloria e honra de Deus á custa da propria affronta e do proprio descredito, só o inventou o intendimento de Agostinho e só o coração de Agostinho teve valor para o executar.

O soldado Achan deante de Josué e Sancto Agostinho deante de Deus. *Jos. 7*

Se elle não podéra conquistar a gloria de Deus, senão por dous meios tão encontrados com a propria, ainda era muito heroica fineza; mas o que mais os afina e sobe de poncto, é que tendo justissimas razões Agostinho, como prelado, para encobrir os peccados e como doutor, para dissimular os erros, quiz antes publicar uns e outros com tão custosa resolução, só para assim e de todos os modos amplificar mais a gloria de Deus. Convencido de Josué um soldado, chamado Achan, de que tinha escondido uma capa de grã e uma lingua de ouro nos despojos de Jericó, consagrados todos a Deus e exhortando-o o mesmo Josué a que confessasse o grande erro e culpa que tinha commettido, disse-lhe assim: *Fili mi, da gloriam Domino et confitere*: filho meu dá gloria a Deus e confessa. Não só lhe disse que confessasse, senão que désse gloria a Deus; porque entre os actos de virtude e valor que um homem póde fazer, nenhum ha por sua natural difficuldade, que tanto glorifique a Deus, como a confissão dos proprios erros e peccados; e mais se é publica como esta era. A Agostinho disse-lhe Christo: *Da gloriam Domino;* mas não lhe disse *confitere*: disse-lhe que désse gloria a Deus: mas não lhe disse que confessasse publicamente seus erros e peccados; senão pelo contrario que publicamente resplandecesse com luz de doutrina e boas obras: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.* E tendo Agostinho esse dobrado motivo, em quanto prelado, para não confessar peccados e em quanto doutor, para não confessar erros; quiz comtudo confessar publicamente uns e outros para com uns e outros dar gloria dobrada a Deus; «e assim» em quanto prelado não só quiz dar exemplo com suas virtudes, senão tambem com seus peccados, confessando-os; e em quanto

doutor não só quiz dar doutrina com a sua sciencia, senão tambem com os seus erros e ignorancias, retractando-as: para de todos os modos amplificar mais e mais a gloria de Deus: *Ut glorificent Patrem vestrum qui in coelis est.*

Como sancto e como homem em qual dos dous livros se mostrou maior?

V. Temos mostrado o evangelho não só applicado, mas alta e grandiosamente amplificado por Agostinho, assim no livro de suas confissões, como no de suas retractações. «E se para complemento da materia alguma curiosidade douta me perguntar em qual dos dous se mostrou maior; responderei com poucas palavras» que se mostrou maior em ambos, diversamente considerado. Considerado Agostinho como sancto é maior no livro das confissões em que publicou os seus peccados; e como os sanctos conhecem a graveza e malicia do peccado e quanto mais feios são os defeitos da vontade que os do intendimento. mais se pejam de ser máus que de ser intendidos; e antes querem parecer ignorantes que peccadores. «Porém», considerado o mesmo Agostinho como homem, é maior no livro de suas retractações, em que publicou os seus erros e ignorancias; porque não ha homem que não sinta e se affronte mais de ser motejado de ignorante, que de ser notado de máu.

Como sancto, nas Confissões. Por isso Christo deixou calumniar a sua sabedoria mas não a sua pureza. *Luc.* 7

Veio a Magdalena buscar a Christo em casa do Phariseu; e para demonstração de quanto trocado estava o seu amor, quebrou o alabastro, derramou os unguentos, beijou os pés ao Senhor, regou-os com lagrimas e enxugou-os com seus cabellos. Estranhando, porém, o Phariseu que Christo admittisse similhantes obsequios de uma tal mulher, disse assim comsigo: *Hic si esset propheta, sciret quae et qualis est mulier quae tangit eum.* Este se fosse propheta havia de saber quem e qual é a mulher cujas mãos, cujos olhos, cuja bocca e cabellos consente que lhe toquem os pés. Suppostos os obsequios da Magdalena, a permissão de Christo e a malicia do Phariseu, parece que mais á mão estava duvidar elle da virtude do Senhor que da sua sciencia. Pois, porque duvida a sciencia e não a virtude? *Hic si esset propheta sciret?* Porque d'esta vez os pensamentos do murmurador estava no arbitrío do murmurado. O mesmo Christo que admittiu os obsequios da Magdalena, permittiu os pensamentos do Phariseu. Mas permittiu-lhe que julgasse mal de sua sabedoria e não que fizesse mau conceito de sua virtude. Da minha sabedoria cuide o Phariseu o que quizer e diga embora que ha em mim ignorancia; *Si esset propheta, sciret.* Mas duvidar da minha virtude e da minha pureza, e cuidar elle ou alguem que em mim ha ou póde haver peccado; isso não o permitte o Sancto dos sanctos. E como é proprio da sanctidade estimar mais o conceito da virtude, que o da sciencia e soffrer antes

contra si a opinião da ignorancia, que a do peccado, muito mais fez Agostinho em quanto sancto no livro de suas confissões em publicar seus peccados que no livro de suas retractações em confessar suas ignorancias.

Como homem nas retractações. Por isso o demonio tentou aos primeiros paes com a sabedoria. Gen. 3

Em quanto homem não foi assim. Muito mais fez Agostinho em quanto homem na confissão de suas ignorancias que na publicação de seus peccados. Peccou o primeiro homem, porque quiz ser como Deus; e é muito de reparar que sendo os attributos de Deus tantos e tão excellentes, entre todos escolhesse o demonio para tentar o homem o attributo da sabedoria: *Eritis sicut dii, scientes bonum et malum.* Todo o homem deseja ser, deseja ter, deseja poder. Se deseja ser; porque o não tentou o demonio com o attributo da immensidade e grandeza? Se deseja ter; porque o não tentou com o dominio e senhorio universal de todas as cousas? Se deseja poder; porque não o tentou com a omnipotencia? Mas que deixados todos estes attributos, só com o da sabedoria tentasse o demonio ao homem? Sim: porque o demonio, como discreto, armou a tentação ao homem conforme o conhecimento que tinha de sua natureza e para onde o viu mais inclinado, para alli intendeu que cairia. Fez o demonio este argumento: O homem não o hei de de render eu, senão o seu desejo; o desejo mais natural ao homem é o de saber: logo se lhe prometto sabedoria rendido o tenho. E assim foi. Porém o homem n'aquelle estado é certo que tinha sciencia infusa: pois se tinha tanta sciencia, como peccou, e se tentou por saber? Porque ainda que tinha muita sciencia, não tinha toda; e esta é a que o demonio lhe prometteu: *Eritis sicut dii, scientes bonum et malum:* tereis a sciencia de tudo como Deus: e como o homem com a sciencia que tinha, ignorava tudo o mais que Deus sabe, antes quiz commetter o peccado, que padecer esta ignorancia. Não teve paciencia nem confiança Adão para saber menos; e por isso quiz antes saber mais com peccado, que saber menos sem peccado. «Em conclusão» sendo este o commum conceito e estimação de todos os filhos de Adão, ter por menor injuria o peccado que a ignorancia; muito mais fez Agostinho em quanto homem no livro de suas retractações em confessar suas ignorancias que no livro de suas confissões em publicar seus peccados.

Documento para os sabios.

VI. Tenho acabado o meu discurso; e já que não pude louvar como devera o meu sancto Agostinho (a quem tenho tomado deante de Deus por muito particular patrono) ao menos o não quizera desagradar em não fechar o sermão com um poncto da sua doutrina. Aos que fazem o que fez em quanto sancto, não é necessario: aos que não fazem o que fez em quanto

homem, sim: e não será pouco util aos vizinhos do bairro.

O retractar-se não é argumento de não saber.

Quantos julgadores ha, que ou no voto ou na tenção ou na sentença reputam por descredito o retractar-se; e seguindo o dictame ou seita de Pilatos teem por timbre o dizer: *Quod scripsi, scripsi!* E tambem póde ser que haja algum, o qual sem reparar em que se condemna, não se retractando ou pela inveja de que outro votou melhor, ou pela soberba de não confessar que errou, não tema acompanhar a Lucifer no castigo, como o imita na contumacia. O retractar-se não é argumento de não saber; mas de saber que muitas vezes póde acertar o menos douto no que o mais letrado não advertiu. Que comparação tinha na sciencia Jetro com Moysés? E comtudo conheceu Moysés que o dictame de Jetro era mais acertado; e logo retractou o seu e seguiu o alheio. Não era Moysés nem Agostinho como aquelles que defendem obstinadamente o que uma vez disseram, só porque o disseram; mas porque só buscavam e amavam a verdade, em qualquer parte que a achavam e de qualquer bocca que a ouviam, a seguiam e abraçavam sem contenda nem controversia.

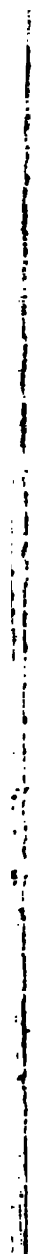
S. Pedro cedeu a S. Paulo. Allegoria da Apparição de Christo no mar de Tiberiades.

N'aquella grave questão que se disputou e decidiu no primeiro concilio da Egreja sobre os ritos ceremoniaes da lei velha, tinha sido de parecer S. Pedro que em quanto não obrigava a nova, por não estar sufficientemente promulgada, se deviam dissimular os mesmos ritos com os gentios por não escandalizar os judeus, uns e outros novamente convertidos. Porém, como S. Paulo provasse efficazmente que se devia proceder d'outro modo; que resolução tomou S. Pedro? Sem embargo de ter practicado em Galacia e outras partes a opinião que tivera como doutor particular, se retractou logo d'ella e como summo pontifice definiu no mesmo concilio a verdade contraria. Tanto póde com aquella grande cabeça a força da razão; posto que Paulo fosse o mais moderno dos apostolos, e não discipulo da eschola de Christo n'este mundo, como elle e os demais. Isto fez S. Pedro depois de descer sobre elle o Espirito Sancto: mas já antes d'isso em uma excellente allegoria nos tinha ensinado com o seu exemplo a mesma docilidade. Andava pescando S. Pedro com os outros discipulos no mar de Tiberiades, quando o divino Mestre resuscitado lhes appareceu na praia; e ainda que todos o viram e o Senhor fallou a todos, só S. João o conheceu. Isto que succedeu a Christo que é a summa Verdade, succede a qualquer outra verdade, quando não é manifesta. Uns a vêem, outros a não vêem, posto que de ordinario, como aqui, a vê e conhece melhor quem mais ama. E que se deve fazer em similhantes casos? O que fez S. Pedro. Dis-

se-lhe S. João que era o Senhor: *Dominus est*: e elle reconhecendo que dizia bem, se lançou logo a nado para se ir deitar a seus pés. Assim deve fazer quem busca a verdade. Se não fui eu, senão outro, o que a descobriu, nem por isso a hei de duvidar ou negar ou impugnar; mas em qualquer parte que esteja ou por quem quer que seja vista, hei de correr a ella e abraçal-a. Não ha sciencia tão jubilada que não possa deixar de ver o que vê outra de menos annos e de menos auctoridade. O verdadeiro saber é de saber reconhecer a verdade, ainda que seja filha de outros olhos ou de outro intendimento e não se cegar com o proprio, como se cegou Lucifer. Oh! se Lucifer seguira a sentença dos anjos que elle tinha por inferiores e se soubera retractar do que tinha dicto; que qualificada ficaria a sua sabedoria! Mas onde a quiz sustentar e se namorou demasiadamente d'ella, alli a perdeu: *Perdidisti sapientiam tuam in decore tuo.* *Ezech. 28*

A cadeira de Lucifer no céu destinada a sancto Agostinho.

E se é consequencia fundada na promessa divina que a cadeira de Lucifer, perdida por soberba de sabedoria obstinada, só a alcançará aquelle que metter debaixo dos pés a mesma soberba pela humildade, a mesma obstinação pelo arrependimento e a mesma sabedoria errada pela retractação d'ella; a quem se deve a cadeira de Lucifer senão a Agostinho? Assim resplandece entre os anjos quem assim allumiou os homens: *Sic luceat lux vestra coram hominibus*. Assim exaltam as boas obras a quem soube confessar e retractar as que não eram boas; *Ut videant opera vestra bona:* e assim glorifica Deus no céu a quem tanto o glorificou e fez glorificar na terra: *Ut glorificent Patrem vestrum qui in coelis est.*

(Ed. ant. tom. 3.º, pag. 97, ed, mod. tom. 5.º, pag, 141.)

SERMÃO DE SANCTO IGNACIO DE LOYOLA***

PRÉGADO EM LISBOA
NO REAL COLLEGIO DE SANCTO ANTÃO, NO ANNO DE 1669

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—O sermão tem rasgos sublimes de eloquencia e é um dos mais celebres na historia da vida do grande orador.

In splendoribus sanctorum genui te.
Ps. 109.

Christo gerado nos resplandores dos Sanctos.

Admiravel é Deus em seus sanctos: mas no Sancto que hoje celebra a Egreja singularmente admiravel; «e porque? Pelo modo singular com que o Verbo incarnado o formou á sua similhança levando-o á mais sublime sanctidade.» Fallando Deus de seu unigenito Filho por bocca de David diz que o gerou nos resplandores de todos os sanctos. Estas palavras ou se podem intender da geração eterna do Verbo antes da incarnação ou da geração temporal do mesmo Verbo em quanto incarnado. N'este segundo sentido as intendem Sancto Agostinho, Tertulliano, Hesychio, S. Justino, S. Prospero, Sancto Izidoro e muitos outros. Diz pois o Eterno Padre que quando mandou seu Filho ao mundo o gerou nos resplandores de todos os sanctos, porque Christo (como ensina a theologia), não só foi a causa meritoria de toda a graça e sanctidade, mas tambem a causa exemplar e prototypo, em quanto todos foram sanctos á similhança de Christo, imitando n'elle e d'elle todas as virtudes e graças com que resplandeceram; e isto quer dizer: *In splendoribus sauctorum genui te.* Assim como todos os astros «do systema solar» recebem a luz do sol e cada um d'elles é junctamente um espelho e retrato resplandecente do mesmo rei dos planetas, assim todos os sanctos recebem de Christo a graça, e do mesmo Christo retratam em si todos os dotes e resplandores

da sanctidade com que se illustram. Por isso Christo não só foi sancto, mas o Sancto dos sanctos. O Sancto dos sanctos como fonte de toda a sanctidade por origem, e o Sancto dos sanctos como exemplar de toda a sanctitade para a imitação.

O mesmo analogamente se póde dizer de Sancto Ignacio.

Este é o modo universal com que Christo faz todos os sanctos. Mas «ao Sancto a quem hoje celebra a Egreja» fel-o sancto por modo tão singular que, ou eu me engano ou pode analogamente dizer d'elle em tão excellente sentido, como verdadeiro: *In splendoribus sanctorum genui te.* «Quem é que não conhece o glorioso Sancto Ignacio de Loyola, fundador e patriarcha da Companhia de Jesus? Pois é n'elle que hoje considero o complemento das palavras citadas que propriamente se referem a Christo:» advertindo porém que» Christo foi gerado nos resplandores de todos os sanctos, porque é o exemplar de todos os sanctos; e Sancto Ignacio foi gerado nos resplandores de todos os sanctos, porque todos os sanctos foram o exemplar de Sancto Ignacio. Christo é o Sancto dos sanctos, porque de sua imitação receberam todos os sanctos a sanctitade; e Ignacio «foi um retracto de todos os sanctos, porque todos os sanctos concorreram para a sanctidade de Ignacio, ensinando-lhe cada um seu proprio modo de imitar a Christo». Para satisfazer ás obrigações de tamanho dia não quero «outro argumento:» este será o assumpto. Peçamos a graça. *Ave Maria.*

Converte-se com a leitura da vida dos Sanctos.

II. *In splendoribus sanctorum genui te.* Christo «dizia eu» para formar a Sancto Ignacio ajunctou as imitações de todos os sanctos, para que o imitasse elle só como todos. «Vêde-o na historia da sua conversão.» Jazia Sancto Ignacio (não digo bem) jazia D. Ignacio de Loyola mal ferido de uma bala franceza no sitio de Pamplona; e picado como valente de ter perdido um castello, traçava no pensamento pelas medidas de seus espiritos «os maiores projectos de desaffronta nacional.» Já lhe parecia pouca defensa Navarra, pouca muralha os Pyrineos e pouca conquista França. Considerava-se capitão e hespanhol e rendido; e a dôr lhe trazia á memoria, como Roma em Scipião, e Carthago em Annibal foram despojos da Hespanha: os Cides, os Pelayos, os Viriatos eram os homens com cujas similhanças heroicas o animava e inquietava a fama; mais ferido da reputação da patria que das proprias feridas. Cançado de luctar com pensamentos tão vastos, pediu um livro de cavallerias para passar o tempo; mas oh providencia divina! Um livro que só se achou era o das vidas dos sanctos. Bem pagou depois Sancto Ignacio em livros o que deveu a este. Mas vêde quanto importa a lição de bons livros. Toma o cavalleiro o livro nas mãos: lê-o ao principio com dissabor; pouco depois sem fastio, ultimamente com

gosto, e de alli por deante com fome, com ancia, com cuidado, com desengano, com devoção, com lagrimas. Estava attonito Ignacio do que lia e de vêr que havia no mundo outra milicia para elle tão nova e tão ignorada; porque os que seguem as leis do appetite, como se rendem sem batalha, não teem conhecimento d'esta guerra. Já lhe pareciam maiores aquelles combates, mais fortes aquellas resistencias, mais illustres aquellas façanhas, mais gloriosas aquellas victorias e mais para appetecer aquelles triumphos. Resolve-se a trocar as armas e alistar-se debaixo das bandeiras de Christo; e a espada de que tanto se prezava foi o primeiro despojo que offereceu a Deus e a sua Mãe nos altares de Monserrate. Acceitae, Senhora, essa espada, que como se hão de rebellar contra vós tantos inimigos, tempo virá em que «vos hei de pedir que m'a troqueis por outra mais» necessaria para defensa de vossos attributos.

Resolve-se a deixar o mundo.

Lia Ignacio as vidas dos confessores e começando como elles pelo desprezo da vaidade, tira o colete, despe as galas, e assim como se ia despindo o corpo, se ia armando o espirito. Lia as vidas dos anacoretas, e já suspirava pelos desertos e por se vêr mettido em uma cova de Manresa, onde sepultado acabasse de morrer ao mundo e começasse a resuscitar a si mesmo. Lia as vidas dos doutores e pontifices e (ainda que o não affeiçoavam as mitras nem as tiaras) delibera-se a apprender para ensinar e a começar os rudimentos da grammatica entre os meninos; conhecendo que em trinta e tres annos de côrte e guerra ainda não começara a ser homem. Lia as vidas ou as mortes valorosas dos martyres e com sêde de derramar o sangue proprio, quem tinha derramado tanto alheio, sacrifica-se a ir buscar o martyrio em Jerusalem, offerecendo as mãos desarmadas ás algemas, os pés aos grilhões, o corpo ás masmorras e o pescoço aos alfanges turquescos. Lia finalmente as vidas e as peregrinações dos apostolos e soando-lhe melhor que tudo aos ouvidos as trombetas do evangelho, toma por empreza a conquista de todo o mundo para o sujeitar á Egreja, para dilatar a fé e para levantar novo edificio sobre os alicerces ou ruinas do que elles tinham fundado. Isto era o que Ignacio ia lendo e isto o que junctamente ia trasladando em si e imprimindo dentro na alma. Mas quem lhe dissera então ao novo soldado de Christo que notasse n'aquelle livro o dia de trinta e um de julho e que soubesse que alli faltava a vida de um outro sancto e que este havia de ser o dia de Sancto Ignacio de Loyola fundador e patriarcha da Companhia de Jesus! Taes são os segredos da Providencia, tão grandes os poderes da graça, e tanta a capacidade da nossa natureza!

Costuma Deus fazer um Sancto com outro Sancto. E a Ignacio porque o fez Sancto com muitos?

III. Temos a Sancto Ignacio com o seu livro nas mãos e com os exemplos de todos os sanctos deante dos olhos. Tantos instrumentos junctos? Grande obra intenta Deus. Quando Deus quer converter homens e fazer sanctos, lavra um diamante com outro diamante e faz um sancto com outro. Sancto foi David; converteu-o Deus com outro sancto, o propheta Nathan. Sancto foi Cornelio centurião; converteu-o Deus com outro sancto, S. Pedro. Sancto foi Dionysio Arcopagita; converteu Deus com outro sancto, S. Paulo. Sancto foi Sancto Agostinho; converteu-o Deus com outro sancto, Sancto Ambrosio. Sancto foi S. Francisco Xavier; converteu-o Deus com outro sancto, o mesmo Sancto Ignacio. Pois se para fazer um sancto basta outro sancto; porque ajuncta Deus os sanctos de todas as edades do mundo, porque ajuncta os sanctos de todos os estados da Egreja; porque ajuncta as vidas as acções, as virtudes, os exemplos de todos os sanctos para fazer a Sancto Ignacio? Porque tanto era necessario para fazer tão grande sancto. Para ser sancto Enós basta que seja similhante a Seth: para ser sancto José basta que seja similhante a Jacob: para ser Sancto Josué, basta que seja similhante a Moysés: para ser Sancto Tobias basta que seja similhante a Job: para ser sancto Eliseu, basta que seja similhante a Elias: para ser sancto Timotheo basta que seja similhante a Paulo: mas para Ignacio ser sancto tão grande e tão singular, como Deus o queria fazer, não basta ser similhante a um sancto, é necessario ser similhante a todos. Por isso lhe mette Christo nas mãos em um livro as vidas e as acções heroicas de todos os sanctos, para que os imite e se forme a similhança de todos: *In splendoribus sanctorum genui te.*

Porque com melhor arte que a de Zeusis na pintura de Juno, ajuntou n'elle o melhor de cada um dos Sanctos.

Houve-se Deus na formação de Sancto Ignacio («se é permittida a comparação,) com melhor arte que a de» Zeusis na pintura da «fabulosa» deusa das deusas. Fez vir deante de si aquelle famoso pintor todas as formosuras que então havia, mais celebradas em Agrigentina; e imitando de cada uma a parte mais excellente de que as dotara a natureza, venceu a mesma natureza com a arte: porque ajunctando o melhor de cada uma, saiu com uma imagem mais perfeita que todas. Se assim succedeu, foi caso e fortuna, mas não sciencia; porque como a formosura consiste na proporção, ainda que cada uma das partes em si fosse de estremada belleza, todas junctas podiam compôr um todo que não fosse formoso. «Mas» na formosura das virtudes é o contrario. Como todas as virtudes entre si são concordes e não podem deixar de fazer harmonia; de qualquer parte que sejam imitadas, sempre ha de resultar d'ellas um composto excellente e admiravel, qual foi o que Deus quiz for-

mar em Sancto Ignacio E aqui entra com toda a propriedade a versão do mesmo texto: *In pulchritudinibus sanctorum genui te.* Poz Deus deante dos olhos a Ignacio estampados n'aquelle livro os mais famosos e os mais formosos originaes da sanctitade não de um reino ou de uma edade, senão de todas as edades e de toda a Egreja; e copiando Ignacio em si mesmo de um a humildade, de outro a penitencia; de um a temperança, de outro a fortaleza; de um a paciencia, de outro a caridade; e de todos e cada um aquella virtude e graça em que foram eminentes, saiu Ignacio, com que? com um Sancto Ignacio, com uma imagem da mais heroica virtude; com uma imagem da mais consummada perfeição; com uma imagem da mais prodigiosa sanctitade: emfim com um sancto, não similhante e parecido a um só sancto, senão similhante e parecido a todos: *In pulchritudinibus sanctorum genui te.*

Em que se fundaram os varios pareceres dos homens a respeito de Christo. *Matth.* 16

IV. Perguntou Christo uma hora a seus discipulos: *Quem dicunt homines esse Filium hominis.* Quem dizem os homens que sou eu? E responderam os discipulos: *Alii Joannem Baptistam: alii autem Eliam: alii vero Ieremiam aut unum ex prophetis.* Senhor, uns dizem que sois o Baptista, outros que sois Elias, outros que sois Jeremias ou algum dos prophetas e sanctos antigos. Notaveis pareceres dos homens, e mais notavel o parecer de Christo! Se Christo se parecia com o Baptista, como se parecia com Elias? Se se parecia com Elias, como se parecia com Jeremias? Nos outros sanctos e prophetas antigos ainda é maior a admiração; porque era maior o numero e a differença. Pois se Christo era um só homem, como se parecia com tantos hamens? Porque não só no natural, senão tambem no moral era feito á similhança de muitos: *In similitudinem hominum factus et habitu inventus ut homo.* Onde nota S. Bernardo que disse o Apostolo *hominum* e não *hominis*. E se era feito á similhança de muitos homens, que muito se se parecesse com elles? Quem via a Christo instituir o baptismo dizia: Este é o Baptista. Quem via a Christo jejuar quarenta dias em um deserto dizia: este é Elias: quem via a Christo chorar sobre Jerusalem dizia: este é Jeremias. Do mesmo modo philosophavam os que diziam que era algum dos outros sanctos ou prophetas antigos. Quem via a sabedoria admiravel de Christo não estudada senão infusa, dizia: este é Salomão. Quem o via publicar nova lei em um monte dizia: este é Moysés. Quem o via converter os homens com parabolas dizia: este é Nathan. Quem o via passar as noites em oração, dizia: Este é David. De maneira que a multidão e maravilha das obras causava a diversidade das opiniões; e sendo Christo na realidade um só homem, na

Phil. 2

opinião era muitos homens; porque ainda que era um, era feito á similhança de muitos: *In similitudinem hominum factus.*

Fundamento analogo a respeito de Santo Ignacio que se parece com cada um dos Santos.

Ah! glorioso patriarcha meu! Se a vida de Sancto Ignacio se screvera sem nome e se d'elle se excitara a questão: *Quem dicunt homines?* Não ha duvida que o mundo se houvera de dividir em opiniões e que ninguem havia de atinar facilmente que sancto era aquelle! «Quem o vira mettido» em uma cova, com uma cruz e uma caveira deante, lançado em terra, cingido de cilicios, chorando infinitas lagrimas, jejuando, vigiando, orando, disciplinando-se com uma cadeia de ferro, luctando fortemente contra as tentações e ferindo os peitos nús com uma pedra dura, persuadia-se que era S. Jeronymo. «Quem o vira» arrebatado no ar com os braços caidos, com o rosto inflammado, com os olhos pregados no céu, accusando com suspiros a brevidade da noite e dando queixas ao sol de que havendo tão poucos momentos que lhe amanhecera no occaso «dando-lhe a luz do Sol divino, já lhe tirava esta mesma luz» e anoitecia no oriente; havia de dizer que era o grande Antonio. Não houve genero de necessidade ou de miseria que a caridade de Sancto Ignacio não remediasse: os pobres, os infermos, os orphãos, as viuvas, as mulheres perdidas. E quem não cuidaria e diria: Este é S. Nicolau? Foi tal a comprehensão que das Escripturas Sagradas teve Sancto Ignacio, ainda antes de estudar, que se as Escripturas (como no tempo de Esdras) se perdessem, se achariam na sua memoria. E quem não cuidaria e diria: Este é Bernardo? Obedeciam ao imperio de Sancto Ignacio os incendios, as tempestades, a terra, o mar, o fogo, os ventos. E quem não cuidaria e diria: Este é S. Gregorio Taumaturgo? No mesmo tempo esteve Sancto Ignacio em Roma e em Colonia só para satisfazer á devoção de um seu filho que muito o desejava ver. E quem não cuidaria, e diria: Este é Santo Antonio de Padua? Resuscitou Sancto Ignacio não menos de nove mortos. E quem não cuidaria e diria: Este é S. Patricio? Elle foi a «espada» da Egreja e o martello das heresias, elle o diamante da constancia contra o poder dos ricos e a resistencia dos poderosos: elle o reformador do culto divino e da frequencia dos sacramentos; elle foi o que instituiu os seminarios da fé em Roma e em toda a christandade: elle o que abraçou a conquista de todas as gentilidades em ambos os mundos; e diriam e perguntariam de novo ambos os mundos: Que sancto é este, ou que sanctos em um Sancto? Emfim que se o mundo não soubera que este grande sancto era Ignacio, não havia de haver sancto insigne na Egreja que não tivesse opinião por si de que era elle. «Tão pa-

recido é Ignacio a todos; e tão formado á similhança de todos» *In splendoribus sanctorum genuit te.*

V. Mal podera eu provar de uma vez tão grande discurso, se o céu (cujo é o assumpto) não tomara por sua conta a prova. Vêde se o provou evidente, elegante e ingenhosamente. Infermou Ignacio ;e já nos ultimos dias da vida, veio a visital-o seu grande devoto o eminentissimo cardeal Pacheco; e trouxe comsigo um pintor insigne, o qual de parte d'onde visse o sancto e não fosse visto d'elle, a furto de sua humildade o retratasse. Pôi-se encuberto o pintor: olha para Sancto Ignacio; forma idéa; applica os pinceis ao quadro e começa a delinear-lhe as feições do rosto. Torna a olhar (cousa maravilhosa!) o que agora via já não era o mesmo homem; já não era o mesmo rosto, já não era a mesma figura, senão outra muito differente da primeira. Admirado o pintor deixa o desenho que tinha começado; lança segundas linhas; começa segundo retrato e segundo rosto: olha terceira vez (nova maravilha!) o segundo original já tinha desapparecido, e Ignacio estava outra vez transformado com novo aspecto, com novas feições, com nova côr, com nova proporção, com nova figura. Já o pintor se podera desenganar e cançar: mas a mesma maravilha o instigava a insistir. Insta repetidamente; olha e torna a olhar; desenha e torna a desenhar; mas sendo o objecto o mesmo, nunca pôde tornar a vêr o mesmo que tinha visto; porque quantas vezes applicava e divertia os olhos, tantos eram os rostos diversos e tantas as figuras novas em que o sancto se lhe representava. Pasmou o pintor e desistiu do retrato: pasmaram todos vendo a variedade dos desenhos que tinha começado, e eu tambem quero pasmar um pouco á vista d'este prodigio.

Pintor romano que o queria retratar e não pôde por elle continuamente mudar de figura.

Sancto Ignacio nunca teve dous rostos, quanto mais tantos. Foi cortezão, foi soldado, foi religioso, e nunca mudou de côres nem de semblante. Serviu em palacio a el-rei Dom Fernando o catholico e a sua maior gala era trajar sempre da mesma côr e trazer o coração no rosto. Os amigos viam-lhe no rosto o amor; os inimigos a desaffeição; o principe a verdade e ninguem a lisonja. Quando soldado, nunca entre as balas mudou as côres: na comedia e na batalha estava com o mesmo desenfado. Teve uma pendencia com certo poderoso, e diz a historia que contra uma rua de espadas sem fazer um pé atraz, se sustentou só com a sua: o braço mudava os talhos e os revezes; mas o rosto não mudou as côres. Depois de religioso ficou fóra da jurisdição da fortuna; mas nem por isso fóra das variedades do mundo. Era porém tão egual a constancia e serenidade do seu animo, que ninguem lhe divisou jámais perturbação

E comtudo nunca elle em sua vida mudou de côres nem do semblante.

nem mudança no semblante: o mesmo nos successos prosperos e mesmo nos adversos: nos prosperos sem signal de alegria: nos adversos sem sombra de tristeza. Pois se Ignacio teve sempre o mesmo rosto, cortezão, soldado, religioso: se teve sempre e conservou o mesmo semblante; como agora se transfigura em tantas formas? Como se transforma com feições tão diversas? Por isso mesmo. «Se o pintor pretendia retratar um sancto e este sancto era Ignacio, o céu lhe quiz mostrar que as feições da sua sanctidade não se podiam retratar em uma só figura.»

Christo prefigurado com muitas figuras para o figurar inteiramente. De um modo analogo Ignacio.

Antes de Christo vir e apparecer no mundo, mandou deante o seu retrato para que o conhecessem e amassem os homens. E qual foi o retrato de Christo? Admiravel caso ao nosso intento! O retrato de Christo (como ensinam todos os Padres) foi um retrato composto de muitas figuras. Uma figura foi Isaac: uma figura José, outra figura Moysés; outra Samsão, outra Job, outra Samuel, outra David, outra Salomão e outros. Pois se o retratado era um só e o retrato tambem um; como se retratou em tantas e tão diversas figuras? Porque as perfeições de Christo ainda em gráu muito inferior, não se achavam, nem se podiam achar junctas em um só homem: e como estavam divididas por muitos homens, por isso se retratou em muitas figuras. Era Christo a mesma innocencia; por isso se retratou em Abel. Era Christo a mesma pureza; por isso se retratou em José. Era a mesma mansidão, por isso se retratou em Moyses. Era a mesma fortaleza, a mesma constancia, a mesma justiça, a mesma piedade, a mesma sabedoria; por isso se retratou em Abrahão, em Isaac, em Noé, em Job, em Samuel, em David, em Salomão. De sorte que sendo o retrato um só, estava dividido em muitas figuras; porque só em muitas figuras podiam caber as perfeições do retrato. «Assim foi e assim devia ser do Sancto dos sanctos e do Prototypo de todos os sanctos. Bem sei que infinita é a differença que vai de Christo a Ignacio; comtudo ninguem me póde negar que o mesmo Christo ajunctou para a sanctidade de Ignacio as imitações de todos os sanctos; e por esta razão é tão difficil formar de uma vez o retrato da sua sanctidade, como o foi formar o de seu rosto no quadro do pintor romano:» *In splendoribus sanctorum genui te.*

O verdadeiro retrato de Ignacio é o livro do instituto.

VI. Mas emfim achei o verdadeiro retrato da sanctidade de Ignacio feito por quem sómente o podia fazer, porque feito por elle mesmo. «E qual é?» Qual é a verdadeira effigies de Sancto Ignacio? A verdadeira effigies de Sancto Ignacio é aquelle livro de seu instituto que tem nas mãos. O melhor retrato de cada um é aquillo que escreve. O corpo retrata-se com o pin-

cel, a alma com a penna. Sancto Agostinho disse altamente, que em quanto não vemos a Deus em sua propria face o podemos ver como em imagem nas suas Escripturas: *Pro facie Dei ponam interim scripturam Dei*. A primeira imagem de Deus é o Verbo gerado: a segunda o verbo escripto. O Verbo gerado é retrato de Deus *ad intra:* o verbo escripto é retrato de Deus *ad extra*. E assim como Deus se retratou no livro das suas Escripturas, assim Ignacio se retratou no livro das suas constituições. Retratou-se Ignacio por um livro em outro livro. O livro das vidas dos sanctos foi o original de que Sancto Ignacio é a copia: o livro do instituto da Companhia é a copia de que Sancto Ignacio é o original. Mas com isso ser assim, é certo que o instituto de Sancto Ignacio é muito differente e muito dissimilhante dos outros institutos. Pois se o patriarcha foi feito á similhança dos outros patriarchas, como saiu o instituto tão dissimilhante? «Pela mesma razão:» porque não era uma copia de nenhum instituto em particular, mas a imitação de todos: *In splendoribus sanctorum genui te*.

Como foi que pela Incarnação todas as naturezas se uniram com Deus. *S. Thom. opusc. 60 et 3 p. q. l. a. l. S. Dam. Serm. 1 de nat. Virg.*

Fez-se Deus homem pelo mysterio altissimo da incarnação e notou profundamente S. Thomás (como já tinha notado S. João Damasceno) que fazendo-se Deus homem, não só tomou e uniu a si a natureza humana, senão tambem todas as naturezas que tinha creado. Pela creação sairam de Deus todas as naturezas: pela incarnação tornaram todas as naturezas a unir-se a Deus. Mas como se fez esta união? Como uniu Deus a si todas as naturezas? S. Thomás: *Communicavit se Christo homini et per consequens omnibus generibus singulorum*. Tomou Deus no homem (diz S. Thomás) não só a natureza humana, senão tambem todas as naturezas; mas não tomou as differenças d'ellas, senão os generos. Tomou o genero dos elementos no corporeo; e ainda que podera ser um elemento, como o fogo da çarça, não tomou a differença de elemento. Tomou o genero das plantas no vegetativo; e ainda que podera ser uma planta, como a arvore da vida, não tomou a differença da planta. Tomou o genero dos animaes no sensitivo; e ainda que podera ser um animal, como a pomba do Jordão, não tomou a differença de animal. Tomou o genero dos anjos no racional; e ainda que podera ser um anjo, como Gabriel, não tomou a differença de anjo. De maneira que tomou Deus no homem todas as outras naturezas, quanto aos generos, mas não quanto as differenças; porque os generos eram das creaturas, as differenças eram de Christo. Assim o fez («com a differença que vai do prototypo ao exemplar») o imitador de Christo Sancto Ignacio. Uniu em si todos os patriarchas; uniu no seu instituto todos os institutos: mas o que to-

mou foram os generos; o que accrescentou foram as differenças: o que tomou, foram os generos e por isso é similhante: o que accrescentou foram differenças e por isso não tem similhante.

Parallelo de Sancto Ignacio com os patriarchas que teem religião em Portugal.

Para gloria universal de todos os patriarchas e para gloria singular do nosso (pois o dia é seu) vejamos em uma palavra estes generos e estas differenças. Fallarei só dos patriarchas que teem religião em Portugal, e seguirei a ordem da antiguidade. Do grande patriarcha e pae de todos os patriarchas Elias tomou Sancto Ignacio o zelo da honra de Deus. Ambos tinham espada de fogo: mas o fogo de Elias queimava o fogo de Ignacio accendia: o fogo de Elias «consumia os inimigos de Deus, o fogo de Ignacio abrazava-os do seu amor.» De S. Paulo, primeiro pae dos eremitas, tomou Sancto Ignacio a contemplação: mas Paulo no deserto para si: Ignacio no povoado para todos. Ambos elegeram o meio mais alto e mais divino; mas com differentes fins: Paulo para evitar a perseguição de Decio; Ignacio para resistir aos Decios e ás perseguições. Paulo recolheu-se ao sagrado da contemplação para escapar á tyrannia, Ignacio armou-se do peito forte da contemplação para debellar os tyrannos. Do patriarcha e doutor maximo S. Jeronymo, tomou Sancto Ignacio a assistencia inseparavel da séde apostolica no serviço universal da Egreja. S. Jeronymo era a mão direita da Egreja com que os pontifices escreviam; Sancto Ignacio o braço direito da Egreja com que os pontifices se defendem. Assim o disse o papa Clemente VIII á Companhia: *Vos estis brachium dextrum ecclesiae Dei:* vós sois o braço direito da Egreja de Deus. Do unico sol da Egreja Sancto Agostinho (porque os raios do intendimento não eram imitaveis) tomou Ignacio as lavaredas do coração. O amôr de Agostinho chegou a dizer, que se elle fôra Deus deixava de o ser para que Deus o fosse: Ignacio com supposição menos impossivel dizia, que entre a certeza e a duvida de ver a Deus escolheria a duvida de o ver pela certeza de o servir. Do patriarcha, pae de tantos patriarchas, S. Bento, extendendo o monte Cassino por todo o mundo, tomou Sancto Ignacio as escholas e a creação dos moços: para que? Para que na prensa das letras se lhes imprimam os bons costumes, e estudando as humanidades, apprendam a ser homens. Do patriarcha S. Bruno, aquelle horror sagrado da natureza, que tomaria Ignacio? Tomou o perpetuo cilicio. Não o cuida assim o mundo: mas sabem-n'o as infermarias e as sepulturas. O cilicio que anda entre o corpo e o linho não é o que mais pica: o que cega o intendimento e nega a vontade este é o que afoga a alma e tira a vida. Os outros cilicios mortificam: este mata. Do patriarcha S. Bernardo, anjo em carne, tomou Sancto

Ignacio a angelica pureza. Em ambos foi favor especial da Mãe de Deus: mas em Sancto Ignacio tão singular que desde o dia de sua conversão nunca mais nem no corpo, nem na alma, sentiu pensamento contrario; e sendo os maiores inimigos da castidade os olhos; n'aquelles em que punha os olhos Sancto Ignacio infundia castidade. Dos gloriosos patriarchas S. João e S. Felix (a cuja religião deu o seu nome a mesma Trindade) tomou Sancto Ignacio o officio de redemptor; e porque a esta trindade humana faltava terceira pessoa, quiz elle ser a terceira. D'esta maneira (permitti-me que o explique assim) o Redemptor do genero humano que tinha só uma subsistencia divina, ficou como subsistindo em tres subsistencias humanas: redemptor em João, redemptor em Felix e redemptor em Ignacio: mas n'aquelles immediatamente redemptor dos corpos; n'este immediatamente redemptor das almas. Do illustrissimo patriarcha S. Domingos (a quem com razão podemos chamar o grande pae das luzes) tomou Sancto Ignacio a devoção da Rainha dos anjos e a doutrina do doutor Angelico. A primeira devoção que fazia Sancto Ignacio todos os dias era rezar o rosario: e o farol que quiz seguissem na theologia os seus doutores, foi a doutrina de S. Thomás. Mas concordou Sancto Ignacio essa mesma devoção com tal preferencia que no caso em que uma se encontrasse com a outra, a devoção da Senhora prevalecesse á doutrina e não a doutrina á devoção. Assim se começou a practicar nas primeiras conclusões publicas que em Roma defendeu a Companhia, e depois sustentou com tantos livros. Do seraphim dos patriarchas S. Francisco tomou Sancto Ignacio por dentro as chagas, por fóra a pobreza. E estimou tanto Sancto Ignacio a estreiteza da pobreza seraphica, que atou a pobreza com um voto e a estreiteza com outro. Fazemos um voto de guardar a pobreza e outro de a estreitar. Aos professos mandou Sancto Ignacio que pedissem esmola; aos não professos que lhes désse esmola a religião, para que a não fossem buscar fóra d'ella; por isso teem renda os collegios e não as casas. Do patriarcha S. Caetano, illustre gloria do estado clerical e quasi contemporaneo de Sancto Ignacio (ainda que em algumas partes da Europa quizessem honrar com o mesmo nome a seus filhos) não tomou Sancto Ignacio o nome; porque o tinha dado a Jesus. O que tomou d'este apostolico instituto foi a divina providencia. E porque não fosse menos providencia, nem menos divina, não só a tomou entre a caridade dos fieis, senão entre a barbaria dos gentios. Finalmente do nosso insigne portuguez S. João de Deus, tomou Sancto Ignacio a caridade publica dos proximos. Tomaram ambos por empreza o re-

medio do genero humano infermo: João de uma parte curando o corpo: Ignacio da outra curando a alma. Não fallo d'aquelle grande prodigio da nossa edade, a sancta madre Thereza de Jesus; porque veio ao mundo depois de Sancto Ignacio. Mas assim como Deus do lado do mesmo Adão formou a Eva, assim do lado do mesmo Sancto Ignacio formou a Sancta Thereza. O texto d'esta gloriosa verdade é a mesma sancta: assim o deixou escripto de sua propria mão, affirmando que do espirito de Sancto Ignacio formou parte do seu espirito e do instituto de Sancto Ignacio parte do seu instituto; e por isso chama-se muitas vezes filha da Companhia. E este foi o modo maravilhoso com que o patriarcha Sancto Ignacio veio a sair similhante nos generos e sem similhante nas differenças; e «assim e seu instituto nasceu differente de todos os institutos: *In splendoribus sanctorum genui te.*»

N'este parallelo não se introduz alguma vantagem para S. Ignacio. Compara-se com Moyses. *Eccles.* 45 *Gen.* 32

VII. Tenho acabado o meu discurso. Mas temo que não falte quem me argua de que excedi os limites d'elle. Comparei sancto Ignacio com os patriarchas sanctissimos das outras religiões sagradas e na mesma comparação parece qne introduzi ou distingui alguma vantagem: mas isso é o que eu nego. Ainda que faça do meu sancto patriarcha a estimação que devo e sua sanctidade mereça; e ainda que sei as licenças que concede o dia proprio ao encarecimento dos louvores dos Sanctos, conheço porém e reconheço, que nem eu lhe podia pretender tal vantagem, nem desejar-lhe maior grandeza, que a similhança de tão esclarecidos exemplares; e isto é o que já fiz. Digo, pois, e protesto que as differenças que ponderei, posto que pareçam vantagens, não são mais que similhanças; antes accrescento que nenhuma d'ellas fóra similhança se não «parecera» vantagem, e porque essa é a prerogativa dos que vieram primeiro. Sancto Ignacio veio depois e muito depois d'aquelles gloriosissimos patriarchas; e quem vem depois se não «parece» exceder, não eguala. No capitulo 44 e 45 do Ecclesiastico faz o texto sagrado um elogio geral de todos os patriarchas antigos, começando desde Enoch; e chegando a Moysés diz assim: *Similem illum fecit in gloria sanctorum:* fel-o Deus similhante aos outros sanctos na gloria de suas obras. Este é o elogio de Moysés que não só parece moderado e curto, senão muito inferior e quasi indigno da fama e das acções de um heroe tão singularmente grande. Se lermos as historias dos antigos patriarchas acharemos que as acções e as maravilhas de Moysés, excederam quasi incomparavelmente ás de todos os passados. Não me detenho em o demonstrar; porque fôra materia muito dilatada e me mortifico assaz em não fazer um longo parallelo de Moysés com

Sancto Ignacio. Um, que fallava com Deus: *Facie ad faciem:* outro, que o via tantas vezes. Um, conquistador da terra de promissão: outro, conquistador de novos mundos. Um domador do mar vermelho; outro, do oceano e de tantos mares. Um, que cedeu a gloria dos seus trabalhos a Josué; outro, a Jesus. Um, que tirou do captiveiro seiscentas mil familias; outro, familias cidades e reinos sem conto. Um, que pelo zelo das almas não duvidou em ser riscado dos livros de Deus: outro, que não ficou atraz em similhante excesso. Pois se Moysés excedeu tanto as glorias dos outros patriarchas; como não diz a Escriptura que lhes foi avantajado, senão sómente similhante: *Similem illum fecit in gloria sanctorum?* Tudo isto não avançou mais que a fazer uma similhança? Não; porque os outros patriarchas foram primeiro; Moysés veio depois; e ainda que «parece» exceder muito os primeiros, não chegou mais que a ser similhante. Os primeiros sempre teem a vantagem de ser primeiros e esta primazia ou prioridade tem de si tal excellencia, que comparada entre egual e egual, «os que vieram antes sempre ficam superiores aos que veem depois;» e é necessario que a mesma egualdade se supprа com algum excesso para não ser e parecer menos que egualdade. Os que veem depois, comparados com os que vieram antes, não se medem tanto por tanto, senão tanto por mais. Se fizestes mais sois egual «porque com o mais que fizestes suppristes a falta de prioridade;» se fizestes tanto, sois menos «porque ficastes com esta falta.» Logo ainda que Sancto Ignacio pareça que excedeu aos exemplares altissimos que imitou, necessariamente havia de ser assim, sendo elles primeiros; para que no excesso ficasse proporcionada a egualdade e na differença a similhança: *In splendoribus sanctornm genui te.*

Conclusão. Foi S. Ignacio fructo do *Flos Sanctorum* para ser o modelo de todos os estados.

VIII. «Em conclusão» Sancto Ignacio (se bem se consideram os principios e fins da sua vida) foi o fructo do *Flos sanctorum.* O livro da vida dos sanctos era a flor, Sancto Ignacio foi o fructo. Se de todas as flores se compozesse uma só flor, esta flor havia de ter o cheiro de todas as flores; e se d'esta flor nascesse um fructo, este fructo havia de ter os sabores de todos os fructos. E esta maravilha fez Deus em Sancto Ignacio; para que? Para que todos achem n'elle um modelo de imitação. O livro da vida dos sanctos foi a flor: elle o fructo: um fructo que contem em si todos os sabores: um sancto que sabe a tudo o que cada um deseja e ha mister. Nasceu fidalgo, foi cortezão, foi soldado, foi mendigo, foi peregrino, foi perseguido, foi preso, foi estudante, foi graduado, foi escriptor, foi religioso, foi prégador, foi subdito, foi prelado, foi legislador, foi mestre de es-

pirito e até peccador foi em sua mocidade; depois arrependido, penitente e sancto. Assim, pois, achareis n'elle tudo o que houverdes mister. O fidalgo achará uma idéa da verdadeira nobreza; o cortezão os primores da verdadeira policia; o soldado os timbres do verdadeiro valor. O pobre achará em Sancto Ignacio que o não desejar é a mais certa riqueza; o peregrino que todo o mundo é patria; o perseguido que a perseguição é o caracter dos escolhidos; o preso que a verdadeira liberdade é a innocencia. O estudante achará em Sancto Ignacio o cuidado sem negligencia; o letrado a sciencia sem ambição; o prégador a verdade sem respeito; o escriptor a verdade sem affectação. O religioso achará em Sancto Ignacio a perfeição mais alta; o subdito a obediencia mais cega; o prelado a prudencia mais advertida: o legislador as leis mais justas. O mestre de espirito achará em Sancto Ignacio muito que apprender, muito que exercitar, muito que ensinar, e muito por onde crescer. Finalmente o peccador (por mais mettido que se veja no mundo e nos enganos de suas vaidades) achará em Sancto Ignacio o verdadeiro norte de sua salvação: achará o exemplo mais raro da conversão e mudança de vida; achará o espelho mais vivo da resoluta e constante penitencia; e achará o motivo mais efficaz da confiança em Deus e na sua misericordia para pretender, para conseguir, para perseverar e para subir e chegar ao mais alto cume de sanctidade e graça com a qual se mede a gloria.

(Ed. ant. tom. 1.º pag. 366, ed. mod. tom. 4.º pag. 5.)

SERMÃO DE S. PEDRO NOLASCO**

PRÉGADO NO DIA DO MESMO SANCTO, NO QUAL SE DEDICOU A EGREJA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS, DA CIDADE DE S. LUIZ DO MARANHÃO, COM O SANCTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO

Observação do compilador.—Este panegyrico é mais caracteristico que o precedente e tambem mais admiravel em toda a argumentação. Notem-se as voltas ingenhosas com que o orador duas vezes passa a fallar do Sacramento.

Ecce nos reliquimus omnia et secuti sumus te: quid ergo erit nobis?

S. Matth. 19.

Quatro differenças de religiosos em que o deixar e seguir do evangelho está variamente complicado.

Estas duas clausulas de S. Pedro—deixar e seguir—são os dous polos da virtude, são o corpo e a alma da sanctidade, são as duas partes de que se compõi toda a perfeição evangelica. A primeira deixar tudo: *Ecce nos reliquimus omnia*: a segunda seguir a Christo: *Et secuti sumus te*. Se lançarmos com advertencia os olhos por todo o mundo christão acharemos n'elle quatro differenças de «religiosos» em que este deixar e seguir do evangelho está variamente complicado. Ha uns que não deixam nem seguem: ha outros que deixam, mas não seguem: outros que deixam, mas não seguem; outros que deixam e junctamente seguem. Não deixar nem seguir é miseria; deixar e não seguir é fraqueza; seguir e não deixar é desengano; deixar e seguir é perfeição.

Os miseraveis, os fracos, os desenganados e os perfeitos.

Os miseraveis que não deixam nem seguem são os que se mettem a religiosos como a qualquer outro officio para viver. Fica no mundo um moço sem pae, mal herdado da fortuna e menos da natureza, sem valor para seguir as armas, sem engenho para cursar as letras, sem talento nem industria para grangear a vida por outro exercicio honesto: e que faz? Entra-se em uma religião das menos austeras: veste, come, canta, conversa, não o penhoram pela decima, nem o prendem para a fronteira, não tem cousa que lhe dê cuidado, nem elle o to-

ma: emfim é um religioso de muito boa vida, não porque a faz, mas porque a leva. Este tal nem deixa, nem segue. Não deixa, porque não tinha que deixar: não segue, porque não veio seguir a Christo; veio viver. Os fracos que deixam e não seguem são os que trazem á religião o nojo, o desar, a desgraça e não a vocação. Succede-lhe a um homem nobre e brioso sair mal de um desafio; fazerem-lhe uma affronta que não póde vingar: negar-lhe el-rei o despacho e o agrado: não levar a beca ou a cadeira ou o posto militar a que se oppoz; ou levar-lhe o competidor o casamento em que tinha empenhado, o tempo, o credito e o amor: enfadado da vida e indignado da fortuna entrega a sua casa a um irmão segundo, mette-se em uma religião de repente; mas leva comsigo o mundo á religião, porque olha para elle com dor e não com arrependimento. Este deixa, mas não segue. Deixa, porque deixou o patrimonio e a fazenda: não segue, porque mais o trouxe e tem na religião a affronta que recebeu no mundo, que o zelo ou desejo de seguir e servir a Christo. Os deseganados que seguem mas não deixam, são os mal pagos dos homens, que o verdadeiro desengano traz a Deus. Vistes o soldado veterano, que feitas muitas proezas na guerra se acha no cabo da vida carregado de annos, de serviços e de feridas sem premio; e desenganado de quão ingrato e máu senhor é o mundo, querendo servir a quem melhor lhe pague e metter algum tempo entre a vida e a morte, troca o colete pelo saial, o tali pelo cordão e a gola pelo capello em uma religião penitente; e não tendo outro inimigo mais que a si mesmo, contra elle peleja, a elle vence e d'elle triumpha. Este é o que não deixa, mas segue. Não deixa; porque não tinha quo deixar mais que os papeis que queimou; e segue, porque já não conhece outra caixa nem outra bandeira, senão a voz de Christo e a sua cruz. Finalmente os perfeitos e sanctos que deixam e junctamente seguem, são os que chamados e subidos pela graça divina ao cume mais alto da perfeição evangelica, imitam gloriosamente a S. Pedro e aos outros apostolos os quaes tudo o que tinham e tudo o que podiam ter deixaram e renunciaram por Christo; e em tudo o que obraram e ensinaram, fizeram e padeceram, seguiram e imitaram a Christo. E por isso S. Pedro em nome de todos e todos por bocca de S. Pedro dizem hoje com tanta confiança como verdade: *Ecce nos reliquimus omnia et secuti sumus te.*

S. Pedro Nolasco ajuncta outra differença de maior perfeição.

«Mas que ouço? Se me não engano ás palavras de S. Pedro apostolo duas outras de maior perfeição ajuncta S. Pedro Nolasco e com ellas accrescenta outra differença de religiosos mais perfeitos, que é não só deixar por amor de Christo, senão tambem

pedir para dar; não só seguir a Christo redemptor, senão tambem emular a obra da redempção. Que não se contente S. Pedro Nolasco com a regra de perfeição proposta por S. Pedro apostolo e que vá mais adeante? Isto é o que me admira. Que S. Pedro Nolasco entre os sanctos e perfeitos faça mais que deixar, faça mais que seguir? Sim; e por isso ha de ser a materia do sermão. S. Pedro Nolasco fez mais que deixar, porque professou pedir para dar; fez mais que seguir, porque professou emular em remir.» Sobre estes dous ponctos, faremos dous discursos, que eu desejo que sejam breves. Dae-me attenção e ajudae-me a pedir graça. *Ave Maria.*

1.º S. Pedro Nolasco fez mais que deixar porque professou pedir para dar.

II. *Ecce nos reliquimus omnia.* Primeiramente digo que S. Pedro Nolasco fez mais que deixar, porque professou pedir «para dar.» E é assim. A profissão de S. Pedro Nolasco e da sagrada religião das mercês é pedir esmolas pelos infieis para com ellas remir os captivos que estão em terra de mouros. Não ha cousa que tanto repugnem os homens «de brios» como o pedir. É tal esta repugnancia, que nem o sangue a modera, nem o amor a facilita, nem ainda a mesma ambição, que é mais, a vence. «Por isso o pedir é mais que o deixar. E não deve causar admiração.» Deixar é grandeza, pedir é sujeição. Deixar é desprezar, pedir é fazer-se desprezado: deixar é abrir as mãos proprias, pedir é beijar as alheias: deixar é comprar-se, porque quem deixa livra-se; pedir é vender-se, porque quem pede captiva-se: deixar finalmente é acção de quem tem, pedir é acção de quem não tem; e tanto vai de pedir a deixar, quanto vai de não ter a ter. Mais fez logo n'este caso e mais fino e generoso andou com Christo S. Pedro Nolasco «professando pedir, que professando deixar.» E se pedir só por pedir é maior acção que o deixar; pedir para dar em redempção de captivos (que são os fins d'este glorioso pedir) quanto maior acção e perfeição será?

De que modo professou a perfeição evangelica *Matth.* 19 e quanto vale o pedir para dar.

A regra de perfeição que Christo poz aos que quizessem ser seus discipulos foi que vendessem o que tinham e o dessem aos pobres: *Si vis perfectus esse vende quae habes et da pauperibus.* Esta foi a primeira cousa que fez S. Pedro Nolasco. Vendeu todas as riquezas que possuia, como grande senhor que era no mundo, e deu o preço para redempção dos captivos. Mas depois de se pôr n'este gráu de perfeição, ainda subiu a professar outro mais alto, que foi, não só dar o que tinha, senão pedir o que não tinha para tambem o dar. Isto é o que fez e o que professou S. Pedro Nolasco excedendo-se a si mesmo e a todos os que deram a Deus e por Deus o que tinham. Quem dá o que tem, dá a fazenda; quem pede para dar, dá o sangue e o sangue mais honrado e mais sensitivo que é o que

sái ás faces. Quem dá o que tem, póde dar o que val pouco: mas quem dá o que pede, não póde dar, senão o que custa muito. A palavra mais dura de pronunciar e que para sair da bocca uma vez se engole e affoga muitas é Peço. *Molestum verbum est, onerosum et dimisso vultu dicendum, rogo:* diz Seneca. Considerae a que chegam muitas vezes os homens por não chegar a pedir; e vereis os que o não experimentastes, quanto deve custar. Finalmente é sentença antiquissima de todos os sabios que ninguem comprou mais caro, que quem pediu: *Nulla res carius constat, quam quae precibus empta est.* Quem para dar espera que lhe peçam, vende; e quem póde para que lhe dêem, compra e pelo preço mais caro e mais custoso. D'onde se infere claramente que aos religiosos da redempção dos captivos, mais lhes custam os resgates, que os resgatados: porque os resgatados compram-os dando; os resgates compram-os pedindo. Para comprar os resgatados dão uma vez: para comprar os resgates pedem muitas vezes. E se os turcos cortam muito caros os resgates dos captivos, S. Pedro Nolasco ainda os cortou mais caros; porque os cortou a resgates pedidos e mendigados.

Jesus Christo por nosso amor se fez mendigo. 2 *Cor.* 8

Sendo despojados de todos seus bens os fieis da primitiva Egreja na perseguição que se levantou contra elles em Jerusalem, depois da morte de Sancto Estevão, mandou S. Paulo a Corintho seu discipulo Tito, para que dos christãos d'equella opulenta cidade recolhesse algumas esmolas (que depois se chamaram collectas) com as quaes fossem soccorridos os de Jerusalem. Exhortando, pois, o Apostolo aos corinthios para que ajudassem n'esta obra de tanta piedade a Tito; propõi-lhes o exemplo de Christo, admiravel ao seu intento e muito mais admiravel ao nosso; e diz assim: *Scitis enim gratiam Domini nostri Jesu Christi, quoniam propter vos egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis.* O original grego em que foi escripta aquella epistola com maior expressão e energia em logar de *egenus factus est* tem *mendicavit.* E quer dizer o Apostolo: Para que intendais, ó corinthios, quão gratas serão a Deus as esmolas que vai pedir Tito, lembrae-vos da graça que nos fez o mesmo Senhor, quando por amor de nós mendigou para que fossemos ricos.

Qual foi a mendiguez do Salvador. *D. Thom.* 3 *p. q.* 40 *Ps.* 39

Isto posto é questão entre os theologos, se Christo foi tão pobre que chegasse a mendigar. E parece que não; porque o Senhor até á edade de trinta annos vivia do officio de S. José e do trabalho de suas proprias mãos. Depois que saiu em publico a prégar, era assistido, sem o pedir, das esmolas de pessoas devotas, das quaes se sustentava todo o collegio apostoli-

co; e não eram tão escassas estas esmolas, que não abrangessem tambem a outros pobres e ainda á cubiça de Judas, como tudo consta do Evangelho. Esta é a opinião de muitos e graves auctores. Outros, porém, tem por mais provavel que Christo verdadeiramente mendigasse, não sempre, mas algumas vezes; e o provam com o logar do psalmo: *Ego autem mendicus sum et pauper;* e com este de S. Paulo. Mas ou o Senhor mendicasse por este modo, ou não; como o Apostolo diga que mendigou para com a sua mendiguez e pobreza enriquecer aos corinthios e a todos os homens; bem se vê que não é este o sentido d'aquellas grandes palavras, senão outro muito mais universal e mais sublime. Qual foi logo a mendiguez e o cabedal mendigado com que o Filho de Deus, fazendo-se pobre, nos fez ricos? S. Gregorio Nazianzeno e S. João Chrysostomo, os dous maiores lumes da theologia e eloquencia grega e que por isso podiam melhor penetrar a força e intelligencia do texto escripto na sua propria lingua, dizem que fallou S. Paulo do mysterio altissimo da redempção; e que o cabedal mendigado com que o Filho de Deus nos enriqueceu foi a carne e o sangue que mendigou da natureza humana e deu e pagou na cruz pelo resgate do genero humano.

Mendiga elle da nossa natureza a carne e o sangue para o pagar por nosso resgate. Imitação de S. Pedro Nolasco.

Ora vêde. Pelo peccado de Adão estava o genero humano captivo e pobre: como captivo gemia e padecia o captiveiro, como pobre não tinha cabedal para o resgate; e como a justiça divina tinha cortado o mesmo resgate não em menor preço que o sangue de seu Unigenito Filho; que fez a immensa charidade d'este Senhor? Não tendo nem podendo ter em quanto Deus o preço decretado para a redempção, mendigou da natureza humana a carne e sangue que uniu á sua Pessôa Divina; e por este modo, como altamente diz o Apostolo, nós que eramos captivos e pobres com a pobreza e mendiguez de Christo ficámos ricos: porque elle mendigando como pobre. teve com que ser redemptor: e nós com este cabedal mendigado tivemos com que ser remidos. De maneira que na obra da redempção, que foi a maior da caridade divina, não se contentou Deus com dar o que tinha, senão com mendigar o que não tinha para tambem o dar. Deu a divindade, deu os attributos, deu a Pessoa que é o que tinha; e mendigou a carne e sangue que não tinha para o dar em preço da redempção. E isto é o que diz S. Paulo: *Propter vos mendicavit, ut ejus inopia divites essetis.* Mas o que sobretudo se deve notar, é que a esta circumstancia de mendigar o preço do nosso resgate chamou o Apostolo a graça e a excellencia do beneficio da redempção: *Scitis gratiam Domini nostri Jesu Christi, quoniam mendicavit*: como se fizesse mais o Filho

de Deus na circumstancia, que na obra e mais no mendigar, que no remir. Para nos remir tinha a divina sabedoria e omnipotencia muitos modos: mas quiz que fosse pelo preço do seu sangue; e sendo este preço por si mesmo de valor infinito, para que fosse dobradamente precioso, quiz que sobre ser infinito, fosse mendigado: *Mendicavit*. Tão gloriosa acção é e tão heroica mendigar para remir. E tal foi a empreza e instituto de S. Pedro Nolasco. Ordenou que seus filhos professassem pobreza e junctamente redempção de captivos; para que? Para que pelo voto de pobreza deixassem tudo o que tinham e pelo voto da redempção mendigassem para elle o que não tinham; que é o que fez o Filho de Deus.

Mendigues de Christo nos sacramentos e mais na Eucharistia. Tertulliano.

E porque nos não falte com o exemplo, como nos assiste com a presença o mesmo Redemptor sacramentado, seja o divino Sacramento a ultima confirmação e clausula d'esta gloriosa fineza. Falla d'este divino Sacramento e tambem dos outros Tertulliano e diz assim profundamente: *In sacramentis suis egens mendicitatibus Creatoris, nec aquam reprobavit qua suos abluit, nec oleum, quo suos ungit, nec panem quo ipsum corpus suum repraesentat.* Em nenhuma parte é Christo mais liberal que nos seus sacramentos e muito mais no maior de todos: alli está continuamente despendendo os thesouros de sua graça e applicando-os aos effeitos da redempção. Mas por que modo faz estas liberalidades Christo? Agora entra a profundidade de Tertulliano. Faz Christo estas liberalidades como redemptor, pedindo primeiro esmola para ellas e mendigando-as de si mesmo como creador: *In sacramentis suis egens mendicitatibus Creatoris.* Deus Redemptor nos sacramentos faz-se mendigo de Deus Creador; e para nos applicar a redempção no baptismo pede primeiro esmola da agua: *Aquam qua nos abluit:* para nos applicar a redempção na uncção pede primeiro esmola de oleo: *Oleum quo suos ungit*: para nos applicar a redempção na Eucharistia pede primeiro esmola de pão: *Panem quo corpus suum repraesentat.* De sorte que é tão alta, tão soberana, tão grata e tão preciosa obra deante de Deus o mendigar para remir, que não tendo Deus a quem pedir nem de quem receber, fez distincção de si a si mesmo; de si em quanto redemptor, a si mesmo em quanto creador; e mendigando primeiro esmolas da natureza como pobre reparte d'ella liberalidades e liberdades de graça como redemptor: *In sacramentis suis egens mendicitatibus Creatoris.* E se pedir, só por pedir, val tanto e pedir para remir val tanto mais, podemos repetir e assentar o que dissemos que S. Pedro Nolasco fez mais em pedir que em deixar: *Ecce nos reliquimus omnia.*

Os religiosos das Mercês são maiores redemptores do que se cuida. Valor da esmola. *Dan.* 4

III. Por este nobilissimo modo de mendigar ficaram os religiosos das Mercês maiores redemptores do que pretenderam ser e maiores do que se cuida que são. Porque não só são redemptores dos captivos que estão nas terras dos infieis; mas são tambem redemptores dos livres que estão nas terras dos christãos: não só redemptores na Africa, mas tambem redemptores na Europa, na Asia e na America. E isto como? Eu o direi. Os religiosos d'este sagrado instituto não pedem esmolas em todas as terras de christãos para irem resgatar captivos nas terras dos infieis? Sim. Pois nas terras dos infieis são redemptores pelos resgates que dão; e nas terras dos christãos são redemptores pelas esmolas que pedem. A esmola tem tanta valia deante de Deus, que é uma como segunda redempção do captiveiro do peccado. Assim o prégou o propheta Daniel a el-rei Nabuchodonosor, aconselhando-o, que pois tinha a Deus tão offendido, remisse seus peccados com esmolas: *Peccata tua eleemosynis redime.* No captiveiro do peccado estão os captivos atados a duas cadeias, uma da culpa, outra da pena; e é tal o valor da esmola, que não só os rime e livra da cadeia da pena, como obra penal e satisfatoria que é, senão tambem da cadeia da culpa, ou formalmente, se vai informado como deve ir com acto de verdadeira caridade, ou, quando menos, dispositivamente; porque entre todas as obras humanas é a que mais dispõe á misericordia divina para remissão do peccado. Assim o ensina a theologia; e o prégaram depois de Daniel todos os Padres. E como a esmola resgata do captiveiro do peccado a quem a dá por amor de Deus; e d'estas esmolas dadas e pedidas por amor de Deus, fazem os religiosos das mercês os seus resgates; por meio das mesmas esmolas veem a ser duas vezes redemptores: redemptores d'aquelles por quem as dão; e redemptores d'aquelles a quem as pedem, que são os fieis de todas as partes do mundo a quem por meio de todas as suas esmolas livram do captiveiro do peccado: *Peccata tua eleemosynis redime.*

São mais os remidos com a esmola, do que os resgatados. José chamado redemptor do mundo. *Gen.* 41

E é muito para advertir e ponderar que estas segundas redempções das esmolas que se pedem, são muito mais em numero que as primeiras dos resgates que se dão. Porque como a esmola respeita á misericordia de Deus e o resgate á avareza do barbaro; bastando para uma redempção uma só esmola, é necessario que se ajunctem muitas esmolas para um só resgate. E assim, ainda que sejam poucos os resgatados, são muitos mil os remidos; porque são resgatados só aquelles por quem se dá o resgate e são remidos todos aquelles a quem se pede e que dão a esmola. Nem obsta que o preço e merecimento da esmola

seja d'aquelles que a dão, para que os que a procuram e sollicitam não sejam tambem, como digo, seus redemptores. Um redemptor que primeiro foi captivo me dará a prova. Quando José livrou da fome ao Egypto e aos que do Egypto se soccorriam, o nome que alcançou por esta famosa acção, foi o de redemptor do Egypto e do mundo: *Vocavit eum lingua aegyptiaca salvatorem mundi.* Mas se considerarmos o modo d'esta redempção, acharemos no texto sagrado, que assim os extrangeiros que concorriam de fora, como os mesmos egypcios, compravam o trigo com o seu dinheiro. Pois, se uns e outros remiam as vidas do poder da fome, não de graça, senão pelo seu dinheiro, como se chama José o redemptor e não elles? Porque, ainda que elles concorriam com o preço, José foi o inventor d'aquella industria e o que a sollicitava e promovia. Elles remiam-se a si cada um com o que dava; e José remiu-os a todos com o que recebia, não para si, senão tambem para o dar. Por isso dobradamente redemptor, não só do Egypto, senão do mundo: *Redemptorem mundi.* Oh familia sagrada sempre e de tantos modos redemptora! Oh redemptores sempre grandes e sempre gloriosos! Grandes e gloriosos redemptores, quando dais o que pedistes; e maiores e mais gloriosos redemptores, quando pedis o que haveis de dar. Para que em vós tambem como em vosso fundador, se veja que fazeis mais em pedir todos, do que «fizestes» em deixar tudo: *Ecce nos reliquimus omnia.*

2.º S. Pedro Nolasco fez mais que seguir, porque professou emular a Christo em remir as almas e os corpos.

IV. *Et secuti sumus te.* A profissão que fez S. Pedro Nolasco, e que fazem todos os religiosos do seu instituto, é resgatar os christãos captivos em terra de mouros; não só para os pôr em liberdade; mas para os livrar do perigo em que estão de perder a fé. De maneira que uma cousa é a que fazem, outra o que principalmente pretendem: o que fazem é libertar os corpos, o que pretendem principalmente é pôr em salvo as almas. Isto é o que professou S. Pedro Nolasco; e n'isto, como dizia, não só seguiu os passos de Christo: mas do modo que póde ser os «emulou.» E digo do modo que póde ser, porque esta «emulação quanto aos effeitos» sempre se ha de intender com aquella differença soberana e infinita que ha de Filho de Deus a servo de Deus. Mas vamos a elles.

Qual a consummada redempção de Christo. Luc. 21 Rom. 8.

Fallando Christo dos prodigiosos signaes que hão de preceder ao dia do juizo, diz que quando virmos estes prodigios, que nos alentemos e animemos, porque então é chegada a nossa redempção: *Respicite et levate capita vestra: quoniam appropinquat redemptio vestra.* Bem aviados estamos! Eu cuidava e ainda cuido e não só cuido mas creio de fé que a redempção ha mil e seiscentos e cincoenta annos que veio ao mundo e que

na sua primeira vinda nos remiu Christo a todos, dando o seu sangue por nós. Pois se o mundo já está remido e a redempção é já passada ha tantos centos de annos, como diz Christo que quando virmos os signaes do dia do juizo, então intendamos que é chegada a nossa redempção? A duvida é boa: mas a resposta será tão boa como ella; porque é a litteral e verdadeira. Ora vêde. O genero humano pela desobediencia de Adão ficou sujeito a dous captiveiros, o captiveiro do peccado e o captiveiro da morte: o captiveiro do peccado, pertence á alma e o captiveiro da morte pertence ao corpo. D'aqui se segue que assim como os nossos captiveiros são dous, tambem devem ser duas as nossas redempções: uma redempção que nos livre as almas do captiveiro do peccado e outra redempção que nos livre os corpos do captiveiro da morte. A primeira redempção já está feita, e esta é a redempção passada, que obrou Christo, quando com o seu sangue remiu nossas almas: a segunda redempção ainda está por fazer; e esta é a redempção futura, que ha de obrar o mesmo Christo, quando com a sua omnipotencia resuscitar nossos corpos: *Ipsi intra nos gemimus adoptionem Filiorum Dei, expectantes redemptionem corporis nostri:* diz o apostolo S. Paulo. E como esta segunda parte da nossa redempção está ainda por obrar e não estão ainda remidos do seu captiveiro os corpos; posto que já o estejam as almas; por isso diz absolutamente Christo, que no dia do juizo ha de vir a redempção: porque a redempção inteira e perfeita e a redempção que dá a Christo o nome de perfeito e consummado redemptor não é só redempção de almas, nem é só redempção de corpos, senão redempção de corpos e de almas junctamente.

Similhante é a que professou S. Pedro Nolasco.

Tal ha de ser a consummada redempção de Christo: e tal é e tal foi sempre a redempção que professou seu grande imitador S. Pedro Nolasco e todos os que vestem o mesmo habito. Perfeitos e consummados redemptores, porque são redemptores de corpos e redemptores de almas. Cuida o vulgo erradamente que o instituto d'esta sagrada religião é somente aquella obra de misericordia corporal que consiste em remir captivos; e não só é obra de misericordia corporal, senão corporal e espiritual junctamente: corporal, porque livra os corpos do captiveiro dos infieis; espiritual, porque livra as almas do captiveiro da infidelidade. Comprehende esta obra suprema de misericordia os dous maiores males e os dous maiores bens d'esta vida e da outra. O maior mal d'esta vida é o captiveiro e o maior mal da outra é a condemnação; e d'estes dous males livram os redemptores aos captivos, tirando-os de terra de infieis. O maior bem d'esta vida é a liberdade e o maior bem da

outra é a salvação; e estes dous bens conseguem os mesmos redemptores aos captivos, passando-os a terras de christãos. Pelo bem e mal d'esta vida, são redemptores do corpo; pelo bem e mal da outra, são redemptores da alma; e por uma e outra redempção são redemptores do homem todo que se compõi de alma e corpo, como o foi Christo.

Liberta elle os corpos para libertar as almas. A parabola do mercador que comprou um campo onde estava escondido um thesouro. *Matth.* 13

É verdade que o que se vende e paga em Barbaria, o que se desenterra das masmorras, o que se allivia dos ferros, o que se liberta das cadeias, são os corpos: mas o que principalmente se compra, o que principalmente se resgata, o que principalmente se pretende descaptivar são as almas. Almas e corpos se rimem, almas e corpos se resgatam: mas as almas resgatam-se por amor de si mesmas e os corpos por amor das almas. São os contractos d'estes mercadores do céu, como o d'aquelle mercador venturoso e prudente do Evangelho. Achou este homem um thesouro escondido em um campo alheio; e que fez? *Vadit et vendit universa quae habet et emit agrum illum.* Foi vender tudo quanto tinha e comprou o campo. Não reparo no tudo do preço; porque já fica dicto que dão estes liberaes compradores mais que tudo. Este comprador do Evangelho deu o que tinha, *omnia quae habet*; mas não pediu. Os nossos dão o que teem e mais o que pedem. O em que reparo é no que se vendeu e no que comprou; porque foi com differentes pensamentos. O que vendeu, vendeu o campo; o que comprou, comprou tambem o campo; mas não comprou o campo por amor do campo, senão a campo por amor do thesouro. Assim passa cá. O barbaro vende o corpo, que alli tem prezo e captivo; e o redemptor tambem compra o c^rpo. Mas não compra principalmente o corpo por amor do corpo, senão o corpo por amor da alma. Sabe que a alma é thesouro e o corpo é terra; e compra a terra por amor do thesouro: para que o infiel não semeie n'ella zizania com que venha a arder o thesouro e mais a terra. Assim o fez este homem do Evangelho. Mas quem era, ou quem significava este homem? Era e significava aquelle que sendo Deus se fez homem para resgatar e ser redemptor dos homens. A este soberano redemptor imitam os nossos redemptores, «e imitam-no seguindo-o tão perto» que bem se vê que os leva seu generoso intento mais a «emular» que a seguir: *Et secuti sumus te.*

Os religiosos das mercês rimem as almas dos captivos preservando-as da apostasia. Analogia da redempção da Virgem.

V. E para que este glorioso «emular» se veja não só nos objectos da intenção, senão tambem no modo e modos de remir, é muito de considerar a differença que estes redemptores fazem no resgate dos corpos e nos das almas. Os corpos resgatam-se depois de captivos e as almas antes que o estejam:

os corpos depois de perderem a liberdade, as almas antes que percam a fé e para que a não percam. De sorte que a redempção dos corpos é redempção que remedeia; a redempção das almas é redempção que preserva; que é outro modo de remir mais perfeito e mais subido, de que tambem (posto que uma só vez) usou Christo. Fazem questão os theologos se foi Christo redemptor de sua Mãe? E a razão de duvidar é, porque remir é resgatar do captiveiro: a Virgem, como foi concebida sem peccado original nunca foi captiva do peccado: logo, se não foi captiva, não podia ser resgatada nem remida; e por consequencia nem Christo podia ser seu redemptor. Comtudo é de fé que Christo foi redemptor de sua Mãe; e não só foi redemptor seu de qualquer modo, senão mais perfeito redemptor que de todas as outras creaturas. Porque aos outros remiu-os depois; a sua Mãe remiu-a antes: aos outros remiu-os depois de estarem captivos do peccado; a sua Mãe remiu-a antes, preservando-a para que nunca o estivesse; e este segundo modo de redempção é mais subido e mais perfeito. Assim foi Christo redemptor de sua Mãe; e assim são estes filhos da mesma Mãe redemptores das almas que livram com os corpos. Redemptores são dos corpos e mais das almas; mas com grande differença: aos corpos livram do captiveiro; ás almas livram do perigo: aos corpos livram de uma grande desgraça; ás almas livram da occasião de outra maior; aos corpos livram do poder dos infieis, depois que estão já em seu poder; ás almas livram do poder da infidelidade, não porque estejam em poder d'ella, mas porque não venham a estar.

O voto particular d'estes religiosos. Exemplo de David e S. Paulino.

Mas falta por dizer n'este caso a maior fineza. Além dos tres votos essenciaes e communs a todas as religiões, fez S. Pedro Nolasco e fazem todos os seus filhos um quarto voto de se deixar ficar como captivos em poder dos turcos todas as vezes que lá estiver alguma alma em perigo de perder a fé e não houver outro meio de a resgatar, entregando-se a si mesmos em penhor e fiança dos resgates. Que eloquencia haverá humana, que possa bastantemente explicar a alteza d'este voto verdadeiramente divino, nem que exemplo se póde achar entre os homens de fineza e caridade que o eguale? David, aquelle homem feito pelos moldes do coração de Deus, é n'esta materia o maior exemplo que eu acho nas Escripturas sagradas; mas ainda ficou atraz muitos passos. Estava David com muitos que o acompanhavam nas terras de Moab, aonde se recolhera, fugido de Saul que com grandes ancias o buscava para lhe tirar a vida. Eis que um dia subitamente sái-se com todos os seus d'aquellas terras e vem-se metter nas da Judéa, que eram as

mesmas d'el-rei Saul. Se David se não aconselhara n'este caso, como se aconselhou, com o propheta Gad, ninguem julgara esta acção senão pela mais arrojada e mais cega de quantas podia fazer um homem de juizo e sem juizo. Está David retirado e seguro em terras livres; e vem-se metter dentro em casa de seu proprio inimigo; e de um inimigo tão cruel e inexoravel como Saul, que por sua propria mão o quiz pregar duas vezes com a lança a uma parede? Sim, diz Nicolau de Lyra; e dá a razão: *Ne viri qui erant cum David diclinarent ad idololatriam, si diu manerent in terra idololatriae subdita.* A terra dos moabitas era terra de idolatras: os que acompanhavam a David era gente pouco segura, que dava indicios e desconfianças de poder inclinar á idolatria: Pois, alto, diz David, não ha de ser assim: sáiam-se elles da terra onde corre perigo a sua fé; e esteja eu embora na terra do meu maior inimigo a todo risco. Assim o fez aquelle grande espirito de David; mas ainda que se arriscou, não se entregou. Os religiosos d'este instituto, não só se arriscam, mas entregam-se. Quando não teem prata nem ouro com que resgatar os captivos, resgatam-os com os seus proprios ferros; passando as algemas ás suas mãos e os grilhões aos seus pés e fazendo-se escravos dos turcos. porque uma alma não o seja do demonio. Só de S. Paulino bispo de Nola celebra a Egreja uma acção similhante a esta; porque não tendo com que resgatar o filho de uma viuva, se vendeu e captivou por elle a si mesmo. Esta façanha fez S. Paulino; e «parece que» já isto eram raizes da caridade de S. Pedro Nolasco. Em S. Paulino de Nola se semeou, em S. Pedro Nolasco nasceu; em seu seus gloriosos filhos cresce e floresce. Muitos a executam em Barbaria hoje; e todos em qualquer parte do mundo estão apparelhados para a executar, porque todos a teem por voto.

Christo no Sacramento captivo por nosso amor. S. Boaventura.

Sim. Mas onde temos em Christo o «exemplar» d'esta fineza que é a obrigação d'este discurso? Christo como perfeito redemptor remiu-nos; mas nunca se prendeu, nunca se captivou, nunca se encarcerou por nossa redempção. Que seria, Senhor, senão estivereis presente n'essa custodia? Digo, que sim se prendeu, sim se captivou, sim se encarcerou por nós. Aquella custodia é o carcere, aquelles accidentes são as cadeias, aquelle sacramento é o estreitissimo captiveiro em que o piedosissimo Redemptor se deixou preso, encarcerado e captivo por libertar nossas almas. Eis alli aquelle immenso Senhor que não cabe no mundo todo, está feito nosso prisioneiro e nosso captivo exclama com transportes de amor o devoto S. Boaventura «considerando-o no Santissimo Sacramento»: *Ecce quem totus*

mundus capere non potest, captivus noster est. Vós não vêdes como o fecham, como o encerram, como o levam de uma para outra parte, preso sempre ao elo dos accidentes? E senão dizei-me: Aquella pyramide sagrada em que está o divino Sacramento, porque lhe chamou a Egreja custodia «senão porque é uma prisão de amor em que o Rei do céu e da terra quiz ser encerrado e guardado como nosso captivo»? Assim está aquelle Senhor, se exposto «como» em carcere publico, se encerrado, «como» em carcere secreto: mas sempre encarcerado, sempre prisioneiro, sempre nosso captivo; *Captivus noster est.* E como Christo chegou a se prender e captivar pelo remedio de nossas almas, obrigação era d'estes gloriosos emuladores dos passos de seu amor, que tambem se prendessem e se captivassem por ellas. Christo captivo por vontade; elles captivos por vontade: Christo «como» remedio das almas; elles «como» remedio das almas: Christo como Redemptor, elles como redemptores: elles acompanhando a Nolasco e Nolasco «emulando a Christo»: *Et secuti sumus te.*

A religião das mercês preferida a todas as outras pelo seu quarto voto. Oraculo do Vaticano.

D'aqui se segue tambem outra grande vantagem a sagrada religião das Mercês, não já comparada comsigo mesma, senão com as outras religiões. E que vantagem é esta? «Não o direi eu: mas farei ouvir» aquelle oraculo supremo que só tem jurisdição na terra para «n'esta questão fallar com a auctoridade. O papa Calixto III affirmou da sagrada religião das Mercês» que *Ratione quarti voti emissi pro redimendis captivis, quo se pignus captivorum fratres hujus instituti promittunt, merito potest ordo iste aliis ordinibus celsior et perfectior judicari.* Querem dizer as palavras: Que em respeito do quarto voto com que os religiosos d'este instituto promettem de se entregar aos infieis em penhor dos captivos que resgatarem, se póde com muita razão esta ordem julgar por mais sublime e mais perfeita que as outras ordens. O mesmo elogio confirmou e repetiu Urbano VIII por suas bullas no anno de 1578. E o papa Martinho VI pela altissima perfeição do mesmo voto declara que os religiosos das outras religiões se podiam passar para a das Mercês, como mais estreita, e que os religiosos d'ella se não podiam passar para as outras, como religiões menos apertadas. Tanto peso fez sempre no juizo dos supremos pontifices esta notavel obrigação; e tanto é atar-se um homem para desatar a outros e captivar-se para os libertar.

Consequencias d'este sermão.

VI. Tenho acacado o sermão, breve para o que podera dizer, posto que mais largo para o tempo do que eu determinava. E se a vossa devoção e paciencia ainda não está cançada, e pergunta pela consequencia ou consequencias de todo elle, concluindo com a de S. Pedro *Quid ergo erit nobis?* Seja a conse-

quencia de tudo, darmos todos o parabem á Senhora das Mercês e darmol-a a nós mesmos pela gloria que á Senhora e pelo proveito que a todos nós nos cabe da dedicação d'esta obra e d'este dia.

1.º Agradecer este beneficio a Nossa Senhora das Mercês.

Sendo este sagrado instituto tão excellente entre todos e da tanta gloria de Deus e bem universal do mundo e uma como segunda redempção d'elle, não me espanto que a mesma Rainha dos anjos se quizesse fazer fundadora d'esta religião e que descesse do céu a receber seu instituto e a sollicitar em pessoa os animos dos que queria fazer primeiros instrumentos de tão grande obra. Foi cousa notavel que na mesma noite apparecesse a Senhora, primeiro a S. Pedro Nolasco, logo a el-rei D. Jaime de Aragão, logo a S. Raymundo de Penhaforte; declarando a cada um em particular a nova ordem que queria fundar no mundo, debaixo de seu nome e patrocinio: porque communicando todos tres a apparição, não duvidassem da verdade d'ella e pozessem logo em execução, como pozeram, o que a Senhora lhes mandava, sendo o primeiro que tomou o habito e professou n'elle o nosso S. Pedro Nolasco. Pois a Rainha dos anjos a Mãe de Deus, a Senhora do mundo, pelos paços dos reis, pelos conventos dos religiosos, pelas casas dos particulares e no mesmo dia e na mesma noite? Sim que tão grande é o negocio que a traz á terra: quer fundar a sua religião das mercês e anda feita requerente não das mercês que espera, senão das mercês que deseja fazer. E como esta soberana Rainha se empenhou tanto em fundar esta sua religião no mundo, oh que grande gloria tem hoje no céu, em que se vê com nova casa n'este estado e com o seu instituto introduzido em Portugal depois de quatrocentos annos! Note o Maranhão de caminho e preze muito e preze-se muito d'esta prerogativa que tem entre todas as conquistas do nosso reino. Todos os estados de nossas conquistas na Africa, na Asia e na America receberam de Portugal as religiões com que se honram e se sustentam: só o estado do Maranhão póde dar nova religião a Portugal, porque lhe deu a das mercês. Cá começou e de cá foi; e já lá começa a ter casa e quererá a mesma Senhora que cedo tenha casas e provincia.

2.º Dar os parabens á Senhora de ter taes filhos. Qual o primor do templo que estes lhe edificaram imitando a Salomão.

Mas tornando a esta que hoje consagramos á Virgem das Mercês não quero dar o parabem aos filhos d'esta Senhora de ter tal mãe (pois é previlegio este mui antigo); á mesma Senhora quero dar o parabem de ter taes filhos: filhos que com tão poucas mãos trabalharam tanto: filhos que com tão pouco cabedal despenderam tanto: filhos que com tão pouco tempo acabaram tanto: filhos, em fim, que não tendo casa para si fizeram casa

a sua Mãe. Não sei se notais o maior primor da architectura d'esta egreja. O maior primor d'esta egreja é ter por correspondencia aquellas choupanas de palha em que vivem os religiosos. Estarem elles vivendo em umas choupanas palhiças e fabricarem para Deus e para sua Mãe um templo tão formoso e sumptuoso como este, este é o maior primor e a mais airosa correspondencia de toda esta obra; acção emfim de filhos de tal Mãe e que parece lhe vem á Senhora por linha de seus maiores. Salomão vigesimo quarto avô da Mãe de Deus, edificou o templo de Jerusalem; e nota a Escriptura Sagrada no modo duas cousas muito dignas de advertir: a primeira, que em quanto o templo se edificou, não tractou Salomão de edificar casa para si, nem poz mão na obra: a segunda, que sendo a obra dos paços de Salomão que depois edificou de muito menos fabrica que o templo, o templo acabou-se em septe annos e os paços fizeram-se em treze. Grande caso é, que se achasse o juizo de Salomão nos edificadores d'este templo, sendo entre os filhos d'esta Senhora não os de maiores annos. Bem assim como Salomão fizeram primeiro a casa de Deus sem pôrem mão na sua; e bem assim como Salomão acabaram esta obra com tanta pressa, deixando a do convento para se ir fazendo com mais vagar. Digno verdadeiramente por esta razão e por todas de que todos os fieis queiram ter parte em tão religiosa obra e tão agradavel a Deus e a sua Mãe.

3.º Dar os parabens ao estado do Maranhão protegido pela Senhora das Mercês. *Eccl. 24*

Mas que parabens darei eu ao nosso estado e a esta cidade cabeça d'elle, vendo-se de novo defendida com esta nova torre do céu e honrada com esta nova casa da Senhora das Mercês? A Senhora que tantas raizes deita n'esta terra, grande prognostico é de que a tem escolhido por sua: *In electis meis mitte radices*. Nossa Senhora da Victoria, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora das Mercês: vêde que formosa corôa sobre a cabeça do nosso estado! Que influencias tão benignas choverão sobre todos nós estas cinco formosas estrellas! Todas são mui resplandecentes: mas, com licença das quatro, a de Nossa Senhora das Mercês promette influencias maiores, porque são mais universaes. Nossa Senhora da Victoria é dos conquistadores: Nossa Senhora do Desterro é dos peregrinos: Nosso Senhora do Carmo é dos contemplativos: Nossa Senhora da Luz é dos desencaminhados; mas Nossa Senhora das Mercês é de todos; porque a todos indifferentemente está promettendo e offerecendo todas as mercês que lhe pedirem. Nos thesouros das mercês d'esta Senhora não só ha para o soldado victoria, para o desterrado patria, para o desencaminhado luz, para o contemplativo favo-

res do céu, que são os titulos com que veneramos a Senhora n'esta cidade; mas nenhum titulo ha no mundo, com que a Virgem seja invocada, que debaixo do amplissimo nome de Nossa Senhora das Mercês não esteja encerrado e que a esta Senhora se não deva pedir com egual confiança. Estais triste e desconsolado? «Como» chamais pela Senhora da Consolação, valei-vos da Senhora das Mercês; e ella vos fará mercê de vos consolar. Estais afflicto e angustiado? «Como» chamais pela Senhora das angustias, valei-vos da Senhora das Mercês, que ella vos fará mercê de vos acudir nas vossas. Estais pobre e desamparado? «Como» chamais pela Senhora do Amparo, valei-vos da Senhora das Mercês e ella vos fará mercê de vos amparar. Estais embaraçado e temeroso em vossas pretenções? «Como» chamais pela Senhora do Bom Successo, valei-vos da Virgem das Mercês; e ella vos fará mercê de vos dar o successo que mais vos convem. Estais enfermo e desconfiado dos remedios? «Como» chamais pela Senhora da Saude acudi á Senhora das Mercês; e ella vos fará mercê de vol-a dar, se fôr para seu serviço. Estais finalmente para vos embarcar ou para embarcar o que tendes? «Como» chamais pela Senhora da Boa Viagem, acudi á Senhora das Mercês; e ella vos fará mercê de vos levar em paz e a salvamento. De sorte que todos os despachos que a Senhora costuma dar em tão differentes tribunaes, como os que tem pelo mundo e no nosso reino, todos estão advogados a esta casa das mercês, porque n'ella se fazem todas.

Quão digna é a nossa egreja e quão rica de indulgencias.

E porque vos não admireis d'esta prerogativa da Senhora da casa, sabei que a casa da Senhora tem a mesma prerogativa. Que casa e que egreja cuidais que é esta em que estamos? Padre, é a egreja nova de Nossa Senhora das Mercês do Maranhão. E é mais alguma cousa? Vós dizeis que não; e eu digo que sim. Digo que esta egreja é a «thesoureira» de todas as egrejas e de todos os sanctuarios grandes que ha e se veneram na christandade e fóra da christandade tambem; porque todas as graças e indulgencias que estão concedidas a estes templos, a todos estes sanctuarios, a todos estes logares sagrados, todos estão concedidos por diversos summos pontifices a esta egreja por ser da Senhora das Mercês e da sua religião. De modo que passando de vossa casa a fazer oração n'esta egreja é como se fosseis a Compostella, a Loreto, a Roma, a Jerusalem. Póde haver maior thesouro, póde haver maior felicidade e facilidade que esta? «Visitando esta egreja e como se visitasseis» a egreja de Sanctiago em Galiza e a egreja de Guadalupe em Castella e a egreja de Monserrate em Catalunha e a egreja do Loreto em Italia e a egreja de S. Pedro e de S. Paulo e de S. João de Laterano e de Sancta

Maria Maior em Roma; e para que passemos alem da christandade, «como se visitasseis» o Monte Olivete o Thabor, o Calvario, a cova de Belem, o Cenaculo, o Horto, o Sepulchro de Christo! O que importa é que nos saibamos aproveitar e nos aproveitemos d'estas riquezas do céu. Não nos descobriu Deus as minas da terra que este anno com tanta ancia buscavamos e descobre-nos as minas do céu sem as buscarmos para que façamos só caso d'ellas. Façamol-o assim, christãos, frequentemos de hoje em deante muito esta egreja e de tantas casas de ruim conversacão que ha em terra tão pequena, esta que é de conversar com Deus e com sua Mãe não esteja deserta. Seja esta de hoje em deante a melhor saida da nossa cidade. Aqui venhamos, aqui continuemos, aqui acudamos nos trabalhos para o remedio, nas tristezas para o allivio, nos gostos para a perseverança; e em todos nossos desejos e pretenções aqui tragamos nossas memorias, aqui peçamos, aqui instemos e d'aqui esperemos todas as mercês do céu e ainda as da terra, que sendo da Senhora das Mercês sempre serão acompanhadas da graça e encaminhadas á gloria. *Quam mihi etc.*

(Ed. ant. tom. 2.º, pag. 184, ed. mod. tom. 4.º, pag. 292)

I. SERMÃO DE SANCTO ANTONIO *

PRÉGADO

NA CIDADE DO MARANHÃO EM DIA DA SANCTISSIMA TRINDADE

Observação do compilador.—Seguindo Vieira o seu costume de prégar do modo mais appropriado ás circumstancias, combina n'este sermão o elogio das virtudes de Sancto Antonio com a explicação do mysterio da Sanctissima Trindade. O sermão é douto e instructivo, o estylo não é muito florido nem figurado, mas elegante e por vezes sublime.

Qui fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno coelorum.
S. Matth. 5.

A predestinação dos homens e a predestinação dos dias. *Eccli.* 33 *Corn. a Lap.* 1. c.

Não só ha predestinação para os homens, senão tambem para os dias: os homens predestinados para a gloria de Deus; e os dias predestinados para Deus ser glorificado n'elles. Não é esta proposição ou distincção minha, senão da mesma Sabedoria divina no capitulo trinta e tres do Ecclesiastico. Faz alli este auctor, tão canonico como todos os outros da Escriptura Sagrada, uma notavel questão: *Quare dies diem superat, et iterum lux lucem et annus annum a sole?* Qual é a razão, porque um dia é mais celebre que o outro e tambem n'este mesmo dia um anno mais celebre que o outro anno, sendo que o mesmo sol faz os dias e mais os annos? Responde o mesmo Texto, que a razão d'esta differença não é outra, senão a vontade e eleição divina. E assim como Deus predestinou os homens não só para serem gloriosos no céu, mas tambem para serem mais sanctos, mais sabios, mais nobres, mais ricos e mais poderosos e illustres na terra; assim tambem predestinou os dias para que uns fossem mais sanctos, mais festivos e de maior veneração e celebridade, por serem dedicados a maior culto divino ou na fé da sua divindade, ou na memoria ou reconhecimento de seus particulares beneficios. Esta é a resposta quanto á primeira parte da questão e quanto á differença dos dias: *Quare dies diem superat?* Quanto á segunda parte e á differença dos mes-

mos dias na variedade dos annos: *Et iterum lux lucem et annus annum;* a razão da differença é, porque variando-se com os annos os tempos, a ordem e o logar dos dias tambem se varia: da qual variedade e mudança se segue que as festas e celebridade dos dias ou se dividem entre si, ou se ajunctam no mesmo dia. E tudo isto não succede acaso, senão porque assim o ordenou a disposição da Sabedoria divina: *A Domini scientia separati sunt, facto sole et praeceptum custodiente. Et immutavit tempora et dies festos ipsorum, et in illis dies festos celebraverunt.*

Predestinação do concurso d'estas duas festas. *Isai. 40*

Tudo o que até agora disse (e foi necessario dizer-se por ser sabido e advertido de todos) é o que temos e celebramos n'este grande dia, sempre grande e hoje com especial grandeza. Sempre grande universalmente, por ser o dia da Sanctissima Trindade, creadora e conservadora do mundo; o qual como dependente de tres dedos sustenta a omnipotencia do Padre, a sabedoria do Filho e a bondade do Espirito Sancto: *Appendit tribus digitis molem terrae.* E grande principalmente na monarchia e reinos de Portugal, isto é nas quatro partes do mesmo mundo, na Europa, na Africa, na Asia e n'esta America, por ser junctamente dia do nosso portuguez Sancto Antonio.

A qual d'ellas se deve attribuir o empenho do encontro?

A união e concurso d'estas duas celebridades no mesmo dia, poderia parecer ser succedida acaso pela variedade do anno: mas como já nos consta por auctoridade e revelação divina, que assim a dignidade dos dias, como a variedade dos annos, tudo está predestinado e ordenado *ab aeterno* pela disposição e eleição d'aquella suprema Providencia, que assim como creou todas as cousas, assim decretou e signalou a cada uma d'estas a differença dos tempos; com muita razão podemos duvidar na união d'este mysterioso concurso, a qual das duas partes se deve attribuir principalmente o motivo ou empenho do mesmo encontro; se á religião e virtudes de Sancto Antonio para com ellas nos ensinar a crer, a admirar e celebrar dignamente o mysterio profundissimo e incomprehensivel da Sanctissima Trindade, ou á mesma Trindade Sanctissima para nos declarar e fazer intender as grandezas e excellencias do seu grande servo Antonio.

Parece que a festa de Sancto Antonio.

Parece que este mesmo nome de servo e de um servo tão servo de Deus, extremadamente zeloso em procurar sempre e em tudo a maior gloria de seu Senhor; e de um servo que n'este mesmo dia da Sanctissima Trindade prégou tantas vezes aos ignorantes e fez crer aos infieis, que sendo Um em essencia e Trino em Pessoas e sendo as Pessoas tres e cada uma d'ellas Deus, não são tres deuses, senão um só Deus; e de um

servo que todos os dias e momentos da vida sem tomar ou reservar para si um só instante, os dedicou e consagrou a este mesmo culto, a esta mesma veneração e a este mesmo obsequio, com nome, com habito e com profissão de menor, que ainda na mesma gloria professa; sendo finalmente certo e màis conforme á razão e á obrigação e á natureza que o servo busque ao Senhor e não o Senhor ao servo; por estas e infinitas outras considerações parece que n'este concurso ou encontro de festas e de dias, o de Sancto Antonio sem duvida é o que se vem sujeitar, render e servir, para tambem com o seu e comsigo celebrar e festejar o da Sanctissima Trindade.

Mas é á festa da Sanctissima Trindade. *Joan.* 14

Comtudo, se eu hei de dizer o que sinto, o meu parecer sem lisonja nem encarecimento é que não acaso, mas por ordem e disposição divina, como fica mostrado, não é o dia de Sancto Antonio o que n'este concurso vem a celebrar e servir o da Sanctissima Trindade; senão o da Sanctissima Trindade o que vem auctorizar, honrar e engrandecer o de Sancto Antonio. Primeiramente não é acção menos decente ou alheia á majestade das tres Pessoas divinas virem ellas assistir com modo de presença mais alta e mais sublime aos servos seus mais fieis e mais diligentes, que dignamente sabem amar, obedecer e servir á mesma majestade. Assim o préguei d'este logar o domingo passado com palavras do mesmo Christo: *Siquis diligit me, sermonem meum servabit, et Pater meus diliget eum et ad eum veniemus*. Quem me ama (diz Christo) obedecerá e guardará meus preceitos e a quem os obedecer e observar, amará meu Eterno Pae e a elle viremos. E quem são estes que hão de vir e assistir ao que ama e obedece a Christo? É o mesmo Padre e o Filho e o Espirito Sancto, as tres Pessoas da Sanctissima Trindade, diz a fé e a theologia com todos os Sanctos Padres. E se a Sanctissima Trindade em Pessoa ou em Pessoas promette ir assistir a quem ama a Christo e observa seus preceitos; como negará este favor no seu dia a Sancto Antonio, tão diligente e exacto observador não só dos preceitos, senão dos acenos da vontade de Christo e tão amante e amado seu? Quando o mesmo Christo, que por amor de nós se fez homem, por amor de Sancto Antonio se fez menino e se lhe veio pôr nos braços, como o vemos; quem foi o que buscou e a quem? Não foi Antonio a Christo, senão Christo a Antonio. Pois se para honrar a obediencia e corresponder ao amor não é Antonio o que vai a Christo, senão Christo o que vem a Antonio, o que fez a segunda Pessoa da Sanctissima Trindade, porque o não fará tambem a Primeira e a Terceira?

Confirma-o a disposição do anno ecclesiastico.

Assim é hoje; e naturalmente assim havia de ser, nem podia

ser d'outra sorte no concurso d'estes dous dias: porque? Porque o dia de Sancto Antonio é dia estavel e fixo, que se não muda, nem varía com a mudança dos annos: o dia da Sanctissima Trindade é dia não fixo, senão mudavel, que com a variedade dos annos se varía e se muda: logo este é o que só podia vir e o que veio. Este singular favor não succedido agora acaso, senão por decreto e disposição eterna, é o que na ordem e dignidade dos dias estava destinado e predestinado pela divina Providencia para que o dia da Sanctissima Trindade e a Sanctissima Trindade n'elle viesse auctorizar e honrar com infinitos augmentos de celebridade o dia de Sancto Antonio; e para que a mesma Trindade, como auctora das excellencias e grandezas do nosso Sancto, fosse tambem a prégadora d'ellas.

O thema exprime esta união. Invocação da Virgem. *Ricc. de S. Laur. 12 de laud. Virg.*

Tudo isto e nada menos é o que dizem as palavras do Evangelho que tomei por thema: *Qui fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno coelorum:* aquelle que fizer e ensinar, terá nome de grande no reino do céu. Na terra quo é um poncto em respeito do céu não pode haver grandes, como bem e philosophicamente notou Seneca, condemnando o nome de Magno em Alexandre. Sancto Antonio foi verdadeiramente grande, porque foi grande no reino do céu. Mas porque estas grandezas no mesmo reino são maiores e menores; para manifestar a grandeza d'este prodigioso «Sancto», só o podia fazer toda a Sanctissima Trindade; porque toda ella o fez grande. Este será o assumpto do meu discurso; esta a união ou unidade a que reduzirei o concurso d'estes dous dias; e este o nó indissoluvel com que em tanta disparidade de extremos atarei e concordarei uma e outra festa. Que diz o Evangelho? Tres cousas grandes em tres palavras: *Qui fecerit et docuerit hic magnus vocabitur in regno coelorum;* e as mesmas tres cousas mostrarei eu que foram aquellas com que as tres Pessoas da Sanctissima Trindade fizeram grande a Sancto Antonio. Mas de que modo? A Pessoa do Padre dando-lhe «o poder»: *Qui fecerit:* a Pessoa do Filho dando-lhe «o saber»: *Et docuerit;* e a Pessoa do Espirito Sancto dando-lhe «a sanctidade: *Magnus vocabitur in regno coelorum.*» Supposto e proposto assim o que hei de dizer, espero que para gloria da mesma Trindade em tão nova e difficultosa empreza não faltará com sua graça o Filho do Padre, a Mãe do Filho e a Esposa do Espirito Sancto; porque como bem disse Richardo de Sancto Laurencio: *Per ipsam et in ipsa et ex ipsa augetur gloria Patris et Filii et Spiritus Sancti.*

As obras mais excellentes da creação attribuem-se a SS. Trindade. *Gen. 1*

II. Quando Deus obra fóra de si mesmo (que os theologos chamam *ad extra*) é certo com certeza de fé que para qualquer effeito maior ou menor, não só concorre como primeira

causa a Unidade da essencia divina, senão tambem egual e indivisamente a Trindade das Pessoas. Comtudo, na expressão d'este mesmo concurso ha uma differença tão notavel, que se a obra, posto que grande, não é a mais excellente, attribúi-se o effeito á Unidade, isto é a Deus em quanto Um; mas se é a mais nobre e a mais excellente de todas, refere-se expressamente á Trindade, isto é, a Deus em quanto Trino. Na primeira e mais antiga obra de Deus temos a prova e o exemplo d'esta particular expressão. No principio, diz o Texto sagrado, creou Deus o céu e a terra: *In principio creavit Deus coelum et terram.* Continuou a obra da creação por todos os seis dias seguintes e sempre falla o Texto pelos mesmos termos. Chegado finalmente o fim do sexto dia, em que Deus creou o homem, muda a Escriptura Sagrada o estylo; e diz que disse Deus: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram:* façamos o homem á nossa imagem e similhança. Pois se no principio disse *Creavit;* porque agora diz *Faciamus?* Todos os Sanctos Padres e interpretes intendem concordemente que a palavra singular *Creavit* significa a Unidade de Deus; e a palavra do numero plural *Faciamus* significa a Trindade das Pessoas. Pois se a primeira e todas as outras obras da creação se attribuem a Deus em quanto Um, por que razão a ultima, que foi o homem, se refere expressamente ao mesmo Deus em quanto Trino? Porque todas as outras obras, ainda que grandes não eram as mais nobres e as mais excellentes, como feitas por Deus para servirem ao homem: porém o homem creado e formado pelo mesmo Deus, como imagem sua, para dominar e ser senhor de todos, era a mais nobre e a mais excellente de todas. E posto que todas eram obras do mesmo Deus e da mesma omnipotencia, as menos nobres attribuem-se á Unidade e a Deus em quanto Um na essencia; e a mais nobre e a mais excellente á Trindade e ao mesmo Deus em quanto Trino em Pessoas.

É o fundamento do sermão, que não deve ter encarecimento e nos louvores de Sancto Antonio o não póde ter. *Ps.* 66 *Calmet.* 1 *c.*

Não sou tão apaixonado das grandezas de Sancto Antonio que ordene este primeiro alicerce do meu discurso a dizer que a differença que faz o homem a todas as outras creaturas faz Sancto Antonio a todos os outros homens. O encarecido a que falta o solido, é vaidade e não verdade; e as verdades d'este grande homem foram tão grandes, que nem se podem declarar, quanto mais encarecer. O que só quiz assentar por primeiro fundamento do que hei de dizer é, que as grandezas e dotes singulares com que Deus levanta umas creaturas sobre outras creaturas e umas obras suas maiores sobre outras, posto que grandes, por excepção ou propriedade, e quando menos, por expressão particular, pertencem á Trindade do mesmo Deus e

ás tres divinas Pessoas. Pede David a Deus que se digne de bendizer ou abendiçoar o seu povo com tal vantagem, que n'elle singularmente, como povo seu, seja Deus reverenciado e temido de todas as outras nações do mundo, e diz assim: *Benedicat nos Deus, Deus noster, benedicat nos Deus; et metuant eum omnes fines terrae.* E por que razão ou com que energia invoca David a Deus n'esta petição repetindo tres vezes o nome de Deus? Porque, como a sua petição era que o povo de Israel fosse abendiçoado sobre todos os outros, coherentemente e segundo a propriedade do que pediu, havia de invocar a Deus em quanto Trino e a todas e a cada uma das tres Pessoas da Sanctissima Trindade. Assim declaram este famoso texto todos os interpretes; e particularmente Hugo Cardeal o confirma com outro do capitulo sexto dos Numeros, em que Deus mandava expressamente que o povo se abendiçoasse não com uma, nem com duas, senão com tres benções. A primeira em nome do Padre: *Benedicat vos Dominus et custodiat vos.* A segunda em nome do Filho: *Ostendat Dominus faciem suam vobis.* A terceira em nome do Espirito Sancto: *Et det vobis pacem.* E se perguntarmos: Estas tres benções da Pessoa do Padre, da Pessoa do Filho e da Pessoa do Espirito Sancto, como se distinguiam entre si e quaes eram ou haviam de ser? Responde o mesmo doutor eminentissimo, como se eu o tivera subornado para este dia: *Pater in potentia, Filius in sapientia, Spiritus Sanctus in beneficentia:* a benção do Padre havia de ser communicando o poder: a benção do Filho communicando a sabedoria: a benção do Espirito Sancto communicando a bondade e sanctidade. Agora se intende claramente o que eu prometti no thema do evangelho sem o declarar: *Qui fecerit et docuerit hic magnus vocabitur in regno coelorum.* Até os menos doutos sabem que ao Padre se attribúi o poder, ao Filho a sabedoria, ao Espirito Sancto a sanctidade. E eu que disse? Que concorrendo toda a Sanctissima Trindade para as grandezas de Sancto Antonio o Padre lhe dera o *Fecerit;* o Filho lhe dera o *Docuerit;* e o Espirito Sancto o *Magnus vocabitur in regno coelorum.* E agora veremus que verdadeiramente assim foi. Porque a Pessoa do Padre para Sancto Antonio fazer tão prodigiosas maravilhas lhe deu o poder; a Pessoa do Filho para ensinar e converter o mundo lhe deu a sabedoria; e a Pessoa do Espirito Sancto, não só para sanctificar as almas, mas tambem para ser chamado por antonomasia o Sancto, lhe deu seu proprio nome ou o seu nome proprio.

O Padre a quem se attribui a omnipo-

III. É tão propria da Pessoa do Padre a attribuição da omnipotencia para as obras, que o mesmo Christo lhe attribuia to-

das as suas: *Pater in me manens ipse facit opera.* «Não ignoro que as obras a que se refere o *Fecerit* do nosso thema são principalmente as da osbervancia da lei de Deus: porque n'este logar de S. Mattheus falla o divino Mestre da boa edificação que devem dar os seus discipulos e da perfeita observancia da lei, que elle viéra prégar. Mas porque o Texto não exclúi as obras milagrosas, por isso digo que para este poder foi o Padre que deu a Sancto Antonio o *Fecerit*; e que Sancto Antonio no poder que lhe foi communicado obrava com tão divina moderação que bem mostrava serem derivadas as obras que fazia da omnipotencia do Padre.»

tencia deu ao Sancto o poder. *Joan.* 14

A Moysés concedeu Deus na vara larga participação do poder divino; mas quantas vezes a vara se converteu em serpente e o mesmo poder na mão de Moysés foi veneno? Digam-no as pragas horrendas do Egypto em todos os elementos: a morte e degollação universal em uma noite de todos os primogenitos; e o mar Vermelho aberto e levantado em duas serranias, que logo tomaram a côr do mesmo nome, e afogado Pharaó com todos seus exercitos debaixo das ondas, a agua, como cantou o mesmo Moysés, foi a terra das suas sepulturas.

Qual uso fez d'este poder Moysés.

Os mesmos poderes, senão foram maiores, deu Deus a Elias tambem sancto, mas não capitão ou soldado, senão religioso. E que castigos não fez no mundo a espada do seu zelo sempre ardente? Elle foi o que mandou ás nuvens, que não chovessem sobre a terra, sem dar licença á aurora para que distillasse sobre ella uma só gota de orvalho. Seccaram-se os rios, as fontes, os montes, os campos, os valles, sem se ver uma folha verde n'aquelle perpetuo e tremendo estio sem inverno nem primavera. Abrazavam-se os gados, as feras, as aves, os homens; mirrava-se a vegetativa, mugia a sensitiva, clamava ao céu a racional; e não havia vida ou cousa vivente que não morresse e estalasse á sede. Só Elias que tinha as chaves na mão, se não abrandava; porque se ellas eram de ferro, elle era de diamante. Elle foi o que sobre os dous capitães que lhe levaram recados de el-rei Achab para que descesse do monte, fez descer fogo do céu que aos capitães e aos soldados desfez logo em cinzas. Elle o que por sua propria mão, e dos que o acompanhavam em um dia degollou sobre o rio Cison oitocentos e cincoenta sacerdotes de Baal e dos outros idolos. E assim usava Elias da espada que Deus lhe metteu na mão com os seus poderes.

Qual Elias.

Finalmente o mesmo Jeremias que «foi exemplo de paciencia,» tambem nos poderes que Deus lhe deu o foi de similhantes severidades, castigos e ruinas. Disse-lhe Deus que o tinha

Qual Jeremias.

ás tres divinas Pessoas. P[...] [...]reinos para arrancar e plan-
bendizer ou abendiçoar [...]ar; mas nas execuções d'es-
le singularmente, [...] imperios plantados, senão ar-
mido de todas [...]antados, senão destruidos e arrui-
dicat nos D[...] [...]nho, dominados e captivos. Muitos
eum omnes [...] assombro dos que viam aquelle por-
invoca Da[...] [...]os e cadeias; as quaes pelos embaixa-
de Deus[...] [...] Jerusalem ia mandando aos seus reis
fosse a[...] [...]veiro que lhe annunciava; como foi ao rei
gundo [...] Moab, ao rei de Amon, ao rei de Tyro, ao
em [...] ultimamente ao rei da mesma Jerusalem, Se-
Sa[...]
o[...] [...] não menos poderoso que todos estes ministros de
[...]sanctos, com a investidura de toda a omnipotencia di-
[...]quiosa, por não dizer sujeita ao vosso imperio! Mas
[...] destruições, nunca para ruinas, nunca para damno,
[...] perda ou dor de alguem; mas para remedio, para alli-
[...]ra consolação, para alegria, para bem e utilidade de to-
[...] N'isto mostrastes e provastes claramente ao mundo que os
[...] com que obraveis em tudo quanto fizestes, eram parti-
[...]ção não de outra Pessoa da Sanctissima Trindade, senão do
Padre, que como Pae tudo faz para bem e não sabe fazer mal.

O qual longe de bençãos e não maldições. Matth. 25. Orig. hom. 9 in div. loc. evang.

No dia do juizo feita aquella separação de todos os homens uns á mão direita, outros á esquerda de Christo, aos da direita chamando-os para o céu dirá o Supremo Juiz: *Venite benedicti Patris mei:* vinde, bemdictos de meu Padre; e aos da esquerda, mandando-os para o inferno: *Ite, maledicti in ignem aeternum*: ide, maldictos, ao fogo eterno. Parece que n'esta segunda parte da sentença falta uma palavra, como bem notou Origenes. Pois se aos que vão para o céu chama Christo bemdictos de seu Padre, aos que hão de ir para o inferno e lhes chama maldictos, porque lhes não acrescenta tambem o sobrenome de maldictos de seu Padre? Já está dicto e as mesmas palavras o dizem. Porque as bençãos, o dar o céu e todos os outros bens pertencem á distribuição do Padre; as maldições, o inferno e todos os outros males não quer elle se lhe attribuam. Se sois bemdicto e bemaventurado, sois do Padre: *Benedicti Patris mei:* se sois maldicto e malaventurado, *Ite maledicti*, não sois do Padre, sois vosso; que de vós e não d'elle vos vieram esses males: *Nam benedictionis quidem ministrator est; maledictionis autem unusquisque sibi est auctor:* «conclúi o mesmo Origenes.»

Genio benefico do Sancto na defesa do seu pae.

IV. Já ainda que não quizessemos estamos vendo que a Pessoa do Padre é a que deu a Sancto Antonio o *Fecerit*; e que em

todos os poderes d'esta sua omnipotencia delegada, foi perfeitissimo imitador do mesmo Padre, usando d'ella só para fazer bem e de nenhum modo mal e para obras sempre de misericordia e nenhuma, posto que licita, de justiça. Condemnado o pae de Sancto Antonio á morte e não o podendo livrar ou suspender a execução os seus embargos; Bom partido, diz o filho: seja testemunha no caso o proprio morto. Acceita a proposta com riso, porque não conheciam a quem a fazia (e bastava ser portuguez, para que em Portugal o não cressem) chega o fradinho á sepultura, manda ao defuncto, como Christo a Lazaro, que sáia fóra: pasmam todos de o verem vivo; e já não duvidavam do que havia de dizer. Perguntado se era aquelle homem o que o matara, respondeu que não. Eu cuidava que com a vista do milagre se haviam de embotar os fios ao cutello. Mas os executores do crime com fereza mais de carniceiros, que zelo de ministros da justiça, instavam e requeriam ao inquiridor milagroso, que perguntasse mais ao resuscitado quem fôra o seu matador. Agora eram elles os dignos de riso: a boa porta batiam. Respondeu muito mesurado o franciscano, mettendo as mãos nas mangas, que elle viera a livrar o innocente e não a condemnar culpados.

Soccorre a outras pessoas.

Não foi isto mais que uma amostra do panno e de como o sancto usava dos poderes que Deus lhe tinha dado, sempre para bem como o Padre e nunca para mal. Assim como a Providencia divina fez a Moysés Deus do Egypto para poder sobre os elementos; assim fez a Sancto Antonio com aquelle *fecerit* não deus de um só reino ou parte do mundo, senão de todo, com dominio e imperio universal sobre todas as creaturas. E como o mesmo mundo está fundado em uma concordia discorde e não ha cousa n'elle que não tenha o seu contrario, a maior maravilha d'este deus ou Vice-Deus portuguez, foi que n'esta mesma contrariedade não só elle seguiu sempre as partes do bem; mas com violencia de toda a natureza a obrigou a que as seguisse. Quantas vezes mandou Antonio ao fogo que não queimasse, ao vento que não assoprasse, á agua que não molhasse? E porque o demonio deitou na lama a uma senhora que vinha ouvir o sancto, mandou tambem á terra que o lodo lhe não tocasse, nem descompozesse o vestido. Que direi do mesmo demonio, instrumento sempre do mal, já que fallamos n'elle? Tendo este tentado um noviço a que deixasse o habito e a religião, não quiz Antonio ajudar-se dos anjos (os quaes lhe eram tão obsequiosos, que como correios lhe traziam cartas e duas vezes em seus hombros o levaram a logares muito distantes); mas mandou ao mesmo demonio que elle fosse buscar o noviço e o

trouxesse, como trouxe, á religião. Até ao demonio, muito a seu pezar, obrigou a fazer bem. Chamavam a Sancto Antonio martello dos herejes: mas eu não sei que casta de martello era este, que não parecia de ferro, senão de cera, porque sempre reduziu os herejes com brandura e nunca com rigor. Sanctos houve que os cegaram e emmudeceram. Mas como os havia de emmudecer nem cegar aquelle que o tantos cegos deu vista, a tantos mudos lingua, a tantos surdos ouvidos e a tantos mancos e aleijados pés e braços? A um filho desobediente que reprehendido pelo sancto se cortou a si mesmo o pé com que tinha desacatado a sua mãe, o mesmo lh'o restituiu outra vez a seu logar e uniu a perna com maior milagre, que o do manco de S. Pedro na porta Especiosa do templo. Que bem pareceria o retrato d'aquelle pé entre tantas muletas penduradas deante dos altares de Sancto Antonio! Oh que gloriosas alampadas! Mas ainda luzem e resplandecem mais as amarras, as cadeias e as mortalhas, que tambem se vêem pendentes deante das suas imagens em todos os sanctuarios do mundo: as amarras dos naufragantes salvos; as cadeias dos captivos em terra de mouros, livres; as mortalhas dos agonizantes, ou não permittidos morrer, ou depois de mortos, resuscitados. Nove resuscitou de uma só vez este grande dominador da vida e da morte; mandando á mesma morte que a infinitos infermos que já mastigava, os não engulisse, ou que engulidos já, como a baleia de Jonas, os vomitasse vivos.

Converte o tyranno Encelino.

Nenhum sancto d'aquelles a quem communicou Deus seus poderes teve maior e mais justa causa para usar d'elles pela parte da severidade e rigor como Sancto Antonio. Dominava na Lombardia um tyranno chamado Encelino, tão soberbo, tão insolente e tão cruel, que de uma só vez com exquisitos generos de tormentos matou a onze mil paduanos, naturaes d'aquella nobilissima cidade, tão devota de Sancto Antonio, que mereceu lhe desse o seu sobrenome. E como vingaria o Sancto aquellas e outras injurias? A esta fera, a este monstro, a este inimigo capital do genero humano foi buscar pessoalmente; e quando sería obra digna do seu poder e do seu zelo, se por suas proprias mãos o fizesse em pedaços, como fez o propheta Samuel a Agag, rei dos amalecitas; e quando com maior razão lhe podéra dizer o que disse o mesmo propheta: — Agora te farei o que tu fizeste a tantos—; ou quando pelo menos com uma só palavra, como S. Pedro a Ananias o podera derribar morto a seus pés; o castigo com que se contentou a sua bondade (proprio da bondade e piedade de pae) foi compadecer-se do miseravel e tremendo estado a que as suas tyrannias o tinham já

condemnado em vida ás penas do inferno; «e representar-lhe» a morte que por tantas mortes tinha merecido; os clamores dos innocentes que bradavam ao céu; a justiça e vingança divina tantas vezes e por tantos modos provocada; a paciencia do mesmo Deus, com que ainda lhe promettia o perdão e esperava a emenda; as orações e penitencias que o mesmo que o reprehendia tinha offerecido por elle; e tudo isto com tal efficacia de espirito e com razões tão accesas em vivo fogo de caridade, que aquelle coração, mais duro que os bronzes, não pôde deixar de se abrandar e derreter; e quando os soldados que o cercavam, temiam e aguardavam contra o Sancto algum excesso furioso da sua tyrannia, Encelino desapertando o cinto e lançando-o como baraço ao pescoço, em reconhecimento de suas culpas, se lançou humilde a seus pés. Oh victoria nunca imaginada em uma batalha tão difficultosa! Assim venceu um poderoso a outro poderoso, triumphando do poder injusto, cruel e tyranno, que tantos e tão execrandos males fazia, o poder piedoso, amigo e sancto que todo se empregou em fazer bem a todos.

Até depois da morte faz milagres para sarar, mas não para matar.

Acabou finalmente na flor da edade aquella vida que tanto se apressou a consummar a carreira: mas nem a morte lhe diminuiu o poder, nem mudou a condição de fazer a todos bem e a ninguem mal. Morto sancto Antonio e concorrendo todos os infermos ao seu sepulchro, n'elle experimentavam tal differença, que os que iam confessados e em graça de Deus, todos de qualquer infermidade ficavam de repente sãos com inteira e perfeita saude; mas os que não levavam essa disposição da graça, tornavam tão infermos como vieram. O que reparo e admiro n'este grande e tão notavel caso não é que o corpo de sancto Antonio morto désse vida a uns: o que a mim e a todos deve causar admiração é, que pelo mesmo modo não désse morte aos outros. Por que razão aos que veem em graça dá vida e aos que falta a graça «não dá» morte? A solução verdadeira é a que provámos em todo o discurso. Dá vida a uns e não dá morte a outros, porque os seus poderes eram do *fecerit* que lhe communicou a Pessoa do Padre; e como taes só podia fazer bem e não podia fazer mal. Assim havemos de dizer coherentemente.

Dilata aos doentes máus a saude para convertel-os. Assim imita ao Pae celestial. *Matth.* 5

Mas d'esta mesma solução nasce outra maior instancia. A bondade da Pessoa do Padre é de tal condição, que o mesmo bem que «n'este mundo» faz aos bons faz tambem aos máus. Assim o notou e provou Christo com o exemplo do Sol: *Ut sitis Filii Patris vestri, qui solem suum oriri facit super bonos et malos:* não haveis de fazer bem aos que vos amam somente, senão

tambem aos que vos não amam, para mostrardes que sois filhos do Pae do céu o qual faz nascer o sol sobre os bons e sobre os máus. Sendo, pois, os poderes de sancto Antonio derivados do poder da pessoa do Padre; porque sarava só aos bons e aos máus não? Respondo que sim sarava, porque experimentando os máus que não saravam, porque não estavam em graça, como os que iam confessados, confessavam-se tambem; e postos em graça de Deus recebiam egualmente a do Sancto. Por este modo assim os bons como os máus, todos saravam; só com uma differença, que aquelles saravam primeiro, estes saravam depois. E n'isto mesmo imitava o Sancto com grande propriedade o exemplo do mesmo Padre: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos*: porque ainda que o Padre faz nascer o seu sol para todos, o sol primeiro allumia aos que vigiam e depois aos que dormem. Assim o fazia tambem sancto Antonio, mostrando em tudo e por tudo que tudo o que vivo e morto fazia, era em virtude dos poderes do Padre que lhe dera o *fecerit*.

Á segunda Pessoa attribue-se a sabedoria. *Col* 2

V. Mostrado como a primeira Pessoa da Sanctissima Trindade, o Padre, para o poder das obras maravilhosas que fez, deu a Sancto Antonio o *fecerit*, segue-se vêr como a segunda Pessoa, o Filho, para a sciencia da doutrina tambem cheia de maravilhas, que ensinou lhe deu o *docuerit*. Como ao Padre se attribúi a omnipotencia e o provámos com o texto do mesmo Christo; assim ao Filho se attribúi a sabedoria; e se prova com o testemunho de S. Paulo: *In quo sunt omnes thesauri sapientiae et scientiae absconditi*.

A que o Filho deu a Sancto Antonio primeira luz da eschola franciscana. *Gen.* 1

Mas quem poderá declarar dignamente de quanta parte d'estes thesouros foi enriquecido Sancto Antonio? Depois de estarem muitos annos escondidos, quiz Deus que se descobrissem: e logo lhe mandou por uma carta seu grande patriarcha S. Francisco, que exercitasse o officio de ensinar, e que fosse, como foi, o primeiro mestre de theologia e Escriptura sagrada de toda a religião seraphica. De maneira que os Alenses, os Boaventuras, os Escotos e os outros famosissimos doutores d'esta grande Athenas da Egreja catholica, todos foram raios d'aquella primeira luz. Quando ao quarto dia da creação do mundo appareceram no céu o sol, a lua e as estrellas, não diz a Escriptura que creou Deus aquellas luminarias celestes, senão que as poz no firmamento: *Et posuit eas in firmamento*. E se as poz então, quando as creou? Todos os sanctos e interpretes do texto sagrado dizem que foram creadas na luz do primeiro dia, quando Deus disse: *Fiat lux*; e esta primeira luz foi a que o Creador repartiu por todos os planetas e por todas as estrellas sem numero do firmamento.

Assim, pois, como todas as luzes que de dia e de noite allumiam o mundo devem o seu principio o seu nascimento e o seu ser áquella primeira luz; assim todos os astros e constellações seraphicas, que tanto teem allumiado, allumiam e hão de allumiar o mundo até o fim d'elle, ou com a voz em infinitos prégadores ou com a penna em infinitos volumes, todos são raios e rios d'aquella fonte de luz (como a que viu Mardocheu) e todos são resplandores e filhos d'aquelle pae, a quem a immensa e luzidissima familia franciscana póde chamar com razão *Pater luminum*: pae dos lumes. Ainda então não tinha saido á luz o lume da theologia Sancto Thomás, ainda então muitos d'aquelles profundos mysterios que hoje estão tão manifestos, estavam occultos, muitas d'aquellas questões que hoje estão tão declaradas, estavam escuras; é toda aquella silva innumeravel de conclusões e decisões theologicas estava inculta, impenetravel, confusa, intrincada e sem ordem; e o grande Antonio foi o «primeiro» que com o prumo do seu juizo sondou o mais profundo, com o farol do seu ingenho allumiou o mais escuro e com o fio do seu discurso abriu o caminho ao mais intrincado.

Todas as luzes posteriores são rios d'aquella fonte.

Saindo Antonio, ou antes de sair das cadeiras, subiu aos pulpitos; e não ha intendimento que possa comprehender, nem lingua que possa declarar com palavras, a sabedoria, a eloquencia divina, o espirito, a efficacia, a luz e os prodigiosos effeitos da sua doutrina. A aula em que ensinava não eram os templos, por magnificos e mais capazes que fossem; porque não cabia o auditorio senão nos campos. Os dias em que prégava, ainda que fossem feriaes, a sua prégação para que não se tocavam os sinos e só a fama de que havia de prégar, os fazia de guarda. Fechavam-se as officinas, fechavam-se as lojas, fechavam-se as tendas, fechavam-se os tribunaes; e nem os officiaes attendiam ás suas artes, nem os mercadores aos seus interesses, nem os requerentes aos seus pleitos, nem os ministros aos seus despachos; emfim dias sanctos. E se estes dias sanctos não começavam das vesperas, começavam das matinas; porque não só madrugavam os ouvintes, mas á meia noite, como dizem todas as chronicas, se preveniam muitos a tomar o logar nos campos. S. Jeronymo, S. Gregorio, S. Leão Papa e muito particularmente Sancto Agostinho se queixavam do amphitheatro romano, porque lhes tirava os ouvintes. Mas quando em Roma prégava Sancto Antonio os amphitheatros eram os desertos e os desertos e os campos os amphitheatros.

Sua prégação.

Grande maravilha que em uma cidade de tantos passatempos e delicias a sua maior delicia fosse um homem que a despovoasse. Como eram tão innumeraveis os ouvintes não era me-

Renova os prodigios da prégação dos apostolos. *Act.* 2

nor maravilha que todos ouvissem o prégador. Em tanta vastidão de campo e descampado, uns estavam perto do pulpito, outros muito longe; mas tão claramente o ouviamos de longe como os de perto; por signal que não podendo vir ao sermão uma devota mulher, desejosa de ouvir o Sancto, em sua casa, que distava duas milhas, o ouviu como se estivera ao pé do pulpito. Todos ouviam e com maior maravilha todos intendiam o prégador, como se fallasse na propria lingua: porque a lingua do apostolo portuguez era das mesmas com que sobre os de Christo desceu o Espirito Sancto. Isto se viu particularmente em um anno sancto, em que todo o mundo concorre a Roma. Achavam-se no immenso auditorio italianos, hespanhoes, francezes, inglezes, alemães, suecos, dinamarcos, polacos, moscovitas, gregos, armenios, persas, turcos, mouros, ethiopes e todos, como se na cidade de S. Pedro ouvissem ao mesmo S. Pedro, ouviam em uma lingua todas as linguas e cada um a sua: *Audivimus unusquisque linguam nostram, in qua nati sumus.*

S. Francisco seu patriarcha o vai ouvir milagrosamente.

Mas que novo ouvinte de Sancto Antonio é este que estou vendo, nem esperado, nem imaginado por elle? Caso singular e inaudito! Estava Sancto Antonio prégando em um capitulo geral da sua ordem; e o sermão era da cruz: senão quando S. Francisco, que estava em outra cidade muito differente, apparece no ar á vista de todos com os braços abertos em figura de cruz. Sancto patriarcha e seraphico padre, quem nos póde declarar o mysterio d'esta vossa apparição, senão vós mesmo? Tres cousas não intendo: o modo com que viestes aqui; o fim para que viestes; e a fórma em que apparecestes. Quanto ao modo, supposto que não deixastes de estar aonde estaveis, viestes reproduzido; e quem vos reproduziu? Não ha duvida que a sua palavra. Mas quem foi que lhe deu tanta força; a sanctidade do pae ou a do filho? E a que fim ou para quê? Para o mesmo fim que teve o Padre Deus quando appareceu no Thabor. Fallava o Filho da mesma cruz de que fallava Antonio e quiz manifestar a todos o padre seraphico que aquelle era o seu filho amado e encommendar a todos que o ouvissem: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui; ipsum audite.* Finalmente sendo elle seu ouvinte, representou-se de repente em fórma de cruz para mostrar que Antonio, «como o seraphim que lhe imprimira as chagas do Salvador, tinha força» de transformal-o em crucificado.

Gregorio IX o chama arca do Testamento.

E d'onde lhe vinha a Sancto Antonio esta tão extraordinaria efficacia? Vinha-lhe do que dizia e da voz e acção com que o dizia. O que dizia eram tudo verdades tiradas e cavadas das minas das Sagradas Escripturas e particularmente do Evange-

lho. O papa Gregorio IX, que dentro do mesmo anno canonizou a Sancto Antonio, ouvindo-o prégar, chamou-lhe Arca do Testamento; «e queria dizer mais do que soam as palavras:» porque a arca do Testamento só continha as taboas da lei, parte do Testamento velho; mas na memoria e intendimento de Sancto Antonio estavam encerrados os thesouros de ambos os Testamentos e no segundo as palavras de Christo sobre todas as divinas divinissimas. Este era o fino aço do que dizia, forjado na fornalha do coração, limado na agudeza do intendimento e despedido pela lingua em settas; e como as settas eram agudas e a agudeza não era para lisonjear os ouvidos, senão para ferir e penetrar os corações; por isso os povos inteiros caiam a seus pés.

Suspende uma tempestade.

Das acções de Sancto Antonio no pulpito não acho mais que uma só historia. Estando uma vez prégando no campo, toldou-se o céu, começaram a se ouvir trovões com horror e ameaços de grande tempestade; e que fez então o prégador? Moveu uma mão para o mais espesso das nuvens e bastou o poder ou a graça d'este meneio para que emmudecessem os trovões, a tempestade se suspendesse e a nuvem servisse ao auditorio de toldo e ao Sancto de docel. Estes mesmos effeitos causava aos ouvintes o ar das suas acções, que era o compasso das vozes, suspensos todos e mudos na admiração do que viam e ouviam, não havendo em tantos milhares de homens, mulheres e meninos quem rompesse com um ai (e mais havendo muitas lagrimas) a attenção extatica do silencio.

Qual o seu modo de dizer.

O modo de dizer, já moderado, já forte; já mavioso na compaixão; já formidavel e tremendo nas invectivas; em fim qual o requeria a impressão dos affectos; basta suppôr que era tão vivo, tão efficaz, tão poderoso e sem resistencia, como se colhe sem discurso, tanto do que feria, como do que curava.

Do pulpito vai milagrosamente cantar uma lição no côro. Qual deve ser a declamação oratoria.

Só para documento de muitos prégadores e do modo com que se deve fallar no pulpito, não deixarei de ponderar o que succedeu a Sancto Antonio prégando, não uma, senão duas vezes. Prégava na noite de quinta feira maior no tempo em que no seu convento se cantavam as matinas; e lembrado que lhe tocava no côro uma lição, que faria? Parou no que ia dizendo e sem sair do pulpito, appareceu no côro onde foi visto e ouvido de todos cantar a sua lição; e tanto que lá acabou, continuou cá o que ia prégando. Outra vez lhe succedeu similhante caso, presente o Sancto ao mesmo tempo no pulpito e presente no côro; mas com a mesma circumstancia e advertencia que em quanto cantava em uma parte, estava mudo na outra sem fallar palavra. Pois se Sancto Antonio estava no mesmo tempo pre-

...que não cantava e prégava juncta... estar presente em dous logares era ...estas as duas presenças, naturalmente e ...dar junctamente em ambos; por que razão ...não prégava? «Dêem outros mais cabais ...parece que» o mesmo facto está ... que ...ar tão longe do sermão como o ... do ...ores que cantam e pregam no mesmo tempo e ...egam cantando. Mas Antonio ainda que esteves... em logares diversos não quiz cantar e prégar ...po para mostrar quão alheia da musica deve ser ... Isto de prégar cantando é um vicio e abuso que ...luzido nos pulpitos frouxo, fraco, frio e quasi mor..., sem efficacia, sem energia, sem alma: contra to... rhetorica, contra toda a razão, contra toda a arte, contra ... natureza e contra a mesma graça. O prégar não é outra ... que fallar mais alto. Prégar cantando é muito bom para ...ar os ouvidos e conciliar o somno; por onde ainda os ... mais cabeçeam, dormem ao tom do sermão. As vozes do ...gador hão de ser como as caixas e trombetas da guerra, que ...ertam, animam e tocam á arma, como eram as de Sancto ...tonio; por isso todos o ouviram com uma attenção tão vigilante e tão viva, que nem pestanear podiam, quanto mais dormir.

Assim era ouvido Sancto Antonio; e só nos resta saber como se portava com os que o não queriam ouvir. Os herejes rebeldes e obstinados não queriam ouvir os golpes d'aquelle martello, que tanto os feria; e que fez o Sancto para os converter sem que o ouvissem? «Foi á praia, prégou aos peixes, fazendo dos mesmos peixes a rede com que pescou aos homens.» Ambos os lanços assim o do mar, como o da terra foram egualmente venturosos. O lanço do mar pescou os peixes que vieram todos a ouvir da bocca do Sancto a palavra de Deus com a attenção que sabemos; e o lanço da terra pescou os homens; porque os herejes que o não queriam ouvir, com a evidencia e assombro do mesmo milagre cercados e presos dentro na rede e atados de pés e mãos, não tendo para onde fugir, vencidos e convencidos se converteram.

Encobre por muito tempo a sua sabedoria e é reputado por idiota.

VI. Por certo que este famoso exemplo bastava por prova de que a sciencia da qual elle recebeu o *docuerit*, foi a da segunda Pessoa da Sanctissima Trindade. Mas posto que bastasse como prova publica, ainda temos outra maior e mais admiravel, que foi a secreta e occulta. A maior maravilha e o maior milagre do nosso Taumaturgo portuguez não foi o resuscitar

mortos (como resuscitou nove de uma só vez); nem o dominar todos os elementos; nem o ter sempre apparelhada e prompta aos acenos da sua vontade a mesma omnipotencia; mas qual foi? Foi que tendo o peito cheio d'aquella extraordinaria sabedoria adquirida e sobrenatural, que depois rebentou e saiu a publico, ao tempo que a Providencia divina tinha determinado com assombro e pasmo do mundo; elle não se chamando mestre ou doutor, nem ainda discipulo, com o simples nome de Frei Antonio tivesse encoberto e sepultado dentro em si mesmo tudo o que sabia, com tal segredo que fosse reputado de todos por idiota e ignorante. D'aqui nasceu que como tal e de nenhum prestimo ou talento, desestimado e desprezado de seus proprios irmãos, n'aquelle grande capitulo geral em vida de S. Francisco não houvesse guardião ou prelado algum que o quizesse acceitar por subdito e, o que é mais que tudo, que nem elle para remir esta necessidade, desamparo e desprezo, manifestasse a menor luz dos thesouros que debaixo da rudeza e remendos do seu burel estavam encerrados. Oh milagre sobre todos os milagres! Oh prodigio sobre todos os prodigios do mais prodigioso e milagroso de todos os sanctos! Agora havia eu de começar o sermão para cavar no descobrimento d'estas minas o immenso de virtude, de capacidade, de poder, que n'esta unica acção ou missão não de um dia, ou muitos dias, senão de annos sobre annos, reconhece e faz estremecer o juizo humano!

Que difficultoso é encobrir o que se sabe. *Jerem.* 70 *Job.* 4

O mais alto poncto, o mais fino e o mais difficil da sabedoria, não é o saber, é o saber e poder encobrir o que se sabe. Sabía muitas cousas por divina revelação o propheta Jeremias as quaes não podia manifestar e diz assim: *Factus est in corde meo quasi ignis exaestuans claususque in ossibus meis; et defeci ferre non sustinens*. A peça de artilheria carregada, se lhe taparam a bocca e lhe põem fogo, rebenta: não ha bronze que o resista. Tal é diz o propheta o que sei e não posso occultar: arde dentro do meu coração como fogo que me penetra os ossos com tal violencia e tormento, que me faltam as forças, desmaio e não posso soffrer. Eliphaz Themanides o primeiro dos quatro sabios que disputaram com Job escusando-se de lhe haver de dizer o que trazia meditado, ainda que o houvesse de molestar, tomou esta salva: *Conceptum sermonem tenere quis poterit?* Que homem haverá que o que tem concebido no intendimento o possa impedir e ter mão, para que não sáia á lingua? Allude á conceição corporal, á qual necessariamente se segue o parto, sem que haja poder ou força em todas as da natureza que o possa impedir, Ah Jeremias «ah Eliphaz Themanites! Vós sois tão sabios;» e pois no forçoso silencio de não poderdes dizer o

que sabeis se vos aperta tanto o coração pedi a Sancto Antonio que parta comvosco da largueza e capacidade do seu. N'elle tem encerrados todos os segredos da philosophia, n'elle todos os segredos vossos e de toda a Sagrada Escriptura e n'elle todas as revelações e illustrações divinas que continuamente recebe do céu; e nem por isso se lhe aperta ou estreita o peito, antes ardendo dentro n'elle muito maior fogo nem o fumo da menor «vaidade» apparece cá fóra; e estando tão cheio e como rebentando de sabedoria, elle a sabe e póde conter dentro em si mesmo como se a não tivera. O proverbio humano diz: *Scire tuum nihil est, nisi te scire hoc sciat alter*: todo o vosso saber é nada se ninguem sabe o que vós sabeis. D'onde se segue que «occultando» Sancto Antonio o que sabia, com esta acção aos outros homens quasi impossivel, anniquilou toda a sua sabedoria.

Imita o Verbo incarnado escondido na casa de Nazareth.

De tudo o que até agora tenho dicto claramente terão intendido os que não só ouviram com os ouvidos, senão com os olhos abertos, que toda a sabedoria de Sancto Antonio e muito mais n'esta ultima circumstancia de a encobrir foi participação e influencia da segunda Pessoa da Sanctissima Trindade, que lhe deu o *docuerit*. Antes de a mesma Pessoa, o Verbo divino incarnado, sair a ensinar, que fez? O mesmo nem mais nem menos que Sancto Antonio. Quando Christo em sua menoridade perdido, foi achado no templo entre os doutores; não sómente admirados elles, mas pasmados, como diz o Texto, do que perguntava, do que respondia e do que sabia, parece que deviam dizer os paes, isto é, S. José e a Senhora: Este menino não está perdido em Jerusalem: em Nazareth é que está perdido: deixemol-o ficar entre os doutores. Mas não foi assim. Tornou para Nazareth e alli se exercitava ou serrando ou acepilhando um madeiro com José e levando os cavacos á Mãe, para que dos suores de ambos guizasse o de que se haviam de sustentar todos tres. D'esta maneira esteve eclipsado por muitos annos aquelle divino Sol e reputada a sua Sabedoria por ignorancia, até que saiu a allumiar o mundo. Pode haver maior retrato ou mais vivo original de Sancto Antonio? Em seus primeiros annos em habito de conego regrante com nome de Dom Fernando, sendo a fama da universidade de Coimbra e a admiração dos seu doutores; e depois trocando a murça com o burel e mudando o nome de Fernando em Antonio para desbaptizar a sua sabedoria, o que fez em Italia entre os seus frades foi a profissão de idiota e ignorante, servindo na cozinha e nos outros exercicios mais baixos e humildes da casa, com que elle se escusou, quando a primeira vez foi mandado prégar. Assim imitou

pelos mesmos passos o nosso filho de S. Francisco ao Filho do Eterno Padre, sendo certo (reparae muito no que agora digo) sendo certo que a um e outro filho mais difficultoso foi o estudo da ignorancia que o uso da sabedoria. Exposto «Frei Antonio» aos olhos, ouvidos e linguas não de uma mas de muitas communidades e communidades de gente regular, cujos olhos são os mais agudos para vêr, cujos ouvidos os mais despertos para ouvir e cujas linguas as mais promptas para não perdoar, e todos por tudo os mais linces para nada se lhes esconder, estudou e se desvelou a sua humildade «até o poncto de conseguir a opinião» de idiota: estudo tanto mais difficultoso á natureza e á honra, quanto é mais custoso á presumpção abater as sobrancelhas, que queimar as pestanas. Mas isto se intende d'aquella sciencia que se apprende nas escholas publicas da vaidade e não debaixo do magisterio secretissimo da Divindade, cuja segunda Pessoa, como lhe tinha dado, para se esconder o exemplo; assim lhe communicou, para ensinar, o *docuerit*.

Ao Espirito Sancto attribue-se a sanctidade que é o mais excellente dos attributos divinos. *Isai.* 6. *Dionys. de div. nom. c.* 12.

VII. Declarada a verdade e o modo com que a primeira Pessoa da Sanctissima Trindade deu a Sancto Antonio «o poder» a Segunda «o saber», resta que vejamos como a Terceira lhe deu a «sanctidade». E se n'esta distribuição de suas grandezas, tocou ao Padre o *fecerit* pela attribuição da omnipotencia e ao Filho o *docuerit* pela attribuição da sabedoria; não menos propriamente pertence ao Espirito Sancto, o *vocabitur magnus in regno coelorum* pela attribuição da sanctidade, que significa o mesmo nome de Sancto, o qual sendo commum a todas as Pessoas Divinas, é proprio e especial da Terceira. No céu aonde só os nomes são verdadeiros o nome de Sancto como maior e mais excellente, é tambem o unico e sobre todos com que Deus é louvado. Aquelles seraphins que assistiam perpetuamente ao throno de Deus o que cantavam a córos, como diz o propheta Isaias, era *Sanctus, Sanctus, Sanctus. Sanctus* ao Padre, *Sanctus* ao Filho, *Sanctus* ao Espirito Sancto e tres vezes nem mais nem menos, porque cantavam á Sanctissima Trindade. Mas se as perfeições da Sanctissima Trindade são tão infinitas como o mesmo Deus e os cantores eram seraphins, os espiritos e intendimentos supremos de toda a côrte do céu; porque não variavam a musica e os louvores, assim como alternavam as vozes? Porque sendo tambem infinitos os nomes de Deus, nenhum ha que mais lhe agrade que o nome de Sancto por ser este sobre toda a excellencia o mais excellente. Assim responde o grande Dionysio Areopagita no admiravel livro que compoz *De divinis nominibus*.

que sabeis se vos an[illegible] céu é o maior e mais can-
nio que parta [illegible] o proprio da terceira Pes-
tem encerra[illegible] o que ella tomou para si e deu
os segredo[illegible] vejamos quanto deu, saibamos
das as re[illegible] Na Sanctissima Trindade o Padre é
cebe do [illegible] é espirito e sancto: o Espirito Sancto
antes a[illegible] Pois se este nome é commum a todas as
menor [illegible] o tomou a terceira Pessoa por particu-
reben[illegible] porque este nome era o que melhor nos po-
si m[illegible] egualdade que tem o Espirito Sancto com o Pa-
re [illegible] Filho n'aquella mesma differença em que parece
be[illegible] egual. Ora vêde. A Pessoa do Padre gera o Fi-
q[illegible] do Padre e do Filho produzem o Espirito Sancto:
[illegible] Pessoa do Espirito Sancto nem só, como o Padre; nem
[illegible] como o Padre e o Filho, produz outra Pessoa di-
[illegible] porque não é possivel outra. Logo parece que não é egual
[illegible] Pessoa do Espirito Sancto á do Padre e á do Filho. E se são
[illegible] como verdadeiramente são, *qualis Pater, talis Filius, talis Spiritus Sanctus;* esta que parece desigualdade e verdadeiramente é differença muito notavel, com que se suppríu? Com o nome de Sancto.

Imita o Verbo incarnado escondido r casa de Na reth.

Com o nome de Sancto, digo, não só como commum a todas as Pessoas da Sanctissima Trindade, mas como proprio da Terceira. Não é o Espirito Sancto como o Pae que gera outra Pessoa divina, qual é o Filho; mas é sancto como o Pae: não é como o Filho, que com o Pae produz outra Pessoa divina, qual é o mesmo Espirito Sancto; mas é Sancto como o Filho. E como é egual ao Padre e ao Filho no nome, não de Sanctidade accidental senão substancial, nem recebida de outrem, mas propria; porque é sancto como o Pae, ainda que não seja Pae e porque é sancto como o Filho, ainda que não seja Filho; é tão egual e tão Deus como o mesmo Filho e como o mesmo Pae.

Proprio é tambem do Espirito Sancto o sanctificar. 1. Cor. 12 Suarez de Trin. lib 2. c 5 Luc. 1 Bern. serm. 4 sup. miss.

D'este nome proprio de Sancto fundado na sanctidade substancial da terceira Pessoa da Sanctissima Trindade, se deriva com a mesma propriedade natural o de Sanctificador, sanctificando e distribuindo a mesma sanctificação, como absoluto e independente Senhor, como e a quem quer: *Divisiones gratiarum sunt, idem autem Spiritus dividens singulis prout vult:* diz S. Paulo. E o maior exemplo d'este poder, como notam os theologos e o mais similhante ao que logo veremos em Sancto Antonio, foi o do mysterio ineffavel da Incarnação do Verbo. Trazendo o anjo Gabriel esta embaixada (a que só a grandeza de um animo capaz de receber dentro em si a todo Deus pu-

ira ter que replicar), respondeu ao repáro da Senhora: Que ,uella obra, quanto ao modo não teria nada de humana; porque assim como a Pessoa que havia de incarnar era a Segunda da Sanctissima Trindade, assim os soberanos artifices da mesma união seriam a primeira Pessoa que é o Altissimo e a Terceira que é o Espirito Sancto: *Spiritus Sanctus superveniet in te; et virtus Altissimi obumbrabit tibi.* E que se seguiriam d'estes dous concursos unidos em um, ambos divinos e no mesmo sujeito? O mesmo anjo declarou que seriam dous effeitos e dous nomes tão ineffaveis, como o proprio composto: um que se chamaria Filho de Deus e outro que seria por antonomasia o Sancto: *Ideoque et quod nascetur ex te Sanctum vocabitur Filius Dei.* S. Bernardo ponderando «estas» palavras, admirado da novidade do termo exclama: *Ut quid ita simpliciter Sanctum et absque additamento?* Sancto e simples e absolutamente sem additamento, que é isto? É o que disse o anjo do Verbo depois de incarnado e o que quiz o Espirito Sancto que (quanto é licito comparar ou equiparar por similhança extremos tão infinitamente distantes) se verificasse de Sancto Antonio: *Sanctum et absque additamento.*

Sancto Antonio chamado o sancto. *Ps.* 8

Sancto Antonio em Padua, aonde tem o seu sepulchro, não se chama Sancto Antonio, senão o Sancto por antonomasia e sem additamento—Vou ao Sancto, venho do Sancto—sem outro nome, quer dizer—Vou a Sancto Antonio; Venho de Sancto Antonio. E para que se veja que isto foi não por affecto ou devoção particular humana, senão por instincto divino, inspirado pelo mesmo Espirito; quando Sancto Antonio passou d'esta vida, temendo os seus religiosos que o povo o não deixasse sepultar, resolveram a ter a morte em segredo até lhe darem sepultura com as portas fechadas. Mas os meninos por divino instincto no mesmo instante em que espirou começaram a bradar por todas as ruas: Morreu o Sancto, morreu o Sancto. E como *Ex ore infantium perficisti laudem*, também elles como linguas do céu o nomeavam por Sancto sem additamento. Oh excellencia grande de Sancto Antonio! Sancto sem additamento e por isso com muita razão Sancto Antonio de Padua, porque só Padua lhe acertou com o nome proprio, sendo que teve muitos nomes. Em Lisboa se chamou no baptismo Fernando: em Coimbra na mudança de habito se chamou Antonio; e só Padua lhe acertou com o verdadeiro nome: Sancto e nada mais, porque é mais que tudo: *Sanctum sine additamento.*

Analogia da sua sanctidade com a processão do

VIII. E posto que para provar a vocação ou imposição d'este nome parece que bastava a verdade do que acabo de referir; para que este ultimo discurso se parecesse com os dous pas-

Espirito Sancto. Joan. 8, 15

sados determinei mostrar «mais largamente, que em Sancto Antonio o *magnus vocabitur in regno coelorum* se intende segundo a analogia da processão do Espirito Sancto.» Fallando Christo da sua processão, em quanto segunda Pessoa da Sanctissima Trindade e da processão do Espirito Sancto em quanto terceira Pessoa, de si diz que procedeu: *Ego ex Deo processi;* e do Espirito Sancto diz que procede: *Spiritum veritatis qui a Patre procedit.* As processões assim do Filho como do Espirito Sancto ambas foram *ab aeterno.* Pois como fallando Christo de uma e outra, da sua diz que procedeu do preterito, *processi*, e da do Espirito Sancto diz que procede do presente, *procedit?* A razão é, porque ás processões eternas *ad intra* ajunctou o Senhor as temporaes *ad extra*, quando o Filho e o Espirito Sancto vieram a este mundo. Expressamente consta de um e outro texto; porque no primeiro accrescenta *veni*, e no segundo *Cum venerit:* no primeiro, *Ego ex Deo processi et veni;* e no segundo: *Cum venerit Paraclitus qui a Patre procedit.* Diz pois Christo, fallando de si que procedeu e veio de preterito, porque de tal maneira veio do Padre a este mundo, que tornou outra vez para o mesmo Padre. Pelo contrario do Espirito Sancto diz de presente que procede e vem; porque de tal maneira veio que sempre vem e sempre está vindo, communicando a todos os seus dons e graças. A questão foi agudamente excitada pelo Abade Ruperto; e a solução tembem é sua com uma não menos aguda e bem fundada advertencia. E porque a segunda Pessoa da Sanctissima Trindade veio á terra e depois tornou para o céu; e a Terceira veio, porém não tornou, mas está sempre comnosco em todo o tempo e em todo o logar; esta mesma graça de estar sempre comnosco communicou o mesmo Espirito Sancto a Sancto Antonio; e para que fosse primeiramente em todo o tempo não só lh'a concedeu em vida, senão tambem depois de morto. Os outros sanctos geralmente n'este mundo trabalharam, padeceram, glorificaram a Deus, serviram ao proximo, venceram o demonio, pizaram o mundo, mortificaram a carne; com o exercicio das virtudes cultivaram as almas proprias; com a palavra e o exemplo as alheias; bons para si e fazendo bem a todos. Isto em quanto viveram: acabada, porém, feliz e constantemente a carreira da vida, deixaram este mundo e foram-se para o céu a gozar o fructo dos seus trabalhos e descançar d'elles. Bem assim como Christo o qual *post impletam totam dispensationem tandem assumptus est.* Pelo contrario Sancto Antonio imitando tambem a Pessoa do Espirito Sancto pela prerogativa do nome em ficar comnosco, «segundo a phrase do mesmo Sancto doutor,» *As-*

Rup. l. 1. de process. s. s. c. 11

sumptus non est sed in generationes transit omnes. Quatrocentos e vinte e septe annos-faz hoje, que Sancto Antonio foi tomar posse do eminentissimo logar que tem na côrte do céu como grande d'ella, *Magnus in regno coelorum;* mas nem por isso em todos os annos e dias de tantos seculos deixou de estar sempre comnosco na terra, nada menos poderoso e vigilante em nos assistir, acudir e ajudar, senão muito mais, que quando vivia. Quando vivia (que é a segunda parte da mesma prerogativa) estava junctamente em differentes logares, agora está em todos os do mundo; e se hoje o não vê na propria pessoa, vemol-o nos mesmos e maiores effeitos.

Sancto Antonio é tambem espirito consolador. *Ezech.* 37 *Act.* 2 *Sap.* 1

Pouco tivera feito o Espirito Sancto em dar a Sancto Antonio o nome de Sancto se lh'o não dera acompanhado das outras partes de que inteiramente se compõi o seu proprio nome. O nome de terceira Pessoa da Sanctissima Trindade pelo que é em si e pelo que obra em nós compõi-se inteira e ineffavelmente d'estas tres palavras; Espirito, Sancto, Paraclito: *Spiritus Sanctus Paraclitus*. E por virtude e extensão do mesmo *vocabitur magnus in regno coelorum* não só communicou a mesma Pessoa a Sancto Antonio o nome de Sancto, senão tambem o antenome de Espirito e o sobrenome de Paraclito: o de Espirito, cuja propriedade é extender-se a todas as quatro partes do mundo, como diz Ezechiel: *A quatuor ventis insuffla Spiritus*; e o de Paraclito que quer dizer consolador, para que em todas as partes do mesmo mundo assistisse como espirito, e em todas fosse consolador, como é de todos os que tivessem necessidade de consolação. Quando o Espirito Sancto desceu do céu, veio em figura «de vento para mostrar sensivelmente que elle é Espirito» *Spiritus vehementis;* e em figura de linguas de fogo; *Linguae tamquam ignis;* não só pelo que então significava nos apostolos, senão pelo que depois havia de obrar com todos; porque os havia de allumiar e alentar com a luz e consolação das suas vozes. E quem não vê n'estas mesmas figuras retratado hoje a Sancto Antonio? Depois que a sua alma se despiu do corpo, elle ficou espirito e do corpo só lhe ficou a lingua incorrupta e incorruptivel como o fogo: o espirito para a assistencia universal de todo o mundo e a lingua para consolação tambem universal de todos em qualquer parte d'elle. N'este mesmo dia e n'esta mesma hora em que nós celebramos a Sancto Antonio na America, o celebram e festejam com muito maiores demonstrações de solemnidade na Europa, na Africa, e na Asia todas as nações e todos os estados do mundo; e porquê? Porque nenhuma nação nem estado ha n'elle, grande ou pequeno, que nos trabalhos e necessidades, a que todos estão expostos, não

invoque e chame por Sancto Antonio; e nenhuma voz ha dos que o invocam, a que elle não responda: Aqui estou. É verdade que o não vemos com os olhos; mas vemol-o nos effeitos. Isto é ser invisivel como espirito e effectivo como consolador. E senão digam-no todos em todo o tempo e logar: os lavradores no campo, os navegantes no mar, os soldados na guerra, os mercantes nos commercios, os pleiteantes nas demandas, os requerentes nos despachos, os prezos nos carceres, os captivos nas masmorras, os infermos nas doenças, os agonizantes na morte e até os mortos nas sepulturas; porque não ha logar, nem estado tão alheio de toda a esperança e remedio a que as consolações d'este paraclito universal se não extendam.

É verdadeiro Noé. *Gen.* 5

O maior trabalho e o mais universal do mundo, de que ninguem e nenhuma cousa escapou, foi o diluvio de Noé; e este nome de Noé lhe poz seu pae Lamech, que era propheta, dizendo: *Iste consolabitur nos*: este nos consolará; porque Noé na lingua hebraica quer dizer Consolador e Consolação. E cumpriu-se a prophecia e significação do seu nome no mesmo Noé; porque elle foi o restaurador e reparador do mundo e o consolador e a consolação d'aquella perda universal e immensa, em que se incluiram todas as da fazenda, as da fortuna, as da natureza, as da vida e as de quanto em mil e seiscentos e cincoenta e seis annos tinha cultivado o trabalho, acquirido a cubiça, levantado a ambição e multiplicado e gerado a propagação humana. Então prometteu Deus que não haveria mais outra perda universal como aquella; mas deixou o mesmo mundo sujeito a tantas outras particulares, ou livres, ou violentas (sobre as da mesma fragilidade natural de então para cá mais enfraquecida) que apenas ha casa, familia, nem pessoa, nem dia n'este valle de lagrimas, livre de tristezas, afflicções e trabalhos, para cuja consolação não ha outro consolador e paraclito mais prompto e mais familiar e domestico e que invocado diga Aqui estou, como Sancto Antonio. De quão vivas, efficazes e effectivas sejam as razões da sua lingua para a cousolação das mais desesperadas tristezas e afflicções podera referir muitos casos, todos admiraveis: dos quaes só contarei um, por ser succedido em nossos dias; e me parecer que do mundo velho, onde foi mui celebrado, ainda não passou ao novo.

Ultima prova em um caso recente.

Na cidade de Napoles estava sentenciado á morte um pobre homem, a qnem não valeram arrazoados, nem embargos, nem, como elle dizia, a propria innocencia: prevalescendo contra tudo a prova das testimunhas. Com o triste desengano de haver de sair a justiçar ao outro dia, fez á ventura uma petição, a qual entregou a sua mulher egualmante afflicta, para que a le-

vasse ao vice-rei; e lançada a seus pés, o procurasse mover com suas lagrimas a que ao menos lhe commutasse o castigo em outro que não fosse de morte. Foi a desconsolada requerente a palacio; mas não teve entrada, porque aquellas portas, sempre patentes aos ricos e poderosos, só para os pobres, que não teem nem podem, costumam de ordinario estar fechadas. E que faria sobre esta desesperação a miseravel? Devia ser boa christã: resolveu-se a bater ás portas do céu, pois que achava fechadas as da terra. Vai-se á egreja de Sancto Antonio; e entre lagrimas e solluços pôi a petição sobre o altar aos pés do Sancto, dizendo, que pois tinha nos braços o Rei não só dos vice-reis, mas dos reis, d'elle esperava o seu despacho, o qual viria buscar ao outro dia. Ainda não tinha bem amanhecido, quando a que esperava que as portas da egreja se abrissem, chegou ao altar, aonde achou o seu papel, ao que mostrava, sem nenhuma mudança. Abriu-o, viu que tinha mais escriptura: pediu, porque não sabia ler, que lh'a declarassem; e como lhe dissessem que continha o perdão do vice-rei e que logo pozessem ao condemnado em sua liberdade, já se vê como correria alegre a lhe levar a nova e a vida. Presentou, o despacho ao carcereiro; o qual, porém, o teve por novo crime, intendendo que a lettra e a firma era furtada. Eis aqui trocada outra vez a tristeza em novo susto. Levou o carcereiro o papel ao secretario, que tambem confirmou o furto da lettra, admirado da grande similhança e propriedade d'ella; e suppondo que o caso pedia nova inquirição e exame, para ser cortada a mão que tal escrevera, e não imaginando, nem lhe passando por pensamento o que o vice-rei poderia responder, lhe presentou aberta a petição. Mas oh Antonio, verdadeiro e universal paraclito! Oh Antonio, piedoso consolador e certissima consolação de todos os angustiados e afflictos! Oh lingua viva e immortal! Oh lingua mais eloquente o poderosa oradora para convencer intendimentos e trocar vontades e para render a divina e as humanas á vossa! Respondeu o vice-rei, que a lettra não era fingida, senão sua, e que elle escrevera o despacho e o firmara de sua mão. E dando a causa de não só haver moderado a sentença, mas de absolver totalmente o réo solto e livre; Este mesmo papel, disse, me trouxe aqui um fradinho de S. Francisco, que me disse taes cousas e com tal efficacia, que eu não pude deixar de fazer e escrever o que elle quiz. Executou-se o perdão; divulgou-se o caso; pasmaram os que conhecem o seu poder e as suas maravilhas sem admiração nem novidade; só diziam: Isto é ser Sancto Antonio. E eu que direi? Só digo, que a terceira Pessoa da Sanctissima Trindade tem bem desempenhado n'este discur-

so o *Vocabitur magnus in regno coelorum:* pois para dar o Espirito Sancto inteiramente a Sancto Antonio todo o seu nome não só lh'o deu em quanto Sancto, senão tambem em quanto Espirito e em quanto Paraclitico.

Conclusão. Tres documentos a tres classes de pessoas.

IX. Tenho acabado, posto que mais largamente do que eu quizera, as tres partes do meu discurso. E para que imitando a Sancto Antonio em todas ellas, offereçamos tambem algum obsequio á fiel veneração das tres Pessoas da Sanctissima Trindade; do que o nosso Sancto imitou em cada uma, tiremos muito brevemente tres documentos. O primeiro, para os que a fortuna fez poderosos; o segundo, para os que o estudo fez sabios; o terceiro, para os que a profissão deve fazer Sanctos.

Imitar, como Sancto Antonio a Sanctissima Trindade. Gen. 1

Todo o homem tem obrigação de ser similhante á Sanctissima Trindade. Por isso Deus não só em quanto Um, senão em quanto Trino (fallando entre si as tres Pessoas Divinas) quando creou o homem, disse: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram:* façamos o homem á nossa imagem e similhança. Se o poderoso poder moderar o que póde, usando do poder só para o bem, será similhante á Pessoa do Padre; e imitará a Sancto Antonio no *Fecerit*. Se o sabio souber encobrir a seu tempo o que sabe e só manifestar o que convem; será similhante á Pessoa do Filho; e imitará a Sancto Antonio no *Docuerit*. Se o que deve ser Sancto, estimar a verdade d'este nome sobre todos os titulos do mundo, será similhante á Pessoa do Espirito Sancto; e imitará a Sancto Antonio no *Vocabitur magnus in regno coelorum*. D'esta maneira o poder moderado, a sabedoria bem intendida e a sanctidade sobre tudo estimada lhe alcançarão a solida e eterna grandeza, não na terra, aonde tudo é pequeno e pouco, senão no céu, aonde tudo é muito grande: *Qui fecerit et docuerit hic magnus vocabitur in regno coelorum*.

(Ed. ant. tom. 15, pag. 133, ed. mod. tom. 10, pag. 82.)

II. SERMÃO DE SANCTO ANTONIO **

PRÉGADO EM ROMA, NA EGREJA DOS PORTUGUEZES
NA OCCASIÃO EM QUE O MARQUEZ DE MINAS
EMBAIXADOR EXTRAORDINARIO DE PORTUGAL
FEZ A EMBAIXADA DE OBEDIENCIA AO PAPA CLEMENTE X

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—**O assumpto, disposição e estylo d'este panegyrico fazem-no um verdadeiro brilhante Note-se em particular a opportunidade do assumpto: sendo a primeira vez que Roma reconhecia o reino de Portugal, vinte e oito annos depois da sua independencia.**

Vos estis lux mundi.
S. Matth. 5.

Nasce Sancto Antonio em Portugal e morre em Italia porque é luz do mundo.

A um portuguez italiano celebra hoje Italia e Portugal. Portugal a Sancto Antonio de Lisboa, Italia a Sancto Antonio de Padua. De Lisboa, porque lhe deu o nascimento, de Padua porque lhe deu a sepultura. Assim foi; mas eu cuidava que não havia de ser assim. José, o prodigioso José, o que tanto cresceu fóra de sua patria, mandou que seu corpo fosse levado a ella e não ficasse no Egypto. Em Egypto obrou as maravilhas, em Egypto recebeu as adorações; mas não quiz que descançassem seus ossos na terra onde reinara, senão na terra onde nascera. Quiz que conhecesse a sua patria que estimava mais a natureza, que as fortunas. Antes quiz uma sepultura raza em septe pés de terra propria, que os mausoleos e as pyramides egypcias na extranha. Assim cuidava eu que á lei de bom portuguez devia fazer tambem Sancto Antonio. Mas quando por parte da patria me queria qneixar de seu amor, atalhou-me o evangelho com a sua obrigação: *Vos estis lux mundi*. Reparai, diz o evangelista, que Antonio foi luz do mundo. Foi luz do mundo? Não tem logo que se queixar Portugal. Se Antonio não nascera para sol, tivera a sepultura onde teve o nascimento; mas como Deus o creou para luz do mundo, nascer em uma parte e sepultar-se na outra é obrição do sol. Se Lisboa foi a aurora do seu oriente, seja Padua a sepultura do seu occaso.

Seu mausoleu em Padua e sua casa em Lisboa.

Levante Padua glorioso mausoleu ás sagradas reliquias de Antonio e veja-se esculpida nas quatro fachadas d'elle a obediencia dos quatro elementos sujeitos a seu imperio: a terra com os animaes prostrados, o mar com os peixes ouvintes, o ar com as tempestades suspensas, o fogo com os incendios parados. Pendurem-se nas pyramides por tropheos os despojos innumeraveis de sua beneficencia, as bandeiras dos vencedores, as anchoras dos naufragantes, as cadeias dos captivos, as mortalhas dos resuscitados, e dos infermos de todas as infermidades os votos; e por alma de todo este corpo milagroso veja-se (como hoje se vê) e adore-se em custodia de cristal a mesma lingua de Antonio depois da morte, viva; antes da resurreição, resuscitada; apezar da terra, incorrupta; apezar das cinzas, inteira; apesar da sepultura, immortal; apezar dos tempos, eterna. Isto é o que Italia vê em Padua. E em Lisboa que vê Portugal e o mundo? «Não sómente vê a» Antonio sobre os altares com as mãos carregadas de memoriaes, como primeiro valido de Deus e como bom valido, despachados; «mas vê tambem» a casa onde nasceu convertida e consagrada com magnificencia real em sumptuoso templo; e vê-se com religiosa razão de estado fundado sobre as abobadas do mesmo templo o capitolio ou o senado d'aquella triumphante cidade — d'aquella cidade, digo, que depois de pôr freio ao nunca domado Oceano descobriu, conquistou, sujeitou e uniu á Egreja romana aquelles vastissimos membros do corpo do mundo, de que Roma é cabeça.

Sancto Antonio dividido entre Portugal e Italia.

N'este templo e n'aquelle sepulchro se vê dividido Antonio entre Portugal e Italia; e n'estes dous horizontes tão distantes se vê dividida a luz do mundo entre Padua e Lisboa. Gloriosa Padua que póde dizer: Aqui jaz; gloriosa Lisboa que póde dizer: Aqui nasceu.

Foi Sancto Antonio luz do mundo porque foi verdadeiro portuguez.

Mas qual das duas mais gloriosa? Não quero decidir a questão; dividil-a sim. Fiquem as glorias de Sancto Antonio de Padua para a eloquencia elegantissima dos oradores de Italia; e eu que me devo accomodar ao logar e ao auditorio só fallarei hoje de Sancto Antonio de Lisboa. Para louvor, pois, do Sancto portuguez e para honra e doutrina dos portuguezes que o celebramos, reduzindo estes dous intentos a um só assumpto e fundando tudo nas palavras do Evangelho *Vos estis lux mundi;* será o argumento do meu discurso este: que Sancto Antonio foi luz do mundo, porque foi verdadeiro portuguez. Declaro-me. Bem podera Sancto Antonio ser luz do mundo sendo de outra nação. Mas uma voz que nasceu portuguez, não fôra verdadeiro portuguez se não fôra luz do mundo: porque o ser luz do

mundo nos outros homens é só privilegio da graça; nos portuguezes é tambem obrigação da natureza. Isto é o que hoje hão de ouvir os portuguezes de si e do seu portuguez. *Ave Maria.*

II. *Vos estis lux mundi.* Falla Christo n'estas palavras com os apostolos e n'elles com todos seus successores, os varões apostolicos; e porque a obrigação do officio apostolico é allumiar o mundo com a luz do evangelho, por isso lhes dá Christo por titulo o mesmo caracter da sua obrigação, chamando-lhes luz do mundo. Esta prerogativa tão gloriosa que nas outras nações é graça particular das pessoas, nos portuguezes, não é só particular das pessoas, senão universal de toda a nação. A Pedro e a João disse Christo que eram luz do mundo: mas ainda que Pedro e João eram galileus, não o disse a toda a Galiléa. A Basilio e Athanasio disse Christo que eram luz do mundo; mas ainda que Basilio e Athanasio eram gregos, não o disse á Grecia. A Cypriano e Agostinho disse Christo que eram luz do mundo; mas ainda que Cypriano e Agostinho eram africanos, não o disse a toda a Africa. A Antonio, porém, disse-lhe Christo que era luz do mundo e não só o disse a Antonio que era portuguez, senão tambem a todos os portuguezes. E qual é ou qual pode ser a razão d'esta differença tão notavel? A razão é, porque os outros homens por instituição divina teem só a obrigação de ser catholicos, o portuguez tem a obrigação de ser catholico e de ser apostolico: os outros christãos teem a obrigação de crer a fé; o portuguez tem a obrigação de a crer e mais de a propagar. E quem diz isto? S. Jeronymo ou Sancto Antonio? Não. o mesmo Christo que disse: *Vos estis lux mundi.*

As palavras do texto applicadas aos portuguezes.

É gloria singular do reino de Portugal que só elle entre todos os reinos do mundo foi fundado e instituido por Deus. Bem sei que o reino de Israel tambem foi feito por Deus: mas foi feito por Deus só permissivamente e muito contra a sua vontade; porque teimaram os israelitas a ter rei, como as outras nações. Porém o reino de Portugal quando Christo o fundou e instituiu apparecendo a el-rei (que ainda o não era) D. Affonso Henriques, as palavras que lhe disse foram: *Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteras gentes; ut sint messores mei in terris longinquis.* Como o reino de Portugal havia de ser tão filho da Egreja catholica e lhe havia de fazer no mundo tão relevantes serviços, quiz Christo que a sua instituição fosse muito similhante á da mesma Egreja. A S. Pedro disse Christo: *Tu es Petrus et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam.* A D. Affonso disse Christo: *Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire.* A S. Pedro disse: Quero fundar em ti uma Egreja não tua senão minha.

Apparição de Christo a D. Affonso Henriques. Fundação do reino de Portugal e fundação da Egreja.

Ex alfons. jur.

Matth. 16

Ecclesiam meam: a D. Affonso disse: Quero fundar em ti um imperio não para ti, senão para mim: *Mihi stabilire.* A S. Pedro na instituição da Egreja não disse: *In te et in semine tuo:* porque como o imperio da Egreja era universal sobre todas as nações do mundo, quiz que todas as nações tivessem direito á eleição da tiara: o hebreu como Pedro, o grego como Anacleto, o romano como Gregorio, o allemão como Victor, o francez como Martinho, o hespanhol como Calixto, o portuguez como Damaso. Mas na instituição do reino de Portugal disse Christo: *In te et in semine tuo,* porque era reino particular de uma só nação: quiz que fosse hereditario e não electivo para que se continuasse na successão e descendencia do mesmo sangue. E porque tudo isto e para que? Não para o fim politico, que é commum a todos os reinos e a todas as nações: senão para o fim apostolico, que é particular d'este reino e d'esta nação. O mesmo Christo o disse nas palavras com que o instituiu: *Ut deferatur nomen meum in exteras gentes* para que por meio dos portuguezes seja levado meu nome ás gentes extranhas. Ainda não sabía o mundo que gentes extranhas fossem estas: mas d'ahi a quatrocentos annos, quando tambem o mundo se conheceu a si mesmo, então o soube. Vêde se foi instituição apostolica. De S. Paulo disse Christo: *Ut portet nomen meum coram gentibus.* Dos portuguezes disse o mesmo Christo: *Ut deferatur nomen meum in exteras gentes.* Aos apostolos disse Christo: *Videte regiones quae albae sunt ad messem*: aos portuguezes disse o mesmo Christo: *Ut sint messores mei in terris longinquis.* Quando Christo appareceu a el-rei D. Affonso, estava elle na sua tenda lendo a historia de Gedeão, não só com um, mas com dous mysterios: primeiro para que o rei não desconfiasse da promessa, vendo que os seus portuguezes eram poucos: segundo para que os mesmos portuguezes intendessem que, como os soldados de Gedeão, em uma mão haviam de levar a trombeta e na outra mão a luz; porque Deus os havia de escolher para luz do mundo: *Vos estis lux mundi.*

Act. 9

Sancto Antonio verdadeiro portuguez em quatro movimentos da sua luz.

III. Supposta esta verdade tão authentica para que vejamos distinctamente quão bem se desempenhou Sancto Antonio da obrigação de verdadeiro portuguez e do titulo de luz do mundo considero eu na sua luz quatro movimentos muito particulares: primeiro deixar a patria: segundo embarcar-se e metter-se no mar: terceiro dedicar a vida a conversão dos infieis: quarto vir a Roma onde estamos e dar obediencia ao vigario de Christo, como Portugal lh'a deu agora solemnemente e com tanta solemnidade. Parecem muitos os movimentos; mas como são de luz serão breves.

Saiu Antonio da patria como luz do mundo e saiu como portuguez. Sem sair ninguem póde ser grande. *Egredere de terra tua et faciam te in gentem magnam*; disse Deus ao pae da fé: saiu para ser grande. Assim o fez o grande espirito de Antonio e assim era obrigado a o fazer, porque nasceu portuguez. Nascer pequeno e morrer grande é chegar a ser homem. Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o nascimento e tantas terras para a sepultura. Para nascer Portugal, para morrer o mundo. Perguntae a vossos avós: Quantos sairam e quão poucos voltaram?

1.º Sai da sua patria. *Gen.* 12

Funda-se esta pensão de sair da patria na obrigação de ser luz do mundo. Como podera Sancto Antonio ser luz de França e de Italia senão saira de Portugal? Para Abrahão levar a fé á Palestina houve de sair de Caldéa: para Christo derribar os idolos do Egypto, houve de sair de Nazareth: ambos desterrados da patria; mas ambos como luz desterrando trevas. Não se póde plantar a fé sem se transplantarem os que a semeiam. Não debalde disse Christo *Pater meus agricola est*. Houve-se Deus com os portuguezes como agricultor de luzes. Semeia o agricultor em pouca terra o que depois ha de dispor em muita. Pouca terra era Portugal; mas alli fez Deus um seminario de luz para a transplantar pelo mundo. Creou Deus a luz no primeiro dia: passou o segundo, passou o terceiro, e ao quarto dia dividindo aquella mesma luz que tinha creado, formou d'ella o sol, a lua e as estrellas e repartiu-as por todo o firmamento. Pergunto: E esses planetas, esses astros, esses signos e essas constellações, porque as não formou Deus logo no primeiro dia, senão depois? O mysterio foi, diz S. Basilio, porque quiz o supremo artifice do universo debuxar no rascunho da natureza a traça que havia de seguir nas obras da graça. É o que vimos na conversão do mundo novo. Assim como a luz material primeiro a creou Deus juncto em um logar e depois a repartiu d'alli por todas as regiões do céu e sobre todas as da terra; umas estrellas ao polo artico, outras ao antartico; umas ao norte, outras ao sul; umas ao septentrião outras ao meiodia; assim para allumiar o novo mundo, que tantos seculos havia de estar ás escuras sem ser conhecido dos homens, nem ter conhecimento do verdadeiro Deus, que fez o auctor da graça? Creou primeiro e conservou separado em Portugal aquelle seminario escolhido de fé e de luz para que d'alli dividida e repartida a seu tempo, umas luzes fossem allumiar a Africa, outras a Asia, outras a America: umas ao Brazil, outras á Ethiopia, outras á India, outras ao Mogór, outras ao Japão, outras á China; e d'esta maneira transplantada de Portugal a fé se plan-

O sair é obrigação de quem ha de ser luz do mundo. Portugal é seminario de luzes. *Joan.* 12

fasse nas tres partes do mundo. É verdade que Portugal era um cantinho ou um canteirinho da Europa, puro e mimoso de Deus: Fide purum et parte dilectum. «Com tudo» n'esse cantinho quiz o céu depositar a fé que d'alli se havia de derivar a todas estas vastissimas terras, introduzida com tanto valor, cultivada com tanto trabalho, regada com tanto sangue, recolhida com tantos suores e mettida finalmente nos celleiros da Egreja debaixo das chaves de Pedro com tanta gloria. *Vos estis lux mundi.*

2.º Metter-se no mar mostrando o caminho á propagação do Evangelho. Malach. 4

IV. Mas como Sancto Antonio, (já imos no segundo movimento) como Sancto Antonio era a primeira luz d'estas luzes, ella foi tambem a que lhes abriu e mostrou o caminho saindo do poente para o levante. Não é este o curso do sol; porém assim havia de ser, porque era Antonio sol que levava a saude nas azas: *Et sanitas in pennis eius*. Pediu el-rei Ezechias a Deus que lhe segurasse a saude em um signal do sol: e qual foi o signal? Que o sol trocasse a carreira e não caminhasse do oriente para o occaso, senão do occaso para o oriente. Assim Antonio e assim os portuguezes. porque levavam na luz a saude do mundo. E porque o sol quando desce a allumiar os antipodas mette o carro no mar e banha os cavallos nas ondas; para que assim o fizessem tambem os portuguezes deixa Antonio a terra, engolfa-se no Oceano e começa a navegar, levando o pensamento e a prôa na Africa; que tambem foi a primeira derrota e a primeira ousadia dos nossos argonautas.

Textos de Habacuc e Isaias que os interpretes referem aos portuguezes.

Mas porque a phrase dos cavallos e carro do sol mettido no mar não pareça poetica e fabulosa, ouçamol-a ao prepheta Habacuc que com novo e levantado estylo o cantou assim no capitulo terceiro: *Viam fecisti in mari equis tuis et quadrigae tuae salvatio*. Vós Senhor, diz o propheta, fizestes o caminho pelo mar aos vossos cavallos e ás vossas carroças da salvação. Carroças da salvação e cavallos que caminham pelo mar? Que carroças e que cavallos são estes? *Portugallenses in suis navigationibus et conversionibus*, disse Genebrardo. Mas ouçamos antes o mesmo texto. Primeiramente diz o propheta que Deus é que lhe fez este caminho pelo mar: *Viam fecisti in mari equis tuis*. Porque o caminho que fizeram os portuguezes era caminho que ainda não estava feito. Por mares nunca d'antes navegados, Deus abriu o caminho aos portuguezes; e os portuguezes o abriram ás outras nações. Mareavam sem carta, porque elles haviam de fazer a carta de marear. As suas victorias arrumaram as terras: os seus perigos descobriram os baixos; a sua experiencia compassou as alturas; a sua resistencia examinou as correntes. Navegavam sem carta, nem roteiro, por novos mares, por novos climas, com ventos novos, com céus no-

vos e com estrellas novas: mas nunca perderam o tino, nem a derrota; porque Deus era o que mandava a via: *Viam fecisti in mari equis tuis*. Estes eram os cavallos intrepidos e generosos. E as carroças da salvação quaes eram? Eram aquellas cidades andantes, aquelles poderosissimos vazos da primeira navegação do oriente, a quem os extrangeiros com pouca differença de carroças, chamaram carracas. E chama-lhe o propheta carroças da salvação, *Quadrigae tuae salvatio;* porque da quilha ao tope, isso é o que levavam. Levavam por lastro os padrões da egreja e talvez as mesmas egrejas em peças, para lá se fabricarem. Levavam nas bandeiras as chagas de Christo, nas antenas a cruz, na agulha a fé, nas anchoras a esperança, no leme a caridade, no pharol a luz do Evangelho e em tudo a salvação; *Et quadrigae tuae salvatio*. D'esta maneira entravam pelo mar dentro aquelles novos carros do sol para levar a luz aos antipodas. Assim o disse fallando á letra dos portuguezes o propheta Isaias. Não é exposição minha, nem de algum portuguez, é de Vatablo, de Cornelio, de Malvenda, de Thomás Bossio e outros. *Ite angeli ad gentem expectantem expectantem, ad gentem conculcatam*. Ide depressa portuguezes, ide depressa embaixadores do céu; levae a luz do Evangelho a essa gente que ha mil e quinhentos annos que está esperando; ide e levae a luz do Evangelho a essa gente pizada: *Gentem conculcatam*.

As anchoras dos portuguezes e o ingenho de Sancto Agostinho.

Sancto Agostinho teve para si que não havia antipodas. E disse assim no livro 26.° *De civitate Dei. Absurdum est ut dicatur homines aliquos ex hac in illam partem trajecta Oceani immensitate navigare et pervenire potuisse, ut etiam ex uno illo primo homine genus institueretur humanum*. Se ha taes homens (argumentava Agostinho) são filhos de Adão: se são filhos de Adão, passaram d'estas partes áquellas, navegando e atravessando a immensidade do Oceano: tal passagem e tal navegação é impossivel: logo não ha taes homens. Grande gloria, Antonio da vossa nação! Que chegassem os portuguezes a dar fundo com as anchoras, onde Sancto Agostinho não achou fundo com o intendimento! Que chegassem os portuguezes a fazer possivel com o valor o que no maior intendimento era impossivel! Por isso Isaias lhes chamou mais que homens: *Ite angeli veloces*.

Jonas e os portuguezes.

Um só homem passou o Cabo da Boa Esperança antes dos portuguezes. E qual foi e como? Jonas no ventre da Baleia. Desembocou a baleia o mediterraneo, porque não tinha outro caminho; tomou a costa da Africa á mão esquerda; dobrou o Cabo da Boa Esperança; escorreu a Ethiopia; passou a Arabia; entrou no sino persico; aportou ás praias de Ninives no Eu-

phrates e fazendo da lingua prancha poz o propheta em terra. *In profundum projectus est; exceptusque a ceto marino monstro ac devoratus, post triduum fere Ninivitarum littoribus ejectus, justa praedicat*, diz Sulpicio Severo no livro 1.º da historia sagrada. Mas porque fez o propheta esta viagem por debaixo do mar dentro em uma baleia; e a não fez por cima da agua no navio em que navegava? Porque este milagre do valor e esta victoria da natureza não era para os mareantes de Tyro; tinha-o Deus guardado para os argonautas do Tejo. O Tejo era o que havia de dominar o mar; o Tejo era o que havia de triumphar das ondas e dos ventos; o Tejo era o que havia de tirar o tridente das mãos ao Oceano para o pôr reverente aos pés do Tibre. Faltavam-lhe ao anel do pescador quasi as tres partes do circulo; e essas lhe prefez o Tejo com o ouro das suas areas. Do Tejo saiu Antonio e derrotado da tempestade foi aportar a Italia para ser luz da Europa. Do Tejo sairam os portuguezes; e medindo a Africa, descobrindo a America chegaram com a luz do Evangelho até os fins da Asia para que allumiando Antonio a melhor parte do mundo e allumiando os outros portuguezes as trez maiores partes, na união de todas quatro se devesse inteiramente ao nome portuguez o titulo de luz ds mundo: *Vos estis lux mundi*.

3.º Dedica Sancto Antonio a vida á conversão dos infieis. 4.º Vai a Roma. Portugal sempre armado contra os infieis.

V. Não se dedicou Antonio (este era o terceiro movimento mas por abbreviar o ajunctarei com o ultimo) não se dedicou Antonio á christandade; porque são homens com luz: aos infieis o levava o seu espirito, porque era espirito portuguez. Sancto Antonio «quando mancebo» era religioso da sagrada ordem de Sancto Agostinho: alli se graduou de luz e alli havia de ser. Pois porque mudou de habito e de profissão? Porque era portuguez e resoluto a allumiar o mundo. «O exemplo dos cinco martyres de marroco lhe persuadiu a trocar a mursa de conego regrante pelo saial de S. Francisco por desejo de passar á Africa para fazer guerra á idolatria.» Gloria singular é de Portugal que nem no reino nem em toda a monarchia domine um só palmo de terra que não fosse conquistada aos infieis. Tudo quanto dominou a luz n'este mundo foi conquistado ás trevas, porque ellas o possuiam primeiro: *Tenebrae erant super faciem abyssi et dixit Deus: Fiat lux; et facta est lux*. E assim como o officio do sol é ir seguindo e perseguindo as trevas e lançando-as fóra do mundo, assim tambem os portuguezes aos infieis. Estava Portugal pela desgraça universal de Hespanha occupado de mahomethanos; e que fizeram os portuguezes? Do Minho os lançaram alem do Douro; do Douro á Estremadura; da Estremadura a Alem-do-Tejo; de Alem-do-Tejo ao Algarve; do Al-

garve ás costas de Africa; e alli os foram sempre seguindo e conquistando até que o peso das armas se passou ás conquistas da gentilidade, onde fizeram o mesmo. Deu-nos Christo por armas e por brazão as sagradas quinas; e essas quinas foram as nossas armas. Sempre como soldados de Christo pela fé e contra infieis. É verdade que algumas vezes tiveram guerra os portuguezes contra catholicos; mas guerra defensiva sómente, nunca offensiva. Tem Portugal para os catholicos o escudo, para os infieis a espada. Para os infieis a espada é sempre nua; para os fieis na bainha. Com os catholicos paz; com os infieis perpetua guerra. Sancto Antonio meneou as armas da sua milicia na Italia e na França: mas esses raios da sua luz foram reflexos. Os direitos iam á Africa; os reflexos foram á Europa. Mas ainda ahi (notae) não se chamou Antonio martello dos vicios, senão martello das heresias: *Perpetuus haereticorum malleus*. Porque os vicios acham-se tambem nos catholicos; as heresias só nos infieis: por isso Deus para formar este martello foi buscar o ferro ás minas de Portugal; porque a dureza natural do ferro portuguez é para quebrantar e converter infieis.

Os portuguezes e os fabricadores do segundo templo de Jerusalem.

Foram sempre os soldados portuguezes como os fabricadores do segundo templo de Jerusalem, que com uma mão pelejavam e com a outra iam edificando. Nenhum golpe deu a espada que não accrescentasse mais uma pedra á Egreja. Se pelejavam, se venciam, se triumphavam, era para tirar reinos á idolatria e sujeital-os a Christo; para converter as mesquitas e pagodes em templos, os idolos em imagens sagradas, os gentios em christãos, os barbaros em homens, as feras em ovelhas; e para trazer essas ovelhas de terras tão remotas e em numero infinito ao rebanho de Christo e á obediencia do summo pastor.

Obediencia de Sancto Antonio e dos reis de Portugal ao Vigario de Jesus Christo.

Assim o fez Sancto Antonio em Roma lançando-se a si e a tantos heresiarcas rendidos aos pés da Sanctidade de Gregorio IX. Assim o fez el-rei D. Manoel. pondo todo o Oriente aos pés da Sanctidade de Leão X. E assim o fez ultimamente o principe reinante de Portugal, o muito alto e muito poderoso Senhor nosso D. Pedro, que Deus guarde, offerecendo solemnemente aos beatissimos pés da Sanctidade de Clemente X nosso Senhor, o seu reino, a sua monarchia, e na pessoa excellentissima de seu embaixador a sua real pessoa, como herdeiro e verdadeiro imitador de seus reaes progenitores. A el-rei D. Sebastião pouco antes de dar a vida pela dilatação da fé offereceu a Sanctitade de Pio V que escolhesse titulo; e que responderia o religiosissimo rei? Respondeu que não queria outro titulo, senão o de filho obedientissimo da séde apostolica. Em cumprimento d'este titulo tres successores continuados do mesmo rei em espaço de

... estiveram sempre offerecendo á Sancta Sede ... obediencia de filhos. E se a publica acceitação d'esta ... foi com attenção e providencia paternal do vi... Christo, para que no entretanto podesse lograr a Egre... repetidos exemplos de tão constante sujeição e obediencia; ...rando e instando sempre o primeiro rei, o segundo e o ..., não só como filhos obedientes, mas como obedientissimos filhos.

Bem sabe toda a Europa com quantos discursos e ainda direitos mal interpretados procurou a politica menos christã tentar a obediencia portugueza em tantos annos. Mas a sua obediencia tão longe esteve de dar ouvidos a similhantes tentações, que nunca chegou, nem ainda a ser tentada, quanto mais vencida. Tão longe de ser vencida, nem ainda tentada, no meio de todas estas tentações, que como filho obedientissimo sempre esteve multiplicando obediencias sobre obediencias, e mandando embaixadas sobre embaixadas; tantas e por tantos modos. Nas duas primeiras mostrou-se obediente: na terceira e na quarta mais que obediente: na quinta e na ultima obedientissimo. Uma só vez vieram os reis do Oriente a Belem protestar a sua obediencia e offerecer as corôas aos pés de Christo. Mas como vieram? Chamados primeiro por uma estrella: *Vidimus stellam ejus et venimus.* A obediencia de Portugal não esperou por estrella para vir: antes vindo cinco vezes sem estrella veio tambem a sexta. Mas porque veio sem estrella seis vezes; por isso o recebeu o céu com seis estrellas.[1] Assim recuperou Sancto Antonio á sua patria em um dia o que tinha perdido e pedido em tantos annos.

Vivas ao Pontifice Clemente X e festas de Portugal.

VI. Vivam as clementissimas estrellas eternamente: vivam as clementissimas estrellas e permaneçam, se é concedido, sobre os annos de Pedro; para que debaixo d'estas estrellas, como a valente Debora, triumphe a Egreja do barbaro Sisara, que tanto se vem chegando; mas para sua ruina. E se os reis do Oriente, quando lhes appareceu a estrella escondida *Gavisi sunt gaudio magno valde;* faça extremos de prazer Portugal, adorando os clementissimos aspectos e a divina majestade das estrellas: que se na outra estrella é opinião que estava um anjo, n'estas estrellas é fé que está Deus. Alegre-se Lisboa e alegre-se Portugal e agora se tenha por verdadeiramente restituido. Sancto Antonio entrou triumphante no céu no dia de sua morte: mas os sinos de Lisboa não se repicaram milagrosamente senão no dia da sua canonização; porque não tem Portugal as suas glo-

[1] As armas de Clemente X são seis estrellas.

rias por glorias senão quando as vê confirmadas e estabelecidas por «oraculo de» Roma. Muitas graças a Roma, muitas graças ás beatissimas estrellas que a dominam. E pois eu lhe não posso offerecer outro tributo; quero fixar ao pé d'ellas o meu thema: *Vos estis lux mundi.*

(Ed. ant. tom. 2.º, pag. 125; ed. mod., tom. 2.º, pag. 243.)

III. SERMÃO DE SANCTO ANTONIO**

Nota da edição antiga.—Este sermão havia-se de prégar no anno seguinte em Roma na egreja dos portuguezes e por infermidade do auctor se não prégou.

Observação do compilador.—Muito duvidei se o havia de imprimir no Chrysostomo. Mas a determinação de reduzir todos os sermões do auctor, e muito mais as razões com que elle o defende em uma carta ao marquez de Govéa, me tiraram toda a duvida. Diz a carta:—Não julguei que o segundo sermão de Sancto Antonio houvesse de ser mal recebido, caindo aquellas sombras sobre as luzes do outro. Todos os auctores das mais famosas nações do mundo, escrevendo da sua, as notam de inveja, que por ser vicio primogenito da altiveza e da generosidade, intenderam que não desdouravam muito com ella as mesmas nações. Assim o fizeram gregos e romanos; e nos hespanhoes e portuguezes se lêem sem reprehensão similhantes exemplos. Quarenta e dous annos ha que préguei em S. Mamede este mesmo assumpto; e ninguem então se queixou de mim; antes o applaudiram todos os queixosos que pela maior parte são os mais benemeritos.—Assim é: o que n'este sermão (na parte artistica maravilhosissimo) se diz de Portugal, acontece em todas as nações, sendo para todas o proverbio do evangelho: Não ha propheta sem honra senão em sua patria.

Sic luceat lux vestra coram hominibus ut videant opera vestra bona et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est.

S. Matth., c. 5.

Assim como ha dias claros e escuros, assim o será o dia de hoje em comparação do passado. Hoje faz um anno (porque assim o pedia a occasião e as circumstancias da solemnidade) préguei aos portuguezes as luzes da sua nação: agora lhes descobrirei a elles e a todos as sombras d'essas mesmas luzes, para que se veja no que disse e no que direi que não foi lisonja ou affectação o louvor; pois eu mesmo e aos mesmos não calo nem dissimulo o que n'elles se não deve louvar. Inventou a mathematica aquella famosa pyramide, a qual, ferida perpendicularmente do sol, de tal maneira recolhe em si todas as luzes, que não deixa logar á sombra. Mas este milagre da natureza só tem similhante no maior milagre da graça, Maria sempre immaculada, da qual com tão admiravel propriedade como verdade se diz: *Non habet umbra locum*. Nas outras cousas, porém, por mais illustres e illustradas que sejam, nenhuma luz viram jámais os

As luzes e as sombras da nação portugueza. Louvaram-se as luzes.

olhos humanos tão pura e tão sincera, que não ande juncta com sombras.

Declamar-se-ha contra as sombras.

Estas sombras, pois, que sempre seguem e acompanham a luz, serão hoje a segunda parte d'aquellas mesmas luzes, que, não sei se com tanto applauso, como verdade, inculquei o anno passado aos ouvidos romanos. Então ouviram o que somos; agora ouvirão o que não deveramos ser. E posto que para persuadir o bem é necessaria maior eloquencia que para declamar ou declarar o mal; tambem para este triste assumpto me é necessaria a graça. *Ave Maria.*

No mesmo Evangelho em que se fundou a parte panegyrica fundar-se-ha a declamatoria.

II. *Sic luceat lux vestra coram hominibus.* Na primeira parte e panegyrica das duas em que continúo e divido estes dous sermões nos mostrou o Evangelho como o nosso Sancto portuguez foi luz do mundo: *Vos estis lux mundi.* N'esta segunda, que como já insinuei, será mais declamatoria que panegyrica, nos dirá o mesmo Evangelho o modo com que luzia esta luz: *Sic luceat lux vestra.*

Quão amante foi Ulysses da terra onde nascera.

Queixava-se o anno passado (se bem vos lembra) a sua e nossa patria de se ver deixada de um filho e tal filho como Antonio. Justificava a sua queixa com o exemplo de José, que se mandou levar morto á terra propria; e agora repete e aperta a mesma queixa com outro exemplo mais vivo, mais domestico e mais seu. Lembra-se Lisboa do seu famoso fundador Ulysses «(se a fama é verdadeira)», tão amante da terra onde nascera, que sendo natural de Itaca, o mais aspero e desconhecido logar de toda a Grecia, antepoz a dureza de seus rochedos ás delicias e grandezas mais celebradas do mundo; e depois de o ter visto e rodeado todo, o deixou todo por ella: tanto assim (diz Homero) que promettendo a deusa Calypso a Ulysses de lhe conceder a immortalidade só com a condição que se deixasse ficar e viver nas terras que lhe offerecia, póde tanto com elle o natural amor da sua, que não acceitou uma tal promessa; querendo antes (como pondera Cicero e depois d'elle o ponderou tambem S. Chrysostomo), querendo antes morrer na terra propria, que ser immortal na extranha.

Por isso parece que Lisboa se podia queixar de Sancto Antonio que não lhe mostrou egual amor.

Á vista, pois, d'esta formosa medalha do amor da patria, lançada para memoria e exemplo nos primeiros alicerces de sua fundação; e não se podendo jámais esquecer d'ella, pois a traz impressa no nome; como se não queixaria Lisboa e como se não tornará a queixar da sequidão, por não dizer crueldade, com que se vê deixada de um filho gerado, nascido e creado não só no mais alto logar, mas no mais interior de si mesma, como filho do seu coração? Só póde dizer contra isto Antonio, que deixa a patria por ir buscar o martyrio; e que se mostra

menos humano com os de seu proprio sangue, porque o quer derramar todo por Christo. Mas a esta satisfação responderei depois. O que agora só digo sobre o que já disse é, que assim como Antonio foi obrigado a deixar Portugal para ser portuguez; assim foi necessario que se tirasse d'entre os portuguezes para ser tão grande homem e tão grande sancto como foi.

Para elle ser tão grande sancto devia como Abrahão sair da patria.

Um dos maiores homens que houve no mundo, foi Abrahão; e a este mandou Deus que saisse da sua patria e de entre os seus para ser maior. O maior sancto de todos os sanctos foi o Filho de Deus; e nem isto bastou para que podesse obrar na sua patria as maravilhas com que assombrava as alheias: para que nem os naturaes se escandalizem nem os extranhos extranhem a differença do que hoje direi. Mas vamos ao evangelho.

Quão difficultoso era que elle luzisse em Portugal. Toda a terra tem opposição á luz.

III. *Sic luceat lux vestra coram hominibus ut videant opera vestra bona et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est:* de tal modo ha de luzir a vossa luz deante dos homens, que vejam elles as vossas boas obras e glorifiquem a Deus. Isto é o que diz Christo a Sancto Antonio; e isto o não podia fazer um portuguez entre portuguezes. A primeira cousa que se lhe encarrega n'estas palavras é que ha de luzir a sua luz: *Sic luceat lux vestra;* e luzir portuguez entre portuguezes e muito menos luzir com a sua luz, é cousa muito difficultosa na nossa terra. Com a luz alheia vi eu lá luzir alguns; mas com a propria, *lux vestra,* nem Sancto Antonio, quanto mais os outros. Toda a terra (porque toda é tocada d'este vicio) tem opposição á luz. A lua que a eclipsa? A terra, porque chegam lá as suas sombras. E o sol onde não chegam as sombras da terra, quem o escurece e encobre cada hora a nossos olhos? Tambem a terra. Levanta o sol com seus raios os vapores da terra; e esses mesmos vapores que elle levantou, condensando-se em nuvens são os que o não deixam luzir. Tomam em si os resplandores do mesmo sol e dourando-se com elles ou o escurecem de todo, ou nol-o tiram dos olhos. Preze-se ou não se preze o sol de escurecer as estrellas do céu, que lá estão os vapores da terra que o escurecerão a elle. [1]

[1] *Nota do Compilador.*—Ponho aqui pela elegancia da linguagem um argumento que supprimi no texto por ser evidentemente falso assim na parte allegorica como na historica.—Sendo esta (diz o original) a condição natural de toda a terra como grosseira, emfim, rude e opaca e nascida debaixo das trévas: *Terra autem erat inanis et vacua et tenebrae erant super faciem abyssi*; nenhuma terra ha comtudo entre todas as do mundo que mais se opponha á luz que a Lusitania. Outra etymologia lhe dei eu no sermão passado: mas como ha vocabulos que admittem muitas derivações e alguns que significam por antiphrase o contrario do que soam;

Que foi um Affonso de Albuquerque e outros heroes portuguezes?

E se isto succede aos lumes celestes e immortaes; que nos lastimamos, senhores, de ler os mesmos exemplos nas nossas historias? Que foi um Affonso de Albuquerque no Oriente? que foi um Duarte Pacheco? que foi um D. João de Castro? que foi um Nuno da Cunha e tantos outros heroes famosos, senão uns astros e planetas lucidissimos, que assim como allumiaram com estupendo resplandor aquelle glorioso seculo, assim escureceram todos os passados? Cada um era no valor militar, na prudencia, na magnanimidade, na fé, na religião e no zelo de a propagar e extender entre aquellas vastissimas gentilidades um sol. Mas depois de voarem nas azas da fama por todo o mundo estes astros ou indigites da nossa nação, onde foram parar, quando chegaram a ella? Um vereis privado, com infamia, do governo, outro preso e morto em um hospital, outro retirado e mudo em um deserto, e o melhor livrado de todos, o que se mandou sepultar nas ondas do Oceano, encommendando aos ventos, levassem á sua patria as ultimas vozes com que d'ella se despedia: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.*

O mesmo podia acontecer a Sancto Antonio.

Vêde agora se tinha eu razão para dizer que é natureza ou má condição da nossa Lusitania não poder consentir que luzam os que nascem n'ella. E vêde tambem se podia Sancto Antonio «não» deixar a patria, sendo filho de uma terra onde se não consente o luzir e tendo-lhe mandado Christo que luzisse: *Sic luceat lux vestra.*

Portugal o a terra de Promissão.

Os exploradores que foram descobrir e informar-se da terra de Promissão de tal maneira a descreveram, que, parece, definiram a nossa. Tres cousas disseram todas grandes e notaveis; mas a terceira assombrosa e terrivel e para todos fugirem de

assim o intendo d'este nome posto que tão luzido. O mundo, dizem os grammaticos, que se chama mundo *Quia minime mundus*; e a morte Parca *Quia minime parcit.* E assim como o mundo se chama mundo, porque é immundo e a morte se chama Parca. porque a ninguem perdôa, assim a nossa terra se póde chamar Lusitania, porque a ninguem deixa luzir. Não é Sancto Isidoro, nem Marco Varro o auctor d'esta funesta etymologia, senão a mesma natureza e o mesmo céu com o curso e occaso de suas luzes. A terra mais occidental de todas é a Lusitania. E porque se chama occidente aquella parte do mundo? Por ventura, porque vivem alli menos ou morrem mais os homens? Não: senão porque alli vão morrer, alli acabam, alli se sepultam e escondem todas as luzes do firmamento. Sái no oriente o sol com o dia coroado de raios, como rei e fonte da luz: sái a lua e as estrellas com a noite, como tochas accesas e scintillantes contra a escuridade das trevas; sobem por sua ordem ao zenith, dão volta ao globo do mundo; resplandecendo sempre e allumiando terras e mares: mas em chegando aos horizontes da Lusitania, alli se affogam os raios, alli se sepultam os resplandores, alli desapparece e perece toda aquella pompa de luzes.

tal terra. Disseram que era tão fertil e de clima tão benigno que os rios manavam mel e leite: *Venimus in terram ad quam misisti nos, quae revera fluit lacte et melle.* Disseram mais, que viram n'ella homens da geração dos gigantes: *Stirpem Enoc vidimus.* E sobre estas duas prerogativas tão singulares, a terceira que accrescentaram, foi, que era uma terra que comia e tragava os seus naturaes: *Terra quam lustravimus devorat habitatores suos.* Julgae se quadra bem toda a definição á nossa terra. É tal na benignidade dos ares, na fertilidade dos campos, na affluencia dos rios, que chamando-se antigamente Lethes o que hoje se chama Lima, é opinião de muitos auctores que o temperamento e delicias da Lusitania foram as que deram motivo á fabula dos Campos Elysios. Que na mesma terra se conserve a geração dos gigantes, isto é, de homens maiores que os outros homens, tambem o não póde negar quem tiver lido as antiguidades do mundo. Basta por exemplo serem os lusitanos os que com seu rei Siculo, filho de Luso, debellaram em Sicilia os cyclopes e deixaram eternizada esta victoria no mesmo nome de seus habitadores, os quaes desde então se chamaram siculos. Mas que importam estas excellencias e outras que se poderam dizer sem lisonja, se o clima ou costellação natural da mesma terra é tão alheia de humanidade que come seus proprios filhos? Que importa que como mãe seja tão felizmente fecunda nos partos, que os gere de tão eminente estatura, se, como dragão peçonhento com raiva de os ver tão grandes, os morde, os rói, os abocanha, os ataçalha e não descança até os engulir e devorar de todo: *Terra devorat habitatores suos*?

Martyrio que Sancto Antonio podia achar em Portugal.

IV Agora sim que posso responder a Sancto Antonio e confutar a sua escusa. De maneira, meu Sancto, que deixais Portugal e vos embarcais para Africa, porque dizeis que ides buscando o martyrio? Antes por isso mesmo vos não deveis sair da vossa patria. Não tendes vós já encerrado no peito aquelle grande thesouro dê sabedoria e eloquencia, com que depois haveis de esclarecer e assombrar o mundo e agora a vossa modestia e humildade encobre e dissimula, e, quasi contra o conselho d'este mesmo evangelho, tem escondido debaixo do meio alquere? Escusado é logo ir buscar o martyrio incerto por mar em terras extranhas, se o tendes mais breve e mais seguro na mesma onde nascestes. Amanheçam em Coimbra os resplando-d'essa theologia, que depois ha de ter a primeira cadeira na segunda religião de que tendes tomado o habito: passae com os echos d'essa fama a Lisboa, e começae a levar após vós a côrte com a eloquencia mais que humana d'essa lingua immortal; e eu vos prometto (não tanto que ella fallar, senão depois

que fôr fallada), que não faltem naturaes vossos que vos façam martyr. Não vos asseguro rodas de navalhas, nem boias de metal; porque lá não se martyriza com tanto ingenho: mas se vos contentais com martyrio mais apparelhado e mais vulgar de serdes logo um S. Sebastião, não o duvideis. Todos os raios que de si despedir a vossa luz, se hão de converter em settas que se empreguem em vós. O vosso nome ha de ser o applauso de todas as vozes e o vosso corpo o alvo de todas as settas. Não vos ha de valer serdes filho de S. Francisco, uma vez que mostrardes que sois geração de gigante.[1] Essa, foi se eu me não engano, a providencia d'aquella inopinada infermidade com que apenas tinha posto os pés Sancto Antonio nas praias africanas, quando foi outra vez obrigado a se embarcar para os ares patrios: como se lhe dissera Deus: Vens buscar o martyrio a Barberia, deixando Portugal e Lisboa? Torna, torna para d'onde vieste, que tambem lá ha Marrocos e Tituões.

Mas em Italia havia de ser adorado.

V. Mas como Deus não queria de Antonio o seu martyrio, a nova providencia de uma furiosa tempestade o derrotou da patria, para onde tornava; e o levou a tomar porto em Italia. E porque ou para que? Porque Deus lhe tinha mandado que luzisse a sua luz deante dos homens: *Sic luceat lux vestra coram hominibus*. E para a sua luz luzir deante dos homens era necessario que o mesmo Deus o levasse a terra onde houvesse homens

[1] *Nota do Compilador*.—Tirei do contexto est'outro trecho, posto que elegantissimo, para dar á declamação mais desembaraço quanto mais que não sendo o assumpto totalmente serio não soffre muitas citações da Escriptura.—Appareceu Saul no meio do povo de Israel em occasião que estava juncto em côrtes; e diz o texto sagrado que era de tão alta e agigantada estatura, que do hombro para cima excedia a todos. E vós, Saul sois tão grande na terra onde nascestes, que os maiores, quando muito vos dão pelo hombro e com toda a cabeça sobrepujais a todos? Ora esperae pelos effeitos d'essa vossa tão bizarra estatura; e vereis a fortuna que com ella vos aguarda. Deu-se a fatal batalha dos campos de Gelboé; e posto que na confusão dos grandes exercitos, quando se combatem, apenas se conhece distincção de homens a homens, como Saul avultava tanto entre a multidão, sobre elle carregou todo o peso da batalha; e n'elle se empregaram todas as settas. Os septe montes d'aquella cidade em um dos quaes nasceu Sancto Antonio todos são montes de Gelboé. Alli está encantada a fatalidade dos que fez a natureza ou a fortuna maiores que os outros. Contra elles se armam as batalhas, contra elles se tiram as settas e sobre elles descarrega todo o peso da guerra: porque a inveja, filha primogenita da soberba, pesa para cima, e todos os seus tiros se assestam contra o mais alto. Não debalde domina sobre Portugal o Sagittario: porque este é o signo em que lá nascem todos os que são aponctados como dedo, para que contra elles se aponctem as settas. Escusadamente vai logo provocar as dos arcos turquescos a Africa quem as tinha tão apparelhadas na patria e tão certas na sua propria grandeza.

deante dos quaes se podesse luzir. Oh terra verdadeiramente bemdicta, patria da verdade, asylo da razão, metropole da justiça; que não de balde te escolheu Deus para collocar em si o seu eterno solio. Já agora a luz do meu sancto póde luzir em terra de homens. Já os summos pontifices o chamam arca do Testamento; já as suas vozes são ouvidas como oraculos: já as suas razões e sentenças são recebidas e veneradas como divinas. E não porque hoje elle seja outro do que d'antes era, nem outros os documentos da sua doutrina: mas porque tanto vai de logar a logar e de homens a homens: *Coram hominibus*.

Quão difficultoso é achar homens deante dos quaes se possa luzir. *Joan.* 1

Esta felicidade de achar Sancto Antonio homens deante dos quaes luzisse a sua luz como o Senhor lhe mandava, foi na minha opinião uma das maiores graças que o mesmo Senhor lhe concedeu: porque sendo muito poucos no mundo os homens que pódem luzir; aquelles deante dos quaes se possa luzir, ainda são muito menos. Todos os dias ouvimos no evangelho de S. João uma cousa, em que eu não acabo de reparar: *Fuit homo missus a Deo cui nomen erat Joannes. Hic venit in testimonium ut testimonium perhiberet de lumine*. Houve, diz, n'aquelle tempo um homem mandado por Deus, o qual veio para ser testimunha e testimunhar da luz. A luz não ha mister testimunhas: porque ella por si mesma e sem mais prova demonstra o que é. Quanto mais que a luz de que fallava o evangelho (como elle mesmo acabava de dizer) era a luz verdadeira e fonte de toda a luz, Christo, que allumia todos os homens: *Erat lux vera, quae illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*. Pois se todos os homens viam essa mesma luz, porque foi necessario que mandasse Deus um homem como o Baptista para que testimunhasse d'ella? Porque tão raros são como isto no mundo os homens que possam testimunhar da luz. Poder ver a luz e ser allumiado d'ella é de todos os homens: mas fazer verdadeiro conceito d'essa mesma luz e dizer e testimunhar o que ella é: *Ut testimonium perhiberet de lumine;* para isso apenas se acha no mundo um homem, e esse mandado por Deus: *Fuit homo missus a Deo*. Testimunhar o Baptista de Christo, como discretamente notou S. Gregorio Naziazeno, era allumiar o sol com uma candeia. E sendo isto uma cousa que não só parece superflua mas ridicula, teve necessidade o sol d'esta candeia, para que entre os homens houvesse um que testimunhasse da sua luz como merecia: *Ut testimonium perhiberet de lumine*.

As trevas amadas e a luz abhorrecida.

E se quizermos examinar a causa d'este effeito tão contrario á natureza da mesma luz, acharemos que todo procede, não da luz, senão dos homens. O mesmo S. João o disse: *Lux venit*

in mundum et dilexerunt homines magis tenebras quam lucem: veio a luz ao mundo; e os homens (quem tal havia de imaginar?) amaram mais as trevas, que a luz. Quantas vezes se vê isto no mundo e eu o tenho visto? Vêr os que luzem é para rir; e ver os que não luzem, para chorar. As trevas amadas, veneradas e applaudidas, como se foram luz; e a luz abhorrecida, desestimada e perseguida, como se fôra trevas. Tal é e tal costuma ser o juizo dos homens ou seja por ignorancia ou por malicia, Mas que remedio terá a luz para não ser abborrecida de tal gente? Se é abhorrecida, porque veio ao mundo; vá-se do mundo e não será abhorrecida. Assim o cuidava eu e assim creio que bastara para com alguns homens; mas não para com todos.

Como é que os homens do monte Atlante amaldiçoam o sol quando nasce e quando se põe.

Diz Plinio que os homens do monte Atlante todos os dias amaldiçoam o sol duas vezes; uma quando nasce; e outra quando se pôi. O monte Atlante é aquelle tão bem opinado entre os homens, que d'elle se diz e celebra que sustenta o céu com seus hombros; e que o mesmo céu havia de cair, se aquella forte columna o não sustentara. Pois se com tanto zelo se sustenta n'este monte o céu para que não cáia; a melhor joia e maior lustre do mesmo céu que é o sol, como é tão abhorrecido e anathematizado no mesmo monte? Dir-me-heis que tudo isto é fabula e mentira; e que a verdadeira razão d'este odio é, porque os moradores do monte Atlante são os ethiopes mais adustos, como mais vizinhos ou menos defendidos do sol e por isso abhorrecem tanto a luz dos seus raios, porque aos outros homens allumia e a elles queima. Mas se isto assim é, como é, abhorreçam os do monte Atlante ao sol quando nasce e não quando se pôi. Se o recebem com maldições quando vem, deem-lhe graças e louvores quando se vai. Mas quando vem e apparece deante dos homens abhorrecido na presença; e quando se vai e os deixa tambem abhorecido e perseguido na ausencia? Sim; porque o sol ainda que se vai, vai para tornar. Vá-se, pois, e desappareça de uma vez para sempre; e logo nem os do Atlante terão quem os queime, nem o sol quem o injurie.

Vai-se Antonio da sua patria para nunca mais tornar a ella; e isto por trez razões.

VI. Isto é o que fez Sancto Antonio: não só se foi da sua terra, senão para sempre e para nunca mais tornar a ella. Nem o Sancto podia deixar de o fazer assim, supposto o preceito divino e o fim e intento d'elle. O fim e intento do preceito de Christo era: *Ut videant opera vestra bona:* que de tal maneira luzisse deante dos homens, que elles vissem suas obras boas; e nada d'isto podia ser, se Sancto Antonio ficasse na patria e quizessse luzir n'ella. E por que razão? Por tantas, quantas são as palavras do mesmo preceito. Elle havia de fazer as obras: os

homens haviam-nas de ver; e essas obras haviam de ser boas; e nenhuma d'estas cousas podia Sancto Antonio conseguir entre as da sua patria por outras tantas razões. Primeira, porque não havia de poder fazer essas obras: segunda, porque ainda que as fizesse não as haviam de ver os homens: terceira, porque ainda que elles as vissem, «a seus olhos» não haviam de ser boas. Dae-me agora attenção.

1.º Porque n'ella não podia fazer as grandes obras que fez em outras terras. Ps. 1

Primeiramente digo que aquellas obras que o evangelho recommenda a Sancto Antonio elle as não havia de fazer nem as podia fazer na sua patria; e não por falta de virtude no Sancto, senão por defeito da esterilidade natural da terra em que nasceu. Não é cousa nova na natureza haver terras que são fecundas para as plantas e estereis para os fructos. São fecundas para as plantas, porque ellas produzem as arvores; e são estereis para os fructos; porque essas mesmas arvores não podem produzir os fructos em quanto estão n'ellas. Por esta razão e experiencia inventou a agricultura o remedio de as transplantar, arrancando ou desterrando as plantas da terra onde nasceram; e passando-as a outras onde fructifiquem. Isto é o que fez ou succedeu a Sancto Antonio; do qual parece que prophetizou David quando no texto hebreu em que fallava disse: *Erit tanquam lignum quod transplantatum est et fructum suum dabit.* Os milagres e obras prodigiosas com que Sancto Antonio admirava e convertia o mundo em Italia e França eram fructos d'aquella generosa planta, mas transplantada. Porque se Deus (que tambem é agricultor, *Pater meus agricola est*) o deixava ficar na terra onde nasceu, nenhuma d'essas maravilhas havia de obrar, nenhum d'esses fructos havia de produzir, não por defeito da planta, senão por vicio da terra.

A sua patria é como a patria de Christo; e por isso não podia n'ella fazer milagres.

É a nossa terra (porque se não queixe de que lhe digo injurias) como a patria de Christo. Obrava Christo Senhor nosso por toda a parte aquella multidão de milagres, tantos, tão continuos e tão estupendos como sabemos: mas tanto que chegava á sua patria, assim como o manná cessou, tanto que chegou á terra de Promissão, assim cessava e se suspendia e ficava totalmente parada aquella corrente celestial e benefica de maravilhas com que soccorria, remediava e admirava a todos. S. Marcos chegou a dizer que Christo na sua patria não podia fazer milagre algum: *Abiit in patriam suam et non poterat ibi virtutem ullam facere.* Ainda na bocca de um evangelista parece duvidosa esta proposição. Christo em quanto Deus não era omnipotente por natureza e em quanto homem não era tambem omnipotente por communicação e por graça? Assim o cré e confessa a nossa fé. Pois como é possivel que um Homem

Deus e por um e por outro modo omnipotente, não podesse fazer milagres na sua patria? Aqui vereis que cousa é a patria. E se tanta resistencia e contradicção experimentou a omnipotencia ordinaria; que sería a delegada de Sancto Antonio?

Não ha propheta sem honra senão em sua patria. Qual a razão.

Respondeu Christo a este escandalo com aquelle proverbio universal: *Non est propheta sine honore, nisi in sua patria:* não ha propheta sem honra, senão na sua patria. De sorte que toda esta repugnancia ou todo este impossivel topava na honra. E como é vicio natural da patria não soffrer, nem poder ver mais honrado a quem nasceu n'ella, porque a patria não podia soffrer a honra de Christo, não podia Christo na patria fazer os milagres. Para os milagres honrarem a Christo na sua patria, era necessario que os da sua patria cressem que eram verdadeiros milagres. Mas elles, diz o evangelista, eram tão duros e tão incredulos, que não criam que um homem seu natural podesse fazer obras sobrenaturaes; e por isso o Senhor as não podia fazer: *Non poterat ibi ullam virtutem facere; et mirabatur propter incredulitatem eorum.* Reparemos muito n'esta ultima clausula e na connexão d'ella com a antecedente. Diz o evangelista que não podia Christo fazer milagres na sua patria e que o mesmo Senhor se admirava muito de que a incredulidade dos seus naturaes fosse a causa de não poder fazer os milagres: *Et mirabatur propter incredulitatem eorum.* Pois porque elles não criam que Christo podesse, por isso Christo não podia? Sim e o mesmo Mestre Divino declarou o segredo d'este impossivel n'outra occasião.

Não se fazem milagres onde, se se fizessem, não seriam cridos. *Marc.* 9

Pediu-lhe um pae a saude milagrosa para um filho, dizendo: Se é que podeis, favorecei-me a mim e a este filho. E o Senhor respondeu: *Si potes credere, omnia possibilia sunt credenti:* se tu podes crer, tudo é possivel a quem crê. Notae que não disse: Tudo me é possivel a mim, porque sou omnipotente. senão tudo te é possivel a ti, se cres que eu posso. E a razão é, porque segundo a disposição condicional da Providencia divina para se fazer um milagre são necessarias duas possibilidades; uma activa da parte de Deus que faz o milagre, que é a omnipotencia; e a outra passiva da parte do homem a quem se faz, que é a credulidade. E como nos naturaes de Christo faltava esta segunda possibilidade e pela inveja natural que nasce com os que nascem na mesma patria, não podiam crer que Christo nascido entre elles fizesse milagres; por isso o mesmo Senhor não podia na sua terra o que podia em todas: *Non poterat ibi.*

Pois a inveja os affogaria. *Luc.* 8

Oh patria tão naturalmente amada, como naturalmente incredula! Que filhos tão grandes e tão illustres terias, se

assim como nascem de ti, não nascera junctamente de ti e com elles a inveja que os affoga no mesmo nascimento e os não deixa luzir nem crescer! Aquelle trigo mallogrado do evangelho, que caiu entre espinhas, diz o Texto, que as espinhas que junctamente nasceram com elle o affogaram: *Et simul exortae spinae suffocaverunt illud.* Note-se muito muito o *simul exortae.* Não ha cousa que mais pique nem de que mais se piquem os naturaes que da emulação e inveja. Estas são as espinhas que affogam logo desde seu nascimento os que nascem na mesma terra; e estas são as que haviam de affogar na nossa a Sancto Antonio, para que não obrasse fóra d'ella o que obrou, nem obraria se não fugisse d'ella.

Obras prodigiosas que Sancto Antonio, á imitação de Christo, fez longe da patria.

Mas que muito que houvesse de succeder a Sancto Antonio com os da sua o que succedeu ao mesmo Deus, depois que teve patria? Impugnavam e contraziam os de Nazareth, patria de Christo a fama das maravilhas do Senhor; e houve um que se atreveu a lhe dizer em presença: *Quanta audivimus facta in Capharnaum, fac et hic in patria tua.* Isto que ouvimos de vossas maravilhas ao longe, não o veremos ao perto? D'esses milagres, tantos e tão famosos, que fazeis nas outras partes não fareis tambem algum aqui na vossa potria? Não; e por isso mesmo. Na terra onde nascem os milagrosos, não nascem nem se dão os milagres. O que só não póde estorvar a patria é que chegem lá os echos da fama e que de boa vontade sejam ouvidos: *Quanta audivimus.* Assim chegavam e se ouviam de longe em Portugal as maravilhas do seu grande portuguez; e posto que não sei se eram cridas e applaudidas então como mereciam; o que só posso affirmar sem escrupulo é, que não seriam tão bem ouvidas na terra propria, como elle era ouvido nas extranhas. Ouviam que quando prégava Antonio, cessavam todos os outros exercicios mechanicos civis e politicos: porque os lavradores deixavam os arados, os mercadores as tendas, os ministros as tribunas, os cortezãos os palacios e os theatros: *Quanta audivimus!* Ouviam que se despovoavam as cidades e que não cabendo a multidão immensa nos templos era obrigado a prégar nos campos; e que prégando em uma só lingua, sendo de differentes nações os ouvintes, todos o intendiam, como se fallára na sua: *Quanta audivimus!* Ouviam que vestido de burel e descalço ia cercado de guardas e defendido de homens armados, os quaes mal podiam resistir o peso e tumulto das gentes que concorriam a lhe beijar o habito e roubar algum fio d'elle, como preciosa reliquia: *Quanta audivimus!* Ouviam que se o não queriam ouvir os herejes obstinados, para confundir sua dureza e

rebeldia ia prégar aos peixes; e que elles chamados da sua voz concorriam de todo o mar em cardumes, grandes e pequenos e postos por sua ordem com as cabeças fóra da agua, como se tiveram o uso de razão que faltava aos homens, escutavam attentos o que o Sancto lhes dizia e assentiam a tudo: *Quanta audivimus!* Ouviam que armando-se uma horrenda tempestade sobre o povo innumeravel que no campo descuberto ouvia ao Sancto, elle os assegurou que ninguem se inquietasse ou movesse; e voltando para o céu escuro e medonho com o aceno sómente de uma mão emmudeceu os trovões, appagou os relampagos e suspendeu as nuvens; as quaes não tiveram licença para chover, senão depois de recolhidos todos a suas casas: *Quanta audivimus!* Ouviam que encommendando-se a Antonio, os cegos viam, os surdos ouviam, os mancos andavam, os mudos fallavam, os infermos de todas as infermidades saravam; e até os mortos, invocado o Sancto por bocca dos vivos, resuscitavam: sendo muito mais admiraveis resurreições as de infinitos peccadores, que, mortos e sepultados em todo o genero de vicios, por força da palavra divina pronunciada pela bocca de Antonio, se convertiam á penitencia e restituiam á graça: *Quanta audivimus!* Todas estas e outras muitas maravilhas se ouviam em Portugal e Lisboa, onde as levava a fama: mas que o mesmo Sancto, que tantos e tão prodigiosos milagres obrava nas terras extranhas, os fizesse tambem na sua: *Fac et hic in patria tua,* isso não: porque não podia ser: *Non poterat ibi virtutem ullam facere.*

2.° Sancto Antonio não acharia na sua patria quem quizesse ver os seus milagres; e assim não poderia luzir como manda Christo.

VII. Mas dado que Sancto Antonio fizesse milagres na sua patria; a segunda cousa que prometti e digo é, que os homens da mesma terra não os haviam de ver. O que Christo encommenda a Sancto Antonio no nosso texto é que a sua luz resplandeça de tal modo deante dos homens, que elles vejam as suas obras illustres e gloriosas: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.* E estas obras illustres e gloriosas, se o Sancto as fizesse na sua patria, como suppomos, parece que não podiam os homens deixar de as ver. O não as verem só podia ser ou por falta das obras, ou por falta da luz. Assim o notou Sancto Agostinho, dando a razão por que não vemos a Deus, estando elle presente em toda a parte: *Est quod videas, sed non est unde videas.* Para ver é necessario objecto e luz: o objecto que é Deus, sempre o temos presente: a luz com que elle se póde ver, essa é a que nos falta e por isso o não vemos. Mas no nosso caso, nem faltava o objecto que são as obras, *Opera vestra bona;* nem faltava luz, que era a mesma de quem as obrava: *Sic luceat lux vestra.* Logo como póde ser que os ho-

mens as não vissem? Digo que sim, póde ser e que assim havia de ser não por falta das obras nem por falta da luz, senão por falta dos olhos.

Creação da luz no primeiro dia, e dos olhos no quinto e no sexto para a festejarem.

Nasceu no primeiro dia do mundo a luz, a qual não era outra cousa que um globo d'aquelle luminoso accidente creado na segunda ou terceira região do ar, dentro da qual fazia seu curso dividindo o dia da noite e dando desde logo á duração, composta de ambos, o periodo natural que hoje observam. É porém cousa muito digna de admirar, que em quanto aquella primeira luz se conservou no logar ou região onde foi creada, não houve olhos creados que a vissem; porque nem a terra e a agua creados no primeiro dia, nem o firmamento no segundo, nem as plantas e hervas no terceiro, tinham olhos. Luzia a luz e não havia olhos que a víssem luzir: allumiava ella só o universo; e não havia em todo o universo olhos que se allumiassem com ella nem a vissem allumiar: distinguia as noites e os dias; mas não havia olhos que notassem a egualdade e concerto d'esta distincção, nem se alegrassem com a presença da mesma luz, ou sentissem sua ausencia. Não sei se chame a isto desgraça da luz, se natureza do logar ou região em que nasceu ao mundo. Desenganae-vos, luz; ainda que sejais a primogenita do creador e a primeira de todo o creado: que em quanto não sairdes do logar onde nascestes, não ha, nem ha de haver olhos que se ponham em vós. Sai, sai d'esse berço natural em que nascestes; passae a outros logares extranhos e remontados; e logo tereis olhos que vos vejam, que vos admirem, que vos amem, que vos celebrem, que vivam de vós e morram por vós. Assim foi. Ao quarto dia da creação tirou Deus a luz da região do ar onde a creara: repartiu-a pelas espheras celestes com forma e nome de sol, de lua e de estrellas; e logo no quinto dia e no sexto se desfez o mundo todo em olhos, que se allumiassem com a luz e a festejassem: olhos no mar, olhos no ar, olhos na terra; olhos nas aves, olhos nos peixes, olhos nos animaes terrestres; e sobretudo olhos no homem, que não só lograsse os resplandores da luz, mas désse os devidos louvores ao Creador d'ella. De maneira que esta luz que hoje vemos e com que vemos todas as cousas, em quanto esteve e não saía do logar e região em que nascera, nem ella se via nem se viam com ella as outras obras admiraveis da omnipotencia; e não por falta das obras nem por falta da luz, senão por falta de olhos.

Assim os olhos de França e Italia festejaram a luz de Sancto Antonio.

E isto é o mesmo que eu digo e supponho que havia de succeder a Sancto Antonio «a quem a mesma Verdade Eterna chamou luz do mundo: *Vós estis lux mundi;* e lhe mandou que o allu-

miasse com os raios de sua doutrina e caridade: *Luceat lux vestra coram hominibus.* Se ficara na região onde nasceu, havia elle de ver aquella immensa multidão de olhos que nas regiões de França e Italia se desfaziam em admiração d'estes raios?»

Quatro milagres em um milagre de Christo, os quaes presenciaram os phariseus e não viram.

Um dos mais famosos milagres que fez Christo Senhor nosso, foi o vulgarmente chamado do diabo mudo: porque foram quatro milagres em um milagre. O miseravel homem era mudo e fallou: era surdo e ouviu: era cego e cobrou vista: era endemoninhado e ficou livre do demonio. Póde haver maior fecundidade de milagres? As arvores muito fecundas, como diz a nossa lingua, dão os fructos em pinha. Mas vêde qual era a terra onde nasciam. Começavam a se admirar as turbas á vista de tanto milagre juncto; eis que no mesmo poncto chegam-se os escribas e phariseus ao mesmo obrador d'aquelles milagres e dizem-lhe assim: *Magister volumus a te signum videre:* Mestre, quizeramos ver um milagre vosso. Ha tal pedir e em tal occasião e n'aquelle mesmo logar? Não acabavam estes homens de vêr um milagre e quatro milagres? Não. Christo era o que tinha acabado de os fazer: mas elles não tinham acabado nem ainda começado a os ver; e porque? Não por falta dos milagres, senão por falta dos olhos. *Volumus videre*: queremos ver, disseram e disseram bem; porque o que lhes faltava não eram milagres que ver, eram olhos com que vissem os milagres. Assim lhe havia de succeder a Sancto Antonio: á elle não lhe haviam de faltar os milagres, mas aos milagres haviam-lhes de faltar os olhos. Logo em tal terra e entre taes homens, não podia o Sancto fazer o que Christo lhe mandava, que era luzir de maneira que os homens o vissem: *Sic luceat lux vestra coram hominibus ut videant.*

A inveja céga a vista; e a cegaria, diz Sancto Antonio, ate no ceu.

E se me perguntardes a razão, por que n'aquella terra ha tanta falta de olhos, ou de olhos que vejam a luz; nas mesmas palavras a temos. A luz ha de luzir: *Sic luceat lux vestra*: os olhos hão de vêr: *Ut videant;* e olhos que vejam luzir a luz, não os póde haver em uma terra, onde a mesma luz os faz cegar. Ouçamos ao mesmo Sancto Antonio, que, como pratico do paiz, conhecia bem as causas d'este terrivel effeito: *Invidus, si esset in caelo, ibi totaliter excoecaretur a gloria proximi et a luce beatitudinis ipsorum.* São tão incapazes os olhos do invejoso de vêr luzir (diz Sancto Antonio), que se um invejoso fosse ao céu, logo havia de ficar totalmente cego: porque a luz da gloria e bemaventurança do proximo o havia de cegar. *Do proximo* disse e não *Do bemaventurado*, com grande elegancia e energia; porque a inveja sendo dor de olhos, é de olhos que olham ao perto (*proximi*) e não ao longe. E isto que em sentença de San-

cto Antonio havia de succeder no céu; porque lhe não succederia a elle mesmo na terra e mais na sua?

Invejam-se os da propria terra e não os extrangeiros: Saul invejou uma victoria de David e não as muitas de Golias.

Saiu David contra o gigante, applaudiu-se a victoria como merecia; e diz o Texto que desde aquelle dia nunca mais Saul pôde vêr a David. Vêde os contrarios effeitos d'aquella animosa e venturosa pedrada. O tiro foi um e as feridas duas: ao gigante feriu na testa e a Saul quebrou-lhe os olhos. Tudo lhe sobejou a David para os applausos: só lhe faltaram os olhos de quem mais o devia estimar e applaudir. Mas se Saul era tão invejoso; porque invejou uma victoria de David e não quarenta victorias do gigante? *Desde aquelle dia*, diz o Texto que começou a inveja de David; e eu cuidava que havia de começar quarenta dias antes. Quarenta dias continuos saiu o gigante a desafiar, elle só, os exercitos de Saul; e em todos estes quarenta dias se recolheu para a sua tenda com outros tantos triumphos, não só vencedor das mãos e das armas, senão dos corações e do proprio conhecimento dos israelitas; não se atrevendo nenhum a sair a campo com elle; e confessando com o temor a vantagem, que é a maior victoria de todas. Pois se Saul é invejoso, porque não inveja a Golias, senão a David? Porque Golias era philisteu e David israelita: Golias era de outra terra e d'outra nação; David era da sua patria e do seu proprio sangue. Por isso não teve coração para o estimar, nem bocca para o applaudir, nem olhos para o ver ou poder ver. Para que se veja se acharia Sancto Antonio olhos na sua patria, que com a luz de suas maravilhas (como elle mesmo diz) se não cegassem de inveja e totalmente as não vissem: *Totaliter excoecarentur*.

Invejam-se os vivos e não os mortos. Por isso Lisboa honra hoje tanto a Sancto Antonio.

Contra este discurso vejo que póde haver quem argumente e com a mais qualificada prova que é a da experiencia. Todos sabemos quanto Lisboa se honra de ter um filho como Sancto Antonio: os theatros e jogos publicos com que o festeja, os applausos, os panegyricos, os poemas com que celebra estas mesmas maravilhas que obrou nas terras extranhas. Logo não é de tão má condicção a sua patria, que não houvesse de estimar as mesmas obras gloriosas, se fossem feitas n'ella; nem são tão máus ou tão cegos os seus olhos que as não houvessem de vêr. Acceito e estimo a instancia, porque tão longe está de impugnar o meu discurso que antes o confirma mais. Ainda não tendes advertido que a inveja faz grande differença dos mortos aos vivos e dos presentes aos passados? Em quanto as luzes são vivas, cada reflexo d'ellas é um raio que cega os olhos da inveja. Porém depois que ellas se apagaram e muito mais se se mettem largos annos em meio, então abre a inveja, como ave nocturna, os olhos; então vê o que não podia vêr; então venera e

celebra essas mesmas luzes e levanta sobre as estrellas seus resplandores.

Texto notavel de S. Zeno Veronense.

Por isso disse com grande juizo S. Zeno Veronense, que todo o invejoso é inimigo dos presentes e amigo dos passados: *In omnibus se inimicum praesentium servat, amicum vero pereuntium.* Os mesmos que agora amam e veneram a Sancto Antonio, se viveram em seu tempo o haviam de abhorrecer e perseguir; e as mesmas maravilhas que tanto celebram e encarecem, se foram obradas na sua patria, as haviam de escurecer e anniquilar: porque é consequencia propria e natural da inveja perseguir os presentes e estimar os passados, matar os vivos e celebrar os mortos. Assim que todas estas festas publicas, todos esses panegyricos e applausos com que hoje celebra Lisboa e Portugal o seu portuguez, tão longe estão de provar que no tempo em que vivia Sancto Antonio houvessem de fazer o mesmo, que antes são testimunhos publicos e authenticos do contrario; e que essas maravilhas que hoje tanto celebra e festeja a sua patria, se elle as obrara na mesma patria, hoje faz quatrocentos annos, quando vivo, nem então haviam de ser maravilhas, nem haviam de luzir como taes, nem haviam de ser vistas, quanto mais celebradas.

3.º As obras illustres de Sancto Antonio na sua patria não haviam de parecer boas, porque para olhos maus não ha obra boa. *Matth.* 26 *Ibid.* 20

VIII. Temos visto que as obras illustres e gloriosas que Sancto Antonio obrou nas terras extranhas não as havia de fazer na sua e que ainda que as fizesse n'ella não haviam de ser vistas. Agora digo e concluo que ainda que fossem feitas e vistas por isso mesmo não «lhes haviam de parecer boas»: *Ut videant opera vestra bona.* A razão d'esta lastimosa verdade em summa é, porque «para» olhos máus não ha obras boas. Boa obra era e canonizada por boa, derramar a Magdalena os unguentos preciosos sobre os pés do Salvador. Mas como eram maus os olhos de Judas logo essa mesma obra boa foi murmurada e reputada por não boa: *Ut quid perditio haec?* Boa obra era e tambem canonizada por boa, a graça que o pae de familias fez aos ultimos que vieram trabalhar á sua vinha. Mas tambem a murmuraram e se escandalizaram d'ella os companheiros; e porque? Porque ainda que a obra era boa, os olhos eram máus: *An oculus tuus nequam est, quia ego bonus sum?* Basta que porque eu sou bom, hão de ser os vossos olhos maus? Sim; e não é necessario outro porquê. Antes d'este mesmo *porquê* e d'esta mesma causa resulta outro effeito ainda peior. Porque eu sou bom, os vossos olhos são máus; e porque os vossos olhos são máus, eu hei de deixar de «parecer» bom. Assim succedeu ao pae de familias: porque elle era bom e a graça que fez era boa, os olhos que a viram foram máus; e porque os

olhos que a viram foram máus a graça e quem a fez deixaram de «parecer» bons; e por isso foram murmurados. Notae este terrivel e diabolico circulo que a inveja faz com causalidade reciproca entre a potencia de vêr e o objecto visto. A vista ou se faz por especies que o obecto manda á potencia ou «pelos» raios que a potencia manda ao objecto; e estas duas opiniões contrarias dos philosophos conciliou e ajunctou a inveja para fazer guerrá ao bem que não póde vêr. Pelas especies que saem do objecto faz que sendo o objecto bom, os olhos sejam máus; e pelos raios que saem dos olhos faz que sendo os olhos máus o objecto não «pareça» bom. De maneira que a bondade do objecto faz a maldade da potencia; e a maldade da potencia «faz desapparecer» a bondade do objecto. Porque eu sou bom, os teus olhos são máus; e porque os teus olhos são máus, não hei de «parecer» bom. Vêde se mettidas entre tal casta de olhos podiam «parecer» as obras de Sancto Antonio boas: *Ut videant opera vestra bona.*

O invejoso olha só para o lado em que póde arguir a obra.

E para que vejamos nas mesmas obras boas e tão gloriosas de Sancto Antonio como isto havia e podia ser, é necessario que advirtamos primeiro uma notavel habilidade e astucia que usa a inveja para desluzir e escurecer as boas obras e para lhes avenenar a mesma bondade. E qual vos parece que será esta habilidade e astucia? É que nunca olha para toda a obra boa de claro em claro, assim como é em si mesma; senão que sempre a procura tomar por um lado; e por aquella parte ou ponta d'onde menos claramente se descobre a sua bondade, para ter em que morder e que arguir.

É o que Balac ensinou a Balaam para que amaldiçoasse os arraiaes de Israel.

Balac, rei dos moabitas, tendo á vista os arraiaes do povo de Deus, de que era capital inimigo, subornou com grandes promessas ao propheta Balaam para que os amaldiçoasse. Subiu-se o propheta a um monte, d'onde se descubriam todos os arraiaes, e viu n'elles tal ordem, tal concerto, tal grandeza e majestade, que em logar de os amaldiçoar os abendiçou e disse e prophetizou d'elles grandes maravilhas. Que faria o rei ouvindo isto? Queixou-se muito a Balaam de que fizesse tanto pelo contrario o que entre ambos estava concertado; e como elle se escusasse que não podera fallar contra o que vira, nem dizer mal do que lhe parecera mais que bem, o meio que de novo lhe offereceu e aconselhou o rei, foi este: Vinde commigo a outro logar d'onde vejais só parte de Israel e não o possais ver todo e d'ahi o amaldiçoareis. De sorte que intendeu sagazmente o rei que aquillo mesmo que vendo-se todo e como é, não se póde amaldiçoar; visto só per algum lado, póde ser capaz de maldição. E este é o dictame e a astucia da inveja. Olha

para as cousas grandes de modo que se não vejam todas, senão alguma parte e essa a menos luzida; e d'esta sorte não ha obra boa tão boa, que por malvista não possa ser maldicta.

D'este modo foi murmurado o divino Mestre.

Ninguem fez n'este mundo tão boas obras, nem tão manifestas, nem tantas como o Filho de Deus: mas vêde por que lado as via-e como olhava para ellas a inveja, que por ellas o poz na cruz. Se tirava a Mattheus do Telonio e Zacheu das usuras, não dizia que convertia os peccadores, senão que tractava com publicanos. Se dava vista ao cego de seu nascimento, fazendo um pequeno de lodo e pondo-lh'o nos olhos; e se ao paralytico de trinta e oito annos mandava levantar do leito e tomal-o ás cóstas, não dizia que fazia milagres, senão que quebrantava o sabbado. Se nas vodas de Caná persuadia «como diz Sancto Agostinho» o celibato a João; e convidado pelo phariseu defendia a penitencia da Magdalena e no banquete do outro principe reprehendia a soberba dos primeiros logares e louvava a modestia e humildade dos ultimos, não dizia que das mezas fazia eschola de virtudes, senão que andava em convites. Se via o concurso das gentes, umas sobre outras, a tocar as vestiduras sagradas e receber saude, não dizia que sarava os infermos, senão que perturbava e inquietava a republica. E se d'este modo eram vistas as boas obras de Christo pelos olhos dos seus naturaes; como veriam as de Sancto Antonio ser boas: *Ut videant opera vestra bona?*

E podia em sua patria ser murmurado Sancto Antonio.

Dae-me licença que eu me revista um pouco de humor invejoso; e vêde como haviam de ser avaliadas na sua patria as obras boas e tão boas de Sancto Antonio. Quando vissem que deixava a sobrepeliz e murça de Sancta Cruz e se passava ao habito de S. Francisco e que trocava o nome de D. Fernando pelo de Fr. Antonio, não haviam de dizer que buscava maior aspereza e humildade, senão que era um moço vario e inconstante; e que não podia ser bom espirito o que deixava a primeira vocação. Quando ouvissem que tendo deixado Portugal para ir buscar o martyrio a Africa, se embarcava outra vez da Africa a Portugal para buscar e recuperar a saude nos ares patrios, bem se vê o que diriam: que os martyrios vistos de perto são muito mais feios que de longe; que aquelles fervores de ser martyr com as aguas do Mediterraneo se tinham apagado; e que mal teria coração para dar a vida, quem tão amigo era da saude. A passagem ou arribada a Sicilia e Italia claro é que se havia de attribuir á tempestade e acaso e não ao mysterio da Providencia que o levava, onde tanto se queria servir d'elle. E quando se visse que com tão poucos annos de habito e de edade se punha em campo contra Fr. Elias que relaxava a po-

breza e primitiva regra seraphica, não haviam de dizer que aquillo era zelo da religião, senão *divisio a capite*; que era desobediente e rebelde ao seu geral; que era sedicioso e perturbador da ordem; emfim que obrava como filho de seu pae e não como filho de S. Francisco; e para maior energia e propriedade da satyra, aqui lhe haviam de encaixar o sobrenome de Bulhão que tinha deixado no mundo. Quando ouvindo a confissão do outro moço que tinha pizado a sua mãe lhe afeiou a enormidade d'aquelle desacato com tal efficacia, que o moço assombrado se foi cortar o mesmo pè, não haviam de reparar em que o Sancto lh'o restituira outra vez milagrosamente; mas que era tão indiscreto nas reprehensões dos peccadores, que não merecia ter assento no tribunal da benignidade e misericordia de Christo; e que devia a religião prival-o do confessionario. Se se dissesse que homens e mulheres se levantavam de noite para ir tomar logar no campo onde havia de prégar Sancto Antonio e que a outra mãe pela mesma causa deixara só o filhinho que innocentemente se deitou em uma caldeira de agua fervendo; que motivos tão apparentes teria a inveja para dizer que aquellas prégações e aquelles concursos mais eram para destruição das almas e das vidas que para a edificação? Que direi do partido em que o Sancto veio com os herejes, de que a mula esfaimada de tres dias, com o pasto natural deante e o pão do céu á vista decidisse a controversia? Qual temeridade (diriam) póde ser maior e mais precipitada, que no mysterio mais sagrado da nossa fé fiar a demonstração da sua verdade da contingencia de um successo tão difficultoso e do appettite irracional e da fome irritada de um bruto? Outra vez tendo fugido um noviço do convento, mandou o Sancto ao demonio que com uma espada nua o esperasse ao passar de uma ponte e o fizesse tornar para d'onde viera. E não haviam de dizer que até o inferno obedecia a Antonio, senão que era homem de taes artes, que tinha trato secreto e familiar com os demonios; e ao menos, que usava de meios tão suspeitosos que deviam ser delatados ao sancto Officio. Já se lhe succedesse então o que depois experimentou Roma na egreja antiga de S. Pedro, quando o pontifice mandou que em logar de uma imagem de Sancto Antonio se pozesse a de S. Gregorio; que diria a piedade e devoção portugueza? Foi o caso, que subindo o pedreiro para picar a parede, levantou (diz a historia) o picão; e dando o primeiro golpe *in capitio* no capello do Sancto, elle despregou a mão pintada; e deitando a rodar o pedreiro e o andaime com um fracasso que fez tremer toda a basilica, metteu outra vez a mão na manga; e defendendo d'esta sorte o seu posto, ninguem se atreveu mais a

o tirar d'elle. E fradesinho menor que não cede o seu logar nem a um Sancto, como S. Gregorio papa, nem por mandado de outro papa; e que tanto que lhe tocam e o picam, dá com tudo a rodar; e que á primeira picada não espera pela segunda, porque não sabe levar duas em capello; pintado portuguez será elle, mas sancto, isso não.

Conclusão.

E se as boas obras de Sancto Antonio assim haviam de ser, ou assim podiam ser interpretadas na sua patria (como ella costuma interpretar e accusar outras verdadeiramente boas; e tanto mais quanto mais teem de maravilhosas) fez muito bem e andou muito prudente o Sancto em as vir obrar em terra onde fossem estimadas, como mereciam e vistas como Deus lhe mandava: *Ut videant opera vestra bona.* [1]

No amor da patria mostrou-se Sancto Antonio mais sizudo que José filho de Jacob.

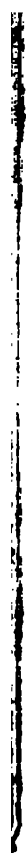
IX. Tal foi, senhores, hoje faz um anno a luz e taes são hoje as sombras que nos deram materia á primeira e segunda parte d'este sermão ou d'estes dous sermões. O primeiro todo de luz e o segundo todo de sombras. E tendo eu dado fim, como tenho, a um e outro discurso; que colherei de tão extranho as-

[1] *Nota do compilador.*—Tambem o seguinte trecho merece consideração; mas é frio no contexto=N'aquelle seu cantico triumphal introduz o propheta Abacuc a Deus saindo a obrar maravilhas em Babylonia não por si mesmo, senão por seus ministros e instrumentos; e diz estas notaveis palavras: *Deus ab austro veniet et sanctus de monte Pharan: splendor ejus ut lux erit, cornua in manibus ejus.* Diz como cousa nova e rara que seria o seu resplandor á medida da sua luz: *Splendor ejus ut lux erit;* porque ordinariamente vemos grandes resplandores onde não ha luz, e grandes luzes sem nenhum resplandor. O proverbio da nossa terra diz: *Nem tudo o que luz é ouro.* Melhor diria, se dissesse: *Nem tudo o que é ouro, luz.* E como Sancto Antonio na sua patria era ouro, quando menos, arriscado a não luzir e luz arriscada a não resplandecer; como se havia de expôr a estas contingencias, se Christo lhe mandava que luzisse a sua luz: *Sic luceat lux vestra?* Diz mais o propheta, que esta luz resplandecente levava nas mãos o que os touros trazem na cabeça: *Cornua in manibus ejus.* E se vos admira a phrase e quereis ouvir a interpretação propria d'esta que parece impropriedade, sabei que a palavra *Cornua,* referindo-se, como aqui se refere, á luz quer dizer resplandores. (Por isso dos resplandores que lançava de si o rosto de Moysés, se diz no téxto sagrado: *Cornuta erat facies sua.*) E estes resplandores nasciam e estavam nas mãos: *In manibus ejus*; porque nas mãos e nas obras se hão de ver, como se viam as de Sancto Antonio. Finalmente, diz, que esta mesma luz ou este mesmo Sancto saiu do monte Pharan: *Et sanctus de monte Pharan*; com grande mysterio, porque o monte Pharan, como declaram e trasladam os Septenta é o mesmo que o monte das sombras; e para a luz luzir e as boas obras resplandecerem é necessario que sáiam e se apartem da terra das sombras, onde ellas as podem eclipsar e escurecer. Por isso Sancto Antonio saiu da sua com divina prudencia e providencia; e porque esteve fóra da terra das sombras; por isso a luz das suas obras luziu e resplandeceu de maneira, que os olhos dos homens poderam ver obras de tanta luz: *Sic luceat lux vestra coram hominibus ut videant opera vestra bona.*

sumpto para dizer ao nosso Sancto portuguez e a todos os portuguezes? A vós, meu Sancto, só digo que vos dou o parabem e os devidos louvores, não por outro motivo, senão pelo mesmo com que se queixava de vós a patria, invejosa de Italia; e não por outro exemplo, senão pelo mesmo que ella allegava de José ao qual mais generosamente antes quizestes emendar que seguir. Elle mandou tresladar seu corpo do Egypto para a sua patria; e quem o poderá livrar de ingrato n'esta eleição e de injusto n'esta preferencia? Na patria foi perseguido, foi preso, foi vencido, e, para dizer tudo em uma palavra, foi invejado de seus proprios irmãos. No Egypto foi amado, foi estimado, foi adorado e preferido pela mesma majestade a todos os naturaes, sendo extrangeiro. E se a patria, em summa, de livre e senhor o fez escravo; e o Egypto de escravo, principe; devendo José eternizar a memoria de tamanhas obrigações, quando menos, nos marmores do seu sepulcro; que as esqueça, as desconheça e quasi as despreze pelo amor tão mal merecido da terra indigna em que nascera! Não ha duvida que se póde pôr em questão, se foi mais ingrato José com o Egypto ou a sua patria com elle.

Por isso deixou seu corpo á Italia.

Não assim o generoso e fiel animo de Antonio e por isso antes de Padua que de Lisboa. Não teve aggravos que perdoar á patria, porque os anticipou com fugir d'ella: foi, porém, tão reconhecido e tão agradecido ás honras que recebeu da devoção, da piedade, e da nobreza de Italia, posto que terra extranha, que não tendo outra cousa que lhe deixar, como aquelle que tinha deixado tudo, por prenda de seu amor, por memorial de sua gratidão e por fiador perpetuo de seu patrocinio, deixou n'ella o deposito de seus sagrados despojos: para que tambem intendam todos os que amam, e veneram e servem a Sancto Antonio, de qualquer nação ou condição que sejam, que servem a tão bom pagador que não sabe dever o que deve; e que só é natural das suas obrigações, porque não reconhece outra patria.

(Ed. ant. tom. 13.º pag. 252; ed. mod. tom. 11.º pag. 196.)

SERMÃO DE S. GONÇALO **

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Sendo a festa de S. Gonçalo muito popular, popular é tambem o estylo d'este longo e rico sermão e cheio de reflexões moraes. Mas nem por isso deixa de ter forma de panegyrico com o caracter de originalidade que é proprio dos sermões de Vieira. Foi prégado no Brazil.

Si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit; beati sunt servi illi.
S. Luc. 17.

Duvidas acerca do estado profissão e maioria das grandezas de S. Gonçalo.

Onde ha muito em que eleger, não póde haver pouco sobre que duvidar. Celebra hoje a nossa devoção um sancto, sobre cujo estado duvidaram os historiadores, sobre cuja profissão duvidou elle mesmo e sobre cujas grandezas, para eleger as maiores, eu sou o que mais duvido. Duvidaram os historiadores sobre o seu estado: porque uns o fizeram da jerarchia clerical como filho de S. Pedro; outros da monastica como monje de S. Bento; outros da mendicante como religioso de S. Domingos: controversia em que é mais gloriosa a duvida que a decisão. Assim duvidaram e contenderam as mais nobres cidades da Grecia sobre qual fosse, ou houvesse sido, a patria do famoso Homero. Duvidou o mesmo Sancto sobre qual seria a profissão em que Deus mais se agradaria que elle o servisse, porque não basta servir a Deus, mas é necessario servil-o como elle quer. E como n'este requerimento empenhasse muitas horas e muitos dias de fervorosa oração e, porque já era sacerdote, muitos sacrificios, finalmente lhe respondeu o divino oraculo, que se dedicasse a seu serviço n'aquella religião em que se dá principio aos officios divinos pela *Ave Maria*. Com este indicio, no qual era significado claramente o sagrado instituto dos Prégadores, resolveu o Sancto a sua duvida; e com o mesmo espero eu resolver a minha. Para dar, pois, bom principio

ao nosso discurso comecemos tambem saudando a Mãe da graça, e digamos: *Ave Maria.*

As quatro vigias da noite e as quatro edades do homem. Assim na segunda e terceira edade como na segunda e terceira vigilia é mais trabalhosa a resistencia.

II. *Si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, beati sunt servi illi.* Duvidoso eu e muito duvidoso, como dizia, entre as grandezas do nosso Sancto, para eleger e prégar d'elle as mais admiraveis, sobre esta minha duvida encontro no evangelho com outra maior. Diz Christo, Mestre divino e Senhor nosso, que os servos que elle achar vigilantes, ou venha na segunda vigia da noite, ou na terceira, esses são os bemaventurados. A supposição e phrase é militar; porque já os soldados n'aquelle tempo dividiam a noite em quatro vigias, de cujo numero persevera hoje o nome de se chamarem quartos. E porque a nossa vida, como diz Job, é milicia e n'este mundo vivemos ás escuras, ou com pouca luz, como de noite; divide o Senhor a mesma vida do homem em quatro partes com o nome de quatro vigias. A primeira parte ou edade é a de menino, a segunda a de mancebo, a terceira a de varão, a quarta a de velho. Supposto, pois, que estas partes ou edades no curso da vida humana são quatro; porque deixa o Senhor a primeira e a ultima, e só faz menção da segunda e da terceira? A razão natural quanto ás vigias é, porque na segunda e na terceira é mais carregado o somno, mais trabalhosa a resistencia e mais difficultosa a vigilancia. E quanto ás partes, ou edades da vida, é tambem a mesma ou similhante: porque na edade de mancebo e de varão, assim como as tentações são mais fortes, assim é mais trabalhosa a resistencia dos vicios e mais difficultosa a observancia das virtudes. Na primeira edade, que é a dos meninos, ainda os não tenta o mundo: na ultima que é a dos velhos, já os não tenta; e a virtude sem batalha, que nos meninos é innocencia e nos velhos desengano, quanto mais está em paz e fóra da guerra, tanto menos tem de victoria e de solida e forte virtude.

O texto das quatro vigias concordado com o primeiro preceito do decalogo por S. Gregorio Nazianzeno. *Luc.* 10.

S. Gregorio Nazianzeno concordando este texto com a lei em que Deus nos manda que o amemos, dá outra razão egualmente propria e natural; mas muito mais sublime. *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo et ex tota anima tua et ex omnibus viribus tuis et ex omni mente tua:* amarás a Deus, teu Senhor, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu intendimento e com todas as tuas forças. De sorte que d'estas quatro partes, ou d'estes quatro todos ha de constar o amor de Deus, para ser legitimo de todos os quatro costados. Amor de todo o coração, amor de toda a alma, amor de todo o intendimento e amor de todas as forças. Pois esta é a razão por que Christo só falla da segunda e da terceira vigia e não

da primeira nem da quarta, e por que só chama bemaventurados aos da segunda e terceira edade, que são os mancebos e varões, e não os da primeira e da quarta que são os meninos e os velhos? Sim e clarissimamente: porque Deus quer ser amado não só com todo o coração e com toda a alma, senão tambem com todo o intendimento e com todas as forças; e posto que os meninos e os velhos teem coração e teem alma; os meninos ainda não teem intendimento e os velhos já não teem forças: logo só os da segunda e terceira vigia, só os mancebos e os varões podem amar e servir a Deus com todas as quatro partes do inteiro e perfeito amor: com todo o coração, *ex toto corde;* com toda a alma, *ex tota anima;* com todo o intendimento, *ex tota mente*; com todas forças, *ex omnibus viribus.*

S. Gonçalo foi sancto não só na segunda e terceira edade, senão tambem na primeira e quarta.

Intendido assim (pois assim se deve intender) o evangelho, parece que elle por si mesmo nos tem já dividido o discurso em duas partes; e que segundo ellas, devemos tractar das duas principaes edades do nosso Sancto: a segunda que nos mancebos é florente; e a terceira que nos varões é madura: sendo uma e outra na sua perfeição ambas foram cheias de flores e ambas de fructos. Mas posto que assim pareça a outros, a mim, cuja é a eleição, não me parece. Não são as excellencias de S. Gonçalo tão pouco grandes, que caibam em tão estreitos limites. Quando o rio sái da madre, tambem as margens são rio. Digo pois ou determino dizer que S. Gonçalo não só foi sancto da segunda e da terceira vigia, senão tambem da primeira e da quarta. Sancto e admiravel sancto na primeira edade de menino: sancto e admiravel sancto na segunda de mancebo: sancto e admiravel sancto na terceira de varão: sancto e admiravel sancto na quarta de velho. Se o discurso fôr largo, facilmente se accommodará a devoção com a paciencia.

1.º Foi sancto na edade de menino. Historia do seu baptismo e da sua infancia.

III. Começando pela primeira vigia, foi sancto e admiravel sancto S. Gonçalo na primeira edade de menino porque «tal se mostrou» oito dias depois de nascido, que foi o do seu baptismo. Saiu da pia onde os outros meninos extranham tanto o rigor da agua, e quando a ama o recolheu nos braços para o acalentar do choro e lhe dar o peito, o prodigioso infante em vez de chorar e mamar, fitou os olhos em um Christo crucificado e com o rosto alegre e os bracinhos abertos e extendidos parecia que lhe dava as graças do «beneficio» que recebera. Assim esteve por largo espaço com admiração e pasmo dos circumstantes sem o poderem divertir da vista firme e contemplação attenta do sagrado objecto. «E para que todos intendessem que este facto não era casual senão obra amorosa da graça que desde já prevenia e sanctificava aquella alma,» não parou o prodi-

gio n'aquelle dia: mas depois se continuou com novas e maiores circumstancias: porque o mesmo menino que então não chorou, agora chorava irremediavelmente e o que então tomou o peito agora estava constante em de nenhum modo o querer admittir. Não se intendia ao principio o segredo d'estas lagrimas e abstinencias: até que finalmente se conheceu que eram saudades dos primeiros amores. Para que não chorasse e se deixasse alimentar de que industria usavam? Levavam a Gonçalo ou a Gonçalinho á mesma egreja e tanto que punha os olhos na imagem de Christo crucificado esta vista lhe enxugava logo as lagrimas e lhe tirava o fastio, com que já contente e gostoso acceitava o natural alimento. Este era o unico remedio e não havia outro. Caso verdadeiramente raro! Como se o baptismo lhe infundira não só os habitos, senão os actos de todas as virtudes, em não chorar exercitou o da fortaleza, em não tomar o peito o da temperança; em fixar os olhos e extender os bracinhos para a imagem de Christo crucificado o da prudencia, o da justiça, o da religião, o da fé, o da caridade; e em o não poderem divertir d'aquella devota e constante attenção o da perseverança.

Deu fructo antes do tempo mais admiravel que a arvore de que falla o psalmo 1.º

Lá disse o real propheta do homem que logo começa e ha de ser grande sancto: *Et erit tanquam lignum quod plantatum est secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit in tempore suo:* que será como a arvore nova e tenra plantada juncto ás correntes das aguas, a qual dará o fructo a seu tempo. As aguas correntes são as do baptismo: as plantas novas regadas com ellas são os baptizados, não adultos senão meninos e innocentes; e d'estes diz o propheta, não que dão logo o fructo, senão que o darão a seu tempo. Porque? Porque n'aquelle estado imperfeito da natureza, que é a infancia, assim como teem emmudecida a lingua e enfaixados os braços, assim as potencias da alma, como dormentes, não estão promptas e expeditas para exercitar logo os actos das virtudes. Crescendo, porém, depois e tomando forças, então sái ou amanhece, como sol de entre nuvens, o lume do intendimento e da razão; e então é o tempo determinado pela natureza e esperado pela graça para poderem produzir e produzirem os fructos: *Et fructum suum dabit in tempore suo.* Assim succede a todos os meninos. Porém o nosso, como excepção dos demais, anticipando os limites e vagares da natureza, fez seu o tempo que não era seu e seus os fructos que não eram do tempo.

Qual a fé dos meninos segundo sancto Agostinho. Não foi tal a do S. Gonçalo.

Reparou e considera discretamente Sancto Agostinho que os meninos vão ao baptismo com pés não seus e crêem com coração não seu e confessam o que crêem com lingua não sua: *Par-*

vulis mater ecclesia aliorum pedes accommodat ut veniant, aliorum cor ut credant, aliorum linguam ut fateantur. E tudo isto fizeram seu os olhos do nosso menino todas as vezes que se fixaram em Christo crucificado. Aquelles olhos fizeram sua a lingua com que confessaram a fé: aquelles olhos fizeram seu o coração com que a creram; e aquelles olhos fizeram seus os pés ou para melhor dizer, as azas com que venceram as distancias que ha de menino a homem sem deixar espaço em meio. Assim ficou o nosso Sancto e se mostrou «desde a primeira vigia tão admiravel na sanctidade»; porque não sendo o tempo seu em quanto menino, em quanto homem o fez seu: *Et fructum suum dabit in tempore suo.*

IV. Quanto á segunda vigia foi sancto e admiravel sancto S. Gonçalo na edade de mancebo; porque feito n'aquelles annos pastor de almas (officio tão perigoso para a propria, como util para as alheias), de tal sorte acudiu a uma obrigação sem faltar a outra, que a ambas satisfez adequadamente. Faltavam-lhe ao novo prelado as cãs, que no sacerdocio são os esmaltes da corôa e na prelazia o ornamento da dignidade: mas não lhe faltava nada do que as mesmas cãs significam e não poucas vezes desmentem. São como as neves de que sempre está coberto o monte Ethna, debaixo das quaes se occultam vulcões e incendios: são como as que o divino Mestre chamou sepulturas caiadas; brancas por fóra e corrupção por dentro. E tambem podem ser como aquella arvore a que já comparámos o nosso Sancto em mais levantado sentido. D'ella diz o propheta, que nunca lhe cairá a folha: *Folium ejus non defluet;* e as arvores que não mudam a folha, tão verdes são de poucos annos como de muitos. Mas quanto por maior indecencia se devem extranhar nos velhos as verduras, tanto é digna de maior veneração nos moços a madureza. As verdadeiras cãs, diz o Espirito Sancto, são o juizo sizudo; e não consiste a velhice na côr dos cabellos, senão na pureza da vida. Os melhores cabellos e a peior cabeça que nunca houve, foi a de Absalão: os cabellos vendiam-se a peso de ouro e a cabeça nenhum peso tinha. Mais lhe tomara eu o chumbo na testa, que o ouro na gadelha. Tambem ha cabellos que parecem de ouro e são de prata sobredourada; e isto é o peior que teem as cãs, poderem-se tingir. Não assim os cabellos negros, que não admittem outra côr. Por isso a pastora das eglogas de Salomão, o que louvou nos cabellos do seu pastor foi, serem da côr do corvo. *Comae eius sicut elatae palmarum, nigrae quasi corvus.*

Sendo, pois, o melhor e o maior de todos os pastores, pastor e mancebo, grande louvor é do nosso Sancto ser eleito pastor

2.º Foi sancto na edade de mancebo. É feito pastor de almas. As verdadeiras cãs são o juizo sizudo.

Matth. 23

Ps. 1

Sap. 4

O pastorear de Abel, Jacob, David, Moysés. O peior gado de guardar é o homem. Sem valor não se póde pastorear. *Eccl.* 7

na mesma edade. Mancebo era Abel; e que pastor mais religioso? Mancebo era Jacob; e que pastor mais vigilante? Mancebo era David; e que pastor mais animoso e esforçado? Se o leão (diz o Texto) lhe tomava o cordeiro pela cabeça, tirava-lh'o da garganta pelas pontas dos pés; e se lh'o engolia pelos pés, arrancava-lh'o das entranhas pelas orelhas. A edade da velhice é já muito fria para acções tão alentadas e tão ardentes. O peior gado de guardar é o homem. Quarenta annos guardou ovelhas Moysés sem nenhum perigo; e não havia dous annos que era pastor de homens, quando só Deus lhe pôde guardar a vida dos mesmos a quem elle guardava. Elle levava-os a beber nas correntes purissimas do Jordão; e elles suspiravam pelos charcos do Nilo e lodos do Egypto. A maior falta que hoje se experimenta nos pastores é a do valor. Se S. Gonçalo o não tivera mostrado antes, tanta culpa teria quem lhe metteu o cajado na mão, como elle em o acceitar. Se não tens valor para arcar com os vicios auctorizados, e temes o rosto dos poderosos, não acceites o officio, diz Deus: *Noli fieri judex, nisi valeas irrumpere iniquitates; ne forte extimescas faciem potentis.* No rebanho manso das ovelhas tambem ha valentes de testa tão dura e armada, que se batem uns com os outros: mas todos temem e reverenceiam o pastor. Assim foi antigamente, quando os pastores eram Chrysostomos e Ambrosios, posto que os mais poderosos da manada fossem Theodosios e Arcadios. Se os pastores não guardaram tantos respeitos, elles foram mais respeitados. E assim o foi S. Gonçalo, posto que mancebo.

De que modo S. Gonçalo governava a sua egreja.

Do tempo em que governou a sua egreja dizem muitas cousas os historiadores, todas proprias de um bom pastor. Dizem que não se vestia da lã das ovelhas, nem se sustentava do seu leite e muito menos do seu sangue. Dizem que o patrimonio de Christo não gastava com creados, cães ou cavallos, nem com accrescentar a casa ou lhe vestir as paredes. Dizem que, excepta a limitada congrua do proprio sustento, tudo o demais distribuia aos pobres e não como proprio com nome de caridade, senão como seu d'elles e por obrigação de justiça. Dizem que não só prégava aos ouvidos, senão tambem e muito mais aos olhos; porque os exemplos da sua vida era a alma de toda a sua doutrina. Estas e outras muitas cousas dizem os historiadores; mas todas em commum.

Prova com um milagre a efficacia da excommunhão.

E porque do tempo em que o nosso Sancto foi pastor um só caso referem em particular, por este colligiremos os demais; e vendo como obrava, conheceremos qual era. Havia entre os freguezes de S. Gonçalo o abuso que ainda dura em outros, de terem perdido o medo ás excommunhões. Eram d'aquella gen-

te que não crê o que não se vê, e sentiam mais a pena que os multava na bolsa, que a que os condemnava na alma. Prégando, pois, um dia o Sancto afeando este abuso como tão alheio da fé e religião christã, viu passar uma mulher que levava uma cesta de pão; chamou-a, mandou-lhe que pozesse a cesta a seus pés; e repetindo com voz temerosa a forma da excommunhão sobre os pães, que eram muito alvos, subitamente se converteram em carvões. Ficaram assombrados todos e muito mais a pobre mulher, que deu por perdido o seu pão. Mas depois que com a vista de tão extranha e repentina mudança os viu persuadidos ao que não acabavam de intender; Agora, diz o Sancto, para que vejais tambem quão contrario é o effeito que obra a absolvição nos excommungados... Repetiu sobre os carvões as palavras da absolvição; e no mesmo momento e do mesmo modo ficaram outra vez convertidos em pães tão alvos como d'antes eram.

A excommunhão de S. Gonçalo e as excommunhões de outros pastores.

Feita a demonstração de um e outro milagre, disse S. Gonçalo á mulher, que levasse o seu pão com a benção de Deus; e aqui reparo muito. Sendo o pão não uma, senão duas vezes milagroso, dobrada razão tinha o Sancto para o applicar á egreja. Oh tempos! Parocho sei eu que á conta de uma excommunhão teve pão com que sustentar muitos dias a sua familia; e era muito mais numerosa que a de S. Gonçalo. E porque não fez elle outro tanto? Ao menos parece que devera mandar reservar alguns d'aquelles pães convertidos em carvão, para perpetua memoria e horror do caso. Porque tornou, pois, a entregar á mulher todo o seu pão tão inteiro no numero e tão branco na côr como era d'antes? Porque intendeu o bom e desinteressado pastor, que era cousa muito fóra de razão querer fazer milagres á custa do pão alheio. Quantos milagres vemos e quantos homens e alvitres milagrosos, e todos á custa do pão alheio e nenhum do seu? A Elias sustentava Deus cada dia com dous pães; e a S. Paulo primeiro ermitão tambem cada dia com meio pão; e sendo os ministros de um e outro milagre corvos, sempre o pão era da meza de quem mandava sustentar os famintos e não tomado a outrem. O maior milagre n'este genero foi o dos pães, que sendo cinco se multiplicaram a tantos milhares que sustentaram cinco mil homens, e sobejaram tantas alcofas. Mas estes sobejos para quem foram? Para os donos dos cinco pães, que eram os apostolos. «Se o caso fosse para gracejar dir-se-ia que» similhante milagre já o vimos e estamos vendo. O que hontem se contava por unidades, hoje se conta por milhares e por milhões. Mas á custa de quem? Dos mesmos que dão a materia e o cabedal para o milagre. E em vez de te-

rem parte na multiplicação e quando menos nos sobejos, até seus cinco pães lh'os excommungam de maneira que antes os querem perder que lograr: porque só lh'os permittem convertidos em carvão.

Algumas vezes é perfeição do milagroso desfazer o milagre.
Ps. 17

O remedio d'esta grande perdição e d'esta lastima, já o ensinou S. Gonçalo, se houver quem lhe queira tomar a lição. E em que consistia o remedio? Consistia em tornar a converter o carvão em pão, assim como o pão se tinha convertido em carvão. Não está a perfeição do milagroso em poder fazer os milagres, senão em os saber desfazer. E a razão no nosso caso é, porque quando os milagres são damnosos, para refazer o damno do milagre é necessario que desfaça o segundo o que fez o primeiro. Isto é o que fez S. Gonçalo; e isto o que não ha quem imite. Se cuidam que é descredito e menos auctoridade do poder, desfazer o que fizeram, enganam-se: porque mais poderosos se mostrarão no desfazer do milagre, que em o fazer. Vêde-o no nosso caso. Converter o pão em carvões, póde-o fazer o fogo queimando-o: mas converter os carvões em pão, só o póde fazer a omnipotencia obrando sobre as leis de toda a natureza. Finalmente, n'este milagre se retratou o nosso bom pastor a si mesmo e mostrou qual era. Este milagre teve avesso e direito; e taes hão de ser os homens que governam homens. O bom pastor não ha de ser todo bondade: nem tudo ha de ser indulgencia, nem tudo censura: *Cum electo electus eris et cum perverso perverteris*. Ha de ter excommunhões para os rebeldes, e absolvições para os arrependidos; e tanto para os brancos como os pães, como para os pretos como os carvões. Ha de saber fazer e desfazer, converter e desconverter. A vara de Moysés era o mesmo cajado com que elle governava as suas ovelhas. E que propriedades tinha este cajado? Umas vezes se convertia de vara em serpente e outras de serpente em vara. Nem por ser a lei de Christo lei de graça, ha de ser n'ella tudo graça.

Que significa o poder das chaves.

A ceremonia com que o Auctor da mesma lei constituiu a S. Pedro supremo pastor, foi metter-lhe na mão as chaves do céu e da terra. E porque ou com que mysterio chaves? Porque a chave tem uma volta para fechar e outra volta para abrir. Nem ha de fechar tudo com rigor, nem deixar tudo aberto com demasiada benignidade. Quando fôr necessario, fechar de pancada: mas se não fôr necessario, não andar ás pancadas. «Continúa Christo dizendo:» O que atares será atado e o que desatares, desatado; e porque? Porque quer que os seus pastores saibam atar e desatar, e não sejam homens que não atam, nem desatam. Porque não atam, andam os vicios soltos; e porque não des-

atam, estão as virtudes presas. Oh se resuscitara S. Gonçalo, como se havia de vêr trocado tudo! Mas temo que o não haviam de merecer os nossos tempos, como tambem os seus o desmereceram.

V. Quanto á terceira vigia, foi sancto e admiravel sancto S. Gonçalo na edade de varão: porque tanto que entrou n'ella, saiu da propria patria e se partiu peregrino a Jerusalem a visitar os sagrados logares de nossa redempção e viver, como viveu, na Terra Sancta todo o restante da edade. Não admiro n'esta notavel resolução o deixar a patria, onde o amor natural costuma lançar aquellas fortes e doces raizes, que tão difficultosamente se arrancam. Mas quando vos vejo, meu Sancto, com o cajado de pastor trocado em bordão de peregrino, deixando as vossas ovelhas e de Christo por ir correr e venerar os passos que o mesmo Senhor andou n'esta vida para as ir apascentar e rematou na morte para as remir, isto é o que não sei admirar bastantemente, nem acabo de intender.

3.º S. Gonçalo foi sancto na edade de varão. Parte peregrino a Jerusalem.

Uma vez sabemos que mudou Christo os trajos e se vestiu de peregrino: mas quando, ou para que? Era no mesmo dia da sua resurreição, tendo dicto tres dias antes, que quando tirassem a vida ao pastor, se derramariam as ovelhas: *Percutiam pastorem et dispergentur oves*. E porque duas d'ellas iam desgarradas e quasi perdidas de Jerusalem para Emmaús, esta foi a causa d'aquella peregrinação; querendo-as reduzir outra vez o Senhor e unir ao seu rebanho. Pois se Christo, como bom pastor, se faz peregrino para trazer duas ovelhas de Emmaús a Jerusalem; como S. Gonçalo, que devia imitar a Christo, se parte peregrino a Jerusalem, deixando em Emmaús, não duas ovelhas, senão todo o rebanho de que era pastor? Emmaús quer dizer *Conselho temeroso;* e este conselho parece que não foi temeroso, senão temerario. Nota o evangelista que Emmaús estava distante de Jerusalem sessenta estadios, *Stadiorum sexaginta*, que fazem da nossa medida tres leguas. E se Christo não soffreu que duas ovelhas se ausentassem do seu rebanho tres leguas e as foi buscar no meio do caminho; como se ausenta S. Gonçalo das suas ovelhas em não menor distancia que de mil leguas, quantas dista Portugal de Jerusalem? Mais: nota o evangelista que esta diligencia a fez Christo no mesmo dia: *In ipsa die*. E se o bom Pastor no mesmo dia acode a uma tão pequena parte do seu rebanho, como S. Gonçalo deixa e desampara totalmente o seu e se vai viver tão longe d'elle, não por menos espaço de tempo que quatorze annos inteiros?

Porque não imita a Christo no caso dos discipulos de Emmaús? *Matth.* 25 *Luc.* 24

Se dissermos que quiz trocar a sua terra pela Terra Sancta, esta razão ainda que parece pia, não é bastante para deixar o

E na parabola do bom Pastor? *Malach.* 15 *Ibid.* 10

seu rebanho sendo pastor. Porque ainda que trocar a sua terra pela Terra Sancta fôra trocar a terra pelo céu, devera trocar o céu pela terra, não digo por acudir a todo o rebanho, senão a uma só ovelha d'elles. Que pastor ha, diz Christo, o qual tendo cem ovelhas, se acaso se lhe desgarrou e perdeu uma, não deixe as noventa e nove no deserto e vá buscar a ovelha perdida? Assim o fez o mesmo Christo. A ovelha perdida era o homem; as noventa e nove eram os nove córos dos anjos: o deserto, onde as deixou, era o céu. E se o bom e verdadeiro Pastor deixou o céu e veio á terra para acudir a uma só ovelha perdida; ainda que trocar S. Gonçalo a sua terra pela Terra Sancta fôra trocar a terra pelo céu, devera não fazer tal troca; mas deixar e trocar o céu pela terra, não só para conservar todo o seu rebanho, como dizia, mas para acudir a uma só ovelha d'elle. E se quizermos considerar que a jornada da Terra Sancta foi feita com espirito e desejo de lá converter os infieis mahometanos que a dominam e habitam, tambem esta escusa é insufficiente e alheia do exemplo de Christo. Quando os apostolos pediram ao mesmo Senhor que ouvisse os clamores da Cananéa que era gentia, respondeu, que as ovelhas que Deus lhe encommendara eram os filhos de Israel e não os gentios: *Non sum missus nisi ad oves quae perierant domus Israel*; e em consequencia d'esta mesma doutrina, mandou a seus discipulos que só prégassam aos judeus e não á gentilidade: *In viam gentium ne abieritis*. E como as ovelhas que S. Gonçalo deixava na sua patria e na sua egreja, eram as que Deus lhe tinha encommendado; ainda que a sua peregrinação a Jerusalem fosse com intento de converter outras do paganismo, comparado este zelo com a sua obrigação, não só não parece louvavel, mas nem ainda licito.

Porque Deus o chamou como chamou da sarça a Moysés. *Exod.* 3

Primeiramente respondo que a peregrinação de S. Gonçalo á Terra Sancta, não só foi licita e louvavel, mas verdadeiramente sancta: porque elle a emprehendeu não só por espirito e devoção particular sua, senão por impulso e vocação especial de Deus. Vejamos o caso resoluto e definido na historia sagrada. Era pastor Moysés e andava nos desertos de Madian guardando as ovelhas que Jetro lhe tinha encommendado, quando viu de longe a sarça que ardia e não se queimava. Resolveu-se então a ir vêr de mais perto aquella maravilha, e diz o Texto sagrado, que vendo Deus que elle voluntariamente ia o chamou e lhe mandou que fosse: *Cernens quod pergeret ad videndum, vocavit eum*. Pois se Moysés ia por sua vontade; porque o chamou Deus? Porque este era o caso, como o do nosso Sancto, em que não basta a inclinação e deliberação propria; mas é necessaria espe-

cial vocação divina: *Cernens quod pergeret ad videndum, vocavit eum.* Assim o fez Moysés, que totalmente deixou então o officio e o rebanho; e assim o fez o nosso Sancto, chamado tambem e inspirado por Deus; e por isso não só licita e louvavel, senão sanctamente e com acto de maior perfeição.

A Palestina era a Rachel de S. Gonçalo.

O que d'esta admiravel «inspiração» se segue é quão singularmente estimou Christo os affectos tambem singularissimos com que S. Gonçalo na sua peregrinação acompanhou os passos da vida e morte do mesmo Senhor; pois antepoz esta devoção e desejo á obrigação e cuidado da guarda das suas ovelhas. A mesma vida e morte de Christo sempre fixa e ardente na memoria do nosso peregrino pastor, não ha duvida que foi, como na de Jacob a sua amada Rachel: pois por ella serviu duas vezes septe annos n'aquelle voluntario desterro, sendo as suas saudades as ovelhas e os seus desejos e suspiros os cordeiros que apascentava; começando desde Nazareth e acabando no monte Olivete e repetindo este amoroso circulo com tantas pausas e estancias; quantos eram ou tinham sido os passos do seu amor.

Em premio não só da sua virgindade mas da sua fineza no amor póde seguir os passos do Cordeiro até na terra. *Apoc. 14*

Mas quem nos acabará de descobrir o mysterio d'esta tão singular novidade e sem exemplo na estima de Christo? O primeiro pensamento que me occorreu, foi que em premio da pureza virginal que perpetuamente guardou o nosso Sancto lhe quiz Deus conceder na terra o que só concede aos virgens no céu. É privilegio concedido no céu aos virgens, diz S. João no Apocalypse, que elles só sigam ao Cordeiro, que é Christo, a todas as partes por onde e para onde fôr: *Virgines enim sunt hi sequuntur agnum quocunque ierit.* Porém os virgens no céu não só seguem os passos do Cordeiro, mas vêem ao mesmo Cordeiro; e S. Gonçalo na terra, sem vêr nem poder vêr o Cordeiro, lhe seguia e adorava os passos. Elles seguem os passos do Cordeiro onde está o Cordeiro; mas S. Gonçalo não seguia os mesmos passos onde o Cordeiro estivesse, senão onde tinha estado, e só porque tinha estado alli, se não podia apartar d'elles. Oh singular e admiravel fineza. E esta digo em conclusão que foi a que Christo assim amado tanto estimou!

Paga elle a Christo o amor com que em quanto Verbo desejava estar com os homens. *Isai. 60* *Prov. 8*

«Assistindo Gonçalo quatorze annos na Terra Sancta e visitando todos os logares» em que o Senhor vivo ou morto tinha estado, respondia e pagava com esta fineza o amor com que Christo em quanto Verbo tinha todas as suas delicias *ab aeterno* em estar com os homens na terra. Notae muito. Traçava este mundo *ab aeterno* a Sabedoria divina que é o mesmo Verbo; e diz que recreando-se pelos logares da terra, eram as suas delicias estar com os homens: *Deliciae meae esse cum filiis hominum.* Mas se ainda então não havia homens que estivessem

n'aquelles logares; como tinha as suas delicias o Verbo em estar com elles? Porque ainda que os homens então não estivessem alli; haviam de estar depois. Como se dissera o Verbo: Aqui ha de estar o paraiso terreal; e as suas delicias eram estar com Adão. Aqui se ha de fabricar a arca; e as suas delicias eram estar com Noé. Aqui se fundará a cidade de Hebron; e as sua delicias eram estar com Abrahão. Aqui será a terra de Hus; e as suas delicias eram estar com Job. Aqui se levantará o monte Sinai; e as suas delicias eram estar com Moysés; e assim dos outros homens e dos outros logares. Do mesmo modo S. Gonçalo. Em Nazareth dizia: Aqui encarnou o Verbo. Em Belem: Aqui nasceu. No monte Tabôr: Aqui se transfigurou. No Calvario: Aqui morreu. No Olivete: D'aqui subiu ao céu; e em todos estes logares eram as suas delicias estar com Christo, não porque alli estivesse: mas porque alli tinha estado. De sorte que o Verbo suppondo o futuro e S. Gonçalo suppondo o passado, ambos com o mesmo amor e com a mesma fineza, o Verbo tinha as suas delicias com os homens, onde não estavam, porque haviam de estar; e S. Gonçalo tinha as suas com Christo onde não estava, porque havia estado. E por este modo excellente e singular cumpriu melhor que todos o nosso peregrino o que Deus prometteu por Isaias, que havia de fazer gloriosos os logares onde tinha posto os seus pés: *Et locum pedum meorum glorificabo.*

4.º Foi sancto na edade de velho, passando-se a um deserto a fazer vida eremitica.

VI. Quanto á quarta vigia foi sancto e admiravel sancto S. Gonçalo na edade da velhice; porque passando-se a um deserto a fazer vida eremitica, soube deixar o mundo antes que o mundo o deixasse. Não quiz que o deixasse a morte dentro dos muros do povoado, mas elle saiu ao deserto para a esperar em campanha. Oh que valente resolução e que bem intendida! Como a velhice é o horizonte da vida e da morte; o horizonte onde se ajuncta a terra com o céu e o tempo com a eternidade; que resolução póde haver mais bem aconselhada e mais digna da madureza de umas cãs, que dedicar á contemplação da mesma eternidade aquelles poucos dias e incertos, que póde durar a vida? Não foi admiravel o nosso sancto velho, porque isto fez; mas é verdadeiramente admiravel, porque fez o que deveram fazer todos os velhos, e não vemos algum que o faça. De todos os outros generos de morte, sendo tantos e tão varios, póde haver esperança de escapar: só a morte que traz comsigo ou após si a velhice, é morte sem esperança. Mata a doença, mata a espada, mata a setta ou descoberta ou atraiçoada; mas de todos estes generos de morte muitos escaparam; só da morte da velhice ninguem escapou. E sendo tão desesperada esta esperan-

ca, mais dignas são para mim de admiração as nossas velhices, do que foi a de S. Gonçalo; pois nos não desenganamos com ellas. Quanto mais temos vivido n'este mundo, tanto mais amamos o mesmo mundo e a mesma vida; e quanto mais são os annos que contamos, tanto mais são as raizes com que estamos pegados á terra. Mas consideremos quão differentemente tinha passado o nosso sancto velho as outras suas edades do que nós temos vivido ou desbaratado as nossas; e esta seja a maior advertencia de o reconhecermos por singular e venerarmos por admiravel.

Levanta uma pequena ermida sobre as ribeiras do rio Tamaga e resolve-se a fazer uma grande ponte.

Em fim, não tendo S. Gonçalo porque fugir de si, fugiu de nós para o deserto; e levantando uma pequena ermida sobre as ribeiras do rio Tamaga, fabricada pelas medidas do seu espirito, alli, só por só com Deus, empregava os dias e velava as noites na altissima contemplação d'aquelle summo Bem, que cedo esperava gozar com a vista. Não havia ou se ouvia n'aquelle bemaventurado logar algum ruido que perturbasse a quietação do sancto anachoreta, senão a tempos de inundações e tempestades os gemidos e vozes mortaes dos que arrebatados da furia e correntes do rio, tão impetuosas como subitas, ou espedaçados nos penhascos, ou afogados no remoinho das aguas, pereciam lastimosamente e sem remedio. Eram muitos todos os annos os miseraveis naufragantes e muito mais as lagrimas dos que n'elles perdiam os filhos, paes ou maridos. E que faria quando isto ouvia e via um coração tão cheio e abrazado do amor divino? Quanto maior é nos sanctos o amor de Deus, tanto mais forte e mais sollicito o amor do proximo. Orava continuamente; mas porque de ordinario para remediar os trabalhos humanos não bastam as mãos ociosas, posto que levantadas a Deus, resolveu-se o espirito de um pobre e solitario ermitão ao que nunca se atreveram a intentar os braços poderosos dos reis; que foi unir as duas ribeiras do Tamaga com uma ponte e metter debaixo dos pés dos passageiros a braveza e furia do rio, que a tantos tinha tragado.

Difficuldades da empresa. O que Christo disse a Martha. *Luc.* 10

Grande impreza, mas tão alheia do sujeito que a imprehendia, como difficultosa e impossivel por todas suas circumstancias! Assim se riam agora do imaginario remedio os que tantas vezes tinham chorado os verdadeiros perigos. E certamente, quando se não considerasse no novo architecto mais que o peso e debilidade dos annos; a velhice é edade para ter trabalhado e não para trabalhar; para ter feito; e não para fazer. E que proporção tem (diziam) as comtemplações do anachoreta com as execuções e actividades de uma tão grande obra? A superficie d'esta desapprovação do vulgo ainda tem muito maior fun-

do na theologia espiritual e ascetica. Quando Martha se queixou de que Maria sua irmã a não ajudasse, o que lhe respondeu o divino Mestre, foi: *Martha, Martha sollicita es et turbaris erga plurima. Maria optimam partem elegit.* Este vosso cuidado, Martha, posto que bem intencionado, não serve mais que de vos perturbar e divertir em muitas cousas alheias da profissão de Maria; e se cuidais que ella assentada a meus pés e ouvindo-me está ociosa, enganaes-vos: porque escolheu a parte que lhe está melhor e mais me agrada. E isto mesmo parece que estava dizendo ou dictando a S. Gonçalo a doutrina de Christo n'aquelle caso e contra a sua determinação. Maria significa a vida contemplativa e interior, que é a que professam os eremitas: Martha significa a vida activa; que é a que se emprega em acções exteriores, posto que em serviço de Deus e do proximo; e se esta das portas a dentro de uma casa e occupada só em preparar o que lhe parecia necessario para uma meza, divertia e perturbava tanto a Martha; qual sería a perturbação e perpetuos divertimentos do nosso ermitão, empenhada a sua velhice na fabrica de uma ponte tão difficultosa? Parece-me que estou ouvindo os ruidos dos carros, dos penhascos, dos madeiros, e a continua bateria dos intrumentos dos officiaes e trabalhadores, uns desbastando, outros lavrando, outros fabricando e levantando as machinas para sustentar os arcos e guindar e assentar a pedraria já lavrada; e o auctor e superintendente da obra no mesmo tempo dividido em tantas partes, com o cuidado e os olhos nas mãos de todos. Vêde se competia a esta sua fadiga melhor que a Martha o *sollicita es et turbaris erga plurima.*

Isto mesmo prova o altissimo grau de sua contemplação. *Hebr. 1. - Matth. 18*

Mas esta mesma era a maior prova do altissimo gráu da contemplação a que o espirito do sancto eremita tinha subido. A alma que chegou ao cume da perfeição da vida contemplativa, nem as acções lhe divertem a contemplação, nem a contemplação lhe impede as acções: mas toda dentro e toda fóra de si, junctamente está obrando no exterior e no interior contemplando. Que vida mais activa e mais actuosa que a dos anjos, sempre occupados e nunca jámais divertidos? *Omnes sunt administratorii spiritus in ministerium missi.* Os anjos da guarda de dia e de noite estão velando, cada um sobre o homem que lhe está encommendado. Os custodios dos reinos e monarchias sempre attendem ao governo e conservação d'ellas na paz e na guerra, e em tantos outros accidentes que nunca param. Os que guiam com tanta ordem o concerto dos astros cada um «governa» a sua estrella, quasi todas maiores que este mundo. E de todos, diz Christo *Semper vident faciem Patris mei qui ni*

coelis est: que estão sempre contemplando a face de Deus, como se estiveram no descanço e socego do empyreo, sem outra occupação ou cuidado. E tal era a contemplação verdadeiramente angelica do nosso anachoreta, tão quieta e sem perturbação no meio do tumulto e trafego da sua obra, como se não tivera saído da sua ermida; podendo-se dizer d'elle o que do mesmo Deus, de cuja vista nunca se apartava: *Immotusque manens das cuncta moveri.*

A sua caridade vence as difficuldades da empreza. *1. Cor. 13*

Vencida esta primeira apprehensão e conhecida a concordia e harmonia que conservam dentro no mesmo espirito, se é perfeito, a vida activa e contemplativa, a qual não intendiam os que consideravam o nosso eremita divertido do exercicio da sua profissão, segue-se a segunda, em que toda a prudencia e providencia humana podia reparar muito. E qual era? Que um homem só e desassistido de toda a outra companhia e poder, se atrevesse a uma empreza que muitos poderosos junctos jámais emprehenderiam, nem imaginavam possivel. Se os fabricadores da torre de Babel, sendo todos os homens que havia no mundo junctos e unidos no mesmo pensamento, o fim e effeito que conseguiram, foi a confusão e desengano da sua temeridade; verdadeiramente parece que não faziam grande injuria ás cãs e prudencia do nosso sancto velho, os que reprovavam que elle, sendo um só, (ainda que a sua edade fosse mais viva e mais robusta) intentasse uma tal obra. Mas o que ninguem cria nem esperava, intentou, proseguiu e levou ao fim em S. Gonçalo a caridade e amor do proximo; da qual diz S. Paulo, que tudo crê, tudo espera e com tudo póde: *Omnia credit, omnia sperat, omnia sustinet.*

Compara-se com Noé na fabrica da arca. *Gen. 1* *Ibid. 11*

Um dos que se acharam entre os edificadores da torre de Babel, foi Noé; e é cousa bem notavel que a elle só encommendasse e d'elle só fiasse Deus a fabrica da arca: *Fac tibi arcam de lignis levigatis;* lhe disse o supremo Architecto d'aquella nova machina; e prescrevendo-lhe a traça, a forma e as medidas com tanta miudeza, nem em commum nem em particular fez menção de outro artifice ou companheiro, que houvesse de ter parte na obra, senão o mesmo Noé sómente: *Mansiunculas in arca facies, et bitumine linies intrinsecus et extrinsecus; et sic facies eam.* Pois se a fabrica era tão grande e tão nova, e previa Deus que todos os homens do mundo, entrando n'este numero Noé, não haviam de poder conseguir, nem continuar aquella torre na terra, havendo de ter esta fabrica os alicerces sobre a agua; como a encommenda e fia de um só homem? Porque o intento da torre era a vaidade, o intento da arca a caridade. O intento da torre era celebrarem os

do na theologia espiritual e ascetica. ...irem: Celebremus nomen
xou de que Maria sua irmã a não aj...ento da arca era salvar os
o divino Mestre, foi: Martha, M...o diluvio: Ut possint vivere;
erga plurima. Maria optimam ...entos da vaidade, não bastam
dado, Martha, posto que bem ... caridade, por arduos e difficulto-
de vos perturbar e divertir ... homem. Trocae agora o nome de
são de Maria; e se cuidai... em ponte e o do diluvio em rio; e
vindo-me está ociosa, e... foi a caridade do nosso Sancto na es-
que lhe está melhor ...bo a sua obra; pois assim como a de Noé
que estava dizendo ...omens da inundação do diluvio, assim a
Christo n'aquelle ... ...ar das inundações do rio.
fica a vida conte... ...nos falta por dar satisfação a uma grande ma-
eremitas: Mar... ... de Christo. Que homem ha de vós, o qual
ga em acçõe... ...ar uma torre, não lance primeiro as suas contas
proximo; e ... ...r; e computando o cabedal com as despezas, não
da só em... ...tante; porque lhe não aconteça começar a obra e
za, div... ...r acabar, ficando ella e elle expostos ao riso das gen-
ção e ... ... o que ensina Christo Senhor nosso; e estas são as
sua ... ...o computo que devia fazer o nosso eremita antes de
qr... ... digo a mão, senão o pensamento á obra: vêr primei-
... ...inha com que comprar os materiaes, com que pagar aos
...res, com que fazer a feria e sustentar os trabalhadores; e
não só para começar a obra, senão para a pôr em perfei-
ção. Agora pergunto: Se fez S. Gonçalo este computo? Digo que
sim, e com tão nova e abbreviada arithmetica, que o resumiu
a duas addições sómente: primeira, eu não posso nada: segun-
da, Deus póde tudo. O mesmo tinha já feito S. Paulo, quando
disse: *Omnia possum in eo qui me confortat*. Eu pelas minhas
forças nenhuma cousa posso; mas pelas que Deus me dá, sou
todo poderoso. Tal era o espirito e tal a consequencia do nos-
so Sancto: porque eu não posso nada, eu sem Deus não pode-
rei mover uma pedra: mas porque Deus póde tudo, eu com
Deus e Deus commigo bem poderemos fazer a ponte. E assim
foi. Contam as fabulas, que Orpheu com a sua cithara edificou
os muros de Thebas; porque era tal a doçura e suavidade d'a-
quelle pequeno instrumento tocado por elle, que levava após
si as arvores, os montes, os rios, as feras e até a liberdade dos
homens. Assim cresciam fabulosamente em Thebas os muros e
assim em Amarante verdadeiramente a ponte.

Na execução da empreza faz varios milagres. *Job.* 13

Deram-lhe a S. Gonçalo uns touros bravos e feros; e elle com
a voz de uma só palavra os amançou de maneira que logo to-
maram o jugo e tiraram pelo carro, seguindo a quem os guia-
va, como se tiveram ensino de muitos annos. Chegava á ribei-
ra do rio, chamava os peixes; e elles correndo em cardumes

n aos pés do Sancto, em quanto elle não dizia Basta; e
com sua benção se retiravam para tornarem outra
fossem chamados. Era necessaria agua para mais
a obra; tocou o sancto velho com o seu bordão
e correu logo uma fonte: mas porque a agua
fazer a sede e não para alegrar e dar forças
, tocou do mesmo modo em outra pedra, e
ra fonte de vinho. Trabalhavam muitos braços e
rumentos para abalar um grande penedo, sem elle
r; mas com o impulso de uma só mão do Sancto, mais
andando por si mesmo que levado por força, se foi pôr
ue era necessario. Porém como ha homens mais duros que as pedras e mais irracionaes que os brutos; assim como com estes persuadindo-os soavemente o Sancto a quanto queria, se mostrava mais evidentemente a occulta divindade que lhe governava a lingua; assim houve um tão duro e tão astuto, que pedindo-lhe o pobre ermitão, em cuja sanctidade não cria, algum soccorro para a sua obra por ser muito rico, elle escusando-se por estar fóra de casa, lhe respondeu, que sua mulher o soccorreria, dando-lhe para ella um escripto. Recebeu-o a mulher, e rindo-se para o Sancto, lhe disse: Padre ermitão, este credito não val nada: porque o que n'elle me diz meu marido, é que vos dê de esmola quanto pesar este papel. Despedido tão seccamente, replicou com tudo o Sancto, que se pesasse o papel, como mandava o dono da casa; e que elle pelo peso se contentaria com a esmola. Caso verdadeiramente da mão occulta de Deus! Põi-se o papel em uma parte da balança; e quando parece que bastavam poucos grãos de trigo para o pôr em equilibrio, vieram saccos e mais saccos, e podera vir todo o celleiro, sem egualar o peso do papel, que não chegava a uma folha. Lá se queixava Job de que a omnipotencia divina para o mortificar, ostentasse o seu divino poder contra uma folha que leva o vento; e cá para canonizar a S. Gonçalo ostenta seu divino poder a divina potencia em fazer tão pesada uma meia folha, que nenhum poder a podesse egualar, nem levantar, nem mover. Assim concorreu Deus junctamente com o nosso Sancto no começar, no continuar e no aperfeiçoar a sua obra; e assim a deixou perfeita e acabada para tanto bem de tantos, antes que a ultima edade lhe acabasse a vida.

Qual foi o premio de tantos merecimentos. S. Gonçalo em acudir a todos é o pae de familias do Evangelho. Luc. 12.

VII. Concluidas tão felizmente as quatro vigias e edades da vida humana, qual cuidamos que foi o premio que lhe deu o Senhor na sua chegada? Que fosse a immortalidade celestial, ninguem o póde duvidar; pois esta é a promettida a todo o servo fiel. E qual maior fidelidade que a de S. Gonçalo tão prompto

em todo o tempo da sua vida para tudo o que era do serviço de seu senhor? Mas alem d'esta immortalidade lhe quiz accrescentar outra que lhe enchesse ainda n'este mundo como a sancto de Amarante as medidas de seu sobrenome, que em grego significa *Immortal*. Por esta immortalidade continúa elle a viver depois da morte na memoria de seus devotos, agradecidos á paterna vigilancia com que do céu lhes acode em todas as necessidades «não ha n'este mundo mais desejada immortalidade, que o viver dos paes na memoria e amor dos filhos.» E se buscarmos no evangelho «este premio para S. Gonçalo», acharemos que depois de fallar expressamente na segunda e terceira e suppor n'esta mesma conta a primeira e a quarta, introduz um pae de familias muito vigilante: *Quoniam si sciret pater familias qua hora fur veniret vigilaret utique*. «Por certo que» o nome de pae de familias quadra admiravelmente ao nosso Sancto: porque elle verdadeiramente é pae universal não só d'aquella grande e numerosa provincia; mas de todas as vizinhas e confinantes; as quaes em tudo o que hão mister de perto e de longe a elle recorrem. Se não teem filhos, a S. Gonçalo os pedem; e se teem muitos, a S. Gonçalo consultam se os hão de mandar á guerra, ou ao estudo, ou applicar ao arado. Se hão de casar as filhas, S. Gonçalo é o casamenteiro; e se os proprios paes ou não podem, ou se descuidam de lhes dar estado, a lembrança que ellas por modestia se não atrevem a lhes fazer, a fazem em segredo ao Sancto, que como mais poderoso e mais vigilante pae se não descuida. A elle encommendam os pastores os gados, e os lavradores as sementeiras: a elle pedem o sol, a elle a chuva: e o Sancto pelo imperio que tem sobre os elementos, a seu tempo e fóra de tempo, os alegra com o despacho de suas petições. Elle os remedeia nas pobrezas; elle os cura nas infermidades; elle os reconcilia nas discordias; elle em fim, se andam desgarrados, os encaminha e talvez os castiga tambem amorosamente, para que não degenerem de filhos de tal pae.

Imita a Deus na conservação das suas obras. Salva com um milagre a sua ponte.

Por todas estas razões confirmadas com infinitos exemplos me parecia que com o nome de pae de familias «se explicava o poder que recebeu S. Gonçalo para ser nosso protector». Mas bem considerado o que depois de morto e immortal obra e está obrando cada dia em beneficio dos que o invocam, não ha duvida que lhe vem muito curto este nome. E para inventarmos algum que eguale e encha o conceito de suas maravilhas, assim como ao principio disse que no seu nascimento foi menino como homem, assim digo por fim que depois da sua morte foi homem como Deus. Alguns annos depois de morto S. Gonçalo

na occasião de uma extraordinaria tempestade, vinha tão cheio e furioso o rio Tamaga, que não só levava envolto comsigo quanto encontrava nas ribeiras, mas tambem nos montes. Entre outras cousas vinha atravessado na corrente um carvalho de tanta grandeza, que julgavam attonitos quantos o viam, que batendo com o peso seu e das aguas a ponte, arruinaria os arcos e a derribaria sem duvida.=S. Gonçalo (gritaram todos), S. Gonçalo acudi á vossa ponte.=Eis que no meio d'estes clamores vêem sair da egreja um frádinho vestido de branco, com o manto negro e um cajadinho na mão; o qual voando pelo ar ao rio lançou a volta do cajadinho a um ramo do tronco; e fazendo-o encanar e embocar direito pelo olho do arco maior, elle passou precipitado com a corrente; e a ponte sem damno nem perigo, ficou tão firme e inteira coma fôra edificada. Com eguaes clamores e triumphos deram todos graças a S. Gonçalo, que pelo habito e logar d'onde saira, visivelmente se lhes manifestou quem era. E eu torno a repetir, como dizia, que n'esta acção, bem intendida, mostrou o nosso Sancto, que para com as suas obras não se portava como homem, senão como Deus.

Como é que Deus conserva as suas obras. Gen. 2 Joan. 5

Entre as causas segundas, como são os homens, e a causa primeira que é Deus, ha tal differença commumente no obrar, que das causas segundas, como fallam os philosophos, dependem as obras sómente *in fieri:* mas da primeira dependem *in fieri et in conservari:* das causas segundas dependem as cousas quanto á creação: mas da causa primeira, não só dependem quanto á creação; senão tembem quanto á conservação. Quanto á creação Deus e os paes geram o filho: quanto á conservação Deus é só o que os conserva sem dependencia nem concurso dos paes. D'aqui se intenderá aquelle modo notavel de fallar com que diz a Escriptura que Deus no dia septimo descançou de todas as obras que tinha feito: *Requievit die septimo ab universo opere quod patrarat.* Por ventura Deus no mesmo dia do sabbado em que descançou das suas obras deixou de obrar? Não; porque se deixara de obrar conservando-as, deixaram ellas de ser. É o mesmo que respondeu e declarou Christo convencendo admiravelmente aos que o calumniavam de obrar no sabbado: *Pater meus usque modo operatur et ego operor:* assim como meu Pae obrou no sabbado, não servil senão soberanamente, assim o faço eu. Isto é o que Deus faz conservando as suas obras; e isto é o que «analogamente» fez S. Gonçalo, saindo por si mesmo a conservar a sua. Conservou então e ha tantos centos de annos que a conserva e a conservará sempre; porque nas suas obras não obra como homem de quem dependem só na creação, senão como Deus de quem dependem na conservação.

Os milagres de Christo e os de S. Gonçalo. Matth. 11

Vamos a outras obras de Deus e de S. Gonçalo. Foram os discipulos do Baptista perguntar em nome de seu mestre a Christo, se era era elle o verdadeiro Deus e Homem promettido pelos prophetas e esperado no mundo: *Tu es qui venturus es, an alium expectamus?* E que respondeu o Senhor? Em presença dos mesmos discipulos deu olhos aos cegos, ouvidos a surdos, lingua à mudos, mãos a aleijados, pés a mancos, saude e limpeza a leprosos e vida a mortos. E esta foi a resposta com que os despediu, dizendo: Ide dizei a João o que ouvistes e vistes: *Euntes renuntiate Joanni quae audistis et vidistis.* O mesmo respondo eu a quem por ventura duvidar do que tenho dicto, ou extranhar que se diga de S. Gonçalo que não obrava como homem senão como Deus. Ide a Amarante, visitae no sagrado mausuleo de S. Gonçalo as memorias immortaes da sua vida posthuma; e vereis o que me ouvis. Vereis ou pintadas ou de vulto, como tropheu das suas obras divinamente humanas, as muletas dos mancos, os braços dos aleijados, os olhos dos cegos, as orelhas dos surdos, as linguas dos mudos, as mortalhas dos mortos ou moribundos; e porque os males interiores e invisiveis são os que mais atormentam e matam, tambem vereis os corações dos tristes, dos afflictos, dos perseguidos, dos desesperados que só na invocação do nome de S. Gonçalo acharam a consolação, o allivio, a respiração, o remedio.

Concorre ao seu sepulcro mais gente que a que seguiu o Salvador no deserto. Joan. 14 Ibid. 6 Matth. 14

Assim obra como immortal, depois de morto o grande imitador de Deus-homem. E porque o mesmo Senhor deixou dicto, que depois de subir ao céu, fariam seus fieis servos na terra, não só similhantes obras ás suas, senão maiores: *Opera quae ego facio; faciet, et majora faciet, quia ad Patrem vado*; se attentamente considerarmos as circumstancias d'estes milagres, acharemos que os de S. Gonçalo comparados com os do mesmo Deus-homem, tem hoje no modo de os obrar grandes excessos de maioria. Grandes eram os concursos dos que em fé dos milagres que obrava, buscavam e seguiam a Christo, diz S. João. E se perguntarmos ao mesmo evangelista a que numero chegaria a maior multidão d'estes concursos; não só com nome de maior, senão de maxima, diz que chegaram a ser cinco mil: *Cum sublevasset oculos Jesus et vidisset quia multitudo maxima venit ad eum*; e logo declarando o numero: *Discubuerunt ergo viri numero quasi quinque millia.* Ah, Senhor, com quanto excesso se prova no vosso fidelissimo servo a verdade d'aquella grande promessa! Quando na terra levantastes os olhos para vêr a multidão dos que pela fama e experiencia de vossos milagres vos seguiam, a maior e mais numerosa que vistes foi de cinco mil homens. «E ainda que eu saiba por outro vosso evangelista

que n'este numero não se incluiam as mulheres e as crianças que podiam ser muito mais; comtudo» se hoje do céu onde estais, abaterdes os mesmos olhos divinos e os pozerdes em Amarante, vereis que pela fama e experiencia dos milagres de S. Gonçalo, os que concorrem n'este dia a visitar suas sagradas réliquias e encommendar-se a seu patrocinio «levam immensa vantagem ao maior numero de devotos que vos seguiram no deserto.» Vereis que a multidão innumeravel dos naturaes e extrangeiros não cabe pelas estradas, que cobre os montes, que inunda os valles e que não podendo todos entrar, nem chegar de perto, cercam tumultuosamente a egreja, venerando e adorando de longe as paredes sanctas que encerram tão benefico e soberano deposito. E este é outro excesso de maioria que tambem na comparação de vós mesmo lhe promettestes.

As vestiduras de Christo e o sepulcro de S. Gonçalo. *Isai.* 58.

Para receberem a saude, dizem os evangelistas, que a multidão dos que concorriam a Christo, todos procuravam tocar seu sacratissimo corpo, do qual saía a virtude que os sarava. Cá tambem procuram o mesmo; mas porque o aperto e a multidão que contenciosamente se impede lh'o não permitte, de longe veneram o Sancto, de longe se encommendam a elle e de longe, ou recebem logo os milagrosos effeitos de sua virtude, ou a levam comsigo alegres a suas casas, como primicias e penhores certos dos beneficios, que na occasião da necessidade nenhuma duvida lhe hajam de faltar. Mas que muito é que aquella venturosa provincia e as outras vizinhas e confinantes logrem a felicidade de tão continuos e certos favores, se as remotissimas terras da Africa, da Asia e d'esta America, onde apenas ha logar que não tenha levantado templos ou altares a S. Gonçalo, só com a invocação do seu nome, como se n'elle se tivera sacramentado, pelo effeito maravilhoso de suas graças de tão longe o experimentam e teem presente! De Deus, dizia o propheta Isaias: *Invocabis, et Dominus exaudiet: clamabis, et dicet. Ecce adsum*: invocareis o Senhor, e elle vos ouvirá: chamal-o-heis, e elle dirá: Aqui estou. Aqui estou, diz Deus; e Aqui estou, diz S. Gonçalo: homem emfim no obrar como Deus: *Invocabis, et dicet: Ecce adsum.*

Deus e S. Gonçalo muitas vezes não dão o que pedimos mas o que deveramos pedir. Sancto Agostinho. *Joan.* 16 *Aug. ep.* 43 *da Paul.*

E porque alguma vez invocado S. Gonçalo, succederá que vos não conceda o que pedis e pareça que vos não ouve, sabei de certo, que vos enganais; e não quero por prova outro exemplo, senão o do mesmo Deus. Deus diz que peçamos e que receberemos: *Petite et accipietis;* e comtudo mostra a experiencia que muitas vezes pedimos e não recebemos. Não ha tal, acode Sancto Agostinho. Que não recebemos o que pedimos, é verdade; mas que não recebemos, é falso; porque se não recebemos o que pedimos e queremos, recebemos o que devera-

mos pedir e querer: *Negat Dominus quod volumus, ut tribuat quod mallemus.* Assim faz tambem algumas vezes S. Gonçalo; e não fôra sancto nem amigo, se assim o não fizera. Tão milagroso é quando faz por vós o milagre, porque vos está bem, como quando cessa de o fazer e o suspende, porque vos estaria mal. Vêde-o no mesmo Sancto.

Providencia de S. Gonçalo a respeito de duas fontes milagrosas que abriu na fabrica da sua ponte.

Já deixamos dicto, como para a fabrica da sua ponte abriu duas fontes nas pedras, uma de agua, outra de vinho: mas a de agua ainda hoje corre e persevera e faz milagres; a de vinho seccou-se totalmente. E porque se seccou? Porque maiores naufragios podia padecer aquelle povo n'esta fonte, do que d'antes padecia no mesmo rio. O primeiro que espremeu as uvas e inventou o vinho, foi Noé; e sendo Noé aquelle grande piloto que na maior tempestade do mundo soube governar a primeira nau e levou n'ella a salvamento o mesmo mundo, gostando depois do mesmo licor que inventara, areou de tal maneira, que não só perdeu a modestia, senão tambem o juizo. Vêde o que succederia ao povo de Amarante se perseverasse a fonte do vinho? Por isso o Sancto ainda no tempo da sua obra, como notam os historiadores, abria e fechava a mesma fonte tres vezes no dia: a primeira vez a horas de almoço: a segunda a horas de jantar; e a terceira a horas da ceia. E n'estes tres tempos que succedia? Tanto que os officiaes e trabalhadores recebiam cada um por medida a sua ração, a pedra se fechava outra vez, e a fonte não corria. Tão provido e vigilante era S. Gonçalo em que os seus milagres fossem para proveito e não para damno d'aquelles por quem os fazia. E esta é a regra por onde haveis de conhecer os milagres e beneficios do vosso Sancto, tão agradecidos quando vos negar o que pedirdes, como qnando vol-o conceder; pois vindo por sua mão uma e outra cousa, sempre é para vosso bem.

Prova-se com um caso quão agradavel é a Deus a devoção de S. Gonçalo, pois a preferiu á esmola. Matth. 26.

Até aqui tenho fallado em tudo com os auctores da vida e milagres de S. Gonçalo. Por fim quero acabar com um caso, de que eu mesmo fui testemunha. Havia em Lisboa um devoto e confrade do mesmo Sancto, o qual todos os annos concorria para a sua festa com vinte e cinco cruzados. Um anno, porém, em que os officiaes eleitos eram ricos, sendo tambem rica a confraria, entrou elle em pensamento que sería maior serviço de Deus dispender aquelle dinheiro com os pobres. Assim o resolveu comsigo sem o communicar a outra pessoa; senão quando no mesmo poncto lhe sobreveio uma dôr interior, que de nenhum modo podia supportar; e chamados á pressa os medicos, resolveram que logo logo tomasse os sacramentos, porque infallivelmente morria. Que faria, pois, com esta subita

sentença quem um momento antes estava são e com todas as suas forças? Cuidando em seus peccados, lembrou-lhe o novo proposito que tinha feito; e arrependendo-se d'aquella que tivera por melhor obra, pediu perdão ao Sancto, ratificando com voto que não faltaria jámais á sua antiga devoção, se escapasse d'aquelle accidente com vida. Não eram acabadas estas palavras, quando com segundo repente cessou totalmente a dôr; e passando o moribundo das portas da morte á inteira saude, achando-se tão são como d'antes, foi por seu pé dar as graças ao Sancto, que tão aspero e tão benigno tinha experimentado em dous momentos. Mas quem haverá que se não admire do novo estylo practicado n'este caso contra a lei geral da esmola e contra a preferencia e privilegio dos pobres, tantas vezes publicado e prégado por bocca do mesmo Deus? A esmola que dais aos pobres, diz Christo, m'a dais a mim: *Quod uni ex his minimis fecistis, mihi fecistis.* Pois se n'este caso concorre S. Gonçalo com os pobres, como ameaça o mesmo Christo de morte a quem quer dar a esmola aos pobres e não offertal-a a S. Goncalo? Basta que eguala Christo os pobres a si mesmo, e quer que S. Gonçalo seja preferido aos pobres? Basta que antes quer Christo que seja festejado S. Gonçalo com maiores apparatos e maiores despezas, que os pobres mais soccorridos? Basta que sendo os pobres os substitutos de Christo, não quer o mesmo Christo que o sejam de S. Gonçalo? «Paremos n'esta admiração; que eu emmudecido confesso que não tenho mais que dizer. Tão grande» é o excesso de favor a que S. Gonçalo subiu «lá no céu e n'elle» vive e reina immortal no throno da gloria.

Qual o modo de imitar a S. Gonçalo?

VIII. Tenho acabado, ou deixado sem o acabar, o meu discurso. Mas se os sermões de S. Gonçalo todos eram encaminhados á doutrina dos ouvintes e não é lecito faltar á imitação do Sancto no seu proprio dia; que doutrina posso eu tirar d'este sermão, que seja accommodada aos que me ouvem? Hei de exhortal-os a que sejam bons pastores, como S. Gonçalo? Isso pertence aos ecclesiasticos. Hei de exhortal-os a que vão em peregrinação do Brazil a Ierusalem? Assás peregrinos são os que tão longe se desterram da patria. Hei de exhortal-os a que façam milagres? Basta que sejamos sanctos sem aspirar á canonização. Que doutrina será bem logo a que tiremos da vida e obras de S. Gonçalo? A primeira que me occorria muito util, muito necessaria é que o imitassemos em fazer pontes. Cousa é digna de grande admiração, e que mal se poderá crer no mundo que havendo cento e noventa annos que dominamos e povoamos esta terra, e havendo n'ella tantos rios e passos de difficultosa passagem, nunca houvesse industria para fazer uma

ponte. Que rio, ou que regato ha na Europa sem nome, e que logar de quatro vizinhos, que nas pontes não seja magnifico? Só por ellas se conserva em Hespanha a memoria de que os romanos a dominaram. Porque Anco Marcio fez a ponte Sublicia, da ponte e de a fazer lhe formou Roma a dignidade de pontifice, cujo nome antes ainda de a mesma Roma ser christã, se uniu ao summo pontificado. Tanto honra este genero de fabricas a seus auctores! Pois por certo que nem por pobre, nem por avarenta padece a nossa republica esta falta. Eu a attribuo ai nercia natural do clima; porque não creio, como cuida o vulgo, «que se deve attribuir» aos que lhe administram o erario.

Fazendo no resto da nossa vida o que elle fez desde o principio.

Mas «qualquer que seja a sua causa», porque o discuido que extranha esta advertencia pertence a poucos, seja doutrina e exemplo geral para todos, que ao menos procuremos acabar por onde S. Gonçalo começou. S. Gonçalo, como vimos, sendo menino, «se mostrou homem» na vida e nos costumes; nós sendo na edade homens, na vida e nos costumes somos meninos. Temos a auctoridade de velhos e os vicios de meninos; e o peior é que não só se vê em nos a meninice que é defeito da edade, senão as meninices que o são do juizo. A primeira cousa que fez S. Gonçalo foi pôr os olhos em um Christo crucificado e extender os bracinhos para se abraçar com elle? E isto é o que moços e velhos guardam para o fim da vida. Então vem o crucifixo, então se abraçam com suas chagas, e como é por força e a mais não poder, muita graça de Deus é necessaria para que seja do coração. Quem quer começar bem e acabar bem «faça desde já o que quer fazer no fim da vida.»

Como elle imitou a Christo na morte.

Morreu, emfim, S. Gonçalo entregando a alma nas mãos da Rainha dos anjos, de que foi devotissimo e que se achou presente a seu felicissimo transito; e tanto que expirou, se ouvia no ar uma voz que dizia: Ide todos ao enterro do Sancto. Concorreram todos e o leito em que acharam defuncto o sagrado corpo, foi estar deitado no chão sobre umas palhas. Assim acabou na morte imitando a Christo nascido no presepio, quem assim desde o nascimento tinha imitado a Christo morto na cruz. Oh ditoso nascer e ditoso morrer! Oh ditoso começar e ditosissimo acabar! Este foi o ultimo exemplo que S. Gonçalo deixou ao mundo e com que deixou o mundo que todos tambem havemos de deixar. E pois o não imitamos no nascimento, ao menos comecemos desde este dia seu a o imitar na morte, trazendo sempre deante dos olhos o fim das vaidades do mundo para que por seus merecimentos e intercessão consigamos a vida «eterna.» Amen.

(Ed. ant. tom. 5.°, pag. 281, ed. mod. tom. 8.°, pag. 149)

I. SERMÃO DE S. ROQUE **

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1659 HAVENDO PESTE NO REINO DO ALGARVE

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—**Este sermão dá o verdadeiro caracter da sanctidade e protecção de S. Roque fundado em quatro similhanças com seu divino prototypo Christo Salvador nosso. Note-se a naturalidade com que o orador no terceiro poncto muda a ordem da divisão para concluir com mais força.**

Beati sunt servi illi quos cum venerit Dominus invenerit vigilantes: quod si venerit in secunda vigilia et si in tertia vigilia venerit et ita invenerit, beati sunt servi illi.
S. LUC. 17.

S. Roque servo bemaventurado. Quatro desgraças lhe accrescentam a bemaventurança tornando-o similhante a Christo.

Se ha bemaventurança n'esta vida os servos de Deus a gozam: «mas com qual condição? Com a condição de que vigiem não só na primeira e quarta vigia da noite que são» as horas menos difficultosas e arriscadas «senão tambem» na segunda e terceira que são as horas de maior escuro e de maior somno, de maior trabalho e de maior difficuldade, de maior perigo e de maior confiança. A estes servos chama o Senhor uma e outra vez bemaventurados na parabola d'este evangelho: *Beati sunt servi illi quos cum venerit Dominus, invenerit vigilantes.* «Tal foi aquelle grande servo de Christo cujas gloriosas vigilancias hoje celebramos», S. Roque. Nenhum vigiou, nenhum aturou, nenhum resistiu, nenhum perseverou, nenhum esteve nunca mais álerta e com os olhos mais abertos, nem no mais alto e profundo da noite, nem em noites mais escuras e mais cerradas. Mas quando eu segundo a regra e promessa do evangelho esperava vêr a S. Roque «tão bemaventurado n'esta vida», acho-o quatro vezes desgraçado. Desgraçado com os parentes e desgraçado com os naturaes; desgraçado com as infermidades e desgraçado com os remedios. Pois se os servos vigilantes e vigilantes na segunda e terceira vigia são bemaventurados; como se trocou tanto esta regra ou esta fortuna em S. Roque, que achamos n'elle quatro desventuras? «Porque estas desventuras não destroem, mas accrescen-

tam a sua bemaventurança». Póde haver maior bemaventurança que chegar o servo a ser similhante a seu Senhor? Não póde: pois eis aqui quão gloriosamente se despintaram as desgraças de S. Roque e se transfiguraram todas em bemaventuranças. Como em todas estas que a natureza chama desgraças se fez S. Roque similhante a Christo; pelo mesmo que o chamavamos quatro vezes desgraçado, veio elle verdadeiramente a ser quatro vezes bemaventurado. Bemaventurado na desgraça com os parentes, porque ficou similhante a Christo nascido: bemaventurado na desgraça com os naturaes, porque ficou similhante a Christo preso: bemaventurado na desgraça com as infermidades, porque ficou similhante a Christo crucificado: bemaventurado na desgraça com os remedios, porque ficou similhante a Christo morto. Vamos vendo estas quatro bemaventuranças realçadas sobre as quatro desgraças de S. Roque e peçamos a luz do Espirito Sancto por intercessão da Senhora. *Ave Maria.*

1.ª desgraça. É desconhecido por seus parentes.

II. *Beati sunt servi illi.* A primeira desgraça de S. Roque foi com os parentes. Foi desgraçado S. Roque com os parentes, porque o desconheceram como extranho aquelles que eram seu sangue e a quem tinha dado o seu. Herdou S. Roque de seus paes o estado de Mompilher, de que eram senhores, juncto com muitas riquezas: mas o Sancto com maior resolução do que promettiam seus annos, porque era muito moço, entregou o estado e os vassallos a um seu tio para que o governasse; repartiu as joias e toda a mais fazenda aos pobres e pobre como um d'elles se partiu peregrino a Italia para visitar os sanctos logares de Roma. Passados alguns annos, que não foram muitos, tornou S. Roque a Mompilher no mesmo trajo em que se partira: mas nem seu tio, nem algum de seus parentes o conheceram; e assim pobre e vivendo de esmolas, passou o resto da vida, peregrino dentro em sua propria patria, necessitado no meio das riquezas e desconhecido dos mesmos que eram seu sangue.

Toda a mudança de fortuna produz este desconhecimento.

Ora eu não posso deixar de espantar-me muito que os parentes e vassallos de S. Roque desconhecessem em tão pouco tempo a um mancebo alli nascido, alli creado, alli servido, alli senhor! Esta mudança e este desconhecimento ou estava no rosto de S. Roque ou nos olhos dos que o viam. Se nos olhos; tão depressa se esquecem? Se no rosto? tão facilmente se muda? Eu digo que a mudança não estava nos olhos de quem via, senão na fortuna de quem vinha. Vinha S. Roque a Mompilher em muito differente fortuna do que alli o viram antigamente; e não ha cousa que tanto mude as feições como a fortuna. Difficultosa cousa parece que a fortuna faça mudar as feições: mas

ainda mal, porque tão provada está esta verdade na experiencia de cada dia! Melhorou de fortuna o vosso amigo; e ao outro dia já vos olha com outros olhos, já vos ouve com outros ouvidos, já vos falla com outra linguagem: o que hontem era amor, hoje é auctoridade, o que hontem era rosto, hoje é semblante. Pois, meu amigo; que mudança é esta? Quem vos trocou as feições? Que é d'aquelles olhos benevolos com que me vieis? Que é d'aquelles ouvidos attentos com que me escutaveis? Que é d'aquelle bom rosto com que nos viamos sempre? Oh quem mudou de fortuna, claro está que havia de mudar de feições. E se estas mudanças faz a fortuna prospera; não são menores os poderes da adversa. Restituido Job á sua antiga fortuna: depois de tantos trabalhos e calamidades diz o texto sagrado: *Venerunt ad eum omnes fratres ejus et universae sorores ejus et qui noverant eum prius*: que vieràm visitar a Job todos os seus amigos e parentes que o conheceram no primeiro estado. Job teve tres estados n'esta vida: o primeiro de felicidade, o segundo de trabalhos, o terceiro outra vez de felicidade. Pois se os amigos e parentes o conheceram no primeiro estado, porque não o conheceram nem o buscaram no segundo? E se o não conheceram nem buscaram no segundo; porque o conhecem e buscam no terceiro? A razão d'isto não a ha; a semrazão sim; e é esta: porque os homens costumam conhecer nos outros não a pessoa, senão a fortuna; e como os chamados amigos e parentes de Job conheciam n'elle a fortuna e não a pessoa, por isso não buscaram a pessoa, em qnanto a viram necessitada e buscaram a fortuna tanto que a viram restituida. Oh miseravel condição das cousas humanas! Miseravel na fortuna adversa e miseravel na prospera! Não ha fortuna que não traga comsigo o desconhecimento: se é prospera, desconheceis-vos: se é adversa, desconhecem-vos. E se a fortuna é tão enganosa que os homens se desconhecem a si, que muito que seja tão injusta que os outros os desconnecem a elles? Só S. Roque não merecia esta ingratidão; porque sendo que se não desconheceu a si na fortuna prospera, o desconheceram os seus na adversa. E que S. Roque entre os seus e entre aquelles a quem dera o seu se visse desconhecido, grande desgraça! Se os seus o conheceram e o maltrataram, ingratidão era, mas soffrivel; porém sobre maltractado ver-se ainda desconhecido, não póde haver maior desgraça.

Job. 42.

Tal era o estado, a que S. Roque chegou por amor de Cristo. Não só de condemnado a carcere perpetuo e sem remedio, como logo veremos, mas sobre condemnado, desconhecido. E sendo este estado «tão lastimoso» que di-

Christo desconhecido no seu nascimento, prototypo de S. Roque. Joan. 1

ga o evangelista que S. Roque era comtudo bemaventurado: *Beati sunt servi illi?* Sim: porque n'esta mesma desgraça foi S. Roque similhante a Christo nascido. E que maior bemaventurança que parecer-se o servo com o seu Senhor em qualquer estado que seja? Nasceu Christo n'este mundo com o desamparo que sabemos; e querendo-o encarecer S. João Evangelista ponderou-o com estas palavras: *In mundo erat et mundus per ipsum factus est et mundus eum non cognovit: in propria venit et sui eum non receperunt.* Estava no mundo; e sendo que o mundo foi feito por elle, não o conheceu o mundo: veio á sua propria casa e não o receberam os seus. Pois, valha-me Deus, evangelista intendido, evangelista amante: Se quereis ponderar as razões de dôr que houve no nascimento de Christo, não estavam ahi as circumstancias do tempo e as do logar? O rigor do inverno e desabrigo do portal, a aspereza das palhas, o pobre, o humilde, o desprezado da mangedoura? E se não quereis mais que accusar o deshumano dos homens, porque não ponderais a ingratidão com que não amaram a Christo, senão a cegueira com que o não conheceram: *Et mundus eum non cognovit?* É porque Christo, como quem tambem sabía pesar as razões de dôr, sentiu mais o vêr-se desconhecido n'aquella hora que o vêr-se desamado. A ingratidão que desama, grande ingratidão é: mas a ingratidão que chega a desconhecer é a maior e a mais ingrata de todas. *In mundo erat et mundus per ipsum factus est et mundus eum non cognovit:* parece que não acaba o evangelista de lhe chamar mundo: estava no mundo; e sendo que fôra feito por elle o mundo, não o conheceu o mundo. Isto é ser mundo: veio ao seu e não o receberam os seus. Por dous titulos eram seus estes que não receberam a Christo: eram seus pelo titulo da creação e seus pelo titulo da incarnação. Pelo titulo da creação, porque eram feitura sua; pelo titulo da incarnação, porque eram sangue seu. E que sendo seus por tantos titulos e vivendo do seu e no seu o não conhecessem! Grande ponderação do que Christo quiz soffrer aos homens; e grande tambem do que S. Roque soube imitar a Christo! A similhança é tão «clara» que não ha mister applicação: *In propria venit et sui eum non receperunt.* Veio S. Roque ao seu e não o receberam os seus: veio ao seu, porque veio ao seu patrimonio, ao seu estado, á sua casa, á sua côrte; e não o receberam os seus; porque os seus vassallos, os seus criados, os seus amigos, os seus parentes o tractaram como extranho. Até aquelles a quem elle tinha feito, a quem tinha levantado, a quem tinha dado o ser (porque lhes tinha dado o que eram, quando renunciou n'elles o que tinha sido) até esses o não conheceram.

E para que n'este desconhecimento não faltasse a S. Roque nenhuma similhança de Christo nascido, teve tambem a companhia e piedade de um animal, que sustentando-o no mesmo tempo e regalando-lhe as feridas, aggravava mais a chaga da ingratidão e fazia mais deshumana a correspondencia dos homens. O que mais peso fazia ao sentimento de Christo no presepio era a consideração de que o desconheciam os homens, quando o conheciam os animaes. Assim o significou o mesmo Senhor por bocca de outrem, como quem ainda não podia fallar: *Cognovit bos possessorem suum et asinus praesepe Domini sui; Israel autem me non cognovit:* conheceu o boi e o jumento o presepio de seu Senhor e Israel me não conheceu a mim. Que se visse Christo desamparado dos homens e bafejado dos animaes; que se visse S. Roque desconhecido do seu sangue e sustentado da piedade de um bruto, grande circumstancia de dôr! Porque não ha cousa que mais lastime o coração humano, que as ruins correspondencias dos homens, á vista de melhores procedimentos nos animaes. Grande semrazão foi, que os ministros de Babylonia lançassem no lago dos leões a Daniel; mas á vista do respeito que lhe guardavam os mesmos leões ainda tem mais quilates a semrazão. Que reconheçam as feras esfaimadas a innocencia do servo de Deus e que homens com nome e obrigação de sabios a persigam a condemnem? Rara desigualdade! Grande foi a crueldade da rainha Jezabel, em perseguir e querer matar ao propheta Elias; mas á vista da piedade com que o sustentavam os corvos, ainda tem mais horrores aquella crueldade. Que sustente a vida a Elias a voracidade dos corvos e que queira tirar a vida a Elias a deshumanidade de uma mulher? Rara dissonancia! Grande foi o atrevimento com que o propheta Balaam se arrojou a querer amaldiçoar o povo de Deus; mas á vista do animal em que caminhava, tem ainda mais deformidades o atrevimento. Que solte a lingua um animal para pedir razão a um propheta; e que use um propheta de tão pouca razão que ouse soltar a lingua contra o mesmo Deus? Rara desproporção! Eis aqui o que aggravava o sentimento a S. Roque, como a Christo nascido: verem-se desconhecidos dos homens, quando se viam conhecidos dos brutos. Em Christo podera-se chamar desgraça, porque se parecia comnosco. Em S. Roque era verdadeiramente bemaventurança porque se parecia com Christo: *Beati sunt servi illi.*

E só reconhecido por animaes brutos. Exemplos do velho Testamento. Primeira bemaventurança de S. Roque. *Isai. 1.*

III. A segunda desgraça de S. Roque foi, ser desgraçado com os naturaes. Quando S. Roque fez a sua peregrinação de França para Italia havia guerras entre Italia e França; e d'esta guerra lhe succederam ao Sancto duas cousas notaveis: a primeira,

2.ª desgraça. É perseguido por seus naturaes

ga o evangelista' que S. Roqu ... o tractaram como a inimigo
Beati sunt servi illi? Sim: p ... ando para França os francezes
Roque similhante a Chri ... o prenderam por espia. Ha maior
rança que parecer-se ... talia me tractem como inimigo por-
estado que seja? N ... em França me tractem como traidor
que sabemos; e ... S. Roque peregrinou de França para
derou-o com ... e tornou de Italia para França por amor
factus est et ... ndo vou em serviço de Deus, me tenham
eum non r ... ndo venho em serviço da patria me tenham
foi feito ... graça grande!
casa e ... stancia de desgraça que eu aqui considero é,
lista ... merecida da parte de quem a padecia, parecia
zõe ... da parte de quem a causava: porque em tempo que
ah ... Italia andam em guerras ter entrada em Italia e ter
... em França não são bons indicios. Os francezes, como
... ter entrada em Italia cuidavam que era inimigo de França;
... italianos, como o viam ter entrada em França, cuidavam
... era inimigo de Italia. O Sancto nada d'isto era; mas pare-
... cendo. Era o cidadão mais fiel, era o filho mais amigo, era
o zelador mais verdadeiro que nunca teve a sua patria; e com-
tudo a prisão, ainda que não merecida, era justificada. Não ha-
via prova para o crime; mas havia indicios para a duvida. E
em materia de fé e amor da patria, um peito tão nobre e tão
generoso como o de S. Roque, padecer a affronta ou o desar
d'esta duvida era a maior e mais penosa desgraça que lhe po-
dia succeder. [1]

[1] Perguntou Christo tres vezes a S. Pedro se o amava; e é certo que estas tres perguntas e estas tres repetições não foram sem grande mysterio. Sancto Agostinho e S. Thomás dizem conformemente que foram tres as perguntas para que respondendo Pedro tres vezes a ellas, satisfizesse as tres vezes que havia negado. Divinamente advertido; mas dêem-me licença agora estes grandes lumes da Egreja para que nos raios da sua mesma luz eu veja mais alguma cousa n'esta satisfação das negações de S. Pedro. Nas tres negações de Pedro houve tres culpas e houve tres injurias. Houve tres culpas: porque tres vezes faltou Pedro á sua obrigação; e houve tres injurias: porque tres vezes fez injuria a seu Mestre e seu Senhor, negando-o. As injurias pediam satisfação: as culpas pediam castigo: e tudo se fez n'este caso. As tres injurias satisfel-as Pedro com as tres respostas: as tres culpas castigou-as Christo com as tres perguntas. As tres injurias satisfel-as Pedro com as tres respostas; e isto é o que diz Sancto Agostinho e S. Thomás; porque confessou Pedro tres vezes, como tres vezes tinha negado. As tres culpas castigou as Christo com as tres perguntas; e isso é o que eu accrescento e provo. Porque perguntar Christo tres vezes a S. Pedro se o amava era mostrar que duvidava de sua fé e de seu amor; e duvidar o principe do coração do vassallo é a maior pena e o maior castigo que lhe póde dar; e mais em tal pessoa como S. Pedro, que já n'esta materia tinha telhado de vidro. E senão, vêde se lhe

Não faz menor» injuria á fé quem a duvida, que quem a ne-
orque tanto offende a fé quem suppõi que póde ser falsa;
quem diz que o é. O mesmo passa na fé humana a qual
os generosos, nem deve ser menos delicada, nem é me-
sitiva. Quem nega a minha lealdade diz que sou desleal,
m'a duvida, ainda que não diga que sou desleal, suppõi
ue o posso ser; e tanto me offende não só na honra e primor
da fidelidade, senão na inteireza, na constancia e no ser d'ella
quem suppõi que posso ser desleal, como quem diz que o sou.

Duvidar da lealdade de alguem é suppor que pode ser desleal.

Estas duvidas, estas suspeitas, estas supposições, estas affrontas padecia S. Roque na sua prisão, e todas as ponderações do nosso discurso eram fuzis de que elle formava outra cadeia muito mais dura e mais pesada á nobreza de seu animo do que eram as de ferro que lhe prendiam e atavam o corpo. Quando

S. Roque e os irmãos de José. É bemaventurado por ser similhante a Christo.

doeram as perguntas: *Et contristatus est Petrus, quia dixit ei tertio: Amas me.* Entristeceu-se e affligiu-se Pedro de lhe fazer Christo tantas perguntas sobre o seu amor. As perguntas que o intristeciam, signal é que lhe tocavam no vivo e lhe chegavam ao coração. E porque não faça reparo dizer eu que foram castigo as perguntas, o mesmo Agostinho fallando d'esta tristeza que nasceu d'ellas a S. Pedro diz que foi em pena do seu antigo peccado; porque ainda que estava perdoado quanto á culpa, não estava perdoado de todo quanto á pena. De maneira que é tal pena e tal castigo uma duvida em materia de fé e de lealdade, que quando Christo quiz que pagasse inteiramente S. Pedro a culpa de o haver negado, não lhe buscou outra pena nem outro castigo. Castigou as tres negações com tres duvidas; e porque lhe tinha negado tres vezes a fé, duvidou-lhe tres vezes o amor: *Contristatus est Petrus quia dixit ei tertio: Amas me?* Mas poderá dizer alguem que castigar negações com duvidas não foi proporcionado castigo; porque a duvida pesa muito menos que a negação Ora estimo que se ponha em balança este poncto ainda que nos detenhamos mais um pouco n'elle, pois é materia tão propria do tempo presente e que tanto importa ás honras dos que padecem as duvidas, como ás consciencias dos que as fazem padecer. Respondo, pois, e digo que foi a pena muito proporcionada á culpa em castigar Christo tres negações com tres duvidas: porque em ponctos de fé e de lealdade, tanto peso tem uma duvida como uma negação.

No capitulo 1.º de *Haereticis* se define que o duvidoso na fé é hereje: *Dubius in fide est haereticus.* Esta definição é fundada na doutrina commum dos padres, confirmada por muitos pontifices e geralmente recebida de todos os canonistas e theologos. Comtudo não deixa de ser difficultosa a razão d'ella. Heresia é erro contra a fé: para haver erro é necessario juizo: quem duvida não julga, porque não nega nem affirma: logo não póde ser hereje. E se é hereje o que duvida, em que consiste a sua heresia? Eu o direi. Quem nega uma proposição de fé diz que é falsa: quem a duvida ainda que não nega que é falsa suppõi que o póde ser; e tanto offende a fé quem suppõi que póde ser falsa como quem diz que o é.—A doutrina d'esta digressão a respeito das negações de S. Pedro é muito clara e util para outra occasião. Mas aqui estorva um pouco as proporções do discurso; e por isso a tirei do contexto. Continúa a mesma digressão com outros encarecimentos menos dignos de reparo. *Nota do compilador.*

os irmãos de José se viram prender no Egypto por espias de que estavam tão innocentes, grande foi a sua afflicção: mas lá acharam a culpa d'este castigo e o motivo d'esta desgraça na deslealdade tão cruel que tinham usado com seu irmão: *Merito haec patimur quia peccavimus in fratrem nostrum*. Porém a innocencia sempre leal de S, Roque que por uma occasião tão pia como ir da sua patria peregrino a Roma, se veja dentro na mesma patria com a honra em opiniões, com a vida em riscos e com as mãos e pés em cadeias, brava desgraça! Comtudo o Evangelho ainda insiste em que foi bemaventurado: *Beati sunt servi illi;* e porque? Porque n'estas mesmas prisões foi S. Roque similhante a Christo preso.

Preso faz milagres como Christo preso. *Joan.* 18

Quando S. Roque estava na sua prisão concorriam ao carcere os infermos de todo genero, os cegos, os mancos, os aleijados; e era cousa maravilhosa de vêr que estando o Sancto ás escuras dava olhos; tendo as mãos atadas, dava mãos; e não tendo uso dos pés, dava pés e todos levavam saude. Pois, homens crueis, homens impios, homens barbaros, vêdes estes milagres, vêdes estes prodigios, vêdes estes testemunhos do céu, vêdes estes signaes manifestos da omnipotencia; e não rompeis esse carcere, não quebrais essas cadeias? É possivel que á vista de tantas maravilhas haveis de deixar estar preso ao auctor d'ellas? Sim: porque assim era necessario que fosse para ser similhante S. Roque a Christo preso. Vieram os inimigos de Christo a prendel-o por zelo da patria (que tão bem se pareceu a prisão de S. Roque com a de Christo na causa como na innocencia): disse o Senhor *Ego sum*, Eu sou; e cairam subitamente a seus pés todos os que o iam prender. Quiz-se aproveitar da occasião S. Pedro e seguir a victoria: tira pela espada, faz golpe á cabeça do primeiro, leva-lhe a orelha. Mas o Senhor mandando metter a espada no logar da espada; poz tambem a orelha no logar da orelha e ficou em presença nos olhos de todos, como se não fôra cortada. Que vos parece agora que fariam aquelles homens á vista de dous milagres tão grandes, tão patentes, tão subitos? Parecia-me a mim que se haviam de levantar todos e irem-se lançar aos pés de Christo. Mas o que fizeram foi o contrario. Em vez de se lhe lançarem aos pés pozeram-lhe as mãos e prenderam-no. Vêde se se parece a prisão de S. Roque com a de Christo: a ambos não valeram os milagres contra as prisões. Christo milagroso e S. Roque milagroso: mas Christo preso e S. Roque preso.

E como o Salvador com os mesmos milagres não se quer livrar da prisão.

Ainda não está descoberto o mais fino da similhança. Se Christo com uma palavra *Ego sum*: Eu sou, faz cair de repente a seus pés todos os que o queriam prender, porque se deixa

ir preso? E se queria (como é certo que queria) que o prendessem, porque faz que caiam primeiro a seus pés com dizer: Eu sou? A razão foi, porque nos quiz Christo mostrar quanto tinha de fineza o deixar-se prender por nós. Deixar-se prender um homem ainda que seja innocente, não é cousa nova; mas um homem que com dizer *Eu sou* póde fazer cair a seus pés os mesmos que o prendem, que se deixe prender comtudo por amor de outrem, grande fineza! Tal foi a de Christo, tal foi a de S. Roque. Prenderam a S. Roque seus proprios vassallos na sua propria cidade, porque, como deixamos dicto, vinha tão mudado de trajos e ainda de pessoa que o não conheceram. Se S. Roque se descobrira, se dissera *Eu sou;* os mesmos que o prenderam haviam de cair a seus pés e beijar-lhe a mão como a seu verdadeiro senhor. E que podendo S. Roque fazer cair a seus pés os mesmos que o prendiam, se deixasse prender com tudo por amor de Christo? Fineza foi só como de Christo e como sua. Muitos sanctos houve que estiveram presos muitos annos por amor de Christo: mas a prisão e a liberdade estava na mão dos tyrannos; porém S. Roque esteve preso quasi todos os annos da vida, tendo a prisão e liberdade na sua mão. Bastara dizer S. Roque *Eu sou* para trocar o carcere com o palacio, os ferros com as joias, a infamia com a honra, as injurias com os applausos, as affrontas com as acclamações; e comtudo não o quiz dizer. Com outro *Eu sou* no Egypto: *Ego sum Joseph frater vester*: se trocaram aos irmãos de José as tristezas com festas, as fomes em banquetes, os temores em parabens, as prisões em abraços. Mas S. Roque no escuro theatro da sua prisão quiz antes representar o «drama» de Christo que a comedia de José, porque não queria ser elle, queria ser Christo por viva imitação e assim o foi. E quem foi tão venturoso que sendo servo, se pareceu com seu Senhor, não se diga que é desgraçado, senão bemaventurado: *Beati sunt servi illi.*

3.ª desgraça. Cura a todos os apestados e não se cura a si mesmo.

IV. A terceira desgraça de S. Roque foi ser desgraçado com as infermidades: mas haveis-me de dar licença para que troque o logar a esta desgraça e a deixe para o fim; porque quero acabar com ella, como tão propria do tempo presente e por isso abbreviarei este poncto. Primeiro tractaremos da desgraça dos remedios; depois fallaremos na desgraça das infermidades. E prouvera a Deus que fizera o vosso cuidado o que agora faz o meu discurso. Porque primeiro se padecem as infermidades e depois se tracta dos remedios, por isso são os remedios desgraçados.

Mofina dos que sabem remediar aos outros e não se aproveitam dos seus remedios. Esta porém, foi para S. Roque uma bemaventurança.

Foi S. Roque desgraçado com os remedios, porque curando a todos os apestados elle morreu de peste. Póde haver maior

desgraça que esta, que dando um homem remedio aos outros lhe falte o mesmo remedio para si? Não póde haver maior desgraça! A maior e mais geral que se padeceu no mundo foi o diluvio universal: mas se n'esta desgraça commum houve homens mofinos e mais desgraçados que os outros, quem póde duvidar que foram os fabricadores da arca de Noé? Tantos annos estiveram estes homens fabricando aquella nova machina nunca vista no mundo, em que se haviam de salvar as reliquias d'elle, já cortando, já serrando, já lavrando, já medindo, já ajustando, já pregando, já calafatando, já breando; e que ao cabo entrassem na arca Noé e seus filhos, e os animaes de todas as especies e se salvassem n'ella do diluvio; e que os mesmos que a tinham fabricado ficassem de fóra e perecessem afogados? Brava desgraça! Que fabricassemos nós o instrumento de salvação para os outros, e que elles se salvem e nós pereçamos! Que a arca fosse o trabalho nosso e não seja salvação nossa senão sua? Que á custa de nosso suor e de nossos braços, se salvem elles; e que á vista de sua salvação nós pereçamos? Oh desgraça! Oh mofina! Oh desventura sem egual! E quantos desgraçados ha d'estes no mundo em todos os estados! Quantos prelados ha que curam as almas das ovelhas e teem infermas as suas? Quantos governadores que guiam e encaminham os povos; e elles se desgovernam e desencaminham? Quantos conselheiros que dão muito bons conselhos aos outros e elles perdidos e desaconselhados? Caiphás era summo pontifice; ensinou o remedio com que se havia de salvar o mundo; e elle ficou sem remedio. Moysés era governador do povo de Deus, introduziu as tribus na terra da promissão; e elle ficou de fóra. Achitofel era o melhor conselheiro d'aquella edade; e vivendo tantos principes do seu conselho, elle ficou tão mal aconselhado, que se matou com o seu. Oh que grande desgraça esta! Todos a dar remedio a tudo e ninguem a tomar remedio. Não só nos homens em que as desgraças são consequencias dos vicios; mas até nas mesmas virtudes acho esta desgraça (se nas virtudes póde haver desgraça.) Tal era a virtude milagrosa de S. Roque: dava remedio aos outros e elle morreu sem remedio. Mas sendo esta desgraça tão grande, diz comtudo o evangelista que foi bemaventurado S. Roque: *Beati sunt servi illi;* porque em remediar aos outros e morrer sem remedio se pareceu S. Roque com Christo morto.

Tambem a morte de Christo foi remedio para os outros e não para si. Matth. 27

A morte de Christo foi remedio nosso, mas não foi remedio seu. Remediou-nos Christo a nós, porque nos deu a vida «da alma»; mas não se remediou a si, porque «a vida da alma não tinha precisão de recebel-a; e a do corpo a quiz perder por nosso

amor.» Esta foi a maior fineza do Salvador do mundo, bem ponderada dos homens; porém muito mal intendida e peior applicada. Quando Christo estava para expirar na cruz, blasphemavam os principes dos sacerdotes e diziam: *Alios salvos fecit; se ipsum non potest salvum facere.* Salvou aos outros e a si não se póde salvar. Grande blasphemia contra Christo! Mas grande louvor da paciencia, da misericordia e da divindade de Christo. Em dizerem que não podia, blasphemavam: mas em dizerem que salvando aos outros (como salvou a tantos da morte) não se salvava a si, diziam o maior louvor e a maior gloria do mesmo Salvador e do soberano modo com que salvava. A mais gloriosa fineza e a mais fidalga soberania de quem dá a saude e vida aos outros é não a tomar para si, antes dar-lh'a á custa da sua. Isto é o que fez Christo; e esta foi a maior acção de um homem que junctamente era Deus. Oh divino Roque! Quão bem vos poderam blasphemar os judeus; e quão justamente vos devemos louvar nós! Curava S. Roque milagrosamente a todos os feridos da peste; e quando o mundo o viu ferido do mesmo mal, cuidavam todos que elle se salvaria tambem a si. Porém o Sancto como verdadeiro imitador de Christo na morte, salvou aos outros e a si não se salvou, porque morreu do mesmo mal. Christo morto com o remedio em que dava a vida a todos, e Roque morto com o remedio em que dava a vida a todos. E servo que morrendo se pareceu tão vivamente a seu Senhor, vêde se merece o nome que lhe dá o Evangelho de bemaventurado. *Beati sunt servi illi.*

4.ª desgraça. S. Roque morre de peste.

V. Somos chegados á ultima desgraça de S. Roque que reservei para este logar, para que nos fique mais na memoria; porque por nossos peccados não só a devemos considerar de longe, como desgraça sua, senão de perto e de dentro como desgraça nossa. Ardendo está em peste o reino do Algarve; e se der um passo adeante o incendio, que será de Portugal? Assim como foi S. Roque desgraçado com os remedios, foi tambem (e já o tinha sido) desgraçado com as infermidades. Padecer alguma infermidade parece que é consequencia de ser mortal; e assim mais se deve chamar natureza que desgraça. Com tudo não deixa de ser desgraça e notavel desgraça que havendo um homem de padecer a miseria de infermo, vá logo topar com a peior infermidade e a mais terrivel de todas. Assim lhe aconteceu a S. Roque: infermou; e infermou de peste.

Que grande mal é a peste por causa do desamparo do apestado.

A razão ou miseria, por que tenho pelo mais desgraçado de todos os males a peste, é porque nas outras infermidades o maior beneficio que vos póde fazer quem vos ama, é estar comvosco: na peste a maior consolação que vos póde dar quem

amais é fugir de vós. Mal em que o dizer *Estae commigo* é querer mal, e o dizer *Fugi de mim* é querer bem, grande mal! Se a peste não fôra infermidade mortal, só por isto matara. Grandes males são as infermidades, as feridas, as guerras, os desgostos, os desprezos, os temores e outros que se padecem no mundo. Mas mal em que é forçoso dizer aos que amais, que fujam de vós, esse é o mal que acaba o valor na maior paciencia, esse é o que tira a vida na maior constancia. Não sei maior encarecimento da peste em quanto mal particular e infermidade de um homem como era em S. Roque.

Estado de uma terra com a peste.

Mas em quanto mal commum e infermidade das cidades, das provincias, dos reinos, quem poderá bastantemente considerar, nem comprehender as infelicidades, as miserias, as lastimas, os horrores, que em si contém a desgraça geral de uma peste? Os portos e as barras fechadas e os navegantes alongando-se ao mar, e não só fugindo da costa, mas ainda dos ventos d'ella: os caminhos por terra tomados com severissimas guardas: o commercio e a communicação humana totalmente impedida: as ruas desertas e cubertas de herva e mato; como nos contavam e viram nossos maiores n'esta mesma cidade de Lisboa: as portas trancadas com travessas e almagradas: as sepulturas sempre abertas não já nas egrejas, nem nos adros, senão nos campos e talvez caindo n'essas sepulturas mortos os mesmos vivos que levam a enterrar os outros defunctos: a fazenda adquirida com tanto trabalho, guardada com tanta avareza, estimada com tanta cobiça, já desprezada e já lançada ou alijada, como na extrema tempestade, não á agua, senão ao fogo e vendo-se arder sem dôr: o amor natural do sangue (como todo o outro amor) ou attonito ou esquecido: os irmãos fugindo dos irmãos, os paes fugindo dos filhos, os maridos fugindo das mulheres e todos querendo fugir de si mesmos, mas não podendo, porque a saida é indispensavelmente vedada e impossivel. A razão e a piedade teem alli cruelmente presos e sitiados os miseraveis para que se matem antes a pé quedo entre si e não sáiam a matar os outros. Mas ó que dôr! Ó que angustia! Ó que afflicção! Ó que ancia! Ó que violencia! Ó que desesperação tão mortal! E nem ainda para cuidarem os homens ou pasmarem d'este seu estado, lhes dá tempo, nem logar a morte. Em seis horas matou a peste de David septenta mil de um povo. Vêde em tal horror e tão subito se haveria homem que estivesse dentro em si e se estariam tão mortos em pé os mesmos vivos como os que caíam mortos. Isto que digo, christãos, ou isto que não sei dizer, praza a Deus que o ouçamos sómente e que o não vejamos nem experimentemos. Mas do Algarve a Portugal é menos

que de Tangere ao Algarve; e não ha tanto mar, nem tantos ventos em meio.

A do reinado de David foi tão terrivel porque ainda não havia a protecção de S. Roque. Sua quarta bemaventurança.

As diligencias, as vigias, as cautelas que se fazem contra este mal tão vizinho, são muito prudentes, muito devidas, muito necessarias: mas contra os golpes da espada do céu valem pouco os reparos da terra. No meio do destroço ou carneceria que ia fazendo a peste de David no mal contado povo de Israel, poz os olhos no céu o lastimado e lastimoso rei, e viu um anjo com a espada desembainhada e escorrendo sangue, que já ameaçava o golpe sobre a côrte de Jerusalem. Ah se Deus nos abrisse agora os olhos, como é certo que haviamos de vêr a mesma espada goteando já sangue nosso e ameaçando mais sangue e maior golpe sobre Lisboa e sobre Portugal! O peccado porque Deus castigou com aquella horrenda peste a David, comparado com os nossos peccados, póde-se chamar innocencia. Mas então não tinha Jerusalem, nem tinha Israel um S. Roque, como hoje tem Lisboa e Portugal que tivesse mão a Deus no braço da espada. Os grandes males pedem grandes remedios; e um mal tamanho como o da peste, só o podia remediar um Sancto como S. Roque. Canonizado está S. Roque no mundo com o nome de advogado da peste: mas a mim me parece muito vulgar esse nome e muito desegual á grandeza de seus poderes e aos effeitos prodigiosos de sua virtude. Só um nome acho egual á virtude de S. Roque para ser similhante a Christo crucificado: e é quarta similhança que nos faltava para beatificar a quarta e ultima similhança: *Beati sunt servi illi.* «Dae-me attenção.»

È similhante a Christo na cruz para matar a peste. *Oseas.* 37

Muitos seculos antes de Christo ser pregado na cruz mandou publicar para aquelle tempo ou uma sentença ou uma ameaça contra a peste dizendo assim pelo propheta Oseas: *Ero pestis tua o pestis.* Eu serei tua peste, ó peste. Assim se lê no texto original hebreu, onde a vulgata com termos mais universaes tresladou: *Ero mors tua o mors.* A propriedade das palavras não póde ser maior. Como mata ou como costuma matar a peste? O modo de matar da peste é por contagio, crescendo e continuando-se a corrupção pela communicação das partes do ar corrupto. Corrompe o veneno da peste a primeira parte do ar; e estando uma parte do ar corrupta, pega-se a corrupção á outra parte e assim de parte em parte se vai corrompendo tudo. Dá na casa e leva a rua: dá na rua e leva a cidade: dá na cidade e leva o reino. Tal foi na cruz «segundo a linguagem do propheta» o contagio da vida contra o contagio da morte. As primeiras partes do ar que se purificaram com a virtude do Crucificado foram as do monte Calvario. Do Calvario

passou o contagio da vida a Jerusalem, de Jerusalem a toda a Palestina e de Palestina a todas as partes do mundo. Por uma parte pegou no Egypto e levou a Africa; por outra pegou na Arabia e levou a Asia: por outra pegou na Grecia e levou a Europa; e assim de terra em terra a virtude do Crucificado purificou o mundo; desempenhando-se com admiravel secreto e prodigiosa propriedade a promessa ou ameaça de Christo: *Ero pestis tua o pestis*. Assim como foi «na phrase emphatica de Oseas» peste da peste Christo crucificado, assim («digo eu») é peste da peste S. Roque. Não tenho menos auctor, nem menor prova d'esta verdade que o testimunho universal de toda a Egreja catholica no concilio constanciense. Deu o mal da peste na cidade de Constancia, quando n'ella se celebrava o concilio. Ardia, abrazava-se e despovoava-se tudo. Recorre aquella sagrada congregação aos remedios divinos: tira em procissão uma imagem de S. Roque. Cousa maravilhosa! Como se saira uma peste contra outra peste ou o contagio da vida contra o contagio da morte, ao mesmo passo que ia andando a procissão ia tambem andando ou se ia ateando a saude. E assim como no furor da peste, quando lavra, se veem cair com horror aqui uns, acolá outros mortos, assim n'aquelle triumpho da vida se viam com admiração e assombro de alegria, agora levantar estes, depois aquelles e finalmente todos saltando das camas ás janellas, ás portas, ás ruas, acclamando com vozes que chegavam ao céu, ao poderoso triumphador da morte, ao milagroso restaurador da saude, ao glorioso obrador de tão grande maravilha: *Ero pestis tua o pestis*.

S. Roque é como Arão para interceder com a sua oração a favor de Portugal. *Rom.* 16

VI. Este é o mal que nos está ameaçando, christãos, esta é a espada da divina justiça que já temos mettida no peito, e só lhe falta penetrar mais e chegar ao coração. O que importa é (se os mesmos peccados que provocam o castigo nos não cegam) que, pois temos o remedio tão prompto, tão poderoso e tão propicio, nos soccorramos d'elle a tempo. Invoquemos a S. Roque com grande fé e com grande confiança: peçamos-lhe nos valha n'este trabalho tão proprio dos seus poderes e da sua virtude, ou para não sermos ingratos, não lhe peçamos que nos valha, senão que continue a nos valer: porque elle é o que nos tem valido e elle o que nos está valendo. Quem cuidais que está tendo mão na peste nas raias do Algarve? Quem cuidais que está rebatendo para que não entre em Portugal, senão a virtude d'aquelle glorioso triumphador d'ella, sempre tão propicio a este reino? Mandou Deus fogo do céu, que abrazasse o povo de Israel (tambem por muito menos peccados do que são os maiores nossos): ia lavrando o incendio desapoderadamente; e já ti-

nha abrazado e feito em cinzas a mais de quatorze mil; quando acudiu a toda a pressa Arão com um thuribulo nas mãos; e diz o Texto; que mettendo-se entre os mortos e os vivos e fazendo oração pelo povo parou o incendio: *Stans inter mortuos et viventes deprecatus est pro populo et plaga cessavit.* Christãos portuguezes, já a ira do céu saiu da mão de Deus, como disse Moysés n'este caso, já o fogo está ateado, ja nos está abrazando: *Iam egressa est ira a Domino et plaga desaevit.* E se o incendio tão poderoso e tão apoderado contra sua natureza tem parado n'aquellas raias e não passa adeante, é porque S. Roque como outro Arão se metteu entre os mortos do Algarve e os vivos de Portugal; e alli com o incenso de suas orações está conservando e preservando o ar puro e são d'esta parte, para que o não corrompa o inficcionado da outra.

Pôi elle balisas á peste como Deus ao mar. *Job.* 38

Oh quem me dera palavras, poderoso Sancto, para dignamente vos louvar n'este caso e explicar a grandeza d'esta maravilha! Que poder se viu nunca no mundo, que fizesse uma risca no ar e pozesse limites ao de uma parte para que não passasse á outra? Isto é o que estais obrando e o que estamos vendo. A maior maravilha que Job considerava no poder de Deus era pôr balizas ao mar e dizer-lhe: *Huc venies et non procedes amplius.* Aqui chegarás e não passarás d'aqui. Mas quanto maior e mais prodigiosa maravilha é ter posto estas mesmas prodigiosas balizas ao elemento do ar, tanto mais livre, tanto mais mudavel, tanto mais subtil, tanto mais indomito, tanto mais furioso e tanto mais inconstante! Assim o tem S Roque hoje enfreado e obediente nas raias de Portugal, permittindo-lhe sómente que chegue até alli: *Huc venies:* e mandando-lhe com imperio omnipotente que pare e não dê passo mais adeante: *Et non procedes amplius.*

Invocação do Sancto.

Mas o que até agora tem sido tão poderosa resistencia, glorioso Sancto, muito maior gloria será do vosso poder se fôr perfeita victoria. Assim o pede a inteira imitação de Christo crucificado, e o milagroso e singular titulo que d'elle participastes: *Ero pestis tua, o pestis.* Bem vemos e conhecemos que á virtude d'este soberano titulo devemos a suspensão maravilhosa d'aquelle contagio que não póde ser obra da natureza. Bem vêmos e conhecemos que nas raias de Portugal se estão combatendo fortemente a morte e a saude; e que, se não tem entrada, nem prevalecido contra nós a peste é, porque temos da nossa parte «a vossa protecção.» Ide por deante, pois, glorioso vencedor, ide por deante; e possam mais deante de Deus para com a vossa piedade as miserias que padecem aquelles tão affligidos povos, que a continuação das culpas nossas, com que

ainda ajudamos o castigo das suas. Suppra o vosso poder a nossa fraqueza, suppra o vosso merecimento a nossa indignidade, suppra a vossa graça com Deus a nossa ingratidão tão repetida. Assim a cremos, assim o esperamos da virtude de vossa intercessão; e que assim como as nossas culpas nos fizeram companheiros d'esta vossa desgraça, assim o vosso favor nos faça partecipantes do remedio d'ella; que é a ultima bemaventurança vossa, com que aquellas venturosas quatro desgraças vos fizeram quatro vezes bemaventurado. *Beati sunt servi illi.*[1]

[1] *Nota do compilador.*—Tirei da conclusão este trecho que oratoriamente lhe causava estorvo, ainda que theologicamente merece muito a attenção do leitor.—Porque quiz Christo morrer no ar e ao ar? No ar sendo levantado em uma cruz, ao ar sendo crucificado em um monte descoberto e patente? Bem podera Christo morrer dentro no templo; e com grande conveniencia; pois era a victima e o sacrificio da nossa redempção. Bem podera morrer sobre a terra; e tambem com grande conveniencia; pois a terra e os homens de terra eram os que vinha salvar. Que razão teve logo Christo para não querer morrer senão no ar e ao ar? A pergunta e a resposta, tudo é de S. João Chrysostomo. Escolheu Christo padecer no ar e ao ar, em um monte e em uma cruz, levantado e suspenso, porque assim como com a vida tinha sanctificado a terra, assim na morte queria purificar o ar. Na vida peregrinando de um logar em outro logar, sanctificou a terra com os pés: na morte, sendo levantado e extendido na cruz, purificou o ar com os braços. Mas que corrupção ou que impureza havia no ar pela qual houvesse mister purificado? Sancto Athanasio o explicou, seguindo o mesmo pensamento, que tambem é de S. Cypriano: *Ita enim sublimatus aerem purgavit ab omni diaboli omniumque daemonum infestatione.* Quando os demonios cairam do céu, não desceram todos ao inferno; mas muitos ficaram n'esta região inferior do ar para tentarem os homens e lhes fazerem guerra. Por isso S. Paulo chama aos demonios potestades do ar: *Potestates aeris hujus.* E como o elemento do ar estava corrupto, inficionado e apestado com o contagio de tão immundos espiritos, para Christo alimpar e purificar aquelle elemento, quiz obrar n'elle o mysterio da redempção; e escolheu entre todos os instrumentos da morte uma cruz que o tivesse levantado e suspenso da terra, para sarar o ar no mesmo ar. E este foi o segredo da cruz occulto a todos os seculos com que ameaçava Christo pelo propheta haver de ser peste da peste: *Ero pestis tua, o pestis.*

(Ed. ant. tom. 2.°, pag. 147, ed, mod. tom. 4.°, pag. 174.)

II. SERMÃO DE S. ROQUE *

PRÈGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO 1657
TENDO O AUCTOR PRÉGADO NO DIA DO MESMO SANCTO EM S. ROQUE
NA EGREJA DA CASA PROFESSA DA COMPANHIA DE JESUS

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—A forma d'este riquissimo sermão panegyrico é aquella que mais agradou aos oradores francezes; e consiste em apresentar aos fieis os exemplos do sancto por modo que o possam imitar desenganando-se dos falsos principios do mundo: por isso é necessario declarar estes falsos principios e confutal-os. Sobremaneira maravilhoso por sua força, graça e belleza é o numero V.

Beati sunt servi illi.
S. LUC. 17

Ha jovens nobres que para herdar os titulos de seus paes não esperam pela sua morte. S. Roque ficou herdeiro de grande casa na edade de vinte annos.

Ou a vida de S. Roque foi errada, ou todo o mundo é louco. Assim o dizia eu não ha muitos dias; e quanto mais considero nos passos que leva o mundo e nos que seguiu S. Roque, tão encontrados, tanto mais me confirmo n'esta verdade. Vejamos o que fez S. Roque na eleição de sua vida e o que fizera no mundo em similhante occasião qualquer outro da sua edade, da sua fortuna e do seu nascimento. Foi tão venturoso S. Roque que lhe faltaram seus paes antes de cumprir os vinte annos. Desgraça se chamava isto antigamente; mas eu lhe chamei ventura, por me accommodar á phrase do tempo. Nenhuma cousa parece que sentem hoje mais os filhos, que a larga vida dos paes. Quem não quer esperar a herdal-os depois da morte, como lhe póde desejar longa vida? Quasi todos os titulos que acabaram estes annos na nossa côrte, nasceram unicos e morreram gemeos; primeiro os lograram junctamente os filhos, do que os deixassem os paes. Uma capa, diz o Espirito Sancto, não póde cobrir a dous. Mas querem os homens poder mais do que Deus sabe. Um se cobre com o direito da capa, e outro com o avesso ao mesmo tempo. Tão larga lhes parece aos filhos a vida dos paes, que não se atrevem a lhe esperar pela morte. Emfim, ou seja indecencia nos filhos de hoje, ou fosse ventura em S. Roque; elle se viu em vinte annos de edade sem sujeição de

filho, senhor da cidade e estado de Mompilher, que era de seus paes, herdeiro de grande casa e riquissimos thesouros que desde seus antepassados se guardavam e accrescentavam n'ella.

O que fariam n'este caso outros mancebos.

Isto supposto, que resolução vos parecè que tomaria no tal caso aquelle filho, ou que faria qualquer dos presentes se n'elle se achara, com sangue illustre, com estado, com vassallos, com tantas riquezas e com tão poucos annos? Parece-me a mim, julgando o que cuido pelo que vejo, que tomarieis uma de duas resoluções. Ou passados os luctos vos partirieis para a côrte (e mais sendo a côrte a de Paris, aquelle mundo abbreviado) para luzir, para ostentar, para competir em galas, em apparatos, em grandezas e junctamente para assistir, para servir e para merecer deante do rei e por esta via alcançar novos accrescentamentos á casa e á pessoa. Esta era a resolução mais viva e mais propria d'aquella edade. Mas se o vosso juizo fosse mais assentado, se vencesse na madureza os annos e se aconselhasse ou se deixasse aconselhar sizudamente, julgaria eu pelo contrario, que renunciando pensamentos de côrte, como mar turbado, inquieto e em nenhum tempo seguro, vos deixarieis ficar no vosso estado, conservando n'elle melhor e a menos custo a auctoridade, gozando com descanço o que vossos avós com trabalho vos tinham ganhado; e governando em paz e quietação vossos vassallos, sendo amado, servido e reverenciado d'elles.

O que fez S. Roque. Servir a Deus só: a homens nem servir nem mandar.

Não ha duvida que uma d'estas duas resoluções tomaria qualquer dos presentes, cada um segundo o mais ou menos reposo do seu juizo. Mas a Roque (e sendo francez) nenhuma d'ellas lhe pareceu bem; seguiu muito differente caminho. Manda vir deante de si seus thesouros, abre-os; e a primeira cousa que viu n'elles, foram os corações de todos seus antepassados. Contente de não achar tambem alli o seu, chama os pobres de toda a cidade, troca com elles a fortuna, fal-os ricos e fica pobre. Já eu vou vendo, quem isto obra com as mãos, muito maiores e mais altos pensamentos revolve no peito. Faz que venha logo um notario, renuncia publicamente o estado e tudo o que n'elle tinha e lhe podia pertencer; veste-se no habito da terceira ordem de S. Francisco, toma bordão e esclavina, e parte peregrino pelo mundo a buscar e servir só aquelle grande Senhor, que em todo o logar tem a sua côrte, porque está em todo o logar. Isto que nenhum outro fizera, fez S. Roque; e por isso elle só, como dizia, é o sizudo e o resto do mundo é o louco. Notae. Podera S. Roque ir servir a el-rei e não quiz servir: podera S. Roque mandar os seus vassallos na sua, e não quiz mandar: resolve-se a servir só a Deus, livre de todo o outro cuidado; e com estas tres resoluções conseguiu toda a felicida-

de; não só da outra vida, senão tambem d'esta; que é o que diz a proposta do nosso texto: *Beati sunt servi illi.* Todos os homens e mais os cortezãos andam buscando a felicidade d'esta vida; e que fazem para a alcançar? Todos occupados em servir e todos morrendo por mandar; e por isso nenhum acaba de achar a felicidade que busca. Quereis conseguir a verdadeira felicidade não só da outra senão tambem d'esta vida? Tomae estas tres resoluções de S. Roque. Servir só a Deus. A homens? Nem servir, nem mandar. N'isto consiste toda a prudencia e felicidade humana: n'isto consiste toda a prudencia e felicidade christã. Se somos christãos, havemos de tractar de Deus; se somos homens havemos de tractar com os homens. Pois que remedio para ter felicidade com os homens e para ter felicidade com Deus? Imitar a S. Roque. Para ter felicidade com Deus servir a Deus: para ter felicidade com os homens, nem servir nem mandar os homens. Tres ponctos de prudencia, tres ponctos de felicidade e tres ponctos de sermão: *Beati sunt servi illi.*

Não é arrogancia nem pusillanimidade não querer servir nem mandar homens.

II. A primeira resolução de S. Roque, como se fôra mais que homem ou menos que homem, foi não querer servir a homens, nem mandar homens. Não querer servir a homens ainda que fossem reis, parece muita soberba: não querer mandar a homens, ainda que fossem vassallos subditos e criados proprios, parece pouco valor. Mas nem o primeiro foi arrogancia, nem o segundo pusillanimidade; grande juizo, grande animo e grande generosidade, sim. Obrou S. Roque como homem, como christão, como sancto. E pois a mim me toca hoje declarar as razões que elle teve e persuadir a que tenha imitadores; ao mesmo Sancto peço se digne assistir com tal espirito ao meu discurso, que se não afaste muito dos seus pensamentos.

Servir a homens por condição de natureza e não por eleição de humildade é maldição.

Primeiramente não quiz S. Roque servir a homens porque não quiz deixar de ser homem. «Fallo de servir a homens em quanto homens, a saber, por condição de natureza e por motivos humanos: porque servir a homens em quanto representantes de Deus por eleição de humildade e por motivos sobrenaturaes, não é servir a homens, é servir a Deus.» O homem «em quanto á natureza» fel-o Deus para mandar, aos brutos para servir. E se os brutos se rebellaram contra Adão e não quizeram servir ao homem, sendo tão inferiores; triste e miseravel condição é haver um homem de servir a outro, sendo todos eguaes. A primeira vez que se prophetizou n'este mundo haver um homem de servir a outros, foi com nome de maldição. Assim fadou Noé a seu neto Canaan em castigo do pae e do filho. Ainda então se não sabía no mundo que cousa era servir: então se começou a intender a maldição pelo delicto e a mise-

ria pelo castigo. Meios homens chamou depois o poeta lyrico aos que servem, e disse bem. Toda a nobreza e excellencia do homem consiste no livre alvedrio; e o servir, senão é perder o alvedrio, é captival-o. Razão teve logo S. Roque de não querer servir a homens por não deixar de ser homem.

E grande penitencia. Texto notavel do psalmo 65. *Vide Calmet.*

De homens sem lhe chamar mais que homens, falla David no psalmo sessenta e cinco e declara com notavel encarecimento o que quasi se padece sem reparo pelo costume: *Quoniam probasti nos Deus, igne nos examinasti sicut examinatur argentum. Induxisti nos in laqueum, posuisti tribulationes in dorso nostro: imposuisti homines super capita nostra.* Quizestes, Senhor, provar e experimentar em nós quanto póde supportar a paciencia e aturar a constancia humana; e a uns examinastes com fogo (como a Lourenço): *Igne nos examinasti*; a outros mettestes em prisões e cadeias (como a Pedro e Paulo), *Induxisti nos in laqueum;* a outros carregastes de tribulações e trabalhos (como os outros martyres e confessores): *Posuisti tribulationes in dorso nostro;* e «finalmente» sujeitastes uns homens a outros homens e pozestes a uns sobre a cabeça dos outros, *Imposuisti homines super capita nostra.* Pois é prova, é experiencia, é exame, é encarecimento da paciencia e soffrimento humano pôr Deus uns homens sobre a cabeça dos outros? Sim: porque os que estão de cima são os que mandam, os que estão debaixo, são os que servem; e sendo os que servem eguaes aos outros por natureza, que estes os tragam sobre a cabeça e que elles os mettam debaixo dos pés: *Homines super capita nostra,* «só» a penitencia dos confessores egualla esta dôr e os tormentos dos martyres este martyrio.

Fez S. Roque esta penitencia, mas só por amor de Deus.

Mais diz o texto. Mas antes que passemos ávante, parece que por isto mesmo havia S. Roque de querer servir a homens, ao menos como sancto. Assim é e assim o fez a paciencia e constancia de S. Roque, padecendo fóra da patria e dentro n'ella e por mãos de seus proprios vassallos, feridas, affrontas, falsos testimunhos, prisões e carcere perpetuo até á morte. Mas tudo isto quil-o elle padecer por amor de Deus e não por servir aos homens; e fez muito bem e com muito maior razão do que temos visto.

Novo reparo no psalmo citado.

Torne agora o texto. Onde a nossa vulgata lê: *Imposuisti homines super capita nostra,* no original hebreu está: *Equitare fecisti homines super capita nostra:* fizestes, Senhor, para provar a nossa paciencia que os homens andassem a cavallo sobre as nossas cabeças. Vêde se vai de uma cousa a outra. De sorte que aos miseraveis que serram debaixo não se contentam os que serram de cima de os pizar com os pés, senão tambem com

os dos cavallos: *Equitare fecisti homines super capita nostra.* Se me perguntarem, porém, onde podem succeder taes casos que homens tractem assim a homens e a homens que os servem, respondo que onde S. Roque, não quiz ir, nas côrtes. Para intelligencia d'esta verdade (de que bastava por prova a experiencia) havemos de suppôr que nas côrtes por christãs e christianissimas que sejam, não basta só ter a graça do principe supremo, se não se alcança tambem a dos que lhe assistem. Esta é a primeira supposição da guerra que padecem ou podem padecer nas côrtes, ainda os homens que melhor servem, se teem outros sobre si: *Imposuisti homines super capita nostra.*

Os ministros dos reis pizam os povos não só com seus pés senão com os dos seus cavallos. *Eccli. 10.*

Mas quaes são os que os pizam, não só com os seus pés, senão com os dos seus cavallos: *Equitare fecisti?* É certo que não são os reis; porque os pés reaes não pizam, nem magoam; honram e auctorizam. Por isso se lançam a seus pés os vassallos; e quanto maiores e mais dignos, mais lhes mettem debaixo dos pés as cabeças. Quaes são logo os que pizam tão honradas cabeças, como aquellas entre as quaes se contava a de David; e não só com seus pés, senão com os dos seus cavallos? Aqui entra agora a segunda e mais lastimosa supposição e menos digna de se crêr, se não dissera Salomão que a viu com seus olhos: *Vidi servos in equis et principes ambulantes super terram:* vi os servos a cavallo e os principes a pé. Sem duvida que isto viu Salomão propheticamente, quando viu apeado a Roboão seu filho e a Joroboão seu servo entronizado. E em outros reinos quando acontece isto mesmo? Bem é que o perguntemos, pois não vemos no nosso esta desgraça, que bastava a corromper todas suas felicidades. Acontece isto quando o principe, a quem toca ter as redeas na mão, por desidia e negligencia as larga e as entrega ao servo. Então é que o servo montado a cavallo, vendo-se imposto sobre as cabeças dos homens, não só as piza a dous pés, senão a quatro. Diga-o Mardocheu debaixo de Aman no reinado de Assuero; e Daniel com os Satrapas no de Nabuco e Dario. Em taes tempos em vez de os homens servirem gloriosamente aos reis, são ignominiosamente servos dos servos; e padecem, sem lhes valer a côr do rosto (onde só lhe faltam os ferretes) a maldição de Chanaan, que hoje se cumpre nos cafres e nos ethiopes; para que se veja se um espirito tão generoso como o de S. Roque havia de sujeitar a sua cabeça ou expol-a por nenhum preço a similhantes abatimentos.

Por isso David na côrte d'el-rei Achis se fingiu doido.

Bem vejo que a sua qualidade e grandeza tinha altos fundamentos para esperar na côrte differentes respeitos. Mas o meio por onde estes se conservam, ainda eram mais alheios da intei-

reza do seu espirito. Quiz conservar David na côrte d'el-rei Achis o grande logar que tinha na sua graca, e que meio tomou para que os que estavam ao lado do mesmo rei o não descompozessem e ainda destruissem? Já sabemos que se fingiu doido; e para fazer mais publica a sua doidice, diz a Historia sagrada que andava com os pés para cima e a cabeça para baixo. Era habilidade e destreza em que David se tinha exercitado por jogo quando pastorinho, como moço de tantas forças e agilidade; e agora se aproveitou d'ella para este disfarce; que todo o saber serve. Em summa, que sustentando-se e movendo-se sobre as mãos andava com a cabeça para baixo e os pés para cima; e isto quer dizer: *Ferebatur manibus suis*: texto que tanta difficuldade causou a Sancto Agostinho e ninguem depois d'elle, que eu saiba o explicou até agora; mas este é o sentido proprio e litteral d'aquellas palavras. E o moral e politico de uma acção tão extraordinaria qual será? É que para um homem se conservar na côrte e na graça dos reis, como David se queria conservar na d'el-rei Achis, o meio proporcionado e effectivo e ainda forçoso, é andar ás avessas: os pés para cima, a cabeça para baixo; e para não tomar o céu com as mãos, trazer as mãos pela terra: *Ferebatur in manibus suis.* E sería bem que um coração tão generoso, tão inteiro e tão recto, como o de S. Roque e um homem mais de quebrar que de torcer, se torcesse e abatesse a similhantes indignidades? Não ha duvida que sería pôr a mão no chão, como pouco honrado e ainda os pés no céu, como máu christão. Por isso não quiz nada da côrte, nem servir a homens ainda que fossem reis. Fóra, fóra, e muito longe.

Juxta LXX 1 Reg. 21

S. Roque, ainda que tão sabio, não quiz mandar. Maior servidão é mandar homens que servil-os.

III. Parece-me que o dicto basta, senão para persuadir a imitação, ao menos para provar a prudencia e acertado juizo com que S. Roque se resolveu a não servir a homens. A eleição porém de os não querer mandar não digo só que haverá muito poucos que a imitem, mas duvido que haja algum que a não extranhe e ainda condemne. Porque não quer mandar S. Roque? O mesmo intendimento e alto juizo com que não quiz servir o obrigava a que quizesse mandar; porque é primeiro principio da politica natural, como ensina Aristoteles, que aos mais bem intendidos pertence o mandar, como aos que menos intendem o servir. Logo contra este dictame da natureza e da razão parece que obrou S. Roque em dimittir de si o mando e governo dos subditos, de que o nascimento o fizera herdeiro e o intendimento senhor. O não querer servir a homens seja embora prudente resolução, pelos motivos que apontamos; mas o não querer mandar homens e taes homens, que fundamentos

podia ter bastantes, não digo já que approvem uma tão extraordinaria acção, mas que racionalmente a não extranhem e ainda condemnem? Bem creio que não occorrerão facilmente as razões á ambição e appetite cego com que se governa o mundo, por isso tão mal governado. Respondo, porém e digo, que se S. Roque teve grandes razões para não servir a homens, as mesmas e muito maiores teve para não querer mandar homens. E porque? Porque maior servidão é mandal-os que servil-os.

O mandar é uma servidão honrada e por isso mais pesada que a servidão sem honra.

Fallando el-rei Antigono com o principe seu filho sobre a administração e governo do reino de que o havia de deixar por herdeiro, admirado o generoso moço de tamanhas obrigações e encargos, refere Eliano que lhe disse o pae: *An non novisti, fili mi, regnum nostrum esse nobilem servitutem?* E ainda não sabias, filho meu, que o nosso reinar não é outra cousa que uma servidão honrada? Honrada, disse, e com grande juizo. Porque a servidão dos servos, é servidão sem honra; e por isso menor e menos pesada. Mas sobre o peso da servidão haver de sustentar tambem o da honra, é muito maior sujeição e muito mais pesada carga. É servir á fama e ás boccas dos homens, cujos gostos são tão varios e tão estragados, que até o manná os enfastia. Se um homem não póde servir a dous, como disse Christo, como poderá servir a tantos mil? A cada homem deu Deus um anjo da guarda e não mais que um homem a cada anjo. E se um anjo não basta para guardar um homem de si mesmo e governar ordenada e concertadamente a um homem entre os outros, como bastará um só homem para conter dentro das leis e manter em justiça a tantos homens? Não sabe o que são homens quem isto não considera e penetra: penetrou-o porém alta e profundamente S. Roque na verdura dos seus annos com o sizo e madureza que não vemos em tantas edades decrepitas.

É mais difficil governar um homem que toda a machina do mundo material. *S. Greg. Matth.* 25.

Os philosophos antigos chamaram ao homem mundo pequeno: porém S. Gregorio Nazianzeno, melhor philosopho que todos elles e por excellencia o theologo, disse que o mundo comparado com o homem é o pequeno e o homem comparado com o mundo é o mundo grande. Baste por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem excede na capacidade a toda a grandeza e redondeza do mundo. Pois se nenhum homem póde ser capaz de governar toda esta machina do mundo, que difficuldade será haver de governar tantos homens cada um maior que o mesmo mundo e mais difficultoso de temperar que todo elle? A demonstração é manifesta. Porque esta machina do mundo, entrando tambem n'ella o céu, as estrellas tem seu curso ordenado que não prevertem jámais: o sol tem seus limites e tropicos, fóra dos quaes não passa: o mar com ser um monstro

indomito, em chegando ás areias pára: as arvores, onde as põem não se mudam: os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animaes com a terra. Pelo contrario o homem, monstro ou chimera de todos os elementos em nenhum logar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou appetite o farta: tudo perturba, tudo preverte, tudo excede, tudo confunde; e como é maior que o mundo, não cabe n'elle. Grande exemplo no mesmo mundo, não cheio, como hoje está, mas vazio e despovoado com os filhos de Adão e Noé. A Adão deu-lhe Deus o imperio sobre todo o mundo, sobre os peixes, sobre as aves, sobre os animaes da terra e não póde governar em paz dous homens e esses irmãos, sem que um matasse ao outro. Noé governou todos os animaes e conservou-os pacificamente dentro de uma arca; e fóra d'ella não pôde governar tres homens, sem que um o não descompozesse e affrontasse, sendo todos tres seus filhos. Vêde se é mais pesada servidão e mais difficultosa a de governar e mandar homens que a de servir? Quem serve, como não póde servir mais que a um, sujeita-se a uma só vontade. Mas quem manda, como ha de governar a todos, ha de sujeitar-se a si as vontades de todos; e esses não de filhos, em que é natural a obediencia e o amor, nem de irmãos entre si, em que as qualidades são eguaes e as naturezas similhantes; mas de tantas e tão diversas condições e inclinações, como são n'elles os rostos e os intentos.

Quem manda é como o sol ou como o relogio, que não descançam um momento. *Job.* 17

IV. D'aqui se segue (o que ainda humanamente pesou não pouco no juizo de S. Roque) que o que serve, por dura que seja a sua servidão, sempre tem horas de allivio e descanço; o que manda nenhuma: *Ut sol stare nescit, ita tu imperator:* disse Pacato em um panegyrico ao imperador Theodosio Magno: como o sol nunca pára, assim vós, ó grande imperador e por isso grande. Fez Deus ao sol principe do mundo; e desde o dia em que lhe deu este officio até hoje, «este principe» não descançou um momento. Tão grande trabalho é ser sol e tão grande a sua sujeição, posto que em logar tão alto. Uma inquietação perpetua, um movimento continuo, um correr e rodear sempre e dar mil voltas ao mundo, sem descançar nem parar jámais. Quando dizemos que o sol se pôi, é engano; porque então se parte a governar os antipodas. Não vamos buscar a prova da similhança mais longe; pois a temos de casa, e nos nossos reis mais propria que em nenhum outro do mundo. Quando os vassallos dormem e descançam, parece que um rei de Portugal faz o mesmo, depois do governo e trabalho de todo o dia; e não é, senão que passou aos antipodas. Lá anda com o pensamento e com o cuidado pela China, pelo Japão, pelos reinos do Idalcão,

do Samori, do Mogôr, pelo cabo da Boa Esperança, pelo do Comori, pelas Javas, pelos mares e costas da Africa, da Asia e da America, visitando armadas e fortalezas, compondo pazes, abrindo commercios e meditando sempre augmentos do reino de Deus e do seu sem outra quietação ou descanço mais que apparente aos olhos; porque o sol não tem verdadeiro occaso. O relogio, que é o substituto do sol na terra, não sôa, nem se ouve por fôra, senão a certos tempos; mas nem por isso está ocioso ou quieto. Sempre os pesos estão a carregar, sempre as rodas estão a moer; e taes são os cuidados do principe de dia e de noite. Para os subditos que obedecem e servem, ha differença de dias e noites; para o principe que governa e manda sempre é dia. Assim o dizia Job dos seus cuidados: *Noctem verterunt in diem.*

Entre o senhor que manda e os subditos que servem ha a mesma differença que entre o coração e os sentidos. Dorme o homem e todos os sentidos descançam. Os olhos não vêem, os ouvidos não ouvem, a lingua não falla, e assim dos demais. Mas se n'esse mesmo tempo, a esse mesmo homem lhe pozerdes a mão sobre o peito, vereis como está batendo n'elle e palpitando o coração. E se tornardes depois uma e muitas vezes e a qualquer hora, sempre o haveis de achar no mesmo movimento. Pois os sentidos eguaes na baixeza aos brutos, dormindo a somno solto, e o coração principio da vida e nobilissima parte do homem sempre velando sem descançar jámais? Sim; que isso é ser coração. O coração da republica é quem a manda e governa. E quando a mesma republica lhe deu a soberania d'esse cuidado, depositou n'elle todos seus cuidados. Elle ha de cuidar sem descanço, para que todos descancem; e elle vigiar para que todos durmam.

Entre o senhor e os subditos ha a mesma differença que entre o coração e os sentidos.

«N'aquellas palavras do livro dos cantares: *Ferculum fecit sibi rex Salomon de lignis Libani: columnas fecit argenteas, reclinatorium aureum, ascensum purpureum;* querem alguns interpretes que Salomão descrevesse o seu leito nupcial fabricado por elle mesmo de madeira do Libano com as columnas de prata, a subida de purpura e os travesseiros de ouro. Se assim é», parece-me isto como o que cuidam os rusticos que os reis dormem em lençoes de brocado. Os travesseiros de ouro são ricos e preciosos, sim, mas muito duros, muito frios e muito desagasalhados. Quanto melhor é uma manta no Buçaco ou uma cortiça na Arrabida? «Mas qualquer que seja o sentido litteral d'esta clausula, o certo é que dignissimo da sabedoria de Salomão seria n'esse caso o sentido allegorico. Preciosa póde ser, mas não branda a cabeceira da cama dos reis;» porque não é feita para

O leito de Salomão e os cuidados dos reis. Observação de S. Paschasio ácerca da purpura e coroa de espinhos do Salvador.

conciliar o somno, senão para o inquietar. Assim dormia inquieto Pharaó, sonhando nos septe annos de fartura do seu reino e nos septe de fome. Assim dormia inquieto Nabuchodonosor, sonhando na duração de sua monarchia e das tres que lhe haviam de succeder. E atè José a quem Deus ia creando para mandar e ser principe, em quanto os lavradores seus irmãos repousavam, elle sendo de menos annos não podia dormir quieto. Lá andava sonhando com as paveias e com as estrellas e revolvendo no pensamento o céu e mais a terra. A purpura podem-na despir os principes quando se deitam; mas os cuidados que os desvelam não podem. Quando a Christo no pretorio de Pilatos o fizeram representar figura de rei, coroaram-no de espinhos e vestiram-no de purpura; e notou advertidamente S. Paschasio que a purpura tornaram-na a despir; mas a corôa de espinhos nunca a largou a cabeça. As espinhas são os cuidados, como lhes chamou Christo; e a quem é rei ou o representa no mundo, sempre estas espinhas lhe estão picando a cabeça, sempre lhe estão roendo os pensamentos, sempre lhe estão inquietando os sentidos, sem o deixar descançar nem dormir. Aos que servem, não ha senhor tão tyranno que lhe não permitta horas de descanço: aos que mandam é tal a tyrannia do mesmo mandar, que se não tomam por allivio os mesmos cuidados (como diz Tacito de Tiberio) nem hora, nem momento lhe consentem de quietação e repouso.

O desuso e desprezo d'estes dictames fazem mais dura a servidão dos principes. *Sap.* 6

Só se póde replicar contra o encarecido d'estes dictames (posto que verdadeiros) com o desuso e desprezo d'elles e com a singuralidade dos mesmos exemplos, tão raros no governo do mundo, como a obediencia das leis aos que teem o arbitrio d'ellas. O ordinario é tomar-se do mando a parte só do poder, da majestade e da grandeza, e deixar-se a do peso e dos cuidados com pouca ou nenhuma attenção mais que ao descanço, á delicia, ao regalo e a todos os antojos do appetite livre e poderoso; em fim a egualar as indulgencias da suprema fortuna com os gostos e prazeres da vida. Mas esta mesma replica não desfaz, antes confirma mais tudo o que dissemos; porque se os que teem o mando, fazem e padecem quanto o mesmo mando os obriga, dura e triste servidão é a sua. E se o não fazem; nem o querem padecer, ainda é mais triste e mais dura: *Judicium durissimum his qui praesunt, fiet:* não só duro, mas durissimo, diz o Espirito Sancto, será o juizo de Deus sobre os que tiveram mando n'este mundo; porque de tudo o que fizeram e deixaram de fazer se lhes tomará estreitissima conta e particularmente dos seus cuidados: *Quoniam interrogabit opera vestra et cogitationes scrutabitur.* Dá conta da tua vida em que em-

pregaste todos teus cuidados e dá conta das alheias e de quanto padeceram por teus descuidos. Padeceram na quietação, na fazenda, na honra, nas mesmas vidas, e o que é mais, na perdição das almas, e de tudo e de todas tu que tiveste o mando sobre os homens me tens de dar conta. Esta foi a consideração com que Pepino em França, Rachisio em Italia, Sigiberto em Inglaterra, Trebellio em Bulgaria, Henrique em Chipre, João em Armenia, Ludovico em Sicilia, Ramiro em Aragão, Veremundo em Castella, esta foi, digo, a consideração, da qual fortissimamente convencidos estes e outros principes, ou sendo reis renunciaram as corôas; ou sendo filhos de reis as heranças, elegendo antes ser subditos e servir em uma religião, que mandar e ser senhores do mundo. E posto que o estado de S. Roque não era tão grande, foi com tudo egual a sua razão de estado. Renunciou o seu estado por não dar conta d'elle; e para tractar só da salvação de um homem, não quiz mandar homens.

Pago que os homens costumam dar a quem bem os serve e a quem bem os manda.

V. Temos visto quão grande servidão é o servir a homens e quanto maior servidão o mandar homens; demos agora uma volta ao discurso e vejamos da parte dos mesmos homens, ou servidos, ou mandados, qual é o pago que elles costumam dar tanto a quem bem os serve, como a quem bem os manda. Dous homens houve no «Testamento velho», um que melhor que todos soube servir e outro que melhor que todos soube mandar. O que melhor soube servir foi David, o que melhor soube mandar foi Moysés. E que succedeu a um e a outro? Ambos foram os dous maiores exemplos e ambos os dous maiores desenganos do que é servir a homens ou mandar homens.

Como David servia a Saul com a sua harpa e como Saul o pagou. Eccli. 47

Foi chamado David a palacio pela boa informação que teve el-rei Saul de suas excellentes partes; e porque o rei padecia graves melancholias causadas de um máu espirito que lhe entrava no corpo, era tal a arte e suavidade com que David tocava uma harpa, que não só se alliviava Saul das suas tristezas, mas até o mesmo demonio, inimigo de toda a consonancia, o largava. E como pagou Saul estes exorcismos tão doces? Com deitar mão a uma lança, depois de se vêr livro do demonio e fazer tiro com ella a David para o pregar a uma parede. Assim pagava um rei a quem lhe tirava o demonio do corpo; e póde ser, póde ser, que no mesmo tempo se visse mais medrado em seu serviço quem lhe mettesse o demonio em casa! Não quebrou a harpa David com o primeiro desengano; porque ainda depois tornou a servir a Saul com ella. Retirou-se, porém, para a sua cabana, lançando uma benção ao paço (como podera muitas maldições) e restituido á soledade do campo e á innocencia

das suas ovelhas, diz a historia que jogava com os leões como com cordeiros: *Cum leonibus lusit quasi cum agnis*. Tambem os leões eram feras coroadas; mas não tinha medo d'elles, porque não eram homens.

David perseguido depois de ter morto o gigante.

Era tão homem David já n'este tempo, não contando ainda vinte annos, que elle se atreveu só a sair contra o gigante de quem os exercitos de Israel tremiam. Vendo Saul uma tão valente determinação, perguntou qúe moço era aquelle. A quem não fará lastima esta pergunta? Este moço, senhor, é aquelle que vos assistia todos os dias nas horas da tristeza; este o que tocava a harpa; este o que vos recreava e alliviava o animo; este o que fazia fugir o demonio. Não ha mais que dezoito mezes que falta de vossos olhos; e já o não conheceis? É possivel que tão depressa se esquecem os principes e desconhecem a quem os serve? Pouco era ser possivel, é costume. Derriba finalmente David o gigante; corta-lhe a cabeça; põi-na aos pés de Saul; e este que foi o maior triumpho da sua nação e a maior gloria da sua patria, foi a sua maior desgraça para com o rei. Septe vezes lhe procurou Saul tirar a vida, já por arte, já por traições, já por violencias publicas e declaradas; umas vezes por seus ministros, outras por sua propria pessoa com gente armada, servindo as mesmas batalhas, em que o defendia, e as mesmas victorias, com que o honrava, de novos incentivos ao odio. E David? Perseguido, fugitivo, desterrado, bandido, sempre leal, sempre fiel, sempre venerador do seu rei e só inimigo dos seus inimigos, aos quaes perseguido, perseguia e fazia cruel guerra. Sobre tudo estava David ungido a rei de Israel para succeder ao mesmo Saul e com licença de Deus para o matar; e tendo-o tres vezes debaixo da espada, tres vezes lhe perdoou a vida, e lhe deixou a cabeça e a corôa. E que um vassallo a quem Saul por tantos modos devia quanto tinha e quanto era, e que sobre tantas offensas e semrazões o servia, amava, venerava e guardava com tantos extremos de fineza, elle o abhorrecesse e perseguisse com taes excessos de ingratidão, de raiva, de odio? Mas era homem Saul ainda que rei; e assim pagam os homens a quem os serve.

O povo de Israel não podia desejar mais digno governador do que Moysés. *Ps.* 104. *Deut.* 29. *Exod.* 32.

Ao exemplo ou desengano do que melhor que todos soube servir, segue-se, e não sei se com maior assombro, o de quem melhor que todos soube mandar. Fez Deus a Moysés supremo governador do seu povo e não podem os homens, nem desejar, nem fingir algum modo de mandar, nem mais util, nem mais grato, nem mais humano, nem ainda mais divino e mais digno de applauso e admiração em tudo que o de Moysés. Que podem desejar os homens em quem os manda e go-

verna? Um grande amor e zelo do bem publico? E Moysés amou e zelou com tal extremo o povo de Israel. ainda antes de lhe estar recommendado, que mais quiz ser affligido e padecer com elle no captiveiro, que ser filho da filha de Pharaó, como nota e encarece S. Paulo. Que mais podem desejar? Que remedêe suas miserias e os allivie de seus trabalhos? E Moysés fel-o tanto assim, que os libertou do Egypto e da durissima servidão e tyrannico jugo com que elles, seus paes e avós, tantos annos havia, estavam opprimidos; e os passou ao dominio da terra da Promissão, a mais abundante e deliciosa do mundo. Que mais podem desejar? Riquezas? E Moyses junctamente com a liberdade não só os fez sair com todos seus gados, sem ficar d'elles no Egypto nem uma unha, como diz o Texto, mas carregados de ouro e de todas as joias dos egypcios, em satisfação do injusto serviço a que os tinham obrigado. Que mais podem desejar? Victoria e vingança de seus inimigos com segurança de nunca mais lhe serem sujeitos? E tudo isto lhe deu logo Moysés, sepultando Pharaó e todos os seus exercitos no fundo do mar Vermelho, vencendo os hebreus sem batalha e triumphando sem armas, e despindo nas praias os corpos que elles não tinham morto, para tambem levarem os despojos. Isto é quanto podiam desejar e fingir no pensamento. Vamos agora ao que nem desejar podiam. Podiam desejar ser providos de todo o sustento e ainda de todo o regalo, sem despeza nem trabalho? Não podiam; e Moyses para comer lhes deu manná em que estavam guizados ao gosto de cada um todos os sabores; e para beber copiosas fontes de agua purissima que com a mesma penha de que manavam, os iam seguindo. Podiam desejar que de dia os não queimasse ou encalmasse o sol e de noite não ficassem em trevas e ás escuras? Não podiam; e Moyses por meio de duas columnas prodigiosas, que pelo ar os acompanhavam, de noite os allumiava com uma que era de fogo, e de dia os defendia do sol com outra que era de nuvem. Podiam desejar que sendo tres milhões de homens de todas as idades, nenhum d'elles adoecesse nem estivesse infermo? Não podiam; e Moysés com virtude superior a toda a natureza e fraqueza humana os conservava a todos sãos e com inteira e robusta saude: *Et non erat in tribubus eorum infirmus*. Podiam desejar que o vestido e calçado em quarenta annos de caminho não envelhecesse, nem se gastasse? Não podiam; e Moyses com menos necessario milagre (porque tinham as lãs e pelles dos seus rebanhos) com os mesmos vestidos e com o mesmo calçado com que tinham saido do Egypto os levou até á terra de Promissão, a cuja vista lhes disse: *Quadraginta annis per de-*

sertum non sunt attrita vestimenta vestra nec calceamenta pedum vestrorum consumpta. Finalmente, podiam desejar que Moysés antepozesse a conservação do mesmo povo á sua propria salvação e a vida temporal dos que governava á sua propria bemaventurança e vida eterna? Não podiam; e comtudo quando Deus pelo peccado da idolatria quiz acabar de uma vez com o mesmo povo hebreu e extinguil-o e tiral-o do mundo para sempre, promettendo a Moyses que o faria principe e senhor de outra muito maior e melhor nação; foi tal o excesso do heroico amor com que elle se oppoz a essa resolução, que chegou a dizer a Deus declaradamente que ou perdoasse ao povo, como lhe pedia, ou senão que o riscasse a elle do seu livro: *Aut dimitte eis hanc noxam aut dele me de libro tuo quem scripsisti.* Este livro a que se referia é o livro em que estão escriptos os predestinados para a gloria, o qual na Escriptura se chama *liber vitae*; e quiz Moysés ser riscado d'elle (salva sómente a graça) no caso em que Deus não perdoasse ao seu povo. Como se dissera: Desde o dia em que vós, Senhor, me obrigastes a acceitar o mando e governo que tanto repugnava, como eu fiquei sendo a cabeça d'este povo e elle o corpo; elle é eu, e eu sou elle; assim que o bem ou o mal ha de ser commum de ambos; se elle perecer, a sua perdição ha de ser tambem minha; e se eu me salvar, a minha salvação ha de ser tambem sua. Pelo que não ha outro meio n'este negocio, senão ou a elle perdoar-lhe, ou a mim condemnar-me; porque nem a mesma gloria quero só para mim sem o bem d'aquelles a quem egualmente amo. Disse Moysés; e não teve Deus que responder senão perdoar, gloriando-se de ter escolhido tal homem para cabeça e governador do seu povo.

Com quanta ingratidão lhe pagou o seu governo. *Num.* 12 *Ibid.* 10

E com que graças, com que louvores, com que applausos celebrariam aquelles venturosos homens as finezas, os beneficios, os milagres com que um tal homem os tinha desde o principio do seu governo libertado, defendido. conservado, regulado e com tantos extremos amado? Oh assombro da fereza e ingratidão humana! Oh desengano mal conhecido sempre, e só aqui bem experimentado, do que é mandar homens! O pago que aquelle mesmo povo deu a Moysés foram perpetuas murmurações, perpetuas queixas, perpetuos clamores, perpetuos arrependimentos e saudades do mesmo captiveiro de que os tinha libertado; e taes dissensões, taes rebelliões, taes injurias, e affrontas e taes perigos de o apedrejarem e lhe pôrem as mãos, se se não acolhera ao tabernaculo e o mesmo Deus o escondera, que, sendo o soffrimento e mansidão de Moysés por testemunho da mesma Escriptura a maior de todos os homens; não po-

dendo já com o peso de sustentar aos hombros os mesmos que trazia no coração, pediu finalmente a Deus que ou o descarregasse do governo, ou, quando assim não quizesse, lhe tirasse a vida: *Sin aliter tibi videtur, obsecro ut interficias me.* Eis aqui o que é mandar homens, a quem nem os beneficios obrigam, nem os regalos abrandam, nem as finezas enternecem, nem os milagres sujeitam, nem póde haver quem os contente e satisfaça.

Deus tambem mandou aos homens como rei e serviu como servo. Peior ingratidão dos mesmos homens. *Ps. 45* *Matth. 20* *1 Reg. 8*

Parece-me, senhores, que estes dous exemplos, de David servindo e de Moysés mandando, não só teem provado a verdade do que dizia e approvado a resolução de S. Roque, mas desenganado a todo o intendimento, por obsequioso ou ambicioso que seja, do que é servir homens ou mandar homens. Mas agora digo que nem o primeiro caso nem o segundo, por mais que pareçam encarecimentos chegam a declarar de muito longe, nem a pensão de servir nem o perigo de mandar. Apparelhae nos intendimentos a fé, porque sem ella não se póde crer, nem se poderá imaginar o que de novo haveis de ouvir. Duas resoluções tomou Deus ácerca dos homens: a primeira de mandar, a segunda de servir. Antes de Deus se fazer homem mandava os homens como rei: *Tu es ipse rex meus et Deus meus qui mandas salutes Jacob.* Depois de se fazer homem veio servir os homens como elle mesmo disse: *Non veni ministrari sed ministrare.* E que lhe succedeu a Deus em um e outro estado, quando mandou e quando serviu aos homens? Aqui pasma a fé. Quando mandou «quizeram-lhe» tirar o reino e quando os serviu tiraram-lhe a vida. Que lhe tirassem a vida, todos o sabem: que lhe «quizessem» tirar o reino o mesmo Deus o disse a Samuel: *Non te abjecerunt sed me ne regnem super eos.* E se Deus quando manda homens se descontentam d'elle que lhe «querem» tirar o reino; e se o mesmo Deus quando serve a homens lhe pagam de tal sorte que o põem em uma cruz e lhe tiram a vida, vêde se são loucos todos os que querem mandar homens ou servir a homens, e quão sizudo e aconselhado foi S. Roque em os não querer mandar nem servir.

O mandar e o servir duas pestes do mundo, começadas com Membrot. S. Roque livra-nos d'ellas com seus exemplos.

Cuidam todos que S. Roque começou a ser advogado da peste quando no fim da vida curava os apestados com o signal da cruz; e é engano. Quando S. Roque se benzeu de servir a homens e mandar homens, então é que começou a ter imperio, não sobre uma, senão sobre duas pestes, uma que é o mandar, outra que é o servir. O servir e o mandar ambos começaram junctamente no dominio de Membrot. N'elle começou o imperio e com elle a servidão. Assim o nota S. Jeronymo: *Quia primus hic fuit qui alios sibi servire coegit.* E este dominio de Men-

brot quando começou? Segundo a mais certa chronologia, começou no anno de mil novecentos trinta e dous da creação do mundo que foi o mesmo anno em que nasceu Abrahão. Agora noto eu, e é cousa muito digna de se advertir, que quando começou o mandar e o servir então se encurtaram as vidas dos dos homens «ao poncto em que as vemos presentemente»; porque d'alli por deante, como consta da sagrada Escriptura, raros foram os que chegaram a cem annos e rarissimos os que os excederam. De sorte que antes de haver no mundo mandar nem servir viviam os homens «quando mais» oitocentos novecentos e mais annos, «quando menos trezentos, ou quatrocentos»; porém depois que estas duas pestes entraram no mundo, depois que os homens começaram uns a mandar e outros a servir «seguindo-se ao grande cataclysmo do diluvio universal este outro não menos ruinoso da vida humana,» nenhum houve a quem a morte não tirasse as septe ou oito partes da «mesma» vida. E verdadeiramente que se os trabalhos e os desgostos matam, não é muito que o servir e o mandar sejam infermidades mortaes. Estas duas pestes curou S. Roque em si, não querendo mandar nem servir a homens; e tambem as póde curar em nós com seu exemplo, não para que vivamos n'esta vida mais tempo; mas para que a vivamos com descanço e sem desgostos; que é a felicidade e bemaventurança que n'ella se póde só alcançar.

Differença que ha entre servir a Deus e servir aos homens.

VI. A bemaventurança da outra vida segurou-a S. Roque com a segunda e melhor parte da sua resolução que foi servir só a Deus. Isto não ha mister discurso nem prova, porque é fé. Mas porque o servir a Deus e o servir aos homens tudo tem nome de servir, vejamos sómente quão grande foi o prudencia de S. Roque em saber distinguir esta equivocação; e quanta é a differença que ha entre um servir e outro servir; para que todos os que servem e os que mandam, queiram antes servir a Deus e só a Deus.

Primeiro quanto ao numero dos serviços. *Num.* 10

Os homens quando mandam (e mais se teem o mando supremo) ou seja ingratidão natural ou soberania, nem estimam, nem pagam os serviços que se lhes fazem, como deveram, porque cuidam que tudo se lhes deve. Pelo contrario Deus, a quem devemos tudo o que temos e tudo o que somos, nenhuma cousa manda, a cuja remuneração se não obrigue como devedor. A arca em que se guardavam as taboas da lei, chama-se *Arca foederis;* arca do contracto. E porque do contracto, se era das leis? Porque sendo Deus supremo Senhor, a quem devemos obedecer em tudo, de tal maneira nos quiz obrigar a fazer o que nos manda, que junctamente se obrigou e fez devedor a si

mesmo de nos pagar o que fizermos. O que fizermos disse, e disse pouco. Não só está obrigado Deus pelo mesmo contracto a nos pagar o que fizermos, senão tambem o que não fizemos. Os homens nas suas leis, se matastes ou furtastes, castigam-vos; mas se não matais nem furtais não vos dão por isso nada. Não assim Deus. Não só vos remunera, quando fazeis o que vos manda fazer, senão tambem quando não fazeis o que vos manda que não façais. Oh quão individado se acharia Deus com S. Roque no dia de sua morte, crescendo sempre mais e mais estas gloriosos dividas em todos os empenhos de sua vida! Não só deveu Deus a S. Roque o fazer tudo o que manda, não só lhe deveu o não fazer tudo o que prohibe, mas deveu-lhe todas aquellas acções e finezas que sem prohibição nem preceito deixou o mesmo Deus livres aos que, desprezando tudo o mais, a elle e só a elle quizessem servir.

Segundo quanto á sua avaliação. *Matth* 19.

Os homens quando pagam ou cuidam que pagam os serviços que lhes fizestes, elles são os que os avaliam. O estylo de Deus em remunerar a quem o serve, vêde quão differente é. Nós somos os que avaliamos, e elle o que paga. Disse S. Pedro em nome seu e dos outros pescadores que o seguiam: Senhor, nós deixamos tudo para vos seguir; com que nos haveis de pagar? Parece que devia Christo replicar ao excesso d'esta avaliação e dizer: Se vós não deixastes mais que um barco e uma rede, como dizeis que deixastes tudo? Mas tão fóra esteve o Senhor de fazer esta replica, que dando por boa a avaliação, lhe deu por paga d'aquelle tudo o serem no juizo universal arbitros de tudo: *Cum sederit Filius hominis in sede majestatis suae sedebitis et vos*. E bastou isto? Não: *Et omnis qui reliquerit domum etc centuplum accipiet;* e a qualquer que por mim deixar alguma cousa pagarei cento por um. Avaliae por quão subido preço quizerdes o que deixastes ou fizestes por mim; que a minha paga e a minha avaliação d'esses mesmos serviços, ha de ser maior que a vossa e cem vezes maior. Comparae-me agora a barca e as redes de S. Pedro com o que deixou S. Roque; e julgae qual será a paga que tem recebido de Deus! Deixou a patria, deixou o descanço, deixou os thesouros, deixou o estado; e não fallo na differença do seu nascimento comparado com o de Pedro; porque esta é outra e não pequena que se usa e está introduzida entre os homens e não tem logar em Deus.

Os homens para fazer mercês olham para o nascimento e Deus para o merecimento.

Os homens para fazer as mercês olham para o nascimento de quem os serviu: Deus só respeita e faz caso do merecimento e das acções de cada um e nenhum do nascimento. Isaac quiz dar a benção e o morgado a Esaú: Deus não quiz que o le-

brot quando começou? Segundo [illegible]a mesma razão que dei ago-
meçou no anno de mil novec[illegible] [illegible] dignidade dos nascimentos, na
mundo que foi o mesmo a[illegible] [illegible]s soldados da fortuna a querem
noto eu, e é cousa muit[illegible] [illegible] nascimentos levarão as commendas
meçou o mandar e o [illegible] para os merecimentos as tem guar-
dos homens «ao p[illegible] [illegible]e, sendo de tão alto nascimento o re-
que d'alli por de[illegible] [illegible]d'elle; porque quiz mais generosa e mais
foram os que [illegible]achado na côrte da verdade e da justiça,
excederam. [illegible] [illegible]dade das obras que eram suas, e não pelas
nem servir [illegible] [illegible]que são alheias.
centos e [illegible] [illegible] quem os serve, medem-lhe os merecimentos
tos»; po[illegible] [illegible]eus mede-os pelos corações. Quando o propheta
depois [illegible] casa de Jessé para ungir em rei um de seus fi-
vir [illegible] [illegible] Eliab que era o mais velho e de galharda pre-
out[illegible] [illegible]ou que o eleito por Deus sem duvida era aquelle;
q[illegible] [illegible]o desenganou logo dizendo que elle não olhava para
[illegible] [illegible]pos, nem para os annos, senão para os corações: *Homo*
[illegible] *quae parent, Dominus autem intuetur cor*. David o me-
[illegible]filho de todos foi o eleito; e logo mostrou qual era o seu
[illegible]ção. Todo o exercito de Saul estava cheio de soldados ve-
[illegible]e capitães muito antigos; mas todos desmaiados e tremendo
só de vêr o gigante; e David, que tinha o coração que a elles
lhes faltava, vencendo e matando o mesmo gigante, fez e me-
receu mais em uma hora, que todos os outros em tantos annos.
Os homens medindo os merecimentos só pelos annos fazem
uma grande injustiça; porém Deus que é justissimo, mede-os
só pelos corações, porque elle só os vê. No mesmo dia e na
mesma hora em que a Magdalena se lançou aos pés de Christo,
disse o Senhor que tinha amado muito: *Quoniam dilexit mul-
tum*. Parece dizer muito. Diga-se que amava; mas não se diga
muito; que ainda então começava a amar; e já que se dá nome de
muito ao seu amor, diga-se que amava e não que tinha amado,
Dilexit. Mas tudo está bem dicto, como Quem o disse; porque
Deus não mede o coração pelo tempo, senão o tempo pelo co-
ração. Oh se os homens vissem os corações? Quão individados
se achariam nos de muitos, que cuidam que os servem pouco!
Por isso só se póde servir a quem vê o coração. E se em pou-
cos instantes de tempo cabem muitos seculos de amor, que
eternidades seriam as que Deus tinha contado no coração e
amor de S. Roque em tantos annos de suas peregrinações, de
seus carceres, de suas perseguições e affrontas, que são o cry-
zol do amor? Se os que vieram na undecima hora do dia, que
é a velhice, porque suppriram a tardança com a diligencia, fo-
ram egualmente pagos e premiados; qual será o premio d'aquelle

coração, que entre as lisonjas dos mais floridos e enganosos annos, se entregou todo a amar e servir só a Deus?

Os homens podem pouco e querem menos. Deus póde tudo e sempre quer. Marc. 16 Matth. 8 Rom. 19

Os homens a quem servis, podem pouco e querem menos. Se quizessem dar muito, não podem e esse pouco que podem, não querem. Deus pelo contrario póde tudo e sempre quer. Vieram dous pobres a Christo pedir remedio para suas infermidades e cada um (que é muito eloquente a necessidade) pediu por sua phrase. Um disse: *Siquid potes adjuva nos:* Senhor se podeis, remediae-nos: o outro disse: *Si vis, potes me mandare:* Senhor, se vós quizerdes remediae-me, podeis. De maneira que um que ainda não cria, pediu-lhe a vontade e duvidou-lhe o poder: o outro que já cria, confessou-lhe o poder. e pediu-lhe só a vontade. E que respondeu o Senhor ao que disse *si potes;* e ao que disse *si vis?* Ao que lhe pediu a vontade e lhe duvidou o poder, respondeu, que podia e que queria; ao que lhe confessou o poder e lhe pediu a vontade, respondeu que queria e que podia; e a ambos satisfez como desejavam. Quando os homens pedem aos homens, ainda que sejam reis, pedem uns pobres a outros: só quando pedem a Deus, pedem a quem verdadeiramente é rico. Diz S. Paulo que Deus é rico para todos que o invocam: *Dives in omnes qui invocant illum.* Os reis quando muito são ricos para alguns: Deus é rico para todos: *Dives in omnes.* Por isso S. Roque se fez pobre para servir a quem só o podia fazer verdadeiramente rico. O seu rei ainda que fosse tão liberal como Assuero, podia-lhe prometter a metade do reino de França: Deus a quem o serve dá-lhe todo o seu reino, e quanto mais a quem deixou tudo só pelo servir a elle.

Os homens podem tirar mas não dar a vida. Deus dá a vida temporal e a eterna. Ps. 143

Os homens (já que fallamos nos seus poderes) se derdes por elles a vida, como tantos a estão dando n'estas campanhas, ainda que sejam reis e monarchas, assim como elles vol-a não deram, assim vol-a não pódem restituir. E Deus, sendo elle o que vos deu a vida, ainda que vós a não deis por elle, se a empregardes em seu serviço, dá-vos pela temporal a eterna. Rei era e rei que andava nos exercitos o que deu este desengano a todos os homens: *Nolite confidere in principibus, in quibus non est salus:* Homens, não ponhais a vossa esperança em homens ainda que sejam reis; porque não podem dar vida. Os reis chamam-se senhores da vida; porque com justiça ou sem ella a podem tirar: mas dal-a, nem a seus filhos, nem a si mesmos podem. Só Deus é verdadeiro Senhor da vida; porque a dá no nascimento, porque a conserva na duração, porque a resuscita depois da morte e a eterniza na patria. Vêde a differença da vossa mesma vida sacrificada a Deus ou aos homens: se a dais por

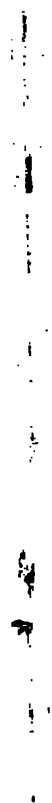
amor de Deus ficais bemaventurado; se a dais por amor dos homens, ficais morto. Os que a deram por amor de Deus são os que adoramos n'aquelles altares; os que a deram por amor dos homens, os que pizamos n'essas sepulturas. Antes que Roma pozesse no altar a S. Roque, o poz o mundo e o houve por bem a mesma Egreja. Porque? Porque deu a vida só a Deus e a empregou só em seu serviço. E foi este serviço tão aceito a Deus e tão bem pago por elle, que deu auctoridade ao mesmo Roque, para que nós tambem lhe pedissemos a vida, e poder para que nol-a desse.

Os homens quando te hão mister es seu; quando os has mister és teu. Não assim é Deus, que por isso se chamou Deus de Abrahão. *Exod.* 3

Os homens (para que fallemos tambem pela sua bocca e não só pela divina) quando vos hão mister, sois seu; quando os haveis mister, sois vosso. Assim o cantou ao som do Lima aquelle grande e desenganado espirito, que por não vêr as ribeiras do Tejo fugiu d'ellas para tão longe: Quando te hão mister, és seu; quando os has mister, és teu, que não tens donos então. E Deus pelo contrario é tão bom Senhor e tão bom dono, que não havendo mister a ninguem, quando nos faz mercê de se querer servir de nós, somos, com grande honra, seus; e quando nós o havemos mister (que sempre havemos) nunca deixa de ser nosso. Serviram Abrahão, Isaac e Jacob a Deus e não foram elles os que tomaram o sobrenome do Senhor, senão o Senhor o dos servos. Não se chamaram elles Abrahão de Deus, Isaac de Deus, Jacob de Deus: mas Deus foi o que se chamou Deus de Abrahão, Deus de Isaac, Deus de Jacob. Assim o disse o mesmo Deus a Moysés: *Ego sum Deus Abraham, Deus Isaac, et Deus Jacob.* E para que? Para que conhecesse o mundo que se os servos eram seus do Senhor, tambem o Senhor era seu dos servos; Se Deus ha mister a Abrahão para pae da fé, Abrahão é de Deus; e se Abrahão ha mister a Deus para o livrar dos dous reis do Egypto e de Geraris, Deus é de Abrahão: *Deus Abraham.* Se Deus ha mister a Isaac para o sacrificio e para experimentar o amor de seu pae, Isaac é de Deus; e se Isaac ha mister a Deus para o livrar da espada e o trocar com o cordeiro, Deus é de Isaac: *Deus Isaac.* Se Deus ha mister a Jacob para fundador das doze tribus, Jacob é de Deus; e se Jacob ha mister a Deus para o livrar da ira de Esaú e dos enganos de Labão, Deus é de Jacob: *Deus Jacob.* Se considerarmos os trabalhos e perigos de S. Roque acharemos que não foram menores que os dos tres patriarchas: mas assim como Roque se fez todo seu de Deus, servindo só a elle, assim Deus se fez todo seu de Roque, livrando-o de todos. E tão seu e sempre seu que ainda hoje nos está livrando a nós por sua intercessão e por seu respeito.

Finalmente («e acabo») os homens a quem servimos, posto que sejam reis, são mortaes, e lhe succedem outros; porém Deus, quando não tiveramos tantas obrigações de o servir, só por ser immortal e sempre o mesmo sem outro que lhe haja de succeder, o deveramos servir só a elle. Intenderam isto tanto assim muitas nações, que na morte dos reis se sepultavam com elles os seus criados, não só por fineza do muito que os amavam; mas por não viverem em tempo de outros principes que não conhecessem seus serviços e merecimentos. Não houve maior mudança de fortuna a fortuna que a dos filhos de Israel no Egypto. Ao principio enriquecidos, queridos, estimados, venerados; depois desprezados, abhorrecidos, opprimidos, avexados, captivos. E d'onde nasceu uma tão notavel mudança? O texto sagrado o diz: *Surrexit rex novus qui ignorabat Joseph*: succedeu no imperio um rei novo que não conhecia a José. O rei velho aconselhava-se com José, seguia os dictames de José e succedia-lhe tão bem com elles, que lhe poz por nome Salvador do Egypto, e por isso favorecia seus irmãos. Porém o rei novo que veio depois, como não conhecia a José, nenhuma valia tinha com elle a sua memoria, nem os seus grandes serviços; e a todos os seus descendentes, não só não dava nada de novo, mas ainda o que tinham, até a mesma liberdade lhes tirava. Oh discretissimo mancebo, oh prudentissimo varão S. Roque! Na vida de S. Roque sem ser muito larga, tambem houve dous reis em França, Carlos IV e Ludovico X. E porque elle sabia pelos estylos das côrtes que se fosse favorecido de um, havia de ser desvalido do outro, por isso quiz servir ao Rei, que nem morre nem desconhece, que é Deus e só Deus. Ditoso elle e bemaventurado, que assim o fez; e nós tambem seremos ditosos e bemaventurados se assim o fizermos: *Beati sunt servi illi.*

Finalmente Deus não morre como os homens. Feliz quem o serve como S. Roque. *Exod.* 1

(Ed. ant. tom. 4.º, pag. 459. Ed. mod. tom. 3.º, pag. 39.)

SERMÃO DE SANCTO ESTANISLAU KOSTKA

DA COMPANHIA DE JESUS * *

PRÉGADO NA LINGUA ITALIANA EM ROMA NO ANNO DE 1674 NA EGREJA DE SANCTO ANDRÉ DE MONTE-CAVALLO NOVICIADO DA MESMA COMPANHIA

Observação do compilador.—Assistiu a este sermão o Padre João Paulo Oliva geral da Companhia e celebre prégador do seu tempo. Gostou tanto da eloquencia do orador portuguez que lhe escreveu uma carta de parabens, elogiando sobretudo a novidade e delicadeza do assumpto. O sermão é inteiramente panegyrico. Não é dos mais eloquentes, mas é muito ingenhoso e elegante.

Beatus venter qui te portavit.
S. Luc. 2

Sancto Estanislau Kostka filho de tres mães, louvado em todas tres e todas tres louvadas n'elle.

Louvar o filho pela mãe ou agradecer a mãe pelo filho invento foi não vulgar de uma eloquencia do vulgo. Assim o fez quem não tinha apprendido a bem fallar na lingua propria; e assim o farei eu na extranha. Hei de fallar de um beato; e não posso deixar de beatificar o ventre de que nasceu: *Beatus venter qui te portavit.* Esta é a obrigação de louvar o filho e esta a necessidade de não poder não louvar junctamente a mãe. Mas qual mãe? O filho é Estanislau; e quando eu ponho os olhos n'este bemdicto filho vejo uma, duas e tres mães, cada uma das quaes o quer por seu. Viveu pouco Estanislau e não podia viver muito. Aos anjos concede-se pouca vida ou pouco espaço de viadores. Comtudo em uma via tão breve e em uma vida tão curta foi Estanislau tres vezes concebido e «nasceu de tres mães». E que mães foram estas? Uma em Polonia, illustre: outra em Germania, divina: e a terceira em Roma, perfeita. Em Polonia a mãe natural que lhe deu o primeiro ser: em Germania a Mãe de Deus e sua que lhe deu o segundo: em Roma a Companhia de Jesus que lhe deu o ultimo e apenas concebido no ventre o trasladou á sepultura. A primeira mãe cede facilmente á terceira: a terceira cede gloriosamente á segunda; e eu para louvar a Estanislau em todas tres que farei? Não farei nem posso fazer mais nem menos que

provar o meu thema em todas tres. Veremos, pois, em outros tantos correlativos um filho bemaventurado, beatificado em tres mães e tres mães bemaventuradas e beatificadas em um filho: *Beatus venter qui te portavit.* Temos não só proposto mas dividido o discurso: comecemos pela primeira parte.

O nome de Jesus esculpido e relevado milagrosamente no ventre da sua primeira mãe. *Phil. 2*

II. *Beatus venter qui te portavit.* Concebido que foi Estanislau (começo assim, porque em materia grande e em tempo breve nem se deve perder tempo nem palavras) concebido que foi Estanislau no ventre da primeira mãe; eis que apparece milagrosamente sobre o mesmo ventre o nome de Jesus, não escripto ou pintado, mas esculpido e relevado na mesma carne e todo cercado de raios. Ouvistes ou lestes alguma hora caso similhante? O nome de Jesus no ventre de uma mulher? No ventre de uma mulher aquelle nome *Quod est super omne nomen* não só escripto ou subscripto com letras; não pintado ou divisado com côres, mas formado na mesma carne? Ó mulher verdadeiramente beatificada e consagrada! O teu ventre foi o primeiro templo de Estanislau; e posto que ainda se não podia adorar o Sancto, já se devia adorar o templo: *Ut in nomine Jesu omne genu flectabur.*

É Deus que firma a sua obra e a subscreve com o seu nome.

Esta é, senhores, a primeira folha da vida de Estanislau; na qual vos peço que façais reflecção sobre o que eu principalmente admiro; e é, que sendo todos os sanctos obra de Deus, só esta firmou o mesmo Deus e subscreveu com o seu nome. Se vissemos que um famosissimo artifice depois de ter entalhado em marmore muitas estatuas, ou pintado em laminas de bronze muitas figuras, todas que espirassem vida e causassem espanto, e ao pé de uma só d'ellas imprimisse a sua divisa ou escrevesse o seu nome; que diria o mundo? Diria com razão que aquella era a obra a mais primorosa da sua arte, aquella a mais estimada d'elle e mais perfeita. Eu não me atrevo a dizer tanto: mas tanto é o que em similhantes casos fazem os artifices humanos; e tanto o que fez, bem que uma só vez, o divino.

Prognostico de que o menino ha de ser da Companhia de Jesus.

Mas qual será o significado d'este grande signal? Um signal, um prodigio, um portento tão novo e inaudito não podia não ter e emcerrar em si uma grande significação. E qual foi esta? Todos dirão que ser Estanislau signalado no ventre da mãe com o nome de Jesus significa que aquelle menino sería um insigne ou assignaladissimo jesuita (fallo ao vosso modo) «e um jesuita não feito, mas nascido». Um Xavier, um Borja, um Gonzaga e tantos outros martyres e confessores e ainda o mesmo pae de todos, foram jesuitas feitos: Estanislau foi jesuita nascido e o que é mais, muito antes de nascido já jesuita. Morreu Estanislau no noviciado, vi-

veu dezoito annos e teve de jesuita dezenove; porque desde a conceição era jesuita.

Certamente este significado parece proprio e natural: mas segundo a nossa divisão pertence á terceira mãe e não á primeira de que agora fallamos. Qual foi logo o verdadeiro significado d'aquelle miraculoso Jesus em respeito a primeira mãe de Estanislau, que é a de Polonia? Eu não quero nem posso querer outra interpretação, nem mais propria nem mais certa, que a do primeiro interprete do mesmo nome. O anjo que foi o primeiro que pronunciou e interpretou o sanctissimo nome de Jesus disse: *Ipse enim salvum faciet populum suum.* Porque elle salvará o seu povo. Este é o verdadeiro significado d'aquelle signal. Sabeis que quer dizer o nome de Jesus estampado sobre Estanislau, concebido em Polonia? Quer dizer que aquelle menino seria o salvador do seu povo. O effeito provou o prodigio. Quantas cidades de Polonia e quantas vezes ardiam em peste e recorrendo a Estanislau não só catholicos, mas tambem herejes, como se ao seu mandado embainhasse a espada o anjo percussor, todas ficaram livres? Porém estes eram povos particulares; e o signal diz mais: *Populum suum* não só um ou alguns povos, mas todo o povo, todo o reino, toda a nação; e assim o experimentou a Polonia toda.

E que será o salvador do seu povo.

O maior perigo em que jámais se viu toda a Polonia foi o anno de seiscentos vinte e um, quando Osman com exercito de trezentos mil turcos e maior numero de tartaros, não só a vinha invadir, mas inundar; não só a conquistal-a em parte, mas a dominal-a, a devoral-a toda. E qual foi o remedio e o soccorro em caso e aperto tão desesperado? Já o rei e o reino tinha pedido a Roma a cabeça de Estanislau para que elle fosse sustento e muro da patria, quando entre grande temor e pouca esperança amanheceu o dia decretorio de dez de outubro, decretorio, mas immortal. No mesmo dia entrou a cabeça de Estanislau na Polonia, no mesmo dia appareceu Estanislau visivel no ar, não armado, mas orando: no mesmo dia foi visto o Menino Jesus que do collo e braços da Mãe voltado a Estanislau lhe dava a mão: no mesmo dia se deu a desegualissima batalha; e no mesma dia roto Osman; e a multidão immensa dos barbaros feros, armada e attonita, precipitou a fugida. Assim ficou em pé e salva aquella grão muralha de christianismo; e Estanislau nas vozes, nas pinturas, nas estatuas, nas escripturas acclamado salvador e libertador da sua patria e do seu povo. *Ipse enim salvum faciet populum suum.*

Principalmente livrando-o da invasão dos turcos e dos tartaros.

Tal foi o significado d'aquelle grande signal. Mas a maior gloria do caso a meu juizo é que o signal, o significado, a mãe, o

Cujo imperio parece o do antichristo prophetizado no apocalypse.

filho, a victoria, o turco, tudo «tem mais profundo mysterio». S. Antonino, Lyrano, Dionysio, Cartusiano, Ribera, Viegas, Sá, Cornelio a Lapide e «muitos» outros commentadores, que escreveram depois do imperio ottomano, todos concordam que em boa parte do Apocalipse estão historiadas as perseguições da seita ottomana contra a Egreja e as victorias e triumphos da Egreja contra ella. Isto posto S. João diz no cap. 12 que viu successivamente no céu (isto é, no ar) dous signaes ambos grandes e espantosos: o primeiro tão formoso e alegre como o segundo feio e formidavel. O primeiro era uma mulher vestida de sol, coroada de estrellas e que tinha a lua debaixo dos pés: *Signum magnum apparuit in coelo: Mulier amicta sole et luna sub pedibus eius et in capite eius corona stellarum duodecim*. O segundo era um grande dragão de côr leonada ou vermelha, o qual tinha septe cabeças e n'ellas septe diademas e dez pontas; e assim soberbo e armado se penetrou e poz em campo contra a mulher que estava «gravida» para tragar um filho que d'ella havia de nascer: *Et visum est aliud signum in coelo: et ecce drago magnus et rufus, habens capita septem et cornua decem, et draco stetit ante mulierem quae erat paritura; ut cum peperisset filium devoraret*. E quem foram ou haviam de ser esta mulher e este dragão?

Gloria da primeira mãe de Estanislau figurada no celebre signal da mulher vestida de sol.

Os commentadores citados e outros graves auctores reconhecem no dragão o turco e seu imperio: dragão venenoso feroz e sanguinolento por violencia e tyrannia e por discordia e socordia nossa, formidavel no poder e dominador de tantas provincias e coroado de tantos reinos. A mulher posto que com differente explicação e applicação se ouve commummente nomear nos pulpitos; este sentido na fecundidade da Escriptura não desfaz nem contradiz a probabilidade «ou applicação» de outros. E se o auctor da historia prophetica carmelitana e os que o seguem, reconhecem n'aquella mulher prodigiosa a mãe de Elias, vencedor futuro do Antichristo; e Aurelio e outros a explicam da mãe de Heraclio, vencedor já passado de Cosroas; «porque não posso eu dizer que foi tambem n'ella figurada» a Mãe de Estanislau famoso triumpahdor em nossos dias de todo o imperio ottomano? «Sim» a mãe de Estanislau com aquelle sanctissimo nome bordado ou esculpido no claustro natural que desde sua conceição o encerrava e cobria, «aquella mãe» que deu á luz um filho varão pouco depois arrebatado e roubado do céu na primeira flôr de sua edade, o qual na famosissima victoria foi coroado de gloria, porque pisou e metteu debaixo dos pés a lua ottomana que ondeava nas bandeiras inimigas, «esta mesma mãe, digo, bem se póde intender figurada na

prodigiosa mulher do Apocalypse. Oh mãe, oh filho! Oh formoso e alegre signal que appareceu no céu de Polonia para consolação do seu povo e para terror dos seus inimigos: *Signum magnum apparuit in coelo*. Qual dos dous admirarei, qual exaltarei primeiro, a mãe ou o filho? Estou vendo que Estanislau cede o logar a sua mãe; pois n'esta grande humiliação do poder ottomano» posto que a victoria fosse do triumphante filho, libertador da patria, comtudo segundo o texto tão louvado do evangelho, a gloria do filho se deve attribuir á mãe e ao feliz ventre que em si o trouxe: *Beatus venter qui te portavit.*

Offerece Estanislau a flor da virgindade á mãe de Deus, sua segunda mãe e recebe d'ella estando infermo tres assignalados favores.

III. A segunda mãe de Estanislau foi a Mãe de Deus. Offereceu Estanislau á Mãe de Deus um dom grande e lhe pediu outro maior. O que offereceu foi a pureza virginal com perpetuo voto; o que pediu foi que a mesma Mãe sempre virgem fosse mãe sua. A virgindade que offereceu merecia a maternidade que pedia: porque a S. João entre todos os apostolos foi concedida a maternidade de Maria, não por outra prerogativa, que pela da virgindade. Ouvi um caso maravilhoso. Infermo mortalmente Estanislau em Germania entre as ultimas respirações da vida o affligia uma só dôr: não de morrer, porque o desejava; mas de morrer sem o sanctissimo Viatico: porque a casa era de um hereje, que por nenhum modo o quiz consentir. No meio d'estas devotas angustias ouviu o céu as anciosas preces de Estanislau; e o soccorreu não com um, mas com tres milagres. O primeiro foi que dous anjos em falta de sacerdote lhe trouxeram o pão dos anjos e o commungaram como por viatico. O segundo, que logo appareceu no mesmo aposento a bemdictissima Virgem, e com a só vista sua toda cheia de divindade o restituiu da morte á vida. O terceiro que depondo amorosamente o Menino Jesus que trazia nos braços, o recostou no mesmo leito em que jazia Estanislau. O Menino Jesus no leito de Estanislau e Estanislau e o Menino Jesus ambos no mesmo leito? Logo este foi o acto de posse com que a Virgem acceitou a filiação de Estanislau, e lhe deu a investidura da sua maternidade. Quiz a Mãe de Deus que o Menino Jesus e Estanislau como dous irmãos e dous filhinhos da mesma Mãe repousassem junctamente no mesmo leito para declarar que um e outro eram seus filhos e um e outro entre si irmãos.

A pureza de Estanislau similhante á da Virgem sua mãe.

E para que se veja quão bem merecida foi esta filiação fundada como a de João na prerogativa da pureza virginal e quão propria de filho da Mãe virgem; quando a Virgem Sanctissima Senhora nossa foi annunciada pelo anjo: *Turbata est in sermone ejus*, e porque? Sómente porque as palavras da embaixada pareciam contrarias ao voto da sua virgindade. Por isso se per-

Luc. I

ra de o ingulir. E que fez Estanislau? Riu-se
ra tão feia, como quem a pintava; e com dous
de cruz o fez retirar e fugir. Mas eu lhe que-
so. Pára, demonio: tu não sabes ser tentador.
Estanislau, e o tentas com cocos como a me-
o a mancebo com outra figura d'aquellas de
ra render aos de sua edade. Tenta-o como
é, como a Samsão. Qual é, pois, a razão,
tenta a Estanislau como a mancebo com
oquem o appetite, senão com medonhas,
nenino? Porque Estanislau estava con-
gre de castidade heroica; e como
o e ambos filhos da Mãe Virgem,
mmundo «de tal modo que nem
merece a mesma mãe que nós
ndo filho o mesmo que lhe
atus venter qui te portavit.
ade; e já estamos em casa.
mãe a Mãe de Deus parece que
conveniente, nem decente ter outra.
ue Deus por eleição sua lhe deu a terceira
a Estanislau que entrasse na Companhia de Je-
ligião não tivera outro louvor, este só bastava
riosa.

A Companhia sua terceira mãe.

ncto tractou Estanislau de entrar no noviciado
então se achava. E porque não foi recebido por
pae, se deliberou a fugir incognito, e ir buscar
a Augusta. N'esta viagem noto eu, que não fa-
milagre algum jámais em beneficio proprio, só
anhia fez milagres. Caminhava elle disfarçado
egrino, pobre, só, a pé e com um bordãozinho
de um seu irmão mais velho e do seu aio que
a seis cavallos o vinham seguindo, foi desco-
sso que se viu Estanislau, como o povo de Is-
rros de Pharaó e o mar Vermelho. Deante im-
m um rio que cortava a estrada, detraz vinha
a furia a carroça de seus perseguidores. Que
itivo? Como se o bordãozinho de Estanislau fos-
oysés (mas mais piedoso e mais innocente) a
allos apezar do cocheiro e dos repetidos golpes
am immoveis, como se fossem de marmore; e
lle por cima da agua a pé seguro e enxuto, como
tra ribeira fosse continente. Não fez barca da
patricio S. Jacintho, porque a não tinha.

Para entrar n'ella foge de Vienna.

turbou de tal sorte que foi necessario que o anjo chamado *Fortitudo Dei* a confortasse dizendo: *Ne timeas Maria.* E a pureza de Estanislau era tão propria de filho d'aquella purissima Mãe que se alguma vez acaso ouvia alguma palavra menos casta, se perturbava elle tambem com tal excesso, que subitamente desmaiava e caía amortecido. É exemplo que não se lê de algum outro sancto; e tanto mais raro, quanto não foi uma só vez, senão muitas as que lhe aconteceu. Mais. Eram tão divinos os raios de pureza que resplandeciam no soberano rosto da Mãe de Deus, que como diz Sancto Epiphanio, só com ser vista infundia castidade; e foi experiencia de muitos, sendo tentados de vicio contrario áquella virtude, que só com pôrem os olhos no rosto de Estanislau fugia a tentação. Era a vista de Maria Sanctissima Senhora nossa como a visão de Deus que faz similhante a si aos que o vêem: *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum.* Esta graça que communicou Deus á sua Mãe, communicou a Mãe de Deus a seu filho Estanislau.

Job. 3

Como filho privilegiado de Maria nunca foi tentado contra a pureza.

Mas o que eu mais admiro é, que nunca em toda a sua vida se atrevesse o demonio a o tentar em materia de pareza, ainda com um minimo pensamento: privilegio verdadeiramente divino e muito mais admiravel em tal sujeito. Era Estanislau moço, illustre e de gentil presença; e estas são as tres lanças com que o Joab do inferno fere mortalmente e todas emprega no peito dos Absalões. Logo se o demonio se achava tão fortemente armado contra Estanislau, porque o não tenta? Porque era Filho da Sempre Virgem Sanctissima Senhora nossa. Ao Filho primogenito d'esta grande Mãe tentou o demonio tres vezes: a primeira na gula, a segunda na vangloria, a terceira na cubiça; mas, como nota o angelico doutor Sancto Thomás, não o tentou na castidade. E por que motivo ou respeito? Christo permittiu ser tentado não por outro fim que o do nosso exemplo; e o exemplo d'esta difficil virtude era o mais necessario á fragilidade humana. Porque não deu, logo, esta permissão ao demonio em materia de pureza? Porque era indecente uma tal tentação no Filho «de Deus e» de Maria Sanctissima Senhora nossa. Nos outros vicios tentado, mas não vencido: n'este vicio nem vencido nem tentado; e posto que tão descommedido o demonio, não se atreveu a o tentar em tal materia.

Por isso na sua infermidade foi só tentado com tentações de menino.

Este foi o respeito por que o demonio não teve atrevimento para tentar a Estanislau na pureza. Mas nem por isso deixou de o tentar em outros modos, uma, duas e tres vezes, como a Christo. Revestiu-se de noite de uma phantasma medonha; e appareceu a Estanislau em figura de um monstro fero e esfaimado, que com uma grande bocca aberta e os dentes arrega-

nhados ameaçava de o ingulir. E que fez Estanislau? Riu-se d'aquella mascara tão feia, como quem a pintava; e com dous dedos em forma de cruz o fez retirar e fugir. Mas eu lhe quero tomar o passo. Pára, demonio: tu não sabes ser tentador. Queres tentar a Estanislau, e o tentas com cocos como a menino? Tenta-o como a mancebo com outra figura d'aquellas de que tu te serves para render aos de sua edade. Tenta-o como a Sichem, como a José, como a Samsão. Qual é, pois, a razão, porque o demonio não tenta a Estanislau como a mancebo com figuras deleitosas que provoquem o appetite, senão com medonhas, feias, phantasticas como a menino? Porque Estanislau estava convertido em menino por milagre de castidade heroica; e como este menino era irmão de outro e ambos filhos da Mãe Virgem, ambos lançaram fóra o espirito immundo «de tal modo que nem se deixaram tentar; e por isso» merece a mesma mãe que nós lhe digamos pela virtude d'este segundo filho o mesmo que lhe foi dicto pela virtude do Primeiro: *Beatus venter qui te portavit.*

A Companhia sua terceira mãe.

IV. Somos chegados á terceira mãe; e já estamos em casa. Depois de Estanislau ter por mãe a Mãe de Deus parece que não era necessario, nem conveniente, nem decente ter outra. Mas a mesma Mãe de Deus por eleição sua lhe deu a terceira mãe, mandando a Estanislau que entrasse na Companhia de Jesus. Se esta religião não tivera outro louvor, este só bastava para a fazer gloriosa.

Para entrar n'ella foge de Vienna.

No mesmo poncto tractou Estanislau de entrar no noviciado de Vienna, onde então se achava. E porque não foi recebido por «temor» de seu pae, se deliberou a fugir incognito, e ir buscar a Companhia em Augusta. N'esta viagem noto eu, que não fazendo Estanislau milagre algum jámais em beneficio proprio, só por vir á Companhia fez milagres. Caminhava elle disfarçado em trajo de peregrino, pobre, só, a pé e com um bordãozinho na mão; quando de um seu irmão mais velho e do seu aio que em uma carroça a seis cavallos o vinham seguindo, foi descoberto em tal passo que se viu Estanislau, como o povo de Israel, entre os carros de Pharaó e o mar Vermelho. Deante impedia a passagem um rio que cortava a estrada, detraz vinha correndo a toda a furia a carroça de seus perseguidores. Que fará o pobre fugitivo? Como se o bordãozinho de Estanislau fosse a vara de Moysés (mas mais piedoso e mais innocente) a carroça e os cavallos apezar do cocheiro e dos repetidos golpes do açoite, pararam immoveis, como se fossem de marmore; e o rio passou-o elle por cima da agua a pé seguro e enxuto, como se de uma a outra ribeira fosse continente. Não fez barca da capa, como seu patricio S. Jacintho, porque a não tinha.

turbou ... fazendo milagres por se vêr na Companhia, chegou a Augusta, mas ainda n'aquelle collegio o não quizeram receber. O mesmo vento que apaga o fogo, se é pequeno, se é grande o accende mais. Assim cresceu com a contradição a constancia de Estanislau; e de uma resolução tão grande subiu a outra maior. Resolve vir a Roma com intenção e animo firme, se não fosse admittido em Italia de passar a França, á Hespanha, ás Indias e a qualquer parte do mundo até conseguir a Companhia. Fez Estanislau pela Companhia o que a Companhia faz por Deus. A profissão da Companhia é servir a Deus em qualquer parte do mundo; e a resolução de Estanislau foi buscar em qualquer parte do mundo a Companhia para servir a Deus n'ella.

[illegible] Deus a respeito de Estanislau como Deus a respeito de Abrahão. Gen. 22

Agora intendereis a razão ou o artificio, por que a beatissima Virgem, assignalando a Estanislau a religião que havia de pretender, não lhe assignalou o logar em que o haviam de admittir. Mãe Sanctissima, se mandais a Estanislau que entre na Companhia; porque não lhe assignais a provincia, o collegio, o noviciado, onde ha de èntrar? Quiz a Sanctissima Mãe que o seu filho fosse filho de toda a Companhia; e que vivendo e morrendo em um só logar merecesse e se sacrificasse a Deus em todos. Fez a Mãe de Deus como Deus. Disse Deus ao pae dos crentes: Abrahão, sacrifica-me o teu filho. E aonde Senhor? Em um dos montes que eu te mostrarei depois: *Super unum montium quem monstravero tibi*. E porque não assignalou Deus o monte determinado, onde havia de ser sacrificado Isaac, isto é, o monte Moria? Porque quiz Deus fazer de um sacrificio muitos sacrificios; e que havendo de ser sacrificado o filho em um só monte na execução, no proposito e na intenção fosse sacrificado em todos os montes. Caminhava o animoso pae com o fogo em uma mão e com a espada na outra: via um monte e dizia: Aqui é; e não era alli. Passava adeante: via outro monte, dizia: Este é; e não era aquelle; e como baixel no meio da tempestade, que cada onda parece que o ha de submergir, e lhe perdoa, assim Abrahão subindo e descendo, ia passando de monte em monte até chegar ao destinado monte em que sacrificou o filho, sacrificado já em todos os outros. Do mesmo modo Estanislau depois que recebeu o preceito da Mãe de Deus. Em Vienna dizia: Aqui é; e não era em Vienna. Em Augusta dizia: Aqui é; e não era em Augusta. E postoque o monte destinado para o sacrificio havia de ser o Quirinal e a ara o noviciado de Sancto André, já elle antecipadamente se tinha sacrificado em todas as provincias e em todas as casas da universal Companhia. Passava á Allemanha como se passasse á Europa e ao

mundo; atravessava o Danubio, como se atravessasse o Mediterraneo e o Oceano. E não tendo ainda logar na Companhia, pela immensa extensão do seu grande proposito já tinha entrado e servia a Deus em todos.

Finalmente é recebido no noviciado de Sancto André onde parece que vivia menos sanctamente do que no seculo.

Com esta vastissima resolução, tendo caminhado a pé mil e duzentas milhas, chegou Estanislau com o habito de peregrino e mendigo a Roma; aonde por fim entre os braços do padre geral S. Francisco de Borja foi admittido á Companhia n'esta casa. O noviciado já sabeis que é o ventre materno em que a religião concebe e forma os seus filhos. E que fez Estanislau n'este noviciado de Sancto André? Esta pergunta dá em terra com todo o meu panegyrico. Entrando aqui Estanislau não fazia mais que o que fazem todos os outros noviços. Não mais do que fazem todos os outros? E para isto lhe mandou a Mãe de Deus que entrasse na Companhia? Quem poderá crêr tal cousa? Os demais veem a religião para ser sanctos; e Estanislau parece que entrou na religião ou para deixar de ser sancto, ou para ser menos sancto do que d'antes era. No seculo é certo que Estanislau vestia asperos cilicios; e aqui não sempre. No seculo se disciplinava cada dia com cadeias de ferro até derramar sangue: menos vezes e com menos rigor aqui. No seculo se levantava sempre á meia noite a ter oração até á alva; e aqui se levantava tambem á oração, porém mais tarde e por menos tempo. No seculo tinha aquelle seu irmão que pela sua virtude o affligia e martyrizava, como um cruelissimo tyranno; e aqui se achou no meio de tantos irmãos que o tractavam com summa caridade e benevolencia. Logo veio Estanislau (dirá alguem) á Companhia não a ser, senão a deixar de ser sancto; e se foi sancto e tão grande sancto, foi sancto no seculo e não na Companhia.

E não era assim. Qual a sanctidade da vida religiosa especialmente na Companhia.

Quem assim discorre não sabe que cousa seja religião, nem que religião seja esta. Muito maior sancto foi Estanislau na Companhia fazendo menos, que no seculo fazendo mais: porque na religião o que diminuia nas obras, multiplicava nas virtudes; e o que tirava ao precioso, accrescentava ao preço. Dizei-me como se lavram os diamantes? Põi-se o diamante na roda; e tirando-lhe ao diamante partes de diamante, fica o diamante mais polido e lustroso. Por isso poz a Soberana Virgem este diamante n'esta officina. Mas que havia de tirar Estanislau, se era todo sancto? A propria vontade, ainda que tão sancta. No seculo era sancto: mas sancto á sua vontade; e na religião sancto, mas debaixo da roda d'aquella virtude que é mais propria da Companhia, isto é a obediencia; e por isso muito mais sancto. No seculo merecia no que fazia: na religião merecia no

que fazia e no que não fazia: porque quanto fazia e quanto deixava de fazer era por obediencia. Com esta arte aperfeiçoou a Companhia a sanctidade de Estanislau; e aquella virtude que era já sancta, a fez quasi divina. A razão é, porque aquillo que se faz por propria vontade, por mais sancto que seja, tem liga de humano; porém aquillo que se faz por obediencia, todo é divino. Fallo da perfeita obediencia; e porque esta é a obediencia ensinada de Sancto Ignacio e practicada n'esta primeira eschola sua de perfeição; esta foi a razão, por que a Mãe de Deus mandou a seu querido filho viesse a esta officina; escolhendo-a Ella entre todas, não só para aperfeiçoar mais a perfeição de Estanislau, nem só para sanctificar mais sua sanctidade, senão tambem para a divinizar. Tal foi n'este noviciado a vida de Estanislau não de anjo, como todos lhe chamavam, mas de mais que anjo e verdadeiramente divina.

Morte de Estanislau tão prematura para maior gloria do filho e da mãe.

V. Sómente se póde duvidar e com grande admiração, se a Mãe de Deus mandou a Estanislau á Companhia para purificar, para refinar e para sanctificar mais a sua sanctidade, porque lhe concedeu tão pouca vida na mesma Companhia? Corria o decimo mez do seu noviciado, e era o dia de S. Lourenço quando Estanislau com a meditação d'aquellas chammas se sentiu accender mais ardentemente d'aquelle fogo divino que sempre o abrazava. Era tão forte o incendio, que passando muitas vezes da alma ao corpo, o arrancava da terra e levantava no ar, ou lhe inflammava o coração, o peito e o rosto com um fogo tão sensivel e tão vivo, que era necessario ser soccorrido com banhos de agua fria, para que se não abrazasse totalmente. Vencido finalmente e arrebatado d'este incendio, toma Estanislau a penna, escreve uma ternissima carta á sua segunda Mãe; na qual lhe representava a força já intoleravel de seus desejos e lhe supplicava o chamasse ao céu á vizinha festa de sua gloriosa Assumpção. Caso miraculoso e verdadeiramente suavissimo! Encommenda a carta ao mesmo S. Lourenço para que a ponha em mãos de sua Mãe: persevera são até os quatorze do mesmo mez; e ao amanhecer do dia seguinte, como já tinha predicto, foi assumpto á festa da Assumpção. Assim deixou Estanislau o noviciado e a Companhia: que este paraiso só se podia deixar por aquelle paraiso e esta mãe só por aquella Mãe. Porém eu não admiro tanto o milagre da morte, quanto a brevidade da sua vida. Para tão poucos dias é mandado Estanislau á Companhia? Para tão poucos dias tanto apparato de apparições, de difficuldades, de peregrinações, de perseguições, de milagres? Sim: para tão poucos dias. Porque era conveniente assim tanto para a gloria do filho como para a gloria da mãe. O Filho miracu-

loso em se aperfeiçoar: a mãe miraculosa em o «dar á luz», ambos em tão breve tempo

A brevidade do tempo em que se sanctificou constitúi o milagre da sua sanctidade.

Notavel foi o primeiro milagre de Christo em converter a agua em vinho; porém isto é o que faz a vide. Chove a agua do céu e a vide a converte em vinho. Pois se a natureza na vide converte a agua em vinho, por que razão não ha de ser milagre? Pela differença do tempo. A natureza porque ha mister introduzir as disposições pouco a pouco, obra depois de largo tempo. Mas se aquillo mesmo, que a natureza faz depois de muito tempo, se fizesse em brevissimo, já não sería obra da natureza, senão milagre da omnipotencia. Assim succedeu em Estanislau e tanto com maior milagre, quanto a graça é superior á natureza. Sancto Ignacio, que queria formar sujeitos grandes, não se contentou com um anno; instituiu dous de noviciado e depois o terceiro. A estes espaços se havia de ir aperfeiçoando Estanislau pouco a pouco, se a graça houvesse de obrar connaturalmente. Porém como a omnipotencia queria sair ao mundo com um grande milagre da mesma graça, o que havia de fazer em muitos annos fez em poucos mezes. Oh bemaventurado e milagroso filho! Oh bemaventurada e milagrosa mãe! O filho milagroso em se aperfeiçoar sem tempo: a mãe milagrosa em o o «dar á luz» antes de tempo. Da mãe do Baptista diz o Evangelho: *Impletus est tempus pariendi et peperit;* e da mãe de Estanislau podemos dizer com Isaias: *Antequam parturiret, peperit.* Bemaventurada, pois, a terceira e ultima mãe de Estanislau: bemaveuturada a Companhia de Jesus pelo primeiro de seus beatos; e bemaventurada esta casa pelo primogenito de seus filhos: *Beatus venter qui te portavit.*

Memorial apresentado ao Sancto em favor da Polonia.

S. Mach. 15

VI. Estanislau meu, já tenho acabado; e a minha oração cançada do pouco que se tem adeantado em vossos louvores, humildemente se pōi a vossos pés não perorando, mas orando. O memorial que vos presento é breve, e não é meu, senão d'esta vossa mãe que tanto amaste sempre. O que vos supplicá vossa terceira mãe é que deante do throno da Segunda vos lembreis de presente que sois filho da primeira. Aquelle grande dragão já duas vezes vencido de vós, agora enfurecido e contumaz levanta a cabeça, infesta e ameaça a vossa Polonia. Em campanha está «o Judas machabeu» d'aquelle grande reino; e posto que laureado de tantos triumphos e seguido de fortissimo e florentissimo exercito e sobretudo acompanhado de si mesmo, sem vós se tem por só. Está digo na campanha el-rei João o terceiro, cuja espada não menos que a do gran' machabeu confia mais em vossa ajuda que em seu proprio valor. Vós sois o seu Jeremias de quem confessa com piedade christã e verdadeira-

mente real o que do outro dizia Onias: *Hic est fratrum amator, hic est qui multum orat pro populo.* Na batalha a victoria memoravel do anno passado no campo de Cocim elle foi o capitão e vós o vencedor. Assim o confessa sua majestade que vos escolheu por patrono, primeiro d'aquella jornada e depois de todo o reino. Assim o escreveu á sanctidade de nosso senhor Clemente X, supplicando-lhe confirmasse o seu patrocinio; e assim o provastes vós, rendendo-se Cocim no mesmo dia vosso, hoje faz um anno.

Como ha de proteger a sua patria. Ps. 71.

Isto é, ó novo e glorioso protector da patria, isto é o que tendes feito e esta é a summa da nossa supplica. Prosegui, imitaes-vos a vós mesmo; e como sois a todos admiração, sêde a vós mesmo exemplo. Se aquelle barbaro infesta a Polonia e na Polonia ameaça o mundo, defendei vós a muralha universal do christianismo; e se a soberba da sua meia lua traz por mote: *Donec totum impleat orbem*; seja a alma da vossa empreza: *Donec auferatur luna.*

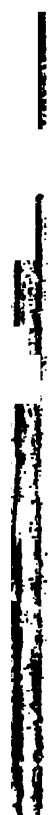
Penhor d'esta protecção é a sua cabeça que lhe mandou.

Mas para que rogo eu e exhorto a Estanislau, se elle tem empenhado a sua cabeça em defeza da patria, e a este fim desfez um milagre para fazer muitos? Duas vezes foi aberto o sepulchro de Estanislau: a primeira se achou o seu corpo incorrupto e inteiro, premio devido á sua pureza: a segunda (e foi ao tempo, quando Polonia mandou pedir a sua cabeça) se acharam os ossos despidos da carne e soltos. E que razão haveria (direis vós) para cessar o primeiro milagre? Não para que tivesse fim, não; senão para que se multiplicasse em outros maiores e mais proveitosos ao mundo. Para que os ossos de Estanislau, repartidos pelo mesmo mundo, se semeasse n'elles o remedio, a saude e a vida dada por seus merecimentos a tantos; e principalmente para que podesse passar a Polonia a sua cabeça, como o maior e mais poderoso soccorro. Ó ditosa patria, ditoso reino, ditoso rei. Tendo-se pedido licença a el-rei D. Manoel de Portugal, chamado o conquistador, para que podessem ser trazidos da India ao sepulchro dos seus maiores os ossos do grande Albuquerque, a negou dizendo, que em quanto estivessem em Goa os ossos de Albuquerque, estaria seguro o Oriente. E com quanto maior razão posso eu esperar e prometter que em quanto as reliquias de Estanislau estiverem em Polonia está seguro o rei, seguro o reino e segura a muralha da christandade.

Conclusão.

Isto deve Estanislau á primeira mãe: isto lhe pede continuamente a terceira; e isto lhe concederá sem duvida com seu potentissimo braço a Segunda; e por isso, em fim, será elle tam-

bem sempre louvado com todas as suas tres mães e por todas tres se lhe cantará com applauso concorde do céu, da patria e de todo o resto do mundo: *Beatus venter qui te portavit.*

(Ed. ant. tom. 11 pag. 322, ed. mod. tom. 9, pag. 78.)

SERMÃO DAS CHAGAS DE S. FRANCISCO **

PRÈGADO EM ROMA NA ARCHI-IRMANDADE DAS MESMAS CHAGAS NO ANNO DE 1672

Observação do compilador.—O sermão é inteiramente encomiastico com muita ordem, viveza e poesia e com breve moralidade. É lindissimo.

Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea.

COL. I.

A segunda estampa de Christo crucificado.

A segunda estampa de Christo crucificado por ventura com maior e melhor novidade do que promettem as segundas impressões, será hoje a materia do meu discurso. O discurso será meu: as palavras nem minhas, nem vossas. Não minhas, porque de lingua extranha; não vossas, porque mal polidas e duramente pronunciadas. Mas esta dissonancia tão conhecida a que me obrigastes, se supprirá com vantagem e ainda com harmonia nas mesmas chagas de Francisco que celebramos, se as ouvirdes a ellas e não a mim.

Brado das chagas do Christo e das de Francisco. Ruperto, Chrysologo. O espectaculo do Sinai. *Exod.* 20

Olhae, senhores, para aquellas chagas. Oh que vozes! Oh que clamores! Aquellas chagas abertas são cinco boccas; aquelle sangue gelado n'ellas são cinco linguas que ferindo os olhos mais cegos penetram os ouvidos mais surdos. Ou as vejais como chagas de Christo impressas em Francisco, ou como chagas de Francisco transformado em Christo, de todo o modo são boccas, são linguas, são vozes. Das chagas de Christo disse Ruperto: *Quot in Christi corpore plagae, tot linguae;* e das chagas de um pobre chagado disse Chrysologo: *Ut in admonendo divite tot ora essent pauperis, quot vulnera.* «O mesmo digo eu das chagas de Francisco: *Quot in Francisci corpore plagae, tot linguae. Tot sunt pauperis ora, quot vulnera.*» A estas vozes convido hoje, senhores, os vossos olhos e os vossos ouvidos. Quando

Deus dava a lei a Moysés no monte Sinai, diz o Texto sagrado que o povo todo estava vendo as vozes: *Populus autem videbat voces*. Notavel dizer! O vêr é acção dos olhos: as vozes são objectos dos ouvidos; pois como se viam as vozes? Estava o monte Sinai ardendo em chammas: estava Moyses transportado em Deus *facie ad faciem*, estava o mesmo Deus imprimindo caracteres nas taboas da lei; e á vista de uma visão tão estupenda sairam os sentidos humanos fóra da sua esphera e viam as vozes: *Populus autem videbat voces*.

O monte Alverno.

Assim é. Passemos do monte Sinai ao monte Alverno; que vai o amor de monte a monte. Arde o monte todo em lavaredas seraphicas: Francisco arrebatado e extatico de face a face com Christo: Christo estampando n'elle as suas chagas: Francisco fóra de si transformado em Christo. Sáiam logo tambem fóra de si os sentidos, e já que os ouvidos não podem ouvir as minhas palavras «ouçam ao menos o que veem n'aquellas chagas.» E que hão de vêr e ouvir? O que disse no principio: A imagem de Christo segunda vez estampada. Este é o meu assumpto.

Exposição do thema.

II. Mas por que razão, saibamos, quiz Christo estampar as suas chagas? A razão está nas palavras que tomei por thema: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi*. Aquelle *ad* no texto original é *re: Reimpleo*. Tomou Christo a restampar as suas chagas em Francisco «para no corpo d'elle como no de Paulo supprir o que ainda faltava á sua paixão.» Que este logar se intenda particularmente das chagas de Christo e das chagas de Christo depois de subir ao céu communicadas na terra a substitutos do mesmo Christo, «quaes eram S. Paulo» e S. Francisco, assim o dizem S. João Chrysostomo e Theophylacto: *Quemadmodum si, duce exercitus abeunte, subimperator in eius locum constitutus vulnera ipsius recipiat*.

Nas chagas de Christo póde caber algum defeito? *Vide Corn. e Lap.*

Mas vejo que me dizem todos: Defeitos nas chagas de Christo? N'aquellas chagas de infinito preço, de infinito valor, de infinito merito, de infinita perfeição póde caber algum defeito? Primeiramente, a palavra não é minha senão de S. Paulo que fallava com muita theologia e com muita reverencia. Isto quer dizer: *Ea quae desunt*. E na lingua grega em que S. Paulo escreveu, ainda está mais expressa a mesma palavra. Por onde a versão syriaca em logar de *Quae desunt* trasladou *defectus: Adimpleo defectus passionum Christi*. Pois que defeitos foram estes das chagas de Christo? Claro está que não foram nem podiam ser defeitos «da Pessoa, mas foram defeitos da mesma impressão das chagas, não porque Christo deixasse de padecer o que pedia a superabundancia da nossa redempção; mas por-

que, depois de ter padecido no seu corpo natural, ainda havia de padecer no seu corpo mystico, que são os fieis, e n'estes havia de aperfeiçoar por muitas maneiras a obra da sua Paixão.» Na primeira estampa das chagas de Christo no monte Calvario, se bem se consideram todas suas circumstancias, achareis que houve tres defeitos: um da parte dos «artifices» outro da parte dos instrumentos, outro da parte das mesmas chagas impressas. E todos estes defeitos emendou a estampa do monte Alverno, quando segunda vez se restamparam as mesmas chagas no corpo de Francisco: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea:* Agora vos peço attenção.

Póde caber 1.º da parte dos artifices. Por isso Christo não quiz beber vinho misturado com fel. *Matth.* 27

III. Começando pelo primeiro defeito da parte dos artifices, os «que abriram» as chagas de Christo no Calvario foram os ministros da synagoga, armados de odio, de ira, de inveja, de injustiça, de crueldade. E por esta circumstancia de tanta impiedade e horror, a mesma paixão de Christo, que da parte do Crucificado era o mais agradavel sacrificio, da parte dos crucificadores foi o mais abominavel sacrilegio. Este foi o fel do calix da Paixão: *Dederunt ei vinum cum felle mixtum.* Da parte do sacrificio era vinho, da parte do sacrilegio era fel; e por isso o Senhor o não quiz beber: *Cum gustasset noluit bibere.*

As chagas de Francisco emendam este defeito.

E como no calix da Paixão ia misturado o vinho com o fel: como na impressão das primeiras chagas, pela maldade dos artifices, o sacrificio foi misturado com o sacrilegio, o amor com o odio e a innocencia com o peccado, este foi o primeiro defeito que Christo quiz emendar «restampando as suas chagas no corpo de Francisco. Por isso mudou os artifices; e fez que as imprimisse» um seraphim transformado em Christo ou o mesmo Christo revestido de seraphim: para que tudo aqui e de todas as partes fosse amor; e para que nós que não podemos vêr as chagas de Christo em Christo sem horror da impiedade humana, vissemos as chagas de Christo em Francisco só com admiração e pasmo do amor divino.

Declara-se com o fim da instituição do sacrificio da missa. *Hebr* 7 *Isai.* 22

Este digo que foi o pensamento de Christo; e vêde se o provo. Padece e morre Christo no Calvario; e não contente com haver padecido «até á morte» uma vez, torna a renovar a mesma Paixão e a mesma morte no mysterio sacrosancto da Eucharistia. E porque? O sacrificio da morte de Christo uma vez padecido não bastava para preço da redempção, para remedio do mundo, para propiciação do Padre, para exemplo e exemplar dos homens? Sim, bastava; e sim bastou. Antes essa era a differença do sacerdocio de Christo ao sacerdocio de Arão, como notou S. Paulo: *Hoc enim fecit semel ipsum offerendo.* Arão como sacer-

... homem, multiplicava os sacrificios, como se multiplicavam os peccados. Porém Christo, que era sacerdote Homem e junctamente Deus; que era sacerdote e junctamente sacrificio: que era sacrificio offerecido uma vez junctamente por todos os peccados do mundo, bastou que uma só vez morresse e uma só vez se sacrificasse: *Hoc enim fecit semet ipsum offerendo.* Pois se bastava e bastou para remedio do mundo que Christo se sacrificasse uma só vez; porque renova segunda vez a mesma morte e a mesma paixão no Sacramento? Disse-o admiravelmente Isaias: *Faciet Dominus in monte hoc convivium pinguium vindemiae defoecatae.* Instituiu Christo em forma de convite o sacrificio de seu corpo e sangue, diz o propheta, e tornou a renovar segunda vez no monte Sião a mesma morte e o mesmo sacrificio que tinha offerecido no monte Calvario; para que aquelle sacrificio que lá esteve misturado com fezes, aqui ficasse puro e defecato: *Convivium pinguium vindemiae defoecatae.* Ora vêde! O sangue derramado no sacrificio da cruz era o mesmo sangue purissimo consagrado no Sacramento: mas esse sangue na cruz esteve misturado e como envolto nas fezes do odio, da maldade e do peccado sacrilego dos ministros que o derramaram. Que fez, pois, Christo para emendar este defeito? Torna a reiterar, torna a renovar segunda vez o mesmo sacrificio e a mesma morte no Sacramento, sendo o seu amor e elle por si mesmo o ministro; para que o sangue que na cruz, por parte dos ministros impios, fôra misturado com fezes, no Sacramento se tirasse em limpo e ficasse totalmente puro e defecado: *Vindemiae defoecatae.*

As chagas de Christo quasi sacramentadas em Francisco.

O mesmo estylo guardou Christo na segunda impressão das suas chagas. Assim como lá reiterou a sua Paixão e a passou ao Sacramento; assim cá reiterou as suas chagas e as sacramentou («deixai que assim o diga») em Francisco; e assim como no Sacramento foi elle e o seu amor o ministro, assim na impressão das chagas foi elle e o seu amor o artifice: para que aquellas cinco brechas da divindade, que abertas no corpo do mesmo Christo por parte dos executores d'ellas foram assombradas da feialdade e horror; purificada esta circumstancia no corpo de Francisco ficassem n'elle por outras tantas partes formosas, e vistas a todas as luzes, amaveis. Se não vos dais por satisfeitos com a paridade, vamos ás mesmas chagas; e seja Christo o interprete do seu pensamento.

Diz Christo aos anjos que recebeu as chagas na casa dos que o amavam. *Zach.* 13

Sobe Christo triumphante ao céu no dia da sua gloriosa Ascenção: viram os anjos os signaes vermelhos de que ia matizado o sagrado corpo: cuidaram ao longe que eram rubis de extranha formosura: mas divisando de mais perto que eram

chagas, perguntaram admirados: *Quid sunt plagae istae in medio manuum tuarum?* Rei e Senhor nosso, que é o que vemos? Isto é o que fostes buscar ao mundo? Isto é o que trazeis de lá? Que chagas são estas? Eu não me admiro do que admiraram os anjos: admiro-me do que respondeu Christo: *His plagatus sum in domo eorum qui diligebant me.* São umas chagas, diz Christo, que recebi na casa dos que me amavam. Na casa dos que me amavam? Todos estais vendo a duvida. O monte Calvario patente e descoberto era casa? Os homicidas ou deicidas deshumanos, que crucificaram a Christo, cheios de odio, de raiva, de vingança, amavam a quem tiravam a vida? Claro está que não. Pois como diz Christo que recebeu as chagas na casa d'aquelles que o amavam? Tomara ouvir a resposta: mas eu a darei. Sendo o dia do seu triumpho e da sua maior gala e majestade quiz accudir pela formosura e pelo decoro das suas chagas, quiz honrar a obra com o nome do artifice: por isso calou o odio e publicou o amor. As chagas recebidas por mão do odio, ainda que tão divinas, tinham sombras de feialdade e de horror: porém recebidas por mão de amor, todas e por todas as partes eram bellas e formosas. «Os pontifices e phariseus, crueis artifices das suas chagas, eram da casa ou nação dos que o amavam, a saber, de sua Mãe e discipulos; e porque a lembrança do odio dos inimigos entristecia a festa do seu triumpho, calou o odio dos inimigos e publicou sómente o amor dos amigos.» Esta foi a razão por que Christo respondeu: *His plagatus sum in domo eorum qui diligebant me.* E este foi o primeiro motivo por que transformado em um Seraphim de amor, tornou a restampar as mesmas chagas em Francisco, supprindo d'esta sorte na segunda estampa o erro e o defeito que tinha commettido na primeira o odio dos inimigos: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea.*

2.° Defeito da parte dos instrumentos, os cravos e a lança, os quaes na Paixão nem mostraram nem sentiram dor.

IV. Da parte dos instrumentos (que é a segunda circumstancia e o segundo defeito) tambem houve muito que emendar. Os instrumentos com que a primeira vez se imprimiram em Christo as suas chagas foram os cravos e a lança. Contra estes dous instrumentos tenho grandes queixas. E bem, lenho mais que duro; e bem, ferro mais que de ferro, assim vos atreveis contra vosso Deus, contra vosso Creador? Porque vos não abrandastes? Porque vos não desfizestes n'aquella hora? Nos martyrios dos defensores d'este mesmo Christo, quantas vezes se romperam os lenhos nas rodas e nas catastas? Quantas vezes se fizeram de cêra as lanças e as espadas? Mas não quero affrontar-vos com injurias tão remotas. N'este mesmo dia e n'este mesmo monte e em todo o mundo não tremeu a terra? Não se

romperam as pedras? Não se escureceu o sol? Não se rasgou o véu do templo, confessando todas as creaturas que padecia o Auctor d'ellas? Pois a cruz e os cravos, a quem o caso tocava de mais perto, porque se não abrandam? Porque se não espedaçam? Porque não acompanham na dôr e no sentimento a toda a natureza?

Não assim os cravos das chagas de Francisco.

Este foi o defeito dos instrumentos na primeira impressão das chagas de Christo. Mas vêde como o emendou Francisco na segunda estampa. Nos pés e mãos de Francisco não só se viam as chagas abertas; mas no meio de cada uma estava um cravo formado da mesma carne, que as traspassava, negro ou entre negro e azul, da côr de ferro. Mais admiro estes cravos que as mesmas chagas. No crucifixo Christo padeciam as mãos, padeciam os pés, padeciam as chagas: mas os cravos duros e insensiveis não padeciam. Porém no crucifixo Francisco não só os pés e as mãos, não só as chagas em carne viva, mas tambem os cravos padecem. No Calvario quebraram-se as pedras mostrando dor; mas não tinham dor, porque eram insensiveis: os cravos, mais duros que as pedras nem tinham dor nem mostravam dor, antes causavam acerbissimas dores: e porque em Christo causaram dores, por isso em Francisco são capazes de dor. Cravos vivos, cravos sensitivos, cravos racionaes, para que, conhecendo a razão de sentir, padecessem a dor e mais a causa. Oh espirito! Oh amor mais que miraculoso!

Seu amor transformou em si mesmo as chagas de Christo. *Habac.* 3

Apprehendeu o amor de Francisco tão viva, tão forte, tão dolorosamente o tormento e offensa d'aquelles cravos, que os transformou, os informou e os vivificou em si mesmo. Não tem parelha esta maravilha. Oh amador de Deus, «sobre toda a admiração admiravel» Francisco! Do vosso adorado Crucifixo disse o propheta: *Cornua in manibus eius;* dando este fero nome áquelles duros cravos. Mas porque elles foram duros e feros, vós os transformastes em vós, desaffrontando a sua dureza no vosso sentimento e emendado a sua insensibilidade na vossa dor.

S. Francisco torna-se uma cruz viva. S. Boaventura.

Assim suppria Francisco o defeito dos cravos; e assim tambem o da cruz, que foi o segundo instrumento, que concorreu duramente á impressão das primeiras chagas. Notou S. Boaventura que os cravos das chagas de Francisco não só lhe trespassavam as mãos e os pés, senão que da parte opposta estavam torcidos, dobrados e como rebatidos: *Ipsa vero acumina oblonga, retorta et quasi repercussa.* Grande mysterio! Os cravos pregam-se no crucificado, mas não se dobram, nem se rebatem senão na cruz: logo S. Francisco era o crucificado e mais a cruz juntamente. Mas porque era tambem cruz? Para emen-

dar o defeito da cruz de Christo. Na cruz de Christo padecia o Crucificado, mas a cruz não padecia: por isso S. Francisco se fez a si mesmo cruz para ser cruz padecente. Na cruz do Calvario padecia Christo; porque estava em carne mortal; mas a cruz não padecia, porque era insensivel. Na cruz de Francisco, Christo não padecia, porque estava já immortal e glorioso; mas a cruz padecia; porque era cruz viva, cruz sensitiva, cruz racional; passivel e verdadeiramente padecente. Assim o disse o mesmo Christo por bocca de David, gloriando-se não pouco d'esta cruz.

Texto notavel do psalmo 68 interpretado por S. Bernardo. *Serm.* 4 *in Virg. Dom.* *Gen.* 2

Ouvi o passo em que ha muito que ouvir: *Infixus sum in limo profundi et non est substantia.* Falla o propheta litteralmente de Christo, como intendem todos os padres e interpretes; e diz Christo que se crucificou a si mesmo no barro do profundo: *In limo profundi.* E que cruz de barro, ou que barro feito em cruz foi este? S. Bernardo diz que foi o barro de Adão; aquelle barro de quem disse o texto sagrado: *Formavit Deus hominem de limo terrae.* As palavras de Bernardo são estas: *Fortasse crux ipsa nos sumus, cui Christus memoratur infixus. Homo enim formam crucis habet, quam, si manus extenderit, exprimit manifestius. Loquitur autem Christus in psalmo: Infixus sum in limo profundi: limum quidem nos esse manifestum est, quoniam de limo plasmati sumus.* De maneira que quando Deus tomando a natureza humana uniu a si o nosso barro, então diz S. Bernardo que se crucificou Deus em uma cruz de barro, porque se crucificou no homem. «E se todo o genero humano segundo a explicação de Bernardo foi a cruz em que Christo se crucificou; em qual outro homem se crucificou mais admiravelmente, que em Francisco?»

Humildade e pobreza de Francisco. *Luc.* 15

Olhae para todo o genero humano, para toda esta massa do barro de Adão. Na superficie e no alto estão os soberbos, barro que todo se desfaz em vapores: no meio estão os que não são nem soberbos nem humildes; no fundo estão os humildes; e no mais profundo d'este fundo quem está? Francisco. Este barro do profundo foi a cruz em que Christo se crucificou: *Infixus sum in limo profundi.* O mesmo propheta o declara ajunctando a differença individual de Francisco: *Infixus sum in limo profundi et non est substantia.* Sancto Agostinho: *Et non est substantia, id est, non sunt divitiae: quia ipse limus paupertas erat.* Substancia quer dizer riquezas e bens temporaes. Assim se diz do Prodigo: *Dissipavit omnem substantiam.* Este barro do profundo em que Christo se crucificou era tão pobre, que era a mesma pobreza: *Ipse limus paupertas erat.* Vêde se era Francisco e se é esta a sua differença individual: *Infixus sum in limo profundi et non est substantia.*

... similhança d'estas duas es-
romperam as pedras? Não ...co; e vereis a Christo: vesti a
o véu do templo, conf... Isto significam aquelles dous bra-
o Auctor d'ellas? P... vestido, ambos chagados. Perdeae-
cava de mais per... bem ou trocae os pensamentos: o bra-
espedaçam? P... ...o, o nú é o de Francisco. Porque? Por-
a toda a nat... A pobreza de Christo em quanto exem-
Este foi ... conveniente; mas a pobreza de Francisco
das chag... foi mais núa; porque Christo, além do do-
segund... ...o o universo é de fé e assim está definido que
as ch... ou em commum teve dominio de algumas cou-
forr... Francisco *Non est substantia;* porque nem em par-
n... em commum teve dominio de cousa alguma. Os
... que despiram a Christo na cruz, eram de Christo; a
... que está vestido Francisco, não é de Francisco. Logo
... braço de Francisco é o braço nú, ou se deve tambem despir
... o braço de Christo. Mas se ambos nús, ambos chagados,
... acharemos a differença? Só a fé lh'a póde achar. A diffe-
...ença de um crucificado ao outro crucificado é que n'um ha
união hypostatica, no outro não. A humanidade de Christo foi a
cruz de barro em que se crucificou a divindade; e o corpo de
Francisco foi a cruz tambem de barro em que se tornou a cru-
cificar a humanidade de Christo. E para que? Para supprir na
segunda cruz os defeitos da primeira. Porque a primeira cruz
foi uma cruz dura, uma cruz cruel, uma cruz deshumana, uma
cruz que mostrando dôr e sentimento até as pedras, só ella se
mostrou insensivel. Seja logo Francisco uma segunda e nova
cruz, cruz sensitiva, cruz humana, cruz amorosa, cruz que to-
me em si as dôres, cruz que não cause as penas, mas as pa-
deça; cruz, em fim, que desfaça e emende os defeitos da pri-
meira: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne
mea.*

Não assim os cravos das chagas de Francisco.

V. O terceiro e ultimo defeito foi das mesmas chagas impres-
sas. Porque ainda que as chagas dos pés e mãos foram perfei-
tas chagas; a chaga do lado, que era a que mais pertencia ao
coração, foi chaga imperfeita e quasi não foi chaga, nem Chris-
to a estimou tal; porque foi chaga sem dôr. Na ultima hora e
quasi nas ultimas respirações da vida, disse Christo *Sitio,* Te-
nho sêde; e disse *Sitio,* diz o evangelista, porque sabia o Se-
nhor que já estavam acabados todos os tormentos da Paixão e
cumpridas todas as Escripturas: *Sciens quia omnia consumma-
ta sunt, dixit: Sitio.* De vagar, Senhor meu: nas Escripturas
está prophetizado que haveis de padecer o golpe da lança: *Cir-
cumdedit me lanceis suis, convulneravit lumbos meos.* Pois se

3.º defeito da parte das mesmas chagas. A do lado de Christo foi sem dôr. Por isso morreu elle sedento de penas. *Joan. 19* *Job. 16*

da falta a chaga do lado e a ferida da lança; porque dizeis está tudo acabado: *Omnia consummata sunt?* Porque a fe-'a lança foi ferida que «na apprehensão já a sentira e es-ntindo; mas na realidade» a não havia de sentir Christo, a havia de receber depois de morto; e feridas que se sentem «na realidade» ainda que sejam no coração não são feridas. A chaga do lado era chaga sem dôr; e chaga sem dôr não é chaga.

Commento de Sancto Agostinho.

Por isso S. João discreta e advertidamente não disse que feriram o lado de Christo, senão que lh'o abriram, como agudamente notou Sancto Agostinho: *Vigilanti verbo usus est ut non diceret: Latus eius percussit aut vulneravit:* Não disse que a lança feriu o lado, senão que o abriu: *Latus eius aperuit:* porque feridas e chagas que não doem, não são chagas, são aberturas; e esta falta de dôr na chaga do seu coração «fez que o amantissimo Senhor morresse sedento de mais padecimentos: *Sitio* tenho sêde. Mas consolai-vos, Senhor meu, porque se tem achado quem» suppra na sua dôr a falta da vossa. Já que vós não padecestes a dôr da lançada, Francisco a padecerá.

Como é que Absalão foi figura de Christo.

Assim foi; e para que o vejais com os olhos, ponde-os n'aquelle galhardo mancebo, suspenso entre o céu e a terra, pendente dos braços de uma ensinha, espirante, alanceado, morto. Bem intendeis que fallo de Absalão, como dizem commummente os interpretes, figura de Christo crucificado. Figura de Christo; porque filho de David: figura de Christo; porque o mais formoso dos homens; porque morto contra o preceito de seu pae; e finalmente porque Absalão quer dizer: *Filius Patris*, o Filho do Padre. Nem descompõem o primor da figura os peccados de Absalão: porque Christo na cruz tinha sobre si todos os peccados do mundo, e particularmente o da desobediencia de Adão; «e se os peccados de Absalão eram proprios e os de Christo alheios, isto é ser Absalão figura e Christo figurado.» Pois se Absalão era figura de Christo e o peito de Christo foi aberto com uma só lança; como se vêem tres lanças no corpo de Absalão? «Seria por ventura sem mysterio ter notado a Escriptura» que Joab pregou tres lançadas no peito de Absalão: *Infixit tres lanceas in corde Absalon?* A segunda lança bem suspeito eu qual foi: porque vejo ao pé da cruz aquella affligidissima Mãe a quem disse Simeão: *Tuam ipsius animam pertransibit gladius.* Qual foi logo a terceira lança e qual o peito que traspassou e feriu? «Aqui vereis novamente como S. Francisco podia repetir com S. Paulo: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi.*» A lança que abriu o peito de Christo foi uma só: mas as lançadas foram tres: uma em Christo, outra em Maria, outra em Francisco.

A de Christo feriu o corpo, mas não feriu a alma: a de Maria feriu a alma, mas não feriu o corpo: a de Francisco feriu o corpo e junctamente a alma. Christo recebeu o golpe, mas não sentiu a dôr: Maria sentiu a dôr, mas não recebeu o golpe: Francisco recebeu o golpe e sentiu a dôr.

O céu doeu-se com Christo antes da morte e a terra depois. Francisco antes e depois. *Matth.* 27

Mas Francisco meu, segunda estampa de Christo: não bastará que se conforme a estampa com o original? Se as vossas chagas são sensitivas e racionaes, ponhamol-as em razão. As quatro que Christo padeceu, padecei-as: a quinta que elle recebeu e não sentiu, tende-a embora no peito, mas não a padeçais. Doei-vos com Christo vivo e doloroso; mas doer-vos tambem com Christo morto, quando já não padece nem póde padecer dôr? Sim, porque a primeira dôr foi compaixão, a segunda é fineza. Mostraram dôr e publicaram sentimento na Paixão e Morte de Christo todas as creaturas insensiveis do céu e todas as da terra; mas com uma differença por ventura não advertida. O sol escureceu-se em todas as tres horas em que Christo esteve vivo na cruz: tanto que o Senhor expirou tornou-se o sol a revestir de luz e alegrou o mundo como d'antes: *A sexta autem hora tenebrae factae sunt super universam terram usque ad horam nonam*. A terra não o fez assim: em quanto Christo esteve vivo na cruz, estiveram suspensas todas as creaturas do mundo inferior: tanto que o Senhor expirou, treme a terra, quebram-se as pedras, abrem-se as sepulturas, rasga-se o véu do templo: tudo confusão. tudo tristeza, tudo dôr, tudo sentimento: *Exclamans voce magna emisit spiritum. Et ecce velum templi scissum est in duas partes: terra mota est: petrae scissae sunt; et monumenta aperta sunt*. Pergunto agora: E qual foi maior demonstração de amor: a do céu ou a da terra? Em genero de fineza não ha duvida que a da terra. O céu obrou como compassivo: a terra como fina. O céu como compassivo, porque se condoeu com quem padecia: a terra como fina; porque se doeu de quem já não padecia nem podia padecer. Como a terra é a patria das dôres, não é muito que em se saber doer vencesse ao céu. Mas estes extremos que entre o céu e a terra estiveram divididos, ambos se uniram e multiplicaram no coração de Francisco, padecente com Christo padecente; e padecente com Christo impassivel. Nas quatro chagas padecente com Christo; porque Christo as padeceu; na quinta chaga padecente por Christo; porque ainda que Christo a não padeceu, era chaga de Christo. Este foi o porquê. Mas para que? Para que a dôr que faltou ao lado de Christo se supprisse na dôr do lado de Francisco: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea*.

Quer Christo inflammar o mundo no seu amor antes com as chagas de S. Francisco do que com as suas. O *Imitae-me* de S. Paulo. *Gal.* 6 *Cor.* 4

VI. Tenho acabado o meu discurso e só quizera que o fim

d'elle fosse o mesmo fim que teve Christo n'esta segunda impressão das suas chagas. Qual foi o fim em respeito de nós, por que tornou a estampar Christo as suas chagas em S. Francisco? Só Roma como interprete de todos os oraculos divinos o podia saber dizer; e ella o disse: *Qui frigescente mundo, ad inflammanda corda nostra tui amoris igne, in carne beatissimi Francisci passionis tuae stigmata renovasti*. Renovou Christo as suas chagas em Francisco para que o mundo que tanto se vai esfriando, se accendesse no fogo do seu amor. Pois para accender e inflammar o mundo n'aquelle fogo que Christo veio trazer á terra não seriam mais efficazes as chagas do mesmo Christo? «Adoro-vos, chagas sacratissimas do Salvador, fócos do amor divino e fontes da nossa redempção; mas no mesmo tempo peço licença para notar que supposto o estado da nossa fraqueza ainda que accendeis por uma parte o nosso alento, por outra o esfriais.» Ao exemplo de Christo posso responder que elle era Homem e Deus; mas eu sou homem sómente: esta escusa da nossa fraqueza é a que nos esfria. Mas ao exemplo de Francisco, que era homem como eu, não tenho outra resposta senão arder como elle. S. Paulo que foi o S. Francisco do apostolado: *Ego stigmata Domini Jesu in corpore meo porto;* que é o que dizia? Que imitassemos a Christo e as suas chagas? Não: *Imitatores mei estote, sicut et ego Christi*: não dizia que imitassemos a Christo, senão a elle: porque para imitar a Christo podia ter alguma escusa a nossa fraqueza: mas para imitar a Paulo, puro homem como nós, não podemos ter nenhuma escusa. Os raios que despedidos do corpo do sol não accendem, «recolhidos em um vidro» ferem fogo. Por isso se entrou Christo crucificado n'aquelle espelho de Francisco: *Ut, frigescente mundo, inflammaret corda nostra.*

A Italia, nação escolhida e amada de Christo para se transformar n'ella e por ella reformar o mundo.

E se é necessario que a materia esteja disposta, em nenhuma parte do mundo ha mais apparelhadas disposições, que nos corações de Italia. Grande caso é e tão glorioso como grande que imprimindo Christo duas vezes as suas chagas ou visivel ou invisivelmente, ambas estas impressões se fizessem em Italia: as chagas invisiveis em Catharina de Sena: as chagas visiveis em Francisco de Assis. Oh gloriosa nação, escolhida e amada de Christo para se transformar n'ella! Esta é aquella unica nação na qual se verificou o que tinha prophetizado a Sabedoria da imagem de Christo transformado: *Imago bonitatis illius et in se permanens omnia innovat et per nationes in animas sanctas se transfert*. Arda, pois, Italia n'este divino fogo e arda Roma: que se a cabeça do mundo arder, todo o mundo, por mais frio

que esteja, se inflammará. E com esta ultima efficacia de suas chagas supprirá tambem Francisco o effeito que ainda falta ás chagas de Christo: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea.*

(Ed. ant. tom. 12.º, pag. 341; ed. mod., tom. 11.º, pag. 266.)

SERMÃO DE SANCTA IRIA **

PRÉGADO EM SANTAREM

Observação do compilador.—A historia de Sancta Iria, como a dá a tradição popular é muito mais simples que a referida n'este sermão. A primeira se resume em dizer que a sancta donzella foi raptada da casa de seus paes por um cavalleiro desconhecido a quem deram pousada; e porque ella resistiu animosamente á violencia que o homem perverso lhe queria fazer, este enfurecido a degollou e enterrou no mesmo logar do seu crime. Muito mais maravilhosa e rica de documentos moraes é a historia que conta o nosso orador, seguindo a Frei Domingos do Rosario, Ribadineira e o breviario do reino de Portugal. Não me deterei em examinar se estas duas historias se referem á mesma Sancta se a diversas. Só digo que todo o orador sagrado póde seguramente prégar para edificação dos fieis o que a Egreja lhe manda rezar no breviario, se a qualidade do auditorio ou outras circumstancias de prudencia e discrição não lhe aconselharem outro argumento. Portanto os que no presente sermão duvidarem da parte historica, tomem-na muito embora como romance ou parabola: que nem por isso se perderá a parte moral, pela qual principalmente lhe dei logar na compilação.

Quinque autem ex eis erant fatuae et quinque prudentes.
S. Matth. 25

Quaes os prudentes e quaes os nescios n'este mundo.

Assim como segurar a vida da eternidade é a maior prudencia, assim perdel-a ou arriscal-a é a mais rematada loucura. Só aquelle que se soube salvar, posto que em tudo o mais obrasse como nescio, foi prudente; e só aquelle que não sabe segurar este poncto, ainda que em tudo pareça prudente, é louco. Isto é o que nos ensinou o divino Mestre; e isto o que hoje nos repete o evangelho na tão sabida parabola das dez virgens. Cinco d'ellas, diz Christo, eram loucas e cinco prudentes: *Quinque autem ex eis erant fatuae et quinque prudentes.* E em que consistiu a prudencia das prudentes e a loucura das loucas? Consistiu em que, depois da prevenção de umas e não de outras, as prudentes com as suas alampadas accesas entraram em companhia do Esposo ás vodas do céu; e as loucas com as alampadas apagadas acharam a porta cerrada e ficaram de fóra.

Sancta Iria foi virgem prudente com supposições de nescia.

Ó Iria, virgem entre todas e em tudo singularissima! Singular na vida, singular na morte, singular na sepultura e com sin-

gularidade nem antes, nem depois de vós communicada a outrem, verdadeiramente unica! A cada uma das outras virgens, cuja sanctidade e gloria celebra a Egreja, o louvor que particularmente lhe canta é o haver sido uma do numero das prudentes: *Haec est virgo sapiens et una de numero prudentum.* Eu, porém, o que singularmente admiro «em vós ou amavel» Sancta, é, que fostes virgem do numero das prudentes com supposições de virgem louca; e porque na opinião do mundo fostes uma do numero das loucas por isso excedestes singular e unicamente a todas as prudentes. Esta, «senhores», será hoje a materia do meu discurso tanto para gloria de Sancta Iria, como para exemplo de Santarem. E porque vejo que a novidade do assumpto vos parece difficultosa, seja esta tambem nova razão de me ajudardes a pedir mais que a ordinaria graça. *Ave Maria.*

O que é a formosura segundo o Espirito Sancto. *Prov.* 31

II. Sentença é divina tão infallivel na verdade, como provada na experiencia, que aquella graça da natureza a que os olhos chamam formosura, não é mais que uma apparencia da mesma vista, enganosa e vã. Comecemos por aqui; pois este foi o principio fatal d'aquella horrenda tragedia, que depois de convertida em gloria, tirou e deu o nome a esta antiquissima e nobilissima republica. É a graça e formosura enganosa e vã: *Fallax gratia et vana est pulchritudo;* diz o Espirito Sancto por bocca de Salomão o mais experimentado n'este engano e o mais desenganado d'esta vaidade.

Segundo os poetas e philosophos pagãos.

Ovidius *Seneca* *Theophrastus*

Nem era necessario o testimunho de tão soberanas auctoridades divina e humana para persuadir esta fé á vista. Até os poetas, que tanto se empregam em disfarçar e encobrir a falsidade d'esta apparencia e com nome de diamantes, rubis e saphiras procuram fazer solida a sua vaidade, não poderam deixar de confessar quão fragil é e de pouca dura: *Forma bonum fragile:* «diz um d'elles; e outro»: *Res est forma fugax.* Os philosophos que mais professam o verdadeiro, concedendo-lhe os poderes, não lhe podem negar a fraqueza e falsidade. Socrates chamou á formosura tyrannia, mas de breve tempo. Theophrasto chamou-lhe engano mudo; porque sem fallar engana.

Segundo os Sanctos Padres.

E que direi dos Sanctos Padres? S. Jeronymo diz que a formosura é um esquecimento do uso da razão: *Oblivio rationis.* E onde falta o lume da razão, que serão as cegueiras e os enganos dos sentidos? S. Basilio, S. Bernardo, Sancto Ephrem, Sancto Isidoro Pelusiota e outros sanctos para descobrir o mesmo engano sem chegar aos horrores da sepultura consideram as feialdades interiores que este especioso véu occulta ainda em vida; e correndo a cortina ao idolo tão adorado da formosura,

não só a demonstram feia, mas asquerosa e medonha. Porém não são estes ainda os assombros da nossa tragedia.

S. João Chrysostomo e S. Gregorio Nazianzeno, parando mais benignamente só na superficie em que consiste a formosura, suppoem sem mais apparato que é uma pintura de duas côres branco e vermelho. Assim a descreveu no seu amado aquella pastora tão bem intendida como Salomão: *Dilectus meus candidus et rubicundus*. A formosura , pois. em toda a sua esphera ou é natural, ou artificial, ou moral. O branco e vermelho da artificial é o que se vai camprar ás boticas, onde estão venaes toda a semana as caras com que se ha de apparecer ao domingo. O da formosura moral celebra Nazianzeno na Sancta virgem Gorgonia, da qual diz que o branco de que usava no rosto era o que causa o jejum e o vermelho com que tingia as faces, o que tira a ellas o pejo.

A formosura ou é natural ou artificial ou moral. Cant. 5

Finalmente, «fallando S. Chrysostomo do vermelho da formosura natural, nota que é devida ao sangue que cora as faces». Mas o que eu noto digno de particular advertencia «n'esta formosura é o sangue que ella tantas vezes derramou como instrumento de morte». Em Dina matou a formosura a Sichem; em Dalila matou a Samsão; em Judith matou a Holofernes; em Helena a toda Troya; em Lucrecia a toda Roma; em Florinda a toda Hespanha e na nossa Sancta, que é mais, não a outrem senão a ella mesma. Outros adoeceram da sua formosura: mas a quem matou a mesma formosura foi mesma Iria.

A natural feita instrumento de morte.

III. Entre as façanhas tragicas que executou o amor cego, guiado por este engano da vista, nenhum caso foi tão similhante em seus effeitos ao de Iria, como o de Bersabé, posto que de nenhum modo egual. Era David rei e sancto, quando viu (que não devera) a Bersabé; e ambas estas columnas derribou de um tiro aquella vista, triumphando do profano no rei e do sagrado no propheta a sua formosura. Tal a formosura de Iria que segundo a descrevem as historias e a encarecem as tradições, ainda por seu mal, ou seu bem, era maior que a que cegou a David. Viu-a uma vez Britaldo, filho do Senhor de Nabancia e no mesmo poncto adoeceu com tão perigoso accidente, que sem duvida morrera da ferida se a mesma causa d'ella com animo varonil o não visitara. Sarou-o milagrosamente com o signal da cruz, acompanhado de razões sanctas; debaixo da promessa, porém, que no caso de acceitar esposo humano não seria outro senão a elle. Atéqui o que facilmente se podia crer: o que agora se segue, nem imaginar se podia.

Funestos effeitos da formosura de Bersabé e da de Sancta Iria no jovem Britaldo.

Composto e emendado o primeiro amor juvenil e profano, dous annos gastou o demonio em conquistar outros annos mais ma-

E no monge Remigio. Como a sancta ficou infamada aos olhos do mundo.

duros e render tambem e profanar o sagrado. Era Remigio monje e por suas cans e virtudes mestre de Iria. Mas a continuação da mesma vista «fez que o infeliz se esquecesse de todas as suas virtudes e do respeito que devia não menos ao seu estado, que á honra da sancta donzella». Declarou-se sem reverencia de Deus, nem pejo de si mesmo; e como a sancta discipula com os mesmos documentos sanctissimos que d'elle tinha recebido lhe extranhasse a feialdade de tão sacrilego e abominavel intento; que faria a hypocrisia d'aquellas cans vendo-as assim confundidas e affrontadas? Não ha vicio que uma vez precipitado se não despenhe em outros maiores. Resolve-se a vingar uma affronta com outra e o velho máu e infame a infamar a constante honestidade da castissima donzella. «Fingiu-se emendado; e passado algum tempo deu á sancta uma bebida de sua diabolica preparação;» a qual, sem saber a innocente o que tomava, lhe causou uma tal inchação no ventre que «lhe começaram a apparecer todos os signaes de maternidade.» O primeiro que chorou com publicas lagrimas a desgraça e caida da sua filha espiritual foi o mesmo machinador d'aquelle engano; e não só Britaldo (do qual diremos depois) mas todo o povo que d'antes venerava a Iria como Sancta; carregando-a de nomes feios e vis a publicava por mulher leviana, ficta, escandalosa e torpe, infiel aos homens, traidora á sua profissão e adultera ao mesmo Deus. N'este abysmo de confusão e miseria passou Iria os dias que lhe restaram de vida, desprezada e infamada nos olhos e boccas do mundo: em si mesma, porem, e para com o seu divino Esposo, tão fiel, tão constante e tão pura como os puros espiritos. E porque temos chegado a este ponto e porque Iria sendo na realidade virgem prudente e prudentissima, na opinião do mundo era louca: esta «digo que» foi a excellencia singular que a fez mais illustre e gloriosa que todas. Vêde se tenho razão.

A calumnia faz endoudecer. Eccl. 7. Vide Corn. a Lap.

Acabou Sancta Iria a vida com opinião de louca: e se não fôra heroicamente prudente, quando se viu infamada e reputada por louca, havia de perder totalmente o juizo e endoudecer verdadeiramente. Não me atrevera a dizer tanto, se não fôra sentença expressa do mesmo Deus no texto original: *Calumnia insanire facit sapientem*: a calumnia e o falso testimunho faz endoudecer o sabio. «Assim o diz o texto hebraico segundo a versão de Pagnino.» E os Septenta declarando esta doudice ou o modo d'este endoudecer, dizem que é *circumferendo*, dando lhe volta ao juizo. Mas o nosso parece que está duvidoso em crer um tamanho excesso; porque o contrario diz a experiencia. É certo que ha muitas calumnias e muitos falsos testimunhos: e comtudo não vemos endoudecer os calumniados. Se assim fôra, todo o

ᶦo estivera na casa dos loucos. Pois se ha tantos calum- porque ha tão poucos doidos? Porque ha poucos sizu- Escriptura não diz que a calumnia faz endoidecer a to-) aos sabios: *Calumnia insanire facit sapientem.* Ca- infamado só perde o juizo quem o tem.

circumstancia consistiu o heroico da virtude da nossa ..: sendo virgem prudente, vêr-se reputada por louca e não en- ..quecer. As virgens nescias bem me rio eu que endoidecessem, porque não tinham juizo para tanto. E para que vejais se tinha bastante razão Iria para lhe dar o juizo uma volta, «considerae-me a gravidade da calumnia» que a tocava na parte mais viva e mais delicada da honra, qual é a honestidade de uma donzella nobre. Todos d'antes a reputavam por virgem purissima; e tanto que foi calumniada, todos a reputaram má mulher, trocando o conceito e juizo que da sua virtude faziam. «Sem duvida que por esta mudança da opinião do povo» endoideceria sendo tão sabia e prudente, se a sua sabedoria e prudencia não fôra excellentemente heroica.

Sancta Iria ficou constante.

Por excellentemente heroica louvam todos os sanctos a constancia de Susanna calumniada e infamada: mas as circumstancias do seu caso nenhuma comparação tem com o de Sancta Iria. Diz Sancto Ambrosio que accusada Susanna calava, porque tinha contra si o numero e a edade dos seus accusadores: *Numerus sacerdotum atque senectus vocem auferebat puellae.* Todos se compadeciam de Susanna e todos defendiam sua innocencia; e ella comtudo não se defendia, mas calava; porque os accusadores eram dous e ella uma, os accusadores velhos e ella moça. Vêde agora quanto vai de caso a caso. Susanna tinha dous contra si; e Iria não só dous contra si, nem só duzentos, senão universalmente todos e a uma voz; não havendo quem ao menos pozesse em duvida a sua culpa, mas reconhecendo-a todos por verdadeira, suppondo-a todos por certa e condemnando-a todos como provada. Susanna tinha contra si uma só edade e uma condição de homens; e Iria tinha contra si todas as edades e todas as condições e todos os estados; os velhos e os moços, os grandes e os pequenos, os ecclesiasticos e os leigos, os nobres e os plebeus, os homens e as mulheres, sem haver algum ou alguma que não accrescentasse á sua infamia algum novo nome e novo genero de affronta. A razão, a innocencia, a verdade, a consciencia tudo alli estava opprimido da semrazão, da calumnia, da mentira, da injustiça, do odio, da vingança; e posto que a consciencia deante de Deus val mil testimunhas, deante dos homens tinha Iria contra si uma só, que valia para com elles mais que muitas mil, qual é a dos olhos.

Compara-se com Susanna. *Dan.* 13

Que importa que a defendesse a consciencia que se não vê, quando testimunhava contra ella a vista de todos? E que comparação teem com esta afflicção as angustias a que se viu reduzida Susanna: *Angustiae sunt mihi undique?*

Os grandes trabalhos chamam-se na Escriptura calix. *Jerem.* 25

Os grandes trabalhos, afflicções e angustias chamam-se na sagrada Escriptura calix: porque assim como o vinho demasiadamente bebido tira o juizo, assim os trabalhos, angustias e afflicções, se são grandes, teem os mesmos effeitos em quem os padece e o fazem endoidecer. Bastem por todos os exemplos os do texto de Jeremias: *Sume calicem vini furoris hujus de manu mea et propinabis de illo cunctis gentibus ad quas ego mittam et bibent et turbabuntur et insanient.*

A tempestade de David e a de Sancta Iria. *Ps.* 106

Tal foi o effeito d'aquella terrivel tempestade em que diz David que as ondas subiam até o céu e desciam até os abysmos e os pilotos, areados com o juizo perdido, não se podiam ter em pé: *Ascendunt usque ad coelos et descendunt usque ad abyssos: anima eorum in malis tabescebat, turbati sunt et moti sunt quasi ebrius.* Os homens ainda não tinham naufragado; mas o juizo e o intendimento e toda a sciencia nautica já estava sossobrada, afogada e perdida: *Omnis sapientia eorum devorata est.* Nada foi menor que esta a tempestade em que se via correr fortuna (deixae-me chamar-lhe assim) a náu Sancta Iria. Verdadeiramente subiram as ondas ao céu, porque chegaram a bater o celeste e quebrar no estrellado de suas virtudes; e desceram até os abysmos, porque até o mais profundo da deshonra e da infamia chegou o abatimento de suas affrontas. Todos os ventos e elementos se conjuraram para o seu naufragio, ajudando o horror d'elle o escuro da noite e o apagado do pharol. O escuro da noite, porque nenhuma claridade apparecia que podesse descobrir o engano; o apagado do pharol; porque sendo Iria virgem prudente, o mesmo vento «aos olhos dos homens» lhe apagou a alampada, ficando tão escurecida como a das loucas. Que se seguia, pois, n'este estado, senão arear, enlouquecer e perder o juizo? Mas como o lastro era a consciencia, o bojo a largueza de animo, o leme a prudencia e o piloto o juizo de Iria, tão fóra esteve de arear ou se perder, que sempre esteve firme, constante e superior a todos os mares. Só se pareceu com Susanna no admiravel silencio «com que» tudo soffria, calava e comia comsigo. E comia comsigo torno a dizer.

Comia comsigo as affrontas que eram effeitos da calumnia. *Eccli.* 7

Sobre a sentença que allegamos do Espirito Sancto em que diz que a calumnia faz endoidecer os sabios, accrescentou logo o mesmo texto que para maior perdição do juizo faz tambem a calumnia perder a fortaleza do coração: *Et perdet robur cordis illius.* Mas o que n'este additamento merece não vulgar repare

é a versão syriaca, a qual em logar de Fortaleza do caração traslada o Coração dos dentes: *Et perdet cor dentium illius*. Quem viu nunca nem ouviu tal anatomia do coração? Por ventura o coração tem dentes? Direi. O coração dos que a calumnia endoidece, não; mas o dos que não perdem n'ella o juizo, sim. A calumnia, o falso testimunho e a affronta e infamia que d'ella resulta, teem muitas durezas que quebrar, que mastigar, que moer e remoer; e isto só o faz um coração tão generoso, tão grande e tão forte como o de Sancta Iria. Outro coração que em tal estado se achasse com dentes, morder-se-ia de raiva, comer-se-ia de desesperação, ou se enviaria como um leão furioso a despedaçar vivo o enganoso auctor de tão extranha maldade. Porém o coração heroico de Iria nunca mais em si, quando tantas razões tinha para sair fóra de si, tudo soffria, tudo calava, tudo comia comsigo. Ó mulher mais que mulher, em que só a prudencia pôde digerir o que tragou a innocencia; a innocencia tragou a bebida, a prudencia a infamia. Na opinião como louca e não virgem; na realidade como virgem prudentissima superior a todas: *Quinque autem ex eis erant prudentes*.

IV. Muito foi não enlouquecer Sancta Iria na opinião de louca: mas muito mais foi ainda não se conformar com a mesma opinião e vendo-se infamada não cooperar com a mesma infamia. É tal a força e poder da infamia (notem muito isto os que tão facilmente infamam as honras alheias) é tal a força e poder da infamia, que sendo a calumnia testimunho falso a mesma infamia fará que a innocencia infamada o faça verdadeiro. Tanta é a connexão que tem a infamia com a culpa, «que de regra ordinaria» ainda no mais innocente ou a suppõi ou a causa; porque a calumnia antes de infamar é testimunha do que não foi; mas depois de ter infamado é prophecia do que ha de ser. Está «uma pessoa» infamada? Pois ella «sem um auxilio particular da graça» perderá a innocencia, se a não tem perdido; e fará as mesmas e peiores infamias, se as não tem feito.

A calumnia é tambem laço para fazer cair.

E para que apertemos bem esta consequencia ainda em comparação da nossa Sancta, ponhamol-a tambem em sujeito sancto. Uma das notaveis petições que fez David a Deus foi esta: *Redime me a calumniis hominum, ut custodiam mandata tua*: peço-vos, Senhor, que me livreis das calumnias e falsos testimunhos dos homens para que eu guarde vossos mandamentos. Quem haverá que se não admire d'este *para que?* A guarda dos mandamentos de Deus só depende do alvedrio proprio, e não de poder algum creado ou humano ou angelico ou diabolico, que possa impedir ao mais fraco homem a observancia da lei divina. Como pede logo David a Deus, que o livre das calum-

Auctoridade de David e a de sancto Agostinho. *Ps. 118* *Euthymium et Calmet*

nias dos homens para que guarde os seus mandamentos? Porque ainda que as calumnias e falsos testimunhos não tiram ao homem o alvedrio, tiram-lhe a fama; e um homem infamado está no maior risco e na maior tentação de não fazer caso da lei de Deus e de se precipitar ás mesmas baixezas e commetter os mesmos delictos de que se vê infamado. Sancto Agostinho diz que a todo o homem é necessaria a consciencia e mais a fama: a consciencia para si, a fama para os outros: *Conscientiam propter nos, famam propter alios.* Disse bem o grande doutor; mas não disse tudo. A consciencia é necessaria para nós e a fama para os outros: mas não só para os outros, senão tambem para nós; porque se perdermos a fama, tambem perderemos a consciencia. Este é o verdadeiro sentido e a fortissima consequencia das palavras de David; nas quaes se deve notar, que não só diz a Deus que o livre das calumnias, senão propriamente que o resgate d'ellas: *Redime me a calumniis hominum.* Se um homem se visse captivo nas masmorras de Argel, não teria muita razão de dizer a Deus: Senhor, resgatae-me d'este captiveiro, para que não chegue a risco de renegar? Pois do mesmo modo diz David a Deus que o resgate das calumnias dos homens para que guarde seus mandamentos: porque, sendo tão Sancto David, não fiava da sua virtude, nem da sua constancia, que calumniado e infamado, em vez de perseverar firme na observancia da lei divina, a mesma infamia o não precipitaria aos vicios de que se via calumniado.

Por isso Romigio calumniou a sancta. A honra é o segundo anjo da guarda.

Agora intendereis a verdadeira razão por que Remigio, vendo-se resistido de Sancta Iria, se resolveu a buscar um meio de a infamar publicamente. Bem podia ser odio e vingança, como diziamos; mas não foi senão um novo e ultimo artificio de a render: intendendo que se, em quanto conservava a honra e boa opinião, resistiu com tanta fortaleza, depois de affrontada com uma infamia tão publica, não tendo já que perder, se renderia facilmente. A razão natural, certa e experimentada d'esta moral philosophia é a grande dependencia que tem a virtude, da honra. A honra é o segundo anjo da guarda da virtude e «naturalmente» mais poderoso para comnosco que todos os anjos; porque é anjo que se vê.

O anjo que guiava os hebreus pelo deserto e o anjo da honra. Exod. 13

Quando os filhos de Israel sairam do Egypto e caminharam para a terra de Promissão cada um tinha o seu anjo da guarda, o qual os guardava, como a nós o nosso, invisivelmente: mas além d'estes anjos invisiveis, deante de todos ia outro anjo visivel e manifesto aos olhos; e este era o que os guiava e ao qual seguiam. Mostrava-se este anjo em duas columnas, uma de nuvem, com que de dia os defendia do sol e outro de fogo

·e de noite os allumiava: *Per diem in columna nubis, per* ·*n columna ignis*. Tal é o anjo da guarda da virtude a ·i segundo. Toda a virtude e mais a da honestidade; ·nos, tem suas tentações de dia e de noite; e em· . guia e nos defende o anjo da guarda da honra. De· ·ra o calor do appetite, como nuvem que refrigera; e de · contra as confianças da escuridade, como fogo que allu·
·ia.

A virtude gera a honra e a honra defende a virtude como Samsão defendeu a seus paes.

São a honra e a virtude entre si como os bons paes em respeito dos filhos e os bons filhos em respeito dos paes que lhes deram o ser. A virtude gera a boa fama e a boa fama defende a virtude. Samsão e seus paes todos caminhavam pela mesma estrada; mas quem os defendeu do leão que saiu do bosque? Não os paes ao filho, senão o filho aos paes. A virtude é a que dá o ser á honra e á fama; mas a honra e a fama são as que defendem a virtude.[1]

E como a honra (cuja ambição natural nasceu com o homem) não só é o incitamento e premio da virtude, senão a unica guarda e defensora d'ella; esta foi a singularissima gloria de Sancta Iria, que, infamada e perdida totalmente a honra, desarmada e sem defensa... que digo desarmada e sem defensa? Só, desamparada e combatida de todas as partes, não por um inimigo,

[1] D'aqui se intenderá uma notavel providencia com que Deus permittiu que se introduzisse no mundo uma grande injustiça. E que injustiça é esta? É que sendo os peccados contra a honestidade egualmente graves para com Deus nas mulheres e nos homens, causam ás mulheres maior infamia. E porque permittiu a providencia divina no mundo uma tão grande injustiça? Porque defendendo a honra ao menos de uma das partes a castidade, tivesse resistencia o vicio da torpeza e não abrazasse totalmente o mesmo mundo, diz Sancto Ephrem. Tanto mais poderosa é na natureza humana, ainda depois de corrupta, a estimação da honra, que a tentação do appetite! Porque viviam castamente os athletas e todos os que haviam de correr nos jogos olympicos, sendo gentios? Assim o affirma S. Paulo: *Hi qui in stadio currunt ab omnibus se abstinent*. E o motivo, posto que vão, d'esta abstinencia era, diz o mesmo apostolo, porque com a estimação da honra e fama venciam e mortificavam o appetite. Não se póde negar que a conservação da virtude tem o seu trabalho: mas não é necessario ser bom, para soffrer o trabalhoso d'ella, por conseguir o honroso. Não hei de provar este poncto com auctoridades de Sanctos; mas com o exemplo dos homens mais máus, mais vis e mais mofinos do mundo. A gente peior e mais mofina do mundo são os hypocritas e tambem as hypocritas: porque? Porque padecem o trabalhoso da virtude e perdem o meritorio. Mas n'isso mesmo nos provam e nos ensinam quão poderoso é mais que tudo na natureza humana, ainda depravada, o amor da opinião e da honra. Nos seus jejuns, nas suas penitencias e nas suas orações ou superstições, são martyres do diabo; e comtudo se dão por bem pagos de supportar todo o trabalhoso da virtude, só por conseguir o honroso d'ella.

nem por muitos, senão por todos os que a conheciam; não com um só genero de affrontas, senão com todas as machinas que o odio, a astucia e a maldade podem inventar; nem por um dia ou muitos, senão por toda a vida; se conservasse comtudo a virtude tão constante, firme, inteira e sem a menor lesão nem abalo, como se estivera cercada de muros de bronze e torres de diamante!

A virtude e a honra são para a alma muro e antemural. Ezech. 22 Thren. 2 Cant. 1

A fortificação das cidades mais inexpugnaveis, segundo a architectura militar antiga, consistia em muro e antemural; o muro que cingia e defendia a cidade; o antemural que cingia e defendia o muro. Assim o canta o propheta Isaias da cidade de Jerusalem, a que chama fortissima: *Urbs fortitudinis nostrae Sion: murus ponetur in ea et antemurale*. Sitiada, porém, e batida uma d'estas cidades, que succedia? O que Jeremias chora da mesma Jerusalem: *Luxit antemurale, et murus pariter dissipatus est*: caiu o antemural, e junctamente caiu logo o muro; e o antemural e o muro e a cidade tudo ficou por terra. A mystica e espiritual Jerusalem é a alma ornada de todas as perfeições: *Formosa sicut Jerusalem*: o muro é a virtude, o antemural que a defende é a honra; e tanto que caiu e se perdeu a honra, logo caiu e se perdeu tambem a virtude. É o que acontece tambem hoje, fallando em phrase militar moderna. Tanto que se perderam as fortificações exteriores, logo as muralhas são picadas, minadas e voadas; e a praça se entregou aos inimigos. O mesmo succede á virtude. Perdida a honra e a fama, entra no seu logar a affronta e a infamia; e por estas não só brechas mas portas abertas, se franquea o passo livre a todas as maldades.

Sancta Iria comparada com Judith quanto á fama segundo o texto de S. Paulo. 2 Cor 6 Vide Corn. a Lap.

Estas são as regras e perigos geraes da virtude affrontada e infamada, nas quaes tambem havia de ser comprehendida a nossa Sancta, se com virtude singularissimamente heroica não fôra excepção de todas ellas. Só Sancta Iria soube desaffrontar as affrontas e afamar as infamias De Judith, diz a sagrada Escriptura que era famosissima entre todas as mulheres; e dando razão d'este superlativo de famosa accrescenta o texto: *Quoniam timebat Dominum valde nec erat qui malum loqueretur de ea*: porque era muito temente a Deus, e não havia pessoa alguma que d'ella dissesse mal. Vêde agora quanto vai de fama a fama e de Judith a Iria. Judith era temente a Deus e Iria temente a Deus: de Judith não havia quem dissesse mal; de Iria não havia quem não dissesse os maiores males; e se a virtude de Judith era famosissima com boa fama, julgae se a virtude de Iria no meio de tantas infamias era mais que famosissima. S. Paulo deu por empreza á virtude heroica aquel-

la famosa disjunctiva: *Per infamiam et bonam famam:* ou por boa fama ou por infamia. Judith e Iria partiram entre si esta sentença: a Judith tocou o *per bonam famam* e a Iria o *per infamiam*. Mas a esta parte deu o Apostolo o primeiro logar; porque o mais heroico da virtude não consiste em ser famosissima com boa fama, senão em ser famosissima na infamia. Maior virtude é a infamada que a famosa: porque a famosa póde ter por fim a gloria propria; a infamada não tem outra gloria nem outro fim senão a Deus. Tal foi o mais que heroico resplandor da nossa gloriosissima virgem. Para com Deus com a alampada accesa e resplandecente, como virgem prudente; e para com os homens com a mesma alampada apagada e escurecida, como virgem louca: *Quinque autem ex eis erant fatuae et quinque prudentes.*

Martyrio da Sancta.

V. Atégora não fallámos em Britaldo, segunda e funestissima parte d'esta cruel tragedia. Esquecido Britaldo do milagre com que Iria lhe déra a saude, mas mui lembrado da promessa condicional que lhe tinha feito, seguindo a falsa, mas apparente opinião de todos e julgando a innocente e castissima virgem por tão infiel a Deus, como a si mesmo, com aquelle odio em que o amor desprezado e a dignidade da pessoa lesa se converte em furor; irado, vingativo e poderoso que faria? Soube o logar em que Iria nas ribeiras do rio Nabão passava o silencio das noites em familiarissima conversação com Deus, não queixando-se das suas infamias, mas dándo-lhe infinitas graças por ellas; e alli mandou a seus soldados que lhe tirassem a vida. Executaram a detestavel sentença os impios ministros; e tão enganados e cegos, como quem os mandava, fazendo a morte mais cruel com exquisitas tyrannias, aberto o sagrado corpo em feridas e envolto em sangue, o lançaram na corrente do rio: que assim o dispunha tambem a fera sentença. Já agora estará satisfeito o cego amor de Remigio; já estará satisfeito o odio tambem cego de Britaldo: mas muito mais satisfeita está a alma de Iria, a quem estas duas cegueiras abriram os olhos da immortalidade, para que eternamente começassem a ver a Deus e gozar, como estão gozando, os applausos do céu, onde não chegam as infamias da terra.

A sua morte, porém, foi menor tormento que a infamia. Texto notavel da Escriptura e exemplo de Christo. *Eccli.* 26 *Matth.* 26

Mas porque na mesma terra não bastou o sangue de Iria nem as aguas do Nabão para lavar a sua infamia, ainda contumaz nos juizos e linguas dos homens; justo será que nós ponhamos em questão e resolvamos seria e sinceramente, qual dos dous foi mais cruel com Iria n'esta lastimosa tragedia, se Remigio ou Britaldo ambos captivos da sua formosura e ambos vingadores do seu constante e sancto desamor. Que fez Britaldo

e que fez Remigio? Remigio tirou-lhe a fama, Britaldo tirou-lhe a vida; e não ha duvida que mais a offendeu e martyrizou Remigio que Britaldo. Parece que se apostou o Espirito Sancto a advogar por esta causa, provando com textos expressos a verdade da minha resolução. No cap: 96 do Ecclesiastico diz assim o texto sagrado; *Delaturam civitatis et collectionem populi, calumniam mendacem super mortem omnia gravia.* A accusação de uma cidade e o ajunctamento de um povo e a calumnia falsa e mentirosa, todas estas cousas são mais graves e mais difficultosas de soffrer que a morte. Vêde se tive eu razão para dizer que este texto foi dictado pelo Espirito Sancto e escripto nos canones do Ecclesiastico em prova expressa do nosso caso por todas as suas circumstancias. Sancta Iria foi accusada por toda a cidade de Nabancia, *delaturam civitatis:* foi provado o seu delicto por todo o ajunctamento do povo; porque ninguem houve em todo elle que defendesse nem acudisse por sua innocencia, nem ainda o imaginasse, *collectionem populi*; e tudo isto fundado em uma calumnia falsa e mentirosa e tanto mais enganosa, quanto com maiores apparencias, *et calumniam mendacem.* E se cada uma d'estas cousas por decisão canonica do mesmo tribunal divino é mais grave e intoleravel de soffrer, que a mesma morte, *omnia super mortem gravia;* quanto mais todas junctas? Logo não ha duvida que a calumnia e engano de Remigio, que occasionou a accusação de toda a cidade e conspiração de todo o povo unido no mesmo conceito e na mesma voz, com que todos criam e abominavam a Iria, foi mais grave e cruel que a morte que lhe deu Britaldo. Britaldo offendeu a Iria com armas de ferro, Remigio com settas de carvão e de carvões tirados do fogo do inferno. As armas de ferro ferem; as armas de carvão tisnam: as armas de ferro que ferem, podem tirar a vida, as de carvão que tisnam, tiram e infamam a honra. Taes foram as settas de Remigio tiradas de longe e á falsa fé, comparadas com as de Britaldo executadas de perto. As de Britaldo tiraram-lhe a vida, mas vestiram-na de purpura com o sangue: as de Remigio deixaram-na viva, mas tisnaram-lhe a honra com o carvão da infamia. Seja juiz n'esta causa o mesmo Christo. Os inimigos de Christo não só lhe quizeram tirar a vida, senão tambem a honra. Para lhe tirarem a vida pregaram-no em uma cruz: para lhe tirarem a honra pozeram-no entre dous ladrões. E qual d'estas duas circumstancias sentiu mais o Senhor, a companhia dos ladrões ou os cravos da cruz? É certo que a companhia dos ladrões, como elle mesmo declarou quando o prenderam para o crucificarem: *Tanquam ad latronem venistis comprehendere me.* E a razão manifesta é, por-

e o ferro dos cravos tirou-lhe a vida, a companhía dos ladrões infamava-lhe a honra: por isso prophetizou Jeremias que morreria farto de affrontas: *Saturabitur opprobriis*: sendo que na mesma cruz teve sede de mais tormentos, como declarou quando disse *Sitio*. E tudo foi. Morreu sequioso de tormentos, porque ainda desejava mais o seu amor; de affrontas, porém, farto, porque não teve mais que desejar a sua paciencia.

A vida é um bem que morre, a honra é immortal. *Eccli.* 41

Isto mesmo se deve julgar sobre a morte da nossa Sancta, comparada com as suas infamias. E se me perguntardes, porque foi mais cruel o martyrio de quem lhe infamou a honra, que de quem lhe tirou a vida, o mesmo Espirito Sancto que defende esta causa deu a razão: *Bonae vitae numerus dierum, bonum autem nomen permanebit in aevum*. A vida é um bem que morre; a honra e a fama é um bem immortal: a vida por larga que seja, tem os dias contados, a fama por mais que conte annos e seculos, nunca lhe ha de achar conto, nem fim, porque os seus são eternos: a vida conserva-se em um só corpo, que é o proprio, o qual por mais forte e robusto que seja por fim se ha de resolver em poucas cinzas: a fama vive nas almas, nos olhos e na bocca de todos, lembrada nas memorias, fallada nas linguas, escripta nos annaes, esculpida nos marmores e repetida sonoramente sempre nos echos e trombetas da mesma fama. Em summa, a morte mata ou apressa o fim do que necessariamente ha de morrer; a infamia affronta, afea, escurece e faz abominavel um ser immortal, menos cruel e mais piedosa se o podera matar. E como a morte offende a mortalidade da vida e a infamia a immortalidade da honra, muito mais cruel e deshumano foi Remigio com Iria infamando-a, que Britaldo mandando-lhe tirar a vida.

A immortalidade da sua pureza trocada pela immortalidade da infamia.

Se considerarmos o barbaro e injustissimo motivo de calumniosa infamia, que foi a honradissima resistencia e constantissima castidade da purissima virgem, ainda foi mais clara e manifesta a cega e sacrilega ousadia de querer matar Remigio não só na pessoa mortal, mas na mesma virtude immortal a sua natural immortalidade. Um principal attributo da virtude da castidade, como virtude verdadeiramente angelica, é ser immortal. Outra vez o mesmo Espirito Sancto no cap. 4.º da Sabedoria exclamando assim: *O quam pulchra est casta generatio cum claritate; immortalis est enim memoria illius, quoniam nota est apud Deum et apud homines*. Oh quão formosa é a geração casta; porque a sua memoria é immortal para com Deus e para com os homens. O fructo da geração é a perpetuidade dos homens, os quaes, como morrem e hão de morrer em si, perpetuam-se nos filhos. Mas esta perpetuidade é mortal, porque os filhos, assim como seus paes,

tambem são mortaes. Porém a geração casta e virginal «se perpetúa em si mesma com» duas immortalidades uma para com Deus e outra para com os homens: para com os homens com a memoria immortal e para com Deus com a gloria tambem immortal: *Immortalis est enim memoria illius, quoniam nota est apud Deum et apud homines.* «Mas notae.» Todos estes louvores da castidade virginal não os dá a Escriptura, só á geração casta, senão á geração casta com claridade: *O quam pulchra est casta generatio com claritate:* «e se a claridade de Iria ficava escurecida com a infamia; como seria immortal para com os homens a memoria da sua virtude? Para com Deus que via a sua innocencia, sim: mas para com os homens» que immortalidade podia esperar, se não a da sua deshonra? Havia de viver assim infamada na opinião dos presentes; e com a mesma affronta havia de continuar depois da morte, infamada na memoria dos vindouros: de sorte que esta mesma virgem, que hoje celebramos como unica entre as virgens prudentes, a haviamos de desprezar e abhorrecer como uma das loucas. «Tão grande era o poder da calumnia para escurecer a virtude da nossa Sancta.»

Mas por isso foi mais admiravel. Formosa como a lua no seu ultimo minguante. Cant. 6

Mas n'esta mesma opposição e contrariedade consistiu a sua maior gloria, clara e escura junctamente, *apud Deum et homines*: na terra, escura para com os homens e no céu clara para com Deus. Diga se, pois, das outras virgens: *O quam pulchra est casta generatio cum claritate:* ellas formosas com a claridade; porém Iria mais formosa que todas, porque formosa com claridade e sem claridade: com claridade, porque clara para com Deus na virtude; sem claridade porque escura para com os homens na infamia. E se duvidais e quereis saber como d'este claro e escuro se podia compor uma perfeita formosura, digo que como a da lua: *Pulchra ut luna.* A lua no ultimo poncto ou parocismo do seu minguante para a parte de dentro e do céu está clara e para a parte de fóra e da terra, toda escura. Assim tambem a nossa Sancta para a parte de fóra, onde ficavam as virgens loucas com a alampada apagada, escurecida com ellas nos olhos dos homens: *Quinque autem ex eis erant fatuae:* mas para a parte de dentro, onde entraram as prudentes com a alampada accesa, resplandecente, como virgem prudentissima, aos olhos de Deus: *Et quinque prudentes.*

E como a lua tornou a resplandecer. O Senhor desaffronta a sua pureza com milagres. Luc 21 1 Cor. 6

VI. Mas esperae um pouco, que assim como a lua totalmente escurecida se restitúi outra vez á sua natural luz e formosura e não só resplandece em si, mas illumina o mundo; assim triumphando a virtude contra a malicia, a verdade contra a mentira e a justiça divina contra a astucia e temeridade humana, as affrontas de Iria se converteram em honras, as infa-

mias em louvores, os desprezos em applausos e as injurias em glorias. E que fez Deus para isso? Caso maravilhoso! Trocou a ordem universal de sua providencia e para acudir pela honra de Iria, anticipou o dia do juizo. Morreu a innocentissima virgem mais ferida das calumnias, que das feridas que lhe deram a morte; e como se o fim da sua vida fosse o fim do mundo, no mesmo dia sentenciou Deus a sua causa e lhe deu a gloriosa victoria de seus calumniadores. David, como dissemos, pedia a Deus que o remisse das calumnias dos homens: *Redime me a calumniis hominum:* Deus promette que assim o fará com todos os calumniados; mas quando, ou para quando? Para o dia do juizo. Isto significam expressa e litteralmente aquellas palavras que o mesmo Senhor dirá então: *Respicite et levate capita vestra; quoniam appropinquat redemptio vestra:* então se publicará n'aquelle immenso theatro em que nos havemos de achar todos; e o engano e malicia dos que falsamente os calumniaram. Até S. Paulo nas calumnias que contra elle levantavam seus emulos, se consolava com a certeza d'esta esperança; e com a mesma nos exhorta a que não queiramos julgar antes de tempo: *Nolite ante tempus judicare, quoadusque veniat Dominus, qui et illuminabit abscondita tenebrarum; et tunc laus erit unicuique a Deo.* Pois se Deus tem signalado aquelle ultimo dia para julgar as causas dos innocentes; se então se ha de allumiar tudo o que agora está escuro e manifestar tudo o que agora está encoberto; e se então com testimunho e auctoridade irrefragavel serão louvados de Deus os que agora são calumniados dos homens: *Et tunc laus erit unicuique a Deo;* sendo já passados antes do dia do juizo e depois do caso de Sancta Iria mais de mil annos; porque não esperou Deus por aquelle *tunc;* e o anticipou tanto tempo antes? Porque teve Sancta Iria paciencia para soffrer e não Deus para esperar. Que fez Iria no meio de tantas calumnias, affrontada, infamada e condemnada de todos? Não se queixou, não se defendeu, não accusou a traição do falso amigo; e antes quiz que o seu credito fosse reo do que não tinha commettido, que descobrir o auctor de tão horrenda maldade. E agradou-se Deus tanto d'aquelle silencio, d'aquella modestia e d'aquella paciencia que «não quiz» esperar as tardanças do tempo; e dispensando ou quebrando todas as leis ordinarias da sua providencia, a que o mundo reputava por mulher louca declarou por virgem prudentissima, e a que todos infamavam de peccadora, canonizou por sancta, sendo os sellos pendentes das bullas da sua canonização, como lhe chamam os sagrados canones, os muitos e prodigiosos milagres com que então publicou e provou o céu a innocencia e sanctidade de Iria.

O Tejo e Santarem desaggravam a Sancta pelo que soffreu no rio Nabão e na villa de Nabancia.

Dous elementos concorreram para os tormentos que na vida e na morte padeceu a Sancta; que foram a terra e a agua. A terra na villa de Nabancia, a agua no rio Nabão: a terra «ás mãos de» Remigio, o auctor que machinou o engano a que se seguiu a infamia em todo o povo; a agua «ás mãos de» Britaldo, o tyranno que a sentenciou ao martyrio a que se seguiu a crueldade de seus soldados, que mortalmente ferida a lançaram por seu mandado na corrente do rio. E para que os mesmos elementos em maiores e melhores theatros concorressem para a honra da mesma sancta infamada e morta, a Nabão succedeu o Tejo e a Nabancia Santarem: o Tejo principe de todos os rios da Hespanha; e Santarem antiquissima côrte dos reis de Portugal. O Tejo levantando no fundo de suas areias de ouro e lavrando de finissimos marmores o mausoleo de seu sepulcro; e Santarem com o epitaphio, gravando nas pedras de suas torres e magnificos e sagrados edificios o nome de Iria com sobrenome ou antenome de sancta. Assim vingou Deus, honrando a Moysés, em um e outro elemento as injurias do rio Nilo e as da terra do Egypto com os triumphos do mar Vermelho e terra de Promissão. E se o sepulcro de Moysés o escondeu Deus aos olhos dos homens para que elles o não idolatrassem em injuria do mesmo Deus, tambem depois de uma vez visto o sepulcro de Iria, o escondeu Deus aos olhos dos homens em castigo e restituição da offensa que tinham feito ao mesmo Deus nas injurias da sua Sancta. Onde está hoje o sepulcro de Sancta Iria? Nem no fundo do Tejo o penetram os olhos, nem o acham as anchoras: todos o crêem e ninguem o vê. Porque? Porque assim como Deus no céu premia a virtude da fé com a vista, assim na terra quiz satisfazer com a fé dos presentes a vista dos passados; para que glorifique tanto á mesma Sancta a fé dos presentes com a verdade do que não vê, como a offenderam os olhos dos passados com a mentira do que viram.

Os filhos de Santarem filhos de Sancta Iria. O martyrio da Sancta analogo á morte do Salvador. *Isai.* 53

Oh ditosa e bemaventurada Iria, não menos nas suas mesmas offensas, que nas suas glorias! Se a offensa de Deus em Adão pelos grandes bens que d'ella occasionalmente se seguiram, se chama com razão feliz; sem encarecimento se póde dizer o mesmo do affrontoso testimunho levantado contra a virginal pureza de Sancta Iria. Se assim não houvera succedido, esta illustrissima republica tão fecunda de milagres, não seria Santarem, nem os filhos de Santarem filhos de Sancta Iria. Christo Senhor nosso não teve peccado proprio: mas porque morreu por peccado que não commettera, diz o propheta Isaias, que duraria sem fim a posteridade de seus filhos: *Si*

posuerit animam suam pro peccato videbit semen longaevum. Mais de mil e seiscentos annos ha que dura a posteridade dos filhos de Christo; e mais de mil que dura e continúa a dos filhos de Sancta Iria.

Os dous enganos porque padeceu a Sancta são dous documentos para os seus filhos.

Agora se seguia exhortar eu aos mesmos filhos a que imitem a mãe: mas só lhes digo, por cautela muito importante, que se lembrem do que a mesma mãe padeceu pelo engano dos olhos duas vezes enganados; uma vez enganados em Remigio e Britaldo por amarem o que viram, e outra vez enganados em todos os mais por crerem o que viam. Se amarem o que virem, serão loucos; se não crerem nem ao que virem, serão prudentes; e com estas duas advertencias serão verdadeiros filhos de uma virgem que com opinião de louca soube ser prudentissima: *Quinque autem ex eis erant fatuae et quinque prudentes.*

(Ed. ant. tom. 6, pag. 355, ed. mod. tom. 9, pag. 37.)

SERMÃO DE SANCTA BARBARA **

Observação do compilador.—A majestade e a ira de Deus representadas com as imagens que em varios paragraphos d'este rico sermão se tiraram do elemento do fogo, posto que sejam da Escriptura, podiam offender a sensibilidade de outros ouvintes, mas não a dos soldados de artilheria, aos quaes o sermão foi prégado na festa da sua padroeira. Pela mesma razão ninguem julgará fóra de proposito as largas e elegantes descripções dos males que causou a invenção da polvora; pois servem ao orador para inferir a maior necessidade que agora temos do patrocinio de Sancta Barbara. O sermão é mui notavel por sublimidade de estylo e riqueza de linguagem.

Simile est regnum coelorum thesauro abscondito in agro, quem qui invenit homo, abscondit et prae gaudio illius vadit et vendit universa quae habet et emit agrum illum.

S. Matth. 13

Qual a protecção de Sancta Barbara.

Assim como ha uns homens que nasceram só para si e outros que nasceram para si e para a republica, e por isso são os mais benemeritos do genero humano e celebrados da fama; assim ha uns sanctos que foram escolhidos só para louvar a Deus e outros para louvar a Deus e favorecer e ajudar aos homens. E sendo esta segunda prerogativa tão parecida ao mesmo Deus «feito homem» que não nasceu para si, senão para nós; e tão similhante aos anjos, que junctamente vêem a Deus no céu e nos guardam na terra; se fizermos comparação no mesmo genero entre os sanctos e sanctas, facilmente acharemos que egualou «os mais poderosos e beneficos»; quem? A gloriosa Sancta Barbara, a cuja protecção e memoria com tanto estrondo e abalo dos elementos se dedica este alegre dia.

Qual o reino do ceu e qual o thesouro de que falla o Evangelho.

Nas palavras que propuz, diz Christo Mestre divino e Senhor nosso, que é similhante o reino do céu a um thesouro escondido no campo, o qual como o achasse um homem venturoso, se foi logo a vender quanto tinha para comprar o campo e se fazer Senhor do thesouro. Para intelligencia de que thesouro escondido fosse este, é necessario saber primeiro, qual seja o reino do céu que Christo chama similhante a elle: *Simile est regnum coelorum thesauro abscondito in agro.* S.

Gregorio Papa adverte aqui doutamente que o reino do céu nas divinas lettras se divide ou distingue em dous reinos: um eterno, outro temporal; um futuro, outro presente; um na Egreja triumphante que descança em paz no céu; outro na guerreira e militante que ainda trabalha e peleja na terra. D'aqui se segue, que assim como ha dous reinos similhantes no thesouro escondido; assim ha dous thesouros escondidos, similhantes a um e outro reino; e estes são os dous thesouros que Sancta Barbara comprou.

Santa Barbara compra com o seu martyrio o ceu para si e a protecção para nós.

Tinha Sancta Barbara, como filha unica e herdeira de Dioscoro seu pae, senhor nobilissimo da cidade de Nicomedia, um riquissimo patrimonio dos bens que chamam da fortuna. Tinha mais outro mais precioso e mais rico, que era o de todos os dotes da natureza e graça: formosura, discrição, honestidade e as demais virtudes por onde o desejo e emulação de todos os grandes a procuravam para esposa. E tendo já consagrado tudo isto a Deus na flôr da edade, até a liberdade e a vida lhe sacrificou a sua fé e o seu amor: a liderdade em um dilatado martyrio, presa por muito tempo e aferrolhada em um castello: e a vida em outro martyrio mais breve, mas muito mais cruel sendo variamente atormentada com todos os generos de tyrannias e finalmente com a maior de todas, por mão de seu proprio pae. Este foi o preço verdadeiramente de tudo quanto possuia, com que Barbara comprou os dous thesouros; um para si, outro para nós. Para si, o da eterna corôa que goza em paz na Egreja triumphante do céu; para nós, o do perpetuo soccorro com que nos ajuda a batalhar e vencer na militante da terra. D'este, que é o que hoje vimos reconhecer deante dos seus altares em perpetua acção de graças, é o de que tractarei sómente: confessando porém primeiro, que para publicar os poderes e louvores de Sancta Barbara assim como os trovões da artilharia são mudos; assim as vozes mais polidas dos prégadores e toda a nossa eloquencia é «inculta». *Ave Maria.*

Os thesouros escondidos da natureza são as causas de que mais se preza a divina sabedoria
Job. 38
Is. 134

II. *Simile est regnum coelorum thesauro abscondito in agro.* Uma das cousas mais admiraveis que fez e tem Deus n'este mundo e de que sua sabedoria e grandeza muito se préza, são os seus thesouros escondidos. Por ventura (diz Deus a Job) entraste tu nos meus thesouros da neve ou viste os meus thesouros da saraiva, os quaes eu tenho guardado para o tempo dos inimigos e para o dia da guerra e da batalha? Por ventura póde atégora a especulação dos philosophos descobrir a origem e causas dos ventos, tão inconstantes e leves elles, e tão encontrados em suas opiniões como o norte e o sul? Mas por isso os desenganou David, que só Deus que creou os ventos os tira

quando e como é servido do secreto dos seus thesouros. Não é menor maravilha que não crescendo a superficie do mar um dedo, com todas as correntes dos rios que n'elle desaguam, sejam taes as inundações do mesmo mar que tenham afogado cidades e sepultado provincias inteiras. Mas todos estes diluvios particulares, sem serem ajudados do céu nem das nuvens, os tem depositado Deus nos occultos e profundos abysmos dos seus thesouros. Finalmente d'estes mesmos thesouros escondidos tinha já prophetizado «Moysés, quando disse fallando dos discendentes de Zabulon filho de» Jacob: *Inundationem maris quasi lac sugent et thesauros absconditos arenarum.*

O mais admiravel é o que descobriu a Sancta Barbara o thesouro do fogo.

De maneira que na terra, na agua, no ar, como em differentes e vastissimos campos, tem Deus escondidos seus thesouros. Mas nenhum d'estes, com serem tão grandes e tão varios, é o que o mesmo Deus descobriu a Sancta Barbara e de que ella com os cabedaes de seu merecimento se fez senhora. «Pois qual é este thesouro? O maior e mais nobre e mais escondido de todos.» O mais nobre e mais escondido thesouro do universo é o fogo. Lêde os prophetas que são os que «mais conheceram estes thesouros, e avaliaram o seu preço; e achareis que quando Deus quiz dar aos mortaes alguma idéa da sua grandeza, mostrou» que todo o apparato da sua majestade é fogo e tudo quanto decreta e executa por instrumentos de fogo. Se está assentado, o seu throno é de fogo: *Thronus eius flammae ignis.* Se sái a passear como em carroça, as rodas são de fogo: *Rotae ejus ignis accensus.* Se leva deante a sua guarda real, os archeiros são de fogo: *Ignis ante ipsum praecedet.* Para qualquer parte que volte o rosto, saem d'elle chammas de fogo: *Ignis a facie eius exarsit.* Se olha, é com olhos de fogo: *Oculi eius tanquam flamma ignis.* Se ouve, com ouvidos de fogo: *Deus qui exaudierit per ignem.* Se falla, com vozes de fogo: *Audisti verba illius de medio ignis.* Isto é o que viram os prophetas no céu; e tambem o viu todo o povo na terra, quando Deus desceu a lhe dar a lei no monte Sinai: *Totus autem mons Sinai fumabat; eo quod descendisset Dominus super eum in igne.* De todo o monte saíam e subiam nuvens espessas de fumo, porque Deus tinha descido sobre elle em fogo. Tudo o que se ouvia eram trovões: tudo o que se via, relampagos: *Et ecce coeperunt audiri tonitrua et micare fulgura.*

Dan. 7. Ps. 96 Apoc. 1 3 Reg. 18 Exod. 19.

O fogo emquanto é calor, está escondido em todos os corpos. Vide Cor. a lap. in cap. 1 Gen. vers. 2

«Tão admiravel por sua nobreza é o thesouro do fogo. E não menos admiravel por estar escondido. O fogo é no mesmo tempo luz e calor; e se como luz se manifesta nos corpos luminosos, em todos os outros como calor se occulta. Penetrando este fogo escondido todos os corpos e communicando-lhes a sua ac-

tividade dir-se-hia quasi alma material do mundo sensivel. D'ahi as vicissitudes das estações. D'ahi a vegetação das plantas. D'ahi o desenvolvimento das paixões da vida animal. Por meio d'este fogo escondido o Espirito de Deus dava ordem e vida ao chaos primitivo, distinguia os dias e as obras da creação e desenrolava á vista das creaturas intellectuaes o immenso panorama do universo.» Este thesouro, pois, tão propriamente escondido é o que Deus descubriu e de que deu o dominio a Sancta Barbara fazendo-a governadora, protectora e defensora do fogo, sujeitando os prodigiosos effeitos «d'este elemento» ao arbitrio de seus poderes e o soccorro e remedio d'elles á invocação de seu nome.

Como é que a Sancta comprou esse thesouro preferindo-a ás outras virgens e martyres?

III. Dizendo, porém, o evangelho que os thesouros de que falla, ninguem os alcança de graça, senão comprados e comprados com quanto possue: *Vendit universa quae habet et emit agrum illum;* qual foi o preço proporcionado e justo com que a nossa Sancta e ella só comprou e mereceu este extraordinario dominio? É questão curiosa e não facil. Para intelligencia d'ella havemos de suppor que estes thesouros, quaesquer que sejam, ou os compram os sanctos por mão propria, ou por mão alheia; os confessores compram por mão propria com as virtudes e boas obras que elles por si mesmos exercitam: os martyres compram por mão alheia, com os tormentos e crueldades que lhes fazem padecer os tyrannos. D'aqui parece que se segue que esta prerogativa de Sancta Barbara, qualquer outra virgem e martyr a mereceu egualmente, porque deu o mesmo preço. Que causa ha logo ou que razão de differença entre tantas virgens e martyres para que a singular prerogativa d'este dominio a désse a divina justiça, como premio de seu merecimento, unicamente a Sancta Barbara?

Morrendo martyr ás mãos de seu proprio pae.

A razão manifesta é, porque «ás circumstancias singulares do seu martyrio bem convinha a singularidade d'este dominio. Estae commigo.» Soube Dioscoro que sua filha era christã; e porque nenhum meio lhe bastou de promessas ou ameaças, de benevolencia ou rigor com que a podesse apartar da fé, que fez o deshumano? Intregou-a ao presidente Marciano debaixo de juramento, que todos os tormentos e generos de martyrios, quantos até então se tinham inventado, os havia de experimentar e executar n'ella; «até que lhe tirasse ou a fé ou a vida. Assim fallou o pae cruel; e não foi mais humano o presidente.» Os equuleos, as catastas, os escorpiões e pentes de ferro, as laminas ardentes, os chumbos derretidos, os peitos cortados, os dentes e voracidade das feras, tudo se experimentou em Barbara, não havendo parte sã e de que não corresse sangue em todo o delicado corpo; e fe-

rindo-se já não o corpo, senão as feridas umas sobre outras. Vencido, pois, Marciano e vendo esgotados em vão todos seus tormentos, pronunciou finalmente a ultima sentença e mandou aos verdugos que cortassem a cabeça a Barbara. Os verdugos? Replicou o pae: isso não, Eu sou e com estas mãos o que lhe hei de tirar a vida. Isto disse desembainhando a espada; e descarregando-a com toda a força na garganta innocente, com um golpe lhe apartou a cabeça dos hombros. Oh espectaculo, oh portento de deshumanidade, nem ouvido nem imaginado!

O martyrio de Barbara e o sacrificio da filha Jepte.

Um só pae lemos nas Escripturas que tirasse a vida a sua filha, que foi Jephte, em cumprimento de um voto que tinha feito a Deus. «É assim que muitos interpretes explicam o seu sacrificio. Mas alem de ser esta explicação duvidosa» que comparação tem aquelle caso com este? Aquelle foi um excesso de religião, este um prodigio de crueldade. Alli o pae era sacerdote, aqui sacrilego impio e blasphemo. Um sacrificava a filha amada a Deus; outro a filha abhorecida, aos idolos. Um derretendo-se-lhe as entranhas de compaixão como cera; outro com o coração mais duro que os marmores. Um correndo-lhe dos olhos lagrimas de piedade e amor; outro vomitando pela bocca labaredas de odio e ira. Um derramando o sangue da filha como proprio; outro não só como alheio, mas como de maior inimigo. Um tremendo-lhe a mão da espada; outro triumphando de a vêr tingir na purpura que lhe saira das vêas. Um matando a quem desejava a vida; outro tirando-a a quem a tinha dado. Um com o maior exemplo da fé; outro com o maior escandalo e horror da natureza. Em fim, ambos paes e ambas filhas; mas com tal differença em um e outro espectaculo, que vendo o sacrificio de Jephte choravam de lastima mulheres e homens; e á vista do parricidio de Dioscoro pasmavam e estavam attonitos os leões e os tygres. E como o martyrio de Barbara foi «tão» violento e furioso e «acompanhado por uma circumstancia tão singular;» por isso mereceu com elle o dominio do mais violento e furioso de todos os elementos.

Dous raios vingam a morte da Sancta e reconhecem o seu dominio

E se me perguntardes quando lhe deu Deus a investidura d'este imperio ou a posse d'este governo e de que modo; respondo que por meio de dous raios fataes pouco depois da morte da mesma Sancta. Concorreram, «como temos visto,» para a morte ou para o triumpho de Barbara, dous tyrannos um menor, outro maior, ambos cruelissimos. Que faria á vista d'este espectaculo o fogo que com instincto occulto e mais que natural já sentia n'aquelles sagrados e coroados despojos e já começava a reconhecer a nova sujeição e obediencia que depois de Deus lhe devia? Rasgaram-se no mesmo tempo as nuvens

ouvem-se dous temerosos trovões: os quaes, derribando, abrazando e consumindo os dous tyrannos, em um momento os desfizeram em cinzas. Ah! miseraveis idolatras e tyrannos impiissimos, que se no mesmo tempo em que os dous relampagos vos feriram os olhos, invocasseis o nome da mesma victima a quem tirastes a vida, ella sem duvida vos livraria da morte! Mas nem os tyrannos cegos souberam conhecer onde tinham o seu remedio, nem os mesmos raios que n'esta execução começavam já a professar o culto e veneração de Barbara, esperaram seu imperio ou consentimento para vingar suas injurias; porque não obravam como causas naturaes por proprio impulso, mas guiados por destino occulto e intendimento superior que os governava.

Os dous raios e os filhos de Zebedeu. Santa Barbara e nosso Senhor. *Luc.* 9

Aos dous irmãos Sanct-Iago e S. João mudou-lhes Christo o nome ou accrescentou-lh'o chamando-lhes *Boanerges*, raios ou filhos do trovão. E que fizeram estes dous raios tão intendidos? Negando os samaritanos a Christo a entrada da sua cidade, quizeram ambos castigar este desprezo e vingar a injuria do seu Mestre, fazendo como raios que descesse fogo do céu e abrazasse os samaritanos: mas este fogo, este zelo e este pensamento tão bravo e tão bizarro tudo ficou no ar e porque? Porque consultaram e pediram licença a Christo: *Domine, vis dicimus, ut descendat ignis de coelo et consumat illos?* Respondeu o Senhor que elle não viera ao mundo a matar homens, senão a salval-os; e que elles, como seus discipulos, haviam de perdoar injurias e não vingal-as. O mesmo havia de responder Sancta Barbara, se os nossos dous raios a consultaram ou lhe pediram seu consentimento para vingar as suas injurias e matar e abrazar os tyrannos. Mas elles «governados por outra intelligencia mais alta» intenderam melhor o caso.

Ás vezes por pedir licença se perdem as mais gloriosas acções. Observação de Chrysostomo a respeito dos unguentos de Magdalena.

Ha casos em que por pedir licença se perdem as mais gloriosas acções; «ou porque elles não admittem demora, ou porque se encontram com as regras ordinarias da prudencia. Por isso» notou discretamente S. João Chrysostomo que se a Magdalena pedira licença a Christo para lhe derramar uma vez aos pés, outra sobre a cabeça seus preciosos unguentos (que eram as aguas de Dordova ou de Ambar d'aquelle tempo); como este regalo fosse tão contrario á mortificação que o Senhor professava, claro está que lhe não havia de conceder a licença. Mas o mesmo Senhor que não havia de conceder a licença pedida; depois que a Magdalena sem a pedir lhe fez aquelle obsequio, não só defendeu a obra, mas a approvou e louvou. «Esta pois foi a politica bem entendida dos dous raios: sabendo que se pedissem licença á Sancta não poderiam castigar os dous tyran-

nos, primeiro feriram e executaram e depois protestaram sujeição e obediencia a sua senhora.» É texto excellente no livro de Job: *Nunquid mittes fulgura et ibunt et revertentia dicent: Adsumus.* Por ventura, diz Deus a Job, são taes os teus poderes, como os meus, que despidas do céu os raios e elles depois de executarem tornem a ti e te digam: Aqui estamos promptos para obedecer o que nos mandares? Os raios depois de qualificarem a sua obediencia com a execução, então é que protestam com dizerem: Aqui estamos: *Ibunt et revertentia dicent: Adsumus.* Isto é o que fizeram os dous raios vingadores das injurias de Sancta Barbara, começando a protestação e reconhecimento da sua obediencia e sujeição á Sancta pela antecipada execução do que deviam á sua honra sem esperar o mandado ou licença do seu imperio: «porque se a tivessem esperado. nunca do seu benefico coração a teriam obtido.»

Job. 38

IV. Para bem vos sejam, todo poderoso e todo piedoso Deus (que não me quero congratular n'este caso com a nossa e vossa Sancta; senão com a vossa infinita bondade); para bem vos sejam estes mesmos poderes que communicastes á vossa grande serva e defensora nossa para que tenha a vossa misericordia quem modere os rigores de vossa justiça; e quando a vossa mão armada de raios queira fulminar o mundo, ou vos tenha mão no braço, ou os apague e divirta antes de chegarem á terra.

Parabem á piedade divina

É tal a bondade de Deus (o qual ainda quando mais irado se não esquece de sua misericordia) que quando quer castigar os homens, o que mais sente é não haver algum que se lhe opponha e lhe resista. Esta é a queixa que faz por bocca de Isaias no capitulo cincoenta e nove; onde o propheta descreve ao mesmo Deus irado contra os captivos de Babylonia; e armado de justiça, de zelo, de indignação e vingança para os castigar. *Indutus est justitia ut lorica et galea salutis in capite eius: indutus est vestimentis ultionis et opertus est quasi pallio zeli: sicut ad vindictam quasi ad retributionem hostibus suis et vicissitudinem inimicis suis.* Estas eram as armas de que Deus já estava vestido de poncto em branco para executar o castigo n'aquelles homens. E a sua queixa no meio d'esta deliberação qual era? (Bemdicta seja tal bondade e tal amor!) *Et vidit quia non est vir; et aporiatus est, quia non est qui occurrat.* Assim provocado de sua justiça, assim irado, assim armado, assim deliberado a castigar e já com os instrumentos da vingança nas mãos, o que Deus mais sentia, o que mais o magoava, o que mais o affligia e quasi desesperava (que tudo isto significa *Aporiatus est*): emfim, o de que só se queixava o bom Senhor, é de não haver um homem que se oppozesse e contrariasse a

Queixa-se Deus de não achar quem lhe resista quando quer castigar. Texto notavel de Isaias. Cap 59.

sua mesma deliberação e acudisse pelos que queria castigar e rogasse e intercedesse por elles e com efficacia de razões, como Moysés, o persuadisse a perdoar; ou luctando com elle como Jacob á força de braços e a braços o reduzisse e rendesse.

E outro de Ezechiel. C. 13.

A mesma queixa fez outra vez Deus pelo propheta Ezechiel, dizendo: *Non ascendistis ex adverso; neque opposuistis murum pro domo Israel, ut staretis in praelio in die Domini.* Foi o caso que tinha Deus sitiado a cidade de Jerusalem com o exercito dos chaldeos para a castigar e destruir; e tendo já aberto as brechas para o assalto real, queixa-se Deus de que os cercados não fizessem contra-muros ás mesmas brechas: *Neque opposuistis murum;* e não saissem a defender fortemente a entrada dos inimigos. Pois se o sitiador era Deus e o exercito de Deus, e de Deus havia de ser a victoria e o castigo; *In die Domni;* porque se queixa o mesmo Deus de não haver quem se lhe oppozesse e resistisse? Porque sendo a condição de Deus não condemnar, senão perdoar: não assolar, senão consolar; não matar, senão dar vida; quando a mais não poder, toma as armas para nos castigar, o que mais deseja e estima é achar quem lhe resista e obrigue a embainhar a espada. Por isso quando dá similhantes poderes contra si ou sobre si mesmo a Barbara, não a ella, nem a nós, senão ao mesmo Deus dou eu o parabem; porque se d'antes dizia: *Non est vir qui occurrat,* e se queixava de não ter um homem que se lhe oppozesse; já agora terá uma mulher que o vença e desarme.

Quão temerosas armas são os trovões e os raios. 1 Reg. 2. 2 Reg. 22.

As mais temerosas e formidaveis armas de Deus são os trovões e os raios: *Dominum formidabunt adversarii eius; et super ipsos in coelis tonabit.* Armado d'estas armas nos pintou David ao mesmo Deus com tal horror de palavras que até pintado faz tremer: *Commota est et contremuit terra: fundamenta montium concussa sunt et conquassata, quoniam iratus est eis. Ascendit fumus de naribus eius, et ignis de ore eius vorabit: carbones succensi sunt ab eo. Inclinavit coelos et descendit; et caligo sub pedibus. Prae fulgore in conspectu eius succensi sunt carbones ignis. Tonabit de coelo Dominus et excelsus dedit vocem suam. Misit sagittas et dissipavit eos: fulgur et consumpsit eos. Et apparuerunt effusiones maris et revelata sunt fundamenta orbis ab increpatione Domini ab inspiratione spiritus furoris eius.* Não ha lingua que possa declarar a prosopopéa tremenda d'esta descripção: Inclinará Deus os céus e avizinhar-se-ha mais á terra para castigar seus habitadores: debaixo dos pés trará um remoinho de nuvens negras, escuras, caliginosas: das ventas lhe sairão fumos espessos de ira, de indignação, de furor: da bocca como de fornalha ardente, exhalará um vulcão de fogo tragador, que tudo accenda em brazas e converta em carvões: atroará os

attonitos com os brados medonhos de sua voz, que são ...s: cegará a vista com o fusilar dos relampagos alter... accesos, abrindo-se e tornando-se a cerrar o céu ...te fendido: disparará finalmente as suas settas, que ...s e coriscos: abalar-se-hão os montes: retumbarão ...es, afundar-se-hão até os abysmos dos mares, descobrir-...a o centro da terra; e apparecerão revoltos os fundamentos do mundo. E no meio d'esta confusão, assombro, terror e desmaio, quaes estarão os corações dos homens e que será d'elles? Consumil-os-ha Deus, diz David; *Et consumpsit eos*. Mas isto se intende do tempo em que David escreveu, muitos seculos antes de haver na terra a gloriosa defensora d'estas baterias e d'estes tiros do céu, até então invenciveis. Porém depois que no mundo foi conhecido aquelle sagrado nome, por mais que as nuvens se rasguem em trovões, se accendam em relampagos e se desfaçame m raios, (Sancta Barbara!) em se invocando e soando este poderoso e portentoso nome, os trovões, os relampagos, os raios tudo se dissipou: e aquelles estrondos, medos e ameaças do céu, não só pararam sem effeito e se desfizeram sem damno; mas d'onde a terra temia ser abrazada, se viu regada; porque os raios se resolveram em rios e o fogo se converteu em agua: *Fulgura in pluviam fecit*.

Ps. 134

Como é que Sancta Barbara nos defende d'estas armas.

Eu não quero, nem posso dizer, que depois que no mundo houve Sancta Barbara os raios não fossem nocivos aos homens, ou assombrando-os só com o ar, ou tirando-lhes a vida e fazendo-os em cinza com o fogo; pois estão cheias as historias das mortes notaveis de grandes personagens feridas e espedaçadas com raios. Mas o que só quero dizer é, que de pessoa que invocasse a Sancta Barbara e algum raio a offendesse nenhuma historia ha nem a póde haver, e porque? Porque assim o prometteu Deus á mesma Sancta. Antes de offerecer a garganta á espada do tyranno fez Barbara oração a Deus que a todos os que a tomassem por intercessora concedesse sua divina majestade o que pedissem; e no mesmo poncto se ouviu uma voz no céu que dizia: Assim será como desejas. Logo nenhum raio póde ferir a quem tomar por intercessora a Sancta Barbara. A consequencia é evidente: porque aquella voz que se ouviu do céu foi voz de Deus e a voz da Summa verdade «não póde enganar nas promessas.»

Com a invenção da polvora cresce a jurisdição da Sancta. Epocha e auctor da invenção.

V. Até aqui temos visto quaes são os poderes e dominio de Sancta Barbara sobre o fogo natural e contra os mais violentos e furiosos partos d'elle, quaes são os raios. Mas de trezentos annos a esta parte tem crescido muito mais a jurisdição e imperio da mesma Sancta sobre o elemento do fogo. Até ao anno

de Christo mil e trezentos e quarenta e quatro o campo em que dominava Sancta Barbara, *Emit agrum illum*, era a região do ar com os seus relampagos e raios e com todos os outros meteoros ardentes, que n'elle accende o fogo; em que tambem entram os vastissimos corpos e formidaveis incendios dos cometas. Este universal dominio, como governadora e protectora, exercitou a nossa Sancta por espaço de mil annos, que tantos se contavam desde o seu martyrio até o anno já referido de mil trezentos e quarenta e quatro. E faço aqui esta distincção de tempos e de poderes; porque n'este anno se acresceutou á mesma Sancta sobre a jurisdicção do fogo elementar e natural a dos artificiaes, cujos prodigiosos excessos, que cada dia vemos crescer mais e mais com novos horrores da natureza, então tiveram principio. Com razão clamam as Escripturas, que das partes septentrionaes e do norte sairia todo o mal. Assim se viu na Germania; porque d'ella saiu n'aquelle anno para peste universal do genero humano a fatal invenção da polvora, sendo seu descobridor Bertoldo Negro, o qual trazia no appellido a côr que havia de ter o seu infernal invento. Era Bertoldo de profissão religiosa; ao qual, como bem diz Espondano, fôra melhor que no tempo em que fazia aquellas experiencias, se estivesse encommendando a Deus: mas permitte o mesmo Deus similhantes invenções assim para castigo dos máus, como para gloria e exaltação dos Sanctos.

Sponden ann. Chris. 1344

O primeiro propheta que prophetizou os males que no septentrião haviam de ter sua origem, foi Jeremias; quando em figura de uma caldeira ardente viu o incendio com que Nabuzardão havia de abrazar a Jerusalem. E verdadeiramente que as suas palavras muito mais naturalmente se podem intender do incendio com que Bertoldo abrazou o mundo: *Ab aquilone pandetur malum super omnes habitatores terrae*. Aquelle fogo abrazou sómente os habitantes de Jerusalem; este tem abrazado e consumido a todas as nações do mundo. E d'elle se diz com maior propriedade *Pandetur malum*, que o mal se abriria e descobriria; porque até então estava encerrado e occulto nos segredos da natureza; e quando se inventou, então se descobriu.

Todo o mal vem do norte. *Jerem. 1*

Os primeiros que se acham haver usado da artilheria pelo artificio da polvora (ao menos na Europa) foram os mouros contra os christãos na batalha de Algezira em Hespanha. De maneira que, bem advertida a chronologia dos tempos, no mesmo seculo e quasi pelos mesmos annos, tiveram o seu infausto nascimento as maiores duas pestes do mundo a polvora e o imperio ottomano. E parece que assim estava prophetizada uma

Os turcos foram |, os primeiros que usaram da artilheria contra os Christãos. *Dan. 7. Vatabl. 1 alique*

e outra muitos seculos antes por Daniel no cap. 9.º Falla alli o propheta dos quatro mais famosos imperios do mundo; e com grande especialidade das tres partes do imperio romano, que lhe havia de roubar e dominar o turco na Asia, na Europa e na Africa, chamando ao mesmo turco *Cornu parvulum* pela baixeza de seus principios. E na mesma ordem da narração diz que viu Deus assentado no throno de sua majestade; e que da bocca lhe saía um rio de fogo arrebatado: *Fluvius igneus rapidusque egrediebatur a facie eius.* «Ainda que estas palavras se devam intender em sentido allegorico; não se póde negar que segundo a propriedade da phrase são a discripção mais viva do invento da polvora.» Primeiramente saía este rio de fogo da bocca de Deus; porque não só as cousas naturaes são effeitos da sua bocca e da sua voz, senão tambem as artificiaes; quando querendo ou permittindo, dispõi sua providencia que se façam. Este rio, pois, de fogo arrebatado e furioso da polvora se dividiu logo em tantos canaes, uns maiores, outros menores, quantos são os canos de ferro ou bronze por onde o mesmo fogo furiosamente rebenta; e por isso se chamam boccas de fogo. Na cavalleria as pistolas e as caravinas; nos infantes os mosquetes e os arcabuzes; nos exercitos e nos muros das cidades os canhões e as culebrinas. E todos estes instrumentos e os que os manejam, ficaram desde então sujeitos ao imperio e debaixo da protecção de Sancta Barbara.

As armas de fogo são mais terriveis que os raios.

Vêde quanto se augmentou o seu dominio com o invento da polvora na multidão, na variedade, na força. nos effeitos e ainda na facilidade dos tiros e machinas de fogo a que preside. Para se gerar um raio na região do ar é necessario que «se levantem nuvens e que se armem de electricidade e que alguma causa exterior determine a explosão». Na terra, porém, quão pouco basta? Basta que aos que teem o supremo poder lhes suba á cabeça um vaporzinho, ou de cubiça, ou de ambição, ou de inveja, ou de odio, ou sómente de vaidade e gloria, para que contra uma fortaleza ou sobre uma cidade, chova multidão de raios, quantas são as pedras das suas muralhas. Os raios que caem do céu em muitos annos, são contados: os que se fulminam da terra na bateria ou defensa de uma praça, não teem conto. Ainda quando os do céu se não contentam com ferir os montes, ou com se empregar nas feras e nas ensinhas, ou só com metter medo aos homens; raro é o raio que seja réu mais que de um homicidio. Mas os que saem de uma peça de artilheria, se o não vistes, ouvi o estrago que fazem. Na batalha naval entre os cesarianos e francezes na ribeira de Salerno matou uma bala de artilheria quarenta cesarianos: na batalha cam-

pal dos allemães contra os bespanhoes juncto a Ravenna matou outra peça com um só tiro mais de cincoenta allemães: na guerra de Alberto Cesar contra os polacos em Boemia não dizem as historias de qual das partes, mas affirmam que uma só bala matou oitenta soldados.

Podem-se chamar raios artificiaes.

Que similhança teem com a sombra d'isto as ballistas, as terebras, os arietes, as catapultas; e todos os outros instrumentos bellicos que com tanta força de ingenho inventaram primeiro os gregos, depois os romanos; e com tanta força de braços não conseguiram em muito tempo e trabalho o que faz em um momento uma mão com um botafogo? Muitos houve que quizeram imitar os raios, que a gentilidade chamava de Jupiter em que foi tão famosa a arrogancia de Sulmon, rei de Elide, vivendo, como é fabuloso, no inferno por castigo do seu atrevimento. Virgilio lhe chama louco: porque quiz imitar o raio que não é imitavel. Mas se a sua musa adivinhara que do mesmo inferno havia de sair a polvora, de nenhum modo dera ao raio o nome de inimitavel; pois a nossa artilheria não só o imita, mas vence. Todo o apparato e fabrica estrondosa de um raio, a que se reduz no ar? A uma nuvem, a um relampago, a um trovão e ao mesmo raio. E tudo isto se vê e experimenta com vantagem no tiro de uma peça. O fumo é a nuvem, o fogo o relampago, o estrondo o trovão, a bala o raio. E digo com vantagem; porque a nuvem acabou no primeiro parto e em se rompendo se desfez e desvaneceu; e a peça inteira e solida dura annos e seculos, disparando e lançando de si no mesmo dia e na mesma hora, não só um, senão muitos raios. «E como se tudo isto fosse pouco, observo que a polvora» em todo genero de viventes filhos de fogo. Animaes de fogo nos camelos, serpentes de fogo nos basiliscos, aves de fogo nos falcões, e em todos os outros instrumentos sulphureos homens de fogo. Homens de fogo na artilheria, homens de fogo nas bombas, homens de fogo nas granadas, homens de fogo nos petardos, homens de fogo nos trabucos, homens de fogo nas minas; e assim sobre a terra como debaixo d'ella, homens de fogo que n'elle e d'elle vivem.

Estas armas são ainda mais terriveis nas guerras navaes.

VI. Tão necessario é ao intrepido e temeroso officio da artilheria (que tudo isto comprehende) o patrocinio de Sancta Barbara na terra. E passando da terra ao mar, bem se deixa vêr quanto mais importante será e quanto mais admiravel e milagroso, defendendo aos que pelejam com os mesmos instrumentos de fogo, mettidos em um lenho e sobre as ondas. Averiguada conclusão é entre os mestres de uma e outra milicia, que comparada a da terra com a do mar, esta é muito mais trabalhosa e perigosa. Na terra peleja con-

tra vós um elemento, no mar quatro: na terra tendes para onde vos retirar, no navio estais preso e não tendes outra retirada que lançando-vos ao mesmo mar. Na terra ajudam uns esquadrões a outros esquadrões e uns terços a outros terços: no mar estais com os companheiros á vista e nem elles muitas vezes vos podem soccorrer a vós nem vós a elles. E quanto ao exercicio da artilheria, na terra borneais a vossa peça coberto de um parapeito de pedra de cinco pés, ou de uma trincheira de faxina de dezoito; no mar detraz de uma taboa de tres dedos. Na terra corre a artilheria sobre uma esplanada firme e segura; no mar sobre um convez sempre inquieto; e tambem inquieto da parte contraria o poncto em que se nivella o tiro. Os gregos chamavam á peça da artilheria *bombarda* pelo boato; os latinos, *tormentum*, pelo que atormenta o corpo opposto que fere; eu na terra chamara-lhe tormento e no mar tormenta: *Ignis et sulphur et spiritus procellarum.* Grande sciencia geometrica é necessaria para entre dous ponctos inconstantes tirar uma linha certamente recta, qual ha de seguir a bala para se empregar com effeito. Mas tudo isto póde fazer o sabio artilheiro nautico com maiores estragos do inimigo, dos que acima referimos, conseguindo com um só tiro por ser no mar o que não póde succeder na terra. Explicar-me-hei com um exemplo famoso da sagrada Escriptura.

O estrago que póde fazer um soldado de artilheria naval explica-se com um texto da Escriptura. 2 Reg. 23

Por occasião do testamento de David faz a Escriptura um catalogo dos seus mais insignes capitães; que é a melhor e mais preciosa herança que um rei póde deixar a seu filho: como bem o experimentou Philippe II nos que herdou de Carlos. Começa pois o catalogo: *Haec nomina fortium David:* estes são os nomes dos valentes de David. Eram estes valentes trinta, escolhidos entre todo o exercito, os quaes se chamavam os trinta fortes de Israel: d'estes trinta eram escolhidos tres, os quaes se chamavam os tres fortes; e d'estes tres era escolhido um, o qual não se chamava o fortissimo, senão o sapientissimo. As palavras notaveis do texto são estas: *Sedens in cathedra sapientissimus princeps inter tres; ipse est quasi tenerrimus ligni vermiculus, qui octingentos interfecit impetu uno:* está sentado na cadeira o principe sapientissimo entre tres, o qual de um impeto matou oitocentos, e é como o bichinho sem força que rói as raizes da arvore. Tres duvidas não vulgares tem este texto. Se este primeiro e mais afamado capitão de David matou oitocentos; como os podia matar de um só impeto? E se não só entre os trinta, senão entre os tres fortes de Israel, era elle o mais forte; porque não se chama o fortissimo, senão sapientissimo? Finalmente, se aquella sua grande façanha a declara a

Escriptura por uma comparação; porque se compara a um bichinho sem força que rói as raizes da arvore? Deixada a interpretação litteral d'esta historia, que não é facil, eu que só a referi e tomei por exemplo, digo que n'ella está admiravelmente retratado quanto póde obrar o sabio artilheiro com um só tiro, não na terra, senão no mar. Atirando a uma capitania, ou a outra grande náu de guerra, se lhe penetrar com a bala o paiol da polvora, ou lhe romper outra parte vital, como algumas vezes tem acontecido, sem duvida a deitará a pique com um só tiro; e no tal caso de um só impeto matará oitocentos e ainda mais homens: *Occidit octingentos uno impetu*. E por uma victoria tão notavel, que nome ou fama alcançará o artilheiro? Não nome ou fama de fortissimo, senão de sapientissimo: porque aquella acção não foi obra das forças do seu braço, senão da sciencia practica da geometria militar, com que governou tão acertadamente o tiro e por isso sapientissimo na arte: *Sapientissimus inter tres*. Finalmente para tirar a admiração de um tão grande estrago, executado por um instrumento sem forças traz a Escriptura a comparação do bichinho, que sem ellas roeu as raizes da arvore; porque alojados muitos homens debaixo de uma grande arvore, se ella por lhe faltarem as raizes caiu subitamente sobre elles, a todos opprimiu e acabou de um só golpe, não sendo a causa principal de tamanha ruina a grandeza e pezo da arvore, senão o bichinho que lhe roeu a raiz: *Ipse est tanquam tenerrimus ligni vermiculus*.

Nos conflictos navaes dão-se a mão a agua e o fogo, como foram contra Pharaó. Exod. 9. Por isso é n'elles mais necessaria a protecção de Sancta Barbara. Matt. 24.

Por este singular exemplo se vê quanto mais poderosa é a artilheria no mar, que na terra, ajudando-se e dando-se a mão o elemento da agua com o do fogo. Já antigamente tinham feito a mesma companhia entre si estes dous elementos contra Pharaó no Egypto: *Grando et ignis mixta pariter ferebantur*; e a mesma fazem naturalmente em todas as batalhas ou conflictos navaes. O fogo queima, a agua afoga; o fogo mata, a agua sepulta. Mas se tanto é o estrago que faz e póde fazer uma peça de artilheria nas náus inimigas, d'aqui se deve fazer reflexão, que o mesmo fará nas nossas, senão tivermos alguma mais poderosa protecção que nos defenda e livre. Verdadeiramente que é tão pia e christã, como bem intendida architectura, aquella com que em todas as náus de guerra, que são cidades nadantes, a casa que os hereges e outros menos devotos chamam praça de armas, nós como templos pequenos a dedicamos a Sancta Barbara, e a fundamos sobre os armazens mais secretos em que a polvora vai guardada. Como se dissera a nossa fé ou a nossa confiança, com os olhos na vigilancia de tão soberana protectora: *Non sinet perfodi domum suam*. Para mim não são

necessarios outros milagres de Sancta Barbara, mais que este tão universal e tão continuo em todos os vasos de guerra, prenhes de mais apparelhados incendios que o cavallo troyano.

O galeão S. Domingos e toda outra machina de guerra sob a protecção da Sancta são como a sarça de Moysés.

Vendo Moysés nos desertos de Madian que a sarça ardia e não se queimava, disse: *Vadam et videbo visionem hanc magnam*: quero ir ver esse grande milagre. O milagre consistia em que estando o fogo tão vizinho á sarça, ella comtudo sem o admittir em si estivesse tão verde que parecia, como bem disse Philo Hebreu, que em vez de o fogo a abrazar, a regava para que mais reverdecesse. Por isso Moysés não só lhe chamou milagre, mas grande: *Visionem hanc magnam*. E não seria grande nem milagre se a fome e voracidade do fogo não fosse qual é; «pois por esta voracidade» facilmente se ateia e tanto mais, quanto a materia é mais disposta. Supposto isto quem não terá por milagre e continuos milagres de Sancta Barbara, principalmente nas náus de guerra, em que perpetuamente se conserva o fogo e muitos fogos, abster-se elle de se atear em materias tão dispostas, como a dos mesmos corpos navaes? Póde haver materia mais disposta e mais gulosa para o fogo, que taboas seccas, breu, alcatrão, sebo, estopa e polvora; e tudo isto assoprado dos ventos e em perpetuo moto, que por si mesmo é causa de calor e o calor do fogo? Ponde-vos no galeão S. Domingos, capitania real de nossa armada nas quatro batalhas navaes de Pernambuco, sustentando a bateria de trinta e cinco náus hollandezas. E que é o que se via dentro e fóra em toda aquella formosa e temerosa fortaleza nos quatro dias d'estes conflictos? Jogava o galeão sessenta meios canhões de bronze em duas cobertas: tinha guarnecidos por um e outro bordo o convez, os castellos de popa e de proa, as duas varandas e as gaveas com seiscentos mosqueteiros. E sendo um Etna, que lentamente se movia vomitando labaredas e raios de ferro e chumbo por tantas boccas maiores e menores, dando todos e recebendo polvora, carregando e descarregando polvora e tendo nas mesmas mãos os murrões com duas mechas accezas, ou os botafogos fincados, juncto dos cartuchos; e que bastando qualquer faisca para excitar um total incendio e voar em um momento toda aquella machina; que entre tanta confusão e vizinhança de polvora e fogo, estivesse o galeão tremulando as suas bandeiras, tão seguro e senhor do campo, como uma rocha batida só das ondas e não das balas; quem negará que suppria alli a vigilancia e patrocinio de Sancta Barbara o que nenhuma providencia humana podera evitar?

Vivas á Sancta. Não triumpha no carro de Elias posto que seja de fogo. 2 Reg. 2 Ibid. 1

VII. Sobre este conhecimento e reconhecimento que vivas e louvores deve toda a milicia catholica, assim no mar como na ter-

ra, á sua grande protectora? E que documentos darei aos officiaes maiores e menores da nobilissima arte da artilheria seus subditos e devotos? Para o triumpho de Sancta Barbara se me offerecia a carroça de Elias por ser de fogo: mas posto que tão singular entre todas as que viu com admiração o mundo; porque de nenhum modo eguala a pompa e majestade que é devida ás victorias da nossa Sancta, só nos servirá para notar no mesmo fogo a differença; como servem as sombras e os oppostos para mais illustrar os contrarios. Descrevendo a Escriptura o modo com que Elias arrebatado da terra se apartou de Eliseu diz que foi em uma carroça por que tiravam cavallos, e que carroça e cavallos tudo era de fogo: *Et ecce currus igneus et equi ignei diviserunt utrumque.* E sendo que o texto sagrado não dá n'este logar a razão por que triumphou Elias pelo ar em carroça de fogo; podendo ser antes de nuvens mais vistosamente douradas com os raios do sol; de outros logares da mesma Escriptura tiram os Sanctos Padres a verdadeira causa. Estando Elias retirado em um monte, mandou-o chamar el-rei Ochozias por um capitão de infanteria, acompanhado de cincoenta soldados, o qual lhe deu o recado do rei com estas palavras: *Homo Dei, haec dicit rex: Festina, descende:* homem de Deus, diz el-rei, que desçais logo e lhe vades fallar. E que respondeu Elias? *Si homo Dei sum, descendat ignis de coelo et devoret te et quinqnaginta tuos*: se sou homem de Deus, desça o fogo do céu, que te abraze a ti e aos teus cincoenta. Assim o disse, e assim se cumpriu logo. Desceu subitamente fogo do céu, que abrazou e consumiu o capitão e os soldados. Sabido o caso por el-rei, mandou outro capitão com outra companhia do mesmo numero; e como este désse o recado com egual comedimento, a resposta de Elias foi como a primeira; e o capitão e os soldados todos foram abrazados com o fogo do céu em um momento. Tal era o imperio que Deus tinha dado a Elias sobre o fogo de que elle usava tão dispoticamente! E esta foi a razão por que o mesmo fogo, como sujeito e subdito seu, se converteu em carroça e cavallos para o levar em triumpho. *Ignis Eliam quasi suum imperatorem reveretur, eique quasi famulus suum ultra offert obsequium*: Diz com S. Chrysostomo e outros interpretes litteraes, Cornelio.

Corn. in cap. Ecc. 48

O imperio que ambos exercitaram sobre o fogo foi com mui differente majestade.

Combinemos agora fogo com fogo, imperio com imperio e Barbara com Elias. A Elias e a Barbara deu Deus o imperio do fogo; mas com que differente majestade exercita um e outro o mesmo imperio! Elias manda ao fogo que queime; e Barbara que não queime. Elias manda que abraze homens; e Barbara que os não toque: obedecendo, porém, o fogo a Elias queima

e abraza como fogo que é; mas obedecendo a Barbara, como se perdera a propria natureza, quasi deixa de ser o que é por não faltar ao que deve. Da parte de Elias parece que é egual o poder no imperio: mas da parte de Barbara mostra que é muito maior na obediencia. Se quando Daniel foi lançado no lago dos leões, elles o comeram, não era maravilha: mas que famintos e com o pasto á vista refreassem a propria voracidade, a sua abstinencia era a que provava o milagre; e aquillo é o que fazia Elias nos homens que dava a comer ao fogo «embora o chamasse milagrosamente»; isto o que faz Barbara nos que livra dos incendios. Verdadeiramente era galante a consequencia com que Elias fazia descer o fogo do céu! *Si homo Dei sum, descendat ignis de coelo et devoret te*: Se sou homem de Deus, desça fogo do céu, que te abraze. Basta que o signal de ser de Deus era abrazar e consumir homens! Para bem parece que havia de dizer: Se sou de Deus, eu rogarei a Deus por ti, eu te guardarei, eu te defenderei; e isto é com que prova a nossa Sancta ser mais propriamente de Deus. Elias imperando ao fogo mostrava que era de Deus; mas de Deus vingador, de Deus rigoroso, de Deus severo; e Barbara no mesmo imperio mostrou tambem que é de Deus; mas de Deus perdoador, de Deus piedoso, de Deus benigno; em fim de Deus no de que mais se préza Deus.

Por isso o carro da Sancta o podem só fabricar os seraphins.

Fabriquem, pois, os seraphins, que são espiritos tambem de fogo, novo carro triumphal a Sancta Barbara, melhor e mais glorioso que o de Elias; deante do qual não sejam levadas em urnas tristes e funestas as cinzas de homens abrazados e mortos, mas vivos e dando vivas á soberana protectora todos aquelles (numero sem numero) que livrou do fogo e dos incendios. E o nosso insigne capitão do mar e da guerra que hoje com tanto apparato e grandeza celebra a mesma triumphadora, leve como nobilissima parte dos seus triumphos, rodando em carretas douradas os canhões ganhados em tantas e tão formosas victorias, com os quaes melhor que com columnas de bronze, se honram as portadas de sua illustrissima casa: digno successor d'aquelle immortal heroe, que como «valoroso campeão» da patria a defendeu na guerra, e como pae, cerradas as portas de Jano, a deixou victoriosa em paz.

Qual o desengano que dá aos valentes a invenção da polvora. *Ps. 43*

VIII. E a vós, animosos «guerreiros» que continuamente exercitais o perigoso manejo do fogo nos maiores e mais arriscados instrumentos da vossa arte, o que só vos digo por fim é, que não deixeis de vos aproveitar de uma só cousa boa que trouxe ao mundo o uso e invento da polvora. Das viboras não só se tira veneno, senão tambem triaga. E que cousa trouxe ao mun-

do a polvora? Um desengano universal de que nenhum homem se deve já fiar das suas proprias forças. Antigamente havia Achilles, havia Hercules, havia Sansões: depois que a polvora veio ao mundo, acabou-se a valentia dos braços. Um pygmeu com duas onças de polvora póde derribar o maior gigante. Que fundamento cuidais teve a philosophia symbolica das fabulas para fingir que os gigantes fizeram guerra ao céu, e quizeram apear de seu throno a Jupiter, senão porque intenderam e quizeram declarar aquelles sabios que os homens que se fiam em suas grandes forças, não temem a Deus, nem o veneram, como se não dependeram d'elle? Ouvi a arrogancia sacrilega e blasphema com que fallava um d'estes chamado Mezencio: *Dextra mihi Deus et telum quod missile libro*: O meu Deus é o meu braço e a minha lança. Por certo, soberbissimo capitão, que não havieis de fallar tão confiadamente, se fôra em tempo que o menor soldadinho do exercito contrario vos podera responder com uma bocca de fogo. Este é, pois, o desengano que trouxe ao mundo a polvora, para que todo o homem e muito mais os que vivem na guerra e da guerra, se persuadam que só Deus lhes póde conservar a vida e não o seu braço, nem a sua espada. Assim o dizia David, aquelle soldado tão esforçado e tão forçoso, que com as mãos desarmadas escalava ursos e afogava leões: *Gladius meus non salvabit me.*

Viver com o sancto temor de Deus debaixo da protecção de Sancta Barbara.

Sirva, pois, a polvora que sempre trazeis nas mãos de vos lembrar o perigo em que egualmente trazeis a vida, vivendo de maneira que seja agradavel a Deus, de quem por tão ordinarios accidentes está mais dependente que a dos outros homens. E valendo-vos da poderosa intervenção da vossa vigilantissima protectora, a gloriosa Sancta Barbara, de cuja devoção e invocação vos prometto por fim o que a mesma Sancta tem provado ao mundo com varios exemplos: ainda os que estão ardendo no meio das labaredas, invocando seu nome, se ella lhes não salva totalmente a vida temporal, ao menos lh'a sustenta quanto baste, para que recebidos os sacramentos alcancem a eterna.

(Ed. ant. tom, 5, pag. 491, ed. mod. tom. 8, pag. 39.)

SERMÃO DE SANCTA CATHARINA **

PRÉGADO Á UNIVERSIDADE DE COIMBRA DE 1663

Observação do compilador.— A Sabia, triumphadora é o titulo d'este sermão, tão appropriado a um auditorio academico. nada era mais facil ao nosso grande orador que inserir no discurso a descripção do martyrio e dar um panegyrico completo. Mas não o fez quiça porque este martyrio fôra assumpto de outro sermão politico-encomiastico que daremos no quarto volume. Note-se com particular estudo a novidade e propriedade da divisão e a qualidade dos argumentos tirados dos mais secretos escondrijos do coração humano.

Quinque autem ex eis erant fatuae et quinque prudentes.
S. Matth. 28
Sapientia aedificavit sibi domum.
Prov. 9

Qual a forma da casa da sabedoria, edificada por Salomão.

A casa que edificou para si a Sabedoria era aquella parte mais interior e mais sagrada do templo de Salomão, chamada por outro nome *Sancta sanctorum*. Levantavam-se no meio d'ella dous grandes cherubins, cujo nome quer dizer sabios; e são entre todos os coros dos anjos os mais eminentes na sabedoria. Com as azas cobriam estes cherubins a arca do testamento e com as mãos sustentavam o propiciatorio, que eram o thesouro e assento da Sabedoria divina. A arca era o thesouro da Sabedoria divina em lettras; porque n'ella estavam encerradas as taboas da lei, primeiro escriptas e depois dictadas por Deus; e o propiciatorio era o assento da mesma Sabedoria em voz; porque n'ella era consultado Deus e respondia vocalmente; que por isso se chamava oraculo. As paredes de toda a casa em roda estavam ornadas com septe palmas, cujos troncos formavam outras tantas columnas; e os ramos de umas para as outras faziam naturalmente seis arcos, debaixo dos quaes se viam em pé seis estatuas tambem de cherubins. Esta era a forma e o ornato da casa da Sabedoria, edificada por Salomão. porém traçada por Deus; e não se viam em toda ella mais que cherubins e palmas, em que a mesma Sabedoria, como vencedora de tudo, ostentava seus tropheos e triumphos.

Qual parece que havia de ser e porque o não foi.

Mas se Deus n'aquelle tempo se chamava *Dominus exerci-*

tuum e se prezava de mandar sobre os exercitos e batalhas e dar ou tirar as victorias; parece que as estatuas collocadas debaixo de arcos triumphaes de palmas não haviam de ser cherubins sabios, senão capitães famosos: não pareceria bem debaixo do primeiro arco a estatua de Abrahain com a espada sacrificadora de seu proprio filho, vencendo a quatro reis só com os guardas das suas ovelhas? Não diria bem debaixo do segundo arco a estatua de Moysés com o bastão da vara prodigiosa, afogando no mar Vermelho a Pharaó e triumphando de todo o Egypto? Não sairia bem debaixo do terceiro arco a estatua de Josué com o sol parado, desfazendo o poder e geração dos gabaonitas sem deixar homem a vida? Não avultaria bem debaixo do quarto arco a estatua de Gedeão com a tocha na mão esquerda e a trombeta na direita, mettendo em confusão e ruina os exercitos innumeraveis de Madian e Amalec? Não campearia bem debaixo do quinto arco a estatua de Samsão com o leão aos pés e a queixada do jumento na mão matando a milhares dos philisteus? Finalmente não fecharia esta famosa fileira a estatua de David com a funda e a pedra derribando o gigante e cortando-lhe a cabeça com a sua propria espada? Pois se estas seis estatuas famosas ornariam pomposamente a sala do Senhor dos exercitos; por que razão os arcos triumphaes das palmas cobrem antes estatuas de cherubins sabios que de capitães valorosos? Porque é certo na estimação de Deus (ainda que alguns homens cuidem o contrario) que as victorias da sabedoria são muito mais gloriosas que as das armas, quanto vai das mãos á cabeça. Por isso quiz o mesmo Deus que lhe edificasse a casa não o pae, senão o filho; não David o valente, senão Salomão o sabio.

Santa Catharina a sabia vencedora.

Supposta esta verdade que em toda a parte e muito mais n'este emporio das letras se deve suppor sem controversia; accomodando-me á profissão do auditorio e á celebridade do dia só fallarei de Sancta Catharina hoje em quanto doutora e sabia. Na casa da Sabedoria a cada palma respondia um cherubim; n'esta que tambem é da sabedoria veremos um cherubim com muitas palmas. O assumpto, pois, do sermão serão as victorias de Catharina e o titulo A sabia vencedora. *Ave Maria.*

Sua disputa com 50 philosophos e sua victoria.

II. O mais formoso theatro que nunca viu o mundo, a mais grave e ostentosa disputa que nunca ouviram as academias, a mais rara e portentosa victoria que nunca alcançou da ignorancia douta e presumida a verdadeira sabedoria, é a que hoje teve por defendente um cherubim em habito de mulher ou um rosto de mulher com intendimento e azas de cherubim, Sancta Catharina. A aula ou theatro d'esta famosa representação foi o

palacio imperial: os ouvintes e assistentes, o imperador Maximino, o senado de Alexandria e toda a côrte e nobreza do Oriente: a questão, a da verdadeira religião que deviam seguir os homens: os defendentes, de uma parte uma mulher de poucos annos e da outra cincoenta philosophos escolhidos de todas as seitas e universidades; e a expectação da disputa e successo da controversia, egual nos animos de todos á grandeza de tão inaudito certame. Em primeiro logar propozeram os philosophos inchados, seus argumentos applaudidos e victoriados de todo o theatro; e só da intrepida defendente recebidos com modesto riso. E depois que todos disseram quanto sabiam em defensa e auctoridade dos deuses mortos e mudos, que elles chamavam immortaes; então fallou Catharina, por parte da Divindade Eterna e sem principio, do Creador do céu e da terra e da humanidade do Verbo tomada em tempo para remedio do mundo. Fallou Catharina; e foi tal o peso das suas razões, a subtileza do seu ingenho e a eloquencia mais que humana com que orou e perorou, que não só desfez facilmente os fundamentos ou erros dos enganados philosophos; mas redarguindo e convertendo contra elles seus proprios argumentos, os confundiu e convenceu com tal evidencia, que sem haver entre elles quem se atrevesse a responder ou instar, todos confessaram a uma voz a verdade infallivel da fé e religião christã. E que faria com este successo Maximino imperador, empenhado e cruel? Affrontado de se ver vencido nos mesmos mestres da sua crença de quem tinha fiado a honra e defensa d'ella, e enfurecido e fóra de si, por vêr publicamente demonstrada e conhecida a falsidade dos vãos e infames deuses a quem attribuia o seu imperio, em logar de seguir a luz e docilidade racional dos mesmos philosophos, com sentença barbara e impia mandou que ou sacrificassem logo aos idolos ou morressem todos a fogo. Todos sem duvidar nem vacillar algum, acceitaram a morte por Christo não só constantemente, mas com grande alegria e jubilo; e na mesma hora e do mesmo theatro onde tinham entrado philosophos, sairam theologos: onde tinham entrado gentios, sairam christãos; e onde tinham entrado idolatras sairam martyres. Oh victoria da fé a mais illustre e ostentosa que antes nem depois celebraram os seculos da christandade! Oh triumpho de Catharina, não com duas palmas nas mãos de virgem e martyr, mas com cincoenta palmas aos pés de subtil, de angelica e de invencivel doutora! Digna por esta inaudita façanha de que no mais alto do monte Sinai, depois de ser throno do Supremo Legislador as mesmas mãos que escreveram as primeiras letras divinas levantassem eterno tropheo á memoria das suas.

Catharina e as virgens sabias do Evangelho. Tres circumstancias que realçam a victoria da Santa.

Esta foi, senhores, a famosa acção tão propria do dia como do logar sobre que determino discorrer n'este breve espaço. E para ponderar os quilates d'ella nas circumstancias mais particulares e relevantes de tão admiravel victoria me offereceu o evangelho as palavras que propuz: *Quinque autem ex eis erant fatuae et quinque prudentes*. Eram as virgens que sairam a receber o esposo dez; e d'estas dez, cinco sabias e cinco nescias. O em que reparo é que sendo estas parelhas similhantes no sexo, eguaes no numero e differentes no intendimento, nem todas estas nescias nem parte nem sequer uma d'ellas com a companhia, com o tracto e com a conversação das sabias se emendasse e deixasse de ser nescia. Assim foi e assim costuma ser: sendo mais digno de admiração que as nescias não pervertessem a todas as sabias, que todas as sabias não converterem a uma. E se é tão grande a fraqueza do coração humano, que se dirá da gloriosa batalha e victoria de Catharina? Lá o sexo era o mesmo, porque umas e outras eram mulheres: o numero egual, porque umas e outras eram cinco; as armas e a força maior, porque umas eram sabias e outras nescias. Porém na batalha de Catharina com os philosophos, ella era uma e elles cincoenta: ella mulher e elles homens: ella sabia e elles sabios, que é muito mais forte e muito mais difficultosa opposição. E que uma mulher que apenas chegava a dezoito annos posta em campo contra tantos e taes homens não só vencesse a um nem a muitos, senão a todos e os sujeitasse a defender com a vida a mesma fé que impugnavam; estas digo que foram as circumstancias da sua victoria que a fazem sobre toda a imaginação gloriosa. Vamos agora discorrendo e ponderando cada uma por si; e veremos quão singular foi em cada uma e em todas a nossa Sabia vencedora.

1.º Ser uma que disputou contra tantos. Desafio de Golias. 1 Reg. 17

III. Começando pela primeira que é de numero a numero e de uma a muitos, se a antiguidade ainda fabulosa assentou por axioma indubitavel que nem Hercules contra dous, que desafio póde haver mais desegual e que victoria mais gloriosa que a de um ou de uma (que é ainda menos) contra cincoenta? No desafio do gigante philisteu contra os exercitos de Saul sempre admirei muito a forma do cartel com que os irritava ou provocava ao campo: *Eligite ex vobis virum et descendat ad singulare certamen*. Escolhei de todo o vosso exercito o homem que quizerdes, dizia o gigante, e sáia commigo a certame singular, isto é de corpo a corpo, de soldado a soldado, de homem a homem. Assim continuou a blasonar o philisteu quarenta dias inteiros; e por mais que experimentava que não havia quem se atrevesse a acceitar o desafio, nunca mudou nem accrescentou

o cartel. E isto é o que eu admiro. A estatura d'este gigante, como descreve o Texto sagrado, era de seis covados e um palmo: *Altitudinis sex cubitorum et palmi*. Pois se era tamanho como tres homens, porque não desafiava a sua arrogancia ou a tres ou, quando menos, dous, senão a um só? Porque sabia, como soldado que era, que um homem contra mais que um homem por mais gigante e por mais valente que seja, não tem partido. A arrogancia nos valentes sempre é maior que a valentia; e não ha valentia nem soberba tão agigantada que se atreva a sair a campo mais que um a um. Oh que affrontada ficaria a arrogancia de Golias se n'este dia resuscitara á vista do desafio e certame de Catharina! Uma em campo contra cincoenta; e não contra cincoenta homens, senão contra cincoenta gigantes; porque cada um era o maior e o coripheu da sua eschola. Como os oppositores eram cincoenta, podera justamente Catharina dividir o desafio em cincoenta batalhas e o certame em cincoenta disputas, sustentando a verdade que defendia singular e separadamente contra cada um. Mas que tivesse confiança para se oppôr a todos junctamente e valor para os impugnar vencer e convencer a todos junctos! Esta foi a maior circumstancia da maravilha; porque ainda que a multidão se compõi de unidades; as mesmas unidades que divididas são fracas ou menos fortes, unidas são fortissimas.

Não só venceu ella a todos, mas os convenceu. Allegoria das façanhas da vara de Moysés. 2 Tim. 3 *Exod.* 7 *Act* 10 *Greg. Crhysost. alique.*

Disse vencer e convencr e disse pouco; porque bem podera Catharina vencer e convencer todos aquelles philosophos sem os reduzir nem converter; e este foi o poncto mais arduo da victoria e por isso mais gloriosa. Não houve theatro mais similhante ao de Alexandria em que estamos que o outro famosissimo de Memphis em que o barbaro Pharaó fez o papel de Maximino. Estava Moysés só de uma parte e da outra todos os magos do Egypto, presente o rei e a côrte, suspenso elle e toda ella na expectação do successo. Não refere o mesmo Moysés (que é o auctor da historia) quantos eram os magos, porque elle foi tão confiado e generoso que não poz limite ao numero. E posto que S. Paulo só nomeia a dous Janes e Mambres; tanto importava que fossem dous como duzentos. E esta é outra grande circumstancia e excellencia do numero que Catharina venceu; porque os cincoenta não foram limitados por ella, senão escolhidos pelo imperador, d'onde se segue que tanto montou vencer a cincoenta como se foram cinco mil. Converteu, pois, Moysés a sua vara em serpente e os magos tambem as suas em outras egualmente ferozes e grandes e o fim da batalha foi que a serpente de Moysés comeu todas as outras: *Devoravit virgas eorum*. Agora pergunto; e não bastara que a ser-

pente de Moysés matara as serpentes dos magos? Parece que não só bastava, senão que d'este modo ficaria a superioridade mais conhecida, a victoria mais ostentosa, o theatro mais funesto e temeroso e o mesmo Pharaó mais confuso e compungido. Pois, porque razão as serpentes dos egypcios não foram sómente mortas senão comidas? Porque n'esta batalha da serpente de Moysés com as dos egypcios eram significadas as batalhas e victorias que a sabedoria christã havia de alcançar de todas as seitas dos gentios, tão phantasticas, apparentes e falsas como as serpentes dos magos; e n'estas batalhas da fé e da religião é maior e mais difficultosa victoria ficarem os contrarios comidos, que sómente mortos. E porque? Porque ficarem sómente mortos, é ficarem vencidos e convencidos sem força, alento, nem voz para persistir no que defendiam; porém ficarem comidos e incorporados em quem os comeu, é ficarem não só vencidos e convencidos, senão tambem convertidos; assim como o que se come se converte na substancia de quem o come. É mysterio altissimo declarado não menos que pelo mesmo Deus a S. Pedro, quando lhe mostrou todos os gentios em figuras de feras e serpentes e lhe mandou que não só as matasse, senão que tambem as comesse; isto é, que as convertesse e incorporasse em si mesmo: *Occide et manduca*.

Catharina mais admiravel na sua disputa, que os maiores doutores da Egreja nas suas contra os herejes.

Tal foi a victoria de Catharina que não só venceu e convenceu os philosophos e suas seitas, mas vencidos e convencidos os converteu a todos da falsa crença das mesmas seitas á verdade da fé, que pretendiam impugnar, fazendo-os em uma só disputa de membros do demonio membros de Christo. Maravilha singular e sem exemplo. Quatro vezes em diversos tempos entrou em disputa publica á vista de toda Africa Sancto Agostinho. Mas com quantos contendeu? A primeira vez com Fortunato manicheu, a segunda com Felix tambem manicheu, a terceira com Fortunio donatista, a quarta com Emerito tambem donatista. Que saisse sempre vencedor Agostinho, não é necessario que se diga: mas o que fez mais gloriosas estas victorias foi que os mesmos vencidos as confessaram e se reduziram á fé que negavam. E se é tanta gloria do maior athleta da Egreja que de pessoa a pessoa e de doutor a doutor vencesse em quatro disputas a quatro homens insignes nas suas seitas, que gloria imcomparavel será a de Catharina vencer e convencer em uma só disputa a cincoenta muito mais famosos nas suas? De S. Gregorio Magno sabemos que em disputa singular venceu tambem e reduziu a Eutychio. Mas quão raras e contadas teem sido em todos os seculos da Egreja similhantes victorias, sendo tão frequentes os exemplos contrarios! Em presença do

papa Zephirino convenceu Caio a Procho montanista: mas não se reduziu Procho. No concilio antiocheno convenceu Melchior a Paulo samosateno: mas não se reduziu Paulo. Deante de muitos juizes de todas as faculdades convenceu Archelao a Manete manicheu; mas não se reduziu Manete. Em congresso de muitos bispos, em que se achou tambem o mesmo rei de França, convenceu S. Bernardo a Pedro Abailardo; mas não se reduziu Pedro. Assim convenceu S. Cyrillo Alexandrino a Nestorio, Maximo abbade a Pyrrho, S. Cesario a Juliano, S. Jeronymo a Helvidio, a Joviniano, a Vigilancio; e nenhum d'elles reconheceu a victoria da verdade: antes affrontados de se verem convencidos, se obstináram mais.

Baron. Sponden.

Mas para que é referir exemplos de homem a homem, se aos mesmos concilios inteiros succedeu outro tanto? Ponde-vos com a memoria em Jerusalem, em Nicéa, em Constantinopla, em Roma, em Carthago, em Trento: que é o que vêdes? Em Trento vereis que contra a majestade e auctoridade ecumenica e contra a sabedoria universal de toda a Egreja catholica se atreve a resistir um Luthero; e não se rende ao concilio tridentino. Em Carthago, que um Celestio assim mesmo convencido resiste ao concilio carthaginense. Em Roma, que um Macedonio se não sujeita ao concilio romano. Em Nicéa, que um Ario contradiz ao concilio nicéno. Em Constantinopla, que um Dioscoro se oppõi ao concilio constantinopolitano. Em Jerusalem, finalmente que ao concilio jerosolymitano em que presidiu S. Pedro e assistiram os apostolos, um Cerintho contraria e impugna suas definições e levanta a primeira seita contra sua doutrina. Tal é a rebeldia e obstinação do intendimento humano, quando se deixa inchar de presumpção e cegar da soberba! Agora voltemos com o mesmo pensamento a Alexandria; e ponhamos os olhos n'aquelles grandes theatros da christandade e n'este. N'aquelles, tantos e tão eminentes homens, ainda que convencem claramente, não bastam a reduzir um homem baptizado e christão; e n'este uma só Catharina convence, rende e sujeita a Christo tantos e tão eminentes homens idolatras e gentios. Alli tantos não prevalecem contra um, aqui uma prevalece contra tantos. O conceito que da combinação d'este parallelo resulta, forme-o cada um se acaso o comprehende; que eu não tenho palavras com que o rastear, quanto mais encarecer.

Mais admiraveis que os mesmos concilios.

IV. Se na consideração do numero venceu Catharina as virgens sabias do evangelho, reduzindo ella só a cincoenta, quando ellas, sendo cinco não poderam reduzir a uma; não foi menos illustre a sua victoria na consideração do sexo. As virgens sendo mulheres não ensinaram a uma mulher; Catharina sendo

2.ª Circumstancia uma mulher instruir convencer e converter homens S. Paulo prohibe ás mulheres o ensinar. Tim. 2

mulher ensinou a cincoenta homens. O apostolo S. Paulo fiou tão pouco do genero feminino, que a todas as mulheres prohibiu o ensinar: *Docere autem mulieri non permitto.* E que razão teve S. Paulo para um preceito tão universal e tão odioso a ametade do genero humano e na parte mais sensitiva d'elle? A razão que teve foi a maior de todas as razões que é a experiencia: *Adam non est seductus; mulier autem seducta in praevaricatione fuit.* Em Adão e Eva, diz o Apostolo, se viu a differença que ha entre o intendimento do homem e o da mulher: porque Eva foi enganada, Adão não. Ensine logo Adão, ensine o homem; Eva, a mulher, não ensine. O que só lhe convem e o que lhe mando é, que apprenda e cale: *Mulier in silentio discat.* Segundo este preceito, que mais parece natural, que positivo, pois o Apostolo o deduz desde Adão e Eva, Catharina havia de apprender e calar como mulher. Mas que Catharina falle, que Catharina ensine, que Catharina não só dispute, mas defina; não só argumente, mas conclua; não só impugne, mas vença a tantos homens e taes se reconheçam e confessem vencidos, foi victoria que «só por despensação celeste» se podia alcançar por uma mulher com azas de seraphim.

Todas as Marias não podem convencer os apostolos acerca da resurreição de Christo e só S. Pedro os convence. Luc. 24

Appareceram os anjos ás Marias na manhã da resurreição e appareceu lhes o mesmo Senhor resuscitado, o qual lhes mandou, como já lhes tinham mandado os anjos, que levassem a alegre nova aos apostolos. Foram, disseram todas o que viram e o que os anjos e o Senhor lhes tinham dicto. E que conceito fizeram os apostolos assim da embaixada, como do testemunho das Marias: *Visa sunt ante illos sicut deliramentum verba ista et non crediderunt illis.* O conceito que fizeram de tudo, foi dizerem que eram delirios e nenhum credito lhes deram. Por certo que não sei quaes eram n'este caso os delirantes. Para serem dignas de credito estas testimunhas cada uma por si e muito mais todas junctas, bastavam serem escolhidas pelos anjos e pelo mesmo Christo para tal embaixada. A qualidade e juizo de Maria Magdalena era bem conhecido e respeitado: as outras duas Marias eram parentas muito chegadas do Senhor; e Maria Salomé, mãe de dous apostolos, e Maria Jacob de tres. Pois se por tantos respeitos eram dignas de todo credito e todas affirmavam o mesmo, como testemunhas oculares; por que razão não só se lhes nega o credito, mas é censurado de delirio tudo o que dizem? Mais. No mesmo dia disse S. Pedro que Christo lhe apparecera; e todos creram logo que era verdadeiramente resuscitado: *Surrexit Dominus vere et apparuit Simoni.* Pois a Pedro que pouco ha negou tres vezes a seu Mestre se dá tanto credito e ás tres Marias que o assistiram na

cruz e o foram buscar ao sepulchro nenhum? Pedro é um e ellas tres; e que a mesma verdade na bocca de Pedro haja de ser verdade e na bocca das Marias delirio? Sim, que Pedro é homem e as Marias mulheres; e não ha nem houve outra razão.

Quanto mais difficicultoso era o proposito de Catharina. Sap. 1

Vamos agora ao nosso caso e vejamos o que não persuadiram as Marias e o que persuadiu Catharina; e quaes eram os homens a que ellas não persuadiram; e quaes aquelles a quem Catharina persuadiu. Os homens a quem não persuadiram as Marias eram os apostolos; os que persuadiu Catharina eram os philosophos. Os apostolos eram christãos, os philosophos gentios; os apostolos eram discipulos de Christo e todos da mesma eschola; os philosophos uns eram discipulos de Pythagoras, outros de Socrates, outros de Platão, outros de Aristoteles, outros de Democrito, outros de Epicuro; e as escholas e seitas que seguiam tão diversas e ainda contrarias, como a dos pythagoricos, a dos cynicos, a dos peripateticos, a dos estoicos, a dos academicos e as demais. Sobre tudo os apostolos amavam a Christo e desejavam a mesma resurreição que não criam: e esta que os theologos chamam *pia affectio* é a melhor disposição para crêr. Pelo contrario os philosophos eram inimigos do mesmo Christo e sua lei, e esta mesma malevolencia era a disposição mais repugnante que podiam ter para a fé; porque *in malevolam animam non introibit sapientia.* E sendo uns e outros tão dispostos, os apostolos para crêr, os philosophos para não crêr; as Marias por serem mulheres não persuadiram aos apostolos um só mysterio da fé, qual era o da resurreição; e Catharina com ser mulher persuadiu aos philosophos todos os mysterios da mesma fé, sendo todos contrarios ás suas opiniões. Os philosophos uns criam em muitos deuses, outros negavam totalmente a divindade; e Catharina persuadiu a todos que havia Deus e que este era um em essencia e trino em pessoas e que sendo cada uma Deus, não eram tres deuses, senão um só Deus. Os philosophos criam que o mundo fôra *ab aeterno;* e uns diziam que o creara Deus necessaria e não livremente; outros que era increado e tinha o ser de si, ou que elle se creara e se fizera a si mesmo; e Catharina persuadiu-lhes que o mundo tivera principio e havia de ter fim, e que Deus o creara voluntariamente em tempo e não composto de atomos, como outros diziam, senão creado de nada. Os philosophos ensinavam que todas as cousas succediam acaso, que umas não podiam deixar de ser; porque assim o tinham decretado os fados; e outras eram mudaveis e contingentes sem outra dependencia que o arbitrio da fortuna; e Catharina persuadiu lhes que não havia fortuna, nem fados, nem as cousas succediam acaso, senão to-

das governadas com summa sabedoria; e que a Providencia divina era a ordem e governo d'ellas. Os philosophos nunca souberam que houvesse peccado original nem remedio d'elle; e Catharina persuadiu-lhes que no primeiro homem peccaram todos os homens antes de serem, e que para remedio d'este e dos outros peccados o Verbo, segunda pessoa da Trindade, sem deixar de ser Deus se fizera homem. Os philosophos não conheceram que uma natureza se podesse suppositar na subsistencia de outra; e Catharina persuadiu-lhes que no composto ineffavel de Christo subsistiam no mesmo supposto duas naturezas realmente differentes; e que sendo o mesmo Christo junctamente Deus e Homem, junctamente era infinito e finito, junctamente immenso e limitado, junctamente impassivel e passivel, junctamente immortal e mortal. Os philosophos uns negavam a immortalidade da alma, outros a duvidavam, e Catharina persuadiu-lhes que não só a alma era immortal, senão que tambem os corpos o haviam de ser depois de resuscitados: e que então os havia de julgar Christo, mandando os máus para o inferno e levando os bons para o céu a vêr e gozar a Deus para sempre; e que n'esta vista clara de Deus consistia a bemaventurança do homem sobre a qual os mesmos philosophos tinham tantas e tão diversas opiniões. Finalmente os philosophos abominavam sobre tudo e tinham por cousa indigna de homens com juizo adorar por Deus a um crucificado: *Gentibus autem stultitiam*: e Catharina lhes persuadiu que não só haviam de adorar o Crucificado, senão tambem a cruz, ainda que fosse ou tivesse sido o instrumento do mais infame supplicio; e não só a mesma cruz, senão qualquer imagem d'ella. E que todos estes mysterios da fé, sendo tão superiores á razão humana, que muitos parecem contrarios a ella, os persuadisse uma mulher a cincoenta philosophos gentios, quando tres sanctas e de tanta auctoridade, só por serem mulheres, não poderam persuadir um só mysterio da resurreição a onze discipulos de Christo: vêde se foi estupenda victoria!

Verem-se aquelles sabios e confessarem-se vencidos por uma mulher. Caso de Abimelech. *1 Reg* 31

Mas a maior circumstancia d'ella, a meu sentir, ainda não foi esta. E qual foi? Foi que não só persuadiu Catharina aos philosophos toda a fé de Christo, senão a virtude mais propria de Christo e nunca conhecida da philosophia e a mais difficultosa de apprender, que é a humildade. Porque tendo entrado n'aquelle grande theatro tão soberbos e vãos com as suas sciencias, nenhum duvidou de se sujeitar e render á sabedoria e doutrina de uma mulher, sem repararem nem fazerem caso de que todos os circumstantes vissem e todo o mundo soubesse que uma mulher os vencera. Tendo Abimelech entrado á força de ar-

mas os muros de Thebes e não lhes restando por «tomar» e render mais que a ultima terra, a cujas portas estava pondo o fogo, uma mulher lançou de cima sobre elle uma grande pedra, de que caiu mortalmente ferido na cabeça: mas ainda teve accordo para dizer ao seu pagem da lança estas palavras: *Evagina gladium tuum et percute me, ne forte dicatur quod a foemina interfectus sum*: tira depressa pela espada e mata-me: porque se não diga no mundo que me matou uma mulher. Tão injuriosa cousa é aos homens, principalmente grandes e famosos, qual era Abimelech, poder-se dizer que uma mulher os venceu, que antes se deixaram e mandaram matar, que soffrer tal injuria. Porém os cincoenta philosophos ensinados por Catharina, de tal maneira tinham já desprezado o mundo e todos seus dictos, que não só não tiveram por affronta confessar que uma mulher os vencera; mas em testemunho de ella os ter vencido e da fé que lhes tinha ensinado, não duvidaram em se deixar matar e queimar vivos, como todos foram mortos e queimados por esta causa. «Ha victoria mais admiravel do que esta? Que sabedoria é a que alcança tão grandes triumphos? Ah! não se diga que Catharina é mulher: diga-se que é um cherubim com rosto de mulher; pois de outro modo não sei explicar como se lhe rende até este poncto a altivez de tantos homens.»

3.ª Circumstancia: ser uma sabia que rende a sabios.

VI. Ponderada a victoria de Catharina pelas duas considerações de numero a numero e de sexo a sexo; se foi maravilhosamente insigne por ser de uma a cincoenta e de mulher a homens; a terceira e ultima consideração e que mais a qualifica de admiravel, é ser de sabia a sabios. Que as cinco virgens sabias do Evangelho não reduzissem uma nescia, costume é dos nescios serem incorregiveis. Mas que uma sabia reduzisse a tantos sabios, esta digo que foi a mais prodigiosa circumstancia d'aquella victoria e o tropheo mais illustre da nossa Sabia vencedora.

A disputa dos amigos de Job. C. 2.

Aquelle proloquio vulgar dos philosophos, que um similhante não tem actividade contra outro similhante: *Simile non agit in simile*, em nenhum agente se verifica mais que de sabio a sabio. Como pelejam com armas eguaes podem-se resistir, mas não se podem vencer. A mais celebre disputa e como tal a primeira e mais antiga cousa que se escreveu no mundo, foi a de Job com aquelles tres philosophos que o vieram visitar em seus trabalhos. Aconteceu-lhes o que acontece ordinariamente entre lettrados, que começa a visita em conversação e acaba em questão e disputa. Disse, pois, Job o que lhe dictava a sua dôr; e quando esta lastimosa proposta pedia mais consolações que argumentos, argumentou contra elle em primeiro logar Eliphaz, em segundo

Beldad, em terceiro Sophar; e posto que Job respondeu copiosa e efficazmente assim aos argumentos, como ás instancias, que uma ou outra vez replicaram sobre as suas respostas, Eliú que ouvia de fóra tomou a mão sobre todos e o arguiu de novo tão furiosamente que se o mesmo Deus não interpozera sua auctoridade, favorecendo a parte de Job, não se sabe em que viria a parar a disputa. Pois se Job tinha tanta sciencia assim acquirida como infusa: se natural e sobrenaturalmente era tão sabio; se fallcu tanto e tão altamente e com aquella força de eloquencia que a mesma dôr ensina ainda aos que não sabem fallar; sobre tudo se tinha de sua parte a razão e respondeu a todos os contrarios; como não rendeu, nem convenceu estes amigos antes os irritou mais? Porque todos eram philosophos, todos sabios, todos doutos; e não ha mais difficultosa victoria que de sabios a sabios. É verdade que a razão estava da parte de Job, como definiu o mesmo Deus. Mas elles como eram philosophos e doutos; ainda que lhes faltasse a razão, ou sophisticas ou verdadeiras para tudo tiveram razões. Lêde com attenção o que disseram, para que, depois de admirados da profundidade de suas philosophias, vos admireis mais de que Sancta Catharina convencesse a tantos philosophos.

O que a mim me admira e pasma sobre tudo é, que toda esta victoria fosse unicamente da sabedoria e eloquencia da nossa Sancta sem se valer de prodigios nem de milagres, como em similhantes conflictos fizeram outros sanctos e o mesmo Sancto dos sanctos. Ponde-vos á vista da cidade Damasco, vereis toldar-se o ceu, bramir as ventos, escurecer-se e accender-se as nuvens: tudo relampagos, tudo trovões, tudo raios: que é isto? É que desce Christo do ceu a converter a Saulo. Pois tanto empenho, tanto apparato, tanto estrondo, tanta machina para reduzir a um homem? Não sois vos, Senhor aquelle mesmo que com um *Venite post me*, reduzistes a Pedro e André, a João e Diogo? Com um *Sequere me* a Mattheus e com um *Descende* a Zacheu? Pois para reduzir tambem a Saulo não bastam poucas ou muitas palavras, senão acompanhadas de tamanhos prodigios? Sim, diz a mesma Sabedoria descida do ceu: Não sabeis que Saulo é um homem douto graduado na eschola de Gamaliel e o mais vivo ingenho de toda ella? Pois esta e a difficuldade e differença que ha entre os sabios e lettrados, aos que o não são, para se reduzirem e converterem. Por isso se vêem tantas lettras e tão poucas conversões. Levantam-se os indoutos e idiotas com o reino do ceu e nós com as nossas lettras estamo-nos indo ao inferno, dizia Agostinho a Alipio e Alipio a Agostinho; e com esta consideração aquelle grande par de doutores se fizeram egualmente

sanctos. Mas já que estamos com S. Paulo á vista entremos com elle na Coimbra da Grecia e vejamos os progressos que faz a sua eloquencia e espirito n'aquellas escholas.

Mostra-se S. Catharina mais admiravel que o mesmo S. Paulo prégando em Athenas. *Act.* 19

Entrou S. Paulo na cidade e universidade de Athenas, mãe até aquelle tempo de todas as sciencias do mundo: encontrou-se alli, diz o Texto, com varios philosophos particularmente estoicos e epicureos com os quaes disputou; e estes o levaram ao areopago, que era o tribunal supremo da justiça e da sciencia, para que desse conta da nova doutrina que prégava. Era Paulo aquelle famosissimo orador que de tres cousas que desejava vêr Sancto Agostinho, a primeira era a humanidade de Christo e a segunda a Paulo prégando. Pregou, pois, em presença dos areopagitas com maior peso de sentenças, com maior efficacia e energia de eloquencia, do que nunca foi ouvido em Athenas Demosthenes. E quantos converteu d'aquelles sabios? Caso maravilhoso! Um só Dionysio areopagita, nos diz S. Lucas. E se o Apostolo das gentes, se a voz de eleição, escolhido nomeadamente por Deus para doutor e mestre da gentilidade, de todos os philosophos de Athenas converteu um só Dionysio, quem poderá dignamente comprehender, ó Catharina, a immensidade de louvor devido a vossos triumphos; pois de cincoenta philosophos escolhidos não só na mesma Athenas, senão em toda a Grecia, Egypto e Palestina nenhum houve que resistisse á vossa sabedoria e eloquencia, a todos inteiramente vencestes e convencestes? Lá vai S. Paulo navegando para Corintho sem outro despojo de Athenas mais que um philosopho. E vós ó Catharina sem mover pé do theatro imperial tanto maior e mais illustre que o areopago exprobrais livremente aos philosophos a falsidade de seus deuses, declarais por idolatria as suas aberrações e altares, os obrigais e convenceis não só a crer com o intendimento a verdadeira divindade de um só Deus e todos os outros mysterios da fé christã, mas a confessal-os a vozes deante de todos.

Um sabio difficultosamente se declara convencido. *Joan.* 3 *Crys. hom.* 23 [illegible]

Ponderae, senhores, e sondae bem o fundo d'esta ultima clausula Conhecer um sabio a sua ignorancia ou o seu erro é muito facil: não fôra sabio, se o não conhecera. Porém chegar a o confessar e confessal-o publicamente é o poncto mais arduo e difficultoso a que se póde reduzir o brio humano; e tanto mais quanto maior fôr o nome, a opinião e o gráu que tiver de douto. Ponderou Nicodemus a doutrina de Christo junctamente com a grandeza de seus milagres; e veio a conhecer que só ella era a verdadeira e toda a outra falsa. Delibera-se a ir buscar o divino Mestre e lançar-se a seus pés para que o ensine: mas como? Despiu a toga ou a beca e disfarçado e desconhecido foi buscar

ao Senhor de noite: *Erat homo ex phariseis Nicodemus nomine: hic venit ad Jesum nocte*. Vêde como o argúi S. João Chrysostomo: Se conheceis que Christo é mestre vindo do céu, se conheceis que a sua doutrina é divina e o vindes buscar para que vos ensine; porque vindes de noite e ás escondidas; porque não confessais isso mesmo clara e publicamente? Porque Nicodemus era um mestre de grandissima reputação em Israel; e posto que elle já reconhecia os seus erros, isso era em segredo e das portas do seu intendimento para dentro; porém que esses mesmos erros e ignorancias de que já estava convencido os houvesse de confessar publicamente; de nenhum modo fez ou se atreveu a fazer tal cousa Nicodemus; porque lh'o não consentia a reputação e o credito e por isso vinha de noite. De noite reconhecia que era morcego, de dia queria ostentar-se aguia. Oh se os livros fallaram, quantas ignorancias haviam de dizer que consultam com elles de noite os que de dia se publicam grandes lettrados! Mas não é só a capa da noite a que dissimula estes defeitos. Quantas vezes reconhece o quinau na consciencia o mesmo que na cadeira o defende a vozes? Pouco sabe quem não conhece a força do argumento e a fraqueza da solução. Uma cousa é responder, outra fallar no cabo. Mas sendo mui frequentes as contricções d'estes peccados lá no segredo da consciencia, chegar com elles á publica confissão quem tem opinião de sabio, é milagre só da graça de Sancta Catharina. Todos aquelles cincoenta philosophos eram os primeiros mestres nas suas universidades, como vimos; e que cada um reconhecesse a força das demonstrações com que os impugnava Catharina e dentro de si mesma se descesse das opiniões que tinha estudado e dictado, muito foi, mas não foi tanto; porém que todos em um acto tão publico não duvidassem de confessar esses mesmos erros e detestar as suas seitas e não sustentar a toda a força e sem ella os dogmas das suas escholas; aqui pasma a admiração e perde o nome o encarecimento.

Puz no ultimo logar o não sustentar os dogmas das suas escholas; porque esse é o ultimo castello em que o erro dos sabios, ainda depois de convencido, se sustenta e defende obstinadamente, sem se render á mais conhecida verdade. Grandes exemplos viu a nossa edade d'estas batalhas do intendimento; e se perguntardes a uns e outros combatentes a causa, não é outra que o amor natural ou parcial bebido com o leite da primeira doutrina e a honra e reputação da propria eschola. Mas vamos á primitiva Egreja. Contra a publicação da lei da graça que Sancto Estevão prégava, diz a historia dos actos apostoli-

cos que entre as outras escholas de Cilicia e da Asia se levantaram nomeadamente a dos Libertinos, a dos Alexandrinos e a dos Cyrenenses, os quaes disputavam com Estevão; porém que não podiam resistir á força do espirito e sabedoria que n'elle fallava. Supposto, que não podiam resistir, segue-se que se renderam? Nada menos. Antes se viu aqui practicada uma que parece implicação; porque faltando de uma parte a resistencia, da outra não resultou a victoria. Elles não podiam resistir e Estevão não os podia vencer. Pois, homens sabios ou presumidos de sabios, se disputastes, se arguistes, se respondestes. se tendes dicto uma e outra vez quanto sabieis e vêdes que não podeis resistir, porque vos não confessais vencidos? Porque Libertinos, Alexandrinos e Cyrenenses todos pugnavam pelas suas escholas; e quem pugna pela propria eschola poderá não poder resistir; mas chegar a se confessar vencido não póde ser. Faltar-lhes-hão as razões, faltar-lhes-hão os argumentos, vêr-se-hão atalhados e mudos; e quando não tiverem outro genero de defesa, arremeterão ás pedras; e assim foi. Em logar de Estevão sair vencedor da disputa, saiu apedrejado, e elles tão obstinados e duros como as pedras, mas não convencidos. Alexandrinos podemos dizer que eram todos os cincoenta philosophos que hoje se acharam no theatro de Alexandria; mas todos de tão differentes seitas e escholas como as que já nomeei. O espirito e sabedoria que fallava em Catharina reduziu-os a termos que não podiam resistir. Mas a victoria maior e o poncto mais subido d'ella foi que se confessassem vencidos e convencidos não só contra o credito das proprias opiniões de cada um, mas contra a soberba e arrogancia das suas mesmas escholas.

Os 50 philosophos convertidos em 50 cherubins de de sabedoria levam em triumpho a Sancta que os converteu.

D'esta maneira triumphou a nossa sabia vencedora de todas as escholas mais famosas da philosophia gentilica; e assim conseguiu de todos os cincoenta philosophos com o discurso de poucas horas o que as sabias do Evangelho não poderam conseguir de uma só nescia em muitos dias de companhia e de tracto. Que eram os cincoenta philosophos senão outros tantos leões soberbos e inchados com a presumpção e arrogancia das suas sciencias, aos quaes lançou o imperador Maximino a Catharina n'aquelle segundo amphitheatro de Alexandria como faziam no de Roma? Mas as razões do juizo de Catharina eram tão superiores ás de todos os homens e a agudeza de seu discurso tanto mais penetrante que a de todas as aguias, que nenhuma soberba a pôde rebater, nenhuma inchação resistir. Sujeitos, pois e humilhados assim os cincoenta leões, todos com a grenha caida e todos com a boca tapada, essa mesma sujeição e humildade os transformou em cherubins de sabedoria

celestial» e transformados n'esta nova figura com pompa jámais vista no mundo levaram até o céu o carro triumphal de Catharina laureado de outras tantas palmas. Elles deante como sabios vencidos e ella no throno como sabia vencedora: vencedora uma de tantos, vencedora mulher de homens e vencedora sabia de sabios.

Propõem-se os 50 philosophos por modelo de docilidade e de constancia aos estudiosos e doutos de Coimbra.

VIII. Tenho acabado o meu discurso e não sei se satisfeito ao que prometti. Seguia-se agora a peroração e exhortar n'ella os ouvintes, como se costuma, á imitação da Sancta: mas a nossa sabia vencedora assim na sabedoria como nas victorias é inimitavel. O que só posso e desejo aconselhar é que todos os estudiosos e doutos, já que não podem imitar a Sancta vencedora, imitem os philosophos vencidos. Duas cousas tiveram insignes estes famosos cathedraticos: a primeira a docilidade, a segunda a constancia. A docilidade com que se renderam á verdade conhecida da doutrina de Catharina e a constancia firme até á morte com que defenderam a mesma verdade, apezar e a despeito do imperador.

Salomão pede a docilidade e recebe a doutrina. 3 Reg. 3

Quem não é docil, senhores, não póde ser douto, antes a mesma docilidade é synonimo da sciencia. Disse Deus a Salomão que pedisse o que quizesse, porque tudo lhe concederia. O que pediu foi a docilidade: *Dabis servo tuo cor docile*. E o que o Senhor lhe concedeu foi a maior sabedoria que nunca teve nem terá outro homem. Pois se Deus tinha promettido a Salomão que lhe daria o que pedisse e elle pediu docilidade, como lhe concedeu sciencia? Por isso mesmo. Porque docilidade, e sciencia são a mesma cousa; e não podia Deus segundo a sua promessa deixar de lhe dar a sciencia, tendo elle pedido docilidade. Assim lh'o disse o mesmo Deus: *Ecce feci tibi secundum sermones tuos*. A sciencia nenhuma outra cousa é que o conhecimento claro de muitas verdades, umas em si, que são os principios e outras que d'ellas se seguem, que são as conclusões. E aquelles que não teem docilidade (como são os tenazes de proprio juizo e ferrados á sua opinião) ainda que a verdade se lhes represente, não são capazes de a reconhecer. Por isso estes taes cada vez sabem menos e todas as vezes que a opinião passa a erro perseveram n'elle. O mesmo havia de succeder aos philesophos de Sancta Catharina, persistindo e obstinando-se mais nos erros das escholas que seguiam e em que foram creados. Mas a sua docilidade, que é o que só tinham de sabios, foi a que lhes tirou dos olhos o véu da cegueira, com que conheceram claramente a verdade e conhecida a abraçaram e defenderam.

O maior perigo de um letrado é torcer da verdade por lisonja dos grandes.

N'esta defensa consistiu a sua admiravel constancia, conser-

vando-se firmes no maior perigo e invenciveis na maior tentação em que costumavam fraquear e cair os doutos. Qual vos parece que é a maior e mais forte tentação em que se póde vêr um hommem lettrado? A maior tentação de um lettrado é conhecer a inclinação, a vontade e o empenho do rei e não torcer da verdade, nem accommodar as suas lettras ao que elle quer. E n'este poncto tão arduo e difficultoso é que se provou a constancia dos cincoenta philosophos, verdadeiramente sabios e doutos, depois que na eschola de Sancta Catharina apprenderam o que não sabiam e conheceram a verdade. A vontade e empenho do imperador Maximino era que pugnassem pela divindade de seus falsos deuses e defendessem sua adoração. Mas elles, sendo chamados e escolhidos a esse fim e conhecendo a vontade e empenho do imperador e o risco a que se expunham de cair na sua desgraça e nas mãos da sua crueldade enfurecida, antes quizeram perder a vida e ser lançados, como foram, em uma fogueira, que desdizer nem torcer um minimo poncto do que intenderam que era verdade.

Estes são os cathedraticos de peste do psalmo 1.º Theodoreto.

Oh que ditosas seriam as republicas, que veneraveis as universidades e que bemaventurados os mestres e doutores d'ellas se imitassem a verdade, o valor e a constancia d'estes philosophos: *Beatus vir qui non abiit in consilio impiorum et in via peccatorum non stetit et in cathedra pestilentiae non sedit.* Estas são as primeiras palavras com que David rei e propheta deu principio ao livro dos psalmos cheios de tão altos mysterios; sendo muito digno de se notár que os homens tambem primeimeiros de que fallou, fossem os doutores e cathedraticos. Bemaventurados, diz, os que não ajunctarem o seu voto ao conselho dos impios, os que não assistirem e defenderem o caminho dos peccadores e os que se não assentarem na cadeira da peste. E se os que isto fazem, são por isso bemaventurados, os que fizerem o contrario que serão? As cadeiras das universidades ainda que sejam de theologia, de leis, de canones, todas «se podem chamar» de medicina, porque todas se ordenam á saude publica. E que sería se os cathedraticos da saude se trocassem em cathedraticos de peste? Pois saibam que taes são os que tentados da ambição, da lisonja ou temor em logar de desenganarem com a verdade aos principes que os consultam, se deixam enganar do seu ou de outros respeitos; e o que elles desejam ou pretendem, isso respondem que é justo. Mudam as leis como as velas, segundo o vento que corre, dissera eu: mas David o declarou com comparação mais vil e por isso mais propria, dizendo que se deixam levar do mesmo vento como o pó da terra: *Tanquam pulvis quem projicit ventus a facie terrae.*

Os que são ou podem ser tentados d'esta tentação ouçam ao grande Theodoreto na exposição d'este mesmo texto: *Nam quando tentatio flaverit, arguuntur tanquam pulvis terrae hinc inde dispersi, ad placitum dynastarum sententiarum mutatores.* A tentação é a esperança ou o temor: os doutores inconstantes são o pó solto e leve: a vontade ou inclinação dos dynastas é o vento; e o voto, a sentença e a interpretação das leis, o que elles querem ou se presume quererem. E por esta perversão das lettras e dos lettrados as mesmas universidades e cadeiras, d'onde havia de manar a saude publica, veem a ser o veneno, a ruina e a peste dos reinos *Cathedra pestilentiae.*

Ha reis christãos que no odio da verdade são peiores que el-rei Balthasar e similhantes a Juliano apostata.

Se eu prégara onde agora me não querem ouvir, não deixava de representar aos reis ou a seus ministros o exemplo nunca assaz louvado de Balthazar e o premio que tirou Daniel da verdade e constancia com que lhe interpretou as suas lettras. Continha-se n'ellas não menos que a morte do rei, a perda da corôa imperial e a sujeição de toda a monarchia a seus inimigos; e não lhes restando a Balthazar mais que poucas horas de vida, na mesma em que lhe annunciou Daniel uma tão funesta sentença, o mandou vestir de purpura e levantar á maior dignidade. Assim premiou um tal desengano, quem tão enganado vivia. Mas esta generosidade e justiça de um rei gentio falta hoje em muitos principes christãos; e desejosos de parecer justos, os quaes antes querem imitar ao imperador Juliano, tão apostata da verdade, da razão e da mesma corôa, como o tinha sido da fé. Tendo frequentado Juliano a universidade de Athenas e prezando-se de douto, só estimava e premiava aquelles lettrados que não conheciam outra lei mais que a da sua vontade. Assim o escreve d'elle o seu antigo condiscipulo S. Gregorio Nazianzeno. E onde os professores das lettras teem os augmentos seguros na adulação e perigosos na verdade, vêde se lhes é mais necessario serem jubilados na constancia, que graduados nas sciencias!

Guarda-te de querer por tudo ser sabio no conceito dos reis. Matth. 7

Sobre esta injustiça dos premios ainda accresce outra maior; e qual é? É que estes herejes das leis são os applaudidos de lettrados e os reputados doutos; e pelo contrario os que defendem a razão e pugnam pela verdade ficam tidos por idiotas e ignorantes, como ficaram os nossos philosophos na opinião de Maximino e de seus aduladores. Mas para que todo o lettrado christão não tema o boato d'estas opiniões, postoque coroadas, e vença a vaidade d'ellas com a verdade, tome na memoria uma só sentença, com que acabo, digna de se mandar gravar com lettras de bronze em todas as universidades do mundo: *Penes regem noli velle videri sapiens*: guarda-te de que-

rer ser tido por sabio no conceito dos reis. E de quem é este conselho, este aviso e esta cautela? Não é menos que do Espirito Sancto por bocca do Ecclesiastico para que ninguem duvide. Mas se a que mais estimam os homens e o por qne mais trabalham, assim na paz como na guerra, é qne os reis tenham boa opinião d'elles; que razão particular ha nos sabios para que a não queiram? A razão é porque os reis (commummmente) não teem por doutos e sabios senão aquelles que em tudo approvam e se conformam com os seus dictames e interesses politicos; e como isto muitas vezes não póde ser sem offensa das leis divinas e violencia das humanas, melhor é para taes casos ser reputado por menos douto e não ter opinião de sabio: *Penes regem noli velle videri sapiens.* Isto é o que todo o sabio deve não querer, como não quizeram todos os philosophos que Sancta Catharina fez não só verdadeira mas constantemente sabios. A mesma Sabia vencedora pela grande valia que tem com Deus alcance a todos os presentes esta fortaleza e constancia, para que vencedores de tão grave tentação e perseverando até á morte na mesma victoria mereçam ser admittidos com os que ella ensinou, á companhia e gloria de seu triumpho. Amen.

(Ed. ant. tom. 3.º, pag. 253, ed. mod. tom. 2.º, pag. 1)

SERMÃO DE SANCTA THEREZA * *

PRÉGADO NO COLLEGIO DA COMPANHIA DE JESUS NA ILHA DE S. MIGUEL; HAVENDO ESCAPADO O SEU AUCTOR DE UM TERRIVEL NAUFRAGIO E APORTADO ÁQUELLA ILHA

Observação do compilador.—Segue-se um sermão panegyrico que é dos mais eloquentes de Vieira.=Estes sermões, diz elle, se devem prégar com os olhos no céu, na terra e no evangelho; no céu para glorificar o sancto, na terra para instruir os ouvintes e no evangelho para intender como tudo isto se ha de fazer.=É a regra que sempre segue e o caracter de sua eloquencia.

Quinque autem ex eis erant fatuae et quinque prudentes.
S. Matth. 29.

Os nossos acasos conselhos da Providencia Exemplos da Escriptura. Exemplo do mesmo orador.

E quantas vezes os que pareceram acasos, foram conselhos altissimos da providencia divina! Acaso parece que estava Christo encostado sobre o poço de Sichar; e era conselho da providencia divina, porque havia de chegar alli uma mulher (a Samaritana) que se havia de converter. Acaso parece que entrava Christo pela cidade de Naim; e era conselho da providencia divina, porque havia de sair d'alli um moço defuncto que havia de resuscitar. Acaso parece que passeava Christo pelas praias do mar de Gatiléa; e era conselho da providencia divina, porque havia de chamar d'alli a dous pescadores, que, deixadas as redes e o mundo, o haviam de seguir. Parece-me, senhores, que me tenho explicado. Acaso e bem acaso aportei ás praias d'esta ilha: acaso e bem acaso entrei pelas portas d'esta cidade: acaso e bem acaso me vejo hoje n'este pulpito, que é verdadeiramente o poço de Sichar, onde se bebem as aguas da verdadeira doutrina. E quem me disse a mim nem a vós, se debaixo d'estes acasos se occulta algum grande conselho da providencia divina? Quem nos disse se haverá n'esta Naim algum mancebo morto no seu peccado, que por este meio haja de resuscitar? Quem nos disse, se haverá n'esta Samaria alguma mulher de vida perdida, que por este meio se haja de converter? Quem nos disse, se haverá n'esta Galiléa algum Pedro ou An-

dré, engolfados no mar d'este mundo, que por este meio hajam de deixar as redes e os enredos? Bem vejo que a força dos ventos e a violencia das tempestades foi a que me trouxe a estas ilhas, ou me lançou e arremeçou n'ellas. Mas quem póde tolher ao Auctor da graça e da natureza que obre os effeitos de uma pelos instrumentos da outra e que com os mesmos ventos e tempestades faça naufragar os remedios para soccorrer os perigos? Obrigado da tempestade e do naufragio chegou S. Paulo á ilha de Malta; e do que alli então prégou o Apostolo tiveram principio aquellas religiosas luzes, com que hoje se alumia e se defende a Egreja. Bem conheço quão falto estou da eloquencia e muito mais do espirito de S. Paulo: mas na occasião e nas circumstancias presentes ninguem me poderá negar uma grande parte de prégador, que é chegar a esta ilha vomitado das ondas. Uma das cousas mais admiraveis ou a mais admiravel de todas as que se lêem em materia de peregrinação é o grande e universal fructo que fez a do propheta Jonas em Ninive. As maldades da cidade eram as mais enormes; o povo, gentilico e sem fé; o prégador extrangeiro e não conhecido; o sermão brevissimo, desarmado e secco, sem prova de razão nem de Escriptura. E comtudo, que este sermão e este prégador convertesse o rei e a côrte e a populosissima cidade a uma penitencia tão geral, tão extraordinaria e tão publica? Mas era Jonas um prégador vomitado das ondas. Prégava n'elle a tempestade, prégava n'elle a baleia, prégava n'elle o perigo, prégava n'elle o assombro, prégava n'elle a mesma morte, de que duas vezes escapara. Por certo que não foi tão grande a tempestade de Jonas como a em que eu e os companheiros nos vimos. O navio virado no meio do mar, e nós fóra d'elle pegados ao costado, chamando a gritos pela misericordia de Deus e de sua Mãe. Não appareceu alli baleia que nos tragasse; mas appareceu (não menos prodigiosamente n'aquelle poncto) um d'estes monstros marinhos que andam infestando estes mares: elle nos tragou e nos vomitou depois em terra.

Jonas em Ninive e o orador na ilha de S. Miguel. Jon 3

Vomitado assim em terra Jonas o thema que tomou, foi: *Adhuc quadraginta dies et Ninive subvertetur*: d'aqui a quarenta dias se ha de subverter Ninive. Em terra onde os terramotos são tão continuos e tão horrendos; em terra onde os montes são vivos e estão lançando de si os incendios a rios; em terra onde o fogo é mais poderoso que o mesmo mar oceano e levanta no meio d'elle ilhas e desfaz ilhas: em terra onde as povoações inteiras em um momento se viram arruinadas e subvertidas, que thema mais a proposito que o de Jonas: *Adhuc quadraginta dies et Ninive subvertetur?* Se Ninive se subvertesse,

seria milagre e castigo: mas se se subvertesse (o que Deus não permittirá) esta cidade, podia ser castigo sem ser milagre. Suppostas todas estas circumstancias, mui a proposito vinha o thema ao prégador e ao logar: mas é o dia mui de festa para assumpto tão triste e funesto.

Protegida por Sancta Thereza esta nova Ninive será convertida e não subvertida.

Gloriosa Thereza, terra onde vós estais e onde a devoção dos moradores tambem vos venera, segura póde estar de ser subvertida. Convertida sim, subvertida não. Por meio de Jonas converteu Deus a Ninive; e era Jonas tão imperfeito n'aquelle tempo que desobedecia a Deus e fugia d'elle. Mas tanto póde a força da graça. Quando vós, Sancta, vivieis na terra, o maior emprego de vossas orações era encommendar os prégadores a Deus, para que convertessem e levassem a elle muitas almas, como vós levastes tantas. Oh quem merecera n'esta hora um raio da vossa luz e um assopro do vosso espirito! Não é menor hoje a vossa caridade nem menos poderosa a vossa valia. Intercedei, gloriosa virgem, com a Virgem e Mãe de vosso Esposo para que me alcance do seu esta graça. Bem sabeis, Sancta, que graça é a que eu desejo. Não aquella graça que faz soar bem as palavras nos ouvidos: não aquella graça que deleita e suspende os intendimentos, senão aquella graça que accende as vontades: aquella graça que abranda, que rende, que fere, que inflamma os corações. D'esta graça nos alcançae da Virgem Sanctissima quanto ella vê que ha mister a dureza das nossas almas e a frieza da minha. *Ave Maria.*

Assumpto. Sancta Thereza mais prudente que as virgens prudentes e nós mais nescios que as virgens nescias.

II. *Quinque autem ex eis erant fatuae et quinque prudentes.* Com os olhos no céu, com os olhos na terra e com os olhos no evangelho determino prégar hoje: que é o modo com que nas festas dos sanctos se deve prégar sempre. Deve-se prégar com os olhos no céu para que vejamos o que havemos de imitar nos sanctos: deve-se prégar com os olhos na terra, para que saibamos o que havemos de emendar em nós; e deve-se prégar com os olhos no evangelho, para que o Evangelho, como luz do céu na terra, nos encaminhe ao que havemos de emendar na terra e ao que havemos de imitar no céu. O que hoje nos pôi deante dos olhos o Evangelho são dez virgens; cinco nescias e cinco prudentes; e isto é o que dizem as palavras que propuz: *Quinque autem ex eis erant fatuae et quinque prudentes.* Mas quando olho (cousa notavel!) quando olho com os olhos no céu para as virgens prudentes, comparadas com Sancta Thereza «não vejo tanta prudencia quanta eu esperava»: e quando olho com os olhos na terra para as virgens nescias, comparadas comnosco «não vejo tanta nescedade quanta eu temia». Isto é o que se me afigura hoje e esta será a materia do sermão:

«Thereza mais prudente que as virgens prudentes e nós mais nescios que as virgens nescias. Grande assumpto! que será, como espero, a Thereza de gloria, e a nós de confusão para a emenda. Dae-me attenção».

Provas da prudencia de Sancta Thereza 1.º melhor que as virgens prudentes vigiou sempre ainda que sabia a hora da vinda do Esposo.

III. A primeira cousa em que admiro a prudencia de Sancta Thereza entre as virgens prudentes prudentissima é o cumprimento da obrigação de vigiar. Diz o Evangelho que sairam dez virgens a receber o Esposo e que tardando o Esposo adormeceram todas e dormiram. Notae: quando diz que sairão faz distinção de umas a outras; e diz que umas eram nescias e outras prudentes, porque foram differentes no cuidado: *Quinque erant fatuae, quinque prudentes;* quando, porém, diz que adormeceram e dormiram não faz distincção alguma e de todas falla pela mesma linguagem: *dormitaverunt omnes et dormierunt;* porque todas foram eguaes no descuido. Quando sairam foram differentes no cuidado; porque cinco levaram oleo nas redomas e cinco não: quando dormiram foram eguaes no descuido, porque «tendo todas obrigação de vigiar, como» Christo declarou no fim do Evangelho, umas cinco e outras cinco nenhuma resistiu ao somno, todas dormiram. Se bem nas nescias tudo dormia; nas prudentes dormiam os olhos, mas vigiavam as redomas. Em Thereza, porém, tudo vigiou, olhos e redoma, e o que é mais «para admirar, vigiou sabendo ella mais que o dia e mais que a hora da vinda do seu Esposo.» Um dos maiores favores que Sancta Thereza recebeu de Deus foram dous sacretos que o mesmo Senhor lhe revelou occultos a todos os homens: o primeiro quando havia de morrer, o segundo, que se havia de salvar. Alguns sanctos tiveram revelação de sua morte; Sancta Thereza teve-a de sua morte e de sua predestinação. Soube o dia e a hora, porque soube quando havia de morrer; e soube mais que o dia e mais que a hora; porque soube tambem que morrendo se havia de salvar. E que sobre estas duas sciencias, sobre a sciencia e certeza de quando havia de morrer e sobre a sciencia e certeza de que se havia de salvar vigiasse comtudo Sancta Thereza, sem adormecer nem se descuidar um momento, antes fazendo uma vida tão rigorosa e tão maravilhosa! «Isto é o que me causa maior admiração».

Qual a razão por que Deus não nos revela a hora da morte e o mysterio da predestinação como a Sancta Thereza?

Todos os homens n'este mundo vivemos com duas ignorancias: a primeira, da morte; a segunda, da predestinação. Todos sabemos que havemos de morrer, mas ninguem sabe o quando. Todos sabemos que nos havemos de salvar ou condemnar; mas ninguem sabe qual d'estas duas ha de ser. E porque ordenou Deus que a morte fosse incerta e a predestinação duvidosa? Não podera Deus fazer que soubessemos todos quando haviamos

de morrer e se eramos ou não predestinados? Claro está que sim. Mas ordenou com summa providencia que estivessemos sempre incertos da morte e duvidosos da predestinação para que a morte nos suspendesse sempre o temor com a incerteza, e a predestinação nos sustentasse a perseverança com a duvida. Se os homens souberam quanto haviam de viver e quando haviam de morrer, que seria dos homens? Se eu sabendo que posso morrer hoje, me atrevo a offender a Deus hoje; quem soubesse que havia de viver quarenta annos, como não offenderia confiadamente a Deus, ao menos os trinta e nove? Por esta causa ordenou Deus que a morte fosse incerta; e pela mesma que a predestinação fosse duvidosa. Se os homens soubessem que eram prescitos, como desesperados haviam-se de precipitar mais nas maldades! se soubessem que eram predestinados, como seguros haviam-se de descuidar na virtude! Pois, para que os máus sejam menos máus e os bons perseverem em ser bons, nem os máus saibam que são prescitos, nem os bons saibam que são predestinados. Não saibam os máus que são prescitos para que não se despenhem como desesperados; nem saibam os bons que são predestinados, para que se não descuidem como seguros. De maneira que estas duas ignorancias, a ignorancia da morte e a ignorancia da predestinação são as bases do temor da morte e do temor do inferno; e estes dous temores, as duas mais fortes columnas, sobre que todo o edificio da vida christã se sustenta; para que os homens não vivessem como nescios, mas obrassem como prudentes. Porém a Sancta Thereza tractou-a Deus com tal excepção, e fez da lealdade do seu amor tão differente confiança, que em logar d'estas duas ignorancias lhe deu as duas sciencias contrarias: a sciencia de quando havia de morrer e a sciencia de que se havia de salvar: porque sabia que nem a sciencia e certeza da hora da morte lhe havia de diminuir a vigilancia, nem a sciencia e segurança da salvação lhe havia de intibiar o cuidado. Saiba Thereza quando ha de morrer e saiba que se ha de salvar: para que, obrando sobre estas duas sciencias, saiba tambem o mundo quão fielmente me ama.

Esta sciencia da Sancta fez que ella pagasse a fineza do Salvador com analoga fineza.

Tendo o Evangelista S. João escripto as acções da vida de Christo e passando a escrever as da sua morte em vesperas d'ella, diz assim: *Ante diem festum Paschae, sciens Jesus quia venit hora eius, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Antes do dia da Paschoa, sabendo Jesus que era chegada a hora de sua morte, como tivesse amado aos seus em todo o tempo da vida, n'este fim os amou mais. Vai por deante o evangelista: *Sciens quia a Deo exivit et ad Deum vadit,*

ponit vestimenta sua et caepit lavare pedes discipulorum. E sabendo mais que ia para o céu e para Deus, assim como de lá tinha vindo, tirou o Senhor os vestidos e pondo-se em trajos de servo começou a lavar os pés aos discipulos. E assim vai continuando tudo o que o Senhor obrou n'aquellas horas ultimas e tão cheias. De modo que antes de S. João descrever as ultimas e maiores acções de Christo, o reparo que fez e o prologo de que usou, foi advertir e ponderar que tudo fizera o Senhor com duas sciencias particulares: com sciencia da hora de sua morte: *Sciens quia venit hora eius;* e com sciencia de que ia para o céu: *Sciens quia ad Deum vadit.* Ah prudentissima virgem Thereza que com este dobrado *Sciens*, com estas mesmas duas sciencias «vencestes as virgens» que o Evangelho canoniza de prudentes! Ellas não sabendo o dia nem a hora, dormiram: vós sabendo mais que o dia e mais que a hora, vigiastes. Sabía Sancta Thereza que lhe havia de durar ainda a vida muitos annos: e vivia com tanta cautela, como se temera morrer n'aquelle dia. Sabía que era predestinada, e que se havia de salvar; e preparava-se com tão extraordinarias obras para a morte, como se duvidara muito de sua salvação. Emfim obraram em Thereza estas duas sciencias o que não chegam a obrar em nenhum homem aquellas duas ignorancias; não tendo a esposa de Christo outro parallelo das finezas de seu amor n'este caso mais que as do proprio Esposo. Se Christo fôra um homem como nós e não soubera quanto lhe havia de durar a vida, nem se havia de ir ao céu depois da morte; que na vida fizesse o que fez e antes da morte se dispozesse como se dispoz, menos admiração fôra. Mas que tendo os annos e dias da vida sabidos e o céu certo e seguro; que desde o principio da vida se dedicasse a taes extremos de pobreza, de humildade, de sujeição, de perseguições, de trabalhos; e que antes da morte com maior e mais estupendo exemplo dispa os vestidos, lave os pés aos discipulos, ore com tanta efficacia no Horto, emmudeça ás injurias, soffra açoutes e espinhos, peça perdão pelos inimigos e encommende sua alma nas mãos do Padre com vozes e com lagrimas! Grande circumstancia e de grande valor e admiração nas obras de Christo!

E que a [illegible] em toda a sua vida.

Vêde agora se será tambem grande nas de Thereza. Que comece Thereza desde menina, juntamente com o uso da razão o uso da penitencia e das virtudes; e que sabendo quando ha de morrer e que lhe restam muitos annos de vida, não affrouxe um momento antes accrescente rigores! Que comece Thereza a fazer por sua salvação o mais que fizeram os maiores sanctos; e que sabendo de certo que é predestinada e que se ha

de salvar, se ponha a retratar suas acções na melhor e maior edade da vida pelas que Christo obrou nas vesperas da morte! Que tendo o céu seguro despisse os vestidos, não do mundo, mas da religião moderada e descalçasse os pés e se vestisse das primitivas asperezas de Elias! Que tendo o céu seguro se retirasse totalmente do tracto humano e gastasse não uma, não duas e tres horas, senão toda a vida em oração e união com Deus tão alta! Que tendo o céu seguro se disciplinasse com cadeias de ferro; e dos espinhos de que seu Esposo formou a corôa tecesse ella cilicios; que não fallasse nem respondesse uma palavra contra os que tão gravemente a infamaram e perseguiram e não só perdoasse a seus inimigos, mas orasse efficazmente por elles a Deus e lhes alcançasse mercês! Que tenha Thereza o céu seguro e que quando mais apertavam as dôres terriveis de suas infermidades pedisse a Deus lh'as dilatasse até o fim do mundo! Que tenha Thereza o céu seguro e que viva com tanto escrupulo e delicadeza de consciencia, que não commettesse nem um peccado venial com advertencia e chorasse os peccados que não tinha, como se fosse a maior peccadora! Finalmente que tenha Thereza o céu seguro e que diga *Aut pati aut mori*: Senhor ou padecer ou morrer: estimando mais a vida com tormentos que a mesma gloria a que havia de subir morrendo; e que se vá livremente a padecer as penas do inferno em vida porque as não havia de padecer depois da morte! Esta circumstancia é, gloriosa Thereza, a que faz singulares vossas victorias, ainda aquellas em que outros sanctos se pareceram comvosco. Elles obraram e vós obrastes: mas elles como nós incertos da morte: vós como Christo com certeza da vida. Elles como nós com o céu duvidoso; vós como Christo com o céu seguro. Elles como nós entre o temor da morte e do inferno; vós como Christo livre e superior a todos os temores.

Mais fina que Abrahão considerado na façanha do sacrificio.

A maior e mais qualificada façanha que n'este mundo se fez por Deus, foi a de Abrahão. Leva Abrahão seu filho Isaac ao monte, ata-o sobre a lenha do sacrificio, tira pela espada para lhe cortar a cabeça; manda-lhe Deus suspender o golpe e diz-lhe estas palavras: *Nunc cognovi quod times Deum*. Agora conheço, Abrahão, que temes a Deus. Que temes a Deus? Pois como assim? Quando Abrahão por amor de Deus sacrifica seu proprio filho: quando Abrahão por amor de Deus corta as esperanças de sua casa: quando Abrahão por amor de Deus mata a seu mesmo amor, parece que então havia de dizer Deus: Agora, Abrahão, conheci que me amas: mas agora conheci que me temes? Sim: porque bem considerada aquella façanha de Abrahão e vista por dentro, como Deus a via, teve mais de te-

mor que de amor. Bem via Abrahão que matar a Isaac era matar-se a si mesmo: mas via tambem que se o não matava, desobedecia: que se desobedecia, offendia a Deus: que se offendia a Deus, condemnava-se; e este temor de se não condemnar o pae, foi o que poz a espada na garganta do filho. Quando o pae e o filho iam caminhando para o sacrificio, diz o Texto que levava Abrahão em uma mão a espada e na outra o fogo: *Ipse vero portabat in manibus ignem et gladium*. Oh que bons dous espelhos para aquella occasião! Na mão da espada ia a morte do filho: na mão do fogo ia o inferno do pae. Se obedeces, has de matar: se desobedeces has de arder. O amor via-se ao espelho da espada; o temor via-se ao espelho do fogo. É possivel, pae, dizia o amor que has de matar teu filho unico e amado; e que a vida e o sangue que lhe deste, o has de derramar com tuas proprias mãos? Não ha de ser assim« viva Isaac; e caia rendido o braço da espada. Mas se não morre Isaac, replicava o temor, se Isaac sacrificado se não abraza n'este fogo ha de ir Abrahão por desobediente arder no do inferno. Ou arder Abrahão ou morrer Isaac. Oh que cruel dilemma para um pae! Mas passar a espada pela garganta de Isaac é um momento, instava o temor, e arder Abrahão no inferno é uma eternidade: pois padeça um instante o filho, para que não pene eternamente o pae. Torne-se a levantar o braço da espada. E já ia descarregando resolutamente o golpe: mas acudiu Deus. E como toda esta resolução de tirar Abrahão a vida a seu filho foi «principalmente» por temor de não offender a Deus e se condemnar; por isso Deus não disse: Agora conheci Abrahão que me amas: senão, Agora conheci que me temes: *Nunc cognovi quod times Deum*. Tal foi o sacrificio celebradissimo de Abrahão; e taes são ordinariamente quasi todos os sacrificios dos homens ainda os mais celebrados: chegados ao exame dos olhos de Deus as maiores finezas veem a ser «mais temor que amor». Não assim os sacrificios de Thereza Como sabia de certo que era predestinada, como estava segura que se não havia de condemnar, era sancta «por puro amor» de Deus. E que não tendo que temer em Deus fosse tão timorata que nem um peccado venial commettesse com advertencia; e que não tendo que temer em Deus, fosse tão temente a Deus que lhe pedisse por muitas vezes antes o inferno que offendel-o? Este foi o subir mais alto da perfeição, o adelgaçar mais fino do amor de Thereza.

2.º melhor que as virgens prudentes preparou para a vinda do Esposo mais do que sobeja.

IV. A segunda cousa em que Sancta Thereza «venceu as cinco virgens prudentes do Evangelho é que estas virgens em materia de salvação procuraram» só o que basta; Sancta Thereza quiz mais do que sobeja. Achando as virgens nescias que se lhes

apagavam as alampadas, chegaram-se ás prudentes a pedir que lhes quizessem dar do oleo que traziam prevenido: *Date nobis de oleo vestro.* Responderam as prudentes que o fossem antes comprar; porque podia succeder que não bastasse para umas e mais para outras: *Ne forte non sufficiat nobis et vobis.* Isto responderam as prudentes e n'isto digo eu que se mostrou mais prudente Sancta Thereza; porque ellas em materia de salvação contentaram-se com o que basta e Thereza quiz mais do que sobeja.

Imitando a David quando saiu ao desafio do gigante.

Desafiava o gigante Golias e affrontava arrogante os esquadrões de Israel e querendo David sair ao desafio, vai-se ao rio, toma cinco pedras, deita quatro no surrão mette uma na funda, faz tiro e derriba o gigante. Pois, David, tirador famoso, se para derribar o gigante basta uma pedra; para que levais cinco? Porque quiz David segurar o tiro; e o que sobeja é o que segura o que basta. A pedra que se tirou, derrubou o gigante; as que ficaram no surrão seguraram o tiro. Quem tem muitas balas, segura o poncto, porque tira com confiança. Quem não tem mais que uma bala e n'ella leva ou a morte do inimigo ou a sua, treme-lhe o braço, porque tira com receio. Por isso David levou cinco pedras, para que o tiro com quatro fiadores fosse seguro. D'onde eu infiro que «não se deve menos» a victoria ás quatro do surrão que á da funda: a da funda executou o golpe, as do surrão segurarão o braço. «Segundo esta philosophia para Sancta Thereza imitar a David e vencer as virgens prudentes do Evangelho só era necessario que fizesse mais do que basta. Mas ella, vencendo ao mesmo David em prudencia fez muito mais do que isso; e porque? Porque, como diziamos fez mais do que sobeja.» Dae-me attenção.

Provas da sua heroica sanctidade.

Para um homem se salvar, basta não fazer peccado mortal; e se tambem não fizer peccado venial, sobeja; e Sancta Thereza não se contentou com não commetter peccado mortal, que é o que basta; nem se contentou com não commetter peccado venial advertidamente, que é o que sobeja; senão que fez voto a Deus de em todas as suas acções buscar sempre o que fosse maior perfeição. Valentia de espirito e resolução prodigiosa e que de nenhum outro sancto se lê similhante. Mais. Para uma alma se salvar basta obedecer a Deus; e se se conformar em tudo com sua vontade, sobeja; e Thereza não se contentou com obedecer, que é o que basta; nem só com se conformar; que é o que sobeja; senão que passou de conformidade em transformação; e se transformou de tal modo na vontade divina, que ella e Christo viviam e amavam com um só coração. E em signal d'isto lhe abriu um seraphim o lado esquerdo com uma

setta de fogo e lhe tirou nas farpas d'ella o cadaver do coração que tivera e lhe ficara no peito sepultado. Mais. Para uma alma se salvar basta tractar da salvação propria, e se tractar tambem da salvação e reformação das almas alheias dentro dos limites do seu estado, sobeja; e Thereza não se contentou com tractar da salvação propria tão exactamente, que é o que basta: nem com tractar de reformação e perfeição das almas alheias dentro de seu estado, que é o que sobeja: mas excedendo os limites de mulher passou a ser doutora da Egreja e a escrever livros de perfeição, e a ensinar e allumiar o mundo em ponctos de espirito e de contemplação altissimos, a que nenhuma penna antes da sua tinha chegado. Mais. Para se salvar uma alma basta soffrer os trabalhos com paciencia; e se chegar a tanta perfeição que os soffra com alegria, sobeja; e Sancta Thereza, sendo tantas as perseguições e trabalhos da sua vida, não só os soffria com paciencia; que é o que basta: nem só com alegria, que é o que sobeja; senão que chegou a os receber e acceitar por premio dos serviços que fazia a Deus; e assim dizia de si: *Nunca hize a Dios algun servicio, que no me lo pagasse con algun trabajo.* Mais. Para uma alma se salvar basta amar os inimigos; e se chegar a lhes fazer boas obras, sobeja; e Sancta Thereza tendo tantos inimigos e perseguidores e ainda aquelles que por habito e profissão o não deveram ser, não só os amava, que é o que basta; nem só lhes fazia bem; que é o que sobeja; senão que tomava sobre si os seus males, e se offerecia a fazer penitencia dos mesmos aggravos que lhe faziam; sendo ella a que recebia a injuria e a que a pagava. Mais. Para uma alma se salvar, basta guardar continencia; e se guardar e votar virgindade perpetua, não só basta, mas sobeja; e Sancta Thereza não se contentou com ser continente, que é o que basta, nem com ser virgem, que é o que sobeja; mas competindo em certo modo com a Mãe de Deus passou a ser virgem e mãe junctamente. Digam-no tantos conventos de anjos humanos, uns com nome de mulheres, outros com nome de homens, que todos reconhecem a Sancta Thereza por mãe. E para que esta maternidade de Thereza se parecesse em tudo com a da Virgem Maria, assim como Christo teve duas gerações, uma eterna em que nasceu de Pae sem Mãe e outra temporal em que nasceu de Mãe sem Pae; assim a regra e religião carmelitana regenerada teve duas gerações e dous nascimentos; um antiquissimo de pae sem mãe, quando nasceu de Elias; e outro moderno de mãe sem pae, quando nasceu de Thereza. Finalmente para uma alma se salvar basta guardar os mandamentos de Deus; e se guardar tambem os conselhos de Christo, não só

basta, mas sobeja; e Sancta Thereza não só guardou os mandamentos de Deus; que é o que basta; nem só os conselhos, que é o que sobeja, mas fez muitas cousas que não cabem debaixo de preceito, nem de conselho. Chorar os peccados alheios e fazer penitencia por elles; antepor o padecer por Deus ao vêr a Deus; jejuar septe mezes no anno e passar muitas vezes muitos dias sem comer totalmente; querer estar no inferno até o dia do juizo só pela salvação de uma alma; isto não ha preceito que o mande nem conselho particular que o persuada; e isto fez Thereza. Assim se não contentava aquelle eminentissimo, aquelle immenso coração, aquella alma superior a tudo e maior que tudo: assim se não contentava com o que basta, assim se não contentava com o que sobeja, assim anhelava sempre a mais e mais. Mas baste ao nosso discurso quanto tem corrido em seguimento d'este glorioso não bastar; e descancemos um pouco na ponderação e na vista d'elle.

Imita a Magdalena insaciavel de ungir o corpo do Salvador e recebe em recompensa os mesmos favores
Matth. 26
Marc. 16
Luc. 24

Ungiu a Magdalena os pés e a cabeça de Christo; e disse o Senhor, que aquelles unguentos que admittia, eram a unção antecipada de seu corpo para quando o levassem á sepultura: *Mittens haec unguentum in corpus meum ad sepeliendum me fecit.* Morre Christo na cruz; e diz o Texto que veio José e Nicodemos e ungiram o sagrado corpo com cem libras de unguentos. E a esta segunda uncção estava presente a Magdalena, que fizera a primeira e S. João que ouvira as palavras de Christo e as refere. Pois se o corpo de Christo já estava ungido pela Magdalena e ungido para a sepultura *Ad sepeliendum me fecit;* porque o tornam a ungir agora José e Nicodemos? Dir-me-heis que ungiram ao Senhor sobre estar ungido, porque nas obras do serviço de Deus não nos havemos de contentar com o que basta, senão com o que sobeja. Acceito a resposta. Mas ainda tem outra maior instancia. Ungido Christo, levam-no á sepultura: passa o sabbado, em que não era licito comprar nem vender: amanhece o domingo; e ainda não era bem descoberta a manhã, quando partem as Marias a comprar unguentos e veem com elles para ungirem outra vez ao Senhor: *Emerunt aromata ut venientes ungerent Jesum.* Ha tal teimar a ungir como este? Não está o corpo de Christo ungido pela Magdalena? Não está ungido por José e por Nicodemos? Pois se já está ungido uma vez e outra vez, porque veem as Marias a ungil-o ainda? Porque o amor acredita-se no superfluo: quem ama pouco, contenta-se com o que basta; quem ama muito, contenta-se com o que sobeja; e quem ama mais que muito, nem com o que basta, nem com o que sobeja se contenta: ainda sobe mais acima, ainda passa mais adeante. Os unguentos da Magdalena bas-

tavam: os unguentos de José e Nicodemos sobejavam: os unguentos das Marias ficaram superiores a todas; porque foram sobre os que bastavam e sobre os que sobejavam. Isto fizeram aquellas sanctas mulheres, creadas na eschola e na familiaridade de Christo; e isto fez a nossa Sancta Thereza creada na mesma eschola e na mesma familiaridade. Por esta acção mereceram as Marias vêr os anjos e vêr a Christo resuscitado, primeiro que os apostolos. E ao merecimento d'estas acções se devem attribuir tambem as grandes e extraordinarias visões com que Deus favoreceu e honrou a Sancta Thereza. As visões das Marias metteram medo aos apostolos e discipulos que era o pequeno rebanho de que então constava a Egreja: *Mulieres ex nostris terruerunt nos*. E as visões de Sancta Thereza pozeram em medo e cuidado a mesma Egreja de Deus na sua maior grandeza; que por isso foram tão examinadas e tão duvidadas, até que se approvaram de todo. Mas as Marias viram uma só vez os anjos; Sancta Thereza viu anjos muitas vezes. As Marias viram só duas vezes a Christo; uma no dia da resurreição, outra no dia da ascensão; Sancta Thereza viu a Christo em differentes figuras, já de glorioso, já de passivel, quasi todos os dias. Das Marias não sabemos que tivessem visões da divindade; e de Sancta Thereza lêmos em sua vida que viu como as creaturas estão eminentemente em Deus; que viu como se distinguem as Tres Pessoas divinas, sendo uma só essencia; que viu como está o Filho no peito do Padre; e outros segredos da divindade altissimos, que cá se crêem e não se intendem; e só se hão de vêr e intender na patria. De sorte que parece andava Deus em amorosa emulação e liberal competencia com Thereza: ella em servir e amar; e Deus em pagar e se communicar: ella não se contentando com o que basta, nem se satisfazendo com o que sobeja; e Deus excedendo sem nenhum limite o superfluo n'aquillo que de nenhum modo é necessario. Visões, revelações, extasis, raptos não são necessarios nem para a salvação, nem para a perfeição. E n'estas amorosas e divinas superfluidades pagava Deus a Thereza o não se contentar seu espirito com o necessario, nem ainda com o superfluo: o não se contentar com o que basta, nem ainda com o que sobeja.

Paga por nós a Christo a thema da Redempção.

Assim pagava Deus a Thereza: mas eu não me pago tanto de vêr como Deus paga; quanto de vêr como os sanctos servem. E o que muito noto n'aquellas grandes acções do espirito de Sancta Thereza é que bem consideradas ellas, o seu servir a Deus, foi pagar a Deus. Notae. Para Deus remir sufficientemente o mundo bastava querer: para o remir por modo mais alto bastava incarnar: mas andou Deus tão fino comnosco na

redempção, que não se contentou de remir só com o querer, que bastava; nem de remir só com o incarnar, que sobejava; senão que passou excessivamente muito avante; e quiz remir morrendo e padecendo. Esta fineza fez Deus pelos homens, e esta lhe estamos devendo até que «almas generosas como Thereza» nos desempenhem e paguem por nós. Porque Deus no remir os homens se não contentou com o que bastava, nem com o que sobejava; Thereza no servir a Deus, não se contenta com o que basta, nem com o que sobeja. Oh como se parecem nos passos a esposa e o Esposo! Ainda que Thereza fôra das virgens que hoje foram comprar o oleo; eu fio que encontrara com elle. Diz o Texto: *Dum autem irent emere venit sponsus*: que indo as virgens, veio o Esposo. Pois se ellas iam e o Esposo vinha, porque se não encontraram? Porque iam por differente caminho. Não assim a nossa Thereza: caminhava tanto pelo mesmo caminho e pelos mesmos passos do Esposo, que porque elle se não contentou com o que bastava, nem com o que sobejava em nos amar; tambem ella se não contenta nem com o que basta nem com o que sobeja em o servir. Vêde agora se ella foi «entre as virgens prudentes prudentissima.» Ella não se contenta nem ainda com o que sobeja; e ellas punham em duvida só se bastaria: *Ne forte non sufficiat nobis et vobis.*

3.º Melhor que as virgens prudentes intendeu que o que se arrisca pela caridade, não se perde.

V. A terceira cousa em que se «assignalou a sua prudencia foi intender» que tudo o que se arrisca pela caridade, quando mais se arrisca, então está mais seguro. Bem quizeram as virgens prudentes «do Evangelho» soccorrer e supprir a falta das companheiras, quando não por companheiras e por amigas, ao menos por auctoridade e majestade da festa; e pelo que a ellas mesmas lhes tocava, porque sem as outras cinco diminuiam-se muito as luminarias, descompunham-se as parelhas, e ficava desairoso o acompanhamento, Comtudo por se não arriscarem a ficar fôra das vodas, quizeram antes entrar sós, que porem-se a perigo de não entrar: *Ne forte non sufficiat*, «Assim o disseram muito a seu pezar. E quanto a não quererem arriscar-se em materia de tanta importancia, não se pode negar que ellas se mostraram prudentes. Mas quanto estiveram longe da prudencia de Sancta Thereza por não advertir que» ninguem melhor se assegura a si e as suas cousas, que quem pela caridade as arrisca e se arrisca! Ouvi o maior caso que se lê em todas as historias sagradas e humanas.

Prova-se com a façanha de Judith.

Sitiada pelo exercito de Holofernes a cidade de Betulia, tomados e quebrados os canaes e divertidas as fontes de que bebiam, estavam já desmaiados todos e determinados a se entregar ao inimigo por não perecer a sêde; quando Judith não po-

dendo soffrer a entrega e captiveiro da sua patria, se deliberou ao mais raro pensamento que podera caber em homem atrevido e denodado, quanto mais em uma mulher e sancta. Despe o cilicio de que estava toda coberta; enxuga os olhos das lagrimas com que orava ao céu, manda vir cheiros, joias, galas, espelho; veste, compõi, enriquece, esmalta: os cabellos, a garganta, o peito, as mãos, os braços e até os pés, não de todo cobertos (que assim o nota a Escriptura); e feita Judith um thesouro da cubiça, um pasmo da formosura e mil laços do appetite, sái confiada pelas portas da cidade, salta o fosso, passa as sentinellas, entra pelo exercito inimigo, e vai direita á mesma tenda de Holofernes. Bravas acções de mulher; mas mais bravos ainda os pensamentos! Os seus intentos eram, como refere a mesma Judith no Texto, que Holofernes com seus proprios olhos se captivasse da sua formosura; e que ella com palavras discretas e amorosas o prendesse mais; para que assim preso e captivo lhe mettesse a occasião os cabellos do tyranno em uma mão e a espada na outra, com que lhe cortasse a vida. Valentes intentos, Judith, mas arriscados muito. Reparae, Senhora, como mulher, reparae como nobre e reparae tambem e muito mais como sancta. Se como mulher, mais que mulher, não reparais nos riscos da vida entre esquadrões armados de barbaros; como nobre, porque não reparais na opinião, e como sancta, porque não reparais na honestidade? Os mesmos laços que armais a Holofernes, como podeis vós escapar d'elles? As prisões quando prendem, tambem se prendem. Antes parece que Judith primeiro se prendeu a si, do que a Holofernes, e que antes de Holofernes cair, já Judith estava caida. Porque a obrigação e pureza da lei de Deus não só prohibe o peccado, senão o perigo: e quem se deliberou a perigar, já caiu, porque se expoz a cair: *Qui amat periculum peribit in illo.* Pois se Judith era tão sancta e tão observante da lei de Deus, como pôi a tão manifesto perigo a sua honestidade e com ella a consciencia? Que arrisque a vida, seja valor: que arrisque tambem o credito, seja excesso do amor da patria; mas a honestidade e a consciencia, que por nenhum perigo se ha de arriscar, nem pela vida, nem pela honra, nem pela liberdade, nem por uma cidade, nem por um reino, nem por todo o mundo, que a arriscasse Judith e que a arriscasse sendo sancta? Sim; porque Judith sabia que Deus é o assegurador dos riscos que se emprehendem por seu amor e dos proximos; e fiada no seguro de Deus não encorreu no crime dos que se põem a perigo; porque quem arrisca com seguro, não corre risco. Nem o texto da lei divina, se bem se pondera, quer dizer outra cousa.

Só perece quem ama o perigo.

Notae: *Qui amat periculum in illo peribit:* quem ama o perigo, percerá n'elle. Uma cousa é entrar no perigo amando o perigo, outra cousa é entrar no perigo amando a Deus. Quem entra no perigo por amor do perigo, perece n'elle; porque o mesmo perigo a quem ama e por quem se arrisca o perde. Mas quem entra no perigo por amor de Deus, não perece nem pode perecer, porque o mesmo Deus a quem ama e por quem se arrisca o guarda. Se vós entrais no perigo por amor da cubiça; quem vós ha de guardar? A cubiça?! Se vós entrais no perigo por amor da soberba, quem vos ha de guardar? A soberba?! Se vós entrais no perigo por amor da «sensualidade» quem vos ha de guardar? O amor profano e cego? Entrae vós nos perigos por amor de Deus e do proximo; e vereis como Deus vos livra e vos segura n'elles.

Foi por isso que o orador escapou ao naufragio.

Ah! Senhor, bemdicta seja e infinitamente bemdicta vossa bondade! Falta-nos n'este passo o exemplo do Evangelho; porque faltaram as virgens prudentes no conhecimento d'esta verdade e no exercicio d'esta confiança. Mas a prova que não temos no Evangelho, temol-a no prégador. Mui ingrato seria eu e serei a Deus, se assim o não confessara e assim o não confessar toda a vida e toda a eternidade. A quem aconteceu jámais depois de virado o navio e depois de estarem todos fóra d'elle sobre o costado ficar assim parado e immovel por espaço de um quarto de hora sem a furia dos ventos o descompor, sem o impeto das ondas o sossobrar, sem o peso da carga e da agua de que estava até ao meio alagado o levar a pique; e depois dar altra volta para a parte contraria e pôr-se outra vez direito e admittir dentro em si os que tinham tirado fóra? Testimunhas são os anjos do céu, cujo auxilio invoquei n'aquella hora e não o de todos, senão d'aquelles sómente que teem á sua conta as almas da gentilidade do Maranhão. Anjos da guarda das almas do Maranhão, lembrae-vos que vái este navio buscar o remedio e salvação d'ellas. Fazei agora o que podeis e deveis não a nós, que o não merecemos, mas áquellas desemparadas almas que tendes a vosso cargo. Olhae que aqui se perdem tambem comnosco. Assim o disse a vozes altas, que ouviram todos os presentes; e suppriu o merecimento da causa a indignidade do orador. Obraram os anjos, porque ouviu Deus a oração. E não podia Deus deixar de a ouvir, porque orava n'ella o mesmo perigo. Sabe o mesmo Senhor que por nenhum interesse do mundo, depois de eu o ter tão conhecido e tão deixado, me tornára a metter no mar, senão pela salvação d'aquelles pobres thesouros, cada um dos quaes val mais que mil mundos. E como o perigo era tomado por amor de Deus e dos proximos,

como podia faltar a segurança no mesmo perigo? O mesmo perigo nos livrou, ou se livrou a si mesmo. Os perigos da caridade são riscos seguros; e nos riscos seguros não póde haver perigo. Assim que, Senhor, mudo estylo; e não vos dou já as graças por me livrardes do perigo, senão por me metterdes n'elle. Quando por tal causa me mettestes no perigo, então me livrastes. Grandes são os perigos que ainda me restam e me ameaçam n'este tão temeroso golfo, e mais em hynverno tão verde e em anno tão tormentoso. Mas como ha de temer os perigos quem n'elles leva a mesma salvação que vai buscar por meio d'elles? Quem cuidais que tirou do perigo a Jonas, e quem cuidais que o metteu no perigo?

A falta de caridade metteu Jonas no perigo.

O não querer ir buscar a salvação dos proximos o metteu no perigo; e o metter-se no perigo pela salvação dos proximos o tirou d'elle. Mandou Deus a Jonas que fosse prégar aos gentios de Ninive. Não quiz Jonas; e para fugir da missão e ainda do mesmo Deus que lh'a encommendava, embarca-se de Joppe para Tarsis. E que lhe succedeu a Jonas n'esta viagem, ou n'esta fugida? O que lhe succedeu foi, que indo todos os navios com vento á popa e mar bonança; só contra Jonas se levantou uma tempestade tão terrivel que não bastando amainar velas e calar mastros; não bastando alijar ao mar a carga; não bastando todo o mais que sabe e póde a arte em similhantes trabalhos; deixando já o leme e o navio á mercê dos mares e dos ventos e desconfiados até do soccorro do céu, o piloto e marinheiros, que eram gentios, desceram ao porão, onde vinha Jonas, a pedir-lhe que fizesse oração ao seu Deus; pois os seus deuses não lhes valiam. Tal era a tempestade, tal o perigo, tal a desesperação de todos. E bem, propheta Jonas, vós não quereis ir prégar e salvar as almas dos gentios a que Deus vos manda? Pois quando cuidaveis que fugieis do trabalho, incorrereis no maior perigo; e perecereis onde vós quizestes, porque não quizestes salvar os proximos onde Deus queria. De maneira que o não querer ir buscar a salvação dos proximos foi o que metteu no perigo a Jonas. E que fez Jonas para sair d'aquelle perigo? Notavel caso! Para Jonas sair d'aquelle perigo mette-se n'outro perigo maior pela salvação dos proximos. E este segundo perigo o salvou e livrou do primeiro. Ora vêde.

E um acto de caridade o salvou.

Subido Jonas ao convez do navio, reconheceu que elle era a causa da tempestade; e para que os demais se salvassem e elle só perecesse, pediu que o lançassem ao mar. De sorte que aquelle mesmo Jonas, que pouco ha se embarcou n'este navio por não ir salvar os gentios de Ninive, esse mesmo pede agora que o lancem do navio ao mar para que se salvem os gentios

do navio. Fazem-no assim por ultimo remedio os marinheiros: vai Jonas ao mar, traga-o uma baleia, mergulha para o fundo o monstro, somem-se e desapparecem ambos. Póde haver maior perigo? Pode-se imaginar maior? Não póde. No mar podia-o salvar ou entreter uma tabua; no ventre da baleia a morte e a sepultura tudo foi juncto. Mas Jonas não se arrojou a este perigo por salvar os mareantes do seu navio, proximos ainda que gentios? Sim. Pois tende mão, que ainda não desconfio da sua vida. Perigo tomado pela salvação dos proximos, não póde ser perigo em que se perigue. Arrojado do navio e naufragante, sim; tragado e engolido do monstro marinho, sim; mettido no profundo do mar e sepultado nos mais escuros abysmos, sim; mas afogado, mas morto, mas digerido ou mastigado da baleia, quem se lançou ao mar pela salvação dos proximos? Não póde ser. Torno a dizer que não póde ser; e já o vejo. Olhae para as praias de Ninive. Passados tres dias e tres noites, apparece ao romper da alva deante do porto de Ninive uma galé de forma nunca vista, á véla e só com dous remos. A véla era a nuvem de agua que respirava a baleia; e umas vezes parecia que subia, outras que se amainava: os remos eram as duas grandes barbatanas com que batendo a compasso ia vogando. Abica á praia o desconhecido baixel, levanta aberto pelo meio o castello de proa, que então se conheceu que era a baleia; extende a lingua, como prancha, sobre a areia; e sái de dentro vivo o sepultado Jonas. Pasmais do caso? Não pasmeis. Não vos dizia eu que não podia perigar, quem por salvação dos proximos se entregou ao mar e aos perigos? Pois assim lhe aconteceu ao felicissimo Jonas. Levado de uns perigos em outros perigos, uns o livraram dos outros. No navio perigava dos ventos, no mar perigava das ondas, na baleia perigava do aperto da respiração e de tudo. Mas como o primeiro perigo foi tomado por caridade, todos os outros perigos eram remedios. O perigo do mar livrou-o do perigo do navio, o perigo da baleia livrou-o do perigo do mar; e esse perigo, como era o ultimo e maior de todos, livrou-o de si mesmo. Ha mais seguro perigar? Ha menos perigosa segurançá? Com razão disse S. Zeno Veronense que foi Jonas mais venturoso no sepulcro, que no navio: *Felix magis sepulcro, quam navi*: porque uma vez que a baleia lhe guardou a vida, muito mais seguro navegava n'ella, que no navio. O navio o podia perigar nos mares e nos ventos; a baleia era embarcação segura das tempestades.

Não foi esta a caridade das virgens prudentes para com as nescias.

Maior tempestade padeceram as virgens no oleo das suas redomas, do que Jonas em tanto mar. Tanto perigaram as nescias no seu perigo, como na demasiada segurança das prudentes. Se

as prudentes se quizeram arriscar por ellas, soccorrendo-as, n'esse mesmo risco se salvariam umas e outras: as nescias pelo soccorro que recebiam e as prudentes pelo soccorro que davam: ou para o dizer com mais certeza; as nescias pelo risco de que se tiravam e as prudentes pelo risco em que se mettiam: que quem se arrisca pela caridade não póde correr risco. Mas porque ás prudentes faltou esta sciencia e prudencia em que Sancta Thereza foi tão eminente, por isso o acompanhamento ficou desairoso «e as nescias se perderam sem remedio.» Ellas cuidaram que arriscando-se por amor de Deus e dos proximos corriam perigo; e Sancta Thereza intendia e sabia por experiencia que tudo o que se arrisca pela caridade quando mais se arrisca então se segura mais. «Por isso a sua prudencia foi tão admiravel.»

Como as venceu Sancta Thereza, arriscando tudo por amor de Deus e dos proximos.

Tudo quanto teve e podia ter arriscou Sancta Thereza por amor de Deus e dos proximos; e estes mesmos riscos foram uma prudente industria com que tudo accrescentou e segurou mais. Arriscou a vida, arriscou a honra, arriscou a mesma perfeição da sua alma; e do primeiro perigo saiu com maior saude; do segundo com mais alto credito; do terceiro com maior sanctidade. Era Sancta Thereza tão inferma, como lêmos em sua vida; e o que mais sentia n'esta sua fraqueza mortal era o impedimento que as infermidades lhe faziam aos exercicios da oração e da penitencia Veio finalmente a resolver-se comsigo e contra si a orar com toda a continuação e a tractar o seu corpo com todo o rigor, ainda que perdesse totalmente a vida. E que tirou a Sancta d'esta resolução? Cousa maravilhosa! A saude que lhe não poderam dar nenhuns remedios, lhe deram os mesmos riscos em que a punha. Com a penitencia, com que mais havia de infermar, lhe crescia a saude; e com o trabalho com que mais havia de enfraquecer, se lhe augmentavam as forças.

Perseguições que soffreu na reforma de sua ordem.

As perseguições a que Sancta Thereza se expoz, quando emprehendeu reduzir a regra carmelitana moderada ao antigo rigor e inteireza de seu primeiro instituto, foram maiores do que se podem imaginar e do que parece se podiam soffrer. Armou-se contra ella a religião, e armou-se o mundo; e, o que mais é, que os bons do mundo e os melhores da religião (posto que com bom zelo) eram os que mais a perseguiam. Raros eram os que defendiam seu espirito; todos o tinham por illusão e enredo do demonio; muitos por fingimento e hypocrisia; e não faltava quem lhe desse ainda mais escandalosas censuras. Tudo occasionavam os tempos, que com as novas heresias de Lutero andavam mui perigosos e cheios de temores. Mas como a Sancta se arriscava a todos estes descreditos pela salvação e per-

feição dos proximos; em que veio a parar tudo? Os descreditos pararam em maior estimação; as injurias em maior honra, as perseguições em maiores applausos; e os mesmos religiosos que tinham a Thereza por indigna filha, a receberam depois por dignissima mãe; e como de tal se honram e a veneram.

Aconselham-na a que se retire do magisterio espiritual das almas.

Finalmente houve muitas pessoas timoratas e doutas que aconselhavam a Sancta Thereza que se retirasse do magisterio espiritual das almas e que na vida particular e solitaria a que a mesma doçura da contemplação a inclinava, vacando sómente a Deus e a si, sería maior o aproveitamento de seu espirito. Foi esta a maior prova, por lhe não chamar a mais apertada tentação, que podia ter a alma de Thereza, cujos mais prezados interesses, cujas mais amadas delicias, cujos regalos, cujas ancias, cujos suspiros era aquella intima união com Deus quieta, e suavissima em que elevada sobre todas as cousas da terra tão celestialmente o gozava. Continuou comtudo a Sancta proseguindo na empreza começada sem reparar n'estes riscos de sua maior perfeição e n'outros ainda maiores que lhe ameaçavam; e como todos eram tomados pela caridade, quanto mais parece que arriscava os dons do céu, tanto mais se achava rica e favorecida d'elles. Era muito o que arriscava, mas muito mais o que recebia. Mercês sobre mercês, favores sobre favores, glorias sobre glorias, como se os mesmos riscos fossem degráus para mais subir e crescer. Em summa que arriscando Thereza por amor de Deus e dos proximos saude, honra e perfeição; dos perigos da saude saía mais forte, dos perigos da honra mais acreditada, dos perigos da perfeição mais sancta. Oh quantos e quão seguros louvores se poderam agora discorrer sobre todos estes perigos, e muito mais sobre o terceiro. Parece que pugnava n'elle a espirito contra o espirito, a virtude contra a virtude, a sanctidade contra a sanctidade: mas necessaria era tão gloriosa peleja para tão excellente victoria. Corto o fio e não sem dôr ao que quizera dizer. Peço-vos comtudo licença para concluir o sermão na forma em que o propuz ao principio. Supposto que vos não hei de cançar outra vez, perdoae-me esta.

4.º Venceu as virgens prudentes no cuidado da intercessão.

VI. A quarta e ultima cousa em que «a prudencia de Sancta Thereza foi mais admiravel que a das cinco virgens prudentes do evangelho» é que podendo «estas» rogar ao Esposo que esperasse pelas companheiras, ou, quando menos, lhes não fechasse as portas, não intercederam por ellas; e Sancta Thereza intercede sempre e efficazmente por seus devotos e por todos os que lhe pedem favor, e a ella se encommendam. Mas este pon-

cto não o hei de provar eu, porque na mesma instituição d'esta festa está provado.

Motivo da celebração d'esta sua festa.

Bem podera a Companhia de Jesus festejar em todas as suas casas a Sancta Madre Thereza de Jesus, como sancta muito sua; porque a mesma sancta em muitos logares de seus livros confessa que dos religiosos da Companhia de Jesus recebeu grandes augmentos e grandes luzes o seu espirito; por signal que ordinariamente lhes chama: *Aquellos benditos padres*. Comtudo a festa de hoje não se celebra por esta causa, senão pela que agora direi. Estava um infermo, como todos sabeis e vistes, na ultima desesperação da natureza e na ultima desconfiança da arte; emfim, no ultimo estado em que estavam as alampadas das cinco virgens: *Quia lampades nostrae extinguuntur*, não lhe restava mais que metterem-lhe na mão a candeia da fé: tanto por momentos se lhe ia apagando a vida. Assim menos vivo que morto, recorreu a Sancta Thereza, invocando seu favor n'aquelle extremo perigo e obrigando-se com voto ao publico reconhecimento d'elle por toda a vida, se de sua mão a recebesse. Não foi a virgem prudentissima como as prudentes que negaram o oleo a quem lh'o pedia; porque logo o concedeu invisivelmente, mas com effeito visivel e manifesto. No mesmo poncto viveu a alampada que se ia apagando; e resuscitou a vida já quasi morta. E este é o segundo anno em que com esta demonstração publica se dá cumprimento ao voto. Oleo chamei a virtude milagrosa d'este beneficio; e não é só propriedade da metaphora, senão realidade vista e conhecida.

Milagres do oleo que mana do seu sepulcro e graça que ella pediu a seu divino Esposo.

Do sepulcro de Sancta Thereza mana um oleo suavissimo, de que recebem saude muitos infermos. E é muito para notar que do logar onde está Sancta Thereza morta, sáia oleo que dá vida: como se com este oleo déra em rosto a caridade de Sancta Thereza á pouca que tiveram as virgens do Evangelho. Ellas deixaram apagar as alampadas alheias por mais conservar o lume das suas; e Sancta Thereza apagou a sua para accender as alheias. Isso quer dizer, sair o oleo da sua sepultura e o remedio da vida d'onde ella está morta. Com toda a verdade assim foi: porque esta foi a fineza d'onde nasceu a efficacia da sua intercessão. Um dia em que estava a Sancta mais favorecida de Christo, disse-lhe o Senhor que pedisse o que quizesse. E que vos parece que pediria Sancta Thereza? Se fôra alguma das cinco prudentes do Evangelho havia de pedir para si e quando menos para si primeiro: o *nobis* havia de ir deante: *Nobis et vobis*. Mas foi tanta a prudencia de Thereza e tanta a sua caridade, que não pedindo nada para si, tudo pediu para

nós: pediu que todas as vezes que rogasse por seus devotos, lhe concedesse o Senhor o que pedisse; e assim lhe foi authorgado. As cinco prudentes do Evangelho não deram o que lhe pediam, nem pediram por quem lhes pedia: Sancta Thereza pediu por todos os que lhe pedissem, para poder dar tudo o que lhe pedirem. Eis aqui, christãos, o grande e inestimavel thesouro que tendes depositado n'aquellas mãos sanctas. Em todas vossas necessidades, em todos vossos trabalhos, em todos vossos perigos, em todas vossas infermidades do corpo e muito mais da alma, recorrei ao amparo, ao patrocinio e á caridade d'esta piedosa virgem que tanto póde com Deus; e vereis como vos soccorre.

VII. E para que conheçamos todos quanta necessidade temos dos soccorros e auxilios superiores, voltemos um pouco sobre nós os olhos que atégora tivemos postos em Sancta Thereza; e veremos para maior gloria sua e maior confusão nossa que como ella «foi mais prudente que as virgens prudentes, assim muitos christãos nas materias de sua salvação, são mais nescios que as virgens nescias.»

Provas da nossa nescedade. As virgens nos venceram.

Primeiramente as nescias para se salvarem escolheram o estado de virgindade, que é tão alto e tão parecido ao do céu: *Simile est regnum coelorum decem virginibus*. E muitos christãos que estado tomam? O da torpeza, o da sensualidade, o dos adulterios e das affeições sacrilegas com almas dedicadas a Deus e outras abominações ainda de peiores nomes; e n'isto passam um anno e outro anno e toda a vida. Vêde se são mais nescios que as nescias.

1.º No estado que tomaram.

As nescias sairam de suas casas, mas sairam a acompanhar o Esposo e a esposa: *Exierunt obviam Sponso et sponsae*. E os homens ordinariamente a que saem? Uns sáem só a saír, que é perder o tempo; outros sáem a ver e ser vistos, que é perder as almas proprias e as alheias; outros sáem a jogar, a pleitear, a murmurar; que é perder o dinheiro, a fama, a consciencia; e ainda quando sáem á egreja, que é as menos vezes, sáem a offender e injuriar a Deus em sua propria casa.

2.º No cuidado de sair ao encontro do Esposo.

As nescias é verdade que adormeceram e dormiram, mas tanto que ouviram a primeira voz ou o primeiro clamor de que vinha o esposo *tunc surrexerunt omnes virgines illae* no mesmo poncto se levantaram. Quantas vezes clamam os prégadores nos pulpitos, quantas vezas clamam dentro no peito as proprias consciencias, quantas vezes clama o mesmo Deus com as vozes e com os brados de todas as creaturas (como n'esta ilha) já com a terra tremendo, já com o fogo rebeptando, já com as cinzas chovendo; e os homens com ellas sem abrir os olhos nem

3.º Na promptidão de accordar.

espertar, continuando a dormir cegos como d'antes? Vêde se somos nós os nescios mais que as nescias.

4.º Na providencia de ter accesas as alampadas.

«Ainda não está bem explicada a vigilancia das nescias.» Quando á meia noite se deu rebate ás virgens que vinha o Esposo accordaram todas e acharam as nescias que as suas alampadas se iam apagando: *Quia lampades nostrae extinguuntur;* e iam-se apagando as alampadas, porque estiveram ardendo até á meia noite em quanto ellas dormiram. Pois vinde cá mulheres, assim vós que de nescias tendes o nome, como vós que o tendes de prudentes; porque deixastes gastar o vosso oleo debalde tantas horas? Em quanto não vinha o Esposo bastava que estivesse accesa uma alampada, donde depois se accendessem as demais. Assim como nos olhos de uma sentinella vigia todo o exercito, assim na braza de um morrão estão accezas todas as alampadas. Isto mesmo me parece a mim que deviam fazer as virgens em quanto esperavam pelo Esposo; principalmente tendo ellas sentinella ao largo ou trazendo elle corredores deante que foram os que bradaram: *Clamor factus est:Ecce Sponsus venit*. Podiam ter uma alampada acceza e as nove apagadas, com que se poupava muito oleo. E quando o não fizessem as cinco que o tinham de sobejo nas redomas, deviam-no fazer as outras cinco que não tinham essa prevenção: porque depois ninguem lhes podia negar o fogo para accender as alampadas apagadas, assim como lhes negaram o oleo para provêr as vazias. Pois se por esta via se poupava o oleo e se escusavam todas as prevenções, porque o não fizeram assim nem as nescias nem as prudentes, antes tiveram as alampadas accezas toda a noite? Sabeis porque? Porque o lume d'aquellas alampadas, como dizem todos os doutores, é a graça de Deus; e o oleo são as obras nossas com que nos havemos de salvar; e as alampadas de nossa salvação se não estão accezas antes de vir o Esposo, quando vem o Esposo não se podem accender. As alampadas de fogo material podem-se accender umas com o fogo das outras e podem-se accender n'aquelle poncto, estando apagadas até então. Porem as alampadas da graça e da salvação não ardem com o fogo alheio, senão com o proprio; e se não estão e perseveram accezas de antes, não se podem accender depois. Cuidar alguem que ha de ter a alampada apagada toda a noite e que a ha de accender quando vier o Esposo. Cuidar alguem que ha de estar em peccado toda a vida e que se ha de pôr em graça na hora da morte, é engano do demonio, é injuria que se faz á justiça e misericordia de Deus, «é erro em que não cairam nem as virgens nescias. E quantos christãos

caem n'elle todos os dias, e fazem á justiça e misericordia de Deus tamanha injuria vivendo n'este engano?»

5.° E na diligencia de ornal-as.

Continúa o evangelho dizendo que «as virgens» nescias ornaram as suas alampadas: *Ornaverunt lampades suas*. E o mundo onde tanto se tracta hoje de ornato, de que ornato é que tracta? Galas e mais galas para o corpo, sedas e mais sedas para o corpo, ouro e mais ouro para o corpo, joias e mais joias, vaidades e mais vaidades para o corpo. E a pobre alma rota, despida, envergonhada sem ter com que cobrir a fealdade e ignominia com que os peccados trocaram sua natural formosura? Vêde se somos nescios mais que as nescias.

As nescias vendo que se lhes appagavam as alampadas, com ser cousa de tanta repugnancia o pedir aos eguaes, não duvidaram nem repararam em pedir ás companheiras: *Date nobis de oleo vestro*. Quantos ha que querem antes roubar que pedir? Quantos e quantas que querem antes dar-se ao demonio, que pedir nem ao mesmo Deus? E não só não pedem a Deus o remedio para a necessidade nem o soccorro para a tentação: mas nem ainda depois do peccado lhe querem pedir perdão? Véde se somos nós os nescios mais que as nescias.

7.° Na docilidade de seguir o bom conselho das companheiras.

As nescias ainda que as prudentes lhes não quizeram dar o oleo, tomaram comtudo o conselho de que o fossem comprar: *Ite potius ad vendentes*. Quantas vezes nos dão bons conselhos os confessores? Quantas vezes nos dão bons conselhos os paes? Quantas vezes nos dão bons conselhos os amigos? Quantas vezes nos dão bons conselhos os livros? Quantas vezes nos dão bons conselhos os anjos da guarda por meio das inspirações? Quantas vezes nos dão bons conselhos os exemplos, os castigos e os casos tão raros e portentosos que vimos succeder no mundo para que escarmentemos em cabeça alheia; e nós comtudo tão loucos e tão desaconselhados? Vêde se somos mais nescios que as nescias.

8.° No emprego do dinheiro.

As nescias sem reparar no trabalho nem no dinheiro, nem na auctoridade foram comprar o oleo ás tendas: *Dum autem irent emere*. E nós sendo que tudo nos custa e tudo compramos e a tão caros preços, só o céu não queremos comprar. Ha dinheiro para o appetite, ha dinheiro para a vaidade, ha dinheiro para a vingança, ha dinheiro para o jogo, ha dinheiro para a festa. Mas não ha dinheiro para a restituição, não ha dinheiro para a esmola, não ha dinheiro para as capellas e obrigação do morgado, não ha dinheiro para os legados e satisfação do testamento; e quando não queremos o céu de graça; para comprarmos a peso de ouro o inferno não falta dinheiro. Vêde se somos nós os nescios muito mais que as nescias.

reino. Os reis são os espelhos a que se compõem os vassallos; e taes serão as acções do reino, quaes forem as inclinações do rei. Não falla Christo de qualquer reino, nem de qualquer rei, senão do reino do céu e de um rei homem; porque se o rei fôr humano, será o reino bemaventurado; e se o rei fôr homem, tão seguro estará o reino da terra, como o do céu. Este rei, diz o Senhor, que celebrou com grandes festas o casamento do principe seu filho: *Qui fecit nuptias filio suo.* E n'isto mostrou tambem que era rei homem; porque não descuidar da successão é reconhecer a mortalidade. Chegado o dia das vodas mandou alguns creados, que fossem chamar os convidados para o banquete; e diz o texto sagrado uma cousa que parece incrivel; e é que elles não quizeram vir: *Et nolebant venire.* Se o rei os chamara para a guerra, escusa tinha a ingratidão na fraqueza e temor natural; mas para as vodas e para o banquete não virem? Mais abaixo diz o mesmo evangelho, que mandou o rei os seus soldados e foram; agora chamou os seus convidados e não vieram. Eu lhes perdôo a descortezia pelo exemplo. Se os vassallos hão de faltar ao principe, antes seja na meza que na companha. Vendo o rei que os convidados não queriam vir, mandou segundo recado; mas por outros creados e não pelos mesmos: *Misit alios servos.* Não é nova razão de estado nos reis, para melhorar vontades, mudar ministros. Mas a razão que aqui teve o rei, a meu vêr, foi ainda mais facil e mais achada. Mandou a segunda vez outros creados; porque é bem que se reparta o trabalho e que vão todos. Se os segundos descançaram, em quanto foram os primeiros, bem é que descancem os primeiros e que vão agora os segundos. Assim que mudar o rei os creados, não é condemnar os talentos, é repartir os trabalhos. Se os primeiros tiveram ruim successo, não o tiveram melhor os segundos; que nem sempre com a mudança se consegue a melhoria. Os primeiros acharam más vontades: *Nolebant venire:* os segundos experimentaram más obras: *Occiderunt eos.* Quer dizer que foram tão descommedidos alguns dos convidados, que não só affrontaram de palavra aos creados do rei; mas chegaram a lhe pôr as mãos e tirar as vidas. Ha maior ingratidão? Ha maior descortezia? Ha maior atrevimento de vassallos? Que faria o rei n'este caso? Diz o Texto que mandou logo seus exercitos a executar um exemplar castigo não só nas pessoas, ou corpos dos rebeldes, senão na mesma cidade, onde viviam, da qual não ficaram mais que as cinzas para memoria ou esquecimento eterno de tal ousadia. Assim o fez o rei; e assim o hão de fazer os reis. Quem hoje se atreveu ao creado, ámanhã se atreverá ao senhor. Occupou os seus exercitos

em arrazar as cidades proprias, quando parece que fôra mais conveniente conquistar as alheias; porque não são tão damnonas as hostilidades dos inimigos, como os atrevimentos dos vassallos. Melhor é ter menos cidades e mais obedientes. Por isso lhe chamou o evangelho cidade sua d'elles e não do rei: *Civitatem illorum*. Cidade que se atreve contra os ministros do rei, não é cidade do rei, é cidade livre; e liberdades não as hão de soffrer as corôas. Se os creados offenderam aos convidados, queixem-se; que para isto tem o rei ouvidos; mas presumir violencias e executal-as? Não ha, nem é bem que haja em tal caso soffrimento nos reis, senão ira e fogo: *Iratus est; et civitatem illorum succendit*. Tão rigoroso se mostrou no exterior como rei! Mas como homem lá por dentro lhe ficou a dôr e o sentimento: *Perdidit homicidas illos*. Notae os termos. A palavra *Perdidit* quer dizer, matar e perder; porque de tal maneira castigava, que considerava o que perdia. Matar um homicida é perder um homem: *Perdidit homicidas illos*.

E applicado na segunda.

Executado assim ou mandado executar o castigo, voltou-se o rei para os creados e disse-lhes: *Qui invitati erant, non fuerunt digni*: os que foram convidados não eram dignos. Pois agora, Senhor? Não fôra melhor conhecel-os antes de os convidar, que convidal-os antes de os conhecer? Eis-aqui o maior mal e a maior consolação que tem o mundo. Serem os indignos os convidados, é o maior mal; serem os benemeritos os excluidos é a maior consolação. Vendo o rei que não queriam vir os que convidara, tornou-se aos que tinha engeitado; e foram elles tão honrados, que todos vieram. Não introduziria Christo na sua parabola esta differença, se não fôra o que nas suas eleições costumam experimentar os principes. Os seus escolhidos são aquelles que na occasião não querem vir; e os seus engeitados, os que na occasião veem todos. Chamaram os creados, diz o Texto, os que acharam pelas ruas e ficaram cheias as mezas: *Et impletae sunt nuptiae discumbentium*. Quantos andam desfavorecidos por essas ruas, que haviam de encher muito bem o seu logar, se os chamaram! Emfim o rei entrou na sala, onde comiam os convidados; e foi esta a melhor iguaria que veio á meza, os olhos do rei. Viu um, entre os demais, que não estava vestido de gala; e não só o mandou lançar fóra, mas que atado de pés e mãos o mettessem no carcere mais escuro. Tão grande delicto é não festejar o que os principes festejam. Mas dado que este não fizesse o que devia, o que eu muito pondero é que de todos os convidados nenhum foi bom e de todos os excluidos só um foi máu. Antes de entrarem ás vodas eram bons e máus: *Congregaverunt omnes quos invenerunt malos et bonos*;

e depois de entrarem, tirando um, todos foram bons; porque a melhor arte de fazer bons, é admittil-os: o desprezo a ninguem melhorou, a honra a muitos.

O evangelho das virgens e o do Sacramento e sua união com o das vodas.

Esta é a parabola do evangelho, tão parecida com a historia dos nossos tempos, que por isso lhe ajunctei doutrina não impropria d'elles. Vindo, porèm, ao intento da nossa festa, ou festas, duas cousas acho menos n'este evangelho. Falla dos desposorios do principe e do banquete do rei: mas nem nos desposorios nos diz quem foi a esposa, nem no banquete nos declarou quaes fossem as iguarias. Por isso tomei de soccorro os outros dous evangelhos. O evangelho das virgens nos falla da esposa: *Exierunt obviam sponso et sponsae:* o evangelho do Sacramento nos declara as iguarias: *Caro mea vere est cibus et sanguis meus vere est potus.* «A esposa é a Egreja, as iguarias a Eucharistia. Mas quem é que não veja nos desposorios da Egreja os de Sancta Thereza e na Eucharistia o convite que todos os christãos recebemos do Rei celeste ás vodas de seu Filho feito homem?» Supposto pois que a Sancta e o Sanctissimo são as duas partes da nossa festa «e que tambem as nossas almas são convidadas á meza do Cordeiro;» para que com o mesmo discurso satisfaçamos a tantas obrigações será hoje o meu assumpto este: Que os maiores favores que Christo fez a Sancta Thereza são os mesmos que faz no Sacramento aos que dignamente commungam. Para «levar ao cabo tão proveitoso intento» é necessaria muita graça. *Ave Maria.*

Quatro favores que Christo fez a Sancta Thereza e faz no Sacramento aos que commungam dignamente.

II. Sendo tão singulares os favores em que o amor de Christo se extremou com Sancta Thereza, que, não junctos, mas divididos, apenas se lhes acha parallelo entre os outros sanctos; maior empenho tomei do que por ventura se imagina, quando prometti mostrar que os mesmos recebem invisivelmente de Christo os que dignamente o recebem no Sacramento. E porque não pareça que fujo á difficuldade de tamanho assumpto, antes o quero encarecer e subir de poncto, para mais excitar a nossa devoção e agradecimento. Entre todos os favores e finezas com que o amorosissimo Senhor singularizou esta grande Sancta (pois não é possivel ponderar todos) escolherei os mais notaveis.

1.º Deu á Sancta a mão de Esposo.

O primeiro, pois, e mais vizivel que se me offerece é quando o mesmo Christo em presença da Virgem sanctissima e de S. José deu a mão de esposo a Thereza. Os desposorios que se fazem com approvação dos paes são mais qualificados; e para que esta circumstancia de gosto não faltasse, onde não podia faltar o acerto, desposou-se Jesus com Thereza em presença de José e Maria. E que vieram a ser estes desposorios? O mes-

mo Senhor o disse: D'aqui em deante eu serei todo teu e tu toda minha. De sorte que foi uma entrega de ambos os corações total e reciproca com que não só Thereza ficou Thereza de Jesus, senão tambem Jesus de Thereza; «e assim» a união entre Jesus e Thereza foi tão intima, que passando de união a unidade já Thereza e Jesus não eram dous e distinctos, senão um só e o mesmo. Vejamos isto em um excellente retrato feito pela mão do mesmo Esposo.

Explicam-se estes desposorios com os de Adão e Eva.

A Adão e Eva desposou-os Deus na maior perfeição da natureza; e posto que por força da creação eram dous, por virtude do matrimonio ficaram um. Antes que Deus formasse a Eva, não havia mais que Adão; depois que da costa de Adão formou a Eva, dividiu-se Adão e o que era um só sujeito, ficaram dous: mas tanto que Adão deu a mão de esposo a Eva, tornaram esses dous sujeitos a reunir-se e os que eram dous e distinctos, ficaram um só e o mesmo. Isto foi o que foi; e o que significava, que era? S. Paulo: *Sacramentum hoc magnum est: ego dico in Christo et in Ecclesia.* Tudo isto, que passou entre Adão e Eva, foi um grande mysterio; porque na união d'aquelle matrimonio debuxou Deus, como em figura original, o que depois se havia de verificar na Egreja entre os desposorios de Christo com as almas sanctas. Que Adão foi logo este, senão Jesus; e que Eva, senão Thereza? Vamos ao evangelho.

Eph. 5

E com o evangelho das virgens.

No principio do evangelho das virgens diz o Texto que todas dez sairam a receber o esposo e a esposa: *Exierunt obviam sponso e sponsae;* e no fim do mesmo evangelho diz que as cinco prudentes entraram com o esposo ás vodas: *Intraverunt cum eo ad nuptias.* De maneira que, quando sairam, receberam o esposo e a esposa: mas quando entraram, só se diz que acompanharam o esposo: *Intraverunt cum eo.* A esposa claro está que não havia de ficar de fóra. Pois se quando as virgens entraram, acompanharam a ambos, assim como quando sairam, receberam a ambos; por que razão quando sairam ao recebimento se faz menção do esposo e da esposa; e quando entraram ás vodas, só se nomea o esposo e a esposa não? Excellentemente Sancto Hilario: *Sponso tantum obviam proceditur, jam enim erunt ambo unum.* Não ha duvida que entraram ás vodas o esposo e mais a esposa: mas esse mesmo esposo e essa mesma esposa que antes de entrar as vodas tinham sido dous, depois de entrar ás vodas já eram um só: *Iam enim erunt ambo unum.* E porque já eram um e não dous, por isso se fez menção do esposo sómente e não da esposa: *Intravernnt cum eo.* Assim, nem mais nem menos, nos divinos desposorios de Jesus com Thereza. Antes de se darem as mãos Jesus e Thereza dis-

tinguiam-se e eram dous; porém depois de celebradas as vodas, já ambos eram um só; já não havia Thereza e Jesus, senão só Jesus: *Iam ambo erunt unum. Intraverunt cum eo.*

Confessa a Sancta que vive em Christo como o confessou S. Paulo.

Quem nos poderá declarar a força e verdade d'esta união, senão quem a experimentou em si, a mesma Thereza? Dizia Thereza de si que estava tão individualmente unida com Jesus seu esposo, que podia dizer com S. Paulo: Vivo eu, já não eu, porque vive em mim Christo. Oh que divina implicação: eu não eu! Se sois vós, como não sois vós? Sou eu considerada em Christo: não sou eu considerada em mim. Considerada em Christo sou eu, porque Christo vive em mim; e considerada em mim não sou eu, porque eu vivo em Christo. Outra vez fallando com o mesmo Christo, lhe disse: Senhor, que se me dá a mim sem vós? Porque eu sem vós não sou eu; e de mim, que não sou eu, que se me dá a mim? De sorte que estavam tão transformados estes dous corações, que reciprocando as vidas viviam um no outro, e tão unidos na mesma transformação, que deixando cada um de ser outro era um só e o mesmo: *Ambo unum.*

A ferida amorosa que o Esposo dos cantares recebeu da esposa.

Da alma sancta disse o Esposo divino, que lhe ferira o seu coração e que lh'o tirara: que lh'o ferira: *Vulnerasti cor meum*; como diz o texto latino: que lh'o tirara: *Abstulisti mihi cor;* como diz o hebraico. O mesmo succedeu a Thereza com o seu coração. Appareceu-lhe, estando em extasi, um seraphim com uma setta de ouro afogueada; e que fez? Mettendo-lhe a setta no peito, com a ponta feriu-lhe o coração: *Vulnerasti cor meum*; e tornando a tirar a setta, com as farpas levou-lhe o coração; *Abstulisti mihi cor.* Temos a Thereza sem coração; e sem coração como ha de viver? Sem coração como ha de amar? Antes para melhor viver e para melhor amar lhe tirou seu Esposo o coração. O coração é o principio da vida; e onde ambos viviam com a mesma vida, sobejava um coração; por isso lh'o tirou Christo. E tambem lh'o tirou para que melhor amasse, amando-se ambos com um e não com dous corações. Não ha exemplo na terra; no céu sim e o mais perfeito. O mais perfeito amor que ha, nem póde haver, é o das tres Pessoas divinas. Ama o Padre ao Filho, ama o Filho ao Padre, amam o Padre e o Filho ao Espirito Sancto, ama o Espirito Sancto ao Padre e ao Filho: e sendo os amantes tres, a vontade com que se amam é uma só; e assim como alli ha tres amantes com uma só vontade, assim cá se amam os dous com um só coração. Oh que perfeito, oh que divino, oh que ditoso modo de amar! Amar com egualdade no amor; porque o mesmo coração é o que ama; e amar sem duvida na correspondencia; porque o mesmo coração é o que corresponde: antes o mesmo amor

em unidade reciproca é amor e correspondencia junctamente; porque não podiam os amores ser dous, quando os amantes se tinham transformado em um: *Et iam erant ambo unum.*

Recebeu-se no Sacramento o mesmo favor.

Não vos parece grande extremo de fineza, não vos parece grande excesso de favor este de Christo para com Thereza? Pois a mesma fineza usa o mesmo Christo e o mesmo favor faz aos que dignamente commungam. No evangelho do Sacramento temos a prova. Porque assim como com o evangelho das virgens provámos tudo o que temos dicto e provaremos tudo o que dissermos de Christo em repeito de Thereza; assim com o evangelho do Sacramento provaremos tambem quanto houvermos de dizer do mesmo Christo em respeito de nós e dos que commungam dignamente.

Por isso é o Sacramento verdadeira comida. Texto notavel de Sancto Agostinho.

Caro mea vere est cibus et sanguis meus vere est potus. A primeira cousa que Christo Senhor nosso nos certifica n'este evangelho, é ser verdadeira comida o seu corpo e verdadeira bebida o seu sangue. Onde se deve muito notar, que não faz a força do que quer persuadir em ser verdadeiramente seu sangue o que se consagra debaixo das especies de vinho; senão em que esse corpo e esse sangue é verdadeiramente mantimento nosso. E por que razão? Porque é propriedade e natureza geral de todo o mantimento, converter-se na substancia de quem o come; e como Christo só n'este sacramento assiste real e presencialmente e nos outros não; por isso tambem só n'este se nos quiz dar em fórma de mantimento: para que intendessemos que o fim de o instituir, não só fôra para nos communicar sua graça, como nos outros sacramentos, senão para se unir a si mesmo comnosco e a nós comsigo. O mesmo Senhor se declarou e disse logo: *Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem, in me manet et ego in illo.* Sabeis porque digo que o meu corpo e verdadeira comida e o meu sangue verdadeira bebida? Porque, assim como o mantimento se converte na substancia de quem o come, assim eu me quero transformar em vós e vós em mim: de modo que vós, commungando, fiqueis em mim e eu, sendo commungado, em vós: *In me manet et ego in illo.* E porque n'esta união e transformação de dous que somos se ha de fazer um só; este *um* qual ha de ser? Não haveis de ser vós, senão eu, diz o mesmo Christo; e assim continúa o texto Sancto Agostinho: *Nec tu me mutabis in te, sicut cibum carnis tuae; sed tu mutaberis in me.* De sorte que assim como nos desposorios de Christo com Thereza, de dous que eram, se transformaram em um só; e este *um* depois de transformados, não era principalmente Thereza senão Christo que vivia n'ella; assim na transformação do Sacramento o que dignamente communga de

tal modo fica unido e identificado com Christo, que Christo é o que n'elle vive.

A Sanctissima Trindade prototypo da união eucharistica. Sancto Hilario.

O mesmo evangelho o diz e com o mesmo exemplo das pessoas da Sanctissima Trindade, com que declarei a união ou unidade do coração de Christo com Thereza: *Sicut misit me vivens Pater et ego vivo propter Patrem, et qui manducat me et ipse vivet propter me.* Assim como eu vivo pela vida de meu Padre que me mandou ao mundo, assim quem me communga verdadeiramente não vive pela sua vida, senão pela minha. Grande caso é, que querendo a Sabedoria incarnada declarar o que tinha dicto, com algum exemplo, não achasse outro mais adequado e mais proprio que o da unidade e vida reciproca que ha entre o mesmo Christo e seu Eterno Padre: *Vivit ergo per Patrem* (commenta Sancto Hilario) *et quomodo per Patrem vivit, eodem modo nos per carnem eius vivemus.* Assim como entre o Padre e o Filho emquanto Deus, ha uma só vida, porque o Padre vive no Filho e o Filho no Padre e um vive pela vida do outro; assim entre Christo e o que communga, posto que sejam dous, a vida é e ha de ser uma só e não outra, senão á do mesmo Christo. Vejam agora os que commungam, se a vida que vivem é a sua ou a de Christo; e d'aqui julgarão pelos effeitos, se commungam como devem ou não.

2.° Diz Christo á Sancta que se não tivera creado o céu creal-o-hia por amor d'ella.

III. O segundo favor e mais extraordinario ainda, que Sancta Thereza recebeu de seu divino Esposo, foi, que entre outras finezas, lhe disse estas palavras: Thereza, se eu não tivera creado o céu, só por amor de ti o creara. De nenhum outro sancto se lê similhante favor. Houve-se Christo com Sancta Thereza, como Sancto Agostinho com Deus, para encarecer o seu amor. Se eu fôra Deus e vós não (diz Agostinho), deixara eu de o ser, para que vós o fosseis. Muito tem de excessivo o amor que para se poder declarar finge supposições impossiveis. Mas isto fez um coração, posto que tão intendido, humano. Porém Christo que póde tudo e com tão singulares e exquisitas demonstrações tinha manifestado a Thereza o seu amor, que invente casos condicionaes e supponha o que já foi, como se não fôra e o que já não podia ser, como se fosse possivel, para assim declarar quanto ama? Ora eu considerando este caso que suppoz Christo e um voto que fez Sancta Thereza, «se não soubera que este mesmo voto era fructo da graça do mesmo Senhor, diria» que se achou Christo como alcançado e que não se póde desempenhar d'aquelle voto, senão com esta supposição. O voto que fez Sancta Thereza foi de sempre fazer o que fosse melhor; e como a melhor cousa que Deus podia fazer é o céu e a bemaventurança que já estava feita, disse, que se não tivera feito o céu,

só por amor de Thereza o fizera. Se o amor de Thereza se obriga por mim a fazer sempre o melhor, como posso eu pagar este amor, senão fazendo tambem o melhor por Thereza?

Argumentação analoga que fez S. Paulo a seu respeito. Tim. 1

Uma das cousas mais notaveis que escreveu S. Paulo foi esta: *Christus Jesus venit in hunc mundum peccatores salvos facere, quorum primus ego sum:* Christo Jesus veio a este mundo salvar os peccadores, dos quaes eu sou o primeiro. S. Paulo não foi o primeiro peccador na antiguidade; porque esse foi Adão: nem foi o primeiro na grandeza e multidão dos peccados; porque houve outros peccadores maiores; e elle mesmo confessa n'este logar que peccou por ignorancia; *Ignorans feci.* Pois d'onde infere S. Paulo que foi o primeiro e maior peccador de todos: *Quorum primus ego sum?* Nas palavras antecedentes está a premissa d'esta illação: *Christus Jesus venit in hunc mundum peccatores salvos facere*: Christo veio do céu a este mundo para salvar aos peccadores; e o mesmo Christo veio tambem do céu a este mundo para me salvar só a mim. Logo no conceito e estimação de Christo, infere S. Paulo, tanto pesa a graveza dos meus peccados, como os de todo o mundo. A mesma illação faço eu. Assim como S. Paulo para encarecer a graveza dos seus peccados, ponderou que fizera Deus só por elle o que tinha feito por todo o mundo, assim Christo para encarecer a grandeza do seu amor, disse que faria por Thereza o que tinha feito por todos os predestinados. E assim como Christo só por amor de Paulo desceu do céu, como tinha descido por amor de todo o mundo; assim Christo só por amor de Thereza crearia o céu, se por amor de todos os predestinados o não tivera creado. Oh grande amor! Oh excessivo encarecimento! Que no conceito de Christo, que não lisongeia, pese tanto o amor de Thereza como o de todos! Vamos ao avangelho.

A singularidade d'este favor infere-se da parabola das virgens.

É similhante o reino do céu a dez virgens, cinco prudentes e cinco nescias, diz Christo n'esta parabola. E por ser parabola faz não pequena difficuldade a egualdade d'estes numeros. O auctor que faz ou inventa uma parabola, assim como tem liberdade para dispôr e historiar como lhe importa a seu intento, assim tem tambem obrigação de a deduzir em termos provaveis e áquillo que é verisimil e costuma acontecer commummente. Supposto isto, parece que não haviam de ser tantas as prudentes, como as nescias. Não andara mal governado, nem fôra tão louco o mundo, se de cada dez mulheres se pagara o dizimo á prudencia. Homens eram aquelles dez leprosos que Christo sarou; e porque só um lhe veio dar as graças, perguntou «o divino Mestre» Onde estavam os nove: *Et novem ubi sunt?* E se em dez homens se acham nove ingratos, como não seria verisimil

Luc. 17

que em dez mulheres se achassem nove nescias? Não ha duvida que segundo a condição humana este numero era o mais proprio; e tambem segundo o intento de Christo, que era a consideração dos muitos que se condemnam. Pois porque não introduz o divino Mestre n'esta parabola nove virgens que fossem nescias e uma só que fosse prudente? Porque assim como as nescias que ficaram de fóra, significam as almas que se condemnam, assim as prudentes que entraram ás vodas, representam as que se salvam e vão ao céu. E no caso em que se introduzisse uma só prudente, não era, nem podia ser verisimil, que Christo fizesse o céu para uma só. Por isso fazendo a historia menos verisimil, para que fosse mais verisimil a significação, não introduziu n'ella uma só prudente, senão muitas: *Et quinque prudentes*. Não sendo, porém, verisimil ainda na ficção de uma parabola que Christo houvesse de crear o céu para uma só alma, era tal a alma de Thereza e tal o extremo com que o mesmo Senhor a amava, que no caso e supposição em que não tivesse creado o céu, só por amor d'ella o crearia.

Sancta Thereza e a mulher vestida de sol e coroada de estrellas. Apoc. 12

Viu S. João aquella mysteriosa mulher tão celebrada a quem coroavam as estrellas, vestia o sol e calçava a lua. E conforme a exposição de S. Boaventura, Ruperto, Victorino, Hugo, Alberto Magno e outros, os quaes intendem por esta mulher uma alma superiormente allumiada por Deus e adornada de celestiaes virtudes, a que alma se póde applicar com maior razão esta prodigiosa e admiravel figura que á de Sancta Thereza, em cujo espirito sublime e elevado depositou a liberalidade divina tantos dotes e prerogativas de perfeição, como se lêem em sua vida e tantos resplendores de ardentissima luz, como se admiram e sentem em seus escriptos? S. Francisco de Borja, sendo um dos examinadores do espirito de Sancta Thereza, o primeiro testimunho que deu, foi: Que era *una gran muger*. Tinha fundado Elias no monte Carmelo uma religião de tanta severidade, rigor e aspereza, qual era a de seu fundador: tinham-se passado oitocentos annos antes de Christo e depois de Christo mais de mil e quinhentos, em que o tempo e as variedades d'elle ou tinham enfraquecido a tolerancia, ou moderado a austeridade d'aquelle primitivo instituto: quando Thereza revestida do espirito dobrado do mesmo Elias «qual já o pedira Eliseu, resuscitou a observancia» não só em mulheres, sendo ella mulher, senão tambem nos homens. Julgou o mundo esta empreza por impossivel; e dizia com Nicodemos, que Elias era muito velho para tornar ao ventre da mãe e nascer de novo. Porém a Sancta Madre (que desde então o começou a ser) mostrou ao mundo incredulo «que nada era impossivel ao poder do seu Esposo, quando se queria

glorificar na nossa fraqueza.» Que trabalhos, que contradicções, que persiguições, que murmurações, que descreditos e falsos testimunhos padeceu aquelle sublime e constante espirito, sendo movedor de todas o dragão infernal, multiplicado em muitas cabeças e essas coroadas.

Em quantos logares tem Thereza assento no empyreo.

Emfim venceu Thereza «e foi por esta victoria que o seu divino Esposo lhe disse» que se não tivera creado o céu, só para ella o creara; porque ella em si mesma e na estimação de Christo é tão grande que «de algum modo» eguala a todo o céu. E senão entremos no mesmo céu empyreo de que mais propriamente fallava Christo; e veremos «em quantos logares ella tem assento» A natureza humana beatificada tem no céu septe logares: de patriarchas, de prophetas, de apostolos, de doutores, de martyres, de confessores, de virgens; e em todos tem assento eminente Sancta Thereza. No das virgens pela pureza: no dos confessores pela penitencia; no dos martyres pelo desejo; no dos doutores por seus admiraveis escriptos; no dos apostolos por seu zelo ardentissimo da propagação da fé; no dos prophetas pelos secretos altissimos das suas visões, revelações e prophecias; e no dos patriarchas, finalmente, com ser mulher, como mãe e fundadora gloriosissima de uma religião tão illustre e lustre das religiões. E se Christo deu a Thereza todo o céu, vêde se o crearia só para ella no caso em que o não tivera creado! E sendo creado o céu para todos os predestinados, isto é, para todos os que foram, são, e serão bemaventurados no gloria; julgae se parece, como eu dizia, que pesou tanto na estimação de Christo o amor só de Thereza, como o de todos.

Favor similhante recebem os que commungam. Analyse do evangelho do Sacramento.

Grande favor, grande fineza, estais dizendo todos; e mais não sendo encarecimento, senão verdade infallivel da bocca de Christo! Pois saiba cada um de nós (ou advirta como já sabe) que esse mesmo favor e essa mesma fineza faz o mesmo Christo no Sacramento por cada um dos que commungam. Se Christo fazia por Thereza o que fez por todos os predestinados, no sacramento não só o fazia, mas faz, por cada um dos que commungam o que fez por todos. Porque se no Sacramento se dá todo a todos, egualmente se dá todo a cada um. É verdade que o Sacramento foi feito para todos, mas de tal maneira para todos como se se fizera para um só. No Evangelho o temos; e não em uma só parte, senão em todo: *Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem, in me manet et ego in illo.* Aquelle que come a minha carne e bebe o meu sangue, está em mim e eu n'elle. Notae que não diz: *Aquelles* que comem, senão *Aquelle*: *Qui manducat.* Vai por deante o Senhor: *Sicut misit me vivens Pater et ego vivo propter Patrem et qui manducat me*

et ipse vivet propter me: assim como meu Padre vive e eu vivo por elle, assim aquelle que me come, viverá por mim. Notae outra vez que não diz *Aquelles* senão *Aquelle: Et qui manducat.* Finalmente faz comparação entre o Sacramento e o manná; e dizendo que seus paes d'aquelles com quem fallava. comeram o manná no deserto e morreram: *Patres vestri manducaverunt manna et mortui sunt;* aqui parece que por boa consequencia e para mais declarar a contraposição havia de dizer que Aquelles, porém, que comem meu corpo, viverão eternamente; e tambem aqui não disse *Aquelles* em plural, senão *Aquelle* em singular: *Qui manducat hunc panem vivet in aeternum.* Qual é, pois, a razão, por que sempre diz *Aquelle* e não *Aquelles?* A razão é, porque ainda que o amor de Christo, instituiu o Sacramento universalmente para todos, de tal maneira abstrahiu e quiz que nós abstrahissemos d'essa mesma universidade, como se verdadeiramente fóra instituido, não para todos, não para muitos, nem para mais, senão singularmente para um só. E assim é, porque dando-se Christo no Sacramento todo a todos e todo a cada um, de tal modo e com tal amor se da todo a um, como se amara e estimara tanto a um como a todos.[1] Aqui e n'este ponto

[1] Ouvi a Salviano que é o que mais viva e profundamente ponderou esta singularidade: *Sic totum ei debent universi, sic totum singuli, quod tantum acceperunt singuli, quantum universi.* No Sacramento tanto devem todos a Christo, como cada um; porque tanto recebe cada um como todos. E que se segue d'aqui? Agora vai o profundo da ponderação: *Ubi enim hoc unus accipit quod universi, et si par est mensura, maior est invidia:* porque quando um recebe tanto como todos, ainda que a medida é egual, a inveja é maior. Muitos commentos tenho lido d'esta clausula e muitos sentidos d'este enigma de Salviano: mas nenhum que satisfaça. Porque para haver inveja ha de haver desegualdade; e sendo a medida do que se dá egual, como pode haver inveja? Na distribuição do manná nenhum tinha inveja; porque aquella medida, chamada gomor, tão cheia se dava a um como ao outro. Logo se ca tambem a medida é egual, *Par mensura*, como póde ser maior a inveja, *Maior invidia?* Porque no manná tanto levava um como o outro, mas não tanto um como todos: porém no Sacramento como tanto recebe um como todos e tanto todos como um, bem póde haver inveja e grande inveja, não pela desegualdade do Sacramento, onde a não ha, senão pela desegualdade do numero que é a maior que pode haver. Quando um so recebe tanto como todos, como não hão de ter inveja todos aquelle um? Se no ceu podera haver inveja e lá se soubesse que o céu que Christo fez por amor de todos os bemaventurados, o faria só por amor de Thereza, não seria bastante occasião de inveja esta grande differença? Pois o mesmo passa no Sacramento. Antes digo que assim como da parte de todos em respeito de um póde ser inveja, assim da parte de um em respeito de todos podera ser soberba. Que faça Deus por mim só, como por todos? Elle me tenha de sua mão, para que tamanho favor me não ensoberbeça.

de tão verdadeira honra quizera eu que a nossa soberba se esmerasse: mas ella é tão vã e tão vil, que egualando-nos Deus na sua estimação com todos, o mesmo Deus na nossa estimação é menos que tudo.

IV. O terceiro favor e mui singular, com que Christo declarou seu amor a Sancta Thereza, foi este. Fallava a Sancta com o Senhor tão familiarmente como sabemos; e passando uma vez á conversação do presente ao passado, disse-lhe Thereza: Grande foi, Senhor, o amor com que Vossa Majestade amou a Magdalena. Estas foram as suas palavras, debaixo das quaes podera haver alguma segunda intenção, se não fôra Thereza a que as disse. Uma das maiores prerogativas do amor divino é ser amor sem ciume. Quem ama Deus deseja que todos o amem e que elle ame a todos; e por isso é amor. O humano (a quem falsamente damos este nome) nem admitte companhia no amar, nem vantagem no ser amado; e por isso é amor proprio, ou mais propriamente inveja. Fallou, pois, Thereza sem querer fazer comparações de si á Magdalena. Mas como se a fizera e quizera saber de Christo este segredo do seu coração, respondeu o Senhor assim: Thereza, eu amei a Magdalena estando na terra; porém a ti amo-te estando no céu. De sorte que distinguiu o amor pelo logar e a fineza de um pela melhoria de outro.

3.º Diz Christo a Sancta Thereza que a Magdalena elle a amou estando na terra, a ella porém, ama-a estando no céu.

Se Christo fôra como os outros homens, achava eu muito facil intelligencia a esta sua resposta. Porque o amor está em tal estado, que sendo affecto do coração, depende mais dos logares, que das vontades; e assim é muito maior fineza amar no céu, que amar na terra. As bemaventuranças são muito desamoraveis; e não ha maior inimigo do amor, que a felicidade. Provavam antigamente isto os prégadores com o exemplo de José nas ingratidões do copeiro de Pharaó. Mas hoje estão estes desenganos tão provados nas experiencias, que não necessitam de fé, nem de Escriptura. O certo é que toda a fortuna tem jurisdicção no amor; se é adversa ninguem vos ama; se é prospera a ninguem amais. E tanto assim que como cousa nova e singular disse S. Paulo de Christo: *Qui descendit ipse est qui ascendit:* o Senhor que subiu ao céu é o mesmo que desceu á terra. Porque os outros homens commummente quando sobem são uns, quando descem são outros; por isso ha tantos que trabalham pelos fazer descer. Pois se Christo no céu e na terra sempre é o mesmo, «porque dá como» razão de differença ou de vantagem, que á Magdalena amou-a quando estava na terra; porém a Thereza quando está no céu? A razão é, porque em Christo ainda que a mudança de logar não faz differença na

A maioria do estado accrescenta quilates ao amor. *Ephes.* 4

vontade, a maioria do estado accrescenta grandes quilates ao amor. No mesma Magdalena o temos.

Por isso Christo resuscitado não se deixou tocar da Magdalena com a mesma familiaridade que na vida mortal. Matth. 26

Sendo Christo convidado do phariseu entrou a Magdalena por sua casa, lançou-se aos pés do Senhor, ungiu-lh'os, segundo o costume d'aquelle tempo, com preciosos unguentos, regou-os com especiosas lagrimas, enxugou-os com seus cabellos, regalou-os e regalou-se com elles, até matar a sede da sua dor e do seu amor. Outra vez e poucos dias antes de sua morte, estando o mesmo Christo em Bethania, hospede de Simão, lhe fez a Magdalena similhante regalo, ainda com circumstancias de maior confiança; porque não derramou os unguentos (que eram de mais estimadas especies) sobre os pés do Senhor, senão sobre a cabeça: *Super caput ipsius recumbentis*. E em uma e outra occasião tão fóra esteve da soberana benignidade de Christo de lançar de si a Magdalena, ou de extranhar este genero de obsequio, tão alheio da moderação do seu tracto, que publicamente a louvou e a defendeu: a primeira vez contra os pensamentos do phariseu, e a segunda contra as murmurações dos discipulos. Sendo tudo isto assim, resuscita o mesmo Senhor, apparece á mesma Magdalena na manhã da resurreição; e querendo ella respirar da sua tristeza, alegrar as suas lagrimas, consolar as suas saudades, e resuscitar tambem a sua vida com se lançar e abraçar os sagrados pés onde sua alma a tinha recebido; eis que com novidade e extranheza não esperada o Senhor a aparta de si e lhe manda que o não toque: *Noli me tangere*. A causa que deu a este retiro «alludindo ao seu novo estado,» não tira, antes accrescenta a duvida. Pois se Christo antes da sua morte, em que a Magdalena o assistiu tão constantemente, admittia e se agradava dos seus obsequios, como agora depois da sua resurreição os não consente, antes lhe manda que se retire? Por ventura merecia agora menos a Magdalena? Claro está que não; antes muito mais; porque o amor da vida, que costuma acabar com a morte e enterrar-se com a sepultura, vivo, morto e sepultado e ainda desapparecido, que é mais, o tinha Christo experimentado n'ella sempre constante. Pois se o amor era o mesmo, as finezas mais declaradas e o merecimento maior; porque lhe nega Christo depois da resurreição o favor que lhe concedia antes da morte? Porque antes da morte, diz S. João Chrysostomo, estava Christo mortal e passivel; depois da resurreição estava já immortal e glorioso; e como este novo estado é tão differente, esta era tambem a differença com que queria ser tractado. O primeiro estado era o da terra, em que veio a servir, o segundo era o do céu, em que ia a reinar; e queria ser tractado da Magdalena, não segundo a familiaridade

de quando vivia na terra, senão conforme a majestade com que ia reinar no céu. Tornou Christo a apparecer á Magdalena e ás outras Marias no mesmo dia; e que fizeram? Lançaram se aos pés do Senhor e adoraram-no: *Tenuerunt pedes eius et adoraverunt eum.* Pois se Christo permittiu estes segundos obsequios, em que tambem entrava a Magdalena, porque lhe não consentiu os primeiros? Porque os primeiros eram de amor e familiaridade, os segundos eram só de respeito e reverencia: aquelles eram abraços, estes eram adorações: *Et adoraverunt eum.* Tanta era a majestade com que o Senhor agora se tractava e tanta a veneração com que queria ser tractado; não porque não fosse ainda o mesmo, mas porque o seu estado não era já da terra, senão do céu. E se para não admittir os affectos da Magdalena com as demonstrações de favor e agrado bastou «que fosse resuscitado a vida immortal e gloriosa,» vêde se distinguiu e encareceu altamente a preferencia do seu amor na differença do seu estado; pois amando a Magdalena e amando a Thereza; á Magdalena diz que a amou quando estava na terra e a Thereza que a amava estando no céu. Venha terceira vez o Evangelho.

Joan. 20

Matth. 28

As virgens nescias não se fizeram nescias n'aquellas poucas horas em que esperaram a vinda do Esposo. É verdade que quando lhe disseram que já vinha, bastantes razões tiveram para perder o juizo; pois se viram com as alampadas apagadas na occasião de maior luzimento e experimentaram tão más correspondencias nas companheiras, de cuja amizade esperavam primores. Mas antes de tudo isto, quando foram admittidas para o apparato d'aquella solemnidade, já então diz o Evangelho que eram nescias: *Quinque autem ex eis erant fatuae.* Pois se o Esposo que era Christo, sem embargo d'este defeito tão conhecido as admittiu ao primeiro acto das vodas; porque as excluiu do ultimo? Porque no primeiro estava ainda na terra, onde veio buscar a esposa, no ultimo estava já no céu, onde a levou. E como o estado de Christo no céu é tão superior ao que teve na terra; na terra onde tudo é imperfeito, admittia prudentes e nescias; porém no céu, que é a patria da perfeição, só admittiu as prudentes. Mas que de prudentes a nescias faça Christo tanta differença, quanta vai do céu á terra, bem está; porém de prudente a prudente e entre duas tão prudentes como era a Magdalena e Thereza, faça distincção o seu amor em amar a uma quando estava na terra e a outra quando está no céu? Sim. E tenha paciencia por agora a Magdalena, que não poderá o amor responder mais em favor de Thereza.

Por isso mesmo as virgens nescias foram admittidas ao primeiro acto das vódas e excluidas do ultimo.

Para conhecimento d'esta differença ou d'esta declarada van-

Promette Christo aos apostolos que do céu lhes ha de conferir maiores poderes proporcionados com seu novo estado. Joan. 14

tagem é necessario considerar bem como está Christo no céu e com quem está. O estado que Christo tem no céu é tão diverso do que tinha na terra, que quando se partiu para lá, disse assim a seus discipulos: *Qui credit in me, opera quae ego facio et ipse faciet et maiora horum faciet, quia ego ad Patrem vado.* Vós que credes em mim, não só fareis as obras maravilhosas que eu agora faço, senão maiores; e porque? Porque vou para o céu: *Quia ego ad Patrem vado.* Pois porque Christo vai para o céu, por isso hão de fazer os seus discipulos maiores milagres do que fazia o mesmo Christo quando estava na terra? Quando Christo estava na terra, seus discipulos tambem faziam milagres; mas menores dos que o Senhor fazia e alguns não podiam fazer. Qual é, logo, a razão, por que depois de subir ao céu não só hão de fazer os mesmos milagres que elle fazia, senão maiores? Porque assim convinha ao maior e supremo estado que Christo havia de ter no céu. A grandeza e majestade dos senhores conhece-se pelo poder e auctoridade dos creados. E é tão grande a differença de estado que hei de ter no céu (diz Christo) ao que tinha na terra, que vós e todos aquelles de que eu então me servir, não só hão de fazer o que eu faria, senão maiores obras ainda: para que do seu poder e auctoridade se conheça a grandeza e majestade do Senhor a quem servem. Se elles comparados commigo na terra parecerá que me excedem a mim; eu comparado commigo no céu, quem póde imaginar o que serei? E se tanta é a differença que Christo tem de estado a estado e ainda de si a si mesmo, só porque está no céu; vêde, tambem quanto cresce um amor sobre outro amor n'esta circumstancia; e quanto mais foi amar Christo a Thereza estando no céu, ou a Magdalena quando estava na terra.

No céu o menor dos bemaventurados é maior que S. João Baptista na terra. Matth. 11

Mas não basta só conhecer como Christo está no céu; é necessario tambem considerar com quem está. Christo no céu está assistido e cortejado de todos os bemaventurados. E estes bemaventurados quem são e qual é a sua grandeza? Nenhum de nós o podia presumir, se o mesmo Christo o não declarara. N'aquelle famoso panegyrico que Christo fez de S. João Baptista, diz duas cousas notaveis: a primeira que o Baptista era o maior dos nascidos: a segunda, que o menor do reino do céu é maior que o Baptista: *Amen dico vobis non surrexit inter natos mulierum maior Joanne Baptista: qui autem minor est in regno coelorum, maior est illo.* Depois que o Baptista fôr ao céu, então será lá maior que muitos; mas em quanto está na terra, o menor do reino do céu é maior que elle. E porque? Porque os do céu (diz S. Jeronymo) vêem a Deus; o Baptista ainda o não vê: os do céu amam por vista; o Baptista ama por fé: os do

céu já venceram e estão coroados; o Baptista ainda tem que vencer e está na campanha. E que estando Christo na terra, onde o menor dos nascidos é menor que o menor do céu, amasse muito a Magdalena, não foi «a maior» fineza: mas que estando no céu onde o menor d'aquelle reino é maior que o maior dos nascidos amasse tanto a Thereza, esta foi aquella grande differença que o mesmo Senhor ponderou; porque só elle a conhecia. A Magdalena como tão amante e tão amada estando na terra, mandava-a Christo levar ao céu, para que fosse ouvir as musicas dos anjos; e Thereza estando na terra amava tanto e era tão amada, que estando Christo no céu deixava as musicas dos anjos para vir conversar com Thereza na terra. Encareça, logo, Christo o seu amor pela differença do seu estado e pela do logar e da companhia; e diga que amou a Magdalena e amava a Thereza sim: mas a Magdalena quando estava na terra, a Thereza quando estava no céu.

Sendo o Sacramento Pão do céu faz ás nossas almas o mesmo favor.

E se esta circumstancia do amor accrescenta tanto a fineza, quanto vai do céu á terra; não é menor, senão a mesma, a que Christo usa e exercita comnosco no divinissimo Sacramento. O mesmo Evangelho o diz: *Hic est panis, qui de coelo descendit:* este é o pão que desceu do céu. Quando Christo disse estas palavras, nem elle tinha ainda subido ao céu, nem instituido o sacramento de seu Corpo debaixo das especies de pão. Pois se ainda não era pão, nem tinha subido ao céu, como lhe chama Pão que desceu do céu? «Porque no Sacramento se acha substancialmente o seu corpo, alma e divindade; e por isso, se ainda não era pão do céu quanto á humanidade, já era pão do céu quanto á divindade;» e como Christo queria encarecer o muito que nos dava chamou-lhe pão do céu para mais subir de poncto a fineza: *Hic est panis qui de coelo descendit.* E assim como o mesmo Senhor preferiu o amor com que amava a Thereza, ao amor com que amou a Magdalena pela differença de amar estando no céu ou estando na terra; assim pondera muito no Sacramento não tanto a substancia do que dá, quanto a circumstancia do logar donde desce; porque ainda que dar-se Christo a comer é o *non plus ultra* do amor, dar-se quando está no céu e descer do céu para se dar é muito maior fineza que se estivera na terra.

A sua continuação nos obriga mais que a instituição.

D'aqui se segue que devemos e somos mais obrigados a Christo pela continuação do Sacramento, que pela instituição d'elle; mais pelo modo com que agora se nos dá a nós, que pelo modo com que no principio se deu aos apostolos; porque no principio deu-se quando estava mortal e passivel «e era pão do céu só em quanto Deus;» agora da-se quando está immortal e glo-

rioso «e é pão do céu tambem em quanto homem :» no principio deu-se quando estava na terra, agora dá-se quando está no céu.

Chama-se no psalmo 77 Pão dos anjos; e porque?

Assim o intendeu e admirou quem teve sciencia para o conhecer, posto que não teve ventura para o gozar, David: *Panem coeli dedit eis, panem angelorum manducavit homo:* o pão do céu deu-se na terra e o pão dos anjos comeram-no os homens. Tres cousas diz aqui o propheta certas, e uma parece que o não é. Ser o Sacramento pão do céu, dar-se na terra, e comerem-no os homens, tudo é certo ; mas que esse pão seja dos anjos, como ou por que titulo? Ou sería pão dos anjos, se os anjos o comessem ; mas elles não o comem : ou seria pão dos anjos, se elles o fizessem e consagrassem ; mas esse poder é só dos sacerdotes. Porque diz, logo, o propheta que é pão dos anjos? Porque as cousas propriamente não são de quem as logra, senão de quem as merece. Se o pão do céu se déra por opposição e não por graça ; por justiça e não por favor ; aos anjos se havia de dar, que são do céu, e não a nós, que somos da terra e somos terra. E que havendo nos anjos o merecimento e em nós a indignidade, se negue este pão aos anjos do céu, e desça do céu para se dar aos homens na terra? Oh grande amor? E não sei se diga tambem grande injustiça. Mas o amor para ser grande ha de ter apparencia de injusto ; porque sendo «de algum modo» injusto para quem se nega, é mais fino para quem se dá. Só Sancta Thereza fez justa esta fineza, porque sendo mulher, foi seraphim : nós devendo chegar á communhão como anjos, apenas ha algum que o faça como homem : *Panem angelorum manducavit homo.*

4.º Apparece muitas vezes á Sancta ainda que não recebido como rei da gloria.

V. O quarto e ultimo favor de Christo, que pondero em Sancta Thereza, tem ainda muito mais apertadas circumstancias, que as passadas. Nos principios em que o soberano Senhor começou a regalar a sua esposa com apparições tão frequentes e tão extraordinarias, que tiveram por muito tempo suspensa e duvidosa toda a Egreja, a Sancta como tão prudente e tão humilde, que no seu conceito se reputava a mais indigna de todas as creaturas, temia que fossem enganos e illusões do demonio e por conselho e obediencia de seus confessores, que sempre foram os mais doutos e mais espirituaes d'aquella edade, quando Christo lhe apparecia ou como resuscitado e glorioso, ou como chagado e coroado de espinhos, ou na mesma forma e representação com que vivia n'este mundo, Thereza não só lhe voltava o rosto com rigor e signaes de desprezo ; mas como se fosse o inimigo commum do genero humano com a cruz e agua benta se defendia d'aquelle bemdicto Senhor, que para nos ar-

mar com a mesma cruz, quiz morrer n'ella: porém o amor do Esposo divino era tão fino e tão constante, que não só soffria estes bem intencionados aggravos, mas por serem feitos por obediencia, os approvava e amava. Grande é, excessivo é, e quasi incrivel, Thereza, o amor com que vos ama e estima Christo! fazeis injurias do maior abhorrecimento e desprezo ao Rei dos reis persuadindo-vos que não é elle o que vêdes, e sobre tudo isto, elle desconhecido vos não desconhece; elle tão indignamente tractado vos torna a buscar; elle continúa e insiste com novos favores para que o acabeis de conhecer e «quasi eu disse» o admittais em vossa graça. Quem imaginara em Deus similhantes extremos? «Deixo n'este ultimo favor outras considerações e limito-me ás que suggere o Evangelho.»

Explica-se este favor com o evangelho das virgens.

Não lhe aproveitou ás virgens mal prevenidas haverem seguido o conselho das prudentes (que era a desculpa em que n'estes aggravos innocentes se fundava a consciencia e obediencia de Thereza), não lhe aproveitou, digo, nem lhe valeu ás cinco virgens aquelle conselho para que o Esposo lhe não fechasse a porta. Vieram, comtudo, com o descuido emendado e as alampadas acezas; bateram e chamaram: *Domine, Domine, aperi nobis:* mas como o Senhor lhe respondesse, *Nescio vos*, não vos conheço; não bateram, nem chamaram mais. O mesmo Senhor que mandou fechar a porta a estas virgens tinha dicto: Pedi e recebereis; batei e abrir-vos-hão: porque todo o que pede recebe; e a todo o que batte se abrirá: *Petite et accipietis, pulsate et aperietnr vobis: omnis enim qui petit accipit et pulsanti aperietur.* Pois se o mesmo Senhor tinha mandado e promettido isso; se tinha mandado que pedissem e que batessem; e tinha promettido que quem pedisse receberia e a quem batesse lhe abririam; porque não instam em pedir e bater? Se pediram e bateram uma vez, peçam e batam outra; e se isto não bastar, continuem em pedir e perseverem em bater muitas vezes; pois tambem sabem que Deus gosta de ser importunado, e que assim o ensinou o mesmo Christo. Qual é, logo, a razão, por que estas mesmas virgens tão desejosas de entrar, que não perdoaram a diligencias, nem a passadas, nem a despezas e tudo isto fizeram sem temor, nem reparo, á meia noite; qual é a razão, por que agora não insistem, nem perseveram e se retiram tristes e mudas sem fallar nem apparecer mais? A razão é, porque o Esposo lhes disse: *Nescio vos:* não vos conheço; e tanto que se viram desconhecidas, de tal maneira perderam a confiança e ainda o primeiro fervor e desejo, que se não atreveram a fallar, nem apparecer mais deante, de quem as não conhecia. As desconhecidas no nosso caso não eram as vir-

gens ou a virgem, senão o mesmo Esposo. Tão desconhecido de Thereza, que não só o não conhecia por quem era, nem só o reputava por fingido e phantastico, senão por outro tão alheio d'aquella divina figura, quanto é o mesmo demonio transfigurado em anjo de luz. E que assim desconhecido e tractado, como tal, com desprezos, injurias e abhorrecimentos, torne Christo a buscar a Thereza e não desista de lhe apparecer, para que se acabe de desenganar, e o conhecer? Grande e nunca visto amor!

Diligencias que Christo fazia para que a Sancta o reconhecesse.

As diligencias que Christo fazia para que Thereza sem escrupulo nem duvida o conhecesse e os effeitos que experimentava depois d'estas apparições, eram todos aquelles com que o mesmo Senhor costuma assegurar as almas timoratas da verdade de sua presença. Porque depois d'estas vistas tão mal olhadas, crescia no coração de Thereza a humildade e desprezo de si mesma, crescia o abhorrecimento do mundo, crescia o zelo da honra de Deus e todas as outras virtudes solidas, que com as apparições do demonio, como vento secco do inferno costumam enfraquecer e murchar. Mas nenhuns d'estes signaes bastavam para que Thereza, ou os que governavam seu espirito o dessem por seguro. Quando Christo appareceu á Magdalena em traje de hortelão, bastou que dissesse, Maria, para que ella conhecesse a seu Mestre. Quando o mesmo Senhor appareceu em habito de peregrino aos discipulos de Emmaùs, bastou que partisse deante d'elles o pão, para que tambem o conhecessem. Mas para que seguramente o conhecesse Thereza, nenhuns signaes, nenhumas demonstrações, nenhumas experiencias bastavam: como tambem não bastava esse tão continuado desconhecimento, para que o Senhor se retirasse: que tanto o apertava o seu amor. Retirae-vos, Senhor, retirae-vos; e eu vos prometto que haveis de acabar mais com o mesmo retiro, que com a presença; e mais com o desapparecer, que com as apparições; porque tanto que vos retirardes e desapparecerdes, logo se conhecerá que sois vós e que são verdades seguras e vossas as que agora parecem sonhos e illusões. Mas este mesmo conselho que vós sabeis melhor, muito temo que o não ha de tomar vosso amor, posto que sinta quanto deve, ver-se tão desconhecido; «como o não tomou no mar de Tiberiades para com os discipulos, quando vos julgaram um phantasma.»[1]

[1] Lembrai vos de quando mandastes livrar do carcere ao vosso grande successor e amante. Estava alli preso S. Pedro com duas cadeas e quatro soldados de guarda, quando entrou o anjo a libertal-o. Tocou as cadeas e quebraram-se: tocou o prisioneiro e acordou: disse-lhe que se vestisse vestiu-se: disse-lhe que se calçasse, calçou-se; e Pedro que tudo isto via

ɔs de luctar a maior parte da noite contra uma gran-
ɗe na pequena barca de Pedro elle e os outros dis-
'esesperados do remedio, foi o divino Mestre desde
ᵕrel-os caminhando sobre as ondas. O perigo, a
ˋassos d'aquella portentosa figura que cada vez
's para elles, sobre o temor e perturbação em
ɹ accrescentou de maneira, que não conhecen-
, se persuadiram ser algum phantasma, ou illusão
ʌlas que fez o Senhor n'este passo? Diz o evangelho
.eria deixar os discipulos: *Volebat praeterire eos:* porque
.ɪn o dictava a razão vendo-se a si mesmo reputado um phan-
.asma, a sua visão por enganosa e a sua presença verdadeira por illusão diabolica. Mas como n'aquella barca fluctuava o seu cuidado e perigava o seu amor, em fim os soccorreu e foi conhecido. Oh Jesus! oh Thereza! Muito era que fizesse Christo tanto por Thereza, como por Pedro e João e por todo o apostolado juncto: mas sem comparação fez muito mais. Não uma só vez foi reputado por phantasma, nem um só dia, senão annos inteiros. Andava o seu amor por tribunaes; as suas visões e apparições ou reprovadas totalmente, ou tidas por suspeitosas, e elle não só desconhecido mas injuriado: porém a sua vontade sempre tão firme e constante, que nunca se pôde dizer d'ella: *Volebat praeterire.* Desconhecido tornava a buscar Thereza, injuriado lhe fazia novos favores; e nenhum conceito do mundo ou descredito seu ou perseguição de ambos pôde fazer jámais que a deixasse.

Tracta Christo a Sancta como aos seus discipulos quando o julgaram um phantasma.

E quem não vê n'este prodigioso retrato a verdade, a firmeza, a paciencia e a invencivel perseverança do amor de Christo

O mesmo amor nos mostra no Sacramento.

e fazia, cuidava que era sonho e illusão. Disse-lhe o anjo que o seguisse, seguiu-o: passaram a primeira e segunda guarda e ninguem os impediu: chegaram a uma porta e desferrolhou-se: caminharam por dentro e por fóra da cidade, e Pedro ainda crente que nada d'aquillo era verdade, senão imaginações vãs da sua phantasia: *Nesciebat quia verum est quod fiebat per angelum: existimabat autem se visum videre.* Eis aqui como muitas vezes, ainda aos maiores sanctos, as verdades parecem enganos e as apparições do céu, illusões. Mas que fez o anjo para que Pedro se desenganasse e crêsse o que não acabava de crêr? Tirou-se de deante dos seus olhos e desappareceu: *Discessit angelus ab eo;* e no mesmo poncto conheceu Pedro que o anjo verdadeiramente era anjo e que elle verdadeiramente tinha saido do carcere e estava livre: *Nunc scio vere, quia misit Dominus angelum suum et eripuit me.* De sorte que, quando lhe appareceu o anjo e em qnanto o via, não o conhecia; e tanto que desappareceu e o não via, então o conheceu. Este é o remedio, Senhor, para que Thereza vos conheça. Se vos não conhece quando lhe appareceis, desapparecei e conhecer-vos-ha.

para comnosco n'aquelle sacrosancto mysterio? Nós o crêmos, nós o adoramos; nós dariamos o sangue e a vida pela confissão e defensa de que n'aquella hostia consagrada, posto que invisivel a nossos olhos, está e estará até o fim do mundo toda a majestade do Filho de Deus, humana e divina, tão inteira real e verdadeiramente como á dextra do Padre. Mas quantos herejes houve e ha que a tudo isto que a catholica Egreja crê e ensina, chamam blasphemamente phantasmas? Dizem (tão ignorantes são e tão estolidos) que quando Christo disse, Este é o meu corpo, não quiz dizer nem significar o que as palavras significam: dizem que não ha alli outra cousa senão o que se vê, pão e não Christo: dizem que tudo o que os catholicos crêmos são chimeras, illusões e enganos. É sem embargo d'esta incredulidade, d'esta perfidia e d'estas blasphemias e das outras injurias maiores, com que do intendimento cego passam ás mãos sacrilegas, foi tão immensa a benignidade do divino amor, que antevendo-as se deixou comnosco; e é tão constante o mesmo amor que experimentando-as as soffre e não aparta de nós.

Cujo evangelho prova que os homens o começaram a desconhecer, desde a promessa de tão grande favor.

Quando Christo n'aquellas palavras que só nos restam por ponderar do evangelho *Non sicut manducaverunt patres vestri manna et mortui sunt*, ensinou a differença infinita que ha do manná ao divino Sacramento; foi porque o povo cego antepunha o manná ao pão do céu, que o Senhor lhe promettia, e Moysés ao mesmo Christo. E quando lhes disse, que se não comessem a sua carne e bebessem o seu sangue, não haviam de ter vida: *Nisi manducaveritis carnem Filii hominis et biberitis ejus sanguinem non habebitis vitam in vobis;* não só o povo, senão muitos dos discipulos do mesmo Christo, se sairam da sua eschola e lhe voltaram as costas; que taes cousas como aquellas não se podiam ouvir, quanto mais crêr. De sorte que a fé do Sacramento não só nasceu, mas foi concebida em tal signo de contradicção, que antes de ser instituido o Sacramento, já era negado: antes de ser dado, já era perseguido, e só por ser promettido, era blasphemado. Pois, Senhor, se assim é já agora e estas mesmas experiencias mostram o que será depois: se estes homens são tão cegos, tão ingratos e tão indignos e a mercê que lhe quereis fazer excede tanto não só o seu desmerecimento, senão a sua capacidade, deixae de instituir este novo mysterio; pois para a redempção do mundo basta o da cruz; e já que os homens são taes, que vos deixam, porque vos quereis deixar com elles? «Retirae o vosso mão e não lhes façais tamanha mercê». Assim havia de ser, se o amor de Christo para comnosco no Sacramento não fôra tão fino, como foi para com Thereza fóra do Sacramento.

As visões da Sancta foram imagem do fervor dos fieis e da cegueira dos herejes.

Em quanto a verdade das visões de Sancta Thereza esteve tão duvidosa, o mesmo Christo que lhe apparecia, era elle na realidade e não era elle na opinião: em quanto elle, era amado, era estimado, era adorado; em quanto não elle, era abhorrecido, era desprezado, era injuriado; e todo este amor e abhorrecimento, todas estas estimações e desprezos, todas estas adorações e injurias exercitava no mesmo tempo a mesma Thereza, sendo uma só. Bem assim como o mundo, sendo composto de muitos, uns fieis, outros infieis; uns catholicos, outros herejes; uns bons christãos, outros máus: uns crêem a Christo no Sacramento, outros o negam; uns o adoram, outros o desprezam; uns o veneram com obsequios, outros o offendem com injurias. Mas assim como Jacob pelo amor que tinha a Rachel, soffria os desagrados de Lia e muito mais os aggravos de Labão, e esta era a maior fineza d'aquelle forte e constante amor; assim a maior fineza de Christo no Sacramento foi expor-se ás affrontas e injurias dos que o offendem por não faltar á communicação dos que o amam e estar sempre com elles.

Desquite d'estes aggravos na egreja e convento da Incarnação.

VI. Mas que desquite podem ter estes aggravos, estas offensas, estas injurias na justa dôr d'aquellas almas devotas e pias, que as sentem e choram mais que as proprias por serem d'aquelle Senhor seu, a quem mais que a si mesmas amam? Este foi o bem inventado desempenho e o religiosissimo fim da solemnidade presente, restituindo-se a esta egreja o roubo commettido em outra e vingando-se com repetidos obsequios de todos os mezes os aggravos d'aquelle dia: para que o mesmo Christo sacramentado por um sacrilegio receba muitos sacrificios, por uma injuria muitas adorações e por um acto escondido da infidelidade, muitas protestações publicas da fé e novas exaltações d'ella. Quando a Magdalena intendeu que lhe tinham roubado do sepulcro o sagrado Corpo, dizia: Levaram-me o meu Senhor e não sei onde o pozeram. Entre estas ancias appareceu o desfarçado Hortelão e disse-lhe «a fervorosa amante»: Se tu acaso és o que o levaste, dize-me onde o pozeste, porque eu o levantarei d'esse logar. Bem está Magdalena: mas se vós vos queixais de não saber onde pozeram o vosso Senhor, dizei-nos tambem onde o haveis de pôr se o achardes. Só disse que o havia de levantar, mas não disse onde o havia de pôr, porque este pensamento ficou reservado para as imitadoras de seu amor. Levantaram o Senhor áquelle soberano throno e alli o teem posto e exposto, para que a nossa fé publicamente o confesse e adore, e os nossos corações prostrados deante de seu divino acatamento, sejam a detestação e desquite d'aquella abominada injuria.

Os corações das suas religiosas são irmãos de Christo.

De todas as que material e involuntariamente fazia a Christo Sancta Thereza era o desquite o seu coração; e assim o fazem todos os corações d'esta sancta congregação, tão devota como bem intendida, trazendo sobre o peito uma custodia e ao pé d'ella um S e um cravo, em signal de perpetua escravidão d'aquelle offendido e adorado Senhor. Parece que fallava o mesmo Senhor como em prophecia d'estes corações e d'esta casa quando disse á Sancta Thereza o que agora direi. Mandavam seus prelados á Sancta que fosse ser prioreza do convento da Incarnação de Avila; e ella, como tão humilde, escusava se. N'este mesmo tempo andava requerendo Thereza com Christo, não sei que mercê para um seu irmão: e como o Senhor tardasse com o despacho, era tanta a confiança entre os dous, que não duvidou a Sancta de se queixar amorosamente d'este, que parecia descuido, e comparando-o com o seu cuidado, lhe disse assim: Por certo, Senhor, que se vós tivereis um irmão, pelo qual me pedirçis alguma cousa, a não dilataria eu, se podesse: Não, Thereza (respondeu Christo): pois os corações das religiosas da Incarnação são meus irmãos e pedem-te que vás para elles, porque hão mister a tua presença e tu não queres. Assim arguiu e respondeu o Senhor a uma queixa com outra; e n'ella descobriu que havia n'aquella casa uma irmandade de corações, em que elle tambem era irmão. E se aos corações das religiosas da Incarnação de Avila chama Christo irmãos seus, com quanta razão podemos nós dar este mesmo nome aos das religiosas da Incarnação de Lisboa pela veneração do Sanctissimo Sacramento de que são perpetuos sacrarios?

Foi pela communhão da ultima ceia que Christo chamou aos apostolos seus irmãos. Chrysostomo.

Resuscitado o Senhor disse ás Marias que levassem as novas aos apostolos; e as palavras foram estas: *Ite nuntiate fratribus meis:* ide e dizei a meus irmãos. Irmãos, Senhor? E por que parentesco? Amigos dissestes vós que lhes havieis de chamar e não servos, porque lhes revelaveis vossos segredos; mas irmãos, porque? E se nunca lhes destes este titulo, porque lh'o dais agora? Excellentemente S. João Chrysostomo: Chama Christo irmãos aos apostolos no dia da resurreição, porque a ultima vez que tinha estado com elles foi na ceia, em que se lhes deu sacramentado e pela communicação da sua carne e do seu sangue contrahiram o parentesco e a irmandade. Para haver verdadeira irmandade ha de ser reciproca: e isto fez Christo na incarnação e no Sacramento, diz Chrysostomo: pela Incarnação, tomando Christo a nossa carne e o nosso sangue, fez-se irmão nosso: e pelo Sacramento, dando-nos a mesma carne e o mesmo sangue, fez-nos irmãos seus.

Comtudo as religiosas da Incarnação imitando a Sancta Thereza e a Sanctissima Virgem se querem chamar escravas.

Mas são tão religiosamente humildes estes corações irmãos

de Christo, que podendo-se gloriar do nome de irmãos, se chamam e professam escravos, trocando os titulos do parentesco pelas insignias da escravidão com o S e o cravo sobre o peito. Quando Christo se desposou visivelmente com Sancta Thereza deu-lhe por prendas de seu amor um cravo da sua cruz. Pois, Senhor, um cravo que é signal e como ferrete de escravo, dais vós a Thereza, quando a levantais á dignidade soberana de esposa vossa? Sim; porque, ainda que pelos desposorios contrahia Thereza com Christo o mais alto e mais intimo parentesco que póde ser, sabia o Senhor dos primores da sua alma, como de todas as que fielmente o veneram e amam, que a mesma dignidade a que as levanta de esposas, as captiva e imprime n'ellas o caracter de escravas. Emfim este é o espirito da Incarnação. No dia da Incarnação do Verbo, quando o anjo annunciou á Cheia de graça, que havia de ser mãe de Deus, a Senhora respondeu: *Ecce Ancilla Domini:* Aqui está a escrava do Senhor. Davam-lhe a dignidade de mãe, e tomou o nome de escrava; e porque se teve por mais digna de ser escrava que mãe, esmaltou com o caracter da escravidão a corôa da dignidade.

Colloquio e conclusão.

Ora, Senhor, já que nos corações d'estas escravas achastes uns espiritos tão conformes ao d'aquellas entranhas purissimas de quem recebestes essa mesma carne e sangue, em que vos dais por sustento de nossas almas, ajunctando o mysterio altissimo da Incarnação com o do divinissimo Sacramento; para que n'esse immenso amor se accenda a nossa caridade e no preço infinito d'esse penhor se confirme a nossa esperança, augmentae, como Mysterio da fé, a fé viva dos fervorosos catholicos, resuscitae a fé morta dos indevotos e tibios; e infundi o conhecimento da mesma fé na perfidia e obstinação dos herejes, para que todos vos cream, confessem e adorem, como nós por mercê vossa crêmos e confessamos; e prostrados deante d'esse throno de vossa suprema majestade com profundissima reverencia adoramos. E pois estes generosos corações são tão animosos, que encerrados por vosso amor dentro d'estas paredes, se poem em campo em defensa de vossa fé e desaggravo de vossas injurias e d'ellas souberam tirar tão multiplicadas glorias a vosso sanctissimo nome na terra; considerem os mesmos corações (pois eu o não posso declarar) quão condignos serão os premios d'esta fineza, que vossa divina liberalidade lhes tem apparelhado no céu.

(Ed. ant. tom. 4.º, pag. 459. Ed. mod. tom. 6.º, pag. 342.)

SERMÃO DA RAINHA SANCTA ISABEL **

PRÉGADO EM ROMA NA EGREJA DOS PORTUGUEZES NO ANNO DE 1674

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. = **A melhor negociante do reino do céu ou sancta Isabel maior sancta porque rainha e maior rainha porque Sancta, é o assumpto d'este grandioso e elegante panegyrico. Este assumpto tão fóra está de ser um vicioso trocadilho, que formúla o caracter da Sancta e resume todo o sermão.**

Simile est regnum coelorum homini negotiatori quaerenti bonas margaritas; inventa autem una pretiosa abiit et vendidit omnia quae habuit et emit eam.

S. MATTH. 13.

A Rainha sancta duas vezes coroada.

A uma rainha duas vezes coroada, coroada na terra e coroada no céu, coroada com uma das corôas que dá a fortuna, e coroada com aquella corôa que é sobre todas as fortunas, se dedica a solemnidade d'este dia. O mundo a conhece com o nome de Isabel; a nossa patria, que lhe não sabe outro nome a venera com a antonomasia de Rainha sancta. Com esse titulo que excede todos os titulos a canonizou em vida o prégão de suas obras: a este pregão se seguiram as vozes de seus vassallos: a estas vozes a adoracão, os altares, os applausos do mundo. Rainha e sancta: este será o argumento e estes os dous polos do meu discurso.

Cabedal, diligencia e ventura são as qualidades do negociante evangelico.

No texto do evangelho que propuz temos a parabola de um negociante em quem concorreram todas aquellas tres qualidades ou boas partes que poucas vezes se concordam: cabedal, diligencia e ventura: cabedal: *Omnia quae habuit*: diligencia, *Quaerenti bonas margaritas*: ventura: *Inventa una pretiosa*. Rico, diligente, venturoso; e que negociante é este? É todo aquelle que com os bens da terra sabe negociar o reino do céu: *Simile est regnum coelorum homini negotiatori*.

Este mundo é uma praça ou feira universal para negociar o reino do céu.

Este mundo, senhores, composto de tanta variedade de estados, officios e exercicios publicos e particulares, politicos e economicos, sagrados e profanos, nenhuma outra cousa é senão

uma praça ou feira universal, instituida e franqueada por Deus a todos os homens para negociarmos n'ella o reino do céu. Assim o ensinou Christo na parabola d'aquelle rei que repartiu differentes talentos ou cabedaes a seus creados para que negociassem com elles até sua vinda: *Negotiamini dum venio.* Para as negociações da terra a muitos falta o cabedal: outros teem cabedal e falta-lhes a diligencia: outros tem cabedal e diligencia, mas falta-lhes a ventura. Na negociação do céu não é assim. A todos dá Deus o cabedal, a todos offerece a ventura e a todos pede a diligencia. O cabedal são os talentos da natureza, a ventura são os auxilios da graça: a diligencia é a cooperação das obras. Quando o rei disse *negotiamini dum venio* os creados a quem entregou a sua fazenda para que negociassem com ella eram tres: todos tres tiveram cabedal: dous tiveram diligencia: um não teve ventura. E porque não teve ventura este ultimo? Porque não teve diligencia: enterrou o talento. Bem o conhecia o rei; pois fiou d'elle menos. E que succedeu aos outros dous? O que tinha cinco talentos, negociou e grangeou outros cinco: o que tinha dous talentos, negociou e grangeou outros dous. Ambos tiveram egual ventura, porque fizeram egual diligencia: mas o que entrou com maior cabedal, saiu tambem com maior ganancia.

Luc. 19

Cabedal com que entrou n'esta praça a Rainha sancta.

Ninguem entrou na praça d'este mundo com maior cabedal que a nossa Rainha sancta: uma coròa e outra coròa, a de Aragão e a de Portugal. Isabel foi filha de rei, mulher de rei e mãe de rei: mas que filha! que mulher! que mãe! Filha de um rei em quem estavam unidos os brazões de todos os reis da Europa, Pedro II de Aragão: mulher de rei que foi arbitro dos reis em todos os pleitos que tiveram em seu tempo as corôas de Hespanha, Dionysio de Portugal: mãe de um rei Affonso IV, de quem descendem todos os monarchas e principes da christandade; não vivendo hoje nenhum, que o melhor sangue que tem nas veias, não seja de Isabel. Grande fortuna de mulher, grande cabedal.

Foi ella maior sancta porque rainha e maior rainha porque sancta.

Isto supposto e supposto que eu não sei dizer senão o que me diz o evangelho, o thema será o sermão: e o assumpto d'elle, A melhor negociante do reino do céu: *Simile est regnum coelorum homini negotiatori.* Negociou Isabel de um reino para outro reino e de uma corôa para outra corôa: não do reino e corôa de Aragão para o reino e corôa de Portugal; senão do reino e corôa da terra para o reino e corôa do céu: que vem a ser em menos palavras: Rainha e sancta. Veremos a nossa rainha tão industriosa negociante no maneio d'estas duas corôas, que com a corôa de rainha negociou ser maior sancta e com a corôa de

sancta negociou ser maior rainha. Maior sancta porque rainha e maior rainha porque sancta. Maria, rainha de todos os sanctos, nos alcançará a graça. *Ave Maria.*

1.ª Parte. A mulher forte dos Proverbios e Sancta Isabel. *Prov.* 31

II. *Simile est regnum coelorum homini negotiatori:* Rainha e sancta e maior sancta porque rainha: esta é a primeira parte do nosso discurso e este foi o primeiro lanço da melhor negociante do reino no céu. *Mulierem fortem quis inveniet?* Quem achará no mundo uma mulher forte? Quando eu li «na epistola de hoje» as bravezas d'esta proposta e pergunta de Salomão, estava esperando ou por uma Judith com a espada na mão direita e a cabeça de Holofernes na esquerda, ou por uma Jael com o cravo e com o martello atravessando as fontes a Sisara, ou por uma Debora prantada na testa de um exercito capitaneando esquadrões e vencendo batalhas. Mas não é isto o que responde Salomão: diz que a mulher forte era uma mulher negociante: *Agrum emit; syndonem vendidit et vidit quia bona est negotiatio eius.* E como negociava esta mulher? Como o homem do evangelho, com cabedal, com diligencia, com ventura: com cabedal: *Dedit praedam domesticis suis*: com diligencia: *Non extinguetur in nocte lucerna eius:* com ventura e ventura sobre todas: *Multae filiae congregaverunt divitias, tu supergressa es universas.* Só nos faltava para Sancta Isabel que nos dissesse Salomão o estado d'esta notavel mulher. Tambem isso disse. Disse que era rainha: *Purpura et byssus indumentum eius*: porque n'aquelle tempo só ás pessoas reaes era licito vestir purpura. Vêde se se podia pintar mais ao natural a Rainha Sancta Isabel, nascida e creada nos braços d'el-rei de Aragão por sobrenome o conquistador, o qual e seu filho, el-rei D. Pedro, pae de Isabel foram os que conquistaram em Hespanha o reino de Valença, em Italia o reino de Sicilia, no mediterraneo as ilhas de Evisa e Malhorca; e a estes se seguiram successivamente, primeiro os reinos de Corsica e Sardenha; depois o florentissimo e bellicosissimo reino de Napoles; e ultimamente que? A mesma Jerusalem onde Salomão escrevia e onde estava vendo a mulher forte de quem fallava, «retrato de Sancta Isabel»: *Mulierem fortem quis inveniet?*

Uma coroa não parece bom cabedal para negociar o céu. Quão poucos os reis Sanctos do velho Testamen

«E certamente que» o maior cabedal que póde dar o mundo é uma corôa. Mas ainda que as corôas são as que dão as leis, não são mercadoria de lei. Ao menos eu não havia de assegurar esta mercadoria de fogo, mar e cossario: porque as mesmas corôas muitas vezes ellas são o roubo, ellas o incendio, ellas o naufragio. Para conquistar reinos da terra o melhor cabedal é uma coróa, mas para negociar o reino do céu é genero que quasi não tem valor. Ponde uma corôa na cabeça

de Cyro, conquistará os reinos de Balthasar: ponde uma corôa na cabeça de Alexandre, conquistará os reinos de Dario: ponde uma corôa não na cabeça, senão no pensamento de Cesar, opprimerá a liberdade da patria; e da mais florente republica fará o mais soberbo e violento imperio. Mas para negociar o reino do céu nem a Balthasar, nem a Dario, nem a Cesar, nem ao mesmo Cyro, a quem Deus chamava o seu rei e o seu ungido, *Christo meo Cyro*, valeram nada as corôas. Nas côrtes, nos palacios, nos thronos e debaixo dos doceis «que é o que achais communmmente?» Banquetes, festins, comedias e por cobiça ou ambição exercitos, guerras, conquistas. Eis aqui porque as corôas não são boa mercadoria, ou ao menos muito arriscada, para negociar o reino do céu. Reis e bellicosos, reis e politicos, reis e deliciosos, quantos quizerdes: mas reis e sanctos, muito poucos. Vêde-o nas letras divinas onde só se póde ver com certeza. De tantos reis quantos houve no povo de Deus, só tres achareis sanctos, David, Ezechias, Josias. Houve n'aquelle tempo grande quantidade de sanctos, grande succesSão de reis: mas reis e sanctos, sanctidade e corôa? Tres.

E são menos as rainhas sanctas.

E se é cousa tão difficultosa ser rei e sancto, muito mais difficultoso é ser rainha e sancta. No mesmo exemplo o temos. De todos os reis de Israel e Judá tres sanctos: de todas as rainhas nenhuma. Ainda não está ponderado. Desde o principio do mundo até Christo, em que passaram, quando menos, quatro mil annos, em todos os reinos e em todas as nações não achareis rainha sancta mais que unicamente Esther.

A razão d'isso a maior vaidade da mulher

E qual a razão d'isto? Porque é mais difficultoso ser rainha sancta que rei sancto: porque ainda que no rei e na rainha é egual a fortuna, na mulher é maior a vaidade. Os fumos da corôa não sobem para o céu, descem para a cabeça. Ponde a mesma corôa na cabeça de David e na cabeça de Michol: na de Michol tantas fumaradas, na de David nenhum fumo. E se me disserdes que David era humilde e sancto, tomemos outras parelhas. O mais vão rei que houve no mundo foi el-rei Assuero: mas a rainha Vasthi muito mais fumosa que Assuero. O mais soberbo rei que houve em Israel foi el-rei Achab: mas a rainha Isabel mais fumosa que Achab. Lembrae-vos de Athalia que foi a segunda Medea ou a segunda Semiramis do povo hebreu. Era mãe e avó (que é mais) e por muito vã e muito fumosa não duvidou tirar a vida a todos os filhos de seu filho Achozias. De nenhum homem se lê similhante resolução. E buscando a causa os padres e expositores, não acham outra, nem dão outra, senão o ser mulher: *Quia femina erat*, diz com todos Abulense. Mulher Athalia, mulher Jezabel, mulher Vasthi,

mulher Michol, mulher Bersabé, mulher finalmente Eva; e em todas estas sempre póde mais a vaidade que a virtude.

Por esta razão Isabel é maior sancta porque rainha.

III. Perdoae-me, Rainha sancta, este discurso: mas não m'o perdoeis; porque todo elle foi ordenado a avaliar o preço, a encarecer a singularidade e a sublimar a grandeza de vossas glorias. Menos sancta fôra Isabel se a sua sanctidade não assentara sobre mulher e corôa. D'estes dous metaes um tão fragil, outro tão precioso, d'este vidro e d'este ouro se formou e fabricou a peanha que levantou a estatua de Isabel até ás estrellas. Mas antes que mais nos empenhemos na ponderação d'esta verdade, acudamos ás vozes do evangelho, que parece estão bradando contra ella.

Não deixou o reino effectivamente.

O modo de negociar o reino do céu e a forma ou contracto d'esta negociação, diz Christo, que ha de ser, dando, deixando e renunciando o negociante tudo quanto tiver: *Dedit omnia sua et emit eam.* Se Isabel renunciára á corôa e deixara de ser rainha, então disseramos justamente que com a corôa da terra comprou e negociou a corôa do céu; mas ella viveu rainha e morreu rainha e não renunciou a corôa. «Como é logo que negociou o reino do céu?» Eu bem sei que renunciar uma corôa assim como é a maior cousa do mundo, assim é tambem a mais difficultosa; mas nem por isso impossivel. Exemplo temos no nosso seculo. Posto que o não vissem os passados, Roma o viu e Roma o vê: uma das maiores corôas da Europa renunciada com tanto valor e deixada com tanta gloria só por seguir a fé do evangelho e segurar debaixo das chaves de Pedro aquelle reino que só ellas podem abrir. Pois porque não deixou Isabel este tudo que verdadeiramente é o tudo do mundo: *Omnia quae habuit?* Porque não renunciou e demittiu de si a corôa para se conformar com o evangelho?

Não deixou o com o affecto.

Primeiramente digo que sim deixou Isabel, «como ensinou o divino Mestre, dimittiu e renunciou a corôa; mas só com o affecto; porque para negociar o reino do céu não é necessario outro cabedal mais que a pobreza de espirito.» Era Isabel rainha, mas que rainha? Uma rainha que debaixo da purpura trazia perpetuamente o cilicio; uma rainha que assentada á meza real jejuava quasi todo o anno a pão e agua: uma rainha, que que quando se representavam as comedias, os saraos, os festins, ella estava arrebatada no céu orando e contemplando: uma rainha que por dentro da sua corôa lhe estavam atravessando a cabeça e o coração os espinhos do corôa de Christo: uma rainha que adorada e servida dos grandes de seu reino, ella servia de joelhos aos pobres e lhes lavava os pés com suas mãos e lhes curava e beijava as chagas. D'esta maneira usava Isabel

da corôa ajunctando e unindo na pessoa de rainha dous extremos tão distantes e dous exercicios tão contrarios; e isto digo que foi «o modo com que deixou, demittiu e renunciou a corôa.»

Imitando o Verbo divino que se despojou na incarnação da sua majestade sem deixar a divindade.

Sendo o Verbo eterno por essencia e egualdade ao Padre, Deus, quando tomou e uniu a si a natureza humana, despiu-se e despojou-se de tudo quanto era e quanto tinha. Ainda o diz com maior energia o Apostolo: *Exinanivit semetipsum*, assim como um vaso quando se emborca e se esgota lança de si quando tem e fica vazio, assim o fez e ficou o Filho de Deus fazendo-se homem. Já estais vendo a difficuldade não só os theologos, mas todos. Deus fazendo-se homem não perdeu nada do que tinha, nem deixou nada do que era. Era Deus e ficou Deus, era infinito e ficou infinito; era eterno e immenso e ficou eterno e immenso; era impassivel e immortal e ficou immortal e impassivel. Pois se Deus não deixou nem renunciou nem demittiu de si nada do que era, nem do que tinha; como diz S. Paulo que se despojou e se esgotou a si mesmo: *Exinanivit semet ipsum?* Assim o disse profundamente o Apostolo; e tambem diz o como isto podia ser e como foi: *Cum in forma Dei esset formam servi accipiens*. É verdade que Deus fazendo-se homem não perdeu nada do que era, nem deixou nada do que tinha: porém tomou e uniu ao que era tudo o contrario do que era: tomou e uniu ao que tinha tudo o contrario do que tinha: e tomar e unir na mesma pessoa extremos tão contrarios e tão distantes, foi despojar-se de tudo o que era. Era Deus e fez-se homem: era eterno e nasceu em tempo; era immenso e determinou-se a logar: era impassivel e padecia: era immortal e morreu: era supremo Senhor e fez-se servo. E servir o Senhor, morrer o immortal, padecer o impassivel, limitar-se o immenso e humanar-se o divino, não só foi tomar o que não era, senão deixar o que era «não realmente» que isso não podia ser; «mas na exterior manifestação da majestade». E isto é o que fez Isabel conformando-se altissimamente com o evangelho ao modo do mesmo Auctor do evangelho. Rainha com majestade e corôa: mas que corôa, que majestade, que rainha? Corôa sim: mas corôa «que deixou» toda a pompa e resplendor do mundo com que se engrandecem as corôas. Majestade sim: mas majestade «que renunciou» toda a ostentação, toda a altiveza e toda a idolatria com que se adoram as majestades. Rainha sim: mas rainha que tirada a soberania do titulo, nenhuma outra cousa «mostrava» das que se admiram nas rainhas, sendo por isso mesmo a mais admiravel de todas.

A santidade unida com a realeza é maior S. Thomás

D'esta maneira deixou a nossa rainha a corôa e o tudo que pedia o evangelho: *Omnia quae habuit*. Mas assim como a dei-

` o affecto» porque a não deixou «effectivamente?» Por-
'ᶦcou a majestade; porque não deixou de ser rainha
ndo a corôa quando se lhe offereceu, ou renun-
le acceitada? Respondo que esta foi a maior in-
nciação: conservar o cabedal de rainha para
ancta. O maior bem ou o unico bem que
idades do mundo é serem degráu sobre
ais a virtude: é serem um cunho real com
or valor a sanctidade. Sancto foi David e Sancto
primeiro Abrahão que David. Comtudo S. Mattheus
a genealogia de Christo antepõi David a Abrahão:
avid; filii Abraham. Pois se Abrahão tambem era san-
e sancto da primeira classe como David e precedia na dignidade; porque se lhe antepõi David? Dá a razão Sancto Thomás angelicamente. Porque ainda que Abrahão era sancto, David era sancto e rei junctamente, o que não concorria em Abrahão. A sanctidade de Abrahão postoque grande, era sanctidade sem corôa: a sanctidade de David era sanctidade coroada; e sanctidade assentada sobre corôa é maior sanctidade. E porque? Porque na majestade, na grandeza, no poder, na adoração e em todas as outras circumstancias que acompanham as corôas, concorrem todos os contrarios que póde ter a virtude; e a sanctidade e a virtude conservada entre os seus contrarios, é dobrada virtude.

Como foi maior a pureza da Virgem unida com a maternidade. Sancto Agostinho.

Ouvi uma das mais notaveis sentenças de Sancto Agostinho: *Audiat omnis aetas quod nunquam audivit*: Ouçam todas as edades o que nunca ouviram, diz Agostinho. E que hão de ouvir? Falla do parto virginal e diz assim: *Virgo partu suo crevit; virginitatem, dum pareret, duplicavit*. N'estas ultimas palavras reparo. Diz Sancto Agostinho que Maria Sanctissima concebendo, «dando á luz,» e ficando virgem não só conservou, mas dobrou a virgindade. Se fallára de qualquer outra virtude, não tinha difficuldade esta doutrina. Mas da virgindade, parece que não póde ser; porque a virgindade consiste em indivisivel. É uma inteireza perfeita, incorrupta, intemerata, que não póde crescer nem minguar, nem admitte mais ou menos. Pois se esta virtude soberana e angelica não admitte diminuição nem augmento; se quando é, sempre é egual e sempre a mesma; como diz Sancto Agostinho que cresceu, que se augmentou e que se dobrou e foi dobrada no parto da Virgem? Porque foi virtude que se conservou inteira entre os seus contrarios. A conceição, o parto, o ter filho, o ser mãe, são os contrarios da virgindade; e conservar-se Maria virgem, sendo junctamente mãe foi ser dobrada virgem: *Virginitatem dum pareret duplicavit*. Taes fo-

ram as virtudes de Isabel. O maior contrario e o maior inimigo da virtude é uma grande fortuna; e quanto maior fortuna tanto maior inimigo. A humildade, o desprezo do mundo, a moderação, a abstinencia, a pobreza voluntaria, na outra gente são simples virtudes: mas estas mesmas com uma corôa na cabeça, com um sceptro na mão, debaixo de um docel e assentadas em um throno, são dobradas virtudes, porque são virtudes junctas com os seus contrarios. A humildade juncta com a majestade é dobrada humildade: a moderação juncta com o supremo poder, é dobrada moderação: o desprezo do mundo juncto com o mesmo mundo aos pés, é dobrado desprezo do mundo: a pobreza com a riqueza, a abstinencia com a abundancia, a mortificação com o regalo, a modestia com a lisonja, é dobrada pobreza, é dobrada abstinencia, é dobrada mortificação, é dobrada modestia: porque é cada uma d'ellas não uma rosa entre os espinhos, mas uma sarça verde entre as chammas. E porque a nossa negociante do céu sabia que debaixo do risco está a ganancia, por isso teve por maior conveniencia não deixar, senão ajunctar a corôa com a virtude; não deixar senão ajunctar a majestade com a sanctidade; para que, sendo rainha e junctamente sancta, fosse tambem maior sancta porque rainha.

O burel assentado sobre o brocado é a gala mais vistosa e mais bizarra da Rainha Sancta na côrte do céu.

Astitit regina a dextris tuis in vestitu deaurato circumdata varietate. Vi, diz David, uma rainha collocada á dextra de Deus, a qual estava vestida com duas galas differentes: por dentro com uma roupa bordada de ouro; por fóra com outra roupa de côr varia. Eis aqui como está a nossa Rainha sancta no céu: vestida e adornada com duas galas uma por dentro, que é o vestido de rainha, que vestiu primeiro e por isso bordado de ouro: outra por fóra, que é o habito de Sancta Clara, que vestiu depois e por isso de côr varia, pardo e branco. E qual d'estas duas galas a faz mais majestosa e mais gloriosa no céu: a de dentro ou a de fóra; a de brocado ou a de burel: a de rainha ou a de religiosa? Digo que ambas: mas porque uma assentou sobre a outra. Porque o habito de religiosa assentou sobre o de rainha: porque o burel assentou sobre o brocado: porque o vestido de fóra assentou sobre o de dentro: d'ahi é que lhe vem toda a formosura. O habito de S. Francisco e de Sancta Clara é uma das mais vistosas e mais bizarras galas que se trajam no céu. Mas esta mesma gala em Isabel, assentada sobre vestiduras reaes, é muito mais vistosa, muito mais bizarra e muito mais formosa; porque toda a graça e formosura lhe vem das guarnições e bordaduras do ouro que por debaixo da orla estão reluzindo: *Omnis gloria eius abintus in fimbriis aureis circumamicta varietatibus.*

IV. Temos visto a Isabel maior sancta porque rainha; segue-se que a vejamos agora maior rainha porque sancta. Este foi o segundo lanço da mulher negociante do reino do céu A fortuna nunca eguala os desejos dos homens: mas se houvesse uma fortuna tão grande que não só egualasse, mas vencesse e excedesse os desejos, esta seria a maior fortuna que se póde imaginar. Tal foi a fortuna de Isabel. Isabel não buscava corôas, antes as corôas abuscavam a ella; e porque buscada das corôas, ella buscou a sanctidade, por isso essa mesma sanctidade lhe acrescentou a corôa e a fez muito maior rainha. A dignidade de rainha é tão alta e tão solemne que parece não admitte maioria. Mas Isabel pelos privilegios de sancta foi rainha maior que rainha; porque foi rainha com maior poder, rainha com maior jurisdição, rainha com maior imperio.

2.ª Parte a sanctidade fel-a maior rainha.

Uma das accusações que se deram a Christo e a que venceu a causa, foi dizerem que se fazia rei e que tomava a jurisdição de Cesar: *Si hunc dimittis non es amicus Caesaris*; *omnis enim qui se regem facit, contradicit Caesari*. Todos os Padres, e expositores sagrados impugnam esta calumnia e a provam com cinco mil homens, que depois de Christo lhes matar a fome no milagroso banquete do deserto, o reconheceram pelo verdadeiro Messias, e o quizeram acclamar rei, quando o Senhor, para mostrar que não era rei dos que fazem ou podem fazer os homens, os deixou e se retirou para o monte. Grande prova de Christo se não fazer rei como era accusado. Mas S. Leão Papa, com mais alto pensamento, presenta-se entre os mesmos accusadores deante de Pilatos e argumenta assim por parte d'elles: *Ne in totum videatur inanis judeorum objectio, discutę diligenter, praeses*. Examine Pilatos diligentemente a causa e achará que não é totalmente falsa a accusação. Em dizerem os judeus que Christo se fez rei, fallam verdade: em dizerem que se fez rei como Cesar, aqui é que mentiram. Haviam de dizer que se fez rei maior que Cesar e maior que todos os reis. E porque? Ouvi a razão do eloquentissimo pontifice: *Caecis visum, claudis gressum, mutis donavit eloquium: febres abegit, dolores resolvit, mortuos suscitavit: magnum prorsus regem ista demonstrant*. Este homem accusado de se fazer rei deu olhos a cegos, ouvidos a surdos, pés a mancos, falla a mudos: sarou febres, resolveu dores, resuscitou mortos; e em todas estas cousas, ainda que não provou que era rei como Cesar e como os outros reis que não teem tal poder, mostrou, porém e demonstrou que era maior rei que todos elles.

A realeza de Christo mostrada nos milagres. Texto notavel de S. Leão. *In Joan.* 19

O mesmo digo de Isabel. Estava Isabel nos hospitaes que

Applica-se a Sancta Isabel.

ella e seus antecessores tinham edificado, concorriam a Isabel os infermos de todas as infermidades; e que succedia? Ia Isabel fazendo o signal da cruz sobre elles, os cegos viam, os mudos fallavam, os surdos ouviam, os mancos e aleijados saltavam, os mortos ou que estavam para morrer resuscitavam: *Magnam prorsum reginam ista demonstrant.* Dizei ás outras rainhas e aos outros reis que façam isto com todo o seu poder. Fazer mancos, fazer aleijados, fazer cegos, fazer estropeados, isso fazem os reis e isso podem «ainda que muito contra sua vontade.» E senão ide a essas campanhas, a esses exercitos e a essas côrtes: uns em muletas, outros arrastando, uns sem pernas, outros sem braços, uns sem olhos, outros sem orelhas, outros pedindo esmolas com os dedos, porque não tem lingua, outros sem casco na cabeça, meio attontados, outros sem queixadas no rosto, horriveis e disformes. Homens miseraveis, quem vos poz n'esse estado? Padre, o serviço d'el-rei. Fomos á guerra e d'ella escapamos d'esta maneira. Isto é o que podem fazer os reis; e tanto mais, quanto mais poderosos. Não assim Isabel: era rainha que restituia braços e pés e olhos e ouvidos. Vêr a majestade e pompa com que se diz dos reis que são senhores da vida! Senhores da vida? Leiam á margem d'estes titulos a glossa de Christo: *Nolite timere eos qui occidunt corpus.* São senhores da vida para a tirar, para a dar não. Se sois delinquente, podem-vos matar por justiça; se sois innocente, podem-vos matar por tyrannia; se tendes pouco juizo e pouco coração podem-vos matar com uma carranca ou com um voltar de olhos: mas dar a vida ou saude, não é da jurisdição dos reis. Assim o confessou um rei mais verdadeiro que todos: *Nolite confidere in principibus in quibus non est salus.* Isabel sim que era senhora da saude e da vida: por isso maior rainha que todas as rainhas: *Magnam prorsus reginam ista demonstrant.*

Matth. 10

A Arca do Senhor nas aguas do Jordão e Santa Isabel nas do Tejo.

V. Outra demonstração. Chega Isabel a Santarem para atravessar o Tejo. Estava prevenida uma galé real para a pessoa; gondolas e bergantins toldados para a côrte. Mas em apparecendo Isabel na praia, abre-se o rio de repente; levantam-se dous muros de christal de uma e outra parte: os peixes como ás janellas em cardumes e atonitos pasmando da maravilha; e Isabel caminhando sobre o seu bordão por aquella rua nova, juncada de limos verdes, mas sobre areias de ouro. Passemos agora de Portugal á Palestina e do Tejo ao Jordão. Pára o rio a vista da Arca do testamento: pinta o caso David e exclama: *Quid est tibi mare, quod fugisti; et tu Jordanis quia conversus es retrorsum?* Rio que paras, mar que foges, que é o que vistes? Bizarra e elegante prosopopeia de David. Comparae-me

agora rio com rio e mar com mar. Assim como a arca do testamento passou por aquella parte onde as aguas do Jordão se misturam com as do mar morto, assim passou Isabel por aquella parte, onde as aguas do Tejo se confundem com as do oceano. O oceano é aquelle pégo vastissimo e immenso que elle só é todo o elemento da agua; e extendendo infinitos braços está recebendo como nas pontas dos dedos o tributo de todos os rios do universo. Este foi o mar que se retirou e fez pé atraz á vista de Isabel. E o rio qual era? Aquelle soberbissimo Tejo, primeiro domador do mesmo oceano a quem pagaram párias em perolas o Indo e o Ganges, não coroados de juncos e espadanas, mas com grinaldas de rubins e capellas de diamantes. Este soberbo mar, este soberbo rio, são os que fizeram praça a Isabel e lhe descobriram nova terra para que a pizasse. David respondendo á sua pergunta disse: *A facie Domini mota est terra, a facie Dei Jacob*. E aqui está o maior excesso da maravilha. Lá o Jordão parado, cá o Tejo parado: lá a arca caminhando a pé enxuto, cá Isabel a pé enxuto: mas lá porque o rio viu a face de Deus, cá porque viu a face de Isabel: lá porque viu a face do Senhor de Israel, cá porque viu a face da rainha de Portugal: *A facie Domini, a facie Dei Jacob*. Que Deus visto refreie a corrente dos rios, isso é ser Deus: mas que á presença de Israel lhe façam os rios a mesma reverencia, vêde se é ser rainha mais que rainha! E senão perguntae ao mesmo Tejo, quantas vezes passaram por elle as outras rainhas, quaes eram as suas cortezias? Passavam as Therezas, passavam as Dulces, passavam as Mafaldas, passavam as Urracas, as Leonoras, as Luizas, as Catharinas; e o Tejo que fazia? Corria como d'antes. Porém a Isabel (fallemos em phrase de Roma) a Isabel firmava-se o Tejo; ás outras não se firmava: porque as outras eram rainhas; Isabel era rainha e sancta e por isso maior rainha.

Sancta Isabel e o milagre das rosas.

VI. Eu já quizera acabar: mas esta-me chamando a nova primavera que vemos a que repare n'aquellas rosas. Levava Isabel na aba do vestido grande copia de moedas de ouro e prata para repartir aos pobres; e era inverno. Perguntou-lhe el-rei que levava; e respondeu que rosas. Rosas n'este tempo, como póde ser? Diz el-rei. Abriu a Sancta e eram rosas. Ha rainha, ha rei no mundo que tenha taes poderes? Gastar muito dinheiro e grandes thesouros em flores, em jardins e ainda em sombras que é menos, isto podem fazer e fazem os reis: mas converter uma substancia em outra é outra jurisdição mais alta. Manda Deus a Moysés sobre o Egypto; e o titulo que lhe deu foi de Deus de Pharaó: *Constitui te Deum Pharaonis*. Parece dema-

siado titulo e não necessario. Pharaó era rei do Egypto: seja Moysés rei de Pharaó, e basta. Pois porque lhe não dá Deus titulo de rei, senão de Deus? Porque era razão que o titulo se conformasse com os poderes. Moysés havia de converter a vara em serpente, o Nilo em sangue, a agua em rans, o pó em mosquitos; e converter umas substancias em outras é poder e jurisdição mais alta que a dos reis: é poder mais que humano, é poder mais que real, é poder divino. Taes foram n'este caso os poderes d'aquella rainha sobre todos os reis e rainhas do mundo. Mas ainda não está ponderado o fino da maravilha.

N'este milagre a sua palavra e simalhante á divina. Rom. 4

Não esteve a maravilha em converter as moedas em rosas; senão em que? Em dizer são rosas e serem rosas. Serem rosas só porque Isabel lhes chamou rosas é maravilha só de Deus. Ponderação admiravel de S. Paulo: *Qui vocat ea quae non sunt tanquam ea quae sunt*. Deus chama com tanta verdade as cousas que não são, como aquellas que são. E esta é a maior gloria do seu poder; e o maior poder da sua palavra; porque basta que elle mude os nomes ás cousas, para que ellas mutem a natureza e o que era deixe de ser e o que não era seja. O mesmo fez Isabel. Não levantou as mãos, não orou, não pediu, não mandou: só disse que eram rosas as moedas e foram rosas. O chamar foi produzir e o dizer que eram, foi fazer que fossem o que não eram: *Vocat ea que non sunt tanquam ea qnae sunt*. «Em Deus este» poder é ordinario, em Isabel foi poder delegado; mas infinitamente maior que todos os poderes reaes.

E mais poderosa que a de todos os reis da terra.

Os reis tambem arremedam ou querem arremedar a Deus na soberania d'este poder. Cobri-vos, marquez: assentae-vos, duque. Só com o rei vos chamar marquez, sois marquez; só com vos chamar duque, sois duque. Mas tudo isto que vem a ser? Um nome; no demais sois o mesmo que d'antes ereis. De maneira que o mais a que pode chegar um rei, ainda que seja rei de todo o mundo é pôr nomes e dar nomes, é fazer que vos chameis d'alli por deante o que elle vos chamou. Porém fazer com esse nome que o que não era seja e que esse mesmo chamar seja ser, é jurisdição incomparavelmente mais soberana: por natureza só de Deus, por delegação «a estou vendo em» Isabel. Em quanto rainha podia dar nomes que não eram mais que nomes: em quanto sancta deu nomes que davam o ser e mudavam o ser, e por isso maior rainha que todas as rainhas.

* O corpo da Sancta preservado da corrupção como o de Christo. Os. 13 Ps 15

VII. Por fim dos poderes de Isabel quero acabar com aquelle poder que tudo acaba e que póde mais que todas as rainhas e todos os reis, a morte. Tambem este poder foi sujeito á nossa rainha; não podendo desfazer o corpo em que vivia aquella alma; o qual ha trezentos annos se conserva incorrupto. Amea-

çava Christo pelo propheta Oseas á morte e dizia-lhe assim: *Ero mors tua o mors:* deixa-te estar, morte, que eu serei a tua morte. Esta era a prophecia: mas o successo parece que foi o contrario, porque a morte matou a Christo. Pois se Christo morreu; como diz o mesmo Christo que havia de ser morte da morte? Assim foi em dous sentidos. Foi morte da morte em nós, porque matou a morte da alma que é o peccado; e foi morte da morte em si; porque matou a morte do corpo; não podendo a morte corromper nem desfazer o corpo morto de Christo: *Quoniam non dabis sanctum tuum videre corruptionem.* Quando a morte mata e fica morta, não pode desfazer o corpo do homem a quem matou; e assim não pôde desfazer o de Christo mais poderoso que ella: *Tam potentem adversarium nostrum dum occideres, occidisti,* disse S. Jeronymo com elegancia de palavras que não cabe nas nossas. E isto que se viu no corpo de Christo em tres dias, é o mesmo que está vendo o mundo no corpo de Isabel ha trezentos annos. Mas donde lhe veio a Isabel a soberania d'este privilegio? Não da corôa, senão da sanctidade; não porque foi rainha, mas porque foi sancta: *Non dabis sanctum tuum videre corruptienem.*

A incorrupção de seu corpo e a corrupção do da imperatriz Isabel.

Esta imagem, senhores, de Isabel morta mas com dotes de immortalidade é a que eu desejo levemos todos retratada na alma; e para que fique n'ella mais altamente impressa, ponhamos á vista d'este retrato o retrato da outra Isabel tambem de Portugal, tambem coroada e tambem morta. Quando S. Francisco de Borja abriu a arca em que ia a depositar o corpo da nossa imperatriz Dona Isabel, mulher de Carlos V, vendo a corrupção d'aquelle cadaver e d'aquelle rosto que pouco antes era um milagre da natureza, ficou tão penetrado e tão atonito d'aquella vista, que ella bastou para o fazer sancto. Se um só d'estes retratos obrou taes effeitos em um juizo racional e christão; que farão ambos os retratos junctos e um defronte do outro? Acolá Isabel, aqui Isabel; acolá uma corôa, aqui outra corôa; acolá um corpo morto e todo corrupção, aqui outro corpo morto, mas incorruptivel e como immortal. Oh que mudança! Oh que differença! Oh que desengano! Assim se morre, senhores, e assim se póde morrer.

Aviso aos reis para intenderem quanto vai de reinar a reinar.

Com razão escreveu Roma sobre aquella imagem e retrato de Isabel: *Et nunc reges intelligite; erudimini qui iudicatis terram.* Atégora parece que tinham alguma desculpa os monarchas da terra em não intender a differença que ha do apparente ao verdadeiro, do real ou imperial ao sancto, de uma corôa a outra corôa; e de reinar a reinar. Porém agora, *et nunc*, á vista de um prodigio e testemunho do céu tão manifesto e tão constante, á

vista do respeito que guardou a morte ou do poder que não teve sobre os despojos mortaes e já mortos de Isabel; e muito mais se a esta vista ajuntarmos o parallelo tão notavel de uma e outra majestade, ambas do mesmo nome, ambas do mesmo sangue e ambas da mesma dignidade soberana e suprema; que rei haverá que não acabe de intender o que tão mal se intende; que principe que não queira apprender o que tão pouco se estuda? *Intelligite et erudimini.* Não digo (pois nem Deus o manda), que as cabeças ou testas corôadas façam o que fez Carlos, convencido de uma só parte d'este exemplo, nem que renunciem e se despojem, como elle se despojou, das corôas: o que só digo e diz Deus a todos os reis, é que apprendam a não as perder e se perder, mas a negociar com ellas; e que com o exemplo canonizado de Isabel, rainha e sanctà, intendam que tambem podem ser sanctos sem deixar de ser reis, e que então serão maiores reis, quando forem sanctos. Não consiste a negociação do reinar em accrescentar o circulo ás corôas da terra, que maiores ou menores, todas acabam: mas em grangear e assegurar e amplificar com ellas a que ha de durar para sempre. Assim negociou com as suas duas corôas a nossa negociante do reino do céu, agora maior, mais poderosa e mais verdadeira rainha: assim está reinando e reinará para sempre: assim goza e gozará sem fim os lucros incomparaveis da sua prudente e venturosa negociação; na terra, em quanto durar o mundo, sobre os altares, e no céu por toda a eternidade em sublime throno de gloria.

(Ed. ant. tom. 2, pag. 1. Ed. mod. tom. I, pag. 95.)

SERMÃO DE TODOS OS SANCTOS *

PRÉGADO EM LISBOA NO CONVENTO DE ODIVELLAS NO ANNO DE 1644

Observação do compilador:—**Este largo sermão é a corôa de todos os panegyricos. Seu assumpto é junctamente o mais practico e o mais encomiastico; a disposição ou divisão responde á ordem com que a Egreja classifica os sanctos nas matinas da presente solemnidade; finalmente a elocução corre como rio caudaloso, e posto que não faz pompa de enfeites oratorios, nem por isso é desadornada nem menos arrebatadora. Se me não engano, é o mais perfeito sermão de todo o volume.**

Beati mundo corde.
S. Matth. 5.

A festa de Todos os Sanctos é a festa mais de todos e mais de cada um.

A festa mais universal e a festa mais particular, a festa mais de todos e a festa mais de cada um, é a que hoje celebra e nos manda celebrar a Egreja. É a festa mais universal e mais de todos; porque começando pela fonte de toda a sanctidade, que é Christo e pela Rainha de todos os sanctos, que é a Virgem sanctissima, fazemos festa hoje a todas as jerarchias dos anjos; fazemos festa aos patriarchas e aos prophetas; aos apostolos e aos martyres; aos confessores e ás virgens; e não ha bemaventurado na Egreja triumphante, ou canonizado ou não canonizado, ou conhecido ou não conhecido na militante, que não tenha a sua parte ou o seu todo n'este grande dia. E este mesmo dia tão universal e tão de todos é tambem o mais particular e o mais proprio de cada um; porque hoje se celebram os sanctos de cada nação, os sanctos de cada reino, os sanctos de cada religião, os sanctos de cada cidade, os sanctos de cada familia. Vêde quão nosso e quão particular é este dia. Não só celebramos os sanctos d'esta nossa cidade, senão cada um de nós os sanctos da nossa familia e do nosso sangue. Nenhuma familia de christãos haverá tão desgraçada, que não tenha muitos ascendentes na gloria. Fazemos, pois, hoje festa a nossos paes, a nossos avós, a nossos irmãos; e os que tendes filhos no céu, ou innocentes ou adultos, fazeis tambem festa hoje a vossos fi-

lhos. Ainda é mais nossa esta festa; porque se Deus nos fizer mercê de que nos salvemos, tambem virá tempo, e não será muito tarde, em que nós entremos no numero de todos os sanctos e tambem será nosso esse dia. Agora celebramos e depois seremos celebrados: agora nós celebramos a elles, e depois outros nos celebrarão a nós.

Quão grande cousa é ser Sancto e quão facilmente o podemos ser todos.

Esta ultima consideração que é tão verdadeira, foi a que fez alguma devoção á minha tibieza n'este dia tão sancto; e quizera tractar n'ella alguma materia que nos ajude a conseguir tão grande felicidade. Dividirei tudo o que disser em dous discursos, fundados nas duas palavras que tomei por thema e nas duas do titulo da festa. Pois a festa é de Todos os Sanctos no primeiro discurso veremos quão grande cousa é ser sanctos; e no segundo quão facilmente o podemos ser todos. O primeiro nos dá a primeira palavra do thema, *Beati*: o segundo nos dará a segunda, *Mundo corde*. Digamos á Virgem Sanctissima: *Regina Sanctorum omnium ora pro nobis;* e offereçamos-lhe a costumada *Ave Maria*.

Cada um deseja ser mais do que é só o será com ser sancto. Gen. 3 Luc. 11.

II. *Beati mundo corde*. A mais poderosa inclinação e o maior appetite do homem é desejar ser «mais do que é.» Bem nos conhecia este natural o demonio, quando esta foi a primeirapedra sobre que fundou a ruina a nossos primeiros paes. A primeira cousa que lhes disse e que lhes prometteu, foi que seriam «como Deus»: *Eritis sicut dii;* e este *Eritis*, este *Sereis* foi o que destruiu o mundo. Não está o erro em desejarem os homens ser «mais do que são» : mas está em não desejarem ser o que importa e «o que Deus quer que sejam.» Uns desejam ser ricos, outros desejam ser nobres, outros desejam ser sabios, outros desejam ser poderosos, outros desejam ser conhecidos e afamados; e quasi todos desejam tudo isto e todos erram. Só uma cousa devem os homens desejar ser, que é ser sanctos. Assim emendou Deus o *Sereis* do demonio com outro *Sereis*, dizendo: *Sancti eritis quia ego sanctus sum*: o demonio disse: Sereis como Deus, sendo sabios; e Deus disse: Sereis como Deus, sendo sanctos. E vai tanto de um *Sereis* a outro *Sereis*, que o *Sereis*, do demonio não só nos tirou o ser como Deus, mas tirou-nos tambem o ser «proprio dos homens, porque nos deu a morte»; e o *Sereis* de Deus exhortando-nos a ser sanctos como elle é, não só nos restituiu o ser como Deus, sesenão tambem o ser «proprio dos homens, porque na resurreição nos restitúi a mesma vida que perdemos.»

Toda a outra grandeza é como nada.

Quando Moysés perguntou a Deus: O que era; respondeu Deus definindo-se : *Ego sum qui sum* : eu sou o que sou : porque só Deus tem por essencia o ser. Agora diz a todos os homens por

bocca do mesmo Moysés: Se sois tão amigos e tão ambiciosos de ser «como Deus», sêde sanctos; e sereis «o que desejais: *Sancti eritis, quia ego sanctus sum*»; porque tudo o que não é ser sancto «não é cousa que dure e que aproveite.» Sêde rei, sêde imperador, sêde papa; se não sois sancto, «logo deixareis de ser o que sois; e sereis como» nada. Pelo contrario, ainda que sejais a mais vil e a mais desprezada creatura do mundo, se sois sancto, sois tudo o que póde chegar a ser o mais bem afortunado homem: porque sois como aquelle que só é «por necessidade de natureza que é Deus. Todo o outro ser por maior que pareça «é como nada,» porque vem a parar em não ser. Só o ser sancto é o verdadeiro ser que não muda, porque é o que ha de permanecer por toda a eternidade.

Ha quatro classes de sanctos.

Bastava esta só razão para os homens que temos alma immortal desejarmos a sanctidade sobre todas as cousas só por ser sanctos. Mas quero que os mesmos sanctos, nos ensinem e animem a esta verdade. Todos os sanctos, quantos ha e póde haver, pela mesma ordem em que os celebra a Egreja se reduzem a quatro classes: Deus, que «sendo a mesma sanctidade» tambem se preza de ser e de se chamar sancto: a Mãe de Deus, que é a mais sancta entre todas as puras creaturas: os sanctos anjos repartidos em nove coros: os homens sanctos divididos em seis jerarchias. Ora vejamos como todos estes sanctos nos ensinam a estimar sobretudo o ser sanctos; e comecemos por Deus.

1.ª Deus. O ser sancto é a sua maior excellencia. S. Dionysio. Sancto Ambrosio.

III. Se perguntarmos aos theologos: Qual é o maior attributo de Deus; responder-nos-hão que todos são eguaes: porque todos e cada um d'elles é Deus. Mas se perguntarmos. Qual é o que mais declara e engrandece o ser do mesmo Deus; S. Dionysio Areopagita, que mais altamente escreveu dos attributos divinos, diz que o ser sancto: *Deus per excellentiam cuncta excellentem sanctus sanctorum vocatur:* quando dizemos que Deus é sancto e sancto dos sanctos, louvamos em Deus uma excellencia que é mais excellente que todas. O grande doutor da Egreja Sancto Ambrosio ainda disse mais ou com maior expressão: ***Nihil pretiosius invenimus quo Deum praedicare possimus, nisi ut sanctum appellemus: quodlibet aliud inferius est Deo, inferius est Domino***: quando queremos louvar e engrandecer a Deus nenhuma cousa achamos de maior estimação e de maior preço, que chamar-lhe Sancto; porque tudo o demais que dissermos é inferior a Deus; e só quando lhe chamamos Sancto, dizemos o que é.

A letra *Sanctum Domino* na testa do summo sacerdote. *Exod.* 28

Antigamente como Deus era só conhecido em Judéa, no resto do mundo havia muitos chamados deuses, os quaes todos ti-

nham sacrificios e sacerdotes. E que fez o verdadeiro Deus para se distinguir dos deuses falsos? Mandou que o seu summo sacerdote trouxesse na testa uma lamina de ouro com esta letra: *Sanctum Domino*: a sanctidade ao Senhor; porque só aquelle Senhor que tem por attributo o ser sancto é o verdadeiro Deus.

O Sanctum Israel repetido pelos prophetas. Isai. 17, 1, 41

«Por isso os prophetas muitas vezes» trocavam o nome de Deus pelo nome de Sancto. Lêde Isaias e os demais; e achareis: *Ad sanctum Israel respicient. Blasphemaverunt sanctum Israel. In sancto Israel laetaberis. Veniat consilium sancti Israel;* e assim em muitos outros logares; não havendo panegyrico, invectiva ou declamação, em que não tragam sempre na bocca o Sancto de Israel, o Sancto de Israel. Havia n'aquelle tempo em Israel muitos idolatras que veneravam e sacrificavam aos deuses falsos da gentilidade; e para distinguir o Deus verdadeiro dos deuses falsos não acharam os prophetas outra differença mais individual, nem outra distincção mais adequada, que chamar-lhe Sancto. Se lhe chamaram Deus, equivocava-se o nome de Deus com o dos idolos, a quem os idolatras tambem chamavam deuses: mas chamando-lhe Sancto tiravam toda a equivocação e toda a duvida: porque só o attributo da sanctidade era o que distinguia e provava no Deus de Israel a unica e verdadeira divindade. Tanto significa, tanto monta e tão alta e divina cousa é ainda no mesmo Deus o ser sancto.

O jurar de Deus pela sua sanctidade e não pela sua verdade. Ps. 88

Mas se os prophetas queriam distinguir o Deus verdadeiro dos falsos, porque não fundavam a distincção na verdade, senão na sanctidade; porque não diziam o Verdadeiro de Israel, senão o Sancto de Israel? Porque ainda que o verdadeiro se oppõi formalmente ao falso; mais se qualificou o ser divino pelo attributo de Sancto, que pelo de Verdadeiro. Ouvi uma das maiores ponderações com que se póde avaliar e conhecer quão sublime e divina cousa é ainda na estimação e veneração do mesmo Deus o ser sancto. Jurou Deus a David que seria o seu reino eterno; porque d'elle descenderia o Messias; e como fez Deus este juramento, ou por quem jurou? Cousa estupenda! *Semel juravi in Sancto meo, si David mentiar, semen eius in aeternum manebit*: jurei a David pelo meu Sancto, que não hei de faltar á verdade do que lhe prometti e que ha de ser pae do Messias. *In Sancto meo*, pelo meu Sancto! E que Sancto é este pelo qual Deus jura? Já sabeis que o juramento se faz sempre por aquillo que mais se venera, ou mais se estima. Fóra de nós juramos pela vida d'el-rei, pela cruz, por Christo, por Deus; porque é o que mais veneramos. Dentro em nós juramos por nossa vida, por nossa alma; porque é o que mais

estimamos. Da mesma maneira não tendo Deus fóra de si por quem jurar, jura pelo que tem dentro em si, e jura por si mesmo em quanto sancto; porque ser sancto é o que mais estima, o que mais preza e, se pode dizer assim, o que mais venera. Parece que havia Deus de jurar pela sua verdade e jura pela sua sanctidade: como se ficara mais estabelecida a verdade do seu juramento na firmeza da sua sanctidade, que na da sua mesma verdade. Em Deus tudo é egual e tão verdadeiro é como sancto, e tão sancto como verdadeiro: mas buscando Deus dentro em si mesmo um attributo, que ou fosse ou parecesse mais soberano e mais digno de veneração pelo qual podesse jurar, jurou Deus verdadeiro por Deus Sancto: *Semel juravi in Sancto meo.*

Deus Padre dá a sanctidade por herança a seu Filho incarnado. *Luc. 1*

IV. Por tão altos e tão admiraveis termos como estes nos ensinou Deus em commum quão grande cousa seja o ser sanctos; e o mesmo documento confirmou cada uma das tres Pessoas divinas em particular por exemplos não menos maravilhosos. Sobre a incarnação da Pessoa do Filho mandou o Eterno Padre por embaixador o anjo S. Gabriel; e o que lhe deu por instrucção que dissesse de sua parte á Virgem Sanctissima, foi que o Filho de Deus e seu, que de suas entranhas havia de nascer, seria sancto: *Ideoque et quod nascetur ex te Sanctum vocabitur Filius Dei.* De sorte que tendo o Eterno Padre um Filho egual a si mesmo, e querendo que por segunda geração e segundo nascimento, sendo Deus, fosse tambem homem, o que lhe deu a elle e o que prometteu a sua Mãe, foi que seria sancto: *Quod nascetur ex te sanctum.* Notae o *Sanctum* e o *Ex te*: sancto e de vós. Não lhe deu riquezas, porque o fez Filho de uma mãe muito pobre, *Ex te*: não lhe deu honras, porque o fez Filho de uma mãe muito humilde, *Ex te*: não lhe deu mandos, nem dignidades, nem imperios temporaes; porque ainda que a Virgem era discendente de reis, todos esses sceptros e coroas tinham já degenerado aos instrumentos mechanicos de um official com quem era desposada, *Ex te.* E que lhe deu? Deu-lhe o ser sancto: *Quod nascetur ex te sanctum.* Pois a seu Filho não lhe daria outra cousa um Pae o mais potente? Os paes tudo quanto teem e tudo quanto podem, dão a seus filhos, e mais se são primogenitos e unicos como Christo era. Pois a um Filho primogenito, a um Filho unico, um Pae todo poderoso, um Pae Deus e Senhor de tudo não lhe dá outra cousa mais que o ser sancto? Não e por isso mesmo. Ao Filho primogenito e unico do Eterno Padre competia-lhe a herança de todos os bens de seu Pae; e todos os bens que Deus tem e todos os que póde dar, é fazer a um homem sancto e mais sancto; por-

que tudo o mais ou é nada, ou para ser alguma cousa ha de ser tambem sanctificado e sancto.

Sanctificada é a herança que Christo recebeu de sua Mãe.

Em quanto Filho herdeiro de sua Mãe pertenciam-lhe ao mesmo Christo o sceptro de David e a casa de Jacob que tambem Deus lhe mandou prometter: *Dabit illi sedem David patris ejus et regnabit in domo Jacob*: mas essa mesma casa e esse mesmo sceptro deu-lh'o Deus a seu Filho por tal modo, que de temporal que era, o converteu em espiritual, para que tudo n'elle fosse só sanctidade; e elle por todos os modos mais e mais sancto. Isto deu o Eterno Padre a seu Filho para que vós apprendais a saber o que haveis de procurar aos vossos. Procurae-lhe que sejam sanctos; e esta é a maior riqueza, a maior honra, a maior felicidade que lhe podeis alcançar e os maiores e só verdadeiros bens de que os podeis deixar herdeiros. «Tal é o documento da Pessoa do Padre.» Vamos á Pessoa do Filho.

Deus Filho vem ensinar aos homens a sciencia dos Sanctos e só essa sciencia.

A Pessoa do Filho é a sabedoria de Deus. Fez-se homem esta Sabedoria Divina: veio ao mundo para ensinar aos homens; e que lhes ensinou? Nenhuma outra cousa senão a ser sanctos. N'aquella escada de Jacob, como todos sabeis, representou-se em visão e prophecia a Incarnação do Verbo Eterno. No alto da escada estava Deus sobre ella: porque uma das Pessoas Divinas havia de descer ao mundo: ao pé da escada estava Jacob, que era o homem ou o genero humano; porque o modo com que Deus havia de descer, era incarnando e fazendo-se homem: e a escada chegava da terra ao céu; porque o fim do mysterio da Incarnação e o fim por que Deus desceu do céu á terra, foi para ensinar e mostrar ao homem como havia de subir da terra ao céu. E para esta subida tão notavel e tão nova que até então estava ignorada, que é o que ensinou o Deus que desceu e incarnou; que é o que ensinou a Sabedoria Divina a Jacob ou ao homem que n'elle se representava? O mesmo Verbo o diz no capitulo decimo da mesma Sabedoria, fallando do mesmo Jacob: *Ostendit illi regnum Dei et dedit illi scientiam sanctorum*: mostrou-lhe o céu e o reino de Deus e ensinou-lhe a sciencia de ser sanctos. De sorte que vindo a Sabedoria Divina em Pessoa e descendo do céu á terra a ser mestre dos homens, a nova cadeira que instituiu n'esta grande universidade do mundo e a sciencia que professou foi só ensinar a ser sanctos e nenhuma outra. A rhetorica deixou-a aos Tullios e aos Demosthenes: a philosophia aos Platões e aos Aristoteles: as mathematicas aos Ptolemeus e aos Euclides: a medica aos «Hippocrates e aos Galenos» a jurisprudencia aos Solões e aos Lycurgos; e para si tomou só a sciencia de en-

sinar a salvar e a fazer sanctos: *Regnum Dei et scientiam sanctorum.*

Porque só ella importa

Em todas as sciencias é certo que ha muitos erros dos quaes nasce a differença das opiniões: em todas as sciencias ha muitas ignorancias, as quaes confessam todos os maiores lettrados que não comprehendem nem alcançam. Pois se vinha a Sabedoria de Deus ao mundo, porque não allumiou estes erros; porque não tirou estas ignorancias? Porque errar ou acertar em todas essas materias, sabel-as ou não as saber, nenhuma cousa importa; o que só importa, é saber salvar: o que só importa, é acertar a ser sanctos; e isto é o que nos veio ensinar o Filho de Deus. Nem ensinou aos philosophos a composição do continuo: nem aos geometras a quadratura do circulo, nem aos mareantes a altura de leste a oeste: nem aos chimicos o descobrimento da pedra philosophal: nem aos medicos as virtudes das hervas, das plantas e dos elementos: nem aos astrologos e astronomos o curso, a grandeza, o numero, as influencias dos astros: só nos ensinou a ser humildes; só nos ensinou a ser castos; só nos ensinou a desprezar as riquezas; só nos ensinou a perdoar ao injurias, só nos ensinou a soffrer as perseguições, só nos ensinou a chorar e abhorrecer os peccados e a amar e exercitar as virtudes; porque estas são as regras e as conclusões; estes os preceitos e os theoremas por onde se apprende a ser sancto: que é a sciencia que professou e veio ensinar a Pessoa do Filho de Deus: *Scientia Sanctorum.*

Deus Espirito Sancto se distingue das outras Pessoas divinas como Espirito sanctificador.

A Pessoa do Espirito Sancto com o seu proprio nome nos prova e confirma o mesmo. O Padre tambem é Espirito e tambem é Sancto. Pois porque se chama só a terceira Pessoa *Espirito Sancto?* A razão é (dizem todos os theologos) porque ao Espirito Sancto compete o officio de sanctificar e de fazer sanctos. Todas as obras de Deus, que chamam *ad extra*, isto è, que saem de Deus e se terminam ás creaturas, são indivisamente de toda a Sanctissima Trindade, na qual o poder e o obrar não só é egual, senão um só e o mesmo. Mas por certa propriedade fundada na origem das mesmas Pessoas, umas obras se attribuem a umas Pessoas e outras a outras. E por que á terceira Pessoa se attribúi particularmente o sanctificar e fazer sanctos por isso se chama Sancto.

O sanctificar suppre a sua infecundidade.

E para que vejais quão grande significação é na mesma Pessoa do Espirito o nome de Sancto e o attributo ou attribuição de sanctificar, notae o muito que com elle se suppre e a grande carencia ou vazio que com elle se enche. O nome ou antonomasia de Sancto e o officio de sanctificar e fazer sanctos não lhe podera competir ao Pae que é a fonte original e innascivel

que tudo o mais ou é nada, [illegible]mpetir ao Filho que foi o que inser tambem sanctificado e [illegible] mesma sanctidade? Sim. Pois por-Em quanto Filho her[illegible]ncto? Disse com alto pensamento Ru-mesmo Christo o scep[illegible] a infecundidade da terceira Pessoa. A bem Deus lhe man[illegible]fecunda, porque gera o Filho: no Filho é *tris ejus et regno*[illegible]ctamente com o Padre produz o Espirito esse mesmo s[illegible] Sancto só não é fecunda; porque não pro-que de temp[illegible] Divina. Pois que meio podia haver para sup-tudo n'elle [illegible] Pessoa esta infecundidade? O meio foi cede-e mais [illegible] outras Pessoas Divinas a virtude ou attribuição vós ap[illegible] e fazer sanctos e o titulo e antonomasia de se Proc[illegible]ncto. A terceira Pessoa não póde gerar nem produzir mai[illegible] seja Deus? Pois faça sanctos. A terceira Pessoa não m[illegible] chamar Pae, nem se pode chamar Filho? Pois chame-[illegible]cto. Tão grande, tão alta, tão sublime, tão divina cousa [illegible] Sancto; e com tão maravilhosos documentos nos ensina-[illegible] esta verdade as tres Pessoas Divinas.

Sanctificada é a herança que Christo recebeu de sua Mãe.

Deus Filho vem ensinar homens sciencia Sancta essa.

[illegible]V. Depois do Padre, Filho e Espirito Sancto, segue-se a Fi-[illegible] do Padre, a Mãe do Filho, a Esposa do Espirito Sancto, a Virgem Sanctissima, a qual, como a mais sancta entre todas as puras creaturas, nos dirá melhor que todas, quão grande bem é sermos sanctos. No capitulo vinte quatro do Ecclesiastico nos refere a mesma Senhora, como Deus que a escolheu por morada, lhe deu a herança de tudo quanto tinha vinculado ao povo de Israel, que era o morgado do mesmo Deus: *Tunc praecepit et dixit mihi Creator omnium, et qui creavit me requievit in tabernaculo meo et dixit mihi: In Israel haereditare*. E que vos parece que escolheria para si a Virgem Maria, de toda a universidade de bens naturaes e sobrenaturaes d'este immenso morgado? Só tomou o que era sancto e nenhuma outra cousa. Do que não era sancto, posto que fosse precioso e estimado, não quiz nada, porque tudo é nada: do que era sancto tomou tudo; porque só o ser sancto é tudo. Ouçamos a mesma Senhora e ponderemos o que diz, com a attenção que suas palavras merecem. Primeiramente do que pertence ao logar diz que escolheu uma cidade sancta e uma casa sancta, para n'ella servir a Deus em sua presença sem nenhum cuidado: *In habitatione sancta coram ipso ministravi; et in civitate sanctificata similiter requievi*. E quanto ao que pertencia á pessoa, sendo tantos e tão excellentes os dotes naturaes que Deus desde seu principio tinha repartido com as mulheres famosas d'aquella nação, de tudo isto nenhum caso fez a Senhora: tudo deixou, tudo desprezou e só tomou e quiz para si a sanctidade de todos os sanctos: *In plenitudine sanctorum detensio mea*: detive-me, diz, na

de todos os sanctos (porque tudo o que não é ser de inchar, mas não pode encher); aqui me detive, aqui insisti e não passei, nem tive para onde pas-

...ue dera ter n'este auditorio todas as senhoras do ...o prendadas e tão presas, tão tidas e tão retidas das ...s do mesmo mundo; para que vissem o de que só se ...am de deixar prender e deter á imitação da maior Se...nhora e Rainha de todas! Tudo quanto a apprensão e phantasia feminil estima e preza, viu a bemdictissima Virgem no grande theatro de Israel, de que Deus a fizera herdeira: *In Israel haereditare*. Viu a nobreza de sangue antiga e illustre em Sara, soberana e real em Michol: mas não a deteve o esplendor da nobreza, nem lhe moveu os espiritos. Viu a formosura servida e adorada em Rachel, buscada e preferida em Abisay: mas não a deteve a formosura, nem julgou por digna de ser vista a que leva após si os olhos. Viu a fecundidade grande e invejada em Lia, maior e mais desvanecida em Fenénna: mas não a deteve o appetite natural de ser mãe, nem desejou perpetuar-se em mais vidas. Viu a riqueza domestica em Rebecca e os thesouros reaes em Sulamites: mas não a deteve cubiça ou ambição de riquezas, porque tinha o coração em outros thesouros. Viu as galas e enfeites de Jezabel e todo o valor do oriente engastado nas joias de Esther: mas não a deteve a apparencia vã dos apparatos do corpo, como a que só cuidava em ornar o espirito. Viu a que o mundo chama ventura, nas vodas não esperadas de Ruth e nas muito mais venturosas de Sephora: mas não a deteve o especioso laço das vodas; antes lhe fizeram horror as delicias do thalamo. Viu ás victorias e triumphos de Debora e ós despojos e tropheos da famosa Judith: mas não a deteve a fama com o ruido de seus applausos, nem affectou victorias e triumphos. Viu finalmente coroada Abigail e assentada Bersabee em egual throno com Salomão: mas não a deteve a soberania d'aquellas alturas, porque era mais alto o seu animo que os thronos e de maior esphera que as coroas. Pois, Senhora, se todos estes bens da natureza e da fortuna, se todas estas grandezas e felicidades da vida que os homens tanto estimam, tanto prezam e tanto invejam, nem divididas, nem junctas, vos encheram os olhos: se por todas passastes pizando-as, e nenhuma vos pareceu digna, nem de vos deter um momento, nem de vos fazer parar um passo; que é o que vistes, que só vos agradou; que é o que vistes, que só vos deteve, ou teve mão, para que alli parassem os passos do vosso desejo; para que d'alli não passassem vossos affectos? Vi a humil-

Desprezando todos os outros dons das mulheres mais celebres do velho Testamento.

dade, diz a Senhora, vi o desprezo de si e do mundo, vi o recolhimento, vi o silencio, vi a modestia, vi a temperança, vi a fortaleza, vi a mortificação das paixões e a resignação da propria vontade, vi o amor de Deus e a caridade do proximo, vi emfim toda a sanctidade, virtudes e graça de que estiveram cheios os sanctos; e n'esta enchente de sanctidade é que só tomei pé, n'esta parei, n'esta me detive e n'esta me detenho: *Et in plenitudine sanctorum detentio mea.* Isto é o que diz de si a Mãe de Deus; e porque este foi o seu juizo e a sua eleição; por isso foi Mãe de Deus; não só, porque estimou o ser sancta mais que todas as cousas: mas porque deixou e despresou todas as cousas para ser mais sancta.

3.ª Os anjos. Estão sempre cantando: Sancto, Sancto, Sancto. *Isai. 6* *Apoc. 4*

VI. Os anjos que são a terceira classe dos Sanctos que hoje celebra a Egreja, assim como nos persuadem com suas inspirações. nos ensinam com seu exemplo, quão grande cousa é ser sanctos. O exercicio dos anjos no céu é estarem sempre louvando a Deus. Nós não o sabemos louvar, porque o não vemos; elles que o estão sempre vendo, só o louvam como devem. Mas quaes são os louvores ou as lisonjas que os anjos cantam a Deus? O propheta Isaias que uma vez foi admittido aos ouvir disse: *Seraphim stabant et clamabant alter ad alterum: Sanctus, Sanctus, Sanctus*: estavam os seraphins divididos em dous coros; e o que cantavam alternadamente a grandes vozes era: Sancto, Sancto, Sancto. Isto diziam e repetiam sem cessar: como tambem os ouviu d'ahi a oitocentos annos S. João no seu Apocalypse: *Et requiem non habebant dicentia: Sanctus, Sanctus, Sanctus.* Se isto não estivera tão expresso em um e outro Testamento, quem tal cuidara? Deus não é um objecto immenso? as grandezas de Deus não são infinitas? os anjos que o veem e conhecem intuitivamente não são tão intendidos e tão sabios? Pois como não variam de vozes, nem de pensamento? Porque não discorrem por outras perfeições divinas? Porque não louvam e não engrandecem outros attributos? Por isso mesmo: porque vêem a Deus, porque o conhecem e porque são intendidos. Quem louva ou lisongêa discretamente, diz tudo o que póde e tudo o que mais agrada; e a maior grandeza que se póde dizer de Deus e o louvor que mais lhe agrada é chamar-lhe Sancto. Por isso o primeiro coro dos anjos diz Sancto; e o segundo responde Sancto. O primeiro torna a dizer Sancto; e o segundo torna a repetir Sancto; e isto dizem, e isto estão sempre dizendo sem cessar uma e mil vezes; e isto hão de continuar a dizer por toda a eternidade: porque depois de dizerem que Deus é sancto, sancto e mais sancto, nem os seraphins no céu, que são anjos de mais alto intendi-

mento e de mais profunda sciencia, sabem dizer mais, nem lhe fica mais que dizer. É Deus eterno, é immenso, é infinito, é omnipotente: mas tudo isso são grandezas «divinas»; porque estão junctas com ser sancto. Se Deus por impossivel não fôra sancto; todos os outros attributos careceram da sua maior perfeição. Por isso é perfeição em Deus o ser eterno, porque é eternamente sancto: por isso é perfeição o ser immenso, porque é immensamente sancto; por isso é perfeição o ser infinito, porque é infinitamente sancto; por isso é perfeição o ser omnipotente, porque é todo poderosamente sancto: *Sanctus, Sanctus, Sanctus.*

Só a sanctidade poz distincção entre os anjos fieis e os rebeldes.

Isto é o que os anjos dizem de Deus. E de si que dizem ou podem dizer? O que podem e são obrigados a dizer todos os que perseveram no céu e o não perderam é que todo o seu bem e toda a sua felicidade consistiu em ser sanctos. Houve no céu entre os anjos aquella grande batalha que sabemos: Lucifer com os máus rebellou-se contra Deus: S. Miguel com os bons seguiu as partes de seu Senhor. Estes venceram, aquelles foram vencidos; e que ganharam os que ganharam a victoria? Que perderam os que perderam a batalha? Nenhuma outra cousa mais que o ser ou não ser sanctos. Os que ganharam a victoria, ganharam o ser sanctos, porque ficaram confirmados em graça: os que perderam a batalha, perderam o ser sanctos, porque foram privados da mesma graça; e em tudo o mais que tinham da natureza ficaram como d'antes eram. Por isso Lucifer depois do peccado se chamou cherubim. D'aqui se intenderá um famoso logar de Ezecuiel no capitulo vinte e oito, onde chamou cherubim a Lucifer: *Tu cherub extentus et protegens et posui te in monte sancto Dei; in medio lapidum ignitorum ambulasti: perfectus in viis tuis a die conditionis tuae, donec inventa est iniquitas in te:* tu, ó cherubim, eras o anjo de maior esphera e que debaixo de tuas azas tinhas todos os outros: *Tu, cherub, extentus et protegens.* Eu te creei sancto e em graça; e te puz no céu: *Posui te in monte sancto Dei.* Tu estavas entre os seraphins, onde passeavas com liberdade de superior: *In medio lapidum ignitorum ambulasti*; e desde o dia da tua creação foste perfeito até que em ti se achou peccado e maldade, que tu inventaste: *Perfectus in viis tuis, donec inventa est iniquitas in te.* Em summa que Lucifer, como diz o Texto e declaram conformemente todos os padres, era por natureza seraphim e creado entre os seraphins e superior a todos. Pois se era seraphim, como lhe chama o propheta em nome de Deus, não seraphim, senão cherubim? E se lhe nega o nome de seraphim; porque já não era anjo, senão demonio, porque

lhe chama cherubim: *Tu cherub?* Porque seraphim significa amor e amante; cherubim significa sciencia e sabio; e ainda que Lucifer pela rebellião e pelo peccado perdeu o amor e a graça de Deus e os outros dons sobrenaturaes, não perdeu a sabedoria e as sciencias, nem os outros dotes do intendimento e da natureza com que fôra creado. Tão anjo ficou no saber, como d'antes era, tão anjo no poder, tão anjo na capacidade da esphera e em tudo o mais como d'antes; e sómente privado da graça e da sanctidade em que por sua culpa e maldade se não quiz conservar. De sorte que a principal differença que então houve e hoje ha entre Miguel e Lucifer, é que Miguel chama-se S. Miguel e Lucifer não se chama sancto.

Os dons naturaes sem a sanctidade antes são males que bens.

Direis que tambem foi privado Lucifer da gloria e da vista de Deus. Não foi, porque essa ainda a não tinha: que se já tivera visto a Deus, não o podera offender, nem perder a graça e sanctidade. Mas assim como Deus o privou da graça e da sanctidade; porque o não privou tambem de tudo o mais? Quando um vassallo se rebella contra seu rei, confiscam-lhe todos seus bens. Pois se Lucifer se rebellou contra Deus, porque lhe confiscam só a graça e a sanctidade, e lhe deixam tudo o mais? Porque só a graça e a sanctidade são bens «verdadeiros»: tudo o mais que teem os anjos maus, uma vez que não teem sanctidade, antes são males que bens. A sciencia sem sanctidade é ignorancia: a formosura sem sanctidade é fealdade: o poder sem sanctidade é fraqueza: a grandeza sem sanctidade é miseria; e por isso são os anjos máus os mais miseraveis de todas as creaturas: assim como os anjos bons os mais felizes e bemaventurados de todos: estes porque são sanctos, aquelles porque não são sanctos.

4.º Os homens sanctos. Tudo elles fizeram e padeceram por ser sanctos.

VII. Vamos aos homens; e perguntae a todos os que estão no céu: Que cousa é ser sanctos? A esta pergunta não quero responder com Escripturas, nem com palavras, senão com obras. As cousas estimam-se pelo que valem e pelo que custam. Tudo o que fizeram e padeceram os sanctos, foi por ser sanctos. A esperança tão longa e tão constante dos patriarchas, a fé e paciencia dos prophetas, o zelo e prégação dos apostolos, as penitencias e asperezas dos confessores, a continencia e pureza das virgens; tudo sancto e tudo por ser sanctos. Mas não é esta a materia que se haja de passar e escurecer com uma tão abbreviada generalidade. Discorramos por cada uma das jerarchias dos sanctos e vejamos quanto se empenhavam por conseguir este nome.

Os patriarcas Abrahão e Isaac.

Olhae para os patriarchas nos dous primeiros; e vereis a Isaac lançado sobre a lenha, esperando com a garganta nua o

rigor, por não dizer a deshumanidade do golpe; e a Abrahão com a espada em uma mão, para cortar a cabeça ao unico filho e com o fogo na outra para o queimar em holocausto e sepultar em cinza. Podia haver maior resolução, nem mais heroico e deliberado empenho, assim na sujeição do filho ao pae, como na obediencia do pae a Deus? O mesmo Deus confessou que não podia ser maior. E porque vos parece que se atreveu este homem, sendo pae, a uma tão espantosa e medonha acção de que se estremece o amor e tapa os olhos a natureza? Por não quebrar um preceito, por ser sancto; e tambem por ser sancto se sujeitou o filho a uma obediencia tão difficultosa.

Os prophetas Isaias, Daniel e Jonas e todos os apostolos

Aos patriarchas seguem-se os prophetas e aos prophetas os apostolos. E se entre os prophetas vos assombrais de vêr um Isaias serrado pelo meio e um Daniel no lago dos leões e um Jonas engulido da balêa; nos apostolos, que foram menos em numero, vereis a Pedro crucificado, a Paulo degolado, a André assado, a Philippe apedrejado, a Bartholomeu esfolado, a Mattheus e Thomé alanceados, a Simão e Thadeu espedaçados, e todos emfim dando o sangue e a vida em testimunho da fé que prégaram, não só para ser sanctos elles em si, mas para fazer sanctos a outros.

Os martyres. Multiplicidade e atrocidade dos seus tormentos.

E que direi eu de vós, ó fortissimo e luzidissimo exercito de martyres, tão infinito no numero, como nos exquisitos generos de martyrios? Se entro no amphitheatro de Roma vejo-vos lançados aos Neros, aos Decios, aos Diocleciaoos, aos Trajanos, mais feros que as mesmas feras. A muitos de vós reverenciaram os leões, os ursos, os tigres: mas a nenhum perdoou a vida a impiedade mais que brutal dos tyrannos sempre mais obstinados e furiosos. As pedras de Estevão, as settas de Sebastião, as grelhas de Lourenço e Vicente, já eram tormentos vulgares. Que machinas e invenções de atormentar não escogitou a sciencia, raivosa de se ver vencida para combater e tentar vossa fortaleza! A uns martyres dependuravam pelos cabellos, ou por um pé ou por ambos ou pelos dedos pollegares; e assim no ar e despidos, com azorragues de nervos rematados em pelotas de chumbo ou abrolhos de aço os batiam e martellavam com tal força e continuação os crueis e robustos algozes, que ao principio açoitavam corpos, depois feriam as mesmas chagas ou uma só chaga, até que não tinham já que açoitar nem ferir. A outros estirados e desconjunctados no eculeo ou extendidos na catasta aravam ou cardavam os membros com pentes e garfos de ferro, a que propriamente chamavam escorpiões, ou mettidos debaixo de grandes pedras de moinho, lhe espremiam como em lagar o sangue e lhe moiam e im-

prensavam os ossos, até ficarem uma pasta confusa sem figura nem similhança do que d'antes eram. A outros cobriam todos de pez, rezina e enxofre e ateando-lhes o fogo os faziam arder em pé como tochas ou luminarias nas festas dos idolos, esforçando-os para este supplicio com lhes dar a beber chumbo derretido. A outros nos mais rigorosos frios do inverno mettiam em tanques enregelados com banhos de agua quente á vista e liberdade de passarem a elles, para que enfranquecesse o remedio os que não vencia o tormento. A outros coziam em coiro junctamente com serpentes e cães damnados; e assim os lançavam ao mar, para que n'aquella estreita, medonha e asquerosa prisão, primeiro acabassem mordidos e atassalhados dos dentes venenosos, do que afogados das ondas. A outros escalavam vivos pelos peitos e lhes arrancavam o coração e entranhas palpitantes, ou lhes atavam as mãos e os pés a quatro ramos grossos de arvores dobrados á força e soltos ao mesmo tempo: com que subita e violentissimamente os espedaçavam em quartos. A outros assentavam em cadeiras de ferro afogueado, a outros faziam andar descalços sobre laminas ardentes, a outros mettiam em caldeiras de azeite e alcatrão fervendo, a outros em bois de metal abrazado, a outros em fornalhas de chammas vivas. E tudo isto soffriam e supportavam aquelles valorosos cavalleiros de Christo não só com paciencia e constancia, mas com jubilo e alegria: porque? Só por ser e segurar o ser sanctos, como exclama a Egreja: *Omnes sancti quanta passi sunt tormenta, ut securi pervenirent ad palmam martyrii.*

Os doutores. Seu numero e trabalhos.

Os sanctos doutores, esquadrão tambem laureado, não fizeram ou não se desfizeram menos por ser sanctos. Foram a luz do mundo e o sal da terra: e assim como a tocha se consume para allumiar e o sal se derrete para conservar, assim elles para allumiar as cegueiras do mundo e conservar a fé e religião em sua pureza, não só se póde dizer com verdade que consumiram a vida, mas que derreteram e estillaram a alma. Todos esses livros, tantos e tão admiraveis, de S. Basilio, de S. Chrysostomo, de Sancto Athanasio, de Sancto Ambrosio, de S. Jeronymo, de Sancto Agostinho e dos dous Gregorios, quatro doutores da Egreja grega e quatro da latina; e os dous que depois se accrescentaram a este sagrado numero Sancto Thomás e S. Boaventura: os livros egualmente doutissimos dos sanctos bispos Hilario, Cypriano, Fulgencio, Epiphanio, Isidoro e um e outro Cyrillo: e os dous antiquissimos padres Clemente Romano, Dionysio Areopagita, Erineu, Justino, Gregorio Thaumaturgo, Clemente Alexandrino, Lactancio e infinitos outros: todos es-

tes escriptos, digo, cheios de divina e celestial doutrina, que outra cousa são sem encarecimento nem metaphora, senão as almas dos mesmos sanctos e as quintas essencias dos seus intendimentos, estilladas pela penna? Alli se vêem refutadas e convencidas todas as seitas dos antigos philosophos pythagoricos, platonicos, cynicos, peripateticos, epicurios, estoicos. Alli os mysterios profundissimos da fé facilitados e criveis, e os argumentos contrarios desvanecidos. Alli as tradições apostolicas successivamente continuadas e as definições dos concilios geraes e particulares estabelecidas. Alli as difficuldades da Sagrada Escriptura e os logares escuros d'ella declarados e o Velho e Novo Testamento e os Evangelhos entre si concordes. Alli as questões altissimas da theologia subtilissimamente disputadas e resolutas, as controversias debatidas e examinadas; e o certo como certo, o falso como falso e o provavel como provavel, tudo decidido. Alli as heresias antigas e modernas empugnadas e as cavillações dos herejes desfeitas e os textos sagrados, corruptos e adulterados por elles, conservados em sua original pureza: os Arios, os Apollinares, os Macedonios, os Nestorios, os Donatos, os Pelagios, os Manicheus, os Eutychios, os Elvidios, os Jovinianos, os Vigilancios e os Luteros e Calvinos, que em nossos tempos resuscitaram, sepultados outra vez e convencidos. Alli finalmente os vicios perseguidos, os abusos emendados, as virtudes sinceras e solidas louvadas, as falsas e apparentes confundidas, e toda a perfeição evangelica digesta, practicada e posta em seu poncto.

Sua sciencia.

E para tudo isto (que muitos não intendem nem capacitam) que comprehensão e vastidão de todas as sciencias divinas e humanas, era necessaria! Que memoria de todas as historias sagradas e profanas! Que escrutinio da chronologia de todos os tempos! Que noticias de todas as terras e gentes, de suas leis, costumes, ceremonias, ritos! Que intelligencia e conhecimento exacto de todas as linguas; latina, grega, hebrea, chaldaica, syriaca, umas originaes dos textos sagrados, outras em que foram vertidos! E que estudo, que applicação, que continuação e trabalho era outrosim necessario para adquirir esta immensa erudição, ajudado o ingenho natural e elevado de continuas orações ao céu, d'onde vem a verdadeira luz! Estas eram as minas em que cavavam e suavam aquelles diligentissimos e utilissimos operarios: estas as riquezas inextimaveis que mettiam e accumulavam nos thesouros da Egreja: estas as armas finissimas e escudos impenetraveis de que forneciam a torre de David para as futuras occasiões e batalhas, como hoje se experimenta: empregando e applicando a estas (que com razão se

chamam obras) todas as forças do espirito, todas as potencias da alma e todos os sentidos do corpo: negando-lhe o descanço de dia e o repouso e somno de noite; e chegando a não gostar nem sentir o mesmo que comiam; como á mesa d'el-rei S. Luiz de França lhe aconteceu a S. Thomás. Mas como eram tão doutos e sabios, sabiam, melhor que todos, quão grande cousa é ser sanctos; e por isso o procuravam elles ser com esta vida, e que os demais o fossem com esta mesma doutrina.

Os anachoretas. Suas penitencias.

Por outro caminho bem diverso conquistaram o ser sanctos os anachoretas, deixando o tracto e communicação das gentes e indo-se viver aos desertos; mas tambem lá lhes não faltaram batalhas, porque se levavam a si comsigo: nem victorias, porque os levava Deus. Estas eram as plantas do céu, de que estavam cultivados os ermos da Palestina, da Thebaida, do Egypto; e aqui viviam como anjos, porque souberam fugir dos homens, os Paulos, os Hilariões, os Arsenios, os Onophres, os Pacomios, os Macarios. Em muitos annos e alguns em toda a vida não se viam: eram, porém, muito para ver aquellas veneraveis cans nunca tocadas de ferro, como nazareus da lei da graça, qual de noventa, qual de cento, qual de cento e vinte annos, extendendo o jejum e a abstinencia as vidas que tanto desbarata e abbrevia o regalo. Habitavam as grutas e covas, das quaes quando saíam, mais pareciam cadaveres, que homens vivos. Das mãos de S. Pedro de Alcantara escreve Sancta Thereza, que eram como feitas de raizes; e o mesmo podemos dizer das estatuas, ou similhanças d'estes sanctos velhos, seccos, pallidos, mirrados e como feitos ou tecidos das raizes das mesmas hervas de que se sustentavam.

Como resistiam as tentações. Sancto Antonio S. Francisco S. Bento e S. Diogo.

Mas como na carne enfraquecida e debilitada com as penitencias se criam e crescem os mais robustos espiritos, invejosos os do inferno de tanta sanctidade, se armaram fortemente contra elles e fazendo d'aquelles desertos campanha, lhes davam cruelissimos combates. Umas vezes lhes appareciam os demonios transfigurados em aspides, basiliscos, dragões e outros monstros horrendos que os queriam tragar, como ao grande Antonio: outras os assombravam com tremores espantosos da terra, relampagos, trovões e raios, com que parecia que as mesmas grutas se partiam, e caiam sobre elles os montes; e talvez na maior serenidade e frescura do ar, lhes traziam e punham deante dos olhos as mesmas figuras humanas de que tinham fugido, mais capazes pelo gesto e pelos trajos de provocar amor que medo; e estes eram entre todos os mais apertados e furiosos assaltos. Mas que faziam aquelles constantissimos athletas da castidade, quando os cilicios de que sempre andavam arma-

dos lhes não bastavam? Ou se valiam dos lagos e rios enregelados, como S. Francisco; ou das silvas e espinhos, como S. Bento; ou do fogo mettendo n'elle a mão e deixando derreter os dedos, como S. Diogo; e d'esta sorte com a memoria do mesmo inferno, que lhes fazia a guerra, o venciam e triumphavam d'elle. Assim venciam, porque eram assistidos da graça de Deus; e assistia-os Deus tão efficazmente com sua graça; porque elles continuamente assistiam tambem a Deus orando e contemplando.

Sua oração e sobretudo a dos Estilitas.

De alguns se escreve, que de noite mediam as horas da oração com um novo e admiravel relogio do sol; porque começavam a orar, quando se punha, e acabavam, quando nascia. Mais fazia Simeão Estylita, a quem com razão podemos chamar anachoreta do ar e não da terra. Vivia sobre uma columna de trinta e cinco covados de alto, onde perseverou oitenta annos ao sol, ao frio, á neve. aos ventos, comendo uma só vez na semana e orando de dia e de noite quasi sem dormir. Umas vezes era de joelhos e prostrado, outras em pé e com os braços abertos; e n'esta postura estava reverenciando continuamente a Deus com tão profundas inclinações, que dobrava a cabeça até os artelhos. Theodoreto testimunha de vista, quiz saber o numero a estas inclinações; e tendo contado mil, duzentas e quarenta e quatro, cançado de contar não foi por deante. Oh assombro, oh prodigio, oh exemplo singularissimo do que póde a fraqueza do nosso barro, fortalecida da graça! Um tal genero de vida mais foi admiravel que imitavel. Mas o que mais admira é, que lhe não faltaram imitadores. Estylita quer dizer o habitador da columna; e houve outro estylita tambem Simeão e outro estylita Daniel e outros. Tanto preço tem nos que o sabem avaliar o ser sancto.

As Virgens.

VIII. «Como» remate ou corôa de todos os sanctos põi a Egreja no ultimo logar o suavissimo côro das virgens, cujas vozes posto que mais delicadas, mas egualmente fortes, nos acabarão de persuadir, como ellas se persuadiram, esta mesma verdade. Peza-me de chegar tão tarde a esta jerarchia, em que é obrigação deter-me mais um pouco: mas como a materia è de casa, ao menos das grades para dentro será de agrado. Aos de fóra seja embora de paciencia.

Como defendeu a sua virgindade sancta Edita.

Que extremos não obraram as sanctas virgens por ser sanctas! Que façanhas não emprehenderam varonilmente! Que rigores e asperezas não executaram em si mesmas! Que galas, que regalos, que delicias e contentamentos da vida, que excessos, que machinas dos que as pretendiam não resistiram! Que vodas humanas, por altas e soberanas que fossem não renunciaram só por se conservar e defender a virginal pureza e man-

ter a fé promettida a Christo, com quem se tinham desposado! Sancta Edita, filha de Elgaro, rei de Inglaterra, morto o pae e um irmão que tinha unico, ficou herdeira do reino; e por mais instancias que lhe fizeram os povos, junctos em côrtes, que se casasse, nem o amor da casa real em que nascera, nem a successão da familia e da corôa, nem a memoria do pae e irmão, que n'ella se extinguia, foram bastantes para a mover um poucto da firmeza de seu proposito, nem para a arrancar do canto de uma religião, onde coberta de cilicio amortalhou a vida e depois sepulfou o corpo que permaneceu incorrupto.

Sancta Euphrosyna.

Sancta Euphrosyna, senhora illustrissima de Alexandria, não podendo de outro modo fugir e escapar de seu pae e do matrimonio nobilissimo concertado por elle, mudando o trajo de mulher e o nome e chamando-se Esmaragdo, desconhecida e em terra extranha tomou o habito de monje, em que viveu trinta e oito annos enterrada em uma estreita cella d'onde nunca saía.

Sancta Petronilla.

Sancta Petronilla, filha do Principe dos Apostolos S. Pedro (antes de ser chamado ao apostolado), tendo feito voto a Christo de perpetua virgindade, e não se podendo defender das vodas de Flacco, senhor romano, que com amor a sollicitava e com poder de armas a queria obrigar a ser sua esposa, pediu de prazo tres dias para deliberar; e n'elles com ferventissimas orações impetrou do mesmo Christo lhe tirasse a vida; e assim o conseguiu valorosa e gloriosamente no terceiro dia.

Sancta Maxelende.

Mais violentamente se defendeu de similhante perigo Sancta Maxelende, illustrissima por sangue nos estados de Flandres, mas mais illustre pela causa de o haver derramado. Celebraram-se com grande pompa as festas das vodas, concertadas por seus paes com Harduino, senhor principal, rico e poderoso, que entre muitos, que pretendiam esta fortuna, a tinha alcançado. Foi levada por força a sancta virgem as mesmas festas: mas negou a mão com tal desengano e persistiu n'elle com tal firmeza, que, affrontado e corrido o esposo de se ver desprezado, trocando o amor em furia se arremessou á espada: e a sancta se deixou matar intrepidamente.

As sanctas Brigida e Uvilgofortis.

E posto que em tantos e tão apertados casos fosse admiravel o valor e constancia com que todas estas sanctas defenderam a pureza virginal que tinham promettido a Christo, considerada, porém, a condição natural de mulheres, ainda tenho por maior façanha a de Sancta Brigida, virgem, chamada a de Escocia, e a de Sancta Uvilgofortis, que alguns com errado mas bem appropriado nome chamam *Virgo fortis*. Eram estas sanctas o extremo da formosura; e vendo-se por esta causa sollicitadas e pretendidas de muitos e poderosos senhores para o ma-

trimonio, pediram a seu divino Esposo as privasse d'aquella graça, que outras tanto estimam e com tantas artes affectam; e o Senhor que só se namora da belleza da alma, se agradou tanto d'esta petição, que de repente ficaram tão feias e disformes que ninguem as podia ver e só ellas se viam contentes.

Penitencias de Sancta Clara.

Que direi dos rigores, asperezas e piedosas tyrannias, com que estes anjos em carne a mortificavam, affligiam e verdadeiramente martyrizavam? A austeridade de vida, o rigor e horror das penitencias de Sancta Clara, primeira copia do retrato original de Christo crucificado, seu padre S. Francisco, quem ha que a possa declarar?

Sancta Asella.

A de Sancta Asella, virgem romana, dentro em Roma e quando Roma era o maior theatro das delicias e vaidades do mundo, declarou S. Jeronymo. Diz, que da mais populosa cidade fez ermo; que a terra nua lhe servia de cama e de logar da oração; que os joelhos pela muita continuação d'ella se lhe tinham endurecido em callos como de camello; que se sustentava do jejum, e que só o quebrava com pão e agua, mas com tal moderação e parcimonia, que nunca nem com o pão matava a fome, nem com a agua a sede; que jámais viu, nem foi vista de homem, ainda quando visitava os sepulcros dos martyres; e que tendo uma irmã tambem donzella, esta a amava, mas não a via.

Sancta Margarida de Hungria.

Sancta Margarida, filha dos reis de Hungria de quatro annos tomou o habito de monja, e de cinco se vestiu de cilicio: de dia para mortificar os passos entre os pés e o calçado mettia certos abrolhos de ferro, e de noite para o pouco somno que tomava sobre uma tabua se cingia de pelles de ouriços com todos seus espinhos.

Sancta Genovefa, Sancta Macrina e Sancta Lutgardis.

Sancta Genovefa, padroeira da real cidade de Paris, a quem o famosissimo Simeão Estylita desde a Grecia, onde vivia sobre a sua columna mandava visitar a França e encommendar-se em suas orações: Sancta Macrina, irmã de S. Basilio tanto no sangue, como na aspereza e severidade da vida: Sancta Lutgardis legitima filha do gloriosissimo patriarcha S. Bernardo, singular herdeira de seu ardentissimo espirito e dignissimo exemplar de todas as que vestem e professam o mesmo habito; estas sanctas virgens e muitas outras, que extraordinarios modos de penitencias não inventaram, mais ingenhosas para se martyrizar a si mesmas, que os tyrannos para atormentar os martyres!

Sancta Catharina de Sena e Sancta Clara de Monte Falco.

É cousa digna de admiração que padecendo os martyres pela fé e culto de Christo, os tyrannos não dessem em executar n'elles os mesmos tormentos da paixão de Christo. Mas isto inventou e executou em Sancta Catharina de Sena e em Sancta Cla-

ra de Monte Falco, o amor de seu Divino Esposo. Catharina com as chagas nas mãos, nos pés e no lado e a corôa de espinhos na cabeça; e Sancta Clara com todos os instrumentos da mesma paixão do Senhor esculpidos e entalhados no coração, até as doenças mais penosas provocavam e conseguiam, para que onde não podiam chegar as dôres fabricadas da arte, penetrassem as da natureza e não houvesse em corpos tão delicados parte alguma, dentro nem fóra dos ossos, que não penasse com particular tormento.

Sancta Lidovina, Sancta Christina, Sancta Thereza Sancta Magdalena de Pazzi.

Quantas informidades padeceu por toda a vida Sancta Ludovina com excesso da paciencia de Job e affronta da industria do demonio! Uma Christina houve entre as outras que não se satisfazendo das penas d'esta vida padeçeu as do purgatorio por muitos annos: como tambem Sancta Thereza experimentou as do inferno. A mesma Sancta Thereza dizia: *Aut pati, aut mori:* ou padecer ou morrer: porque se não atrevia a viver sem padecer. E Sancta Magdalena de Pazzi, não sei se com maior energia: *Pati et non mori:* padecer sim, morrer não; porque na morte acaba-se o exercicio de padecer e na vida dura e persevera. Mas dizei-me, virgens purissimas (ou dizei-o aos que o não sabem intender), porque fostes tão ambiciosas de penas? A vossa vida não era inculpavel e innocente? As vossas almas não eram gratissimas a Deus? Pois porque sois tão inimigas ou tão tyrannas de vossos corpos? Deixae esses rigores e essas penitencias para as Theodoras e Pelagias, que foram grandes peccadoras: deixae-as para uma Maria Egypciaca que viveu dezesepte annos em torpezas, enlaçada do demonio e sendo laço dos homens. Mas vós que não tendes peccados graves que pegar, e se alguns tivestes leves, os tendes tão abundantemente satisfeito; porque vos mortificais? porque vos affligis? porque vos martyrizais com tanto excesso? Porque sabiam quão grande cousa era ser sanctas e o queriam ser mais e mais.

Heroismo de muitas sanctas virgens e martyres para defender a mesma virgindade.

IX. E se estes extremos fizeram as sanctas virgens por conservar a pureza virginal na paz; que fariam para a defender na guerra? A maior e mais dura guerra com que podiam combater a constancia d'aquellas fortissimas donzellas os amorosos inimigos que tão prendados estavam de sua belleza, era a terrivel e perigosa indifferença com que lhes propunham a eleição de um de dous extremos, ou o matrimonio ou o martyrio, ou casar ou morrer, ou perder o estado virginal ou a vida. Entre estes dous extremos não se dava meio; e cada um d'elles vestido das circumstancias que o acompanhavam, ainda era mais perigoso e mais terrivel. Porque a vida que se lhe offerecia no matrimonio era adornada de joias, de riquezas, de delicias, de

grandezas, de coroas e ainda do mesmo imperio do mundo; e a morte que se lhes ameaçava no martyrio era armada de affrontas, de açoites, de carceres, de cadeias, de grilhões, de algemas, de espadas, de torquezes, de serras, de rodas, de navalhas, de fogueiras e de todos os instrumentos e machinas, com que póde atormentar o ferro e o fogo. Deixo os menores estados e fortunas, posto que illustres e grandes, que á Sancta Cecilia se dotavam com as vodas de Valeriano, a Sancta Tecla com as de Tamiris, a Sancta Ignez como o filho do prefeito de Roma, a Sancta Luzia, a Sancta Felicula, a Sancta Flavia Domitilla com outros de similhante qualidade e riqueza. Só é muito para não passar em silencio que a Sancta Diphna se offerecesse com o matrimonio a coroa de Ibernia, a Sancta Ephigenia a de Ethiopia e a Sancta Catharina e Sancta Susanna todo o imperio romano, que n'aquelle tempo dominava o universo: a uma com as vodas do imperador Maximino e a outra com as de Maximiano. Mas pesou tanto mais que tudo isto na estimação d'aquelles invenciveis corações a pureza virginal que professavam e tinham consagrado a Christo, que pela conservar inteira e sem mancha dariam mil coroas e mil imperios; pesando-lhes somente de ser uma só vida e não mil vidas a que deram e sacrificaram pela defender. Não chegava Ignez a ser mulher, porque era menina de treze annos: mas foi tão varonil e tão bizarro o seu animo, que não só acceitou a morte como martyrio; mas a justificou como castigo. Disse quando a levaram a morrer, como refere Sancto Ambrosio, que justamente ia sentenciado e condemnado á morte o seu corpo; pois contentára a outros olhos que não eram os de seu Esposo Christo: *Pereat corpus, quod amari potest oculis, quibus nolo.*

Casos singulares de Sancta Euphrasia e Sancta Digna. 1 Joan. 5

E já que estamos n'esta materia, não vos quero ficar devedor de dous casos, que em toda a historia ecclesiastica me contentaram singularmente; e de tal resolução e bizarria, que só por instincto divino se poderam emprehender e executar. Nem me noteis de multiplicar tantos exemplos; porque, quando se ha de fallar de muitos sanctos, senão no dia de todos? A maior deshumanidade que os tyrannos usavam com as Sanctas Virgens era mandal-as metter nas casas publicas entre as mulheres infames, para que alli perdessem por força a mesma castidade virginal, que defendiam; não intendendo que esta virtude, como as demais, está na alma e não no corpo; e que só se perde pelo consentimento e não pelo sentimento. Sendo, pois, levada Sancta Euphrasia a uma d'essas casas, seguia-a um soldado denodado para lograr a occasião. Era virgem prudente, levava uma redoma de oleo comsigo; e disse ao soldado d'esta ma-

neira: Com condição que desistas do teu intento, eu te darei um oleo, com o qual, se entrares untado nas batalhas, não poderás ser ferido dos inimigos. E para que vejas por experiencia a virtude d'este oleo, eis aqui me unto o pescoço com elle: faze tu a prova com a tua espada; e seja com toda a força. Fel-o assim o soldado; e descarregando um talho com a maior força que pôde, a cabeça da Sancta saltou fóra dos hombros, o corpo caiu morto em terra e a pureza virginal ficou em pé e inteira. Era Sancta Euphrasia de Antiochia: a que agora se segue era de Aquilêa e chamava-se Digna. Tendo rendido aquella cidade Atila rei dos Hunnos, gente feroz e barbara, coube esta sancta donzella por despojo a um capitão, o qual tambem a quiz despojar da mais estimada joia, que como tal tinha consagrado a Christo. Estavam alojados em uma torre que caia sobre o rio Natizon; e provocada Digna do seu patrão, sem mostrar que se negava ao que elle pretendia, pediu-lhe que quizesse subir ao alto da torre, como a logar mais retirado. Subiram; e tanto que lá se viu Digna, voltada para o barbaro que vinha atraz, disse-lhe: Se me queres lograr, segue-me: e dizendo isto lançou-se da torre abaixo no rio; onde afogando com a vida a sua injuria salvou com a morte a sua castidade. Oh Digna, verdadeiramente digna de eterna memoria, e que ao seu valor e ao de Euphrasia se levantem duas estatuas de bronze no templo da virtude! Ambas tirastes do perigo mais purificada a pureza, uma por agua, outra por sangue, merecedoras ambas que por vós se dissesse de vosso Divino Esposo: *Hic est Jesus qui venit per aquam et sanguinem, non in aqua solum sed in aqua et sanguine.*

Virgindade unida com o matrimonio.

Mas tornando ás sanctas virgens, que acceitaram antes a morte que o matrimonio só por conservar o estado virginal, ainda temos outras que fizeram maior façanha; porque conservaram o mesmo estado virginal junctamente com o matrimonio. Isto foi conservar-se a sarça verde no meio das chammas: e não martyrio que passou em um ou em poucos dias, senão de toda a vida. Sancta Pulcheria, filha do imperador Arcadio e por morte de seu irmão Theodosio herdeira do imperio, casou com Marciano com tal condição, que ella havia de guardar o voto que tinha feito de perpetua virgindade; e assim o guardou: o throno era commum, mas o thalamo dividido. Mais fizeram aquelles dous famosissimos pares um de Allemanha, outro de Inglaterra: a imperatriz Sancta Conegundes e o imperador Sancto Henrique; a rainha Sancta Edita e o rei Sancto Eduardo. Ambos estes principes foram casados: e em toda a vida não só um d'elles, senão ambos reciprocamente virgens. E porque não

pareça que esta soberania anda vinculada ás coroas e só se acha em animos reaes, na mesma virtude foram insignes Sancta Basilissa e S. Julião, casados, de fortuna particular, posto que de nobre sangue. Mas se o estado do matrimonio é tão sancto, que sendo d'antes puro contracto o fez Christo um dos sacramentos de sua Egreja e como tal uma das fontes da graça; porque se abstiveram estes sanctos do agrado tão doce e lisonjeiro dos filhos, da multiplicação da familia, que o mesmo Deus chama benção sua; da successão da casa propria, para a qual o que se trabalha é com gosto e o que se adquire, sem dor, porque não ha de passar a outros; e finalmente porque se privaram daquelle unico reparo da mortalidade e quizeram não só morrer em si, mas acabar comsigo? Só se admirará d'esta resolução, como de todas as outras que temos referido, quem não souber quão grande cousa é ser sancto e quanto póde a ambição d'esta grandeza, nos que verdadeiramente a conhecem. Tudo o que a natureza appetece, tudo o que os sentidos amam, tudo o que o gosto deseja, tudo o que mais sollicita e se pega ao coração, tudo o que honra a memoria e conserva a posteridade, deixaram e desprezaram estes sanctos; e pelo contrario, tudo o que encontra e repugna n'estes mesmos appetites naturaes, tudo o que molesta e afflige estes mesmos affectos humanos, tudo mortificaram, tudo venceram, tudo sopearam, tudo abraçaram por vontade e sem obrigação, por gosto e sem repugnacia, por amor e sem difficuldade. Porque? Porque queriam ser e haviam de ser sanctos; e por isso hoje o são e os celebramos como bemaventurados: *Beati*.

Logo é uma grande cousa o ser sanctos. Recapitulação.

X. De todo este largo discurso, estou vendo que tirastes duas conclusões, todos os que me ouvistes; uma muita conforme ao assumpto que propuz e outra muito contraria a elle. A primeira conclusão é, que verdadeiramente e sem duvida é muito grande cousa o ser sanctos. Porque se Deus entre todos seus attributos de infinita perfeição estima, e em certo modo reverenceia sobre todos o attributo de sancto; e se todas as pessoas da Sanctissima Trindade e cada uma em particular nos deram tão solemnes exemplos e documentos d'esta estimação: se a Virgem Mãe de Deus, por autonomasia Virgem prudentissima, entre todos os bens e felicidades da terra e do céu, nenhuma outra lhe levou os olhos, roubou o coração e prendeu os passos, senão a sanctidade de todos os sanctos, em que tambem o mesmo Deus seu Filho a sublimou sobre todos: se os anjos e seraphins que assistem ao lado do throno divino, o que só exaltam e apregoam e os louvores que cantam á Majestade do seu Senhor, é ser sancto, sancto e mais sancto; e se a

excellencia em que o mesmo Senhor confirmou aos anjos bons e obedientes e a de que privou aos máus e rebeldes, foi a de ser sanctos; e se os sanctos de todas as jerarchias; patriarchas, prophetas, apostolos, martyres, confessores, virgens, tanto trabalharam, tanto padeceram e taes extremos e excessos fizeram por chegar, como chegaram, a ser sanctos; não ha duvida, que o ser sancto é grande cousa e não só grande senão a maior de todas. E esta é a primeira conclusão, que inteiramente concorda com a primeira parte do meu assumpto.

E comtudo não é difficultosa. Variedade de caminhos e differença de graus na sanctidade.

A segunda conclusão e totalmente contraria á segunda parte d'elle é que eu prometti de vos provar quão facilmente podemos todos ser sanctos; e tudo quanto até agora tenho mostrado e discorrido pelas vidas e acções dos mesmos sanctos e por suas grandes batalhas e victorias, são cousas todas tão difficultosas e repugnantes á natureza e tão superiores á fraqueza humana, que antes parece nos impossibilitam totalmente e nos tiram toda a esperança, não só de chegar a ser, mas ainda de aspirar a ser sanctos. Ora não vos desanimeis os que isto inferis; antes vos animae e consolae muito: porque a facilidade que vos prometti, ainda é mais facil do que eu o propuz e vós podeis imaginar. Tudo o que fizeram os sanctos por ser sanctos, foi muito bem empregado e ainda pouco; porque muito mais importa, muito mais val e muito mais é ser sancto; mas para chegar ao ser não é «ordinariamente» necessario tanto, senão muito menos. Não é necessario guardar a perpetua continencia das virgens; porque tendes a licença e liberdade do matrimonio com que foram sanctos Adão e Eva, Zacharias e Isabel, Joaquim e Anna. Não é necessario ser anachoreta nem ir viver nos desertos; porque podeis ser sanctos na vossa casa, como José, Samuel, David, que morreram na sua. Não é necessario ser doutor, nem queimar as pestanas sobre os livros; porque basta que saibais os mysterios da fé e os mandamentos, como S. Paulo, por sobrenome o Simples, S. Junipero, Sancto Hermano e aquelles de quem dizia Sancto Agostinho: Levantam-se os indoutos e levam o reino do céu aos lettrados. Não é necessario ser martyr; porque não só não padecendo martyrio, mas fugindo d'elle e escondendo-vos podeis ser sancto; como o foi Sancto Athanasio, S. Felix, S. Silvestre e outros. Nem menos é necessario ser apostolo, patriarcha ou propheta; porque esses officios e dignidades passaram e podeis ser sanctos, como o foram todos os que depois d'elles vieram. «Emfim, havendo entre os sanctos, como entre as estrellas, differença no resplendor; ainda que para os sanctos de maior jerarchia é necessario o heroismo da virtude, para os outros ordinariamente não se pede tanto.»

Pois que é necessario para ser sancto? Uma só cousa e muito facil e que está na mão de todos, que é a boa consciencia ou limpeza de coração, como diz o nosso thema; *Beati mundo corde*. Olhae como Deus quiz facilitar o céu e o ser sanctos; que poz a bemaventurança e a sanctidade em uma cousa que ninguem ha que não tenha e a mais livre e mais nossa, que é o coração. Assim como o coração é a fonte da vida, assim é tambem a fonte da sanctidade; e assim como basta o coração para viver, ainda que faltem os outros membros e sentidos, assim e muito mais basta a pureza de coração para ser sancto, ainda que tudo o mais falte. «E assim é que se salvaram todos os que estão no céu e que hoje a Sancta Egreja intende celebrar, posto que nunca lhes decretasse nomeadamente as honras de Sanctos. «De sorte que para um homem ser sancto não é necessario cousa alguma fóra do homem; Nem ainda é necessario todo o homem: basta-lhe uma só parte; e essa a primeira que vive e a ultima que morre, para que lhe não possa faltar em toda a vida, que é o coração.

Para ser sancto basta a limpeza do coração.

«Mais.» Tende coração puro e ou vos faltem ou sobejem todas as outras cousas; nem a falta vos será impedimento, nem a abundancia estorvo para ser «não só sancto, mas um dos maiores luzeiros da sanctidade». Se fordes rico e poderdes dar esmola, dae-a e sereis sancto, como foi S. João Esmoler. Se fordes pobre e tiverdes necessidade de pedir esmola, pedi-a e sereis sancto, como foi Sancto Alexo; e se fordes tão desamparado que não tenhais quem vos dê esmola, tende paciencia e sereis sancto como foi S. Lazaro.

Nos mesmos grans mais subidos e podem ser ricos e pobres.

Tertulliano teve para si que os reis e imperadores não só não podiam ser sanctos, mas nem ainda christãos: mas errou n'este sentimento, como em outros, Tertulliano: porque escreveu, quando ainda no christianismo não havia mais coroas que as do martyrio. Rei de França foi S. Luiz; rei de Inglaterra Sancto Eduardo; rei da Escocia S. Guilhelmo; rei de Suecia Sancto Errico; rei de Dinamarca S. Canuto; rei de Bohemia S. Casimiro; rei de Noruega Sancto Olau; rei de Castella S. Fernando e imperador Sancto Henrique; e todos sanctos. Porque se na grandeza da sua fortuna teem maior materia para os vicios os principes, tambem teem mais alta esphera para as virtudes.

Reis.

Das dignidades ecclesiasticas se deve fazer o mesmo juizo. Uns sanctos vereis com mitras de bispos, com capellos de cardeaes e tiaras de pontifices na cabeça; e outros com essas mitras, capellos e tiaras aos pés; e porque? Uns porque deixavam o lustre da dignidade, outros, porque sustentavam o peso: uns porque reconheceram o perigo, outros porque continuaram

Pontifices.

o trabalho: mas uns e outros sanctos. Não foi menos sancto S. Gregorio sendo papa, do que S. Pedro Celestino, porque renunciou a tiara: nem menos sancto, Sancto Agostinho sendo bispo, do que Sancto Thomás, porque recusou as mitras: nem menos sancto, S. Carlos Borromeu sendo cardeal, do que S. Francisco de Borja, porque não quiz acceitar os capellos.

Pessoas de côrte.

Aquelle é e será mais sancto em qualquer estado, que usar d'elle com mais puro coração. E senão discorrei por todos os estados ou altos ou baixos do mundo e achareis n'elles os vossos para que vejais que no vosso, se quizerdes, podeis ser sancto. Que logares ha mais mal avaliados no mundo que os palacios dos reis, como officinas da vaidade, da potencia, da inveja e do engano, onde nunca ou raramente entra a verdade; mas nem por isso ha n'elles officio que não esteja sanctificado. Mordomo-mór foi S. Leodegario, camareiro-mór S. Jacintho, estribeiro-mór S. Vandrigilo, monteiro-mór S. Mauraneo, porteiro-mór S. Patricio, capitão da guarda S. Sebastião, veador S. Saturo, secretario Sancto Anastasio, conselheiro S. João Damasceno, S. Germano, S. Melanio; e em cada um d'estes officios muitos outros sanctos.

Ministros de justiça.

Uma das profissões mais arriscadas a não ser justo é a dos ministros da justiça; ou sejam os que a sentenceiam, ou os que a defendem, ou os que a escrevem, ou os que a executam: mas todos, se o fizerem com pureza de coração, podem ser sanctos. Sancto Ereberto foi chanceller, S. Hyerotheo desembargador, S. Pudente e Sancto Apollonio senadores, Sancto «Ivo» advogado, S. Marciano, S. Genesio e S. Claudio escrivães; Sancto Anastasio, S. Ferreolo juizes do crime, Sancto Aponiano e S. Basilides esbirros ou beleguins; e até no vilissimo exercicio de algozes foram sanctos S. Cyriaco, Sancto Estratonico e outros.

Soldados.

Em nenhum genero de vida parece que anda mais arriscada a eterna, que no d'aquelles que trazem a soldo a temporal á custa do sangue proprio e alheio: tão duros como o ferro de que se vestem, tão violentos como o fogo de que se armam, e tão vãos e jactanciosos como o vento que nas caixas e trombetas os chama e nas bandeiras os guia. É porém infinito o numero de soldados sanctos, que dando a vida constantemente por Christo na Egreja militante, ornados de coroas e palmas entraram na triumphante. Só na perseguição de Trajano padeceram martyrio de uma vez seis mil soldados, que foi a famosa legião do Thebeus; e na de Diocleciano e Maximiano tambem em um só dia dez mil, desterrados primeiro para a Armenia e depois crucificados. Não fallo nos generaes, como Sancto Eustachio e Constantino, nem nos marechaes, como S. Nicostrato e Sancto Antiocho, nem nos tribunos ou mestres de campo,

como S. Marcellino e S. Floreano; nem nos capitães de infanteria, como S. Gordio e S. Marcello; nem nos alferes, como Sancto Exuperio e S. Juliano; porque da virtude e valor dos soldados se vê quão sanctos seriam os que os governavam.

Mercantes.

S. Paulo diz que a raiz de todos os peccados é a cubiça; e estando estas raizes tão arreigadas nos que professam a mercancia e tão extendidas em cada um por todas as partes do mundo, «nem por isso poderam impedir que» um S. Guido e não só um, senão dous Firumencios e outros muitos «fossem» sanctos.

Officiaes e lavradores.

E se todos estes exercicios de sua natureza tão perigosos e quasi encontrados com aquelles em que se lavram os sanctos, tem dado a terra ao céu tantos e tão gloriosos; que será nos officios e artes mechanicas, em que o trabalho, companheiro inseparavel das virtudes, desterra a ociosidade, que é a origem de todos os vicios? Não fallando no gloriosissimo S. José, nos Sancto Apostolos e no mesmo Christo, que depois de fabricar o mundo se não desprezou de trabalhar em uma d'estas artes, escolhendo entre todas a que mais sympathia tinha com o lenho da Cruz: S. Jacobo de Bohemia foi carpinteiro, S. Symphoriano esculptor, S. Paulo Helletico torneiro, S. Floro serrador, Sancto Eligio ourives, Sancto Andronico prateiro, S. Dunstano ferreiro, S. Marciano armeiro, S. Gildas fundidor, S. Proculo pedreiro, S. Chrispim tecelão, S. Gualfundo celeiro, Sancto Aquilas correeiro, Sancto Isidoro lavrador, S. Mauricio hortelão, S. Leonardo pastor, Sancto Alderico vaqueiro, Sancto Arnaldo um rinheiro, S. Parthenio pescador, S. Venthiro almogreve, S. Ricardo carreiro, Sancto Adriano correio, S. Guilhelmo moleiro, S. Gemiano taverneiro, S. Quiriaco cozinheiro, Sancto Alexandre carvoeiro, Sancto Henrique carniceiro, Sancto Erineu varredor de immundicias ou carretão; e não ha officio estado ou exercicio tão trabalhoso tão baixo e ainda tão pouco limpo, que se se faz com limpeza de coração não possa fazer sanctos: *Beati mundo corde.*

Todos podem conseguir a limpeza do coração.

XI. Temos visto como em todos os estados, em todos os officios e em todas as fortunas podemos alcançar a maior fortuna de todas, que é ser sanctos: temos visto que o instrumento necessario para ser sanctos é só e unicamente o coração, comtanto que seja puro e limpo; só resta para complemento da facilidade com que vos prometti que todos podemos ser sanctos declarar quão facilmente podem todos conseguir esta mesma limpeza. A limpeza do coração consiste em estar limpo de peccados; e não ha nenhum peccador por grande que seja, que não possa conseguir esta limpeza de coração tão breve e tão

facilmente, que se entrou n'esta Egreja peccador não possa sair d'ella sancto.

Como limpou Christo ao leproso. *Matth.* 8 *Marc.* 1

Presentou-se a Christo um leproso e pondo-se de joelhos *Genuflexo* disse assim: *Domine, si vis, potes me mundare:* Senhor, se quereis, bem me podeis alimpar d'esta lepra. Respondeu o Senhor: *Volo, mundare:* quero, sê limpo; e no mesmo poncto ficou limpo d'aquelle tão feio e tão asqueroso mal; *Et confestim mundata est lepra eius*. Póde haver maior brevidade; póde haver maior facilidade de conseguir a limpeza? Parece que não. Pois eu vos digo e é de fé, que muito mais breve e muito mais facilmente podeis conseguir a limpeza do coração, se o mesmo coração o quizer. A lepra do coração mais feia, mais immunda e mais asquerosa que a do corpo é o peccado. E para que vejais, quanto mais facil e mais brevemente se consegue a limpeza d'esta lepra, ponhamos o mesmo leproso que Christo curou á vista de um coração tambem leproso pelo peccado; e veremos qual consegue a limpeza com maior facilidade.

E como converteu a David. *2 Reg.* 12

Estava leproso o coração de David, não outro, senão aquelle coração de quem elle disse com os mesmos termos do nosso texto: *Cor mundum crea in me, Deus;* e estava tão penetrado de lepra, que havia já um anno que perseverava no peccado, quando o exhortou o propheta Natan a que considerasse o estado miseravel de sua consciencia e se convertesse de todo o coração a Deus, de quem vivia tão esquecido. Fel-o assim David; mas que fez? Sómente disse: Pequei, *Peccavi*, e não tinha bem pronunciada esta palavra: quando o propheta lhe disse, que já estava perdoado e restituido á graça de Deus: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum*. Comparae-me agora David com o leproso; e vêde qual conseguiu a limpeza da lepra mais facil e mais brevemente. O leproso foi em busca do Salvador: *Venit ad eum leprosus;* poz-se de joelhos, *Genuflexo*, «orou:» *Domine* e com tudo isto não tinha ainda conseguido a limpeza antes estava duvidoso d'ella: *Si vis*. David não disse mais que uma palavra *Peccavi;* e já a tinha conseguido; e estava certificado d'isso da parte do mesmo Deus: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum*. Logo muito mais facil e muito mais brevemente conseguiu o coração de David a limpeza da sua lepra do que o leproso a da sua. Mas quando a conseguiu o leproso? Quando Christo lhe respondeu: Quero; sê limpo: *Volo, mundare*.

Para a limpeza do coração basta um acto de contrição.

Agora vos peço eu que me respondais a mim; e eu vos prometto que com á vossa resposta ficarão limpos os vossos corações, ainda mais brevemente que o leproso com a resposta de Christo. Respondei, pois, christãos, ao que vos pergunto:

Não vos peza muito de ter offendido a um Deus, infinita majestade e bondade, por ser elle quem é? Não vos peza e vos arrependeis entranhavelmente de ter sido tão ingratos a um Deus que vos creou e vos deu o ser e vos remiu com seu sangue? Não detestais com todo coração todos vossos peccados, por serem offensas suas? Não tendes n'esta hora firmes propositos de nunca mais o offender? Sim? Pois este *sim* dicto de todo coração, «se for acompanhado do proposito de vos confessardes quanto antes» basta para que o mesmo coração fique e esteja já limpo de todos seus peccados.

Por isso é tão facil ser sancto.

Pois se na limpeza do coração consiste o ser sanctos e esta limpeza de coração se póde conseguir tão facilmente só com um movimento do mesmo coração; que coração haverá tão fraco ou que homem de tão fraco e de tão pouco coração, que não se resolva a ser sancto? Se o ser sancto fôra uma cousa muito difficultosa, bem nos merecia o céu e a bemaventurança que pela gozar eternamente se venceram todas as difficuldades. Mas é tão facil, que sem bolir do logar onde estais e sem mover pé, nem mão, nem fazer ou padecer cousa alguma, só com um acto do coração e o acto mais natural, mais facil e mais suave do mesmo coração que é amar e amar o Summo Bem, «supposta a graça de Deus que nunca falta», podemos ser sanctos.

O reino de Deus está dentro de nós. Deut. 30 Luc. 17

Exhorta Moysés a amar a Deus de todo coração, que é o mandamento em que se encerram todos, e conclúi assim: *Mandatum hoc non supra te est, neque procul positum:* este mandamento não é sobre nós, nem está longe de nós. Se fôra sobre nós, e estivera lá no céu: *In coelo situm*; tel-o-iamos por impossivel. Se estivera longe de nós e com muito mar em meio: *Trans mare positum;* tel-o-iamos por mui difficultoso. Mas é muito facil e está muito perto: porque está o comprimento d'elle dentro do nosso coração: *Sed juxta te est sermo valde in corde tuo.* Moysés, que não promettia o céu, disse que estava perto de nós o cumprimento d'este preceito. Mas Christo que promette o céu disse mais e melhor: porque diz, que o preceito e o céu, e o merecimento d'elle, não só está perto de nós, senão dentro de nós: *Regnum Dei intra vos est.* Cuidamos que o céu está muito longe e enganamo-nos; o céu não está longe, senão muito perto; e mais ainda que perto; porque está dentro de nós e dentro do que está mais dentro, que é coração. E que haja almas e tantas almas, que tendo o céu dentro de si na vida, fiquem fóra do céu na morte; e que podendo tão facilmente purificar o coração e ser sanctas, só porque não querem, o não sejam? Se para amar a Deus e ganhar o céu houveramos

de atravessar os mares tormentosos e contrastar com todos os elementos, pouco era que se fizesse pela bemaventurança certa do céu o que tantos fazem por tão pequenos interesses da terra. Mas tendo-nos Christo tão fácilitada a bemaventurança, que entre a mesma bemaventurança e o coração não haja mais que a condição de ser limpo: *Beati mundo corde;* e podendo o mesmo coração alcançar essa limpeza em um instante de tempo e com um acto de amor e de amor ao Summo Bem; que não sejamos todos sanctos e não queiramos ser bemaventurados?

O ai de S. Bernardo para os que não teem o coração limpo.

Quero acabar esta admiracão com um ai de S. Bernardo, prégando n'este mesmo dia aos seus religiosos: o qual a elles e a todos póde servir de exemplo e de confusão: Bemaventurados os limpos de coração, «diz o sancto», e verdadeiramente bemaventurados: porque elles verão aquella face divina a qual os anjos sempre estão vendo e sempre estão desejando ver. A vós, Senhor, diz meu coração, nenhuma cousa desejo, senão vêr-vos de face a face; porque nenhuma outra ha para mim, nem na terra, nem no mesmo céu. Desmaia o meu coração nas ancias d'este desejo; porque só o Deus do meu coração é o unico e todo o bem, que o póde satisfazer. E quando chegará aquella ditosa hora, em que com a vista de vosso rosto fique satisfeito? Mas ai de mim, diz Bernardo, que pela pouca limpeza de meu coração (quero-o dizer com as suas proprias palavras) ai de mim que a impureza e immundicia de meu coração me impede e faz indigno de ser admittido áquella bemaventurada vista! *Vae mihi ab immunditia cordis mei, qua impediente necdum mereor ad beatam illam visionem admitti.*

Se este ai de confusão se converter em ai de dor, basta para salvar e fazer sanctos.

E se isto dizia de si um coração tão puro, um coração tão sancto, um coração tão elevado, tão extatico, tão seraphico, tão abrazado no divino amor; se isto dizia no coração de Bernardo a humildade; que dirá n'outros corações a verdade? Se o corpo estiver no claustro e o coração no mundo; se o coração depois de se dar a Deus estiver sacrificado ao idolo; se o coração que devera estar cheio de caridade e amor de Deus estiver ardendo em amor, que não é caridade; se as palavras que saem do coração e os pensamentos que não saem, forem envoltos em impureza, ai de tal coração e de quem o tem: *Vae mihi ab immunditia cordis mei!* Este ai de S. Bernardo em dia de Todos os Sanctos fique por materia de meditação a todos os que o querem ser. Advirtam, porém, e tenham por certo que se este ai de conhecimento e temor se converter em ai de dor, em ai de pezar, em ai de verdadeiro e firme arrependimento; esse

mesmo ai dicto de todo o coração com ser uma só syllaba bastará para purificar de tal sorte o mesmo coração, que sendo n'esta vida sanctificado por graça, mereça ser na outra beatificado por gloria: *Beati mundo corde.*

(Ed. ant. tom. 4.° pag. 134, ed. mod. tom. 3 pag. 215)

FIM DO TERCEIRO VOLUME

INDICE

PROLOGO DO COMPILADOR

1.º Os panegyricos modernos e o intento da Compilação........ v
2.º O methodo oratorio do Chrysostomo e a necessidade dos nossos tempos VI
3.º Resposta a varias objecções............................ VIII
4.º O panegyrico considerado em si mesmo e no methodo do Chrysostomo.. XVIII
5.º Tres vantagens d'este methodo.......................... XXIV
6.º Modo practico de imital-o.............................. XXX

SERMÃO DO SANCTISSIMO NOME DE MARIA

Et nomen Virginis Maria.
S. Luc. 1.

I. O Nome Sanctissimo de Maria caro aos anjos.—Por isso perguntam tres vezes por elle nos Cantares c. 3. Commento de Riccardo Laurentino.—E do sapientissimo Idiota.—Perfeições que se encerram n'este soberano Nome.............................. 1
II. O que é nome.—Qual a etymologia do Nome de Maria? Quer dizer Senhora.—Quer dizer Allumiadora.—E Estrella do mar.—Tambem quer dizer Myrrha do mar, ou Mar amargoso.—E quer dizer: Deus da minha geração. Comprehensão do nome de Abrahão e do de Maria... 3
III. O nome de Maria supprido por outros nomes como o nome de Deus. S. Dionysio Areop., S. Thomás, S. Bernardino. — Supprido por outros nomes como o nome de Jesus........................ 5
IV. Tiveram outras mulheres o nome de Maria assim como outros homens o nome de Jesus. S. Bernardo.—Os homens na imposição d'estes nomes são herdeiros da ignorancia de Adão............ 8

V. Só Deus podia acertadamente pôr o nome á Virgem Sanctissima. — Texto notavel de S. Pedro Damião; e razão intrinseca d'esta proposição.—As bellezas occultas da Esposa dos Cantares c. 4.— Se Deus dá o nome, não póde deixar de dar o seu significado á cousa nomeada 9
VI. Recapitulação.—Com que frequencia se deve invocar o nome de Maria. S. Germano. Exemplo memoravel.—Como se deve invocar em todas as necessidades 12

PRIMEIRO SERMÃO DA CONCEIÇÃO DA VIRGEM SENHORA NOSSA . .

Pulchra es amica mea, suavis et decora sicut Hierusalem. Averte oculos tuos a me, quia ipsi me avolare fecerunt.
CANT. 6.

I. São primores da omnipotencia começar por onde os homens acabam, e acabar por onde começam. Prova-se pela creação do mundo.—Foi esta uma planta ou debuxo da Conceição purissima de Maria. S. Damasceno 15
II. Porque se compara nos Cantares a formosura da Esposa á cidade de Jerusalem.—Admiração que causa uma metropole.—A formosura de Deus sempre antiga e sempre nova. Sancto Agostinho. —Proporcionadamente tal é a formosura da Virgem. S. Gregorio Nazianzeno e S. Dionysio Areopagita 16
III. A outra parte do thema interpretado por Sancto Ambrosio.—E manifestada na casa de Martha e Magdalena.—As ultimas palavras segundo a versão hebrea tem mais alma, e explicam melhor os encarecimentos do Esposo celestial 18
IV. De tanta formosura conclúi-se que na Virgem não podia haver sombra de peccado. Caso que conta Plutarcho. — Applicação do mesmo caso. A formosura do rosto da Virgem é a executoria da sua pureza 20
V. Quando ella estima este privilegio. Milagre contado por Bernardino de Bustis.—Analogia biblica do mesmo milagre no caso de Sara, quando o rei do Egypto a restituiu ao marido.—Conclusão. A jornada dos hebreus para a terra da Promissão e a nossa para o céu 21

SEGUNDO SERMÃO DA CONCEIÇÃO IMMACULADA DA VIRGEM MARIA SENHORA NOSSA . . .

Maria de qua natus est Jesus.
MATTH. 1.

I. Dizer o que ainda não esteja dicto n'este mysterio é difficultoso, mas não impossivel.—É o assumpto do sermão seguindo a regra do pae de familias do Evangelho 25
II. Primores da redempção para preservar a Virgem do peccado original 26
III. 1.º Ser preservada em virtude do sangue do Filho. — Zephora, esposa de Moysés e figura d'esta preservação.—A circumcisão de seu filho e a paixão do Filho de Maria.—As palavras da instituição da Eucharistia são prova do mesmo mysterio 26

IV. 2.º primor: ser preservada em virtude do primeiro sangue que o Filho derramou na cruz. S. Bernardino e Sancto Ambrosio. — Prova-se com Escriptura 29
V. 3.º primor: ser preservada com redempção apressada. Samsão que se adianta para defender seus paes de um leão feroz é figura d'este mysterio.—Note se que a Virgem era para o seu Filho divino mãe e pae.—O problema que Samsão propoz no banquete e de que revelou a solução só a sua esposa é figura do que aconteceu na definição d'este dogma. — Christo não se adeantou menos em preservar a sua mãe, que Adão em matar a seus filhos...... 30
VI. 4.º primor: ser preservada em virtude do mesmo sangue que deu ao Filho. Sancto Agostinho, S. Pedro Damião e S. Thomás.—Ensina-o claramente Eusebio Emiseno.—Recapitulação.—Triumpho do Redemptor na redempção da Mãe.......... 33
VII. Como o seu sangue preservou a Mãe do peccado original, assim por intercessão da mesma Virgem immaculada nos preservará dos actuaes.—O Sangue do cordeiro paschal figura d'este mysterio.......... 36

TERCEIRO SERMÃO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Maria de qua natus est Jesus.
MATTH. 1.

I. Difficuldade de conciliar a festa da conceição com a do Desterro; e como se resolve.......... 39
II. O Desterro da Senhora foi o desempenho da sua Conceição. — O beneficio da divina maternidade é fundamento do da Conceição immaculada.......... 40
III. Assim como Christo livrou a sua mãe do peccado de Adão assim foi livrado por ella da espada de Herodes.—Preservou a Mãe e foi preservado por ella.—Assim foi remido David da espada do gigante.—Os dous gigantes e os dous filhos de David.......... 41
IV. Difficuldades. 1.º A mãe salvou ao Filho a vida corporal, mas o Filho á mãe a espiritual. Responde se.—Argumento tirado do premio eterno que se dará ás obras de misericordia corporal.—Maria pagou no Desterro a sua divida com preço infinito.......... 43
V. 2.º O filho morreu e a mãe só foi desterrada. — Responde-se. O campo de Ezechiel c. 37 prova o que é desterro.......... 45
VI. 3.º O Filho na morte não teve companhia e a Mãe no desterro teve a companhia do Filho.—Responde-se á primeira parte.—E á segunda.......... 48
VII. A Virgem pagou ao Filho no desterro mais do que devia. S. Methodio.—Prova tirada das tres gerações paternas: a eterna, a da incarnação e a da resurreição.—Christo dobradamente devedor da vida á Virgem: na incarnação e no desterro.......... 49
VIII. Salvando a Virgem a seu Filho no desterro endividou tambem a todo o genero humano.—Por isso José filho de Jacob foi salvador não só do Egypto, senão de todo o mundo.......... 51
IX. Pagaremos á Virgem este beneficio fazendo d'este mundo o nosso desterro.—Bello reparo de Hugo Victorino.—Só o céu é nossa verdadeira patria.—Que mal intendida é esta verdade! Ajude-nos a Virgem do Desterro.......... 52

PRIMEIRO SERMÃO DO NASCIMENTO DA MÃE DE DEUS

Maria de qua natus est Jesus.
MATTH. 1.

I. No nascimento da Virgem cala o evangelho o tempo, o logar e os paes, e só faz menção do fim: porque? É o assumpto do sermão. 55

II. O nascer pelo que tem de si é mais digno de tristeza que de alegria.—Diz Salomão que melhor é o dia da morte que o do nascimento. Declara-o S. Jeronymo. — Advertencia de Origines. Festejou-se o nascimento do Baptista, porque se sabia para que nasceu. É assim que o evangelho argumenta no nascimento de Maria........ 56

III. A Virgem prefigurada no velho testamento como Mãe do Messias. —Textos notaveis dos Sanctos Agostinho, Anselmo e Ildefonso.— Conta S. Methodio que Deus no monte Sinay o revelou a Moysés. —Symbolos do velho testamento que ensinam o mesmo mysterio. —Os beneficios recebidos da mesma Senhora confirmam a verdade dos oraculos........ 58

IV. Dobra-se o discurso voltando sobre o nascimento de cada um. —Qual o fim para que Deus nos creou.—Ainda que Job se queixasse do seu nascimento com a consideração do seu fim se tornou o exemplo de paciencia.—A quem se esquece de seu fim melhor é não haver nascido.—Como devemos segurar o nosso fim. Resposta de Christo ao mancebo do evangelho.—A consideração do fim facilita a observancia dos mandamentos........ 63

V. Ha religiosos cujos nascimentos se devem deplorar como o de Judas.—Estes religiosos perverteram-se como Jerusalem por não considerar o seu fim. —O que é a vida humana sem esta consideração nos mesmos claustros religiosos.—Qual o fim da vida religiosa. Ensina-o o mesmo Christo na historia citada do mancebo... 66

VI. A maternidade da Virgem participada por todas as virgens consagradas a Deus. S. Bernardo.—É doutrina fundada nas palavras de Christo........ 69

SEGUNDO SERMÃO DO NASCIMENTO DA VIRGEM MARIA

De qua natus est Jesus.
MATTH. 1.

I. O sol nascido em si mesmo e nascido na sua luz, a aurora, e Christo nascido duas vezes. Conciliação do evangelho com a festa.—A creação da luz e do sol foi figura d'estes dous nascimentos.—Preparação para o assumpto........ 71

II. Adverte-se d'antemão que os favores de Maria veem de Christo, mas não em quanto sol de justiça.—Se a gloria dos paes se deriva aos filhos, muito mais pertence a Christo a de sua mãe...... 73

III. 1.º Não é o sol que abre o dia senão a luz. Sancto Ambrosio.— O tempo da lei da graça é o dia; o da lei da natureza e da lei escripta foi a noite. A luz, creada tres dias antes do sol e visivel aos olhos do ceu foi figura de Maria........ 73

IV. 2.º Brandura da luz da aurora e força dos raios do sol.—As duas columnas que acompanhavam o povo hebreu no deserto

symbolizaram a luz e o rigor do Sol de justiça. — Os seus raios são mais rigorosos que os do sol natural.—A sarça figura de Maria.—No Sol de justiça abranda a Senhora não só os rigores do fogo, senão tambem os da luz.—Prova-o a mulher vestida de sol, vista por S. João........ 75
V. 3.º A luz allumia de dia, de noite e na aurora e allumia todo o mundo. Não assim o sol.—Christo como sol de justiça allumia só aos justos. Maria como mãe de misericordia allumia aos justos e aos peccadores.—As trevas do Egypto foram figura do castigo dos peccadores.—A esposa dos Cantares, cap. 6, diligente como a aurora, formosa como a lua, escolhida como o sol. Explicação de Innocencio III... 78
VI. 4.º A luz é mais apressada que o sol.—Christo e Maria nas vodas de Caná (*Joan.* 2) Sancto Anselmo.— A carroça de Christo é o sol; a de Maria a lua.—Porque sanctifica o Baptista mais apressadamente do que institúi o baptismo?—Christo como sol de justiça acode mais devagar que Maria como mãe de misericoadia.—Quão piedoso é o amparo da Senhora. Sancto Agostinho............ 81
VII. Conclusão. Por todas estas razões se deve festejar n'este dia antes o nascimento da Luz que o do Sol.—Como filhos da luz recorramos á Senhora da Luz.—Observacão de S. Thomás.—Texto notavel de Sanct Iago.—Com esta luz chegaremos á Luz inaccessivel da Divindade... 85

SERMÃO DE NOSSA SENHORA DO Ó OU DA ESPECTAÇÃO DO PARTO ...

Ecce concipies in utero et paries Filium.
S. Luc. 1.

I. O mysterioso Ó e as palavras do anjo que diz: *Ecce concipies in utero.*—Os desejos da Senhora proporcionados com o seu objecto 89
II. O que é a immensidade de Deus. — Esta immensidade encerra-se no ventre purissimo de Maria.—É a cousa nova que Deus havia de fazer sobre a terra.—Porque diz Jeremias: *Mulier circumdabit virum?*... 90
III. Quaes foram os desejos da Senhora a respeito de seu Parto divino.—A carroça de Ezechiel c. 1 figura da Virgem que leva a Deus em suas entranhas.—Os circulos que produz uma pedra lançada no mar e os desejos de Maria.—Os desejos dos patriarchas e os da mesma Virgem.—Deseja a Virgem gozar a seu Filho como o goza o Padre Eterno. O *Verbum erat apud Deum* explicado por S. Basilio, Ruperto e S. Thomás.—A felicidade pede companhia.. 92
IV. O assumpto do sermão e o SS. Sacramento................. 97
V. Os desejos que ha de ter quem communga. — Os desejos de S. Paulo e os de David.—Conclusão.......................... 98

SERMÃO DAS DORES DA SACRATISSIMA VIRGEM MARIA DEPOIS DA MORTE DE SEU BENDICTISSIMO FILHO ···

Veni in altitudinem maris et tempestas demersit me.
Ps. 68.

I. Jeremias compara a dôr da Virgem á extensão do mar. — Mas esta comparação é insufficiente. A dôr da Virgem só se póde medir com a morte de seu Filho.............................. 101
II. Porque é proporcionada ao amor do Bem que perdeu.—Palavras de Christo ao bom Ladrão. — É a presença de Deus o que faz o paraiso.—Conferencia da Senhora sobre a perda do Filho....... 102
III. A sua dôr aviva-se na lembrança da Paixão. — Esta lembrança é o feixe de myrrha do c. 12 dos Cantares. — Os padecimentos de Christo no Horto provam quaes fossem os da Mãe n'esta lembrança.. 104
IV. A Virgem rainha dos martyres. S. Bernardo.—A sarça de Moysés figura d'este martyrio.................................... 105
V. A cruz de Jesus, cruz de Maria.—As palavras de David na morte de Absalão, repetidas por Maria.—Conclusão. (Corre-se a cortina.) 106

SERMÃO DA GLORIA DE MARIA MÃE DE DEUS ··

Maria optimam partem elegit.
Luc. 10.

I. Escolheu a Senhora a melhor parte da gloria porque escolheu a de seu Filho.. 109
II. Prova tirada do amor materno e confirmada com quatro ordens de argumentos.. 110
III. 1.° Auctoridade dos philosophos. O que Plutarcho conta do pae de Alexandre. O que conta Claudiano de Theodosio o Grande.. 111
IV. 2.° Auctoridade dos Sanctos Padres. O que Sidonio Apollinar escrevia ao perfeito Audaz —O que escrevia S. Gregorio Nazianzeno em nome do filho de Nicobulo.—E do mesmo pae.— A Senhora da Gloria é chamada tambem Senhora da Palma — O que Sancto Agostinho escrevia a mãe de Demetriade e como quadra a Senhora 112
V. 3.° Auctoridade das Escripturas. O famoso requerimento de Bercelay.—O sacrificio de Isaac.—Cumprimentos feitos a David quando subiu ao throno Salomão.—O throno de Deus e o de sua Mãe. 115
VI. 4.° Auctoridade do mesmo Eterno Padre —Gera elle o Filho por necessidade; mas o exalta por eleição.—Parallelo da Virgem Mãe com o Eterno Padre.. 119
VII 5.° Confirma-se com a historia da Annunciação. — Promessas que o anjo fez a Virgem e as que não fez..................... 120
VIII. Conclusão. Parabens a Senhora da Gloria.................. 122

SERMÃO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA

Maria optimam partem elegit.
Luc. 10.

I. Difficuldades de concordar o dia, a festa e o evangelho.—Tres razões para concordar o dia com a festa. — Assumpto do sermão: como se concorda a festa com o evangelho.................... 125
II. Sentido allegorico do evangelho.—Sentido historico.—O titulo de Senhora da Graça se deve preferir ao de Senhora da Gloria.... 127
III. A graça e a gloria são dous bens sobrenaturaes.— A graça se deve preferir á gloria. 1.° Porque a envolve. — Por isso S. Paulo chama bemaventurada a esperança.—2.° Porque mais vale amar a Deus que vel-o.—Reciproca correspondencia de amor entre Deus e a alma que está em graça —3.° Porque a graça nos faz filhos de Deus e a gloria herdeiros.—Os filhos de Deus não prezam mais a herança que o nascimento.—4.° Porque não querer amar a Deus é sempre peccado: não querer vel-o pode ser meritorio......... 128
IV. 5.° Por conservar a graça é louvavel querer padecer as penas do inferno. Sancto Anselmo, lib. de simil. c. 190.—6.° Ver a Deus estando em peccado é menos desejavel que estar no inferno sem peccado.—7.° A gloria do céu deve-se principalmente desejar por amor da graça.—8.° A gloria é esteril, a graça é sempre fecunda. 132
V. Todas estas razões persuadem que a Senhora havia de escolher a graça, preferindo-a á gloria.—Por isso a deixou Deus tantos annos na terra.. 133
VI. Os Sanctos Padres chamam immensa a graça da Virgem.—Supposições para de algum modo avaliar a mesma graça.—Quão imperfeitas são estas supposições. — A graça da Senhora só se póde comparar com a do Verbo incarnado. — Triumpho da Virgem quando subiu ao céu.................................... 135
VII. Todos os christãos devemos fazer a eleição que fez a Virgem nossa mãe.—E não imitar a Esaú dando o morgado da graça pelos nadas d'este mundo.—Preço d'este morgado e crime dos que o desprezam.—Observação de Hugo Cardeal e doutrina de S. Paulo.—Resolução que á vista de tanta impiedade devemos tomar.—Reduz-se a tres ponctos.................................... 138
VIII. Patrocinio e amparo da Senhora da Graça.................. 142

SEGUNDO SERMÃO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA

Stabat juxta crucem Jesu mater ejus «et soror matris eius Maria Cleophae et Maria Magdalene. Cum vidisset ergo Jesus matrem et discipulum quem diligebat, dicit Matri suae: Mulier ecce filius tuus.»
S. Joan. 19.

I. Tendo a Senhora da Graça evangelho proprio, porque se lhe dá o evangelho da Cruz?—Porque a Cruz é vara para medir e balança para pesar a graça da Senhora. Funda-se na Escriptura a primeira parte. —Funda se a segunda. — Assumpto: o medir será para admirarmos, o pesar para ficarmos confundidos.......... 145
II. A medida da graça da Senhora está na sua maternidade consi-

SERMÃO DAS ...

...senão ao pé da cruz.—Provas tiradas ...ção.—2.° Das disposições da Providen... ...incarnação. S. Thomás e Sotto.—O Espas... ...do Calvario.—O assumpto não tem au... 1

...objecção. — Predestinação da Virgem para ...crucificada com o Filho.—A predestinação do Fi... ...da predestinação da Mãe.—Por isso subiu ao céu ...aromatico composto de incenso e myrrha.—A sua ...ante ao mar. S. Boaventura...... 1

...que seu Filho lhe disse da cruz commentadas. S. ...—Dá se outro commento.—No sacrificio da cruz a mãe ...dor imita ao Pae celestial.—O premio de Abrahão e o da 1

...ição, difficuldade e modo de pesar a graça.—A graça de Deus ...graça dos reis. Muitas vezes a segunda impede a primeira.— ...rova-se com muitas razões que a graça de Deus pesa ou vale mais que a dos reis. — Quando a graça dos réis se funda na de Deus, cái mais difficilmente...... 1

VI. A graça de Deus e os prazeres d'este mundo a juizo da Magdalena.—O gosto da graça a juizo de Sancto Agostinho e o dos prazeres a juizo de Epicuro. — A graça de Deus vendida por grosserias como o morgado de Esaú...... 1

VII. A nobreza da graça de Deus e a do sangue. Nobreza de Maria Cleophe e de S. João. — Vale mais ser amado de Christo e que ser seu parente.—E muito mais que qualquer outra nobreza...... 1

VIII. Até a dignidade de Mãe de Deus, em quanto separada da graça, pesa menos que a graça de qualquer homem.—Razão que dá Sancto Agostinho e suas consequencias.—Pouca fé dos que fazem tanta estimação das dignidades do mundo...... 1

IX. Emfim a graça de Deus pesa a Deus posto em uma cruz. Eusebio Emisseno.—O que custaram a Deus os bens da natureza, os da gloria e da graça. O pesar da balança da cruz e o do juizo humano. — Quão necessario é emendar o erro dos nossos juizos e emendal-o desde agora...... 1

SERMÃO DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA

Liber generationis Jesu Christi Filii David Filii Abraham.
MATTH. I.

I. Os dous thronos de ambas as Majestades: o de Maria subindo à Penha e o de Christo Sacramentado descido a ella.—Quaes as nossas obrigações pelas mercês que recebemos de ambas as Majestades...... 1

II. Sentido historial e mystico do evangelho,—O não haver livro de historia de Nossa Senhora da Penha de França é o maior elogio do Sanctuario...... 1

III. Os seus milagres não se escrevem em livros porque não passam. —A penha do deserto foi figura d'esta penha.—Este Sanctuario é uma fonte perenne de milagres...... 1

IV. Porque se escreveram os milagres da penha do deserto e não os da Penha de França? —Pela mesma razão por que se escreveram

as obras da creação e não as da conservação.—O tempo tem poder ainda sobre os milagres; mas não sobre os d'esta penha..... 175
V. Digressão para o Sacramento exposto.—O livro que comeu Ezechiel era figura do Sacramento.—N'este livro se continham os milagres da divina misericordia manifestos em Penha de França.—Estes milagres explicam os do Sacramento.................. 177
VI. Temos todos precisão das graças milagrosas d'este Sanctuario.—Cada voto d'elle é um pregão contra o nosso descuido.—Necessidade de uma prompta conversão.......................... 180

SERMÃO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti. Quin imo beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.
Luc. II.

I. Todas as vezes que a Christo lhe fallavam no nascimento de sua Mãe, sempre o Senhor respondeu com o nascimento de seu Pae.—Como Christo teve dous nascimentos virginaes assim os teve a religião do Carmo.. 185
II. Os carmelitas filhos de Maria. Auctoridade de Xisto IV.—Teve a Virgem Sanctissima um só Filho primogenito e muitos filhos adoptivos.. 186
III. Serem todos os christãos filhos de Maria não distroi a prerogativa dos carmelitas.—S. João foi o discipulo amado ainda que os outros apostolos fossem tambem amados.—O mesmo João foi feito filho de Maria sem excluir os outros apostolos.—Ha tres jerarchias de filhos de Maria. Os carmelitas pertencem á suprema.—Houve-se a Senhora na eleição dos carmelitas, como se houve Deus na eleição de sua mãe.—Uma cousa é ser filho, e outra ser o seu filho.. 187
IV. O escapulario mostra que os carmelitas são os filhos mais queridos da Virgem.—E por isso foram invejados.—Os mysterios da capa que Elias deixou a Eliseu.—Esta capa foi figura do escapulario.. 190
V. A filiação adoptiva e a natural.—Os carmelitas preferidos na adopção, porque foram os primeiros que seguiram os conselhos evangelicos.. 192
VI. Aperfeiçoou Christo o que Elias já tinha começado. — E que tambem era obra de Christo. — A Virgem adoptou os carmelitas por serem mais similhantes ao seu Primogenito.............. 194
VII. Digressão para o Sanctissimo Sacramento. — Allegoria do pão milagroso dado a Elias.—Os louvores da religião do Carmo se extendem proporcionalmente a todas as religiões. Versos de Baptista Mantuano.. 196

SERMÃO DO GLORIOSISSIMO PATRIARCA S. JOSÉ

Cum esset desponsata mater Jesu Maria Joseph;
S. Matth. 1.

I. As duvidas de S. José e o proposito do orador.—O mais alto casamento na casa de um pobre official. — Assumpto. S. José, sem offensa da Virgindade de Maria Sanctissima é pae verdadeiro e legitimo de Christo.................................... 199

II. S. José foi descendente de David. Provas historicas e evangelicas. —O seu matrimonio com a Virgem foi verdadeiro e legitimo e celebrado antes da Incarnação do Verbo. — Recebeu elle a Virgem duas vezes como Jacob a Rachel. — É por decencia que S. José e a Virgem se chamam Esposo e Esposa e não marido e mulher.. 200
III. Jesus é Christo, é Ungido por herdeiro do throno de David porque é filho de S. José.—Sabido era entre os hebreus que S. José e a Virgem e por conseguinte o seu Filho eram da familia de David 201
IV. Só de S. José podia herdar o Salvador o throno de David. Prova-se com a genealogia de S. Mattheus. — Prova-se com a historia da Annunciação........ 202
V. Uma observação.—Por todas estas razões no evangelho de S. Lucas S. José é chamado tres vezes Pae de Christo............... 204
VI. Qual a fonte e quantas as derivações da paternidade. — Em quantos modos Deus a póde dar na terra e no céu.—Sancto Agostinho da a S. José o nome de Pae argumentando da natureza do matrimonio.—Por isso notam os evangelistas que Christo foi concebido depois do casamento de S. José...................... 205
VII. A carne que a Virgem deu a seu Filho tanto era sua como de S. José seu legitimo Esposo —O Ps. 131 commentado por Sancto Agostinho. Texto fundamental de S. Paulo a respeito do matrimonio. — Os fructos que Deus plantou no paraiso terreal para Adão e o Fructo bemdicto que fez brotar para S. José no ventre purissimo da sua Esposa.—A vara de José symboliza o seu matrimonio. S. Jeronymo —Confirma-o a Esposa dos Cantares c. 2... 208
VIII. Da paternidade de S. José se devem medir as suas grandezas. —Josué manda ao sol e a lua e S. José a Maria Sanctissima e ao Homem Deus.. 210
IX. S. José pae do Salvador porque lhe deu creação e sustento. Hugo Cardeal —A escada de Jacob e as relações que houve entre o Salvador e S. José. Ruperto. — Christo sustentado com o suor do rosto de José para se fazer simelhante aos outros homens....... 212
X. Ditosos os que se sustentam do mesmo modo.—N'este mundo o sangue de S. José foi a maior nobreza; no outro o seu merecimento é a maior valia.. 213

SERMÃO DE S. PEDRO

Vos autem quem me esse dicitis?
S. Matth. 16.

I. Christo pergunta.—Para que os que governam se não desprezem de perguntar. Da boa opinião depende o bom governo.—Pareceres errados do povo a respeito de Christo; e causa d'estes pareceres.—Resposta de S. Pedro. Premio que lhe da o Divino Mestre. A divina sabedoria parece, se emenda com a experiencia —Commette o Senhor as chaves a S. Pedro por ser homem resoluto — Por isso as chaves não fecham nem abrem mas atam e desatam. 215
II. A grandeza de S. Pedro so pode declarar-se comparando o Principe dos apostolos a Deus.. 217
III. Palavras do thema interpretadas por S. Jeronymo. Prerogativa de S. Pedro.—Commento de Sancto Ambrosio. — O famoso milagre que fez com S. João (Act. 3) mostra a mesma prerogativa... 218
IV. S. Pedro elevado mais que todos os apostolos pela revelação do

Padre á participaçãr da divindade. — A sua intellecção é fundamento d'esta participação. Qual o ultimo constituitivo da essencia divina.......... 220
V. S. Pedro confirmado na mesma participação pela eleição do Filho.— Os israelitas choram ouvindo que Deus lhes mandaria um anjo para governal-os em seu logar. S. Pedro havia de ser mais que um anjo. — Se o não fôra, não teria sido digno successor de Christo e com premio proporcionado á sua confissão. Sancto Ambrosio.......... 221
VI. Qual foi o uso que S. Pedro fez da sua dignidade.—O poder das chaves explicado elegantemente por S. Pedro Damião.—Quão indensadamente usou S. Pedro do seu poder castigando.—E muito mais fazendo mercês.......... 223
VII. S. Pedro similhante as tres Divinas Pessoas. 1.° Similhante ao Padre apregoando com Elle a divindade de Christo.—2.° Similhante ao Filho no nome de Pedra e por outros titulos. S. Leão, S. Maximo e Abulense —3.° Similhante ao Espirito Sancto porque a sua promoção procedendo do Padre e do Filho é por actos do intendimento e da vontade. — A dignidade de S. Pedro comparada com a personalidade do Espirito Sancto.—O appellido *Barjona* allude á mesma comparação. Commento dos Padres.—Tem S. Pedro o mesmo intendimento, vontade e poder que toda a Sanctissima Trindade. S. Leão e outros padres commentados pelo doutissimo Daza.......... 224
VIII. Dignidade do sacerdocio christão.—Segundo o juizo de S. Francisco e S. Martinho.—O sacerdocio christão é mais que o de Melchisedech e o de Arão.—Estima que os anjos fazem do mesmo sacerdocio.—Os anjos não podem tocar na hostia.—Como se explica a oração do canon que parece suppor o contrario. Rainaudo.......... 229
IX. Os sacerdotes chamados deuses e filhos de Deus com allusão ao poder de jurisdição e ao poder da ordem. — O poder da ordem é maior que o de jurisdição. S. Germano. — Declara-se o poder da ordem com a doutrina de Sancto Agostinho e outros.......... 232
X. Façam os sacerdotes que Deus se não arrependa de lhes ter dado esta dignidade.......... 234

SERMÃO DAS LAGRIMAS DE S. PEDRO...

Cantavit gallus; et conversus Dominus respexit Petrum; et egressus foras flevit amare.

S. Luc. 22.

I. Se Christo não põi os olhos no peccador não ha prégador que converta.—O olhar de Christo é como a vara de Moysés no deserto. 237
II. O que são os olhos na ordem da Providencia.—Qual a razão por que a natureza uniu nos olhos o ver com o chorar.......... 238
III. Do ver segue-se o peccar e do peccado o chorar.—Todos os peccados são consequencia do ver. — Prova-se com a Escriptura. — Mormente nos septe vicios capitaes.—Prova-se com a auctoridade da Egreja.—São os olhos duas fontes com seus canaes e registros —Que mysteriosamente pozeram n'elles as lagrimas a natureza, a justiça, a razão e a graça.......... 239
IV. S. Pedro castiga nos seus olhos os peccados da sua lingua porque tiveram principio n'elles. — O pae de familias da parabola

evangelica accusa os olhos e não as linguas dos murmuradores.—Porque se diz no evangelho que Pedro chorou amargamente, e não se emprega outro adverbio?.............................. 242
V. S. Pedro chorou depois que saiu do atrio do pontifice; e porque não chorou antes?—A philosophia dos olhos no chorar e não chorar.—As lagrimas de David no enterro de Abner e as de Pedro conforme o texto de S. Marcos interpretado por Theophylacto.—Costume dos antigos portuguezes quando choravam. Como se chorou a morte d'el rei D. Manoel.............................. 244
VI. Onde se recolheu S. Pedro para chorar?—Quanto ao tempo imitou a David e Jeremias.............................. 245
VII. Os olhos de S. Pedro prégam aos nossos a cautela do sancto propheta Job. Observação de S. Leão Magno.—E de Salmeyrão.—Recolhimento que se deve guardar na semana sancta.—Doutrina de Christo.............................. 246
VIII. É necessario chorar os proprios peccados imitando a S. Pedro e não a Judas traidor.—Se não chorarmos os nossos peccados não obteremos o perdão.—Implora-se a divina graça.............................. 248

SERMÃO DE S. JOÃO EVANGELISTA

Conversus Petrus vidit illum discipulum quem diligebat Jesus, sequentem.
S. Joan. 21.

I. O cuidado que tinham de S. João o Principe do céu e o Principe da Egreja.—Este cuidado funda a devoção do Principe de Portugal ao grande valido do divino Mestre. Parece devoção perigosa. 251
II. Mas o não é.—1.º Porque esta devoção é herança de seu avô. Exemplo registrado no livro 8.º de Cassiodoro.—Só o discipulo amado é amigo de quem se póde testar.—Com esta devoção herdou o Principe de Portugal mais que seu pae—2.º Pelas boas partes que S. João tem para valido.............................. 252
III. A 1.ª e dizer a verdade. Grande gloria de Christo e de S. João.—Quem não falla verdade não ama. Dalila e Samsão.............................. 254
IV. A 2.ª ser valido que ficou assim como d'antes.—Tres cousas que n'este mundo sempre crescem.—Como cresceram no valimento José, Aman e Daniel.—Ao lado dos reis tudo medra e cresce.—A questão da maioria que se levantou entre os apostolos honrava a S. João.—N'ella ficaram acreditados Christo e João. A mãe não fiava tão delgado.............................. 255
V. A 3.ª é guardar o segredo. Guardou-o S. João a respeito do traidor.—E o divino Mestre a respeito do dia do juizo.—S. João guardou tambem o segredo do segredo.............................. 258
VI. A 4.ª é querer a graça por amor da graça e nada mais. David, Jonathas e os validos.—S. João reclinado sobre o peito do Senhor e os seraphins na gloria.............................. 260
VII. Alexandre e Epaminondas, Christo e S. João.—S. João valido de Christo e valedor de S. Pedro para a devoção e necessidade do principe de Portugal.............................. 261

SERMÃO PARA O DIA DE S. BARTHOLOMEU EM ROMA.

Elegit duodecim ex ipsis, quos apostolos nominavit.

S. Luc. 6.

I. Christo desvelado no monte porque elege os doze apostolos, e dormindo na barca do mar de Tiberiades porque fizera boa eleição. —Como se devem eleger os grandes ministros.................. 263

II. Todo o exemplo se reduz a tres regras. — 1.ª Faça-se a eleição com Deus na oração. Theophylacto.—A oração de Christo feita no monte; e porque?—E porque feita de noite? Philo Hebreu.—Christo e a viuva de Zebedeu. — Difficuldade das eleições por falta de conhecimento. Só Deus conhece o coração humano.—Como se fez a eleição de S. Mathias. — Que brevemente se conclúi o que se consulta com Deus. — Fazer as eleições com consideração e não com considerações. Eleição de Saul explicada por S. Gregorio. — Como se fez a primeira eleição do sacerdocio.................. 264

III. 2.° Devem-se eleger os melhores dos melhores. Os apostolos eleitos entre os discipulos.—David entre os seus irmãos.—A parabola dos operarios e o numero dos predestinados.—Eleição de Saul quando melhor que David; e de David quando melhor que Saul. —Saul apresentado ao povo e reconhecido por melhor. — Elegeu Christo aos apostolos por partes e a pares.—Obrigação de eleger os melhores dos melhores.—A escriptura da ceia de Balthazar. — A cubiça do bem publico ha de imitar a do bem particular.—Por isso Pedro foi anteposto a João e Judas aos 72 discipulos....... 267

IV. 3.ª Quantos hão de ser os eleitos.—Os septe espiritos que assistem a Deus para o governo do mundo. — Texto notavel de David e de Chrysostomo. —O numero 12 estabelecido e predestinado. S. Paschasio.—As 12 cadeiras do juizo universal. Não se façam ministros supernumerarios. — E S. Paulo não foi supernumerario? Quem o merecesse como elle bem o poderia ser.—Comtudo nem S. Paulo foi supernumerario.—Não elegeu Christo menos de doze para que não houvesse logares vagos. O logar vago e o vacuo.— Por isso S. Pedro se apressou em eleger a S. Mathias.—Declarem-se logo os eleitos para honrar a eleição, não entreter a esperança dos pretendentes e não affrontar aos excluidos................ 272

V. Applicação a S. Bartholomeu. Como se distingue dos outros apostolos. — Porque no Apocalypse é figurado na pedra sardio? Taes devem ser os eleitos ao apostolado.—A apparencia engana.—Accrescentada porém ás qualidades internas accrescenta decencia á dignidade. As pelles que cobriam o tabernaculo (*Exod.* 25) e a pastora dos cantares.—No exterior não ha merecimento nem culpa.—Avaliem-se os homens pelo coração. Por isso David foi anteposto a seus irmãos.................................. 276

os seus filhos. — Sancto Agostinho figurado na aguia do carro de Ezechiel porque examinava os seus livros aos raios do Sol da verdade.—Comparam-se os auctores com o pae do Prodigo.—E com David a respeito de Absalão.—Roconhece Agostinho os erros que outros lhe notaram e os mais que elle descobre.—Agostinho e Salomão.—Os erros de Agostinho eram tão verosimeis que pareciam verdades.—Qual o poncto mais heroico de suas retractações.—As armas da mão direita e as da esquerda para defender a justiça.—Os ministros de Christo hão de procurar a gloria de seu Senhor sem respeito á propria honra.—O soldado Achan deante de Josué e Sancto Agostinho deante de Deus........................ 298

V. Como sancto e como homem em qual dos dous livros se mostrou maior?—Como sancto, nas Confissões. Por isso Christo deixou calumniar a sua sabedoria, mas não a sua pureza. — Como homem nas retractações. Por isso o demonio tentou aos primeiros paes com a sabedoria................................ 308

VI. Documento para os sabios.—O retractar se não é argumento de não saber.—S. Pedro cedeu a S. Paulo. Allegoria da Apparição de Christo no mar de Tiberiades.—A cadeira de Lucifer no céu destinada a Sancto Agostinho............................... 309

SERMÃO DE SANCTO IGNACIO DE LOYOLA ***

In splendoribus sanctorum genui te.
Ps. 109.

I. Christo gerado nos resplandores dos Sanctos.—O mesmo analogamente se póde dizer de Sancto Ignacio....................... 313

II. Converte-se com a leitura da vida dos Sanctos. — Resolve-se a deixar o mundo.. 314

III. Costuma Deus fazer um Sancto com outro Sancto. E a Ignacio porque o fez sancto com muitos? — Porque com melhor arte que a de Zeusis na pintura de Juno, ajunctou n'elle o melhor de cada um dos Sanctos... 316

IV. Em que se fundaram os varios pareceres dos homens a respeito de Christo.—Fundamento analogo a respeito de Sancto Ignacio que se parece com cada um dos Sanctos.................... 317

V. Pintor romano que o queria retratar e não pôde por elle continuamente mudar de figura.— E comtudo nunca em sua vida mudou de cores nem de semblante. — Christo prefigurado com muitas figuras para o figurar inteiramente. De um modo analogo Sancto Ignacio... 319

VI. O verdadeiro retrato de Ignacio é o livro do instituto. — Como foi que pela Incarnação todas as naturezas se uniram com Deus. —Parallelo de Sancto Ignacio com os patriarchas que teem religião em Portugal.. 320

VII. N'este parallelo não se introduz alguma vantagem para S. Ignacio. Compara-se com Moysés.............................. 324

VIII. Conclusão. Foi S. Ignacio fructo do *Flos Sanctorum* para ser o modelo de todos os estados................................ 325

SERMÃO DE S. PEDRO NOLASCO **

Ecce nos reliquimus omnia et secuti sumus te: quid ergo erit nobis?
S. MATTH. 19.

I. Quatro differenças de religiosos em que o deixar e seguir do evangelho está variamente complicado.—Os miseraveis, os fracos, os desenganados e os perfeitos. — S. Pedro Nolasco ajuncta outra differença de maior perfeição 327
II. 1.º S. Pedro Nolasco fez mais que deixar, porque professou pedir para dar.—De que modo professou a perfeição evangelica (*Matth.* 19) e quanto vale o pedir para dar.—Jesus Christo por nosso amor se fez mendigo. — Qual foi a mendiguez do Salvador. — Mendiga elle da nossa natureza a carne e o sangue para o pagar por nosso resgate. Imitação de S. Pedro Nolasco.—Mendiguez de Christo nos sacramentos e mais na Eucharistia. Tertulliano 329
III. Os religiosos das Mercês são maiores redemptores do que se cuida. Valor da esmola.—São mais os remidos com a esmola, do que os resgatados. José chamado redemptor do mundo 333
IV. 2.º S Pedro Nolasco fez mais que seguir, porque professou emular a Christo em remir as almas e os corpos.—Qual a consummada redempção de Christo.—Similhante é a que professou S. Pedro Nolasco. — Liberta elle os corpos para libertar as almas. A parabola do mercador que comprou um campo onde estava escondido um thesouro 334
V. Os religiosos das mercês rimem as almas dos captivos preservando-as da apostasia. Analogia da redempção da Virgem. — O voto particular d'estes religiosos. Exemplo de David e S. Paulino. — Christo no Sacramento captivo por nosso amor. S. Boaventura.— A religião das mercês preferida a todas as outras pelo seu quarto voto. Oraculodo Vaticano 336
VI. Consequencias d'este sermão. — 1.º Agradecer este beneficio a Nossa Senhora das Mercês.—2.º Dar os parabens á Senhora de ter taes filhos. Qual o primor do templo que estes lhe edificaram imitando a Salomão. — 3.º Dar os parabens ao estado do Maranhão protegido pela Senhora das Mercês.—Quão digna é a sua egreja e quão rica de indulgencias 339

PRIMEIRO SERMÃO DE SANCTO ANTONIO *

Qui fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno coelorum.
S. MATTH. 5.

I. A predestinação dos dias.—Predestinação do concurso d'estas festas.—A qual d'ellas se deve attribuir o empenho do encontro?—Parece que é da festa de Sancto Antonio.—Mas é da festa da Sanctissima Trindade.—Confirma-o a disposição do anno ecclesiastico. — O thema exprime esta união. Invocação da Virgem 345
II. As obras mais excellentes da creação attribuem-se a SS. Trindade.—É o fundamento do sermão, que não deve ter encarecimento e nos louvores de Sancto Antonio o não póde ter 348

III. O Padre a quem se attribúi a omnipotencia deu ao Sancto o poder.— Qual uso fez d'este poder Moysés.—Qual Elias. — Qual Jeremias.—E qual Sancto Antonio, por isso mais conforme ao genio benefico do Padre.—O qual lança bençãos e não maldições....... 350
IV. Genic benefico do Sancto na defesa de seu pae.—Soccorre a outras pessoas.—Converte o tyranno Encelino.—Até depois da morte faz milagres para sarar, mas não para matar.--Dilata aos doentes máus a saude para convertel-os. Assim imita ao Pae celestial. 352
V. Á segunda Pessoa attribúi se a sabedoria.—A que o Filho deu a Sancto Antonio primeira luz da eschola franciscana.—Todas as luzes posteriores são rios d'aquella fonte.—Sua prégação.—Renova os prodigios da prégação dos apostolos.—S. Francisco seu patriarcha o vai ouvir milagrosamente.—Gregorio IX o chama Arca do Testamento. — Suspende uma tempestade. — Qual o seu modo de dizer.—Do pulpito vai milagrosamente cantar uma liçao no côro. Qual deve ser a declamação oratoria.—Préga aos peixes para converter os herejes.. 356
VI. Encobre por muito tempo a sua sabedoria e é reputado por idiota.—Que difficultoso é encobrir o que se sabe.—Imita o Verbo incarnado escondido na casa de Nazareth.................. 360
VII. Ao Espirito Sancto attribúi-se a sanctidade que é o mais excellente dos attributos divinos.—O Espirito Sancto dá a Antonio o nome de Sancto porque é o seu proprio.— Explica-se esta propriedade.—Proprio é tambem do Espirito Sancto o nome de Sanctificador.—Sancto Antonio chamado o Sancto................. 563
VIII. Analogia da sua sanctidade com a processão do Espirito Sancto.—Sancto Antonio é tambem espirito consolador.—É verdadeiro Noé.—Ultima prova em um caso recente.................... 365
IX. Conclusão. Tres documentos a tres classes de pessoas.—Imitar, como Sancto Antonio, a Sanctissima Trindade................ 370

SEGUNDO SERMÃO DE SANCTO ANTONIO

Vos estis lux mundi.
S. MATTH. 5.

I. Nasceu Sancto Antonio em Portugal e morre em Italia, porque é luz do mundo. — Seu mausuleu em Padua e sua casa em Lisboa. — Sancto Antonio dividido entre Portugal e Italia. — Foi Sancto Antonio luz do mundo, porque foi verdadeiro portuguez........ 371
II. As palavras do texto applicadas aos portuguezes. — Apparição de Christo a D. Affonso Henriques. Fundação do reino de Portugal e fundação da Egreja...................................... 373
III. Sancto Antonio verdadeiro portuguez em quatro movimentos da sua luz.—1.º Sái da sua patria. — O sair é obrigação de quem ha de ser luz do mundo. Portugal é seminario de luzes........... 374
IV. 2.º Mette-se no mar mostrando o caminho á propagação do evangelho.—Textos de Habacuc e Isaias que os interpretes referem aos portuguezes.—As anchoras dos portuguezes e o ingenho de Sancto Agostinho.—Jonas e os portuguezes................ 376
V. 3.º Dedica Sancto Antonio a vida á conversão dos infieis. 4.º Vai a Roma. Portugal sempre armado contra os infieis. — Os portuguezes e os fabricadores do segundo templo de Jerusalem.—Obediencia de Sancto Antonio e dos reis de Portugal ao Vigario de

Jesus Christo.— Portugal tentado n'esta obediencia resiste com a maior constancia.. 378
VI. Vivas ao Pontifice Clemente X e festas de Portugal........... 380

TERCEIRO SERMÃO DE SANCTO ANTONIO

Sic luceat lux vestra coram hominibus ut videant opera vestra bona et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est.
S. MATTH., c. 5.

I. As luzes e as sombras da nação portugueza. Louvaram-se as luzes.—Declamar-se-ha contra as sombras...................... 383
II. No mesmo Evangelho em que se fundou a parte panegyrica, fundar-se-ha a declamatoria.—Quão amante foi Ulysses da terra onde nascera. — Por isso parece que Lisboa se podia queixar de Sancto Antonio, que não lhe mostrou egual amor. — Para elle ser tão grande sancto devia, como Abrahão, sair da patria.......... 384
III. Quão difficultoso era que elle luzisse em Portugal. Toda a terra tem opposição á luz.—Que foi um Affonso de Albuquerque e outros heroes portuguezes?—O mesmo podia acontecer a Sancto Antonio.—Portugal e a terra de Promissão...................... 385
IV. Martyrio que Sancto Antonio podia achar em Portugal......... 387
V. Mas em Italia havia de ser adorado. — Quão difficultoso é achar homens deante dos quaes se possa luzir. — As trevas amadas e a luz abhorrecida.—Como é que os homens do monte Atlante amaldiçoam o sol quando nasce e quando se põi.................. 388
VI. Vai se Antonio da sua patria para nunca mais tornar a ella; e isto por tres razões.— 1.° Porque n'ella não podia fazer as grandes obras que fez em outras terras. — A sua patria é como a patria de Christo; e por isso não podia n'ella fazer milagres. — Não ha propheta sem honra senão em sua patria. Qual a razão.—Não se fazem milagres onde, se se fizessem, não seriam cridos.— Pois a inveja os affogaria. — Obras prodigiosas que Sancto Antonio, á imitação de Christo, fez longe da patria.................... 390
VII. 2.° Sancto Antonio não acharia na sua patria quem quizesse ver os seus milagres; e assim não poderia luzir como manda Christo.—Creação da luz no primeiro dia, e dos olhos no quinto e no sexto para a festejarem.—Assim os olhos de França e Italia festejaram a luz de Sancto Antonio.—Quatro milagres em um milagre de Christo, os quaes presenciaram os phariseus e não viram.—A inveja céga a vista; e a cegaria, diz Sancto Antonio, até no céu. — Invejam-se os da propria terra e não os extrangeiros; Saul invejou uma victoria de David e não as muitas de Golias.— Invejam-se os vivos e não os mortos. Por isso Lisboa honra hoje tanto a Sancto Antonio.—Texto notavel de S. Zeno Veronense... 394
VIII. 3.° As obras illustres de Sancto Antonio na sua patria não haviam de parecer boas, porque para olhos maus não ha obra boa. —O invejoso olha só para o lado em que póde arguir a obra.—É o que Balac ensinou a Balaam, para que amaldiçoasse os arraiaes de Israel.—D'este modo foi murmurado o divino Mestre.—E podia em sua patria ser murmurado Sancto Antonio.—Conclusão.. 398
IX. No amor da patria mostrou-se Sancto Antonio mais sizudo que José filho de Jacob.—Por isso deixou seu corpo á Italia........ 402

SERMÃO DE S. GONÇALO

Si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit; beati sunt servi illi.
S. Luc. 17.

I. Duvidas ácerca do estado profissão e maioria das grandezas de S. Gonçalo 405
II. As quatro vigias da noite e as quatro edades do homem. Assim na segunda e terceira edade, como na segunda e terceira vigia, é mais trabalhosa a resistencia.—O texto das quatro vigias concordado com o primeiro preceito do decalogo por S. Gregorio Nazianzeno.—S. Gonçalo foi sancto não só na segunda e terceira edade, senão tambem na primeira e quarta 406
III. 1.º Foi sancto na edade de menino. Historia do seu baptismo e da sua infancia.—Deu fructo antes do tempo mais admiravel que a arvore de que falla o psalmo 1.º—Qual a fé dos meninos segundo sancto Agostinho. Não foi tal a do S. Gonçalo 407
IV. 2.º Foi sancto na edade de mancebo. É feito pastor de almas. As verdadeiras cans são um juizo sizudo. —O pastorear de Abel, Jacob, David, Moysés. O peior gado de guardar é o homem. Sem valor não se póde pastorear.—De que modo S. Gonçalo governava a sua egreja.—Prova com um milagre a efficacia da excommunhão.—A excommunhão de S. Gonçalo e as excommunhões de outros pastores.—Algumas vezes é perfeição do milagroso desfazer o milagre.—Que significa o poder das chaves 409
V. 3.º S. Gonçalo foi sancto na edade de varão. Parte peregrino a Jerusalem,—Porque não imita a Christo no caso dos discipulos de Emmaús?—E na parabola do bom Pastor?—Porque Deus o chamou como chamou da sarça a Moysés.—A Palestina era a Rachel de S. Gonçalo.—Em premio não só da sua virgindade, mas da sua fineza no amor, póde seguir os passos do Cordeiro até na terra.—Paga elle a Christo o amor com que em quanto Verbo desejava estar com os homens 413
VI. 4.º Foi sancto na edade de velho, passando-se a um deserto a fazer vida eremitica.—Levanta uma pequena ermida sobre as ribeiras do rio Tamaga e resolve-se a fazer uma grande ponte.—Difficuldades da empreza. O que Christo disse a Martha.—Isto mesmo prova o altissimo gráu de sua comtemplação.—A sua caridade vence as difficuldades da empreza.—Compara-se com Noé na fabrica da arca.—As contas que lança para computar segundo o conselho de Christo as despezas com o cabedal, resume-as a duas addições.—Na execução da empreza faz varios milagres 416
VII. Qual foi o premio de tantos merecimentos. S. Gonçalo em acudir a todos é o pae de familias do Evangelho. — Imita a Deus na conservação das suas obras. Salva com um milagre a sua ponte. —Como é que Deus conserva as suas obras. — Os milagres de Christo e os de S. Gonçalo.—Concorre ao seu sepulcro mais gente que a que seguiu o Salvador no deserto. —As vestiduras de Christo e o sepulcro de S. Gonçalo. — Deus e S. Gonçalo muitas vezes não dão o que pedimos; mas o que deveramos pedir. Sancto Agostinho.—Providencia de S. Gonçalo a respeito de duas fontes milagrosas que abriu na fabrica da sua ponte.—Prova-se com um

caso quão agradavel é a Deus a devoção de S. Gonçalo, pois a preferiu á esmola........ 421
VIII. Qual o modo de imitar a S. Gonçalo? — Fazendo no resto da nossa vida o que elle fez desde o principio.—Como é que elle imitou a Christo na morte........ 427

PRIMEIRO SERMÃO DE S. ROQUE

Beati sunt servi illi quos cum venerit Dominus invenerit vigilantes: quod si venerit in secunda vigilia et si in tertia vigilia venerit et ita invenerit, beati sunt servi illi,
S. Luc. 17.

I. S. Roque servo bemaventurado. Quatro desgraças lhe accrescentam a bemaventurança tornando-o similhante a Christo........ 429
II. 1.ª desgraça. É desconhecido por seus parentes.—Toda a mudança de fortuna produz este desconhecimento. — Christo desconhecido no seu nascimento, prototypo de S. Roque.—E só reconhecido por animaes brutos. Exemplos do velho Testamento. Primeira bemaventurança de S. Roque........ 430
III. 2.ª desgraça. É perseguido por seus naturaes.—Esta perseguição parecia justa; e por isso o affligia mais.—Duvidar da lealdade de alguem é suppor que póde ser desleal. — S. Roque e os irmãos de José. É bemaventurado por ser similhante a Christo.— Preso faz milagres como Christo preso.—E como o Salvador com os mesmos milagres não se quer livrar da prisão........ 433
IV. 3.ª desgraça. Cura a todos os apestados e não se cura a si mesmo.—Mofina dos que sabem remediar aos outros e não se aproveitam dos seus remedios. Esta porém, foi para S. Roque uma bemaventurança.—Tambem a morte de Christo foi remedio para os outros e não para si........ 437
V. 4.ª desgraça. S. Roque morre de peste. — Que grande mal é a peste por causa do desamparo do apestado.—Estado de uma terra com peste. — A do reinado de David foi tão terrivel, porque ainda não havia a protecção de S. Roque. Sua quarta bemaventurança.—É similhante a Christo na cruz para matar a peste..... 439
VI. S. Roque é como Arão para interceder com a sua oração a favor de Portugal.—Pôi elle balisas á peste como Deus ao mar. — Invocação do Sancto........ 442

SEGUNDO SERMÃO DE S. ROQUE

Beati sunt servi illi.
S. Luc. 17.

I. Ha jovens nobres que para herdar os titulos de seus paes não esperam pela sua morte. S. Roque ficou herdeiro de grande casa na edade de vinte annos.—O que fariam n'este caso outros mancebos.—O que fez S. Roque. Servir a Deus só: a homens nem servir nem mandar........ 445
II. Não é arrogancia nem pusillanimidade não querer servir nem mandar homens. — Servir a homens por condição de natureza e não por eleição de humildade, é maldição.—E grande penitencia.

Texto notavel do psalmo 65.—Fez S. Roque esta penitencia, mas só por amor de Deus.—Novo reparo no psalmo citado. — Os ministros dos reis pizam os povos não só com seus pés senão tambem com os dos seus cavallos.—Por isso David na côrte d'el-rei Achis se fingiu doido.. 447
III. S. Roque, ainda que tão sabio, não quiz mandar. Maior servidão é mandar homens que servil-os.—O mandar é uma servidão honrada e por isso mais pesada que a servidão sem honra. — É mais difficil governar um homem que toda a machina do mundo material... 450
IV. Quem manda é como o sol ou como o relogio, que não descançam um momento. — Entre o senhor e os subditos ha a mesma differença que entre o coração e os sentidos.—O leito de Salomão e os cuidados dos reis. Observação de S. Paschasio ácerca da purpura e corôa de espinhos do Salvador.—O desuso e desprezo d'estes dictames fazem mais dura a servidão dos principes......... 452
V. Pago que os homens costumam dar a quem bem os serve e a quem bem os manda.—Como é que David servia a Saul com a sua harpa e como Saul o pagou.—David perseguido depois de ter morto o gigante.—O povo de Israel não podia desejar governador mais digno do que Moysés. — Com quanta ingratidão lhe pagou o seu governo. — Deus tambem mandou aos homens como rei e serviu como servo. Peior ingratidão dos mesmos homens.—O mandar e o servir duas pestes do mundo, começadas com Membro. S. Roque livra-nos d'ellas com seus exemplos......................... 455
VI. Differença que ha entre servir a Deus e servir aos homens.— Primeiro quanto ao numero dos serviços.—Segundo quanto á sua avaliação. — Os homens para fazer mercês olham para o nascimento e Deus para o merecimento.—Os homens medem os merecimentos pelos annos, Deus pelos corações, como se viu na Magdalena. — Os homens podem pouco e querem menos. Deus póde tudo e sempre quer.—Os homens podem tirar, mas não dar a vida temporal e eterna. — Os homens quando te hão mister és seu; quando os has mister és teu. Não assim é Deus, que por isso se chamou Deus de Abrahão.—Finalmente Deus não morre como os homens. Feliz quem o serve como S. Roque.................. 460

SERMÃO DE SANCTO ESTANISLAU KOSTKA DA COMPANHIA DE JESUS

Beatus venter qui te portavit.
S. Luc. 2.

I. Sancto Estanislau Kostka filho de tres mães, louvado em todas tres e todas tres louvadas n'elle.......................... 467
II. O nome de Jesus esculpido e relevado milagrosamente no ventre da sua primeira mãe.—É Deus que firma a sua obra e a subscreve com o seu nome.—Prognostico de que o menino ha de ser da Companhia de Jesus.—E que será o salvador do seu povo.—Principalmente livrando-o da invasão dos turcos e dos tartaros.—Cujo imperio parece o do Antichristo prophetizado no apocalypse.—Gloria da primeira mãe de Estanislau figurada no celebre signal da Mulher vestida de sol... 468
III. Offerece Estanislau a flor da virgindade á Mãe de Deus, segunda mãe e recebe d'ella estando infermo tres assignalados favores.

—A pureza de Estanislau similhante á da Virgem sua mãe.—Como filho privilegiado de Maria nunca foi tentado contra a pureza. — Por isso na sua infermidade foi só tentado com tentações de menino.. 471
IV. A Companhia sua terceira mãe. — Para entrar n'ella foge de Vienna. — Com resolução de passar a qualquer parte do mundo até ser recebido. — Fez a Mãe de Deus a respeito de Estanislau como Deus a respeito de Abrahão.—Finalmente é recebido no noviciado de Sancto André onde parece que vivia menos sanctamente do que no seculo.—E não era assim. Qual a sanctidade da vida religiosa, especialmente na Companhia.................... 473
V. Morte de Estanislau tão prematura para maior gloria do filho e da mãe.—A brevidade do tempo em que se sanctificou constitúi o milagre da sua sanctidade................................ 476
VI. Memorial apresentado ao Sancto em favor da Polonia. — Como ha de proteger a sua patria.—Penhor d'esta protecção é a sua cabeça que lhe mandou.—Conclusão........................... 477

SERMÃO DAS CHAGAS DE S. FRANCISCO . .

Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea.
Col. 1.

I. A segunda estampa de Christo crucificado.—Brado das chagas de Christo e das de Francisco. Ruperto, Chrysologo. O espectaculo do Sinai.—O monte Alverno.............................. 481
II. Exposição do thema.—Nas chagas de Christo póde caber algum defeito?.. 482
III. Póde caber 1.º da parte dos artifices. Por isso Christo não quiz beber vinho misturado com fel. — As chagas de Francisco emendam este defeito.—Declara-se com o fim da instituição do sacrificio da missa. — As chagas de Christo quasi sacramentadas em Francisco.—Diz Christo aos anjos que recebeu as chagas na casa dos que o amavam.. 483
IV. 2.º Defeito da parte dos instrumentos, os cravos e a lança, os quaes na Paixão nem mostraram nem sentiram dôr.—Não assim os cravos das chagas de Francisco. — Seu amor transformou em si mesmo as chagas de Christo.—S. Francisco torna-se uma cruz viva. S. Boaventura —Texto notavel do psalmo 68 interpretado por S Bernardo —Humildade e pobreza de Francisco.—Explicação dos dous braços cruzados.................................. 485
V. 3.º Defeito da parte das mesmas chagas. A do lado de Christo foi sem dôr. Por isso morreu elle sedento de penas. — Commento de Sancto Agostinho.—Como é que Absalão foi figura de Christo. — O ceu doeu-se com Christo antes da morte e a terra depois. Francisco antes e depois.. 488
VI. Quer Christo inflammar o mundo no seu amor antes com as chagas de S. Francisco, que com as suas. O *Imitae-me* de S. Paulo. — A Italia, nação escolhida e amada de Christo para se transformar n'ella e por ella reformar o mundo............... 490

SERMÃO DE SANCTA IRIA

Quinque autem ex eis erant fatuae et quinque prudentes.
S. MATTH. 25.

I. Quaes os prudentes e quaes os nescios n'este mundo. — Sancta Iria foi virgem prudente com supposições de nescia............ 493
II. O que é a formosura segundo o Espirito Sancto. — Segundo os poetas e philosophos pagãos. — Segundo os Sanctos Padres. — A formosura ou é natural ou artificial ou moral.—A natural feita instrumento de morte.................................... 494
III. Funestos effeitos da formosura de Bersabé em David e da de Sancta Iria no jovem Britaldo.—E no monge Remigio. Como a sancta ficou infamada aos olhos do mundo.—A calumnia faz endoidecer.—Sancta Iria ficou constante.—Compara-se com Susanna.—Os grandes trabalhos chamam-se na Escriptura calix.—A tempestade de David e a de Sancta Iria.—Comia comsigo as affrontas que eram effeitos da calumnia.................................... 495
IV. A calumnia é tambem laço para fazer cair.—Auctoridade de David a de Sancto Agostinho.—Por isso Remigio calumniou a Sancta. A honra é o segundo anjo da guarda.—O anjo que guiava os hebreus no deserto e o anjo da honra.—A virtude gera a honra e a honra defende a virtude, como Samsão defendeu a seus paes.—A virtude e a honra são para a alma muro e antemural. — Sancta Iria comparada com Judith quanto á fama segundo o texto de S. Paulo.. 499
V. Martyrio da Sancta.—A sua morte, porém, foi menor tormento que a infamia. Texto notavel da Escriptura e exemplo de Christo. —A vidá é um bem que morre, a honra é immortal. —A immortalidade da sua pureza trocada pela immortalidade da infamia.— Mas por isso foi mais admiravel. Formosa como a lua no seu ultimo minguante.................................... 503
VI. E como a lua tornou a resplandecer. O Senhor desaffronta a sua pureza com milagres.—O Tejo e Santarem desaggravam a Sancta pelo que soffreu no rio Nabão e na villa de Nabancia.—Os filhos de Santarem filhos de Sancta Iria. O martyrio da Sancta analogo á morte de Salvador.—Os dous enganos por que padeceu a Sancta são dous documentos para os seus filhos.................... 506

SERMÃO DE SANCTA BARBARA

Simile est regnum coelorum thesauro abscondito in agro, quem qui invenit homo, abscondit et prae gaudio illius vadit et vendit universa quae habet et emit agrum illum.
S. MATTH. 13.

I. Qual a protecção de Sancta Barbara.—Qual o reino do céu e qual o thesouro de que falla o Evangelho.—Sancta Barbara compra com o seu martyrio o céu para si e a protecção para nós.......... 511
II. Os thesouros escondidos da natureza são as cousas de que mais se preza a divina sabedoria.—O mais admiravel é o que desco-

briu a Sancta Barbara, o thesouro do fogo. — O fogo emquanto é calor, está escondido em todos os corpos........................ 512
III. Como é que a Sancta comprou este thesouro preferindo ás outras virgens e martyres?—Morrendo martyr ás mãos de seu proprio pae.—O martyrio de Barbara e o sacrificio da filha Jepte.—Dous raios vingam a morte da Sancta e reconhecem o seu dominio.—Os dous raios e os filhos de Zebedeu. Sancta Barbara e nosso Senhor. = Ás vezes por pedir licença se perdem as mais gloriosas acções. Observação de Chrysostomo a respeito dos unguentos de Magdalena.. 514
IV. Parabem á piedade divina. — Queixa-se Deus de não achar quem lhe resista quando quer castigar. Texto notavel de Isaias. —E outro de Ezechiel.—Quão temerosas armas são os trovões e os raios. — Como é que Sancta Barbara nos defende d'estas armas.. 517
V. Com a invenção da polvora cresce a jurisdicção da Sancta. Epocha e auctor da invenção.—Todo o mal vem do norte. — Os turcos foram os primeiros que usaram da artilheria contra os christãos.—As armas de fogo são mais terriveis que os raios.—Podem-se chamar raios artificiaes.................................... 519
VI. Estas armas são ainda mais terriveis nas guerras navaes. — O estrago que póde fazer um soldado de artilheria naval explica-se com um texto da Escriptura.—Nos conflictos navaes dão-se a mão a agua e o fogo, como fizeram contra Pharaó. Por isso é n'elles mais necessaria a protecção de Sancta Barbara.—O galeão S. Domingos e toda outra machina de guerra sob a protecção da Sancta são como a sarça de Moysés.................................. 522
VII. Vivas á Sancta. Não triumpha no carro de Elias, posto que seja de fogo.—O imperio que ambos exercitaram sobre o fogo foi com mui differente majestade.—Por isso o carro da Sancta o podem só fabricar os seraphins.................................. 525
VIII. Qual o desengano que dá aos valentes a invenção da polvora. — Viver com o sancto temor de Deus debaixo da protecção de Sancta Barbara... 527

SERMÃO DE SANCTA CATHARINA

Quinque autem ex eis erant fatuae et quinque prudentes.
S. MATTH. 25.
Sapientia aedificavit sibi domum.
PROV. 9.

I. Qual a forma da casa da sabedoria, edificada por Salomão.—Qual parece que havia de ser e porque o não foi.—Sancta Catharina a sabia vencedora.. 529
II. Sua disputa com 50 philosophos e sua victoria.—Catharina e as virgens sabias do Evangelho. Tres circumstancias que realçam a victoria da Sancta... 530
III. 1.ª Ser uma que disputou contra tantos. Desafio de Golias. — Não só venceu ella a todos, mas os convenceu. Allegoria das façanhas da vara de Moysés. — Catharina mais admiravel na sua disputa os que maiores doutores da Egreja nas suas contra os hereges.—Mais admiravel que os mesmos concilios................ 532
IV. 2.ª Circumstancia; uma mulher instruir, convencer e converter homens. S. Paulo prohibe ás mulheres o ensinar.— Todas as Ma-

rias não podem convencer os apostolos acerca da resurreição de Christo e só Pedro os convence.—Quanto mais difficultoso era o proposito de Catharina.—Verem-se aquelles sabios e confessarem-se vencidos por uma mulher. Caso de Abimelech.............. 535
V. 3.ª Circumstancia; ser uma sabia que rende a sabios.—A disputa dos amigos de Job.— A Sancta convence-os sem milagres. Conversão de S. Paulo.—Mostra-se Sancta Catharina mais admiravel que o mesmo S. Paulo prégando em Athenas.—Um sabio difficultosamente se declara convencido.—O sustentar os dogmas da sua eschola. Martyrio de Sancto Estevão.—Os 50 philosophos convertidos em 50 cherubins de sabedoria levam em triumpho a Sancta que os converteu.................................. 539
VI. Propõem-se os 50 philosophos por modelo de docilidade e de constancia aos estudiosos e doutos de Coimbra.—Salomão pede a docilidade e recebe a doutrina.—O maior perigo de um lettrado é torcer da verdade por lisonja dos grandes.—Estes são os cathedraticos de peste do psalmo 1.º Theodoreto.—Ha reis christãos que no odio da verdade são peiores que el-rei Balthasar e similhantes a Juliano apostata.—Guarda-te de querer ser tido por sabio no conceito dos reis.................................. 544

SERMÃO DE SANCTA THEREZA

Quinque autem ex eis erant fatuae et quinque prudentes.
S. Matth. 29.

I. Os nossos acasos conselhos da Providencia. Exemplos da Escriptura. Exemplo do mesmo orador.—Jonas em Ninive e o orador na ilha de S. Miguel.—Protegida por Sancta Thereza esta nova Ninive será convertida e não subvertida.......................... 549
II. Assumpto. Sancta Thereza mais prudente que as virgens prudentes e nós mais nescios que as virgens nescias................. 551
III. Provas da prudencia de Sancta Thereza 1.º melhor que as virgens prudentes vigiou sempre, ainda que sabia a hora da vinda do Esposo.—Qual a razao por que Deus não nos revela a hora da morte e o mysterio da predestinação como a Sancta Thereza—Esta sciencia da Sancta fez que ella pagasse a fineza do Salvador com analoga fineza.—E que a pagasse em toda a sua vida.—Mais fina que Abrahão, considerado na façanha do sacrificio......... 552
IV. 2.º melhor que as virgens prudentes preparou para a vinda do Esposo mais do que sobeja.—Imitando a David quando saiu ao desafio do gigante.—Provas da sua heroica sanctidade.—Imita a Magdalena insaciavel de ungir o corpo do Salvador e recebe em recompensa os mesmos favores.—Paga por nós a Christo a fineza da Redempção.. 556
V. 3.º melhor que as virgens prudentes intendeu que o que se arrisca pela caridade, não se perde.—Prova-se com a façanha de Judith.—Só perece quem ama o perigo.—Foi por isso que o orador escapou do naufragio.—A falta de caridade metteu Jonas no perigo.—E um acto de caridade o salvou.—Não foi esta a caridade das virgens prudentes para com as nescias.—Como as venceu Sancta Thereza, arriscando tudo por amor de Deus e dos proximos. —Perseguições que soffreu na reforma da sua ordem.—Aconselham-na a que se retire do magisterio espiritual das almas...... 561

VI. 4.º venceu as virgens prudentes no cuidado da intercessão.—Motivo da celebração d'esta sua festa. — Milagres do oleo que mana do seu sepulcro e graça que ella pediu a seu divino Esposo..... 567
VII. Provas da nossa nescedade. As virgens nos venceram.—1.º No estado que tomaram.—2.º No cuidado de sair ao encontro do Esposo. — 3.º Na promptidão de accordar. — 4.º Na providencia de ter accesas as alampadas.—5.º E na diligencia de ornal-as. — 6.º Na docilidade de seguir o bom conselho das companheiras. — 7.º No emprego do dinheiro.—8.º Finalmente no desejo da salvação, a qual sem boas não se póde alcançar.—O *Para sempre* de Sancta Thereza com que se despede o orador...................... 569

SERMÃO DE SANCTA THEREZA E DO SANCTISSIMO SACRAMENTO • •

Simile factum est regnum coelorum homini regi qui fecit nuptias filio suo. Et misit servos suos vocare invitatos.
S. MATTH. 17.
Caro mea vere est cibus et sanguis meus vere est potus.
S. JOAN. 6.
Simile est regnum coelorum decem virginibus; quae accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsae.
S. MATTH. 25.

I. Tres themas dos tres evangelhos do dia.—O evangelho das vodas applicado na sua primeira parte aos acontecimentos politicos do tempo.—E applicado na segunda.—O evangelho das virgens e o do Sacramento e sua união com o das vodas.................. 573
II. Quatro favores que Christo fez a Sancta Thereza e faz no Sacramento aos que commungam dignamente.—1.º Deu a Sancta a mão de Esposo.—Explicam-se estes desposorios com os de Adão e Eva.—E com o evangelho das virgens. — Confessa a Sancta que vive em Christo, e não o confessou S. Paulo.—A ferida amorosa que o Esposo dos Cantares recebeu da esposa. — Recebe-se no Sacramento o mesmo favor. — Por isso é o Sacramento verdadeira e [illegible]. Texto notavel de Sancto Agostinho.—A Sanctissima Trindade prototypo da união eucharistica. Sancto Hilario........... 576
III. Diz Christo à Sancta que se não tivera creado o ceu, crea-lo-hia por amor d'ella.—Argumentação analoga que fez S. Paulo a seu respeito.—A singularidade d'este favor infere-se da parabola das virgens.—Sancta Thereza é a mulher vestida de sol e coroada de estrellas.—Em quantos logares tem Thereza assento no empyreo.—Favor semelhante recebem os que commungam. Analyse do evangelho do Sacramento.................................... 580
IV. 3.º Diz Christo a Sancta Thereza que quanto á Magdalena elle a amou estando na terra, a ella porém, ama-a estando no ceu.—Amal-a [illegible] ao amor.—Por isso Christo resuscitado não se deixou tocar da Magdalena com a mesma familiaridade que na vida mortal.—Por isso mesmo as virgens nescias foram admittidas ao primeiro acto das vodas e excluidas do ultimo. Promette Christo aos apostolos que do ceu lhes ha de conferir [illegible] proporcionados com seu novo estado.—No ceu o menor dos bemaventurados é maior que S. João Baptista na terra.—Sendo o Sacramento Pão do ceu faz as nossas almas o

mesmo favor.—A sua continuação nos obriga mais que a instituição.—Chama-se no psalmo 77 Pão dos anjos; e porque?........ 585
V. 4.º Apparece muitas vezes á Sancta ainda que não recebido como rei da gloria.—Explica-se este favor com o evangelho das virgens. —Diligencias que Christo fazia para que a Sancta o reconhecesse. —Tracta Christo a Sancta como aos seus discipulos, quando o julgaram um phantasma.—O mesmo amor nos mostra no Sacramento.—Cujo evangelho prova que os homens o começaram a desconhecer desde a promessa de tão grande favor.—As visões da Sancta foram imagem do fervor dos fieis e da cegueira dos herejes. 590
VI. Desquite d'estes aggravos na egreja e convento da Incarnação. — Os corações das suas religiosas são irmãos de Christo. — Foi pela communhão da ultima ceia que Christo chamou aos apostolos seus irmãos. Chrysostomo.—Comtudo as religiosas da Incarnação imitando a Sancta Thereza e a Sanctissima Virgem se querem chamar escravas.—Colloquio e conclusão................ 595

SERMÃO DA RAINHA SANCTA ISABEL

Simile est regnum coelorum homini negotiatori quaerenti bonas margaritas; inventa autem una pretiosa abiit et vendidit omnia quae habuit et emit eam.

S. Matth. 13.

I. A Rainha sancta duas vezes coroada.—Cabedal, diligencia e ventura são as qualidades do negociante evangelico.—Este mundo é uma praça ou feira universal para negociar o reino do céu.—Cabedal com que entrou n'esta praça a Rainha sancta. — Foi ella maior sancta porque rainha e maior rainha porque sancta...... 599
II. 1.ª Parte. A mulher forte dos Proverbios e Sancta Isabel.—Uma corôa não parece bom cabedal para negociar o céu. Quão poucos os reis sanctos do velho Testamento.—E são menos as rainhas sanctas.—A razão d'isso a maior vaidade da mulher........... 601
III. Por esta razão Isabel é maior sancta porque rainha.—Não deixou o reino effectivamente.—Mas deixou-o com o affecto.—Imitando o Verbo divino que se despojou na incarnação da sua majestade sem deixar a divindade.—A sanctidade unida com a realeza é maior. S. Thomás. — Como foi maior a pureza da Virgem unida com a maternidade. Sancto Agostinho.—O burel assentado sobre o brocado é a gala mais vistosa e mais bizarra da Rainha sancta na côrte do céu.. 603
IV. 2.ª Parte. A sanctidade fel-a maior rainha.—A realeza de Christo mostrada nos milagres. Texto notavel de S. Leão.—Applica-se a Sancta Isabel.......... ; 607
V. A Arca do Senhor nas aguas do Jordão e Sancta Isabel nas do Tejo.. 608
VI. Sancta Isabel e o milagre das rosas.—N'este milagre a sua palavra é similhante á divina.—E mais poderosa que a de todos os reis da terra.. 609
VII. O Corpo da Sancta preservado da corrupção, como o de Christo.—A incorrupção de seu corpo e a corrupção do da imperatriz Isabel.—Aviso aos reis para intenderem quanto vai de reinar a reinar.. 610